

# Textos

Paulo Domingos da Silva Monteiro

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 16/01/2009

Título : \$

Categoria: Poesia

Descrição: tenho na testa um \$ tenho na testa um \$

\$

tenho na testa um \$

tenho na testa um \$

e minha condenação

sou caçado e tabelado

como faz o gavião

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 15/09/2010

Título : 001 O Massacre de Porongos e a Capitulação de Ponche Verde

Categoria: Artigos

Descrição: Como notam os historiadores, há divergências entre essas ...

### O Massacre de Porongos e a Capitulação de Ponche Verde

A PASSAGEM, NO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 2004, DO 160º ANIVERSÁRIO DO COMBATE DOS PORONGOS E A PROXIMIDADE DE MAIS UM DECÊNIO DO FINAL DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA, DESPERTAM A ATENÇÃO DO PÚBLICO. ADEMAIS, PROVOCAM DISCUSSÕES ENTRE PESQUISADORES E INTERESSADOS NO ASSUNTO. A PROPÓSITO, O HISTORIADOR MOACYR FLORES, AUTOR DE DIVERSAS OBRAS SOBRE AQUELE PERÍODO E UM DOS RESPONSÁVEIS PELA PUBLICAÇÃO DE MILHARES DE DOCUMENTOS CONHECIDOS COMO COLEÇÃO VARELA (CV), DEU A LUME O LIVRO “NEGROS NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA – TRAIÇÃO EM PORONGOS E FARSA EM PONCHE VERDE” (EST, PORTO ALEGRE, 2004), RESUMINDO A VISÃO OBJETIVA SOBRE AQUELES DOIS EPISÓDIOS UMBILICALMENTE LIGADOS.

O texto abaixo, é, em essência, o que foi publicado no Jornal Rotta/Jornal Cidade, de Passo Fundo, ANO 6 – II FASE – Nº 104, de 15 a 30 de novembro de 2004, sob o título de “Massacre em Porongos e Capitulação em Ponche Verde”. Nele, compulsando e confrontando documentos sobre aquele período histórico, aproveitei a oportunidade para divulgar um dos fatos mais vergonhosos da História do Rio Grande do Sul e da Revolução Farroupilha.

O historiador português José Caldas, em “História de um Fogo Morto” (Livraria Chardron. Porto, 1903), escrevendo sobre Vianna, cidade onde nasceu, dedicou longos parágrafos sobre a mitificação historiográfica. É-me impossível resistir à tentação de transcrever alguns deles.

Eis como abre o livro:

“Não conhecermos a nossa própria história é de bárbaro; conhecê-la, porém, viciada, tecida de burlas e de piedosas fraudes, é pior. Por que, no primeiro caso, com não sabermos quem somos, nem nos dizerem donde viemos, essa mesma ignorância obstará a que perpetremos muitos desconcertos; ao passo que se laborarmos no vício de uma falsa informação, daremos, muitas vezes, com a memória das fábulas que nos tiverem ensinado, razão sobeja e justificada a que se riam de nós.

Desde a antigüidade clássica, que a história dos povos, como resenha biográfica de dominadores vaidosos, que tentam impor à posteridade o último eco do seu orgulho insolente, é uma conspiração, já dizia José de Maistre, da mentira contra a verdade dos

sucessos. Quase não há história de povos; há história de reis. Como o poder, ainda o mais detestado, é sempre munífico, nunca faltam nem aos maiores heróis nem aos mais odiosos déspotas, quem lhes exagerasse ou inventasse os merecimentos”.

A história de Passo Fundo, do Rio Grande do Sul e do Brasil, tem sido, exatamente aquilo que José Caldas, há mais de um século, percorrendo os textos históricos desde os gregos até os autores mais recentes, encontraria em muitos deles: “uma conspiração da mentira contra a verdade dos sucessos”.

Dois desses casos de “conspiração” ligam-se umbilicalmente: o massacre de Porongos e a capitulação de Ponche Verde, acertados entre o “efeminado maricas” David Canabarro e o Barão de Caxias, através dos puxa-sacos de ambos os dois generais.

No Rio Grande do Sul, salvo raras e honrosas exceções, os homens que escreveram e continuam escrevendo “nossa história” têm sido meros lambe-botas de estancieiros e generais.

Por isso, mais do que nunca, é urgente que se divulgue os fatos como eles verdadeiramente ocorreram. Ainda que correndo os riscos corridos por Domingos José de Almeida, o primeiro que tentou escrever uma história da Revolução Rio-Grandense de 1835.

Estes – e outros – despreziosos trabalhos que venho publicando nos últimos tempos, prendem-se, visceralmente, a essa urgência urgentíssima.

Passo Fundo, RS, 10 de outubro de 2005.

O Combate dos Porongos - O Combate dos Porongos é um dos fatos mais controversos da História do Rio Grande do Sul. Nele a força imperial comandada pelo coronel Francisco Pedro de Abreu, conhecido como Chico Pedro, Moringue ou Fuinha, caiu sobre o 1º Corpo de Lanceiros de Linha, constituído quase exclusivamente por negros comandados pelo coronel Joaquim Teixeira Nunes. Também a infantaria foi atacada, após ter entregue, na véspera, o cartuchame por ordem do próprio general Davi Canabarro, comandante máximo das forças farroupilhas.

Há uma carta de Luis Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, que presidia a província e comandava as forças do Império em operações no Rio Grande do Sul, ordenando Chico Pedro quanto à hora em que o acampamento dos Porongos deveria ser atacado, poupando-se “sangue brasileiro e quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro” (Anexos 3.1 e 3.2). É contestada por historiadores que apresentam uma visão mítica dos comandantes e combatentes farroupilhas, assegurando ter sido esse documento forjado por Moringue. A ordem de Caxias sempre foi considerada verdadeira por homens como Manuel Alves da Silva Caldeira, responsável pela condução do estandarte do 1º Corpo de

Lanceiros de Linha, e Domingos José de Almeida, que chegou a ministro da Fazenda da República Rio-Grandense.

Manuel Alves da Silva Caldeira, que serviu quase toda a revolução no 1º Corpo de Lanceiros de Linha, deixou longos relatórios sobre o movimento armado, contestando autores de trabalhos históricos como Tristão de Alencar Araripe, Assis Brasil e Alfredo Ferreira Rodrigues. É o que consta de uma carta dirigida ao historiador Alfredo Varela, conforme passagem transcrita por Moacyr Flores (Op. Cit., págs. 57 e 58): “Araripe diz que Canabarro foi surpreendido nos Porongos. Assis Brasil, navegando nas águas do batel do Araripe, diz o mesmo, e o Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues também segue a opinião, deles, inocentando Canabarro pela traição que fez em Porongos. Forjem os documentos que quiserem para defender Canabarro que não conseguirão salvá-lo (CV3102)”. Domingos José de Almeida coletou ampla documentação, pois pretendia escrever uma História da República Rio-Grandense. Deixou declaração confirmando ter visto a ordem de Caxias para que os lanceiros negros fossem massacrados, atestando sua autenticidade visto que reconhecia a letra de quem escrevia os atos oficiais e a assinatura do comandante legalista.

Na correspondência de Domingos José de Almeida, solicitando informações e papéis referentes à Revolução Farroupilha, insistia no pedido de dados sobre o “negócio dos Porongos”, referindo-se aos episódios antes, durante e depois do ataque.

Desde que sua intenção de escrever a História da República Rio-Grandense tornou-se pública passou a sofrer oposição de todos os lados, inclusive ameaças de morte. E os empecilhos para que não publicasse a obra se deviam fundamentalmente ao “negócio dos Porongos”. Por isso, após referências ao combate termina uma carta ao tenente-coronel Manuel Antunes da Porciúncula nestes termos:

“Eis meu Antunes porque não querem que eu escreva essa História: e eu estarei livre de algum assassinato! O futuro o dirá!

Adeus:

recomenda-me à Sra., nosso velho F. e amigos”.

Almeida não escreveu sua História, mas deixou grande número de documentos indispensáveis para a reconstrução daquele período. Suas pesquisas levariam à revelação de fatos de tal gravidade que o faziam temer pela própria vida.

Domingos José de Almeida estava convicto de que houve um “negócio” (portanto um acerto, um acordo entre Caxias e Canabarro) para eliminar os negros que integravam as forças farroupilhas.

Moacyr Flores (Idem, págs. 71 e 72) conta que Bento Gonçalves manteve encontros e troca de correspondência com Caxias sobre a pacificação do Rio Grande. “A maior dificuldade – escreve o historiador – eram as exigências de Bento Gonçalves que não concordava com os termos das instruções”. As restrições do general farroupilha eram especialmente quanto à quinta cláusula, ao estabelecer que “Os escravos que fizerem parte das forças rebeldes apresentadas serão remetidos a esta Corte à disposição do

governo Imperial, que lhes dará conveniente destino”. Por isso, os prisioneiros de Porongos foram levados para o Rio de Janeiro.

Uma das missivas de Bento Gonçalves foi interceptada pelo grupo de Davi Canabarro, de cujo núcleo central também faziam parte José Gomes de Vasconcelos Jardim, então presidente da República, os ministros Manuel Lucas de Oliveira e Pe. Chagas e Antônio Vicente da Fontoura. Este, que estava no acampamento dos Porongos, partiria, no dia seguinte ao combate, para o Rio de Janeiro, onde foi negociar um acordo de paz com o governo imperial.

Moacyr Flores lembra (Ibidem, p. 57) que, em 1842, no Alegrete, foi organizada uma sociedade secreta para tratar da pacificação do Rio Grande. Membros dessa organização, como Davi Canabarro, aceitavam a paz nos termos propostos pelo Império. Bento Gonçalves da Silva, que julgava humilhantes as condições oficiais, ao obrigarem os farroupilhas à solicitação de anistia e à entrega dos soldados negros, não concordava com elas. Para apressar o fim da Revolução o grupo de Canabarro acertou, com Caxias, a “traição (...) em Porongos”.

O Brasil dependia da economia escravista. Assumir a libertação pura e simples dos escravos que lutaram sob o governo da República Rio-Grandense – e até mesmo reconhecer a existência desse governo – era negar a essência do próprio regime brasileiro, abrindo um precedente perigoso. Qualquer insurreição teria facilidades em reunir um exército, bastava acenar com a libertação dos escravos que a seguissem. Depois, o que fazer com os negros libertos? Tanto poderiam tornar-se um exército mercenário a serviço das repúblicas platinas quanto fortalecerem os pequenos quilombos espalhados pelas serras rio-grandenses. E se esses negros se unissem aos caigangues, que não gostavam do governo dos brancos?

A única solução prática e imediata, tanto para o governo do Império quanto para os escravistas gaúchos, era o que aconteceu em Porongos: eliminar os farroupilhas negros.

Antônio Vicente da Fontoura era racista. E racistas eram a maioria dos oficiais que se submetiam ao comando de Canabarro. Legou-nos um precioso documento sobre o período, inclusive sob a vida íntima de alguns altos dignitários farrapos. É intitulado “Diário” (EDUCS/SULINA/MARTINS, 1984). Nele está documentada a homossexualidade de David Canabarro.

A Capitulação de Ponche Verde - Quando aconteceu o “negócio dos Porongos” as forças farroupilhas estavam isoladas entre si. Os comandantes apresentavam sérias divergências pessoais. Caxias tinha o controle completo da situação. Tanto que Canabarro pediu permissão para reunir e aquartelar suas forças em Ponche Verde.

Bento Gonçalves da Silva, a 6 de março de 1845, define o exército de Canabarro como “massa sem governo, sem ordem nem disciplina”. E, referindo-se à política do governo republicano rio-grandense, acrescenta que “O resultado de tanta asneira foi ser batida vergonhosamente aquela massa desordenada e por fim termos uma paz que só conseguimos alguma vantagem pela generosidade do barão, deste homem verdadeiramente amigo dos rio-grandenses, que não podendo fazer-nos publicamente bem por causa da péssima escolha dos negociadores e da estupidez sem igual dos que os designaram, nos fez o que não podíamos já esperar, salvando assim em grande parte

nossa dignidade”. (Coletânea de Documentos de Bento Gonçalves da Silva, p. 259, Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Porto Alegre, 1985).

Uma vez enfraquecidas as principais forças de resistência farroupilha, os lanceiros negros e “os infantes desarmados por ordem de Canabarro e mortos pelos soldados do coronel Abreu”, como escreve Moacyr Flores (Op. Cit., p. 61), presos ou mortos os dissidentes como é o caso de Joaquim Teixeira Nunes, possivelmente entregue pelos próprios companheiros, ou isolados como Bento Gonçalves, estava aberto o caminho para que as exigências da Corte fossem aceitas.

Para tanto, foi montada uma verdadeira conspiração de silêncio, ocultando-se ou desmoralizando documentos importantes para o entendimento dos fatos. Em termos de desmoralização, o centro é a ordem de Caxias para que Chico Pedro atacasse o acampamento dos Porongos (Anexos 3.1 e 3.2). Canabarro foi adredemente avisado de que seria atacado por Moringue e zombou das advertências. Poucas horas antes do combate mandou retirar as munições da infantaria, ordenou a retirada de parte do seu arquivo e a permanência de outra junto com sua amante, a Papagaia, e do médico com quem era casada.

Se alguém poderia colocar em dúvida a autenticidade dessa ordem não há mais motivos para isso desde que ela passou a fazer parte de publicações patrocinadas pelo Exército Brasileiro com “Ofícios do Barão de Caxias de 1842 a 1845” (Imprensa Militar, Rio de Janeiro, 1950, págs. 148-149). Se até uma editora oficial acolhe como verdadeira a ordem para que, preferencialmente, os negros fossem mortos, é inadmissível que alguém continue advogando sua falsidade.

Moacyr Flores (Idem, p. 72 e seguintes) cita diversos documentos de Caxias comprovando que os farroupilhas, através de Antônio Vicente da Fontoura, pediram-lhe permissão para se reunirem e que ele lhes autorizou que isso acontecesse na Estância dos Cunhas, em Ponche Verde. Ordenou que Moringue continuasse a perseguição aos rebeldes, menos em Ponche Verde. Mandou que o comandante militar de Piratini vigiasse Bento Gonçalves.

A ata de paz (Anexo 3.4) foi assinada, apenas por oficiais farroupilhas, a 25 de fevereiro de 1845. No mesmo dia Manuel Lucas de Oliveira, ministro e secretário dos negócios da Guerra dos farroupilhas, encaminhava a ata a Caxias, acompanhada de ofício que rezava textualmente: “Só falta Exmo. Sr. para decisão definitiva do transcendente objeto que V. Exa. se digne transmitir as autênticas concessões do Governo Imperial para serem públicas (...)” (Henrique O. Wiederspahn, “O Convênio de Ponche Verde”, EST/SULINA/UCS, 1980, p. 99).

“Caxias não respondeu e nem publicou os termos da paz”, conclui Moacyr Flores (Op. Cit., p. 75). Apenas expediu uma proclamação, com data de 1o. de março de 1845, anunciando a pacificação e a anistia, esta nos termos do Decreto Imperial de 18 de dezembro de 1844 (Anexo 3.8, conferir com 3.3). Esse decreto desapareceu dos arquivos oficiais, como nota Edna Gondin de Freitas, chefe da Seção de Legislação Brasileira da Câmara dos Deputados, na apresentação da coletânea “Anistia; Legislação Brasileira, 1822-1879” (Câmara dos Deputados, Brasília, 1980). Sobrou, porém, uma cópia desse decreto (Anexo 3.6), preservada por Domingos José de Almeida (Coleção Varela no. 2178).

Durante muito tempo os farroupilhas apresentaram como o “Tratado de Ponche Verde”, um documento assinado por Antônio Vicente da Fontoura.

Segundo Henrique O. Wiederspahn (Op. Cit., págs. 11 e 12) Caxias modificou o documento elaborado pelos farroupilhas (Anexo 3.5).

Em 1880 Tristão de Alencar Araripe divulgou um texto bastante diferente das versões elaboradas pelos revolucionários e Conde de Caxias, conforme se vê na edição fac-símile de seu livro “Guerra Civil no Rio Grande do Sul” (Corag, Porto Alegre, 1986, p. 178).

Como notam os historiadores, há divergências entre essas três versões do acordo, especialmente com a que Tristão de Alencar Araripe pôs em circulação. As diversas solicitações feitas, inclusive por próceres farroupilhas, de indenização por seus escravos que serviram nas forças republicanas comprovam que, de fato, vigoraram os termos recolhidos pelo historiador cearense.

Para colocar a história dentro da terminologia contemporânea, no dia 14 de novembro de 1844, no Cerro dos Porongos, próximo à atual cidade de Pinheiro Machado, aconteceu um massacre. Deliberadamente, o Império Brasileiro, através do general Luis Alves de Lima e Silva, e a República Rio-Grandense, por intermédio de seu presidente, José Gomes de Vasconcelos Jardim, do comandante das forças farroupilhas, Davi Canabarro, e outros líderes do movimento, promoveram a matança dos negros que integravam o 1o. Corpo de Lanceiros de Linha, e de infantes, que receberam ordem de entregar as munições, e que formavam as frações mais combativas das forças revolucionárias. Com isso, apressavam o fim do movimento armado e eliminavam o maior empecilho à paz: a libertação dos soldados negros. Mais de uma centena deles pereceram no confronto e muitos mais foram remetidos à Corte, como “escravos da Nação”, sendo empregados em serviços do governo ou vendidos para os escravagistas.

Os caudilhos farroupilhas, que integravam uma sociedade secreta, aceitaram as condições impostas pelo Império. Para tanto, fizeram passar como tratado de paz uma convenção por eles inventada. Contribuíram para a morte de líderes que não concordavam com as imposições imperiais, como o coronel Joaquim Teixeira Nunes, e o isolamento de outros. Bento Gonçalves da Silva foi colocado à margem dos acontecimentos, e o general Antônio de Souza Neto exilou-se no Uruguai.

Diga-se, a bem da verdade, que Neto levou consigo duas centenas de negros, que lutavam sob seu comando. Republicano convicto, com certeza temia que seus soldados negros fossem reduzidos à escravidão ou massacrados. Nessa época o Uruguai já havia abolido a escravatura.

Moacyr Flores é até eufêmico ao aplicar os termos “traição” para o que aconteceu no Cerro dos Porongos e “farsa” para o ocorrido em Ponche Verde. Na verdade, houve massacre num lugar e capitulação pura e simples em outro.

No momento em que a discussão sobre “o negócio dos Porongos” ganha as ruas, a leitura do mais novo livro de Moacyr Flores é muito importante. Importante, ainda, é lembrar o que ele escreve à página 16: “Atualmente, a sugestão de que os negros tenham garantido 20% das vagas em universidades é mais uma medida demagógica e discriminatória, atribuindo ao negro uma incapacidade de competir com as demais etnias. Por que não

fornecer bolsas de estudos para alunos carentes, a fim de que se preparem melhor para prestar vestibular?”

## Documentos Anexados

### 3.1- Carta de Caxias para atacar Porongos

Reservado – Sr. Cel. Francisco Pedro de Abreu, Com. Da 8ª Brigada do Exército - Regule V. S. suas marchas de maneira que no dia 14, às duas horas da madrugada possa atacar as forças a mando de Canabarro, que estará nesse dia no Serro dos Porongos. Não se descuide de mandar bombear o lugar do acampamento de dia, devendo ficar bem certo de que ele há de passar a noite nesse mesmo acampamento. Suas marchas devem ser o mais ocultas que possível seja, inclinando-se sempre sobre a sua direita, pois posso afiançar-lhe que Canabarro e Lucas ajustaram ter as suas observações sobre o lado oposto. No conflito poupe o sangue brasileiro o quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro. A relação junta é das pessoas a quem deve dar escápula, se por casualidade caírem prisioneiras. Não receia a infantaria inimiga, pois ela há de receber ordem de um ministro de seu general-em-chefe para entregar o cartuchame sob o pretexto de desconfiarem dela. Se Canabarro ou Lucas forem prisioneiros deve dar-lhes escápula de maneira que ninguém possa nem levemente desconfiar, nem mesmo os outros que eles pedem, que não sejam presos, pois V.S. bem deve conhecer a gravidade deste secreto negócio, que nos levará em poucos dias ao fim da revolta desta Província. Se por acaso cair prisioneiro um cirurgião ou um boticário de Santa Catarina, casado, não lhe registre a sua bagagem, nem consinta que ninguém lhe toque, pois com ela deve estar a de Canabarro. Se por fatalidade, não puder alcançar o lugar que lhe indico, no dia 14, às horas marcadas, deverá desferir o ataque para o dia 15 às mesmas horas, ficando certo de que, neste caso, o acampamento estará mudado um quarto de légua, mais ou menos por essas imediações em que estiveram no dia 14. Se o portador chegar a tempo de que esta importante empresa possa se efetuar, V.S. lhe dará seis onças, pois ele promete-me entregar em suas mãos este ofício até às 4 horas da tarde do dia 11 do corrente. Além de tudo quanto lhe digo nesta ocasião, já V. S. deverá estar bem ao fato do Estado das coisas pelo meu ofício de 28 de outubro e, por isso, julgo que o bote será aproveitado desta vez. Todo o segredo e circunspeção é indispensável nesta ocasião, e eu confio no seu zelo e discernimento que não abusará deste importante segredo. Deus Guarde a V. S. Quartel-General da Província e Com.-em-Chefe do Exército, em marcha nas imediações de Bagé, 9 de novembro de 1844 - Barão de Caxias.

Apenso - NOTA IMPORTANTE DO COPIADOR, à p. 148 desta coletânea de ofícios de Caxias: Este ofício deve ser criteriosamente analisado. Há quem tenha suas dúvidas a respeito de sua autenticidade. No Livro 171 do Museu do Estado, ele está deslocado, isto é, foi copiado na última página do mesmo, pág. 249, enquanto o ofício que trata da parte do combate dos Porongos está na pág. 206. O Ofício a que se refere Caxias, de 28 de outubro, contendo o mesmo assunto, não foi possível descobrir. Esse ofício talvez elucidasse o assunto. Vide o que diz a propósito Alfredo Ferreira Rodrigues no Almanaque



do Rio Grande do Sul de 1901. A defesa de A. F. Rodrigues de Canabarro me parece fraca. Julgo o documento legítimo, pois Francisco Pedro não teria nenhuma conveniência em divulgar um documento que lhe tiraria todas as honras de uma estrondosa vitória, como foi julgada a surpresa dos Porongos.

### 3.2 - Carta de Chico Pedro sobre o Ataque a Porongos

1º - Ofício do Ten.-Cel. Francisco Pedro de Abreu ao Barão de Caxias, datado do campo de Porongos, de 14.11.1844: Hoje ao romper da aurora ataquei ao Canabarro com o seu intitulado exército de mil e tantos homens: foi derrotado completamente, tendo cento e tantos mortos, e trezentos prisioneiros, e julgo excederá muito dos trezentos; porque ainda tenho gente por fora, e estão chegando aos cinco e aos seis; enfim poderiam-se escapar como duzentos e tantos homens a cavalo extraviados, isto mesmo por o campo ser muito montanhoso, e a minha cavahada estar muito puxada, pelas muitas marchas de noite, e de dia emboscado. No número dos prisioneiros são trinta e quatro oficiais, sendo um deles o Ministro da Fazenda alheia: deixaram toda a bagagem, e alguns até se escaparam em mangas de camisa; perto de mil cavalos.

### 3.3 - Instruções Reservadas

Eis o texto integral das referidas Instruções Reservadas:

1º. - No caso que os rebeldes continuem a manifestar desejos de depor as armas o General-em-Chefe poderá admitir essa manifestação de desejos, mas somente por meio de petição assinada pelos principais Chefes, dirigidas a Sua Majestade o Imperador, e concebidas em termos respeitosos, que em nada ofendam ao decoro da Nação e aos princípios fundamentais da lei do Estado.

2º. - O General-em-Chefe é autorizado a deferir imediatamente em nome de Sua Majestade, o Imperador, a qualquer petição que lhe for apresentada pelos Chefes rebeldes para o fim e nos termos indicados no artigo antecedente, e publicará em seguida o Decreto Imperial que nesta ocasião se lhe remete pelo Ministro da Justiça, concedendo ampla Anistia a todos os comprometidos na luta da rebelião, ao qual fará dar a maior publicidade nas diferentes povoações da Província.

3º. - Todos os indivíduos pertencentes às forças rebeldes, que nelas ocuparem postos de Oficiais, serão dispensados indefinidamente do serviço tanto de Linha como da Guarda Nacional, o que será declarado em Ordem do Dia do Exército, mencionando os nomes de tais indivíduos, sem publicar todavia que essa dispensa se dá por serem eles Oficiais. O General-em-Chefe exigirá informações dos Chefes rebeldes sobre os indivíduos em quem concorrer a circunstância indicada, fazendo deles três relações das quais duas serão remetidas, uma à Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, outra à da Justiça, e a terceira ficará guardada no Arquivo da Província.

4º. - O General-em-Chefe poderá entregar a cada um dos indivíduos de que trata o artigo antecedente declaração por escrito da dispensa do serviço de Linha e da Guarda Nacional, mas isto unicamente no que em que julgue esta medida indispensável, quer para conseguir a pacificação, quer para acautelar abusos.

5º. - Os escravos que fizeram parte das forças rebeldes apresentados serão remetidos para esta Corte, à disposição do Governo Imperial, que lhes dará conveniente destino.

6º. - Todas as mais praças das ditas forças serão mandadas retirar para suas casas, e aquelas que voluntariamente quizerem servir no Exército poderão ser admitidas, se o General-em-Chefe o julgar conveniente, distribuindo-as pelos diferentes Corpos.

7º. - O General-em-Chefe não deferirá a petição de reconhecimento da dívida contraída pelos rebeldes, quando porém, apareçam estorvos à terminação da guerra por embaraços pecuniários da parte dos rebeldes, o mesmo General-em-Chefe é autorizado para remover esses embaraços a dispende, das quantias destinadas às despesas gerais da Guerra, até a quantia de trezentos contos de réis. Esta disposição só terá lugar depois da Anistia, e de depostas as Armas rebeldes, e finalmente quando o General-em-Chefe, em sua discricção, entender que há suficiente garantia para que seja eficaz o emprego da medida. O General-em-Chefe que dirigirá esta operação, velará que ela seja concluída de modo que não possa haver reclamação alguma para o futuro.

8º. - Na Ordem do Dia do Exército se declarará que os Officiais anistiados que tinham postos legais de 1ª ou 2ª Linha, ou da Guarda Nacional, antes da rebelião, ficam em consequência da Anistia restituídos ao gozo das prerrogativas e direitos Militares inerentes a esses postos.

9º. - O General-em-Chefe fará constar que o Governo Imperial dará as providências necessárias para a revalidação das dispensas e licenças concedidas pelo Vigário Capitular de nomeação dos rebeldes, depois de lhe haverem sido cassadas as faculdades outorgadas pelo Diocesano, por ser esta medida necessária para a tranqüilidade das consciências e a paz das famílias.

10º. - O General-em-Chefe procurará que os principais Chefes rebeldes, por própria garantia e a bem da futura tranqüilidade da Província, se retirem dela, para qualquer parte de sua livre escolha, dentro ou fora do Império, não sendo para os Estados limítrofes; e somente deixará de insistir sobre esta determinação quando ver que do seu cumprimento resulte a impossibilidade da pacificação.

11º. - Depois de cumpridas as disposições dos Artigos antecedentes o General-em-Chefe fará o Exército Imperial tomar posição tanto na fronteira, como nos pontos interiores que julgar mais adequados, e de tudo dará parte ao Governo, de quem esperará as convenientes ordens.

### 3.4 - Ata de Pacificação elaborada pelos Farrapos

1 - O indivíduo que for pelos republicanos indicado presidente da Província, é aprovado pelo Governo Imperial e passará a presidir a Província.

2 - A dívida nacional é paga pelo Governo Imperial, devendo apresentar-se ao Barão a relação dos créditos para ele entregar à pessoa, ou pessoas para isto nomeadas, a importância a que montar a dita dívida.

3 - Os oficiais republicanos que, por nosso Comandante-em-Chefe, forem indicados, passarão a pertencer ao Exército do Brasil no mesmo posto, e os que quiserem suas demissões ou não quiserem pertencer ao Exército, não serão obrigados a servir, tanto em Guarda Nacional, como em 1ª linha.

4 - São livres, e como tais reconhecidos, todos os cativos que serviram na República.

5 - As causas civis, não tendo nulidades escandalosas, são válidas, bem como todas as licenças, e dispensas eclesiásticas.

6 - É garantida a segurança individual e de propriedade, em toda a sua plenitude.

7 - Tendo o Barão de organizar um corpo de linha, receberá para ele todos os oficiais dos republicanos, sempre que assim voluntariamente queiram.

8 - Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos, e aqueles que estão fora da Província, serão reconduzidos a ela.

9 - Não serão reconhecidos em suas patentes os nossos generais; porém, gozam das imunidades dos demais oficiais.

10 - O Governo Imperial vai tratar definitivamente da linha divisória com o Estado Oriental.

11 - Os soldados da República, pelos respectivos comandantes relacionados, ficam isentos de recrutamento de 1ª linha.

12 - Oficiais e soldados que pertenceram ao Exército Imperial, e se apresentaram ao nosso serviço, serão plenamente garantidos como os demais republicanos.

### 3.5 - Texto de Tristão de Alencar Araripe

1o. – Anistia geral e plena para todas as pessoas envolvidas na rebelião.

2o. – Isenção de serviço militar e da guarda nacional para todos os indivíduos que tenham servido no exército da rebelião.

3o. – Gozarem os chefes rebeldes das honras dos seus postos.

4o. – Pertencerem os escravos, que serviram como soldados da república, ao estado, que os indenizará aos seus antigos proprietários.

### 3.6 - Decreto de Anistia

Recorrendo à minha imperial clemência àqueles de meus súditos que, iludidos e desvairados, têm sustentado na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, numa causa atentatória da Constituição política do Estado, dos decretos da minha Imperial Coroa firmados na mesma Constituição e reprovado pela nação inteira; que leal e

valorosamente se tem empenhado em debelá-la; e não sendo compatível com os sentimentos do meu coração o negar-lhes a paternal proteção a que os ditos meus súditos se acolhem arrependidos, hei por bem conceder a todos e a cada um deles, plena e absoluta anistia, para que nem judicialmente, nem por outra qualquer maneira, possam ser perseguidos ou de alguma sorte inquietados pelos atos que houverem praticado até a publicação deste decreto nas diversas povoações da referida província.

### 3.7 - Convenção de Caxias

Art. 1º. - Fica nomeado Presidente da Província o indivíduo que for indicado pelos republicanos.

Art. 2º. - Pleno e inteiro esquecimento de todos os atos praticados pelos republicanos durante a luta, sem ser, em nenhum caso, permitida a instauração de processos contra eles, nem mesmo para reivindicação de interesses privados.

Art. 3º. - Dar-se pronta liberdade a todos os prisioneiros e serão estes, às custas do Governo Imperial, transportados ao seio de suas famílias, inclusive os que estejam como praça no Exército ou na Armada.

Art. 4º. - Fica garantida a Dívida Pública, segundo o quadro que dela se apresente, em um prazo preventório.

Art. 5º. - Serão revalidados os atos civis das autoridades republicanas, sempre que nestes se observem as leis vigentes.

Art. 6º. - Serão revalidados os atos do Vigário Apostólico.

Art. 7º. - Está garantida pelo Governo Imperial a liberdade dos escravos que tenham servido nas fileiras republicanas, ou nelas existam.

Art. 8º. - Os oficiais republicanos não serão constrangidos a serviço militar algum; e quando, espontaneamente, queiram servir, serão admitidos em seus postos.

Art. 9º. - Os soldados republicanos ficam dispensados do recrutamento.

Art. 10º. - Só os Generais deixam de ser admitidos em seus postos, porém, em tudo mais, gozarão da imunidade concedida aos oficiais.

Art. 11º. - O direito de propriedade é garantido em toda plenitude.

Art. 12º. - Ficam perdoados os desertores do Exército Imperial.

(ass. O Barão de Caxias)

### 3.8 - Decreto de 25.11.1844

Hei por bem prorrogar por mais três meses, que serão contados da data em que o presente Decreto chegar às mãos do Barão de Caxias, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a autorização, que lhe foi dada por Decreto de 14 de março do corrente ano, de poder anistiar os indivíduos compreendidos na rebelião da Província

do Rio Grande do Sul, que se tornassem dignos da Minha Imperial Clemência, depondo as armas, e submetendo-se ao Meu Governo.

Quanto aos termos da citada portaria de anistia, transcreveremo-la também e de acordo com o seu inteiro teor:

O Barão de Caxias, Viador de Sua Majestade a Imperatriz, Marechal e Ajudante de Campo de Sua Majestade o Imperador, Grão Cruz da Ordem de São Bento de Aviz, Cavaleiro das Imperiais Ordens do Cruzeiro e da Rosa, Condecorado com a Medalha da Guerra da Independência, Presidente e Comandante-em-Chefe do Exército em Operações na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, etc.

Faz saber aos que este título virem que em virtude de autorização que lhe foi conferida por Decreto Imperial de 18 de dezembro de 1844, resolveu conceder a JOCA BENTO CORREA, plena e absoluta anistia; para o que não possa judicialmente, ou por outra qualquer medida ser perseguido, ou de alguma sorte inquietado, pelos atos, que houver praticado durante a revolução desta Província.

Em firmeza do que mandei passar o presente; que vai por assinado, e selado com o Selo das Armas do Império.

Quartel-General da Presidência, e do Comando-em-Chefe do Exército, em São Gabriel, 18 de março de 1845.

(ass.) Barão de Caxias

(Tipografia do Exército)

Rotta

30/11/2004

Data : 15/09/2010

Título : 011 A História da Caudilhagem Gaúcha é uma Sucessão de Roubos, Latrocínios, Estupros e Massacres

Categoria: Artigos

Descrição: Episódios históricos típicos do caudilhismo gaúcho,...

A História da Caudilhagem Gaúcha é uma Sucessão de Roubos, Latrocínios, Estupros e Massacres

No dia 28 de maio de 2008 foi lançado em Passo Fundo o livro “Os Olhos do General: Por que Firmino de Paula foi um dos homens mais temidos do seu tempo?”, do historiador

Rossano Viero Cavalari, santanense residente há vários anos em Cruz Alta. Na oportunidade, saudei o Autor com o discurso intitulado “Os Olhos do General e o Coração do Caudilho”, que teve ampla repercussão, repercussão que aumentou ao ser divulgado pela internet.

Episódios históricos típicos do caudilhismo gaúcho, como a Batalha do Pulador, só podem ser entendidos criticamente. Toda e qualquer apologia à caudilhagem e seus métodos de ação deve ser evitada. A violência é uma das maiores preocupações da sociedade. E não se pode esquecer a lição de “A Marca da Violência”, obra clássica de Fredric Wertham:

“Quando o ambiente tolera, aprova, propaga ou recompensa expressões violentas, o comportamento violento tende a manifestar-se com maior intensidade”.

Sei que tenho um compromisso com o meu tempo, compromisso que só aumenta depois de longos anos de estudo da história rio-grandense-do-sul e brasileira, para maior ilustração de nossos leitores. Fiz-me homem resistindo a toda e qualquer violência, o que me dá coragem suficiente para analisar em profundidade o caudilhismo gaúcho.

Alegra-me a vontade das editoras do Jornal Rotta em transcrever, na íntegra, aquele pronunciamento.

Ei-lo:

Os Olhos do General e o Coração do Caudilho

Publicado em 28/05/2008, o texto.

Data : 15/09/2010

Título : 014 Sertões de Canudos, Sertões de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Prestes Guimarães narra a presença de beatas com a bandeira de João Maria,...

Sertões de Canudos, Sertões de Passo Fundo

A Almedoro Vencato, historiador

A Revolução Federalista na região de Passo Fundo é marcada pela presença de uma figura que acaba unindo o imaginário religioso local a outras regiões do país: o Monge João Maria, mais precisamente um dos homens conhecidos com esse nome.

Simpático aos federalistas, aparece nas páginas de “Voluntários do Martírio”, a clássica obra de Angelo Dourado, onde o coronel-médico registra as passagens do Exército Libertador de Gomercindo Saraiva por esta parte do Estado. Encontramos referência a seguidores do anacoreta, ainda em “Revolução em Cima da Serra”, escrita pelo general maragato Antônio Ferreira Prestes Guimarães, uma das figuras mais representativas daquele movimento insurrecional.

Prestes Guimarães narra a presença de beatas com a bandeira de João Maria, às vésperas do Combate dos Três Passos (6 de junho de 1894). Na oportunidade, um alferes teria se negado beijar a bandeira, alegando que se o fizesse correria o risco de entortar a boca e quebrar os dentes. Isto, coincidentemente, aconteceria no dia seguinte, ao ser ferido por uma bala republicana. Angelo Dourado conta o encontro havido entre as tropas revolucionárias e o monge, no interior de Soledade, poucos dias após a fatídica Batalha do Pulador (27 de junho de 1894). Causou-lhe admiração a maneira respeitosa como era tratado pelos soldados maragatos, máxime os guerrilheiros serranos.

Dois anos depois um outro beato, o cearense Antônio Vicente Mendes Maciel, que passou à história como Antônio Conselheiro, entrincheirado no arraial de Canudos, em pleno sertão baiano, seria o centro de uma das maiores movimentações bélicas para debelar um “foco sedicioso” no Brasil. E lá, ao final da conflagração, estariam tropas da 3ª Região Militar (Exército), Brigada Militar e seus provisórios, experimentados na repressão ao movimento revolucionário federalista.

Destacam-se homens que tiveram o conceito militar aumentado na repressão aos liberais insurretos, como o general Arthur Oscar de Andrade Guimarães, que perseguiu a coluna de Gomercindo Saraiva até Passo Fundo, quando retornava do Paraná, desistindo de segui-la, já nas proximidades do Mato Castelhana, e o coronel Carlos Maria da Silva Telles, que suportou o prolongado Cerco de Bagé. Vê-se, ainda, a presença do coronel Thompson Flores, experiente na guerra travada nas serras gaúchas, e do tenente-coronel Antônio Tupy Ferreira Caldas, que lutou no Pulador. Os dois últimos deixariam o pelego em Canudos. Também aparece o capitão Chachá Pereira, que comandava o policiamento de Passo Fundo, quando o município foi ocupado pelas forças de Gomercindo em outubro de 1893. Chachá tombou em Canudos. Ao todo serão cinco batalhões gaúchos, que acompanharão os estertores da “Tróia de taipa”. Entre estes o 30º massacrado pela cavalaria maragata nos Três Passos.

As três primeiras expedições enviadas para tomarem o reduto de Antônio Conselheiro demonstram à saciedade que nem o Exército Brasileiro, e muito menos as polícias militares, estavam preparados para uma guerra nas selvas. A situação começou a pender para os atacantes – é de inteira justiça reconhecê-lo – quando, na quarta expedição, entraram em ação as tropas gaúchas. Com elas foi a experiência recente de combate à Revolução Federalista e de enfrentamento com o Exército Libertador Serrano. Aqui, na região de Passo Fundo, Palmeira das Missões e Soledade as ações revolucionárias

abriram e fecharam a “Revolução da Degola”. E a Campanha de Canudos, em seus estertores, foi marcada pela degola dos prisioneiros.

Euclides da Cunha assim narra em “Os Sertões”, p. 542 (Record. Rio de Janeiro, 1998) a prática desse ato: “Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na prestes a facão. Um golpe único, entretanto pelo baixo ventre. Um destripamento rápido...”

Poucas linhas à frente conta que aos jagunços válidos, capazes de agüentar o peso da espingarda, aplicava-se a morte sumária. Era “Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiquerador; impeli-la por diante; atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola”. E assim eram conduzidos ao local do martírio, num processo idêntico ao empregado pelo caudilho serrano Firmininho de Paula, pai, nos prisioneiros vitimados na “Degola do Boi Preto”.

Era a suprema humilhação. Desmoralizavam a crença num dos dogmas semeados pelo Conselheiro, segundo o qual os mortos à arma branca estavam impedidos de receber a salvação eterna. Simples cuidado para que os jagunços não se expusessem a um combate corpo a corpo onde só teriam a perder.

A degola dos prisioneiros foi introduzida em Canudos pelos brigadianos e provisórios gaúchos, no que todos concordam. Acompanhava-lhe o mesmo sentido de humilhação.

“Mal acabou a guerra, surgiu um movimento para denunciar a crueldade do Exército. Centenas de conselheiristas, talvez mais de 1.000, tiveram o pescoço cortado. “É justo que se condenasse o crime. Mas não se pode esquecer que foi a opinião pública que exigiu esse tratamento a Conselheiro”, diz Ferraz (o historiador Renato Ferraz, PM). Os ânimos estavam muito exaltados. E os canudenses também matavam seus prisioneiros.” Só não os degolavam porque cortar o pescoço era um costume macabro dos gaúchos, que compunham a maior parte das Forças Armadas. Os sertanejos preferiam executar os soldados estripando-os: ou seja, metendo a peixeira na barriga. Como se vê, a história da índole pacífica do povo brasileiro é um mito”. (BURGIEMANN, Denis Russo. “Nem fanático nem revolucionário”. SUPERINTERESSANTE. Ano 14. Nº 2. Fev./ 2000, p. 41).

Na Serra, pica-paus e maragatos poucos prisioneiros faziam. Agradava-lhes a gravata colorada nos vencidos, de ambos os lados. Experiência de guerra na selva e degola foram as grandes contribuições dos legionários gaúchos à Campanha de Canudos.

Tanto isso é verdade que trouxeram de lá um hábito incomum na região serrana: o corte das orelhas de mortos por encomenda. E o aplicaram aqui, no enorme latifúndio chamado Fazenda Sarandi. Isso aconteceu no mandato de Nicolau de Araújo Vergueiro como intendente (prefeito) de Passo Fundo. Nicolau de Araújo Vergueiro, vendera a fazenda aos “castelhanos”, em 1907.



Quando a área foi colonizada e os lotes vendidos a lavradores de origem italiana os antigos posseiros caboclos, receberam apoio dos “maragatos” de Palmeira das Missões.

Isabel Salvadori Signor, nascida em 1905, contou a seu sobrinho Pe. Claudino Magro, autor de “História de Nossa Parentela” (Santa Maria. Palotti, 2001, p. 183) a história dessa matança.

“De sua parte – é ainda tia Isabel que narra – o Capitão Magalhães, mandava os chimangos percorrer o interior, pelas estradas e pelos piques e atalhos, nos matos, caçar os maragatos. Quando os pegassem matavam-nos, cortavam-lhes as orelhas e traziam-nas ao Capitão, para provar que os tinham fuzilado mesmo. Que barbaridade, não é, padre Claudino? Era a lei, dente por dente, olho por olho”.

A seguir prossegue dizendo que “os soldados da brigada de Passo Fundo apanharam um piquete de maragatos, perto dum pinhal, entre Sarandi e Rondinha, fizeram-nos trepar nas árvores e, quando estavam à certa altura, os fuzilavam”. Seria vingança por ato semelhante praticado por um piquete federalista, ao entardecer de 27 de junho de 1894, no Pulador?

O depoimento de Isabel Salvadori Signor comprova o que o pesquisador Almedoro Vencatto já divulgara em 1988 e foi acolhido por Aldomar Arnaldo Rückert em “A Trajetória da Terra – Ocupação e Colonização do Centro-Norte do Rio Grande do Sul – 1827-1931” (EDIUPF, 1997), p. 132: “Com o término da Revolução de 1923, através do acordo assinado em Pedras Altas, que dá base para a reformulação da Constituição Estadual, a companhia colonizadora passa a eliminar os ranchos dos camponeses caboclos com muita violência e alta mortandade. Nessas empreitadas, é costume levar à sede da companhia – em Sarandi – as orelhas dos caboclos assassinados, trabalho que é recompensado pelo número de pares de orelhas cortadas. Os posseiros sobreviventes passam a localizar-se, entre outros lugares, no lado esquerdo do rio da Várzea, no município de Palmeira das Missões, em terras que não estão sendo colonizadas (...)”.

Esse massacre é detalhado por Almedoro Vencatto em seu livro SARANDI, UM RECANTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (Gráfica e Editora A Região Ltda., Sarandi, RS, 1994), afirmando que, ao ser aberta a colonização que atraiu colonos descendentes de italianos e alemães “nestas promissoras paragens, já existiam posseiros que se haviam “intrusado” nas margens do rio da Várzea, na orla da floresta, no pastoreio de pequenos rebanhos de gado maior e gado menor, na caça e pesca, na extração da erva-mate e no cultivo de pequenas e incipientes lavouras para subsistência própria (mandioca, batata, abóbora, milho, cana-de-açúcar, etc.). Estes elementos, precursores dos verdadeiros colonizadores, eram constituídos, na sua maioria, de lusos brancos, negros alforriados, índios remanescentes dos Sete Povos das Missões e uma miscigenação dos três tipos étnicos que levavam a alcunha de “caboclos”. (Op. cit., p. 84).

Almedoro Vencatto, como advogado e político, manteve contato com as populações ao redor de Sarandi. Conheceu contemporâneos dos fatos narrados e estudou documentos para escrever seu livro, que é uma das grandes obras que dispomos sobre a história regional.

Os “caboclos” apoiaram a Revolução de 1923, pois se opunham ao governo de Borges de Medeiros e de seu líder regional, o intendente Nicolau de Araújo Vergueiro. Para

garantir a "ordem" na região, os dirigentes do Partido Republicano Rio-Grandense reforçaram o aparato militar ali concentrado.

Vencatto conta que os caboclos "residentes à margem direita do rio da Várzea foram perseguidos e expulsos, indo localizar-se no outro lado (lado esquerdo), no município de Palmeira das Missões, onde as terras não estavam sendo colonizadas, enquanto outros se transferiam para o vizinho Estado". (Id., páginas 101 e 102).

Vencatto traz muitos detalhes sobre a Revolução de 23, em Sarandi, e sobre as perseguições posteriores.

Para nossa vergonha, um dos maiores apoiadores da matança de posseiros caboclos, na Fazenda Sarandi, o ex-intendente (prefeito) e deputado passo-fundense, Nicolau de Araújo Vergueiro, é nome de escola, responsável, inclusive, pela formação de professores.

Na Guerra do Contestado (1912-1916), em que foi morto o Monge José Maria, também dito por uns Monge João Maria ou São João Maria, no culto popular, novamente os legionários gaúchos se fizeram presentes. Estabelecendo a "ordem" nesta vasta região hoje pertencente aos Estados de Santa Catarina e Paraná.

Como podemos ver a importância da Revolução Federalista em Passo Fundo é muito maior do que se imagina. Aqui foi um laboratório para a repressão empreendida durante a Campanha de Canudos, a Guerra do Contestado, a Coluna Prestes, e até mesmo a Revolução de 32, mormente no Passo do Fão. E mais: veteranos da "Revolução da Degola" trouxeram práticas da jagunçada nordestina aplicadas na Fazenda Sarandi, logo depois da Revolução de 23.

Data : 15/09/2010

Título : 016 A Tradição do Gaúcho Maula

Categoria: Artigos

Descrição: ...volto no tempo, e imagino como seria o local onde estamos, há quatrocentos anos atrás,...

A Tradição do Gaúcho Maula

(Texto que serviu de base para discurso proferido, de improviso, no dia 15 de setembro de 2007, na abertura da Ronda Crioula do CTG Amigos da Tradição, no distrito de Bela Vista, município de Passo Fundo)

Patrão Adonis Félix Dal`Maso e Patroa Professora Vânia Lúcia Dal`Maso, em cujas pessoas saúdo todos os presentes:

Quero, de início, agradecer pela honraria que o Centro de Tradições Gaúchas Amigos da Tradição me conferiu ao convidar para ser o Orador Oficial desta solenidade. Dediquei a maior parte dos meus quase 52 anos de vida a estudar a história de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul. É quase uma fixação. E aqui, nesta Bela Vista, volto no tempo, e imagino como seria o local onde estamos, há quatrocentos anos atrás, para ser mais preciso, em 15 de setembro de 1607. Com certeza, estaríamos em plena floresta. Pelos altos destas colinas, de vez em quando, passariam grupos de caingangues e tapes, à procura de caça, pinhões e outros frutos nativos.

Enquanto isso, lá para o Sul, na Campanha, na Pampa, charruas e minuanos, já mantinham relações e cruzavam-se com os brancos, originando, pela mestiçagem, os primeiros gaúchos. Estes, eram homens rudes, analfabetos, como quase todos os nascidos em território americano daqueles tempos.

Por essa época, já cresciam, soltos pelos campos, cavalhadas e boiadas, crias de matrizes introduzidas há pouco mais de meio século. Dentro em breve, essas manadas somariam centenas de milhares de cabeças. Naturalmente, burros e éguas foram cruzando entre si, dando origem às primeiras mulas.

Pouco tempo depois, mouriscos e marranos – muçulmanos e judeus, perseguidos na Espanha e Portugal –, somavam-se a outros escorraçados pelos poderosos buscando refúgio nos cafundós da Pampa. Logo, passaram a estimular o aproveitamento econômico da galaria e contribuir para a melhoria dos rebanhos.

Para carrear o gado selvagem, nada melhor do que os mestiços de índios pampeanos e brancos. Uns, em grupos, vagavam pelos campos, à época de gado gordo, aproveitando o couro, o sebo e o chifre; outros fizeram-se tropeiros e domadores, amansando e conduzindo tropas de mulas para as minas de Potosí, na Cordilheira dos Andes. Logo a seguir, pelo Litoral, as muladas chegavam ao Planalto Paulista e, dali, eram negociadas em Minas Gerais, para transportarem ouro em seus lombos.

Aqueles homens, então chamados de changadores e gaudérios, foram os primitivos gaúchos. Homens sem rei e sem lei, senhores de um código pessoal, baseado na força física do indivíduo, os registros históricos dizem que resolviam a menor questão a ponta de faca.

A riqueza da Pampa estimulou a disputa entre os interesses de Portugal, Espanha e, naturalmente, da Inglaterra. Os senhores da guerra entraram em ação. Coronéis e generais, “a serviço de suas majestades sereníssimas”, à frente de milhares de soldados, invadiram a Pampa. Requisitaram, muitas vezes a maneador, os préstimos dos gaudérios que, aí, sim, passaram a ser chamados de gaúchos, com um sentido claramente ofensivo à dignidade de suas mães e avós nativas.

Com cartas régias, coronéis e generais começaram a cercar largos espaços da Pampa. Nos momentos de paz, voltando à faina antiga de courear gado selvagem, os gaúchos, que a exemplo dos seus avós índios não conheciam a propriedade privada, encontravam a reação daqueles que se adonaram dos pagos. E os gaúchos receberam outro epíteto infamante: “ladrões do campo”. Ladrões do quê? Ladrões do gado que crescera à solta na terra livre que herdaram dos seus avós, quando os verdadeiros ladrões escondiam-se atrás de cartas régias?

Alguns desses homens livres dos campos, fizeram uso da lei que conheciam: a charqueadeira. Gaucho malo, definiu-os Domingo Faustino Sarmiento, em obra clássica. E Jayme Caetano Braun, em versos famosos, cantou-lhes sob o título de maula. Ao fim e ao cabo, lhes restou a única alternativa: submeterem-se à condição de empregados – peão – numa dessas estâncias. Melhoravam de situação quando, caindo nas graças do patrão – fosse este coronel ou general –, eram elevados à dignidade de posteiro. Aqueles que não se submeteram ao novo modo de vida foram caçados, como se fossem bestas feras, o que está retratado no mais famoso poema da literatura gauchesca, o Martin Fierro, de José Hernández. Um daqueles generais, que chegou à presidência da República Argentina, costumava afirmar que era preciso acabar com os gaúchos, pois só tinham uma coisa de humano, o sangue.

É exatamente com a consolidação da propriedade privada na Campanha que começa a imigração européia. Aí – e é difícil para os historiadores, herdeiros do racionalismo em suas duas formas mais radicais e siamesas: o positivismo enrustido e o marxismo vulgar, entenderem que aconteceu o que tantas vezes se vê ao longo da História – a vitória dos vencidos.

Os deserdados das campinas européias encontraram-se com os deserdados da Pampa. E os primeiros, que eram impedidos até de andar a cavalo, portar armas e caçar, entre tantas outras proibições, aqui se sentiram livres. Quando viram os despossuídos da Pampa montados, usando um “44” e dando tiros a torto e à direita, apressaram-se; arranjaram pilchas; agaucharam-se. O mesmo aconteceu nas cidades americanas, que cresciam. Seus descamisados, também, agaucharam-se. A nascente classe média, embretada entre os cumes do capital e as profundezas do proletariado, agarrou-se ao paraíso perdido da Pampa “que ficou pra trás”, de que nos fala uma canção bastante conhecida.

Assim, estavam dadas a premissas para que surgisse um grande movimento social, o tradicionalismo gaúcho e sua gigantesca institucionalização, dos quais o Centro de Tradições Gaúchas Amigos da Tradição é uma célula atuante. Várias foram as tentativas anteriores, desde o Grêmio Gaúcho, fundado por Cezimbra Jacques, no dia 22 de maio de 1898. Pode até ser mais do que mera coincidência o fato de que quase cinqüenta anos depois, a 5 de setembro de 1947, alguns jovens estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, ao recepcionarem, pilchados, os restos mortais de David Canabarro, o último comandante militar da República Rio-Grandense, tenham lançado as sementes do atual Movimento Tradicionalista Gaúcho. Movimento que, a exemplo de todos os seus congêneres nativistas, aqui e alhures, acabaria preso à teia de aranha da modernização conservadora.

Para concluir, senhores e senhoras, há sessenta anos, através do tradicionalismo gaúcho, os vencidos pelas cartas régias dos coronéis e generais, a serviço dos reis da Península Ibérica, venceram. Pode até considerar-se uma vitória de Pirro.

João Neves da Fontoura afirmou certa vez que “As fronteiras do Rio Grande foram traçadas a ponta de lança e pata de cavalo”. Para isso contribuíram desentendes dos primitivos gaúchos e dos imigrantes europeus que aqui chegaram depois. Changadores, gaudérios e gaúchos foram os primeiros a regar o solo rio-grandense com o suor dos seus rostos. E a riqueza do Rio Grande, continua sendo feita pelos gaúchos de hoje, herdeiros do sangue dos primitivos gaúchos e dos imigrantes europeus, seja nesta Bela Vista ou em todas as outras vistas belas de nosso Estado.

Entretanto, não posso encerrar esta alocução sem recordar as palavras de um dos mais influentes pensadores de todos os tempos: “A tradição é uma força frenadora da história”. Lembremo-nos, pois, nós, que nos consideramos herdeiros de tamanha ancestralidade, que os tempos mudaram. Se não mais cortamos as distâncias em lombo de cavalos e burros, continuamos iguais aos primitivos gaúchos: sentimos sede e fome, embretados por novas cartas régias.

Quem presta atenção às notícias diárias saberá o caminho que deve trilhar. Para ser verdadeiramente gaúcho e tradicionalista, honrando as mais caras tradições dos verdadeiros gaúchos que nos precederam, muitas vezes, é indispensável ser maular.

Muito Obrigado!

Data : 15/09/2010

Título : 017 O General Grosso e Lord Acton

Categoria: Artigos

Descrição: - Nós queremos leis que governem os homens, e não homens que governem as leis!

O General Grosso e Lord Acton

(Discurso de Posse do Acadêmico Paulo Monteiro na Presidência da Academia Passo-Fundense de Letras, Pronunciado na Sessão Solene de 29 de Dezembro de 2007)

Concluído mais um ano acadêmico, e seguindo a práxis dos últimos anos, a Academia Passo-Fundense de Letras elegeu um novo presidente. Em tempos recentes, tivemos as constantes reeleições do confrade Antônio Augusto Meirelles Duarte. Fui seu vice-presidente nas duas últimas gestões. Dentro das mesmas normas sempre adotadas por meu antecessor em suas sucessivas reeleições, fui eleito pela maioria de votos dos membros presentes, sem ter participado do processo de votação, na reunião do último dia 15 de dezembro.

Faço minhas as palavras do acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, ao tomar posse na presidência da Academia Brasileira de Letras: “Aqui ninguém se torna membro da Diretoria para ser do contra. Somos escolhidos para ser a favor, pois somos produto de consenso”. A presença do meu nome nas duas chapas, sem que eu as tivesse articulado, é a prova de que sou “produto de consenso”.

Sempre quis presidir a Academia Passo-Fundense de Letras por ser a favor de que ela continue crescendo e à vanguarda de todas as iniciativas culturais de nossa terra. Sonhei presidi-la para efetuar uma reforma estatutária, adequando o Estatuto da Academia ao Código Civil; para informatizar a Academia, organizando e mantendo um site na Internet, divulgando a obra dos escritores passo-fundenses; para manter o programa Literatura Local, na TV Câmara; para manter e ampliar a tiragem da revista Água da Fonte e para manter o elevado nível de respeito e tolerância entre os acadêmicos.

Às vésperas de completar 70 anos de existência, a Academia Passo-Fundense de Letras precisa aprofundar as conquistas dos últimos anos. Urge adaptar-se às novas exigências históricas geradas pelas tecnologias recentes. Uma academia, porém, é uma instituição comunitária.

Neste recinto, onde ressoam gritos de comando caudilhesco e estampidos dos mosquetões que recordam os choques homicidas dos séculos pretéritos, entro como um estudioso daqueles tempos. Entro, porém, com o espírito do século XXI e a espiritualidade dos tempos bíblicos.

Precisamos de Estatuto atualizado e respeitado por todos. Lembro-me da resposta que o “general grosso” Honório Lemes deu ao marechal Setembrino de Carvalho, durante a assinatura do Tratado de Pedras Altas, que pacificou o Rio Grande. Era o término da Revolução de 23, iniciada aqui, neste município, quando este prédio, hoje ocupado pela Academia Passo-Fundense de Letras, serviu de trincheira durante o Cerco de Passo Fundo.

Diante da intransigência dos libertadores o representante do Exército bradou:

- Mas afinal, o que é que os senhores querem!?

De pronto, “O Leão do Caverá” levantou-se e, descansando a mão sobre o cabo do revólver, sentenciou:

- Nós queremos leis que governem os homens, e não homens que governem as leis!

Honório Lemes, que a si mesmo, conduzido preso, diante do duas vezes doutor general Flores da Cunha, autointitulou-se “general e índio grosso”, na sua sabedoria de homem do povo, fazia ecoar nas coxilhas rio-grandenses, a passagem de uma carta de Lord Acton ao Bispo M. Creighton, em 1887: “E, lembre-se, quando se tem uma concentração de poder em poucas mãos, freqüentemente homens com mentalidade de gângsteres detêm

o controle. A história provou isso. Todo o poder corrompe: o poder absoluto corrompe absolutamente”.

Sei, com o grande liberal inglês, que “mentalidade de gângsteres” é uma coisa e “gângster” é outra muito diferente. O pior é que a “mentalidade de gângsteres”, de que falava Lord Acton, o mais das vezes, acompanha uma personalidade patológica.

A frase de Honório Lemes tem norteado meu comportamento. Organizei e presidi a União das Associações de Moradores de Passo Fundo, sempre respeitando os preceitos estatutários, ouvindo a todos, dando autonomia para que meus companheiros de diretoria e demais associados agissem à busca do bem comum. Orgulho-me de que, uma década e meia após deixar a presidência daquela entidade, meu nome, a cada eleição, seja lembrado para retornar a dirigi-la.

Minha experiência nos diversos cargos de responsabilidade comunitária que exerci e minha intensa produção cultural, creio, que me credenciam a bem presidir a Academia Passo-Fundense de Letras.

Os assuntos internos da Academia Passo-Fundense de Letras sempre foram decididos aqui dentro. Os que daqui saíram descontentes consolidaram essa prática. Violá-la pelas esquinas, ainda mais sob o manto covarde do anonimato, é dar as costas a esta casa; é tornar-se indigno do título honroso de acadêmico.

Conto com a proteção de Deus e o apoio de meus confrades e congreiras para realizar meu sonho. E quero, acordado, sonhar junto convosco.

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 15/09/2010

Título : 018 Poesia Gauchesca - um Gênero Escrito com Sangue

Categoria: Artigos

Descrição: “A letra da gauchesca parece ter sido escrita com sangue”.

Poesia Gauchesca, um Gênero Escrito com Sangue

“A letra da gauchesca parece ter sido escrita com sangue”. Assim, Alejandra Josiowicz, pesquisadora da Universidade de Buenos Aires, abre seu artigo *Letra y sangre en el Género Gauchesco. Carnaval y guerra patria* escritos em clave menor, facilmente encontrável na rede mundial de computadores. Alejandra, muito felizmente, resume conclusões a que se chega ao ler os formadores da poesia gauchesca, poetas argentinos e uruguaios do século XIX.

Entretanto, nem sempre foi assim. Desde 1771, com *El Lazarillo de los Ciegos Caminantes*, de Alonzo Carrió de la Vandera, sabe-se que os “cantores” ou “payadores” eram campeiros que tocavam muito mal toscas guitarras e cantavam, destoadamente, canções decoradas ou improvisadas, regularmente sobre temas amorosos.

Diga-se, a bem da verdade, que a poesia gauchesca surgiu em terras hoje pertencentes ao Uruguai e à Argentina. Ao Brasil chegaria cerca de um século depois, com o grupo do Paternon Literário, e se desenvolveria apenas no século XX, como contraponto gaúcho à “poesia sertaneja”. Os gauchescos sul-rio-grandenses buscaram modelos nos poetas platinos, sendo, quase todos, epígonos dos seus mestres de fala espanhola.

A poesia que retrata a violência de guerras, revoluções e peleias é uma criação de homens cultos, a serviço das tropas coloniais e, logo a seguir, dos caudilhos crioulos; é uma criação de intelectuais urbanos, no estrito sentido da palavra intelectual. E tem até uma data inicial: 15 de outubro de 1877. Exatamente nesse dia, aparece o primeiro poema conhecido que reproduz expressões tipicamente gauchescas e descreve a vida pampeana, escrito pelo padre Juan Baltasar Maziel, advogado e educador santafesino que fazia parte da conquista espanhola da Colônia do Santíssimo Sacramento por D. Pedro de Cevallos.

A violência permeia praticamente toda a poesia gauchesca desde os primeiros anos do século XIX. E, recentemente, adquire uma amplitude que não tem limites com as composições musicais. Até nosso muito mal interpretado Gaúcho de Passo Fundo (que “não dobra esquina quando vê o perigo” – e sua terrível cacofonia canina do “acuando”) tipifica essa violência. Mas isso já é outro assunto...

Ricardo Rojas, autor de uma clássica *Historia de la Literatura Argentina*, assim descreve a consolidação da gauchesca e a substituição da temática lírica em assuntos belicosos:

“Essa transformação dos payadores líricos em rapsodos épicos se produziu depois de 1810. Antes da guerra com os portugueses (1776) e a guerra com os ingleses (1806) insinuaram o aparecimento da canção e do baile de tema político, porém a nova formação surgiu vigorosa depois da Revolução de Maio, adquiriu forma com Hidalgo (1810-1822), continuou com Ascasubi (1830-1860) e coroou-se com Henández (1870-1880)”.

As lutas entre federais e unitários, que ensangüentaram as repúblicas platinas, no início do século XIX, marcam a afirmação do gênero gauchesco (no meu entendimento um subgênero, esteticamente falando). Batolomé Hidalgo (1788-1822), é considerado o consolidador do gênero. Influenciado pelos árcades, está muito próximo dos pré-românticos brasileiros, pela técnica literária. Combatente nas hostes unitárias, que



defendiam o fortalecimento das capitais platinas contra os interesses federalistas dos caudilhos provinciais, sua poesia é uma poesia militante, social.

Eleutério Tiscornia divide sua obra poética em duas fases:

“Os dois momentos da produção de Hidalgo descobrem uma diferença radical: no dos Cielitos o poeta é até o fim realista, se move num ambiente de paixões candentes em luta aberta e sustenta um interesse pessoal; no dos Diálogos persegue um fim puramente ideal, está num ambiente plácido de contemplação e manifesta um belo interesse de arte, que dá à obra de arte seu valor duradouro”.

Seu discípulo e continuador mais famoso é Hilário Ascasubi (1807-1875), também militar e unitário. Seus poemas, escritos ao calor dos acontecimentos armados em que se envolveu, foram publicados em folhas soltas, folhetos ou panfletos. Retrata a época, em versos como os de La Refalosa, em que conta as violências cometidas, reciprocamente, entre federais e unitários. O estaqueamento, a tortura a faca e até o coureamento para fazer tentos de pele humana, ali estão retratados. Esse tipo de violências encontraremos aqui mesmo, em Passo Fundo, durante a Revolução Federalista.

Ángel Rama, um dos mais lúcidos críticos literários sul-americanos, citando Carlos Alberto Leumann, lembra que a poesia gauchesca é uma criação eminentemente platina. Recorda que nas imensas planuras venezuelanas, também chamadas de pampas, vivem camponeses igualmente livres como os gaúchos, os cerreros, hábeis ginetes e não se desenvolveu uma literatura regionalista como a gauchesca. O mesmo já haviam reconhecido Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares, no prólogo a *Poesía Gauchesca*, o que lembrei em meu artigo da edição passada na *Somando*, edição de abril de 2008.

Ángel Rama escreve:

“As causas da literatura gauchesca, portanto, não devem ser buscadas nos assuntos que trata e menos ainda nas personagens que utiliza, mas nas operações literárias concretas cumpridas pelos escritores que a produziram. Isto implica em abandonar um desses ilusionismos que o verismo constrói com sutil artificialidade, de que estamos diante de criações espontâneas do povo cantor, e perguntarmo-nos quem foram os escritores desses poemas, porque e para quem os fizeram e que princípios os animavam. De outro modo, encarar esse conjunto como o que o substantivo o diz: uma literatura”.

Os gauchescos, para empregar uma expressão consagrada por Ricardo Rojas, acabaram inventando um público: os não letrados. Decorados, numa época em que o analfabetismo era compensado por uma capacidade mnemônica mais desenvolvida, esses poemas escritos por homens urbanos e cultos, que se faziam, fiticiamente, se passarem por gaúchos eram apropriados pela massa inculta, como aconteceria mais tarde com o poema rio-grandense Antônio Chimango.

Ángel Rama recorda que Ricardo Rojas, após estudar a produção “unitária” e “federal” conclui que

“iguais são seu léxico, sua fala, sua paixão, seu metro e até as tintas selvagens que colorem sua fantasia”. O crítico oriental salienta que o estudo da gauchesca é importante para mostrar a forma de apropriação da literatura por grupos ideológicos em luta e ilustra a preocupação estética em analisar as “relações entre arte e documento”.

Já no século XX, com Leopoldo Lugones e seu clássico *El Payador*, de 1916, a gauchesca de marginalizada adquire foros de quase literatura oficial argentina e *El Gaucho Martín Fierro*, de José Hernández, é elevado à condição de épico, símbolo da argentinidade.

Os escritores urbanos que criaram a gauchesca imitavam a “língua dos gaúchos”, pois queriam difundir as idéias dos seus partidos. O que chamavam de “língua dos gaúchos”, na verdade, era o espanhol recheado de arcaísmos, termos de origem indígena e lusitanismos. Aquilo que alguns chamam de “dialeto rio-platense” (equivalente daquilo que nós, sul-rio-grandenses, dizemos “linguajar gauchesco”) é uma invenção.

A gauchesca é uma excrescência histórica. Referindo-se à gauchesca argentina, e que com algumas restrições pode-se aplicar ao Rio Grande do Sul, assim escreveu Ángel Rama:

“Não se pode considerar extinta porquanto sua difusão é surpreendente entre vastas populações do campo e da cidade que a conservam no local mais íntimo, a memória; porém tão pouco pode ser considerada viva porque os exercícios que lhe vinculam têm um ar epigonal notório, o que pareceria indicar a incapacidade essencial da sociedade moderna para favorecer seu desenvolvimento. Seus escassos cultores devem remeter ao futuro sua realização fazendo dela uma solução utópica, vinculada ao utopismo das crenças sociais ou políticas que conduza. Não é uma concepção inteiramente ultrapassada, se recordarmos que um dos temas centrais da gauchesca é a injustiça”.

Ángel Rama lembra ainda que criação individual e norma coletiva e histórica representam as duas forças que se lançam no procedimento de um estilo e que a segunda impôs-se até constituir-se num academicismo vazio. É aquilo que nós, em bom português, poderíamos chamar de maneirismo e que é assim descrito por Rosalba Campra no ensaio *En Busca del Gaucho Perdido*:

“Os críticos têm sublinhado a espantosa capacidade identificativa da literatura gauchesca, quer dizer, esse conjunto de textos que têm como protagonista o gaúcho, e que para expressar-se se servem, em medida variável de suas particularidades lingüísticas, apesar de que tenham sido escritos por autores não gaúchos. Essa irradiação se fundamenta, a meu juízo, no efeito cumulativo das leituras das obras do gênero”.

Noutras palavras, Rosalba Campra reconhece que os autores mais recentes vão reproduzindo padrões de linguagem – e do meio camponês – fundamentados em autores mais antigos. Assim, para escrever poesia gauchesca, basta ler – e principalmente ouvir – poesia gauchesca reproduzindo a vida fictícia de um tipo social extinto, o gaúcho, e seu linguajar, preservado pelos gauchescos.

A oralidade, reconhecem os estudiosos da gauchesca, é o elemento primordial da sua transmissão e preservação através de gerações urbanas. A recitação em associações tradicionalistas, concursos de declamação, rodeios crioulos, escolas e nos programas de rádio e televisão exercem um papel fundamental para a continuidade do gênero.

#### Bibliografia Básica:

Borges, Jorge Luis y Casares, Adolfo Bioy. Poesía Gauchesca (2 volumes). México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, Primera reimpresión, 1984.

Campra, Rosalba. En Busca del Gaucho Perdido, in Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, Año XXX, N° 60. Lima-Hanover, 2do. Semestre de 2004, pp. 311-332.

César, Guilhermino. Notícia do Rio Grande. Porto Alegre: IEL/Editora da Universidade, 1994.

Josiowicz, Alejandra. Letra y sangre en el Género Gauchesco. Carnaval y guerra patria escrito en clave menor, in [www.ucm.es/info/especulo/numero37/gauches.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero37/gauches.html), acessado em 02/04/2008.

Rama, Ángel. El Sistema Literario de la Poesía Gauchesca, in Poesía Gauchesca, Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977.

Rama, Ángel. Poesia Política Gauchesca. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2000.

Rojas, Ricardo. Historia de La Literatura Argentina – Los Gauchescos – II. Buenos Aires: Editorial Guillermo Kraft Limitada, 1960.

Tiscornia, Eleuterio. Intrudución, in Poetas Gauchescos. Buenos Aires: Losada, 3ª edición, 1974.

Data : 15/09/2010

Título : 019 Os Gaúchos de Charles Darwin

Categoria: Artigos

Descrição: A grande maioria dos gaúchos era constituída por homens ignorantes, ...

## Os Gaúchos de Charles Darwin

Charles Darwin foi um dos cientistas mais importantes de todos os tempos. Seu livro *A Origem das Espécies*, publicado em 1859, provocou verdadeira revolução no conhecimento e na visão do mundo. Não foi, porém, o primeiro. Antes dele, deu a lume outros que despertaram interesse e diversos estudos científicos.

Há alguns anos, sob o título de *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo*, traduzido por J. Carvalho, a Abril Cultural pôs em circulação no Brasil um desses livros. Tive a oportunidade de relê-lo, aproveitando informações do grande naturalista em uma série de palestras que pronunciei em escolas da cidade, sobre as origens do gaúcho.

Durante boa parte de 1832 e 1833, Charles Darwin percorreu largos trechos do Uruguai e da Argentina (inclusive as Falklands ou Malvinas), onde encontrou o gaúcho. A parcela maior de suas notas é, como não poderia ser de outro modo, dedicada a observações fósseis e geológicas. Entretanto, as descrições que deixou sobre os gaúchos daquela época assumem particular valor, pelo observador especial que era.

### Juan Manuel Rosas

No Capítulo IV (páginas 21 a 26) registrou observações interessantes sobre o caudilho Juan Manuel Rosas. Como todos sabem, Domingo Sarmiento, em seu importantíssimo *Facundo*, escrito poucos anos depois das notas de Charles Darwin, imortalizaria Rosas como o protótipo dos governantes "bárbaros" da Pampa.

Certa feita, Rosas fez encerrar numa mangueira uma tropa de cavalos xucros e quem, montado em pelo e sem cair, conseguisse trazer o animal de volta seria aclamado general. Pois ele próprio foi o único a fazê-lo. Costumava castigar os desobedientes com o estaqueamento, suplício que consistia em manter a vítima suspensa em quatro estacas, através de tiras de couro amarradas aos braços e pernas. Quando Darwin o encontrou, em julho de 1832, dizia-se que era "o proprietário de setenta e quatro léguas quadradas de terra, e de trezentas mil cabeças de gado". À época, estava à frente de uma expedição que dizimava os índios das margens do Rio Colorado.

Os gaúchos se embriagavam e brigavam, especialmente à faca. E um dos maiores prazeres era cortar o rosto do adversário, deixando o famoso *buenas-tardes*, como se diz ainda nos dias de hoje. Darwin conta que encontrou pessoas com o rosto deformado por esse costume bárbaro. Para coibi-lo, o caudilho proibiu o porte de facas aos domingos. Num desses dias o governador veio visitar o acampamento rosista. Para recebê-lo, o general saiu às pressas, portando sua charqueadeira. Advertido de que estava armado, pediu desculpas ao governador e "disse-lhe que tinha que ser metido a ferros, e que, enquanto não fosse solto, não tinha poderes nem mesmo dentro da sua própria casa. Passado, porém, pouco tempo, o administrador deixou-se seduzir pela idéia de abrir as algemas e soltá-lo. O prisioneiro, contudo, disse: "Infringiste as leis, e tens agora que tomar o meu lugar a ferros". Atos como este deliciam o íntimo dos gaúchos, que possuem todos, grandes noções sobre os sentimentos de igualdade e dignidade de cada um". (Op. cit., págs. 23 e 24).

## Privado X Público

Essa "dignidade" era mesmo a "dignidade de cada um". Era uma ética pessoal, digamos assim. O caso das guerras aos índios é exemplar. Tanto nos antigos domínios da Espanha quanto nos de Portugal, essas guerras serviram para que militares acumulassem grandes áreas de terras, como é fartamente documentado. Os latifúndios, lá e aqui, se formaram dessa maneira. Assim foi com as dezenas de quadras de terras e as centenas de milhares de cabeças de gado de Rosas, quanto com a atual área urbana de Passo Fundo (do rio que lhe empresta o nome ao Pinheiro Torto), entregue ao cabo Manoel José das Neves porque foi ferido no combate do Passo das Galinhas, em 1827.

A exemplo do que ocorria, aqui, em Passo Fundo, em anos próximos daqueles em que Darwin esteve na América, e do que já acontecera neste continente em séculos anteriores, "índios mansos" eram empregados para combater os "índios selvagens". Tão hábeis rastreadores quanto violentos, os "índios mansos", que serviam às forças do caudilho mor, bebiam até ficar embriagados, enquanto "outros sorviam o sangue que jorrava do gado abatido para a sua ceia, e, como estivessem todos ébrios, vomitavam-no e cobriam-se de lama e sangue coagulado", conta Charles Darwin, à página 33. Essa descrição demonstra a ancestralidade da violência, que já continuava e continuaria, através de processo genético, em muitos caudilhos e caudilhetes, filhos ou netos da macega.

Além de beberem o sangue ainda quente da rês carneada, costume que se perpetua até hoje, os gaúchos de Charles Darwin tinham como um dos seus pratos prediletos, comer "feto de bezerro" e não desprezavam uma boa carne de puma, "onça-parda", segundo o Aurélio. O naturalista espantava-se com o fato de que a alimentação pampiana era uma dieta "exclusivamente animal", durante "meses a fio", notando e anotando, à página 36, "que consomem grandes porções de gordura, que é de natureza menos animalizada, e têm horror especial pela carne magra, como a da cutia (...)."

Dos índios, os gaúchos herdaram muito mais do que o sangue; receberam práticas, hábitos e instrumentos. Numa palavra: Cultura. Charles Darwin descreve uma espécie de torneio com lanças e boleadeiras, posto em prática por um grupo de soldados que lhe servia de escolta. Afirma que um homem a cavalo podia lançar boleadeiras até a 80 metros de distância, o que, é claro, se constituía, num pequeno canhão...

A ignorância era generalizada. A medicina campeira deixava Charles Darwin escandalizado. Os gaúchos, a começar por um deles que era "capitão", duvidavam que a Terra fosse redonda.

Em outra passagem (páginas 57 e 58) demonstra que o trabalho dos gaúchos era extremamente árduo. Por ter passado muito tempo sem andar a cavalo, Darwin sentia muitas dores no corpo. Um dos gaúchos, de nome Santiago, contou-lhe "que, depois de ter ficado em casa, doente, durante três meses, saindo a caçar gado bravo, sentiu tão doloridas as coxas, nos dois dias seguintes, que teve de acamar-se. Isso mostra que os gaúchos, conquanto não pareçam fazê-lo, exercem muita força muscular quando montam a cavalo. Deve ser muito extenuante a caça do gado selvagem, numa região tão difícil de passar como esta, por causa da natureza pantanosa do terreno", referindo-se ao trabalho dos gaúchos das Malvinas.

O futuro autor da Origem das espécies conta-nos duas experiências paradigmáticas. Entre 12 e 14 de setembro de 1833 foi hospedado num posto militar. Pensou em "gratificar" a hospedagem, que incluiu alimentação e fornecimento de cavalo. O guia desaconselhou-o, dizendo "que a única resposta que provavelmente teria é que "temos aqui carne para faltar os cães, e não íamos portanto negá-la a um cristão".

Alguns meses depois, já no Uruguai, deixaria em dois parágrafos contíguos, um retrato demolidor de qualquer afirmação sobre a existência de eticidade pública entre os homens.

Trancrevamo-los, das páginas 46 e 47:

“ Polícia e justiça não são coisas que se digam eficientes. Se um pobre diabo cometer assassinio e for preso será encarcerado ou, mesmo, fuzilado. Se, entretanto, for rico e tiver amigos, poderá ter a certeza de que nenhuma consequência séria advirá. É curioso notar que invariavelmente a maioria dos habitantes respeitáveis auxilia um assassino a fugir. Parecem crer que o indivíduo peca, não contra o povo, mas contra o Estado. Nenhum viajante tem outra garantia senão a que lhe oferecem as armas que leva. E o hábito constante de se andar armado é o que mais impede a freqüência dos roubos.

O caráter das classes altas e mais educadas participa, talvez, das boas qualidades do gaúcho, mas ressentem-se de muitos vícios de que este se acha isento. A sensualidade, a zombaria de todo sentimento religioso, e a corrupção mais grosseira estão longe de constituir raridade. Quase todo funcionário público é venal. O diretor dos correios vendia francos, do governo, falsificados. O governador e o primeiro-ministro tramavam abertamente o saque do Tesouro. Quase ninguém poderia esperar justiça em casos onde entrasse o ouro. Conheci um inglês que me contou que fora ao chefe da Polícia (tremia ao entrar na sala, pois ainda não conhecia a moda da terra) e lhe dissera: "Senhor, vim oferecer-lhe 200 dólares-papel (cerca de 5 esterlinos) para prender um indivíduo que me fraudou. Sei que isso é contra a lei, mas o meu advogado (e citou o nome) recomendou-me que fizesse o que estou fazendo". O chefe sorriu, agradeceu, e, antes que anoitecesse, o indigitado estava seguro no xadrez. Com tão absoluta falta de princípios em homens de posição, com o país tão cheio de oficiais mal pagos e turbulentos, o povo ainda espera que possa ser bem sucedida uma forma democrática de governo... “

O pior é que isso não é um privilégio do Prata de 1833. Parece que Charles Darwin descreve qualquer metrópole sul-americana, dos dias de hoje...

A grande maioria dos gaúchos era constituída por homens ignorantes, violentos e corruptos, segundo a descrição que nos deixou o consolidador do moderno evolucionismo. Sobre eles se destacavam uma casta de caudilhos, como Juan Manuel Rosas, consolidando o poder através daquilo que os economistas chamam de acumulação primitiva. A destruição dos povos indígenas, aproveitando as rivalidades tribais foi um dos métodos empregados para acumular capital. As guerras civis platinas, que encontram na Revolução Farroupilha e na Revolução Federalista, equivalentes em território brasileiro, representaram formas assumidas pela acumulação primitiva. Os saques a propriedades durante as revoluções rio-grandenses e as matanças praticadas de ambos os lados, sejam no Serro dos Porongos, em 14 de novembro de 1834, sejam em Rio Negro, a 28 de

novembro de 1893, ou no Boi Preto, em 10 de abril de 1894, são formas privilegiadas assumidas por esse tipo de enriquecimento, isto é, acumulação de capital.

Data : 29/12/2009

Título : 178

Categoria: Poesia

Descrição: Creio porque erro ou erro porque creio e quem não crê e erra

178

para

Fernando Ricardo Reis Pessoa

Creio porque erro ou erro porque creio

e quem não crê e erra

e quem erra e não crê

para que serve crer

não crer para que serve

crer é não crer e seu contrário.

Data : 30/06/2007

Título : 1906-2006: O centenário do maior poeta gauchesco de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Tenebro dos Santos Moura é uma unanimidade.

1906-2006: O centenário do maior poeta gauchesco de Passo Fundo

## PAULO MONTEIRO

Tenebro dos Santos Moura é uma unanimidade. Todos o consideram o mais importante poeta gauchesco de Passo Fundo, apesar de aqui não ter nascido. Autor de um único livro de poemas, *Querência*, que mereceu duas edições, em 1985 e 1987 - embora a segunda tenha saído com data da anterior - ambas pela Editora Berthier, de Passo Fundo. Pretendia publicar um livro com pequenos contos regionais, muitos deles baseados em fatos verídicos, que receberia o título de *Histórias de Galpão*.

O seu centenário de nascimento passou despercebido. Nada mais injusto, pois ele, durante quase meio século, foi a presença viva da poesia gauchesca em Passo Fundo. Falar em poesia crioula ou poesia gauchesca era falar em Tenebro dos Santos Moura. Esse esquecimento, porém, já se processava em vida. Era convidado para recitar seus inconfundíveis poemas em reuniões políticas. Mas esses seus "admiradores", ao passarem por repartições públicas que tinham dinheiro para editar seus poemas, não o fizeram. Honra se faça aos bicheiros de Passo Fundo, que patrocinaram e entregaram ao poeta todos os volumes das duas edições de seu livro. Isto que Passo Fundo sempre se considerou a "Cidade Mais Gaúcha do Estado" e hoje é a "Capital Nacional da Literatura"...

O poeta nasceu em Palmeira das Missões, a 21 de março de 1906, filho de Vicente Martim de Moura e Maria Cândida dos Santos Moura. Em 1924, fez parte das forças que, combatendo o Tenentismo, ocuparam a cidade de São Paulo. Pertenceu ao Partido Libertador (PL), herdeiro político do velho federalismo de Gaspar da Silveira Martins. Em 1930, participou do movimento que culminou com a posse de Getúlio Vargas na Presidência da República.

Naquele ano, em São Paulo, nas trincheiras das forças rio-grandenses-do-sul, escreveu seu primeiro poema, *Palmeira*. Inspirou-lhe a saudade, sentimento que, segundo Napoleão Mendes de Almeida, um dos maiores gramáticos brasileiros de todos os tempos, apenas pode ser expressado através da palavra que é um idiotismo, porque só existe na língua portuguesa. Eis os versos escritos sob o fogo das tropas paulistas:

Palmeira

(Para meu velho amigo e conterrâneo Max Teixeira)

A Saudade é o chimarrão  
Que hoje longe do pago  
Vou sorvendo trago a trago,  
Pra aliviar o coração.  
Amargo que eu acho doce,



Vício de guasca, distante,  
Que não esquece um instante  
O seu amado torrão.

Tenho saudade de tudo  
Que lá tão longe deixei,  
Das coisas lindas que amei  
De tudo o que o pago encerra,  
Do grito do quero-quero  
Anunciando o viajante  
E do gemido da fonte,  
Que sai da boca da serra.

Dos campos verdes, amenos,  
Sombreados de capões  
Onde os pássaros, canções  
Alegres vão modulando;  
E a gralha o grito estridente  
Solta se passa o campeiro,  
Algum boizito "matreiro"  
Pelo rastro procurando.

Do canto da seriema  
Profundamente magoado  
Que um dia triste, nublado,  
Muitas vezes escutei,  
Do som dolente da gaita.  
Misto de mágoa e alegria.  
De prazer, vida e agonia  
Que bem definir não sei.

Quanta coisa a gente lembra  
E o pensamento vagando

Imagens mil vai criando  
Do sonho na intensidade;  
Num mundo irreal vivemos  
E a gente então, por instante,  
Vê coisas que estão distantes,  
Com os olhos da saudade.

Pinheiros, taças erguidas  
De esmeraldas verdejantes,  
Campinas, canhadas, fontes,  
Vejo sonhando acordado;  
Ipês cobertos de flores.  
Umbus que resistem ao Irudo"  
Sopro do Minuano, tudo  
Que vi e que tenho amado.

Vejo gaúchos que passam  
Ao tranco de seus cavalos.  
Chamo-os, quero abraçá-los,  
Mas a ilusão se desfaz -  
Me lembro então do meu pingo,  
Do meu lombinho, do laço.  
Ah! Patrícios! Eu montado  
No meu cavalo picaço,  
Vos juro, eu era um pedaço  
Do meu Rio Grande do Sul.

O poema segue o padrão tradicional de toda a poesia popular brasileira e latino-americana, desde o século XIX, profundamente marcada pelo romantismo poético. Nessas primícias de Tenebro dos Santos Moura, ecoam A Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, e os Meus Oito Anos, de Casimiro de Abreu, bebidos na velha Seleta em Prosa & Verso. Ali, porém, estão a gralha, o pinheiro, o boizito "matreiro", marcas serranas que farão dele um caso único na poesia gauchesca.

Mais do que a saudade da "querência", a saudade da mulher amada é que deve ter chamado o poeta de volta ao Rio Grande. Pouco tempo depois, mesmo se lhe

apresentando promissora carreira, deixou a Brigada Militar, e casou-se com Maria José de Ávila Machado. Foi ser professor primário em Almirante Tamandaré e Igrejinha, localidades então pertencentes a Carazinho.

Sua esposa morreu aos 24 anos, em 1941, deixando seis filhos pequenos: Elmo, já falecido, Gil, Ester, Rosa, Antônio e Álvaro, que morreu exatamente seis meses depois da mãe. Gil, que é representante comercial em Passo Fundo, conta que ele e seus irmãos ficaram sob a guarda dos avós maternos, Álvaro Ávila Machado e Orlandina, mas que Tenebro sempre foi um excelente pai, apesar de ter enviuvado bastante moço.

Tenebro dos Santos Moura continuou, pelo resto da vida, um ativo participante das lutas políticas e sociais. Assim, em 1952, já em Passo Fundo, participou da fundação do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, o primeiro da região, e foi ampliando sua produção gauchesca.

Funcionário público municipal. Trabalhou na Biblioteca Pública de Passo Fundo, o que lhe permitiu ler os melhores poetas da Língua Portuguesa e clássicos universais, consolidando sua formação autodidata. De todos os poetas que leu - e não foram poucos - sempre confessou admiração pelo português Guerra Junqueiro. Quem fizer uma leitura comparada entre o poeta de Os Simples e o de Querência, encontrará profundas afinidades entre os mesmos. Ao longo de sua vida, o poeta recebeu múltiplas influências, mas a de Guerra Junqueiro foi a mais marcante. Tenebro não escreveu apenas poemas gauchescos, como vemos no poema Olhos verdes, escrito em 11 de janeiro de 1969.

O poema transpira o lirismo lusitano, transparecendo a influência do grande poeta português. O tema é universal, a começar pelo título, mas o poeta imprime o estilo inconfundível da nossa poesia regional e das quadras populares, que lhe eram familiares, tanto pelas leituras quanto pela convivência com a vida campeira.

Olhos verdes

Olho o mar e penso em ti,

A incerteza, o perigo!...

A inconstância das ondas

Tudo o que penso não digo.

No mar a cor dos teus olhos...

E continuo a pensar

Que mora em teus olhos verdes

A inconstância do mar.

Pensando bem não confio

Em ti, mas sou teu amigo.

Sei o que quero dizer,  
Mas fico quieto, não digo.

Tenebro dos Santos Moura exerceu suas funções junto ao gabinete do Prefeito e na Secretaria Municipal de Obras e Viação, sempre se destacando pela probidade administrativa. Contribuiu para a consolidação do atual Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais e para a fundação de uma cooperativa de consumo, que alguns corruptos, cujos nomes estão imortalizados em logradouros públicos, levaram à falência.

O autor de Querência fez parte dos quadros da Academia Passo-Fundense de Letras, onde teve intensa atuação. Dotado de respeitável memória, a maior parte dos poemas que fazem parte do livro, ele os sabia de cor.

Como já expus no prefácio que escrevi para a segunda edição, datilografei todos os poemas do livro, sobre originais manuscritos pelo Autor. Também lhe emprestei o Vocabulário Sul-Rio-Grandense (Editora Globo, 1964), reunindo contribuições de diversos dicionaristas. Tenebro notou as diferenças entre as mesmas palavras, quando empregadas na Fronteira e na Serra, elaborando um vocabulário com os termos regionais por ele empregados.

Conhecedor profundo dos homens do campo rio-grandense. Tenebro dos Santos Moura era useiro e vezeiro em salientar as diferenças entre os fronteiriços e os serranos. Essas diferenças foram, posteriormente, comprovadas pelo pesquisador passo-fundense, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, em obras que deveriam constar como leitura obrigatória de todos os candidatos a peão farroupilha, primeira prenda ou padrão de centros de tradições gaúchas. E constam em livros como Formação do Gaúcho (1982), Gaúcho Serrano, Usos e Costumes (1994) e Tropeiros de Mula (2005).

Tenebro dos Santos Moura faleceu em 29 de agosto de 1994. de parada cardíaca, deixando viúva. Maria de Lourdes Moura, com quem era casado em segundas núpeias, e que lhe deu as filhas Maria Cândida, Angela Maria e Maria Isabel. Morreu praticamente cego, sem deixar de visitar os amigos e participar das reuniões da Academia Passo-Fundense de Letras, conduzido pelas mãos generosas de suas filhas mais novas.

O lirismo literário, tipicamente romântico, foi uma das marcas de sua obra poética. A mistura dos regionalismos lingüísticos (china, teatino. gaudério e pajador). como vemos no poema abaixo, é que confere a tonalidade gauchesca dos seus poemas. Tire-se-lhes as expressões regionais e o poeta fica reduzido a um simples imitador dos clássicos do Romantismo. Ao contrário, porém, da maioria dos poetas gauchescos contemporâneos (que são, na verdade, meros cometedores de versos), o vocabulário crioulo encaixa-se espontaneamente nos poemas de Tenebro dos Santos Moura.

Três são os motivos que tornaram Tenebro dos Santos Moura um marco do regionalismo: a sua própria vocação poética, pois como já diziam os romanos: "O poeta nasce; o orador faz-se"; o domínio da linguagem regional, porque a conheceu no dia-a-dia do meio rural onde nasceu, empregada em seu contexto originário mesmo; e, por último, a vivência no próprio espaço em que o gaúcho serrano autêntico vivia.

Quando Tenebro dos Santos Moura solicitou que eu escrevesse o prefácio para a segunda edição de Querência, procurei, por todos os modos, fugir à insistência do poeta,

mas curvei-me a ela, ante um argumento que, hoje, sem falsa modéstia, me orgulha muito: "O senhor (eu tinha idade para ser seu neto!) conhece meus versos palavra por palavra, letra por letra..."

Exemplo do que escrevi acima é seu poema Última china que, gravado com nome de outrem, por conhecido conjunto passo-fundense, há vários anos, fez muito sucesso.

### Última china

Reuniram-se em ti os encantos

Das chinas todas que tive.

Tua presença revive

O meu mundo de ilusões,

Amores, ciúmes, cuidados

E alguns caprichos tiranos.

Dissabores, desenganos,

Prazeres, desilusões.

Mas não quiseste escolher

Entre o amor e a amizade.

E a mim não basta bondade,

Se me palpita o desejo.

Não quero um gesto de pena

E nem forçar o destino.

Prefiro seguir teatino.

Tão bem solito me vejo.

Este mundo de ternura

Fica no tempo parado

E eu vivendo a teu lado

Como se longe vivesse;

Constante na indiferença

Não quiseste meu afago,

Perdeste tudo que trago,

Como se nada perdesse.

Serás não sei até quando  
A china do meu desejo.

Apenas senti teu beijo  
Sem provar o teu amor.  
Mas viverás no meu verso  
Até que a sorte ferina  
Com golpe me corte a sina  
De gaudério e pajador.

Repito: Tenebro, como todos os poetas gauchescos autênticos, era um romântico. Mesmo quando cantava a temática terrunha, ou mais precisamente por cantá-la, era um romântico. Isto não o impedia de escrever poemas satíricos, alguns dos quais inéditos. Lembremos um que circulou com o pseudônimo de Zé Povoeiro.

Lacerda – 65

Uns guris em vão tentaram  
Teimando, sem conseguir.  
Pôr no ar uma pandorga  
Que não podia subir.

Mas um dos guris falou,  
O mais esperto e sabido:  
Esta pandorga não sobe,  
O rabo é muito comprido.

Lembrei-me do candidato  
Que o povo mais repudia.  
Entre a pandorga e o Lacerda  
Encontrei analogia.

É por isto que ele grune,

Rosna, late e fica brabo.

Não adianta esta pandorga

Não sobe, tem muito rabo...!

A presença da sátira em sua obra poética é o que torna Tenebro dos Santos Moura um autêntico poeta passo-fundense, pois a sátira é uma característica de muitos dos nossos poetas mais representativos.

A propósito, lembro-me de um episódio ocorrido em fins de 1979. O poeta publicou uns versos satirizando a entrevista de um conhecido advogado local, onde assegurava que a água tratada por uma empresa, acusada de poluir o rio Passo Fundo, era limpa, a ponto de servir para tomar banho. O poeta publicou, no Diário da Manhã, uns versos satirizando a entrevista, fazendo um trocadilho entre o sobrenome do bacharel e a qualidade da água. O doutor procurou outro causídico para responsabilizar criminalmente o poeta. O contatado, amigo e admirador de Tenebro, após dar belas gargalhadas, conseguiu com que o colega desistisse da desforra jurídica. Pelo menos foi a história que circulou nos bares e cafés de Passo Fundo, naquela época. Mas esta já é outra história...

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Caúcha e a diversas instituições culturais do Brasil e do exterior. )

Data : 12/05/2014

Título : 1º de abril

Categoria: Poesia

Descrição: sonho armado sempre é breve; sempre acaba em desengano.

1º de abril

Sonho armado sempre é breve;

sempre acaba em desengano.

Baioneta só escreve

com tinta de sangue humano.

Data : 30/11/2006

Título : 2 O Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim

Categoria: Artigos

Descrição: Em princípios de 1891 a cidade de Passo Fundo foi ocupada por tropas irregulares fiéis ao líder liberal Antonio Ferreira Prestes Guimarães, que já exercera importantes cargos públicos municipais e provinciais, durante o Império.

## 2 O Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim

Em princípios de 1891 a cidade de Passo Fundo foi ocupada por tropas irregulares fiéis ao líder liberal Antonio Ferreira Prestes Guimarães, que já exercera importantes cargos públicos municipais e provinciais, durante o Império. Prestes Guimarães foi professor, secretário da Câmara de Vereadores, vereador e presidente da Câmara, função que também abrangia as do atual prefeito. Eleito deputado provincial (estadual) chegou a exercer a presidência da Província do Rio Grande do Sul entre 25 de junho e 8 de julho de 1889. Foi o primeiro passo-fundense a assumir esse cargo.

Com a ocupação o poder municipal ficou em mãos de Prestes Guimarães. E seus comandados, em armas, permaneceram aquartelados onde hoje é a Praça Tamandaré, em frente à Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro. Era o começo da Revolução Federalista. No centro da praça, há décadas, como prova de que os republicanos venceram a Revolução, existe um busto do coronel Gervazio Luccas Annes, o mais representativo prócer do Partido Conservador, durante o Império, e do Partido Republicano Rio-Grandense, na República, em Passo Fundo.

Mais tarde o governo seria entregue, pacificamente, aos republicanos, em sua maioria conservadores transformados em cristãos-novos do regime recém instaurado. Prestes Guimarães rumaria para a Fronteira, assumindo papel importante nas atividades armadas ali desenvolvidas pelas forças revolucionárias. Foi um dos mais destacados comandantes militares em operação naquela região, derrotando forças oficiais bem armadas e ocupando pontos estratégicos e populosos, à frente de seus comandados. Enquanto isso, os caudilhos serranos, fiéis a sua orientação política, permaneceriam em armas aguardando oportunidade para entrar em ação.

Um desses caudilhos era um fronteiro de nome Verissimo Ignacio da Veiga, natural de Cacequi, casado com uma passo-fundense, e que para cá transferiu sua família, inclusive a mãe e os irmãos. Instalou-se com fazenda às margens do Arroio Teixeira, em terras que



hoje pertencem aos municípios de Coxilha e Tapejara. A área era cercada por matas e terrenos íngremes, dominados pelos caigangues.

Estes primitivos habitantes, da nação Jê, também conhecidos como bugres, coroados ou botocudos, nunca apresentaram simpatias pelos governos dos brancos. Durante a Revolução Farroupilha foram atacados pelas forças caramurus, que defendiam o Império, e por duas vezes derrotaram às tropas oficiais. A primeira à tropa comandada por um tenente de nome Lúcio, vencido pelo cacique Marau, e outra, nada mais nada menos que ao famoso general Pierre Labatut, herói das guerras da Independência. Militarmente desmoralizado, o general francês respondeu a conselho de guerra, e morreria, pouco tempo depois, vítima de depressão profunda.

Os caigangues admiravam o líder liberal Antonio Ferreira Prestes Guimarães. E eram, com toda a certeza, muito amigos do coronel Verissimo Ignácio da Veiga. E tanto isto é verdade, que os republicanos, pejorativamente, se referiam a ele como “o bugre Verissimo”.

Em novembro de 1893 o coronel Verissimo mantinha, posicionada, às margens do Arroio Teixeira, num local conhecido como Guamirim, uma tropa de 190 homens, bem montados, bem alimentados, mas precariamente armados. O local era estratégico, protegido por densas matas, à retaguarda, cortadas por uma íngreme picada controlada pelos combativos botocudos.

Em meados de outubro de 1893 o Exército Libertador comandado pelos generais Gomercindo Saraiva e Luiz Alves de Oliveira Salgado cruzou por Passo Fundo, rumo a Desterro (Florianópolis), onde havia sido instalado um governo revolucionário, sob a hegemonia de marinheiros sublevados. Com isso, o centro da Revolução Federalista se deslocou para a Região Serrana, com a mobilização da poderosíssima Divisão do Norte, comandada pelos generais Francisco Rodrigues Lima e José Gomes Pinheiro Machado, reforçada pelas tropas irregulares e guardas municipais a mando de intendentes e cabecilhas republicanos.

Em Passo Fundo, o então intendente Gervazio Luccas Annes, arquiinimigo político de Prestes Guimarães, desde os tempos imperiais, em que ambos disputavam o comando político da região (o primeiro liderando as hostes conservadoras e o segundo capitaneando os liberais) passou a sustentar força bem armada e adestrada, na sede do Município. Enquanto isso, no interior, piquetes de maragatos mantinham o controle militar, e, algumas vezes chegaram a ocupar a cidade.

Na manhã de 20 de novembro de 1893, uma tropa de 200 castilhistas bem armados atacou os 190 federalistas de Verissimo Ignacio da Veiga. No comando da força oficial estavam o major Felisberto Annes, que seria meioirmão do intendente de Passo Fundo, e

o capitão João Crescêncio. A tropa republicana surgiu no alto de uma campina, vasta e ondulada. E o combate durou até perto das 11 horas da manhã. A cavalaria maragata armara-se, em sua maioria, com cacetes de três quinas, lanças e até espadas, feitas de guamirim. O guamirim é uma planta da família das mirtáceas, reconhecida pela dureza de sua madeira, usada para palanques de cercas e cepos de casas, no interior.

Ao final do combate jaziam, no campo de batalha, 34 atacantes mortos, entre os quais o major Felisberto Annes e o capitão João Crescêncio, morador do Mato Castelhana. Crescêncio tombou num duelo à espada com o coronel Verissimo. Este, ferido no braço esquerdo com um balaço, mais um outro ferido, e um combatente morto foram as únicas vítimas entre os revolucionários.

Os vencidos, além dos 34 mortos, deixaram cair em mãos dos vencedores, 34 cavalos encilhados, 10 Remingtons, duas Comblains, três carabinas, pistolas, revólveres, 12 espadas e algumas lanças. Os sobreviventes fugiram para a cidade, a toda pressa, ou embrenharam-se nas matas da serra do Capoeirê.

Prestes Guimarães, que deixou um relato desse combate, afirma textualmente: “Os vencedores, ainda que pareça inverossímil, é certo, só tiveram um morto e dois feridos!”. E conclui dizendo: “Se o heroísmo dos revolucionários foi grande, é legendária a indômita bravura de Verissimo; também os legalistas andaram bem, atacando com fervor, e a prova de não se terem portado covardemente está no considerável número de seus mortos, inclusive seus chefes”.

No dia 22 de junho de 1894 o Exército Libertador comandado por Gomercindo Saraiva, após dois meses de retirada desde a Lapa, no Paraná, saiu nos campos de Passo Fundo, exatamente no Guamirim. Pernoitaram ali, contemplando os esqueletos dos vencidos, rodeados pelas rústicas armas que os maragatos de Verissimo Ignácio da Veiga haviam deixado ao lado dos cadáveres, conta Angelo Dourado, médico daquele exército rebelde, em seu livro “Voluntários do Martírio”. Tal era o domínio dos federalistas sobre o município de Passo Fundo que os republicanos não se encorajaram a se quer procurar dar sepultura a seus mortos, deixados ali como demonstração do poderio revolucionário.

O Combate do Arroio Teixeira, também conhecido como Combate do Guamirim, é um dos fatos mais impressionantes, pelo que há de excepcional, na história das revoluções brasileiras, somente comparável, à Batalha dos Gurarapes, travada entre forças piauienses armadas de espingardas, foices, machados, espadas, facas, facões, tridentes, chuços, ferrões de vaqueiros, patachos, arcos, flechas e cacetes, e o bem equipado exército português, comandado pelo major João José da Cunha Fidié, em 13 de março de 1923. A vitória, aí, coube ao exército colonial.

Do Livro

## Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo

Data : 30/11/2006

Título : 3 Os Dois Combates do Passo do Cruz

Categoria: Artigos

Descrição: Após o Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim (20/11/1893), em que uma tropa republicana saída da sede do município foi derrotada pelo piquete comandado pelo coronel Verissimo Ignácio da Veiga...

### 3 Os Dois Combates do Passo do Cruz

Após o Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim (20/11/1893), em que uma tropa republicana saída da sede do município foi derrotada pelo piquete comandado pelo coronel Verissimo Ignácio da Veiga, as forças oficiais se reorganizaram e prepararam um revide à altura do revés sofrido.

O “bugre Verissimo”, como era chamado pelos adversários, devido às relações amistosas mantidas com os caigangues que dominavam as serras circunvizinhas de Passo Fundo, continuava acampado às margens do Arroio Teixeira. Próximo dali jaziam os corpos dos pica-paus tombados no desigual confronto de 20 de novembro. Ao mesmo tempo mantinha patrulhas até a estrada de Mato Castelhana, para o Leste, e próximo à sede do município, para o Sul. O principal acampamento dessas avançadas situava-se no Passo do Cruz, proximidades da casa do capitão maragato Silvio Alves de Rezende.

No dia 20 de dezembro de 1893, exatamente um mês após a derrota do Guamirim, um piquete castilista, sob as ordens do capitão Francisco Brizola, atacou, pela madrugada, o reduto revolucionário instalado às margens do Passo do Cruz. O ataque foi desbaratado e os legalistas deixaram dois mortos, voltando o restante à toda velocidade provocando alarme entre os companheiros que ficaram na cidade.

O chefe brigadiano, que comandava o destacamento da Brigada Militar, e já derrotaram um piquete revolucionário, comandado por Theodoro Ignácio da Veiga, irmão do “bugre Verissimo”, durante um combate travado no Butiá, a 26 de novembro de 1893, resolveu “vingar ao pé da letra o agravo da manhã”, na expressão do general Prestes Guimarães.

O capitão Eleutherio, à frente de 180 homens, parte deles comandados pelo mesmo Francisco Brizola, partiu para o Passo do Cruz. Conseguiu chegar antes do coronel Verissimo Ignacio da Veiga, que se encontrava próximo do Guamirim. Encontrou 150 revolucionários, comandados pelo major João de Souza Ramos e o capitão Theodoro Ignacio da Veiga, ainda eufóricos pela vitória da madrugada.

Eleutherio iniciou o combate atacando os maragatos. Estes responderam prontamente. Ao final de uma hora, o campo estava dominado pelos revolucionários. Os atacantes deixaram no local 25 mortos, entre eles o capitão Francisco Brizola. Como butim de guerra, os vencedores contabilizaram mais de 40 cavalos encilhados, 32 armas de fogo de cano longo, pistolas, revólveres, espadas, lanças e um cargueiro com munição.

Os revolucionários perseguiram os vencidos, inclusive o capitão Eleutherio. Este, ferido à bala nas espáduas, não conseguiu chegar vivo à cidade, caindo morto a menos de três quilômetros dela. Com a notícia dessa nova derrota os republicanos passo-fundenses, militares e civis, abandonaram a cidade na direção de Cruz Alta. O pânico deve ter sido maior pelo fato de que o próprio intendente, coronel Gervazio Luccas Annes, já não se encontrava na sede do município.

Os maragatos entraram na cidade, não sem antes recolherem o corpo do capitão Eleutherio dos Santos dando-lhe um sepultamento digno no cemitério católico. É bom que se diga que, à época, ainda seguindo uma tradição discriminatória do Império, Passo Fundo dispunha de um cemitério para os católicos e outro para as não católicos. Estes eram sepultados na parte fronteira de onde mais tarde seria construído o Quartel do Exército Brasileiro, na atual rua Teixeira Soares.

No dia seguinte o coronel Elisiário Ferreira Prestes e o tenente-coronel José Borges Vieira, veterano da Guerra do Paraguai, que chegavam de Soledade com uma força de 200 cavalaria maragatos, perseguiram os fugitivos. Alcançados nas imediações de Carazinho foram atacados pela retaguarda, perdendo para os perseguidores três cargueiros carregados, dois carretas com diversos gêneros, além de gado vacum e cavalos.

Embora os historiadores falem no “Combate do Passo do Cruz”, na verdade foram dois combates travados no mesmo dia e no mesmo local. Isto porque, se a força revolucionária era a mesma, pois não houve tempo de receber reforços, bateu-se com duas tropas completamente diferentes. A primeira era um corpo irregular, de “voluntários”, e a segunda, sob o comando do capitão Eleutherio, tendo por base forças da Brigada Militar, acrescida dos “voluntários” que tinham conseguido chegar à cidade.

Eleutherio dos Santos, deixou fama de homem leal para com os adversários, mantendo um comportamento típico de militar de carreira, como de fato era. Já Francisco Brizola,

comandava mais um dos grupamentos “paramilitares”, como se diria em linguagem de hoje, que eram organizados nos municípios, àquela época, e ficavam a serviço dos cabecilhas legalistas.

Os republicanos jamais esqueceram as derrotas sofridas durante a Revolução Federalista. E tanto isso é verdade, que mesmo depois da “pacificação do Rio Grande”, ocorrida no segundo semestre de 1895, a perseguição aos maragatos continuou. Prova disso é que o capitão federalista Silvio Alves de Rezende, seria uma de suas das vítimas. No dia 15 de novembro de 1898 Silvio e o primo, José Alves de Rezende, foram assassinados por sicários a mando dos dirigentes do Partido Republicano Rio-Grandense de Passo Fundo. Quando o capitão federalista, despreocupado e tranqüilo, maneava seu cavalo, foi atacado por cinco elementos armados, que lhe desferiram uma descarga, provocando morte instantânea. José tentou defender o primo e recebeu vários disparos, vindo a falecer três dias depois. Além do assassinio, os cinco bandidos saquearam o corpo do capitão Silvio Alves de Rezende em 600\$, relógio e outros objetos de valor que trazia consigo. Os homicidas não foram presos e dias depois passeavam pelas ruas de Passo Fundo, alardeando ainda o crime.

Do Livro

Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo

Data : 22/11/2009

Título : 35 ANOS DE JORNALISMO LITERÁRIO

Categoria: Artigos

Descrição: ...muita gente que nasceu aqui, viveu aqui, morreu aqui, nunca teve (ou tem) coragem de publicar seus trabalhos.

35 ANOS DE JORNALISMO LITERÁRIO

EM 1º DE JULHO DE 1974 PUBLIQUEI MEU

PRIMEIRO ARTIGO DE CRÍTICA LITERÁRIA. E NÃO PAREI MAIS. EI-LO:

“A Sogra de Josias”

Outro dia, quando entrava n'O NACIONAL, com uma convocação da "Nova Geração", Ivaldino Tasca, que conversava com um moço de olhos vivos e bigodes negros disse-lhe, apontando-me:

– Esse rapaz, aí, é da "Nova Geração"!...

Imediatamente as cartas foram postas sobre a mesa e o redator voltou-se para mim:

– Esse moço acaba de publicar um livro e está procurando o pessoal da Academia e vocês da "Nova Geração".

Foi assim que conheci José Calegaro, o Autor de "A Sogra de Josias".

Logo que deixamos o Jornal, após tirarmos um bom cavaco, providenciei em apresentar o jovem escritor aos presidentes da NG e da nossa Academia de Letras.

Confesso que fiquei intrigado com o título de sua obra e sobre isso saí filosofando com meus botões. A Sogra seria de algum Josias bíblico, gentílico ou de carne e osso?

Agora, após a leitura do livro, acho que é a sogra de qualquer um de nós, ainda que do Sr. Solteiro da Silva.

Mas troquemos o saco pela mala.

José Calegaro é um moço de vinte e um anos, natural de Palmeira das Missões e estudando Medicina em nossa Faculdade, pouco conhecido nas rodas livrescas da província, como diria o velho-moço Machado, mas sabendo muito bem que "numa terra de cegos quem tem um olho é rei". Explico-me: muita gente que nasceu aqui, viveu aqui, morreu aqui, nunca teve (ou tem) coragem de publicar seus trabalhos. É preciso que, de quando em vez, apareça algum forasteiro e publique uma obra. Aliás, creio que o último a beber no velho chafariz e dar-nos um livro foi meu amigo Benedito Hespanha e suas "Galáxias do Homem".

Faço questão de lembrar o que disse dia 18 do mês passado, durante o lançamento em nossa cidade d'"A Sogra de Josias, na Maxmar; ainda que essa obra não seja ótima (como estréia é digna de qualquer grande nome) tem um valor enorme por ser escrita por um jovem, publicando fora de sua terra, num meio que lhe é (ou era) desconhecido quase por inteiro.

Basta que olhemos à História de qualquer Literatura para constataremos que os grandes movimentos literários e as maiores obras saíram das mãos de jovens, exceto uma "Paulo e Virgínia" e poucas outras. Autores como Wodsworth e Colerige (fundadores do Romantismo), Victor Hugo, Casimiro, Rimbaud, Marinetti, Apollinaire, Trakl, Mário de Andrade, Lorca e muitos outros, confirmam a tese.

A obra de Calegaro tem duas facetas: cotidiana e/ou social.

Como escritor do cotidiano o autor é muito menor, muito mais circunstancial, menos artista, pois arte também é técnica. Seu mérito maior é como escritor social, porque aí "exige mais trabalho", conforme declarou no "Nova Geração – Presente!". Se me parece falta-lhe apenas um conhecimento maior dos nossos ficcionistas sociais: Aluizio Azevedo, Domingos Olímpio, Alcides Maia, Euclides da Cunha, Raquel de Queirós, Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano, entre outros; um pouco mais de reflexão e visão do mundo, para

a maioria literária. Trabalhos como Ave Maria Rural, A Costureira, Negrote... E sua alma???, são obras muito boas, recomendam bem qualquer estreado.

Apenas para exemplificar duas passagens de seu livro:

“– (...) Para todo o mundo era só a costureira e nem se dizia mais, que não é preciso.

– Afinal de contas, pobre nem nome tem!”(Pág. 17).

“Lá a coisa foi bem pior: deu uma tremenda inundação e morreram milhares de cabritos, vacas, homens e galinhas”. (Pág. 57). Nessa passagem nota-se a mão do autor. A forma faz o fundo. Fundo e forma são a mesma coisa, aí...

“Há na obra literária, segundo Cândido de Oliveira, uma expressão de tendência individual e outra daquilo que o autor deve ao meio. Taine, segundo o mesmo autor, considera três fatores: raça, meio e momento como decisivos na produção de uma obra de arte literária”. “A Sogra de Josias” se identifica com esse conceito.

Uma feliz estréia a de José Calegari, que já nasceu escritor; quando a ser um grande escritor está em suas mãos e, particularmente, como membro de um Grupo Literário, apenas almejo-lhe um bom progresso, que não fique apenas com A Sogra de Josias, mas publique outras obras. Que escreva e escreva sempre. Para o escritor, esse é o melhor exercício.

Data : 30/11/2006

Título : 4 O Combate do Umbu

Categoria: Artigos

Descrição: Em princípios de 1894 as forças revolucionárias passo-fundeses eram superiores a 1.400 homens, organizados em torno de quatro corpos de cavalaria.

#### 4 O Combate do Umbu

Em princípios de 1894 as forças revolucionárias passo-fundeses eram superiores a 1.400 homens, organizados em torno de quatro corpos de cavalaria. Eram comandados por Verissimo Ignacio da Veiga, Elisário Ferreira Prestes, José Borges Vieira e Pedro Bueno de Quadros.

A primeiro de janeiro daquele ano Elisário Ferreira Prestes e Pedro Bueno de Quadros, marcharam unidos para o Passo do Jacuzinho, na divisa de Passo Fundo e Cruz Alta e

ali encontraram um grupo de pica-paus guardando o passo. Ofereceram combate, perdendo um alferes e um soldado. Os legalistas fugiram, amargando a perda de dois soldados e do coronel Francisco Victor.

A morte do oficial legalista provocou profunda consternação em Cruz Alta. Foi organizada uma poderosa expedição, com cerca de 1.500 homens, sob o comando do próprio coronel José Gabriel da Silva Lima, intendente daquele município, auxiliado pelos coronéis João David Ramos e Gervazio Luccas Annes, este, como sabido, intendente de Passo Fundo.

No dia 16 de janeiro os atacantes levantaram acampamento, pensando em chegar antes do meio-dia a Passo Fundo. Às 8 horas, no local conhecido como Umbu, entre São Miguel e Pulador, foram surpreendidos por uma força maragata, que se aproveitando do terreno, carregou pela frente e pelos flancos, envolvendo os legionários num círculo de fogo e cargas de lança seca.

O combate durou cerca de duas horas. Ao final, os revolucionários tinham alcançado uma vitória completa. Os pica-paus deixaram mais de duzentos mortos, entre os quais o coronel João David Ramos, que seria o verdadeiro chefe militar da coluna, e os tenentes-coronéis Tatim, de Soledade, Procópio Gomes, do Lagoão, Francisco Bier, de Passo Fundo, e diversos outros oficiais de menor graduação, como o tenente José Martins da Cunha, alcunhado de Português, de Soledade. Os feridos foram muitos. Os mais famosos deles, o coronel Gervazio Luccas Annes, baleado nas costas, segundo Prestes Guimarães, numa perna, conforme Delma Rosendo Gehn, e noutra parte menos nobre, segundo a tradição popular. A mesma tradição reza que os prisioneiros foram degolados e seus cadáveres jogados numa lagoa que existia nas proximidades.

Delma Rosendo Gehn, cujo pai, Manoel Thomaz Rosendo, era oficial das tropas legalistas, afirma que o Combate do Umbu durou quatro horas, “tendo havido sérias baixas de ambos os lados”.

Prestes Guimarães relata que os revolucionários tiveram 22 baixas, sendo cinco mortos, entre os quais o alferes Manuel Nunes, porta-estandarte do corpo de José Borges Vieira e 17 feridos.

O butim de guerra foi assim contabilizado: 12 carretas carregadas, dois carros de bois, com os respectivos animais, mais de 500 cabeças de gado vacum e um igual número de cavalos, 50 cargueiros, dois estandartes, uma corneta, grande quantidade de armamento e munição, além de 42 prisioneiros. Além disso, nas carretas foram entrados churrascos assados com couro, doces, foguetes, e até a Ordem-do-Dia, em que já era celebrada a vitória imaginada pelos atacantes.



O Combate do Umbu teve intensa repercussão, fazendo com que o comando legalista ordenasse marchar às pressas para Passo Fundo a poderosa Coluna Santos Filho, deslocando o centro da Revolução Federalista para esta parte do estado, participando de três sangrentos encontros armados: o Combate dos Valinhos (8 de fevereiro), o Combate dos Três Passos (6 de junho) e a Batalha do Pulador (27 de junho), onde foi decidida a sorte da Revolução.

Do Livro

Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo

Data : 30/11/2006

Título : 5 Combate do Valinhos

Categoria: Artigos

Descrição: O Combate dos Valinhos, ocorrido no dia 8 de fevereiro de 1894, entre a 1ª Brigada da divisão responsável pelo guarnecimento da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana...

## 5 Combate dos Valinhos

O Combate dos Valinhos, ocorrido no dia 8 de fevereiro de 1894, entre a 1ª Brigada da divisão responsável pelo guarnecimento da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana, brigada essa comandada pelo coronel Joaquim Thomaz dos Santos e Silva Filho, reforçada por republicanos de Passo Fundo e Cruz Alta, e os federalistas serranos, mormente passo-fundenses e soledadenses, é um dos fatos mais sérios e menos conhecidos da Revolução Federalista nesta parte do estado.

### 5.1 A Causa Imediata

Tudo começa no dia 16 de janeiro de 1894, quando uma força superior a 1.500 homens, comandada pelos coronéis legalistas Gervazio Luccas Annes e José Gabriel da Silva Lima, intendentes de Passo Fundo e Cruz Alta, respectivamente, sofrem uma fragorosa derrota no Umbu, local que fica entre a cidade e o atual distrito de Pulador, um pouco

adiante do arroio Pinheiro Torto, seguindo pela velha estrada que levava ao então distrito de Carazinho.

Para retomar Passo Fundo, em mãos dos maragatos, veio de Cruz Alta uma expedição muito bem armada. Os legalistas acabaram destroçados pela cavalaria revolucionária, composta por quatro esquadrões, em sua maioria de lanceiros. Deixaram no campo de batalha mais de 200 mortos, 12 carretas carregadas, com as respectivas boiadas, mais de 500 cabeças de gado vacum e igual número de cavalos, 50 cargueiros, armamento e munição, dois estandartes e 42 prisioneiros. Gervazio Annes, ferido nas costas, e José Gabriel, coçando a barba ao melhor estilo dos macacos, voltaram a toda pressa para Cruz Alta. Diz a tradição oral que, depois do combate, muitos prisioneiros foram degolados e seus corpos lançados em um valo ou lagoa existente nas proximidades.

O certo é que a derrota dos pica-paus no Umbu causou alvoroço em todo o estado, fazendo com que a Brigada Santos Filho, então estacionada em Cachoeira do Sul, como parte da divisão responsável pela proteção da Estrada de Ferro Porto Alegre Uruguiana, fosse mobilizada às pressas para enfrentar os federalistas.

## 5.2 Forças Envolvidas

A ordem para que a tropa castilhista se dirigisse a Passo Fundo foi recebida às 8 horas da manhã do dia 18. Às 13 horas começou o embarque e, à tardinha, o 7º corpo, com alguma cavalaria, seguia de trem para Santa Maria. No dia 22 já estava acampada em Lagoão, próximo de Júlio de Castilhos, quando por ali passou o coronel Gervazio Annes em direção à Capital do estado, em busca de proteção e socorro.

Depois de permanecer entre 26 e 31 de janeiro em Cruz Alta continuou a marcha, reforçada, no dia seguinte, reforçada pelo coronel José Gabriel e 500 homens sob seu comando. No dia 3 de fevereiro já se encontravam em Santa Bárbara, mantendo tiroteio com um piquete federalista, que recuou até o arroio Dois Irmãos. Ali os republicanos pernoitaram, tendo os maragatos quase à vista. Marcha e tiroteio continuaram no dia seguinte até o Jacuizinho. Quatro dias depois, sempre trocando tiros, os pica-paus chegaram à Fazenda dos Mellos, no Pulador, onde acamparam.

A maior parte dessa caminhada, desde Cachoeira do Sul, foi feita abaixo de chuvas torrenciais ou sob intensa umidade, o que dificultou os movimentos da brigada republicana.

Na noite de 7 para 8 de fevereiro, um morador amedrontado com os republicanos, correu e, ferido, foi preso no mato contíguo, onde se escondeu. Acabou dando informações sobre número e localização dos federalistas. Conta a tradição oral que esse “informante”, mais

tarde, acabou enlouquecendo e se suicidando, torturado pelo remorso, autoacusando-se de responsável pela carnificina do dia seguinte.

As forças que se envolveriam no confronto eram constituídas de 1.700 legalistas, dos quais 1.200 pertenciam à Brigada Santos Filho e 500 à tropa sob o comando do coronel José Gabriel, intendente de Cruz Alta, com homens daquele município e de Passo Fundo. Os federalistas, ao redor de 1.500 combatentes divididos em quatro corpos de cavalaria, comandados pelos capitães José Borges Vieira, Verissimo Ignacio da Veiga, Pedro Bueno de Quadros e Elisário Ferreira Prestes.

É interessante frisar que esses caudilhos serranos não tinham o apoio político e em armamentos dispensado por Gaspar da Silveira Martins às forças revolucionárias que atuavam na Fronteira. Adotavam o título de “capitães” porque estavam submetidos à liderança política de Antonio Ferreira Prestes Guimarães, que não tinha, ainda, sido proclamado general, constituindo o Exército Revolucionário Serrano. Embora atuando com plena independência do líder federalista passo-fundense, que desenvolvia intensa atividade armada na Fronteira, os caudilhos serranos se consideravam sob seu comando militar.

Santos Filho informa que sua força era de 1.550 homens e que teria usado apenas 550 combatentes, alguns deles atiradores da gente do coronel José Gabriel. Entre estes estavam a Guarda Municipal de Passo Fundo, criada em 1º de outubro de 1892, pelo intendente (prefeito) Frederico Guilherme Kurtz, e a Guarda Republicana, surgida em 1893, conhecida como Treme-Terra, que dispunha até de uma banda de música.

### 5.3 Plano de Combate

Próximo à Fazenda dos Mellos fica a Coxilha do Umbu. Em 1894 era um bonito rincão de campos limpos, rodeados de matos pelo sul e um arroio. No alto dessa coxilha existiam dois grandes umbus que deram nome ao local de onde se avistava a cidade de Passo Fundo. A Coxilha do Umbu, limitada ao norte pelas nascentes do Rio da Várzea, era na verdade um boqueirão de campo, em meio a dois matos afastados cerca de 300 metros para cada lado da estrada geral, protegidos por profundos valados naturais. Ali os federalistas armaram fortes emboscadas, esperando os atacantes, a exemplo do que ocorrera a 16 de janeiro. Pouca gente aparecia no alto da coxilha.

Às 2 horas da madrugada do dia 8 de fevereiro de 1894 os maragatos haviam se recolhido às posições escolhidas. Uma parte ficara no alto e o restante emboscou-se nos matos ao redor do campo. Nesse horário os republicanos, protegidos pelas brumas da manhã, movimentaram as carretas e o grosso de suas forças para a esquerda da Fazenda dos Mellos, atravessando as nascentes do Rio da Várzea, procurando chegar à posição desejada: a coxilha existente nos Valinhos, bem à esquerda do Umbu. Para ocultar o

movimento, Santos Filho mandou seguir uma linha de cavalaria para uma outra colina que existe à esquerda, apenas com menos matos, simulando aceitar combate.

Quando os maragatos, já com o dia claro, perceberam a manobra abandonaram suas posições e carregaram sobre o esquadrão de lanceiros e a linha de atiradores que o protegia. Era tarde. Os republicanos conseguiam atingir os Valinhos. Os falsos atacantes recuaram. Os revolucionários abandonaram suas posições e lançaram piquetes de tiroteio contra todo o flanco direito dos inimigos, da vanguarda à retaguarda. Os republicanos formando um grande círculo, com o transporte ao centro, marchavam desembaraçadamente para o ponto almejado.

Maragatos e pica-paus acabaram convergindo para o local planejado pela Brigada Santos Filho. Estenderam-se linhas de atiradores, rompendo fogo de ambos os lados por volta das 11 horas e 35 minutos.

#### 5.4 O Local do Combate

Quando estudamos o combate do dia 8 de fevereiro de 1894 a primeira questão que se nos apresenta é a da sua localização. Isso se deve aos nomes que se lhe atribui.

O capitão Pedro Carvalho, que fazia parte do comando da Brigada Santos Filho, foi um dos primeiros a escrever sobre o assunto, em 1897. É bastante claro. Legou, inclusive, uma planta do local. Os republicanos saíram da Fazenda dos Mellos, seguindo sempre para a esquerda. Deixaram uma força de distração na coxilha à esquerda da Coxilha do Umbu, “até chegar à posição desejada, na coxilha dos Valinhos, bem à esquerda dos Umbus”. Esse local recebia o nome de Valinhos, devido às diversas sangas profundas (valinhos) que correm para os locais mais baixos. Na planta publicada por Pedro Carvalho se vê claramente, o traçado retilíneo da antiga estrada Passo Fundo-Nonoai. Santos Filho, em documento do dia 18 de fevereiro, informa que o combate ocorreu no “lugar denominado Valinhos”.

Depois, Prestes Guimarães fala em Areal, que dista nove quilômetros da cidade, próximo dos Valinhos, “protegido por um farto banhado que nasce junto à estrada geral do Passo Fundo a Nonoai”. Ora, esse banhado é o local conhecido atualmente como “Barreiro”, de onde, em tempos pretéritos, eram extraídos barro e areia. Daí, areal.

Antonino Xavier e Oliveira, em diversos trabalhos, fala em Passo d’Areia, o que gera confusão com um local do mesmo nome, situado entre Passo Fundo e Pontão.

Delma Rosendo Gehm que se serve, indistintamente, das informações de Pedro Carvalho, Prestes Guimarães e Antonino usa os nomes de “Areal ou Passo da Areia” e também “Combate do Valinho”.

Qualquer pessoa que tenha inserção na comunidade passo-fundense sabe que, ainda nos dias de hoje (2006), perto do Posto Carga Pesada, há um local conhecido como Passo da Areia, muito distante do Passo da Areia, entre o Distrito de Bela Vista e a cidade de Pontão. Na verdade, há dois locais com o mesmo nome, não muito distantes um do outro.

Não resta dúvidas, pois, que o combate ocorreu na Coxilha dos Valinhos, próximo da estrada Passo Fundo-Nonoai, em local protegido por um grande banhado, o “Barreiro” ou “Passo da Areia”. Portanto, bem próximo de onde hoje se encontra o Bairro Valinhos.

## 5.5 O Auge

Como os maragatos não podiam fazer um ataque direto aos pica-paus o combate tendia à indefinição permanente. Diante disso, os revolucionários mandaram um esquadrão de lanceiros, com três estandartes vermelhos, seguir por uma canhada, chegando às margens do rio Passo Fundo, para atacar os inimigos. Segundo os republicanos eram 500 os lanceiros. Prestes Guimarães afirma que eram menos de 200.

Para receber o assalto da cavalaria, os republicanos formaram quadrados de infantaria e mantiveram linhas de atiradores, evitando que o restante da força adversária alcançasse os matos existentes nas proximidades. Restos desses matos nativos podem ser vistos nas proximidades do Bairro Valinhos. Os cavalarianos atacaram com todo o ímpeto, tentando romper as linhas legalistas. Chegaram a empregar seios de laço, amarrando os laços de um cavalo no outro, estirados nas cinchas, promovendo arrastão dos adversários.

Os atiradores das linhas começaram disparando de pé; ajoelharam-se, depois, e, finalmente, se deitaram, esperando os cavalos com as pontas das baionetas. Muitos cavalarianos chegaram até o centro da força oficial, onde morreram.

O confronto foi rápido. Em meia hora estava encerrado. Os lanceiros recuaram, sob descargas de infantaria.

## 5.6 Morticínio

Conta Pedro Carvalho, de cujas páginas tenho me socorrido, que em menos de uma quadra de circunferência, logo depois da carga, foram contados cerca de 91 mortos,

muitos dos quais oficiais. Tiveram mais de oitenta feridos gravemente. Lembre-se que quadra, enquanto medida de comprimento, correspondia a 132 metros. Muitos outros mortos foram encontrados durante a perseguição que se seguiu ao combate.

Ao final, Santos Filho acaba contabilizando 106 mortos, no campo de batalha, mais 19 na perseguição até a cidade, e um número superior a 120 feridos, cerca de 70 dos quais gravemente.

O tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira, talvez o mais importante prócer republicano passo-fundense que participou do combate, informa que “os bandidos deixaram mais de noventa mortos no campo da luta e enorme quantidade de feridos”.

Os republicanos, conforme documentos assinados pelo coronel Santos Filho, tiveram 35 mortos e 15 feridos, contabilizando entre seus mortos o capitão Joaquim Bittencourt, e 34 praças, inclusive o sargento Valencio Bittencourt, do piquete de Santos Filho; feridos, o tenente-coronel Fidencio Mello, o Major Randolpho Carneiro, os capitães Pedro Maciel e João Baptista, os tenentes Ismael Pereira e Quirino Trindade. Tomaram 70 lanças, 12 Comblain, quatro Winchester, muito armamento Minié, muitas armas de caça, pistolas, espadas, duas bandeiras e inúmeros outros objetos.

Prestes Guimarães informa que os federalistas tiveram 34 mortos e 25 feridos, e dos mortos arrola os capitães Bento Pedra e Antonio Padilha, os tenentes Nonato Francisco de Borba, Emiliano e Silvestre Soares de Miranda e os alferes Izahias Antunes Leite e Damazo, de Xanxerê. Entre os feridos, os capitães Pantaleão Prestes Sobrinho e Francisco Ignacio da Veiga, os tenentes Miguel Fabrício das Neves e Pedro Gaspar e o alferes Chico Ruivo, evidentemente um apelido.

Em ofício datado de 18 de fevereiro, dirigido ao coronel Henrique Guatemosin Ferreira da Silva, seu comandante, Santos Filho afirma que “Dois bandidos enlouqueceram na ocasião do combate”. Prestes Guimarães rebate contando que esses “bandidos” “Eram o capitão-mor Antonio Padilha e o alferes Damazo, que morreram combatendo, eles sós, contra toda a força de Santos Filho. Loucura ou heroísmo? Dizem que o heroísmo é uma espécie de loucura. Sublime loucura na verdade!...”.

Já os republicanos, segundo o general passofundense, teriam tido mais de 60 mortos e cerca de 80 e tantos feridos, que foram conduzidos e tratados em Passo Fundo. Não fala em prisioneiros.

A historiadora Delma Rosendo Ghem, transcreve de O Nacional, edição dedicada aos 115 anos do aniversário de Passo Fundo, a informação de que Manuel Thomaz Rosendo, “Aos 16 anos de idade inscreveu-se nas fileiras legalistas, como voluntário na fraticida

Revolução de 1893 tendo lutado no célebre combate do Passo da Areia, a oito de fevereiro de 1893 (sic), quando vencidos os federalistas, os adversários presos foram passados pelas armas. Manuel Rosendo, sentindo o drama dos moradores, da já então cidade, que apavorada pelos gritos dolorosos da chacina do inimigo vencido, obteve licença do comandante de sua coluna, para convocar a banda do esquadrão e, assim, tocaram durante seis horas consecutivas para abafarem os clamores da matança” (Passo Fundo Através do Tempo, 2º vol., p. 134).

A historiadora passo-fundense é, reconhecidamente, uma autora responsável. Além de fontes escritas serviu-se de testemunhas e da tradição oral. Não atribuiria a seu próprio pai uma informação falsa. Assim, é evidente que, após o combate dos Valinhos, os prisioneiros foram massacrados. Ainda estava bastante presente a derrota sofrida no combate do Umbu pouco mais de 20 dias antes. E é claro que o confronto só pode ter ocorrido, próximo da cidade, para que ali os gritos fossem ouvidos...

A matança dos Valinhos, com os requintes de crueldade que o depoimento deixa transparecer, revela características de vindita. A intensidade do morticínio é indício de que a degola praticada contra os prisioneiros (entre os quais os feridos) no combate do Umbu, registrado pela tradição oral, realmente aconteceu. Assim estaria mais do que justificada a loucura e o suicídio do preso na Fazenda dos Mellos, que se tornou “informante”.

Quando computamos os números de mortos e feridos, tendo sido estes últimos executados, se nos basearmos nos registros dos vencedores, concluímos que o total de vítimas pode ter sido até superior a 200, assim dispostas: 106 mortos no campo de batalha, 19 na perseguição até a cidade, e mais de 120 feridos chacinados. Se a esse número acrescentarmos os 35 federalistas mortos na perseguição até o Arroio Carreteiro, se elevaria a 280. Sem contar os mortos que foram sendo encontrados pelo caminho...

Pedro Carvalho à página 170 de seu livro “Campanha do Coronel Santos Filho” informa que logo após o combate foram sepultados os 35 mortos e carregados os 15 feridos republicanos, seguindo-se a perseguição à retaguarda inimiga. O mesmo autor (Idem, páginas 206 e 207) informa que no dia 3 de junho de 1894, quando a Brigada Santos Filho, já incorporada à Divisão do Norte, retornando do Paraná, via Nonoai/Pontão, “ao passar a divisão pelo lugar onde dera nossa brigada combate aos maragatos, a 8 de fevereiro, pediu o coronel Santos Filho licença ao general Lima para fazer continência ao campo, que estava ainda lastrado de ossamentas. Foi feita a continência”. Se os pica paus mortos foram sepultados, as ossamentas que lastravam o campo só poderiam ser de maragatos...

## 5.7 Perseguição

Prestes Guimarães conta que os vencedores entraram na cidade, ao entardecer, enquanto os vencidos transpunham o rio Passo Fundo protegendo a retirada de famílias, temerosas do vandalismo dos triunfadores, buscando proteção na Serra do Capoeê.

As tropas oficiais passaram o dia 9 de fevereiro na cidade, preparando-se para a perseguição ao inimigo, que seguiu na direção norte. Transferiram toda a munição das carretas para cargueiros, para maior rapidez na mobilização por regiões de serra. Marcharam cedo, no dia 10, encontrando os maragatos já no Povinho, entrada para o Mato Castelhana.

A perseguição propriamente dita começou nesse local e continuou de três para quatro léguas (perto de 20 quilômetros), quando os perseguidos debandaram em todas as direções.

À noite, os federalistas acampados, fora da estrada, às margens do Rio do Peixe, foram atacados. A debandada foi geral. Já haviam perdido três carretas e cerca de 1.500 rezes, um rebanho de ovelhas e muito armamento. Aí, acabaram deixando mais 11 carretas, carregadas de gêneros de fornecimento, munições e mais mil cabeças mansas de gado vacum, dois mil e tantos animais cavaleiros, vinte e tantos cargueiros, perto de 200 lanças, estandartes, muitas Comblains, Remingtons, Winchesters, Miniés, nove cunhetes de munição Minié, dois mil cartuchos de Comblain, pistolas, espadas, facões, cerca de 200 arreamentos e muitos outros objetos. O passo do Rio do Peixe fora interrompido por duas carretas que atolaram naquele local. Isso demonstra que os revolucionários tinham conhecimentos muito rudimentares da arte militar. Enquanto os republicanos se prepararam para ações rápidas eles continuaram empregando o moroso transporte das carretas. Diga-se, a bem da verdade, que compensavam a falta de preparo com a ousadia militar.

Entre o Mato Castelhana e o Rio do Peixe foram contados 35 federalistas mortos, afora os que pereceram afogados. Ao final a contabilidade é de 417 armas apreendidas, sendo 289 lanças, 91 armas de fogo de guerra, 37 de outros tipos, muitas das quais retiradas do fundo d'água.

Dentro de uma carreta estava um oficial ferido, que teve a perna quebrada no combate do dia 8. Foi transportado para a cidade, precisando ter aquele membro amputado. À noite, diversos maragatos apareceram no local, acabando presos e alistados nas forças republicanas.

A perseguição continuou no dia seguinte. Enquanto seesteavam na casa do tenente coronel republicano Diogo Rocha, que estava abandonada, receberam a notícia de que o general Isidoro Fernandes, prisioneiro no combate do Rio Negro, havia conseguido escapar. Para



comemorar a boa nova, atiraram foguetes e bombas de dinamite, que tinham sido aprendidos aos maragatos e fizeram a banda de música tocar.

Os revolucionários, que estavam a pouca distância, no Rio Carreteiro, completamente cheio pelas recentes chuvas, julgando um ataque de artilharia, abandonando o pouco armamento que portavam, lançaram-se nas águas, onde muitos morreram afogados.

Quando aí chegaram, no meio da tarde, os vencedores, vendo que a vitória era completa, acamparam, voltando, no dia seguinte, para o Rio do Peixe, mandando o 4º corpo para Quatro Irmãos, de onde retornou, no dia 15, dizendo não ter feito nada por não ter encontrado adversários. O 10º corpo seguiu para Não-Me-Toque com 1.600 rezes e dois mil animais cavalares.

## 5.8 Cidade Arrasada

No dia seguinte, a Brigada Santos Filho acampou à vista de Passo Fundo, entrando na cidade a 17 de fevereiro. Conta Santos Filho, atribuindo a responsabilidade aos revolucionários:

Dolorosa perspectiva apresentava esta cidade quanto aqui cheguei, com apontada exceção, as casas comerciais saqueadas, tinham as portas escancaradas por onde se viam no interior os destroços do saque, balcões partidos, prateleiras nuas e estraçalhadas. As casas de famílias fechadas, com uma ou outra janela entreaberta, as ruas desertas e fétidas, aqui e ali cadáveres estrangulados, restos de carniça em putrefação, enfim, tudo exsudava essa amarga tristeza que sucedesse aos grandes crimes. Ao longo dos caminhos o mesmo espetáculo notava-se, igual luto, tamanha desolação! Os malefícios e canibalismos praticados pelos miseráveis atingem à soma incalculável, havendo casas completamente saqueadas em valor superior a 80 contos.

Santos Filho permaneceu em Passo Fundo até 25 de fevereiro quando começou o retorno para Cruz Alta, indo pernoitar no Pinheiro Torto.

## 5.9 Guerra Total

Prestes Guimarães, que nesse período estava exilado na Argentina, afirma que, após o Combate dos Valinhos os revolucionários fracionados tomaram várias direções, a maior parte seguindo para Soledade. Verissimo Ignacio da Veiga, continuou resistindo na Serra do Capoerê.

Em fins de fevereiro, já refeitos, os maragatos planejaram cercar Santos Filho. Retornaram a Passo Fundo, reforçados com uma força comandada pelo coronel Francisco dos Santos Teixeira Vaz (avô do ex-prefeito de Passo Fundo César José dos Santos), que tinha casa em Carazinho. Antes que o plano fosse posto em prática é que Santos Filho retornou para Cruz Alta acompanhado de algumas famílias republicanas.

“Para cortar recurso ao inimigo, ou por pilhagem, mandou antes arrebanhar mais de oito mil cabeças de gado vacum do município, e tocou para Cruz Alta”, assegura Prestes Guimarães. O líder federalista afirma que “houve plano assentado para render Passo Fundo, cidade maragata, pela fome, tirando-lhe todos os recursos”.

Quando estudamos esse período vemos que as lideranças republicanas de Passo Fundo se revelaram de uma incompetência política a toda prova. O município, na prática, era administrado pelo intendente de Cruz Alta, José Gabriel. Era ele quem dava ordens aos legalistas passo-fundenses. Sirva de exemplo o documento transcrito por Prestes Guimarães, datado de Cruz Alta, 23 de dezembro de 1893, que não chegou às mãos do destinatário, o tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira, porque foi apreendido pelos revolucionários:

“Devemos tirar ao inimigo todos os recursos nas serras onde se ocultam, e por isso quanto antes deveis mandar pôr fogo em todas as serras, sem contemplação para plantações e choradeiras. Nas serras nos vem o dano, assim fogo em todo o mato e quanto antes, pois faltos de recursos sairão para o campo onde os aniquilaremos. Esta minha ordem não sofre alteração, nem irresolução”.

E esses homens são nomes de ruas, praças e escolas. Que belo exemplo para as novas gerações!

#### 5.10 Observação Final

Os federalistas, que se opunham ao governo do Estado (Júlio de Castilhos) e da República (Floriano Peixoto) foram, de início, chamados de vira-bostas. Virabosta ou vira-bostas é o nome comum de um pássaro (*Molothrus Bonariensis*), que anda pelos currais, para alimentar-se de sementes encontradas nos excrementos dos cavalos e outros animais de trato. Esse apelido se deve ao fato de que as forças federalistas eram formadas principalmente pela Cavalaria.

Posteriormente, passaram a ser chamados de maragatos porque alguns dos uruguaios que faziam parte das forças de Gomercindo Saraiva eram originários da cidade de San José, colonizada por imigrantes espanhóis originários da comarca de Maragatería, na província de León. Embora ambos os lados empregassem combatentes platinos, a

imprensa governista procurava desmoralizar os revolucionários, dizendo constituir-se de uma tropa invasora formada por estrangeiros.

Os defensores do governo se auto-intitulavam republicanos e eram conhecidos como pica-paus, devido à cor do uniforme, que se parecia com uma das muitas espécies desse pássaro nativo. Angelo Dourado ouviu de um soldado serrano, no dia 26 de junho de 1894, véspera da Batalha do Pulador, a designação de “pés-chatos”, para os militares que defendiam Júlio de Castilhos, possivelmente pelo tipo de calçado que usavam.

Do Livro

Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo

Data : 30/11/2006

Título : 8 Combates Menores ou Menos Conhecidos

Categoria: Artigos

Descrição: Como vimos, a Revolução Federalista iniciou em Passo Fundo, em novembro de 1891, com a organização de forças revolucionárias comandadas por Antônio Ferreira Prestes Guimarães...

## 8 Combates Menores ou Menos Conhecidos

Como vimos, a Revolução Federalista iniciou em Passo Fundo, em novembro de 1891, com a organização de forças revolucionárias comandadas por Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que dominaram a maior parte do Município e os republicanos, sob a liderança do coronel Francisco Marques Xavier, mais conhecido como Coronel Chicuta. Estes promoveram a concentração de civis armados, na então Praça Boa Vista, onde hoje se localiza o Instituto Educacional, no Bairro Boqueirão. O motivo de toda essa mobilização foi o fechamento do Congresso nacional, a 3 de novembro daquele ano, pelo Marechal Deodoro da Fonseca.

Como o objetivo deste trabalho não é historiar a Revolução Federalista em Passo Fundo, listarei combates, alguns deles de pequena envergadura, travados entre forças revolucionárias (maragatos, federalistas ou gasparistas) e legalistas (pica-paus ou

castilhistas) no perímetro do então município de Passo Fundo. Como a maioria das forças envolvidas era constituídas de tropas irregulares poucos registros ficaram desses encontros armados. Reservo capítulos especiais para os mais importantes e documentados, quais sejam, pela cronologia em que ocorreram: Combate do Boqueirão (4 de junho de 1893), Combate do Arroio Teixeira, também conhecido como Combate do Guamirim (20 de novembro de 1893), Combates do Passo do Cruz (20 de dezembro de 1893), Combate do Umbu (16 de janeiro de 1894), Combate dos Valinhos (8 de fevereiro de 1894), Combate dos Três Passos (6 de junho de 1894) e Batalha do Pulador (27 de junho de 1894).

Como os leitores poderão verificar, discordando de todos aqueles que, antes de mim, escreveram sobre fatos da Revolução Federalista em Passo Fundo, entendo que não se pode falar em Combate do Passo do Cruz, mas em dois combates distintos no mesmo dia. Embora os federalistas tivessem a mesma composição militar, enfrentaram duas forças muito diversas entre si, o que caracteriza, no meu entendimento, dois combates distintos, ainda que num só local e numa só data.

### 8.1 Combate do Tope

Em 28 de maio de 1893 o intendente Gervazio Luccas Annes, acompanhado pelo capitão Eleutherio dos Santos Lima e uma força de 100 homens, abandonou Passo Fundo, em direção a Cruz Alta, acampando às margens do Rio da Várzea, mudando acampamento, mais tarde para o Rincão do Pessegueiro.

Mandou uma força de 25 soldados, comandados pelo capitão Eleutherio acompanhar as tropas vindas de Soledade. Perto do Tope os republicanos encontraram-se com forças comandadas por José Antônio de Souza (Palmeira), Elisário Ferreira Prestes e José Borges Vieira. Travaram tiroteio. Os legalistas recuaram até o Passo da Carreta Quebrada, onde se entrincheiraram, alimentaram-se e se recolheram ao grosso da tropa.

### 8.2 Combate do Passo dos Britos

No dia 3 de junho de 1893 os capitães Eleutherio dos Santos Lima e Rodolfo de Oliveira saíram com um piquete de reconhecimento. Ao chegarem no Passo dos

Brito, na antiga estrada que ligava Passo Fundo a Soledade, surpreenderam a retaguarda federalista. Prenderam dois revolucionários e grande quantidade de gado vacum e cavalari.

O Passo dos Britos fica no Arroio Pinheiro Torto, que nasce nos banhados entre a Vila Vera Cruz e a Vila Operária. À época da Revolução Federalista era conhecido como Lageado dos Brito, a partir do Jabuticabal.

### 8.3 Combate do Povinho

Poucos dias depois do Combate do Boqueirão, uma força de 53 homens, chefiados por Antônio Lemos de Oliveira, alcunhado de Antônio Alemão, João Bueno e Antônio de Padua Holanda Cavalcanti, além tenente coronel Leôncio Rico, deslocando-se de Lagoa Vermelha, atacou um piquete de 150 maragatos, acampados no Povinho, atual Município de Mato Castelhana. Eram comandados por Frederico Schultz.

A finalidade desse grupamento revolucionário era obstar a passagem de reforços vindos de Lagoa Vermelha para socorrerem os pica-paus de Passo Fundo, pois os maragatos acreditavam é que dali viria socorro para os comandados do intendente Gervazio Luccas Annes. Tal expectativa se devia ao fato de que diversos líderes republicanos passo fundenses, como os coronéis Lucas José de Araújo, Leoncio Rico e outros castilhistas locais lá estavam abrigados.

Os revolucionários foram surpreendidos pela madrugada, sendo completamente desbaratados. Frederico Schultz e mais nove companheiros teriam morrido em combate. O número de castilhistas feridos foi bastante elevado. Os atacantes obtiveram seis prisioneiros, grande quantidade de cavalos, arreios, armas, e alguma munição. Os pica-paus tiveram apenas seis feridos leves, segundo a historiadora Delma Rosendo Gehn. Com a vitória castilhista no Combate do Boqueirão (4 de junho de 1893) os federalistas passo-fundenses dispersaram-se. Apenas no Campo do Meio permanecia uma força de 150 homens, comandados por Frederico Schultz.

### 8.4 Combate do Campo do Meio

As forças de Gomercindo Saraiva entraram em Passo Fundo no dia 13 de outubro de 1893, à noite. Aqui apreenderam documentos segundo os quais o capitão Antônio Chachá Pereira, responsável pela segurança de Passo Fundo, recebera ordem do próprio Júlio de Castilhos para entrincheirar-se no Mato Castelhana, impedindo a passagem dos maragatos. Essa ação era fundamental, pois a coluna era seguida de perto pela Divisão do Norte e seria colocada entre dois fogos.

Chachá Pereira, que apareceria alguns anos mais tarde, na Campanha de Canudos, resolveu entrincheirarse no Campo do Meio (Ametista). Ali cavou trincheiras, com cerca de 300 homens de infantaria, bem armados.

De longe os pica-paus viram quando a enorme coluna de cavalarianos libertadores se aproximava pela velha estrada das tropas. Piquetes de potreadores, pelos lados,

percorriam os campos arrebanhando todo o tipo de gado que podiam reunir, para servir de suprimento aos seus e cortar o reabastecimento da Divisão do Norte.

Quando a vanguarda de Juca Tigre se apercebeu, estava frente à frente com os adversários entrincheirados. Era quase meio-dia. Lançaram cargas de cavalaria que foram repelidas pelos castilhistas. Tentaram aproximarse rastejando; não o conseguiram. O combate continuou no dia seguinte. À noite desse segundo dia os maragatos decidiram abrir uma picada pelo mato e envolver a retaguarda de Chachá Pereira. Dito e feito: às primeiras horas da manhã os pica-paus foram postos entre dois fogos.

No local do combate, protegido por um mato, existe um cemitério com os corpos de maragatos e pica-paus que ali ficaram unidos pela morte. Sepultaram-nos moradores de Campo do Meio/Ametista.

Chachá Pereira reuniu seus principais assessores e decidiu uma ação temerária: abandonar tudo e abrir picada em direção à Colônia Militar de Caseros. Foram deixadas carretas com munições, objetos pessoais e até jóias de família. Cortando carrascais e terrenos íngremes, caçados por atiradores maragatos que os perseguiram por entre a selva, os pica-paus conseguiram chegar a Lagoa Vermelha. De lá, recuaram pelo Passo do Barracão para Santa Catarina, enquanto as lideranças castilhistas lagoenses abandonavam a cidade, segunido para Alfredo Chaves (Veranópolis).

Os relatos federalistas são completamente diferentes. Nestes, o combate não foi tão demorado. E as forças republicanas não teriam cometido os atos de bravura contados por ele e seus comandados.

Depois desse combate, a retaguarda maragata, comandada por Aparício Saraiva, ainda enfrentaria a Divisão do Norte, já no Município de Lagoa Vermelha.

### 8.5 Combate do Butiá

Aconteceu a 26 de novembro de 1893, na localidade de Butiá. Participaram do confronto um corpo federalista comandado pelo capitão Theodoro Ignacio da Veiga, irmão do coronel Verissimo Ignacio da Veiga e uma força da Brigada Militar comandada pelo capitão Eleutherio dos Santos Lima.

Os maragatos, com muito pouco armamento, foram apanhados de surpresa, tendo de abandonar o campo de batalha após um rápido combate.

## 8.6 Combate do Pontão

Foi travado no dia 1º de junho de 1894, a uma légua e meia (cerca de 9 quilômetros do Pontão, na Direção de Passo Fundo, entre a Divisão do Norte, que regressava do Paraná, reforçada pela Brigada Santos Filho.

Pelos dados disponíveis foi na localidade conhecida como Lagoa Bonita, onde reza a tradição oral que havia um velho cemitério, com mortos a poucos quilômetros da atual cidade de Pontão, um combate entre federalistas e pica-paus.

No combate, bastante rápido, uma avançada maragata enfrentou a vanguarda da Divisão do Norte. O piquete federalista cumpria a missão de atrair os legalistas para uma posição propícia a uma carga de lança seca, o que se viria, poucos dias depois, no Combate dos Três Passos.

Não ficou registro escrito de mortos e feridos entre as forças em luta.

## 8.7 Combate do Jabuticabal

No dia 4 de junho de 1894 a Divisão Norte, reforçada pelas Brigadas de Santos Filho e Firmininho de Paula, acampou na entrada de Passo Fundo, saída para a direção de Soledade. Hoje o local é ocupado pela Vila Jerônimo Coelho.

À tarde desse dia, os pica-paus travaram novo combate com um piquete maragato. Há o testemunho de que os revolucionários deixaram três prisioneiros.

A história oral registra que o combate aconteceu próximo do local onde hoje está localizado o Loteamento Jabuticabal. Do confronto, alguns combatentes caíram mortalmente feridos, sendo que um jovem morador das proximidades, de nome João Ribeiro, foi encarregado de transportar os mortos e dar-lhes sepultura. O rapaz usou um carroção de puxar barro para a olaria da família e os cadáveres foram lançados na sanga que separa a Vila Jerônimo Coelho, de uma chácara dos Irmãos Maristas, e cobertos com a terra do próprio barranco daquele córrego.

Nesse mesmo dia os castilhistas prenderam o “famigerado”, como eles mesmos deixaram escrito, padre Manoel Thomaz de Souza Ramos que, poucos dias depois, foi degolado e enterrado nas margens do Jacuizinho, no local denominado Pinheiro Mercado, entre Carazinho e Santa Bárbara.

## 8.8 Outros Combates

Em minhas pesquisas sobre a Revolução Federalista em Passo Fundo consegui levantar informações sobre diversos combates de pequena intensidade realizados no município. Os dados, porém são muito limitados, especialmente, repito, porque se tratou de uma guerra irregular.

Como já deixei claro em textos publicados na imprensa passo-fundense, e em exposições feitas durante conferências e seminários, o que tivemos na região de Passo Fundo (especialmente depois da Batalha do Pulador) foi uma autêntica guerra de guerrilhas (maragatas) e contra-guerrilhas (pica-paus). E nesse tipo de guerra os registros que restam são muito poucos. É uma guerra silenciosa. E depois, os arquivos oficiais foram perdidos ou extraviados, como, também, sói acontecer nos combates contra guerrilheiros.

Termino repetindo: A revolução federalista em Passo Fundo foi o grande laboratório militar para as Guerras de Canudos, do contestado, da Coluna Prestes e dos movimentos revolucionários posteriores. Em todos eles sempre estiveram envolvidos veteranos da revolução da degola.

A Revolução Federalista representa um momento privilegiado da divisão fratricida iniciada com Manoel José das Neves e Joaquim Fagundes dos Reis, continuando ao longo da história local.

Do Livro

Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo

Data : 05/12/2010

Título : A Atualidade de Antonio Vieira

Categoria: Artigos

Descrição: O que tem um escritor que nasceu há quase quatrocentos anos com os dias de hoje?

A Atualidade de Antonio Vieira



Paulo Monteiro\*

O jesuíta Antonio Vieira, nascido em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608 e falecido em Salvador a 18 de julho de 1697 é um clássico. Etmilogicamente falando um daqueles autores lidos nas classes, as salas de aula. Um dos consolidadores da língua portuguesa, na opinião dos mais representativos escritores dessa mesma língua. Seus Sermões, reunidos em quinze alentados volumes, foram traduzidos para as principais línguas vivas e mortas. Além disso deixou outras numerosas obras.

O que tem um escritor que nasceu há quase quatrocentos anos com os dias de hoje? Tudo. O grande pregador censurava os pregadores de seu tempo que se omitiam quanto aos fatos contemporâneos. Daí vem sua atualidade.

Essa ligação entre Vieira e os dias de hoje fortaleceu-se com leitura de uns e a releitura de outros textos do tribuno enfeixados na raríssima edição dos Sermões, em quinze volumes, feita entre 1907 e 1909, pela Livraria Chardron, do Porto, valioso presente que recebi de meu velho e bom amigo Luis Carlos De César.

Aproximam-se eleições para deputados estaduais e federais, senadores, governadores de Estado e presidente da República. E chegam em meio a denúncias de corrupção, como nunca se viu na História do Brasil.

No Sermão da Primeira Dominga do Advento, pregado na Capela Real, em 1660, após lembrar que a maioria dos reis hebreus dos tempos bíblicos não se salvou, afirmava com todas as letras: "Dos reis, como dos outros homens, nós não sabemos quais se salvam, nem quais se perdem" (Sermões, I, 47). Dirigindo-se aos homens comuns ("cristãos"), aos governantes ("príncipes") e aos sacerdotes ("ministros"), lembra que o grande pecado era a omissão. "Sabei, cristãos, sabeis príncipes, sabeis ministros, que vos há de pedir estreita conta do que fizestes: mas muito mais estreita do que deixaste de fazer"(I, 50).

Antonio Vieira repete: "... os pecados que ultimamente hão de levar os condenados ao inferno, são dos pecados de omissão". (I, 51). Logo a seguir, na mesma página, exemplifica: "O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia". E define o peso do pecado, cujo sentido original é desobediência: "A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete, e com mais dificuldade se conhece, e o que mais facilmente se comete e dificilmente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo: e pecado que nunca é má obra, e algumas vezes pode ser obra boa; ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este pecado". (I, 51).

A omissão era, continuou e permanece o grande pecado. Os comandantes militares das revoluções gaúchas não degolavam, mas eram omissos com a degola. Gomercindo Saraiva, herói da Revolução Federalista, contava entre seus homens de confiança dois degoladores: um se chamava Ringo e outro era seu próprio primo-irmão Cezário Saraiva. O general Joca Tavares, deixou documento, onde se referindo aos pica-paus degolados depois do Combate do Rio Negro, "que foram expirar num mato próximo". Firmino de Paula Filho, comunicou a Júlio de Castilhos a degola do Boi Preto num telegrama lacônico: "Vingado Rio Negro". E o general passo-fundense Antonio Ferreira Prestes Guimarães,

resume o que aconteceu no Combate dos Três Passos, onde até os cadáveres dos pica-paus foram degolados, em três palavras: "Não houve prisioneiros".

Não precisamos, porém, voltar àquela guerra fratricida. Fiquemos nos tempos de hoje: prefeitos, presidentes de câmaras de vereadores, governadores, presidentes da República, ninguém, mas absolutamente ninguém, sabe das barbaridades que acontecem ao lado dos próprios gabinetes, evoluindo seus assessores corruptos. É o pecado da omissão.

Noutra famosa peça oratória, que deveria ser lida por todos, o Sermão do Bom Ladrão, pregado na Igreja da Misericórdia de Lisboa, no ano de 1605, Antonio Vieira começa dizendo que o melhor lugar para expor o tema a que se propunha era a Capela Real.

Após lembrar que Cristo, na cruz, prometeu conduzir o "Bom Ladrão" ao Paraíso, sentencia: "Levem os Reis consigo ao Paraíso ladrões, não é companhia indecente, mas ação tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ela coroou e provou o mesmo Cristo a verdade do seu reinado tanto que admitiu na cruz o título de rei. Mas o que vemos praticar em todos os reinos do mundo, é tanto pelo contrário, que em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões é que levam consigo os reis ao inferno"(Sermões, V, 56).

O autor de A Arte de Furtar lembra o caso de Zaqueu que prometeu devolver, corrigidos, todos os bens roubados. E assegura que "... a restituição do alheio sob pena de salvação, não só obriga aos súditos e particulares, senão também aos cetros e às coroas. Cuidam, ou devem cuidar alguns príncipes, que assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A Lei da restituição é Lei natural e Lei divina. Enquanto Lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez iguais a todos; e em quanto Lei divina também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que eles. Esta verdade só tem contra si a prática e o uso". (V, 61).

"O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera..." (V, 64), afirma Antonio Vieira, assegurando que não são apenas ladrões os que roubam uma bolsa, mas também os governantes que saqueiam províncias e cidades. Lembra o caso do cínico Diógenes, que ao ver "que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bardar: Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos". Fazendo-nos meditar sobre decisões de uma Justiça que manda prender miseráveis e autoriza o silêncio de ladrões diante de comissões parlamentares de inquérito.

Antonio Vieira demonstra dever-se a corrupção ao fato de que enquanto "Deus não faz eleição dos homens pelo que sabe que hão de ser, senão pelo que de presente são" (...) "as eleições e os provimentos que se usam, não se fazem assim". E leciona que a fórmula para os reis saberem se seus assessores são ladrões ou não está ensinada em João X, 1: "... aquele que não entra pela porta do curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador". Assim, doutrina: "A porta por onde legitimamente se entra ao ofício, é só o merecimento; e todo o que não entra pela porta, não só diz Cristo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: Fur est, et latro. E por que é duas vezes ladrão? Uma vez porque furta o ofício, e outra vez pelo que há de furta com ele. O que entra pela porta, poderá vir a ser ladrão, mas os que não entram por ela já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela

amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, e outros pela negociação. E quem negocea não há mister outra prova; já se sabe que não vai a perder. Agora será ladrão oculto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jerônimo, a diferença de fur e latro". (V, 67 e 68).

Ora, aí está, dito e escrito há mais de 350 anos, mas parece que dito e escrito agora, neste ano da Graça de 2006, a maneira como os governantes elegem (escolhem) seus assessores. E qual é a conseqüência disso? Aquilo que Francisco Xavier informou a D. João III: "que o verbo rapio na Índia se conjugava por todos os modos".

Essa lembrança inspirou uma das mais belas e (infelizmente) perenes páginas do autor da História do Futuro:

"O que eu posso acrescentar, pela experiência que tenho, é, que não só do Cabo da Boa Esperança para lá, mas também das partes daquém, se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo rapio; porque furtam por todos os modos da arte, não falando em outros novos e esquisitos, que não conheceu Donato, nem Despautério. Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos práticos, é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque como têm o mero e misto império, todo ele aplicam despoticamente às execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam; e para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. Furtam pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem; e gabando as coisas desejadas aos donos delas, por cortesia sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo conjuntivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daqueles que manejam muito; e basta só que ajuntem a sua graça, para serem, quando menos, meeiros na ganância. Furtam pelo modo potencial, porque sem pretexto, nem cerimônia usam de potência. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes, em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados e as terceiras, quantas para isso têm indústria e consciência. Furtam juntamente por todos os tempos, porque do presente (que é o seu tempo) colhem quanto dá de si o triênio; e para incluírem no presente o pretérito e o futuro, do pretérito desenterram crimes, de que vendem os perdões e dívidas esquecidas, de que se pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas, e antecipam os contratos, com que tudo o caído, e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, plusquam perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma que o resumo de toda essa rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar. E quando eles têm conjugado assim toda a voz ativa, e as miseráveis províncias suportado toda a passiva, eles, como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos; e elas ficam roubadas, e consumidas".

Parece que o "Crisóstomo Português" acreditava que esse estado de coisas era imutável. Não é verdade. Basta que os ofícios (cargos públicos) sejam providos (preenchidos) pelo merecimento (competência e honestidade, cujo símbolo é o pastor das ovelhas) e não pelo parentesco (nepotismo), pela amizade (apadrinhamento), pela valia (subserviência),

pelo suborno (compra do cargo) ou pela negociação (acordo político). "Elementar, meu caro Watson!".

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Ano : 2013

Título : A Atualidade do Padre Antonio Vieira

Categoria: Artigos

Descrição: O jesuíta Antonio Vieira, nascido em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608 e falecido em Salvador a 18 de julho de 1697 é um clássico.

Paulo Monteiro

O jesuíta Antonio Vieira, nascido em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608 e falecido em Salvador a 18 de julho de 1697 é um clássico. Etmologicamente falando autor lido nas classes, as salas de aula. Um dos consolidadores e mais representativos escritores da língua portuguesa. Os seus Sermões, em quinze alentados volumes, foram traduzidos para os principais idiomas vivos e mortos. Deixou outras numerosas obras.

O que tem um escritor que nasceu há quase quatrocentos anos com os dias de hoje? Tudo. Censurava os pregadores de seu tempo que se omitiam diante dos fatos contemporâneos. Daí vem sua atualidade.

A leitura de uns e a releitura de outros sermões fortaleceram em mim o vínculo entre Vieira e os dias de hoje. Devo esse prazer ao meu velho e bom amigo Luis Carlos De César, que me presenteou com a raríssima edição dos Sermões, em quinze volumes, feita entre 1907 e 1909, pela Livraria Chardron, do Porto.

Aproximam-se novas eleições. E chegam em meio a denúncias de corrupção, como nunca se viu na História do Brasil.

No Sermão da Primeira Domingo do Advento, pregado na Capela Real, em 1660, após lembrar que a maioria dos reis hebreus dos tempos bíblicos não se salvou, afirmava com todas as letras: "Dos reis, como dos outros homens, nós não sabemos quais se salvam, nem quais se perdem" (Sermões, I, 47). Dirigindo-se a homens comuns, governantes e sacerdotes, lembra que o grande pecado era a omissão e que Deus lhes pedirá "estreita conta do que fizestes: mas muito mais estreita do que deixaste de fazer"(I, 50).

Antonio Vieira repete: "... os pecados que ultimamente hão de levar os condenados ao inferno, são dos pecados de omissão". (I, 51). Logo adiante exemplifica: "O salteador na

charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia". E define o peso do pecado, cujo sentido original é desobediência: "A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete, e com mais dificuldade se conhece, e o que mais facilmente se comete e dificilmente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo: e pecado que nunca é má obra, e algumas vezes pode ser obra boa; ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este pecado". (I, 51).

A omissão era, continuou e permanece o grande pecado. Os governantes não cometem crimes, mas acercam-se de bandidos. Basta ler os livros de história e os jornais diários para comprová-lo. Os príncipes sempre alegaram desconhecer as barbaridades que acontecem ao lado dos próprios gabinetes, envolvendo seus assessores corruptos. É o pecado da omissão.

Noutra peça oratória, que deveria ser lida por todos, o Sermão do Bom Ladrão, pregado na Igreja da Misericórdia de Lisboa, no ano de 1655, Vieira começa dizendo que o melhor lugar para expor o tema a que se propunha era a Capela Real.

Após lembrar que Cristo, na cruz, prometeu conduzir o "Bom Ladrão" ao Paraíso, sentencia: "Levem os Reis consigo ao Paraíso ladrões, não é companhia indecente, mas ação tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ela coroou e provou o mesmo Cristo a verdade do seu reinado tanto que admitiu na cruz o título de rei. Mas o que vemos praticar em todos os reinos do mundo, é tanto pelo contrário, que em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões é que levam consigo os reis ao inferno"(Sermões, V, 56).

O autor de A Arte de Furtar lembra o caso de Zaqueu que prometeu devolver, corrigidos, todos os bens roubados. E assegura que "... a restituição do alheio sob pena de salvação, não só obriga aos súditos e particulares, senão também aos cetros e às coroas. Cuidam, ou devem cuidar alguns príncipes, que assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A Lei da restituição é Lei natural e Lei divina. Enquanto Lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez iguais a todos; e em quanto Lei divina também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que eles. Esta verdade só tem contra si a prática e o uso". (V, 61).

"O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera..." (V, 64), afirma Antonio Vieira, assegurando que não são apenas ladrões os que roubam uma bolsa, mas também os governantes que saqueiam províncias e cidades. Lembra o caso do cínico Diógenes, que ao ver "que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos". Fazendo-nos meditar sobre decisões de uma Justiça que manda prender miseráveis e autoriza o silêncio de ladrões diante de comissões parlamentares de inquérito.

Antonio Vieira demonstra dever-se a corrupção ao fato de que enquanto "Deus não faz eleição dos homens pelo que sabe que hão de ser, senão pelo que de presente são" (...) "as eleições e os provimentos que se usam, não se fazem assim". E leciona que a fórmula para os reis saberem se seus assessores são ladrões ou não está ensinada em João X, 1: "... aquele que não entra pela porta do curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é

ladrão e salteador". Assim, doutrina: "A porta por onde legitimamente se entra ao ofício, é só o merecimento; e todo o que não entra pela porta, não só diz Cristo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: Fur est, et latro. E por que é duas vezes ladrão? Uma vez porque furta o ofício, e outra vez pelo que há de furtar com ele. O que entra pela porta, poderá vir a ser ladrão, mas os que não entram por ela já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, e outros pela negociação. E quem negoceia não há mister outra prova; já se sabe que não vai a perder. Agora será ladrão oculto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jerônimo, a diferença de fur e latro". (V, 67 e 68).

Ora, aí está, dito e escrito há mais de 350 anos, como se fosse dito e escrito neste ano da Graça de 2006, como os governantes elegem (escolhem) seus assessores. E qual é a consequência disso? Aquilo que Francisco Xavier informou a D. João III: "que o verbo rapio na Índia se conjugava por todos os modos".

Essa lembrança inspirou uma das mais belas e (infelizmente) perenes páginas do autor da História do Futuro:

"O que eu posso acrescentar, pela experiência que tenho, é, que não só do Cabo da Boa Esperança para lá, mas também das partes daquém, se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo rapio; porque furtam por todos os modos da arte, não falando em outros novos e esquisitos, que não conheceu Donato, nem Despautério. Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos práticos, é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque como têm o mero e misto império, todo ele aplicam despoticamente às execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam; e para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. Furtam pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem; e gabando as coisas desejadas aos donos delas, por cortesia sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo conjuntivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daqueles que manejam muito; e basta só que ajuntem a sua graça, para serem, quando menos, meeiros na ganância. Furtam pelo modo potencial, porque sem pretexto, nem cerimônia usam de potência. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtem, e estes comprem as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes, em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados e as terceiras, quantas para isso têm indústria e consciência. Furtam juntamente por todos os tempos, porque do presente (que é o seu tempo) colhem quanto dá de si o triênio; e para incluírem no presente o pretérito e o futuro, do pretérito desenterram crimes, de que vendem os perdões e dívidas esquecidas, de que se pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas, e antecipam os contratos, com que tudo o caído, e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, plusquam perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma que o resumo de toda essa rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar. E quando eles têm conjugado assim toda a voz ativa, e as miseráveis províncias suportado toda a passiva, eles, como se tiveram feito

grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos; e elas ficam roubadas, e consumidas".

Parece que o "Crisóstomo Português" acreditava que esse estado de coisas era imutável. Não é verdade. Basta que os ofícios (cargos públicos) sejam providos (preenchidos) pelo merecimento (competência e honestidade, cujo símbolo é o pastor das ovelhas) e não pelo parentesco (nepotismo), pela amizade (apadrinhamento), pela valia (subserviência), pelo suborno (compra do cargo) ou pela negociação (acordo político). Além da escolha de homens íntegros pregava que os governantes obrigassem seus assessores ladrões a devolverem o que roubaram, como Jesus determinou a Zaqueu. Não basta a simples prisão dos ladrões porque passados alguns meses vão desfrutar dos bens roubados. (V, 85)."Elementar, meu caro Watson!".

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Data : 01/12/2010

Título : A Bíblia

Categoria: Artigos

Descrição: Creio não ser mera coincidência o fato de que a primeira obra que li foi uma velha ...

A Bíblia 1

Paulo Monteiro (\*)

Meu bom e querido amigo pastor Cidinei Nunes sugeriu que eu escreva uma coluna para Jornal Tribuna Gospel. Como há mais de 30 anos pratico o jornalismo literário, tendo publicado centenas de artigos sobre livros, creio iniciar por uma análise do livro mais lido e traduzido do mundo, a Bíblia Sagrada.

Creio não ser mera coincidência o fato de que a primeira obra que li foi uma velha edição portuguesa das Sagradas Escrituras, herança de um tio-bisavô meu. Thimoteo Luiz Osório da Silva, e que está em minha família há mais de um século.

Como se trata de um jornal de massas acredito que a melhor maneira de iniciar minha colaboração é por uma análise extrínseca da Bíblia, começando pelos seus aspectos

formais, externos, de livro propriamente dito, e, aos poucos, ir avançando para o conteúdo intrínseco, de obra religiosa, mesmo.

Adotarei um sistema de perguntas e respostas, aproveitando muitos questionamentos que, seguidamente, algumas pessoas me fazem, sabendo que sou um leitor compulsivo.

### 1. O que é a Bíblia?

O vocábulo bíblia vem do grego biblos, termo empregado para identificar a parte interna da folha do papiro (cyperus papyrus), sendo empregado mais tarde como sinônimo de livro. O diminutivo de biblos (de onde vem a palavra livro) é biblón, tendo como plural bíblia. Assim, a significação de bíblia é “livrinhos”. Portanto, bíblia, do ponto de vista etimológico, quer dizer “coleção de pequenos livros”. E a Bíblia é exatamente isso: um conjunto de 24 ou 22 livros, para os judeus, de 66 para os evangélicos e 73 livros para os católicos romanos.

### 2. Como é a bíblia dos judeus?

A Bíblia Hebraica se baseia em antigos manuscritos em língua hebraica, transmitida pelos escribas (religiosos que se dedicavam a reproduzir à mão os escritos sagrados) e corresponde aos 39 livros do Antigo Testamento das bíblias usadas pelos evangélicos. A divisão dos livros, porém é diferente. Os judeus não aceitam o Novo Testamento, pois não aceitam que Jesus seja o Messias. Eles ainda esperam pelo Mashíahh ou Kristós, em grego, que significa “O unguido”.

A bíblia dos judeus é classificada por eles em LEI: Gêneses, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, escritos por Moisés (cinco livros); PROFETAS: Josué, Juízes, os dois livros de Samuel, os dois de Reis, que são os Profetas Anteriores, e os Profetas Posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel, também chamados de Profetas Maiores, mais os Profetas Menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (estes num único livro), totalizando oito livros proféticos, e os Escritos: Salmos, Provérbios, Jô, O Cântico de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias (num único livro), Crônicas (1 e 2 juntos), totalizando 24 livros.

Em alguns manuscritos aparecem Rute anexado a Juízes e Lamentações a Jeremias, para somar 22 livros, coincidindo com o número das letras do alfabeto hebraico. A ordem dos livros pode variar, dependendo da fonte usada pelos editores.

### 3. Como é a Bíblia Evangélica?

A Bíblia usada pelas igrejas evangélicas, consta de 39 livros do Antigo Testamento, correspondendo à Bíblia dos judeus, na seguinte ordem: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2, Samuel, 1 Reis, 2, Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, O Cântico de Salomão, Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

É muitíssimo importante salientar que os tradutores evangélicos aceitam os escritos originais em hebraico, para o Antigo Testamento. A exemplo dos rabinos e dos mestres judeus reconhecem como espúrios e até heréticos os acréscimos à Septuaginta, uma tradução feira para o grego por volta do anos 285 a.C.



O Novo Testamento é formado de 27 livros: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo, 2, Timóteo, Tito, Filêmon, Hebreus, Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Judas e Apocalipse.

\*(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Data : 31/10/1997

Título : A Biografia de Ademar Tavares

Categoria: Resenhas

Descrição: Basta que sejam lidas as 168 trovas dele, publicadas em apêndice á sua biografia.

### A Biografia de Ademar Tavares

por Paulo Monteiro

Eno Teodoro Wanke é autor de 805 obras, entre livros e opúsculos, sendo sua mais recente publicação ADELMAR TAVARES, UM TROVADOR AO LUAR (BIOGRAFIA E ANTOLOGIA), Edições Plaquete, Rio de Janeiro. São 284 páginas onde esse paranaense, pesquisador e criador literário, história a vida do poeta pernambucano Ademar Tavares (1888-1963) que, aos 38 anos, chegou á Academia Brasileira de Letras da qual seria presidente. Tendo estreitado literariamente muito jovem (1907) com o livro DESCANTES, escrito em parceria com Carlos Estevão (1880-1946), Manoel Monteiro (1880-1952), Silveira Carvalho (1888-1908), Ademar continuou fiel a um estilo literário muito ao gosto popular.

A popularidade desse primeiro livro acompanharia Ademar Tavares pela vida inteira, tanto que suas Poesias Completas mereceram duas edições no espaço de apenas cinco anos (1953 e 1958). E sua poesia se tornou popular é porque respondia á sensibilidade de um grande número de leitores. Menino de engenho cresceu ouvindo os repentistas, o que apurou seu gosto pelo ritmo, fazendo com que seus poemas sejam de grande musicalidade.

Esses fatores, somados ás influências da época em que ocorreu sua formação e precoce maturidade poética, levaram-no a identificar-se com a quadra em redondilha maior e rimas cruzadas, que é o poema de forma fixa conhecido popularmente como trova, em esquemas rimáticos ABCB e ABAB. Entretanto, não se pense que a poemática de Ademar

é desleixada, visto que, constantemente, polia seus poemas, buscando um apuramento cada vez melhor dos mesmos.

Assim é que, nos anos 50 deste século, quando milhares de poetas passaram a cultivar a trova literária, pelo seu prestígio como poeta, Ademar Tavares passou a ser o padrinho desse movimento (Trovismo) que, no ano passado, comemorou 40 anos e do qual Eno Teodoro Wanke é seu maior historiador com a tetralogia A TROVA, A TROVA POPULAR, A TROVA LITERÁRIA e o TROVISMO.

Ademar Tavares, hoje, não é um poeta lido como há décadas passadas, mas tem admiradores fiéis como o próprio autor de sua biografia. Ademar, porém, foi o avalista daquele movimento que ainda perdura, com dezenas de entidade que congregam os cultores da trova literária. O estudo de sua biografia é útil aqueles que se preocupam com a evolução da cultura brasileira. O gosto, essa figura que existe, mas não pode ser pesada ou medida, o gosto literário não pode ser aferido apenas com a análise das figuras representativas de correntes ou escolas poéticas, recolhidas aos manuais escolares. Esse gosto somente vai ser realmente verificado com a busca do entendimento daqueles poetas que podem ser lidos e apreciados pelo homem comum. Ademar Tavares foi e continua sendo um desses poetas. Basta que sejam lidas as 168 trovas dele, publicadas em apêndice á sua biografia.

Eno Teodoro Wanke, a exemplo de seus outros livros de pesquisa, realiza um trabalho ao mesmo tempo consciencioso e apaixonado. Com ADELMAR TAVARES, UM TROVADOR AO LUAR talvez contribua para que a obra poética do poeta de Myriam, esgotada há muito tempo, possa ser reeditada e a prefeitura se sua centenária e querida Goiana certamente contribuirá para tanto.

O Cidadão.

31/10/97

Data : 28/08/1998

Título : A Caneta e o Divã

Categoria: Resenhas

Descrição: Psicologia e Psicanálise têm sido, empregadas como instrumentos de trabalho decríticos literários.

A Caneta e o Divã

Psicologia e Psicanálise têm sido empregadas como instrumentos de trabalho de críticos literários. Agora um psicanalista brasileiro se dedicou a estudar processos usados na redação de trabalhos sobre sua profissão, especialmente relatórios de atendimento a pacientes. Até mesmo por isso ESCREVER A CLÍNICA, o livro de Renato Mezan, é interessante.

O livro, editado pela Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., apresenta uma visão das obras psicanalíticas a partir do seu próprio interior porque escrito por um especialista e professor de sua especialidade. Mezan põe a caneta no divã. Noutras palavras: partindo da realidade visível, o texto, com parágrafos, orações, palavras, sons. etc..., o Autor chega à lógica da própria escrita. Bom exemplo encontramos nas aulas 2, 3 e 4 (págs. 29 e 115), dissecando um artigo de sua própria autoria e o processo até a versão impressa.

Assim, o volume representa um referencial para psicólogos e psicanalistas que desejem escrever bem sobre suas experiências profissionais. Referencial esse que se firma também nos conhecimentos das técnicas de redação que o Autor demonstra, com discrição, ao longo do livro.

ESCREVER A CLÍNICA surge, inicialmente, como linguagem oral; posteriormente é polido para publicação em letra de forma. Esse dado é importante para que não tenha a aspereza dos manuais acadêmicos; apesar do jargão psicanalítico, inevitável, qualquer pessoa medianamente esclarecida pode ler com relativa tranquilidade, entendendo.

Conhecimento do tipo de escrito, de técnicas de redação, experiência expositiva e domínio da matéria mais o uso do estilo coloquial escrito (v. págs. 192 e seguintes) contribuem para a inteligibilidade das lições. Com isso, o Curso de Renato Mezan acaba transcendendo o espaço originalmente ocupado pelo público a que se destinou sob a forma oral. ESCREVER A CLÍNICA é um pássaro que deixou a gaiola acadêmica e foi pousar pelas estantes esclarecidas do Brasil.

Agradaram-me as páginas correspondentes às quatro primeiras aulas e as de número 8, 11, 13 e 16, pois, mais do que as outras, podem ter aproveitamento prático por tantos quantos escrevam. E são as asas da palavra bem escrita que concedem transcendência a esse livro do professor da PUC paulistana, superação dos limites tradicionalmente fixados pelos estudos especializados, conduzindo o leitor além da leitura de ofício.

Do Jornal

O Cidadão

28/08/1998

Data : 10/10/2007

Título : A Capital Nacional da Literatura e a História de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: O título de "Capital Nacional da Literatura" e a lei que conferiu essa honraria a Passo Fundo não caíram de pára-quebras, nem foram concedidos como benesses de tribunais cesaristas.

Paulo Monteiro

O título de "Capital Nacional da Literatura" e a lei que conferiu essa honraria a Passo Fundo não caíram de pára-quebras, nem foram concedidos como benesses de tribunais cesaristas. O acaso, o milagre, a exceção à regra existem. No mundo das leis dão forma às aberrações jurídicas, o que está na moda ao vermos uma miserável ser encarcerada durante meses por furtar duzentos gramas de alimento para saciar a fome de uma filha faminta, enquanto o tribunal máximo deste país assegura proteção total a saqueadores dos cofres públicos.

A preocupação com a Literatura em Passo Fundo vem de muito longe. Podemos datá-la, para efeitos meramente ilustrativos, como ação coletiva, de 15 de fevereiro de 1883. Nessa data foi fundado o Clube Amor à Instrução, que manteve uma rica biblioteca. Alguns exemplares desse acervo fazem parte do setor de obras raras da Biblioteca Pública de Passo Fundo. Assim, a primeira iniciativa coletiva, em termos culturais, levou à organização de uma biblioteca e despertou para outras práticas culturais comunitárias, materializadas no Clube Literário Passo-Fundense (1º de março de 1891), no Clube Literário e Recreativo (25 de março de 1897), que manteve um grupo de teatro amador, e no Grêmio Dramático Passo-Fundense (1º de junho de 1899).

O extremismo partidário contribuiu para que, ao contrário de tantas outras cidades, tivéssemos uma imprensa paupérrima, até meados da década de 1920. Nossos jornais eram meros instrumentos do oficialismo político, órgãos a serviço dos "coronéis castilhistas" que comandavam Passo Fundo com mão de ferro.

Apesar da violência política, responsável pela tradição fratricida que marca a vida local, até sob a forma decisória elitistas quanto aos assuntos de interesse comum, a preocupação com a cultura perpassa nossa história e encontraria um de seus pontos máximos a 7 de abril de 1938, com a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras. Entre seus fundadores listam-se adversários políticos irreconciliáveis como o coronel e historiador republicano Arthur Ferreira Filho e o poeta libertador Gomercindo dos Reis. E foi no seio desse sodalício, instalado como Academia, a 7 de abril de 1961, que frutificaram idéias como a da própria Universidade de Passo Fundo.

Com o Grêmio Passo-Fundense de Letras nossa produção literária assume uma fase nova. A entidade estimula a publicação de artigos nos diários do município e cresce a impressão de livros de autores locais, como o romance Irapuã (1955 e 1962), de Jorge Cafruni; alguns opúsculos de Antonino Xavier e Oliveira e Atlântida (1948) e Aborígenes Panamericanos (1950), de Gabriel Bastos. Também são dados a lume Nuvens e Rosas e Jardim de Urtigas, ambos de 1957, com poemas de Gomercindo dos Reis, entre mais obras de outros autores. Ademais, em décadas mais ou menos recentes, nossas escolas

de nível médio, abrigaram grêmios literários e torneios culturais, inspiradores de toda uma geração que iniciou a Jornada Nacional de Literatura e suas Jornadinhas Literárias.

Como já tive oportunidade de afirmar numa palestra proferida durante a Semana das Letras Passo-Fundenses, em abril de 2002, depois publicada na revista Água da Fonte (Dois Romancistas Passo-Fundenses, Rev. Cit., Ano 1 - nº 0 - Dezembro de 2003, págs. 27 e 28, e Alguns Poetas Passo-Fundenses, Idem, Ano 1 - nº 1 - Abril de 2004, págs. 7 a 10), nossos autores fazem uma literatura esteticamente ultrapassada e por isso não tivemos nenhum escritor que se projetasse além dos limites municipais.

Cruz Alta possui Erico Verissimo; Santa Maria ofereceu Felipe de Oliveira ao Modernismo; Pelotas é a terra do maior regionalista brasileiro, Simões Lopes Neto; Quaraí deu os romancistas Dionélio Machado e Ciro Martins; de Alegrete saiu Mário Quintana; Uruguaiana ofereceu o "poeta mártir" Alceu Wamosy; em São Leopoldo nasceu Viana Moog, autor de belos romances e do clássico Bandeirantes e Pioneiros; Vacaria veio com Raimundo Faoro, de Os Donos do Poder, uma das obras basilares do moderno pensamento social brasileiro... Seria uma longa lista de cidades gaúchas com autores representativos. Infelizmente, nenhum poeta ou prosador autêntico da "Capital Nacional da Literatura" ainda alcançou reconhecimento estadual ou nacional.

A inexistência de uma literatura local sólida, em Passo Fundo, é plenamente justificável, pois enquanto o Município destina verbas para um carnaval de rua de qualidade duvidosa e fornece dinheiro para a reconstrução ou ampliação de escolas de samba e outros quejandos mais, não cumpre, desde 1992, com sua obrigação de recuperar o prédio da Academia Passo-Fundense de Letras, tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal.

Para fortalecer a literatura passo-fundense defendo a criação de um fundo para a edição dos seus autores. A exemplo do que ocorre em outras cidades, estaremos beneficiando o parque gráfico local, que tem impresso obras de excelente qualidade gráfica. Nossas instituições de ensino superior também têm feito publicar trabalhos de professores e alunos em edições que, muitas vezes, nem chegam a três centenas de exemplares, situação que não pode continuar. Mas que esses recursos, a exemplo de outros que temos visto algures, não acabem concentrados em mãos de pessoas que terminam recebendo o mesmo tipo de ajuda "do além" como a conferida ao ex-deputado federal João Alves - aquele que era campeão de ganhar nas loterias...

Deveriam ser realizadas oficinas literárias, abertas a tantos quantos escrevam ou queiram bem escrever. Não é nenhuma novidade; é uma exigência. Tanto que tem gente que anda ganhando dinheiro às custas dessa necessidade alheia e, muitas vezes, dos próprios ministradores das "oficinas". De igual modo, poderia ser aproveitada a idéia do jornalista Rodrigo Pimentel: um Curso Superior de Letras, destinado à formação de escritores.

Enfim, há todo um universo de iniciativas que devem ser tomadas para que o tálamo seja bem aproveitado para um bom povoamento da "Capital Nacional da Literatura". É só seguir os exemplos que deram certo aqui mesmo. Caso contrário, esse nobilíssimo título seguirá o destino de outros que orgulhosamente já ostentamos: Terra do Trigo, Cidade Mais Gaúcha do Rio Grande...

A sanção da lei que institui Passo Fundo como "Capital Nacional da Literatura" é o reconhecimento oficial, mas não basta a certidão de casamento. Urge a consumação do ato. Nesse sentido, a apresentação do "Anteprojeto das ações que consolidarão a cidade

de Passo Fundo como 'Capital Nacional da Literatura"', a 6 de março último, significou que sentamos no leito conjugal. É um belo documento e parece que, por decisão dos dáimons do Olimpo, já está sendo imposto com todo o vigor dos mandamentos divinamente inspirados.

A História, não se faz apenas com belos documentos. Muitas vezes cresce à margem deles. As vontades particulares apenas se realizam como verdades permanentes quando respondem a interesses coletivos e incorporam as massas. Provam-no os três grandes eventos que acontecem aqui: a Jornada Nacional de Literatura, o Festival Internacional de Folclore e o Rodeio Tradicionalista. Se não reunissem multidões iriam tão longe quanto a nau bestialógica apontando na direção do Botucaraí, a partir do Trevo do Secchi. Sirva de exemplo a Jornada Nacional de Literatura, iniciada em 1981, que já mobilizou centenas de milhares de pessoas, leitmotiv que levou ao reconhecimento oficial de Passo Fundo como "Capital nacional da Literatura".

O "anteprojeto", revelado naquela tarde calorenta de março, está recheado de méritos, a começar pelas suas intenções de consolidar a posição alcançada. Não é demérito, entretanto, ressaltar que apresenta, no geral, uma certa "ostentação material". Talvez, como diria o Analista de Bagé, uma "compensação" pela nossa "indigência intelectual". Cabe lembrar a opinião expressa pelo professor Alcides Guareschi, na própria reunião, para quem o anteprojeto apresentado trata-se de "um conjunto arquitetônico a ser aprisionado ao longo da Avenida Brasil, longe dos nossos bairros e de escolas que muitas vezes não têm nem bibliotecas". E é destes que saem as crianças que dão um colorido especial às Jornadas Nacionais de Literatura.

Erguer monumentos é plantar símbolos. Devemos ir além da tradição "aristocrática" de títulos, medalhas e mausoléus. É preciso ainda ter cuidado com esse tipo de prática e considerar se valem mais a aparência ou a essência. Nossos monumentos têm servido para a ação de pichadores e depredadores, publicamente estimulados por elementos formados na própria Universidade. Na Antiga Estação Ferroviária há locais onde os vigilantes da Prefeitura estão proibidos de ingressar. "Tá tudo dominado!"

Para evitar que esses monumentos sirvam de mictórios e motéis públicos devem simbolizar algo com que a comunidade se identifique. Não se pode esquecer que Passo Fundo possui milhares de analfabetos funcionais e muito mais gente que mal sabe assinar o próprio nome e acolherar algumas poucas letras.

Em caso de Arte, o melhor aconselhamento está com as musas. Estas, mais do que os mestres da Estética, ensinam que Arquitetura e Literatura, pelos materiais particulares que empregam, o mais das vezes, são artes antípodas.

Se Clio e Calíope, matronas da História e da Eloquência, aconselham bom senso as demais recomendam bom gosto se não quisermos dar o que fazer a Mêlpomene e Talia, senhoras da Tragédia e da Comédia. Com sua voz lírica, Políminia segreda que simples árvores de letras podem acabar, como a amendoeira do poeta, frutificando nos jardins de Érato, a elegíaca. Terpsícore, sarandeando, acrescenta que gostaria de girar na Praça do Teixeirinha (nosso Paulo Coelho de vinil), aos dedilhados do Capitão Rodrigo e aos acordes do bandônio do Tio Lautério.

Urânia, ouvindo as estrelas de Bilac, se imagina em outro largo entre Bibiana, Ana Terra, Capitu, Dona Flor e tantas outras personagens maravilhosas. Euterpe, com a voz mais

afinada que a harpa do rei Davi, circula num espaço dedicado à "Vila dos Confins", homenageando o bacharelismo botocudo, diante do centro administrativo municipal, ao lado do deputado Paulo Santos, aprendendo espertezas com Antônio Chimango, e aquela cena inesquecível do pescador calçando a sucuri, como se fosse uma bota...

10/10/2007

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Data : 30/09/2007

Título : A Capital Nacional da Literatura e História Literária de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: A sanção da lei que institui Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura presta-se a diferentes interpretações.

Capital da Literatura

A Capital Nacional da Literatura e História Literária de Passo Fundo

por Paulo Monteiro

Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha

A sanção da lei que institui Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura presta-se a diferentes interpretações. Lei é lei e fato é fato. Cabe-nos, agora, laborar para que a vontade legal entre para o mundo das coisas reais, consume-se. Não basta a certidão de casamento. Urge a consumação do ato. Nesse sentido, a reunião havida no campus da Universidade de Passo Fundo no último dia 6 de março significou que sentamos no tálamo.

No momento em que Passo Fundo comemora os seus 150 anos de independência política-administrativa, ocorrida a 28 de janeiro de 1857 e não a 7 de agosto daquele ano, quando foi instalada a Câmara Municipal, o documento apresentado como "anteprojeto" e parece que já, por imposição dos dáimons do Olimpo, com todo vigor dos mandamentos divinamente inspirados, deve merecer uma reflexão sobre a história cultural e literária do Município.

O "anteprojeto das ações que consolidarão a cidade de Passo Fundo como "Capital Nacional da Literatura", apresentado ao público naquela data é um belo documento. A História, porém, não se faz somente com belos documentos. Muitas vezes cresce à

margem deles. As vontades particulares apenas se realizam como verdades permanentes quando respondem a interesses coletivos e incorporam as massas. Provam-no os três grandes eventos que acontecem aqui: a jornada Nacional da Literatura, o Festival Internacional de Folclore e o Rodeio Tradicionalista. Se não reunissem milhares de pessoas iriam tão longe quanto a nau bestialógica apontando na direção do Botucaraí, a partir do Trevo do Sechi”.

Sirva de exemplo a jornada Nacional de Literatura, iniciada em 1981, que já mobilizou centenas de milhares de pessoas, sendo o leitmotiv que levou ao reconhecimento oficial de Passo Fundo como “Capital Nacional da Literatura”.

O “anteprojeto” apresentado naquela tarde calorenta de março é, caracteriza-se por um. E como toda obra elitista é desumana.

A preocupação com entupigaitar ainda mais nossas avenidas, como monumentos reproduz uma tradição “aristocrática”. Esta se materializa através de títulos, medalhas e mausoléus. Mais do que a essência, a aparência. É preciso ter cuidado com esse tipo de prática. Os monumentos que temos servem para a ação de pichadores e depredadores- muito dois quais publicamente estimulados por elementos formados na própria Universidade- Pela forma de alguns desses monumentos, com toda certeza servirão de mictórios e motéis públicos. O que não é de estranhar-se numa cidade de onde o policiamento responsável pela segurança de mais de quarenta mil famílias é retirado para proteger a propriedade de uma única família em Coqueiros do Sul.

É o caso de monumentos e outras atividades previstos para a Antiga Estação Ferroviária. Em certos locais daquela área os vigilantes da Prefeitura estão publicados de ingressar porque é reduto de traficantes, viciados, cafetões e baixo meretrício.

Como lembrou muito bem o professor Alcides Guareschi, na própria reunião, trata-se de um conjunto arquitetônico a ser aprisionado ao longo da Avenida Brasil, longe dos nossos bairros. Escolas que, muitas vezes não tem bibliotecas. E é destes que saem as crianças que dão um colorido especial às Jornadas Nacionais de Literatura.

A preocupação com a literatura em Passo Fundo vem de muito longe. Podemos data-la, enquanto ação coletiva, de 15 de fevereiro de 1883, quando foi fundado o Clube Amor à Instrução, que manteve uma rica biblioteca. Alguns exemplares desse acervo fazem parte do setor de obras raras da Biblioteca Pública de Passo Fundo.

Assim, a primeira iniciativa coletiva, em termos culturais, levou à organização de uma biblioteca e despertou para outras práticas culturais comunitárias, materializadas no Clube Literário passo \_Fundense (1º de março de 1891) e ao Clube Literário e Recreativo ( 25 de março de 1897), que manteve um grupo de teatro amador, e o Grêmio Dramático Passo-Fundense (1º de junho de 1899).

O extremismo partidário contribui para que, ao contrário de tantas outras cidades, tivéssemos uma imprensa paupérrima, até meados da década de 1920. Nossos jornais eram meros instrumentos do oficialismo político, órgãos a serviço dos “coronéis castilhistas” que comandavam Passo Fundo com mão de ferro.

Apesar da violência política, responsável pela tradição fratricida que marca a vida local, a preocupação com a cultura, perpassa nossa história e encontraria um dos seus pontos máximos a 7 de abril de 1938, com a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras.



Entre seus fundadores listam-se adversários políticos irreconciliáveis como o republicano Arthur Ferreira Filho e o poeta libertador Gomercindo do Reis. E foi no seio desse sodalício, transformado em Academia, a 7 de abril de 1961, que frutificaram ideias como a as própria Universidade de Passo Fundo.

Com o Grêmio Passo-Fundense de Letras nossa produção literária assume uma fase nova. A entidade estimula a publicação de artigos nos diários do município e começam crescer a impressão de livros de autores locais, como o romance Irapuã (1955 e 1962), de Jorge Cafruni, alguns opúsculos de Antônio Xavier e Oliveira e Atlântida (1948) e Aborígenes Panamericanos (1950), de Gabriel Bastos. Também são dados a lume Nuvens e Rosas e Jardim de Urtigas, ambos de 1957, com poemas de Gomercindo dos Reis.

Como já tive oportunidade de afirmar numa palestra proferida durante a Semana das Letras Passo-Fundense, em abril de 2002, depois publicada na revista Água da Fonte (Dois Romancistas Passo-Fundenses, Ver. Cit. Ano 1- nº 0- Dezembro de 2003, págs. 27 e 28 e Alguns Poetas Passo-Fundenses, idem, Ano 1, nº 1- abril de 2004, págs 7 a 10), nossos autores fazem uma literatura esteticamente ultrapassada e por isso não tivemos nenhum autor que se projetasse além dos limites municipais.

Cruz Alta possui Érico Verísssimo, Santa Maria ofereceu Felipe de Oliveira ao Modernismo, Pelotas é terra do maior regionalista brasileiro, Simões Lopes Neto, Quaraí deu os romancistas Dionélio Machado e Viro Martins, de alegrete saiu Mário Quintana, Uruguiana ofereceu o “poeta mártir” Alceu Wamosy, em São Leopoldo nasceu Viana Moog, autor de belos romances e do clássico Bandeirantes e Pioneiros ou Vacaria com Raimundo Faoro de Os Donos do Poder, uma das obras basilares do moderno pensamento social brasileiro. Seria uma longa lista cidades gaúchas com autores representativos. Infelizmente nenhum autor da Capital Nacional da Literatura alcançou reconhecimento estadual ou nacional.

A inexistência de uma literatura local sólida, em Passo Fundo, é plenamente justificável, pois enquanto o Município destina verbas para um carnaval de rua de qualidade duvidosa, fornece dinheiro para a reconstrução de escolas de samba e outros quejantes mais, não cumpre desde 1992, com sua obrigação de recuperar o prédio da Academia Passo-Fundense de Letras, tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal.

Para fortalecer a literatura passo-fundense defendo que Passo Fundo precisa criar um fundo para a edição dos seus autores. Estaremos beneficiando o parque gráfico local, que tem dado a lume obras de excelente qualidade gráfica. Nossas instituições de ensino superior, também, tem feito publicar trabalhos de professores e alunos. Em edições que, muitas vezes, nem chegam a três centenas de exemplares. Situação que não pode continuar. Mas que esses recursos, a exemplo daqueles que são destinados à criança e ao adolescente, não acabam concentrados em mãos de pessoas que terminam recebendo o mesmo tipo de ajuda conferida ao ex-deputado federal João Alves (aquele que era campeão de ganhar nas loterias).

Deveriam ser realizadas oficinas literárias, abertas a tantos quantos escrevam ou queiram escrever. Não é nenhuma novidade. É uma exigência, tanto que tem gente que anda ganhando dinheiro às custas dessa necessidade alheia- e, muitas vezes dos próprios

ministradores das “oficinas”. De igual modo, poderia ser aproveitada a ideia do jornalista Rodrigo Pimentel: um Curso de Letras destinado à formação de escritores.

Enfim, há todo um universo de iniciativas que devem ser tomadas para que o tálamo seja bem aproveitado para um bom povoamento da “Capital Nacional da Literatura”. É só seguir os exemplos que deram certo, aqui mesmo. Caso contrário, esse nobilíssimo título seguirá o mesmo de outros que orgulhosamente já ostentamos: Terra do Trigo, Cidade Mais Gaúcha do Rio Grande...

30/09/2007.

Data : 01/01/2013

Título : A Carta de um Mestre

Categoria: Artigos

Descrição: O jornalista Paulo Monteiro recebeu diversas cartas a respeito de seu artigo “Literatura local”...

O jornalista Paulo Monteiro recebeu diversas cartas a respeito de seu artigo “Literatura local”, publicado na Revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras, no. 2, que, sob forma de separata está circulando entre escritores de todo o País. Uma dessas correspondências é originária de Guarapari, no Espírito Santo, e assinada pelo escritor e lingüista Gualberto Bruno de Andrade, que transcrevemos a seguir, integralmente:

“Guarapari (ES), 09 de abril de 2005

Prezado escritor Paulo,

Fui presenteado nesta data, pelo correio, com um xerox de seu “Literatura local”, pela Amiga comum, jornalista e escritora, Maria do Carmo, do Rio de Janeiro.

Li com muito cuidado e atenção o que você afirma. Dou-lhe inteira razão. Atualmente há muitas pessoas, principalmente no Sul do Brasil, Rio Grande de forma especial, dedicando-se à confecção de Antologias. Lembra-me meu tempo de escola no Sul de Minas Gerais. Naquela época, as Antologias burilavam, ou melhor, catavam os artigos burilados por escritores já famosos. E em suas páginas eram publicados trabalhos de Machado, Bilac, Coelho Neto, Erico Verissimo, Castilho, Camilo, Herculano, Frei Luis de Souza, Vieira e alguns poucos mais. Hoje, os editores somente editam trabalhos dos que se proponham a comprar o espaço, à base de R\$ 100,00 por 30 linhas. Ora, assim, não há prévia seleção dos artigos a serem publicados. E quanta bobagem se publica, quanta demonstração de ignorância se observa, quanto desconhecimento da língua pátria. E,

quando um editor diz haver convidado alguns críticos, a primeira pergunta que nos sugere é a seguinte: “Será que esses críticos têm mais capacidade que eu?”

Tenho recebido algumas antologias, como: “Del’Sechi” (má revisão, alguns poucos artigos bons). É do Rio de Janeiro. “Antologia do IV concurso grandes nomes da nova literatura brasileira”, editada pela Phoenix. Só no prefácio, pág. 7, há mais de 30 erros de Português. “Poesi Brasil 2004”, editado pela DGF, de Ibirité, Minas. Horrível sob todos os aspectos. Salvam-se 4 escritores. Do RS, costumo receber um jornal bilíngüe de nome “LERELER” (bonzinho); “Letras Contemporâneas”, de Roque Gonzalez. Nele se publicou até um artigo meu. Razoável. De Caxias do Sul, a Ivone Vebber publicou “Brasil Literário 2005”. Há um artigo meu. Quanto ao aspecto formal, nota zero. Há alguns bons artigos. A Associação Santa-Mariense publicou “IX Antologia em Prosa e Verso”. Aspecto formal é muito bom. Há alguns bons artigos. O maior problema (e você fala em literatura local) é a linguagem dos escritores do Sul: muito regionalismo desconhecido, o que dificulta demais a leitura. Note que sou professor e me dedico às letras há longos anos. Esses artigos continuarão apenas no Sul, pois serão rejeitados por leitores de outros Estados.

Não sei se você é originário do Sul do Brasil, mas seu trabalho agrada e é compreensível, compreendido por qualquer leitor que tenha um pouco que seja de instrução.

Juntamente com seu trabalho, recebi “O negócio literário”, do jornalista Affonso Romano de Sant’Ana, de “O Globo”. E ele menciona a dificuldade que o escritor enfrenta ao pretender ser aceito por uma editora. Só para você ter uma idéia, residi em São Paulo por mais de quarenta anos. Tentei conseguir alguém que editasse um livro de poesias elaborado com todo o carinho. Resposta quase unânime: “Amigo, hoje em dia não se vende poesia”. Tentei, em dez editoras, a publicação de uma gramática portuguesa. Aproximadamente quinhentas páginas. A apenas a Saraiva se interessou, desde que eliminasse tudo o que havia de grego, latim, francês, inglês, italiano e espanhol. Alegação: “ninguém mais conhece latim ou grego”.

Aceite meus parabéns e fraternal abraço.

Gualberto Bruno de Andrade”

Data : 26/03/2014

Título : A Chicago dos Pampas

Categoria: Artigos

Descrição: 1974. Tem gente com saudade daqueles tempos. "Tempos em que tínhamos segurança", dizem. Só se havia segurança para quem vivesse no mundo da lua.

1974. Tem gente com saudade daqueles tempos. "Tempos em que tínhamos segurança", dizem. Só se havia segurança para quem vivesse no mundo da lua. Par nós que vivíamos em Passo Fundo, hoje "Capital Nacional da Literatura", isso não era verdade.

A cidade, interiorana, semirural, com poucos automóveis, muitas carroças, charretes e gaiotas, puxadas a cavalo, vivi aterrorizada pela quadrilha de Jorge Cabeludo. Um grupo de jovens, filhos do êxodo rural. Quase todos os filhos e pais e mães forçados a abandonarem as lavouras, expulsos pela soja, pelo trigo e pelas máquinas agrícolas. Conheci vários deles.

Eu trabalhava na redação de um vespertino (jornal que circula à tarde), intitulado, por isso, JORNAL DA TARDE. Entrevistei vários daqueles jovens. Um deles, cognominado Jorge Tripa, após ser entrevistado por mim, na minha frente, foi esbofetado por um inspetor de polícia, que se voltou para este escriba e perguntou, serenamente: "Você não viu nada?"

Jorge Tripa me contou várias aventuras do grupo. A começar por um caso famoso. A quadrilha dominou um casal que assava um churrasco, E enquanto obrigavam o homem a assar a carne e a servir bebida aos quadrilheiros, estes se revezavam no estupro coletivo da senhora. Depois de "saciados em seus instintos sexuais", beberem e churrasquearem, mataram o homem.

Acusando Jorge Cabeludo do assassinato, Jorge Tripa, terminou a entrevista, com a serenidade de um filósofo estoico da Antiguidade:

- Eu sou mau, mas o "Cabeludo" é muito mais!

Assaltos, estupros, assassinatos, roubos de todos os tipos, aquela quadrilha espalhou pelo Norte do Rio Grande do Sul, durante largo tempo.

Enquanto isso, em Passo Fundo, agentes do serviço de informações do Exército, e do serviço secreto da Brigada Militar (PM) e do DOPS, da Polícia Civil, espionavam os opositores ao Regime Ditatorial. Infiltravam-se nos Grêmios Estudantis, nos Diretórios Acadêmicos e até no PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

Há poucos dias, um velho e atuante "companheiro" do Setor Jovem do MDB, que era inspetor de polícia, hoje aposentado, me confidenciou:

- Paulo, quando eu participava daquelas reuniões do MDB eu fazia espionagem. Eu era o chefe do DOPS em Passo Fundo, mas nunca "dedei" ninguém. Eu nunca "dedei" ninguém. Eu sei de outros que "dedavam".

Enquanto isso, e graças a tudo isso, as polícias fazendo espionagem política, enquanto a quadrilha de Jorge Cabeludo aterrorizando a Região, Passo Fundo adquiriu o título vergonhoso de "Chicago dos Pampas".

De fato, o povo brasileiro tem memória curta. Quem viveu (e inda vive) na "Chicago dos Pampas" que o diga.

Data : 07/11/2011

Título : A ciência como ela é...

Categoria: Resenhas

Descrição: O lançamento de “A ciência como ela é...”, de Gilberto R. Cunha, na próxima quinta-feira, dia 10 de novembro, às 17 horas, na 25ª Feira do Livro de Passo Fundo...

A ciência como ela é...

Paulo Monteiro (\*)

O lançamento de “A ciência como ela é...”, de Gilberto R. Cunha, na próxima quinta-feira, dia 10 de novembro, às 17 horas, na 25ª Feira do Livro de Passo Fundo, seguramente, será uma das atividades mais exitosas do evento.

Conheço o Autor há vários anos, através dos seus livros e artigos divulgados na imprensa local. Conviver com ele, na Academia Passo-Fundense de Letras, contribuiu para aprofundar o conhecimento de sua obra. A exemplo deste, li os dois mais recentes (“Cientistas no divã” e “Galileu é meu pesadelo”) ainda nos originais.

Gilberto R. Cunha é um cientista reconhecido. Assim, tinha tudo para ser um daqueles intelectuais odiados por Søren Kierkegaard e Arthur Schopenhauer, sobre os quais deixaram algumas das páginas mais duras da Filosofia. Gilberto R. Cunha, porém, é a antítese daqueles pavões liliputianos, hoje enterrados no aterro sanitário da História, que tanto irritavam os pais do existencialismo contemporâneo.

Já escrevi que o autor de “A ciência como ela é...” escreve com rara clareza, o que o diferencia da maioria dos auto-intitulados “acadêmicos”. Pensadores comprometidos com o humanismo, de há muito, constataram que vivemos um novo período escolástico. Membros de um clero laico, por um direito satânico, expressando-se numa nova língua morta, lançam a fogueiras morais quem não faça parte desta ou daquela ordem, também laica. E a ciência transformou-se num debate entre alienados, já descritos pelo “jovem Marx” de “A Ideologia Alemã” e de “A Miséria da Filosofia”.

Gilberto R. Cunha é um humanista, e, como humanista, escreve para homens e não para “daimons”. Ao modelo dos grandes humanistas, que plasmaram as ciências, de Platão, aos contemporâneos, escreve para ser entendido. Daí, naturalmente, sua preocupação, nos últimos livros com a Filosofia da Ciência. O trocadilho que faz com “A vida como ela é...”, de Nelson Rodrigues não tem nada de inocente. Ambos (Nelson e Gilberto) deixam o Ser e penetram na Essência. Cada um, a seu modo e a seu tempo, apropriam-se da “epistême”.

A experiência do Autor, como Chefe-Geral da Embrapa Trigo, de 1º de março de 2006 a 5 de setembro de 2010, permitiu-lhe ver “a ciência como ela é...” e os “cientistas como

eles são”. Durante mais de um lustro, Gilberto R. Cunha aprendeu Filosofia da Ciência na própria carne. Aprendamos, também, com ele.

(\*) Paulo Monteiro é autor dos livros “A Trova no Espírito Santo – História e Antologia –”, “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo”, “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas” e “A Campanha da Legalidade em Passo Fundo”, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, literários e culturais.

Data : 03/06/1998

Título : A coleção Filosofia da EDIPUC/RS

Categoria: Resenhas

Descrição: Os leitores de O CIDADÃO já conhecem o trabalho da EDIPUCRS no campo da publicação de obras filosóficas.

#### A coleção Filosofia da EDIPUC/RS

Os leitores de O CIDADÃO já conhecem o trabalho da EDIPUC/RS no campo da publicação de obras filosóficas. Nessa área é responsável pela Coleção Filosofia, já no volume 77. Ali podem ser encontrados autores nacionais consagrados, jovens estreantes e clássicos universais. Nestes dias de frio andei aquecendo minha alma inquieta nas páginas de alguns livros ultimamente editados nessa Coleção.

Levado pela simples curiosidade iniciei pela leitura de CATÃO, O VELHO ou DIÁLOGO SOBRE A VELHICE, de Marco Túlio Cícero (106 - 43 AC), um dos mais famosos oradores da Antigüidade. O volume, com introdução, tradução e notas de Marino Kury, interessa pela própria filosofia de Cícero quanto pelas anotações que acompanham o texto bilingüe. Não apenas aqueles que se preocupam com assuntos filosóficos, mas também os estudantes da História Antiga devem ler esse clássico.

Bertand Russell (1872- 1970), de quem li punhados de ensaios ainda na minha adolescência, mereceu de Claudio de Almeida o livro RUSSELLON THE FOUNDATIONSOFL LOGIC que, a partir da pagina 75, encerra o ensaio Russell: a lógica e a Teoria de Juízo, desenvolvendo em português um tema indispensável para o entendimento da filosofia. Russell, um dos lógicos mais importantes do Século XX, encontra no professor da PUCRS um estudioso atento e percuente.

José Maurício de Carvalho, pensador maduro, em O HOMEM E A FILOSOFIA: PEQUENAS MEDITAÇÕES SOBRE EXISTÊNCIA E CULTURA, em feixe XIX capítulos que se encadeiam ao mesmo tempo em que podem ser lidos separadamente. Humanista, confessa ter sempre presentes em suas meditações Husserl, Delfim dos Santos, Heidegger, Jaspers e Hartmann, passando pelos brasileiros Miguel Reale, Antonio Paini, Roque Spencer Maciel de Barros (já conhecido dos leitores desta coluna), Djacir Menezes, Nelson Saldanha e Ricardo Vile/ Rodrigues. O HOMEM E A FILOSOFIA é uma verdadeira introdução ao estudo da existência e da cultura.

Padre Édouard Hujion (1867-1929), consagrado tomista e redator da Encíclica Quas Primas, de Pio XI, publicou OS PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO: AS VINTE E QUATRO TESES FUNDAMENTAIS em 1922. As teses, aprovadas por Bento XV, em 1916, são apresentadas como um resumo da vasta obra de Tomás de Aquino.

Édouard Hugon desenvolve a temática das teses de maneira objetiva. Seu livro é um manual tomista; lido com atenção pode servir para um melhor entendimento desse grande pensador da Idade Média, cujas idéias penetraram profundamente na maneira de pensar do homem contemporâneo. A tradução de D. Odilão Moura, tradutor experiente, enriquece o livro.

Do Jornal  
O Cidadão  
03/06/1998

Data : 15/11/1996

Título : A coleção Myer Pearlman

Categoria: Resenhas

Descrição: A CPDA- Casa Publicadora das Assembleias de Deus, do Rio de Janeiro, continua a publicação da Coleção Myer Pearlman.

A COLEÇÃO MYER PEARLMAN

por Paulo Monteiro

A CPDA- Casa Publicadora das Assembleias de Deus, do Rio de Janeiro, continua a publicação da Coleção Myer Pearlman. O autor, filho de uma família de origem judaica, converteu-se ao cristianismo, tornando-se um dos mais renomados teólogos pentecostais. Aproveitou seus conhecimentos da tradição hebraica para escrever livros que se tornaram clássicos- plenamente indispensáveis- entre os verdadeiramente estudiosos da religião cristã.

Eu, que já havia lido os volumes dedicados aos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, tive a oportunidade agradável e feliz de ler ATOS: E A IGREJA SE FEZ MISSÃO e SALMOS: ORANDO COM OS FILHOS DE ISRAEL.

O primeiro dos livros lidos mais recentemente, foi escrito por volta do ano 61 A.D., por um médico de nome Lucas, autor de um dos quatro evangelhos cristãos. Trata-se de uma obra histórica, refutada extremamente séria quanto às informações que contém, inclusive por estudiosos agnósticos.

O segundo, reúne poemas escritos num período superior a mil anos. Conhecido pelos Hebreus como Sepher Tehillin (Louvores), reúne composições poéticas escritas por homens como Moisés, Davi (autor com maior número de peças) e Salomão, entre outros. A palavra portuguesa para o nome do livro, Salmos vem do grego Psalmoi, significando cântico acompanhado de música.

A tradução de Gordon Chown, a distribuição gráfica do texto e a forma com que é efetuada a divisão temática dos livros faz com que os volumes da Coleção Myer Pearlman sejam agradáveis à leitura. Esta, porém, pode ser apenas aparentemente fácil.

Myer Pearlman, em meio a seus estudos e na medida em que os desenvolve, vai introduzindo informações históricas, geográficas, culturais e teológicas. Estas, quando devidamente consideradas, contribuem para aprofundar o entendimento das obras analisadas. Conhece o método positivo do autor, a leitura torna-se altamente ilustrativa e instrutiva.

A Coleção Myer Pearlman é leitura indispensável a tantos quantos queiram aprofundar-se numa das obras básicas para a humanidade, objeto de anos de sérios estudos, que agora estão sendo reunidos em série pela CPAD, para distribuição em todos os países de Língua Portuguesa.

O Cidadão.

15/11/96.

Data : 21/02/1997

Título : A compra da inocência

Categoria: Resenhas



Descrição: Em artigo objetivo, Cris Daniele Monteiro, 15 anos, cursando o 2º grau, analisa uma obra de literatura infanto-juvenil, de autoria de Júlio Emílio Braz.

## A COMPRA DA INOCÊNCIA

por Paulo Monteiro

Em artigo objetivo, Cris Daniele Monteiro, 15 anos, cursando o 2º grau, analisa uma obra de literatura infanto-juvenil, de autoria de Júlio Emílio Braz. Filha do jornalista Paulo Monteiro, responsável pela página cultural de O CIDADÃO, Cris Daniele, em seu primeiro trabalho, demonstra que o amor pelos livros começa em casa.

A Editora FTD, de São Paulo, publicou UM CONTO DE FIM DE MUNDO: DRAMA DA PROSTITUIÇÃO INFANTIL, de Júlio Emílio Braz, esse livro traz a polêmica da “vergonha”, que é a venda de corpos e almas em troca de uma felicidade passageira. O autor contou com o depoimento de uma ex-prostituta que vivenciou praticamente todos envolvendo a protagonista de UM CONTO DE FIM DE MUNDO.

A realidade, hoje, infelizmente nos retrata não apenas uma, mas várias situações semelhantes à história do livro. A desesperança e o desespero, muitas vezes, levam a quedas irreversíveis de pessoas humildes que, abatidas pela fome e a miséria, são capazes de vender objetos, animais e até a infância de uma criança que nem mesmo sabe o seu destino, , uma criança que ainda não aprendeu a fugir, ao mesmo tempo, enfrentar seus próprios medos, conformada com a humilhante situação em que se encontrara quando pela segunda vez foi vendida para se tornar, ao invés de uma menina de dez anos, uma mulher, mãe e, por fim, apenas uma lembrança boiando nos rios dos garimpos clandestinos, assim como muitas outras que nunca se soube.

O Brasil, hoje não está se tornando muito diferente da polêmica vivida por Maria, mais uma Maria, dentre tantas, sem a mínima condição de “viver”.

A prostituição dos tempos modernos não manda em nada referentemente aos tempos antigos, pois a mediocridade, a indiferença e a brutal idade. Com que se consumam as coisas são realmente iguais em horror e indignação como em ação as autoridades são totalmente omissos.

Atualmente, isso é tratado com simplicidade, inclusive por pessoas que nenhum conhecimento tem sobre o assunto e, pessoas que podem ajudar financeira e moralmente as vítimas sentem talvez receio de o testar.

Será que essa vergonha não envergonha certas partes que se vendem ao vender seus semelhantes para obter o poder, o dinheiro ou maiores domínios?

O Cidadão.

21/02/1997.

Data : 17/10/2009

Título : A comunicação na Justiça Brasileira

Categoria: Resenhas

Descrição: Do ponto de vista formal, o livro é o histórico de um grupo profissional ...

### A comunicação na Justiça Brasileira

O Curso de Auxiliar Técnico em Jornalismo do hoje Instituto Educacional Cecy Leite Costa, enquanto existiu, formou toda uma geração de jornalistas passo-fundenses que enriquecem o jornalismo nacional. Muitos deles qualificam os meios de comunicação social do município; outros alçaram vôos para distantes paragens. É uma história que urge escritura.

O sangue e a alma daquele Curso têm nome: Edy Isaías, uma das personalidades mais brilhantes de Passo Fundo. Integrante de uma família de educadores tornou-se o modelo dessa geração de homens e mulheres que colocam a imprensa local entre as melhor qualificadas do país. Se o Professor Edy estivesse fisicamente entre nós, transpirando felicidade, seria o primeiro na fila de autógrafos de “A comunicação na Justiça Brasileira” (PANDION EDITORA, Florianópolis, SC, 2009), do seu aluno Flávio Damiani e da jornalista potiguar Edvânia Kátia, no dia 30 de outubro, sexta-feira, às 18 horas, durante a 23ª Jornada Nacional de Literatura.

Após passar, como repórter e editor, pelos mais importantes veículos de comunicação do Rio Grande do Sul, como Jornal Zero Hora, RBSTV, Rede Globo, Rádio Gaúcha, Rede Bandeirantes e Caldas Júnior, durante oito anos, dirigiu a comunicação do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Tornou-se um dos líderes do Fórum Nacional de Comunicação e Justiça, cuja história resgata, ao lado de Edvânia Kátia, outra condutora dos assessores de imprensa do Ministério Público no Brasil.

A Constituição de 1988 conferiu aos promotores de Justiça uma responsabilidade social importantíssima. Enquanto se sucediam e continuam as denúncias contra integrantes do Poder Judiciário, discutia-se a necessidade de estabelecer um canal de comunicação o mais direto possível entre o Ministério Público e o Judiciário com a sociedade. Entram em cena os assessores de imprensa, organizando-se e predispondo-se a se constituírem nesse canal.

Através de sucessivos encontros procuram criar instrumentos registrados através de diversas cartas. Todo esse processo está registrado em “A comunicação na Justiça Brasileira”.

Do ponto de vista formal, o livro é o histórico de um grupo profissional em busca do reconhecimento próprio, através do fortalecimento das “empresas” em que trabalham. Do ponto de vista essencial, é a documentação de um movimento de opinião, talvez inconsciente, sobre os vícios dos órgãos ligados à Justiça.

As premiações recebidas pelas assessorias de imprensa do Ministério Público Federal e as premiações que suas congêneres de outros órgãos do Poder Judiciário, Ministério Público, Tribunais de Contas e outras entidades afins da Justiça receberam testemunham a melhoria da qualidade dos trabalhos jornalísticos oferecidos. As assessorias de comunicação, por si mesmas, não resolveram problemas antigos, já retratados em obras clássicas do pensamento jurídico social brasileiro, como a introdução a “O Papa e o Concílio”, de Rui Barbosa, mas contribuirão, ao menos, para minimizá-los. Aparar os dentes e as unhas de uma besta-fera indomável, chamada patrimonialismo, já é uma grande vantagem para a sociedade.

“A comunicação na Justiça Brasileira” merece leitura atenta, especialmente daqueles que militam no jornalismo informativo ou mantêm um contato mais íntimo com a área do Direito.

Data : 31/08/1994

Título : A conspiração ocultista

Categoria: Resenhas

Descrição: A obra vai dar muito o que falar, pois o autor levanta uma tese altamente polêmica.

A conspiração ocultista

por Paulo Monteiro

A Editora Campus, do Rio de Janeiro, acaba de publicar “A CONSPIRAÇÃO OCULTISTA: A HISTÓRIA SECRETA DOS MÍSTICOS, TEMPLÁRIOS E DAS SOCIEDADES OCULTISTAS”, de Michael Howard. A obra vai dar muito o que falar, pois o autor levanta uma tese altamente polêmica.

No seu entendimento as sociedades secretas, que estudam os conhecimentos ocultos, representam a continuidade das crenças pagãs antigas. Maçons, templários, rosa-cruzes e outras correntes de pensamento afins seriam, pois, depositários das tradições religiosas do paganismo.

O Cristianismo afirma Howard (pág. 171 e segs), travou uma luta milenar contra o paganismo até firmar-se como religião dominante, especialmente na Europa.

Contrariando clássicos da história das religiões, especialmente de orientação evangélica, o autor assegura que os cristãos celtas, os cátaros (albigenses e valdenses), não seriam representantes de um cristianismo puro, mas expressões mais amplas da continuidade pagã.

O Cristianismo Católico pagaria um tributo ao paganismo, conservando o culto de imagens, a infalibilidade do Papa e o culto à Grande Deusa (Asserá, Astarte, Ishtar ou Ísis), através do marianismo, conclui-se da leitura de “A conspiração ocultista”.

Não foi apenas através das heresias, cátaras, celtas, gnósticas e outras que o paganismo remanescente nas sociedades secretas se manifestou, mas até mesmo por intermédio de ordens religiosas medievais, como os Cavaleiros Templários (págs. 25 a 50), que teve o apoio da Igreja e adorava uma divindade meio homem, meio bicho e de natureza andrógina chamada Baphomet. A ação dessas sociedades no interior da Igreja, continua ainda nos dias de hoje (págs. 177 a 211), como foi o caso do envolvimento do Vaticano com Propaganda Dois ou P2, há alguns anos.

As sociedades ocultistas sempre teriam exercido uma influência secreta sobre os acontecimentos históricos, como a Reforma Protestante.

Neste episódio o principal agente foi Johann Valentin Andrea, mas não foram muito felizes. Os reformadores acabaram por condenar uma série de práticas do catolicismo que consideram reminiscências pagãs, especialmente o culto mariano, a infalibilidade papal e adoração de imagens.

A Independência dos Estados Unidos apresentou um dos pontos de maior participação das sociedades secretas. Howard dedica todo um capítulo (págs. 89 a 118) sobre o processo libertador e de consolidação da Independência estado-unidense, analisando profundamente a presença de organizações ocultistas. A Revolução Francesa e a consolidação do capitalismo e da democracia burguesa, com seus ideais de liberdade, igualdade, fraternidade e humanidade tiveram uma verdadeira conquista de sociedades secretas, como a franco-maçonaria, os rosa-cruzes e os Illuminati. “Sobre os Illuminati afirma Howard, ed. Cit. Pág. 74, escreveram-se mais asneiras sensacionalistas do que sobre qualquer outra sociedade secreta; porém, os fatos reais sobre essa misteriosa organização e seu papel nos movimentos revolucionários da Europa do século XVIII são extraordinários”.

Alguns estudiosos das sociedades secretas vem à presença dos Illuminatti, ainda nos dias de hoje, atuando através de organizações poderosíssimas como o Grupo Bilderberg e a Trilateral.

As revoluções liberais de 1848, que se manifestaram no Brasil, através da Revolução Praieira, em Pernambuco, teriam sido uma consequência do trabalho político dos Illuminatti.

No século atual a presença de ocultistas e suas organizações nos fatos históricos é significativa, especialmente ao lado dos nazistas e contra os mesmos. O próprio Partido Nacional- Socialista é originário de um partido criado por uma sociedade secreta, com princípios políticos direitistas.

Michael Howard afirma que as atividades e a influência das sociedades ocultistas continuam sendo muito grande nos dias atuais. Lembra a ação de movimentos mais abertos como a Nova Era e a ampliação do raio de ação de movimentos ocultistas.

E isso é verdade. Basta que se leia os jornais e as revistas e ver-se-á muitos políticos envolvidos com bruxos, adivinhos e outras pessoas dadas às artes divinatórias, inclusive no Brasil. PC Farias, quando foi preso, estava acompanhado pela esposa e uma bruxa.

Jornal da Cidade.

31/08/1994.

Data : 31/08/1994

Título : A Conspiração Ocultista

Categoria: Artigos

Descrição: As sociedades ocultistas sempre teriam exercido uma influência secreta sobre ...

### A Conspiração Ocultista

A Editora Campus, do Rio de Janeiro, acaba de publicar A Conspiração Ocultista: A história secreta dos místicos, templários, maçons e das sociedades ocultistas, de Michael Howard. A obra vai dar muito no que falar, pois o autor levanta uma tese altamente polêmica. No seu entendimento as sociedades secretas, que estudam os conhecimentos ocultos, representam a continuidade de crenças pagãs antigas. Maçons, templários, rosa-cruzes e outras correntes de pensamento afins seriam, pois, depositários das tradições religiosas do paganismo.

O Cristianismo, afirma Howard (pág. 171 e segs.), travou uma luta milenar contra o paganismo até firmar-se como religião dominante, especialmente na Europa. Contrariando clássicos da história das religiões, especialmente de orientação evangélica, o Autor assegura que os cristãos celtas, os cátaros (albigenses e valdenses), não seriam representantes de um cristianismo puro, mas expressões mais amplas da continuidade pagã.

O cristianismo católico pagaria um tributo ao paganismo, conservando o culto das imagens, a infalibilidade do Papa e o culto à Grande Deusa (Asserá, Astarte, Ishtar ou Ísis), através do marianismo. Conclui-se da leitura de A conspiração Ocultista.

Não foi apenas através das heresias (cátaras, celtas, gnósticas e outras) que o paganismo remanescente nas sociedades se cretas se manifestou, mas até mesmo por intermédio de ordens religiosas medievais, como os Cavaleiros Templários (págs. 25 a 50), que teve o apoio da Igreja e adorava uma divindade meio homem, meio bicho e de natureza andrógina chamada Baphomet. A ação dessas sociedades no interior da Igreja continua ainda hoje (págs. 177 a 211), como foi o caso do envolvimento do Vaticano com a Propaganda Dois ou P2, há alguns anos.

As sociedades ocultistas sempre teriam exercido uma influência secreta sobre os acontecimentos históricos, como a Reforma Protestante. Neste episódio, o principal agente foi Johann Valentin Andréa, mas não foram muito felizes. Os reformadores acabaram por condenar uma série de práticas do catolicismo que consideram reminiscências pagãs, especialmente o culto mariano, a infalibilidade papal e a adoração de imagens.

A Independência dos Estados Unidos apresentou um dos pontos de maior participação das sociedades secretas. Howard dedica todo um capítulo (págs. 89 a 118) sobre o processo libertador e de consolidação da independência estadunidense, analisando profundamente a presença de organizações ocultistas. A Revolução Francesa e a consolidação do capitalismo e da democracia burguesa, com seus ideais de liberdade, igualdade, fraternidade e humanidade tiveram uma contribuição significativa, sendo uma verdadeira conquista de sociedades secretas como a franco-maçonaria, os rosa-cruzes e os Illuminatti. “Sobre os Illuminatti – afirma Howard ( ed. Cit., p 74) – escreveram-se mais asneiras sensacionalistas do que sobre qualquer outra sociedade secreta; porém, os fatos reais sobre essa misteriosa organização e seu papel nos movimentos revolucionários da Europa do século XVII são extraordinários”.

Alguns estudiosos das sociedades secretas vêm à presença dos Illuminatti, ainda hoje, atuando através de organizações poderosíssimas como o Grupo Bilderberg e a Trilateral.

As revoluções de 1848, que se manifestaram no Brasil através da Revolução Praieira, em Pernambuco, teriam sido uma consequência do trabalho político dos Illuminatti.

No século XX, a presença de ocultistas e suas organizações nos fatos históricos é significativa, especialmente ao lado dos nazistas e contra eles. O próprio Partido Nacional-Socialista é originário de um partido criado por uma sociedade secreta, com princípios políticos direitistas.

Michael Howard afirma que as atividades e a influência das sociedades ocultistas continua sendo muito grande. Lembra a ação de movimentos mais abertos como o Nova Era e ampliação do raio de ação de movimentos ocultistas.

E isso é verdade. Basta que se leia os jornais e as revistas e ver-se-á muitos políticos envolvidos com bruxos, adivinhos e outras pessoas dadas às artes divinatórias. PC Farias, quando foi preso, estava acompanhado pela esposa e uma bruxa.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 31 de agosto de 1994, p. 3).

Data : 24/12/2014

Título : A CORRUPÇÃO NO BRASIL

Categoria: Crônicas

Descrição: Para aqueles que afirmam que a corrupção no Brasil começou no governo Lula, transcrevo, mais uma vez, passagem do "Sermão do Bom ladrão", pronunciado pelo Padre Antonio Vieira em 1655.

Para aqueles que afirmam que a corrupção no Brasil começou no governo Lula, transcrevo, mais uma vez, passagem do "Sermão do Bom ladrão", pronunciado pelo Padre Antonio Vieira em 1655.

Dizia o grande orador: "Furtam pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem; e gabando as coisas desejadas aos donos delas por cortesia, sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo conjuntivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daqueles que manejam muito; e basta só que ajuntem a sua graça, para serem, quando menos, meeiros na ganância. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtam, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinito, porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes, em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados e as terceiras quantas para isso têm indústria e consciência. Furtam juntamente por todos os tempos, porque o presente (que é o seu tempo) colhem quanto dá de si o triênio; e para incluírem no presente o pretérito e o futuro, de pretérito desenterram crimes, de que vendem perdões e dívidas esquecidas, de que as pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas, e antecipam os contratos, com que tudo o caído e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente nos mesmos tempos não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, plusquam perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtavam, furtaram, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse".

A bem da verdade, repito que não pertenço ao PT. O amor à verdade me leva a escrever o que escrevo. Atribuir a este ou àquele partido a invenção da corrupção no Brasil a este ou aquele partido é ignorância ou má-intenção.

A corrupção sempre existiu. A História da Antiguidade está cheia de exemplos. A Bíblia Hebraica (Antigo Testamento) registra e dá o nome de vários corruptos. Um deles, contemporâneo de Jesus, chamava-se Zaqueu.

A imagem, abaixo, do padre Antônio Vieira é considerada autêntica pelos seus biógrafos.

Data : 03/03/1995

Título : A Cristianização do capitalismo

Categoria: Resenhas

Descrição: Critica-se muito o sistema de gráficas oficiais. A Gráfica do Senado é uma das mais atacadas.

## A “Cristianização” do capitalismo

por Paulo Monteiro

Critica-se muito o sistema de gráficas oficiais. A Gráfica do Senado é uma das mais atacadas. Entretanto, ela tem prestado excelentes serviços á cultura nacional. Um dos últimos foi a impressão da OBRA SOCIAL E POLÍTICA DE ALBERTO PASQUALINI, em 4 volumes, organizada pelo Senador Gaúcho Pedro Simon.

Pasqualini é considerado o maior teórico do trabalhismo brasileiro, mas sua obra havia sido escassamente publicada. E tem sido mais apresentada pelo que pensam alguns ou querem que ela seja do que pelo que realmente é. Atacado pela direita católica como um perigoso agente do comunismo internacional e pela extrema esquerda como oportunista, agente do imperialismo, ele queria apenas tornar o capitalismo mais cristão, queria “cristianizá-lo”. Era um defensor fervoroso das encíclicas papais. Entendi (Op. cit. Vol. II, pág. 61 a 62) que apenas a sua “cristianização” seria capaz de fazê-lo sobreviver.

O trabalhismo, no seu entender, seria a forma partidária para essa sobrevivência do modo capitalista de produção, especialmente pela valorização do trabalho produtivo. Isso somente seria possível com a adaptação do capitalismo aos preceitos das encíclicas sociais e mediante reformas políticas, econômicas e sociais; as famosas reformas de base que causaram tanta revolta nos círculos mais conservadores do País.

Pasqualini, (Idem, Ibidem, pág. 206) reconhecia duas formas de socialismo; uma delas democrática, querendo a construção de uma sociedade sem classes através de ações pacíficas, e outra revolucionária, defendendo a mesma coisa através de meios armados. Ambas repudiadas pela Igreja Católica. Até mesmo um socialismo democrático embasado em princípios evangélicos, cristão, não lhe agradava.

Alguns, especialmente quando o pensamento de Pasqualini ao de Gramsci. Mas Gramsci queria o fim do capitalismo. Pode-se encontrar semelhanças com Harold Laski, socialista assumido, e um dos mais brilhantes teóricos do Labour Party.

Muitos temas da obra de Pasqualini continuam atuais, como as reformas de base, a defesa das riquezas minerais e energéticas nacionais. O momento da publicação da Obra de Pasqualini foi extremamente feliz. Parabéns ao Senado Federal, através do esforço do Senador Simon.



Jornal da Cidade.

03/03/95

Data : 07/02/1997

Título : A Crítica Literária de Wilson Martins

Categoria: Artigos

Descrição: Toda a literatura que não consegue dar um choque no leitor é uma literatura menor.

#### A Crítica Literária de Wilson Martins

1

Um dos mais prolíficos críticos literários brasileiros, Wilson Martins, vem tendo seus artigos de crítica literária publicados pela T.A. Queiroz, Editor, de São Paulo, estando prevista a reunião de sua obra de crítica literária em quinze grossos volumes, dos quais quatro já foram editados.

O IV tomo de Pontos de Vista (Crítica Literária), reúne artigos divulgados em 1960 e 1961, no jornal O Estado de São Paulo, analisando especialmente obras que eram dadas a lume à época em que os artigos eram escritos.

Wilson Martins é o continuador de uma escola de crítica literária iniciada, entre nós, por José Veríssimo, seguindo uma tradição consolidada por Sante-Beauve, e cujos representantes brasileiros merecem referências diversas do Autor da volumosa História da Inteligência Brasileira.

A tradição a que me refiro diz respeito à franqueza com que são tratadas as obras analisadas. E aí reside a seriedade da crítica literária. Sirva de exemplo o artigo Poesia menor, publicado inicialmente em 2 de julho de 1960 (in págs. 145 a 152 do livro analisado).

Comentando o sentido autobiográfico da poesia de Thiago de Melo, Wilson Martins, afirma que as limitações estritamente autobiográficas de sua poesia fizeram com que o poeta não conseguisse ascenderá grande criação literária; concluindo que essa limitação autobiográfica embora reconheça que, “em certo sentido, será autobiográfica toda a

literatura” é o elemento que mais contribui para que a poesia de Thiago de Melo não alcance a universalidade.

“Essa circunscrição autobiográfica é tanto mais restritiva do alcance eventual que a sua poesia poderia ter ou que se destinaria a ter quanto ele não revela uma daquelas fortes personalidades egoisticamente autobiográficas que transformam a nossa visão do mundo, que nos obrigam a ver o que o universo ou, pelo menos, uma parte dele, pelos seus olhos peculiares, por sua maneira de enxergar, deformada e deformante, mas reveladora e poderosa. Thiago de Melo escreve, ao contrário, a poesia cotidiana das aventuras de uma sensibilidade pessoal, inspirada nas emoções primárias (para empregar o termo numa acepção sociológica), isto é, no seu amor de pai, nos seus sentimentos de amigo, nas suas emoções de amor. Mas, equilibrado e contido, ele não se entrega a nenhuma tempestade sentimental, a nenhum excesso lírico, a nenhuma violação das fronteiras comuns: é o poeta respeitoso, que nem de longe segue o trocadilho violento que se fez recentemente, com o nome da peça de Sartre, a respeito de Cacteau. Este se situa naquela zona indecisa do “poeta maldito de sociedade” e, até, de alta sociedade; Thiago de Melo não se destina, de forma alguma, a ser um poeta maldito (in Wilson Martins, op. Cit., pág. 147).

Para Wilson Martins, Thiago de Melo é simplesmente um poeta urbano, um poeta bem comportado, cantando o dia-a-dia dos bairros burgueses.

Isto, porém, não o interessa. Importa é que, para Wilson Martins, a verdadeira obra de arte literária é aquela que revela uma personagem forte, universal, quando a mulher amada é a encarnação de todas as mulheres amadas; quando os sentimentos, desta ou daquela personagem, conseguem universalizar-se, eletrizar o leitor, fazê-lo caminhar, vibrar com o que está sendo lido. Só é artista o poeta ou prosador que consegue fazer o leitor ler andando, vivendo a leitura.

Toda a literatura que não consegue dar um choque no leitor é uma literatura menor. E Wilson Martins, como José Veríssimo no século XIX, não contemporiza com os escritores menores, com os poetas, com os contistas, com os romancistas, com os cronistas, que não conseguem elevar-se à grande literatura.

Evidente mente que as dificuldades para resumir em duas ou três laudas o pensamento de Wilson Martins quanto à crítica literária tornam-se intransponíveis. É mister que sejam lidos os volumes de crítica literária de Wilson Martins que estão sendo publicados pela T.A. Queiroz, Editor, fundamentalmente pelos professores de Literatura, Língua Portuguesa e tantos quantos costumeiramente escrevam. Acima de tudo, porém, os escritores de província, os cometedores, isto mesmo, cometedores de obras literárias. E que todos procurem tirar algumas lições, pois sem o entendimento da literatura nacional, apoiado numa crítica nacional, não teremos uma consciência da Nação da qual fazemos parte. Para ser mais claro: sem tudo isso, continuaremos não tendo brasilidade.

(In Diário da Manhã, Passo Fundo, 20 de junho de 1993, p. 2).

Wilson Martins é um dos mais representativos críticos literários brasileiros de todos os tempos. Durante anos lecionou e trabalhou nos Estados Unidos. Essa distância física do Brasil, aliada à oportunidade de acompanhar de perto a evolução literária internacional, contribuiu para a firmeza de sua visão da literatura brasileira.

T. A. Queiroz, Editor, de São Paulo, está publicando Pontos de Vista: Crítica Literária, 10, reunindo a obra crítica de Wilson Martins. A edição completa constará de 15 alentados volumes. Este último reúne trabalhos publicados entre 1978 e 1981.

No período abrangido por este volume, a obra crítica de Wilson Martins faz salientar sua preocupação com dois temas: a crítica literária e a poesia. Parece-me, assim, não ser destituído de sentido o fato do livro abrir-se com o artigo intitulado Situação da crítica. A propósito de comentar a obra de Afrânio Coutinho traça, com raro espírito de síntese, um panorama da crítica literária no Brasil de 1978; demonstra sua preocupação com a Nova Crítica, no seu entender mais uma crítica de textos do que uma crítica de literatura (págs. 3 a 5).

Em A crítica universitária (páginas 17 a 18) analisa o academicismo professoral e mostra a insubsistência desse “modelo” de análise da obra literária.

A crítica ao impressionismo está materializada em artigo de 1979 (págs. 156 a 158) e continua em uma série de 1980, sob o título de Crítica maior e menor (pág. 191 a 199).

À página 193, Wilson Martins define sua maneira de posicionar-se frente às correntes críticas. “Não se trata – escreve ele –, é evidente, de repudiar a contribuição positiva que os diversos métodos podem prestar, no momento próprio, à análise literária, nem de afirmar a superioridade do impressionismo sobre os tipos de abordagem mais sistemática: trata-se, mais simplesmente, de distinguir entre a boa crítica e a menos boa, quer dizer, entre a que enriquece a nossa percepção da obra literária e a que nada lhe acrescenta. Há muito impressionismo de péssima qualidade disfarçada sob florituras formalistas, assim como há excelentes análises formais e técnicas sob impressionismos apenas aparentes (para muitos a crítica “científica” consiste em citar ritualmente os nomes dos teóricos que estão na moda (...)).”

O ideal da crítica literária, para o Autor, é a procura da beleza literária, do valor estético, daquilo que não pode ser visto simplesmente com os olhos ou apreendido apenas com o cérebro. Daí, sua crítica aos “ismos”. A economia, a sociologia, a lingüística, a psicologia e outras ciências seriam elementos auxiliares do leitor privilegiado chamado crítico literário, até o âmago estético da obra. A mim me parece que além da cultura será necessária uma profunda sensibilidade a que se aventura a emitir juízos de valor sobre a obra de arte literária.

Uma outra preocupação de Wilson Martins, neste décimo volume de sua obra crítica, é com relação à poesia.

Seus artigos foram escritos quando as vanguardas mais recentes (Concretismo, Instauração Práxis e Poema Processo) já haviam se esgotado historicamente e a Geração do Mimeógrafo da os últimos de seus melhores frutos.

Como nota em Estado de poesia (págs. 14 a 16) havia uma tendência ao retorno a uma poesia mais literária e menos formalista, sem o abandono de certas conquistas. Na

verdade, vivia-se um momento de transição poética ou, noutras palavras, de reaproveitamento ou retomada de experiências anteriores.

Isto se confirma ao lermos o artigo Poeta do nosso tempo, de 1980, praticamente dois anos mais novo do que Estado de poesia, comentando a obra poética de Afonso Romano de Santana.

Este, para o Autor de Pontos de Vista, “é não só um poeta do nosso tempo, integrado nos seus problemas e perplexidades, nas incertezas sucessivas em que as certezas se resolvem, mas também o grande poeta brasileiro que obscuramente esperávamos para a sucessão de Carlos Drummond de Andrade”. (p. 273).

Para Wilson Martins, voltando a seu artigo Estado de poesia: “O poema faz-se com palavras (no plural), mas poesia faz-se com a palavra (no singular) (...)”. Nestas poucas palavras resume seu pensamento acerca da poesia. Descobri-la é função da Crítica; senti-la é a atividade do leitor comum.

Pontos de Vista ficarão como uma fonte indispensável de informações sobre a Literatura das últimas quatro décadas.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 24 de novembro de 1995, pág. 10).

3

Pontos de Vista, 11

T. A. Queiroz, Editor, de São Paulo, continua a publicação da crítica literária de Wilson Martins, sob o título genérico de Pontos de Vista.

Há poucos dias recebi o volume 11 da série. Até agora foram dados a lume 5.779 páginas, abrangendo artigos publicados entre 1954 e 1985. Li quase 4 mil páginas dessa bela obra de Wilson Martins que, no meu entendimento, é o último crítico literário, no sentido clássico do termo, em atividade em nosso país.

Wilson Martins escreve com prazer, demonstrando uma necessidade íntima de compartilhar o gozo da leitura. Essa minúcia é o que o faz diferente daqueles que escrevem por obrigação de ofício. Parece-me que aí se situa a obstinação com que esmurra a “Nova Crítica”.

O crítico literário, para o Autor de Pontos de Vista, é apenas um leitor privilegiado. Para o criticismo acadêmico, doutoral, o crítico é o magistrado do Juízo Final, com poderes para enviar o autor da obra para a Nova Jerusalém da imortalidade literária ou para um Lago de Fogo apocalíptico. Wilson Martins, por seu lado, reconhece a falibilidade da Crítica. Este é o corte clássico, o estilo humanista.

Há alguns meses, comentando o volume anterior (10) de Pontos de Vista, salientei a preocupação do Autor com a poesia e a crítica literária. Noto, neste último tomo, cobrindo os anos de 1982 a 1985, que a atenção dispensada à poesia continua. Entretanto, salienta-se o destaque conferido à crítica literária e às obras sobre economia e política brasileira.

Neste aspecto, chamo a atenção para artigos como Os idos de março (págs. 281 a 284), onde critica a tese da presença do bonapartismo na política republicana brasileira, presente na concepção (pré-concebida?) da esquerda brasileira dos anos 1980, e Coluna política (págs. 365 a 367), sobre o oportunismo partidário, concluído com uma interrogação sempre atual: “O liberal João Francisco Lisboa via nos partidos “a fonte e origem de todo mal”, mas... os males dos partidos de onde provêm? “

Poderia lembrar outros artigos sobre temas políticos, mas estes circulam por textos referentes a obras literárias. Afinal, a obra literária pode desenvolver temas políticos, como é o caso dos romances realistas.

Sobre a situação da crítica literária no Brasil dos anos 1980, já nas primeiras páginas (32 a 34) aparece um belo resumo (Agonia da crítica) do que se passava, à época.

Wilson Martins habituou-se a expressar claramente suas idéias, a materializar suas conclusões, a compartilhar seus conhecimentos. Isto o faz um mestre, goste-se ou não de seus ensinamentos. É preciso ler-lhe os volumes de Pontos de Vista, com uma caneta na mão, sublinhando-lhe o animus.

Assim, não resisto à citação desta passagem: “Como a história literária é feita de eliminações, ao contrário da crítica contemporânea que se esforça por tudo incluir, o que surpreende para começar, é o número extraordinário de ficcionistas, num período que afinal de contas, só nos chegou pelos nomes de José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, pois José Américo de Almeida e Raquel de Queiroz têm nele uma presença puramente miliária, enquanto Otávio de Faria, malgrado os persistentes esforços da crítica católica, não chegou, a contrabalançar a outra tendência.” (p. 147).

O Autor refere-se à “crítica católica” e ao “esquerdismo literário” dos anos 1930. O importante, como lição, é que “a história literária é feita de eliminações”.

Assim, a crítica não pode ser pura, isenta de posicionamentos, no que se refere à obra de arte literária. O crítico literário, enquanto leitor privilegiado, eu o representaria como um detetive à procura do criador da supra-realidade, do particular universalizado, daquela síntese feliz que fez de D. Quixote o símbolo dos cavaleiros medievais na época em que os descobrimentos colocavam a pá de cal sobre o Feudalismo.

E é exatamente pela moderação no elogio, pela firmeza em apontar os pontos fracos, pela coragem de afirmar suas posições, que a leitura da crítica literária de Wilson Martins se faz obrigatória. Indispensável, mesmo.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 16 de fevereiro de 1996, p. 8).

4

Pontos de Vista, 12

Wilson Martins publicou, recentemente, pela T. A. Queiroz, Editor, o volume 12 de Pontos de Vista (Crítica Literária), reunindo trabalhos divulgados entre 1986 e 1990. Trata-se de

uma obra cuidadosamente impressa e com um índice de nomes, a exemplo dos demais tomos da série.

Transitando livremente por variados ramos do conhecimento, no seu já cinquentenário mister, Wilson Martins tem dedicado uma atenção particular à leitura da crítica literária, especialmente entre nós. Dela, com *A Crítica Literária no Brasil*, é o melhor historiador e analista.

Neste mas recente volume de *Pontos de Vista* eu destacaria exatamente os artigos destinados à análise da crítica literária

Anos de aprendizagem (págs. 82 a 85) de 31 de agosto de 1986, é um trabalho modelar. Nele, consegue concentrar elementos de autópsia do *New Criticism*. Novos profetas do direito divino, os novos críticos tomaram a parte (Universidade) pelo todo (a Cultura) e só podiam acabar numa escolástica, mais parecendo cães tentando caçar a própria cauda.

Noutro artigo, *Beijos e espirros*, Wilson Martins aproveita para avançar sobre a falência de paradigmas de correntes críticas, que foram apresentados como elementos eternos e imutáveis.

É de salientar-se, ao longo da dúzia de volumes de *Pontos de Vista*, a preocupação do Autor com os brasilianistas. Estes, acabam exercendo uma sedução sobre os estudiosos brasileiros, que sofrem de um complexo edípico. À falta de convicção é sempre bom apoiar-se na “autoridade” de algum nome estrangeiro.

*Crítica universitária* (págs. 406 a 414) é um bom exemplo dessa atenção dedicada aos estudos acadêmicos. Sintetizando correntes, apresentando seus pontos fracos, Wilson Martins demonstra que os praticantes de certo tipo de crítica, “indiferentes à literatura corrente e ao julgamento pessoal, ocupando-se, por despercebida ironia, apenas com autores previamente consagrados pela “crítica de rodapé”, os ensaístas universitários ou assemelhados não pensam por eles mesmos, mas pelos “modelos” internacionais consensualmente reconhecidos em cada momento, tanto mais predominantes e imperativos no seu instante de popularidade quanto, por definição, sujeitos ao rápido desgaste e ao prestígio efêmero – e usados com o mesmo espírito criador com que as costureiras e os alfaiates se utilizam dos seus modelos”.

Wilson Martins, como crítico literário, não tem fugido de emitir juízos de valor sobre autores e obras. Valor que é sempre relativo, diga-se a bem da verdade. E não tem deixado de reconhecer seus erros, o que não ocorre com aqueles que fazem da Crítica um torneio escolástico. Essa característica é que torna atuais tanto os trabalhos de 1990, reunidos neste tomo, quanto os de 1954, que abrem o primeiro volume da série.

(In *O Cidadão*, Passo Fundo, 7 de fevereiro de 1997, p. 8).

Título : A crítica literária de Wilson Martins

Categoria: Resenhas

Descrição: Um dos mais prolíficos críticos literários brasileiros, Wilson Martins, vem tendo seus artigos de crítica literária publicados pela T.A.QUEIROZ, EDITOR, de São Paulo.

## A crítica literária de Wilson Martins

por Paulo Monteiro

Um dos mais prolíficos críticos literários brasileiros, Wilson Martins, vem tendo seus artigos de crítica literária publicados pela T.A.QUEIROZ, EDITOR, de São Paulo. Estando prevista a reunião de sua obra de crítica literária em quinze grossos volumes, dos quais quatro já foram editados.

O IV tomo de PONTOS DE VISTA (CRÍTICA LITERÁRIA), reúne artigos divulgados em 1960 e 1961, no jornal O Estado de São Paulo, analisando especialmente obras que eram dadas a lume á época em que os artigos eram escritos.

Wilson Martins é o continuador de uma escola de crítica literária iniciada entre nós por José Veríssimo, seguindo uma tradição consolidada por Saint-Beuve, que merecem referências diversas do autor da volumosa História da Inteligência Brasileira.

A tradição a que me refiro diz respeito á fraqueza com que são tratadas as obras analisadas. E aí reside a seriedade da crítica literária. Sirva de exemplo o artigo "Poesia menor", publicado inicialmente em 2 de julho de 1960 (in págs. 145 a 152 do livro analisado).

Comentando o sentido autobiográfico da poesia de Thiago de Melo, Wilson Martins, afirma que as limitações estritamente autobiográficas de sua poesia fizeram com que o poeta não conseguisse ascender á grande criação literária, chegando á conclusão de que essa limitação autobiográfica (embora reconheça que, "em certo sentido, será autobiográfica toda a literatura") é o elemento que mais contribui para que a poesia de Thiago de Melo não alcance a universalidade.

"Essa circunscrição autobiográfica é tanto mais restritiva do alcance eventual que a sua poesia poderia ter ou que se destinaria a ter quanto ele não revela uma daquelas fortes personalidades egoisticamente autobiográficas que transformam a nossa visão do mundo, que nos obrigam a ver o universo ou, pelo menos, uma parte dele, pelos seus olhos peculiares, por sua maneira de enxergar, deformada e deformante, mas reveladora e poderosa. Thiago de Melo escreve, ao contrário, a poesia cotidiana das aventuras de uma sensibilidade pessoal, inspirada nas emoções primárias (para empregar o tempo numa acepção sociológica), isto é, no seu amor de pai, nos seus sentimentos de amigo, nas suas emoções de amor. Mas, tal, a nenhum excesso lírico, a nenhuma violação das fronteiras comuns: é o poeta respeitoso, que nem de longe sugere o trocadilho violento

que se fez recentemente, com o nome da peça de Sartre, a respeito de Cocteau. Este se situa naquela zona indecisa do “poeta maldito de sociedade” e, até, de alta sociedade; Thiago de Melo não se destina, de forma alguma, a ser um poeta maldito.” (Wilson Martins, in op. cit, pág. 147).

Para Wilson Martins, Thiago de Mele é simplesmente um poeta urbano, um poeta bem comportado, cantando o dia a dia dos bairros burgueses.

Isto, porém, não é o que interessa. Importa é que, para Wilson Martins, a verdadeira obra de arte literária é aquela que revela uma personagem forte, universal, quando a mulher amada é a encarnação de todas as mulheres amadas, quando os sentimentos desta ou daquela personagem, conseguem universalizar-se, eletrizar o leitor, fazê-lo caminhar, vibrar com o que está sendo lido. Só é artista o poeta ou prosador que consegue fazer o leitor ler andando, vivendo a leitura.

Toda a literatura que não consegue dar um choque no leitor é uma literatura menor. E Wilson Martins, como José Veríssimo no século passado, não contemporiza com os escritores menores, com os poetas, com os contistas, com os romancistas, com os cronistas, que não conseguem elevar-se á grande literatura.

Evidentemente que as dificuldades para resumir em duas ou três laudas, o pensamento de Wilson Martins quanto á crítica literária tornando-se intransponíveis. É mister que sejam lidos os volumes de crítica literária de Wilson Martins que estão sendo publicados por T.A. Queiroz, Editor, fundamentalmente pelos professores de Literatura, de Língua Portuguesa e por tantos quantos costumeiramente escrevam. Acima de tudo, porém, os escritores de província, os cometedores, isto mesmo, os cometedores de obras literárias. E que todos procurem tirar algumas lições, pois sem o entendimento da literatura nacional, apoiado numa crítica nacional, não teremos uma consciência da Nação da qual fazemos parte. Para ser mais claro: sem tudo isso, continuaremos não tendo brasilidade.

Diário da Manhã

20/06/93

Data : 14/02/1997

Título : A crítica literária gaúcha

Categoria: Resenhas

Descrição: Trata-se da tese de doutorado em Letras, obtido pelo autor em 1992, na Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A CRÍTICA LITERÁRIA GAÚCHA



por Paulo Monteiro

O Instituto Estadual do Livro e a EDIPUCRS, de Porto Alegre, estão lançando A CRÍTICA LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL: DO ROMANTISMO AO MODERNISMO, de Carlos Alexandre Baumgarten. Trata-se da tese de doutorado em Letras, obtido pelo autor em 1992, na Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Na verdade, das 248 páginas do livro, apenas 138 são dedicadas ao estudo da crítica literária no Rio Grande do Sul e 48 páginas com publicação de trabalhos críticos escritos no período, como é caso do primeiro exemplar de crítica literária impresso entre nós: DIVAGAÇÃO, de F. C. Bulhões Ribeiro, em 1867.

O livro de Alexandre Carlos Baumgarten sofre as limitações formais dos trabalhos acadêmicos. Representa, porém, os esforços de levantamento da produção de crítica literária numa região onde, durante séculos, as mãos ocupadas com a espada tiveram pouco tempo para a pena.

O primeiro capítulo (p. 19/64) é dedicado ao estudo da crítica literária a nível dos outros estados, justificando a afirmação posterior de que os gaúchos se inseriram nos debates nacionais, especialmente as questões da nacionalidade e a fixação de uma língua nacional.

Essa ligação profunda entre os críticos sul-rio-grandenses e os outros centros nacionais fez com que, muitas vezes, chegassem a conclusões mais avançadas do que as formuladas por nomes consagrados.

Exemplos podemos lembrar com a valorização de José Alencar por Apolinário Porto Alegre e o grupo Partenon Literário, as análises de Machado de Assis e Aluísio Azevedo, por Alcides Maia, e o reconhecimento de Simões Lopes Neto, por João Pinto da Silva, autor da primeira História Literária do Rio Grande do Sul (1924), que chegou a conclusões ainda atuais sobre temas literários.

A CRÍTICA LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL: DO ROMANTISMO AO MODERNISMO vem preencher uma lacuna em nossa bibliografia, ao estudar um aspecto da cultura sulina, devendo instigar outros estudiosos a avançar pelo caminho aberto. Isso poderá acontecer pelo aprofundamento dos estudos do período abrangido e pela análise do rico espaço que se abre para a crítica literária gaúcha com advento do Modernismo, como a polêmica provocada por Moysés Vellinho, sob o pseudônimo de Paulo Arinos. Diga-se, de passagem, que este período continua até hoje.

O Cidadão.

14/02/1997.

Data : 30/09/2001

Título : A degola como decisão de governo

Categoria: Artigos

Descrição: Revolução Federalista é um dos momentos mais trágicos e vergonhosos da historia do Rio Grande do Sul. Republicanos e federalistas moveram entre si uma guerra...

A degola como decisão de governo

Paulo Monteiro

A Revolução Federalista é um dos momentos mais trágicos e vergonhosos da historia do Rio Grande do Sul. Republicanos e federalistas moveram entre si uma guerra de extermínio. A luta era para decidir quem controlava os recursos públicos, através do controle do poder político sob a égide daquilo que os economistas chamam de acumulação primitiva.

Alguns historiadores, como Souza Docca, se negaram a escrever sobre ela; outros omitem fatos, escondendo as responsabilidades do Governo do Estado, mormente do presidente (governador) Júlio de Castilhos, na Revolução da Degola.

Funcionários civis e militares, cumprindo ordens do presidente (governador) Júlio de Castilhos, empregaram toda a máquina do Estado na destruição física dos federalistas.

Em Passo Fundo, no dia 8 de fevereiro de 1894, como deixo bem claro à página 46 de meu livro *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo* (Berthier, 2006), 120 feridos foram chacinados pela Brigada Santos Filho, ao som da banda de música do Treme-Terra passo-fundense. Sabem quem fazia parte da Brigada Santos Filho, no posto de tenente-coronel? Antônio Augusto Borges de Medeiros, o herdeiro de Júlio de Castilhos, como ditador positivista. E sabem o que era Borges de Medeiros quando se iniciou a Revolução Federalista? Magistrado do mais alto tribunal do Estado do Rio Grande do Sul. Quem quiser saber mais sobre a participação de Borges de Medeiros na "revolução da degola" leia *Campanha do Coronel Santos Filho*, de Pedro Carvalho (Porto Alegre: Oficinas typographicas do Correio do Povo, 1987).

Sirvam os documentos revelados por Wenceslau Escobar, abaixo transcritos, como comprovação de que Castilhos dava ordens explicitas para o massacre dos adversários:

Coronel José Soares - Camaquã - Não poupe adversários, castigue nas pessoas e bens, respeitando famílias.

Coronel Madruga - Cacimbinhas - Adversários não se poupa nem se dá quartel. Remeto armas e munições que pede. Castilhos.

Esses documentos foram tornados públicos em 1920 por Wenceslau Escobar no livro Apontamentos para a História da Revolução Rio-grandense de 1893 (in. p. 174 da edição da Editora Universidade de Brasília, 1983).

O telegrama em que Firmino de Paula confirmava a matança de 370 prisioneiros do Capão do Boi Preto é um verdadeiro relatório de cumprimento das ordens genocidas de Júlio de Castilhos. Conforme podemos ler á página 83 de Os Olhos do General: Por que Firmino de Paula foi um dos homens mais temidos de seu tempo?, de Rossano Viero Cavalari (Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 2007):

CRUZ ALTA. 10 DE ABRIL DE 1894. – VIVA A REPUBLICA HOJE, 5 MANHA, BATI UBALDINO ACAMPADO BOI-PRETO. COMPLETA DERROTA; MORRENDO 370 MARAGATOS, MUITOS DELES OFICIAIS. TOMEI 3 CARRETAS, 38 ARMAS “COMBLAINS”, 222 LANÇAS, MUNIÇÕES, ABUNDANTE ARMAMENTO PARTICULAR. BARRACAS, MUITOS PRISIONEIROS, 500 ANIMAIS, PARTE MINHA PROPRIEDADE. UBALDINO, BRASIL PINHEIRO E ALFREDO PINHEIRO FUGIRAM. ENCONTREI NO ACAMPAMENTO PORÇÃO DE FAZENDAS. AMANHA SIGO BATER FORÇA REUNIDA PALMEIRA. DEPOIS PERIE, CAMPO NOVO, REPRESENTAM 600 MARAGATOS. UBALDINO TINHA ACIMA DE QUINENTOS. - CORONEL FIRMINO DE PAULA. COMANDANTE DA 5ª BRIGADA DA DIVISÃO DO NORTE

O Massacre do Boi Preto foi cometido pela 5ª Brigada da Divisão do Norte, força organizada pelo Governo do Estado. Portanto, sob o comando em chefe do próprio presidente (governador) Júlio de Castilhos. Era uma força oficial, ainda que provisória, mas oficial.

Para contar a história da Revolução Federalista é preciso mostrar o que significa a mais sangrenta revolução do Século XX, em solo americano. Embora os dados "oficiais" calculem o total de mortos entre dez e doze mil, os jornalistas Ambrose Birse, estado-unidense, e Apolinário Porto Alegre, sul-rio-grandense, calculam esse número entre trinta e trinta e seis mil proporcionalmente maior do que na Guerra da Secessão. É o que se lê no livro O Homem que inventou a ditadura no Brasil de Décio Freitas (Porto Alegre: Editora Sulina, 3ª edição, 1999, p. 176).

Do Jornal

Rotta

Setembro de 2001

Data : 27/08/2013

Título : A Doutora de Raça e a Raça da Doutora

Categoria: Artigos

Descrição: Tenho uma admiração muito grande pela professora Tania Rösing. Em tudo o que ela mete a mão é brilhante.

Paulo Monteiro

(Das Academias Passo-Fundense de Letras e Literária Gaúcha)

Tenho uma admiração muito grande pela professora Tania Rösing. Em tudo o que ela mete a mão é brilhante. Até mesmo quando se apóia em sociólogos racistas.

A entrevista que ela concedeu aos jornalistas Daniel Bitencourt e Fernando de Castro, publicada pelo O Nacional do último fim de semana sob o título "Longa jornada livro adentro" merece leitura atenta e os devidos comentários.

À pergunta "A senhora acha que Passo Fundo é uma cidade derrotista?", respondeu com a clareza que lhe é peculiar: "Acho. Não tem auto-estima. E não tem por que não existe uma raça predominante aqui. A raça que fosse predominante aqui mudaria tudo. A cidade não quer investir nela".

Que me perdoe a querida educadora, mas os índios, portugueses, castelhanos e alemães, que circulam pelas minhas veias, queriam saltar pelas minhas têmporas quando li essa passagem da entrevista.

Até gosto de escritores racistas como Sílvio Romero, Oliveira Viana e assemelhados, mesmo voltaireanamente discordando deles, mas não me calo diante dos absurdos que semearam. E o pior que vejo neles é que todos eram mestiços, descendentes de índias e negras e índias estupradas pelos lídimos representantes das "raças" idolatradas.

Se Passo Fundo tivesse uma "raça predominante", como pensa a doutora Tania Rösing, nós não teríamos uma Jornada Nacional de Literatura e uma Jornadinha Literária. Teríamos, no máximo, um Festival Nacional da Batata, da Polenta ou do Pinhão Sapecado. Ao invés de um Prêmio Nacional de Literatura, veríamos um Concurso Nacional de Corrida do Saco, da Mora ou do Arco e Flecha. À frente desses eventos menores, teríamos uma senhora comum, e não uma Doutora Tania.

É exatamente porque não temos uma "raça predominante" que nos orgulhamos dos eventos capitaneados pela professora Tania Rösing.

A defesa da pureza racial, religiosa ou ideológica, longe de produzir pessoas empreendedoras como a nossa viga mestra das Jornadas Literárias, só fez crescer degenerados e genocidas. É o que nos mostram, dia e noite, os meios de comunicação.

Aliás, falar em "raça predominante" só tem sentido retórico num Estado governado pelo "gringo" Germano Rigotto, que saiu de uma "cidade italiana", mas onde quase metade da população tem sangue indígena. E para espanto dos defensores da eugenia, nosso

"tuxaua estadual" descende do famoso cacique Tibiriçá, sogro do não menos famoso João Ramalho.

Data : 01/01/2012

Título : A Formação dos Intelectuais

Categoria: Resenhas

Descrição: Antonio Gramsci é um dos pensadores mais discutidos deste século e um homem que colocou sua inteligência e sua vida ao serviço das grandes causas da Humanidade...

## A Formação dos Intelectuais

por Paulo Monteiro

Antonio Gramsci é um dos pensadores mais discutidos deste século e um homem que colocou sua inteligência e sua vida ao serviço das grandes causas da Humanidade, pagando por isso nos cárceres de Mussolini.

“OS INTELECTUAIS E A ORGANIZAÇÃO DA CAULTURA” (Círculo do Livro, São Paulo, SP, s/d) representa um momento importante no pensamento do Século XX ao colocar a questão de como se formam e o que representam os intelectuais, superando as posições de Mosca (classe política) e o Pareto (elite), aplicáveis a certos grupos intelectuais.

Importante é lembrar que os intelectuais podem ser divididos em dois grupos: tradicionais e orgânicos, salientando-se que “quando se faz distinção entre intelectuais e não-intelectuais, refere-se, na realidade, tão somente á imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. (...) Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o Homo faber do Homo sapiens.”

“O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual – escreve Gramsci – é formado pelo literato, pelo filósofo, pelo artista.” Esse tipo de intelectual tem sido ridicularizado pelo homem comum e tem sido profundamente criticado pelos homens comprometidos com o progresso.

É preciso mudar o comportamento do intelectual; é preciso que ele seja orgânico á sociedade. Não se pode mais admitir o intelectual iluminado, fechado em sua torre de marfim; lobo que só se adapta a sua matilha de áulicos; camaleão, servindo ao ecletismo;

pavão, que encantado com o próprio rabo, não vê a feiúra dos pés sobre os quais descansa.

“O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, já que não apenas orador puro – e superior, todavia, ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho.

Data : 12/06/2001

Título : A fragilidade da Câmara

Categoria: Editoriais

Descrição: A denúncia de que o vereador João dos Santos teria negociado um cargo de assessor em troca de um automóvel tem dois pontos positivos, pelo menos.

A fragilidade da Câmara

Paulo Monteiro

A denúncia de que o vereador João dos Santos teria negociado um cargo de assessor em troca de um automóvel tem dois pontos positivos, pelo menos. O primeiro deles é mostrar a fragilidade da Câmara de Vereadores, quando às normas internas de funcionamento.

Acusado por seu ex-assessor, em reunião pública, a Câmara de Vereadores tornou providências quando o fato acabou divulgado pela imprensa, alcançando repercussão nacional. Então é que o presidente, Zenóbio Magalhães, chamou uma reunião dos líderes de bancada, anunciando que o vereador Décio Ramos de Lima presidiria uma Comissão de Ética. Esta foi criada a toque de caixa, aprovada em três sessões realizadas num único dia.

Enquanto a Câmara votava essa Comissão o promotor de Justiça, Paulo Cirne, da Defesa Comunitária, agia célere, já tendo ouvido denunciante e denunciado.

Elaborada às carreiras, a Resolução que criou a Comissão de Ética pode apresentar alguma falha formal que inviabilize seus resultados. Há o Decreto Lei nº 210/67, ainda em vigor, que poderia ter sido usado.

Ainda que draconiano, esse Decreto oferece muito mais segurança do que uma Resolução apressada.

Alega o presidente do Legislativo Municipal que não usou o Decreto Lei porque ninguém, pessoa ou instituição, acusou formalmente o vereador. Tudo isso, porém, poderia ter sido evitado se a Câmara tivesse atualizado seu regimento interno, que é de 1959.

Há cerca de um lustro uma Comissão Especial da Câmara estudou, diariamente, um projeto de regimento interno, que adormece em berço esplêndido, nos arquivos mortos daquela casa de leis. Se esse projeto, atual, estivesse em funcionamento, as coisas teriam que ter sido diferentes.

Urge, pois, que a Câmara Municipal de Passo Fundo se adeque aos tempos que correm, modernize seu regimento interno. Esteja à altura do Município que representa. É hora de desengavetar o projeto de Regimento Interno e torná-lo realidade.

O segundo ponto positivo, que vai sobrar desse caso, é a consciência de que a comunidade deve fiscalizar seus representantes. E que a própria mesa da Câmara deve ser vigilante. Vigilante, inclusive, com relação ao pessoal que dá expediente nos gabinetes. Fazendo cumprir a Constituição, quanto ao ingresso no serviço público, o que tem se prestado a boataria desairosa à própria Instituição. E nesse sentido, a Câmara, como um todo, deve ficar mais vigilante, para que não encontre pedra de tropeço em seu caminho.

Do Jornal

O Cidadão

12 de Junho de 2001

Data : 07/04/1961

Título : A Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 7 de abril de 1938 foi fundado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, por ...

A Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

No dia 7 de abril de 1938 foi fundado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, por um grupo de intelectuais sob o estímulo do escritor Sante Uberto Baribieri.

A entidade realizou intensas atividades que culminaram com a criação da Biblioteca Pública Municipal, a introdução do Movimento Tradicionalista Gaúcho, na Região, e a instalação da Universidade de Passo Fundo. Passados 23 anos de sua criação, o Grêmio se transformou em Academia Passo-Fundense de Letras, durante sessão solene realizada no salão da Biblioteca Pública, no prédio onde hoje o sodalício está precariamente instalado, após reforma de qualidade questionável.

Pela ata de Instalação da Academia e pelo noticiário de O Nacional e Diário da Manhã, sabe-se que os atos tiveram ampla repercussão, sendo transmitidos pelas duas rádios locais de ondas médias, Passo Fundo e Municipal, e filmada pela reportagem da TV-Piratini.

A solenidade foi aberta pelo acadêmico José Gomes, que passou a direção dos trabalhos ao então presidente da Academia Sul-Rio-Grandese de Letras, Arthur Ferreira Filho, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, que formou a mesa com autoridades representativas do Município, entre as quais, o juiz Diretor do Foro, o presidente da Câmara de Vereadores, o prefeito Benoni Rosado e líderes religiosos.

Arthur Ferreira Filho deu posse aos acadêmicos que ocuparam as primeiras cadeiras do novel sodalício. Foram os seguintes, por ordem alfabética, e seus respectivos patronos: Arthur Sússembach (Monteiro Lobato), Aurélio Amaral Sante Uberto Barbieri), Carlos de Danilo de Quadros (Assis Chateaubriand), Celso da Cunha Fiori (João Maria Belém), César José dos Santos (Getúlio Vargas), Gomercindo dos Reis (Walter Spalding), Jorge Edethe Cafruni (Francisco Antonino Xavier e Oliveira), José Gomes (Dom Aquino Correa), Jurandyr Algarve (Arthur Ferreira Filho), Mário Daniel Hoppe (Gabriel Bastos), Mário Braga Júnior (Darcy Azambuja), Mário Lopes Flores (Augusto dos Anjos), Paulo Giongo (Emani Fomari), Píndaro Annes (Prestes Guimarães), Reissoly José dos Santos (Rui Barbosa), Rômulo Cardoso Teixeira (Olavo BiJac), Sabino Santos (Erico Veríssimo), Saul Sperry Cezar (Álvares de Azevedo), Túlio Fontoura (Nicolau de Araújo Vergueiro) e Verdi De César (Raquel de Queiroz).

Também foi empossada a primeira diretoria acadêmica, assim constituída: presidente, Celso Fiori; primeiro vice-presidente, Túlio Fontoura; segundo vice-presidente, Mário Braga Júnior; secretário geral, Arthur Sússembach; subsecretário, Paulo Giongo; tesoureiro, Verdi De César; tesoureiro adjunto, Rômulo Cardoso Teixeira; bibliotecário, Jurandyr Algarve e bibliotecário adjunto, Gomercindo dos Reis.

Dois longos discursos foram pronunciados, na oportunidade. O primeiro pelo presidente Celso da Cunha Fiori, salientando a importância do ato.

Além dos pronunciamentos de Celso da Cunha Fiori e Arthur Ferreira Filho, duas outras manifestações tornadas públicas com referência à Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras merecem lembrança: Dois acrósticos, poemas em que os versos se iniciam com as letras dos nomes homenageados. Escreveu-os o poeta Gomercindo dos Reis, que os publicou em O Nacional de 7 de abril de 1961. O primeiro dedicado à população de Passo Fundo, sob o título de ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS; o segundo ao presidente do sodalício, CELSO DA CUNHA FIORI, um dos advogados mais conceituados da Região.

Pelo significado dos mesmos para a história local são transcritos abaixo.



ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS  
ACRÓSTICO

Homenagem à Comuna, pela instalação, hoje, da Academia Passo-Fundense de Letras.

Avante, brasileiros, para a frente,  
Com os cursos primários, secundários,  
A instruir o forasteiro, e a nossa gente,  
Dando Academia e grêmios literários!  
Eleva, ó rio-grandense, a nossa terra,  
Maravilhosa, aos píncaros da glória!  
Invicta, vai além, na paz se aferra,  
Átiva e já com as palmas da vitória!

Pára e contempla a nossa pátria, agora:  
As Campinas, seriemas a cantar...  
Seus ranchos, o tropeiro estrada afora,  
Sua gloriosa Bandeira a tremular,  
Os campos, os trigais, a lua da aurora!

Feliz do homem que tiver um dia,  
Um trator, a mulher, o sol e a lua...  
Não precisa falar na Academia,  
Dizer a prosa, ou verso, que extenua.  
Em defesa da pátria estremecida,  
No comércio, na indústria, na pecuária,  
Saberá lutar e vencer na vida,  
Em Batalha gloriosa e voluntária!

Dá a tua alma, dá o teu peito varonil,  
E avante, pelas glórias do Brasil!

Lutar e repelir o mau poder,  
Esse que ao povo e à pátria causa danos,  
Tratarás na tua memória até morrer!  
Rui Barbosa já disse, há muitos anos:  
A força do direito há de vencer  
Sobre o direito da força dos tiranos!...  
Gomercindo dos Reis  
7-4-1961.

PRESIDENTE CELSO DA CUNHA FIORI  
ACRÓSTICO

Dedico ao presidente e demais confrades que elaboraram os Estatutos da Academia  
Passo-Fundense de Letras.

Para lutar, subir, ser dos primeiros,  
Redigir Estatuto ou Catecismo,  
Em toda parte existem timoneiros,  
Severos, sempre cheios de idealismo!  
Irmanados, avante, brasileiros,  
Dando exemplo de união e de civismo!  
Eu vejo alguns dinâmicos pioneiros,  
No leme, a dirigir, com heroísmo;  
Tendo ainda pela frente alguns nevoeiros,  
Estão desviando a barca de um abismo!

Cabe ao digno confrade, ao Presidente  
Eleito, e a todos nós, da Academia,  
Leva-la sempre avante, para a frente,  
Sem faltar às sessões e ouvir um dia  
O acadêmico falando a pouca gente...

Digno confrade e amigo hoje disperso,  
Atende o meu apelo feito em versos:

Com fé, com esperança e persistência,  
Unidos e a lutar, com galhardia,  
Nenhum revés nos deterá a existência  
Honrosa e útil esta Academia,  
A sua marcha gloriosa, em evidência!

Falando a todos, em reunião festiva,  
Irmanado hoje e pelo tempo afora,  
Oferto um verso à nossa gente altiva,  
Rogando a Deus que a Academia, agora,  
Imite aquela flor, a sempre-viva!...

Gomercindo dos Reis

7-4-1961.

A importância de Celso da Cunha Fiori para a cultura passo-fundense não foi ainda devidamente reconhecida. A sua biografia está por ser escrita. Foi um dos advogados mais brilhantes que o Foro de Passo Fundo já conheceu, professor e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo, também foi presidente do Grêmio e da Academia Passo-Fundense de Letras.

Celso da Cunha Fiori nasceu em Pelotas em 1905. De família humilde, ainda criança, precisou trabalhar, exercendo as funções de aprendiz de sapateiro, alfaiate e telegrafista. Coursou Direito, lecionando Latim e Português no Instituto Ginásial, atual Instituto Educacional, de Porto Alegre. Mais tarde transferiu-se para Passo Fundo, onde permaneceu até seu falecimento. Aqui, além da advocacia e do magistério superior, destacou-se como político, desportista e líder de sua classe.

Ao ser empossado como primeiro presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, a 7 de abril de 1961, pronunciou discurso que teve ampla repercussão e que transcrevo a seguir:

>>>> DISCURSO DE POSSE <<<<<

O discurso de Celso da Cunha Fiori foi intensamente aplaudido. A seguir, Arthur Ferreira Filho, historiando a criação do Grêmio Passo-Fundense de Letras e a trajetória do movimento até sua constituição em Academia, pronunciou o discurso abaixo:

## >>>>DISCURSO NA POSSE<<<<

A solenidade coroava o esforço de um grupo de intelectuais que criara o Grêmio no 7 de abril de 1938 e andara plantando a semente do associativismo cultural em cidades da Região. De todo esse labor sobrou apenas a Academia Passo-Fundense de Letras. Melhor para Passo Fundo, que assumiu a vanguarda cultural de uma vasta área do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

### Ata de Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

Aos sete dias do Mês de abril do anos de mil novecentos e sessenta e um, às vinte horas, no salão da Biblioteca Pública Municipal, iniciaram-se os trabalhos da sessão de instalação da Academia Passo-Fundense de Letras.

Aberta a sessão pelo acadêmico José Gomes, foi a presidência dos trabalhos passada ao historiador, acadêmico Arthur Ferreira Filho, presidente da Academia Sul-Riograndense de Letras, fundador do Grêmio Passo-Fundense de Letras e da Biblioteca Pública Municipal, o qual veio a esta cidade como convidado especial para presidir os atos desta sessão solene. Pelo presidente foram convidados para fazer parte da mesa as seguintes pessoas: Dr. Eripedes Facchini, Centenário do Amaral, Bispo José Gomes, Revdo. Otto Gustavo Otto, Porf. Clory Trindade Oliveira, Jader Prates Chaves, Tte. Luiz Carlos Bitencourt e Hugo Vargas. Logo a seguir foi feita a chamada nominal dos integrantes da Academia Passo-Fundense de Letras, com menção aos seus respectivos patronos, os quais, à medida que eram chamados, iam ocupando os seus lugares. Foram os seguintes, por ordem alfabética, e seus respectivos patronos: Arthur Süssembach (Monteiro Lobato), Aurélio Amaral (Sante Uberto Barbieiri), Carlos de Danilo de Quadros (Assis Chateaubriand), Celso da Cunha Fiori (João Maria Belém), César José dos Santos (Getúlio Vargas), Gomercindo dos Reis (Walter Spalding), Jorge Edethe Cafruni ( Francisco Antonino Xavier e Oliveira), José Gomes ( Dom Aquino Correa), Jurandyr Algarve (Arthur Ferreira Filho), Mário Daniel Hoppe (Gabriel Bastos), Mário Braga Júnior (Darcy Azambuja), Mário Lopes Flores (Augusto dos Anjos), Paulo Giongo (Ernani Fornari), Píndaro Annes (Prestes Guimarães), Reissoly José dos Santos (Rui Barbosa), Rômulo Cardoso Teixeira (Olavo Bilac), Sabino Santos (Erico Veríssimo), Saul Sperry Cezar (Álvares de Azevedo), Túlio Fontoura (Nicolau de Araújo Vergueiro) e Vérdi De César (Raquel de Queiroz).

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2005

Título : A instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: A importância e Celso da Cunha Fiori para a cultura passo-fundense não foi ainda devidamente reconhecida.

A instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

por Paulo Monteiro

A importância e Celso da Cunha Fiori para a cultura passo-fundense não foi ainda devidamente reconhecida. A sua biografia está por ser escrita. Foi um dos advogados mais brilhantes que o Foro de Passo Fundo já conheceu, professor e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo, também foi presidente do Grêmio e da Academia Passo-Fundense de Letras.

Celso da Cunha Fiori nasceu em Pelotas em 1905. De família humilde, ainda criança, precisou trabalhar, exercendo as funções de aprendiz de sapateiro, alfaiate e telegrafista. Cursou Direito, lecionando Latim e Português no Instituto Ginásial, atual Instituto Educacional, de Porto Alegre. Mais tarde transferiu-se para Passo Fundo, onde permaneceu até seu falecimento. Aqui, além da advocacia e do magistério superior, destacou-se como político, desportista e líder de sua classe.

Ao ser empossado como primeiro presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, a 7 de abril de 1961, pronunciou discurso que teve ampla repercussão e que transcrevo a seguir:

>>>>> DISCURSO DE POSSE <<<<<

Somando 27

Abril de 2005.

Data : 28/06/1996

Título : A insurreição comunista de 1935

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Ensaio, de São Paulo, juntamente com a Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, está publicando A INSURREIÇÃO COMUNISTA DE 1935: NATAL – O PRIMEIRO ATO DA TRAGÉDIA, de Homero Costa.

A insurreição comunista de 1935

por Paulo Monteiro

A Editora Ensaio, de São Paulo, juntamente com a Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, está publicando A INSURREIÇÃO COMUNISTA DE 1935: NATAL – O PRIMEIRO ATO DA TRAGÉDIA, de Homero Costa.

A chamada “Intentona Comunista” foi o pasto que, durante décadas, engordou a direita, empanturrando vastos setores nacionais com a ideologia do anticomunismo. Passados mais de seis décadas, decorreu tempo suficiente para que o passionalismo cedesse lugar à sã razão, favorecendo e favorecida por estudos como o de Homero Costa.

Usando a boa bibliografia já disponível, confrontando informações, o Autor se aproveita dos elementos memorialísticos, dos inquéritos policiais-militares e estudos de outros pesquisadores para reproduzir uma obra que descortina horizontes sobre o levante comunista de 1935, em Natal.

A história tradicional – e a tradição; e uma força frenadora a história – apresentada os acontecimentos de novembro daquele ano como localizados no tempo e no espaço do capital potiguar. Homero Costa mostre que os fatos não se passaram de maneira tão simples.

Rivalidades pessoais ou de grupos dividiam internamente a oligarquia latifundiária local, fazendo com que as disputas políticas tivessem continuidade por meios não tão moderados. Ademais, ao nível das camadas mais pobres da população, o catolicismo romano não conseguia impor o tipo de religiosidade popular capaz de tornar os homens escravos plenamente pacíficos do reino deste mundo, enquanto esperam o paraíso num reino pós-morte.

Embora pequenas, Natal, e Mossoró concentravam significativos contingentes proletários e de certo modo uma pequena burguesia que se aproximava desse segmento básico de uma sociedade moderna ou que caminha para a modernização. Exemplos vemos na importância que tiveram os advogados Café Filho e Miguel Moreira, que não são elementos de classe média isolados.

A Insurreição de 1935 em Natal teve um antecedente ao movimento guerrilheiro que se desenvolveu no Oeste do Estado entre julho daquele ano e princípios de 1936, liderado pelo ex-pastor protestando Manoel Torquato e pelo advogado Miguel Moreira, militantes do Partido Comunista e articuladores da Aliança Libertadora Nacional.

Pela amplitude da movimentação armada e pelo envolvimento popular durante os dias em que Natal e boa parte do Rio Grande do Norte foram ocupados pelas forças rebeldes não

se pode continuar afirmando que a sublevação de 1935 foi uma simples quartelada, um amotinamento do 21º BC.

Nos anexos a seu livro, Homero Costa apresenta uma relação dos indiciados nos inquéritos policiais-militares por envolvimento nos acontecimentos políticos do Rio Grande do Norte, onde se nota a participação de elementos representativos dos mais amplos segmentos da população.

Se, como desejam alguns historiadores, o novembro vermelho de 35 foi a última ação do tenentismo, ao menos em terras norte-rio-grandenses, aconteceu sob o signo da participação popular. Além disso, como fica visível pela leitura desse livro de Homero Costa, havia uma nova qualidade política através da intervenção de militantes comunistas, ainda que a politização dessas pessoas não fosse das mais apuradas. Essa identificação partidária e revolucionária, porém, contribuíam para a superação dos estreitos marcos dos movimentos tenentistas da década anterior.

Mesmo podendo ser considerado como precipitada a insubordinação do 21º 35 BC, não se pode negar que o “animus” estadual contribuiu para essa precipitação e para a extensão maior do que nas outras partes do país.

É de salientar-se a preocupação de Homero Costa com a objetividade, tanto que não se esconde o assassinato covarde de Ocatício Weneck pelo revolucionário Epifânio Guilhermino, e a falsificação de um heróico resistente da legalidade, na pessoa de um louco de rua de nome Luiz Gonzaga, transformado num soldado da polícia militar que teria operado bravamente uma metralhadora e morrido na defesa do quartel daquela da PM, quando, na verdade, morreu no meio da rua, em uma de suas perambulações.

A leitura de A INSURREIÇÃO COMUNISTA DE 1935: NATAL – O PRIMEIRO ATO DA TRAGÉDIA é fundamental para que alguns mitos da história do País sejam exorcizados.

28/06/96

Data : 30/04/2003

Título : A Lei Mata

Categoria: Artigos

Descrição: O melhor, o mais consistente pronunciamento feito durante a sessão de instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito...

"A lei mata"

O melhor, o mais consistente pronunciamento feito durante a sessão de instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito que vai verificar possíveis irregularidades em programas habitacionais da Prefeitura foi feito pelo vereador Marcos Citollin, do PSB.

Os burburinhos, os murmúrios, os cochichos cessaram. Todo o recinto da Câmara de Vereadores silenciou para ouvir as ponderações do parlamentar socialista, para beber os ensinamentos do Artigo 58, Parágrafo 10. Da Constituição Federal, repetido pela Lei Orgânica do Município de Passo Fundo: "Na constituição das Mesas e de cada Comissão, é assegurada, tanto quanto possível, a representação proporcional dos partidos ou dos blocos parlamentares que participam da respectiva Casa".

Marcos Citollin falou no que o legislador teria dito nas entrelinhas da lei, mas poderia ter usado a expressão preferida por muitos juristas: "espírito da Lei", que não é nada mais nada menos do que a repetição de uma conhecida passagem paulina: "a lei mata, e o Espírito vivifica" (2Co 3.6). Pois foi exatamente isso que os partidos situacionistas fizeram: usaram a Lei, o Regimento Interno, os cambaus, para tirar a vida, a alma, da Lei, ao negar que três ou quatro vereadores opositoristas tivessem assento, ainda que como suplentes, na referida CPI.

A atitude da maioria feriu claramente o preceito constitucional - e mais do que isso, feriu de morte a isenção que uma comissão desse tipo necessita apresentar.

Essa conclusão, é óbvio, não implica em juízo de valor sobre os legisladores municipais, mas qualquer pessoa que não conheça a idoneidade de nossos vereadores pode lançar Suspeitas sobre as investigações a serem processadas.

Além do mais, o veto - e esse é o termo parlamentar para a atitude dos partidos situacionistas - à minoria de oposição, acabou sendo agravada com a decisão do prefeito Osvaldo Gomes em suspender a construção das moradias pelo Programa de Subsídio da Habitação e de negociações para a construção de outras habitações até que a CPI conclua seus trabalhos.

A bem da verdade, se fosse apenas para que investigações não sofressem prejuízos, o prefeito não poderia ter reiniciado as obras do Ginásio Poliesportivo. Ali, uma comissão da própria prefeitura encontrou irregularidades superiores, em valores históricos, a R\$ 1 milhão. O caso está sendo investigado pelo Ministério Público Estadual.

Nas próximas sessões da Câmara, massas de manobra, para deleite das "forças ocultas" de província, poderão fazer sentir o odor fétido da Lei assassinada pelos líderes situacionistas.

Do Jornal

O Cidadão

30 de abril de 2003



Data : 01/01/2013

Título : A Lenda do Urutau

Categoria: Artigos

Descrição: Urutau era o nome de um rapaz muito bonito e alegre, apreciador de bailes e festas.

(Recolhida do folclore passo-fundense)

Paulo Monteiro (\*)

Urutau era o nome de um rapaz muito bonito e alegre, apreciador de bailes e festas.

Certa feita, se enamorou por uma jovem.

De início, ela demonstrou que correspondia ao amor que Urutau lhe dedicava.

Dentro de pouco tempo, ela se apaixonou por outro moço, como o qual acabou casando.

Urutau enlouqueceu. Maltrapilho, passou a vagar pelas matas, sem comer nem beber, repetindo um grito desesperado: “Ai! Ai! Ai! Amor!”

Não viveu muito. No local em que seu corpo foi encontrado, apareceu um pássaro, cuja plumagem lembra as roupas do rapaz enlouquecido. Seu canto estridente, parece perpetuar o desespero do apaixonado, de quem tomou o nome.

Por isso, muitos matutos, quando ouvem a voz do urutau, em geral, altas oras da noite, chegam a persignar-se, pois entendem que o pássaro repete as palavras fatídicas: “Ai! Ai! Ai! Amor!”

(\*) Paulo Monteiro, pesquisador da história e da cultura do Rio Grande do Sul, pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

Data : 31/07/2006

Título : A lição de Rousseau

Categoria: Artigos

Descrição: Fujo ao estilo das colaborações para a revista Somando, levado por um leitmotiv comum a todos os brasileiros: a preocupação com a história recentíssima da República Federativa do Brasil.

A lição de Rousseau

por Paulo Monteiro(\*)

Fujo ao estilo das colaborações para a revista Somando, levado por um leitmotiv comum a todos os brasileiros: a preocupação com a história recentíssima da República Federativa do Brasil. Se, como disse o presidente Luís Inácio Lula da Silva, “a esperança venceu o medo”, hoje, vemos a esperança dar lugar á estupefação. Eu votei em Lula, no segundo turno, para quebrar a tradição histórica de ladroagens e safadezas, que continuam justificadas com o velho discurso de que “isso sempre aconteceu”.

Não acredito com Jean-Jacques Rousseau – e tantos outros depois dele -, na democracia representativa, pois todo o poder “exercido” em nome do povo acaba nas mãos de “soldados para escravizar a pátria e representantes para vendê-la”. Esse entendimento foi magistralmente resumido por Afonso Bertagnoli: “Um povo não pode alienar a sua autoridade, porquanto, em época alguma, aos indivíduos é facultado empenhar todo um povo, cuja vida nunca finaliza”. É o que temos tido ao longo da história do Brasil.

Quando tomamos um caminho errado- e, pior, quando foi tomado em nosso nome- temos duas opções: procurar um atalho, que nos leve á direção certa, ou retornar ao ponto de partida. Os recentes acontecimentos brasileiros fizeram com que me decidisse pela segunda opção, para situar-me diante do que se passa. E me atraquei a reler Do Contrato Social, publicado em 1762 por Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).

O livro do genebrino influenciou – na verdade foi usado por eles segundo os seus interesses – os organizadores do Estado norte-americano e este, por sua vez, também foi modelado de acordo com os interesses daqueles que organizaram o Estado republicano brasileiro. Basta lembrar que, proclamada a República, o país passou a chamar-se Estados Unidos do Brasil e as antigas províncias receberam a denominação de estados. Verdade é que o Rousseau que entrou nas constituições de Estados Unidos e Brasil é um verdadeiro anti-Rousseau.

“O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros”, é a abertura do Capítulo I daquele clássico. Quase ao final do capítulo seguinte sentença: “A força fez os primeiros escravos, sua covardia os perpetuou”. Mais adiante (Livro Segundo, Capítulo VIU) define o que sejam as leis: “As leis não são, propriamente, mais do que as condições da associação civil”. E confirma, nesse mesmo Livro, abrindo o Capítulo XI: “Se quisermos saber no que consiste, precisamente, o maior de todos os bens, qual deva ser a finalidade de todos os sistemas de legislação, verificar-se-á que se resume nestes dois objetivos: a liberdade e a igualdade. A liberdade, porque qualquer dependência particular corresponde a outro tanto de força tomada ao corpo do Estado, e a igualdade, porque a liberdade não pode subsistir sem ela”.

A concepção de que o voto é uma arma e de que devemos fazer uma revolução pelo voto, a cada eleição, é uma ficção política. O relho apenas troca de mãos. Enquanto os “representantes do povo” não forem controlados, as coisas continuarão como sempre. Tanto isso é verdade, tanto é uma exigência social, que todos concordam na necessidade de controles externos, do Judiciário, do Legislativo, do Executivo. Entretanto, todo e qualquer controle somente será democrático se estiver em mãos daqueles de onde “todo o poder emana”, os cidadãos.

Rousseau defendia a democracia direta: a participação dos cidadãos na discussão, decisão e realização, do bem comum. Por isso é confundido com um precursor do anarquismo. Ele não preconizava a destruição do Estado, como os anarquistas, nem a sua extinção, a exemplo dos comunistas, nem o estado mínimo dos liberais. Pregava o mínimo de Estado. Sabia que liberdade e igualdade absolutas jamais existirão. E que todas as tentativas de absolutizá-las acaba em auschwitzes ou gulags.

Por quê? Porque “Assim como a vontade particular age sem cessar contra a vontade feral, o Governo despende um esforço contínuo contra a soberania”. Para resolver essa contradição a melhor alternativa seria a organização em pequenas pátrias, como as cidades-estados da Antiguidade ou a sua Genebra natal.

O que ele mais temia, na combinação da democracia representativa com as grandes pátrias, é o que vemos hoje, no Brasil: a usurpação da soberania, o rompimento do pacto social, com “os simples cidadãos, repostos de direito em sua liberdade natural, [...], forçados, mas não obrigados a obedecer”. Na prática, ocorre a dissolução do Estado, do que fala poucas linhas á frente, e o império da anarquia.

O retorno ao estado de natureza, no estágio atual em que se encontra a Humanidade é uma aberração. É o retorno á malta, sob a forma das quadrilhas, á massa, e seus estouros, como têm visto em dias bem recentes. O homem não pode mais, nos dias de hoje, retornar ao estado de natureza, sem que isso signifique trocar a civilização pela barbárie.

Para controlar os abusos inevitáveis da democracia representativa as tentativas mais eficientes estão ligadas á adoção do voto distrital, com a revogabilidade de mandato. Cria-se, na prática, uma pequena pátria e limita-se os poderes dos representantes. É claro que acrescentando-se o parlamentarismo, como instrumento mais limitativo dos atos parlamentares.

Exemplificaremos. Em Passo Fundo, com onze vereadores, teríamos onze distritos eleitorais, com um mesmo número aproximado de eleitores. Os partidos apresentariam listas tríplexes (como as antigas sublegendas), o candidato mais votado da lista seria eleito e seus companheiros ficariam como suplente. A qualquer tempo, pelo menos 25% dos eleitores, inscritos á época da votação, poderiam requerer um referendun. Em caso de decidirem pela revogação0 (cassação) do mandato, assumiria o suplente imediato. E a decisão do referendun é irrecorrível. O mesmo procedimento seria válido para deputados estaduais e federais. Os envolvidos em mensalões e quejandos não teriam chances de absolvição.

No caso brasileiro, ou fazemos essa profunda reforma política, onde “a vontade de todo o povo”, para usar outra expressão de Rousseau, passe a ser respeitado ou o Estado acaba, em definitivo, na anarquia, no império da malta, no estouro da massa, na barbárie, no puro e simples bebeléu.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha  
Somando.

31 de Julho de 2006.

Data : 02/03/2002

Título : A lição maranhense

Categoria: Editoriais

Descrição: Os recentes episódios envolvendo a governadora e presidenciável Roseana Sarney com notícias de atos de corrupção, que estouraram na chamada grande imprensa...

A lição maranhense

por Paulo Monteiro

Os recentes episódios envolvendo a governadora e presidenciável Roseana Sarney com notícias de atos de corrupção, que estouraram na chamada grande imprensa, apresentam uma oportunidade a mais para que seja renovada uma reflexão permanente entre os homens de bem deste país.

Esse tipo de notícia envolvendo o grupo que domina a política maranhense desde os anos de 1960, é muito antiga. Por isso, a revolta dos apoiadores da pré-candidata, por terem adquirido a amplitude obtida no momento em que seu nome crescia nas pesquisas eleitorais.

Governadora e pré-candidata á Presidência da República por um partido nominalmente Liberal, Roseana sempre defendeu a livre iniciativa. Há décadas, porém, seu grupo enriquece grudado ao governo estadual e em parceria com sucessivas administrações federais.

Esse tipo de prática, também, não é novidade. Há 501 anos, o Brasil vive essa mancebia entre os cofres públicos e os bolsos privados. Há 501 anos, os governantes brasileiros enriquecem cada vez mais e a população cada vez mais fica mais pobre.

E quanto mais miserável o Estado, mais abastados os seus governantes e mais esfarrapados os cidadãos.

Existe solução? Sim. Uma das alternativas pode ser colocada em prática no próximo dia 3 de outubro: passar pelo fio do voto, tantos quantos se identifiquem com aqueles que exploram o Brasil e os brasileiros, há cinco séculos.

O Cidadão.

02/03/2002

Data : 16/10/1998

Título : A Lírica de Safo

Categoria: Resenhas

Descrição: Quem estuda História ou Literatura seguramente já leu alguma coisa sobre Safo, poetisa grega que viveu entre cerca de 625 a 580 a.C.

## A Lírica de Safo

Quem estuda História ou Literatura seguramente já leu alguma coisa sobre Safo, poetisa grega que viveu entre cerca de 625 a 580 a.C. Muitos a conhecem por ter inspirado algumas palavras da Língua Portuguesa, como safismo (homossexualismo praticado entre mulheres) e seu sinônimo lesbianismo (este referindo-se à ilha de Lesbos, onde a poetisa se refugiou com um grupo de mulheres para compartilharem de prazeres carnavais comuns.

Talvez por esses dados biográficos, encontráveis nos dicionários, a própria poesia de Safo tenha merecido um silêncio obsequioso – para usar uma expressão de jurisprudência inquisitorial. Apesar disso, especialmente a partir do Renascimento, a obra fragmentária da grande lírica da Antiguidade tenha despertado o interesse de estudiosos e eruditos.

A Editora Estação Liberdade, de São Paulo, publicou um volume interessantíssimo sobre a poetisa grega: *VARIAÇÕES SOBRE A LÍRICA DE SAFO: TEXTO GREGO E VARIAÇÕES LIVRES*, de Joaquim Brasil Fontes. O livro, produto consciencioso e erudito, torna acessível ao leitor de língua portuguesa o que restou da obra de Safo de Lesbos. E a densidade lírica dos fragmentos enfeixados por Joaquim Brasil Fontes são uma amostra da beleza poética dos versos compostos há mais de 2.500 anos.

"Eros/ me trespassae agita, como o vento/ que, dos altos montes, desaba/ sobre os carvalhos", diz a poetisa, falando da intensidade do seu amor, fazendo lembrar uma das personagens de "Engraçadinha", de Nelson Rodrigues, recentemente adaptada para a televisão. Tinha o mesmo tipo de desejos sexuais de Safo. Outra passagem: "Iguar à

criança, na direção da mãe,/ como se tivesse asas, voei para ti". São versos psicologicamente densos, que podem prestar-se a elucubrações teóricas sobre as razões da homossexualidade feminina.

Não é apenas lirismo, amor materializado em palavras, que os versos de Safo transmitem. A filosofia se apresenta em muitas passagens. Transcrevo os fragmentos da página 131: "80/dinheiro, sem virtude,/ vizinho perigoso./dinheiro mais virtude:/sinal de boa sorte// 81/ que se monte guarda contra a língua tagarela/ quando a força das paixões no peito se derrama// 82/ o belo, na hora fugaz é belo:/ o nobre para sempre é nobre// um olhar, é o que dura o homem belo;/ dura para sempre - e é belo - o nobre// o homem belo é belo no instante de um olhar:/só permanece o homem que é belo e bom".

A leitura do que sobrou da obra poética de Safo é importante para entendermos padrões e concepções estéticas da Antiguidade. Em uma época em que muito se fala de uma certa "poesia feminina", a velha Safo dá um exemplo às novas poetisas do que realmente seja poesia. A palavra é apenas o condutor do sentimento. O fio não é a eletricidade. Palavra - ainda que palavrão - não é poesia. Safo diz há mais de 2.500 anos.

Do Jornal

O Cidadão

16.10.1998

Data : 02/02/2015

Título : A literatura fantástica e a realidade

Categoria: Crônicas

Descrição: Num sábado desses, durante um encontro de escritores no Café Riviera Passo Fundo, falei longamente sobre minha implicância com a literatura fantástica em moda no Brasil.

Num sábado desses, durante um encontro de escritores no Café Riviera Passo Fundo, falei longamente sobre minha implicância com a literatura fantástica em moda no Brasil. A maior parte dela é pura subliteratura, imitação de filmes e livros estrangeiros. Começa pelos nomes das personagens e pelos cenários. Apresento testemunhas dessa conversa: os escritores Leon Nunes, Sani Vidal e Miguel Gutierrez Guggiana, além do administrador do Projeto Passo Fundo.

Disse-lhes que temos toda uma temática e um ambiente próprios para escrevermos uma literatura original. Se deixássemos de lado os filmes enlatados norte-americanos e os best sellers estrangeiros e fizéssemos simplesmente o que Edgar Allan Poe e Eça de Queiroz faziam produziríamos literatura original. Eles apenas liam os jornais de suas cidades.

Pois bem. Está em transcurso, em Passo Fundo, um caso que exemplifica o que digo.

Cinco amigos, todos pertencentes ao lumpemproletariado, passavam o Natal numa casa localizada numa área de ocupação, à beira de uma rodovia. No local foi encontrado um homem morto com várias foçadas. No interior da casa existia um congala (altar com imagens e símbolos religiosos) e também um copo com sangue. Encontraram, além da foice, uma faca também suja de sangue.

Conclusão imediata: a vítima morreu num ritual de "magia negra". Prenderam dois rapazes que ali dormiam completamente embriagados. E por isso não conseguiram fugir.

O pai de santo (nome genérico que se dá ao gênero de sacerdote que ali morava) e outros dois amigos escaparam.

Estamos diante de um "causo" onde se misturam literatura fantástica e literatura policial.

Tudo isso pode ser encontrado nas páginas das rádios Uirapuru e Planalto, de Passo Fundo.

Minha crônica ainda não terminou.

A vítima, também do mesmo estrato social, ali chegou drogada. Tentou se apossar de um rolo de fios. Entrou em luta corporal com o dono da casa, que levou algumas facadas. Um dos seus amigos, armou-se da foice e partiu em defesa do companheiro. Cometeu excesso de golpes.

Esta é "a vida como ela é", para empregar a feliz expressão de Nelson Rodrigues.

Pena é que nossos escritores não leiam os jornais de suas cidades.

Aliás, há poucos dias, conheci um autor que lê a imprensa local: o piauiense Milton Borges, autor de "À espera dos bandidos", um livro de crônicas.

Data : 05/03/2015

Título : A Literatura Regional: Paulo Monteiro conta a história

Categoria: Crônicas

Descrição: Peões e prendas da 7ª Região Tradicionalista, com sede em Passo Fundo, realizaram um estudo sobre a literatura regional, em geral, e sobre minha obra literária, em particular.

Peões e prendas da 7ª Região Tradicionalista, com sede em Passo Fundo, realizaram um estudo sobre a literatura regional, em geral, e sobre minha obra literária, em particular.

Assim justificam a pesquisa:

"Tendo como objetivo contemplar o tema 'Literatura Regional', o qual foi proposto pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, para a realização da 14ª Mostra de Arte e Tradição Gaúcha, realizamos a presente pesquisa sobre a vida e obras do escritor Paulo Domingos da Silva Monteiro.

Com a assessoria do Departamento Cultural, Departamento Jovem e a Coordenadoria da 7ª Região Tradicionalista, nós Prendas e Peões, gestão 2013/2014, realizamos o estudo sobre o tema proposto, através de pesquisas e entrevistas com pessoas que conhecem e vivenciam a Literatura Regional.

Este trabalho é resultado de dias de dedicação, do auxílio de muitas pessoas e do empenho daqueles que o realizaram. Nestas páginas queremos apresentar um pouco da história da Literatura do nosso Estado e também um pouco sobre a história do escritor Paulo Monteiro".

Assim, no próximo sábado, dia 16 de novembro, estarei com os jovens pesquisadores em Santa Cruz do Sul, onde apresentarão seu trabalho, concorrendo com as demais regiões tradicionalistas do Estado. Depois de desempenhar a função de Patrono da 27ª Feira do Livro de Passo Fundo, é a segunda honraria que recebo neste mês de novembro, do ano da graça de 2013.



Data : 05/03/2015

Título : A madame e o mendigo

Categoria: Crônicas

Descrição: Éramos quatro. Aliás, belo título para um romance ou um filme. Dou-lhes os nome: Eu, Francisco Mello Garcia, Leandro Malósi Dóro e Julio Perez.

Éramos quatro. Aliás, belo título para um romance ou um filme. Dou-lhes os nome: Eu, Francisco Mello Garcia, Leandro Malósi Dóro e Julio Perez. Tomamos cafezinho, na padaria que fica ao lado da sede da Academia Passo-Fundense, naturalmente falando sobre literatura. E dali saímos para entrar no local onde funciona a nossa casa literária.

À porta, sentado, um andarilho comia pastel e tomava refrigerante. Indiferente à nossa presença.

- Amigo, pode continuar aí mesmo. Só dá um ladinho pra gente abrir a porta -, disse-lhe.

Não turgiu nem mugiu. Empunhou o pedaço de pastel e a sobra de guaraná e se dirigiu para um "container" em que o lixo da vizinhança é recolhido, onde jogou os objetos. E seguiu seu caminho, num passo leonino indiferente aos míseros insetos que viram enxotá-lo.

Permanecemos na biblioteca da Academia, durante uns bons minutos, resolvendo os problemas enfrentando pelos escritores de província. E dali nos dispersamos. Acompanhando do Dóro encaminhei-me para o Centro da cidade.

Falávamos sobre a arte da crônica. De repente, nossa atenção foi atraída pela imagem de uma balzaquiana, bem dotada de formas e bem vestida. Curvada à porta de um edifício, despertava a atenção dos marmanjões motorizados levantando as bem traçadas formas de suas nádegas para a Rua Bento Gonçalves. Exatamente naquela posição que, segundo os entendidos nossas proto-avós pré-históricas, concebiam nossos proto-ancestrais.

Pensei que tentava agarrar uma criança teimosa. Ledo engano. Reassumi a posição ereta ostentando aos braços um desses cachorrinhos de raça.

Disse para meu companheiro de discussão de teoria literária:

- Tudo dá crônica. Esses carros passando, esse "container" cheio de lixo e a madame do cachorrinho.

Já se passaram cinquenta e tantos anos e todos esses fatos continuam martelando meus miolos. E martela com os famosos estes versos do soneto intitulado "Versos Íntimos", de Augusto dos Anjos:

"O homem, que nesta vida miserável,  
Mora entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera".

Vivemos num mundo-cão. Por isso, tantas madames - e não somente elas - gostam tanto de cachorros, para a desamparo dos leões que perambulam, sujos, pelas ruas.

Data : 30/04/2006

Título : A magia das tintas

Categoria: Artigos

Descrição: Gecy Terezinha Albuquerque Vieira é uma passo-fundense formada em Belas Artes.

A magia das tintas

Gecy Terezinha Albuquerque Vieira é uma passo-fundense formada em Belas Artes, hoje aposentada como professora. Lecionou no ensino médio e na Universidade de Passo Fundo. Apaixonada por Geometria, estudou o filósofo grego Pitágoras, descobrindo relações entre números e cores.

Para ela a grande coincidência entre números e cores é que ambos são sinais. E como tal adquirem universalidade. O vermelho quer dizer perigo; o verde, tranquilidade; o amarelo, despertar; e assim por diante, como se pode ver num simples semáforo.

Avançando em suas pesquisas, onde reconhece um cunho científico portando um conteúdo espiritual, chegou aos dísticos, agrupamento de cores, texturas e vibrações. Aplicando técnica própria, chamada de texturoterapia, a partir do nome das pessoas, já produziu 80 mil cartões. Vó Gecy ou Vó Gy, como prefere ser chamada, proferiu palestras para grupos de terceira idade, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Recentemente, visitou a Academia Passo-Fundense de Letras, brindando os acadêmicos e o próprio sodalício com seus cartões personalizados. Neles - assegura – estão registradas as potencialidades dos intelectuais passo-fundenses e da casa maior das letras locais. (PAULO MONTEIRO)

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 25/07/2008

Título : A Maldição do Monge

Categoria: Artigos

Descrição: Passo Fundo tem uma lenda, pouco divulgada, envolvendo ...

A Maldição do Monge

(Lenda Passo-Fundense)

Ninguém consegue explicar como as lendas se formam. O certo é que elas sempre têm um pé fincado no real. Parecem explicar simbolicamente uma realidade histórica, muitas vezes ignorada pelos historiadores. É o caso do Negrinho do Pastoreio, imortalizado pela arte literária de Simões Lopes Neto, ao enfeitar o conto original com o marianismo.

Passo Fundo tem uma lenda, pouco divulgada, envolvendo uma ou mais figuras a merecer ou merecerem investigações aprofundadas de nossos historiadores regionais: o monge João Maria ou São João Maria. Sua existência é documentada.

À minha frente, falando desse beato, “Voluntários do Martírio”, livro de Ângelo Dourado, médico das tropas de Gomercindo Saraiva durante a Revolução de 1893 (fac-símile da edição de 1896, Martins Livreiro – Editor, Porto Alegre, 1979) e “Dicionário Sociolinguístico Paranaense”, de Francisco Filipak (Imprensa Oficial do Paraná, Curitiba, 2002).

O último autor (Op. cit., p. 249) conta que, no Paraná, pareceram três monges. “O segundo monge foi Anastás Marcaf, que chegou à Lapa com as tropas de Gumerindo Saraiva, durante a Revolução Federalista em 1884. Imitou em tudo a João Maria d’Agostini e intitulava-se João Maria de Jesus”.

Se é que esse Anastás Marcaf chegou à Lapa com as tropas de Gumerindo foi em 1894. Não é, porém, o que se depreende do testemunho deixado por Ângelo Dourado. Nesta última data, um morro existente nos arredores da cidade paranaense de Lapa, já era conhecido como “serro do Monge” (Voluntários..., p. 225). Algum outro ermitão, talvez o primeiro João Maria, deve Ter estanciado por ali.

Não quero entrar nessas sutilezas históricas. Retorno a Ângelo Dourado que viveu na época do surgimento da lenda passo-fundense. Ele nos relata (p. 218 e segs.) que retornando do Paraná, quase na divisa com o Rio Grande, chegaram a uma aldeia onde “Começam os domínios de um célebre monge que tem percorrido toda a região missioneira, plantando cruces em frente das casas, designando árvores, que dizem ser sagradas onde os crentes habitantes destas regiões vão em certas noites rezar, levando cada qual um rolo de cera que acendem ali”.

O médico federalista foi conhecer o célebre monge apenas nos primeiros dias de julho, já nas proximidades de Soledade, e depois da Batalha do Pulador (27 de junho de 1894). Conta que o eremita, ainda jovem, era simpático aos revolucionários, chegando a acompanhar pelo menos um combate. Ângelo Dourado, porém, não dá nenhum testemunho pessoal dessa assistência. Com certeza o louco, como o médico define o religioso, não acompanhou as forças de Gumerindo ao Paraná. Verdade é que prestava culto a Santo Antão, tanto que edificou uma capela a esse velho monge nas proximidades de Santa Maria, bem no coração do Rio Grande.

Há poucos quilômetros de Passo Fundo, às margens da velha estrada que levava ao Botucaraí, existe a localidade de Santo Antão, onde nasci, e uma igreja a ele consagrada. É perto dali que o monge teria lançado uma maldição contra Passo Fundo.

Contam os mais velhos que São João Maria (era assim que lhe chamavam) caminhava sempre se apoiando num cajado rústico de madeira, levando um cordeirinho branco sob o braço. Numa de suas andanças pela região pediu pousada em fazenda próxima ao Bom Recreio. Foi muito bem tratado. Os filhos do fazendeiro resolveram fazer uma maldade com o santo. À noite roubaram e decolaram o carneirinho. O peregrino levantou cedo e saiu tranqüilo. Os malandros ficaram observando, quando viram, ressuscitado, o animal correndo atrás do dono. Este, voltando-se, teria dito que pagariam muito caro pelo seu ato e que nada de bom prosperaria em Passo Fundo. Pior é que parece Ter funcionado a praga do anacoreta.

Os maldosos e seus descendentes perderam a vida faustosa e foram mourejar de sol a sol. Os capitais gerados no Município pela exploração da madeira, do trigo, da soja e de outras atividades têm migrado para enriquecer outras regiões. Prédios que antes abrigavam indústrias servem como pontos de promiscuidade e consumo de drogas.

Parece que ainda está por aparecer boca mais poderosa que a do São João Maria, capaz de quebrar a lendária maldição.

Data : 26/11/2011

Título : A maldição dos corpos-secos e os jovens escritores

Categoria: Artigos

Descrição: Aos treze anos, vivi uma das experiências mais interessantes, quando estudava na atual Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis.

### A maldição dos corpos-secos e os jovens escritores

Paulo Monteiro

Aos treze anos, vivi uma das experiências mais interessantes, quando estudava na atual Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Minha professora de Língua Portuguesa, Zilka Neff Rosa, promovia a edição de um jornal escolar, impresso em mimeógrafo à tinta, intitulado Fagundes em Foco. Solicitou-nos que escrevêssemos sobre qualquer tema, em prosa ou verso, para publicação no jornal.

Como eu vivia improvisando a partir do que ouvia de meu avô materno, Álvaro Soares da Silva, cuja memória encerrava poemas e quadras ouvidos nas pousadas de tropeiro, e nos acampamentos da Revolução de 23 e da Coluna Prestes, escrevi e mostrei um poema à mestra. Dona Zilka, efetuadas as devidas correções e aproveitando para ministrar-me as primeiras lições de versificação, publicou aquela primícia poética. O sucesso foi imediato. Passei a ser chamado de “poeta”. E não parei mais.

Alguns desses poemas iniciais acabaram nas páginas do Diário da Manhã e de O Nacional, despertando a atenção de outro jovem poeta, Ubiratan Porto, que me procurou. Liguei-me a outros poetas, um pouco mais velhos. Comecei a participar de suas reuniões, culminando com a fundação do Grupo Literário “Nova Geração”, em 29 de julho de 1971. Nesse meio tempo descobri a Academia Passo-Fundense de Letras e, nela, a figura generosa da professora Delma Rosendo Gehn. Ali encontrei os poetas Ricardo Stolfo, Romeu Pithan, Benedito Hespânia, Tenebro dos Santos Moura, Antonio Domin e Jurema Carpes do Valle, entre outros.

Na Academia Passo-Fundense de Letras daqueles tempos, em cujas dependências funcionava a Biblioteca Pública Municipal, aprendi muito na convivência com escritores mais velhos. Era uma casa aberta à mocidade. Outra figura importante era o professor Sabino Santos, com quem muito aprendi, aproveitando períodos vagos no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, para onde me transferi posteriormente. Muito cafezinho tomei com aquele querido mestre, recebido afetosamente no seu escritório.

Na Biblioteca Pública ouvi muitas histórias de Dorival de Almeida Guedes, avô de alguns contemporâneos como o hoje advogado Flávio Luiz Algarve. Li clássicos, cujos livros desapareceram. Convivi com os trovadores galego-portugueses, com os mestres da Língua Portuguesa, de Gil Vicente a Camilo Castelo Branco. E exercitei o francês da escola, lendo volumes da Patrologia Grega e Latina, que desapareceram misteriosamente, anos depois. Um crime que me revolta e me deixa deprimido quando entro no atual prédio daquela biblioteca.

A convivência com os mais velhos, em minha adolescência, gravou no mais fundo de minha alma a convicção de que todas as gerações de intelectuais precisam viver no mesmo meio. A máxima de Voltaire: “Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-lo” deve constituir-se no único artigo a reger essa convivência. Poetas e prosadores, independentemente do que escrevam devem respeitar-se uns aos outros. O debate de idéias, sejam quais forem, precisa ser permitido. Assim como somos, do ponto de vista físico, produtos do choque de um espermatozóide e óvulo, somos, intelectualmente falando, conseqüências de idéias antitéticas.

Quando presidi a Academia Passo-Fundense de Letras, uma de minhas primeiras medidas foi encher a Casa de jovens, a começar por minhas filhas. Comigo elas estiveram do primeiro ao último dia de minha gestão. Assim, quando a 24 de fevereiro de 2010 aqui estiveram o presidente da Academia Literária Gaúcha, José Moreira da Silva, e o coordenador executivo nacional da Casa do Poeta Brasileiro, Joaquim Monks, ficaram boquiabertos com a grande presença de jovens na sessão solene em que transmiti a presidência do Sodalício à confrreira Elisabeth Souza Ferreira. “Isto não acontece em Porto Alegre”, repetiam.

Recentemente, no dia 12 de novembro de 2011, no recinto da 25ª Feira do Livro, o poeta e historiador Wilson Tubino, também da Capital do Estado, vendo a grande quantidade de jovens escritores passo-fundenses repetia: “Isto não acontece em Porto Alegre”. E sei disso, pois há quase quatro décadas acompanho o movimento cultural da “metrópole dos pampas”, mas a maioria de nossos concidadãos desconhece esse fato.

Graças ao Projeto Passo Fundo não perdi a convivência com jovens escritores. Do meu tempo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras sobreviveu o contato freqüente com os jovens escritores Diego Chimango, Débora De Marco, autora de um livro lançado na recente Feira do Livro local, e Suélen Camargo, que produziu a capa de meu primeiro livro, *A Trova no Espírito Santo – História e Antologia* –, em sua reedição virtual pelo Projeto Passo Fundo. Nesse projeto, além da convivência com Diego e Suélen, tenho me encontrado com Leonardo Nunes Nunes, outro jovem escritor que conheci, durante meu mandato à frente da Academia, e outro guri brilhante, Victor Scofield, que acaba de publicar a novela *Gênios* (a origem), graças ao Projeto Passo Fundo.

Precisamos acabar com os maus hábitos – expressão que aprendi com meu confrade, amigo e conselheiro Getúlio Vargas Zauza. E um dos maus hábitos é nos considerarmos donos de entidades e instituições. Contrariando um princípio ético, no ano passado, uma jovem escritora foi impedida de entrar numa de nossas instituições culturais. Queria apenas falar com um consócio. O pior é que a pessoa boçal nem faz parte da confraria...

As portas de todas as entidades e instituições culturais devem ser abertas aos mais jovens. Caso contrário, esses centros de cultura continuarão sendo verdadeiros mausoléus. E nós, mais velhos, continuaremos sendo vistos como verdadeiros corpos-secos.

Para quem não sabe o que é corpo-seco, reza a tradição popular que certas pessoas de tão más acabam morrendo em locais ermos, onde, tempos depois, acabam sendo encontradas mumificadas e até cobertas de barbas-de-pau.

Por isso, é que me sinto muitíssimo confortável nas reuniões informais do Projeto Passo Fundo. Ali se encontram, como verdadeiros confrades, quatro gerações de escritores.

Data : 24/11/2014

Título : A Mijada do Barão

Categoria: Crônicas

Descrição: Meu avô, Álvaro Soares da Silva, conheceu o Barão de Arigópolis ao redor de um foto de chão.

#### Crônica de Paulo Monteiro

Meu avô, Álvaro Soares da Silva, conheceu o Barão de Arigópolis ao redor de um foto de chão. Isso ocorreu em princípios de 1923 quando ambos participaram do cerco de Passo Fundo (ou semicerco, no entendimento de alguns) pelos Libertadores.

Pouco depois, sabendo que as propriedades do seu pai, vizinho da família do romancista Alcides Maya, haviam sido taladas por provisórios borgistas, mandou-se para Porto Alegre.

Ali chegando, hospedou-se num conhecido hotel daquela época, enfatiotou-se e subiu a velha Rua da Ladeira em direção ao Palácio do Governo. Anunciou-se ao porteiro como o Barão de Arigópolis. Após longa espera foi recebido pelo presidente do Estado, o "repúblico" Antonio Augusto Borges de Medeiros. Este nem se dignou sentar-se para receber o Barão. Ouviu seu veemente protesto em pé.

A resposta foi cura e grossa. Em tempo de revolução era assim mesmo. As "requisições" (nome que ao tempo se dava aos saques feitos pelos exércitos em luta) eram normais. Quando o Estado estivesse pacificado mandaria investigar. Se comprovada a veracidade da denúncia os danos seriam reparados.

O Barão desceu a escadaria do Palácio furioso. À saída encontrou o deputado Getúlio Vargas, seu companheiro de farras, sempre contemporizador, que o convidou para tomar um café.

Ao atravessarem a Praça da Matriz o Barão não se conteve. Sob o olhar estupefato do futuro presidente da República, abriu as vistas das calças, expelindo um longo e demorado jato urinário no monumento a Júlio Prates de Castilhos. Concluído o protesto exclamou solenemente:

- Em ti mijo em todos os ditadores, passados, presentes e futuros!

Data : 12/01/2009

Título : a morte do ideal

Categoria: Sonetos

Descrição: quando ela foi asseverou que nunca mais voltaria e não voltou jamais

a morte do ideal

quando ela foi asseverou que nunca  
mais voltaria e não voltou jamais  
até no dia em que mudou a vida  
que após dia foi dia e nada mais

quando ela foi a vida se me trunca  
ficando a noite presa nos meus ais  
e entre meus dedos sua cabeça presa  
disse-me adeus calou-se e nada mais

quando voltou nem disse que voltava  
como um tornado arrebatou-me ao léu  
veio de volta porém não voltava



porque levou-me seu comparsa e réu  
porque me fez um átila só dela  
para matá-la e incendiar o céu

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 07/02/2009

Título : A morte do ideal

Categoria: Poesia

Descrição: quando ela foi asseverou que nunca mais voltaria e não voltou jamais

a morte do ideal  
quando ela foi asseverou que nunca  
mais voltaria e não voltou jamais  
até no dia em que mudou a vida  
que após dia foi dia e nada mais

quando ela foi a vida se me trunca  
ficando a noite presa nos meus ais  
e entre meus dedos sua cabeça erguida  
disse-me adeus calou-se e nada mais

quando voltou nem disse que voltava  
como um tornado arrebatou-me ao léu  
veio de volta porém não voltava

porque levou-me seu comparsa e réu  
porque me fez um átila só dela  
para matá-la e incendiar o céu

Data : 31/03/1999

Título : A Obra Completa de Lila Ripoll

Categoria: Resenhas

Descrição: O Instituto Estadual do Livro e a Editora Movimento, de Porto Alegre, repararam um dívida do Rio Grande do Sul para com uma de suas mais ilustres filhas.

### A Obra Completa de Lila Ripoll

O Instituto Estadual do Livro e a Editora Movimento, de Porto Alegre, repararam um dívida do Rio Grande do Sul para com uma de suas mais ilustres filhas. Tal aconteceu com a publicação da OBRA COMPLETA de Lila Ripoll, no final do ano passado.

Alice Campos Moreira reuniu os poemas divulgados quanto Lila vivia, os inéditos e a peça Um Colar de Vidro. Com isso, a obra da poetisa quaraisense, uma das maiores do Rio Grande, pode ser melhor apreciada, pois seus livros são raridades, praticamente inacessíveis. Lila nasceu em Quaraí no dia 12 de agosto de 1905 e faleceu em Porto Alegre, onde viveu a maior parte de sua existência, em sete de fevereiro de 1967. A OBRA COMPLETA de Lila Ripoll interessa pela qualidade literária, pelas influências sofridas e as por ela exercidas. Como a própria poetisa reconhece sua poesia tem profundas marcas de Antônio Nobre (1867-1900), simbolista português, "romântico acabado", na definição de Massade Moisés (A LITERATURA PORTUGUESA, 12ª edição, Cultrix, São Paulo, 1974). Além dos poetas imobilistas, está presente em sua obra a influência dos poetas ultra-românticos, que se manifesta na previsão da morte próxima e no uso das rimas internas.

Na poesia de Lila há uma afinidade muito grande com a poemática da potiguar Auta de Souza ( 1876-1901 ), autora de Horto (1900). Entretanto, qualquer esquematismo nas ligações da obra de Lila Ripoll com outros poetas será extremamente limitativo.

A morte de Waldemar Ripoll, primo irmão de criação da poetisa, assassinado a mando de " representativas" figuras da política rio-grandense marca profundamente sua poesia. O homicida seria morto pelos próprios mandantes, que acabaram absolvidos. Como que buscando continuar os ideais do irmão, passou a ter intensa militância política no Partido Comunista, inclusive escrevendo poemas militantes. NOVOS POEMAS (1951), PRIMEIRO DE MAIO(1954) e POEMAS CANÇÕES (1957) estão cheios de poesia social, da melhor que já foi escrita no Brasil por poeta comunista.

A superioridade da poesia social de Lila Ripoll deve-se ao profundo lirismo que seus versos dessa fase transmitem. O contato com poetas como Garcia Lorca contribuiu para

uma renovação conservadora de seus métodos poéticos e a finesa de seus últimos poemas, reunidos em CORAÇÃO DESCOBERTO (1965). A depuração da rigidez métrica se processa moderadamente, numa época de vanguardismos descabelados.

A OBRA COMPLETA, ainda que reunindo apenas os textos literários, de Lila Ripoll, oxalá sirva para uma revisão do que sua autora representa. Seu valor é muito maior do que lhe conferem os críticos e historiadores.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo 2ª Quinzena de Maio/1999

Data : 30/09/2013

Título : A Obra Literária de Gilberto Cunha

Categoria: Artigos

Descrição: Gilberto R. Cunha é “doutor na área de meteorologia agrícola” e autor de três livros sob o título geral de Meteorologia: fatos & mitos, publicados pela Embrapa Trigo nos anos de 1997, 2000 e 2003.

Gilberto R. Cunha é “doutor na área de meteorologia agrícola” e autor de três livros sob o título geral de Meteorologia: fatos & mitos, publicados pela Embrapa Trigo nos anos de 1997, 2000 e 2003. Essa trilogia se distingue da literatura acadêmica em geral por um motivo muito simples: trata-se de artigos escritos para jornal e originalmente impresso nesse tipo de periódico.

Leitor compulsivo, até por um dever de ofício, leio de tudo um pouco, até quase tresler. E tenho notado que vivemos numa espécie de Idade Média, do ponto de vista cultural. Isto porque a maioria das obras com pretensões científicas, é escrita em jargões técnicos que os torna ilegíveis aos leitores não acostumados à linguagem dos iniciados de uma determinada área do conhecimento e, dentro destas, às expressões peculiares de cada seita, que se via formando em torno dos diferentes mestres dessa nova escolástica.

Ora, isso cria alguns problemas que começam a ser analisados e que merecem uma discussão mais séria. O maior deles é que esses dialetos científicos entram em contradição com a dinâmica do conhecimento em nossos dias. A Internet faz com que as informações circulem instantaneamente. E como, há décadas, já dizia o “filósofo” Chacrinha “quem não se comunica se trumbica”.

Permitindo-me empregar uma ilustração, ou melhor, uma personagem para ilustrar o que digo, valer-me-ei do “deputado João Plenário”, do programa A Praça é Nossa. Quando não quer responder certos questionamentos, emprega uma linguagem completamente incompreensível. Parece-me que muitos autores não dominando certos assuntos optam pela linguagem ininteligível do “João Plenário”.

Gilberto R. Cunha é diferente. E se comunica muito bem. Sirvam de exemplo os diversos artigos em que fala sobre os fenômenos “El Niño” e “La Niña”. Quem ler seus livros vai entender perfeitamente esses acontecimentos. Assim, o autor presta um serviço à cultura e restitui, sob a forma de conhecimento compartilhado, o que a sociedade contribuiu para que ele se tornasse um doutor.

Seus livros não merecem ser lidos, mas devem ser lidos. É preciso que façam parte de todas as bibliotecas escolares, pois são fontes de informação e esclarecimento, ao mostrar “fatos & mitos”.

Os cientistas – e Gilberto R. Cunha é um deles –, hoje, mais do que nunca, precisam se conscientizar de que o conhecimento não é propriedade deste ou daquele iluminado. A mesmo que se queira reduzir à ética do cachorro: enterrar o osso para que seu semelhante não coma. O autor de Meteorologia: fatos & mitos, porém, pertence ao gênero humano e faz uso – e um bom uso – de sua razão, expressando-se através da palavra escrita na linguagem viva das ruas e não através de grunhidos, agrupados em torno de sinais alfabéticos, e reconhecíveis, no máximo, por alguns bípedes, bímanos e implumes.

## GALILEU É MEU PESADELO

Gilberto Cunha é reconhecido internacionalmente como cientista e é um dos escritores passo-fundenses mais brilhantes.

Seus textos, do ponto de vista estético, dentro da limitação conceitual, podem ser divididos em dois grupos: ortodoxamente científicos e heterodoxamente científicos. No primeiro conjunto encontramos livros como os três volumes de Meteorologia: Fatos & Mitos; no segundo incluem-se Cientistas no Divã e Galileu é meu pesadelo, que será lançado na 22ª Feira do Livro de Passo Fundo. Naqueles é o cientista que escreve, nestes é o homem de ciência.

A diferença entre “cientista” e “homem de ciência” transcende a expressão retórica. Todo homem de ciência é um cientista, mas nem todo o cientista é um homem de ciência.

Às vésperas do Natal de 2009 transcorrerá o sesquicentenário de A Origem das Espécies, de Charles Darwin, modelo de homem de ciência. O que caracteriza a obra do sábio inglês é a clareza expositiva. E aí está a essência de um homem de ciência. Este é um sábio; o outro é um suja-páginas.

O Autor mesmo o confessa no Prólogo que os artigos Galileu é meu pesadelo, página 65, e O olhar de Deus, página 75, deixam clara a intenção de “trazer à tona a discussão de assuntos que, embora façam parte do dia-a-dia das instituições de CI&I (Ciência, Tecnologia & Inovação), nem sempre são tratados de forma aberta e transparente nos

meios acadêmicos e científicos”. Diante da impossibilidade material de comentar o livro in totum, examinemô-los.

Galileu Galilei é uma das mais intrigantes personalidades científicas, por suas descobertas e pela negação dessas descobertas, diante do Santo Ofício. Homem de ciência acabou vítima dos cientistas. A religião é a mais duradoura forma de ideologia. Enquanto ideologia, a religião é a mais duradoura forma de política. Enquanto política, a religião é a mais duradoura forma de administrar a sociedade, no melhor conceito aristotélico. Enquanto política a religião é a mais duradoura forma de poder. E o poder tende ao absolutismo. Assim, faltamente, à corrupção. E a corrupção é a negação do homem.

Se, do ponto de vista científico, a política, seguindo Aristóteles, é a arte de administrar a pólis; na prática é a ciência de enganar o cidadão. O homem de ciências é o cidadão em meio à política científica. Na verdade podemos falar em política parlamentar, política literária, política científica, et caterva e ab aeterno.

Toda e qualquer forma de política gira em torno de um conjunto de círculos sobre círculos, cujo material básico é o segredo pactual. Se a Liga do Pombo exerceu papel preponderante na condenação de Galileu, ao longo da história bandos de outras aves até mais perigosas transformam Galileu no pesadelo dos homens de ciência, porque o homem que o cínico Demócrito procurava com sua lamparina pelas ruas de Atenas é a negação do circulismo universal. Charles Darwin que o diga.

## A CIÊNCIA COMO ELA É...

O lançamento de A ciência como ela é..., de Gilberto R. Cunha, na próxima quinta-feira, dia 10 de novembro, às 17 horas, na 25ª Feira do Livro de Passo Fundo, seguramente, será uma das atividades mais exitosas do evento.

Conheço o Autor há vários anos, através dos seus livros e artigos divulgados na imprensa local. Conviver com ele, na Academia Passo-Fundense de Letras, contribuiu para aprofundar o conhecimento de sua obra. A exemplo deste, li os dois mais recentes (Cientistas no divã e Galileu é meu pesadelo) ainda nos originais.

Gilberto R. Cunha é um cientista reconhecido. Assim, tinha tudo para ser um daqueles intelectuais odiados por Søren Kierkegaard e Arthur Schopenhauer, sobre os quais deixaram algumas das páginas mais duras da Filosofia. Gilberto R. Cunha, porém, é a antítese daqueles pavões liliputianos, hoje enterrados no aterro sanitário da História, que tanto irritavam os pais do existencialismo contemporâneo.

Já escrevi que o autor de A ciência como ela é... ‘escreve com rara clareza, o que o diferencia da maioria dos autointitulados “acadêmicos”’. Pensadores comprometidos com o humanismo, de há muito, constataram que vivemos um novo período escolástico. Membros de um clero laico, por um direito satânico, expressando-se numa nova língua morta, lançam a fogueiras morais quem não faça parte desta ou daquela ordem, também laica. E a ciência transformou-se num debate entre alienados, já descritos pelo “jovem Marx” de “A Ideologia Alemã” e de “A Miséria da Filosofia”.

Gilberto R. Cunha é um humanista, e, como humanista, escreve para homens e não para daimons. Ao modelo dos grandes humanistas, que plasmaram as ciências, de Platão, aos contemporâneos, escreve para ser entendido. Daí, naturalmente, sua preocupação, nos últimos livros com a Filosofia da Ciência. O trocadilho que faz com A vida como ela é..., de Nelson Rodrigues não tem nada de inocente. Ambos (Nelson e Gilberto) deixam o Ser e penetram na Essência. Cada um, a seu modo e a seu tempo, apropriam-se da epistême.

A experiência do Autor, como Chefe-Geral da Embrapa Trigo, de 1º de março de 2006 a 5 de setembro de 2010, permitiu-lhe ver “a ciência como ela é...” e os “cientistas como eles são”. Durante mais de um lustro, Gilberto R. Cunha aprendeu Filosofia da Ciência na própria carne. Aprendamos, também, com ele.

Data : 30/12/1997

Título : A OBRA TEOLÓGICA DE ROBSON RODOVALHO

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Koinonia (Brasília - DF) está publicando três livros de Robson Rodovalho: SENHOR, AJUDA-ME A CRER!, AVTVAMENTO HOJE e QUEBRANDO AS MALDIÇÃO SHEREDITÁRIAS.

## A OBRA TEOLÓGICA DE ROBSON RODOVALHO

A Editora Koinonia (Brasília - DF) está publicando três livros de Robson Rodovalho: SENHOR, AJUDA-ME A CRER!, AVTVAMENTO HOJE e QUEBRANDO AS MALDIÇÃO SHEREDITÁRIAS.

Plantador de igrejas, autor de vários livros, conferencista e televangelista, Robson Rodovalho usa uma linguagem direta para desenvolver os temas de seus livros.

A V1VAMENTO HOJE tem passagens que nos fazem lembrar os profetas do Velho Testamento. A desorganização de muitas igrejas, a relevância de interesses pessoais sobre os religiosos, o atraso de muitos líderes frente à época em que vivemos e outras questões que até quem tem apenas um olho vê, são colocadas com clareza por Robson Rodovalho. Ao mesmo tempo, faz observações pertinentes sobre o comportamento das pessoas, completam a análise sobre a Igreja no Brasil de hoje.

O esmo estilo de linguagem é adotado noutro livro, SENHOR, AJUDA-ME A CRER!. Aí a temática é a fé. Epartindo de exemplos bíblicos, o autor procura demonstrar o processo que segue a pessoa que deseja ter um contato mais íntimo com Deus. Noutras

palavras, Robson Rodovalho tem como objetivo mostrar como encontrar o caminho da fé genuína.

QUEBRANDO AS MALDIÇÕES HEREDITÁRIAS, é um estudo de doenças, tragédias ou desgraças que acompanham gerações de pessoas ligadas por consangüinidade. E, também, a análise da outra face da moeda, as bênçãos. Assim como a ciência contemporaneademonstra que há características ou fenômenos que se transmitem geneticamente, a teologia afirma que maldições se transmitem através de gerações. Isso explicaria, por exemplo, certos temperamentos familiares que não podem ser entendidos cientificamente.

Gerações de famílias que se sucedem tendo ocorrências de dissolução familiar, criminalidade e outros fenômenos comuns às diversas gerações. Para quebrar as maldições hereditárias o autor apresenta, ao longo de sua obra, as ferramentas: a principal das quais é a oração.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 30 de dezembro de 1997

Data : 31/05/1986

Título : A Oratória Parlamentar

Categoria: Artigos

Descrição: O Brasil tem sido pródigo em grandes oradores parlamentares e o Rio Grande do Sul, em particular...

A Oratória Parlamentar

As divisões da Oratória, a arte de falar em público, são várias. Uma das mais importantes, desde que o homem se organizou em sociedade, é a oratória parlamentar.

O Brasil tem sido pródigo em grandes oradores parlamentares e o Rio Grande do Sul, em particular, tem fornecido magníficos exemplares desses manejadores da palavra. No século XIX destacar-se-ia a figura de Gaspar da Silveira Martins, o Titã do Império, homem de raros recursos oratórios, uma cultura cosmopolita e um profundo amor à querência. Mas tarde, o Rio Grande do Sul forneceria excelentes oradores ao nosso Parlamento

Nacional, entre os quais avultam Assis Brasil, de cultura vasta e recursos mnemônicos invejáveis, Pedro Moacyr, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, o São João Batista da Revolução de 30, e Rui Ramos.

Se percorrermos os discursos de nossos maiores oradores parlamentares, certamente encontraremos características que os distinguem de seus congêneres de outros pontos do País. Com certeza, veremos que os oradores mineiros manejam a palavra com a paciência dos montanhese e os gaúchos a empunham como se fora uma lança e fazem de suas orações verdadeiras cargas de cavalaria. Por isso, é que nos momentos de crise porque passou a nossa Pátria os oradores sul-rio-grandenses se destacaram no Parlamento.

Nos últimos tempos salientou-se a figura de Paulo Brossard de Souza Pinto, fronteiro e mestre do Direito Constitucional, cujos pronunciamentos no Senado Federal, representavam verdadeiras cargas de cavalaria contra o Estado Autoritário imposto ao país a partir de 1 de abril de 1964. Paulo Brossard, que como deputado estadual e secretário de Estado, apoiara o movimento que derrubou o governo democrático de João Goulart, pela seriedade e pelo desprendimento com que apoiara o novo estado de coisas, tinha autoridade para desferir os ataques que desferiu contra o autoritarismo. E nenhum de seus adversários dos últimos tempos tinha estrutura para contrapor-se à força dos argumentos do parlamentar rio-grandense.

Seus discursos parlamentares despertavam a atenção do Congresso Nacional e da Imprensa, e poucos senadores ousavam enfrenta-lo destacando-se, como defensores do autoritarismo, o atual presidente da República, José Sarney, e o ex-ministro Jarbas Passarinho que, não poucas vezes, foram lançados ao ridículo pelos golpes do senador gaúcho.

Professor de Direito Constitucional, Paulo Brossard de Souza Pinto disseca os fundamentos jurídicos do Estado Autoritário, reduzindo-os ao pó da mediocridade. Seus discursos, cuidadosamente arquitetados, mesmo ao abordar problemas econômicos, versam principalmente sobre o grande fundamento do pensamento liberal: a liberdade do cidadão é o fundamento da sociedade.

Assim, destacam-se as críticas do tribuno gaúcho à legislação autoritária, à impunidade dos donos do poder, à concentração dos poderes, à corrupção e à censura.

Os liberais, ao que parece, têm o mesmo e triste destino: serem liberais na oposição e conservadores no governo. Bernardo Pereira de Vasconcellos, na primeira metade do século XIX, é um belo exemplo disso. Liberal quando na oposição, tornou-se conservador empedernido quando chegou ao poder.

Paulo Brossard de Souza Pinto, enquanto parlamentar que se opunha ao Estado Autoritário, destacou-se por um liberalismo extremado.

O Balé Proibido, famoso discurso de 29 de março de 1976, é um libelo violento contra a censura. O motivo pode ser resumido em poucas palavras: o Governo Brasileiro (general Ernesto Geisel) proibiu que a televisão mostrasse uma apresentação do Ballet Bolshoi (soviético), que seria retransmitida para 112 países. Indignado com a censura, Brossard exclama, do alto do Parlamento Nacional: “Quando medidas dessa natureza são tomadas, positivamente, as coisas não andam bem”.



Interessante é que o brilhante orador, que atacava a censura é, hoje, ministro da Justiça de um governo que proibiu o filme “Je Vous Salue, Marie”, para agradar à hierarquia da Igreja Católica; interessante, ainda, é que o tribuno que combatia o uso indiscriminado de decretos-lei é o ministro da Justiça de um governo que alterou toda a política econômica através de um decreto-lei.

Hegel, em suas lições sobre a história da filosofia, escritas há mais de um século e meio, já chamava a atenção para o fato de que muitas pessoas, inclusive dadas como esclarecidas, costumam atribuir um valor muito grande ao “pensamento” dos oradores, o que, entendia o filósofo alemão, não está certo.

A biografia dos grandes oradores, de Cícero, o defensor ferrenho dos privilégios de seu tempo, a Rui Barbosa, que disse verdadeiros absurdos do socialismo para agradar seus patrões, comprovam as afirmações do autor das Lições Sobre a Filosofia da História Universal.

Os oradores, artistas que são, preocupam-se mais com a forma, com a beleza, com a plasticidade de suas construções do que com a essência, o conteúdo, o rigor das mesmas. Com isso, fica bastante claro que os belos discursos, enquanto obras de arte, são destituídos de valor científico.

Os oradores parlamentares valem pela beleza de suas orações e os administradores pela prática de suas gestões.

Os discursos de Paulo Brossard de Souza Pinto, reunidos num grosso volume de 496 páginas, intitulado NO SENADO (Brasília, 1985, s/ ed.) é um livro que merece ser lido com toda a atenção. Ali encontramos um liberal de corpo inteiro. E o liberalismo dos parlamentares até poderia ser bom se eles não o transformassem no conservadorismo, ao chegarem ao Poder.

(Revista Hoje, 31 de maio de 1986, p. 4, Passo Fundo)

Data : 02/09/1998

Título : A ORIGINALIDADE POÉTICA DE ALEXEIBUENO

Categoria: Resenhas

Descrição: Alexei Bueno, fluminense, nascido em 1963, é um poeta até certo ponto original dentro da poesia brasileira contemporânea.

A ORIGINALIDADE POÉTICA DE ALEXEI BUENO

Alexei Bueno, fluminense, nascido em 1963, é um poeta até certo ponto original dentro da poesia brasileira contemporânea. Tendo estreado em 1979 com O TEMPO ADORMECIDO já é senhor de uma vasta produção poética, agora enfeixada em um único volume sob o título de POEMAS REUNIDOS (Editora Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional/Universidade de Mogi das Cruzes).

Além de seus próprios poemas, já enchendo mais de 350 páginas, é organizador e editor da obra de outros poetas nacionais e estrangeiros. Isto faz de Alexei Bueno um incansável divulgador da melhor poesia.

A originalidade do autor dos POEMAS REUNIDOS não lhe é conferida por alguma descoberta vanguardista ou coisa equivalente. É original por filiar-se à poesia mais tradicional, com métrica e rima. Parece contraditório, pois esses dois componentes formais, como já salientei outras vezes, persistem na poesia brasileira, apesar do Modernismo ser quase octagenário.

O formalismo - digamo-lo assim, para simplificar - de Alexei Bueno é diferente do praticado pela maioria dos poetas contemporâneos que nele persistem. Os poetas conservadores de hoje ou pagam um tributo ao Romantismo ou ao Parnasianismo. Voltam ao passado para viver nele. Alexei parte do passado para situar-se no presente. Ou melhor: parte dos passados poéticos.

Aqui, sentimos a presença dos clássicos renascentistas; ali, vemos os árcades; além, os românticos, os parnasianos ou os simbolistas; mais além, vamos encontrar recursos modernistas e pós-modernistas escondidos sob um soneto em decassílabo. Tudo isso dá polifonia à obra poética de Alexei Bueno.

Um ponto que me chamou a atenção no Poeta, lido avidamente, abandonando a preocupação com anotações para desenvolvimento posterior, foi a presença de temas bastante caros aos "poetas malditos" como o satanismo e o suicídio.

Alexei Bueno escolheu um terreno difícil para erguer sua obra poética. Isolado das facilidades, apenas aparentes, da poesia contemporânea, procurou abrigo nas dificuldades, muito mais do que aparentes, do poema matricado. É difícil prever o que vai ser de sua obra pessoal, em termos de sobrevivência literária. O certo é que tem agradado a leitores das mais diversas formações estéticas.

Do Jornal

O Cidadão

02/09-10/1998

Data : 05/03/2015

Título : A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Fernando Henrique Cardoso, quando presidiu o Brasil, tomou algumas iniciativas interessantes. Muitas delas ainda continuam nos governos posteriores.

## A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

Paulo Monteiro

Fernando Henrique Cardoso, quando presidiu o Brasil, tomou algumas iniciativas interessantes. Muitas delas ainda continuam nos governos posteriores.

Uma dessas medidas, digna de reconhecimento, é a distribuição de bons livros às escolas de todo o país. Durante o período em que o sociólogo paulista exerceu a primeira magistratura da nação clássicos como Euclides da Cunha e Manuel Bonfim chegaram às bibliotecas escolares das metrópoles aos cafundós. Isso é uma coisa boa que continua até hoje.

Infelizmente, muitas coisas ruins que mereceram saliência naqueles anos permanecem e com maior ênfase. Mas, aí, são outros quinhentos. É claro que faço um trocadilho com os quinhentos e tantos anos de nossa história oficial.

Neste ano de copa do mundo, com o selo da tradicional Nova Fronteira, está chegando às escolas o livro A PÁTRIA DE CHUTEIRAS, com 134 páginas, reunindo uma coletânea de crônicas que Nelson Rodrigues dedicou às copas de 1958, 1962, 1966 e 1970. Belíssimas, como todas aquelas que o pernambucano crescido no Rio de Janeiro, escreveu sobre futebol.

O livro contém uma Nota do editor (páginas 5 e 6) e uma "Apresentação", intitulada "O mestre das crônicas imortais" (páginas 7 a 10) e uma "Mensagem do BNDS" (páginas 11 e 12), um dos patrocinadores ao lado do Banco do Brasil. É evidente, que se trata de mera constatação de quem, neste ano, completa quatro décadas de crítica literária.

A iniciativa merece elogios. Mereceria ainda maiores encômios se, em vez, dessa coletânea de crônicas sobre um aspecto envolvendo ao futebol brasileiro, o dinheiro dessas empresas fosse usado para reeditar outras obras de Nelson Rodrigues. Por exemplo o livro intitulado "À sombra das chuteiras imortais".

Data : 17/08/1998

Título : A Persistência da Métrica

Categoria: Resenhas

Descrição: Seguidamente recebo livros, vários em edições dos próprios autores. Alguns são novatos, outros veteranos.

### A Persistência da Métrica

Seguidamente recebo livros, vários em edições dos próprios autores. Alguns são novatos, outros veteranos. Aliás, muitos têm uma certa prevenção quanto às edições independentes, patrocinadas pelos próprios escritores, o que demonstra uma profunda ignorância da nossa realidade editorial. Clássicos da língua, da Colônia às Vanguardas, pagaram as primeiras edições da maioria de seus livros ou foram auxiliados por mecenas.

Tenho notado uma persistência da métrica e de algumas formas fixas, como o soneto, com seus quatorze decassílabos e a trova, com suas quatro redondilhas maiores. Isso que há mais de setenta anos os modernistas "decretaram" o fim da métrica (que preferiam chamar de "ritmo externo") em favor do verso livre (que denominavam "ritmo interno"). Diga-se, a bem da verdade, que nem mesmo aqueles revolucionários da Literatura abandonaram o ritmo condenado. Sirva de exemplo o próprio Manuel Bandeira, outro que custeou tantos de seus livros.

A. Isaías Ramires, meu amigo de longa data, sonetista esmerado, enviou-me PÉTALAS ALADAS, delicado livro de trovas, de onde retiro está amostrado seu lirismo:

Quanto mais sofro mais canto!

Eis minha glória, querida.

Por isso, sofrendo tanto.

eu quero tão bem à vida!

Poeta que transita livremente pelos mais diversos temas líricos, filosóficos ou humorísticos, A. Isaías Ramires é autor de versos onde o "artificialismo" da métrica se apresenta com a naturalidade que falta a muito verso livre.

Henny Kropf, com CHUVA LIRIAL DE TROVAS, se inscreve numa tradição poética que se confunde com a própria língua portuguesa. Transbordam lirismo as páginas onde reúne mais de cem poemas em quadras setessílabas, como esta:

Um pedaço azul do céu

e os olhos de uma criança,

formam de estrelas um véu  
a transbordar de esperança.

Hildemar de Araújo Costa, baiano, com *SONETOS E TROVAS*, já em segunda edição, une-se à tradição mantida pelo capixaba A. de Isaías Ramires e à fluminense Henny Kropf. Dele transcrevo O Pensamento:

Cansado da fartura dos diversos  
eu procuro, sem glória, neste mundo  
trazer da raridade dos inversos  
o escasso pensamento mais profundo.

Esta luz que comanda os universos  
e percorre distâncias no segundo,  
desejo como tema destes versos.  
quando dela qualquer tema é oriundo.

Ao trilhar o caminho da memória  
refaço uma pesada trajetória,  
já despido de ação e de esperança.

E o palco da saudade traz a vida  
desfeita pelo tempo e conseguida.  
somente nos arquivos da lembrança.

Belmiro Ferreira publicou um livro único, ao que eu saiba: um romance em sonetos, intitulado *FRAGMENTOS DO AMOR MAIOR*, editado sob o selo da Editora Objetiva, do Rio de Janeiro. Ali enfeixa sonetos dos maiores poetas da língua de Camões em todos os tempos e alguns por ele escritos. Dele é Despedida:

Tímidos, a tremer, nos despedimos.  
Um pesar nalma nossa sufocando.  
Teus olhos negros vi quase chorando...  
E mudos, tal dois cegos, persistimos.

- Horas mortais se aproximando vimos.  
À despedida lúgubre levando  
Nossos seres de dor agonizando.  
Neste mundo esquecidos, sem arrimos.

Um aperto de mão, e te ausentas...  
Olhos mortos, e febril, e calada...  
A senda do desterro só enfrentas.

Com a vista de lágrimas banhada,  
Vejo-te ir-te. cm passadas muito lentas,  
E dobrar, sem adeus, a curva da estrada.

A identificação mais com a última fase parnasiana, que vemos em muitos poetas continuadores da prática do soneto e outras características que os vinculam entre si estão a exigir dos estudiosos investigações mais aprofundadas.

Do Jornal  
O Cidadão  
17/08/1998

Data : 10/06/2011

Título : A personalidade violenta de Júlio de Castilhos

Categoria: Artigos

Descrição: Júlio de Castilhos é um desses indivíduos, diante dos quais é difícil se manter o mínimo de isenção intelectual.

A personalidade violenta de Júlio de Castilhos

Paulo Monteiro\*

Júlio Prates de Castilhos nasceu em 29 de julho de 1860, na fazenda da Reserva, antigo distrito de São Martinho, município de Vila Rica, hoje Júlio de Castilhos, e faleceu no dia 24 de outubro de 1903 em Porto Alegre, quando foi submetido a uma traqueotomia de urgência para a retirada de um câncer de laringe, é uma das personalidades mais enigmáticas da história rio-grandense. Historiadores e filósofos gastaram, gastam e gastarão páginas infindas discutindo a importância ou a não importância dos indivíduos

na história. Geralmente aqueles que merecem a atenção dos pesquisadores sociais são figuras públicas com as quais se estabeleceram relações antípodas de paixão e ódio.

Júlio de Castilhos é um desses indivíduos, diante dos quais é difícil se manter o mínimo de isenção intelectual. A ele se atribui a maior culpa pela violência que marca as primeiras quatro décadas da República no Rio Grande do Sul. Dele partiu a ordem para as matanças:

Coronel José Soares – Camaquã – Não poupe adversários, castigue nas pessoas e bens, respeitando famílias. Viva a República. Castilhos.

Coronel Madruga - Cacimbinhas – Adversários não se poupa nem se dá quartel. Remeto armas e munições que pede. Castilhos.

Esse documento foi tornado público em 1920 por Wenceslau Escobar no livro *Apontamentos para a História da Revolução Rio-grandense de 1893* (in. p. 174 da edição da Editora Universidade de Brasília, 1983).

Sempre pergunto: o que levaria um homem a tomar decisões verdadeiramente facinorosas? Nos últimos meses tenho me dedicado a estudar a vida e a obra de Júlio de Castilhos, relendo uns e lendo outros livros sobre esse homem satanizado pelos herdeiros das velhas tradições liberais do Século XIX e endeusado pelos continuadores do castilhismo.

É verdade assentada que, via de regra, todo o abusador foi vítima de violência. A maioria dos abusos ocorre na família ou na escola.

Othelo Rosa, que lhe dedicou uma biografia com 327 páginas, intitulada *Júlio de Castilhos, I Parte, Perfil biográfico*, seguida de uma coletânea literária com 511 páginas: *Júlio de Castilhos, II Parte, Escriptos Políticos* (Livraria do Globo, Porto Alegre, 1928), diz que era muito apegado à mãe, Carolina, apego que transferiu à mulher, Honorata. Sempre foi fiel e obediente ao pai, Francisco, estancieiro de modos austeros, que deixou fama de probidade extremada.

Alfabetizado pela mãe, como era costume na velha sociedade semi-feudal rio-grandense, o pai contratou uma professora, Francisca Wellington, para dar continuidade aos estudos dos filhos e outros meninos das redondezas. Júlio era gago. “Gago a ponto de não poder responder às perguntas por ocasião dos exames orais”, depõe seu amigo João Daut Filho. Quando pronunciou as primeiras palavras na escola os colegas gritaram, em uníssono: “Gaguinho!” e soltaram sonoras gargalhadas. Bulling? Assédio moral? A definição técnica do fato pouco importa. Longe da saia da mãe e das barbas protetoras do pai, Júlio chorou diante do brasileiríssimo esculacho, conta a jornalista Esther Cohen, no livro *Júlio de Castilhos* (Tchê/RBS, Porto Alegre, s/d).

Quando lemos os textos enfeixados por Othelo Rosa, em seu livro pioneiro, ou os selecionados por Paulo Carneiro, líder positivista de amplitude mundial, reunidos em *Idéias Políticas de Júlio de Castilhos* (Senado Federal/Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasília/Rio de Janeiro, 1982), chegamos a duvidar que tenham sido escritos por um tartamudo. Bom, mas Machado de Assis também era gago.

Estudioso de nossos dias, Ricardo Vélez Rodríguez, em *Castilhismo: uma filosofia da República* (Senado Federal, Brasília, 2010) lembra as dificuldades para entender o pensamento de Júlio de Castilhos, porque não era um teórico e acrescenta (p. 26) que “as

peculiaridades do autoritarismo castilhistas não podem ser explicadas através de simples referências à filosofia de Augusto Comte. Castilhos inspirou-se nele, mas deu ao seu conceito de política traços inéditos, frutos da sua personalidade e das condições concretas que viveu o Partido Republicano Histórico, na luta com a antiga elite dirigente sul-riograndense”.

Não é à toa que o filósofo venezuelano, há quase quatro décadas no Brasil, põe em primeiro plano a “personalidade” de Júlio de Castilhos e, somente a seguir, as “condições concretas que viveu o Partido Republicano Histórico”.

Tenho nos últimos tempos lido e participado de seminários e palestras sobre violência na escola. Essas atividades contribuíram para que questione a influência que a humilhação sofrida pelo pequeno Gaguinho, lá no interior missioneiro, tenha exercido sobre a obra política e o estilo literário do futuro ditador.

\* Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 12/05/2014

Título : A poesia destrói o homem...

Categoria: Poesia

Descrição: A poesia destrói o homem enquanto os macacos pulam de galho em galho

A poesia destrói o homem...

Leopoldo María Pañero

A poesia destrói o homem

enquanto os macacos pulam de galho em galho

se procurando em vão a eles mesmos

no sacrílego bosque da vida

as palavras destroem o homem

e as mulheres devoram crânios com tanta fome de vida!

Só é formoso o pássaro quando morre

destruído pela poesia



(Tradução de Paulo Monteiro)

Data : 12/05/2014

Título : A POESIA É NÃO ESTAR SENTADO

Categoria: Poesia

Descrição: A poesia é não estar sentado, é não querer morrer, apaixonadamente,

A POESIA É NÃO ESTAR SENTADO

Rafael Alberti

A poesia é não estar sentado,  
é não querer morrer, apaixonadamente,  
é entrar no alvorecer de corpo limpo nas ondas do dia,  
é não dormir e ser o alvorecer antes do alvorecer.

(Tradução de Paulo Monteiro)

Data : 31/07/2005

Título : A poesia gauchesca de Antonio Augusto Ferreira

Categoria: Resenhas

Descrição: Muitos dos seus poemas, musicados, andam na boca do povo, o que é o maior prêmio que um poeta pode obter.

A poesia gauchesca de Antonio Augusto Ferreira

## PAULO MONTEIRO

Leitor compulsivo e acostumado a escrever sobre autores e livros, quando se trata de poesia, mantenho o princípio de ler, deixar passar algum tempo, reler, e só então escrever sobre qualquer obra poética.

Nestes mais de 30 anos convivendo com o fazer poético - eu mesmo um poeta em férias, como costume dizer pilheriando -, as múltiplas e variadas leituras apenas fizeram arraigar-se aquele hábito. Quando meu confrade, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca emprestou-me Sol de Maio (Edições Renascença, Santa Maria, RS, 1985); Água de Poço (s.e., Santa Maria, RS, 1997) e Tio Bonifa e seu cachorro Piraju (Pallotti, Santa Maria, 2003), livros de Antonio Augusto Ferreira, senti-me obrigado a redobrar meus cuidados em escrever sobre essas obras. O motivo dessa preocupação é que percebi, de pronto, estar diante de um poeta diferenciado dentro do regionalismo gaúcho de nossos dias.

Antonio Augusto Ferreira nasceu em São Sepé, no ano de 1935. Na juventude morou em Passo Fundo, onde foi um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Atualmente reside em Santa Maria e faz parte da Academia Rio-Grandense de Letras. Poeta, esteve com o estro guardado durante muito tempo, e voltou a poetar no auge dos festivais nativistas, em meados da década iniciada em 1970. Consagrou-se como um dos compositores mais premiados no gênero.

Muitos dos seus poemas, musicados, andam na boca do povo, o que é o maior prêmio que um poeta pode obter. Hoje estão reunidos em dois livros: Sol de Maio e Alma de Poço. Tio Bonifa e seu cachorro Piraju é uma coletânea de contos, unidos pelas figuras do velho gaúcho e seu velho cusco.

Qualquer pessoa que tenha um conhecimento mediano da poesia gauchesca sabe que ela se desenvolveu com o Romantismo, com a valorização das temáticas nacionais e regionais, somada a uma espécie de retorno ao "paraíso perdido" da literatura medieval, especialmente às décimas e romances. Presa, porém, ao espaço do gaúcho, tipo humano híbrido, prensado entre o indígena e o colonizador, preeando a gadaria reúna em meio à terra de ninguém. A gauchesca está limitada ao emprego de uma linguagem regional que vai sendo cada vez mais esquecida, pelo desaparecimento das condições objetivas, e do meio de produção que a engendraram.

Os aspectos formais da poesia gauchesca contribuem para que um versejador (não necessariamente um poeta), razoavelmente bem dotado, possa bem desenvolvê-la como Miguel de Unamuno já o demonstrou na prática, há mais de um século, em episódio conhecido por todos os leitores das boas edições de El Gaucho Martín Fierro (Veja-se, por exemplo, Martín Fierro, Edición de Luis Sáinz de Medrano, Rei Argentina, Buenos Aires, 1988, págs. 95 e 96). Daí a facilidade para que tenhamos cada vez menos poetas gauchescos, porque lhes falta a essência mesma do fazer poético, o fingimento, magistralmente resumido por Fernando Pessoa, em versos que meio mundo sabe de cor.

A insistência de amigos e a urgência de escrever sobre a obra poética de Antônio Augusto Fagundes, para a Revista da Academia Passo-Fundense de Letras, fizeram com que eu não pudesse cumprir o ciclo de elaboração que a mim me impus ao longo dos anos.

Antonio Augusto Ferreira consegue convencer, com seus versos, que é um gaúcho das antigas, que a campanha ainda é um éden, com o gaudério vivendo livre, ainda que encarcerado por cercas de arame. Sua dialética verbal ilude muito bem, confere tal realidade fática ao que só existe dentro dele mesmo, que se torna capaz de levar o leitor engarupado campo afora. Nem se precisa abrir Sol de Maio para conscientizar-se disso. Basta que se leia a primeira quadra ou copla que aparece na capa do livro:

Neste sol que maio trouxe  
me estiro sobre o capim,  
e uns sonhos que foram moços  
renascem dentro de mim.

Essa estrofe é ilustrativa da essência mesma da gauchesca contemporânea, que não cabe no espaço estreito de um artigo de imprensa: a presença da vida campeira enquanto memória. Os poetas que cultivam esse subgênero literário imaginam viver num tempo em que os "guasos" corriam livremente a Pampa, e cantam esse espaço que nunca existiu. Interiorizam esse mundo, no mínimo, fictício, acreditam nele e vivem-no por uma espécie de fé íntima. É o que também o faz nosso poeta, mas com a superioridade de um poeta verdadeiro.

Estirado sobre o capim, aproveitando o sol de maio, lembra-se da época de menino. Sonha com aqueles tempos, que renascem dentro do autor. É o mesmo processo empregado por todos os poetas gauchescos. O que, porém, faz de Antonio Augusto Ferreira, possivelmente, o mais representativo da atual poesia gauchesca sul-riograndense é a sinceridade com que ele "finge" a vivência com o "paraíso perdido" da Pampa. Não se pode esquecer, no caso do poema, um componente urbano marcante: o arquinho de arame, tão presente ainda hoje nas brincadeiras dos meninos de subúrbios e povoados ...

Temos, pois, no poeta, que por tanto tempo palmilhou as ruas de Passo Fundo, um autor muitíssimo superior aos cometedores de versos que encontramos a mancheias. Estamos diante de um verdadeiro poeta. Um dos poucos a ficar na história literária gaúcha desta virada de milênio.

### Sol de Maio

Neste sol que maio trouxe  
me estiro sobre o capim,  
e uns sonhos que foram moços  
renascem dentro de mim.

Vem da várzea um cheiro doce  
que transpira a tarde calma,

sereno, como se fosse  
devolver-me a paz na alma.

Quanta luz de sol maduro  
velhas juntas aquecendo,  
que eu me sinto leve e puro  
com mais ternura no peito.

Desperto em velhas saudades  
dos meus brinquedos meninos:  
arquinhos feitos de arame  
que ainda rolam comigo.

Já não temo mais a vida,  
sonha ainda o velho corpo  
poupando melancolias  
para gastar em agosto.

Desde cedo me abasteço  
com lenha de puro cerno  
e um estoque de silêncios  
para as garoas do inverno.

Vida que acorda  
antes do fim  
um sol de maio  
que dorme em mim.

#### A pontuação da Morte

Leia-se bem a MORTE:  
morte, vírgula, ou morte. Ponto.  
Atente-se á pontuação:

depois da vírgula, segue,  
mas depois do ponto, não.

Para os da vírgula  
é preciso crença.  
o ponto, não,  
o ponto dispensa.

Há quem pontue a morte  
com uma interrogação,  
estes, estão no escuro.  
Há também os reticentes...  
morte em cima do muro.

E eu, afinal?  
Depois da morte,  
ponto final.

Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)

Da revista  
Água da Fonte nº 3

Data : 10/06/2008

Título : A Poesia Lírica de Jane Pimentel

Categoria: Artigos

Descrição: A poética de Jane Pimentel transpira erotismo.

### A Poesia Lírica de Jane Pimentel

O lançamento do livro *Velas ao Vento* (Méritos, Passo Fundo, 2005), reunindo poemas da passo-fundense Jane Pimentel, ao lado do lançamento de *Poesias*, do poeta Elisomero Moura, se constituíram em fatos significativos para os admiradores da verdadeira poesia.

A experiência adquirida pela poetisa nos longos anos dedicados à arte da declamação, com certeza, contribuiu para que ela passasse a se dedicar ao fazer poético. Daí, porém, a produzir boa poesia há uma distância muito longa. Por certo, não será difícil encontrar exemplos de reconhecidos como excelentes declamadores ou declamadoras que se aventuraram a escrever poemas e acabaram sendo apenas poetastros.

Jane Pimentel escolheu um caminho perigoso. Aliás, seu primeiro livro de poemas se intitula *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão* (Orvalho Andaluz Editora, Porto Alegre, 1997). O andar, em terra e mar, é o núcleo, ou melhor, o leitmotiv que move o labor poético da autora.

A autora, já em seu volume de estréia, segue uma tradição quase centenária, colocada em circulação entre nós pelos poetas modernistas: escrever poemas longos fracionados em poemas de menor extensão. *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão* é, na verdade, um desses casos. Do ponto de vista contuidístico, porém, sua tradição é mais longa. Podemos encontrá-la na Grécia, e ainda antes, em Israel.

Há vinte e sete séculos, a cultura helênica desenvolveu os conceitos de éros e pórnê. Do primeiro, em língua portuguesa, originaram-se alguns termos bastante claros, dentre os quais o de ereção, aplicado ao membro sexual masculino; do segundo, raiz de palavras como pornografia, o sentido original estava ligado ao exercício da prostituição, ao comércio sexual puro e simples. Sentidos estes que ficam muito claros num livro recente de Reinholdo Aloysio Ullmann (*Amor e Sexo na Grécia Antiga*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2005) e cuja leitura é indispensável.

O entendimento desses conceitos é fundamental para definir erotismo – e por extensão literatura erótica – de pornografia – e seu correspondente artístico – a literatura pornográfica.

Segundo o *Dicionário da Mitologia Grega*, de Ruth Guimarães (Editôra Cultrix, São Paulo, 1972), “EROS – Deus do Amor, é uma força fundamental do mundo. É considerado um deus nascido ao mesmo tempo que a Terra, saído diretamente do Caos primitivo, ou ainda nascido do ovo primordial, engendrado pela Noite. Ele assegura não só a continuação da vida, mas a coesão interna dos elementos. Tradições mais recentes são-no como filho de Afrodite, mas não se sabe quem é o pai. Representam-no como um menino alado, nu, levando o arco e o carcaz cheio de flechas, com as quais fere de amor os corações, seja dos homens, seja dos deuses. Conta-se que amou Psiquê”. Noutras palavras, é o famoso Cupido.

O éros é tão antigo quanto o mundo. Está na raiz da própria origem da vida humana. É um princípio vital. E, em assim sendo, é imprescindível para aquilo que conhecemos como poesia lírica. Sem éros, que é o próprio amor, não existe poesia lírica. Impossível cantar o amor sem eroticidade.

A poética de Jane Pimentel transpira erotismo. Seja na terra, com Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão, seja no mar, com Velas ao Vento, andar é viver e viver é exercitar o éros, o desejo sexual, o amor. Viver é querer. Poetar é materializar, em palavras, o querer.

Seu primeiro livro abre com ESTRADA, poema ilustrativo do que afirmei logo acima.

Longilínea

Ela consome campos, montanhas

Matas

Rios e cidades

Como serpente vai

Desdobrando

Enroscando

Subindo

Descendo

Mordendo os flancos vermelhos dos barrancos

Os verdes acostamentos

No meu corpo

A linha branca divide

O poder de ir e

Vir

Lânguida, sensual em certas curvas

Voraz e predadora nas retas

Solitária, mansa nos desvios e encruzilhadas

Sou prisioneira

Dos seus encantos

Deixo-me levar

Na libido da chegada e

Da partida

Mulher fêmea

Somos iguais no gozo

Libertas para acolher quem

Maciamente viajará em nossas entranhas.

Em *Velas ao Vento* (p. 55) há este poema, que justifica a sua concepção de éros:

Ando livre

Solta

Ao vento

Navego ao sabor das vagas

Prossigo.

Uma enseada azul

Uma brisa morna

Doce

O amor já não detém

Ancorado ao cais de

Antigas seduções.

A idéia de amor como veículo está clara nestes últimos versos, que só se completa através da pessoa/caminho.

A poetisa passo-fundense, a exemplo da baiana Denise Teixeira Viana e de outras poetisas contemporâneas, não cai no éros pelo éros, ou melhor em pornánai (vender), a pornografia, a vulgarização do lirismo. E é exatamente essa diferença que faz a diferença literária necessária à existência da verdadeira obra de arte lírica.

Não cabe aqui discutir os sentidos das palavras gregas éros (“amor entre os cônjuges”), ágape (“amor divino”) e philis (“amor entre amigos, sem nenhuma conotação sexual”), como definem teólogos cristãos. Certo é que o Cântico de Salomão, escrito há cerca de três mil anos, imortalizou a beleza das pastoras judias, sendo, a um só tempo, documento de profunda simbologia religiosa e uma das mais representativas composições do lirismo universal. O poema salomônico oferece mais do que uma leitura, o que é comum à maioria dos mais representativos poemas líricos, mostrando que o erotismo encerra uma profundidade muito maior do que se possa pensar ou imaginar.

A obra poética de Jane Pimentel comprova uma verdade: só existe verdadeira obra de arte como expressão do amor, mesmo em poetas como o clássico Antônio de Castro Alves, abominando a escravidão por amor aos seres humanos.



Data : 01/01/2013

Título : A poesia popular de Xico Garcia

Categoria: Artigos

Descrição: A poesia exerce um fascínio particular sobre as pessoas. Apresenta-se como uma espécie de mistério.

Paulo Monteiro

A poesia exerce um fascínio particular sobre as pessoas. Apresenta-se como uma espécie de mistério. Não é à toa que se lhe atribui origem divina. E o peso dessas concepções míticas está, ainda hoje, presente na Estética, “Filosofia das belas-artes; ciência que trata do belo, na natureza e na arte”, segundo o Aurélio.

Preso à camisa de força de um artigo jornalístico não posso estender-me sobre o tema. Avanço, apenas algumas linhas sobre a poesia popular, para chegar à obra poética de Francisco Melo Garcia, conhecido pelo nome literário de Xico Garcia. É pena.

Xico Garcia nasceu em Passo Fundo a 21 de abril de 1945, é bacharel em Ciências Contábeis e Administrativas, pós-graduado em Arteterapia, Educação e Saúde, especificamente na área de música e poesia, e acaba de ingressar na Academia Passo-Fundense de Letras. É um de nossos poetas mais populares e mais lidos, em especial pela vinculação de seus versos à música. Do ponto de vista estético é, em sentido restrito, um poeta popular.

Embora o tema seja bastante estudado, poucos pesquisadores se debruçaram sobre aquilo que os críticos literários chamam de literatura popular. Não falo das criações anônimas, folclóricas, mas das que, para usar expressões de Hegel, teorizando a cerca da poética oriental, “não exprimem nem o sentimento nem a coisa a que ele se refere; são modos de expressão artificiais, forjados pelo poeta sob a pressão da necessidade” (Hegel, Estética, Vol. VII, Guimarães Editores, Lisboa, 1980, p. 265). Pois, o mesmo que o filósofo alemão, há mais de um século e meio, dizia da poesia oriental pode ser dito sobre a poesia popular contemporânea.

O certo é que, ao estudarmos a história da criação literária, vemos dois ramos poéticos crescendo lado a lado: um que podemos definir como “esteticamente correto” e outro que não corresponde à “filosofia do belo”. Divisão que acompanha a dicotomia da linguagem culta versus linguagem popular.

Percorrer o assunto é mergulhar na história mesma da literatura e da cultura em língua portuguesa. E nesse caminho é indispensável lembrar Luís António Verney, talvez o mais

importante intelectual que escreveu na língua de Camões no século XIII. Profundo conhecedor da literatura de seu tempo e sem meias palavras pagou caro por isso. Leia-se-lhe este parágrafo, da obra publicada pela primeira vez em 1746: “Digo, pois, que o estilo dos Poetas deste seu Reino e desta sua língua pouquíssimo me agrada, porque é totalmente contrário ao que fizeram os melhores modelos da Antiguidade e ao que ensina a boa razão. A razão disto é porque os que se metem a compor não sabem que coisa é compor; onde, quando muito, são Versificadores, mas não Poetas. (...)” (Luís António Verney, Verdadeiro Método de Estudar, Volume II, Estudos Literários, Livraria Sá da Costa – Editora, Lisboa, 1950, págs. 201/202).

Verney criticava o artificialismo dos poetas portugueses. Lembrava (Id., p. 230/231, Nota 17) o soneto abaixo de Miguel Leitão de Andrade, publicado em 1629, mas cuja temática se perde na noite dos tempos:

O tempo já de si me pede conta;

É necessário dar-se à conta tempo,  
Que quem gastou sem conta tanto tempo,  
Como dará sem tempo tanta conta?

Não quer levar o tempo tempo em conta,

Porque conta não fez de dá-la em tempo  
Onde só para a conta havia tempo,  
Se na conta do tempo houvesse conta.

Mas que conta dará quem não tem tempo?

Em que tempo a dará quem não tem conta,  
Que quem a conta falta, falta o tempo?

Vejo-me sem ter tempo, e com ruim conta,

Sabendo que hei-de dar conta do tempo  
E que se chega o tempo de dar conta.

O tema do velho soneto lusitano perpassa a obra do passo-fundense Xico Garcia. E está presente em um dos seus mais conhecidos poemas, O Tempo (Xico Garcia, Vivência, Gráfica Danielli, Passo Fundo, 1998, págs. 14 e 15. Também disponível em K-7 e CD, na voz do Autor), mostrando que aquela persistência formal e temática, merecedora da insubordinação de Verney, continua mais viva do que nunca.

Hegel, quanto à poesia, afirma que “o seu princípio é, de uma maneira geral, o da espiritualidade. Mas, em vez de se servir da matéria grave, para atribuir à interioridade uma ambivalência simbólica, como a arquitetura, ou em vez de talhar na matéria real uma representação exterior e espacial do espírito, como o faz a escultura, a poesia representa o espírito para o espírito, sem dar às suas expressões uma forma visível e espacial. Por outro lado, a poesia está em condições de exprimir não só a interioridade subjectiva, mas também as particularidades da vida exterior, de uma forma muito mais completa e compreensiva do que o fazem a música e a pintura; ela é simultaneamente sintética e analítica: sintética na medida em que é capaz de reunir num único feixe os elementos da

interioridade subjectiva, analítica, na medida em que é susceptível de desenvolver, justapondo-as umas às outras, as particularidades e singularidades do mundo exterior” (Hegel, Ed. Cit., p. 11).

Ora, uma característica de toda a poesia popular é que não se prende à camisa de força da Estética, mormente da “interioridade subjectiva”, consequência natural da “representação do espírito para o espírito”. O poeta popular sempre tem algo a dizer, escreve “sob a pressão da necessidade”. Necessidade que tanto pode ser a de dizer alguma coisa ou de produzir uma obra vendável. No primeiro caso lembre-se os conhecidíssimos “poemas de cantar mulher”, tão comuns entre os românticos e que fazem a popularidade daquela escola, ou os romances de cordel, cantando assuntos do momento ou temas sensacionalistas, como o famoso caso da “mulher que bateu na mãe e virou cachorra”.

A linguagem do poeta popular é a do homem comum. Ainda que a temática seja regional, que o poeta cante sua aldeia, é parcimonioso no emprego das expressões regionais.

Xico Garcia é um típico exemplo de poeta popular. Toda a sua poesia transmite um recado. Insere-se dentro daquilo que a Filosofia define como senso comum, e que merece, uma atenção especial dos filósofos contemporâneos. Portanto, foge à “interioridade subjectiva” e à “representação do espírito para o espírito”. Quer transmitir um recado e transmite. Faz seus os famosos versos de José Hernández, no Martín Fierro, (Edición de Luis Sáinz Medrano, Rei Argentina, Buenos Aires, 1980, p. 201):

“Yo he conocido cantores  
que era un gusto el echuchar;  
mas no quieren opinar  
y se divierten cantando;  
pero yo canto opinando,  
que es mi modo de cantar”.

Diferentemente, porém, dos demais poetas da gauchesca, mesmo ao cantar temas regionais, é cauteloso com o emprego de regionalismos lingüísticos, como o demonstram todos seus poemas.

Todos os estetas e críticos literários reconhecem a proximidade da poesia e da música, até porque ambas dependem da sonoridade, salvo a poesia visual. Neste particular, é sintomática a identificação da poesia popular com a música popular. E muitos poemas de Xico estão musicados. Sua poesia alcança um público maior, através da musicalização.

Para a Estética é dogma a inferioridade literária das letras de músicas em relação aos poemas propriamente ditos. Entretanto, contribuem para a popularidade de seus cultivadores, como Xico Garcia.

Ao contrário do que muitos pensam, os poetas populares são, no geral, até rigorosos com seus poemas. Limam, cinzelam, sem dó nem piedade. Uma simples leitura mais atenta dos poemas de nosso poeta pode comprovar essa assertiva. Um dos mais recentes é intitulado “Se Achando Muito Machona”. A primeira variante do poema era em quadras, começando assim:

Quanto a mim tem quem duvida,  
Vem outro que me questiona,  
Mas eu vou levando a vida,  
Sei que Deus não me abandona.

Sempre pagando a passagem,  
Não sei arranjar carona,  
Mas muitos viajam de avião.  
O povo pobre que abona.  
O texto (por enquanto) definitivo é o seguinte:

Quanto a mim tem quem duvida  
Vem outro que me questiona...  
Mas eu vou levando a vida  
Sei que Deus não me abandona.  
Sempre pagando a passagem  
Não sei arranjar carona...  
Mas muitos viajam de avião  
É o pobre povo que abona...  
Terra e mãe de filho andejo  
Qualquer um chega e se “adona”...

Como vemos, as quadras de um esquema rimático livre, embora mantendo os tradicionais ABAB e ABCB, pelo acréscimo de dísticos, se transformam em décimas. Estas fogem à rima tradicional ABBCCDDEED.

Insubmissos aos padrões da Estética, os poetas populares, muitas vezes, desconsideram as regras da Versificação. Esta característica se acentua entre os versificadores contemporâneos.

Ainda que considerada sublitteratura pelos eruditos a poesia popular é uma realidade histórica, muito mais ampla do que se possa imaginar. Sua popularidade abafa o ranço elitista impregnado a certos tipos de críticos e estetas.

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Data : 01/01/2013

Título : A Política da Violência e a Violência da Política

Categoria: Artigos

Descrição: Portugal teve um poeta que foi rei. Passou para a História com o nome de Dom Diniz.

PAULO MONTEIRO

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

"Ai de vós, condutores de cegos!"

Jesus, in Mateus 23.16

Portugal teve um poeta que foi rei. Passou para a História com o nome de Dom Diniz. Certa feita vislumbrou a beleza de uma propriedade que lhe pertencia se fosse coberta com pinheiros. Mandou que plantassem pinheiros. Fê-lo porque era um poeta, caso contrário teria mandado plantar couves. Décadas mais tarde, os pinheiros de Dom Diniz forneceram as madeiras para as embarcações que conquistariam novas terras, inclusive o Brasil, para os portugueses.

Tenho dedicado boa parte da minha vida ao estudo da História de Passo Fundo. Poderia empregar meu tempo para plantar couves, mas prefiro seguir a lição do velho poeta lusitano. O conhecimento de nosso passado e a reflexão sobre nosso presente representam a madeira que nos levará a longes e melhores terras.

Graças a Deus não estou sozinho. Aqui mesmo, na Revista SOMANDO, encontro outros que vislumbram quintas cobertas de coníferas.

Lembro-me sempre do velho poeta, alguns dos seus versos ressoar-me desde os fundos da memória. Lembrança que tem sido constante nestes dias póseleitorais, quando vejo o berreiro daqueles que não foram eleitos.

Muito se falou e escreveu sobre a importância de votar em candidatos locais, como se Passo Fundo não fosse uma cidade que acolhe pessoas das mais diferentes partes do Estado. Esses moradores têm vínculos muito sólidos com outras comunidades. É natural que prefiram votar em seus conterrâneos, muitas vezes ligados pela consangüinidade. Como cidade cosmopolita, a mesmos que adotemos, por força de lei, o voto distrital sempre teremos candidatos pára-quedaistas caindo em nossas urnas.

O berro se deve ao fato de que alguns partidos se uniram para elegerem o prefeito e o vice-prefeito do Município. Em troca de apoio a seus companheiros assumiram o compromisso de apoiar para deputado estadual candidatos de outros dois partidos. Não o fizeram, reclamam os queixosos. Apoiaram "candidatos de fora". E não lhes foram conferidos os esperados votos do Partido Democrático Trabalhista e do Partido

Progressista. Repetiu-se a história de quem contou com os ovos que não tinham sido postos pela galinha.

Algumas semanas antes das eleições eu já previra, em conversas com pessoas conhecidas, que as coisas aconteceriam como de fato ocorreram. E não foi pelos votos em "ets". Os eleitores votaram no candidato a prefeito que ficou em segundo lugar nas eleições passadas. Saldo daquela campanha, em Matemática. Para melhor sorte de dois candidatos a deputado federal o maior cabo eleitoral do deputado estadual eleito resolveu não concorrer à Câmara Federal.

O que estamos ouvindo é o tropel de uma onda que chegará daqui a dois anos. É um aviso do próximo pleito municipal. Nem só os políticos gritam depois das eleições, também os ratos chamam quando o barco está afundando.

Ao estudar a História de Passo Fundo constatamos que a política local sempre foi violenta.

Já escrevi que Passo Fundo surgiu como terra ocupada. O primeiro morador foi um cabo, Manoel José das Neves; a primeira autoridade um cobrador de impostos, o capitão Joaquim Fagundes dos Reis. E os dois nunca se deram bem. Mais tarde, os conservadores cruz-altenses (sempre os políticos de fora) determinaram a vinda de Gervázio Luccas Annes para fazer frente ao liberal Antônio Ferreira Prestes Guimarães, neto do cabo Neves. E a coisa ficou mais feia.

As violências perpassam a história passo-fundense. E seria longo listá-las. Basta lembrar que Antonino Xavier e Oliveira deixou registrado que a Revolução Federalista contabilizou milhares de vítimas no Município.

Da mesma forma como os conservadores se uniram aos republicanos vitoriosos para reprimir os liberais, facções internas desses mesmos partidos praticavam uma guerra autofágica. A Revolução de 23 que iniciou em Passo Fundo sob a liderança do deputado estadual Arthur Caetano, representante local na Assembléia Legislativa, iniciou exatamente aqui graças à dissidência republicana liderada pelo coronel Pedro Lopes de Oliveira e o general João Rodrigues Menna Barreto.

O que está se passando - e o que se anuncia em termos políticos municipais - é uma rearticulação de forças políticas. Tivemo-las tantas, e sempre violentas. Hoje ainda se usa estanho, mas emprega-se também o pior dos metais: a mentira. E a mentira assume algumas formas sublimares, eufemísticas: "na minha opinião", "no entendimento do partido", entre outras.

O degolados em 3 de outubro de 2006 ressurgirão das cinzas para a vingança a 3 de outubro de 2008. Como sempre, em vez de se unirem para construir ajuntar-se-ão para o massacre e a rapina. É a triste história de uma terra fratricida, que prefere aqueles "que começam por imolar seus servidores mais sinceros e premiar os oportunistas", para usar a expressão de João Neves da Fontoura, o "São João Batista da Revolução de 30".

É importante estudar a História, pois só assim saberemos escolher entre os plantadores de couves e os cultivadores de pinheiros. Enquanto não aprendermos a lição estaremos nos revezando entre o tacão de canalhas ou de energúmenos e mentecaptos. Cada vez mais é presente o dilema: Civilização ou Barbárie. Temos menos de dois anos para tomar uma decisão.

Data : 17/01/2007

Título : À Procura da História Perdida, Como Diria Proust

Categoria: Artigos

Descrição: Manhã quente e seca de domingo, 14 de janeiro de 2007. Chego cedo à empresa de meu velho e bom amigo César Lopes.

Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Manhã quente e seca de domingo, 14 de janeiro de 2007. Chego cedo à empresa de meu velho e bom amigo César Lopes. Lá encontro Daniel Schleder, tetraneto do tenente-coronel pica-pau Francisco Bier, morto no Combate do Umbu ao proteger a retaguarda castilhistas em fuga de volta a Cruz Alta no dia 16 de janeiro de 1894.

Conversamos alguns minutos sobre genealogia, o grande amor do anfitrião. Em cima de sua mesa meu livro Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo. E como ando à procura de informações sobre Verissimo Ignácio da Veiga passei a César alguns dados sobre o capitão Vidal Francisco de Borba, sogro do "bugre Verissimo". Vidal, um dos primeiros caudilhos maragatos passo-fundenses, foi arrancado de sua casa, na manhã de 5 de abril de 1894, juntamente com dois filhos. Tangeram-nos, a pé, junto com milhares de cabeças de gado, saqueadas, repontadas para povoar os latifúndios missioneiros dos comandantes republicanos. Ao chegarem no alto de uma coxilha, de onde se avistava Passo Fundo, Vidal e seu filho maior foram degolados pelos sicários de Fermininho de Paula. Do mais novo, não se soube notícia. César mostrou-me os nomes de Vidal Francisco de Borba, sua esposa e seus filhos. Ali já constava a informação de que o veterano da guerra contra Solano López era sogro do "bugre Verissimo".

De repente, lembrou-se de Amancio d'Oliveira Cardoso, tenente-coronel e um dos comandantes maragatos no Combate do Boqueirão (3 de junho de 1893) e que, desgostoso com a situação, dissolveu sua força.

- "Eu sei onde está sepultado este Amancio de Oliveira Cardoso. Se vocês quiserem vamos até lá, agora".

Alegando compromisso anteriormente assumido, Daniel não nos acompanhou.

De fato, há poucos quilômetros da cidade, no alto de uma coxilha, encontramos um velho cemitério de campanha. E no túmulo do tenente-coronel gasparista, ao contrário dos pica-

paus falecidos depois da revolução da degola, é omitida a graduação militar do veterano da guerra contra o Paraguai, e um dos primeiros caudilhos maragatos de Passo Fundo.

Nosso passeio pela história foi além.

Após retornar à cidade, tomamos, no Bairro São Luiz Gonzaga, uma estrada que partindo do antigo caminho das tropas, no Povinho Velho, passando por Soledade, levava ao Centro do Estado. Ali, em 1632, os jesuítas fixaram a primeira Redução de Santa Teresa. O interessante é que esse velho caminho, também passa pelo Pessegueiro, local para onde a Redução foi transferida até sua tomada pela bandeira de André Fernandes, no dia 23 de dezembro de 1637; palmilharam-no índios cristianizados, jesuítas, carijós e ibiraíaras insurgentes, bandeirantes, tropeiros e forças militares.

Antes de chegarmos ao Povinho Velho paramos no Passo do Cruz, no rio Jacuí, ponto exato em que, a 20 de novembro de 1893, os maragatos derrotaram, em dois combates, forças castilhistas diferentes. Pouco adiante, César Lopes mostrou-me o local em que, há algumas décadas, morava um mulato, já quase centenário. Descendia de escravos de Francisco Marques Xavier, que passou à história como coronel Chicuta. O ancião costumava contar que a Redução de Santa Teresa ficava num mato ali perto, onde, ainda menino, eram encontrados restos de artesanato indígena e desgastadas moedas antigas.

Chegamos ao cemitério do Povinho Velho. E constatamos a estupidez humana. Destruíram túmulos ancestrais para darem lugar a monumentos funerários recentes. A um canto está enterrada Etelvina da Rocha Duro, nome de escola em Passo Fundo. Concentro-me numa sepultura desgastada pelo tempo, fitando a fotografia sem nome.

- "Quem será ele?", pergunto a meu cicerone.

- "Não sei quem é, mas de outra vez que aqui estive, eu mesmo recoloquei seus ossos dentro do túmulo, de onde tinham sido retirados por macumbeiros".

Pobre natureza humana - reflito -. Em vida incomodamo-nos com os vivos. Depois de mortos eles não deixam nem mesmo os nossos ossos em paz.

Data : 17/11/2011

Título : A Propósito de Um Noivado no Rincão do Buraco

Categoria: Artigos

Descrição: João Simões Lopes Neto não escreveu nenhum desses poemas, pelo menos não os assinou.

A Propósito de "Um Noivado no Rincão do Buraco"

Meu Caro Hilton Araldi:



És realmente um “causo sério”, um verdadeiro “agitador cultural”. Por isso minha admiração pública pelo teu trabalho.

Para falar sobre “Um noivado no Rincão do Buraco” muni-me de alguns armamentos. Os primeiros deles duas edições do “Cancioneiro Guasca”, de João Simões Lopes Neto, cuja primeira edição é de 1910: (“Cancioneiro Guasca”: Porto Alegre: Editora Sulina, 1999, onde o poema aparece entre as páginas 199 e 202) e “Obra Completa de João Simões Lopes Neto”, organizada por Paulo Bentancur (Porto Alegre Sulina, 2003, onde o poema está inserido entre as páginas 195 e 198).

De início algumas observações sobre a obra. João Simões Lopes Neto colocou em sua obra, uma espécie de subtítulo que é o seguinte: “Antigas danças \* Poemetos \* Quadras \* Trovas \* Dizeres \* Poesias históricas \* Desafios”. “Um Noivado no Rincão do Buraco” está transcrito no “capítulo” “Poemetos”, que como tu bem o sabes quer dizer “pequenos Poemas”, a maioria de autores conhecidos, cujos nomes, muitas vezes simples iniciais, constam ao final.

João Simões Lopes Neto não escreveu nenhum desses poemas, pelo menos não os assinou. As composições ali reunidas podem ser divididas em dois grandes grupos: a literatura folclórica (aquela que não tem um autor conhecido) e a literatura folclorizada (aquela que o povo sabe de cor, mas tem autor conhecido). Este é o caso de “Um Noivado no Rincão do Buraco”.

Para reuni-los teve diversos colaboradores. Um deles sua irmã, Maria Izabel, conforme conta sua sobrinha e biógrafa Ivete Simões Lopes Barcellos Massot à página 47 de “Simões Lopes Neto na Intimidade” (Porto Alegre: BELS-SEC, 1974).

Bom, mas voltando ao poemeto. Duas observações sobre ele. A primeira delas é com relação ao verso: “Se tua égua está sã...”. Antigamente, os gaúchos não montavam em égua. Essa foi uma das principais críticas à inautenticidade de “O Gaúcho”, de José de Alencar. A personagem principal, Manuel Canho, monta uma égua, Morena, com a qual mantém uma relação... quase amorosa, digamos. Para escândalo dos gaúchos daqueles tempos, como lembra Augusto Meyer no famoso Prefácio e Notas que escreveu para “O Gaúcho” (Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954, páginas 5 a 11 e 245 a 257). Note-se que “O Gaúcho” é de 1870 e “Um Noivado no Rincão do Buraco” de 1896.

“Se tua égua está sã” pode significar simplesmente “se tua égua já saiu do cio”.

Outra observação o Autor/Narrador foi o primeiro convidado a iniciar a série de “brindes” que, na melhor expressão literária, se diz “saúdes cantadas”. É claro que assim se fez porque ele já era reconhecido como poeta ou até improvisador. Ele não “disse um verso”, isto é uma quadra, trova ou “copla”, como dizem os castelhanos, mas apenas dois versos, meia quadra, ou dístico, e sem rima. Era como se desafiasse alguém a completá-la, mas ninguém o fez. Quem disse uma trova completa, foi a noiva. Tudo isso corresponde a um processo de criação literária que reflete o humor provocado pelas “saúdes cantadas”, a nível popular, como já revelei há vários anos, nalguns trabalhos de meu saudoso amigo Eno Teodoro Wanke, profundo estudioso da trova ou quadrinha. Prova daquele reconhecimento do poeta é que a noiva se virou para ele e não para qualquer outro dos convivas.

Um outro ponto importante, importantíssimo, mesmo é que “Um Noivado no Rincão do Buraco” tem um autor (J.R.P.), uma data de composição (1896) e um local (Camaquã). Sobre esse ponto, depois que me enviaste cópia do “poemeto”, andei navegando pela Internet e, em quase todos os sítios visitados, encontrei os poemas do “Cancioneiro Guasca”, como de autoria de João Simões Lopes Neto, o que não é verdade, pelo menos assumida pelo criador de Blau Nunes. Repito: o “Cancioneiro Guasca” é constituído de poemas folclóricos (sem autor) e folclorizados (de autores conhecidos que caíram na memória popular).

Por fim, quem quiser se aprofundar no estudo do “Cancioneiro Guasca” pode ler um grande livro de Augusto Meyer, intitulado “Cancioneiro Gaúcho – Seleção de poesia popular com notas e um suplemento musical”. À minha frente duas edições, ambas da Editora Globo. A primeira delas de 1952 e a segunda, com alterações importantes, de 1959. Outro trabalho interessante, de Augusto Meyer, sob o título de “Poesia popular gaúcha”, está disponível em “Prosa dos Pagos – 1941-1959” (Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960, págs. 44 a 75). Aliás, esse livro é importantíssimo, pois apresenta alguns estudos indispensáveis para entender a obra do autor do “Cancioneiro Guasca”.

Meu caro Hilton Araldi, obrigado pelas quatro horas que me fizeste passar entre livros, convivendo com o velho João Simões Lopes Neto e com o (para mim) melhor conhecedor de sua obra, Augusto Meyer.

Em tempo: depois disso, quando passar em tua loja, vou trocar o teu chimarrão por um gole de Kangibrina, que fabricas em Ibirapuitã, pois estou até com “delirium tremens” de folhar livros e escrever.

Transcrevo, abaixo, o “poemeto”, de autoria de J.R.P., como aparece nas edições do “Cancioneiro Guasca”.

Um grande, fraterno e agradecido abraço do  
Paulo Monteiro

Um noivado no Rincão do Buraco  
(Camaquã)

Faz tempos que recebi  
Um bilhete do Bento  
Pelo qual me convidava  
Para ir a um casamento.

No bilhete me dizia:  
"Quem se casa é o Vicente  
Couma moça bonita  
E filha de boa gente."

E inda mais ele escrevia:  
"Se tua égua está sã,  
Vem cedo, quinda hoje mesmo,  
Bandeamos o Camaquã."

Chegando o dia marcado  
Partimos, sem mais demora.  
À tarde lá estivemos:  
Chegamos pela uma hora.

De chegada vi a noiva  
E conversamos um naco...  
Era a mais bela flor  
Lá do Rincão do Buraco!

Fomos pra mesa, jantar;  
Depois, um moço a meu lado,  
Pedi-me fizesse um brinde  
Oferecido ao noivado.

Peguei no copo, acanhado  
- Confesso de coração -  
E disse: - Viva o noivado  
E a bela reunião!

Em seguida, para a noiva,  
Dirigiu-se o meu vizinho  
E disse: - Mana Mercedes,  
Faz também o teu versinho!

Coradinha ela ficou  
E sorrindo pro namorado

Com jeito e com voz bonita,  
Agradeceu pro meu lado:

"Viva o Vicente, meu noivo,  
Viva o meu noivo Vicente!  
Viva a gente do Buraco,  
Viva o Buraco da gente."

Numa garrafa arrolhada  
Pega um velho desastrado  
E pondo-a na boca gritou:  
"Este buraco é tapado!"

Este brinde fez um outro  
(Por apelido Papaco)  
"Quem quiser boa mulher  
Procure só no Buraco!"

Ainda outro, mui sério  
Comendo cocadas, diz:  
"Quem se casa no Buraco  
Faz o Buraco feliz."

Diz uma velha risonha  
Ao noivo e noiva brindando:  
"Não se esqueçam do Buraco  
Vão no Buraco ficando!..."

Ao noivo tocou a vez  
Tirou a viola do saco  
Dizendo: - "Mulher, te juro,  
Não saio mais do Buraco!"

"Hei de dormir no Buraco,  
No Buraco, trabalhar;  
Já que te achei no Buraco,  
No Buraco te hei de amar!"

-----

Depois de sair da mesa  
Os convivas, conversando,  
Os bens que a noiva possuía,  
Estiveram me contando:

"Esta moça que casou-se,  
- Diz um, pitador de naco -  
Tem boa data de matos  
Aqui no Rincão do Buraco."

Informa outro: "a menina  
Tem suas prendas, seu gado,  
Quem vê de fora o Buraco  
Calcula de um modo errado."

-----

Gostei das simplicidades  
E nunca dei o cavaco  
Nessa festa que assisti  
Lá no Rincão do Buraco.  
J.R.P. – 1896

Observações:

a) A primeira parte deste estudo foi publicada na Revista Somando (Edição 176 – Ano XVII – Novembro/2011), páginas 28 e 29) e a segunda parte é uma resposta que enviei

ao meu prezado amigo Hilton Araldi e agradecimento a uma cópia do “Um Noivado no Rincão do Buraco” que ele me enviou;

b) Sobre a localização do “Rincão do Buraco”. Estive conversando com uma professora de Camaquã, colega do Conselho Geral do CPERS/Sindicato, e ela me confirmou que existe naquele município, próximo ao rio que lhe dá o nome, um lugar conhecido como “Rincão do Buraco”. Ficou de pesquisar para confirmar se o local onde aconteceu o casamento cantado por J.R.P. ainda pertence a Camaquã ou se, hoje, faz parte de algum outro município. É claro que há muitos locais com o mesmo nome espalhados pelo Estado...

Data : 20/02/1995

Título : A questão do projeto Fubar

Categoria: Artigos

Descrição: Estou estudando seriamente um instrumento de intervenção do Poder Público Municipal na ocupação do solo chamado Fundo para Habitação de Populações de Baixa Renda...

A questão do projeto Fubar

por Paulo Monteiro

Estou estudando seriamente um instrumento de intervenção do Poder Público Municipal na ocupação do solo chamado Fundo para Habitação de Populações de Baixa Renda – FUBAR, criado pela Lei Municipal nº 2.142. de 26 de dezembro de 1984.

Na verdade essa Lei disciplina outros três diplomas legais (Decretos nºs 268/82. 58/81 e Lei nº 2.102/84).

A legislação municipal disciplinando a ocupação do solo urbano é limitada por leis superiores, o que cria dificuldades muito sérias para que as áreas urbanas das grandes e médias cidades sejam efetiva e racionalmente ocupadas.

Isso tem preocupado as lideranças comunitárias, primeiras responsáveis pela concretização de medidas, através da organização popular, com vista à melhoria das condições de vida da população.

O DIÁRIO DA MANHÃ, recentemente, publicou reportagens sobre a inadimplência no pagamento das prestações dos terrenos adquiridos através do Projeto Fubar.

O movimento Comunitário tem uma preocupação muito grande com a defesa dos interesses coletivos, motivo pelo qual defende prioritariamente as formas comunitárias de solução dos problemas sociais e instâncias democráticas intervenção dos poderes públicos da sociedade civil na solução daqueles problemas.

Todos os projetos habitacionais no país falam porque partem de um princípio errado: são produzidos completamente em laboratório.

O laboratório, entendemos nós do Movimento Comunitário, deve ser usado para completar as obras da natureza ou da consciência humana; jamais para substituir a natureza ou a consciência.

A falência dos sistemas habitacionais tradicionais está exatamente na falta de democracia dos mesmos e na ausência de um envolvimento popular.

Ninguém adquire uma casa da COHAB, ninguém adquire um terreno do Projeto FUBAR; as pessoas “ganham” uma casa da COHAB ou um terreno da Prefeitura.

O Projeto FUBAR somente vai dar certo se mudar sua filosofia, deixando de ser tocado “diretamente pelo Município”, como diz a Lei, mas, como a própria Lei acrescenta, passando a ser executado “mediante a colaboração de outros órgãos, públicos ou privados, ou na forma de mutirão, promovido este pelos interessados ou através da comunidade”.

Se não houver uma participação da sociedade civil organizada, especialmente das associações de moradores, qualquer iniciativa com base no Projeto FUBAR ou em qualquer outro Projeto, vai continuar servindo à inadimplência, ao assistencialismo mais abjeto, que é o assistencialismo eleitoreiro e, o que é pior, ao desperdício imoral e criminoso dos recursos públicos.

O levantamento das famílias que necessitam de moradia deve ser realizado pelas associações de moradores; a escolha dos participantes dos núcleos residenciais deve seguir critérios técnicos, a exemplo do que recomenda a Ley de Vivienda Uruguiaia; todo o processo deve ser acompanhado pela sociedade civil organizada; os participantes dos núcleos residenciais devem ser organizados e instruídos e, o que é fundamental, deve participar diretamente, com trabalho familiar, da construção das moradias, através das formas associativas recomendadas pelas experiências comunitárias.

Diário da Manhã

20/02/1995.

Data : 01/01/2009

Título : A Rebeldia do Cadete Euclides da Cunha

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos episódios mais comentados da vida de Euclides da Cunha é o ato de rebeldia ...

## A Rebeldia do Cadete Euclides da Cunha

Um dos episódios mais comentados da vida de Euclides da Cunha é o ato de rebeldia cometido por ele diante do então ministro da Guerra, que culminou com a exclusão do escritor da Escola Militar.

Silvio Rabelo, na clássica biografia “Euclides da Cunha” (Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1948), assim descreve o caso: “... dispostos em coluna, marchavam os alunos, não sem contrariedade, em face do ministro e oficiais superiores. Desfilaram os primeiros pelotões em perfeita ordem. O terceiro ia já bem perto do ministro Tomás Coelho, quando um cadete se destacou da formatura. Era Euclides. Num assomo de rebeldia e supremo protesto, ele atirou o sabre ao chão, depois de tentar vergá-lo inutilmente no joelho. Há quem diga que o cadete teria nesta ocasião censurado os companheiros, de subserviência diante da autoridade da monarquia, combinados como estavam em não lhe apresentar armas. Pelo menos assim contara a seu amigo Gastão da Cunha. Há, entretanto, uma outra versão: a de que ele teria apenas pronunciado um protesto contra o esbulho do seu direito à promoção de alferes” (Ed. Cit., p. 54).

Eloy Pontes no polêmico “A Vida Dramática de Euclides da Cunha” (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1938), transcreve matéria publicada no dia 5 de novembro de em A Gazeta de Notícias, da então Capital do Império, no dia 5 de novembro de 1886. Conta que os alunos da Escola Militar que realizaram manifestação favorável ao tribuno republicano Lopes Trovão, que retornara da Europa, foram impedidos pelo comandante da Escola de deixarem o estabelecimento de ensino. Revoltados, diante do Ministro, que foram visitar a Escola no dia anterior (4 de novembro) “deixaram cair pesadamente as armas ao solo”. “E então um deles, mais exaltado, tomou da baioneta, quebrou-a de encontro ao joelho e, atirando os pedaços da arma para o lado do Sr. Conselheiro Thomaz Coelho, que em sua visita era acompanhado pelo Sr. Senador Silveira Martins, proferiu em altas vozes uma espécie de veemente protesto, acentuando, na mesma ocasião, as crenças republicanas. O Sr. Thomaz Coelho teve de desviar-se, um pouco precipitadamente, para não receber contra suas pernas o choque dos fragmentos da arma; porém, vendo no estado de exaltação do aluno alguma coisa de anormal, lembrou logo que o melhor seria recolhê-lo à enfermaria para que ali fosse submetido a rigoroso exame. (...)” (in Ed. Cit., p. 61).

O senador Silveira Martins, testemunha ocular do incidente, assim o descreveu ao Senado do Império: “No momento em que o corpo de alunos marchava, em continência ao sr. Ministro, a cujo lado se achava o orador, um moço, visivelmente atacado de um ataque histérico, nervoso, atirou a arma ao chão; torceu a baioneta e, saindo da forma, retirou-se, sem que nada perturbasse o exercício, dizendo que aquilo era contra as suas



convicções; e pelo modo porque falava e até pela cor da fisionomia pelo tremor geral (porque parecia uma pilha elétrica), bem se via que era vítima de um acesso nervoso”. (Ed. Cit., p. 70).

O general Umberto Peregrino, em “Euclides da Cunha e Outros Estudos” (Gráfica Editora Record, Rio de Janeiro, 1968), transcreve, sob a forma de nota, carta que recebeu do historiador Hélio Viana, sobre o incidente:

“Em agosto de 1944 apareceu em um jornal carioca artigo sobre o incidente de Euclides da Cunha na Escola Militar, que motivou sua saída do exército. Comentava-se, nele, as divergências existentes nas várias versões do fato, quanto a ter o futuro escritor tentado amolgar o sabre, antes de atirá-lo aos pés do ministro da Guerra, ou se o teria feito com o próprio fuzil. Disse-me então, a propósito fuzil. Disse-me então o prof. Venâncio que a única pessoa autorizada a esclarecer a ocorrência seria Alberto Rangel, amigo e colega de Euclides na Escola, presente por ocasião do incidente. (Não sei se Félix Pacheco, em Dois egressos da farda Euclides e Rangel, tratou do caso). Mandeí a Rangel, então em Friburgo, o recorte do citado artigo e, em resposta à consulta que lhe fiz, recebi carta sua, de 6 de setembro de 1944, em que dizia:

‘A respeito da questão de saber o que se passou com o sabre euclidiano será bastante simples liquidar essa história. A começar, não houve nem refle, nem trabuco, nem partazana. Estávamos, em forma, em uma revista de mostra. E, portanto, armados a Comblain. Perfilávamos no ombro, em continência, esses fuzis. Repito, nem espadim de aspirante, nem escopetas de bandeirantes. Euclides num gesto característico de impulsivo tirou a arma do ombro em dois movimentos de ordenança bem resumidos e tentando talvez simbolicamente quebrá-la no joelho, atirou-a aos pés do ministro da Guerra. Tão rápido e inesperado ato no rigor de uma formatura em marcha não poderia ter sido visto senão por gente de fora da formatura ou então pelos poucos companheiros que estavam a seu lado imediatamente. Confesso que nada vi. Eu fazia parte da quarta companhia e estava portanto na cauda da tropa e Euclides era da primeira companhia. Quem estaria diretamente a seu lado? Esse ou esses poderiam ter tudo visto. Mas, fora de forma o que soube foi o que simplesmente se referiu entre os meus companheiros de Escola. Euclides não poderia por força de seu gesto momentâneo utilizar-se exclusivamente do sabre que estava engatado na espingarda. O tempo de tirá-lo da arma a que pertencia seria demasiado longo para a instantaneidade de sua loucura.

‘A preocupação de discutir se foi sabre, espadim, “pau furado” que ele tentasse quebrar á uma atordoada cuja verificação nada adianta. Importa o ato e não a qualidade do instrumento.

‘No Corpo de Alunos, formado em parada, não passava Euclides de uma praça nas suas fileiras. O desfile em continência fazia-se baioneta armada no ombro esquerdo. A subtaneidade do arranque do aluno só poderia ser realizada com o fuzil que possuía. Essa história de sabre é de sabrear nas brasas de melhor juízo. Pobre Euclides, está sendo vítima de microcéfalos e microscópios”. (Op. cit., págs. 14 e 15).

Umberto Peregrino procurou outros colegas de farda, contemporâneos de Euclides, como o general e historiador militar, Tasso Fragoso, que lhe transmitiu apenas “impressões vagas muito vagas”. O general Cândido Rondon, “outro ilustre colega de Euclides na Praia

Vermelha, também se confina em escassas e vagas referências, mesmo quando escreve, como já escreveu, uma página especialmente consagrada à evocação de Euclides”.

O general Afonso Monteiro, “memorialista emérito”, “desandou a falar de outros, de numerosos cadetes do seu tempo”. “Quanto a Euclides, soube apenas dizer que era muito arredo, sem relações; era, contudo, amigo de Moreira Guimarães”. Este, procurado pelo general Umberto Peregrino, nada revelou sobre o incidente.

O que se conclui da pesquisa realizada pelo autor de “Euclides da Cunha e Outros Perfis”, junto a contemporâneos do autor de “Os Sertões” na Escola Militar, é que ele, “tirou a arma do ombro em dois movimentos de ordenança e tentando talvez simbolicamente quebrá-la no joelho, atirou-a aos pés do ministro da Guerra”, como muito bem informa Alberto Rangel.

As conseqüências foram muito simples. Os imperiais, desde o início, procuraram minimizar o ato político de Euclides, classificando como uma cena explícita de loucura. Os republicanos aproveitaram a situação, contribuindo para que ele fosse afastado da Escola por “incapacidade física”. Quatro dias após a proclamação da República retornava ao Exército, como herói.

Data : 20/08/2013

Título : A Revogabilidade de Mandato

Categoria: Artigos

Descrição: “Reforma política” é uma expressão que está na moda. Oposição e governo, todos, absolutamente todos, defendem a “reforma política”..

“Reforma política” é uma expressão que está na moda. Oposição e governo, todos, absolutamente todos, defendem a “reforma política”, mas a reforma que interesse a cada um dos muitos grupos envolvidos. Assim, é impossível ocorrer. E, para falar a verdade, ninguém está interessado em reforma alguma. Assim como está é muito melhor. Reza o ditado “no escuro todos os gatos são pardos”. E como gato é o que não falta, melhor. Quer dizer: quanto pior melhor.

Uma reforma política verdadeira ninguém quer. Para começar será preciso que os mandatos possam ser revogados pelos eleitores, a qualquer tempo. Assim como pode ser feito com qualquer procuração. Afinal, os eleitores recebem, nas urnas, uma procuração. E uma procuração assinada em branco.

Diga para qualquer vereador, prefeito, governador, deputado, senador ou presidente da República que Você é favorável à revogabilidade de mandato. E a resposta será a mesma:

“Isso é impossível”. Impossível? Só se for no Brasil, pois até na “ditadura da extinta União Soviética” era possível. Impossível para aqueles que têm o rabo preso, que estão acostumados com as maracutaias – palavra bonita de pronunciar na oposição e fácil de praticá-la no governo.

Para implantar a revogabilidade de mandato basta adotar o voto distrital. Com este, por exemplo, o município seria dividido em 12 distritos, cada um deles com aproximadamente 8,33% do eleitorado municipal. Cada partido pode apresentar uma lista com três candidatos. O partido mais votado elege vereador titular, o mais votado, e, por ordem de votação, o primeiro e o segundo suplentes.

Como se vê, o voto é no partido; mais precisamente, num programa político-partidário. Portanto, espera-se que o eleito mantenha a fidelidade partidária. Pressuposto básico: acaba o troca-troca de partidos.

A qualquer tempo – e por qualquer motivo – 25% do eleitorado, cadastrado à data das últimas eleições para o respectivo cargo, pode requerer um referendun para decidir se determinado eleito continua ou tem seu mandato revogado. Desde que o requerimento não seja viciado, com a inclusão de não-eleitores ou de falsos eleitores, deve ser aceito pela Justiça Eleitoral que dentro de, no máximo 90 dias, convoca o referendun.

Caso a maioria dos eleitores decida pela revogabilidade do mandato a decisão é irrecurível. “Tiro dado; bugio deitado”. O primeiro suplente assume imediatamente.

Como se vê a revogabilidade de mandato é um processo bastante simples, barato e eficiente.

Se, de fato, “todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido”, com esse instituto pode ser revogado pelo próprio povo a qualquer tempo e por qualquer motivo.

Muitos países, especialmente os “mais civilizados”, adotam esse instituto. Não o aceitam aqueles estados mais primitivos, mais próximos da barbárie, onde os interesses públicos se confundem com os interesses privados da camarilha (partido) que chegue ao governo.

O Brasil tem muito mais do que numa tradição patrimonialista muito forte. Patrimônio, reza o Aurélio, significa “herança paterna; bens de família; dote dos ordinandos”. O patrimonialismo é o governo da coisa pública transmitido como herança de família. Vêmo-lo através de gerações de uma mesma família se sucedendo nos cargos públicos, que acabam confundindo o patrimônio público com o seu próprio patrimônio. E mais, numa espécie de ordinando, uma transmissão religiosa, que não admite discussão.

Repitamos. De Brasília aos cafundós, a coisa vai muito além do patrimonialismo. Chega ao coronelismo e, mais modernamente, ao bacharelismo. Continua vigorando o mandonismo local. Via de regra os assessores, os responsáveis pela direção política dos órgãos públicos, não são escolhidos pela capacidade, mas pela servilidade.

Faz lembrar a famosa passagem biográfica do caudilho federalista Gomercindo Saraiva, que nunca degolou ninguém, mas tinha sempre a seu lado o primo degolador Cezário Saraiva ou o aleijado conhecido como Ringo.

Os governantes não roubam. Por isso, são intocáveis. O serviço sujo é feito pelos Delúbios e Valérios, quer dizer pelos Cezários e Ringos.

Com a revogabilidade de mandato é instaurada a responsabilidade política. O assessor aprontou quem pode ir a julgamento é o eleito a que ele presta serviços.

Com a revogabilidade de mandato acabam os intocáveis e os impuníveis. Os governantes deixam de pairar acima do bem e do mal. Como a espada de Dâmocles, a vontade soberana dos eleitores estará sempre suspensa por um tênue fio sobre a cabeça dos eleitos.

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior. Fone: 054XX84016682.

Preste um bom serviço à Democracia. Reproduza este folheto.

Data : 05/12/2010

Título : A Revolução de Minas

Categoria: Artigos

Descrição: O texto abaixo, em sua maior parte, foi publicado sem assinatura no Jornal da Tarde...

A Revolução de Minas

Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

O texto abaixo, em sua maior parte, foi publicado sem assinatura no Jornal da Tarde, de Passo Fundo, em setembro de 1975. O Autor, então com 20 anos, trabalhava como redator daquele diário e exercia intensa atividade política e cultural, no extinto Partido do Movimento Democrático Brasileiro e no Grupo Literário “Nova Geração”, respectivamente.

Como se vê, o estilo derramado, oratório, aqui preservado, reflete o caráter militante da matéria. Passados praticamente 30 anos continua atual. Os vendilhões da Pátria, o renegadores de Princípios, os esbirros do Colonialismo trocaram apenas de uniforme. Há quinhentos anos tem sido assim, apesar das várias “inconfidências” e “independências” que tivemos ao longo desses séculos.

1. Conceito de Brasil

A cada 7 de setembro comemora-se o aniversário da independência político-administrativa do Brasil.

Em todas as partes, nessa data, nomes e fatos registrados nas histórias oficiais do Brasil são lembrados.

O país, porém, como escreveu Viriato Corrêa, não é apenas aqueles homens e aqueles fatos que passaram para os livros; o Brasil é mais do que isso; é aqueles que, nos primeiros tempos da existência nacional, embora ainda não como Nação, lutaram por sua integração à civilização; é os patriotas que expulsaram os invasores, os piratas; é aqueles que se internaram pelos sertões levando a mensagem do amor ao próximo, atraindo os selvagens para a civilização; é os negros escravos que, enquanto o feitor arrancava-lhes a carne a vergastadas, cantavam as canções bárbaras da África bárbara; é os imigrantes violando o ventre da terra-mãe com seus braços hercúleos; é os estudantes discursando e declamando contra a escravidão e pela proclamação da república; é os mártires da nossa independência; é as mulheres brasileiras transformadas em heroínas.

O Brasil é o seringueiro, esmagando as serpentes da Amazônia; é os jangadeiros domando os “verdes mares bravios”, é os vaqueiros arrancando arbustos mortos da caatinga com as patas de seus cavalos velozes; é o gaúcho, com as bombachas voando ao vento, duelando com o minuano frio e pagão, marcando os passos de uma rancheira pelo barulho das chilenas ou dançando um vaneirão ao compasso de adagas, numa peleia.

O Brasil, como diria Viriato Corrêa, é a vida desconhecida de nossos agricultores e operários; é o burburinho e a sede de saber de nossos estudantes; é o fulgor das produções de nossos intelectuais.

O Brasil é tudo isso e muito mais.

O Brasil é a coragem dos “inconfidentes” e muitos outros.

## 2. Sentimento de Independência

Mas o que foi o que se chama por “Inconfidência Mineira”? Uma fantasia de intelectuais? Uma aventura de nacionalistas? Uma loucura de maníacos?

A resposta, muitas vezes, pode ser controversa, visto a repressão que o episódio teve em nossa história.

Certo, contudo, é que temos uma visão mítica, poética, do fato, que foi real e produto de uma fase de nossa evolução.

O sentimento de Independência vinha de longe, Já estava preso ao sentimento de todos aqueles que nasceram no País, algumas vezes já nos primórdios de nossa povoação.

Os patriotas que, em 1645, revoltaram-se contra o domínio holandês não obedeceram o rei de Portugal e, se não lhes faltasse um pouco de habilidade política, um pouco mais de consciência da posição independente do País, certamente teriam proclamado nossa independência e, pela situação em que Portugal vivia, com certeza, teriam sido vitoriosos.

Outro fato que prova o sentimento de Independência de nosso povo é o da “Aclamação de Amador Bueno”, no ano de 1641, na Vila de São Paulo de Piratininga. Esse homem de

grande prestígio foi aclamado rei do Brasil e que só por respeito e fidelidade a Dom João IV não o aceitou.

Mais tarde, em 1720, Filipe dos Santos, um “revolucionário” português, residente na Vila Rica das Minas Gerais, onde se dedicava à mineração e comércio de ouro, liderou o famoso levante daquele ano contra Pedro de Almeida Portugal e Vasconcelos, o Conde de Asumar, governador daquela capitania. Preso e condenado e enforcado, impiedosamente, atando-se-lhe, depois, o corpo à cauda de um cavalo, para que fosse arrastado pelas ruas de Vila Rica, a fim de intimidar a população e sujeita-la pelo terror. Não há provas, contudo, quanto ao massacre de seu cadáver.

Tudo isso através de uma olhadela rápida sobre a História do Brasil, mostra a predisposição de nossos patrícios, daquelas eras, em tornar o Brasil livre do jugo lusitano. E as principais causas dos movimentos separatistas no País fundamentavam-se, principalmente, na opressão econômica a que a Colônia era presa. O principal motivo da revolta dos brasileiros era os tributos impostos aos produtos nacionais pela alfândega lusitana.

Um dos mais terríveis impostos era o dos “quintos”, sobre a quantidade de ouro apresentado às casas de fundição. Era estipulado um número mínimo de arrobas de ouro que deveriam ser produzidas anualmente e, quando essa quota não era alcançada, os habitantes teriam de pagar, através da “derrama” até que o número mínimo planejado fosse alcançado.

### 3. A Revolução de Minas

Com o desenvolvimento da mineração no País, unido à continuação da produção canavieira no Nordeste, o Brasil, na segunda metade do século XVIII, começou a surtir um desenvolvimento em todos os setores.

Forma-se um grupo de intelectuais atuantes, em muito superiores aos portugueses. Também nossa elite diversificava-se: de um lado senhores de engenhos de açúcar; de outro os senhores da mineração, nas Minas Gerais.

A elite cultura, contudo, concentrava-se, basicamente, onde se encontrava a parte mais importante da elite econômica da Colônia, em Minas. Ao mesmo tempo, formava-se, nas cidades, uma espécie de classe média: servidores do Reino, advogados, promotores de Justiça e outros. Além do mais, a Igreja sentia-se ainda ferida pela expulsão dos jesuítas de Portugal e colônias, por ordem do Marquês de Pombal.

Já se delineavam na sociedade brasileira grupos de homens com características e interesses próprios, o que lhes permitia se tornarem independentes da metrópole. Entretanto, a maioria da população por pretos, escravos e analfabetos.

Em Minas, onde se concentrava a maioria da população esclarecida e portadora de maiores recursos, a sangria de tributos imposta pelo governo revoltava sobremaneira a população.

No Brasil, e particularmente em Minas, já eram comentadas as idéias avançadas da vanguarda intelectual da época: D’Alambert, Rousseau, Voltaire, Montesquieu e

Mirabeau, porque os estudantes brasileiros, filhos das mais nobres famílias da Colônia, traziam-nas da Europa e difundiam-nas às ocultas das autoridades.

Tudo isso contribuiu para que os mineiros tentassem uma revolução que libertasse o País do colonialismo português, proclamasse a República e abolisse a escravidão.

Afirma Everton Florenzano que “a Revolução Mineira foi uma das mais puras e ingênuas do nativismo brasileiro. Realmente, se não se dera, como se deram, a traição e a denúncia dos participantes da conspiração, e eles pudessem prosseguir em seus intentos, jamais teriam logrado êxito em seus planos. Foi um movimento de simples idealistas, homens totalmente despidos de senso prático e, por certo, imbeles, por paradoxal que isto se afigure, ao considerar-se a condição militar de alguns conjurados, inclusive seu líder, José Joaquim da Silva Xavier, alcunhado Tiradentes. Pela legislação fiscal, então em vigor, os proprietários de minas de ouro tinham de pagar impostos de vinte por cento do total extraído. Mas os tempos tinham mudado, declinando forte o resultado das lavras, o que redundara num atraso ao fisco, de 538 arrobas, o equivalente a cerca de dez milhões de dólares. O pagamento do tributo em apreço, segundo o determinara o governador da província de Minas Gerais, Visconde de Barbacena, não poderia mais tardar, devendo ser, pois, lançada a derrama, como chamavam à cobrança dos atrasados fiscais. Animado e influenciado por estudantes que encontrava no Rio de Janeiro (...) o jovem alferes de cavalaria mineira, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado o Tiradentes, por exercer também a arte do boticão, resolvera levantar o povo mineiro, numa revolução que pusesse fim ao domínio português, instituindo-se o regime republicano. Doutrinador incansável, conseguira muitos adeptos, até formar um grupo seletivo de intelectuais, comerciantes e militares, além de alguns sacerdotes, a nata da sociedade burguesa de suas relações, como núcleo das forças revolucionárias que tomaria armas pela liberdade (...). O momento psicológico, para eclosão do levante foi o dia da “derrama”, quando o descontentamento popular estaria no auge, não sendo nesse ensejo muito difícil insuflar os mineiros à desobediência e estimulá-los à ação armada. Sua própria revolta íntima, e seu profundo senso de injustiça e opressão concorrerem de muito para a vitória da causa. Esse raciocínio, em tese bem lógico, baseava-se no estudo da revolução norte-americana, não ignorando os conjurados que os impostos sobre o papel selado, o chá e o vidro, haviam sido o bastante para levar à luta as colônias britânicas. O que não ocorreu a Tiradentes e a seus ingênuos camaradas de conjura, entretanto, foi a absoluta diferença de mentalidade, capacidade militar, disponibilidade de recursos materiais e, sobretudo, ambiente sociológico, entre a posição norte-americana e a mineira, para já não dizermos dos brasileiros em geral. A evolução histórica, num e noutro caso, derivada da própria formação e origem da nacionalidade norte-americana e da brasileira, tão mutuamente exóticas, tinha que ser por força proporcionalmente diversa. Todos os movimentos revolucionários anteriores e futuros no sentido da libertação fracassaram por falta de meio propício, de comunhão popular, de liderança hábil e experimentada e verdadeira oportunidade histórica. Melhor ocasião não teve o Brasil de sacudir o jugo europeu do que no final das guerras holandesas, mas não soube aproveitar a época libertando-se dos flamengos para submeter-se com gosto aos lusos enfraquecidos e decadentes. Não tentamos a revolução justo quando fatores essenciais ao êxito nos eram disponíveis. Seja como for os inconfidentes sonharam com uma república, em que se aboliria a escravidão, instalando-se escolas e mesmo universidades na capital mineira e dando-se à terra quanto possível fosse. Por bandeira, teriam um pano alvo, com um triângulo azul, branco e

vermelho mostrando ao centro um índio rompendo ferros, com os dizeres latinos “Libertas quae sera tamen” (...). Como se evidencia plano mais intelectual do que prático, mais romântico que político. O povo desejava apenas poder comprar mais com seu escasso dinheiro. Lutar somente para menos impostos, como decênios após os farroupilhas realistas dos Pampas. Mas houve uma traição e o traidor foi Joaquim Silvério dos Reis, português fiel a sua rainha e oportunista. Sabedor da conspiração, o Visconde de Barbacena conteve a explosão do desagrado popular suspendendo a “derrama” e avisou ao vice-rei do Brasil, Luís de Vasconcelos, sobre quanto lhe haviam denunciado. Tiradentes, seguido por espiões da polícia, foi preso em seu esconderijo carioca da rua dos Latoeiros (atual Gonçalves Dias) e logo depois eram detidos seus companheiros de sonho”. (In MODERNO DICIONÁRIO DE BOLSO DE HISTÓRIA DO BRASIL, Edições de Ouro, Rio de Janeiro, MCMLXIV).

O juízo que Florezano faz da Revolução Mineira parece-nos correto, limpando-lhe de dois erros capitais. O primeiro é quanto ao termo “Inconfidência Mineira”, que até hoje perdura, foi dado ao movimento que buscava instalar um governo republicano e independente de Portugal, em Minas, pelos historiadores portugueses da época do Brasil Colônia. Inconfidência quer dizer traição, isto é, traição dos brasileiros ao governo colonialista português. O desejo dos brasileiros da época era o Brasil tornar-se independente de Portugal. Portanto, os patriotas que tentaram proclamar a independência do Brasil eram “inconfidentes” do ponto de vista português, nunca do ângulo brasileiro. O segundo ponto que nos aparece errado, e esse erro é comum à maioria de nossos historiadores, é o de que Tiradentes tenha chefiado o movimento; que tenha sido o articulador, já que o sentimento de independência há muito tempo era natural ao povo brasileiro. Tiradentes foi, de fato, o maior batalhador pela independência, dentro da Revolução de Minas, um sonho que não se realizaria, por ser um movimento local, por não ter amplitude para sacudir o País, sendo presa fácil para as forças fiéis aos lusos organizados.

Quando estudamos os Autos da Devassa da Inconfidência Mineira (Câmara dos Deputados/Governo do Estado de Minas Gerais, Brasília/Belo Horizonte, 1976-1983, 10 volumes), vemos a disputa de interesses entre os delegados do poder colonial, com a abertura de duas devassas, uma no Rio de Janeiro outra em Minas Gerais. A primeira foi determinada pelo Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza, no dia 7 de maio de 1789; a segunda pelo Marquês de Barbacena, a 12 do mês seguinte.

A primeira denúncia de Joaquim Silvério dos Reis foi feita a Barbacena a 15 de março de 1789. A 19 de abril o delator era despachado para o Rio de Janeiro, para repetir a denúncia ao Vice-Rei do Estado do Brasil e seguir os passos de Tiradentes. A 10 de maio, depois de ocultar-se no sótão de uma casa, ao sentir que estava sendo vigiado, o 20 de maio o Vice-Rei determinava as prisões de vários implicados o alferes foi preso no Rio. Uma dezena de dias após Luís de Vasconcelos e Souza determinava a prisão de diversos implicados na tentativa de levante

Depois de unificados os dois inquéritos, a 23 de novembro de 1791 onze conjurados são condenados à morte. Eram eles, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, o coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto, o sargento-mor Luís Vaz de Toledo Piza, o capitão José de Resende Costa e seu filho, o tenente-coronel Domingos de Abreu Costa, que se fazia acompanhar de um escravo de nome Nicolau, os doutores Domingos Vidal Barbosa Laje e José Alves Maciel,



o coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes e o cirurgião Salvador Carvalho do Amaral Gurgel.

José de Resende Costa (filho), um dos sobreviventes da “inconfidência” deixou uma relação minuciosa dos sentenciados e dos destinos que os mesmos tiveram: “ONZE CONDENADOS À MORTE:

(1) Alf. Joaquim José da Silva Xavier: único executado.

DEGREDDADOS POR TODA A VIDA:

(2) Tem.-Cel. Francisco de Paula Freire de Andrada: para as Pedras de Ancoche.

(3) Dr. José Álvares Maciel: para Massangano.

(4) Cel. Dr. Inácio José de Alvarenga: para Ambaca.

(5) S. M. Luís Vaz de Toledo Piza: para Cambambe.

(6) Cel. Francisco Antônio de Oliveira Lopes, para Bié.

(7) Ten-Cel. Domingos de Abreu Vieira: para Muxima.

(8) Salvador Carvalho do Amaral Gurgel: para Catalã.

POR DEZ ANOS:

(9) Cap. José de Resende Costa (pai): para Bissau.

(10) José de Resende Costa (filho): para Cabo Verde.

(11) Dr. Domingos Vida de Barbosa: para Ilha de Santiago.

OUTROS PRESOS:

(12) Des. Tomás Antônio Gonzaga: 10 anos para a praça de Moçambique.

(13) Vicente Vieira da Mota: idem, para Rio de Sena.

(14) João da Costa Rodrigues: idem, para Mossuril.

(15) Cel. José Aires Gomes: 8 anos, para Inhambane.

(16) Antônio de Oliveira Costa: 10 anos, para Macau.

(17) Vitorino Gonçalves Veloso: idem, para Cabeceira Grande.

(18) Fernando José Ribeiro: 10 anos, para Benguela.

(19) Cap. João Dias da Mota: 10 anos, para Cachéu.

SACERDOTES IMPLICADOS NO PROCESSO:

(20) Côn. Luís Vieira.

(21) Vig. Carlos Correia de Toledo.

(22) Pe. Manuel Rodrigues da Costa.

(23) Pe. José da Silva e Oliveira Rolim.

(24) Pe. José Lopes de Oliveira

FALECIDO:

(25) O Dr. Cláudio Manuel da Costa, um dos principais autores da revolução, muito conhecido por suas obras poéticas que andam impressas e sua História sobre a Província de Minas Gerais, suicidou-se no cárcere logo depois da sua prisão”. (in Autos, 9, págs. 455-457).

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi o único executado. Enforcado, no Campo de Santana, Rio de Janeiro, foi esquartejado e seus restos expostos em locais onde passara fazendo proselitismo do movimento separatista. Acabou virando mito. Patrono da Nação Brasileira (Lei No. 4.897, de 9 de dezembro de 1965, mereceu, durante a Ditadura de 1964, o Decreto No. 58.168, de 11 de abril de 1966, estabelecendo “como modelo para reprodução da figura de Tiradentes, a efígie de Joaquim José da Silva Xavier existente em frente ao Palácio Tiradentes, na Cidade do Rio de Janeiro”.

A Revolução de Minas, não passou, na prática, de um belo sonho, transformado em pesadelo pelos interesses pessoais dos políticos a serviu do colonialismo. A história recolheu o nome do delator Joaquim Severo dos Reis, mas omitiu o nome dos também alcagüetes Basílio de Brito Malheiro do Lago, Inácio Corrêa Pamplona e Pe. Carlos Corrêa de Toledo e Melo.

A Revolução de Minas, como os demais movimentos contestatórios ao longo da História do Brasil, demonstrou que a insatisfação contra os agentes do colonialismo é grande e antiga. Tanto naquele tempo, quanto hoje, a força motriz da História nacional é a luta entre aqueles que desejam a independência, o desenvolvimento e a liberdade verdadeira e os senhores do mundo, que vivem faustosamente nos corações das grandes potências, representados por políticos corruptos e asquerosos traidores, ainda que travestidos sob o apelido genérico de trabalhadores, com nos dias que correm.

Todo esse processo de mitificação de Tiradentes, dos seus companheiros de movimento, de outros “heróis” e movimentos mitificados, tem sido desmascarado por historiadores sérios. Os heróis são homens. Falíveis, portanto. Sobre a “Inconfidência Mineira” como sobre os demais movimentos brasileiros, hoje, dispomos de ampla documentação, que nos fazem melhor entendê-los.

Os verdadeiros e autênticos heróis são os homens e mulheres do povo, que, como se pode ler no início deste trabalho, lançam as bases da Cidadania e da nacionalidade.

Legendas:

Tiradentes. Quadro de José Wasth Rodrigues.

D. Maria I (A Louca). Condenou os “inconfidentes”. No começo de 1792 foi afastada por motivos de sua insanidade mental.

Luis de Vasconcelos e Souza, Vice-Rei do Estado do Brasil (1779/1790) tomou as primeiras medidas contra os conjurados de Minas.

D. José Luís de Castro, Vice-Rei do Estado do Brasil (1790/1801) conclui e executou o processo contra os “inconfidentes”.

Data : 07/08/2007

Título : A revolução que iniciou em Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Nas eleições para presidente (governador) do Estado, realizadas em 25 de novembro de 1922, entre Borges de Medeiros, que concorria à reeleição, e Assis Brasil, pela oposição...

Paulo Monteiro (\*)

Nas eleições para presidente (governador) do Estado, realizadas em 25 de novembro de 1922, entre Borges de Medeiros, que concorria à reeleição, e Assis Brasil, pela oposição, aconteceram denúncias de fraudes, durante as votações e de falsificação dos resultados finais pela comissão competente da Assembléia Legislativa. Um dos mais combativos líderes da oposição (libertadores) era Artur Caetano da Silva, deputado passofundense.

A Revolução de 1923 foi tramada por três homens: o deputado Arthur Caetano, que sublevaria Passo Fundo e região, Batista Luzardo, de Uruguaiana e Alegrete, e Adalberto Correia, que levantaria Quaraí e Santana do Livramento. O início do levante estava preparado para a madrugada de 25 de janeiro de 1923, data em que Borges de Medeiros tomaria posse para seu quinto mandato à testa do governo do Estado.

Em Passo Fundo, as reuniões revolucionárias aconteciam na sede do Partido Federalista, que se situava na Rua Moron, proximidades da Praça Marechal Floriano. Os federalistas, base da campanha de Joaquim Francisco de Assis Brasil, foram engrossados com dissidentes republicanos, que haviam enfrentado os federalistas durante a Revolução Federalista (1893/1895), destacando-se o general João de Deus Menna Barreto e coronel Pedro Lopes de Oliveira. A política autoritária e centralizadora do médico Nicolau de Araújo Vergueiro, atirou essas lideranças do Partido Republicano Rio-Grandense nos braços da oposição assisista.

Os revolucionários passo-fundenses traçaram um plano bastante simples: cercar e tomar a cidade. Para tanto, concentraram uma parte de suas forças no Campo do Meio e outra em Carazinho. Os primeiros, comandados por Simão Machado, Quim César, Fernando Goelzer e Pedro Lopes de Oliveira, entre outros, cercariam a cidade pelo sul e pelo leste; os segundos, sob as ordens do general João de Deus Menna Barreto e coronel Salustiano

de Pádua, atacariam pelo oeste e pelo norte. Os guerrilheiros do Campo do Meio seriam apoiados pelo veterano maragato Felipe Portinho, e as de Carazinho por Leonel Rocha, de Palmeira, experiente guerrilheiro de 1893.

Quando Borges de Medeiros foi empossado, a 25 de janeiro de 1923, o deputado Artur Caetano não estava mais em Porto Alegre. Voltara a Passo Fundo para acender o estopim revolucionário. Do município, passou o seguinte telegrama a Arthur Bernardes, presidente da república: “Senhor presidente da República. Rio. A situação de desespero criada pelo borgismo compressor e sanguinário, transformou hoje nossa altiva região serrana em acampamento militar. Quatro mil cidadãos levantaram-se no dorso das coxilhas, protestando de armas na mão contra a usurpação do tirano. Sobre Passo Fundo caíam diariamente as cóleras da ditadura, porque Passo Fundo foi o baluarte do bernardismo no Rio Grande do Sul. Não correrá mais sangue se o ditador renunciar incontinenti ao seu falso mandato, ou se Vossa Exa. desdobrar sobre as nossas plagas infortunadas as garantias constitucionais que nos falecem, integrando o Rio Grande no concerto da nação brasileira. Arthur Caetano da Silva.”

Os revolucionários praticamente não tinham armas e recursos. Apenas, varas sapecadas de camboim, que serviam de lanças ou taquaras, cujas pontas eram lâminas de tesouras de tosar ovelhas.

O levante não ocorreu nos demais pontos do Estado. Os libertadores de Artur Caetano, apoiados pelos combatentes de Leonel Rocha e Felipe Portinho, nos primeiros meses, sustentaram, sozinhos, o movimento armado.

Os libertadores do Campo do Meio, com elementos da cidade, ao entardecer de 24 formaram um cinturão da Petrópolis à Santa Marta; as tropas de Menna Barreto e Salustiano de Pádua cortaram as comunicações em Carazinho e se aproximara à cidade unindo as duas pontas do semicírculo. Na tarde de 25 de janeiro, Quim César aproximou-se do Tiro de Guerra, na atual Vila Rodrigues, mas encontraram os chimangos entrincheirados na Vila Cruzeiro e um trem blindado que os protegia. Avançando com o trem blindado os legalistas desalojaram os sitiados da Petrópolis, mas não conseguiram avançar.

Outros dois trens foram blindados pelo engenheiro Júlio Ávila. Na noite de 26 de janeiro, os comandados de Jango Padre atacaram o Quartel do Exército, fazendo os chimangos recuarem para a Praça Tamandaré e transferirem as munições para o prédio da Intendência (Prefeitura Velha). O QG legalista mudou-se para a sede do Clube Pinheiro Machado (Academia Passo-Fundense de Letras).

O plano de invadir a cidade a 28 de janeiro só não se concretizou porque Menna Barreto e Salustiano de Pádua se desentenderam. Resquícios de 1893. A situação era gravíssima. O tenente-coronel João Cândido Machado (Brigada Militar), o major Antônio Garcez Caminha (Exército) e o intendente Nicolau Vergueiro, inspecionaram as linhas e planejaram concentrar suas forças no Boqueirão até à chegada de reforços.

A situação permaneceu tensa até dia 30 de janeiro. Reunidos no Saladeiro São Miguel (Charqueada Velha), os principais líderes revolucionários decidiram levantar o cerco. Aproximava-se da cidade o temido Firmino de Paula, à frente de uma grande força, armada de modernos fuzis, metralhadoras de grosso calibre e seus famosos degoladores do Boi Preto.

Menna Barreto e Salustiano de Pádua partiram na direção de Palmeira das Missões para unirem-se a Leonel Rocha e os demais revolucionárias para a Serra de Erechim, reforçando as forças de Felipe Portinho. Mas a luta aqui iniciada continuaria. Os combates de Quatro Irmãos e do Desvio Giaretta que o digam.

Data : 12/05/2014

Título : A sala das aranhas

Categoria: Poesia

Descrição: A altura é indefinida, mas alto o pé direito é muito alto. Estou deitado, os olhos voltados para o teto.

A sala das aranhas

A altura é indefinida, mas alto o pé direito é muito alto.

Estou deitado, os olhos voltados para o teto.

Entretanto, me sinto em pé.

Ao meu lado direito e às minhas costas despencam aranhas invisíveis, estendendo teias translúcidas.

De repente, a média distância entre o local onde estou e a única porta uma aranha negra, de uns dois centímetros e meio de comprimento, cai. Rápida e suavemente.

Antes que eu tente qualquer reação fica meio escondida sob um grande quadro encostado à parede, formando um ângulo de uns 25°. Metade embaixo do quadro; metade fora.

Refliro: posso esmagá-la sob meus pés num salto rápido, mas penso: caso apenas feri-la e ela escapar?

Deixo a aranha negra no seu lugar.

E ela está lá.

Metade visível. Metade sombra.

Data : 29/09/2014

Título : A Santa que virou fantasma

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 28 de novembro de 1894 um piquete de federalistas supliciou Maria Meirelles Trindade, que entrou para a história passo-fundense como "A Santinha", "Santa Maria Pequena" ou simplesmente "Maria Degolada".

## A Santa que virou fantasma

Paulo Monteiro

No dia 28 de novembro de 1894 um piquete de federalistas supliciou Maria Meirelles Trindade, que entrou para a história passo-fundense como "A Santinha", "Santa Maria Pequena" ou simplesmente "Maria Degolada".

Quando estudamos a Revolução Federalista ficamos sabendo que, naquele segundo semestre de 1894, as preocupações dos dois grupos em guerra se concentravam na Fronteira. No Planalto Rio-grandense as atividades bélicas se resumiam, praticamente, a ações de acertos de contas.

O grupo que entrou na cidade procurando pelo esposo de Maria certamente viera para vingar-se. Não o localizando, descarregaram o seu ódio, sobre ela, que lavava roupas às margens do Arroio Raquel. Esfaquearam-na para que confessasse onde o esposo e o filho se escondiam. Levou três pontaçõs de faca e, finalmente, a degolaram. O assassinato ocorreu onde hoje se localiza a Vila Carmen, à atual Rua Coronel Chicuta.

Martirizada para proteger a vida do esposo e do filho, acabou transformada em santa pelo povo. Sepultada no local onde exalou o último suspiro, ao lado do seu tumulo, formou-se um "cemitério de anjinhos", como eram designadas as crianças com menos de sete anos, e transformada em santa protetora dos inocentes.

Nos primeiros anos da década iniciada em 1950 o cemitério foi demolido e os restos mortais da "Santinha" desapareceram. Segundo informações do falecido padre Jacó Stein, estão sob o altar-mor da Catedral Metropolitana de Passo Fundo.

Maria Meirelles Trindade era uma mulher simples, filha da índia caingangue Marcelina Coema era casada com um praça de pré republicano, coforme contou o poeta e historiador Gomercindo dos Reis, que se autoproclamava "maragato". A exemplo da primeira geração de caboclos, possuía pequena estatura, como diz seu próprio apelido.

Recapitulando: Maria Meirelles Trindade era uma "gaúcha" autêntica, no sentido racial do termo. Pobre e trabalhadeira, deu sua vida para salvar o esposo e o filho pequeno. Por isso, se tornou santa protetora das crianças, numa época em que as doenças e a mortalidade infantil semeavam pequenas sepulturas pelos cemitérios.

Maria Pequena foi uma mulher do povo, santificada pelo povo. Como vemos seguidamente nos noticiários, antes que alguém seja reconhecido como santo pela Igreja Católica, é preciso passar por uma série de requisitos estabelecidos pelo Direito Canônico. Até essa oficialização é um santo popular, apenas reconhecido pelo povo. Uma das

exigências para o reconhecimento eclesiástico é que se estabeleça um culto em torno de uma pessoa morta, em torno de um local (no caso de Maria Pequena o do seu martírio) e que existam relíquias (no caso de Maria Pequena, o seu corpo sob a terra). Além disso, faz-se necessária a confirmação de milagres.

Conseguiram entender?

O culto popular à memória da mulher pobre e mestiça, que morreu para proteger o marido e o filho, acabou no momento em que se consolidou o culto oficial. Ocorreu em meio à mobilização de filhas e netas daquelas "senhoras" brancas e ricas que provocaram ciúmes nos maridos que ordenaram a degola do "facinoroso" Padre Ramos, alguns meses antes do martírio de Maria Meirelles Trindade.

Com a eliminação do local de culto (Cemitério da Cruzinha, como era conhecido) e das relíquias (restos mortais da "Santa Maria Pequena"), estava preparado o terreno para a extinção do culto à santa popular, que também era conhecida como "Maria Degolada".

E aí sim, a história virou lenda. Perdeu o "status" de santa e se transformou em fantasma, o "Fantasma da Maria Degolada", o terror das crianças nas escolas.

Quando eu trabalhava na Escola Estadual Lucille Fragoso de Albuquerque os alunos maiores começaram a assustar os menores dizendo que viram a "Maria Degolada", enforcada no bandeiro. Pânico geral. Nenhuma criança queria ir ao banheiro.

Fui às salas de aula e contei para as crianças a história da "santa", transformada em protetora das crianças. E que não era fantasma, coisa alguma. Em suma, contei toda a história, como historiador, em linguagem de literatura infantil. As coisas voltaram ao normal.

Em fins de 2012, durante o encontro semanal de autores do Projeto Passo Fundo, uma jovem escritora e ilustradora revelou que ficou cinco anos sem ir ao banheiro da Escola Municipal Urbano Ribas sem ir ao banheiro, com medo do "Fantasma da Maria Degolada". Como visto, um século depois da morte física, o martírio de Maria Meireles Trindade continua.

Data : 02/02/2009

Título : A sombra

Categoria: Poesia

Descrição: há uma sombra nas faces nos olhos na mente

a sombra

há uma sombra nas faces

nos olhos na mente  
mentiras mentiras e mentiras  
só mentiras e sombra  
os homens caminham  
para todos os lados  
para todos os lados  
para trás e para a frente  
para a direita e para a esquerda  
para todos os lados  
os homens caminham

sempre a sombra acompanha-nos  
a sombra a sombra enorme  
chamada ganância competição  
ordem et caterva

os termos mudam  
conforme as condições  
mas sempre significam a mesma  
sombra

a sombra enorme  
um mito  
tem sete cabeças  
e sete línguas vezes sete  
tem sete nomes vezes sete vezes  
quanto sete existe  
a sombra é um 7  
é preciso ir além do 7



Data : 21/03/1997

Título : A superfície das águas

Categoria: Resenhas

Descrição: O Instituto Estadual do Livro está publicando a Coleção 2000, reunindo ficcionistas contemporâneos do Rio Grande do Sul.

## A superfície das águas

por Paulo Monteiro

O Instituto Estadual do Livro está publicando a Coleção 2000, reunindo ficcionistas contemporâneos do Rio Grande do Sul. Dentro da série, acaba de vir a lume A SUPERFÍCIE DAS ÁGUAS, romance de Hilda Simões Lopes, que estréia como romancista.

O livro é a história da família Calestrine de Linhares, centrada nas pessoas de Catão, senador e estancieiro, líder do governo Vargas, antes do Estado Novo, seu filho Olegário e Laura, sobrinha deste e neta do primeiro.

Catão, o líder de Vargas, pode ser identificado com Augusto Simões Lopes, líder da Bancada Gaúcha na Constituinte de 1934, e seu irmão, Baltazar (p.111), que matou o deputado Souza Dantas, para defender o filho, identifica-se com o veterano político da Primeira República Idelfonso Simões Lopes que, no dia 25 de dezembro de 1929, dentro da Câmara dos Deputados, matou o deputado Souza Filho, num caso de legítima defesa de terceiro, o filho do parlamentar gaúcho.

É evidente, como questiona Antônio de Assis Brasil, no prefácio de A SUPERFÍCIE DAS ÁGUAS, que Laura é o alter ego da autora.

Hilda Simões Lopes tem o domínio da língua, o conhecimento de seus grandes romancistas e o sentido daquela “pared de corazone” de que falava Paco Espínola. Isso, porém, não basta para que seja escrito um grande romance. Dão forma á história, oferecem-lhe movimento, mas não lhe concedem o sopro da vida.

As melhores passagens de A SUPERFÍCIE DAS ÁGUAS estão nas páginas que se passam fora da estância, das casas dos Calestrine de Linhares e de Camila (o amor não concretizado de Olegário). Quando a autora trata de pessoas e locais conhecidos não consegue ultrapassar, artisticamente, esses dados reais. Exemplo é a figura de Olegário Calestrine de Linhares. As tentativas de dar-lhe um aspecto humorístico, acabam em comicidade. É o que se vê ao narrar “um churrasco de muita cerimônia” (págs. 57 e seguintes), onde, além de uma embaixatriz alvejada “pelas cuspidelas de uma raposa”, acontece invasão promovida “pela criadagem bêbada”. Apresentar Olegário como um Diógenes campeiro termina em pastelão porque já existe a bela figura de um truão pampeano, o preto Homogeno.

A passagem, já no final do romance, em que Laura é esbofeteada por Camila (“o que Olegário faria”, p.219) não casa com o temperamento de Olegário.

Hilda Simões Lopes, com A SUPERFÍCIE DAS ÁGUAS, ensaia a produção do romance que faltava á campanha pelotense. Basta que, deixando a superfície das águas familiares, mergulhe nos arroios e lagoas, largue-se campo a fora, esconda-se nos galpões e casarões do imaginário e mourege pelas charqueadas e arrozais e, em assim fazendo, essa parte da pampa rio-grandense entrará para o romance como entrou nos Contos Gauchescos de Simões Lopes Neto.

O Cidadão

21/03/97

Data : 23/10/1998

Título : A TEORIA DOS PACTOS

Categoria: Resenhas

Descrição: A Teologia dos Pactos ou Teologia da Aliança tem, agora, uma obra representativa acessível aos leitores de língua portuguesa.

## A TEORIA DOS PACTOS

A Teologia dos Pactos ou Teologia da Aliança tem, agora, uma obra representativa acessível aos leitores de Língua Portuguesa. Isso se deve à editora Luz Para o Caminho, de Campinas, com a publicação de CRISTO DOS PACTOS, do teólogo americano Palmer Robertson. Erudito, esse pastor presbiteriano, consegue condensar em 268 páginas uma das doutrinas teológicas mais instigantes e menos conhecidas entre nós, com profundidade.

Polemizando com o dispensacionalismo, representado especialmente pela Nova Bíblia Scofield, mostra que desde a criação do homem Deus tem estabelecido alianças ou pactos de sangue com a humanidade. Assim o fez com Adão, Noé, Abraão, Moisés e Davi, culminando Pacto da Comunicação, com o sacrifício vicário de Cristo, no Calvário.

Na verdade, há o encadeamento dessa série de pactos ou alianças, desde da Criação quando Deus, tendo criado o homem segundo sua imagem e semelhança, deu-lhe vida eterna e domínio sobre a terra, desde que não comesse o fruto da árvore do bem e do mal. Como não foi cumprido, o homem se tornou mortal.

Como foi colocado acima estabeleceram-se outras alianças, posteriormente. A mais recente - com o sacrifício do Messias – realiza o propósito definitivo da aliança da Criação. A ressurreição do Ungido - e de vários Santos vistos logo após a crucificação -, reintroduziu o homem na imortalidade primeira.

A vitória de Cristo e daqueles outros ressurretos sobre a morte prova a realização da aliança da Criação apresentada nas primeiras páginas do Gênesis, mas o cumprimento - em e por Cristo - da Nova Aliança oferece a certeza de que os verdadeiros cristãos herdarão a vida eterna.

CRISTO DOS PACTOS é um livro para ser lido e meditado com profundidade. Denso, não é à toa que está cheio de frases curtas, enfáticas. Como todo o trabalho de convicto é convincente.

Do Jornal  
O Cidadão  
23.10.1998

Data : 08/03/2012

Título : A última lição de Unamuno

Categoria: Artigos

Descrição: Miguel de Unamuno, um dos mais importantes filósofos espanhóis de todos os tempos, ministrou uma das grandes lições de civilidade que conheço.

Paulo Monteiro

No dia 12 de outubro de 1936, realizou-se o Festival da Raça, na Universidade de Salamanca, da qual Unamuno era reitor. Diante das tradicionais “autoridades civis, militares e religiosas”, o general Millán Astray pronunciou um “discurso” contra catalães e bascos. Seguiu-se uma série de palavras de ordem fascistas, pois Millán Astray de identificava como fascista, em resposta aos diversos “¡Viva la Muerte!”, gritados pelo caudilho.

“Todos vós estais pendentes das minhas palavras. Todos me conheceis e sabeis que sou incapaz de me calar. Há momentos em que calar é mentir. Porque o silêncio pode ser tomado como aquiescência. Desejo comentar o discurso – se é possível empregar esse termo – do General Millán Astray, que se encontra aqui presente entre nós. Passemos de lado a afronta pessoal contida na súbita explosão de vitupérios contra os bascos e

catalães. Eu nasci em Bilbao. O bispo” – e aqui Unamuno indicou o trêmulo prelado sentado ao seu lado – “quer ele queira, quer não, é um catalão de Barcelona.” Fez uma pausa. Havia um silêncio cheio de medo. Na Espanha Nacionalista jamais se fizera um discurso como esse. Que diria a seguir o Reitor? “Acabei de ouvir”, continuou Unamuno, “um brado necrófilo e insensato: Viva a morte! E eu, que passei minha vida dando forma a paradoxos que despertam a irada incompreensão de outros, devo declarar-vos, como autoridade no assunto, que esse estranho paradoxo me é repulsivo. O General Millán Astray é um aleijado. Não emprestemos a essa afirmação nenhuma intenção depreciativa. Ele é um inválido de guerra. Também o era Cervantes. Infelizmente, há um número grande demais de aleijados na Espanha neste momento. E em breve haverá um número muito maior, se Deus não vier em nosso auxílio. Causa-me dó pensar que o General Millán Astray esteja formando a psicologia da massa. Um aleijado destituído da grandeza espiritual de Cervantes tende a procurar alívio causando mutilações em torno de si.” Neste ponto, Millán Astray não pode conter-se mais. “¡Abajo la inteligencia!” gritou ele. “¡Viva la Muerte!” Houve um clamor de aplauso por parte dos falangistas. Mas Unamuno continuou: “Este é o templo da inteligência. E eu sou o seu sacerdote mais alto. Sois vós que profanais este sagrado recinto. Ganhareis, porque possuíis mais do que a força bruta necessária. Mas não convencereis. Porque para convencer é necessário persuadir. E para persuadir é necessário possuir o que vos falta: Razão e Direito em vossa luta. Considero inútil exortar-vos a pensar na Espanha. Tenho dito.”

Sempre que releio a aula magistral do mestre catalão e examino a vida dos caudilhos fascistas chego à conclusão de que todo o fascista é “um aleijado destituído da grandeza espiritual de Cervantes”. Mais do que uma doutrina, para mim, fascismo é uma prática política. Millán Astray era um polimutilado. Hitler era roncolho. Júlio de Castilhos era gago. Além dos fisicamente mutilados (repito: “destituídos da grandeza espiritual de Cervantes”) há os mutilados morais. Via de regra, mentirosos. E estes são os piores. Deixo de falar sobre recente pesquisa científica em que se comprovou o baixo QI da maioria desse tipo de gente.

Do Jornal

Rotta

01 a 20 de Março de 2012

Data : 09/02/2009

Título : A uma poetisa

Categoria: Sonetos

Descrição: Quando te escuto ou vejo me parece conhecer-te, querida, há tanto tempo

A uma poetisa

Quando te escuto ou vejo me parece  
conhecer-te, querida, há tanto tempo  
que até nos vejo lentos, de mãos dadas,  
passeando entre vergéis no Antigo Egito.

Depois eu te contemplo inda mais bela  
colhendo as uvas mansas de Salém  
e me imagino o próprio Salomão  
para ofertar-te um reino em minha lira!

Mas como não sou rei, nem sou poeta,  
se não posso ofertar-te o que mereces  
deixa ao menos que eu viva o meu exílio.

Deixa fugir de ti, curvado ao peso  
deste amor que me torna inda menor,  
com medo de perder-me nos teus braços.

Data : 20/02/2015

Título : A Umbigocracia

Categoria: Crônicas

Descrição: José Ingenieros, pensador ítalo-argentino, pelo qual tenho grande admiração, escreveu um livro célebre: El Hombre Medíocre.

José Ingenieros, pensador ítalo-argentino, pelo qual tenho grande admiração, escreveu um livro célebre: El Hombre Medíocre. Resumindo suas ideias posso dizer que, segundo ele, os homens sempre acabam governados pela média dos próprios homens, pela mediocridade.

Há anos reflito sobre esse grande livro.

Temos uma tendência inata a pensarmos que o mundo gira ao redor de nosso próprio umbigo. Não é uma descoberta pessoal, minha. É a extensão de um pensamento popular. "Aí é que a porca torce o rabo", para socorrer-me outra vez da "voz do povo", que "é a voz de Deus".

Isso me levou a formular a hipótese de que Deus começou a esculpir Adão pelo umbigo. E de que a costela que deu origem a Eva ficava à altura do umbigo de Adão. Mas isso é um outro assunto.

Como o mundo gira ao redor de uns tantos bilhões de umbigos espalhados pelos mais diversos cantos do Globo Terrestre, as coisas estão como estão. Na maior bagunça.

Estamos, pois, sob o império da Umbigocracia.

Imaginem o mundo recebendo ordens para girar ao redor desses bilhões de umbigos ao mesmo tempo.

Estou, verdadeiramente, de mal com o mundo. Quero que ele gire o redor do meu umbigo, unicamente. E ele insiste em querer girar ao redor do seu próprio umbigo. Por isso é que o mundo está cada vez mais maluco. É muito umbigo para um mundo só.

Data : 28/02/1981

Título : A Unidade das oposições

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos temas políticos mais polêmicos da atualidade é o da chamada "unidade das Oposições".

A Unidade das oposições

por Paulo Monteiro (\*)

Um dos temas políticos mais polêmicos da atualidade é o da chamada “unidade das Oposições”.

Para muitas pessoas a “reforma política” proposta pelo Estado Autoritário não passa de um engodo, para dividir as oposições e o atual estado de coisas continuar incólume por mais tempo. Ainda, segundo essas pessoas, a única solução era as Oposições “manterem sua unidade”, sob uma única sigla.

Aparentemente tais afirmações estariam corretas. Pecam, porém, por um grave erro.

Se de um lado a intenção do Governo é dividir as Oposições, doutro lado só podemos nos manter unidos na exata proporção em que as diversas correntes do pensamento democrático e progressista nacional compareçam ante todos com suas verdadeiras faces.

É fundamental, para que se encontre a “unidade das Oposições” que os liberais reconheçam que apenas se opõe ao regime no que este tem de arbitrário no campo constitucional; que os socialistas assumam sua condição de socialista, ou seja, de homens que lutam por uma sociedade de homens livres e que a direita das Oposições reconheça que só não está do lado do Governo porque não é aceita pelo mesmo.

Os diversos setores de uma sociedade de classes, como a nossa, têm reivindicações específicas e se organizam (“ou, pelo menos, deveriam organizar-se) para lutar por essas reivindicações em torno de partidos políticos. Uns para manter seus privilégios, já que nossa sociedade é uma sociedade desigual; outros para acabar com esses privilégios.

Já que o Estado Autoritário é o instrumento com que o Capitalismo Internacional, os grandes tubarões nacionais e os latifundiários procuram manter sua dominação sobre o nosso povo, é fundamente que os diversos setores oprimidos de nossa sociedade se organizem independentemente e, compareçam, organizados e únicos, com suas cores próprias e juntos concorram para sua própria libertação.

Durante anos, com a perseguição implacável contra os patriotas e democratas que, mais consistentemente lutam por um mundo mais justo e humano, sobram apenas dois caminhos para a luta política: ou o duro caminho da clandestinidade, pelo qual enveredaram muitos compatriotas, tantos e tantos pagando com a própria vida, o preço de não se terem acorvadado e o não menos duro caminho da luta legal dentro do Movimento Democrático Brasileiro. Neste, muitos dos nossos mais combativos companheiros perderam mandatos, foram presos e outros foram até assassinados pelos capangas dos vendilhos da Pátria.

Se na clandestinidade nossos compatriotas enfrentaram as ações insidiosas dos agentes da repressão, na luta legal enfrentamos a alcaguetagem dos lobos vestidos de cordeiro, dos traidores que se dizem democratas para destruir a democracia, que se dizem defensores da Pátria para cooperar na sua venda.

Vemos que a “unidade” dentro do MDB era uma “unidade” bastante instável, dos militantes envolvidos. Não era - como ainda não é com partido algum ora em organização – uma unidade de organizações políticas, portanto de representantes categorizados de setores sociais, mas uma unidade de coisas. Era mais uma confederação de frações políticas.

É evidente que, com a reformulação partidária, alguns segmentos do pensamento social contemporâneo optaram por sua organização independente. Tais segmentos entre os quais o representado pelos homens organizados em torno do Partido Democrático Trabalhista, sabem das limitações de sua atividade política, ante o quadro atual e as perspectivas do futuro imediato; sabem, ainda, que só a unidade de organizações políticas representativas do pensamento contemporâneo, democrático e progressista, podem levar ao fim do Estado Autoritário. Tal unidade porém, não pode ser apenas mais uma palavra no jargão político, como soe acontecer, nos últimos anos, com expressões criadas pelos intelectuais da pequena burguesia radicalizada e prontamente apropriadas pelos oportunistas. De que adiantará falar em “unidade das Oposições” e com as mãos assumir posturas excludentes e exclusivistas?

Melhor não lançar palavras que se voltam contra aqueles que as lançam.

A verdadeira unidade das oposições há de ser alcançada na prática, no dia a dia da luta política. Isso se aqueles que tanto falam em “unidade” deixarem de ser oportunistas e mesquinhos.

(\*) O Autor foi um dos fundadores do setor Jovem do MDB de Passo Fundo, do qual foi seu último presidente e pertence a diversas instituições culturais do País.

Data : 25/11/2009

Título : A vara e os livros

Categoria: Artigos

Descrição: apelei para as pernas, mas estas acabaram levando umas varadas, ...

A vara e os livros

Meu pai era operário do DAER – Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, ficando pouco tempo em casa. Morávamos na Vila Jerônimo Coelho e eu estudava na então Escola Municipal Parque e Grêmio dos Viajantes, hoje Escola Municipal PE. José de Anchieta.

Criado conservadoramente, sem envolvimento com a piazada das redondezas, mesmo porque há 35 anos, aquela parte da cidade era praticamente área rural, a ida para a escola proporcionou-me contato com um mundo novo. Uma dessas novidades foi o futebol das peladas.



Certo dia, após as aulas, demorei-me jogando futebol com a gurizada. Para minha vergonha essa aventura acabou com o aparecimento de minha mãe, portando uma bela vara de erva-de-corvo.

Tentei conversar, mas não teve argumento que servisse; apelei para as pernas, mas estas acabaram levando umas varadas, antes que conseguisse distanciar-me da fúria materna.

A partir daquele dia mudei meu comportamento. Futebol, só depois de comunicar em casa que ia jogar, onde e com quem. Para ocupar meu tempo, passei a ler os poucos livros que tínhamos em casa, a começar por uma velha edição da Bíblia.

Hoje, quando escrevo estas linhas desalinhas, minha mãe agoniza no Hospital São Vicente. Quando elas forem publicadas é possível que não esteja mais entre nós.

Já não tenho mais 7 anos. Tenho filhas, uma delas com essa idade, viciadas em livros, como eu. Chegam a dormir sobre eles.

Minha esposa, infelizmente para mim, não morre de amores pela leitura. Às vezes que ela reclamava perante minha mãe da minha bibliomania, Dona Crécia, com um sorriso orgulhoso, respondia prontamente: “Eu sou culpada disso. Eu e uma vara de erva-de-corvo...”

Obrigado, mamãe! Obrigado, pelas varadas que levei naquele dia!

NOTA DO AUTOR: O artigo acima foi publicado à página 8 de O CIDADÃO do dia 25 de abril de 1997. Leocrécia da Silva Monteiro, minha mãe, falecera no dia anterior, enquanto o jornal estava sendo impresso.

Data : 15/06/2006

Título : A Verdade Sufocada

Categoria: Artigos

Descrição: Em 31 de março de 1964 o Brasil vivia um processo revolucionário.

A Verdade Sufocada

Paulo Monteiro (\*)

Passo Fundo, meados da década de 1970. A Juventude do extinto Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) organizou uma reunião para defender anistia, fim do AI 5,

do Decreto-Lei 477 e outras propostas oposicionistas daqueles tempos. Não sei por que cargas d'água a reunião acabou repercutindo até no Centro do País. No dia do encontro cinco personagens estranhos, cabelos cortados à escovinha, um deles com sotaque paulista, pasta James Bond, espalharam-se pelo plenário da antiga Câmara de Vereadores.

Dos líderes peemedebistas da cidade, apenas o vereador Delmo Alves Xavier se fez presente. Escafederam-se os demais cabeças da oposição. Até mesmo Dino Rosa, o representante dos comunistas no legislativo municipal, desapareceu.

Terminada a reunião, onde se falou nas mortes de Vladimir Herzog e de Manuel Fiel Filho, o homem da pasta preta, veio nos procurar. Não éramos os terroristas que esperava encontrar. Éramos "inocentes úteis", como ele mesmo nos rotulou. E, referindo-se às mortes do jornalista e do operário, usou uma frase que jamais esquecerei: "Não é porque um sargento boçal mate um prisioneiro que se vai culpar todo o Exército".

Sobre esse período acabo de ler um livro que está gerando polêmica: A Verdade Sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça (Brasília: Editora Ser, 2006). Algumas livrarias têm se negado a vender a obra. Um de meus melhores amigos, quando eu lhe disse que estava lendo e iria escrever sobre o livro de Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel reformado do Exército Brasileiro, perguntou-me: "Será que vale a pena escrever sobre isso?!"

Vale a pena ler e escrever sobre o livro do Carlos Alberto Brilhante Ustra, que comandou o DOI/CODI/II Exército, de 29 de setembro de 1970 a 23 de janeiro de 1974, um dos períodos de maior confronto entre as forças de segurança e as organizações guerrilheiras, bem como de repressão à oposição política. Tornou-se verdadeiro personagem público em agosto de 1985, quando era adido militar do Brasil no Uruguai. A então deputada Bete Mendes, que tinha sido expulsa do PT por apoiar o governo Sarney, acompanhou o chefe do executivo em sua viagem ao país platino. Ali reconheceu, no adido do Exército Brasileiro, o chefe dos militares que a teriam torturado quando esteve presa, em 1970.

Carlos Alberto Brilhante Ustra amargou o silêncio que lhe impunha a disciplina militar. Foi defendido por seus superiores hierárquicos e, em 1987, com o principal objetivo de desmentir Bete Mendes, publicou Rompendo o Silêncio, que se tornou best-seller e provocou muita discussão. Seu livro "teve três edições - num total de 10000 exemplares - e foi muito comentado em manchetes nos jornais, revistas e TV. A primeira edição, de 3000 exemplares, esgotou-se em uma semana. Em menos de três meses as três edições se esgotaram. Assim, a divulgação foi bastante acentuada", conta em sua segunda última obra, à página 460. Rompendo o Silêncio tem uma espécie de continuidade, agora, em A Verdade Sufocada, obra polêmica, a começar pela censura que está chamando sobre si.

Em 31 de março de 1964 o Brasil vivia um processo revolucionário. As reformas de base, preconizadas por homens tão distantes ideologicamente entre si, como o senador trabalhista Alberto Pasqualini e o líder comunista Luis Carlos Prestes, dividiam o país, entre aqueles que com elas concordavam e os que a elas se opunham. Carlos Alberto Brilhante Ustra, anticomunista convicto, formava entre o segundo grupo, e participou ativamente do processo contra-revolucionário. Pode-se acusá-lo de tudo quanto se possa acusar um homem que comandou a famosa ou "famigerada" OBAN - Operação Bandeirantes, menos de incoerente.

Ao definir como revolucionário o processo político que se aprofundava durante o governo de João Goulart (1961/1964) e como de contra-revolução ao que se lhe seguiu está sociologicamente correto. Representavam duas verdades diferentes. Para que uma triunfasse era preciso que a outra fosse sufocada. "A guerra é a continuação da política com outros meios", escreveu certa vez Carl von Clausewitz.

A revolução brasileira implicaria numa guerra, da qual os "grupos dos 11" e as "ligas camponesas" eram a vanguarda. Antes que essa revolução social chegasse às últimas conseqüências houve o "golpe de 64", deflagrou-se o processo contra-revolucionário. E, diante do estágio em que se encontravam as forças oponentes, a guerra era inevitável. Foi o que aconteceu.

Carlos Alberto Brilhante Ustra comandou um dos exércitos mais eficientes das armas contra-revolucionárias. E o "doutor Tibiriçá", como passou para a história, na voz de seus adversários, foi eficiente.

"Nada como um dia depois do outro", assegura a sabedoria popular. Ustra participou da sufocação militar de uma certa verdade. A História, que deveria ser a mestra de todos os homens, ensina que a cada vitória militar corresponde uma derrota política. Hoje, aquela verdade que triunfou pelas armas, é sufocada pela Política. Se antes, em Passo Fundo, até um cabo do Exército, conhecido pelo codinome de Bugio, seguia os oposicionistas e, em plena via pública, tomava jornais censurados, agora o "consenso social" retira de circulação o livro de Carlos Alberto Brilhante Ustra.

A Verdade Sufocada começa com uma rápida biografia juvenil do autor. Sua ojeriza às forças de esquerda se deve à desilusão de seu pai, Célio Martins Ustra, que ao lado do irmão, Lupes Ustra, que eram militares, aderiu à Coluna Prestes. Lupes morreu em combate. Luis Carlos Prestes acabou abraçando o comunismo, no que sempre foi reprovado por Célio. Assim, Carlos Alberto cresceu e continua anticomunista. Coerência inteira.

Depois, ainda nos primeiros capítulos, resume a ação do Partido Comunista Brasileiro, destacando a "Intentona Comunista", os "justiçamentos" - assassinatos de militantes considerados traidores da causa - e as "agitações" anteriores à contra-revolução de 1964. Para nós, gaúchos, interessam particularmente as informações que presta sobre a precedência de Leonel Brizola sobre os movimentos guerrilheiros, na década de 60.

Carlos Alberto Brilhante Ustra nega o apoio norte-americano à contra-revolução; nega o financiamento de empresários à repressão contra-revolucionária e nega a tortura e o assassinato de opositores ao regime autoritário. "Combatendo com as mesmas armas" (p. 295) é um intertítulo do livro. Quem combate "terroristas", "com as mesmas armas" destes, decerto não os abate com pétalas de rosa e interroga borrifando perfume francês. A Verdade Sufocada acaba reconhecendo isso em passagens como esta (p. 317):

"Guerra é guerra. Terrorismo é terrorismo.

Em nenhum lugar do mundo, terrorismo se combate com flores".

Se os revolucionários recebiam dinheiro de Cuba por que os contra-revolucionários não poderiam ser financiados pelos Estados Unidos? Se os terroristas assaltavam bancos e usavam recursos para fins pessoais por que os contrários não poderiam se adonar de dinheiro desviado do Banco do Brasil pelo "Bom Burguês"? Se os "bandidos vermelhos"

lançavam bombas por que não poderiam ser usadas "as mesmas armas", como no caso Para-Sar ou na série de atentados de 1980?

Todos os livros até agora escritos sobre os "anos de chumbo" contam versões parciais daquele período. É que pertencem a um ramo do conhecimento humano chamado história imediata. Narrando acontecimentos recentes, os historiadores imediatos estão muito próximos dos acontecimentos. Acontece com eles o mesmo fenômeno que observamos ao aproximarmo-nos muito de um espelho: vemos nosso próprio nariz muito maior do que realmente é.

Como aqueles que até o presente se propuseram a contar a Revolução Brasileira de alguma forma estiveram envolvidos com ela ou com a Contra-Revolução de 64, têm feito história imediata. E só poderiam escrever sob sufoco, ainda. A "história dessufocada" está por ser escrita. E passa por revelações de aparência inócua. Afinal, como se chamam o sargento boçal e sua vítima?

Verdade absoluta só existe uma. E está além das estrelas. Aqui, no reino dos homens, toda verdade é relativa. Principalmente a minha.

Se não me falha a memória, acredito ter sido Cervantes, no Dom Quixote quem afirmou que "a verdade e a mentira são como o azeite e a água". O sufoco abandonará a verdade algum dia, ainda que naquele, somente conhecido por Deus, anunciado por um dos "filhos do trovão" no último livro da Bíblia Cristã.

Enquanto esperamos pela verdade verdadeira, repitamos a passagem famosa de Voltaire: "Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-lo". Porque assim penso - e sempre pensei - entristeço-me ao ver pessoas, que se dizem democratas, impondo limitações à circulação de livros. Estão reduzindo-se ao nível daquele esbirro que, por sua aparência facial, mereceu o apelido que lembra o mais vulgar de nossos símios. E é porque sempre pensei como o autor do Dicionário Filosófico que recomendo a leitura de livros como A Verdade Sufocada, de Carlos Alberto Brilhante Ustra.

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas instituições culturais do Brasil e do Exterior.

Rotta

15/06/2006

Data : 21/07/2003

Título : A verdade vem à tona

Categoria: Artigos

Descrição: A Comissão Parlamentar de Inquérito, em funcionamento na Câmara de Vereadores...

A verdade vem à tona

por Paulo Monteiro

A Comissão Parlamentar de Inquérito, em funcionamento na Câmara de Vereadores, “para apurar possíveis irregularidades no Programa de Subsídio da Habitação – PSH –” Tem sido vista com desconfiança por gregos e troianos.

Aqueles que têm acompanhado seus trabalhos, ouvindo atentamente os seus depoimentos, a comissão se apresenta como altamente positiva. Tanto a Caixa Econômica Federal quando o município de Passo Fundo podem beneficiar-se.

Vejamos algumas revelações feitas durante os depoimentos.

O gerente de Mercados de Estados e Municípios, Lúcio Roberto Kackenhaar, revelou que a maioria absoluta dos municípios não cumpre os prazos estabelecidos para a conclusão dos projetos habitacionais sob suas responsabilidades. Em Passo Fundo, mesmo, a prefeitura levou dois anos e meio para concluir o Pró-Moradia. No caso de Passo Fundo, as tratativas sempre foram feitas informalmente, contrariando a prática usual da Caixa com os demais clientes.

O gerente geral da Caixa, Celso Luiz Bordignon, disse que a Prefeitura não cometeu nenhuma irregularidade. Se descumprir prazos contratuais, tocar projetos habitacionais sem responsável técnico não é irregularidade, a Caixa Econômica Federal mudou bastante nos últimos tempo.

É preciso rever a política de financiamento habitacional praticada pela Caixa Econômica Federal, porque o Governador Federal usa de dois pesos e duas medidas. Enquanto distribui a fundo perdido ou a juro baixíssimo para construção de moradias que, via de regra, acabam favorecendo a indústria da ocupação de terrenos, aumenta os seguros sobre os financiamentos de outros projetos e cobra, de uma única vez, diferença de erros seus (da própria Caixa) sobre seguros erroneamente calculados.

Os Programas Habitacionais precisam ser alterados, de tal sorte que os assalariados não sejam sacrificados em favor de projetos que, historicamente, só servem para fornecer moradias que acabarão sendo trocadas por gaiotas, cavalos, bicicletas, porcos e galinhas, como é público e notório.

E tem mais, a Caixa Econômica Federal, deve cumprir a norma mais elementar na assinatura de qualquer contrato: permitir que os beneficiários fiquem com uma via desse documento. Isto, pelo menos no caso do PSH, não aconteceu. Ademais, exigir o cumprimento dos prazos contratuais, também é uma prática normal, tanto para o Zezinho Pé Descalço quanto para a Prefeitura de sua cidade.

No caso do Município de Passo Fundo, seus administradores precisam respeitar os contratos que assinam.

O secretário municipal da Habitação, em seu depoimento, fez algumas revelações esclarecedoras. A primeira delas é a de que, realmente, os empreiteiros foram contratados por obra e graça do ex-assessor Fernando Gomes. Somente mais tarde é que passaram a assinar contratos com os beneficiários, o que não muda nada, porque foram levados a isso por atitude anterior de agente do poder público. A segunda: ele desconhece as plantas do PSH, o que foi encaminhado á Caixa Econômica Federal e o que deixou de ser encaminhado; a terceira, ele e subordinado seus, no exercício de cargos em comissão dirigem veículos oficiais, o que é proibido por Lei, e, para concluirmos, quarta, não abriu sindicância para apurar arrombamento no prédio de sua secretaria, o que é de um ineditismo fantástico.

Os outros fatos já levantados pela CPI ou levantados diante dela poderiam ser arrolados para comprovar a sua validade. Seguramente muita coisa vai aparecer, especialmente se forem feitas acareações, pois á medida que o rol de depoentes vai aumentando, as memórias vão sendo refrescadas. De contradição em contradição, como do contato encontro entre um pólo positivo e um negativo, a luz vai surgindo,

Ademais, é importante salientar o exemplo que a Câmara Municipal de Passo Fundo como um todo, em especial a sua Mesa Diretora está oferecendo. Existe total transparência nos trabalhos da CPI, o que tem faltado em outras instâncias administrativas, que ainda se manifestam descontentes quando é revelado o que escondem em baixo dos tapetes.

Rotta

21/07/2003

Data : 28/08/2014

Título : A vingança do Sabiá

Categoria: Crônicas

Descrição: As cidades tornam-se cada vez mais desumanas. Exemplo dessa desumanidade é o fim dos "tipos de rua", para usar o termo clássico de Melo Morais Filho empregado em seu belíssimo livro "Festas e Tradições Populares do Brasil", de 1901.

Para meu amigo Turiassú Ferreira:

As cidades tornam-se cada vez mais desumanas. Exemplo dessa desumanidade é o fim dos "tipos de rua", para usar o termo clássico de Melo Morais Filho empregado em seu belíssimo livro "Festas e Tradições Populares do Brasil", de 1901. Numa destas noite geladas, eu e meu velho colega de aula e trabalho Turiassú Ferreira lembrávamos pelo Facebook uma dessas belíssimas figuras humanas que davam um tom alegre às ruas passo-fundenses da nossa juventude: o cambista Sabiá. Cambista era o nome que se

dava aos vendedores avulsos dos bilhetes da Loteria da Caixa Econômica Federal e da extinta Caixa Econômica Estadual.

Seu nome civil perdeu-se na noite, ainda recente dos tempos. E de mais a mais, pobre só deixa nome na história se praticar sordidez. Era, O Sabiá. E bastava.

Baixote e barbado, pobrememente, mas relativamente bem vestido, morava para os lados da Vila Vera Cruz e vendia bilhetes de loterias no centro da cidade. O nome conferiram-no pelo hábito que nosso herói possuía de caminhar, numa espécie de marcha-ganso, com as mãos às costas, assoviando um característico: "Fiu-fiu, fiu-fiu" bastante comum àquele pássaro canoro.

Certa feita, eu e meu amigo Turiassú, que trabalhávamos na Fiscalização da Secretaria Municipal da Fazenda, envolvemo-nos numa patacoada juvenil com o conhecidíssimo cambista. Ele estava nos seus dias de maior inspiração canora.

O fato passou-se da seguinte maneira. Estávamos em frente ao atual prédio do Fórum e paramos para contemplar a sessão de gorjeios da conhecidíssima figura. Ao passar por nós, Turiassú emitiu um sonoro "Fiúúú... Sabiá!", que imediatamente se voltou para nós e largou o velho bordão com que atacava aqueles que o chamassem pelo apelido:

- Sabiá é o cu da mãe!"

Encostamo-nos à parede de uma velha casa que ali existia e participamos de uma belíssima festa ao vivo. O Sabiá passou a ir e voltar, mãos às costas, passos ritmados e o assovio de sempre. Ao passar ante nós ouvia o bordão "Fiúúú... Sabiá!" que respondia com o velho mote.

A certa altura silenciámos e passamos a encará-lo carrancudos. Então mudou as palavras. Passo a encarar ainda mais duro ao meu colega e a repetir:

"- Tem um veado me olhando... E continua me olhando!"

Algum tempo depois notou minha presença carrancuda e mudou o bordão:

"- Tem dois veados me olhando... E continuam me olhando!"

Afastamo-nos da Avenida General Netto e fomos cumprir nossas atividades funcionais, deixando a velha e querida figura humana entregue à vida rotineira que levava.

Passaram-se dias. E numa noite em que voltava para casa no escuro, atravessando a Praça Almirante Tamandaré, na Rua Teixeira Soares, bem onde nasceu a cidade de Passo Fundo, Turiassú sofreu um atentado. Alguém pulou sobre ele, apertou seu pescoço e sacudiu fortemente. Pego de surpresa, apesar de jovem e ágil jogador de futebol de salão, meu amigo ficou paralisado. Só despertou quando reconheceu o gorjeio característico e o barulho característico do popularíssimo repartidor de bilhetes.

Nunca mais fizemos chacotas juvenis com o queridíssimo Sabiá. Afinal, se um sabiá de pena e asas é capaz de espantar um valente gavião, imagine-se do que é capaz um sabiá de terno e mãos.

Seguramente, nesta madrugada em que escrevo esta crônica, o saudoso cambista é mais uma ave no "céu dos passarinhos" em que o poeta Manuel Bandeira acreditava. E, seguramente, também acreditamos.

Data : 05/03/2015

Título : A violência em Passo Fundo

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando se discute a questão da violência em Passo Fundo transcrevo trecho de meu artigo...

Quando se discute a questão da violência em Passo Fundo transcrevo trecho de meu artigo: Poesia Gauchesca, um gênero escrito com sangue, disponível em vários sítios da internet e no meu livro O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas:

"A violência permeia praticamente toda a poesia gauchesca desde os primeiros anos do século XIX. E, recentemente, adquire uma amplitude que não tem limites com as composições musicais. Até nosso muito mal interpretado Gaúcho de Passo Fundo (que "não dobra esquina quando vê o perigo" – e sua terrível cacofonia canina do "acuando") tipifica essa violência. Mas isso já é outro assunto..."

Como podemos ver pelo parágrafo transcrito acima, ao ser reconhecida por Lei Municipal, como música símbolo de Passo Fundo, as autoridades constituídas institucionalizaram o elogio à violência.

Com perdão da má palavra: Como combater a violência se sua apologia é legalmente estimulada?

Para uma reflexão de meus amigos Paulo César Carbonari, Nei Alberto Pies e tantos quantos acompanham meus escritos.

Data : 15/03/1995

Título : A vitória do Real

Categoria: Resenhas



Descrição: A Editora PAULICÉIA, de São Paulo, acaba de publicar O REAL NA ESTRADA, de Francisco Graziano, atual Chefe do Gabinete Pessoal da Presidência da República.

A vitória do Real

por Paulo Monteiro

A Editora PAULICÉIA, de São Paulo, acaba de publicar O REAL NA ESTRADA, de Francisco Graziano, atual Chefe do Gabinete Pessoal da Presidência da República.

Graziano foi uma das poucas pessoas que acompanhou toda a campanha de Fernando Henrique Cardoso, viajando com o atual presidente pelo País afora. Em seu livro historia a campanha, apresentando partes essenciais dos principais pronunciamentos de Fernando Henrique.

A tônica dos discursos de Fernando Henrique sempre foi a esperança. Assim, dizia ele em Fortaleza: “Eu amo o Brasil, eu amo esse povo brasileiro. Eu tenho fé no Brasil, eu tenho fé no povo e eu darei ao Brasil o meu trabalho e o meu amor”, repetindo palavras proferidas no sertão de Canudos. Era 18 de junho de 1994 (Pág. 32). E concluiu sua campanha com o mesmo otimismo: “O Brasil é um país que tem tudo para tornar a vida desse povo decente. E se nós estamos hoje empenhados na luta, é por isso. Nós queremos ter uma pátria de cidadãos e não uma pátria de excluídos. Nós queremos dirigir um país onde as pessoas respeitadas e não sejam expulsas da sociedade, como são até agora”. (Pág. 162).

Enquanto a Frente Popular demorava para substituir o Senador Bisol, acusado de apresentar emendas ao orçamento que beneficiavam sua fazenda em Buritis, Minas Gerais, contribuindo para desgastar a candidatura de Lula, em julho o então candidato a vice de Fernando Henrique, Guilherme Palmeira, era envolvido em escândalos. Rapidamente, PSDB e aliados, optavam pela candidatura de Marco Maciel, um dos caciques da Frente Liberal (Pág. 65 e seguintes).

Outro momento em que Fernando Henrique demonstrou agilidade para contornar situações foi quando, em princípios de setembro, o Ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, cometeu sua indiscrição parabólica. Muitos acreditaram que poderia ser o fim da eleição do candidato tucano, mas ele agiu rapidamente. A substituição do eleitor indiscreto foi imediata e os estragos – se existiram – nasceram mortos, como narra Graziano á página 109 e seguintes.

O REAL NA ESTRADA é um documento, uma aula de como Fernando Henrique Cardoso ganhou as eleições, inclusive pelas lições de tática política e a importância das alianças.

Jornal da Cidade.

15/03/95

Data : 12/04/1996

Título : A vitória dos vencidos

Categoria: Resenhas

Descrição: Jean Ziegler, professor de Sociologia na Universidade e no Instituto de Estudo sobre Desenvolvimento de Genebra e deputado no parlamento da Confederação Suíça...

A vitória dos vencidos

por Paulo Monteiro

Jean Ziegler, professor de Sociologia na Universidade e no Instituto de Estudo sobre Desenvolvimento de Genebra e deputado no parlamento da Confederação Suíça, é autor de um livro interessantíssimo A VITÓRIA DOS VENCIDOS (com prefácio de dezembro de 1987), que acaba de ser publicado em português pela Editora Forense/Universitária, Rio de Janeiro/São Paulo.

Apesar de haver sido escrito antes da configuração das profundas mudanças que alteraram as relações de poder no globo terrestre, o livro de Jean Ziegler é importante até mesmo para entender essas próprias mudanças.

Partindo de uma análise marxista não-dogmática, quer dizer não filiada à escolástica marxista, Jean Ziegler concentra seu trabalho sobre as realidades de três grandes continentes atrasados: Américas, Ásia e África. Coincidentemente, os três começam pelo A de atrasado, destacando a experiência socialista de Burkina (antigo Alto Volta), liderada por Thomas Sankara, nos anos 80.

A VITÓRIA DOS VENCIDOS é um grande painel sobre o confronto entre as nações desenvolvidas e os países atrasados, em termos de técnicas modernas. A dominação das nações ricas (materialmente) sobre as regiões materialmente menos avançadas, hoje, assume um conteúdo cultural importante. Ela não se manifesta, apenas, sob a forma de idéias dominantes, mas também de idéias contra-dominantes, mais especificamente o marxismo. É como se a luta de classes do interior dos países hegemônicos se transferisse para os países dominados.

Marx, herdeiro de Robespierre e do igualitarismo jacobino da Revolução Francesa, acaba produzindo um radicalismo de caráter imediatista, limitado pela camisa-de-força de um racionalismo exarcebado. A teoria da luta de classes, sistematizada por Marx, continua

válida para explicar os conflitos sociais. O marxismo, porém, tem sido visceralmente limitado para explicar os fenômenos religiosos, como Jean Ziegler. Não apenas neste aspecto, mas também nos demais campos não-materiais, como a arte e a cultura, apesar dos esforços de homens como Gramsci, Bloch e Lukács. As realidades étnicas também têm sido esquecidas, apesar das contribuições clássicas de Rosa Luxemburgo e Lênin.

Embora o próprio Marx deixasse claro que superestrutura ideológica da sociedade, mesmo determinada pela infra-estrutura, econômica, se transformasse mais lentamente do que o elemento determinante, muitas revoluções feitas sob a bandeira do marxismo tentaram mudar as cabeças das pessoas por decreto. Ora, isso só é (e foi) possível mediante a decapitação.

Na prática os regimes socialistas reproduziram situações de força, instituíram um capitalismo de estado e, mesmo com intensas campanhas ateístas, não conseguiram acabar com as religiões, como por exemplo na União Soviética e Cuba (veja-se exemplos no livros de Ziegler) e muito menos com os padrões atrasados de cultura.

Se as classes dominantes nos países hegemônicos associam-se a elites coloniais, com as quais além de vínculos culturais mantém ligações de sangue (mestiçagem), também as classes dominadas (proletariado e pequena burguesia) acabam transferindo suas idéias através de parcelas de elites do mesmo tipo das primeiras a parcelas das elites das regiões menos desenvolvidas, especialmente da intelectualidade radicalizada. Ora, isso explica plenamente por que renegados comunistas (como Fernando Henrique Cardoso) sejam campeões do neoliberalismo entre nós.

Na Nicarágua, em Cuba, em Angola, na Guiné, em Cabo Verde, foram brancos ou mestiços europeizados que, em nome de todo o povo, se levantaram contra o colonialismo. O grosso da população, porém, continuou à margem do processo. Armados da sabedoria metropolitana, os vencidos das colônias sublevaram-se contra os senhores e estão sendo derrotados pelos segmentos mais miseráveis da periferia terrestre. Homens como os índios evangélicos (miskitos) da Nicarágua e os negros santeiros (macumbeiros) de Cuba, são os maiores opositores das transformações revolucionárias.

Essas divisões culturais, religiosas e étnicas dos países periféricos têm desempenhado um peso importante nas lutas sociais. É o caso da escravidão, da excisão (o corte mais ou menos completo dos órgãos genitais externos femininos), praticada na África ou a poligamia, combatidas habilmente pelos revolucionários burkinenses, mas aprovados pelas próprias mulheres (vítimas) dessas práticas ou povos inteiros (bellahs).

Exemplo: Em dezembro de 1983 o governo socialista de Burkina distribuiu alimentos às vítimas de seca. Os tamacheques (povo que escraviza outro povo, os bellahs) não foram recolher as “esmolas” do governo: marcharam seus servos. Quando o enviado do poder central disse: “Cada chefe de família recebe sacos de milho somente para sua própria família. O trabalho servil está abolido”, recebeu a resposta imediata dos velhos escravos: “Camarada, não nos azucrine. O senhor está aqui por quinze dias, mas os tamacheques, eles estão aqui para sempre”. Acabaram levando o alimento para seus senhores. Pouco menos de quatro anos de idade, Thomas Sankara foi assassinado, a revolução derrotada, e a poligamia, a excisão e a escravidão dos bellahs continuam. Até quando? Um dia acabarão. Mas quando...? ... e por que meios?

O Cidadão

12/04/96

Data : 20/10/1995

Título : A VITÓRIA FINAL

Categoria: Resenhas

Descrição: O apocalipse é o último dos livros bíblicos e, seguramente, o que tem provocado mais discussões.

## A VITÓRIA FINAL

por Paulo Monteiro

O apocalipse é o último dos livros bíblicos e, seguramente, o que tem provocado mais discussões. Escrito numa linguagem figurada de tal sorte que se tem prestado a polêmicas e discussões intermináveis.

A Casa Publicadora das Assembleias de Deus, do Rio de Janeiro, está dando o lume de A VITÓRIA FINAL, com 343 páginas, eruditamente escrito por Stanley M. Horton. Livro altamente ilustrativo, inicia por uma apresentação rápida do Apocalipse, apontando as diferenças correntes ou visões interpretativas daquela obra bíblica.

Há os que o veem como um livro divinatório, outros o ligam aos acontecimentos do final do primeiro século cristão, alguns o entendem como uma representação alegórica da disputa entre o bem e o mal, uns tanto futuristas, afirmando que as profecias serão cumpridas num curto espaço de tempo. E ainda há divisões quanto à interpretação do Milênio Apocalíptico. (Op. cit. P. 7 a 15).

A grande utilidade de A VITÓRIA FINAL está em servir como uma fonte auxiliar altamente esclarecedora e orientadora aos estudos que se queira fazer sobre o texto mesmo do Apocalipse.

Nesse sentido, um capítulo de leitura indispensável é o de número 7, especialmente no que diz respeito a Ap 7, 4-8. É uma das passagens mais discutidas e que tem servido à formação de seitas. Fala da salvação de 144.000 pessoas, no final dos tempos, correspondendo a 12.000 por tribo de Israel. Serão apenas 144.000 os salvos? E, literalmente, serão 144.000 judeus, na proporção por tribo que é apresentada? E os cristãos não-judeus serão salvos? Ou não serão? Ou esse número é um símbolo?

Se for um símbolo poderia significar o número de trilhos (12) multiplicados pelo número de apóstolos e esse resultado pelo número cabalístico da perfeição (1.000). Assim bem poderia significar um monte maior ou menor do que 144.000.

E visto estar falando de números que tal 666, da besta?

Stanley M. Horton afirma (p. 194 e 195): “Vem se constituindo num passatempo popular adicionar letras aos mais diversos nomes para se obter a identidade da besta. Alguns concluem que o Anticristo haja sido Nero César, pois tal nome em caracteres hebraicos soma 666. Contudo, o Apocalipse está o grego, e fala do Alfa e do Omega, letras do alfabeto grego; e não do “Alefé” e do “Tau”, letras do alfabeto hebraico. Assim, há somente especulação ao atribuir-se o número 666 a Nero”.

Além de Nero, Richard Nixon, o Papa e Calígula foram identificados com o número da besta.

“O Apocalipse- escreve Horton-, contudo, nada fala sobre a soma de números do nome da besta. A única chave é esta: “é o número de um homem. “Expositores da Bíblia interpretam o seis para simbolizar a raça humana. O três para designar o Trindade. A tripla repetição- 666- pode simplesmente significar que o Anticristo é um homem que crê ser um deus, membro de uma trindade composta pelo Anticristo, Falso Profeta e Satanás (2 Ts 2.4, Ap 13.8)”.

Abro um parênteses para acrescentar, a título de curiosidade, o nome de Hitler à lista acima, recomendamos a leitura de OS ARCANOS NEGROS DO HITLERISMO, de Robert Amberlaim, editado pela Civilização Brasileira.

Para Horton (p. 242 e 243) a besta é um império.

Interessante é que “a grande prostituta”, cujo nome é Babilônia aparece (Ap. 7.3-5) assentada sobre uma besta. Ora, Babilônia é a terra de Babel (a confusão).

Babilônio- escreve Horton à p. 239 pode simbolizar também religião falsa, magia, astrologia e ocultismo. Mais tarde, os babilônicos começaram a se incomodar com a semântica desse nome (...). Aqui, o termo Babilônia é dado a todo sistema religioso anti-Deus, cujo ápice dar-se-á quando o anticristo e o seu Falso Profeta implantaram o seu governo após o arrebatamento da Igreja”.

Sobre a “grande prostituta” Stanley M. Horton estende-se por largas passagens. Para facilitar uma leitura tópica, remeto à p. 202, pp. 235 a 249 e 251 a 296.

Para tantos quantos encontrem dificuldades no entendimento do Apocalipse recomendo, como indispensável, a leitura da A VITÓRIA FINAL, ao lado do próprio livro bíblico, que é insubstituível.

O Cidadão.

20/10/1995.

Data : 05/03/2015

Título : A volta do coronel matador

Categoria: Crônicas

Descrição: Quarta-feira, 27 de novembro, 2013. Uma notícia me surpreende. Sobre os trilhos dos trens, que margeiam a Vila Victor Issler fora encontrado o cadáver de um homem.

Quarta-feira, 27 de novembro, 2013. Uma notícia me surpreende. Sobre os trilhos dos trens, que margeiam a Vila Victor Issler fora encontrado o cadáver de um homem. O maquinista avistou corpo e parou a locomotiva, chamando a polícia.

De início, suspeitava-se de morte natural. Liguei o fato a outro, parecido, que ocorreu em 20 de julho de 1936. Há pouca distância, à altura do quilômetro 370, trabalhadores da Rede Ferroviária, encontraram sobre os trilhos o cadáver de Valpério Dutra da Cruz, degolado e com dois tiros de parabellum.

As investigações levaram aos autores do crime: o tenente-coronel Creso de Barros Jorge Monteiro, comandante do 3º do 8º RI, e o soldado Antunes Pereira da Costa. Hoje essa história está disponível no livro CRIMES QUE COMOVERAM O RIO GRANDE, organizado por Alvaro Walmrath Bischoff, Gunter Axt e Ricardo Vaz Seelig, editado pelo Memorial do Ministério Público, em 2003.

Bom. Vou ao caso da morte recente. Segundo as notícias não foi natural, mas um assassinato. Como no "Caso Creso", esperava-se que o trem estraçalhasse o cadáver, ocultando o homicídio. Li que há suspeitos.

Pois sim! Prendam quem quiserem prender, obtenham as confissões que obtiverem. Já formei uma convicção: o tenente-coronel Creso de Barros Jorge Monteiro voltou. E cometeu o assassinato de quarta-feira passada.

Acabo de retornar da Vila Victor Issler, onde moram vários parentes e muitos amigos.

A vítima andava muito preocupada. Sentia-se perseguida por militar, todo cheio de estrelas e galões. Aproximava-se do rapaz, às horas e locais mais estranhos, e sussurrava ao seu ouvido:

- Eu te pego. Tu não me escapas.

Atribuíam esses papos malucos ao álcool e ao crack.

E não tenho mais dúvidas: o coronel voltou.

Data : 07/04/2005

Título : Academia Passo-Fundense de Letras Completa 67 Anos

Categoria: Artigos

Descrição: Quando compulsamos documentos da época notamos que os intelectuais de Passo ...

#### Academia Passo-Fundense de Letras Completa 67 Anos

Nesta quinta-feira a Academia Passo-Fundense de Letras está completando 67 anos de fundação, ocorrida no dia 7 de abril de 1938, nas dependências da Prefeitura Municipal, que funcionava onde hoje está instalado o Museu Ruth Schneider. Um grupo de intelectuais passo-fundenses costumava reunir-se regularmente, em tertúlias literárias. O retorno do bispo Sante Uberto Barbieri, da Igreja Metodista, à cidade, com a “autoridade” de integrante da Academia Rio-Grandense de Letras e uma credencial da Federação das Academias de Letras do Brasil, sediada no Rio de Janeiro, para reunir escritores, foi o leitmotiv para agremiar os componentes daqueles saraus.

Quando compulsamos documentos da época notamos que os intelectuais de Passo Fundo não eram muito simpáticos ao termo academia. Ousados, deixaram registrado o desejo de que a Academia Rio-Grandense de Letras mudasse o nome para Grêmio Rio-Grandense de Letras. Essa aversão à palavra consagrada pelo uso é o que explica a criação da entidade com o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras, transformada em Academia Passo-Fundense de Letras há exatos 23 anos depois, a 7 de abril de 1961.

Os fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, que são reconhecidos como fundadores do atual sodalício, foram Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bastos, Sante Uberto Barbieri, Verdi De César, Lucilla Schleder, Daniel Dipp, Heitor Pinto da Silveira, Tristão Feijó Ferreira, Odete de Oliveira Barbieri, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Pedro

Silveira Avancini, Herculano Araújo Annes, Nicolau de Araújo Vergueiro, Sabino Santos, Onildo Gomide, Píndaro Annes, Waldemar Camilo Ruas, Oscar Kneipp, Celso da Cunha Fiori, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Verdi De Césaró, Túlio Fontoura, Armando de Sousa Kanters, Aurélio Amaral e A. Athos Branco da Rosa.

A primeira diretoria do Grêmio ficou assim constituída: Arthur Ferreira Filho, presidente; Gabriel Bastos, vice-presidente; Sante Uberto Babieri, secretário geral; Verdi De Césaró, primeiro secretário; Lucila Schleder, segunda secretária; Daniel Dipp, tesoureiro e Athos Branco da Rosa, bibliotecário.

Quando estudamos a história da Academia Passo-Fundense de Letras, nestes seus 67 anos de existência, notamos sua importância para o desenvolvimento cultural, econômico e político do Município. Ali nasceram a Biblioteca Pública Municipal, o Movimento Tradicionalista Gaúcho na Região, com a fundação do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda. A Universidade de Passo Fundo, também surgiu ali dentro e existem documentos comprovando a intervenção do sodalício, junto à Presidência da República e ao Governo do Estado, no sentido da oficialização da Universidade.

Os dois grupos constituíram nossa maior e mais antiga instituição de ensino superior, a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo e o Consórcio Universitário Católico, contavam com gremistas ou acadêmicos entre seus dirigentes máximos.

O Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, infelizmente desativado há anos, que foi importante para despertar o interesse pelos estudos da história local e regional, originou-se no interior da Academia. O projeto cultural que se desenvolve em torno da Roselândia foi lançado naquele cenáculo cultural.

Nestes 67 anos tudo o que vicejou e frutificou em termos culturais, em Passo Fundo, ou foi gerado pela Academia Passo-Fundense de Letras ou teve seu apoio. E esse progresso apenas foi possível porque o conagraçamento da intelectualidade local respondia às chamadas forças objetivas e subjetivas da História. Verdade comprovada com o desaparecimento de outras entidades culturais e literárias criadas na região, dentro da política nacionalizante do Estado Novo.

Ao congregar, em torno de objetivos comuns (o chamado bem comum), homens de princípios antípodas como os fundadores Arthur Ferreira Filho, castilhistas-positivista, e Gomercindo dos Reis, libertador-federalista, o Grêmio/Academia Passo-Fundense de Letras, constituiu-se numa força original, que contribuiu para alavancar o progresso de Passo Fundo, consolidando sua hegemonia sobre vasta região dos três estados meridionais do Brasil.

O Nacional

06/04/2005



Data : 30/04/2006

Título : Academia Passo-Fundense de Letras completou 68 anos

Categoria: Artigos

Descrição: O país vivia sob o Estado Novo, com censura à imprensa e partidos políticos fechados.

### Academia Passo-Fundense de Letras completou 68 anos

A Academia Passo-Fundense de Letras acaba de completar 68 anos de existência, iniciada no dia 7 de abril de 1938, quando um grupo de intelectuais reunido no gabinete do então prefeito Artur Ferreira Filho decidiu criar o Grêmio Passo-Fundense de Letras. O articulador da reunião foi o bispo da Igreja Metodista, Sante Uberto Barbieri, antigo militante anarquista, poeta e teólogo italiano, casado com uma passo-fundense.

O país vivia sob o Estado Novo, com censura à imprensa e partidos políticos fechados. Estava em processo uma reforma educacional, que tornou obrigatório o ensino da língua portuguesa em todas as escolas e seu emprego em público. Intelectuais, estimulados pela Federação das Academias de Letras do Brasil, passaram a organizar academias e grêmios literários em muitas cidades, até como opção para se reunirem.

O Grêmio Passo-Fundense de Letras uniu a maior parte dos nomes mais representativos e díspares da cultura local, desde Artur Ferreira Filho, positivista e ditatorial, e o poeta Gomercindo dos Reis, libertador. A entidade tomou diversas iniciativas em prol da educação regional, tanto que seus quadros propuseram a criação da Universidade de Passo Fundo, sob a direção dos irmãos Reissoly e César Santos. O Movimento Tradicionalista Gaúcho, na região, também se desenvolveu a partir do Grêmio.

No dia 7 de abril de 1961, a sociedade assumiu o nome de Academia Passo-Fundense de Letras, continuando atuante até hoje. Sua sede está sempre aberta para lançamentos de livros, encontros e outras atividades culturais de pessoas e organizações comunitárias. Seus consócios, fiéis ao exemplo dos antecessores, mantém vivo ativismo cultural, e editam a revista Água da Fonte, dando espaço a todos os produtores da literatura local.

Data : 30/04/2008

Título : Academia Passo-Fundense de Letras Completou 70 Anos

Categoria: Artigos

Descrição: A cerimônia de posse na presidência da Academia ...

## Academia Passo-Fundense de Letras Completou 70 Anos

Paulo Monteiro(\*)

A posse do acadêmico Paulo Monteiro na presidência da Academia Passo-Fundense de Letras, no dia 29 de dezembro do ano passado, repercutiu intensamente nos meios culturais da Capital Nacional e Capital Estadual da Literatura. O novo presidente assumiu prestigiado por uma significativa presença de acadêmicos e lideranças políticas e culturais do município.

Uma de suas primeiras providências administrativas foi convidar o acadêmico Irineu Gehlen, ex-presidente da academia que mais vezes, sempre reeleito, exerceu a presidência do Sodalício, para resgatar a tradição das sessões realmente solenes promovidas pela Academia, o que voltou a ser posto em prática.

### Respeito ao Estatuto

Assumindo o compromisso de modernizar a Academia, Paulo Monteiro, começou colocando em prática o respeito ao Estatuto do sodalício. Nesse sentido manteve os compromissos assumidos pelo presidente anterior, realizou a abertura do ano acadêmico no dia 15 de março, com uma concorrida sessão solene, no prédio da Academia. Na oportunidade pronunciou um discurso, definindo os compromissos dos acadêmicos.

Como parte do respeito às decisões anteriormente adotadas foi a sessão solene realizada no dia 25 de março de 2007, oportunidade em que foram homenageadas diversas autoridades da área da segurança pública que prestaram relevantes serviços à cultura regional, especialmente apoiando o projeto de encenação da Batalha do Pulador. Foi orador o acadêmico Irineu Ghelen, salientando a importância da homenagem prestada ao delegado da Polícia Federal, Manoel Fernando Abbadi, e os coronéis Edison Estivaleta Bilhalva, Luiz Fernando Puhl e João Waldir Reis Cerutti.

Dentro da proposta de respeito ao Estatuto conferiu autonomia aos diversos membros da Diretoria. As decisões quanto ao emprego dos escassos recursos da associação passaram a ser tomadas em conjunto com os tesoureiros Rogério Sikora e Xico Garcia, o secretário-geral, Santo Claudino Verzeletti, organizou a sala da presidência e a documentação da Academia, a primeira secretária, Elisabeth Ferreira, adotou o procedimento de contatos quase que diários com os acadêmicos, através da internet e as comissões foram dinamizadas.

### Comissões Acadêmicas

A Academia Passo-Fundense de Letras mantém uma comissão em plena atividade, coordenada pelos acadêmicos Alberto Rebonatto, vice-presidente do Sodalício, e Dilce Piccin Cortese, trata do projeto comemorativo ao centenário de falecimento de Machado de Assis. Outras duas comissões foram organizadas e já cumpriram suas finalidades. Um

delas organizou um sarau literário, no dia 29 de abril, estava sob a coordenação da acadêmica Helena Rotta de Camargo e do poeta Júlio César Perez, que não pertence aos quadros sociais da Academia. E outra, integrada por diversos acadêmicos promoveu uma exposição de poemas dos acadêmicos na Agência da Caixa Econômica Federal da Rua General Canabarro, comemorando os setenta anos da Academia.

A única orientação de Paulo Monteiro aos integrantes das comissões é de que agissem livremente, adotando todas as medidas e tomando todas as providências, desde que respeitado o Estatuto da Academia, no sentido de cumprirem os objetivos traçados. As comissões, seguindo a orientação recebida, passaram a movimentar-se com presteza e eficiência.

### Divulgação das Atividades

Outra medida adotada pelo novo presidente foi disponibilizar, através de sites especializados da internet, informações sobre a Academia Passo-Fundense de Letras, primeiro passo para que a entidade crie o seu próprio site.

Ademais, todas as atividades públicas do Sodalício têm tido a maior publicidade possível, seja através de convites distribuídos entre autoridades e freqüentadores costumeiros dos eventos culturais passo-fundenses, seja através dos meios de jornais, rádios e emissoras de televisão, além de notícias disponibilizadas na rede mundial de computadores.

### Setenta Anos

A Academia Passo-Fundense de Letras, fundada no dia 7 de abril de 1938, com o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras, completou 70 anos, com uma sessão solene, contando com a presença das mais representativas autoridades culturais e políticas do município.

A sessão solene, também comemorativa do Dia Municipal do Escritor, foi realizada no prédio-sede da Academia.

Na oportunidade a acadêmica Selma Costamilan foi indicada como oradora oficial, por ser uma das mais novas componentes do Sodalício e uma das escritoras mais antigas de Passo Fundo. Selma biografou a maioria dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras e conheceu pessoalmente a maioria deles.

Seu discurso deixou entre os presentes a melhor impressão, ao repercutir aspectos conhecidos da história da Academia, entre os quais o surgimento do superior passo-fundense graças aos esforços do sodalício.

Também falaram Edson Nunes, membro da Academia Rio-Grandense de Medicina Veterinária e signatário da Lei que transformou a data de criação da Academia em Dia Municipal do Escritor, o presidente da Câmara de Vereadores, Luiz Migue Sheis, e o prefeito Airton Lângaro Dipp, filho de Daniel Dipp, um dos fundadores do Grêmio Passo Fundense de Letras.

Dois outros pontos altos da solenidade foram uma homenagem ao teatrólogo Paulo Giongo, único remascente do Grêmio Passo-Fundense de Letras, transformado em

Academia no dia 7 de abril de 1961 e a apresentação do Hino da Academia Passo-Fundense de Letras, com letra da poetisa Helena Rotta de Camargo e música do acadêmico Pablo Moreno.

(\*)Presidente da APL

(Transcrito do JORNAL ROTTA, Passo Fundo  
ANO 8 – II FASE – N 162 – ABRIL DE 2008)

Data : 21/03/2009

Título : Academia Passo-Fundense de Letras Promove Dois Concursos Literários

Categoria: Crônicas

Descrição: Diante do sucesso do concurso anterior, neste ano, serão dois certames.

#### Academia Passo-Fundense de Letras Promove Dois Concursos Literários

A Academia Passo-Fundense de Letras, no ano passado, promoveu o concurso “Machado de Assis – 100 Anos de História”, que culminou com uma confraternização com os integrantes da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, no dia 25 de setembro. Na oportunidade participaram alunos de diversas escolas, públicas e privadas de Ensino Médio, do município, sagrando-se vencedora a aluna Débora Machado, da Escola Estadual Protásio Alves, que, juntamente com sua professora e uma comissão de acadêmicos, foram participaram do tradicional chá das quintas-feiras, na Casa de Machado de Assis.

Diante do sucesso do concurso anterior, neste ano, serão dois certames. O primeiro deles, apenas para alunos de Ensino Médio, sob o título de “Um século sem Euclides da Cunha”. Os estudantes deverão produzir um texto sobre aspectos da vida ou da obra do autor de Os Sertões, cujo centenário da morte transcorrerá no dia 15 de agosto próximo. O segundo concurso, intitulado “Poeta Professor Antonio Donin: poesias para alimentar a alma”, consistirá na elaboração de poemas sobre tema livre. Será dividido em dois níveis: um deles para alunos de primeira a quarta série do Ensino Fundamental e outro para alunos das séries seguintes.

Neste ano, a Academia continuará contando com o apoio da 7ª Coordenadoria de Educação, órgão do Governo do Estado, acrescido do apoio da Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Turismo e da Secretaria Municipal da Educação.

Transcrevemos, a seguir, os projetos dos dois concursos, que foram distribuídos aos diretores da maioria das escolas da Capital Nacional da Literatura.

Os regulamentos foram aprovados em reunião da Academia Passo-Fundense de Letras, realizada na manhã do sábado, dia 21 de março, e serão divulgados nos próximos dias.

Regulamentos:

- 1 – Título – “Poeta Professor Antônio Donin: poesias para alimentar a alma”.
- 2 – Título – “Um século sem Euclides da Cunha”

Data : 09/10/2009

Título : Academia Passo-Fundense de Letras revela novos escritores

Categoria: Artigos

Descrição: Resultado dos concursos

#### Academia Passo-Fundense de Letras revela novos escritores

A diretoria que assumiu a Academia Passo-Fundense de Letras no dia 30 de dezembro de 2007 decidiu abrir o prédio-sede da Academia para todas as iniciativas culturais realizadas no município. Outra decisão foi retornar a realizar concursos literários, objetivando promover novos escritores.

No ano de 2008, para comemorar os seus 70 anos de ininterruptas atividades, a Academia Passo-Fundense de Letras promoveu o concurso literário “Machado de Assis – 100 Anos de História”, que culminou com a recepção da aluna vencedora, sua professora e uma comissão de acadêmicos, no dia 25 de setembro daquele, na sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

O sucesso da iniciativa levou o sodalício a promover um concurso semelhante, em 2009. E em dose dupla. Assim, realizaram-se dois certames: “Poeta Professor Antonio Donin: Poesias para alimentar a alma”, para alunos de Ensino Fundamental, e “Um século sem Euclides da Cunha”, para alunos do Ensino Médio.

A realização desses dois concursos fixasse dentro das finalidades precípuas da Academia: promover o estudo dos clássicos e preservar a memória dos escritores locais.

“Os Sertões”, a grande obra de Euclides da Cunha, muito mais do que se possa imaginar tem profundas ligações com Passo Fundo. Já escrevi sobre isso em alguns ensaios e artigos divulgados na imprensa local e disponibilizados na internet.

O contraponto que ele faz entre o sertanejo e o gaúcho é a demonstração da importância que os militares sul-rio-grandenses exerceram na Campanha de Canudos.

O Exército Brasileiro não estava preparado para uma guerra nas selvas é uma das lições que se tira da “bíblia da nacionalidade”. Tenho à minha frente alguns livros de escritores militares que se debruçaram sobre o assunto, como Dante de Mello, em “A Verdade Sobre “Os Sertões” (Análise Reivindicatória da Campanha de Canudos)”, (Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1958) e o general Tristão de Alencar Araripe, em “Expedições Militares Contra Canudos (Seu Aspecto Marcial)”, Segunda edição, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1985). Ambos procuram destruir a parte de “história militar” existente em Os Sertões, mas sem êxito. O despreparo do Exército Brasileiro, porém, é aclarado pelo general Umberto Peregrino, em “Euclides da Cunha e Outros Estudos” (Gráfica Record Editora, Rio de Janeiro, 1968).

Em todos eles encontrei essa afirmativa do despreparo do Exército Brasileiro. E esse despreparo somente foi superado, nos últimos tempos da “Guerra de Canudos” com a chegada dos militares gaúchos que levavam a experiência do combate contra os federalistas nas regiões serranas do Rio Grande do Sul. Está para ser feito um estudo mais aprofundado sobre o assunto. A presença do coronel Antônio Tupi Caldas, comandante da 5ª Brigada da última expedição, e do coronel Tompson Flores, comandante do 7º Batalhão de Infantaria, comprovam a importância daquela experiência militar. Ambos morreram em Canudos. O primeiro deles foi comandante de um dos três quadrados durante a Batalha do Pulador (27 de junho de 1894); o segundo, profundo conhecedor das serras rio-grandenses, perseguiu Gomercindo Saraiva, em Passo Fundo e Soledade, depois aquela batalha, desentocando os maragatos. Também morreu em Canudos o tenente-coronel Chachá Pereira, que resistiu, sem êxito, à passagem das forças de Gomercindo Saraiva, rumo ao Paraná, em outubro de 1893.

Encarregado da defesa de Passo Fundo, entrincheirou-se no Mato Castelhana, de onde foi desalojado pelos maragatos.

E tem mais: os degoladores pica-paus degolaram mais de mil sertanejos, com a cumplicidade dos comandantes. E trouxeram de lá, a prática de cortar orelhas das vítimas para receber o pagamento dos mandantes. E essa experiência, anos depois, seria exercida por colonos de origem italiana contra os posseiros caboclos, aqui, no município de Passo Fundo, na então colônia Sarandi.

Assim, rapidamente, fica demonstrada a aproximação trágica entre Canudos e Passo Fundo.

Quando a preservação da memória dos escritores locais, a Academia Passo-Fundense de Letras, em reunião, decidiu pelo nome do poeta, professor, jornalista e advogado Antonio Donin, uma das personalidades mais cultas e íntegras da história de Passo Fundo. Antonio Donin honrou e enriqueceu o sodalício local com sua presença.

Preocupados com a supra-realidade das coisas, os poetas acabaram sendo vistos como destituídos de senso prático. Verdade é que muitos dos homens que construíram sistemas sociais e fundaram impérios eram poetas.

Entre nós, passo-fundenses, Antônio Donin desmente o juízo assentado pelo senso comum. Dia e noite seu espírito permanecia preso à poesia, mas nunca se afastava da realidade.

Passados quase vinte anos de sua morte, ocorrida em 8 de agosto de 1987, seu nome não encontrou o reconhecimento merecido. Escolas, ruas e avenidas receberam nomes de mediocridades, enquanto o educador e homem público Antônio Donin foi relegado a imerecido esquecimento.

Nascido em Vila Maria, hoje município, no dia 15 de fevereiro de 1911, Antônio Donin, era um dos treze filhos dos italianos Pedro Donin e Ana Agostini. Seus pais chegaram do “velho mundo”, ainda no Império, casando em 1900.

Em 1916, procurando melhores condições para criar a família, Pedro Donin mudou-se para a localidade de Ponte Preta, em Erechim, estabelecendo-se com casa de comércio e agricultura. Preocupados com a educação, Pedro e Ana organizaram uma escola particular. Ali o futuro integrante do Grêmio Passo-Fundense de Letras iniciou seus estudos.

Em busca de maiores conhecimentos, a 27 de março de 1927, partiu para Santa Maria, matriculando-se no Seminário São José onde concluiu o curso Colegial, em 1933. A primeiro de março do ano seguinte ingressou no Seminário Central de São Leopoldo, onde concluiu Filosofia e um ano de Teologia.

Ingressou no sacerdócio católico. Seu coração de poeta acabou curvando-se aos encantos de uma paroquiana. Entre a fidelidade aos votos sacerdotais e aos sentimentos amorosos, optou pelos segundos. Abandonou a batina, mas continuou fervorosamente religioso. E católico.

Não casou com essa moça, mas com a professora Vanda Xavier Donin, que lhe daria duas filhas e quatro netos. Dessa união nasceram a professora Maria Helena Yaione e a odontóloga Marília Donin Vanni. A primeira, casada com Mário Yaione, é mãe de Fábio, professor universitário em Dourados e Mariane, bióloga; a segunda, casada com Luis Alberto Vanni, tem dois filhos: Tásio, médico em Porto Alegre, e Leonardo, advogado na capital gaúcha.

Em abril de 1941 Antônio Donin veio para Passo Fundo, onde passou a lecionar no Colégio Notre Dame e na Escola do Círculo Operário. Nesse ano publicou o poema épico “O Brasil em Marcha”. Dois anos depois, trocou o magistério pela redação de O Nacional. Mais tarde retornaria ao magistério, continuando a exercer o jornalismo e desempenhando intensa militância política.

Foi o principal idealizador da criação da Universidade de Passo Fundo, conseguindo unir em torno do projeto, os mais diferentes segmentos da comunidade local e regional. Preconizou a organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho, pregando a criação do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, pioneiro na preservação das tradições campeiras nesta parte do Estado. Em 1971 motivou uma reunião para construir o “Parque Turístico de Passo Fundo”, que até hoje não saiu do papel.

Entre janeiro de 1964 e 15 de agosto de 1968, na gestão de Mário Menegaz, chefiou a Secretaria Municipal de Educação. Nesse mesmo período, sob pseudônimo, foi classificado em primeiro e segundo lugares num concurso para a escolha do Hino de

Passo Fundo. Escreveu a letra, e a partitura executou-a o compositor Francisco Calligaris, de Porto Alegre. Mesmo vencedor, o hino escrito por Antônio Donin acabou sendo esquecido. Idealizou a Bandeira do Município, hasteada pela primeira vez em 5 de outubro de 1968, durante a II EFRICA.

Antônio Donin foi premiado nacionalmente em diversos concursos de poemas e trovas. Além de vasta obra publicada em jornais e livros, como o intitulado “Heroínas”, deixou muitos trabalhos inéditos.

Foi pioneiro dos cursos de oratória em Passo Fundo e região. Dotado de vasta cultura, era um respeitável polímata, capaz de entreter os ouvintes durante horas, dissertando sobre os mais diferentes assuntos.

Leitor dos mais consagrados autores da Língua Portuguesa, manteve-se fiel ao verso metrificado. Jamais praticou o verso livre. Seus poemas mantêm o tom parnasiano. Adquiriu perfeito domínio da métrica, de tal sorte que ao escrever poemas gauchescos ou trovas (o tradicional poema em redondilha maior e quatro versos rimados), demonstra uma espontaneidade raramente alcançada entre nós.

Transcrevo dois poemas que mostram as características literárias de nosso confrade, justamente homenageado.

Hino de Passo Fundo

Letra de Antônio Donin

Passo Fundo, cidade altaneira,  
Verde terra do céu sempre azul!  
Tua história refulge fagueira  
Como a luz do Cruzeiro do Sul.

Estrilho:

Tu surgiste indomável e grande,  
Ó torrão de progresso e de luz!  
Teu fulgor pela Pátria se expande,  
Porque a glória te inflama e conduz.

Salve, terra de luz e primores,  
Lindo solo de gleba ondulante!  
Em teu seio vegetam as flores,  
Que plantou o imortal bandeirante.



Tua indústria e escolas garbosas  
São autores de um novo porvir  
Em teus campos e praças formosas  
Contemplamos a vida a sorrir.

Súplica

Soneto de Antônio Donin

Deus excelso, divina potestade,  
que o mundo governais com a razão,  
libertai esta pobre humanidade  
das garras da maldita exploração.

Mandai que impere o amor e a eqüidade,  
e a virtude da santa gratidão.  
Implantai, no planeta, a caridade,  
e o espírito de paz e de perdão.

Projetai vossa luz maravilhosa  
sobre a face da terra flagelada  
para que surja uma era mais ditosa.

E fazei que o poder do vosso amor  
faça raiar as luzes da alvorada  
de um mundo novo, cheio de esplendor.

Os concursos foram realizados com o apoio da 7ª Coordenadoria Regional de Educação (órgão do governo do Estado do Rio Grande do Sul), da Secretaria Municipal da Educação e da Secretaria Municipal de Desporto e Cultura. Concorreram alunos das escolas públicas e particulares do município. O presidente da Academia participou de reuniões com diretores e supervisores de escolas estaduais e municipais. Acadêmicos visitaram escolas privadas divulgando o regulamento dos concursos. A 7ª Coordenadoria Regional

de Educação e a Secretaria Municipal de Educação difundiram os concursos, incentivando os professores a trabalharem com os alunos.

Para a organização dos concursos a Academia escolheu duas comissões. A primeira composta pelos acadêmicos Alberto Antonio Rebonatto, Dilse Piccin Corteze, Elisabeth Souza Ferreira, Gilberto Cunha, Jurema Carpes do Valle, Paulo Monteiro, Santana Rodrigues Dal Paz, Welci Nascimento, Helena Rotta de Camargo e Santo Claudino Verzeleti, responsável pela coordenação dos trabalhos; a segunda, integrada pelos acadêmicos Gilberto Cunha, Elisabeth Souza Ferreira e Paulo Monteiro, encarregados da divulgação.

Na tarde fria e úmida do dia 11 de julho, as portas da biblioteca do sodalício foram abertas para a comissão julgadora assim constituída: Paulo Monteiro, Dilse Corteze e Elisabeth Souza Ferreira, da Academia Passo-Fundense de Letras, Jandira Inês Dallabrida Machado, da 7ª Coordenadoria Regional de Educação, e Gerson Lopes e Guilherme Cruz, da Secretaria Municipal de Desporto e Cultura.

No concurso “Um século sem Euclides da Cunha” inscreveram-se Deomar Dias de Oliveira, Talison Marins da Silva e Vilson José Petry Júnior, alunos da professora Cleris Schmohl Miotti, da Escola Estadual de Ensino Médio General Prestes Guimarães; Jonas Tieppo da Rocha, aluno da professora Cristina dos Passos Cunet, do Colégio Notre Dame; Júlio Felipe da Silva, aluno da professora Iara Regina de Lima dos Reis, da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Eulina Braga; Suélen Antunes Camargo, aluna da professora Noeli König, do Colégio Estadual de Ensino Médio Joaquim Fagundes dos Reis; alunos Jaderson Tibola da Silva e Lucas Souza Lopes de Chaves, alunos da professora Vera Lúcia Verzegnazzi, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire e Ayheza Fontoura de Baldo e Carneiro, da Escola Estadual de Ensino Médio Anna Luiza Ferrão Teixeira, orientada por sua própria mãe.

No concurso “Poeta Professor Antonio Donin: poesias para Alimentar a Alma” inscreveram-se Daiane Negri da Silva, aluna da professora Rosangela Modesti, da Escola Estadual de Ensino Médio Anna Luísa Ferrão Teixeira, Edson Oliveira dos Santos e Carine Almeida Antunes, alunos da professora Iara Regina de Lima dos Reis, da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Eulina Braga; Venícius Pasqual Montoya, aluno da professora Fernanda Giacchini, do Colégio Notre Dame, Jéssica Maciel da Silva, aluna da professora Simone Duval Damini, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Luiz Osório e Rafael Luiz Marachim, aluno da professora Saly Bortolanza, da Escola Estadual de Ensino Médio Anna Luiza Ferrão Teixeira.

A professora Simone Duval Damini, legou para os arquivos da Academia todos os poemas escritos pelos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Luiz Osório.

Durante horas, todos os trabalhos inscritos foram lidos e dissecados um a um. Ao final, os seguintes os classificados no Concurso Literário “Professor Antonio Donin: Poesias para alimentar a alma”: (alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental): 1º colocado – Vinícius Pasqual Montoya, aluno da 6ª série do Colégio Notre Dame, orientado pela professora Fernanda Giacchini; 2º colocado – Rafael Luiz Maraschin, aluno da 7ª série da Escola Estadual de Ensino Médio Ana Luiza Ferrão Teixeira, orientado pela professora Saly Bortolanza, e 3º colocada – Jéssica Maciel da Silva, aluna da Escola Municipal de Ensino Fundamental Arlindo Luiz Osório, orientada pela professora Simone Duval Damini; (alunos

de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental); 1º colocada: Daine Negri da Silva, aluna da 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Ana Luiza Ferrão Teixeira, orientada pela professora Rosângela Modesti. No Concurso Literário “Um século sem Euclides da Cunha” a classificação: 1ª colocada – Ayheza Fontoura de Baldo e Carneiro, aluna da Escola Estadual de Ensino Médio Ana Luiza Ferrão Teixeira, orientada por sua mãe Virginia da Silva Baldo; 2º colocado – Lucas Souza Lopes de Chaves, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, orientado pela professora Vera Lúcia Verzegnazzi, e 3º colocado – Vilson José Petry Junior, da Escola Estadual de Ensino Médio General Prestes Guimarães, orientado pela professora Cleris Schmohl Miotti.

Os resultados foram altamente positivos, culminando com a divulgação dos premiados, na tarde do dia 11 de agosto, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras.

Além de Paulo Monteiro, presidente, Santo Verzeleti, secretário geral, e Helena Rotta de Camargo, conselheira, da Academia, estiveram presentes a professora Zelinda Brugnera de Thomaz, coordenadora adjunta da 7ª CRE, o professor César dos Santos, secretário municipal de Desporto e Cultura, a professora Vera Maria Vieira, secretária municipal de Educação, além de outras autoridades, diretores, professores e alunos de escolas participantes.

O presidente da Academia Passo-Fundense explicou a metodologia empregada na classificação dos trabalhos e as dificuldades enfrentadas devido à qualidade elevada dos trabalhos concorrentes. Os jurados Jandira Inês Dallabrida, Gerson Lopes e Guilherme Cruz também salientaram o nível elevado dos trabalhos concorrentes. A coordenadora adjunta da 7ª CRE e os secretários municipais de Desporto e Cultura e de Educação lembraram a importância da iniciativa acadêmica envolvendo as todas as instituições públicas sediadas no município responsáveis pela educação e a cultura, garantindo apoio para outros concursos que serão realizados no ano vindouro.

A premiação dos classificados ocorreu na noite do próximo dia 17 de setembro, em sessão solene a ser realizada na sede da Academia Passo-Fundense, com a presença de alunos e professores que participaram dos concursos literários, além de acadêmicos, autoridades e comunidade em geral.

Ponto alto da solenidade foi a presença de 38 alunos da Escola Municipal Arlindo Luiz Osório, que participaram do concurso de poemas. Acompanhados de suas professora formaram um coral de jovens poetas, que entoaram o Hino Nacional Brasileiro e o Hino do Rio Grande do Sul, tradicionais nas sessões da Academia Passo-Fundense de Letras.

A professora Vanda Xavier Donin pronunciou emocionado e emocionante discurso de agradecimento pela lembrança da Academia.

Em nome da Academia falou a acadêmica Dilse Piccin Corteze, de cuja cadeira Euclides da Cunha é Patrono. Destacou a importância da obra do escritor fluminense e destacou a vida e a obra de Antônio Donin.

Também fizeram uso da palavra a professora Jandira Dallabrida, representando a 7ª Coordenadora Regional de Educação, a professora Ivânia Campigoto de Aquino, representando a Secretaria Municipal de Educação, o jornalista Gerson Lopes, diretor da Secretaria Municipal de Desporto e Cultura, o vereador Luiz Miguel Scheis, representando a Câmara de Vereadores, além de outros oradores. Todos destacaram a importância da

iniciativa da Academia Passo-Fundense de Letras e garantiram apoio para outras iniciativas do gênero.

Ao final da solenidade os sete novos escritores autografaram o livro “De Canudos a Passo Fundo”, editado sob o selo da Academia Passo-Fundense. A sessão de autógrafos constituiu-se num momento emocionante para familiares e colegas dos jovens escritores.

Passo Fundo, por força de Lei, é foi declarada Capital Nacional da Literatura e Capital Estadual da Literatura. O município apresenta a média “per capita” de leitores mais elevada do Brasil. Os concursos realizados pela Academia comprovam a variedade e a qualidade dos escritores locais, desde crianças a maiores de oitenta anos. Aliás, Literatura Local é o título de um programa semanal, mantido há três anos pelo sodalício, na TV Câmara, órgão da Câmara de Vereadores.

É fundamental registrar o apoio da 7ª Coordenadoria Regional de Educação nas pessoas do coordenador Milton Scipioni, da coordenadora adjunta Zelinda Brugnera de Thomaz e das professoras do Setor Pedagógico Jandira Inês Dallabrida e Elisabeth Holland, em nome das quais se consigna o apoio de toda a equipe daquela Coordenadoria. A Secretaria Municipal de Desporto e Cultura, através do Secretário César Augusto dos Santos e de toda a equipe funcional, fornece um apoio constante a diversas atividades da Academia, inclusive aos Saraus Literários, que realizamos em conjunto. Já a Secretaria Municipal de Educação apoiou os dois concursos deste ano, lembrando-se a atenção especial da secretária Vera Maria Vieira e sua assessoria pedagógica, assegurando o apoio para concursos que devam realizar-se no próximo ano.

A seguir transcrevemos os trabalhos vencedores:

Concurso Literário “Poeta Professor Antonio Donin: Poesias para alimentar a alma” – Categoria 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental

1ª Colocada: Daiane Negri da Silva

Idade: 10 anos – 4ª série

Escola Estadual de Ensino Médio Anna Luísa Ferrão Teixeira

## AS QUATRO ESTAÇÕES

Quando Deus criou o mundo  
Nos deu de presente quatro estações,  
Toda ela tem seus segredos,  
Que nos encham de emoções.

A primavera é linda,  
Com flores e perfumes,  
Viva e colorida,

Provoca muitos ciúmes.

Nela os dias são alegres,  
Os pássaros cantam em coro,  
Encantando nossos dias,  
Porém, o orvalho caindo em choro.

O verão tem seus encantos,  
É uma estação quente e agradável,  
Tomamos sorvete na praça,  
E brincamos de forma saudável.

Quando chega o outono,  
Lá se vai todo encanto,  
As folhas das árvores caem.  
E o vento causa espanto.

No inverno tudo é muito gostoso,  
Cheio de muito amor,  
Tanto faz se é na frente da fogueira,  
Ou de baixo de um cobertor.

Temos que agradecer a Deus,  
São muitas emoções,  
Somos todos felizardos,  
Com as quatro estações.

Concurso Literário “Poeta Professor Antonio Donin: Poesias para alimentar a Alma” –  
Categoria 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental:

1º colocado: Vinícius Pasqual Montoya

Idade: 12 anos – 6ª série “B”

Colégio Notre Dame

Professora: Fernanda Giacchini

Amizade não tem preço

Amizade é algo que não se troca,  
Amizade é bem assim:  
Amizade é um gesto de carinho,  
Amizade é algo que não tem fim.

Mas eu conheço uma amizade,  
Que vocês precisam conhecer,  
É sobre meu gato preto Jacaro  
E o gato branco Oliver.

Cada pássaro que Jacaro caça,  
Com seu amigo Oliver vai dividir.  
Mas quando é Oliver que pega,  
Adivinha o que acontece?  
Ele sai correndo por aí.

Pior que isso é a história do Jacaro com o cachorro  
Quando pequenos, eram amigos de ouro.  
Quando cresceram, começaram a se estranhar  
O cachorro começou a correr atrás do Jacaro  
Que ele fez de tudo para o perdoar.  
Depois disso as coisas mudaram,  
O Jacaro ficou valente.  
Ao invés do cachorro correr atrás dele,  
É ele que mostra as unhas e os dentes.

Esse meu gato Jacaro  
É meu grande amigo,  
Com ele quero ficar.

Pois bons amigos sempre se ajudam,  
Bons amigos sempre se protegem,  
Quase sempre estão juntos,  
Quando se vêem ficam alegres.

2º colocado: Rafael Luiz Maraschim  
12 anos – 7ª série 72  
E. E. de E. F. Anna Luiza Ferrão Teixeira  
Professora: Saly Bortolanza

### A VIDA EM CINCO ÂNGULOS

Se eu fosse Mário Quintana  
Poderia contemplar  
Que a vida além de deveres  
Tem alegrias sem par.

A gente corre do tempo  
Que teima em nos alcançar  
Em meio à chuva jogamos  
Os deveres para o ar.

Se eu fosse Tiago de Mello  
Poderia filosofar  
Garantir que este mundo  
Ainda pode melhorar

Cada um faz a sua parte  
Com muita dedicação  
Ética, solidariedade e  
Amor no coração.

Se eu fosse Araújo Jorge

Viveria apaixonado  
Cada poema composto  
Traz um quê de enamorado.

E eu que ainda estou crescendo  
Já posso compreender  
Que o amor é muito lindo  
Mas pode fazer sofrer.

Se eu fosse Cecília Meirelles  
Não cansaria de escolher  
Entre isto ou aquilo  
O melhor a se fazer.

Muitas vezes tenho dúvidas  
Não sei como resolver  
Os desafios matemáticos  
Confundem-me prá valer.

Se eu fosse Castro Alves  
Poderia compreender  
A história dos escravos  
E todo o seu padecer.

Mas eu sou só o Rafael  
Um garoto inteligente  
Que gosta de poesia  
De brincar constantemente.

Falar de cinco poetas  
Retratando a vida em ângulos  
Cada qual com seu estilo  
E eu na forma de um triângulo.



3º colocado: Jéssica Maciel da Silva  
E.M. de E. F. Arlindo Luiz Osório  
8ª série do Ensino Fundamental – T: 81  
Professora: Simone Duval Damini

A dura realidade

Imaginei uma criança  
Com olhos de esperança  
Essa criança nas ruas da cidade  
Eu estava vivendo uma realidade

Imaginei também um crack  
Mas não craque de futebol  
Aquele crack que vicia  
Aquele que me dá angústia, ânsia.

Imaginei os dois se unindo  
A criança se destruindo.  
Ali compreendi muita dor  
A dor por falta de amor.

Concurso Literário: “Um século sem Euclides da Cunha”

1º Colocado: Ayheza Fontoura de Baldo e Carneiro  
Idade: 16 anos – 2º ano do Ensino Médio  
Escola: E. E. de E. M. Anna Luiza Ferrão Teixeira  
Orientação: Virginia da Silva Baldo (mãe)

A estrela de brilho imortal

Em 1866, nasceu no Rio de Janeiro Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha. Um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Além de escritor, foi sociólogo, repórter

jornalístico, historiador, engenheiro, professor e também (como é sempre de se esperar) membro da Academia Brasileira de Letras.

Eu o considero um homem magnífico, pois foi ele quem apresentou a todos o verdadeiro Nordeste. E inclusive por terem me contado que ele trouxe-nos a luz, já que é um precursor da nossa consciência crítica. Fez isso principalmente através da sua belíssima obra-prima *Os Sertões*, livro que lhe concedeu prestígio internacional. Confesso que li somente este livro e alguns de seus sonetos. Mas estes já foram o suficiente para que eu o reconhecesse como um grande escritor. Porque para mim, não basta que me digam: “fulano foi um grande escritor”. Preciso eu mesma constatar.

Pude perceber que o Senhor Euclides da Cunha tinha por preferência abordar assuntos históricos e apresentar o contraste moral, físico e social da sociedade em seus escritos. Tenho certeza absoluta de que isto se deve ao fato de ele ter sido sociólogo e historiador, pois certamente um bom escritor deve ao mesmo tempo relacionar a vida real ao fictício. Transpassar para o papel fragmentos da vida de cada leitor. Para que todos ao lerem uma obra, possam identificar ao menos uma única coisa similar no escrito. Isso gera uma grande intimidade entre o leitor e a obra, e conseqüentemente com o escritor.

Por um lado, às vezes penso o quão bom seria se todos nossos grandes escritores fossem biologicamente imortais, para que pudessem sempre nos surpreender e encantar com suas maravilhosas obras. Mas por outra perspectiva vejo que isto provavelmente inibiria o surgimento de novos escritores.

Mas nós todos somos meros seres mortais, inclusive Euclides da Cunha e todos os demais grandes escritores. Neste ano celebramos o centenário de falecimento deste ilustre escritor. Que embora já tenha fisicamente nos deixado, sua luz continuará a nos acompanhar, e também acompanhará muitíssimas outras gerações e, quem sabe, até o dia em que este mundo acabar.

Embora Euclides “tenha ido estudar a geografia dos campos santos” (como diria nosso outro ilustre escritor Machado de Assis), ele se fez imortal em seus escritos, deixando-nos sua luz crítica na consciência.

Eu o comparo a uma estrela, e utilizo-me de suas próprias palavras para descrevê-las: “São tão remotas as estrelas, que apesar da vertiginosa velocidade da luz, elas se apagam e continuam a brilhar durante séculos”. Sim, estrelas, mesmo após morrerem no solitário e infinito universo, ainda nos é possível admirar a linda e reluzente luz emitida em vida por elas. Elas nos encantam enquanto estão vivas e até mesmo depois de terem deixado de existir. Tendo em vista que sua luz, mesmo muito tempo após seu falecimento, não desapareceu até hoje, e nem deixará, pois ele é uma estrela de luz imortal...

2º colocado: Lucas Souza Lopes de Chaves

17 anos – 1º ano do Ensino Médio

E. E. de E. F. Paulo Freire

Orientadora: Professora Vera Lúcia Verzeznazzi

## Marchar e vencer – Euclides da Cunha

Em 15 de agosto de 1990, em duelo à bala por razões passionais, o Brasil perde um dos maiores escritores da nossa Língua, Euclides Rodrigues da Cunha. Euclides tornou-se reconhecido pelo seu grandioso trabalho “Os Sertões” (1902). Obra essa que Euclides não queria classificá-la como um romance porque sua intenção era apenas um relato sociológico e histórico – para revelar às populações dos grandes centros urbanos um cenário que desconheciam: a saga do homem brasileiro do interior do Nordeste. Nesta obra “Os Sertões”, Euclides relata através de uma linguagem dinâmica e coloquial não só a história da rebelião dos seguidores de Antonio Conselheiro, mas sim as características físicas do sertão baiano e sobre seus habitantes.

Euclides como jornalista é nomeado a engajar-se na 4ª Expedição do General Artur Oscar contra Belo Monte, ou seja, contra Canudos. Ele presencia com perplexidade a coragem dos sertanejos. Era uma luta desigual dos heróicos sertanejos guiados por Antonio Conselheiro contra as forças do exército republicano. Para Euclides era o esmagamento do mais fraco pelo mais forte.

Nesse livro ou romance, como muitos críticos o classificaram, Euclides desvenda segredos da Guerra de Canudos com personagens verdadeiros e fictícios que se misturavam, fazendo chegar até nós a essência do povo brasileiro, vítimas das injustiças sociais e políticas nos primeiros anos da República. República, essa, que não preocupou em resolver as agudas desigualdades econômicas que padecia a população brasileira.

Euclides para contar a campanha de Canudos divide-a em três partes: A Terra, O Homem e A luta. Na primeira, considerada a mais árida e estática, são as minuciosas descrições geológicas da caatinga nordestina. Na segunda parte, é o sertanejo, produto daquela terra, o objeto de análise e observação de Euclides: que povo era aquele que seguia cegamente um líder revolucionário, mas que também sabia viver em comunidade. E, na última, encarada como a mais dinâmica e fluida delas, a batalha entre os seguidores de Antônio Conselheiro e o exército republicano. Tendo a oportunidade de apreciá-la, esta última parte da obra levou-me a questionar sobre a política governamental do nosso país daquela época e a atual situação de nosso país hoje. Será que o povo massacrado daquela época não está vivo na alma de muitos dos favelados, sem-terras, marginalizados, desempregados que clama por justiça, dignidade e respeito? Quantos “Generais, Marechais, Tenentes” estão vivos na alma de muitos deputados, senadores e até mesmo no grande líder do nosso país massacrando o povo através da corrupção e dos salários altíssimos que os mesmos recebem, comprado com o salário mínimo que muitos brasileiros ganham e dele precisam para driblar a crise financeira.

Cem anos se passaram da perda de Euclides da Cunha, e sua obra ainda está viva como um livro multidisciplinar para ser estudado por todos nós, estudantes do Ensino Médio, pois é uma obra geográfica, histórica, literária que deve ser apreciada por todos nós brasileiros.

3º Colocado: Vilson José Petry Junior

1º ano do Ensino Médio – Turma 101

E. E. de E.M. General Prestes Guimarães  
Orientadora: Professora Cleris Schmohl Miotti

Sua vida, nossa inspiração  
(Euclides da Cunha)

Importante escritor que se dedicou sempre em nos mostram em suas obras que tudo é possível, mesmo com vários problemas que podem ser encontrados durante a vida.

Desde pequeno mostrava interesses pelos estudos, freqüentando conceituados colégios, O fato de ser órfão de mãe e acabando ser criado e educado pelas suas tias na Bahia parenta não ter atrapalhado sua infância, mas sim o colocam objetivos para sua vida.

Estudou na Escola Politécnica e, um ano depois, na Escola Militar da Praia Vermelha. Depois, na sua escola cometeu infrações e, assim, foi submetido ao Conselho de Disciplina e, em 1888, saiu do Exército, E, além disso, participou da propaganda republicana no jornal O Estado de S. Paulo.

Após a proclamação da República foi reintegrado ao Exército com promoção, isto demonstra o seu grande potencial. Ingresso na Escola Superior de Guerra, e muito, além disso, consegue até se tornar primeiro tenente e bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais.

Euclides casou-se com Ana Emília Ribeiro, filha do major Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro, um dos líderes da República.

Alguns anos depois, mais precisamente em 1891, ele deixa a Escola de Guerra e é designado coadjuvante de ensino na Escola Militar. Mas em 1897 quando surge o ciclo de Canudos, ele se inspira e escreve dois artigos pioneiros, os quais lhe valeram um convite de O Estado de S. Paulo para presenciar o final do conflito, graças a suas críticas sobre a restauração da Monarquia. Euclides, então não presencia o final de Canudos, mas seu trabalho é bem finalizado, conseguindo material para elaborar “Os Sertões”, uma das suas principais obras, que mostra um Brasil diferente da representação usual que dele se tinha.

E sempre foi muito curioso, percorre a Amazônia e resulta em sua obra póstuma “À Margem da História”. Após a sua volta da Amazônia prefaciou os livros “Inferno Verde”, de Alberto Rangel, e “Poemas e Canções”, de Vicente de Carvalho.

Euclides sempre foi sábio, o que resultou em mais acontecimentos importantes de sua vida. Em 1909, ele descobre que estava sendo traído pelo jovem tenente Dilermando de Assis, e que até um dos seus filhos era atribuído ao amante de Ana. Então comete a burrice de sair armado em direção à casa de Dilermando, o qual era campeão de tiro, disposto a matar ou morrer (mais uma vez o amor estraga uma vida), e acaba sendo morto, infelizmente. Ana casou-se com Dilermando.

Uma vida muito privilegiada foi a de Euclides, e também muito desejada por muitos, por suas vitórias e derrotas, obras que criticavam e buscavam melhoras para a humanidade. Mas ele também era um homem igual a qualquer um, apenas tinha objetivos complexos, tanto na sua vida profissional como escritor ou como qualquer pessoa que quando viajava

não olhava apenas as belezas. Mostrava as realidades para o mundo a sua volta como na sua viagem à Amazônia onde denunciou a exploração dos seringueiros, mostrando que ele era uma pessoa que não pensava em si mesmo.

Data : 07/08/2007

Título : Academia Passo-Fundense de Letras: atos de instalação

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 7 de abril de 1938, foi fundado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, por um grupo de intelectuais sob o estímulo do escritor Sante Uberto Baribieri.

Paulo Monteiro (\*)

No dia 7 de abril de 1938, foi fundado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, por um grupo de intelectuais sob o estímulo do escritor Sante Uberto Baribieri.

A entidade realizou intensas atividades que culminaram com a criação da Biblioteca Pública Municipal, a introdução do Movimento Tradicionalista Gaúcho na Região, e a instalação da Universidade de Passo Fundo. Passados 23 anos de sua criação, o Grêmio se transformou em Academia Passo-Fundense de Letras, durante sessão solene realizada no salão da Biblioteca Pública, no prédio onde hoje o sodalício está precariamente instalado, após reforma de qualidade questionável.

Pela ata de instalação da Academia e pelo noticiário de O Nacional e Diário da Manhã, sabe-se que os atos tiveram ampla repercussão, sendo transmitidos pelas duas rádios locais de ondas médias, Passo Fundo e Municipal, e filmados pela reportagem da TVPiratini.

A solenidade, ocorrida no dia 7 de abril de 1961, foi aberta pelo acadêmico José Gomes, que passou a direção dos trabalhos ao então presidente da Academia Sul-Rio-Grandese de Letras, Arthur Ferreira Filho, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, que formou a mesa com autoridades representativas do município, entre as quais, o juiz diretor do Foro, o presidente da Câmara de Vereadores, o prefeito Benoni Rosado e líderes religiosos.

Arthur Ferreira Filho deu posse aos acadêmicos que ocuparam as primeiras cadeiras do novel sodalício. Foram os seguintes, por ordem alfabética, e seus respectivos patronos: Arthur Süssembach (Monteiro Lobato), Aurélio Amaral (Sante Uberto Barbieri), Carlos de Danilo de Quadros (Assis Chateaubriand), Celso da Cunha Fiori (João Maria Belém), César José dos Santos (Getúlio Vargas), Gomercindo dos Reis (Walter Spalding), Jorge Edethe Cafruni ( Francisco Antonino Xavier e Oliveira), José Gomes ( Dom Aquino

Correa), Jurandyr Algarve (Arthur Ferreira Filho), Mário Daniel Hoppe (Gabriel Bastos), Mário Braga Júnior (Darcy Azambuja), Mário Lopes Flores (Augusto dos Anjos), Paulo Giongo (Ernani Fornari), Píndaro Annes (Prestes Guimarães), Reissoly José dos Santos (Rui Barbosa), Rômulo Cardoso Teixeira (Olavo Bilac), Sabino Santos (Erico Veríssimo), Saul Sperry Cezar (Álvares de Azevedo), Túlio Fontoura (Nicolau de Araújo Vergueiro) e Vérdi De César (Raquel de Queiroz).

Também foi empossada a primeira diretoria acadêmica, assim constituída: presidente, Celso Fiori; primeiro vice-presidente, Túlio Fontoura; segundo vice-presidente, Mário Braga Júnior; secretário geral, Arthur Süssembach; subsecretário, Paulo Giongo; tesoureiro, Verdi De César; tesoureiro adjunto, Rômulo Cardoso Teixeira; bibliotecário, Jurandyr Algarve e bibliotecário adjunto, Gomercindo dos Reis.

Dois longos discursos foram pronunciados na oportunidade. O primeiro pelo presidente Celso da Cunha Fiori, salientando a importância do ato, e o segundo por Arthur Ferreira Filho, representando a Academia Riograndense de Letras.

Além desses, duas outras manifestações tornadas públicas com referência à Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras merecem lembrança: dois acrósticos, poemas em que os versos se iniciam com as letras dos nomes homenageados. Escreveu-os o poeta Gomercindo dos Reis, que os publicou em O Nacional de 7 de abril de 1961. O primeiro dedicado à população de Passo Fundo, sob o título de Academia Passo-Fundense de Letras; o segundo ao presidente do sodalício, Celso da Cunha Fiori, um dos advogados mais conceituados da região. Pelo significado dos mesmos para a história local transcrevemos o primeiro deles abaixo.

#### Academia Passo-Fundense de Letras

Homenagem à Comuna, pela instalação, hoje, da Academia Passo-Fundense de Letras.

Avante, brasileiros, para a frente,  
Com os cursos primários, secundários,  
A instruir o forasteiro, e a nossa gente,  
Dando Academia e grêmios literários!  
Eleva, ó rio-grandense, a nossa terra,  
Maravilhosa, aos píncaros da glória!  
Invicta, vai além, na paz se aferra,  
Altiva e já com as palmas da vitória!

Pára e contempla a nossa pátria, agora:  
As Campinas, seriemas a cantar...  
Seus ranchos, o tropeiro estrada afora,

Sua gloriosa Bandeira a tremular,  
Os campos, os trigais, a lua da aurora!

Feliz do homem que tiver um dia,  
Um trator, a mulher, o sol e a lua...  
Não precisa falar na Academia,

Dizer a prosa, ou verso, que extenua.  
Em defesa da pátria estremecida,  
No comércio, na indústria, na pecuária,  
Saberá lutar e vencer na vida,  
Em Batalha gloriosa e voluntária!

Dá a tua alma, dá o teu peito varonil,  
E avante, pelas glórias do Brasil!

Lutar e repelir o mau poder,  
Esse que ao povo e à pátria causa danos,  
Tratarás na tua memória até morrer!  
Rui Barbosa já disse, há muitos anos:  
A força do direito há de vencer  
Sobre o direito da força dos tiranos!...

Gomercindo dos Reis (7-4-1961)

Data : 30/12/2008

Título : Academia Setuagenária

Categoria: Artigos

## Academia Setuagenária

A Academia Passo-Fundense de Letras, de expressiva atuação nos meios literários do Município e da região, completou 70 anos de fundação no dia 07 de abril deste ano. Para comemorar a data, o Presidente Paulo Monteiro, com a Diretoria da entidade, programou uma solenidade no salão de atos de sua sede, que contou com a atuação do Acadêmico Irineu Gehlen, como Mestre do Cerimonial.

Compareceram o Prefeito Municipal, Airton Lângaro Dipp, o Presidente da Câmara de Vereadores, Luiz Miguel Scheis, o Vereador Edson Nunes, autor do Projeto-de-Lei que instituiu o 07 de abril como Dia Municipal do Escritor, inúmeras autoridades representativas da sociedade, acadêmicos, familiares, professores, alunos e amigos da homenageada.

Esteve presente também, prestigiando a data festiva, o Acadêmico Paulo Giongo, único remanescente do antigo Grêmio Passo-Fundense de Letras, antecessor da atual Academia. Em nome dos confrades e confradeiras, a Acadêmica Selma Costamilan saudou a aniversariante, e apresentou um relato de sua atuação histórica, tão significativa para Passo Fundo e seu desenvolvimento, nas áreas da cultura, da educação e da arte.

Após as manifestações previstas no protocolo, realizou-se um Momento Cultural, que contou com a participação do maestro Fernando Montini, e do Grupo “Amigos Cantores”, coordenado pela cantora lírica, Elza Tessaro.

O ponto alto da programação cultural foi a apresentação do Hino da Academia Passo-Fundense de Letras. Trata-se de uma canção inédita, cujo mentor foi o Acadêmico Santo Claudino Verzeleti, Secretário-Geral da agremiação, o qual, para a concretização da idéia, contou com a adesão dos Acadêmicos Helena Rotta de Camargo, que compôs a letra, e José Antônio Machado (Pablo Morenno), compositor da música. A execução do Hino foi de tal modo contagiante que iluminou o semblante dos presentes e conquistou calorosos aplausos. Todos, acadêmicos ou não, vivenciaram um momento de rara euforia e emoção, inédito na história da entidade.

E a canção tornou-se, a partir dessa data, o Hino oficial da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em seqüência, a letra da composição:

Hino da academia Passo-Fundense de letras

Por Deus predestinada a ser semente,



florindo em versos, teses e canções.

Cultura e educação como legenda,

traçaste o rumo a muitas gerações.

Refrão: Academia de Letras,

de vultos e de ideais,

que o nome de Passo Fundo

há de exaltar sempre mais.

O manto protetor da liberdade,

a fé de um povo obreiro e lutador,

forjaram teu destino nesta terra

marcada pelo brio e o destemor.

O trigo que farfalha pelos campos,

as matas que refrescam nosso ar,

nos teus fecundos anos de existência,

cumpriste tua missão de semear.

Letra: Acadêmica Helena Rotta de Camargo

Música: Acadêmico José Antônio Machado

Data : 20/12/1954

Título : ADEUS 54

Categoria: Poesia

Descrição: Adeus “54”, eu vou adiante, Com o “55” que ai vem,

ADEUS “54”

Adeus “54”, eu vou adiante,

Com o “55” que ai vem,

Quero viver, ditoso, triunfante,

Na esperança que o Ano Novo tem.

Nas lutas que encontrar, terei constante  
A Presença Real do Sumo Bem;  
Quem sou eu, afinal, senão viajante  
Na demanda do rumo eterno, Além?!...

Eu creio. Eu amo. Espero mil vitórias,  
Para mim, para todos, muitas glórias,  
Na feitura do bem e da verdade;

E se tudo falhar no meu caminho,  
Eu hei de prosseguir, devagarinho,  
Crendo em Deus, no amor, na Eternidade...  
Composto por Sadi Machado

Data : 23/10/1999

Título : Adrião festejado pela crítica literária

Categoria: Resenhas

Descrição: Escritor piauiense tem trabalho comentado por escritor e jornalista, especializado em analisar literatura

Adrião festejado pela crítica literária

Escritor piauiense tem trabalho comentado por escritor e jornalista, especializado em analisar literatura

Em Raízes do Brasil, clássico sobre a formação brasileira, Sérgio Buarque de Holanda chamou a atenção para ilhas culturais existentes em nosso país. Isso é visível desde os

tempos do Brasil Colônia, com poetas baianos e mineiros, especialmente. E continuaria, ainda em épocas posteriores, até os dias de hoje.

Adrião Neto, incansável pesquisador piauiense, realizou acurado levantamento sobre uma dessas ilhas, com o livro "Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos", já em segunda edição. Como se isso não bastasse, escreveu "Literatura Piauiense Para Estudantes" (Edições Geração 70), já em quinta edição.

Alguns autores piauienses alcançaram acolhimento nacional, como Felix Pacheco, Da Costa e Silva, Mário Faustino, Assis Brasil, Álvaro Pacheco, Esdras do Nascimento e Torquato Neto, tornando-se elementos representativos da literatura praticada em seu estado de origem. Adrião Neto acolhe todos esses autores em seu Dicionário e mais uma imensidão de outros escritores, totalizando 1.382 verbetes, além de uma série de amplas informações e um vasto material iconográfico.

Com isso, produz uma obra de referência obrigatória sobre a literatura do Piauí e para tantos quantos procurem formar uma bibliografia para trabalhos de pesquisa. Além disso, quando em comparação com obras do mesmo gênero sobre as letras de outros estados, poderá servir de base para estudos especializados, especialmente de sociologia literária.

A "Literatura Piauiense Para Estudantes" segue, quase integralmente, o plano tradicional das obras didáticas. Acolhe informações históricas, biográficas, análises de obras, textos de alguns autores e questões objetivas a nível de ensino médio. Ao reunir trabalhos de diversos escritores, Adrião Neto favoreceu uma visão panorâmica da literatura piauiense.

Seu livro que, nas edições anteriores fugia ao plano tradicional, ao não separar os autores por escolas literárias, a partir da quarta edição passou a seguir uma periodização já consagrada. Um esquema desse tipo favorece para que os estudantes vinculem as letras de seu Estado com a literatura nacional e contribui para que estudiosos tenham suas atenções despertadas para alguns nomes.

Assim, "Literatura Piauiense Para Estudantes" é uma obra fundamental para o entendimento das letras do Piauí.

Adrião Neto realiza um trabalho de divulgação da literatura piauiense que deve servir de exemplo a tantos quantos tenham vocação para a pesquisa bibliográfica. Seu labor, longe das elites enclausuradas no círculo estreito do aulicismo acadêmico, está destinado a permanecer como referencial histórico e documento, em termos literários, da cultura do Piauí.

Do Jornal

Diário do Povo

Teresina (PI), Sábado, 23 de Outubro de 1999

Data : 21/04/2001

Título : Adrião Neto – Modelo Piauiense

Categoria: Resenhas

Descrição: Em Raízes do Brasil, clássico sobre a formação brasileira, Sérgio Buarque de Holanda chamou a atenção para ilhas culturais existentes em nosso país.

### Adrião Neto – Modelo Piauiense

Em Raízes do Brasil, clássico sobre a formação brasileira, Sérgio Buarque de Holanda chamou a atenção para ilhas culturais existentes em nosso país. Isso é visível desde os tempos do Brasil Colônia, com poetas baianos e mineiros, especialmente. E continuaria, ainda em épocas posteriores, até os dias de hoje.

Adrião Neto, incansável pesquisador piauiense, realizou acurado levantamento sobre uma dessas ilhas, com Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos (Halley S.A., Teresina), já em segunda edição. Como se isso não bastasse, escreveu Literatura Piauiense Para Estudantes (Edições Geração 70), várias edições. Alguns autores piauienses alcançaram acolhimento nacional, como Félix Pacheco, Da Costa e Silva, Mário Faustino, Assis Brasil, Álvaro Pacheco, Esdras do Nascimento e Torquato Neto, tornando-se elementos representativos da literatura praticada em seu estado de origem. Adrião Neto acolhe todos esses autores em seu Dicionário e mais uma imensidão de outros escritores, totalizando 1382 verbetes, além de uma série de amplas informações e um vasto material iconográfico, das obras didáticas. Acolhe informações históricas, biográficas, análises de obras, textos de alguns autores e questões objetivas a nível de ensino médio. Ao reunir trabalhos de diversos escritores, Adrião Neto favoreceu uma visão panorâmica da literatura piauiense.

Seu livro que, nas edições anteriores fugia ao plano tradicional, ao não separar os autores por escolas literárias, a partir da quarta edição passou a seguir uma periodização já consagrada. Um esquema desse tipo favorece para que os estudantes vinculem as letras de seu Estado com a literatura nacional e contribui para que estudiosos tenham suas atenções despertadas para alguns nomes. Assim, Literatura Piauiense para Estudantes é uma obra fundamental para o entendimento das letras do Piauí.

Adrião Neto realiza um trabalho de divulgação da literatura piauiense que deve servir de exemplo a tantos quantos tenham vocação para a pesquisa bibliográfica. Seu labor, longe das elites enclausuradas no círculo estreito do aulicismo acadêmico, está destinado a permanecer como referencial histórico e documento, em termos literários, da cultura do Piauí.

(\*) Paulo Monteiro - Escritor e jornalista. Membro da Academia Literária Gaúcha.#

Do Jornal da Acadêmia de Letras das Sete Cidades

Sítio Literário

21/04/2001

Data : 30/11/2012

Título : Alcides Maya: um clássico esquecido

Categoria: Artigos

Descrição: É preciso reler Alcides Maya. "A frase com que Augusto Meyer abre o ensaio que dedicou ao escritor gabrielense enfeixado em Prosa dos Pagos...

## PAULO MONTEIRO

É preciso reler Alcides Maya. "A frase com que Augusto Meyer abre o ensaio que dedicou ao escritor gabrielense enfeixado em Prosa dos Pagos: 1941-1959 (Rio: Livraria São José, 1960, páginas 113 a 141), e dois anos depois aproveitado como prefácio à reedição de Tapera, tornou-se uma espécie de mantra. Nos últimos meses, tenho me dedicado a reler o romance Ruínas Vivas, de 1910, e os livros de contos Tapera, de 1911, e Alma Bárbara, de 1922. Além disso, recorro a alguns textos sobre a obra do criador de Miguelito e outros mais recentes, produzidos por alguns estudiosos contemporâneos.

Alcides Maya nasceu no dia 15 de outubro de 1878, em São Gabriel. Na infância passou largas temporadas na Estância do Jaguari, mais tarde renomeada como Estância São Manuel, no então 2º Distrito de Lavras do Sul, cuja paisagem é o cenário onde, mais tarde, narrará suas histórias. Muito cedo, ainda antes da Revolução Federalista, mudou-se para a capital do Estado, onde estudou, exerceu o jornalismo e escreveu muito, publicando seus primeiros livros.

Em 1885, matriculou-se na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo. Adoeceu, retornando ao Estado, continuando sua vida de homem de imprensa. Em junho de 1897, publicou seu primeiro livro, intitulado Pelo Futuro. Seguiram-se:

O Rio Grande Independente (1898) e Através da Imprensa (1900). Apenas mais tarde se lançou como ficcionista. Em 1898, vai ao Rio de Janeiro, onde conhece importantes figuras literárias da época. Demora-se pouco, retomando às lides jornalísticas. Em 1901 mandou edificar, no terreno da família, em Porto Alegre, um pequeno prédio que se tornou ponto de velhos e novos intelectuais gaúchos. Após idas e vindas, em 1910, está novamente no Rio de Janeiro, onde permanecerá a maior parte do tempo, até 1924. É eleito para a

Academia Brasileira de Letras em 6 de setembro de 1913, tomando posse no dia 21 de junho do ano seguinte. Era o primeiro gaúcho eleito para a Casa de Machado de Assis.

Rompe com os antigos federalistas, aderindo ao Partido Republicano Rio-Grandense, pelo qual exerce mandatos de deputado federal, entre 1918 e 1924, quando retorna ao Rio Grande, assumindo a direção do Arquivo Público do Estado e, posteriormente, do Museu Júlio de Castilhos, onde passa a residir, até sua aposentadoria em 24 de março de 1939.

Participa ativamente da Revolução de 30, inclusive, comparecendo e falando na sessão de 13 de novembro daquele ano, devidamente fardado à gaúcha. Solteirão e mulherengo, após, pelo menos, duas grandes desilusões amorosas, casou-se com sua governanta, Ofélia Balthesan, em 8 de abril de 1939.

Muda-se para o Rio de Janeiro. Doente e corroído pelo alcoolismo, longe da mulher, mas assistido por poucos e fiéis amigos, falece no Hospital Miguel Couto, em 2 de setembro de 1944. É velado na Academia Brasileira de Letras e sepultado no Cemitério São João Batista, no dia seguinte. Em 1949 seus despojos são exumados e transportados para o Rio Grande do Sul, sendo, sob honras militares, depositados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, de Porto Alegre, em 17 de setembro daquele ano.

Com a morte de Alcides Maya, à exceção de Tapera, os direitos autorais de suas obras passaram à viúva, que somente reapareceu para a história, possibilitando a reedição dos livros pela Editora Movimento, em parceria com o Curso Universitário e a Universidade Federal de Santa Maria.

Osório Santana Figueiredo, historiador gabrielense, lembrando que ninguém pode editar obra literária sem consentimento do autor ou herdeiros (Santa Maria: Palloti. Alcides Maya: “O Clássico dos Pampas. 1987, p. 133), lembra a frieza com que foi tratado por Dona Ofélia.

A receptividade da obra ficcional de Alcides Maya, no geral, foi boa. O ponto negativo, na opinião de vários críticos, é o seu “parnasianismo”. Ainda em vida do Autor (1925), a obra alcidiana provocou uma polêmica em termos elevados, entre Moysés Vellinho, sob o pseudônimo de Paulo Arinos, e o inditoso Rubens de Barcellos, mais tarde enfeixada pelo próprio Moysés Vellinho e Mansueto Bernardi, em Estudos Riograndeses, sob o patronímico de Rubens de Barcellos.

Num belo ensaio intitulado Alcides Maya: a expressão literária e o sentido sociológico de seu pensamento (Porto Alegre: Letras da Província. Editora Globo, 2ª Edição, Revista e Acrescentada, 1960, páginas 4 a 27),

Moysés Vellinho retoma o debate com Rubens de Barcellos, para censurar (p.9) o verbalismo do estilista de “Ruínas Vivas”. Para o autor de Capitania D’El Rei, Alcides Maya, com seu espírito erudito e seus dons de “causeur”, não lhe cabia espaço para a ficção. Além disso, Coelho Neto, com seu preciosismo no vocabular, acabou sendo um modelo pernicioso (p. 13). Moysés Vellinho recorda o “sentido sombrio” da ficção alcidiana, desde os títulos (Ruínas Vivas, Tapera, Alma Bárbara e um romance jamais publicado: Ocaso). É uma espécie de “penumbrismo”, notado por alguns críticos que andei lendo nas últimas semanas. O tema exige um aprofundamento que os estudiosos da literatura rio-grandense não promoveram até hoje.

Além das dificuldades legais, em reeditar os livros de Alcides Maya, deve-se levar em consideração o conteúdo sociológico, que perpassa o romance e os contos do criador de Miguelito.

Em sua ficção, como destaca Floriano Maya d'Avila, seu sobrinho e “filho espiritual”, (Porto Alegre: Terra e gente de Alcides Maya. Editora Sulina. 1969), há toda uma crítica profunda às estruturas sociais da Campanha e do sistema político determinado pela caudilhagem. Floriano desenvolve teses esboçadas por José Salgado Martins, em Alcides Maya: o ensaísta e o escritor de ficção (Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. Editora Globo, s/d [1964]). A crítica ao sistema de poder, que também não mereceu a devida atenção dos estudiosos, é outro elemento que contribuiu para que seus livros fossem lançados ao esquecimento. O que se agravou com a adesão ao sistema castilhistaborgista.

Miguelito, de Ruínas Vivas, a grande personagem de Alcides Maya, é o protótipo do gaúcho. Filho bastardo de um jovem estancieiro (Artur) que, aluno da Faculdade de Direito de São Paulo, falece prematuramente e Elisa, filha de Chico Santos, veterano das guerras gaúchas.

Seu pai representa o aventureiro branco, detentor da cultura europeia; Elisa é a “china”, meio branca, meio índia, meio negra, talvez. Desprezado pelo avô paterno, o branco pai e filho dos conquistadores das terras americanas, herdeiros do poder colonial, torna-se um verdadeiro “guaxo”. Sem pai, sem mãe, sem avó, sem terras, torna-se o índio vago, indomável. Se tivesse um pedaço de terras seria o “taura”, o valente; como proletário rural, sem direito a prole, torna-se o “maula”, o perseguido pela Lei e a Justiça, a serviço dos poderosos. Miguelito é o nosso Martín Fierro.

(Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor dos livros: Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo, O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas, A Campanha da Legalidade em Passo Fundo e Eu resisti também cantando, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, culturais e literários).

Data : 02/02/2015

Título : Ana Júlia Machado

Categoria: Poesia

Descrição: As diminutas fatuidades não haver sustentá-las Perfilham na minha algibeira

As diminutas fatuidades não haver sustentá-las

Perfilham na minha algibeira

Para o retorno do autocarro  
Para o óbolo aos indigentes  
As desmedidas fatuidades  
Estas sim as haver  
E orgulho como todo o empertigado  
Não as acarreto comigo  
Pois não entram aonde aporto  
Delas remanso númen para os meus cantos  
pois amigo Paulo, aqui o homenagemio com a minha versão ao seu poema. Bom descanso.  
Abraço afetuoso.

Data : 15/03/2009

Título : Anistia para Bocage!

Categoria: Artigos

Descrição: O verdadeiro Bocage é desconhecido, inclusive nos meios cultos e letrados.

Anistia para Bocage!

Estamos a menos de dois anos do bicentenário da morte do poeta Manoel Maria l'Hedous Barbosa du Bocage, falecido no dia 2 de dezembro de 1805. A manhã daquele dia era fria e chuvosa em Lisboa, contam os biógrafos, e o poeta faleceu devido a um aneurisma. Tinha pouco mais de 39 anos, pois nascera em Setúbal a 7 de setembro de 1776, filho de José Luiz Soares de Barbosa, que trocara o trabalho de juiz pelo de advogado, e de Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage, filha de um marinheiro francês que desertara de sua armada passando a servir ao rei de Portugal.

Aos 10 anos o poeta perdeu a mãe, ficando órfão juntamente com seu irmão Gil, mais velho, o morgado da família, e as irmãs Maria Francisca e Maria Eugênia, morta muito moça e a quem o poeta dedicaria um dos seus mais sentidos sonetos:

De radiosas virtudes escoltada  
Deste imaturo adeus ao mundo triste  
Co'a mente no almo Pólo, aonde existe



Bem que sempre se goza e nunca enfada.

À fouce, a segar vidas destinada,  
Mansíssima cordeira, o colo uniste;  
O que é do Céu ao Céu restituíste,  
Restituíste ao Nada o que é do Nada.

E inda gemo, inda choro, alma querida,  
Teu fado amigo, tua dita imensa,  
Que em vez de pranto a júbilo convida!

Ah! pio acordo minha mágoa vença;  
É cativo para o justo a vida,  
A morte para o justo é recompensa.

Órfão de mãe, foge de casa aos 16 anos, juntamente com o irmão, para ingressar na Marinha. E passa uma vida dividida entre as atividades de marinheiro, das quais acaba se afastando, e os improvisos, muitas vezes pornográficos, nos botequins de Lisboa, “Devoto incensador de mil deidades/ (Digo, de moças mil) num só momento,/ E somente no altar amando os frades,” , como ele mesmo se retrata num soneto famoso.

Retorna à Marinha. Parte para o Oriente, passando pelo Brasil. Deserta. É anistiado. Volta a Portugal, onde deixara uma noiva, a Gertrúria dos seus poemas. Na Ásia recebe a notícia de que ela estava noiva de outro. E desabafa:

Do Mandovi na margem reclinado,  
Chorei debalde minha negra sina,  
Qual o mísero vate de Corina  
Nas tomitanas praias desterrado.

Mais duro fez ali meu duro fado  
Da vil Calúnia a língua viperina;  
Até que aos mares da longínqua China  
Fui por bravos tufões arremessado.

Atassalou-me a serpe que devora

Tantos mil; perseguiu-me o grão gigante  
Que no terrível promontório mora.

Por bárbaros sertões gemi, vagante;  
Falta-me inda o pior, falta-me agora  
Ver Gertrúria nos braços doutro amante.

Três imagens estão presentes em sua mente de exilado: Ovídio, “o vate de Corina”, Camões, também perseguido pelo “grão gigante”, e a “alva Gertrúria”.

Volta e encontra D. Gertrudes Margarida da Cunha de Eça Castelo Branco casada com o advogado Gil du Bocage. Alguns biógrafos acreditam que essa era a Gertrudes inspiradora de muitos e belos poemas, além de sua “aventura no Oriente”. Retoma a vida boêmia. Ingressa na Nova Arcádia, que reúne os poetas portugueses da época. Publica livros que alcançam êxito. Briga com os outros árcades. Polemiza. Satiriza os costumes da época. Afasta-se da Arcádia. Sirva de exemplo o soneto que faz parte de sua obra que circula semiclandestinamente, dedicada ao mulato Domingos Caldas Barbosa, padre e poeta:

Nojenta prole da rainha Ginga,  
Sabujento ladrador, cara de mico,  
Loquaz saguim, burlesco Teodorico,  
Osga torrada, estúpido rezinga;

E não de acuso de poeta pinga;  
Tens lido o mestre Inácio, e o bom Supico;  
De ocas idéias tens o casco rico,  
Mas teus versos tresandam a catinga;

Se a tua musa nos outeiros campá,  
Se ao Miranda fizeste ode demente,  
E o mais, que ao mundo estólido se incampá:

É porque sendo, oh! Caldas, tão somente  
Um cafre, um gozo, um néscio, um pavo, um trapa  
Queres meter nariz no cu de gente.

É preso acusado de crimes contra o Estado e a Igreja. Libertado, passa a ganhar a vida como tradutor, para sustentar a irmã e uma sobrinha pequena. Continua a publicar seus versos.

Contraditório, como ele mesmo o reconhece. Era consciente do seu valor literário e do sentido real dos seus versos, “que foram com violência /Escritos pela mão do Fingimento, /Cantados pela voz da Dependência”. O Fingimento faz de seus poemas pré-românticos, alguns deles até ultra-românticos; a Dependência se manifesta nos versos laudatórios. Essa contraditoriedade é que faz o poeta, e um dos maiores da Língua Portuguesa.

O mais interessante é que, quase duzentos anos depois de morto, Bocage continua censurado e mais conhecido pelas piadas ou anedotas inventadas a seu respeito. Essa censura vai muito além da herança inquisitorial, tanto que o Ministério da Educação de Portugal, em pleno século XXI, andou impondo limites ao estudo de sua obra nas escolas lusitanas. Essa medida lembra disposições do fascismo salazarista e do ultramontanismo de alguns religiosos contra a memória da alentejana Florbela Espanca. Como se o Estado tivesse poder de estabelecer o cânone artístico.

O verdadeiro Bocage é desconhecido, inclusive nos meios cultos e letrados. Está na hora de um amplo movimento para que o poeta seja anistiado, abrindo-se as portas inquisitoriais para que sua obra veja a luz do sol. Anistia para Bocage!

(Texto publicado no Jornal Rotta, de Passo Fundo, nos meses de janeiro e fevereiro de 2004 e no sítio Diário Vermelho, a 24 de janeiro de 2004).

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: quando o cara está por cima todo o mundo puxa o saco

antipoema

quando o cara está por cima

todo o mundo puxa o saco

na hora que o cara cai

todo o mundo pisa nele  
o problema é que o vento  
sempre muda de direção  
antes mordiam no bolso  
trocaram só de lugar

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: teu nome é o nome de uma estrela morta que se apagou no tempo e na distância

antipoema

teu nome é o nome de uma estrela morta  
que se apagou no tempo e na distância  
e continua brilhando no meu céu  
vou te encontrar um dia estrela morta  
para além desta vida além da morte  
e então verás que não morreste  
só os astrônomos pensam que morreste  
pois as estrelas vivem para sempre  
iluminando os versos dos poetas

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: quando os meus olhos se fecharem e minha voz para sempre se calar

antipoema

quando os meus olhos se fecharem  
e minha voz para sempre se calar  
sabiá-da-praia  
cantarei na última grimpa do pinheiro  
e tu pequena borboleta  
embalarás meus poemas ao ritmo de tuas asas

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: os cães mijam nos postes mijam nas calçadas

antipoema

os cães mijam nos postes  
mijam nas calçadas  
mijam nos pneus dos carros  
mijam em em toda parte  
essa é sua ideologia  
e se atacam contra os outros cães  
essa é sua política  
os cães revelam toda a sua humanidade  
ao violentarem seus semelhantes  
com unhas e dentes

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: branca de um branco polar

antipoema

branca

de um branco polar

o bicho da fortuna

é a base de penedos alvíssimos

sobre esses picos

em meio desses picos

acumula todo o cisco minúsculo

que se possa imaginar

e lá se vai

artista impecável

a pequena taturana

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: todos os sons todos os ritmos a começar pela não sonoridade

antipoema

todos os sons todos os ritmos  
a começar pela não sonoridade  
e que cada um faça o seu poema  
como bem entender o seu poema  
e quem não entender  
fique com o não entendimento  
e ponto final

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: entrou berrava escoiceava

antipoema

entrou  
berrava  
escoiceava  
ruminava  
ela cantou docemente  
boi boi boi  
boi da cara preta  
ele espichou a cabeça  
onde brilhavam  
quase apagados  
uns negros olhos bovinos  
e berrou lentamente

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: ontem quando me encontrei com o poema bestificamo-nos

antipoema

ontem

quando me encontrei com o poema

bestificamo-nos

alta madrugada

ambos bêbados

os dois

saímos pelas ruas lançando versos para todas as mulheres

acabamos presos por perturbação do sossego público

como o mundo é prosaico

meu deus

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: de longe na madrugada

antipoema



de longe  
na madrugada  
chega o som dos sinos  
não badalam  
cochicham aos meus ouvidos  
o que segredam os sinos  
falam-me dos poemas que jamais escreverei  
dos meus segredos  
tão íntimos  
mas tão íntimos mesmo  
que até os versos não querem escutar  
os sinos  
ah os sinos  
tão longe de mim  
e tão perto dos céus  
conhecem a alma das gente

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: as pequenas vaidades não consigo mantê-las seguem no meu bolso

antipoema

as pequenas vaidades não consigo mantê-las  
seguem no meu bolso  
para o troco do ônibus  
par a esmola aos mendigos

as grandes vaidades  
estas sim as possuo  
e orgulhosamente como todo o vaidoso  
não as levo comigo  
pois não cabem aonde vou  
delas retiro inspiração para os meus poemas

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: do alto da sacada oscilava as mãos seguravam dois livros

antipoema

do alto da sacada oscilava  
as mãos seguravam dois livros  
e uivava  
o lula quer me comer  
o sarney quer me comer  
a dilma quer me comer  
o maluf quer me comer  
esses comunistas estão todos juntos  
cansaram de comer criancinhas  
e agora querem me comer  
os comunistas querem me comer  
mas eu não vou deixar  
vou queimar todos eles  
em baixo a multidão gritava  
não se atira não se atira não se atira

e os gozadores contra-atacavam  
queima queima queima  
de repente  
as luzes da cidade se apagaram  
um corpo carbonizado balançava-se na rede de alta-tensão  
e pisoteados pela multidão jaziam  
o livro negro do comunismo  
e os protocolos dos sábios de sião

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: logo as portas do cadafalso se abrirão e não mais serei escravo de ninguém

antipoema

logo as portas do cadafalso se abrirão  
e não mais serei escravo de ninguém  
voarei como pássaro  
nem sei par onde  
mas será um lugar melhor do que este  
aliás qualquer lugar é melhor do que este  
não enterrem meu coração na curva do rio  
lancem minhas cinzas no rio da minha infância  
entre as pedras do pinheiro torto  
lá onde a jaguatirica e seus filhotes vão beber água  
nos três potes quebrados pela saracura  
à noite os vagalumes voarão em curvas sobre as águas  
o corujão-de-orelhas lançará seus gritos de alerta

e minha alma esta sacha de todos os poetas  
ao lado da alma de manuel bandeira  
ouvirá o chilrear do pardalzinho

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: flor única abre imensas pétalas retas

antipoema

flor única  
abre imensas pétalas retas  
exalando o perfume característico  
das lavraturas  
de longe se ouve  
o canto monótono  
barroso na verga  
na verga pintado

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: eu sou o maior do mundo um centauro de papel

antipoema

eu sou o maior do mundo  
um centauro de papel  
kriterion não monta em mim  
se cavalgar me arrebenta  
eu sou o maior do mundo  
e o mundo que se arrebente  
eu sou um sapo da terra

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: ficou de ti nos olhos de tuas netas

antipoema

ficou de ti  
nos olhos de tuas netas  
dona crécia  
o mesmo olhar de suçuarana  
o tempo apagou teus rastros  
mas o som dos teus passos  
continua sobre as pedras  
ecoando nas grotas  
que são os corações humanos  
um dia  
em qualquer dia destes  
serei também o mesmo olhar

sobre a aspereza dos bolões de granito  
e então todos verão teus rastros  
nos olhos dos meus netos

para Cris Silva, Nadejda Monteiro, Rozalia Natália Monteiro, Paula Tatsuia e Sara Adalía

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: na solidão da noite eterna Édipo derrama rios de tinta

antipoema

na solidão da noite eterna  
Édipo derrama rios de tinta  
sobre o papel em branco  
e se revolta contra  
a esterilidade eterna e vazia  
do seu ato de escrever  
rei de uma cidade pequena  
perdida nos confins da Grécia  
só lhe resta matar o próprio pai

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: em liliput o homúnculo avistando um ser humano

antipoema

em liliput o homúnculo  
avistando um ser humano  
ficou todo invocadinho  
botou a boca no mundo  
vai te catar anãozinho

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: vivo entre o crepúsculo e o alvorecer deles não sei o antes e o depois

antipoema

para meu amigo Rodrigo Diaz este antipoema que se insere numa conspiração cósmica  
vivo entre o crepúsculo e o alvorecer  
deles não sei o antes e o depois  
e por que me interessaria o sabê-los  
saber é muito triste  
é um empanturrar-se  
com a ciência do bem e do mal  
o paraíso perdido não me atrai  
eu prefiro o paraíso a encontrar  
esse poeticamente áspero vir a ser  
eis o meu pecado original

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: tento seguir o sol mas as trevas me perseguem

antipoema

tento seguir o sol

mas as trevas me perseguem

minha sombra rasteja atrás de mim

outras sombras se estendem à minha frente

ah se eu tivesse o tamanho da terra

pobres trevas

pobres trevas

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: ah velho joaquim floriano de sorocaba à argentina

antipoema

ah velho joaquim floriano

de sorocaba à argentina

da argentina à sorocaba

quantos burros tu domaste

o que dirias se visses



teu tetra-neto esporeando  
alguns bípedes solípedes  
ah velho joaquim floriano  
esta herança me deixaste  
e vou seguindo teus passos  
quebrando queixos de burros

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: deveis matar os poetas subversivos terríveis

antipoema

deveis matar os poetas  
subversivos terríveis  
são vossos acusadores  
nem vosso pó sobrar  
mas seus versos ficarão  
pois são as armas de aquiles

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: os velhos revolucionários eram poetas podiam ser até canhestros

antipoema

os velhos revolucionários eram poetas  
podiam ser até canhestros  
mas eram poetas  
conheciam todos os romancistas e poetas originais  
depois deles o mundo jamais será o mesmo  
uns filhos de macega apossaram-se da herança dos velhos revolucionários  
começaram mandando romancistas e poetas para o paredão  
e a revolução prometida como paraíso  
transformou-se no inferno  
baniram até o purgatório de dante  
hoje  
os bastardos desconhecem dante  
vivem no purgatório  
confundindo qualquer quinto dos infernos  
com o caminho da libertação  
só a poesia continua revolucionária

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: o poeta é um fingidor

antipoema

o poeta é um fingidor

finge a verdade

finge a mentira

o poeta finge  
poetamos nós

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: jogo no mar esta garrafa e dentro dela a folha em branco

antipoema

jogo no mar esta garrafa  
e dentro dela a folha em branco  
afinal  
o que é um poema  
além de uma folha em branco  
quem a encontrar  
embebede-se  
e devolva os versos a autor

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

antipoema

a pedra no meio do caminho  
tira a pedra  
atira a pedra  
os pais limpam o caminho  
os filhos continuam limpando  
os netos continuarão a obra  
até que no meio do caminho  
só restem poemas

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: mãe vou na tabacaria comprar jornal e já volto

antipoema

mãe  
vou na tabacaria comprar jornal e já volto  
e não voltou jamais  
na tabacaria  
disseram à mãe que o rapaz fora levado à força  
numa veraneio verde  
por uns homens de óculos escuros  
a placa  
estava sem placas  
durante quarenta anos procurou pelo filho  
tudo em vão  
eu queria apenas enterrar meu filho

me enterrem com ele  
foi seu último pedido

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: tanta coisa mudou naquela casa tanta gente morou naquela casa

antipoema

tanta coisa mudou naquela casa  
tanta gente morou naquela casa  
o telhado da casa é diferente  
as janelas também não são as mesmas  
só você não mudou sempre lhe vejo  
debruçada à janela como de antes  
os mesmos olhos tristes de noviça  
esperando um amor que nunca passa  
porque vive nos versos do poeta

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: ontem quando me encontrei com o poema

antipoema

ontem

quando me encontrei com o poema

bestificamo-nos

alta madrugada

ambos bêbados

os dois

saímos pelas ruas lançando versos para todas as mulheres

acabamos presos por perturbação do sossego público

como o mundo é prosaico

meu deus

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: a minha primeira namorada não foi o porquinho-da-índia de manuel bandeira

antipoema

a minha primeira namorada

não foi o porquinho-da-índia de manuel bandeira

como era bonita a minha primeira namorada

alta os cabelos lisos ondeando sobre as costas

os olhos de uma cor indefinível

se chamava maria  
maria de lourdes  
na minha casa existia o quadro de uma outra maria  
chegou a um ponto que eu não sabia  
qual delas era a que pegava nas minhas mãos todas as manhãs  
de segunda-feira a sexta-feira  
nos feriados e nos sábados e domingos  
era eu quem pegava nas mãos de maria  
a maria da parede de minha casa  
tinha muito medo de arder nas chamas do inferno  
mas eu gostava tanto mas gostava tando dela  
que o fogo do inferno deveria ser um paraíso  
não  
um porquinho-da-índia não foi a minha primeira namorada  
ele pegava nas minhas mãos com tanto carinho  
mas com tanto carinho que até hoje  
as mãos dela condizem minhas mãos quando escrevo  
ela jamais soube e jamais saberá disso  
a minha primeira professora foi a minha primeira namorada

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: natal deitado à sombra da pitangueira olhos voltados para o céu

antipoema

natal

deitado à sombra da pitangueira  
olhos voltados para o céu  
vejo  
mais acima  
o ouriço sesteando  
sobre o galho do pinheiro  
gargalham casais de João-de-Barro  
malandro o sabiá exclama pô pô  
de repente  
a saracura escondida entre os galhos  
despenca para se refrescar na sanga  
silenciosamente um tucano  
cruza serpenteando entre os galhos  
e foge sob o ataque dos bem-te-vis  
com um filhote alheio no bico enorme  
natal

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: delicada escultura de marfim o caixãozinho branco da menina

antipoema

delicada escultura de marfim  
o caixãozinho branco da menina  
sobrevive pendurado  
no quadro negro da memória



Data : 13/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: os homens são árvores que devoram árvores e eu caminho no meio dessa floresta escura

os homens são árvores que devoram árvores  
e eu caminho no meio dessa floresta escura

procuro entender e não consigo  
saber como cheguei até aqui

uma coisa apenas descobri  
não há limite pra maldade humana

e infeliz ou felizmente  
eu sou humano

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: minha pátria não está no mapa mundi

antipoema

minha pátria  
não está no mapa mundi  
minha pátria é cinza e pó  
está fora e dentro  
ao mesmo tempo  
é coração

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: ontem quando me encontrei com o poema

antipoema

ontem  
quando me encontrei com o poema  
bestificamo-nos  
alta madrugada  
ambos bêbados  
os dois  
saímos pelas ruas lançando versos para todas as mulheres  
acabamos presos por perturbação do sossego público  
como o mundo é prosaico  
meu deus

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: não me agrada o natal enquanto jesus crescia no ventre de maria

antipoema

não me agrada o natal  
enquanto jesus crescia no ventre de maria  
os romanos festejavam seu rei  
não me agrada o natal  
enquanto José suava na carpintaria  
os romanos sacrificavam seus escravos  
não me agrada o natal  
enquanto jesus espera chegar a belém de judá  
comemoramos com pão e circo  
não me agrada esse natal de pão e circo

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: chamavam de João Maluco na verdade João Pedreiro

antipoema

chamavam de João Maluco  
na verdade João Pedreiro  
sempre de lenço vermelho  
bota bombacha e guaiaca

em vez de um cavalo baio  
andava de bicicleta  
um dia ao voltar de um baile  
com a prenda na garupa  
escorregou e se foi  
seco de ponta cabeça  
e assim terminou a história  
de mais um João que se achava  
o próprio Bento Gonçalves

Data : 12/05/2014

Título : antipoema

Categoria: Poesia

Descrição: eu não leio o poema é simplesmente impossível ler um poema

antipoema

eu não leio o poema  
é simplesmente impossível ler um poema  
ele é quem folheia minhas páginas  
e me revela

Data : 19/03/1998

Título : ANTOLOGIAS REGIONAIS

Categoria: Resenhas

Descrição: Nos dias de carnaval, enquanto a cidade, deixando o quase esquecido título de A Mais Gaúcha do Rio Grande, transbordava de batucadas...

## ANTOLOGIAS REGIONAIS

Nos dias de carnaval, enquanto a cidade, deixando o quase esquecido título de A Mais Gaúcha do Rio Grande, transbordava de batucadas, saltos e rebolados, procurei um prazer mais ameno: recolhi-me à companhia de poetas e outros escritores gaúchos, goianos e piauienses.

O AUTOR PRESENTE - LITERATURA GAÚCHA (Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre), reúne mais de uma centena de poetas e prosadores que, entre 1972 e 1986, participaram do Programa O Autor Presente. Dividida em três seções: Literatura infanto-juvenil, Poemas e Narrativas, a seleta de Léa Masina é representativa do que se vem produzindo literariamente no Rio Grande do Sul das duas últimas décadas.

Universalismo e regionalismo unem-se nas páginas coletadas Léa Masina. Poetas e prosadores díspares entre si estão presentes, mostrando a riqueza e a variedade temática e estilística da literatura sul-rio-grandense contemporânea.

GOIÁS, MEIO SÉCULO DE POESIA (Editora Kelps, Goiânia), de Gabriel Nascentes, encerra cento e tantos poetas daquele Estado central. Encontramos uma polifonia múltipla nos poemas enfeixados pelo antologista do Centro-Oeste, que lhes confere um valor artístico inegável.

Uma característica que une o florilégio goiano à antologia gaúcha é o fato de que a qualidade literária deixa de ser uma propriedade apenas de escritores que se tornaram conhecidos além da província. Há poetas e prosadores ignorados nacionalmente que apresentam uma qualidade não raras vezes igual ou superior a nomes aclamados nos grandes centros. Isso prova que, nas artes, o juízo histórico nem sempre faz justiça.

Assis Brasil, conhecido em todo o País, que vem organizando antologias poéticas de diversos estados, ofereceu-me A POESIA PIAUIENSE DO SÉCULO XX (Fundação Cultural Monsenhor Chaves, de Fortaleza. Imago Editora Ltda., do Rio de Janeiro). Pelo espectro de tempo abrangido, a seleta do escritor piauiense é mais ilustrativa da poesia que se pratica no interior do País. Felix Pacheco, Da Costa e Silva, Mário Faustino e Torquato Neto, enfeixados lado a lado com poetas quase anônimos dão uma mostra de situações não muito diversas de outros estados.

Em par com poetas modernistas, pós-modernistas e da Geração do Mimeógrafo, como o desditoso Torquato Neto, encontramos os longevos Luiz Lopes Sobrinho e Oliveira Neto, que se mantiveram fiéis às formas praticadas no início do século. Assim, não apenas à História da Literatura propriamente dita, mas também à Sociologia da Literatura interessa A POESIA PIAUIENSE DO SÉCULO XX.

Antologistas como Léa Masina, Gabriel Nascente e Assis Brasil prestam um grande serviço à cultura brasileira. Através deles as gerações mais novas têm acesso à contribuição estética dos períodos anteriores, o conhecimento da produção em prosa e verso é alcançado por um número maior de leitores e pode-se auferir a evolução das práticas e gostos literários, a nível dos estados e da Literatura Brasileira.

Do Jornal

O Cidadão Tapejareense

Passo Fundo, de 13 a 19 de março de 1998

Data : 13/01/2009

Título : Ao poeta lírico

Categoria: Poesia

Descrição: olha que tenho marcas de ferros nos pulsos

ao poeta lírico

                  olha  
que tenho marcas  
de ferros nos pulsos  
e nos tornozelos  
não me apertes desse jeito  
mulher  
entre teus braços e pernas  
pois as velhas cicatrizes  
podem romper-se algum dia

                  olha  
que tenho marcas  
de mordanças nos lábios  
na boca e no nariz  
não me beijes desse jeito  
que a noite é longa sombria  
e temos de estar atentos

enquanto os guardas não dormem  
e a ladroagem também

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 16/12/2014

Título : AQUELE QUEBRA-COSTELAS BEM CINCHADITO NO MÁ

Categoria: Crônicas

Descrição: Amigo querido, Paulo Monteiro, desejo-lhe muitas alegrias e realizações neste Natal, no Ano Novo, você realize todos os sonhos.

Amigo querido, Paulo Monteiro, desejo-lhe muitas alegrias e realizações neste Natal, no Ano Novo, você realize todos os sonhos.

O tempo trans-literaliza a memória. O tempo verseja amizades, versifica amigos. No grupo de Denise Ávila, encontrei-me com você, nos posts. Lembra-me que você curtia os meus posts. Amava os seus textos históricos, poemas, mas não comentava. Isto porque você só curtia, esperava comentário seu, queria saber o que pensava e sentia dos poemas, admirava a sua cultura, intelectualidade. Até que num dia me disse: "Vou comentar um post de Paulo Monteiro. Esse "gaúcho de uma figa" vai ter de responder. Comentei, recebi a resposta, e, desde então, sempre o intercâmbio de comentários e reconhecimentos. Fomos construindo nossa amizade dia a dia, fomos nos integrando em sonhos e utopias. Até que um determinado dia num post, você fez um comentário e enviou-me "um quebra-costelas" com muito carinho. Foi num post de História do Rio Grande do Sul. Senti-me orgulhoso por receber de gaúcho o famosíssimo "quebra costelas". A amizade rolando, o respeito, o carinho, o reconhecimento. Do "quebra-costelas" ao "quebra-costelas cinchado", "quebra-costelas cinchadito", "quebra-costelas cinchadito no máximo, quantas estradas percorridas, quantas trilhas andadas nas nossas relações de homens, poetas, escritores, historiador, pesquisador. A amizade acima de tudo. Não me lembra mais com quem comentei no bate-papo: "Gostaria muito de ter os dons e talentos de historiador, pesquisador como Paulo Monteiro. Contaria a história de minha terra-natal. Não possuo este dom. Tudo bem. Mas fico conhecendo as terras gaúchas".

Aqui mesmo neste cumprimento a você pelo Natal e Ano Novo, gostava de escrever como você o faz a nossa história de amizade desde o grupo Vertente... de Denise Ávila, mas a minha memória trans-literaliza, trans-poetisa os acontecimentos.

Paulo Monteiro, sonho com o dia que chegarei aí em Passo Fundo para nos conhecermos, comeremos a costela assada na lenha, o vinho, e muitas histórias, você será o mineiro, contará os "causos". Já pensou, Paulo, ficarmos uma noite inteira batendo-papo. Quê encontro mágico! Uma coisa vou exigir para o nosso encontro: a melhor pinguinha do Rio Grande do Sul.

Querido, muitas alegrias, felicidades, realize todos os sonhos poéticos, reais, junto com os seus familiares, com o neto - sei que você é "vovô babão". Seja muito feliz. Se não o for, vou cobrar de você.

Um quebra-costelas bem cinchadito no más.

Manoel Ferreira.

Data : 01/01/2008

Título : Arca de Noé

Categoria: Artigos

Descrição: A atuação do crítico literário deveria ser melhor avaliada pelos formadores de opinião, desde os bancos escolares até...

Arca de Noé

por Paulo Monteiro

A atuação do crítico literário deveria ser melhor avaliada pelos formadores de opinião, desde os bancos escolares até o círculo intelectuais e os meios culturais populares. Críticos e observadores são raros. Torna-se inexplicável, portanto, a forma omissa da sociedade em valorizar esse trabalho, um sacerdócio intelectual, necessário ao cunho pedagógico questionar que deve ser inculcado em qualquer processo da formação do ser humano.

Nos meios de comunicação em nossa região, ao longo de décadas, Paulo Monteiro foi o grande divulgador da nossa literatura, sempre imerso entre pensadores, historiadores, romancistas, poetas e trovadores, enfim, um errante pelos caminhos alheios. Expõe-se ousadamente. Quando os autores de obras analisadas são consagrados nos meios



literários, Paulo Monteiro não cede á facilidade adesista, que normalmente leva ao aplauso gratuito; nem desloca o vértice orientador de um trabalho. Faz de seus comentários, uma apreciação livre, mas consequente, com invulgar apreço pelos escritores injustamente esquecidos, os incompreendidos e os que não contam com a ajuda da mídia pra propagar a literatura. Franco, preserva olhar justo sobre as centenas de livros que folhou, garimpando preciosidades dentre suas páginas. Nesse aspecto, Monteiro impõe sua coragem. O nosso crítico sabe muito bem que está sendo o primeiro propagador de um trabalho intelectual. E, mesmo que o reconhecimento seja discreto entre a oficialidade literária, prossegue fiel como tem feito há décadas, seu mister de incitar novas descobertas no mundo de sonhos e encontros que é a arte literária.

Ao longo dessa jornada, em suas grandezas de espírito, navegou por muitos mares do saber, reunindo pensadores diferentes, dando sua colaboração para que todos tenham lugar ao sol e possam ser mostrar-se ao público leitor. Com o surgimento das modernas técnicas de comunicação literária, viu soçobrar trabalhos excelentes, engolidos pelas águas do tempo. Veio juntado, um a um, de todas as espécies, numa coletânea diária de lançamentos pesquisando o baú da história.

Não há dúvidas, é um verdadeira timoneiro da arcar salvadora colhendo seres, á tona ou quase submersos, para que não se percam nas águas do tempo.

Somando.

2008

Data : 31/08/2014

Título : Arte e Política

Categoria: Crônicas

Descrição: O mundo está cada vez mais prosaico, no sentido mais triste da expressão. Uma comprovação disso é a inexistência de poesia nas campanhas eleitorais.

O mundo está cada vez mais prosaico, no sentido mais triste da expressão. Uma comprovação disso é a inexistência de poesia nas campanhas eleitorais. Não há mais Poiësis, só ataque puro às pessoas dos adversários.

Apolinário Porto-Alegre reuniu poemas escritos durante a mais longa das revoluções liberais brasileiras: a Revolução Farroupilha, que durou de 1835 a 1845, num belo volume intitulado "Cancioneiro da Revolução de 1835".

Ainda menino, de quatro anos, em 1958, guardei na memória duas quadras populares, cantadas durante a campanha eleitoral às eleições ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Concorriam o coronel da Brigada Militar, Walter Peracchi de Barcellos,

representando as forças conservadoras, e Leonel de Moura Brizola, trabalhista, pelo outro lado.

Candidato dos ricos, Perachi era motivo de elogio por parte dos seus eleitores, que cantavam:

"Lá vai o Perachi  
de Alfa Romeo.  
Atrás, o Brizola  
Lambendo os pneu".

Os defensores da candidatura trabalhista contra-atacavam:

Lá vai o Brizola  
Comendo sardinha.  
Atrás o Perachi  
lambendo as latinha."

Lembre-se que PTB era a sigla do Partido Trabalhista Brasileiro, de Brizola. Até hoje "PTB" é sinônimo de dinheiro de pouco valor. Brizola era, pois, o candidato da pobreza.

"Mudam-se os tempos, mudam-se as virtudes", já dizia o velho Camões. E, muitas vezes, mudam para pior.

Data : 31/07/2005

Título : Arte para ser vista e vivida

Categoria: Artigos

Descrição: "A Arte tem de deixar de ser vista apenas como ornamento, para ter um compromisso com ...

Arte para ser vista e vivida

SANDRA KELLER RORATO

Sandra Keller Rorato nasceu em Carazinho, a 14 de novembro de 1964. Seu avô materno, Emi Roese, era maestro e violinista; seu pai faz artesanato por vocação.

Apesar de crescida na cidade, diz ela: "tive tudo o que uma criança nos dias de hoje não tem. Tive natureza, pátio, rua vazia, guerrinha de laranja, andava de carrinho de lombo, subia muito em árvore. Sinto que meus filhos, Nathália, com 12 anos, e Eduardo, com seis anos, não tenham uma infância que nem a minha".

Uma vizinha de Sandra, que era artista plástica e professora de artes plásticas, passou a usá-la como modelo vivo. Isso fez com que ela se interessasse por desenho. Depois, quando cursava o ensino médio, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, de sua cidade natal, passou a fazer teatro e desenhar, inclusive a trabalhar como desenhista decorativa. "Eu fazia decoração, planejava interiores e gostava muito da professora Ilse Ana Piva Paim, que lecionava História da Arte e Pintura e me orientou muito. É uma grande artista".

Entre 1982 e 1985, Sandra fez bacharelado em Desenho e Plástica, na Universidade de Passo Fundo, com licenciatura plena, mas não se dedicou ao magistério, e sim aos trabalhos de decoração de interiores e pintura.

Sandra Keller Rorato participou de diversos cursos e seminários, de 1982 até hoje, e desde 1987 tem estado presente em mostras e exposições em diversas partes do Estado.

Em Passo Fundo, onde passou a residir, continuou seu labor de desenhista e projetista e responsabilizou-se pela manutenção do Acervo Yázigí. Dedicou-se ainda ao ensino de crianças de pré-escola. Desde 2003, como professora estadual, leciona Educação Artística, em nível de ensino médio, aos alunos do NEEJA - Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos. "Tive sorte de pegar o NEEJA - conta Sandra -, onde o aluno tem mais uma necessidade da educação do que uma continuidade, como

os jovens do currículo regular encaram sua vivência escolar. Por já ter uma experiência como "autônoma", eu tinha uma visão diferente da educação tradicional, que corta a criatividade do aluno. Como O NEEJA trabalha com a interdisciplinaridade, me ajudou a ampliar meus horizontes".

Sandra tem uma visão muito clara da Arte. "A Arte tem de deixar de ser vista apenas como ornamento, para ter um compromisso com a vida das pessoas e da humanidade. As pessoas, porém, precisam mudar a visão com relação à Arte, pois a arte contemporânea pode ser transformada e, dependendo do local em que seja posicionada, muda a sua leitura. Antes a obra de arte era só para ser vista, hoje é para ser vista e vivida".

Sandra entende que, como professora de Educação Artística, através de uma educação estético-visual, tem meios de possibilitar a educação para a cidadania, valorizando o sujeito e elevando sua auto-estima, para que se valorize e cresça individualmente. A maioria de seus alunos nunca entrou num museu. "Trouxe eles para conhecerem o Museu Ruth Shneider e ficaram maravilhados".

Falando de sua arte, assegura: "Prefiro uma arte abstrata, utilizando sucatas, especialmente restos de marcenaria, colados e pintados sobre MDF".

(PAULO MONTEIRO).

Da revista

## Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2012

Título : Arthur Caetano: um líder passo-fundense esquecido

Categoria: Resenhas

Descrição: “A história é escrita pelos vencedores”. Arthur Caetano, deputado estadual e federal eleito pelos passo-fundenses, na década de 1920, comprova a veracidade da conhecida máxima.

### PAULO MONTEIRO

“A história é escrita pelos vencedores”. Arthur Caetano, deputado estadual e federal eleito pelos passo-fundenses, na década de 1920, comprova a veracidade da conhecida máxima. Seu nome foi varrido da história local e tornou-se de todo desconhecido. Arthur Ferreira Filho, autor da clássica *Revolução de 1923* (Oficinas Gráficas do Departamento de Imprensa Oficial do Estado, Porto Alegre, 1973), não o inclui entre os “chefes”, e até minimiza a importância do parlamentar, definindo-o, à página 23 da edição citada, apenas como “o Deputado Arthur Caetano, que se encontrava entre os rebeldes, incitando-os à luta (...)”.

Quando a reeleição de Borges de Medeiros foi aprovada pela Assembleia Legislativa, a 24 de janeiro de 1923, Arthur Caetano já abandonara o parlamento rio-grandense. Retornara a Passo Fundo e, no dia seguinte, como conta Mem de Sá, à página 58 de *A Politização do Rio Grande* (Edições Tabajara, Porto Alegre, 1973) “levanta em Carazinho, distrito de Passo Fundo, uma improvisada e precária coluna de gaúchos e proclama a Revolução.

Sem armas, sem recursos, apenas, em sua maior parte, com lanceiros, cujas lanças eram formadas por tesouras de tosar ovelhas, amarradas a um pau ou vara firme, saiu a campo conclamando a gauchada para a guerra. O movimento, apesar de todos os pesares e de todos os óbices, dificuldades e empecilhos, propagou-se como um lastro de pólvora pelos quatro cantos do Estado. As colunas brotavam do solo ao mesmo brado, com o mesmo ímpeto, impregnadas do mesmo desespero. (...)”.

Batista Lusardo, companheiro de Arthur Caetano, tanto na Revolução quanto no Parlamento, confirma, no primeiro volume de Lusardo, *O Último Caudilho* (Editora Nova

Fronteira, Rio de Janeiro, 1977, p. 138): “A 24 de janeiro de 1923, o grito inicial da revolução era proferido em Passo Fundo por Artur Caetano, que antecipou em algumas horas a combinação feita com Lusardo e Correia, no Rio de Janeiro”. Adalberto Correia, chefe político de Quaraí e Santana do Livramento, e Batista Lusardo, líder federalista de Uruguaiana e Alegrete, que acertaram um levante conjunto com os passo-fundenses, não conseguiram cumprir o acordo, mesmo assim os serranos honraram a palavra. Sob o comando extremado de Arthur Caetano, acenderam “o lastro de pólvora” revolucionário.

Arthur Caetano cumpria o que prometeu em discurso de 13 de dezembro de 1922, transcrito por Hégio Trindade, às páginas 200 e 201 de Poder Legislativo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul, 1991-1937 (Sulina, Porto Alegre, 1980):

“Se o ditador persistir na sua decisão de tyrannizar o Rio Grande, por um quinquênio mais, havemos de nos opor com as armas na mão”.

Terminada a Revolução, por ele iniciada, é eleito para a Câmara dos Deputados. Lá continuou combatendo aquilo que chamava de “tyrannia”: a concentração de poderes numa única pessoa. Deixou um registro de sua atuação parlamentar, no livro O Povo contra a Tyrannia, discursos parlamentares, do qual saíram quatro edições pela Empresa Editora Rochéa, de São Paulo, em 1925. Trata-se de discursos, onde discute a situação nacional, ilustrativo sobre as ligações dos revolucionários libertadores com os movimentos tenentistas.

Debate com Getúlio Vargas, Lindolfo Collor, Júlio Prestes e outros deputados de nomeada.

Os discursos onde minudenciou as violências cometidas pelos borgistas locais, dormem ainda nos Anais da Câmara dos Deputados. Como político e advogado militante ele conhecia muito bem todos os aspectos dessas atrocidades, que iam desde o incêndio da sede do Partido Libertador, em Passo Fundo, ao massacre de posseiros na Fazenda Sarandi. Sobre este assunto, a 25 de outubro, debate com Lindolfo Collor e Paim Filho (O Povo contra a Tyrannia, discursos parlamentares, 2ª Edição, Editora Rochéa, São Paulo, páginas 52 a 53). “A fazenda do Sarandi constitui, hoje, um poderoso latifúndio nas mãos dos irmãos Lapidos, castelhanos audaciosos, que se envolvem na política do Rio Grande. São grandes credores da municipalidade de Passo Fundo, e têm, na República do Uruguai, na cidade de Montevidéu, uma folha, A Tribuna Popular, onde, seguidamente são atassalhados os meus correligionários políticos”, escreve às páginas 53 e 54.

Casado com uma paulista, Arthur Caetano tinha profundas ligações com próceres da Pauliceia, onde exerceu o jornalismo. Nota-se, com a leitura dos seus discursos parlamentares, que era um elemento de ligação entre os libertadores exaltados e os tenentistas. Reafirma convicções liberais e parlamentaristas, identificando-se com as forças tenentistas, representantes dos setores que defendiam a modernização da economia brasileira. O apoio que presta às ações políticas da Revolução de 30 se materializa no apoio a Getúlio Vargas e no seu retorno a Passo Fundo, em 1933, para enfrentar seus velhos adversários borgistas. Estes, os mais aferrados aos princípios do castilhismo positivista, sempre se opuseram a políticas liberalizantes.

Tudo isso fez com que os vencedores, em nível local, ao escreverem a história, esqueceram, deliberadamente, a personalidade contestadora de Arthur Caetano, o homem que acendeu o rastilho revolucionário de 1923.

Data : 01/01/2008

Título : Artigos Literários Reunidos

Categoria: Artigos

Descrição: Este levantamento de artigos escritos, em sua maioria, sobre temas literários, especialmente sobre livros, não é exaustivo.

Arca de Noé

(Artigos Literários Reunidos)

Paulo Monteiro

Este levantamento de artigos escritos, em sua maioria, sobre temas literários, especialmente sobre livros, não é exaustivo.

Nem todos os artigos editados conseguiram ser reunidos. Muitos deles jazem esquecidos em coleções de jornais; outros podem estar definitivamente perdidos, pois não se encontraram exemplares dos periódicos em que foram publicados e o Autor não guardou seus originais.

A “Cristianização” do Capitalismo, resenha Obra Social e Política de Alberto Pasqualini (4 volumes), organizada pelo senador Pedro Simon, in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 3 de março de 1995;

A “Unidade das Oposições”, sobre a proposta de manter as oposições ao regime militar unidas em torno de um único partido, in A Voz Trabalhista, Passo Fundo, fevereiro de 1981;

A Batalha do Pulador, sobre o combate acontecido no dia 24 de junho de 1894, no interior de Passo Fundo, durante a Revolução Federalista, in O Cidadão, Passo Fundo, 14 de julho de 2001; O Nacional, Passo Fundo, 18 de julho de 2001;

A Biografia de Ademar Tavares, resenha Ademar Tavares: Um Trovador ao Luar (Biografia e Antologia), de Eno Teodoro Wanke, in O Cidadão, Passo Fundo, 31 de outubro de 1997;

A Caneta e o Divã, resenha Escrever a Clínica, de Renato Mezan, in O Cidadão, Passo Fundo, 28 de agosto de 1998;

A Coleção Filosofia da EDIPUCRS, sobre a Coleção Filosofia da Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, in O Cidadão, Passo Fundo, 6 de junho de 1998;

A Conspiração Ocultista, resenha A Conspiração Ocultista: A história secreta dos místicos, templários, maçons e das sociedades ocultistas, de Michael Howard in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 31 de agosto de 1994;

A Crítica Literária de Wilson Martins, resenha Pontos de Vista IV (Crítica Literária), de Wilson Martins, in Diário da Manhã, 20 de junho de 1993;

A Crítica Literária Gaúcha, resenha A Crítica Literária no Rio Grande do Sul: Do Romantismo ao Modernismo, de Carlos Alexandre Baumgarten, in O Cidadão, Passo Fundo, 14 de fevereiro de 1997;

A Formação dos Intelectuais, sobre o livro Os Intelectuais e a Organização da Cultura, de Antonio Gramsci, in Diário da Manhã, Passo Fundo, ?;

A Insurreição Comunista de 1935, resenha A Insurreição Comunista de 1935: Natal – O Primeiro Ato da Tragédia, de Homero Costa, in O Cidadão, Passo Fundo, 28 de junho de 1996;

A Lírica de Safo, resenha Variações Sobre a Lírica de Safo: Texto Grego e Variações Livres, de Joaquim Brasil Fontes, in O Cidadão, Passo Fundo, 9 a 16 de outubro de 1998;

A maldição do Monge, trata-se de uma lenda passo-fundense inédita, O Nacional, Passo Fundo, 15 de abril de 2005, p. 4.

A Obra Completa de Lila Ripoll, in O Cidadão, Passo Fundo, 2a. quinzena de maio de 1999, O Liberal, Americana, 6 de julho de 1999;

A Obra Teológica de Robson Rodovalho, resenha os livros Senhor! Ajuda-me a Orar, Avivamento Hoje e Quebrando as Maldições Hereditárias, de Robson Rodovalho, in O Cidadão, Passo Fundo, 30 de dezembro de 1997;

A Oratória Parlamentar, resenha No Senado, de Paulo Brossard de Souza Pinto, in Revista Hoje, Passo Fundo, 31 de maio de 1986;

A Originalidade Poética de Alexei Bueno, resenha Poemas Reunidos, de Alexei Bueno, in O Cidadão, Passo Fundo, 2 de setembro de 1998;

A Patrística em Português, sobre a Coleção Patrística, da Editora Paulus, resenha os volumes dedicados a Justino de Roma e Irineu de Lião, in O Cidadão, Passo Fundo, 1o. de dezembro de 1995;

A Persistência da Métrica, resenha os livros Pétalas Aladas, de Alberto Isaías Ramires, Chuva Lirial de Trovas, de Henny Krpf, Sonetos e Trovas, de Hildemar de Araújo Costa e Fragmentos do Amor Maior, de Belmiro Ferreira, in O Cidadão, Passo Fundo, 17 de julho de 1998;

A Responsabilidade Política (texto publicado sem assinatura), Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de setembro de 2005, p. 2.

A Revogabilidade de Mandato (texto publicado sem assinatura), Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de outubro de 2005, p. 2.

A Revolução de Minas, transcrição quase integral de artigo sobre a “Inconfidência Mineira” publicado no Jornal da Tarde (de Passo Fundo), em setembro de 1975, Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 30 de abril de 2005, pp. 7, 7 e 8.

A Sogra de Josias, resenha A Sogra de Josias, de José Calegaro, in O Nacional, Passo Fundo, 30 de junho de 1974;

A Superfície das Águas, resenha A Superfície das Águas, de Hilda Simões Lopes, in O Cidadão, Passo Fundo, 21 de março de 1997;

A Teoria dos Pactos, resenha Cristo dos Pactos, de O. Palmer Robertson, in O Cidadão, Passo Fundo, 16 a 23 de outubro de 1998;

A vara e os livros, agradece a sua mãe que agonizava no Hospital São Vicente de Paulo de Passo Fundo por ter contribuído para que o autor seja um amante dos livros, in O Cidadão, Passo Fundo, 25 de abril de 1997;

A Vitória do Real, resenha O Real na Estrada, de Francisco Graziano, in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 15 de março de 1995;

A Vitória dos Vencidos, resenha A Vitória dos Vencidos, de Jean Ziegler, in O Cidadão, Passo Fundo, 12 de abril de 1996;

A Vitória Final, resenha A Vitória Final: Uma investigação exegética do Apocalipse, de Stanley M. Horton, in O Cidadão, Passo Fundo, 20 de outubro de 1995;

Academia Passo-Fundense de Letras: Prédio consome recursos públicos há mais de 40 anos, Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 30 de agosto de 2005, pp. 6 e 7.

Acadêmico Edy Isaías (1933/2001), sobre a vida e a obra do jornalista Edy Isaías, in Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), dezembro de 2003.

Adrião Neto – Modelo Piauiense, analisa o trabalho literário de Adrião Neto, in O Liberal, Americana, 3 de junho de 1999, Jornal Rotta, Passo Fundo, 12 de junho de 1999, Diário do Povo, Teresina, 23 de outubro de 1999, O Dia, Teresina, 26 de outubro de 1999, Sítio Literário (Jornal da Academia de Letras das Sete Cidades), Piauí, 21 de abril de 2001;

Alguns poetas passo-fundenses, com dados biográficos e poemas de Antonino Xavier, Gabriel Bastos, Antônio Donin, Gomercindo dos Reis, André Pithan, Severino Ronchi e Tenebro dos Santos Moura, in Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), abril de 2004.

Anistia para Bocage, a Última Vítima da Inquisição II, sobre a censura sofrida pelo poeta português Manoel Maria Barbosa du Bocage, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de fevereiro de 2004.

Anistia para Bocage, a Última Vítima da Inquisição, sobre a censura sofrida pelo poeta português Manoel Maria Barbosa du Bocage, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de janeiro de 2004.

Antologias Regionais, resenha O Autor Gaúcho Presente Literatura Gaúcha, de diversos autores, Goiás, Meio Século de Poesia, de Gabriel Nascentes e A Poesia Piauiense do Século XX, de Assis Brasil, in O Cidadão Tapejarense, Tapejara, 18 de março de 1998;

As Décimas de Algacir Costa, resenha Décimas, de Algacir Costa, in O Cidadão, Passo Fundo, 11 de outubro de 1996;



As Fadas Vivem, resenha Sete Faces do Conto de Fadas, de diversos autores, A Fada Desencantada, de Eliane Ganem, e No País das Fadas de H. G. Wells, in Diário da Manhã, Passo Fundo 08 a 10 de janeiro de 1994;

As origens da Academia Passo-Fundense de Letras, julho de 2004, sobre a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, in Somando, Passo Fundo.

As Palavras Essenciais, resenha diversos livros publicados pelas editoras Fiel, Êxodus e Candeia, in O Cidadão, Passo Fundo, 18 de julho de 1997;

As Raízes do Catolicismo, resenha Será Mesmo Cristão o Catolicismo Romano, de Hugh P. Jeter e Catolicismo, de Adelson Damasceno dos Santos, in O Cidadão, Passo Fundo, 10 de outubro de 1997;

As Raízes do Pensamento Moderno, sobre a Coleção Pensamento Franciscano da EDIPUCRS, Jornal Rotta, Passo Fundo, 15 a 31 de março de 2004.

As Razões do Sofrimento, resenha Por Que As Pessoas Sofrem?, de James Jones, in O Cidadão, Passo Fundo, 27 de junho de 1997;

As Trovas de Eno Theodoro Wanke, resenha Trovas, de Eno Theodoro Wanke, in Jornal Rotta, Passo Fundo, março de 2001;

Assembléia Gaúcha Publica Perfis Parlamentares, resenhando o volume dedicado a Getúlio Vargas, in O Cidadão, Passo Fundo 10 a 16 de abril de 1998;

Atualidade da Filosofia, sobre o livro Princípios Fundamentais de Filosofia, de Georges Politzer, in Diário da Manhã, Passo Fundo, 8 de dezembro de 1992;

Atualidade de Alberto Pasqualini, publicado sob a forma de folheto em setembro de 2004 e, dividido em três partes, alguns meses depois no jornal Correio de Notícias, de Passo Fundo.

Autonomia, Federalismo e Centralismo, resenha A Questão Nacional e a Autonomia, de Rosa Luxemburg, in O Cidadão, Passo Fundo, 3 de novembro de 1995;

Bandidos e Santos, resenha Belo Monte: Uma História da Guerra de Canudos, de José Rivair Macedo e Mário Maestri e Frei Damião: O Santo das Missões, de Gildson Oliveira, in O Cidadão, Passo Fundo, 19 de dezembro de 1997;

Best-seller Sobre fim de Casamento, resenha Casamento: Término e Reconstrução, de Maria Tereza Maldonado, in O Cidadão, Passo Fundo, 15 de março de 1996;

Bíblia de Estudo Pentecostal, resenha Bíblia de Estudo Pentecostal, Almeida Revista e Corrigida, com notas de Donald C. Stamps, in O Cidadão, Passo Fundo, 5 de janeiro de 1996;

Bíblia Hebraica Está Saindo em Português, resenha Chumash com Comentários de Raschi, in O Cidadão, Passo Fundo, 4 de abril de 1996;

Brasis Literários, sobre o trabalho editorial desenvolvido por intelectuais nos mais diferentes pontos do território brasileiro, in O Nacional, Passo Fundo, 31 de outubro de 2000;

Breve história da Carta-Testamento de Getúlio Vargas, historia o processo de escrita da Carta-Testamento de Getúlio Vargas, in O Nacional, Passo Fundo, edições de 24 e 25 de agosto de 2004.

Burra Preta, resenha Burra Preta com Uma Lágrima, de Álamo de Oliveira, in Jornal Rotta, Passo Fundo, maio de 1999;

Cacimba de Fogo, resenha de Cacimba de Fogo, de Cavalheiro Lima, in Jornal Rotta, Passo Fundo, junho de 2001;

Caixeiral Campestre Tênis Clube 1901/2001 – Cem Anos de História, resenha Caixeiral Campestre Tênis Clube – Cem Anos de História, de Ney Eduardo Possapp d'Ávila, in Diário da Manhã, Passo Fundo, 26/27 de maio de 2001; O Nacional Passo Fundo, 26/27 de maio de 2001;

Caminheiro da Poesia, resenha Reflexões do Caminho, de António Zoppi, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 18 de março de 1999, e in O liberal, Americana, 8 de abril de 1999;

Camões Homenageia Saramago, sobre o número que a revista Camões dedicou ao escritor José Saramago, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 8 de abril de 1999;

Capitão Caraguatá (1912-1992), sobre a vida e a obra do poeta passo-fundense Vasco Mello Leiria (Capitão Caraguatá), in O Cidadão, Passo Fundo, 31 de maio de 2001;

Cara a Cara com as Drogas, resenha Cara a cara com as Drogas, de Caho Lopes, in O Cidadão, Passo Fundo, 6 de setembro de 1996;

Cartas Marcadas, resenha O Sol Crucificado, de Assis Brasil, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 3 de março de 1999;

Cidadania e Eleições, resenha Como Não ser Enganado nas Eleições, de Gilberto Dimenstein, in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 31 de maio de 1994;

Clássicos Brasileiros, resenha Contos Escolhidos, de Artur Azevedo, e comenta o lançamento de livros a preços baixos, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 26 de maio a 8 de junho de 2003;

Clássicos Catarinenses, resenha Poesia Completa, de Cruz e Souza, Vida Salobrae Bulha d'Arroio, de Tito de Carvalho, in O Cidadão, Passo Fundo, 23 de agosto de 1996;

Clássicos em Edições Críticas, resenha Obras Poéticas, de Basílio da Gama e Odisséia, de Homero, traduzida por Odorico Mendes, in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de novembro de 1997;

Clima e Literatura, sobre a presença do clima na literatura, Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 30 de abril de 2004.

Coleção Myer Pearlman, resenha Atos: E a Igreja se Fez Missão e Salmos: Orando A com os Filhos de Israel, de Meyer Pearlman, in O Cidadão, Passo Fundo, 15 de novembro de 1996;

Comentários aos livros Bíblicos, resenha Como ler o Apocalipse: Resistir e Denunciar, de José Bortolini, Marcos: O Evangelho do Servo de Jeová e Mateus: O Evangelho do Grande Rei, de Myer Perlman, e Coríntios Fala Hoje: Comentário Exegético de I Coríntios, de A. Ben Oliver, in Jornal da Cidade, 24 de maio de 1995;

Como Agir, resenha Por que Agimos Como Agimos, de Tim LaHaye, in O Cidadão, Passo Fundo, 20 de setembro de 1996;

Continente Sul Sur, comenta a revista CONTINENTE SUL SUR, IN o Cidadão, Passo Fundo, 13 de dezembro de 1996;

Conversas no Consultório, resenha Conversas no Consultório: uma análise científica dos mitos, preconceitos, dúvidas, crenças e falsas idéias sobre doenças, de José Soares Hungria Filho, in O Cidadão, Passo Fundo, 12 de janeiro de 1996;

Crime de Estado, resenha Crime de Estado, de Jacinto Rego de Almeida, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 30 de abril de 1999;

Crime e Leitura, resenha de Estação Carandiru, de Drauzio Varella, in Jornal Rotta, Passo Fundo, julho de 2001;

Crônicas Interioranas, resenha Milan Miragem e Árvore dos Sussurros, de Jorge Alberto Salton, in O Cidadão, Passo Fundo, 22 de dezembro de 1995;

Defenda-se dos Bancos, resenha Defenda-se dos Bancos, de Edgar Oliveira Garcia, in O Cidadão, Passo Fundo, 14 de agosto de 1998;

Depoimento Sobre o Brasil Contemporâneo, resenha Revoluções da minha geração, de Herbert de Souza (Betinho), Depoimento a François Bougos, in O Cidadão, Passo Fundo, 29 de novembro de 1996;

Depressão e Desvios Sexuais, resenha Caminhos da Libertação: como vencer os maus pensamentos, carências afetivas, fantasias e compulsões sexuais, de Neil T. Anderson, e Livrando-se da Depressão, de Sue Atkinson, in O Cidadão, Passo Fundo, 17 de janeiro de 1997;

Dia do Município é 28 de janeiro e não 7 de agosto, sobre a verdadeira data em que foi criado o Município de Passo Fundo, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de junho de 2005, p. 6.

Dia Municipal do Escritor e Literatura Local, sobre o Dia Municipal do Escritor, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de abril de 2004.

Dialética e Futuros Contingentes, resenha Dialética Para Principiantes, de Carlos Cirne-Lima, in O Cidadão, Passo Fundo, 17 de outubro de 1997;

Diálogo com Deus, resenha Diálogo com Deus: Introdução à "Lectio Divina", de D. García M. Colombás, MB, in O Cidadão, Passo Fundo, 1o. de novembro de 1996;

Dicionário Teológico, resenha Dicionário Teológico: Com definições Etimológicas e Locuções Latinas, de Claudionor Corrêa de Andrade, in O Cidadão, Passo Fundo, 30 de dezembro de 1996;

Do Outro Lado da Vida, resenha Voltando da Morte, de Margot Grey e Fatos Sobre a Vida Após a Morte, de John Ankerberg e John Weldon, in O Cidadão, Passo Fundo, 24 de outubro de 1997;

Dois Bons livros de Teologia, resenha Teologia do Novo Testamento, de George Elson Ladd, e Teologia Prática no Contexto da América Latina, organizado por Christoph Shneider-Harpecht, in O Cidadão, Passo Fundo, 9 de junho de 1998;

Dois Clássicos da Política, comenta os relançamentos de A Província, de Aureliano Cândido Tavares Bastos, e Oração aos Moços, de Rui Barbosa, in O Cidadão, Passo Fundo, in O Cidadão, Passo Fundo, 25 de julho de 1997;

Dois Estudos Sobre Erico Veríssimo – I, resenha os livros Incidentes Narrativos – Antares e a Cultura de Massa, de Eliana Pibernat Antonini e A Gênese de Incidente em Antares, de Márcia Ivana de Lima e Silva, in Jornal Rotta, Passo Fundo, abril de 2001;

Dois Estudos Sobre Erico Veríssimo – II, continua artigo anterior, in Jornal Rotta, Passo Fundo, maio de 2001;

Dois Inéditos Gaúchos, resenha A Teoria da Bengalada, de Ernani Fornari (1899/1964) e Major Cantalício: Vidinhas da Província, de Reynaldo Moura (1900/1965), in Jornal Rotta, Passo Fundo, maio de 2002; O Nacional, 4 de junho de 2002;

Dois Jubileus Esquecidos, lembra os lançamentos de A Trova (1973) e O Trovismo (1978), de Eno Theodoro Wanke, in O Cidadão, Passo Fundo, 21 a 28 de novembro de 1998; O Liberal, Americana, 12 de fevereiro de 1999;

Dois Livros de Eno Theodoro Wanke, resenha Aparício Fernandes – Trovador e Antologista e À Sombra dos Versos em Flor, Poesia Completa, Vol. I, de Eno Theodoro Wanke, in O Nacional, Passo Fundo, 14 de junho de 2000; O Liberal, Americana, 20 de junho de 2000;

Dois Livros Sobre Comunicação, resenha Televisão: Falando Francamente a Respeito, de Antônio Tadeu Ayres, e Manual de Comunicação: Como Usar os Meios de Comunicação em Grupos, elaborado por ECO, Educación y Comunicaciones, in O Cidadão, Passo Fundo, 6 a 12 de fevereiro de 1998;

Dois romancistas Passo-Fundenses, estudando a obra romanesca de Jurandyr Algarve e Jorge Edeth Cafruni, in Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), dezembro de 2003.

Dois Sonetos Brancos de Paulo Monteiro, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 31 de março de 2005.

Dons Espirituais e Homilética, resenha Descubra Seus Dons Espirituais, de C. Peter Wagner, e Como Preparar Sermões, de Anísio Batista Dantas, in O Cidadão, Passo Fundo, 10. de setembro de 1995;

Duas Poetisas, resenha Falta uma Folha no Trevo, de Maria Gaspar de Oliveira e analisa a obra poética de Sirlei Maria Davi, in O Nacional, Passo Fundo, 4 de março de 1985;

É preciso re-evolucionar a educação, entrevista com o Dr. Aventino Alfredo Agostini, Jornal Rotta, Passo Fundo, 02 a 20 de novembro de 2005, pp. 6 e 7.

Edições Missionárias, destaca o trabalho editorial de Luiz Henrique Borck, in O Cidadão, Passo Fundo, 4 de julho de 1997;

Editora Moderna Investe na Polêmica, resenha O Universo: Teorias Sobre sua Origem e Evolução, de Roberto de Andrade, A Ciência Através dos Tempos, de Attico Chassot, Engenharia Genética: O Sétimo Dia da Criação, de Fátima Oliveira, Ética e Cidadania, de Herbert de Souza, e Uma Epopéia Brasileira: A Coluna Prestes, de Anita Leocárdia Prestes, in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de agosto de 1995;

El Viejo Engaño de la Nueva Era, resenha El Viejo Engaño de la Nueva Era, de diversos autores, in O Cidadão, Passo Fundo, 27 de março de 1997;

Encontros Impossíveis, resenha Procura Eterna, de Jair Pedroso da Silveira, in O Cidadão, Passo Fundo, setembro de 1997;

Escritores da Fronteira, resenha Sant'Ana do Livramento: Corpo e Alma, da Academia Santanense de Letras, in O Cidadão, Passo Fundo, 13 de junho de 1997;

Escritores mirins de Passo Fundo, resenha livros escritos por alunos da Escola Menino Jesus de Passo Fundo, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 31 de maio de 2004.

Escritura Conquistada, resenha Escritura Conquistada: Diálogos com Poetas Latino-americanos, de Floriano Martins, in O Cidadão, Passo Fundo, 14 a 21 de novembro de 1998;

Estrychnina, resenha Estrychnina (1887), de Mário Ribeiro Totta (1874-1947), José Paulino de Azurena (1860-1909) e José Carlos de Souza Lobo (1875-1935), in Jornal Rotta, Passo Fundo, 20 de janeiro de 1999;

Estudos Sobre a Crise do Leste, resenha Reflexões Sobre a Desintegração do Comunismo Soviético, organizado por Pedro Vicente Sobrinho, com textos de Oleg Tsukânov, Celso Frederico e Rubens Pinto Lira, in O Cidadão, Passo Fundo, 16 de agosto de 1996;

Euclides da Cunha e Afonso Arinos, sobre o centenário de publicação de Os Sertões (1902), de Euclides da Cunha, em comparação com Os Jagunços (1898), de Afonso Arinos, in O Nacional, Passo Fundo, 21 de maio de 2002; O Cidadão, Passo Fundo, 22 de maio de 2002;

Forense Reedita Kant e Saraiva se Preocupa com a Saúde, resenha Crítica da Faculdade do Juízo, de Immanuel Kant, Maiores de 40: Guia de Viagem para a Vida, de Maria Tereza Maldonado e Alberto Goldon, e Beleza, Saúde e Bem-Estar, de Rolando Zani, in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de junho de 1995;

Geny Araújo Rebechi, Exemplo de Educadora, in O Nacional Passo Fundo 2 de janeiro de 2003;

Getúlio Vargas e seu Tempo, resenha Getúlio Vargas e o seu Tempo: um retrato com luz e sombra, de Fernando Jorge, Jornal da Cidade, 31 de outubro de 1994;

Gomercindo dos Reis: Um Centenário Esquecido, lembra a passagem do centenário de nascimento do poeta, panfletário e jornalista passo-fundense Gomercindo dos Reis (4 de fevereiro de 1898 a 11 de outubro de 1965), in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de agosto de 1998;

Há Cem Anos Morria o Cisne Negro, sobre o centenário de falecimento de Cruz e Souza, in O Cidadão, Passo Fundo, 20 a 26 de março de 1998;

Há Cem Anos Morria Silveira Martins, sobre o centenário de falecimento de Gaspar da Silveira Martins (1834/1901), in O Cidadão, Passo Fundo, 23 de julho de 2001; O Nacional, 24 de julho de 2001;

Há cinquenta anos ele saiu da vida para entrar na História, sobre os cinquenta anos da morte de Getúlio Vargas, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 1 a 15 de agosto de 2004.

Halloween – “O Dia das Bruxas”, sobre o Halloween, comemorado a 31 de outubro, Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 de outubro a 10. De novembro de 2005.

História da Inteligência Brasileira, resenha História da Inteligência Brasileira (Volumes II e III), de Wilson Martins, in O Cidadão, Passo Fundo, 6 de dezembro de 1996;

História do Cone Sul, resenha O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados na Bacia do Prata: Da Colonização à Guerra da Tríplice Aliança e Estado nacional e Política Nacional na América Latina: O Continente nas Relações Argentina-Brasil (1930-1992), de Moniz Bandeira, in O Cidadão, Passo Fundo, 26 de janeiro de 1996;

História do Fim do Mundo, resenha O mistério das sete estrelas, de Hans Schwarz, in O Cidadão, Passo Fundo, 6 de junho de 1997;

Homens de Negócios Editam Livros, resenha O Povo mais Feliz da Terra, de Demos Shakarian e Quebre a Cadeia da Maldição Hereditária, de Marilyn Hickney; in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 15 de abril de 1995;

Idéias Políticas de Quintino, resenha Idéias Políticas de Quintino Bocaiúva (2 volumes), in Revista Hoje, s/d, (1987?);

Igreja dos Pobres, resenha O Grito dos Pobres na Cidade, de Viv Grigg, in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 30 de janeiro de 1995;

Igreja, História, Fé e Meta-História, resenha Igreja: Forma e Essência: O Corpo de Cristo Pelos Ângulos das Escrituras, da História e da Cultura, de Gene A. Getz, Ultrapassando Barreiras: Novas Opções Para a Igreja Brasileira na Virada do Século XXI, de diversos autores, O Poder da Fé, do Pr. Jonathan F. Dos Santos, e Meta-História: A História por trás da Salvação, Sai de Deus e Liberdade Humana, de Rubem M. Amorese, O Cidadão, Passo Fundo, 30 de junho de 1995;

Igrejas que Crescem, resenha Igrejas Amigáveis e Acolhedoras, de George Barna, e Dinamizando a Igreja Para Cumprir a Grande Comissão, de José Miguel Aguilera, in O Cidadão, Passo Fundo, 19 de janeiro de 1996;

Jesuítas e Guaranis, resenha Reduções Jesuíticas dos Guaranis, de Moacyr Flores, in O Cidadão, Passo Fundo, 15 de agosto de 1997;

Jornalismo e Política, resenha A Campanha Abolicionista: Coletânea de artigos de José do Patrocínio, in O Cidadão, Passo Fundo, 30 de maio de 1997;

Jornalismo Literário – Um Depoimento, in O Cidadão, Passo Fundo, 30 de abril de 2001;

Jovens Trabalham Pela Cultura, historia o Grupo Literário “Nova Geração”, in Diário da Manhã, Passo Fundo, 28 de novembro de 1975;

JUERP Lança bons Livros, resenha Discipulado Espiritual, de Oswald Sanders, Este é o Caminho: Respostas a Questões Fundamentais da Vida Cristã, de Deodor Taets, e O que não me Disseram Quando me Converti, de Verne Becker, Tim Stafford e Philip Yancey, in O Cidadão, Passo Fundo, 31 de maio de 1996;

Juristas da Atualidade, resenha A Arquitetura Internacional dos Direitos Humanos, de José Augusto Lindgren Alves e Constituição e Estado Democrático, de José Renato Nalini, in O Cidadão, Passo Fundo, 19 de junho de 1998;

Justiça Proíbe Livro Evangélico, sobre A Realidade Gnóstica, de Gilson Deferrari e Eliane Deferrari, in O Cidadão, Passo Fundo, 9 de julho de 1998;

Lembrando António Zoppi, sobre o falecimento do poeta paulista António Zoppi, in O Nacional, Passo Fundo, 20 de outubro de 2000;

Leônidas Camargo Lança seu Segundo Livro, comenta lançamento de Domando Rimas, de Leônidas Camargo, in O Cidadão, Passo Fundo, 20 de dezembro de 1996;

Linguagens de Doutor & Língua do Povo, sobre a trilogia Meteorologia: Fatos & Mitos, de Gilberto R. Cunha, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 11 a 15 de setembro de 2003;

Literatura e História, resenha Literatura e História: Um Olhar Sobre Canudos, de Ivânia Campigotto Aquino, in Jornal Rotta, Passo Fundo, abril de 2002; O Nacional, Passo Fundo, 9 de maio de 2001;

Literatura Infanto-Juvenil, resenha Cara-Pintada, de Renato Tapajós, O Caso do Contrabando do Taim, de Antônio Hohlfeldt, Transplante de Menina, de Tatiana Belinsky, e Atrás do Paraíso, de Ivan Jaf, in O Cidadão, Passo Fundo, 25 de agosto de 1995;

Literatura Infanto-Juvenil, resenha O Canto da Sereia, de Anamaria Kovács, in O Cidadão, Passo Fundo, 17 de maio de 1996;

Literatura Islâmica em Português, resenha Mohammad: O Mensageiro de Deus, de Aminuddin Mohamad, e Biografia do Profeta Mohamad, de Ahmad Mahairi, in O Cidadão, Passo Fundo, 16 de janeiro de 1998;

Literatura Local, in Somando, Passo Fundo, novembro de 2004, Água da Fonte, Passo Fundo, novembro de 2004.

Literatura Piauiense Para Estudantes, resenha Literatura Piauiense para Estudantes, de Adrião Neto, in Correio do Piauí, Teresina, 1 de junho de 2000; Diário do Povo, Teresina, 2 de junho de 2000;

Literatura: Poesia, Romance e Fábulas, resenha Poesia Marginal dos Anos 70, de Samira Youssef Campedelli, Poemas da Estrangeira, de Dora Ferreira da Silva, Ópera dos Fantoches, de Autran Dourado, e Esopo: Fábulas Completas, tradução de Neide Smolka, in O Cidadão, Passo Fundo, 16 de junho de 1995;

Livro Nega Doutrinas das Testemunhas de Jeová, resenha Merecem Crédito as Testemunhas de Jeová?, de Aldo dos Santos Menezes, in O Cidadão, Passo Fundo, 30 de agosto de 1996;

Livros Para as Escolas, sobre o Programa Nacional Biblioteca na Escola, do Ministério da Educação, especialmente os livros Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freire, e Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, in O Cidadão, Passo Fundo, 4 de setembro de 1998;

Livros Recomendáveis, resenha O Pensamento de Assis Chateaubriand, Volume 15, Onde Está Maria?, de Nelson Hoffmann, Pensamento Cristão – Dos Primórdios à Idade Média, de Tony Lane e Literatura e Sociedade – Estudos de Teoria e História Literária, de Antônio Cândido, in Jornal Rotta, Passo Fundo, junho de 2000;

Mãe Coragem, sobre o Dia das Mães, in Jornal Rotta, Passo Fundo 12 a 25 de maio de 2003;

Marxismo Hoje, resenha Contemporâneos do Futuro, de Roberto Freire, in O Cidadão, Passo Fundo, 26 de setembro de 1997;

Massacre em Porongos e capitulação em Ponche Verde, sobre o massacre dos lanceiros negros ao final da Revolução Farroupilha e o final daquele movimento armado, Jornal Rotta, Passo Fundo, 15 a 30 de novembro de 2004. O mesmo artigo foi publicado sob a forma de folheto em 2005.

Meditação: Busca Solitária ou Encontro Solidário?, resenha Sua Santidade Maharishi Mahesh Yogi Comenta o Bhagavda-Gita, de Maharishi Mahesh Yogi, Meditação Cristã, de John Main, e A Luz que vem de Dentro: O Caminho interior da Meditação, de Laurence Freeman, in O Cidadão, Passo Fundo, 21 de julho de 1995;

Mini-prosa, Mini-verso, resenha Caminhos, de Eno Teodoro Wanke, O Atleta Recordista, de José Eduardo Degrazzia, As menores poesias do mundo ao seu alcance, de Manoel Fernandez Menendez e Introdução ao Haicai, de H. Masuda Goga, Teruko Oda e Francisco Handa, in o Cidadão, Passo Fundo, 1o. de agosto de 1997;

Miriam Postal, a Pintora do Aconchego, in Água da Fonte, Passo Fundo, novembro de 2004.

Missiologia, resenha Partilhar a Fé, de H. Eddie Fox e George E. Morris, in O Cidadão, Passo Fundo, 18 de agosto de 1995;

Nossos Clássicos Formam Leitores há Quatro Décadas, comenta a Coleção Nossos Clássicos, da Editora Agir, in O Cidadão, Passo Fundo, 31 de julho de 1998;

Notas Sobre Alguns Livros Independentes, in O Liberal, Americana, 15 de agosto de 199;

Novas Antologias de Assis Brasil, sobre Poesia A Amazonense no Século XX, A Poesia Fluminense no Século XX e A Poesia Norte-Rio-Grandense no Século XX, organizadas pelo escritor piauiense Assis Brasil, in O Cidadão, Passo Fundo, 18 a 25 de setembro de 1998;

O “Socialismo” de Alberto Pasqualini, resenha Obra Social e Política de Alberto Pasqualini, 4 volumes, organizada pelo senador Pedro Simon, in A Luta, Porto Alegre, abril de 1996;

O “vazio político” nos primórdios da República Velha, analisa o vazio político nos primeiros tempos da República brasileira, in Somando, Passo Fundo, agosto de 2004.

O Canto do Visor, resenha O Canto do Visor, de Ubiratan Porto, in O Nacional, Passo Fundo, 13 de dezembro de 1976;

O Catecismo Parlamentarista, resenha de Catecismo Parlamentarista, de Raul Pilla, in Diário da Manhã, Passo Fundo, 18 de abril de 1993;

O Centenário de um Ideólogo, sobre o centenário de nascimento de Alberto Pasqualini, in O Cidadão, Passo Fundo, 28 de setembro de 2001;

O Conhecimento da Literatura, resenha do livro O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários, de Carlos Reis, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 15 a 31 de outubro de 2003.

O Decênio Heróico, resenha separata de capítulo da História Geral do Rio Grande do Sul – 1503/1964, sobre a Revolução Farroupilha, de Arthur Ferreira Filho, in O Nacional, Passo Fundo, 2 de outubro de 2001;



O Desafio da Competência, resenha O Desafio da Competência, de Gustavo G. Boog, in O Cidadão, Passo Fundo, 13 de outubro de 1995;

O Discurso Crítico na América Latina, resenha O Discurso Crítico na América Latina, de Tânia Faraco Carvalhal, in O Cidadão, Passo Fundo, 18 de outubro de 1996;

O Esfacelamento da Nação, resenha O Esfacelamento da Nação, 2a. Edição, de J. W. Bautista Vidal, in O Cidadão, Passo Fundo, 27 de outubro de 1995;

O Estudo da Literatura em Passo Fundo (I), levantamento bibliográfico de obras sobre História da Literatura, usadas nas escolas de Passo Fundo desde 1930, in O Cidadão, Passo Fundo, 4 de abril de 1997;

O Estudo da Literatura em Passo Fundo (II), continuação do levantamento bibliográfico de obras sobre História da Literatura, usadas nas escolas de Passo Fundo desde 1930, in O Cidadão, Passo Fundo, 14 de abril de 1997;

O Estudo da Literatura em Passo Fundo (III), continuação do levantamento bibliográfico de obras sobre História da Literatura, usadas nas escolas de Passo Fundo desde 1930, in O Cidadão, Passo Fundo, 2 de maio de 1997;

O Feitiço da Ilha do Pavão, resenha O Feitiço da Ilha do Pavão, de João Ubaldo Ribeiro, in O Cidadão, Passo Fundo, 9 de janeiro de 1998;

O Ficcionista e a Crítica, sobre as concepções de Crítica Literária de Ignácio de Loyola Brandão, in O Cidadão, Passo Fundo, 30 de agosto de 2001;

O Folhetim no Rio Grande do Sul, resenha Deus Escreve Direito Por Linhas Tortas: O Romance-folhetim dos Jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900, de Antônio Hohlfeldt, in Jornal Rotta, Passo Fundo 14 de abril a 27 de abril de 2003;

O Governo Itamar Franco, resenha O Governo Itamar Franco, de Reis de Sousa, in O Cidadão, 22 de setembro de 1995;

O Homem que foi um Sermão, resenha A Resposta Divina, de Stanley Jones, in O Cidadão, Passo Fundo, 23 de fevereiro de 1996;

O Maior Editor Gaúcho, resenhando Etnias & Carisma, poliatéia dedicada a Rovílio Costa, in Jornal Rotta, Passo Fundo, junho de 2001;

O Mercosul e a Cultura, resenha A Revolução Cultural do Mercosul, de Salvador Cabral, in O Cidadão, Passo Fundo, 13 de setembro de 1996;

O Mito da Classe Dominante, resenha O Mito da Classe Dominante, de Antônio Kurtz Amantino, in O Cidadão, Passo Fundo, 2 de agosto de 1996;

O movimento comunitário como alternativa de transformação política, destaca a importância do movimento comunitário para as mudanças sociais, Diário da Manhã, Passo Fundo, 26 de abril de 1992;

O número de mortos na Batalha do Pulador (Comunicação apresentada durante o Seminário 110 Anos da Batalha de Passo Fundo), Folheto xerografado, 4 p., junho de 2004, Passo Fundo; O Nacional, Passo Fundo, 30 de junho de 2004, Água da Fonte, Passo Fundo, novembro de 2004.

O Outro lado do Caso GM, resenha O Outro Lado do Caso GM, de Geraldo Zibetti, in O Cidadão, Passo Fundo, 21 de novembro de 1997;

O passo-fundense que revolucionou o Brasil, apontamentos biográficos de Tarso de Castro, in Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), abril de 2004.

O Pensamento de Assis Chateaubriand, resenha O Pensamento de Assis Chateaubriand, volume 37, in Jornal Rotta, Passo Fundo, outubro de 2002;

O Poema Como Representação de Uma Época, resenha os livros Assembléia das Palavras e Contos, Poemas e Churrus, de Marciano Vasques, in O Cidadão, Passo Fundo, 19 a 26 de fevereiro de 1998;

O Poeta dos Escravos, lembra aniversário de falecimento de Castro Alves, in Jornal da Tarde, Passo Fundo, ? (1975);

O Poeta Rossyr Berny, sobre a obra poeta gaúcho Rossyr Berny, in O Nacional, Passo Fundo, 23 de novembro de 2000;

O Próximo Governo Municipal e a Cultura, Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 31 de outubro de 2004.

O Realismo Socialista no Brasil, resenha O Imaginário Vigiado: A Imprensa Comunista e o Realismo Socialista no Brasil (1947-53), de Denis de Moraes, in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 3 de março de 1995;

O Riso da Agonia, resenha de O Riso da Agonia, de Plínio Cabral, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 30 de setembro de 2003; Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), dezembro de 2003;

O Romance Mais Lido do Mundo, resenha Em Seus Passos..., de Charles M. Sheldon, in O Cidadão, 6 a 12 de março de 1998;

O Sentido da Revolução Farroupilha, folheto de 4 páginas, Passo Fundo, setembro de 2004.

O Soneto Vive, resenha o Acendedor de Sonetos, de Eno Theodoro Wanke, in Jornal Rotta, Passo Fundo, setembro de 2000;

O Sudário de Turin, resenha O Sudário, de Emanuela Marinelli, in O Cidadão, Passo Fundo, 9 de janeiro de 1999;

O Tempo e o Vento, do Livro à Televisão, resenha Na Pele da Imagem: O Mito do Gaúcho em “O Tempo e o Vento”, de Gilmar de Azevedo, in Jornal Rotta, Passo Fundo, abril de 2002; O Nacional, Passo Fundo, 17 de abril de 2002;

O Trabalho no Século XXI, resenha Trabalho no Século XXI, de diversos autores, in Jornal Rotta, Passo Fundo, outubro de 2001;

O Véu e a Máscara, resenha O Véu e a Máscara; ensaios sobre cultura e ideologia, de José Guilherme Merquior, in O Cidadão, Passo Fundo, 14 de novembro de 1997;

Obra Teológica de H. E. Alexandrer, resenha Apocalipse e Evangelho Segundo João, de H. E. Alexander, in O Cidadão, Passo Fundo, 23 de agosto de 1997;

Orar com Deus, resenha Orar com Deus: Desenvolvendo uma Transformadora e Poderosa Amizade com Deus, de James Houston, in O Cidadão, Passo Fundo, 10 de novembro de 1995;

Oratória Parlamentar, resenha Grandes Momentos do Parlamento Brasileiro – Volume I (Senado Federal, Brasília, 1988) e Coletânea de Discursos Parlamentares da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul; 1835/1889, organizada por Helga Iracema Landgraf Piccolo (Assembléia Legislativa, Porto Alegre, 1998), in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de agosto de 1998;

Os Arcanos Negros do Hitlerismo, resenha Os Arcanos Negros do Hitlerismo, de Robert Amberlain, in O Cidadão, Passo Fundo, 9 de fevereiro de 1996;

Os Liberais Maciel de Barros, resenha os livros Razão e Racionalidade: Ensaio de Filosofia, de Roque Spencer Maciel de Barros e Platão, Rousseau e o Estado Total, de Gilda Naércia Maciel de Barros, in O Cidadão, Passo Fundo, 14 de junho de 1996;

Os Monges Barbudos, resenha Cultura e Religiosidade Cabocla: Movimento dos Monges Barbudos, in Jornal Rotta, Passo Fundo, janeiro de 2002; O Nacional, Passo Fundo, 5 de fevereiro de 2002;

Os Olhos do Português, resenha Um Olhar Sobre o Brasil, de Jacinto Rego de Almeida, in O Liberal, Americana, 16 de fevereiro de 2000; O Nacional, Passo Fundo, 23 de maio de 2000;

Os planos de Aírton Dipp e René Cecconello para Passo Fundo, resenha pontos dos programas de ambos os candidatos a prefeito, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 1 a 15 de setembro de 2004.

Os Tropeiros chegaram 400 anos antes do Mercosul, “resenhando” o livro Tropeiros de Mulas, de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 31 de janeiro de 2005.

Página Cultural, resenha Degustação (Memórias), de Antonio Carlos Vilaça, Um Gosto de Quero Mais, de Sônia Salerno Forjaz, Quem Fica com Felipe?, de Ilsa Lima Monteiro, e Nas Pernas da Mentira, de Cecília Vasconcellos, in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 30 de novembro de 1994;

Para uma Iniciação à Filosofia, resenha Ortega y Gasset, organizado por Gilberto de Mello Kiejawski, Descartes: A Metafísica da Modernidade, Voltaire: A Razão Militante, e A Escola de Frankfurt: Luzes e Sombras do Iluminismo, organizado por Olga C. F. Mattos, in O Cidadão, Passo Fundo, 1o. de março de 1996;

Parlamentares Gaúchos, resenha Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos Nossos Dias: 1926-1996, organizado por equipe da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, in O Cidadão, Passo Fundo, 31 de janeiro de 1997;

Parlamentares Gaúchos, resenha volume editado pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, com discursos de José Antônio Flores da Cunha, pronunciados entre 1909 e 1930, in O Cidadão, Passo Fundo, 1a. quinzena de abril de 1999;

Parnasianismo Brasileiro, resenha Parnasianismo Brasileiro: Entre Ressonância e Dissonância, de Luís Augusto Fischer, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 9 a 22 de junho de 2003;

Pasqualini: Textos Escolhidos, resenha Alberto Pasqualini – Textos Escolhidos, organizada pelo senador Pedro Simon, in Jornal Rotta, Passo Fundo, novembro de 2001;

Passo Fundo e as eleições municipais, amplia o tema apresentado no artigo Um pacto para Passo Fundo, in Somando, Passo Fundo, Setembro de 2004.

Pelo Sertão e Os Jagunços, sobre o centenário daqueles livros de Afonso Arinos, in O Cidadão, Passo Fundo, 10 de julho de 1998;

Pensando com Marx, resenha Pensando com Marx: Uma Leitura Crítico-Comentada de O Capital, de Francisco José Soares Teixeira, in O Cidadão, Passo Fundo, 29 de dezembro de 1995;

Platão e Espinosa – Antigos que Continuam Atuais, resenha Platão: Por Mitos e Hipóteses, de Lygia Araújo Watanabe, e Espinosa: Uma Filosofia da Liberdade, de Marilena Chauí, in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de junho de 1996;

Plebiscito – Responsabilidade com Ignorância, resenha de Plebiscito: Como Votarei?, de diversos autores, in Diário da Manhã, Passo Fundo, 10 e 11 de abril de 1993;

Poder, poder e Poderes, resenha Quanto el Espiritu Santo Llega com Poder, de John White, in O Cidadão, Passo Fundo, 24 de janeiro de 1997;

Poemas nos Ônibus, resenha Poemas nos Ônibus, de diversos autores, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 1 a 15 de dezembro de 2003;

Poetas do Maranhão, resenha a Poesia Maranhense do Século XX, de Assis Brasil, in O Cidadão, Passo Fundo, 26 de junho de 1998;

Pontos de Vista 12, resenha Pontos de Vista, Vol. 12, (Crítica Literária), de Wilson Martins, in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de fevereiro de 1997;

Pontos de Vista, 10, resenha Pontos de Vista X (Crítica Literária), de Wilson Martins, in O Cidadão, Passo Fundo, 24 de novembro de 1995;

Pontos de Vista, 11, resenha Pontos de Vista Vol. XI (Crítica Literária), de Wilson Martins, in O Cidadão, Passo Fundo, 16 de fevereiro de 1996;

Professor Antonio, Debastiani, Luciano e Oro divulgam seus programas de governo, resenha pontos dos programas daqueles candidatos, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 30 de setembro de 2004.

Proposta de Cooperativismo Habitacional para Passo Fundo, defende a organização da propriedade cooperativa de moradias populares, Diário da Manhã, Passo Fundo, 26 de janeiro de 1992;

Quando a arte é um ato vital, sobre a pintora Maria Lucina Bueno, in Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), abril de 2004.

Quarenta Anos de Trovismo, lembra a publicação de Meus Irmãos, os Trovadores, de Luiz Otávio, pseudônimo de Gilson de Castro (1916-1977), in O Cidadão, Passo Fundo, 12 de junho de 1996;

Quase uma crônica da Jornada, sobre a 11ª Jornada Nacional de Literatura, Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 30 de agosto de 2005, pp. 8 e 9.

Reencarnação ou Ressurreição, resenha Reencarnação ou Ressurreição, de Renold J. Blank, in O Cidadão, Passo Fundo, 6 de outubro de 1995;

Relendo Paco Espínola, resenha de Cuentos Completos, de Paco Espíndola, in Jornal Rotta, Passo Fundo 31 de março a 13 de abril de 2003;

Religião e pós-Modernidade, resenha Fim de Milênio: Os Perigos e Desafios da pós-Modernidade na Igreja, de Ricardo Gondim, in O Cidadão, Passo Fundo, 19 de julho de 1996;

República Rio-Grandense: Realidade e Utopia I, resenha República Rio-Grandense: Realidade e Utopia, de Moacyr Flores, in Jornal Rotta, Passo Fundo, janeiro de 2003;

República Rio-Grandense: Realidade e Utopia II, resenha República Rio-Grandense: Realidade e Utopia, de Moacyr Flores, in Jornal Rotta, Passo Fundo, janeiro de 2003;

Retorno às Origens, resenha Filósofos Pré-socráticos: Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega, de Miguel Spinelli, in O Cidadão, Passo Fundo 25 a 2 de outubro de 1998;

Revistas Literárias, salienta o trabalho desenvolvido pelas revistas Poesia Sempre, A Cigarra, Dimensão, Instantes, Blau e Continente Sul Sur, in O Cidadão, Passo Fundo, 21 de agosto de 1998;

Revolução Farroupilha – História e Invencionice, amplia folheto O Sentido da Revolução Farroupilha, in Somando, Passo Fundo, outubro de 2004.

Revolução no Campo, sobre o MST, in O Nacional, Passo Fundo, 24 de maio de 2002;

Romances de Assis Brasil, resenha Bandeirantes, Os Comandos da Morte, de Assis Brasil, in O liberal, Americana, 17 de junho de 1999;

Roteiro de Leituras, resenha Entre Dois Tempos: Viagem à Literatura Contemporânea do Rio Grande do Sul, de Miguel Sanches Neto, A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, de Ricardo Seitenfus, e Ciência e Fé: Novas Perspectivas, de Peter James Consius, in Jornal Rotta, agosto de 2000;

Scliar e os Seiscentos Mortais, sobre a “imortalidade” do médico e escritor Moacyr Scliar e o abandono de seiscentos pacientes soropositivos em Passo Fundo, Jornal Rotta, Passo Fundo, 4 a 18 de agosto de 2003;

Seitas e Farsas, resenha os livros Desmascarando as Seitas, de Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro, e Cristianismo em Crise, de Hank Habegraaff, in O Cidadão, Passo Fundo, 21 de junho de 1996;

Seminário Discute Revolução Federalista, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de julho de 2005, p. 6.

Sesquicentenário do Primeiro Romance Gaúcho (I), resenha A Divina Pastora, de Caldre e Fião, in O Cidadão, Passo Fundo, 7 de março de 1997;

Sesquicentenário do Primeiro Romance Gaúcho (II), conclui resenha de A Divina Pastora, in O Cidadão, Passo Fundo, 10 de março de 1997;

Sete Faces, resenha Sete Faces do Humor, de diversos autores, in O Cidadão, Passo Fundo, 8 de dezembro de 1995;

Simões Lopes Neto e “O Negro Bonifácio”, resenha A Poética do Conto em Simões Lopes Neto: O Exemplo de “O Negro Bonifácio”, de Cláudia Rejane Dornelles Antunes, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 21 de julho a 3 de agosto de 2003;

Simões Lopes Neto Reeditado, comenta relançamentos de Contos Gauchescos, Cancioneiro Guasca e Terra Gaúcha, de Simões Lopes Neto, in O Liberal, Americana, 28 de janeiro de 2000; Jornal Rotta, Passo Fundo, 4 de fevereiro de 2000; O Nacional, Passo Fundo, 7 de fevereiro de 2000;

Sobre a Filosofia da Idade Média, resenha Filosofia Medieval – Textos, e A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média, de Luis Alberto De Boni, in Jornal Rotta, Passo Fundo, setembro de 2000;

Sociedade, Mídia e Violência, resenha Sociedade, Mídia e Violência, de Muniz Sodré, in Jornal Rotta, junho de 2002; O Nacional, Passo Fundo, 8 de julho de 2002;

Soneto Sobre a Trova, resenha Antologia de Sonetos Sobre a Trova, de Eno Theodoro Wanke, in O Cidadão, Passo Fundo, 23 a 30 de outubro de 1998, e in O Liberal, Americana, 8 de novembro de 1998;

Teologia da Libertação e Marxismo, resenha Teologia da Libertação e Marxismo: Uma Relação em Busca de Explicação, de Enio R. Mueller, in O Cidadão, 9 de agosto de 1996;

Teologia da Libertação: Nova Caminhada, resenha Cristãos Rumo ao Século XI: Nova Caminhada de Libertação, de José Comblim, O Cidadão, Passo Fundo, 19 de abril de 1996;

Terra-Vermelha, resenha Terra-Vermelha, de Domingos Pellegrini, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 6 de janeiro de 1999;

Tiradentes Morreu na Força?, resenha Tiradentes, Poder Oculto o Livro da Força, de Assis Brasil, in O Cidadão, Passo Fundo 1a. quinzena de janeiro de 2000, O Liberal, Americana, 7 de janeiro de 2000;

Transplante, Leitura Indispensável, resenha Transplante, de Roosevelt Kalume, in O Cidadão, Passo Fundo, 28 de fevereiro de 1997;

Três Livros de Contos, resenha A Sereníssima República, contos de Machado de Assis, Os Gestos, de Osman Lins, e Assassinato à Mesa do Jantar, de diversos autores, in Jornal da Cidade, Passo Fundo, 1o. de maio de 1995;

Três Pátrias Unidas Por um Poeta, sobre Martín Fierro (1873/1879), de José Hernández, in O Cidadão, Passo Fundo, 31 de março de 2000.

Três Sonetistas, resenha Gorgeios, de Eugênio de Freitas, Noite de Lua, de Miguel Russowsky e A Poesia das Coisas, de Antônio Zoppi, in Jornal Rotta, Passo Fundo, abril de 2000; O Liberal, Americana, 9 de abril de 2000;

Ubiratan Porto, Poeta, sobre a obra literária de Ubiratan Porto, in Jornal Rotta, Passo Fundo, outubro de 2002;

Um Arquiteto de Sonhos, resenha Sermões de Vieira: Padrões de Ensinos – Excertos, da Editora Unisinos, in O Cidadão, Passo Fundo, 5 de dezembro de 1997;

Um balanço do primeiro semestre de mandato dos Vereadores (texto publicado sem assinatura), Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de setembro de 2005, p. 6 e 7.

Um Belo Romance, resenha Arcabuzes, de Noel Nascimento, in O Cidadão, Passo Fundo, 29 de agosto de 1997;

Um Bocage de Bombachas, sobre a obra poética de André Pittan (9 de julho de 1894 a 21 de dezembro de 1958), in Jornal Rotta, Passo Fundo, 23 de dezembro de 1998;

Um Bom Exemplo que vem de Curitiba, resenha Terra e Gente do Paraná, de Romário Martins, e O Paraná na História Militar do Brasil, de David Carneiro, in O Cidadão, Passo Fundo, 26 de abril de 1996;

Um Clássico Agostiniano, resenha Comentário aos Salmos, de Agostinho de Hipona, in O Cidadão, Passo Fundo, 12 de dezembro de 1997;

Um Clássico Falecido há Cem anos, parte inicial de artigo sobre o centenário de falecimento de Eça de Queiroz (1845-1900), in Jornal Rotta, setembro de 2000;

Um Clássico Gauchesco, resenha Sem Rumo, de Cyro Martins, in O Cidadão, Passo Fundo, 7 a 14 de novembro de 1998;

Um Clássico Socialista, resenha História da Comuna de 1871, de Prosper-Olivier Lissagaray, in O Cidadão, Passo Fundo, 6 de setembro de 1995;

Um Cristo Humano, resenha A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré: Dos Sinóticos a Paulo, de Juan Luis Segundo, in O Cidadão, Passo Fundo, 18 de abril de 1997;

Um Crítico de Cinema, resenha Cadernos de Cinema de P. F. Gastal, in O Cidadão, Passo Fundo, 8 de novembro de 1996;

Um Dicionário Indispensável, resenha Dicionário de História do Brasil, de Moacyr Flores, in Jornal Rotta, Passo Fundo, dezembro de 2001;

Um Exemplo Gaúcho, destaca o trabalho da Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, in O Cidadão, Passo Fundo, 1a. quinzena de março de 1999;

Um Grande Livro de História Imediata, resenha Rodela: Curraleiros, Índios e Missionários, de João Justiniano da Fonseca, in O Cidadão, Passo Fundo, 28 de novembro a 5 de dezembro de 1998, republicado no mesmo jornal, edição correspondente à segunda quinzena de fevereiro de 1999;

Um Livro Misterioso da Bíblia, resenha Hebreus, de Donald A. Hagner, in O Cidadão, Passo Fundo, 28 de novembro de 1997;

Um livro que Gira o Mundo, resenha Cómo Jesús Edifica su Iglesia, de Ralfh Mahoney e Robert Frost, in O Cidadão, Passo Fundo, 8 de março de 1996;

Um Manual à Idiotice, resenha Manual do Perfeito Idiota Latino-Americano, de Plínio Apuleyo Mendonza, Carlos Alberto Montaner e Álvaro Vargas Llosa, in O Cidadão, Passo Fundo, 11 de julho de 1997;

Um pacto para Passo Fundo, propõe um pacto para a recuperação econômica de Passo Fundo, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 31 de julho de 2004.

Um Poeta de Verdade, resenha Alma em Chamas, de Floriano Martins, in O Nacional, Passo Fundo, 30 de novembro de 2000;

Um Poeta do Nosso Tempo, salienta o trabalho do poeta Reynaldo Valinho Alvarez, em especial seus livros O Solidário Gesto de Viver, O Sol nas Entranhas, Galope do Tempo e Calatrava, in O Cidadão, Passo Fundo, 4 de setembro de 1998;

Um Poeta Filosófico, resenha Poemas, de Roque Spencer Maciel de Barros, in O Cidadão, Passo Fundo, 23 de maio de 1997;

Um Poeta Maior, resenha Goiás, Meio Século de Poesia, de diversos autores, e Sandálias de Pedra e Os Aventais da Púrpura, de Gabriel Nascentes, in O Cidadão, Passo Fundo, 13 a 19 de fevereiro de 1998;

Um Romance Anti-regionalista, resenha Fronteiras, de Juremir Machado da Silva, in O Cidadão, Passo Fundo, 1a. quinzena de dezembro de 1999, O Liberal, Americana, 9 de janeiro de 2000;

Um Romance Passo-fundense, resenha Bocas Amargas, de Marconi De César, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 7 a 21 de julho de 2032; in Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), abril de 2004.

Um Romance Quarentão, resenha Vila dos Confins, de Mário Palmério, in O Cidadão, Passo Fundo, 30 de abril de 1996;

Um Tapejara dos Campos Gerais, resenha Faris Michaele, O Tapejara, de Eno Theodoro Wanke, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 17 de fevereiro de 1999;

Um Trovador Maior, resenha Diálogos Trovadorescos, de Onildo de Campos, in O Liberal, Americana, 29 de abril de 1999;

Uma Biografia do Leão do Caverá, resenha Como Dizia Honório Lemos, de Zola Franco Pozzobon, in O Cidadão, Passo Fundo, 24 de julho de 1998;

Uma Escolha Feliz, resenha os romances Meu Querido Canibal, de Antônio Torres, e Nûr na Escuridão, de Salim Miguel, in Jornal Rotta, Passo Fundo, setembro de 2001;

Uma História de Participação Popular, resenha Todo o Poder Emana do Povo, de Bernardo de Souza, in Jornal Rotta, Passo Fundo 28 de abril a 11 de maio de 2003;

Uma História Geral de Passo Fundo, resenha Passo Fundo – Terra de Passagem, de Ney Eduardo Possap d'Avila, in O Cidadão, Passo Fundo, 25 de outubro de 1996;

Uma História Inacabada, resenha A Identidade Inacabada – O Regionalismo Político no Rio Grande do Sul, de Newton Garcia Carneiro, in O Nacional, Passo Fundo, 2 de junho de 2000; O Liberal, Americana, 20 de junho de 2000;

Uma história inconclusa, in O Cidadão, 1o. a 15 de abril de 2002, O Nacional, 12 de abril de 2002, e Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), dezembro de 2003.

Uma Interpretação Crítica da Teologia da Libertação, resenha Libertação Cristã, de Frei Boaventura Kloppenburg, in O Nacional, Passo Fundo, 13 de janeiro de 2000; O Liberal, Americana, 23 de janeiro de 2000; O Cidadão 5 de fevereiro de 2000;

Uma Poetisa Exemplar, resenha Eu voltarei..., de Alzira Freitas Tacques, in Jornal Rotta, Passo Fundo, 3 de fevereiro de 1999;



Uma Terra à Procura do Céu, resenha do romance Uma Terra à Procura do Céu, de Gilberto Borges, in Água da Fonte, Passo Fundo, novembro de 2004.

Uma Visão Pela Esquerda, resenha Uma Visão Pela Esquerda – A Socialdemocracia, o Estado e o PT: As Perspectivas do Governo Lula, de Roberto Robaina, in Jornal Rotta, Passo Fundo, março de 2003;

União Desunida, sobre as divisões dentro da união das Associações de Moradores de Passo Fundo, Jornal Rotta, Passo Fundo, 01 a 15 de outubro de 2005, pp. 6 e 7.

Urbano Ziles – Teólogo e Filósofo, resenha os livros Religiões – Crenças e Crendices e Meditações no Sumaré, de Urbano Ziles, in O Cidadão, Passo Fundo, 27 de março a 2 de abril de 1998;

Usuários de coletivos urbanos são recebidos com poemas, noticiando o projeto Poema nos ônibus, in Água da Fonte (Revista da Academia Passo-Fundense de Letras), abril de 2004.

Violência, tão Longe, tão Perto, resenha Violência em Debate, organizado por Márcia Kupstas, e Violência: O Brasil Cruel e sem Maquiagem, de Hélio Bicudo, in O Cidadão, Passo Fundo, 16 de maio de 1997;

Vote com responsabilidade, Jornal Rotta, Passo Fundo, 16 a 30 de setembro de 2004 (trata-se de texto publicado sem assinatura).

Wesley e o Espírito Santo, resenha O Espírito Santo na Herança Wesleyana, de Marck B. Stokes, in O Cidadão, Passo Fundo, 15 de dezembro de 1995;

Data : 05/03/2015

Título : As duas lições de José Ingenieros

Categoria: Crônicas

Descrição: Dois pensadores argentinos desempenharam um papel importante sobre o meu entendimento histórico daquele personagem chamado gaúcho...

Dois pensadores argentinos desempenharam um papel importante sobre o meu entendimento histórico daquele personagem chamado gaúcho: Domingo Sarmiento, com Facundo, e José Ingenieros, com duas obras: Sociologia Argentina e Evolución de las ideas argentinas.

José Ingenieros, italiano de nascimento, cujo recebeu, na pia batismal, o nome de Giuseppe Ingenieros, escreveu sobre os mais diferentes temas. Médico, acreditava que as pessoas deveriam viver com lucidez plena. Atacado por uma doença incurável, que os pesquisadores, até hoje, discutam qual tenha sido, negou-se a tomar as medicações indicadas. Por isso, faleceu aos 48 anos de idade, no dia 31 de outubro de 1925.

Data : 10/01/1994

Título : As fadas vivem

Categoria: Resenhas

Descrição: O ano de 1993 foi altamente significativo para a produção editorial brasileira. A literatura infantil e infanto-juvenil continuou em alta.

As fadas vivem

por Paulo Monteiro

O ano de 1993 foi altamente significativo para a produção editorial brasileira. A literatura infantil e infanto-juvenil continuou em alta. Acentuou-se uma tendência que vem se verificando nos últimos anos, no sentido da afirmação de uma literatura mais urbana. E de temas mais urbanos.

Apesar desse processo irreversível de modernização temática e estilística da literatura para crianças e adolescentes os enredos universais e clássicos continuam merecendo aceitação de autores, editores e leitores. Exemplo disso é a série “Sete Faces”, da Editora Moderna, onde o amor, o herói, a primeira vez e... as Fadas, aparecem.

Sete Faces do Conto de Fadas (Editora Moderna, SP, 1993, 128 páginas) recria, em linguagem atual, os grandes temas dos contos de Fada. O projeto da coleção conta com a orientação de Márcia Kupstas, experiente autora de textos para a infância e adolescência, reunindo muitos dos mais expressivos nomes da literatura juvenil e infanto-juvenil contemporânea do Brasil.

As Fadas sempre despertaram uma atenção muito grande, pois ligam-se às profundezas do inconsciente ou da alma. Elas representam a força vital, as forças positivas, a mãe. São o necessário contrário da Bruxa, as forças mortais, negativas, a madrasta. E é exatamente por isso que a atualidade do símbolo continua, eternizou-se e universalizou-se.

Voltando a Sete Faces do Conto de Fadas, os autores atualizam tema, humanizam as fadas, dão-lhes existência real. Exemplo disso começa pela primeira história do volume, onde Pedro Bandeira, recria a história da Gata Borralheira. Duas industriárias, Caroline e Simone, representam Cinderela e a Fada Madrinha. A primeira, nome de princesa, sonha com um grande amor, como o príncipe encantado. A oportunidade para a realização do sonho se apresenta com um baile na casa de Marilu, a filha de um dono de padaria. Para Caroline uma milionária e a ocasião para realizar seu sonho de Cinderela. A Fada Madrinha (ou Simone) tão pobre quanto Cinderela (ou Caroline) consegue-lhes as roupas. Falta-lhes o par de sapatinho (ou melhor de tênis, como fica melhor numa Cinderela contemporânea).

O preço pelo par de tênis foi um beijo no asqueroso Xavier, “o feitor daquelas pequenas escravas”. O chefe das empregadas da fábrica de tênis. Na festa, Caroline perde um pé de tênis, que é recolhido pelo príncipe encantado. Amor á primeira vista. O príncipe é um Office-boy. Pouco importa, o conto de Cinderela acontece. E se realiza nos dias atuais.

Outra história (não gosto de estória), outra história de fada contemporânea nos é oferecida por Eliane Ganem (A Fada Desencantada, José Olympio Editora, RJ, 1993, 78 páginas). Conta a história envolvendo Nadinho, um menino, e Maristela, a Fada. De início, o envolvimento do menino com Maristela, acaba surpreendendo a todos. E deixando dúvidas, muitas dúvidas. Inclusive sobre a saúde de Nadinho. Aos poucos a Fada vai envolvendo a todos. E a muito bem escrita história da Fada Desencantada acaba envolvendo a todos numa grande festa. A festa de aniversário de Nadinho.

Já a Editora Paulicéia publica NO PAÍS DAS FADAS E OUTRAS HISTÓRIAS FANTÁSTICA, de H.G. Wells (NO PAÍS DAS FADAS E OUTRAS HISTÓRIAS, tradução de Ricardo Gouveia, SP, 1993, 218 páginas). Herbert George Wells, ainda é pouco conhecido no Brasil. Tornou-se um dos clássicos da literatura fantástica. No País das Fadas, o conto que abre a coletânea de Wells, é um dos momentos máximos da moderna literatura fantástica. Skelmersdale esteve no País das Fadas, conheceu a Dama Encantada e sua vida nunca mais foi a mesmo.

Apesar da modernidade, da contemporaneidade que as editoras brasileiras procuram impor á linha editorial de seus livros para crianças e adolescentes, os temas “eternos” da literatura infanto-juvenil não são abandonados. E sempre haverá lugar para as Fadas.

10/01/94

Data : 31/05/2006

Título : As Guerras de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: O território de Passo Fundo sediou várias batalhas ao longo dos últimos 150 anos.

## As Guerras de Passo Fundo

por Paulo Monteiro (\*)

O território de Passo Fundo sediou várias batalhas ao longo dos últimos 150 anos. E, o presente trabalho é um apanhado sucinto de ações militares ocorridas no município e de eventos bélicos nos quais os passo-fundenses tiveram participação intensa. Como veremos, o envolvimento da população local em guerras e revoluções é um fato incontestável. Isso talvez contribua para consolidar a ideia, imortalizada na célebre frase de Victor Matheus Teixeira, o Teixeira, de que “gaúcho de Passo Fundo não dobra esquina quando vê perigo”, apesar do infeliz ou feliz cacófato (“... a quando”).

O espírito guerreiro aparece com a participação de dezenas de conterrâneos lutando como voluntários na II Guerra Mundial. O corpo de Fredolino Chimango, que repousa no Cemitério de Pistóia, e o expedicionário Miguel Pereira, há pouco falecido, zelando aquele campo-santo justificam a fama dos passo-fundenses.

### 1. Bandeiras

Passo Fundo entra para a História Universal em fins de 1632, quando aqui chega o jesuíta espanhol Francisco Ximenes e no local conhecido como Povinho da Entrada, em Mato Castelhana, ergue uma cruz de madeira e aldeia os guaranis. A redução recebe o nome de Santa Teresa. Pouco depois é mudada para as proximidades do rio Jacuí, afastando-se das terras controladas pelos caigangues e carijós, senhores do Campo do Meio, que poderiam favorecer a ação dos paulistas.

A prosperidade durou pouco tempo, até que foi atacada pelo bandeirante André Fernandes. Conta Affonso D'E. Taynay (História das Bandeiras Paulistas, Tomo I, Edições Melhoramentos, São Paulo, s/d, p. 67) que “A 23 de dezembro de 1637 capturou o chefe bandeirante a aldeia magnífica de Santa Teresa com mais de quatro mil habitantes”. Os índios foram levados para São Paulo, aonde chegaram em 1639, juntamente com escravizados de outras reduções. Os bandeirantes continuaram assolando a região durante vários anos.

A destruição de Santa Teresa e as ações bélicas seguintes foram às primeiras atividades “guerreiras” documentadas que aconteceram em Passo Fundo.

### 2. Revolução Farroupilha

Em fins de 1827 ou princípios de 1828 aqui chega a cabo de milícias Manoel José das Neves que recebeu do Exército Imperial uma área de terras correspondente à boa parte da atual cidade. Fixou-se próximo da Praça Tamandaré, logo seguido por outros moradores.

Quando, em 1835, irrompe a Revolução Farroupilha, Passo Fundo apresentava franco desenvolvimento. Conta Antônio Xavier e Oliveira (Annes do Município de Passo Fundo,

Gráfica e Editora Universidade de Passo Fundo, 1990, v. II, p. 76) que, por ser o “único ponto de passagem da Serra Geral entre Missões e Vacaria”, o município foi diversas vezes atravessado pelas tropas beligerantes, “reunindo todos os homens válidos que encontravam e levantando o gado e cavalaria necessários às suas operações”.

O “pai da história passo-fundense” lista algumas das tropas que por aqui passaram: a do vice-presidente da República Rio-Grandense, José Mariano de Mattos, em 1838; a de Labattut, em 1840, atacada e desbaratada pelos índios caingangues, e perseguida por David Canabarro; a força de Bento Gonçalves da Silva, naquele mesmo ano e tropa de José Gomes Portinho, em 1843, quando houve confronto no Mato Castelhana.

Aspecto trágico dessa revolução registra-se um malsucedido ataque imperial contra os índios do cacique Marau, que provocou uma vindita de um tenente Lúcio de tal contra índios que moravam na localidade do Barro Preto, próximo a Ernestina. Os homens conseguiram fugir, mas as mulheres foram violentadas e as crianças trazidas e abandonadas em Passo Fundo. A época a povoação estava reduzida a 9 casas e ao redor de 60 moradores.

Passada a Revolução, Passo Fundo voltou a crescer. Antonino (Op. Cit., p. 78) afirma que, em 184, “o distrito tinha uma população de 1159 almas, e verificaram-se 8 casamentos, 1140 batizados e 7 óbitos”.

### 3. Guerra contra o Paraguai

Embora sejam escassas as informações disponíveis, Passo Fundo participou das campanhas militares brasileiras contra o Uruguai e a Argentina entre o final da Revolução Farroupilha e a guerra contra o Paraguai. Tanto que, segundo Antonino, em 1864 (Idem, p. 92) “Seguiu a tomar parte na guerra contra o governo do Estado Oriental do Uruguai p 9º corpo provisório da guarda nacional do município, composto de 409 praças e comandado pelo tenente coronel João de Freitas Noronha, indo incorporar-se ao exército do brigadeiro José Luiz Menna Barreto, a cujas ordens tomou parte na memorável jornada de Paysandu, portanto (sic) com inextinguível bravura”.

Durante a guerra contra o Paraguai (1865-1870), Passo Fundo contribuiu com dinheiro, armas e forças que se elevavam a 2109 homens. Os voluntários passo-fundenses fizeram a vanguarda das forças brasileiras no combate de Aquidaban (1º de março de 1870), aprisionando o célebre general Pedro Juan Caballero e seus comandados. Essa vitória significou, na prática, a derrota do exército paraguaio.

O esforço de guerra levou ao estrangulamento econômico do Município. O grosso dos voluntários era formado por jovens solteiros e escravos, significando que o melhor da sua força de trabalho foi empregado na luta. A campanha serviu para a projeção de um jovem. Antônio Ferreira Prestes Guimarães, subcomandante da Guarda Nacional, responsável pela segurança do Município. Ele galgaria os mais importantes cargos municipais e estaduais, sendo o primeiro serrano a assumir como presidente da Província.

### 4. Revolução Federalista

Depois da guerra contra o Paraguai o município estava arrasado, agravando as relações políticas entre os liberais, liderados pelo passo-fundense Antônio Ferreira Prestes Guimarães, e os conservadores, comandados pelo cruz-altense Gervazio Luccas Annes, que se tornaram cada vez mais violentas.

Com a República os conservadores, que eram oposição, bandearam-se de malas e bagagens para o Partido Republicano Rio-Grandense, desforrando-se dos adversários. Grupos armados, de ambas as facções, passaram a disputar o controle político do Município, em especial, a partir de 1891.

Com o epicentro do movimento de oposição ao governo de Júlio de Castilhos se deslocou para a Fronteira, Prestes Guimarães, internou-se no Uruguai, deixando o comando das forças revolucionárias com diversos caudilhos serranos, notabilizando-se Veríssimo Ignácio da Veiga. Dali em 1893 participou da invasão do Rio Grande do Sul, destacando-se como um dos mais vitoriosos comandantes maragatos.

Entre 1893 e 1894 ocorreram, em Passo Fundo, cerca de vinte confrontos armados entre maragatos e pica-paus, que se revezaram no domínio sobre a cidade. Salientam-se o Combate do Boqueirão (4 de junho de 1893), quando os federalistas, derrotados, conforme dados dos vencedores, tiveram 25 mortos, no combate, 6 na retirada e grande número de feridos. Os republicanos tiveram somente 6 homens mortos e 3 feridos. Já os opositoristas contabilizam 6 mortos e três feridos entre os seus, e três mortos e um número ignorado de feridos entre os adversários.

O segundo grande confronto foi o Combate do Arroio Teixeira ou do Guamirim (20 de novembro de 1893), quando os federalistas, armados com lanças e cacetes de guanímirm, bateram os republicanos. Os vencedores contabilizaram apenas um morto e dois feridos, contando 34 mortos muito feridos entre as forças oficiais. A 20 de dezembro de 1893, aconteceu o Combate do Passo do Cruz, que na verdade foi um combate pela manhã e outro à tarde, sempre com a vitória dos revolucionários. Os republicanos tiveram dois mortos, pela manhã, e 25, à tarde, além de grande número de feridos. As perdas foram mínimas entre os vencedores. No dia 16 de janeiro de 1894, no Umbu, entre Passo Fundo e Pulador, 1500 republicanos bem armados, sob o comando dos intendentos José Gabriel, de Cruz Alta, e Gervázio Annes, de Passo Fundo, foram esfacelados, pela cavalaria maragata, que somou 17 mortos e 5 feridos. Os perdedores tiveram mais de 200 mortos, número incalculável de feridos e 42 prisioneiros. Essa derrota levou a mobilização da temida Brigada Santos Filho, reforçada por forças passo-fundenses e cruz-altenses, aplicando à vindita no combate dos Valinhos (8 de fevereiro de 1894).

O saldo desse combate, em que os legalistas saíram vencedores, e da perseguição até o Rio do Peixe, se eleva a 160 federalistas mortos e 120 prisioneiros, no Valinhos, que teriam sido torturados até a morte, e 35 republicanos mortos e 15 feridos, e outros que não foram contabilizados.

Pouco depois (6 de junho de 1894), no Combate dos Três Passos, os federalistas, novamente comandados por Prestes Guimarães com 13 mortos e 17 feridos, derrotaram a Coluna Santos Filho e a Divisão do Norte, de Rodrigues Lima. Os pica-paus totalizaram 150 mortos e muitos feridos. O maior encontro armado da Revolução Federalista, em Passo Fundo, foi à batalha do Pulador (27 de julho de 1894), quando se decidiu a sorte da Revolução.

Após seis horas de intensa batalha entre 8000 infantas e 8000 cavalarianos maragatos contra 3000 republicanos, que usaram metralhadores e artilharia, a luta foi interrompida. O coronel Veríssimo Ignácio da Veiga, que permaneceu no local, contou 1.024 mortos.

Muitos feridos de ambos os lados, acabaram perecendo e o total de sobreviventes feridos pode ter sido superior a mil homens.

Terminada a Revolução o Município estava arrasado. As propriedades rurais e urbanas acabaram saqueadas. Prestes Guimarães afirmou que apenas a Coluna de Santos Filho retornou para as Missões levando mais de 8.000 cabeças de gado roubadas. Assassinatos e roubos foram praticados tanto por federalistas quanto por republicanos.

## 5. Revolução de 1923

Nas eleições para presidente (governador) do estado, realizadas em 25 de novembro de 1922, entre Borges de Medeiros, que concorria à reeleição, e Assis Brasil, pela oposição, aconteceram denúncias de fraudes, durante as votações e de falsificação dos resultados finais pela comissão competente da Assembleia Legislativa. Um dos mais combativos líderes da oposição (libertadores) era Artur Caetano da Silva, deputado passo-fundense. Quando, a 24 de janeiro de 1923, Borges de Medeiros foi proclamado vencedor pelos deputados, Artur Caetano não estava mais em Porto alegre. Voltara a Passo Fundo para acender o estopim revolucionário. Mem de Sá (*A Politização do Rio Grande, Tabajara, Porto alegre, 1973, p. 58*), conta que Borges de Medeiros foi empossado no dia 25. “Logo, no mesmo dia, o deputado Artur Caetano da Silva levanta em Carazinho, distrito de Passo Fundo, uma improvisada e precária coluna de gaúchos e proclama a Revolução. Sem armas, sem recursos, apenas, em sua maior parte, com lanceiros, cujas lanças eram formadas por tesouras de tosar ovelhas, amarradas a pau ou vara firme, saiu a campo conclamando a gauchada para a guerra”. João Neves da Fontoura (*Memórias, Volume I, Editora Globo, Porto alegre, 1ª Edição, 1ª Impressão, 1958, págs. 282 e 283*), parlamentar chimango, testemunha a prioridade passo-fundense na eclosão revolucionária, que se espalhou pelo estado e da qual Passo Fundo foi um dos seus centros. Arthur Ferreira Filho (*Revolução de 1923, Imprensa Oficial, Porto alegre, 1973, p. 34*) informa que antes mesmo que a Comissão de poderes da assembleia se pronunciasse sobre o resultado do pleito diversas tropas de libertadoras ameaçavam a cidade. Nos primeiros dias da revolução (*Idem, p. 36*), os rebeldes “simularam um cerco, mas não chegaram a investir seriamente às defesas de Passo Fundo, e com a aproximação de Firmino de Paula, que para ali se dirigiu, logo se retiraram, tomando várias direções. A retirada dos rebeldes foi praticamente sem luta, a não ser um ligeiro tiroteio na Ponte do Pinheirinho”.

Os rebeldes ocuparam o então distrito de Paiol Grande (Erechim) e mantiveram guerrilhas e alguns encontros armados em áreas adjacentes.

## 6. Lutas Tenentistas

Em 28 de outubro de 1924 começou a Coluna Prestes, quando militares do Exército se rebelaram e tomaram os quartéis de São Luiz Gonzaga, São Borja e Uruguaiana. Sem apoio de outras unidades, resolveram marchar na direção de São Paulo, sendo atacados por forças da Brigada Militar e do 8º RI, de Passo Fundo, no combate da Ramada (3 de janeiro de 1925). Forças oficiais e provisórias passo-fundenses perseguiram os revolucionários em outros estados do país.

O mais importante episódio do Tenentismo foi a Revolução de 30. Quase que o comandante militar daquele movimento armado saiu de Passo Fundo. João Neves da Fontoura (*Memórias, Volume II, Editora globo, 1963, p. 381 e seguintes*) conta que João Alberto e Virgílio de Melo Franco vieram convidar o coronel Estêvão Leitão de Carvalho,

comandante do 8º Ri, para liderar o movimento, o que ele não aceitou. Miguel Costa, comandante da vanguarda, aqui permaneceu até as vésperas de 3 de outubro. Nessa data Passo Fundo contava com um forte dispositivo revolucionário equipado com 400 fuzis, seis metralhadoras pesadas, 130 mil tiros, um lança-chamas e um lança-minas, segundo Rodrigo Pimentel (Passo Fundo: Muitas Histórias, Uma Versão, Clio, Passo Fundo, 2005, p. 80). O mesmo autor informa que, ao entardecer, os principais prédios públicos foram tomados e após cerrado tiroteio, em que morreram um soldado e um civil, o 8º RI se rendeu. Imediatamente forças passo-fundenses invadiram Santa Catarina e Paraná, formando a vanguarda da revolução. Só pararam no Rio de Janeiro, onde Getúlio Vargas foi empossado como presidente da República.

## 6. Revolução Constitucionalista

Muitos líderes políticos esperavam que Getúlio convocasse eleições. Não o fez, o que gerou descontentamento. Este levou ao movimento armado conhecido como Revolução Constitucionalista, cujo centro foi São Paulo. A 30 de junho de 1932, era anunciada a união das frentes únicas gaúcha e paulista declarando rompidas as negociações com o governo provisório, pois não obtiveram garantias de que o país voltaria à normalidade constitucional. No Rio Grande do Sul, adversários políticos tradicionais como Raul Pilla e Assis Brasil, libertadores, e Antônio Augusto Borges de Medeiros, republicano, se uniam, conspirando contra Getúlio. Passo fundo era um dos centros de conspiração. O jornalista Túlio Fontoura, diretor de A Luta, foi preso, juntamente com o advogado Rossauro Tavares, e o jornal fechado. O Nacional esteve sob censura entre julho e outubro. Soldados e oficiais do 8º RI foram mobilizados para a frente de combate em São Paulo. Quim César, um dos líderes locais da Revolução de 30, retornou do Rio de Janeiro e organizou um batalhão patriótico, que marchou para Itararé. Reservistas foram convidados a se alistarem no quartel do Exército. Nicolau de Araújo Vergueiro seguiu para o exílio. A 31 de agosto era acertada a explosão revolucionária em Soledade, sob o comando do general Cândido Carneiro Júnior, Candoca. Após algumas refregas, os constitucionalistas se internaram na serra e se protegeram nas margens do rio Fão. Acoçados, cinco mil homens do governo bem armados resistem no Combate do Fão, travado a 13 de setembro (Jorge Augusto de Paula, O Fão, 2ª Edição, João B. M. Freitas Gráficas e serviços, Passo Fundo, 1972). De toda essa movimentação armada, em Soledade, participaram muitos passo-fundenses, ligada à Frente Única, especialmente companheiros de Nicolau de Araújo Vergueiro.

## 7. Revolução de 64

Quando na noite de 31 de março para 1º de abril de 1964, as forças armadas brasileiras, apoiadas por políticos conservadores, empresários e setores da classe média se levantaram contra o governo constitucional de João Goulart, o Jango, era grande a movimentação política em Passo Fundo. Os ferroviários estavam em greve e demais sindicatos de trabalhadores apoiavam o governo trabalhista. Apenas a União Passo-Fundense de Estudantes- UPE- se manifestava contra a greve geral convocada pelo CGT-Comando Geral dos Trabalhadores. Na Câmara dos Vereadores, a maioria era trabalhista, mas o prefeito (Mário Menegaz) pertencia à oposição.

Jango esperava contar com o apoio dos militares, especialmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Aqui, almejava, ainda, a adesão da Brigada Militar. Nada disso ocorreu. Leonel Brizola, cunhado do presidente, que já havia garantido sua posse, com a



campanha da Legalidade, em 1961, tinha passado do governo do estado para Ildo Menegheti, eleito pelos partidos conservadores.

Em 31 de março Brizola, estava em Porto Alegre. Na tarde seguinte, Ildo Menegheti, após uma reunião com o secretariado, saiu da Capital. Às 20 horas e 40 minutos chegava a Passo Fundo. Reuniu-se com Mário Menegaz, o major Victor Hugo Martins, comandante do 2º Batalhão Policial da Brigada Militar, e outros companheiros políticos, jantou no Turis Hotel, e instalou o governo no prédio do atual 3º RPMon. Lançou um manifesto conclamando os gaúchos à “resistência democrática” contra o governo deposto.

Jango veio para Porto Alegre. Ante a impossibilidade de resistência exilou-se no Uruguai, seguido de Brizola e outros aliados. Quando a situação estava sob controle, Menegheti retornou para Porto Alegre. Em Passo Fundo trabalhistas e comunistas foram reprimidos. Chegou a ser aberto inquérito para apurar denúncias contra vereadores e funcionários da Câmara acusados de comunistas. O vereador Wilson Garay, do PTB, foi preso porque se proclamara líder dos “grupos dos 11”, temida organização paramilitar, liderada por Leonel Brizola. Dezenas de pessoas acabaram detidas acusadas de pertencerem ao Partido Comunista Brasileiro- PCB- e aos “grupos dos 11”. A 23 de abril, Menegheti decretou a intervenção na SPU- Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, liderada pelos irmãos César José dos Santos e Reissoly José dos Santos, líderes trabalhistas.

Assim, naqueles primeiros dias da autointitulada “Revolução de Março”, Passo Fundo desempenhou papel importante, ao se tornar, de fato, Capital do Rio Grande do Sul, adquirindo renome nacional, tendo merecido congratulações do próprio Carlos Lacerda, um dos líderes civis do movimento.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha  
Somando.

Maio de 2006

Data : 07/04/1938

Título : As origens da Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: A primeira reunião fica convocada para ...

As origens da Academia Passo-Fundense de Letras

A Academia Passo-Fundense de Letras foi fundada no dia 7 de abril de 1938 com o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras e assumiu oficialmente a atual denominação a 7 de abril de 1961. A decisão de criar a entidade aconteceu numa reunião preliminar levada a efeito no dia 31 de março de 1938. Na oportunidade foi lavrado o seguinte documento: “Nós, reconhecendo o valor que as letras têm na formação moral, cívica e intelectual do povo, e querendo contribuir á grandeza de nossa Pátria, pelo pensamento e pela idéia, resolvemos fundar um GRÊMIO LITERÁRIO, que tomará o nome de “GRÊMIO PASSOFUNDENSE DE LETRAS”, associação essa que esperamos venha a ser reconhecida como entidade oficial pela “ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS”, conforme plano da ‘FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS’ do Brasil.

A primeira reunião fica convocada para o dia sétimo, Quinta-feira, as 20,30 horas, no salão nobre da Prefeitura, para instalação definitiva do grêmio e eleição da diretoria provisoria.

PASSO FUNDO, 31 de MARÇO DE 1938.

Sante Uberto Barbieri, Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bastos, Tristão Feijó Ferreira, Aurélio Amaral, Odette de Oliveira Barbieri, Celso da Cunha Fiori, Pedro Silveira Avancini, Herculano Araújo Annes, Nicolau de Araújo Vergueiro, Armando de Souza Kanters, Túlio Fontoura, João José Boeira Guedes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Verdi De Cesaro, Daniel Dipp, Antônio Athos Branco da Rosa, Heitor Pinto da Silveira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Onildo Gomide, Píndaro Annes, Waldemar Camillo Ruas, Lucilla Schleder e Oscar Kneipp.”

No dia 7 de abril de 1938 foi realizada a sessão de fundação do Grêmio Passofundense de Letras, cuja até lavrada foi a seguinte:

Ata da sessão de fundação do “Gremio Passofundense de Letras”

Aos sete dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e oito, no salão nobre da Prefeitura Municipal, às 20,30 horas, presentes a maioria dos que, anteriormente, resolveram fundar o “Gremio Passofundense de Letras”, levantou-se o Revdo. Sante Uberto Barbieri que propoz fosse aclamado presidente da sessão o snr. Arthur Ferreira Filho, prefeito municipal, com poderes de designar os auxiliares na Mesa. Assim aclamado presidente o snr. Arthur Ferreira Filho assumiu o lugar principal na Mesa, convidando para secretario o snr. Verdi De Cesaro que ocupou o lugar digo o seu posto. Agradeceu o Presidente a honra da escolha, saudando o Gremio pela auspiciosa sessão de fundação, prenuncio de um vasto descortino para o engrandecimento moral, civico e intelectual do mais importante dos municípios da Região Serrana.

Em seguida o Revdo. Sante Uberto Baribieri pediu a palavra e expoz o seu pensamento em torno da entidade literaria, que se estava fundando, dizendo o que o levava a congregar os intelectuais de Passo Fundo para a presente reunião, falando do pedido da “Academia Riograndense de Letras” para, como seu delegado, por em execução nesta cidade o plano da “Federação de Letras” do Brasil, bem como, traçou em linhas gerais as

finalidades essenciais do Gremio. Serenados os aplausos que sucederam às ultimas palavras do orador, o Presidente passou a deliberar com a Assembleia os pontos que deveriam ficar assentados para o normal funcionamento do Gremio até que fosse organizado definitivamente de acordo com as normas que serão estabelecidas pela “Academia Riograndense de Letras”. Depois de uma longa troca de ideias ficou deliberada a eleição, por escrutinio secreto, de uma diretoria provisoria composta de um presidente, um vice-presidente, um secretario geral, um 1º. secretario, um 2º. secretario, um tesoureiro e um bibliotecario, cuja diretoria tomaria a direção do Gremio até a escolha da que fosse eleita de acordo com os estatutos que serão elaborados. Procedida, após, a eleição, foi verificado o seguinte resultado:

Para presidente:

Arthur Ferreira Fº. com 10 votos

Sante Uberto Barbieri com 6 votos

Para vice-presidente:

Gabriel Bastos com 9 votos

Sante Uberto Barbieri com 4 votos

Celso da Cunha Fiori com 1 voto

Armando de Souza Kanters com 1 voto

Para secretario Geral:

Sante Uberto Barbieiri com 14 votos

Verdi De Cesaro com 1 voto

Tristão Ferreira com 1 voto

Para 1º. secretario:

Verdi De Cesaro com 9 votos

Daniel Dipp com 2 votos

Tulio Fontoura com 2 votos

Aurelio Amaral com 1 voto

Athos B. da Rosa com 1 voto

Para 2º. secretario:

Lucila Schleder com 14 votos

Celso da Cunha Fiori com 1 voto

Sabino Santos com um voto

Para tesoureiro:

Daniel Dipp com 10 votos

Tristão Ferreira com 4 votos

Tulio Fontoura com 1 voto

Sabino Santos com 1 voto

Para bibliotecário:

Athos Branco da Rosa com 13 votos

Daniel Dipp com 2 votos

Tristão Ferreira com 1 voto

De acordo com o resultado apurado a diretoria provisoria ficou assim constituída: Presidente: snr. Arthur Ferreira F<sup>o</sup>.; Vice-presidente: snr. Gabriel Bastos; Secretario Geral: Rvdo. Sante Uberto Barbieri; 1<sup>o</sup>. Secretario: dr. Verdi De Cesaro; 2<sup>o</sup>. Secretario: srta. Lucila Schleder; Tesoureiro: Daniel Dipp; Biblioecario: A. Athos Branco da Rosa.

Em seguida o Revdo. Sante Uberto Barbieri propoz que o Gremio comemorasse festivamente o proximo dia 14 de abril, dia Panamericano, em cuja solenidade seria empossada a diretoria provisoria. Aprovada a sugestão o snr. Presidente escolheu a seguinte comissão para tratar dos festejos do dia Pan-Americano: Revdo Sante Uberto Barbieri; dr Armando de Souza Kanters; srta Lucila Schleder; snr Tristão Ferreira; e dr. Verdi De Cesaro.

Para tratar da escolha de um predio proprio para a séde do Gremio o snr Presidente designou a seguinte comissão: snrs Gabriel Bastos, Tulio Fontoura, Tristão Ferreira e dr Armando de Souza Kanters. O snr Heitor Pinto Silveira pedindo a palavra propoz, e justificou, que fosse consignado em ata um voto de louvor ao Revdo Sante Uberto Barbieri, homenagem devida pela dedicação e entusiasmo que dispensara para a fundação do "Gremio Passofundense de Letras". A proposta foi aprovada unanimemente com uma prolongada salva de palmas.

Às 22 horas, o Presidente declarou que ia encerrar a sessão, convidando todos os presentes para uma reunião terça-feira, 12 de abril, em local que seria designado. E, para constar lavrou-se esta ata, que vai por todos os presentes assinada.

Em tempo: Ao ser lida a presente ata a sua aprovação, pediu a palavra o snr Daniel Dipp para solicitar que ficasse consignada a proposta do snr Tulio Fontoura, que foi aprovada pela Assembleia, referente a doação do primeiro livro à biblioteca do Gremio, pelo Revdo Sante Uberto Barbieri, livro este de sua autoria. E para constar lavrou-se a presente ata que vai por todos os presentes assinada. Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bastos, Sante Uberto Barbieri, Verdi De Cesaro, Lucila V. Schleder, Daniel Dipp, Heitor P. Silveira,

Tristão F. Ferreira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Oscar Kneipp, Celso Fiori, e Tulio Fontoura.

Quando a Academia foi organizada o país vivia sob o Estado Novo, regime autoritário implantado por Getúlio Vargas, através do golpe de estado de 10 de novembro de 1937. Entre outras medidas “nacionalistas” Vargas implantou a nacionalização do ensino, obrigando que as aulas fossem ministradas apenas em português; impôs a censura à imprensa e à edição de livros; rígido controle sobre publicações em língua estrangeira e proibiu o uso de línguas estrangeiras em documentos e reuniões públicas. Isso gerou uma espécie de ufanismo entre vasta parcela da intelectualidade nacional, ainda sob o peso mítico do nacionalismo lingüístico e de um certo purismo à Rui Barbosa, também muito mais mítico do que real. Outra medida que exerceu grande influência sobre os intelectuais foi o fechamento dos partidos políticos, o que provocou um fenômeno parecido com o que aconteceu durante o período colonial: a discussão político-ideológica passou a ocorrer no interior de “clubes”.

É preciso que tenhamos consciência desses fatos para entendermos a criação do Grêmio Passo-Fundense de Letras. Também o estudo biográfico dos fundadores pode contribuir para o entendimento do processo. Pesquisas ainda preliminares têm sido realizadas pelo acadêmico Gilberto Cunha sobre Sante Uberto Barbieri, “idealizador” do Grêmio. Esse italiano, que saiu ainda menino de sua terra natal, antes de converter-se ao metodismo teria sido militante anarquista. Ora, os “clubes” sempre foram uma das formas preferidas dos anarquistas para a sua atuação intelectual.

O delegado da Federação das Academias de Letras do Brasil tinha conhecimentos suficientes para propor a organização de um “grêmio literário”, como forma de sobrevivência da “intelectualidade”. A mobilização de áulicos, como o então prefeito (na verdade, interventor) Arthur Ferreira Filho, em sua febre de integrar o elemento estrangeiro à civilização brasileira através da nacionalização do ensino, acabou favorecendo a iniciativa de Sante Uberto Barbieri.

À medida em que vamos nos aprofundando no estudo daqueles anos descobrimos algumas coisas interessantes, entre as elas a fundação de grêmios literários em cidades da região. Encontramos notícias de que existiram entidades do gênero em Carazinho e Sarandi, pelo menos. Acabaram não prosperando.

O próprio Grêmio Passo-Fundense de Letras funcionou ativamente entre 7 de abril e 19 de agosto de 1938. Embora se afirme que esteve inativo dessa última data até 16 de setembro de 1939, quando uma assembléia, presidida por Arthur Ferreira Filho, decidiu pela continuidade do Grêmio, o fato não é bem verdade. No dia 18 de janeiro de 1939, “na sede do Grêmio Passo-Fundense de Letras”, foi realizada “uma sessão extraordinária e solene de recepção do Exmo. Sr. Cel. Januário Coelho da Costa, brilhante literato patricio, que tem enriquecido nossa literatura pátria com os fulgores de seu talento e inteligência, através de versos firmes, reveladores de um poeta e beletrista de escol”.

Nessa primeira fase foram adotadas algumas medidas que teriam continuidade ao longo dos anos. Uma delas a apresentação de um trabalho literário, a cada reunião por um membro do grupo. Essa proposta foi levada a sério durante muitos anos, dela resultando os livros “Atlântida” e “Aborígenes Brasileiros”, de Gabriel Bastos. Alguns opúsculos do

historiador Antonino Xavier e Oliveira, publicados na década de 1950, também surgiram através dessa horária literária, proposta por Sante Uberto Barbieir, já na segunda reunião do Grêmio, a 12 de abril de 1938. A segunda media foi a formação de uma comissão constituída por Gabriel Bastos, Túlio Fontoura, Tristão Ferreira e Armando de Souza Kanters, para conseguir o prédio do Clube Pinheiro Machado como sede própria do Grêmio. Só não foi possível porque no local funcionava o Tiro de Guerra 225, mas quando o mesmo fosse recolhido à caserna, o edifício passaria a ser usado pela associação literária.

O Grêmio Passo-Fundense de Letras iniciou suas atividades a pleno vapor. Há registros de diversas publicações de seus integrantes em “O Nacional” e “Diário da Manhã” sobre os mais diversos assuntos. Disso cuidava uma comissão de publicações presidida por Tristão Ferreira.

No dia 29 de abril foram lidos os Estatutos do Grêmio, que transcrevemos a seguir:

## “Estatutos do Grêmio Passofundense de Letras

### Capítulo I

#### Do Grêmio, sua sede e fins

Artigo 1º - O Grêmio Passofundense de Letras, instituído na cidade Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, a 7 de abril de 1938, terá por sede a mesma cidade, e por fins, de acordo com os presentes estatutos, despertar e promover o interesse pela cultura literária, e estimular o sentimento de brasilidade e o civismo da população do município a que pertence.

Artigo 2º - Entre outros meios, que poderão ser sugeridos a exame e adaptação, procurará ele realizar tais objetivos pelos seguintes:

& 1º – Conferências públicas, pelos sócios efetivos ou personalidades de valor literário ou científico, em trânsito pela cidade, à razão de uma por mês.

& 2º - Franqueamento de sua biblioteca a quantos se interessarem pela leitura, até a fundação de instituto municipal do gênero.

& 3º - Manutenção, à medida do possível, de cursos gratuitos de alfabetização, destinados às classes menos favorecidas da fortuna.

& 4º - Recepção oficial a artistas e intelectuais de merecimento, que visitarem o município.

& 5º Comemoração solene das grandes datas da nacionalidade.

& 6º - Promoção de concursos literários anuais sobre temas diversos e entre diferentes classes: sócios efetivos, escolares, etc.

Artigo 3º - As atividades normais da casa serão norteadas por um regimento interno, que será considerado parte integrante destes estatutos.

### Capítulo II

## Dos sócios

Artigo 4º - Compôr-se-á o Grêmio de vinte e cinco sócios efetivos, todos residentes no município, e de um número ilimitado de filiados, composto de pessoas que, não podendo ou não desejando pertencer à primeira categoria, todavia queiram, de qualquer maneira, emprestar solidariedade à ação dele.

Artigo 5º – Uma vez instalado com aqueles que tiverem aderido a iniciativa de sua fundação, os claros que porventura existirem ou a ser abertos vierem, serão preenchidos pelos candidatos que, para isso, forem propostos à assembléia geral por três sócios efetivos e apresentarem credenciais de cultura, comprovada por atividade nas letras, ou exercício de profissão ou ocupação de caráter intelectual: advogado, médico, engenheiro, professor, sacerdote, estudante, funcionário público em cargo de responsabilidade, etc.

Art. 6º - A admissão de sócios filiados se processará pelo voto da assembléia efetiva, mediante proposta firmada por um sócio dessa categoria.

Art. 7º - Consuma-se a posse do sócio efetivo com o seu comparecimento, pela primeira vez, aos trabalhos e prestando ele, aí, o compromisso regulamentar.

Art. 8º - Sempre que em exercício da atividade literária, os sócios efetivos deverão declinar a sua qualidade de membros do Grêmio.

Art. 9º – Os sócios, efetivos ou filiados, serão sujeitos a contribuição mensal de 2\$000 para aqueles e de 1\$000 para estes.

Art. 10º - Serão circunstâncias caracterizantes da vaga de sócio efetivo: a) o falecimento do sócio; b) expressa declaração de renúncia; e) falta de comparecimento, sem apresentação de justificativa, a oito sessões seguidas.

Art. 11º - Não responderão os membros do grêmio, nem direta nem subsidiariamente, pelas obrigações que a administração dele contrair no exercício das respectivas funções.

## Capítulo III

### Da Administração

Art. 12º - Será o Grêmio regido por uma diretoria eleita anualmente na Segunda quinzena de dezembro, a qual poderá ser reeleita e constará de um presidente, um secretário geral, um tesoureiro e um bibliotecário, além dos quais o presidente nomeará, por livre escolha sua, um primeiro e um segundo secretários, um sub-tesoureiro e um sub-bibliotecário.

Art. 13º - Como supremo mandatário do Grêmio, caberá ao presidente dirigir-lhe os trabalhos e o representar em juízo e nas relações com terceiros.

Art. 14º – Ao secretário geral, substituto legal do presidente nos impedimentos respectivos, estará afeta a superintendência de todos os serviços indispensáveis à boa regularidade dos trabalhos do Grêmio.

Art. 15º – Ao tesoureiro incumbirá a guarda e administração do patrimônio social, de acordo com os demais membros da diretoria.

Art. 16º - Ao bibliotecário competirá a direção, organização, desenvolvimento e conservação da biblioteca.

Art. 17º – Ao 1º secretário caberá a organização da correspondência expedida e recebida, bem como a responsabilidade do expediente interno da secretaria.

Art. 18º – O 2º secretário encarregar-se-á da guarda do livro de presença às reuniões e da lavratura e leitura das atas das mesmas.

Art. 19º - Aos sub-tesoureiros e sub-bibliotecários competirá, quanto possível e de acordo com as exigências do serviço, auxiliar, respectivamente, ao tesoureiro e ao bibliotecário, bem como substituí-los nos impedimentos que tiverem.

Art. 20º - O Grêmio funcionará com a presença de cinco membros e deliberará com a da Terça parte dos sócios efetivos em pleno gozo dos direitos sociais.

#### Capítulo IV

##### Disposições gerais

Art. 21º – O Grêmio poderá solicitar e receber auxílios oficiais ou particulares, na esfera municipal, e aceitar encargos referentes ao lato cultivo das letras nacionais.

Art. 22º - É-lhe vedada, em absoluto, qualquer manifestação de caráter político ou religiosos, porém concederá a seus sócios, sob a responsabilidade pessoal deles, a pleniposse da respectiva liberdade de pensamento no exercício das suas aptidões e tendências espirituais.

Art. 23º – Para que possa ser extinto, será necessário que isso, harmonicamente, delibere a maioria absoluta de seus membros efetivos, dando destino aos bens acaso existentes pela forma que julgar preferencial.

Art. 24º - A diretoria que for eleita de acordo com os presentes estatutos terá findo o seu mandato a 31 de dezembro do corrente ano, circunscrevendo-se o das outras ao ano civil para que forem eleitas.”

A assembléia decidiu nomear uma comissão formada por Antonio Xavier e Oliveira, Verdi De César e Arthur Ferreira Filho para revisarem os estatutos. Na sessão seguinte ( 6 de maio) foi apresentado um relatório da comissão e aprovada proposta de Sante Uberto Barbieri para que a diretoria continuasse o seu mandato até 31 de dezembro daquele ano.

Esses estatutos continuariam sendo discutidos e rediscutidos até que foram definitivamente aprovados a 3 de outubro de 1939, já na atual sede da Academia Passo-Fundense de Letras, onde o Grêmio foi “reorganizado”.

Aliás, essa questão da reorganização é uma questão problemática. Aqueles que se dedicaram a estudar a história da Academia Passo-Fundense de Letras, seguindo o que consta em diversos documentos do sodalício, afirmam que a entidade esteve inativa entre 19 de agosto de 1938 e 16 de setembro do ano seguinte. Entretanto, a 18 de janeiro de 1939 aconteceu uma “sessão extraordinária e solene de recepção do Exmo. Sr. Cel. Januário Coelho da Costa, brilhante literato patricio, que tem enriquecido nossa literatura pátria com os fulgores de seu talento e inteligência, através de versos (...), reveladores de um poeta e beletrista de escol”.

O Regimento Interno foi aprovado em 20 de outubro do mesmo ano.



A definição de ordem e numeração das cadeiras foram decididas em 28 de outubro, com a seguinte ordem de cadeiras: 1 – Athos Branco da Rosa; 2 – Antônio Bitencourt de Azambuja; 3 – Armando de Souza Kanters; 4 – Arthur Ferreira Filho; 5 – Brasileiro Bastos; 6 – Celso da Cunha Fiori; 7 – Daniel Dipp; 8 – Francisco Antonino Xavier e Oliveira; 9 – Gabriel bastos; 10 – João José Boeira Guedes; 11 – Odalgiro Gomes Corrêa; 12 Odete Barbieri; 13 – Onildo Gomide; 14 – Oscar Kneipp; 15 – Pedro dos Santos Pacheco; 16 – Píndaro Annes; 17 – Sabino Santos; 18 Sante Uberto Barbieri; 19 – Tenack Wilson de Souza; 20 – Túlio Fontoura; 21 – Tristão Feijó Ferreira; 22 – Waldemar Ruas; 23 – Verdi De Cesaro.

A organização do Grêmio Passo-Fundense de Letras foi oficializada pela Academia Rio-Grandense de Letras e o presidente da mesma, De Paranho Antunes, foi recepcionado pelos intelectuais passo-fundenses no dia 24 de junho, oportunidade em que foi saudado por Armando de Souza Kanters.

O fato de que, na Região, apenas o Grêmio Passo-Fundense de Letras tenha conseguido sobreviver leva à conclusão de que esse tipo de entidade era movida por fatores conjunturais, passageiros. Creio que possam ser encontradas nas propostas políticas do Estado Novo. Uma vez extinto o “regime” acabou o movimento gremista. Somente sobreviveu em Passo Fundo porque o município se consolidava como centro político e econômico regional. Era a única cidade do Norte gaúcho a dispor de uma “elite intelectual”.

Data : 11/05/2008

Título : As Origens da Universidade de Passo Fundo

Categoria: Crônicas

Descrição: A idéia da criação da Universidade de Passo Fundo, surgida na mete fecunda de Antonio Donin, encontrou ...

### As Origens da Universidade de Passo Fundo

Antonio Donin foi uma das figuras mais importantes da história passo-fundense na segunda metade do século XX. Tive o prazer de conversar incontáveis vezes com o poeta, jornalista, professor, advogado e político, que ele era, tudo ao mesmo tempo, vinte e quatro horas por dia. Dele e dois outros professores, Sabino Santos e Edy Isaías, guardo as lições que recebi fora das salas de aula, pois não chegue a ser seus alunos em classe.

Durante as conversas com o professor Donin ele recordava os lances iniciais para que Passo Fundo dispusesse de ensino superior. Em Rio Grande, onde vivera durante algum

tempo, antes de fixar-se definitivamente na terra do capitão Manoel das Neves, participara dos movimentos para criar a universidade local. Trouxe a inspiração e a experiência. Trabalhador incansável, articulador inextinguível, procurou unir todos os segmentos da sociedade passo-fundense em torno da criação de uma Universidade. E o conseguiu.

Nessa articulação, o Grêmio Passo-Fundense de Letras teve um papel primordial, importante, enquanto instituição organizada da sociedade civil. Em todas as reuniões os “gremistas” se destacam, em número e movimento. Os documentos da época demonstram-no à sociedade.

Na entrevista concedida à Água da Fonte (Ano 4 - nº 5 - Junho de 2007) Paulo Giongo, memória viva da história passo-fundense nos últimos setenta anos confirmou tudo o que o professor Antonio Donin narra. “O professor Antônio Donin veio de Rio Grande, onde participara dos movimentos que levaram à criação das universidades daquela cidade e de Pelotas. Trouxe a experiência dessas mobilizações para Passo Fundo. Começou a promover reuniões com o objetivo de criar uma Universidade em Passo Fundo. Participei de todos esses encontros, ora na redação de O Nacional, ora na redação do Diário da Manhã, na Rádio Passo Fundo e em clubes sociais. Com isso, toda a comunidade se uniu e, assim, foi possível o desenvolvimento do ensino universitário”, declarou textualmente Paulo Giongo.

A seguir, confirmando documentação existente nos arquivos da Academia Passo-Fundense de Letras, destacou a contribuição do Grêmio Passo-Fundense de Letras: “A participação foi intensa. Quase todos aqueles que abraçaram a idéia do professor Donin faziam parte do sodalício. Os integrantes do Grêmio Passo-Fundense de Letras entenderam que o arrazoamento da minuta do telegrama, elaborada pelo professor Sabino Santos, merecia alterações e incumbiram Antonino Xavier e Oliveira de fazê-las. Feitas e aprovadas, o telegrama foi enviado a Getúlio Vargas. Quando, mais tarde, decidimos abrir processo para criar a Universidade de Passo Fundo, encontramos o processo aberto pelo Grêmio, hoje Academia Passo-Fundense de Letras, já em tramitação no Ministério de Educação e Cultura”.

A história dos telegramas começa no dia 3 de agosto de 1951, quando o professor Sabino Santos lê a minuta de um telegrama que deveria ser passado pelo Grêmio Passo-Fundense de Letras ao presidente Getúlio Vargas pleiteando a criação de uma universidade. O jornalista Túlio Fontoura, apoiando a emissão do telegrama, “propôs que o Grêmio desse ao deputado César Santos amplos poderes para tratar junto ao sr. Presidente do assunto em foco”. Decidiu-se fazer outra redação do telegrama, incumbência conferida ao historiador Antonino Xavier e Oliveira.

No dia 17 daquele mês foi aprovado o envio do seguinte ao presidente Vargas:

PRESIDENTE GETULIO VARGAS

PALCIO CATETE

RIO DE JANEIRO

PERMITA VOSENCIA GREMIO PASSOFUNDENSE LETRAS INSTITUIDO 1939 E DESDE ENTAO PROPUGNANDO DESENVOLVIMENTO CULTURA LOCAL VG RENDA HOMENAGEM MUNICIPIO COMEMORA SEU NONAGESIMO QUARTO ANIVERSARIO

VG SOLICITANDO PRIMEIRO MAGISTRADO NAÇÃO TORNE EFETIVA CRIAÇÃO UNIVERSIDADE PASSO FUNDO VG TANTO MAIS NECESSARIA QUANTO CERTO ALEM POSIÇÃO CENTRAL CIDADE EM VASTA E POPULOSA REGIAO RIOGRANDENSE VG CONTIGUIDADE AMPLAS ZONAS OESTE SANTA CATARINA E SUL PARANA TAMBEM ATENDIDAS TAO JUSTA E PATRIOTICA APSIRACAO VG CURSOS SUPERIORES EXISTENTES ESTADO NAO COMPORTAM MATRICULA NUMEROSOS SCANDIDATOS ANUALMENTE PREPARADOS GINASIOS ESTA REGIAO PT RESPEITOSAS SAUDACOES

CELSO FIORI – PRESIDENTE

SABINO SANTOS – SECRETARIO

A resposta veio logo, noticiando a abertura do processo para a criação da Universidade de Passo Fundo, de que nos falou Paulo Giongo. Eis o telegrama do então secretário da Presidência, ainda existente nos arquivos da Academia Passo-Fundense de Letras:

OFF CELSO FIORI E SABINO SANTOS GREMIO PASSOFUNDENSE LETRAS PFUNDORS

PALACIO CATTETE RIODV 14829 40 23 12

SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA INCUMBIU ME COMUNICAR ASSUNTO SUA CORRESPONDENCIA FOI ENCAMINHADO MINISTERIO EDUCACAO SAUDE PL 20/8/51 AFIM DE SER DEVIDAMENTE APRECIADO PT PROTOCOLADO P R 71062 PT SDS LOURIVAL FONTES SECRETARIO PRESIDENCIA

Os documentos aqui transcritos, comprovam a importância dos “imortais de Passo Fundo” para o desenvolvimento e o progresso do município, nas últimas sete décadas. Todas as iniciativas que deram certo ou surgiram dentro do prédio sede de número 792, da Avenida Brasil Oeste ou ali se desenvolveram.

A idéia da criação da Universidade de Passo Fundo, surgida na mete fecunda de Antonio Donin, encontrou solo fértil nos jardins da Academia Passo-Fundense de Letras, ali floresceu, vicejou e foi dar frutos em diversos pontos da região.

Data : 30/06/2005

Título : AS ORIGENS DO PARQUE TURÍSTICO ROSELÂNDIA DE PASSO FUNDO

Categoria: Artigos

Descrição: Há algumas semanas encontrei-me com meu velho e bom amigo Irady Laimer, uma das pessoas mais persistentes que conheço.

## AS ORIGENS DO PARQUE TURÍSTICO DE PASSO FUNDO

por Paulo Monteiro

Da Academia Literária Gaúcha e da Academia Passo-Fundense de Letras

Há algumas semanas encontrei-me com meu velho e bom amigo Irady Laimer, uma das pessoas mais persistentes que conheço. Há mais de 30 anos luta para que Passo Fundo tenha um Parque Turístico. Aposta nessa alternativa como a mais viável para a prosperidade econômica do Município. Sacrificou a maior parte de sua vida e da herança deixada pelos pais, perseguindo essa ideia.

Já ouviu dizerem que Irady é um visionário. Segundo Aurélio Buarque de Holanda visionário é “aquele que tem visões ou julga ver fantasmas”. Os construtores de grandes religiões e nacionalidades, com certeza, costumavam “ter visões”. Se Moisés não tivesse visões os israelitas teriam desaparecido nas areias do Egito. Se D. Diniz, o rei poeta, se contentasse em plantar couves, em vez de cultivar pinheiros, Portugal não disporia de madeiras fartas para construir suas naus e caravelas. Os visionários fazem crescer pinhais, os medíocres plantam couves. Irady é um cultivador de pinheiros. Bendito visionário!

Contou-me, naquela oportunidade em que conversamos, alienados ao burburinho da Avenida Brasil, que, naqueles idos de 1971, conversou sobre suas ideias com outro visionário, meu mestre e saudoso amigo professor Antônio Donin, e este sugeriu que fosse feita uma reunião na sede da Academia de Letras, sendo convidadas autoridades e pessoas interessadas no desenvolvimento de Passo Fundo. Mimeografaram uma convocação, meteram mãos à obra, saiu o encontro e o Parque foi criado. Parodiando a canção infantil: “Um visionário incomoda muita gente, Dois visionários incomodam, incomodam muito mais!...”

Pois bem, Irady esteve numa reunião da Academia Passo-Fundense de Letras e deixou cópias de alguns documentos. Pela importância dos mesmos, prefiro transcrevê-los na íntegra.

O primeiro deles é a convocação, redigida nos seguintes termos:

“Passo Fundo, 21 de julho de 1971

Ilmo Sr.

N/Cidade

Prezado senhor

Temos a grata satisfação de convidar V>S> para uma reunião que se realizará em data e local abaixo indicados, ocasião em que será apresentado e ventilado um plano de criação de um PARQUE que possa servir de Centro Turístico para a nossa cidade e região.

Contando com a participação de V.S. desde já agradecemos o seu comparecimento e contamos com suas valhosas sugestões.

Atenciosamente: Irady Laymer, Antônio Donin, Delma Gehm e Dirceu Torres.

Data da reunião: 27/07/1971- às 20 horas

Local: Academia Passo- Fundense de Letras”

A reunião foi realizada, sendo lavrada a seguinte ata:

“Ata nº 1

Aos vinte e sete dias do mês de julho de mil novecentos e setenta e um, na sede da Academia Passofundense de Letras, sita no Edifício do Clube Pinheiro Machado, à Avenida Brasil nº 792, foi realizada uma reunião, tendo por finalidade criar uma Sociedade “Pró Construção do Parque Turístico de Passo Fundo”, cujo programa foi o seguinte:

I-Abertura dos trabalhos pelo Prof. Dr. Antônio Domim

II-Composição da mesa dos trabalhos

III-Apresentação das finalidades da reunião pela Prof. Delma Rosendo Gehn

IV-Palavra livre

V-Diálogos e discussões

VI-Proposições

O programa desenvolveu-se conforme o registro, tendo ocupado a mesa Oficiais representando o 1º 2º R/C e 3º R.P.R Mont. Da Brigada Militar e Sr. Noé Machado representando o Sr. Prefeito Municipal. Na apresentação das finalidades a prof.<sup>a</sup> Delma Rosendo Gehn expos as justificativas, os objetivos e as finalidades da reunião, seguindo-se logo a seguir a palavra livre; quando dela fizeram uso o Sr. Irady Laimer, dizendo dos seus sentimentos de integração com o bem estar de Passo Fundo; o Sr. Adolfo João floriani agradecendo o convite à Associação Comercial, expôs suas preocupações quanto ao custeio e manutenção, contudo não impossível, o vereador Noé Machado expôs dificuldade de custeio por Poderes Públicos, por só investirem onde houver rentabilidade, porém pensando-se noutro meio para incentivar; o Sr. Camilo Ribeiro crê que a conjectura do Vereador Noé passa também ser removida e ajudas possam ser carreadas; o Dr. Dirceu Torres apresentou ideias de um Plano Comunitário; O Dr. Ari Veríssimo da Fonseca expôs que Passo fundo já conta com atrações obrigatórias que poderiam carrear para o local as suas realizações como: Festival Gaúcho, Fenatrigio, Feira de Ciências, etc; o oficial Ivan Castro de Souza propôs que antes de fazer uma Comissão para estudos, penetração na comunidade e contatos com a Comunidade, deveria ser criada uma Comissão Técnica para fazer levantamento do local. Por unanimidade ficou assentado que a referida Comissão estaria composta dos Srs.: Tte. Ivan Castro de Souza, Dr. Dirceu Torres, Sr. Adolfo João Floriani, Dr. Celcio Boscarin, Dr. Norberto Eirich, Dr. Carrion, engenheiro do DAER, Dr. Engenheiro da Corsas, Cap. Adão Johson, Sr. Caio Machado, Dr. Bruno Markus e Sr. Deoclides Kzamanski. Por sugestão do Sr, Harry François ficou assentado que a Comissão que organizou a presente reunião fará as devidas comunicações à Secretaria de Turismo do Estado, para que elemento dela integrante viesse a Passo Fundo a fim de, juntamente com a Comissão determinada, visitasse o

local. Por sugestão do Prof. Antônio Domin foi apresentada a ideia de cumprimentar S. Excia. O Sr. Governador do Estado Cel. Euclides Triches pela criação da Secretaria de Turismo do R. G. do Sul. O Sr. Delvo Hughini, representando o Rotary Club Passo Fundo Norte felicitou a ideia de criação desse Parque o que já era ideia do seu Clube. A sra. Ziza de Araújo Trein falou da beleza de um Parque em Lisboa, onde flores maravilhosas pode apreciar. Em Viena num Parque onde música, vinho e dança alegam o ambiente. No Brasil, D, Ziza, comentou dos parques nacionais de Belém, Campinas e Santos e tantos outros. Terminou dizendo que espera que Passo Fundo realiza alguma coisa pelo seu Parque. A prof.<sup>a</sup> Representante da 7<sup>a</sup> Delegacia de Ensino felicitou a ideia e pôs a disposição a 7<sup>a</sup> Delegada da SEC. O Dr. Bruno Patussi secundou a opinião do Dr, Ari Veríssimo da Fonseca, pondo-se à disposição. O Prof. Sabino dos Santos, elogiou a ideia dizendo que se tornará numa realidade positiva. O oficial José Nunes representando o Comendo do 3º R.P.R. Mont da Brigada Militar pôs à disposição os préstimos de sua Corporação Militar; o Sr. Deoclides Czamanski também apoia a ideia da criação de um Parque em Passo Fundo; o Sr, Tranquillo Grazziotin receia a posição geográfica por ser um local afastado das maiores vias de comunicação, contudo prestigia a ideia. O Sr. Camilo Ribeiro que nos honrou com sua presença foi o pioneiro que em companhia do Sr. Irady Laimer incentivou e estimulou ao proprietário que proporcionasse acesso ao local, pois favoreceria o aspecto e portanto o interesse dos que o visitasse, deixando como baiano uma sugestão aos gaúchos de Passo Fundo que fizessem seu Parque. O Sr. Dorival Gudes ache que é uma grande iniciativa e que deve prosseguir. A comunicação para a Comissão determinada em Ata para visitaçao do local será feita pela 1<sup>a</sup> reunião ou seja Sr. Irady Laimer, Prof. Dr. Antônio Domin, Dr. Dirceu Torres e Delma Rosendo Gehn. Nada mais havendo a tratar lavrei a presenta ata que será assinada por todos os presentes, depois lida e aprovada.

A ata termina com vinte assinaturas de pessoas presentes, muitos dos quais eram ou seriam membros da Academia Passo-Fundense de Letras.

Somando.

30/06/2005.

Data : 18/07/1997

Título : As palavras essenciais

Categoria: Resenhas

Descrição: O homem contemporâneo vive apressadamente. Via de regra, não tem tempo para ouvir longos discursos ou ler escritos volumosos.

## As palavras essenciais

por Paulo Monteiro

O homem contemporâneo vive apressadamente. Via de regra, não tem tempo para ouvir longos discursos ou ler escritos volumosos. Assim, os autores optam, não raras vezes, pela rapidez no expressar-se e as editoras pelos pequenos volumes.

Três editoras cristãs de São Paulo, a Editora Fiel, a Exodus e a Editora e Distribuidora Candeia, estão publicando volumes de pequeno formato sobre temas que têm atualidade inegável. A primeira delas, com a série Descubra Agira, já divulgou quatro títulos: Como Alcançar o Genuíno Aviamento de Nelson Luiz Campos Leite, Como sua Igreja pode transformar o Mundo de Isaltino Gomes Coelho, Como Viver Bem em Família de Israel Bello de Azevedo e Os Enganos do Cristianismo Pagão de diversos autores.

Os autores desses volumes, patrocinados pela Exodus, são homens experientes no uso da palavra, caracterizando-se pela moderação no expressar-se e o conhecimento dos temas que desenvolvem.

Dois dos autores, pelo menos, aproveitam suas experiências jornalísticas para produzir textos enxutos e claros. Falo de Nelson Luiz Campos Leite, editor do mensário Expositor Cristão e Israel Bello de Azevedo, veterano jornalista.

Como Ler a Bíblia de Charles H. Spurgeon e A Salvação Bíblica de W. A. Criswell, editados pela Fiel, são opúsculos que reproduzem sermões de dois renomados pregadores batistas. No primeiro trabalho o autor realiza um estudo sobre como se deve ler a Bíblia, uma série de livros escritos entre 1900 e 3470 anos atrás e que muitos consideram de leitura difícil e cansativa. No segundo, Criswell desenvolve o tema da salvação e como se encontra naquela obra fundamental do cristianismo.

Procurando demonstrar que há modas doutrinárias e que o acesso de “maldições” em muitas igrejas de hoje é uma dessas modas. Segundo Enéas Tognini, em Quebra de Maldição, com objetividade e pertinência, investiga um assunto atual e polêmico.

A leitura desses volumes formalmente pequenos comprova que grandes temas não exigem, necessariamente, resmas e resmas de papel para seu bom desenvolvimento.

O Cidadão

18/07/97

Data : 10/10/1997

Título : As raízes do catolicismo

Categoria: Resenhas

Descrição: Longe vão os dias em que os livros como SERÁ MESMO ESTÃO O CATOLICISMO ROMANO? De Hugh P. Jeter (Editora Betel, Rio de Janeiro) ou CATOLICISMO...

As raízes do catolicismo

por Paulo Monteiro

Longe vão os dias em que os livros como SERÁ MESMO ESTÃO O CATOLICISMO ROMANO? De Hugh P. Jeter (Editora Betel, Rio de Janeiro) ou CATOLICISMO, de Adelson Damasceno dos Santos (A. D. Santos Editora, Curitiba), provocariam polêmicas acesas como as em que se envolveu Leonel Franca e que formam os volumes VI e VII e de suas Obras Complementares, editadas há 45 anos pela livraria Agir Editora.

Tanto Hugh P. Jeter quanto A. D. Santos historicam o desenvolvimento de concepções que consideram anti bíblicas, sendo que o ultimo (pág. 11 a 19) apresenta um quadro bastante esquemático a começar pelas heresias dos primeiros séculos, concluindo com a transformação em artigo de fé (1950) da assunção de Maria elemento advindo dos evangelhos apócrifos. Aliás, o marianismo merece destaque em ambos os autores, que os ligam a crenças pagãs anteriores ao Cristianismo e condenadas já no Antigo Testamento.

Como não poderia deixar de ser os autores criticam a maneira como a hierarquia católica trata os escritos bíblicos, em sua relação com a tradição. Destacam, ainda, a questão das imagens (idolatria X veneração), o celibato sacerdotal, o purgatório, o culto aos mortos, inclusive aos santos, entre outros assuntos que têm sido ampla e nem sempre seriamente discutidos ao longo do século.

A conclusão, após a leitura destes dois livros, é que o catolicismo, doutrinariamente, acabou se tornando sincrético, incorporando elementos dos cultos pagãos como a adoração dos mortos, o que contribuiu para que se restringisse, no geral, aos limites do Império Romano e das regiões ocupadas (como boa parte das Américas) pelos descendentes dos latinos.

Por outro lado, ao longo da história, a chamada Igreja Romana, tem sofrido reformas ou renovações, procurando reconduzi-la às raízes apostólicas. Um destes movimentos é a Renovação Carismática, que merece todo um capítulo (pág. 131 á 141), no livro de Hugh P. Jeter, inclusive para estudar certas manifestações da religiosidade popular em nossos dias.

O Cidadão.

10/10/97



Data : 27/06/1997

Título : As razões do sofrimento

Categoria: Resenhas

Descrição: Há realidades que transcendem os limites do pessoal, do particular e que se tornam universais.

### As razões do sofrimento

por Paulo Monteiro

Há realidades que transcendem os limites do pessoal, do particular e que se tornam universais. Todos morrem, por exemplo. Sofrer, sofrer, todos sofrem. E desde épocas imemoriais o Homem tem se preocupado com essas realidades.

As religiões, as filosofias, as artes que nos chegaram da Antiguidade documentam essas preocupações quando não procuram superá-las, levando as pessoas a esquecê-las.

Em português há um clássico sobre o assunto, CRISTO E O SOFRIMENTO HUMANO, de Stanley Jones, distribuído pela Editora Êxodus, de São Paulo. O autor viveu longos anos na Índia, conhecendo profundamente as filosofias orientais.

Agora, a Abba Press, também de São Paulo, está publicando POR QUE AS PESSOAS SOFREM?, do inglês James Jones. Não tem a densidade do livro do americano Stanley Jones, mas desenvolve a temática proposta de maneira simples, recomendando-se para pessoas com pouco tempo disponível para leitura ou que não tenham uma intimidade maior com preocupações metafísicas.

Volume cuidadosamente impresso, ilustrado e encadernado, POR QUE AS PESSOAS SOFREM?, há de servir como um elemento de soerguimento moral e espiritual para tantos quantos queiram entender o sofrimento humano.

Aliás, sobre esse assunto ouve-se e lê-se coisas absurdas. Um dia destes li alhures e afirmativa de que as ditas pessoas boas morrem sem sofrimento, repentinamente. Agora, é de se perguntar por que a morte sem o menor sofrimento de um facínora que tenha, de súbito, seus miolos estourados por uma rajada de metralhadora? Ou, então, por que pessoas como o próprio Jesus viveram longas agonias?

James Jones desenvolve a tese de que somente o Cristianismo explica de maneira convincente as razões ao sofrimento pessoal. Para essa religião não é da vontade divina que os homens sofram, tanto que o seu Deus se fez homem, sofre injustiças, torturas,

morre e ressuscita. E o faz para que as pessoas tenham consciência de que o sofrimento é passageiro e todos os seres humanos estão expostos a ele.

O sofrimento e a morte, superados pelo Deus feito homem, são uma consequência do pecado (mau uso do livre arbítrio), vencido pelo martírio vitorioso do Messias. Bom, mas o objetivo de uma resenha não é esgotar a temática de um livro, e, sim, contribuir para que o leitor encontre a satisfação da leitura.

27/06/97

Data : 12/05/2014

Título : AS SATRAPIAS

Categoria: Poesia

Descrição: Nixon, Frei e Pinochet, até hoje, até este amargo

AS SATRAPIAS \*

Pablo Neruda

Nixon, Frei e Pinochet,  
até hoje, até este amargo  
mês de setembro  
do ano de 1973,  
com Bordaberry, Garrastazu  
e Banzer, hienas vorazes  
de nossa história, roedores  
das bandeiras conquistadas  
com tanto sangue e tanto fogo,  
atolados em suas riquezas,  
depredadores infernais,  
sátrapas mil vezes vendidos  
e vendedores, atiçados  
pelos lobos de Nova York,  
máquinas famintas de dores

manchadas no sacrifício  
de seus povos martirizados,  
prostituídos mercadores  
do pão e do ar americano,  
imundos, carrascos, manada  
de prostibulários caciques,  
sem outra lei que a tortura  
e a fome continuada do povo.

\*Tradução de Paulo Monteiro.

Trata-se do último poema escrito por Neruda.

Data : 01/01/2008

Título : As tropas de mulas

Categoria: Artigos

Descrição: Portanto, contrariando os cálculos dos estudiosos do tropeirismo, uma tropa de “mulas montadas”, isto é, sem cargueiros, ao menos entre o Planalto Gaúcho...

As tropas de mulas

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é autor do livro Tropeiros de mula: a ocupação do espaço, a dilatação das fronteiras, obra fundamental para o entendimento do tropeirismo. Alguns autores acadêmicos, como João Vicente Ribas em A representação cultural gauchesca no município de Passo Fundo, se opõe, com justa razão, no meu entendimento, a confusão do serrano rio-grandense do sul ao gaúcho ou à substituição do primeiro tipo humano pelo segundo. Veríssimo da Fonseca é, porém, o primeiro a salientar as diferenças, para ficar apenas em solo rio-grandense do sul, entre o serrano (biriva), o missioneiro e o fronteiriço, descendente do gaúcho ancestral. Ao preservar a memória dos últimos tropeiros, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca prestou um serviço inestimável à História e à Sociologia do Rio Grande do Sul.

Os tropeiros, que construíram as primeiras cidades dos planaltos de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foram os homens que abriram as estradas do Sul. Geralmente eram caminhos usados pelos avôs e bisavôs índios desses mamelucos,

descendentes de antigos bandeirantes, “preadores de índios e prenhadores de índias”, para usar uma expressão consagrada pelo uso de muitos.

Daí “hechor”, fazedor, para ser mais exato na língua de Camões. Menos falado, as igualmente presente nas tropas era o bardoto, híbrido do bagual com a jumenta.

Burros e mulas de cangalha, como já ficou dito, percorriam uma média de três a quatro léguas por dia, transportando entre oito e dez arrobas. Isto quer dizer que a carga de um desses animais variava entre 120 a 150 quilogramas. Eram lotes entre sete e onze bestas. Às vezes, para vencer caminhos mais perigosos ou locais onde ocorriam ataques dos índios, como no Mato Castelhana e no Mato Português, juntavam-se vários grupos sob a liderança de um tropeiro mais experiente ou corajoso.

Muitas vezes era uma burra, com arreios vistosos, e um tilintante cincerro (sineta) ao pescoço.

Nas primeiras noites, os animais que formavam uma tropa de cargueiros ficavam na corda. Depois de acostumados ao grupo e sem risco de que retornassem à querência é que ficavam num potreiro, geralmente um rincão costeado por rios ou mato. Era comum que nesses locais fossem construídas taipas de pedras para a contenção dos animais.

O arroz, descascado no pilão, cozido junto com guisado de charque, hoje conhecido como “arroz de carreteiro”, era outro dos alimentos peculiares dos tropeiros. Muitas vezes uma boa carne de animal silvestre contribuía para uma lauta refeição. Não se perdia nada, tanto que as cores preta e branca do feijão e do arroz, deram o nome de carijó à mistura de todas as sobras. É, para surpresa de alguns doutores de linhas tortas, um prato típico da cozinha passo-fundense.

O tropeirismo fez surgirem muitas fortunas. Tropeiros, como João da Silva Machado, agraciado com o título de Barão de Antonina, foram elevados à nobreza imperial. O Império afagou o ego desses novos ricos – e muito oportunamente a influência de alguns tropeiros pondo em prática o “dividir para reinar”.

No retorno de centros maiores traziam encomendas, especialmente, panos finos e jóias. Alguns deles montavam casas de comércio, em suas cidades de origem, tornando-se “capitalistas”, como se dizia à época, elogiosamente. E até banqueiros, recebendo em guarda dinheiro das pessoas com que se relacionavam ao longo dos caminhos.

Os animais com maior saúde, fortaleza e resistência destinavam-se ao transporte de cargas. Eram os mais procurados. Aqueles que apresentassem mais beleza de formas, para usar expressões clássicas de Pandiá Calógeras, eram destinados à montaria.

Distância fácil de calcular sabendo-se que uma légua corresponde a 6.600 metros lineares.

Ele saiu de Ponta Grossa no dia 21 de julho daquele ano, vindo por Chapecó e Nonoai, chegando a Cruz Alta no dia 20 de agosto. Ali permaneceu até 15 de setembro, visitando parentes e acertando a compra de 550 bestas, vindas da Fronteira, em julho, acompanhadas de algumas mulas que serviriam como vaqueanas e uma égua madrinha.

Somente no dia 25 de setembro atravessou a picada do Mato Castelhana, perdendo duas bestas, extraviadas. Devido à chuva, permaneceu no Mato Castelhana até 27, viajando até o Passo da Taipa. No Mato Castelhana enfrentou novo estouro da mulada,

dispersando-se “duzentas e tantas bestas”, que foram reunidas por um tropeiro conhecido como Juca Chato, que se incorporou ao patrão no dia seguinte. Enfrentando chuva, frio e rios transbordantes, somente chegaria ao Rio Pelotas, a 18 de outubro, porque era impossível atravessá-lo. Labutou 10 horas até ao por-do-sol para vadear o rio, deixando 19 bestas perdidas em solo gaúcho.

E quantos dias mais demoraria até Sorocaba?

Portanto, contrariando os cálculos dos estudiosos do tropeirismo, uma tropa de “mulas montadas”, isto é, sem cargueiros, ao menos entre o Planalto Gaúcho e o Planalto Paranaense, nos meses de inverno e primavera, percorria pouco mais de duas léguas por dia.

Data : 31/03/2001

Título : As Trovas de Eno Theodoro Wanke

Categoria: Resenhas

Descrição: O polígrafo Eno Theodoro Wanke continua dando a lume sua Poesia Completa. Acaba de publicar TROVAS (Edições Plaquette, Rio, 2001), enfeixando cerca de 2000 poemas de quatro versos setessilábicos.

As Trovas de Eno Theodoro Wanke

Paulo Monteiro

O polígrafo Eno Theodoro Wanke continua dando a lume sua Poesia Completa. Acaba de publicar TROVAS (Edições Plaquette, Rio, 2001), enfeixando cerca de 2000 poemas de quatro versos setessilábicos.

O escritor paranaense não é apenas o maior estudioso do pequeno poema com sua pentalogia, cujo quinto volume sairá em breve. É, ainda, um de nossos grandes trovadores, como demonstra em seu mais recente livro.

Algumas de suas trovas estão já popularizadas, sendo de amplo conhecimento. Cito algumas:

Só porque estás resfriada  
me recusas um beijinho?

- Vá, não sejas tão malvada,  
me transmita um microbinho!

\*\*\*

A mulher, no aniversário,  
sempre deseja que a gente  
se esqueça do seu passado,  
mas nunca do seu presente.

\*\*\*

Papai, sabe, a professora  
tem muito decote agora.  
Pois hoje ela se abaixou  
e um pulmão saltou pra fora!"

Não só de trovas humorísticas é feita a obra de Eno Theodoro Wanke. Ele maneja com maestria o fazer poético, seja no lirismo, seja na assim chamada trova filosófica. Veja-se, pois:

Nem sempre a emoção é presa  
à convenção, tola e fria:  
- Há o sorriso de tristeza  
e a lágrima de alegria.

\*\*\*

Existem muitas pessoas  
como as peças niqueladas.  
Por fora, brilhantes, boas,  
por dentro de ferro armadas!

\*\*\*

A grande, a pior das desgraças  
daquele cego sem lar,  
é quando por ele passas  
e o pobre não pode olhar...

\*\*\*

Seguindo a trilha infinita  
do meu destino estrelado,  
eu sou aquele que habita  
a ilusão de ser amado!

Gênero menor, para os críticos, a trova continua sendo praticada por numerosos poetas, agrupados em torno de diversas instituições dedicadas especialmente ao seu cultivo, espalhadas pelo Brasil. Isso demonstra a sobrevivência do pequeno poema, que encontra em Eno Theodoro Wanke um dos seus máximos cultores.

Do Jornal

Rotta

Março de 2001

Data : 16/04/1998

Título : ASSEMBLÉIA GAÚCHA PÚBLICA, PERFIS PARLAMENTARES

Categoria: Resenhas

Descrição: Há alguns anos a Câmara dos Deputados, sob o título de Perfis Parlamentares, publicou algumas dezenas de volumes com discursos de deputados federais que se destacaram por suas atuações políticas.

ASSEMBLÉIA GAÚCHA PÚBLICA, PERFIS PARLAMENTARES

Há alguns anos a Câmara dos Deputados, sob o título de Perfis Parlamentares, publicou algumas dezenas de volumes com discursos de deputados federais que se destacaram por suas atuações políticas. Agora, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul lançou a Série Perfis Parlamentares Gaúchos, reunindo pronunciamentos de deputados estaduais que passaram pelo Parlamento Rio-Grandense.

Para abrir a Série foram escolhidos dois dos mais representativos políticos que o Rio Grande ofereceu à Pátria Brasileira: João Neves da Fontoura e Getúlio Vargas. Contemporâneos, companheiros de bancada pelo Partido Republicano Rio-Grandense, juntos enfrentaram os libertadores na Revolução de 23 e trabalharam pelo movimento que levou Vargas à Presidência da República em 1930.

João Neves da Fontoura (1887-1963) foi um dos oradores mais brilhantes que o Rio Grande produziu, um dos mais firmes polemistas e um de nossos escritores mais escorreitos, como atestam suas Memórias e outros livros publicados. São João Batista da Revolução de 30, como ficou conhecido, pronunciou muitos dos mais importantes discursos já feitos na Câmara Federal. Em 1932, com Borges de Medeiros e outros gaúchos influentes, opôs-se ao continuísmo de Vargas, participando da Revolução Constitucionalista e tomando o caminho do exílio, com a derrota dos insurgentes.

Em 1922 enfrentou os poucos, mas aguerridos deputados libertadores, entre os quais o passo-fundense Artur Caetano da Silva, esquecido pelos historiadores e administradores de Passo Fundo, pois, a que eu saiba, seu nome nunca foi lembrado. Terminada a Revolução de 23, João Neves acabou assumindo a "liderança" no PPR na Assembléia, em substituição a Vargas que foi para a Câmara Federal e outras altas esferas da União.

Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) foi deputado estadual entre 1909 e 1924, ministro de Estado, presidente da República ( 1930-1945 ), senador ( 1947-1951 ) e novamente presidente da República (1951-1954).

É mister que se esclareça que até 1930 a Assembléia Legislativa Gaúcha se reunia apenas nuns poucos meses do ano e para umas poucas atividades, entre as quais aprovar o Orçamento e reconhecer os resultados de eleições para o governo do Estado. Com a candidatura de Antônio Augusto Borges de Medeiros, em 1922, para mais uma reeleição, a oposição libertadora, onde se destacavam o jacobino passo-fundense Artur Caetano e mais Alves Valença e Gaspar Saldanha, consegue fazer com que o leque da discussão se amplie. Com isso se salientavam as figuras de Getúlio Vargas, liderando informalmente o bloco governista, mas sem confrontar-se violentamente com os oposicionistas e João Neves, este sim, mais contundente em seus pronunciamentos.

O mineirismo parlamentar de Getúlio Vargas, é que dá ossatura a seus pronunciamentos e contribuirá para que os libertadores se unam em torno de seu nome, em 1930, para presidente da República e sejam a força de vanguarda que participou militarmente da Revolução de 30.

Além do vasto material icnográfico, os pronunciamentos reunidos na Série Perfis, patrocinada pela Assembléia Legislativa, assumem uma importância muito grande para os estudiosos de nossa história, de nossa formação política e do próprio desenvolvimento das idéias sociais no Rio Grande do Sul.



É desejo de todos os gaúchos, que realmente se preocupam com a história do Rio Grande, que a Série Perfis, continue, inclusive para despertar consciências com vistas ao conhecimento de nossa formação histórica e política, bem como a revisão de injustiças históricas.

Do Jornal  
O Cidadão  
16/04/1998

Data : 30/06/2000

Título : ASSIS CHATEUBRIAND

Categoria: Resenhas

Descrição: Assis Chateaubriand foi um dos jornalistas brasileiros mais influentes de todos os tempos.

## ASSIS CHATEUBRIAND

Assis Chateaubriand foi um dos jornalistas brasileiros mais influentes de todos os tempos. Os Diários Associados, rede de jornais criada por ele, cobriam praticamente todos os rincões brasileiros. Seus artigos exerciam grande influência e representam as ressonâncias da época em que foram escritos, influências que se manifestavam sobre essa inteligência privilegiada.

A Fundação que leva o seu nome está publicando sua obra sob o título comum de O PENSAMENTO DE ASSIS CHATEUBRIAND. O volume 15, que reúne artigos publicados em jornais no ano de 1938, é importante para auxiliar no entendimento de um dos períodos mais polêmicos da história brasileira: o Estado Novo. Ninguém, a partir de agora, poderá estudar essa etapa histórica ignorando esse livro com a produção jornalística de Assis Chateaubriand.

Do Jornal  
Rotta  
Junho de 2000

Data : 01/01/2010

Título : Ata da sessão de fundação do -Gremio Passofundense de Letras-

Categoria: Artigos

Descrição: Aos sete dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e oito, no salão nobre da Prefeitura Municipal, às 20,30 horas

Aos sete dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e oito, no salão nobre da Prefeitura Municipal, às 20,30 horas, presente a maioria dos que, anteriormente, resolveram fundar o “Gremio Passofundense de Letras”, levantou-se o Revdo. Sante Umberto Barbieri que propoz fosse aclamado presidente da sessão o Snr. Arthur Ferreira Filho, prefeito municipal, com poderes de designar os auxiliares na Mesa. Assim aclamado presidente o snr. Arthur Ferreira Filho assumiu o lugar principal da Mesa, convidando para secretario o snr. Verdi De Césaró que ocupou o lugar digo o seu posto. Agradeceu o Presidente a honra da escolha, saudando o Gremio pela auspiciosa sessão de fundação, prenuncio de um vasto descortínio para o engrandecimento moral, civico e intelectual do mais importante dos municipios da Região Serrana.

Em seguida o Rvdo. Sante Umberto Barbieri pediu a palavra e expoz o seu pensamento em torno da entidade literaria, que se estava fundando, dizendo o que o levava a congregar os intelectuais de Passo Fundo para a presente reunião, falando do pedido que recebera da “Academia Riograndense de Letras” para, como seu delegado, por em execução nesta cidade o plano da “Federação de Letras” do Brasil, bem como, traçou em linhas gerais as finalidades essenciais do Gremio. Serenados os aplausos que sucederam às ultimas palavras do orador, o Presidente passou a deliberar com a Assembleia os pontos que deveriam ficar assentados para o normal funcionamento do Gremio até que fosse organizado definitivamente de acordo com as normas que serão estabelecidas pela “Academia Riograndense de Letras”. Depois de uma longa troca de ideias ficou deliberada a eleição, por escrutinio secreto, de uma diretoria provisoria composta de um presidente, um vice-presidente, um secretario geral, um 1o. secretario, um 2o. secretario, um tesoureiro e um bibliotecario, cuja diretoria tomaria a direção do Gremio até a esolha da que fosse eleita de acordo com os estatutos que serão elaborados. Procedida, após, a eleição, foi verificado o seguinte resultado:

Para presidente:

Arthur Ferreira Fo. Com 10 votos

Sante Umberto Barbieri com 6 votos

Para vice-presidente:

Gabriel Bastos com 9 votos  
Sante Uberto Barbieiri com 4 votos  
Celso da Cunha Fiori com 1 voto  
Armando de Souza Kanters com 1 voto  
Túlio Fontoura com 1 voto

Para secretario Geral:

Sante Uberto Barbieri com 14 votos  
Verdi De Cesaro com 1 voto  
Tristão Ferreira com 1 voto

Para 1o. secretario:

Verdi De Cesaro com 9 votos  
Daniel Dipp com 2 votos  
Tulio Fontoura com 2 votos  
Aurelio Amaral com 1 voto  
Athos B. da Rosa com 1 voto

Para 2o. secretario:

Lucila Schleder com 14 votos  
Celso da Cunha Fiori com 1 voto  
Sabino Santos com 1 voto

Para tesoureiro:

Daniel Dipp com 10 votos  
Tristão Ferreira com 4 votos  
Tulio Fontoura com 1 voto  
Sabino Santos com 1 voto

Para bibliotecário;

Athos Branco da Rosa com 13 votos  
Daniel Dipp com 2 votos

Tristão Ferreira com 1 voto

De acordo com o resultado apurado a diretoria provisória ficou assim constituída: Presidente: snr. Arthur Ferreira Fo.; Vice-presidente: snr. Gabriel Bastos; Secretario Geral: Rvdo Sante Uberto Barbieri; 1o. Secretário: dr Verdi De Cesaro; 2o. secretario: srta Lucila Schleder; tesoureiro: Daniel Dipp; Bibliotecario: – A. Athos Branco da Rosa.

Em seguida o Revdo Sante Uberto Barbieri propoz que o Gremio comemorasse festivamente o proximo dia 14 de abril, dia Pan-americano, em cuja solenidade seria empossada a diretoria provisoria. Aprovada a sugestão o snr Presidente escolheu a seguinte comissão para tratar dos festejos do dia Pan-Americano: Revdo Sante Uberto Barbieri; dr Armando de Souza Kanters; srta Lucila Schleder, snr Tristão Ferreira; e dr. Verdi De Cesaro.

Para tratar da escolha de um predio proprio para a séde do Gremio o snr Presidente designou a seguinte comissão: snrs Gabriel Bastos, Tulio Fontoura, Tristão Ferreira e dr Armando de Souza Kanters. O snr Heitor Pinto Silveira pedindo a palavra propoz, e justificou, que fosse consignado em ata um voto de louvor ao Revdo Sante Uberto Barbieri, homenagem devida pela dedicação e entusiasmo que dispensara para a fundação do “Gremio Passofundense de Letras”. A proposta foi aprovada unanimemente com uma prolongada salva de palmas.

Às 22 horas, o Presidente declarou que ia encerrar a sessão, convidando todos os presentes para uma reunião terça-feira, 12 de abril, em local que seria designado. E, para constar lavrou-se esta ata, que vai por todos os presentes assinada.

Em tempo: Ao ser lida a presente ata a sua aprovação, pediu a palavra o snr Daniel Dipp para solicitar que ficasse consignada a proposta do snr Tulio Fontoura, que foi aprovada pela Assembleia, referente a doação do primeiro livro à biblioteca do Gremio, pelo Revdo Sante Uberto Barbieri, livro este da sua autoria. E para constar lavrou-se a presente ata que vai por todos os presentes assinada. Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bstos, Sante Uberto Barbieiri, Verdi De Cesaro, Lucila V. Schleder, Daniel Dipp, Heitor P. Silveira, Tristão F. Fereira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Oscar Kneipp, Celso Fiori, e Tulio Fontoura.

#### Ata de Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

Aos sete dias do mês de abril do ano de mil novecentos e sessenta e um, às vinte horas, no salão da Biblioteca Pública Municipal, iniciaram-se os trabalhos da sessão de instalação da Academia Passo-fundense de Letras.

Aberta a sessão pelo acadêmico José Gomes, foi a presidência dos trabalhos passada ao historiador, acadêmico Arthur Ferreira Filho, presidente da Academia Sul-Rio-grandes de Letras, fundador do Grêmio Passo-fundense de Letras e da Biblioteca Pública Municipal, o qual veio a esta cidade como convidado especial para presidir os atos desta sessão solene. Pelo presidente foram convidados para fazer parte da mesa as seguintes pessoas: Dr. Eurípides Facchini, Centenário do Amaral, Bispo José Gomes. Revdo. Otto Gustavo Otto, Prof. Clory Trindade Oliveira, Jader Prates Chaves, Tte. Luiz Carlos Bitencourt e Hugo Vargas. Logo a seguir foi feita a chamada nominal dos integrantes da Academia Passo-fundense de Letras, com menção aos seus respectivos patronos, os quais, à

medida que eram chamados, iam ocupando os seus lugares. Foram êles os seguintes, por ordem alfabética: Arthur Sússembach, patrono, Monteiro Lobato; Aurélio Amaral, patrono, Sante Umberto Barbieri; Carlos de Danilo Quadros, patrono, Assis Chateaubriand; Celso da Cunha Fiori, patrono, João Maria Belém; Cezar José dos Santos, patrono, Getúlio Vargas; Gomercindo dos Reis, patrono, Walter Spalding; Jorge Edethe Cafruni, patrono, Francisco Antonino Xavier e Oliveira; José Gomes, patrono, Dom Aquino Correa; Jurandyr Algarve, patrono, Arthur Ferreira Filho; Mário Daniel Hoppe, patrono, Gabiel Bastos; Mário Braga Jor., patrono, Darcy Azambuja; Mário Lopes Flores, patrono, Augusto dos Anjos; Paulo Giongo, patrono, Ernâni Fornari; Pindaro Anes, patrono, Prestes Guimarães; Reissoly José dos Santos, patrono, Rui Barbosa; Rômulo Cardoso Teixeira, patrono, Olavo Bilac; Sabino Santos, patrono, Érico Veríssimo; Saul Sperry Cezar, patrono, Alvares de Azevedo; Túlio Fontoura, patrono, Nicolau de Araújo Vergueiro; e Verdi De César – patrona, Raquel de Queiroz.

Finda a chamada, o presidente declarou todos empossados em suas respectivas cadeiras.

Em seguida foi dada posse à primeira Diretoria da Academia, assim constituída: Presidente, Celso da Cunha Fiori; 1o. Vice-Presidente, Túlio Fontoura, 2o. Vice-Presidente, Mário Braga Jor.; Secretário Geral, Arthur Sússembach; Secretário Adjunto, Paulo Giongo; Tesoureiro, Verdi De César; Tesoureiro Ajunto, Romulo Cardoso Teixeira; Bibliotecário, Jurandyr Algarve e Bibliotecário Adjunto, Gomercindo dos Reis. Todos êstes acadêmicos, à medida que seus nomes iam sendo pronunciados eram aclamados pelos presentes. Concedida a palavra ao acadêmico Celso da Cunha Fiori, para proferir o discurso inaugural da Academia Passo-Fundense de Letras, pronunciou aquêl confrade oportuna oração alusiva ao ato, a qual foi fornecida aos jornais para divulgação, além de irradiada, como tôda a presente sessão, pelas emissoras locais, Z.Y.F.5 - Rádio Passo Fundo e Z.Y.U.-38, Rádio Municipal, e também filmada pela reportagem da TV- Piratini, na pessoa do sr. Pedro Pelegrinotti Couto. Serenados os aplausos a que fêz jus o confrade Celso da Cunha Fiori, como primeiro presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, o sr. Arthur Ferreira Filho proferiu uma apreciadíssima alocução alusiva ao ato, enaltecendo o seu significado e agradecendo a honrosa distinção que lhe fôra conferida, de vir presidir esta sessão solene, tão significativa para o mundo intelectual e cultural da cidade de Passo Fundo.

Suas últimas palavras foram para agradecer a presença de todos e encerrando a sessão.

Estiveram presentes grande número de autoridades civis, militares e religiosas e ainda o Côro Orfeônico da Escola Normal “Oswaldo Cruz”, sob a competente direção da professora Suzana Leite Einloft, o qual vocalizou apreciadíssimos números de canto.

De tudo foi lavrada ata, por mim, Authur Sússembach, Secretário Geral, que, depois de lida, vai por todos assinada.

Em tempo: as pessoas antes citadas e que passaram a integrar a mesa, representavam as seguintes entidades, respectivamente: Juiz de Direito e Diretor do Fôro, Presidente da Camara de Vereadores, Bispo de Bagé, Pastor da Igreja Metodista, Diretor do Instituto Educacional, Delegado Regional de Polícia, 1o./20 de Cavalaria e Lyons Clube de Passo Fundo, e, posteriormente, passou ainda a fazer parte da mesa o sr. Benoni Rosado, Prefeito Municipal. Artur Ferreira Filho, Celso Fiori, José Gomes, Eurípides Facchini, Mário Braga Jr., Jades Prates Chaves, Luiz Carlos Bitencourt, Hugo Vargas, Benoni

Rosado, Centenário Amaral, Gomercindo dos Reis, Mário Lopes, Sabino Santos, Manoel Gonçalves de Souza, Noemy Sperry Santos, Rosa Maria P. dos Santos, Lorena Lajus Sperry, Susana Leite Eiloft, Iracema B. Cezar, Sílvia Maria Cezar, Saul Emílio Cezar, Clory Trindade de Oliveira, Paulo Giongo, Saul Sperry Cezar, Pe. Umberto Lucca, Jurandyr Algarve, Arthur Süssenbach, Aurélio Amaral, Rômulo Cardoso Teixeira, Dorival Almeida Guedes.

Data : 05/10/1956

Título : Ata de reunião

Categoria: Poesia

Descrição: Aos cinco dias de outubro E coisa que não encubro,Reuniu-se esta agremiação, Foi às vinte horas, exato, E, aqui faço um relato,

Aos cinco dias de outubro  
E coisa que não encubro,  
Reuniu-se esta agremiação,  
Foi às vinte horas, exato,  
E, aqui faço um relato,  
De que houve na ocasião.

O presidente Sabino  
Calmo e sem perder o tino,  
Declara aberta a sessão,  
E, para a ordem do dia,  
Vimos nós que ele insistia,  
Chamando a nossa atenção.

Nesta altura, o Dorival,  
Prestimoso e sem rival,  
Serviu-nos um cafezinho,

Os frabalhos foram indo,  
Um chegando, outro saindo,  
Porém tudo de mansinho.

O local, sede do Grêmio  
Que nos foi dado por prêmio,  
E ali na biblioteca;  
Por isso semanalmente,  
Mais alguém e o presidente  
Vão bater a sua "seca".

Presentes naquele dia,  
Onde houve paz e harmonia,  
Estiveram seis gremistas;  
Assinaram o livro-ponto,  
Um a um assim eu conto,  
Estando o livro às minhas vistas.

Sabino e César Santos,  
Jurandir e mais três tantos,  
Sendo um deles Reissoly;  
Deram quorum à sessão,  
Que, em nova convocação,  
Teve Pindaro e Sadi.

O estatuto aprovado,  
Deixou-nos atrapalhado,  
Com três cargos a preencher;  
Um segundo tesoureiro,  
Um idem idem livreiro  
E um dito para escrever.

E a escolha foi assim:

O último foi assim,  
O 2º secretário;  
Sussembach, tesoureiro,  
Irmão Gelasio, livreiro  
Ou seja, bibliotecário.

A posse foi ali mesmo,  
Ninguém ficaria a esmo,  
Ou sem palavra sensata;  
E, na ausência do Braguinha,  
Deram-me a tarefinha  
De rabiscar esta ata.

O Presidente declara,  
Que recebeu e andara,  
Correndo como avestruz,  
Para ver se conseguia,  
O que outro grêmio pedia,  
O Grêmio do "Oswaldo Cruz

Querem eles novo curso,  
Pois que ninguém vai ser 'urso"  
Num gesto assim, magnífico;  
E nós pedimos também,  
Que o Grêmio diga amém,  
A este curso científico.

Claro deve ser noturno,  
Pois já temos discurso diurno,  
No IE e no Conceição;  
Este é uma necessidade,  
Para que a mocidade,  
Aumente a sua instrução.



Que eu me lembre, foi só isso,  
Que, em português "castiço"  
No Grêmio se realizou;  
Não tendo mais nada em mão,  
Os trabalhos da sessão,  
O Presidente encerrou.

Eu 2 a secretário,  
Tomei nota do horário,  
Nove e meia disse o sino;  
Foi isso que ali vi,  
Eis a data que escrevi,  
Agora, dato e assino  
De Sadi Machado

Data : 28/09/2001

Título : Atentados & atentados

Categoria: Editoriais

Descrição: Os atentados cometidos em Nova Iorque por terroristas suicidas que lançaram aviões contra o World Trade Center e o Pentágono tem monopolizado as atenções da humanidade.

Atentados & atentados

Paulo Monteiro

Os atentados cometidos em Nova Iorque por terroristas suicidas que lançaram aviões contra o World Trade Center e o Pentágono tem monopolizado as atenções da humanidade. Dois fatores contribuem para esse monopólio: o ineditismo das ações e o risco de uma conflagração a nível planetário.

Apenas doentes mentais e fanáticos – e o fanatismo é uma forma de desintegração da consciência – podem defender atos desse tipo. Entretanto, eles não são maiores do que as ações dos próprios norte-americanos, ampliando seus territórios às custas do México, lançando bombas-atômicas sobre Nagasaki e Hiroxima, matando milhares e milhares de civis em suas ações militares através do mundo, apoiando governos de torturadores, assassinos e terroristas, inclusive no Brasil. "Quem com ferro fere, com ferro será ferido", disse aquele que morreu crucificado entre dois ladrões...

Agora, a humanidade vê a corrida militar com a concentração bélica nas proximidades do Afeganistão. Quem tenha acompanhado os noticiários das últimas semanas sabe que as coisas não serão fáceis. Os próprios norte-americanos estão tomando consciência disso.

A situação – caso aquele país asiático seja invadido – vai ser mais difícil do que foi no Vietnã. Os vietcongs lutavam por uma ideologia, o socialismo científico, e uma pátria. Os afegãos lutam por uma fé e uma pátria. Morrer por uma idéia é uma coisa; morrer pela fé é muito diferente. Os comunistas, materialistas que são, acreditam que a pessoa morre e acaba; os muçulmanos, crêem que a morte, para os fiéis ao Islã, "serão príncipes no Paraíso". E isso faz uma grande diferença.

As pessoas começam a pensar que as conseqüências desse conflito serão mais pesadas – como sempre – para os pobres de todo o mundo. Nós, aqui, em Passo Fundo, já começamos a pagar os custos da guerra no supermercado, no posto de gasolina, em toda a parte. Os maiores beneficiários, como sempre serão o sistema financeiro internacional e a indústria armamentista.

Do Jornal

O Cidadão

28 de Setembro de 2001

Data : 08/12/1992

Título : Atualidade da Filosofia

Categoria: Resenhas

Descrição: A partir dos anos 60, com o famigerado acordo MEC/USAID, ocorreu um processo de desumanização nas escolas brasileiras...

## Atualidade da Filosofia

por Paulo Monteiro

A partir dos anos 60, com o famigerado acordo MEC/USAID, ocorreu um processo de desumanização nas escolas brasileiras, que tem sido denunciado e combatido por tantos quantos defendem a independência política, econômica e cultural do País.

O estudo da Filosofia foi relegado ao plano mais baixo possível porque a melhor forma de dominar uma pessoa ou um povo é destruindo a capacidade de pensamento de quem se queira dominar.

Georges Politzer foi um intelectual francês que pagou com a própria vida, em maio de 1942, perante um pelotão de fuzilamento nazista, na Clareira de Mont-Valérien, o preço de pensar, de ensinar, e de combater a primazia dos mitos sobre a realidade.

Princípios Fundamentais de Filosofia (Hemus, SP, s/d, 396 págs.) publicada graças à colaboração de seus discípulos Guy Besse e Maurice Caveing, tem sido uma obra importante para aqueles que desejam conhecer o materialismo dialético e entender o que distingue a lógica dialética da lógica formal, bem como apreender a oposição entre o materialismo filosófico e o idealismo filosófico.

Politzer esclarece que a dialética materialista é um método científico porque explica as leis gerais do movimento tanto na natureza quanto na sociedade, enquanto o idealismo filosófico é um método não-científico porque vê a natureza e a sociedade como imutáveis e o homem como incapaz de conhecer as coisas. Alguns idealistas filosóficos chegam ao ponto de negar a existência das coisas materiais, afirmando que elas não existiriam, mas o que existiria realmente seria a idéia, pura, a abstração.

A história da Filosofia é a história da luta entre o materialismo e o idealismo filosóficos e o estudo da Filosofia, ao longo dos séculos, mostra que o materialismo tem sido o instrumento teórico usado pelas classes inferiorizadas para justificar sua ação contra as classes dominantes.

Politzer demonstra como uma classe que é, através de seus pensadores, defensora do materialismo filosófico, ao ascender socialmente vai-se transformando em defensora do idealismo.

Apesar da época em que foi escrito PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE FILOSOFIA, de Politzer, é uma obra de leitura indispensável para quem queira ver o mundo, como deve ser visto – com lucidez.

Diário da Manhã.

08/12/92

Data : 27/12/2009

Título : AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO, Ensaio

Categoria: Artigos

Descrição: Indignado lançou os originais ao fogo, sendo salvos pela esposa...

## AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO – I Parte

Paulo Monteiro

DEDICO ESTE ENSAIO AOS CONFRADES DA ACADEMIA DE ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS CASTRO ALVES, DE PORTO ALEGRE, QUE ME ELEGERAM PARA A CADEIRA Nº 13, DE MEMBRO CORRESPONDENTE, CUJO PATRONO É AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO

Aureliano de Figueiredo Pinto é reconhecidamente um dos mais representativos poetas gauchescos do Rio Grande do Sul. À exceção de um belo artigo do passo-fundense Hilton Luiz Araldi pouco mais se encontra sobre a vida do autor de “Romances de Estância e Querência”.

Poeta e romancista, nasceu na Estância São Domingos, município de Tupanciretã, no primeiro dia de agosto de 1898, filho de Domingos José Pinto e Marfisa de Figueiredo Pinto. Alfabetizado em casa, pela própria mãe, partiu para Santa Maria, em 1908, onde cursou o ginásio. Publicou os primeiros poemas em 1914, na revista “Reação”, de Santa Maria. Dois anos depois se transferiu para Porto Alegre, preparando-se para cursar Direito, mas optou pela Medicina. Introspectivo, recebeu o apelido de “O Corujão”.

Em 1918 divulga novos poemas em revistas e no “Correio do Povo”. No ano seguinte envia ao amigo Antero Marques o poema “Toada de Ronda”, que introduz o “nativismo de feição moderna” em nosso Estado. Assim, insere a literatura rio-grandense num amplo movimento de renovação da gauchesca iniciado no Uruguai. O poema, em sua forma definitiva, seria publicado em “Romances de Estância e Querência – Marcas do Tempo”.

Trata-se de um movimento que tem suas origens na revista “El Fogón”. “Em setembro de 1895 – escreve o professor Daniel Vidart – um conjunto de entusiastas burgueses montevidéanos funda a Revista ‘El Fogón’ para fazerem brilhar nela suas fagulhas poéticas. Isto não era um fato isolado. Depois da consagração do ‘Martín Fierro’, de José Hernández, que superou em qualidade e riqueza ao seu modelo ‘Los tres gauchos orientales’, de Lussich – ambos editados em 1872 – havia florescido em ambas as margens do Prata uma sublitteratura gauchesca, forjada ao paladar de um ávido público consumidor. Esta produção, comumente de ínfima qualidade, arrastou, durante uns vinte anos, à decadência um gênero que nasceu como um testemunho e culminou como uma

evocação. Os abortos teatrais brotados a esse amontoado inauguraram a luz dos holofotes do picadeiro circense um incessante pulular de dramalhões – puro talho, punhalada e chorar de chinas e nazarenas – que satisfaziam as exigências dos litorâneos nostálgicos do campo distante. Por seu lado, as produções poéticas – de algum modo tem de chamá-las – circularam de mão em mão muito mal impressos em livrinhos, folhetins e folhas soltas que eram lidas aos tropeços pelos leitores nas penumbras dos bolichos ou dos ranchos suburbanos e paupérrimos enquanto um auditório analfabeto procurava reconhecer, atrás dos afetamentos e deformações, o distante sistema de sinais de uma realidade afundada para sempre. Os agitados pelo êxodo rural, sobreviventes de uma sociedade que substituído a existência periférica do gaúcho pela igualmente marginal do povinho de ‘ratos’ ou a ‘vila-miséria’, se encontravam elegiacamente com um paraíso perdido, convertido em mito, habitada por uma turba de fantasmas melenculosos que combatiam com a força prepotente e bêbada, representante do governo, aliada com os estancieros e protegida pelos comerciantes e, por isso, sempre vencedora”.

## TOADA DE RONDA

A Cassio Annes Dias

Ronda mansa... Noite linda!  
Bem baio-branco está o luar.  
Rondando o segundo quarto,  
Companheiros! vou cantar:

É lindo uma comitiva  
quando se vai fazer tropa:  
poncho e laço, galho atado,  
chapéu batido na copa.

E a cavalhada por diante,  
e os pingos barbeando o freio.  
Charla a indiada estrada fora  
inté o primeiro rodeio.

Fora boi!... Sta fora o boi!  
boi brasino, que é bom pelo.  
E, como corda de viola,

chega o brasino ao sinuelo.

Meu mourito Orelha-Curta  
sabe como é que se faiz:  
se o boi pula... pula junto,  
não se apartam nunca mais.

Quebra boi... ai! quebra, quebra!  
Bate aspa e casco – é uma piorra.  
Quebra... quebra... ai! varre... varre!  
que redemoinhe e não corra!

Nesse trechito o meu Zaino  
à direita e esquerda calça.  
Que rédea, amigos! o flete  
parece que dança valsa.

Ôpa... Ôpa... Marcha... marcha!  
E, na primeira porteira,  
é só no mais... Talha... Talha!...  
no meio da polvadeira.

Meu Pangaré-Malacara  
– com a cavalhada na ponta –  
se empina e atira e não pára:  
quage me faiz errá a conta.

Venha... Venha... Venha boi!  
Abro o peito nas estradas.  
Venha boi... ai! venha... venha!  
E a tropa marcha encordoada.

E eu chamo ao tranco do Alegre

– chapéu torto, pala ao vento,  
mais hôme que um comandante  
na frente de um Regimento.

Venha... venha... ai! venha boi!  
Passo cheio ou povoação,  
quando abro este peito velho,  
a tropa é aquele cordão.

No meu tordilho Gadelha,  
que é um peixe em que coube arreio,  
largo tropa inté no mar,  
tanto faiz baixo ou bem cheio!

Ai que boi... Ai! volta... Volta!  
Deus do céu que escuridão!  
Volta boi... (qual volta... Volta!)  
troveja na escuridão!

Quando ela estoura na ronda,  
sem medo o Pachola espicho!  
que ele sabe onde hai buraco  
pela catinga dos bichos.

Ah! uma quadrilha macota  
é o galardão do tropeiro.  
Sai dos pagos missioneiros  
chega escarceando em Pelotas...

Embora simpático ao Partido Republicano Rio-Grandense, ao testemunhar o massacre de operários promovido pelo governo de Borges de Medeiros, marcam sua indignação contra toda e qualquer forma de ditadura, influenciando na concepção do romance póstumo “Memórias do Coronel Falcão”. Segundo os seus biógrafos esse massacre teria acontecido em 1920. Ao compulsarmos a história do movimento operário gaúcho

concluimos que os fatos aludidos devem ser o massacre de trabalhadores, em Porto Alegre, durante a greve de 1919.

Em 1924 transfere-se para o Rio de Janeiro, onde cursará Medicina. Dois anos depois, retorna ao Rio Grande do Sul, participando da Revolução de 30 como capitão-médico. No ano seguinte conclui o curso de Medicina. Volta ao Rio de Janeiro, onde se especializa, com o professor Fernando Magalhães, em obstetrícia.

Fixa no interior do Estado. Em 1935 é convidado para assumir a chefia da III Cátedra Médica, na Faculdade de Porto Alegre, mas não aceita mudar-se para a capital. Em 1936 começa a escrever o romance “Memórias do Coronel Falcão”, que conclui em março do ano seguinte, mas que somente seria publicado em 1973.

Há uma história interessante envolvendo esse livro. Certa feira flagrou seu filho José Antonio lendo a obra. Indignado lançou os originais ao fogo, sendo salvos pela esposa Zilah. Mais tarde, alguns trechos queimados foram recuperados com o auxílio de amigos do poeta, especialmente Antero Marques.

Em 1937 assume a chefia do Posto de Higiene de Santiago, retornado a Porto Alegre no ano seguinte para casar com Zilah Lopes, com quem teve três filhos: José Antônio, Laura Maria e Nuno Renan. Em 1941, convidado pelo interventor estadual Cordeiro de Farias, assumiu a subchefia da Casa Civil, cargo que exerceu durante dois anos. Certo dia, ninguém sabe por que, abandonou tudo e retornou para Santiago. Ali, exerceu a clínica médica, enquanto a saúde lhe permitiu.

Em 1959 é publicado seu único livro em vida: “Romances de Estância e Querência – Marcas do Tempo”, pela Editora Globo. O filho José Antônio espera até que os primeiros exemplares estejam concluídos. Leva alguns exemplares a Santiago. O poeta está com câncer. Consegue apenas ditar à filha Laura Maria as dedicatórias e assiná-las. Falece no dia 22 de fevereiro daquele ano.

Embora Homem culto, leitor dos clássicos nacionais e estrangeiros, mistura os linguajares culto e popular com maestria.

A experiência de médico dedicado ao atendimento das camadas mais humildes da população foi fundamental para sua obra literária. As longas entrevistas mantidas com homens e mulheres pobres das fazendas e bairros de Santiago, somadas à vivência desde a infância com as atividades rurais, contribuíram para que o escritor dominasse a linguagem e a cultura dos gaúchos a pé e a cavalo.

É no romance “Memórias do Coronel Falcão” que esse livre trânsito entre os falares de homens estudados e não escolarizados é mais notável. Gustav Flaubert é apenas uma de suas influências. O autor de “Madame Bovary” serve-lhe de modelo para falar livremente sobre a sexualidade do gaúcho brasileiro, sexualidade que deveria conhecer muito bem, graças à condição de médico de aldeia. A grande influência é Euclides da Cunha, como se pode verificar mediante uma leitura atenta e meditada do romance. Como o autor de “Os Sertões”, mistura palavras eruditas, plebeísmos, arcaísmos e expressões científicas. Neste caso, através de explicações sobre fenômenos. Seguramente, beneficiou-se das críticas feitas aos aspectos formais da “Bíblia da Nacionalidade”.

Típico representante de uma geração que recuperou a obra de Simões Lopes Neto, a presença do autor dos “Contos Gauchescos” é outra constante em sua obra, como



lembram os críticos. Ele mesmo foi um grande divulgador da obra literária do escritor pelotense.

“Memórias do Coronel Falcão” é o grande romance da política rio-grandense na primeira metade do Século XX. Conheceu a política estadual em suas mais altas esferas, como subchefe da Casa Civil do interventor Cordeiro de Farias, entre 1941 e 1943. Não aceitou concorrer a deputado, retornando a Santiago. E a política municipal, seguramente, conhecia muito bem. Seu livro é um retrato do autoritarismo e da corrupção. Disseca o caciquismo e a gingolagem dos dirigentes partidários a nível municipal.

A corrupção é tal que chega aos presídios. As loucas e os meninos de rua, os que jogavam pedras nas casas, roubavam frutas ou faziam algazarra, eram soltos nas celas, para diversão dos presidiários. Impostos, os companheiros de partido não pagavam.

Conhecedor profundo dos clássicos brasileiros e universais, Aureliano de Figueiredo Pinto não gostava que lhe chamassem publicamente. Luiz Sérgio Metz acredita que isso se devesse ao elevado senso crítico do autor, que conhecia profundamente os clássicos brasileiros e universais. Em 1936 já dispunha de três cadernos com poemas. Exatas duas décadas depois, inicia uma seleção, que resultará no livro “Romances de Estância e Querência – Marcas do Tempo” (Editora Globo, Porto Alegre, 1959). Poucos dias antes de falecer, em 22 de fevereiro, recebeu dez exemplares do livro, que dedicou a amigos. Ditou a dedicatória à filha, pois mal pode assinar. Em 1963, é editado, “ad sodalibus”, o segundo livro de poemas “Romances de Estância e Querência – Armonial de Estância e Outros Poemas” (Livraria Sulina, Porto Alegre).

Em 1973, a Editora Movimento, de Porto Alegre, deu a lume a primeira edição do romance “Memórias do Coronel Falcão”, que é reeditado no ano seguinte. A edição definitiva, terceira, sai pela mesma editora em 1986, cuidadosamente revista por Antero Marques, Plínio de Figueiredo Pinto, seu irmão, e Romeu Beltrão, seu amigo, “que leu nada menos de quatro vezes a segunda edição da obra de A. de F. Pinto”. Em 1998, a mesma editora entregava ao público “Itinerário – Poemas de Cada Instante”, poemas líricos, dedicados a uma mulher, cujo nome o próprio autor rasurara, desejando que o nome fosse conhecido, mas não revelado.

A exemplo dos grandes criadores literários, os críticos se dividem ao analisar a obra de Aureliano de Figueiredo Pinto. Razão cabe a Helena Tornquist: “Num balanço final do legado desse escritor que teve a secreta intenção de estar escrevendo para as futuras gerações, deve-se salientar que uma certeza o movia: os tempos mudavam e era preciso preservar a memória do Rio Grande Agrário que se transformava. E nisto sai obra se manteve coerente: desde o primeiro poema que, nunca se afastou do propósito registrado em carta de 1936: o de fixar flagrantemente e imagens de seres e instantes do meio rio-grandense”.

O que o crítico Carlos Jorge Appel, editor de “Memórias do Coronel Falcão”, afirma desse livro, se aplica a todo o restante da obra do Autor: “Se Aureliano de Figueiredo Pinto não conseguiu ressonância, foi simplesmente por não haver publicado seu romance no devido tempo”.

A partir de 1975 os poemas de Aureliano conseguiram divulgação ímpar. Noel Guarany, conhecido compositor e intérprete regionalista, conseguiu autorização da família para

musicar “Bisneto de Farroupilha” e “Canto do Guri Campeiro”, que fazem parte de “Romances de Estância e Querência”, o mais gauchesco dos seus livros de poemas.

“Bisneto de Farroupilha” é um dos mais belos poemas que já se escreveu no solo rio-grandense. Nele encontramos todas as características que desse gênero ou subgênero poético: a personalidade forte, marcadamente individual, do homem da campanha, a profunda solidariedade humana, a independência diante do Estado, a bravura individual, que se materializam num quase anarquismo, oposto à modernização capitalista que a tudo transforma em mercadoria.

## BISNETO DE FARROUPILHA

Pobre... Mas livre! Gauchito  
no sol-a-sol, sou o que sou.  
Pois nem dom Pedro Segundo  
não pode – o senhor de um mundo!  
dobrar o meu bisavô.

Com esta alma guapa nos tentos  
debaixo do meu sombreiro,  
pelo Poder e o Dinheiro  
nunca ninguém me levou.  
Pois nem o taura Castilhos,  
famoso pelos codilhos,  
pode voltear meu avô.

E ao tranco do meu Lobuno,  
passam por mim carros finos,  
com espertos e ladinos  
que a escovação empilchou.  
Sigo... Às vez' sem nenhum cobre,  
sem que a secura me dobre!  
– Se meu Velho está índio pobre,  
porque a ninguém se dobrou.

Conterrianos, moços lindos,

com humildades de escola,  
curvam a espinha de mola,  
no culto de um ditador,  
seja qualquer que ele for!  
– Com a fumaça de um bom fumo,  
chapéu torto, corto o rumo,  
ao tranco do meu Lobuno,  
sem dar louvado a um senhor.

Deus velho dá o sol também  
ao que sabe ser torena  
e não suporta cadena  
de feiticeiro ou papão.  
Não me enredo nessas trampas!  
E vou cruzando estes Pampas,  
só escravo do coração...

.....

AMGOS!... Quando eu me for  
ao país do eterno olvido,  
aqui fica este pedido  
antes que a Morte comande!  
– Ponham-me ao peito sem chucho  
o santo trapo gaúcho  
da tricolor do Rio Grande!

Quando escrevo este artigo recebo a notícia de que um grande e querido amigo, jovem de 36 anos, com o qual muitas vezes discuti sobre a história e a cultura do Rio Grande enforcou-se. Foi um dos mais brilhantes estudiosos da história passo-fundense. Lembro-me de um poema de Aureliano. E é em homenagem póstuma àquele amigo que muito colaborou para a publicação de meu livro “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo”, que transcrevo o belo poema, que faz parte de “Romances de Estância e Querência – Marcas do Tempo”.

## RELATO DO ENFORCADO

Tudo lhe vinha ao contrário.  
Nadava contra a corrente.  
Tudo o empurrava pra trás.  
Tudo o fazia afundar.  
Às vezes desacorçoava,  
mas renascia a coragem.

E já agora, ultimamente,  
o mundo demoronava.  
O mundo não era mundo  
era uma coisa enjoativa  
que se suporta por vício.

Era um quarto de lua nova  
e o vento norte ventava.  
Vinha uma poeira nos olhos  
de sair água por nada.

Uma palavra qualquer  
sentiu que a fundo o feria.  
Agarrou mais fumo e palhas,  
e, com um cabresto na mão,  
ao mato se encaminhou:  
– “ buscar um pouco de lenha...”

Olhou o angico mais alto,  
com um galho para o perau.  
Namorava o galho alto,  
como se olhasse um sobrado  
que desejasse comprar.

la cortando mais fumo  
e mais cigarro enrolando,  
largando cada tragada  
de fumaceira gostosa,  
das de fazer cerração.

Pensava que o mundo velho  
já era um baile acabado  
sem razão pra se ficar.  
Namorava o galho alto,  
como avaliando um sobrado  
que pretendesse comprar.

Fechou um crioulo bem grande,  
que botou atrás da orelha,  
e foi subindo no angico  
com jeitos de gato bravo.

Montou no galho bem alto,  
que dava para o perau.  
Amarrou nele o cabresto,  
pôs laçada no pescoço,  
com o chapéu bem tapeado,  
bem preso no barbicacho.  
Acendeu o crioulão  
e largou a fumaçada,  
das de fazer cerração...

Com o chapéu bem tapeado,  
bem preso no barbicacho,  
cerrou nos queixos o crioulo,  
e resvalou-se com jeito,  
para ser estrangulado.

Quando veio o delegado,  
mais o escrivão e o doutor,  
balançava no perau,  
como se o vento o rodasse  
na dança sobre os abismos.

Firme o cigarro nos queixos,  
e o chapéu velho, maroto,  
quebrado como em fandango.

E no rápido velório,  
que corajudo haveria,  
nem por Deus nem pela Virgem,  
de contrariar o finado:  
– querer tirar-lhe o cigarro,  
querer sacar-lhe o sombreiro.

E entocou-se cova a dentro  
com jeitão de malcriado:  
– cigarrão preso nos queixos,  
chapéu velho bem quebrado.  
E a borla do barbicacho  
– única flor sobre o peito...

“Romances de Estância e Querência II – Armonial de Estância e Outros Poemas” é a primeira obra póstuma do Autor. Apesar de, segundo os críticos, não ter sido organizado pelo poeta, ao contrário do que os críticos pensam, mantém, sim, uma unidade literária. Se, na primeira obra, o lirismo e o telurismo regionalistas eram maiores, aqui, destaca-se o tom épico. À exceção dos pequenos poemas que compõe a parte intitulada “DE NOITE AO TRANQUITO”, continuação do livro anterior, Aureliano traça a história do Rio Grande do Sul em versos, como no poema “OS FARRAPOS”, em que canta a Revolução Farroupilha (1835-1845).

## VII

### OS FARRAPOS

Sofre o Rio Grande a amputação, surpresa!  
Psíquica dor no inexistente membro  
irrita a gauchada atenta e alerta  
que explode, enfim, na rebeldia aberta  
da jornada do 20 de setembro.

Era o sonho: – a República no Império  
do Prata ao Norte em confederação.  
Eis o ideal por que os próceres se movem:  
– vir à Banda Oriental, sendo a mais jovem  
fúlgida estrela da constelação.

Falhou o sonho... E aos Generais e aos moços  
só resta ir desfraldando e abrindo cancha  
apodados de pobres farroupilhas,  
por dez anos, por pampas e coxilhas,  
a legendária tricolor sem mancha.

Tricolor! Sobre o olvido e sobre as chamas  
guardas a eternidade das medalhas.  
Nas cores do Brasil a componente  
que te impôs o destino desta gente:  
– fulgor de sangue sobre cem batalhas!

E ao lado do auriverde pavilhão  
que drapejava aos minuanos e nas auras,  
tens a unção dos vitrais e das estampas.  
– Nossa Senhora emocional dos Pampas  
transfigurando os corações dos tauras!

Ah! Trinta e Cinco... aqui estagiou Portinho  
num vasto acampamento migratório.  
E a Boca-do-Monte, guarda o posto,  
cortando campos de janeiro a agosto,  
vinham guerrilhas do tenente Osório.

E João Antônio e Canabarro, bravos,  
na Cordilheira bruta abrindo o trilho,  
aqui chegaram da fronteira guapa  
por darem glória à tricolor farrapa  
na alvorada de outubro, no Espinilho.

Farrapos e legais nessa mangueira,  
às vezes uns, logo mais tarde os outros,  
volteavam tumultuosas bagualadas.  
E estagiavam em largas churrasqueadas  
polindo as armas e domando os potros.

Lá naquela coxilha está Crescêncio,  
morto nessa famosa retirada  
da capital para a fronteira... E, atento,  
fico pensando como o grande Bento  
por honra e idéia flamejava a espada!

Bento Gonçalves!... Lidador excelso!  
Republicano sem Cesário estigma,  
que o infortúnio e as masmorras não consomem!  
– O Sol e a argila dos rincões num Homem  
com as virtudes totais de um paradigma.

Por seu ideal – livre do cetro a Pátria.  
Chefe opulento e grã-senhor, concita!  
E saúde, bravura, mocidade, fortuna



– esbanja pela liberdade  
e morre pobre como um eremita!

Bento Gonçalves! Singular figura  
em seu tempo e em seu meio! E sempre os hinos  
terá do Pampa que lhe ardeu no peito.  
– Verde moldura do perfil perfeito  
do mais escultural dos paladinos.

Panteon soberbo do Rio Grande! Ainda  
avultam todos com perfil tristonho  
na gravura imortal de alta memória.  
E encherão de esplendor a História  
as labaredas de seu grande sonho.

A paz de Ponche Verde... à tarde e ao tranco  
aqui chegou, com baixa da Coluna,  
para capatazear, um campeiraço!  
– O moço alferes que perdera um braço  
junto de Garibaldi, na Laguna...

Aureliano de Figueiredo Pinto, ao reproduzir em estilo épico a História do Rio Grande do Sul, segue a historiografia tradicional, de cunho positivista. A não romper (pelo menos de todo) com a filosofia positivista sua obra, historicamente, é limitada. Chega no máximo a um reformismo político. Não é à toa que os estudiosos das idéias políticas ligam o populismo, seja o trabalhismo brasileiro, seja o justicialismo argentino, a influência exercida pelas idéias de August Comt.

Daniel Vidart, em 1968, escreveu: “hoje o gauchismo, o nativismo e outras tendências afins buscam, para perdurar, novos veículos de comunicação poética. Não se animam a andar somente apoiados na palavra em meio deste vento que sopra de baixo, dos cimentos mesmos da América. A Revolução Cubana, o subdesenvolvimento como realidade e consciência, a luta antiimperialista dos povos, nos retroagem à época de Hidalgo: o poeta se transmuta então em cantor e dialoga, viola na mão e música na boca, com um auditório que reclama uma proclamação oral, direta, militante, revolucionária”.

Aureliano de Figueiredo Pinto antecipa o período retratado por Daniel Vidart. Jamais foi um revolucionário. Possivelmente, jamais o seria. Seus poemas de cunho social, como de resto várias passagens de “Memórias do Coronel Falcão”, estão cheios de conceitos

revisonistas. Em “CANÇÃO DO MARGINAL” ecoam os pensamentos reformistas, que ressoariam, algum tempo depois, nos discursos do maior teórico trabalhista, Alberto Pasqualini. É um discurso ainda mais duro. Ao misturar uma prática de então, o contrabando e falsificação de pneus brasileiros, que através da Argentina, chegavam às forças nazistas.

O contrabando e a falsificação de pneus fizeram a fortuna de muitas, tradicionais e respeitáveis famílias. Por isso, até hoje, é verdadeiro tabu. Para o pobre não havia lugar nem mesmo entre os criminosos que lhe negavam um trabalho honesto. Até mesmo a desonestidade é apropriada pelos poderosos.

À época, a palavra marginal não tinha o sentido atual, de elementos criminosos, que vive à margem da Lei. Entendia-se como marginal o pobre, o proletário, o sem-terras, o descamisado, aquele que vivia à margem da Economia. Assim, como todo o poema social, é datado.

### CANÇÃO DO MARGINAL

Foi legionário da coluna invicta!  
Bravo, bateu-se com orgulho nobre.  
Hoje, em 44, é um trapo humano.  
E ouve, na angústia do seu desengano  
“... não há va...gas!” Pobre...

Voluntário de 30 e 32  
sonhando a Pátria que o ideal descobre,  
marchou, com honra, pelejou com brilho.  
E hoje, este melancólico estribilho:  
“... não há va...gas!” Pobre...

Hoje, magro de dívidas e fome,  
a princípio a tragédia mal encobre.  
Mas, afinal também quer ter sossego.  
E eis a resposta à súplica de emprego:  
“... não há va...gas!” Pobre...

Pobre! Cansado de esperar promessas  
na esperança de que a sorte se lhe dobre,

pede um posto, um lugar, modesto cargo.

E ouve ferino este refrão amargo:

“... não há va...gas!” Pobre...

Triste! A miséria, os filhos em andrajos,

tudo lhe soa com suturno dobre.

Pede um lugar ao sol para o trabalho.

E a resposta é mais dura do que um ralho:

“... não há va...gas!” Pobre...

Doente! O peito lhe arqueja num cansaço.

Não há tranqüilidade que lhe sobre.

Algo mendiga que permita um prato.

Como resposta o estúpido e gaiato:

“... não há va...gas!” Pobre...

Cansa! E se lembra dos pneus rendosos!

Talvez no contrabando não sossobre

tendo agasalho e pão para a família.

Grita-lhe a opulentíssima quadrilha:

“... Não há va...gas!” Pobre...

Em "Romances de Estância e Querência II – Armonial de Estância e Outros Poemas", encontramos ao final da obra, alguns poemas que são verdadeiros testamentos do poeta.

## O MEU CRISITANISMO

Às minhas patrícias

É a velha, humana, repetida história:

depois de um doloroso dia-a-dia,

resta a cinza das flamas da energia

e o gosto amargo da existência inglória.

Sob a soalheira, ou pela noite fria,  
seguindo a estrela esplendida e ilusória,  
teci o mais alto bem na alheia glória  
sem mesmo perguntar porque fazia.

Vêm depois os crepúsculos caindo.  
Faço a minha colheita na amargura  
das pobres searas do meu sonho lindo.

E no pudor da mágua sem alarde,  
espero o olhar de Deus baixar da altura  
na última luz do sol da minha tarde...

Num outro soneto, espécie de complemento daquele que transcrevo acima, há um canto de gratidão a Deus. Vê-se a limitação que o médico entendia no seu trabalho, lembrando às vezes em que intercedera em espírito de oração pela saúde dos filhos.

#### ESTOU GRATO, SENHOR

Quanta vez, coração feito em pedaços  
com filhos – presas de tremenda doença,  
eu Te pedi, Senhor! Na angústia intensa,  
com voz do pensamento nos espaços:

– Todo infortúnio, toda grave ofensa  
afasta dos caminhos e dos passos  
da criança enferma que hoje trago aos braços  
e caia sobre mim tua sentença.

Estou grato, Senhor! Pelo que passa:  
a mim os males que fatais pressinto,  
a eles as luzes da Divina Graça.

Estou grato, Senhor! Sombras se adensam

na minha tarde. E que feliz me sinto  
se aos filhos deste as tuas grandes bênçãos.

E “Romances de Estância e Querência II – Armonial de Estância e outros poemas”  
encerra-se com este soneto magistral:

#### ÚLTIMA PÁGINA

Vida que vai ficando... A encantada paisagem  
e os entes que se amou. E as cousas que se quis.  
Gestos de amigos leais. Femininos perfis  
que deixaram num verso a enternecida imagem.

Dura viagem da vida... A romanceada viagem.  
De instante a instante. Aqui e além. Triste ou feliz.  
Com inscrições de bronze e legendas de giz  
no roteiro incolor da efêmera passagem.

Certos dias que estão embalsamados na memória.  
Certas noites de luar. E as dardes de aquarelas.  
E esses vitrais de acaso. E tanta íntima história.

E vamos indo... Até – sem um rictus na face –  
à hora convencional das irônicas velas  
e o tremendo latim do – Requiescat in pace...

Carlos Jorge Appel, editor e crítico literário, na Introdução que escreveu para “Itinerário – Poemas de Cada Instante”, conta que a obra de Aureliano de Figueiredo Pinto proporcionou-lhes duas surpresas. A primeira delas o romance “Memórias do Coronel Falcão”.

“A segunda surpresa nos chegou às mãos, de novo, através de José Antônio de Figueiredo Pinto, sempre preocupado com a obra do pai, em dezembro de 1996: os poemas inéditos contidos num único caderno, com o título de Itinerário – poemas de cada instante. Ao me passar os originais manuscritos, com letra, em geral, clara e inteligível, José Antônio observou: “a página inicial está rasurada ao meio. Foi intencional. Deveria

estar aí uma dedicatória que meu pai não quis que aparecesse. Mas a gente sabe a quem a dedicatória foi feita”.

(...)

“A natureza exterior, a campanha, os costumes, o modo de vida do gaúcho com seus avatares e linguagem própria compõe a matéria-prima de Romances de estância e querência – Marcas do tempo e do seu segundo livro, publicado após a sua morte, Armonial de estância e outros poemas.

Em Itinerário, o dia-a-dia da campanha cede lugar ao mundo interior, onde os temas são a transitoriedade do amor, a paixão, a perda da mulher amada, a desolação, a morte, os limites do ser humano. A linguagem acompanha a universalização dos temas e alcança uma dimensão clássica, ou seja, aquela dimensão que está para além de todos os modismos e circunstâncias e que expressam o essencial do homem de todos os tempos”.

De fato, como reconhece o editor e revisor de duas das obras de Aureliano, perpassa em todo esse pequeno grande livro, um lirismo de sabor clássico. Muitos poemas lembram Fernando Pessoa e seus heterônimos. Em tantos deles há algo lembrando Alberto Caeiro. E é exatamente isso que confere a “dimensão clássica” destacada por Jorge Carlos Appel, a começar pelo soneto que abre a coletânea.

## EX-LIBRES

Vida integral. Total. Princípio e fim!

Amo-te até no mal que me lacera.

E, a cada novo instante que me espera:

– Vida! Me exalto por viver-te assim!

A alma fulgura. O sangue reverbera.

E aos dardejantes sóis, no torvelim,

sinto que vibram séculos em mim,

nas soalheiras de cada primavera.

No meu dia de doida claridade

as corolas e os ninhos – soluçantes

fremem nos ritos da perpetuidade.

Quando eu rolar para o meu chão profundo,

algo de mim perpetuará os instantes

com que a mim mesmo me esbanjei no mundo...

Nesse soneto, em que apresenta os demais poemas, há mais do que lirismo, há reflexão lírica, o que, de certo modo, será uma constante em Itinerário. Aqui se vê a “dimensão clássica”, em toda a sua extensão, como “Vida integral”. E vida integral é a união entre o interior do “Amo-te até no mal que me lacera”, pela exaltação desse amor, a fulguração da alma, a reverberação do sangue, o dardejar dos sóis, a vibração dos séculos nas soalheiras primaveris. Tudo isso indo acabar no “chão profundo” de cada ser humano.

Essa fusão de elementos interiores e exteriores somente pode processar-se através da racionalidade, que somente pode ser a mediação lírica ou o lirismo reflexivo. O que caracteriza o clássico, mas o clássico mesmo, no sentido de retorno à ancestralidade grega, é a união entre razão e sentimento.

Os gregos do período áureo, ao separarem razão e sentimento, causaram um grande mal à Humanidade. Ocorreu a separação entre o homo sapiens e o homo demens, revelando os complexus, aquilo que é tecido em conjunto, na melhor definição grega, segundo vemos em “Amor Poesia Sabedoria”, de Edgar Morin. Aureliano de Figueiredo Pinto, em Itinerário, reúne o que a racionalidade separou, reconstitui o homo sapiens/demens, a “vida integral”, o homem integral. E isso apenas é possível porque nele o homo sapiens, representado pelo médico, está a serviço do homo demens, o poeta.

A integralidade humana envolve a ligação do homo sapiens/demens com a Natura. Aí a análise de Jorge Carlos Appel é limitada quanto à poética de Aureliano. A natureza da campanha e o modo de vida do gaúcho estão presentes, sim. Vemo-los através da história, representada pela vibração dos séculos, que plasmaram o modo de vida do gaúcho, e do meio, materializado pela soalheira primaveril, que temperou o homem do campo rio-grandense.

Veja-se, a seguir, outro dos tantos sonetos de Itinerário onde é plena a integralidade entre homo sapiens/demens e Natura:

### XIII

A água que eu bebo tem o gosto do teu beijo;  
a manhã lembra a luz pagã do teu sorriso.  
Sugere a névoa o vago olhar, longe, impreciso,  
de quando aplacas, fina e langue, o teu desejo.

A asa que passa, no céu alto, em vôo andejo,  
lembra o teu gesto arisco em sutil sobreaviso.  
E, na árvore alta e fina, e na flor do paraíso,  
tendo-te toda em mim, sempre em tudo te vejo.

Bruna e pálida, alta e trêmula, os cabelos  
cheios da escuridão das noites em que amamos!  
– Sinto-te no meu sangue em tumultos e apelos.

Em tua leve silhueta o mundo se resume.  
E quando, sem encontrar-nos, nos buscamos,  
ruge em minha alma em sombra a alma do teu perfume.

A gauchesca, o nativismo, a canção de protesto, o lirismo de recorte clássico, que fazem lembrar “o gauchismo cósmico” de um Fernán Silva Valdés ou de um Pedro Leandro Ipuche, estão presentes na obra poética de Aureliano de Figueiredo Pinto. Poeta culto, usa a profissão de médico para apropriar-se da alma gaúcha, resumindo a evolução estética da poesia popular de raízes regionalistas, a gauchesca. E isso o transforma no mais representativo poeta gauchesco, nativista ou de “outras tendências afins” de língua portuguesa de todos os tempos.

Aureliano de Figueiredo Pinto jamais teve a preocupação de dar ampla publicidade a sua obra. A política, seja partidária ou literária, eram-lhe quase que indiferentes. Possuía uma acurada consciência da durabilidade de sua obra, como vemos neste trecho, dele mesmo, com que Helena Tornquist encerra a biografia que dedicou ao escritor: “A nossa vida, na renúncia de sua modéstia tem algo a dizer à mocidade de amanhã, porque foi vivida à nossa maneira, ao jeito do fio d’água que corre à margem da barulhenta cascata que é a opinião-do-Senhor-todo-Mundo”.

#### Bibliografia:

APPEL, Carlos Jorge. “Memórias do Coronel Falcão”. Apresentação, In: PINTO, Aureliano de Figueiredo. “Romances de Estância e Querência – Marcas do Tempo” (Primeira Edição). Porto Alegre, Editora Globo, 1959.

APPEL, Carlos Jorge. “ITINERÁRIO – Poesia inédita de Aureliano de Figueiredo Pinto”. In: PINTO, Aureliano de Figueiredo. “Itinerário – Poemas de Cada Instante”. Porto Alegre, Editora Movimento, 1998.

PINTO, Aureliano de Figueiredo. Memórias do Coronel Falcão. Porto Alegre, Movimento, 1974, p. 5-17.

GARCIA, Serafin J. “10 Poetas Gauchescos del Uruguay”. Montevideo, Libreria Blundi, 1963.

METZ, Luiz Sérgio. “Aureliano de Figueiredo Pinto”. Porto Alegre, Tchê! Editora Ltda./RBS, Porto Alegre, 1986.

MORIN, Edgar. “Amor Poesia Sabedoria”. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 2002.



PINTO, Aureliano de Figueiredo. "Romances de Estância e Querência – Armonial de Estância e Outros Poemas" (Primeira Edição). Porto Alegre, Livraria Sulina, 1963.

PINTO, Aureliano de Figueiredo. "Memórias do Coronel Falcão" (Terceira Edição). Porto Alegre, Editora Movimento, 1986.

PINTO, Aureliano de Figueiredo, "Itinerário – Poemas de Cada Instante". Porto Alegre, Editora Movimento, 1998.

TORNQUIST, Helena. "Aureliano de Figueiredo Pinto". Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1989.

VIDART, Daniel. "Poesía y campo: del nativismo a la protesta". Capítulo Oriental 23. Modevideo, Centro Editor de America Latina, 1968.

Data : 12/05/2014

Título : auto-epitáfio

Categoria: Poesia

Descrição: parcela do movimento

auto-epitáfio

parcela do movimento

que nada produz a esmo

eu sou meu melhor invento

pois me inventei a mim mesmo

paulo monteiro

Data : 01/02/2009

Título : Avenida

Categoria: Poesia

Descrição: a avenida tem mil vozes de pássaros homens homens pássaros

avenida  
a avenida tem mil vozes  
de pássaros homens  
homens pássaros  
tem mil vozes a avenida  
e ninguém se entende  
tende  
tudo porque a avenida gargalha  
menino pardal  
pardal menino  
misturam-se mistura na confusão  
com fusão de empresas  
as mil vozes que a avenida tem  
um troquinho tri tri tri seu  
um milhão nada de dólares  
a mulher do doutor às 10 e 30  
foi pega às 10 e 30 trepando  
tri tri tri um troquinho  
com o amante aí seu  
as mil vozes da avenida  
árvores falando  
vento falando  
vento tudo  
vento mistura  
misturada  
vento árvore vento  
árvore tudo  
mistura na confusão  
bi bi bi não vê o sinal grã-puta  
nota do autor

sou grato ao poeta Júlio César Perez pela leitura e sugestões feitas quanto à primitiva estrutura formal do poema e que foram aproveitadas na presente versão.

Data : 05/03/2015

Título : AVISO AOS NAVEGANTES

Categoria: Poesia

Descrição: Parto para Pasárgada. Poucas coisas na bagagem.

Parto para Pasárgada.

Poucas coisas na bagagem.

Comigo vão Estrela da Vida Inteira

e o cicerone Manuel Bandeira.

No caminho,

escutarei histórias do Barão de Arigópolis.

Como todo e qualquer mortal,

preciso ter meus quarenta dias

e minhas quarenta noites no Deserto.

Saudades, pra que te quero?!

Um abraço do Paulo Monteiro

29 de dezembro de 2014.

Data : 26/06/2014

Título : Avô Campeiro

Categoria: Poesia

Descrição: Quantas aulas por ti me foram dadas! Eu sentava a tua frente e me contavas

Quantas aulas por ti me foram dadas!  
Eu sentava a tua frente e me contavas  
histórias lindas de peleias bravas,  
aventuras campeiras, carreteadas.

E assim na comparcia das mateadas,  
juntamente comigo retornavas  
aos teus tempos de moço, e me levavas  
a viver aventuras, já passadas.

Pouco mais do que um piá tu me deixaste,  
porém não fiquei só, meu belho amigo,  
por que de ensinios mil que ministraste

eu parti para os livros e consigo  
ir além das lições que me ensinaste,  
pois teu modelo sempre está comigo.

Data : 19/12/1997

Título : BANDIDOS E SANTOS

Categoria: Resenhas

Descrição: O centenário da destruição de Monte Santo, último local de resistência da Guerra de Canudos, no Sertão da Bahia, transcorrido neste ano, foi precedido pela agonia e a morte de Frei Damião.

BANDIDOS E SANTOS

O centenário da destruição de Monte Santo, último local de resistência da Guerra de Canudos, no Sertão da Bahia, transcrito neste ano, foi precedido pela agonia e a morte de Frei Damião.

Duas editoras paulistas, das maiores que se dedicam a livros didáticos e paradidáticos, dedicaram obras a esses acontecimentos.

A Editora Ivioderna publicou BELO MONTE: UMA HISTÓRIA DA GUERRA DE CANUDOS, de José Rivair Macedo e Mário Maestri. Ali encontramos os elementos políticos, econômicos, sociais e culturais que contribuíram para que um homem como Antônio Vicente Mendes Maciel conseguisse arregimentar legiões de seguidores e ser considerado uma ameaça à República e a provocar rancores, ódios que passaram dos campos de batalha aos compêndios de História do Brasil.

A degola de "jagunços" presos, a destruição de Monte Belo, a resistência dos últimos quatro combatentes sertanejos, a própria construção do açude de Cocorobó (1969), cobrindo o local dos derradeiros combates da Guerra de Canudos, merecem a atenção de José Rivair Macedo e Mário Maestri, mostrando que episódios das lutas sociais podem transcender o espaço em que transcorrem, produzem um volume que prepara o leitor para avançar pelos caminhos da História.

Já a Editora FTD está fazendo circular FREI DAMIÃO: O SANTO DAS MISSÕES, do jornalista Gildson Oliveira, que seguiu os passos de Pio Gianotti, desde seu nascimento no vilarejo italiano de Bozzano, no dia 5 de novembro de 1898, até seu sepultamento, em Recife, no dia 4 de junho de 1997.

Livro de jornalista, FREI DAMIÃO: O SANTO DAS MISSÕES, é mais uma série de reportagens escritas para publicação em brochura do que uma obra com preocupações literárias ou científicas. E é exatamente isso que torna sua leitura agradável. Gildson Oliveira, repórter experiente e reconhecido profissionalmente, consegue produzir um trabalho jornalístico modelar.

Não estando amarrado à pauta das redações de periódicos, Gildson Oliveira consegue soltar-se, tendo tempo para ultrapassar os limites impostos pela dinâmica da editoração jornalística propriamente dita. Assim, suas observações sobre as motivações teológicas do tipo de missão desenvolvida por homens como Frei Damião, sobre a religiosidade popular e outros aspectos da religiosidade nordestina dos dias de hoje, chamam a atenção para fenômenos que, muitas vezes, são ignorados pelos estudiosos das ciências sociais.

Antônio Conselheiro e Frei Damião, aquele um sertanejo nordestino, este um camponês toscano, tão diferentes na vida quanto na morte, são personagens da mesma história, história que fica muito longe de nós, passo-fundenses, que nos situamos, geograficamente, entre os "pelados", massacrados no Irani, e os "barbudos", trucidados em Soledade.

Do Jornal

O Cidadão

19/12/1997

Data : 15/03/1996

Título : Best-Seller sobre fim de casamento

Categoria: Resenhas

Descrição: Há alguns dias assisti uma reportagem na televisão onde se desenvolvia a idéia de que o casamento voltou a ter o prestígio de há muitos anos.

Best-Seller sobre fim de casamento

por Paulo Monteiro

Há alguns dias assisti uma reportagem na televisão onde se desenvolvia a idéia de que o casamento voltou a ter o prestígio de há muitos anos. Domingo último, rodaram outra matéria: mais de 80% das mulheres brasileiras estão insatisfeitas com o casamento. Dos homens não se falou. Por outro lado, apresentam-se estatísticas de que tem aumentado o número de filhos sem pais declarados na certidão de nascimento. Além disso, com o divórcio, o índice de casamentos que terminam é representativo.

A Editora Saraiva acaba de publicar a 5ª Edição de CASAMENTO: TÉRMINO E RECONSTRUÇÃO, de Maria Tereza Maldonado. A obra segue o mesmo esquema de MAIORES DE 40 dela e de Alberto Goldin, também editado pela Saraiva.

A Autora, usando amplamente sua experiência como psicóloga clínica, consegue produzir uma obra solidamente firmada sobre depoimentos de pessoas que viveram o processo de término e reconstrução de um relacionamento duradouro e institucionalizado. Essa técnica, esse método, de aproveitar-se de um arquivo seja real ou mnemônico de situações reconcretas torna o último livro de Maria Tereza Maldonado de leitura agradável.

A análise e a reflexão sobre muitos casos particulares contribuem para que Autora chegue a conclusões firmes sobre as etapas correspondentes ao término e à reconstrução do matrimônio.

Maria Tereza Maldonado não parte de teorias para explicar a realidade. De depuração, do peneiramento de situações concretas eleva-se a elementos de ordem teórica. Organiza, sistematiza realidades. Do caos dos dramas pessoais faz a luz do entendimento dos casos.

A crise no casamento desequilibra as pessoas. Entram em parafuso, como se diz popularmente. É como se o casamento fosse um ser de carne e osso (a mãe, o pai, um irmão querido). Há doença, há agonia, há morte, há velório, há sepultamento e há luto. O

casamento, porém, não é um ente particular, apesar de aparentar ser. É uma instituição, um ente social, e aí é que se avolumam os problemas das partes envolvidas.

Os parentes, os amigos, os conhecidos formam grupos de alianças ou inimizades. E não vêm no consórcio que termina um fim natural, mas a vítima de uma das partes. Procura-se um culpado, um bode expiatório.

É claro que nem sempre é assim. Há casos em que as pessoas se separam “civilizadamente”.

Um agravante nos traumas de separação é quando uma das partes resolve assumir conduta homossexual, mostra Maria Tereza Maldonado. Até mesmo porque “família não pode ser definida apenas com base em laços de parentesco: pode também ser o grupo de pessoas que assumem o compromisso de cuidados recíprocos e solidariedade”. Afirmção polêmica, altamente polêmica, aliás.

E a preocupação com os filhos? Para a Autora a maior parte dos problemas dos filhos de pais separados deve-se menos à separação de que às dificuldades do vínculo há um peso re relações do gênero envolvendo gerações anteriores da família. Ademais, em famílias de vários filhos, as consequências variam entre os diferentes filhos.

Por isso é que Maria Tereza Maldonado recomenda que eles devem ser preparados devidamente para enfrentar a separação dos pais. Muitas vezes não há tempo para esse preparo e a situação precisa de uma ordenação posterior.

Uma constatação da Autora é com o fato de que o filho (como o adulto) costuma generalizar situações. Se um dos pais deixou de gostar de outro pode deixar de gostar do filho também. Esse raciocínio vai ser significativo como contribuição para a insegurança da criança.

Um agravante da situação ocorre quando o menor é usado como “torpedo” por um dos conjugues contra o outro. Isso pode gerar um efeito bumerangue e a criança reproduzir essas situações contra o pai ou a mãe.

Já a reconstrução de um casamento costuma enfrentar dificuldades quando o novo casal é formado por ex-casados e tem filhos de uniões anteriores. Multiplicadas as histórias pessoas e familiares aumentam os fatores a serem acomodados nos cérebros infantis. Nesses casos crescem as responsabilidades dos novos conjugue.

A Autora apresenta, ainda, outros tipos de situações como voltar a viver com o ex-cônjuge ou decidir viver sozinho.

A mim, após a leitura desse livro interessante a atualíssimo de Maria Tereza Maldonado, ficou a idéia de que o velho bom senso unido á antiquíssima paciência formam o melhor remédio tanto para o casamento, a separação, o divórcio ou um recomeço.

O Cidadão

15/03/96

Data : 05/01/1996

Título : Bíblia de estudo pentecostal

Categoria: Resenhas

Descrição: A Bíblia é o livro – na verdade um conjunto de livros, 72 para os católicos e 65 para os evangélicos...

## Bíblia de estudo pentecostal

por Paulo Monteiro

A Bíblia é o livro – na verdade um conjunto de livros, 72 para os católicos e 65 para os evangélicos – que tem exercido maior influência sobre a humanidade, estando integralmente traduzida para 337 línguas e parcialmente para outras 1725, de um total de 6000 línguas existentes. A diferença entre o número de livros bíblicos para católicos e evangélicos, deve-se ao fato de que os últimos entendem como “divinamente inspirados” somente os livros do Antigo Testamento (AT), que eram conhecidos ao tempo de Jesus, formando a chamada Bíblia Rabínica. Quanto aos livros (27) do Novo Testamento (NT), há consenso entre uns e outros.

Para nossa língua, a Bíblia foi parcialmente traduzida por ordem de D. Diniz (1279-1375) e D. João I (1385-1433) e D<sup>a</sup> Leonor (1505). A primeira tradução integral da Bíblia foi iniciada por João Ferreira D’ Almeida (1628-1691), português, Ministro do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa. Concluiu a versão do Novo Testamento em 1670, sendo impressa em Amsterdam, em 1681. Almeida traduziu Ezequiel 48.21 tendo falecido em 1691. Esse trabalho foi continuado por missionários amigos seus, e publicou-se o AT, ainda em Amsterdam, no ano de 1753.

Por haver traduzido a Bíblia para nossa língua Almeida foi condenado pelo Tribunal do Santo Ofício da Igreja Católica e queimado “em estátua”, na cidade de Goa, antiga possessão portuguesa na Índia.

A Bíblia traduzida por João Ferreira d’Almeida (ou de Almeida, como se escreve modernamente) é a mais difundida no Brasil, que ocupa o segundo lugar no mundo em termos de divulgação bíblica.

A CPAD – Casa Publicadora das Assembléias de Deus – do Rio de Janeiro, acaba de publicar a BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, Almeida Revista e Corrigida. São 2030 páginas de texto, 16 páginas de índice Temático, 128 de Concordância Abreviada da Bíblia e duas com Localizador de Mapas Bíblicos em Cores, além de 17 mapas. Contém, ainda, milhares de notas de estudos e 77 estudos mais desenvolvidos de diferentes temas testamentários.



Durante vários anos o missionário americano Donald C. Stamps trabalhou para que a Bíblia de Almeida fosse anotada, servindo para o estudo dos cristãos de língua portuguesa. Faleceu em 7 de novembro de 1991, após concluir seu ofício. E o fez de tal maneira e com tal qualidade, que está sendo aproveitada para edições de outras línguas.

Diferentemente das Bíblias de Leitura que apresentam, no próximo, referências ou remissões a outros versículos, ao pé da página, as Bíblias de Estudo contém vários elementos, como vimos acima, que facilitam a leitura e o aprendizado dos ensinamentos do Livro Divino. Com referência à BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL os parágrafos de conteúdo são assinalados por uma letra inicial em negrito e o nome hebraico de Deus (YHVH), tradicionalmente traduzido como Jeová, é grafado Senhor.

Comparo a BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL com minha velha Bíblia Sagrada (Depósito das Escrituras Sagradas – Janellas Verdes, Lisboa, 1898) e noto que há fidelidade com aquela edição mais antiga, com a substituição de alguns termos menos usados atualmente e alteração de alguns nomes. Assim, em Mt 1.3, enquanto a edição quase centenária diz Judas, as publicações mais recentes trazem Judá, entre outras diferenças. Neste aspecto, a edição mais conservadora é a do NOVO TESTAMENTO, da SGM Internacional, de Londres, s/d.

A BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, que acaba de ser lançada pela CPAP, está destinada ter ampla aceitação entre dezenas de milhões de evangélicos brasileiros. Passa, desde já, a ser companheira de leitura e reflexão de milhões de cristãos. Pela qualidade de sua edição, pela seriedade das notas, gráficos, ensaios, mapas e índices torna-se indispensável em qualquer biblioteca.

A edição bíblica patrocinada pela CDAD junta-se a outras publicações dos livros sagrados como a Bíblia Vida Nova, a Bíblia Sconfield, a Bíblia Anotada, a Bíblia Thompson e a Bíblia de Jerusalém. É mister que se acrescente a tradução da Nova Versão Internacional (NVI), que está sendo processada pela Sociedade Bíblica Internacional, da qual já foi impresso o Novo Testamento. Esta, diga-se, de passagem, ainda é uma obra de leitura.

A importância da BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL vai ultrapassar os limites do pentecostalismo e contribuir para a renovação espiritual de muitas e muitas pessoas. Mesmo nas confissões cristãs mais tradicionais e no seio o do próprio catolicismo romano ela encontrará aceitação.

O fato de que esta edição pensada inicialmente para os cristãos de língua portuguesa por Donald C. Stamps, já ter sido lançada em inglês e espanhol, devendo acontecer o mesmo em outras línguas confirma a importância da BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL e torna indispensável a sua leitura atenta e conscienciosa.

O CIDADÃO

05/01/96

Data : 05/01/1996

Título : Bíblia de Estudo Pentecostal

Categoria: Artigos

Descrição: A Bíblia é o livro – na verdade um conjunto de livros, 72 para os católicos e 65 para os evangélicos – ...

### Bíblia de Estudo Pentecostal

A Bíblia é o livro – na verdade um conjunto de livros, 72 para os católicos e 65 para os evangélicos – que tem exercido maior influência sobre a humanidade, estando integralmente traduzida para 337 línguas e parcialmente para outras 1.725, de um total de 6.000 línguas existentes. A diferença entre o número de livros bíblicos para católicos e evangélicos, deve-se ao fato de que os últimos entendem como “divinamente inspirados” somente os livros do Antigo Testamento (AT), que eram conhecidos ao tempo de Jesus, formando a chamada Bíblia Rabínica. Quanto aos livros (27) do Novo Testamento (NT), há consenso entre uns e outros.

Para nossa língua, a bíblia foi parcialmente traduzida por ordem de D. Diniz (1279-1375), D. João I (1385=1433) e D. Leonor (1505). A primeira tradução integral da Bíblia foi iniciada por João Ferreira d’Almeida (1628-1691), português, Ministro do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa. Concluiu a versão do Novo Testamento em 1670, sendo impressa em Amsterdam, em 1681. Almeida traduziu o Antigo Testamento até Ezequiel 48.21, tendo falecido em 1691. Esse trabalho foi continuado por missionários amigos seus, e publicou-se o Antigo Testamento, ainda em Amsterdam, no ano de 1753.

Por haver traduzido a Bíblia para nossa língua Almeida foi condenado pelo Tribunal do Santo Ofício da Igreja Católica, e depois de morto, queimado “em estátua” na cidade de Goa, antiga possessão portuguesa na Índia.

A Bíblia traduzida por João Ferreira d’Almeida (ou de Almeida, como se escreve modernamente) é a mais difundida no Brasil, que ocupa o segundo lugar no mundo em termos de divulgação bíblica.

A CPAD – Casa Publicadora das Assembléias de Deus – do Rio de Janeiro, acaba de publicar a Bíblia de Estudo Pentecostal, Almeida Revista e Corrigida, totalizando 2.030 páginas de texto, 16 páginas de Índice Temático. 128 de Concordância Abreviada da Bíblia e duas com Localizador de Mapas Bíblicos em Cores, além de 17 mapas. Contém, ainda, milhares de notas de estudos e 77 estudos mais desenvolvidos de diferentes temas testamentários.

Durante vários anos o missionário americano Donald C. Stamps trabalhou para que a “Bíblia de Almeida” fosse anotada, servindo para o estudo dos cristãos de língua portuguesa. Faleceu em 7 de abril de 1991, após concluir seu ofício. E o fez de tal maneira e com tal qualidade, que está sendo aproveitada para edições em outras línguas.

Diferentemente das bíblias de leitura que apresentam, no próprio texto, referências ou remissões a versículos, ao pé da página, as bíblias de estudo contém vários elementos, como vimos acima, que facilitam a leitura e o aprendizado dos ensinamentos do Livro Divino. Com referência à Bíblia de Estudo Pentecostal, os parágrafos de conteúdo são assinalados por uma letra inicial em negrito e o nome hebraico de Deus (YHVH), tradicionalmente traduzido como Jeová, é grafado Senhor.

Comparo a Bíblia de Estudo Pentecostal com minha velha Bíblia Sagrada (Depósito das Escripturas Sagradas – Janellas Verdes, Lisboa, 1898\*) e noto que há fidelidade com aquela edição mais antiga, com substituição de alguns termos menos usados atualmente e atualização de alguns nomes. Assis, em Mt. 1.3, enquanto a edição centenária diz Judas, as publicações mais recentes grafam Judá, entre outras diferenças. Neste aspecto, a edição mais conservadora é a do Novo Testamento da SGM Internacional, de Londres, s/d.

A Bíblia de Estudo Pentecostal, que acaba de ser lançada pela CPAD, está destinada a ter ampla aceitação entre dezenas de milhões de evangélicos brasileiros. Passa, desde já, a ser companheira de leitura e reflexão de milhões de cristãos. Pela qualidade de sua edição, pela seriedade das notas, gráficos, ensaios, mapas e índices torna-se indispensável em qualquer biblioteca.

A edição bíblica patrocinada pela CPAD junta-se a outras publicações dos livros sagrados como a Bíblia Vida Nova, a Bíblia Sconfield, a Bíblia Anotada, a Bíblia Thompson e a Bíblia de Jerusalém. É mister que se acrescente a tradução da Nova Versão internacional (NVI), que está sendo processada pela Sociedade Bíblica Internacional, da qual o Novo Testamento já foi impresso. Esta, diga-se de passagem ainda é uma bíblia de leitura.

A importância da Bíblia de Estudo Pentecostal vai ultrapassar os limites do pentecostalismo e contribuir para a renovação espiritual de muitas e muitas pessoas. Mesmo nas confissões cristãs mais tradicionais e no seio do próprio catolicismo romano ele encontrará aceitação.

O fato de que esta edição pensada inicialmente para os cristãos de língua portuguesa por Donald C. Stamps já ter sido lançada em inglês e espanhol, devendo acontecer o mesmo em outras línguas, confirma a importância da Bíblia de Estudo Pentecostal e trona indispensável a sua leitura atenta e conscienciosa.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 5 de janeiro de 1996, p. 10).

## NOTA

\* A referida edição foi adquirida, ainda no século XIX, por Timóteo José da Silva (irmão de um dos meus bisavôs), sendo o exemplar passado para meu avô paterno, José Mendes Monteiro, deste para meu pai, Pedro Mendes Monteiro, por este a mim legado. Tradições de família contam que um padre católico, no atual Município de Coqueiros do Sul, fez camponeses entregarem exemplares dessa edição para serem queimados, sob a alegação de que eram falsificadas pelos protestantes. Conta-se que o velho Timóteo afirmava de alto e bom tom: “Não vou deixar ninguém vai queimar um livro que conta a história de Jesus”. E conservou sua bíblia.(3 de março de 2004).

Data : 04/04/1996

Título : Bíblica hebraica está saindo em português

Categoria: Resenhas

Descrição: Em minha constante preocupação pessoal de aprofundar-me no entendimento de algumas obras básicas do pensamento humano, aliviada á vontade de resenhar livros diferentes, descobri...

Bíblica hebraica está saindo em português

por Paulo Monteiro

Em minha constante preocupação pessoal de aprofundar-me no entendimento de algumas obras básicas do pensamento humano, aliviada á vontade de resenhar livros diferentes, descobri, em São Paulo, a existência da EDITORA E LIVRARIA SÊFER (Telefone: 826-1366), especializada na divulgação de livros sobre a religião, a história, a filosofia e a cultura hebraica. Devo essa descoberta a Nahum Chwartzmann, pessoa boníssima e um dos comerciantes mais antigos e conhecidos de Passo Fundo.

Há algumas semanas recebi da EDITORA E LIVRARIA SÊFER, o volume intitulado CHUMASH COM COMENTÁRIOS DE RASHI, de Trejger Editores (São Paulo-SP), contendo o BERESHIT, conhecido pelos cristãos como Gênesis, anotado e comentado por Rabbi Sholomo Bem Itzhak, mais conhecido como Rashi, que viveu em Troyes França, entre 1040 e 1105, onde escreveu os comentários ao Chumasch, Torá ou Pentateuco e ao Talmud. Seus estudo sobre os cinco primeiros livros da Bíblia em língua hebraica tronaram-se os mais populares.

A Trejger Editores deverá publicar os próximos quatro livros da Torá: Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, com texytos em hebraico e aramaico e, ao lado, a tradução em português, o que vai contribuir, em muito, para que os leitores de nossa língua conheçam o pensamento clássico do mosaísmo e se apercebam da essência mesma da igreja hebraica, da qual brotou a igreja cristã, absolutamente majoritária em nossa país.

Após ler e meditar sobre esse primeiro volume da obra de Rashi tenho a impressão de que sua popularidade se deve ao método adotado. O Autor se aproveita dos estudos de hebraístas anteriores e da tradução aramaica (Targum) da Bíblia Hebraica (o Antigo Testamento encontrado em qualquer edição evangélica das Escrituras). Acrescenta-lhes suas próprias conclusões e o faz de tal sorte que obtém uma obra de utilidade prática que, a não ser para o erudito, dispensa o manusei dos comentários mais velhos.

Exemplo: Bereshit (Gênesis) 37, 35 diz que Jacob tinha filhas, quando a Bíblia também fala que ele teve apenas uma filha, Diná. Eis o comentário: “Rabi Judá disse: “Nasceram irmãos gêmeas em cada tribo, e desposaram-nas”. Rabi Nehemia disse: “Eram cananéias [as esposas das tribos], então que significa “todas as suas filhas”. Suas noras, porque o homem não se abstém de chamar seu genro de “seu filho” e sua nora de “sua filha”. Aí estão claramente dois comentários diferentes sobre um mesmo assunto. Em comentário a 35, 17 afirma que com Benjamin nasceram duas gêmeas. Aliás, por falar em gêmeas é interessante a nota que Caim teve uma irmã gema e Abel duas (Gên. 4,1). Nas Bíblias Comentadas, ao que eu saiba, inexistem referências as essas interpretações dos antigos hebraístas. Desconhecimento? Temor de abordar práticas que hoje não são aceitas?

Lembro que Voltaire fez sérias críticas às Escrituras, encontrando “falhas” na contagem de idade de personagens bíblicos e na disposição, por assunto, do próprio texto escriturístico. Ora, em nota ao Bereshit 35,29 Rashi afirma textualmente: “Não há “mais cedo” e “mais tarde” na Torá [não há necessariamente, ordem cronológica na Torá]”. Assim, as “contradições” desaparecem. Aliás, o próprio Rashi, em nota a 3,1 afirma que o assunto ali desenvolvido deveria estar perto de 3,21.

Dentro dessa insistência de “mais cedo” ou “mais tarde”, Rashi entende, com base na escrita hebraica, que Adão (Ex 4,1) conheceu Eva “antes de pecar e ser expulso do Éden; e similarmente a gravidez e o nascimento. Porque se [a Escritura] houvesse escrito: (grafa expressão em caracteres hebraicos, P. M.) e conheceu o homem [no presente] se entenderia que, após ser expulso, ele teve filhos”. Quando da expulsão será que Adão e Eva já possuíam Caim? Se assim foi como ficariam as concepções do pecado?

Outro comentário interessante é com referência Gênesis 31,50. Bilá e Zipá, servas de Raquel e Lea, seriam meio-irmãs de suas senhoras, pois filhos de Labão com uma concubina. Jacob tendo filhos, também com elas, estava cumprindo o acerto com Isaac (Ex. 28,1), tomando mulher das filhas de Labão.

Alguns autores têm julgado exagerados os números de hebreus que deixaram o Egito, conforme narrado no livro de Êxodo. Acreditam que a descendência dos 12 patriarcas não cresceria tanto durante sua permanência no país dos faraós. Há o episódio da violação de Diná por Shechem (Siquém), narrado em Gênesis 31. Como represália seus irmãos Simão e Levi mataram os homens da cidade, tomaram todos os seus bens “e todas as suas crianças e suas mulheres capturaram”. Se todas as crianças foram transformadas em servos e as mulheres em concubinas e rápido crescimento dos hebreus é plenamente explicável. Alguém já fez esse raciocínio?

O grande problema dos comentários sobre o Antigo Testamento (Bíblia Hebraica) e concomitantemente o entendimento dos leitores atuais daqueles textos antigos é que são pensados com a lógica da época presente. Esse condicionamento pode limitar a própria apreensão do verdadeiro significado das expressões testamentárias. Ademais, o entendimento de hoje pode sofrer um outro tipo de condicionamento: das concepções (ou pré-concepções) religiosas dos comentaristas e leitores.

No momento em que, através de Trejger Editores e EDITORA SÉFER, os brasileiros têm acesso a estudos importantes sobre livros da Bíblia Hebraica (o Antigo Testamento dos cristãos) urge que se aproveite a oportunidade para lê-los, lembrando Paulo (I Tes. 5,21): “Examinai tudo. Retende o bem”.

O Cidadão

04/04/96

Data : 15/08/1999

Título : Bibliografia

Categoria: Resenhas

Descrição: Dicionário biobibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos é um dos trabalhos mais recentes do poeta e pesquisador piauiense Adrião Neto.

#### Bibliografia

Dicionário biobibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos é um dos trabalhos mais recentes do poeta e pesquisador piauiense Adrião Neto. Num volume com 382 páginas estão reunidas informações sobre mais de 500 autores de todo o país. O autor dedicou um volume já em 2ª edição, na qual pretende enfeixar um número ainda maior de escritores nacionais.

Além das informações sobre a vida e a obra de autores hodiernos seu livro traz fotografias de muitos escritores. Isto contribui para uma apresentação melhor do volume.

Os interessados em participar da próxima edição do Dicionário de Adrião Neto podem entrar em contato com ele no seguinte endereço: Rua Lucídio Freitas, 653- Teresina - PI -CEO 64003-120. E participarão de uma obra indispensável para pesquisadores e estudiosos da Literatura Brasileira.

Do Jornal

O Liberal

Americana, 15 de agosto de 1999

Data : 10/01/1994

Título : Boca de Cena Desdêmona Machado Aires Perspectivas do Teatro em 94

Categoria: Resenhas

Descrição: Não tenho bola de cristal, nem tão pouco uso cartas, muito menos, leio as linhas das mãos!

Boca de Cena Desdêmona Machado Aires Perspectivas do Teatro em 94

por Paulo Monteiro

Não tenho bola de cristal, nem tão pouco uso cartas, muito menos, leio as linhas das mãos! Mas estou certa de que, em 1994 o Teatro em Passo Fundo passará por momentos interessantes, segundo diálogo mantido com alguns diretores de Teatro.

Para não fugir a regra, esse movimento teatral acontecerá com poucos recursos (como sempre)! Mas sabemos o grau de resistência que os teatros possuem, tentando dinamizar a Arte Cênica.

Uns, apostam em espetáculos infantis, outros, em teatro de fantoches, poucos, preferem o teatro de rua, muitos preferem as montagens para adultos, com textos trágicos ou cômicos de renomados dramaturgos.

O fato é que, verifica-se que há um grande interesse no crescimento e aprimoramento dos atores e atrizes, os quais se preocupam em realizar cursos de dança, técnica vocal, aulas de yoga, etc... Logicamente boas técnicas, serão adquiridas e os espetáculos previstos terão boa qualidade.

Propostas, projetos e vontade de promover o Teatro, existem! Resta solicitar o respaldo necessário para a produção de montagens, especialmente aos empresários. Invistam nos valores da nossa Passo Fundo, sem exigir um retorno imediato! Este "retorno" virá, com certeza, a médio ou longo prazo, com lucros CULTURAIS!

10/01/94

Data : 16/09/2009

Título : BOCAGE: UM POETA CONTRA A HIPOCRISIA

Categoria: Artigos

Descrição: Ler Bocage, comentar Bocage, exigir a anistia para Bocage devem ser imperativos de honra ...

## BOCAGE: UM POETA CONTRA A HIPOCRISIA

O dia 21 de dezembro de 2005 deveria ser uma das datas mais significativas para toda a literatura da Língua Portuguesa, neste começo de milênio. Todos nós, que amamos a literatura e a língua de Camões deveríamos estar reunidos para lembrar a passagem dos duzentos anos da morte do maior sonetista – e um dos mais representativos poetas – de nossa língua. Entretanto, será um dia triste, pois a censura e as trevas medievais ainda acompanham a vida e principalmente a obra de Manoel Maria Barbosa du Bocage.

Em Portugal, o próprio ministério responsável pela Educação, impõe limites a que o poeta seja lido nas escolas. Isso é inadmissível num país civilizado, em pleno Século XXI. Há motivos históricos para isso. E Bocage paga muito caro por, ao mesmo tempo em que realizou uma das obras poéticas da melhor qualidade, tocar nos pontos profundos da formação portuguesa que interferiram, e continuam interferindo, na vida nacional dos países criados pelo imenso império colonial lusitano.

Bocage nasceu em Setúbal no dia 7 de setembro de 1766. Aos 10 anos perdeu a mãe. Aos 16 ingressa no Regimento de Infantaria de Setúbal. Deserta e foge de casa, acompanhado do irmão Gil Francisco. Mais tarde muda-se para Lisboa, entrando para a Companhia dos Guardas-Marinhas, incorporada na Academia Real da Marinha. Une-se à boêmia literária lisboeta, destacando-se como improvisador. Mais uma vez deserta. Passa a viver ao deus-dará, embriagando-se e recebendo o aplauso e a admiração de poetas como Filinto Elísio e Marquesa de Alorna.

Deixa-nos, dessa época, um retrato dele próprio, que, no aspecto físico, pouco difere do quadro que dele nos ficou.

Magro, de olhos azuis, carão moreno

Bem servido de pés, meão de altura,

Triste de facha, o mesmo de figura

Nariz alto no meio e não pequeno;

Incapaz de assistir num só terreno;

Mais propenso ao furo do que à ternura;

Bebendo em níveas mãos por taça escura

De zelos infernais letal veneno;



Devoto incensador de mil deidades  
(Digo, de moças mil) num só momento,  
E somente no altar amando os frades;

Eis Bocage, em quem luz algum talento;  
Saíram dele mesmo estas verdades,  
Num dia em que se achou mais pachorrento.

Trata-se da versão “séria”, existindo uma outra, “clandestina”, a exemplo que ocorre com muitos poemas bocageanos.

Acaba retornando à Marinha, talvez motivado pela paixão por Gertrúria, nome poético de Gertrudes. Há duas delas conhecidas. Uma casou com seu irmão Gil Francisco e que segundo alguns biógrafos seria o grande amor – e ainda maior desilusão amorosa – do poeta.

Ao partir para o Oriente se despede com versos como estes:

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,  
Teus afagos deixar, tua candura,  
Tanto me oprime, que da Morte escura,  
Sobre mim negras sombras vêm caindo.

Eu parto, e vou teu nome repetindo,  
Porque dê desafogo à mágoa dura;  
Meus tristes ais, suspiros de amargura,  
Aquém dos mares ficarás ouvindo.

Mas se me cercam no cruel transporte  
Quantas fúrias o Báratro vomita,  
Se meu mal é pior que a mesma Morte,

O Fado em me aterrar em vão cogita!  
Com todo o seu poder não pode a Sorte  
Tua imagem riscar desta alma aflita!

Sua admiração pela obra de Camões também deve ter contribuído para esse retorno à marinha e pela “aventura no oriente”.

Ele mesmo o confessa num soneto famoso:

Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar co’o sacrílego gigante;

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,  
Da penúria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrio, como tu, da Sorte dura  
Meu fim demandando ao Céu, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu é, mas... oh! tristeza!...  
Se te imito nos transe da Ventura,  
Não te imito nos dons da Natureza.

Antes de chegar à Índia passa pelo Rio de Janeiro, precedido pela fama literária. Conta-se que, durante um sarau, um espectador dotado de privilegiada memória resolveu aprontar uma peça para o poeta. Bocage improvisou um poema e o gaiato berrou: “Isso é um roubo. Esse poema é meu”. E repetiu todos os versos. Novo improvisado e nova denúncia de fraude. Ao final da terceira ou quarta “fraude”, Bocage não resistiu. Abraçou o gozador. O final da história fica por conta da imaginação: devem ter acabado comemorando o encontro com um porre homérico.

Em Damão deserta. Há documentos de que era um militar responsável. A notícia de que Gertrudes o trocara por outro deve ter contribuído para a deserção. Torna-se andarilho. Imortaliza a infelicidade amorosa em belos versos líricos.

Do Mandovi na margem reclinado,  
Chorei debalde minha negra sina,  
Qual o mísero vate de Corina

Nas tomitanas praias desterrado.

Mais duro fez ali meu duro fado  
Da vil Calúnia a língua viperina;  
Até aos mares da longínqua China  
Fui por bravos tufões arremessado.

Atassalou-me a serpe que devora  
Tantos mil; perseguiu-me o grão gigante  
Que no terrível promontório mora.

Por bárbaros sertões gemi, vagante;  
Falta-me inda o pior, falta-me agora  
Ver Gertrúria nos braços de outro amante!

E o ainda pior. Esse amante seria o próprio irmão Gil Francisco, que casaria com a Gertrúria.

Na Índia encontra nativos e mestiços querendo ser brancos, europeus. Isso lhe revolta. Vinga-se nalgumas das mais ásperas e atualíssimas sátiras da língua, como esta:

Das terras a pior tu és, ó Goa,  
Tu pareces mais ermo que cidade,  
Mas alojas em ti maior vaidade  
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

A chusma de teus íncolas pregoa  
Que excede o Grão Senhor na qualidade;  
Tudo quer senhoria; o próprio frade  
Alega, para tê-la, o jus da c'roa!

De timbres prenhe estás; mas oiro e prata  
Em cruces, com que dantes te benzias,  
Foge a teus infanções de bolsa chata.

Oh! que feliz e esplêndida serias,  
Se algum fusco Merlim, que faz bagata,  
Te alborcasse a pardaus as senhorias!

Essa consciência de que os moradores das “colônias” eram diferentes dos metropolitanos é interpretada por leitores apressados como racismo. Bocage viu a artificialidade da cultura mestiça, ou melhor, a inconsciência dessa mestiçagem.

Daí é que ao retornar a Portugal satirizará o mulato brasileiro, padre Domingos Caldas Barbosa. Este, sim, racista, pois não se aceitava como realmente era, brasileiro e mulato.

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente  
De armar ao pobre mundo estranha peta;  
Procura um mono, que infernal careta  
Lhe faz de longe, e lhe arranha o dente.

Pilhando-o por mercê do Averno ardente,  
Conserva-lhe as feições na face preta;  
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,  
E os guinchos lhe converte em voz de gente.

Deixa-lhe os calos, deixa-lhe a catinga;  
Eis entre os Lusos o animal sem rabo  
Prole se aclama da rainha Ginga;

Dos versistas se diz modelo e cabo;  
A sua alta ciência é a mandinga,  
O seu benigno Apolo é o Diabo.

Duzentos e tantos anos depois, nós, aqui do Brasil, podemos assistir pela televisão outros “descendentes da rainha Ginga”, muitas vezes investidos de cargos oficiais e pagos com dinheiro dos cofres públicos, fazendo suas “macaquices” na Europa... E não podem vir a Passo Fundo participar da Jornada Nacional de Literatura...

De volta a Portugal, curtindo sua desilusão amorosa, continua a vida boêmia. Sob o nome de Elmano Sadino, ingressa na Academia de Belas Letras, mais conhecida como Nova Arcádia. Aumenta o seu reconhecimento público. Ciente de seu próprio valor literário

acaba se atritando com meio mundo. É lido e aplaudido. Recebe críticas violentas. Responde à altura.

É excluído da Academia e vinga-se dos ex-confrades. Muitos dos quais, hoje, são apenas lembrados pelos versos que Bocage lhes dedicou.

Vós, ó França, Semedos, Quintanilhas,  
Macedos e outras pestes condenadas;  
Vós de cujas buzinas penduradas  
Treme de Jove as melindrosas filhas;

Vós, néscios, que mamais das vis quadrilhas  
Do baixo vulgo insossas gargalhadas,  
Por versos maus, por trovas aleijadas,  
De que engenhais as vossas maravilhas,

Deixai Elmano, que, inocente e honrado,  
Nunca de vós se lembra, meditando  
Em coisas sérias, de mais alto estado.

E se quereis, os olhos alongando,  
Ei-lo! Vede-o no Pindo recostado,  
De perna erguida sobre vós mijando.

As principais obras de sua autoria publicadas em vida foram: Rimas (Tomo I), em 1791; Rimas (Tomo II), em 1799; Rimas (Tomo I, 2ª edição, correta e aumentada, no ano seguinte; Poesias (Tomo III), em 1804; Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, em 1805. Pouco antes de sua morte foi dada a lume Coleção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Moléstia.

A consagração do poeta, a sua consciência do próprio valor e a coragem no cantar todos – mas todos, mesmo – os temas pessoais e coletivos, levaram-no a enfrentar problemas com a censura, que culminaram com seu encarceramento em prisões do Estado e da Inquisição entre 10 de agosto de 1797 e 17 de fevereiro do ano seguinte.

Não perdoa ninguém. Nem mesmo o clero. Ataca os padres em termos violentos, inclusive sobre a pederastia dos mesmos. Esses versos fazem parte de um volume publicado postumamente, sob o título de Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. Muitas dessas poesias são apócrifas.

Sirva de exemplo este em que denuncia o desrespeito ao celibato sacerdotal:

Bojudo fradalhão de larga venta,  
Abismo imundo de tabaco esturro,  
Doutor na asneira, na ciência burro,  
Com barba hirsuta, que no peito assenta;

No púlpito um Domingo se apresenta;  
Prega nas grades espantoso murro;  
E acalmado do povo o grão sussurro  
O dique das asneiras arrebenta.

Quatro putas mofavam de seus brados,  
Não querendo que gritasse contra as modas  
Um pecador dos mais desaforados;

“Não (diz uma) tu, padre, não me engodas;  
Sempre me há de lembrar por meus pecados  
A noite em que me deste nove fodas!”

Bocage criticava padres, mas era visceralmente católico. Muitos de seus poemas estão carregados de um profundo catolicismo. Marianista extremado e antiprotestante, ele, que somente no altar amava os frades, foi sepultado na Igreja das Mercês, em Lisboa.

O poeta setubalense influenciaria os satíricos da “Belle Époque”. Olavo Bilac era seu admirador confesso. Entre fins do século XIX e começos do século XX foram comuns os epítáfios em versos. Eis o autoepítáfio burlesco de Bocage:

Lá quando em mim perder a humanidade  
Mais um daqueles, que não fazem falta,  
Verbi-gratia – o teólogo, o peralta,  
Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade;

Não quero funeral comunidade,  
Que engrole “sub-venites” em voz alta;  
Pingados gatarrões, gente da malta,  
Eu também vos dispenso a caridade;

Mas quando ferrugenta enxada idosa  
Sepulcro me cavar em ermo outeiro,  
Lavre-me este epitáfio mão piedosa:

“Aqui dorme Bocage, o putanheiro;  
Passou vida folgada, e milagrosa;  
Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro”.

Quase morrendo ditou a seu amigo Morgado de Assentiz, um dos sonetos mais densamente humanos conhecidos, verdadeiro “confiteor”, que anda pelas melhores antologias da língua lusitana.

Já Bocage não sou!... À cova escura  
Meu estro vai parar desfeito em vento...  
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fez meu louco intento.  
Musa!... Tivera algum merecimento,  
Se um raio da razão seguisse, pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria  
Brade em alto pregão à mocidade,  
Que atrás do som fantástico corria:

“Outro Aretino fui... A santidade  
Manchei... Oh! Se me creste, gente impia,  
Rasga meus versos, crê na Eternidade!

Como tantos outros grandes artistas, Manoel Maria Barbosa du Bocage terminou seus dias na mais absoluta pobreza, realizando traduções para sobreviver. E como eles, também, teve a seu lado bons e dedicados amigos. Ficou mais conhecido pelas piadas

que lhe são atribuídas porque foi um poeta que viveu intensamente sua época e por isso é transcendental.

Duzentos anos depois de sua morte a temática desenvolvida por ele continua atual. Por isso, também, segue perseguido e censurado. Verdadeiro poeta maldito. Maldito pelos hipócritas e fariseus. Censurado por aqueles que sempre satirizou e que são os responsáveis maiores por todos os problemas daquele tempo e que praticamente não mudaram.

Ler Bocage, comentar Bocage, exigir a anistia para Bocage devem ser imperativos de honra para todos nós, os herdeiros da língua em que ele poetou, enriquecendo com seus versos.

Data : 31/10/2000

Título : Brasis Literários

Categoria: Artigos

Descrição: Não são poucos aqueles que pensam limitar-se à Literatura Brasileira apenas aos figurões que têm espaço na mídia formada pelo eixo Rio-São Paulo ou àqueles consagrados pela crítica hegemônica. A Literatura Brasileira é muito mais do que isso. A história de nossas letras é que pode limitar-se aos nomes mais representativos ou consagrados.

Brasis Literários

Paulo Monteiro

Não são poucos aqueles que pensam limitar-se à Literatura Brasileira apenas aos figurões que têm espaço na mídia formada pelo eixo Rio-São Paulo ou àqueles consagrados pela crítica hegemônica. A Literatura Brasileira é muito mais do que isso. A história de nossas letras é que pode limitar-se aos nomes mais representativos ou consagrados.

Assis Brasil - não o romancista gaúcho, mas o polivalente piauiense que tem publicado diversas antologias poéticas dos estados brasileiros -, Assis Brasil tem mostrado a pujança da literatura praticada nas mais diversas unidades da Federação. E tudo isso, exatamente, com a riqueza dos poetas que reúne em suas diversas antologias. O mesmo poderia ser comprovado coletando-se contistas, cronistas, romancistas – numa palavra: os mais diversos criadores de arte literária – das mais variadas regiões do país.



No caso do Rio Grande do Sul, há alguns anos, vem acontecendo uma verdadeira efervescência literária em cidades missioneiras. Algumas delas pequenas, como Roque Gonzales e Cerro Largo, se consideramos Cruz Alta e Santo Ânaelo como cidades maiores.

Em Roque Gonzales dois homens comandam a movimentação literária: Nelson Hoffmann e João Weber Griebeler. Através do mensário Igaçaba, que circula nacionalmente, movimentam a cidade onde moram, estimulam a região, entrelaçando a produção local com a literatura de outros e distantes rincões.

O romancista e o cronista, unidos, contribuíram para a realização, em três edições, do Prêmio Literário Missões. O volume contendo os trabalhos selecionados na mais recente realização daquele evento cultural, reúne várias, dezenas de autores, quais sejam, poetas contistas e cronistas.

O nível dos trabalhos enfeixados no livro é bastante desigual ao encontrarmos autores experientes e jovens iniciantes. E aí é que está o mérito da publicação porque contribui para que os próprios estreantes, pela comparação das obras, comecem a superar suas limitações. Principalmente, porém, o valor será encontrado no estímulo que os jovens recebem ao ver o produto de seu esforço materializado em livro. E é exatamente esse labor pequeno que mais deita raízes profundas nas cidades do interior. O grupo desprendido, liderado por Nelson Hoffmann e João Weber Griebeler, em Roque Gonzales, tem um alcance cultural muito maior do que eles mesmos imaginam. A soma de labores desse tipo asseguram a continuidade e o crescimento qualitativo da Literatura Brasileira.

Do Jornal  
O Nacional  
Outubro de 2000

Data : 01/01/2008

Título : Breve Histórico da Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: A decisão de criar a entidade aconteceu numa reunião preliminar levada a efeito no dia 31 de março de 1938.

A Academia Passo-Fundense de Letras foi fundada no dia 7 de abril de 1938, com o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras e assumiu oficialmente a atual denominação a 7 de abril de 1961.

A decisão de criar a entidade aconteceu numa reunião preliminar levada a efeito no dia 31 de março de 1938.

Participaram da reunião os seguintes intelectuais passofundenses: Sante Uberto Barbieri, Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bastos, Tristão Feijó Ferreira, Aurélio Amaral, Odette de Oliveira Barbieri, Celso da Cunha Fiori, Pedro Silveira Avancini, Herculano Araújo Annes, Nicolau de Araújo Vergueiro, Armando de Souza Kanters, Túlio Fontoura, João José Boeira Guedes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Verdi De César, Daniel Dipp, Antônio Athos Branco da Rosa, Heitor Pinto da Silveira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Onildo Gomide, Píndaro Annes, Waldemar Camilo Ruas, Lucilla Schleder e Oscar Knaipp.

No dia 7 de abril de 1938 foi realizada a sessão de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, sendo eleita a seguinte diretoria provisória: presidente: Arthur Ferreira Filho; vice-presidente: Gabriel Bastos; secretário geral: Sante Uberto Barbieri; primeiro secretário: Verdi De César; segunda secretária: Lucilla Schleder; tesoureiro: Daniel Dipp; bibliotecário: Antônio Athos Branco da Rosa.

A ata de fundação foi assinada por Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bastos, Sante Uberto Barbieri, Verdi De César, Lucilla V. Schleder, Daniel Dipp, Heitor P. Silveira, Tristão F. Ferreira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Oscar Kneipp, Celso Fiori e Túlio Fontoura.

As sessões do Grêmio Passo-Fundense de Letras, transmitidas ao vivo pela Rádio Passo Fundo, eram grandes eventos sociais e serviam para que os associados apresentassem trabalhos que acabaram resultando em livros. A associação manteve colunas nos jornais O Nacional e Diário da Manhã sobre os mais diversos assuntos.

No dia 7 de abril de 1961, o Grêmio Passo-Fundense de Letras foi transformado em Academia Passo-Fundense de Letras, tendo os seguintes associados e respectivos patronos: Arthur Süssembach (Monteiro Lobato), Aurélio Amaral (Sante Uberto Barbieri), Carlos de Danilo de Quadros (Assis Chateaubriand), Celso da Cunha Fiori (João Maria Balém), César Santos (Getúlio Vargas), Gomercindo dos Reis (Walter Spalding), Jorge Edethe Cafruni (Francisco Antonino Xavier e Oliveira), José Gomes (Dom Aquino Correa), Jurandyr Algarve (Arthur Ferreira Filho), Mário Daniel Hoppe (Gabriel Bastos), Mário Braga Júnior (Darcy Azambuja), Mário Lopes Flores (Augusto dos Anjos), Paulo Giongo (Ernani Fornari), Píndaro Annes (Prestes Guimarães), Reissoly José dos Santos (Rui Barbosa), Rômulo Cardoso Teixeira (Olavo Bilac), Sabino Santos (Erico Veríssimo), Saul Sperry Cezar (Álvares de Azevedo), Túlio Fontoura (Nicolau de Araújo Vergueiro) e Verdi De César (Raquel de Queiroz).

A Academia Passo-Fundense de Letras, ao longo de sua história, promoveu concursos literários, publicou anuários e participou ativamente da vida cultural do município. Tanto é assim que a implantação do movimento tradicionalista gaúcho foi liderada por acadêmicos e a Universidade de Passo Fundo foi idealizada dentro do sodalício.

O prédio da Academia Passo-Fundense de Letras, foi concluído em 1917, servindo de sede do Clube Pinheiro Machado, órgão social do Partido Republicano Rio-Grandense.

Entre 1929 e 1932 serviu para a formação de professores, com a instalação da Escola Complementar, gênese da atual Escola Estadual de Ensino Médio Nicolau de Araújo Vergueiro. Após abrigar algumas repartições públicas, passou a sediar o Grêmio Passo-Fundense de Letras, atual Academia Passo-Fundense de Letras. A Biblioteca Pública ali atendeu ao público até meados de 1973, quando foi transferida para o prédio onde se localiza até hoje.

Como se vê, o prédio sede da Academia Passo-Fundense de Letras se confunde com quase um século da história do município de Passo Fundo.

Atualmente, a Academia edita a revista Água da Fonte, dispõe do programa Literatura Local, na TV Câmara (Canal 16, da Net). Sua atual diretoria está assim constituída: Paulo Monteiro, presidente; Alberto Antonio Rebonatto, vice-presidente; Santo Claudino Verzeletti, secretário geral; Elisabeth Souza Ferreira, primeira secretária; Selma Costamilan, segundo secretário; Rogério Moraes Sikora, primeiro tesoureiro; Xiko Garcia, segundo tesoureiro. O conselho fiscal é presidido por Helena Rotta de Camargo.

São os seguintes, em ordem alfabética, os membros titulares da Academia: Alberto Antonio Rebonatto, Alori Batista Castilhos, Antonio Augusto Meirelles Duarte, Carlos Alceu Machado, Carlos R. Hecktheuer, Craci Dinarte, Daniel Viuniski, Dilse Piccin Corteze, Edgar de Oliveira Garcia, Elisabeth Souza Ferreira, Eurípides Facchini, Getulio Vargas Zauza, Gilberto Cunha, Helena Rotta de Camargo, Hugo Roberto Kurtz Lisboa, Irineu Gehlen, Jabs Paim Bandeira, Jorge Alberto Salton, Jurema Carpes do Valle, Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Marco Antonio Damian, Milton Guimarães da Silva, Ney d'Ávila, Osvandré Lech, Pablo Morenno, Paulo Monteiro, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Ricardo José Stolfo, Rogério Moraes Sikora, Romeu Carlos Alziro Gehlen, Santina Rodrigues Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti, Selma Costamilan, Xiko Garcia e Welci Nascimento.

Data : 31/05/1999

Título : BURRA PRETA

Categoria: Resenhas

Descrição: Para aquecer o coração, nestes dias em que o outono domina com os primeiros frios e as primeiras chuvas, nada melhor do que uma boa leitura.

BURRA PRETA

Para aquecer o coração, nestes dias em que o outono domina com os primeiros frios e as primeiras chuvas, nada melhor do que uma boa leitura. Tive a felicidade de encontrá-la no livro de um escritor de além mar, Álvaro Oliveira. BURRA PRETA COM UMA LÁGRIMA (Edições Salamandra, Lisboa), eis o nome do livro. Em bora apresentado como romance por João de Melo, também poeta e prosador dos bons, prefiro enquadrá-lo como novela, porque enfeixa diversas histórias, umbicadas entre si.

BURRA PRETA COM UMA LÁGRIMA reúne praticamente todas as características da novela picaresca, a começar pela personagem principal, univ; anti-heroína, exercendo as atividades de "criada", refletindo com crueza as hipocrisias, maiores e menores da sociedade. Até mesmo o destino trágico dos pícaros é lhe reservado ao final. Mas nossa "burra" é mais do que o comum dos anii-heróis. É um ente coletivo fabuloso/fabuiesco, misto de animal e gente, de indivíduo e coletividade. Burra Preta é a pobreza e a emigração açorianas, o próprio leitor e todos os pronomes pessoais do caso reto.

Como os filósofos pré-socráticos que descobriram a sabedoria com suas viagens, Burra Preta se distingue da manada ao conhecer mais ilhas.

Sua ligação com o Poeta da Vila, o cumplicidade que se forma entre ambos, é uma denúncia do cientificismo, do racionalismo. Só os poetas são capazes de entender as burrices da vida.

Apenas uma "burra" poderia desmascarar o ilusório dos folhetos transformando os locais turísticos em paraísos que não são; somente uma "burra" seria capaz de entender o reacionarismo que se oculta sob o manto da religiosidade tradicional, materializado no incêndio de sede do Partido Comunista. Enquanto os cristãos de francarla abandonam à própria sorte o mendigo João Dorotéia é ela que procura aquecê-lo, aparecendo o bom sa-maritano em Manoei Soares, condenado por ateísmo e mancebia.

O reacionarismo de que falei acima se manifesta, ainda, nas festividades do catolicismo popular, fachada para encobrir a licenciocidade mais desbragada ou nas confusões que faziam de Joaquim Miúça, a um só tempo, espírita, feiticeiro e comunista porque conversava com seu animal.

BURRA PRETA COM UMA LAGRIMA favorece várias leituras. Eu me permito ficar com uma delas: Burra Preta é a parcela "povo" que toma consciência de si mesmo e acaba sendo condenada pelas próprias camada\* populares, que não respeita a própria intelectualidade radicalizada, representada pelo padre João. E aquela que poderia tornar-se uma liderança orgânica termina executada pela "burguesia nacional" (Joaquim Miúça), as "forças armadas nacionais" (Jacinto), com a cumplicidade chorona da intelectualidade nativa (Narrador). Fernando Henrique Cardoso e outros intelectuais dos trabalhadores que o digam.

Moral da história: a morte de Burra Preta é a morte de qualquer projeto verdadeiramente popular de transformação política. É o fim trágico dos anti-heróis picarescos. E como suas biografias não cabem na História, só lhes sobra espaço na obra dos ficcionistas.

Do Jornal

Rotta

31/05/1999

Data : 20/03/2005

Título : Burromaníaco

Categoria: Poesia

Descrição: Ao mesmo bacharel que, após ser convencido de sua condição humana, desistiu da asneira

Ao mesmo bacharel que,  
após ser convencido de sua condição humana,  
desistiu da asneira

Não te chamei de burro, pois respeito  
Até mesmo o solípede animal,  
Esse bicho que à força do seu peito  
Levou progresso ao sólio senhorial.

Ignoro se por mágoa ou preconceito,  
Por capricho ou recalque, em fato incidental,  
Te arvoraste a ti mesmo esse direito  
De protestar que te chamei de tal.

Porém se queres responder a pulos,  
Orneios e patadas na porteira  
Irei tratar-te, pois, sem termos chulos.

E em respeito à vontade verdadeira  
Hei de ofertar-te o que é servido aos mulos:  
Sal excelente e pasto de primeira.

28/03/2005.

Antonio Guaxo

Data : 30/06/2001

Título : Cacimba de Fogo

Categoria: Resenhas

Descrição: A longo afastamento da querência talvez tenha contribuído para que o regionalismo fosse o âmago de sua prática de romancista. E o regionalismo, com tonalidades "românticas-", perpassa a maior parte da ficção gaúcha.

Cacimba de Fogo

Pauo Monteiro

Antônio Augusto Cavalheiro Lima, artista de sete instrumentos, é um escritor veterano. Tive conhecimento de incursões literárias suas na Passo Fundo dos anos quarenta do século XX. Perdi seus rastros, até que Ivaldino Tasca, seu editor, me apresentou CACIMBA DE FOGO (Aldeia Sul Editora, Passo Fundo, RS, 2001), romance, que tem Apresentação de Mozart Pereira Soares.

Desde 1949 residindo em São Paulo, onde publicou, em 1950, pela Editora Melhoramentos, AS VIAGENS DE ULISSES, DA ODISSÉIA DE HOMERO, dedicou-se ao Jornalismo, a publicidade e ao cinema, como produtor de três longas metragens e ator de "Primeira Missa", de Lima Barreto. Essas múltiplas experiências deram-lhe alento para enveredar pelo perigoso caminho da criação romanesca. E o fez em CACIMBA DE FOGO, parte de uma trilogia com AMAZONAS e SUMIDOURO.

A longo afastamento da querência talvez tenha contribuído para que o regionalismo fosse o âmago de sua prática de romancista. E o regionalismo, com tonalidades "românticas-", perpassa a maior parte da ficção gaúcha.

CACIMBA DE FOGO se insere dentro de toda essa tradição da literatura sul-riograndense, da qual não escapou Simões Lopes Neto, o maior dos regionalistas brasileiros, na opinião de Alfredo Bosi, na sua clássica História Concisa da Literatura Brasileira. E é exatamente nos Contos Gauchescos e nas Lendas do Sul que Cavalheiro Lima vai buscar o modelo para trançar os tentos do romance. Mozart Pereira Soares, estribado no conhecimento da história e da cultura gaúchas, encontra na lenda do Negrinho do

Pastoreio, imortalizada pelo escritor pelotense, o "leit motif comovedor", que anima a obra do prosador passo-fundense.

Ambientado na Estância Espenilio e adjacências, situada em qualquer ponto da Pampa Rio-Grandense, CACIMBA DE FOGO se passa durante a pandemia de gripe espanhola, logo após o término da I Guerra Mundial. Começa com dois pretinhos conduzidos como "peões" para a estância, um dos quais com a terrível gripe, é levado, para trás de um umbu, por jarbas, filho do Cel. Viriato, dono da fazenda, e um capanga de nome Eleutério, onde é executado sumariamente, com um único tiro. Sobra penas "Negrinho", cujas aventuras e desventuras são, quase recriações, daquelas que passou a personagem que se tornou imortal pela pena de Simões Lopes Neto.

As torturas sofridas, a intimidade com um cavalo especial, o Zaino, também nomeado Pampeano, a procura do pingo fujão, e outras passagens, documentam a ligação com a lenda, apontada por Mozart Pereira Soares. A matança de cavalos (págs. 32/33) é quase uma transcrição de cena imortalizada pelo criador de Blau Nunes, no conto "Correr equada". Apenas uma diferença, Simões Lopes Neto, escrevendo pouco depois de 1900, recua o acontecimento para o período 1850/160, enquanto Cavalheiro Lima situa o fato ao redor de 1920...

Guardados os aspectos inerentes à redação da lenda, o final de CACIMBA VERMELHA sintetiza a morte de um determinado modelo de produção, quando o cavalo fulmina o Cel. espancador, que acaba depositado no catre do velho Tio Thomé, enquanto o Pampeano espera ser montado pelo Negrinho...

Da mesma forma como a lenda sobrevive ao meio que o engendrou, o Negrinho do Pastoreio aparece no Livro de Cavalheiro Uma, como a dizer que as injustiças sociais podem sobreviver às modernizações econômicas. E somente um escritor formado na exigente escola do jornalismo, poderia produzir uma história como a da Estância Espenilio. Pena é que não a situe num tempo mais próximo de nosso tempo.

Do Jornal

Rotta

Junho de 2001

Data : 15/08/1999

Título : Cadeira de Balanço

Categoria: Resenhas

Descrição: Outro poeta que cultiva as formas tradicionais de metrificação com apuro exemplar é Miguel Russowski.

## Cadeira de Balanço

Outro poeta que cultiva as formas tradicionais de metrficação com apuro exemplar é Miguel Russowski. Um dos maiores sonetistas brasileiros da atualidade é gaúcho e há mais de meio século reside em Joinville, Santa Catarina, exercendo a medicina desde que ali chegou. Cadeira de Balanço é o título de seu último livro.

Miguel é um poeta fiel aos modelos do neoparnasianismo. Seus sonetos lembram Antonio Zoppi, poeta paulista, no apuro formal, na impassividade lírica e nas aproximações aos temas filosóficos. Premiadíssimo em concursos, seu livro é um bom exemplo de que as correntes modernas da poesia convivem com muitos poetas que continuam técnicas e formas conservadoras em termos de poesia. E se o ritmo externo (poesia metrificada) encontra quem o cultive é porque responde e corresponde ao gosto de muita gente. Miguel Russowski é um dos bons poetas do gênero.

Do Jornal

O Liberal

Americana, 15 de agosto de 1999

Data : 18/03/1999

Título : Caminheiro da poesia

Categoria: Resenhas

Descrição: Conheço António Zoppi há muitos anos, através de seu livro de trovas CANTIGAS DE SONHADOR, publicado em 1963.

## Caminheiro da poesia

Conheço António Zoppi há muitos anos, através de seu livro de trovas CANTIGAS DE SONHADOR, publicado em 1963. Pela Livraria Freitas Bastos, do Rio de Janeiro. Dias atrás recebi REFLEXÕES DO CAMINHO, volume reunindo quase que somente sonetos e trovas. Contém, ainda, um longo estudo de Walther José De Faé (OS CAMINHOS DE ANTÓNIO ZOPPI), sobre a obra do poeta de Americana.



O autor de "REFLEXÕES DO CAMINHO" é um sonetista exímio, influenciado pelo parnasianismo. E como todo o parnasiano de hoje só poderia ser um pré-parnasiano. Algures, em seu ensaio, Walther José De Faé salienta características lusitanas presentes na obra de António Zoppi. Ora, a grande influência portuguesa sobre nossos parnasianos foi de Bocage, célebre árcade de além mar. Formalmente, Zoppi está mais perto do poeta das RIMAS do que de Bilac, por exemplo.

A correção da linguagem, a clareza, a logicidade, a impassividade (subordinação à realidade objetiva) e as metáforas inspiradas na mitologia greco-romana, estão presentes nos sonetos de António Zoppi. E são, todos, elementos caracteristicamente parnasianos.

Quebra a impassividade ao criticar, como poeta-filósofo, questões existenciais do dia-a-dia brasileiro. Nesse ponto fica mais perto da chamada poesia científica do final dos Oitocentos. Esse aspecto confere atualidade a sua poemática, atualidade muito maior do que a encontrada na maioria dos poeta contemporâneos.

Ao lado da poesia visual e outras práticas atualíssimas, encontramos muitos poetas que continuam cultivando o soneto. Alguns deles, como Nauro Machado, Ruy Espinheira Filho, Alexei Bueno e Reynaldo Valinho Alvarez, procuram aproximar-se das correntes poéticas atuais através do enjambement (aue dá uma idéia de verso livre) e do próprio exercício de uma linguagem mais próxima daquelas correntes.

Zoppi, nesse aspecto, é bem mais conservador. REFLEXÕES DO CAMINHO, dentro da corrente poética em que se insere nos dias de hoje, é uma obra representativa. António Zoppi, seguramente, é um poeta que merece leitura atenta pelos seus aspectos de conteúdo e forma.

Do Jornal

Rotta

18/03/1999

Do Jornal

O Liberal

08/04/1999

Data : 08/04/1999

Título : Camões homenageia Saramago

Categoria: Resenhas

Descrição: A escolha do escritor português José Saramago para o Prêmio Nobel de Literatura, no ano passado, foi um momento único para a língua de Camões.

## Camões homenageia Saramago

A escolha do escritor português José Saramago para o Prêmio Nobel de Literatura, no ano passado, foi um momento único para a língua de Camões. Muito se escreveu sobre o fato e muito se publicou. Suplementos literários e revistas dedicaram largos espaços ao assunto.

Acabo de receber a revista CAMÕES, editada pelo Instituto Camões, sediado em Lisboa, através de sua representação no Brasil. O número 3, correspondendo aos meses de outubro/dezembro de 1998, todo ele reproduz artigos sobre o Nobel de Saramago. Das publicações, que tive a oportunidade de ler, é a que mais me chamou a atenção, porque reúne a repercussão do acontecimento no verdadeiro sentido dessa palavra, nos mais diferentes pontos do Globo, do Brasil aos antípodas. Jornalistas, escritores e outros intelectuais das mais diferentes latitudes e longitudes escrevem, ainda ao calor da escolha, sobre o autor de "O Ano da Morte de Ricardo Reis". Alguns, como um jornalista sueco Dagens Nyheter e os espanhóis Rafael Conte e J. J. Armas Marcelo, entre outros, salientam a justiça que se faz à língua portuguesa com essa premiação de Saramago. Citam autores lusitanos e brasileiros, uns já falecidos como merecedores do Nobel.

E exatamente a abrangência universal dos trabalhos recolhidos na revista do Instituto Camões que dá uma importância maior a essa edição especial. Mesmo aqueles que, por razões eminentemente partidárias, torceram os narizes à premiação de Saramago, não lhe podem negar a devida importância literária. Considerado um dos maiores criadores da língua, hoje seus livros foram traduzidos nos mais diversos países do mundo.

Escritor comprometido politicamente com a esquerda portuguesa, assumidamente comunista. Homem de idéias fortes foi capaz de afirmar ao jornalista egípcio Mohamed Salmawy (CAMÕES, cit., p. 73), logo após a queda do muro de Berlim: "As grandes idéias não são destruídas pelo queda de algumas pedras, em Berlim ou noutro lado qualquer". Uma das melhores análises do autor de Memorial do Convento, talvez tenha sido a de Mario Benedetti (ed. cit., págs. 83/85).

O autor de *El Amor, las mujeres y la vida* é outro comprometido com as transformações sociais. E como José Saramago é um escritor respeitado em todos os círculos intelectuais. Graciliano Ramos, dos maiores romancistas brasileiros de todos os tempos, não se prendeu nos estreitos limites do realismo socialista (ver Denis de Moraes, *O IMAGINÁRIO VIGIADO*, Rio, José Olympio Editora, 1994) isso é que deu importância a sua obra. Os verdadeiros criadores transcendem as ideologias. Mais do que outras edições em periódicos o número de CAMÕES, dedicado a Saramago ficará como documento de um dos momentos mais significativos para as literaturas de língua portuguesa.

Do Jornal

Rotta

04/08/1999

Data : 21/01/2009

Título : Campo aberto

Categoria: Poesia

Descrição: como ave negra que passa com asas de negra cor

campo aberto

como ave negra que passa  
com asas de negra cor  
o anu passa pelo ar voando  
entre o negro do capão  
vem do campo perseguido  
pelo piá e persegue a gente

nas negras penas do anu  
o urubu esconde sua cor  
e vem junto com os pinhés  
furar os olhos da rês  
furar os olhos da gente

somos vacas somos bois  
somos cavalos e burros  
nesta grande propriedade  
onde fomos confinados

somos bichos simplesmente  
enquanto correm o anu  
em seu negro terno preto

vem o urubu pelo negro  
que forma a sombra do mato  
e quando um raio de sol  
penetra no escuro espaço  
o negro da ave se muda  
com brancas penas furtivas  
e o negro anu é pinhé

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 01/01/1979

Título : Canção 01

Categoria: Poesia

Descrição: levo a canção que te escrevi no bolso

canção 1

levo a canção que te escrevi

no bolso

levo a canção que te cantei

no bolso

e tu

navegas pela vida

enquanto

o barco vai com uma canção

no bolso

do caderno de canções

do livro inédito Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 02

Categoria: Poesia

Descrição: soube não sei que voz que me falou

Canção 2

soube não sei que voz

que me falou

estavas aberta em flor

pelo jardim da casa em que moravas

quando a tempestade veio

despetalando rosas e jasmins

pelo jardim dos quinze anos

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 03

Categoria: Poesia

Descrição: quem é que viu o passarinho do assobio

canção 3  
quem é que viu  
o passarinho do assobio  
na propaganda  
de televisão  
paulo monteiro

quem é que viu  
o assobio do trem  
na estação  
quem é que ouviu  
eu assobiava uma canção  
que aprendi nos comerciais  
uma canção que aprendi jamais

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 04

Categoria: Poesia

Descrição: sôbolos rios de babilônia as lavadeiras estão cantando

canção 4  
sôbolos rios de babilônia

as lavadeiras estão cantando  
e os meninos estão brincando  
sôbolos rios de babilônia

pelos palácios de babilônia  
sôbolos rios sôbolos rios  
há barcarolas e bacanais  
sôbolos rios freiras vestais  
e sacerdotes de bacanais  
em bacanais sôbolos rios  
de babilônia sôbolos rios

canto canções que não compus  
sôbolos rios sujos de pus  
dos veteranos de babilônia  
pelos palácios dos favelados  
sôbolos rios de babilônia

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 05

Categoria: Poesia

Descrição: entrou um menino bêbado com uma flauta na mão

canção 5

entrou um menino bêbado  
com uma flauta na mão  
pelas janelas da casa  
e se escondeu no telhado  
molhado muito molhado

improvisada uma valsa  
porém saía um dobrado  
menino saía das telhas  
para vir cantar na sala  
pois hão convivas na sala  
esperando pelo toque  
de algum menino molhado  
que viva tocando flauta  
entre as peças do telhado

e o menino continua  
tocando lá no telhado

outro menino contudo  
vinha tocando seus bois  
pelos caminhos do campo  
outros meninos também  
tomavam canha na guampa  
enquanto a flauta era ouvida  
por entre as telhas da pampa

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando



Data : 01/01/1979

Título : Canção 06

Categoria: Poesia

Descrição: sexta-feira da paixão iam senhoras à missa

canção 6

sexta-feira da paixão

iam senhoras à missa

foram meninos à escola

na aula de religião

da professora cristina

professora você sabe

que homem foi jesus cristo

ah menino deixa disto

que cristo há muito morreu

professora você sabe

porque cristo morreu

no meio de dois ladrões

ah menino deixa disto

no meio de dois ladrões

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 07

Categoria: Poesia

Descrição: ela era nova e bonita eu era velho e já feio

canção 7

ela era nova e bonita

eu era velho e já feio

nos meus seis anos de idade

fomos soltar papagaios

nas ruas do lugarejo

e o vento dava seus beijos

nos papagaios da gente

pé pro rico seu maroto

pé pro rico seu maroto

eu nunca lhe dei um beijo

pois ela nunca deixou

naquela boca de pano

nenhum boneco beijou

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 08

Categoria: Poesia

Descrição: meu estilingue rompeu-se numa pedrada que eu dei

canção 8

meu estilingue rompeu-se  
numa pedrada que eu dei  
naquela casa de vidro  
do cego da minha rua

ele sorriu e me disse  
cuidado muito cuidado  
que um dia viro o fantasma  
daqueles vidros quebrados

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 09

Categoria: Poesia

Descrição: há quantos anos não vejo quem foi meu primeiro amor

canção 9

há quantos anos não vejo  
quem foi meu primeiro amor  
hoje só vejo meus sonhos  
pelas janelas da dor

que haviam naqueles versos  
que inda menino escrevi  
e um dia joguei ao fogo  
pois fui menino e cresci

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 10

Categoria: Poesia

Descrição: tu ficarás incompleta velha canção sempre assim

canção 10  
tu ficarás incompleta  
velha canção sempre assim  
igual a uma boca aberta  
zombando e rindo de mim

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 11

Categoria: Poesia

Descrição: estamos cansados também andamos muito até

canção 11

estamos cansados também  
andamos muito até  
chegarmos onde chegamos

aqui estamos parados  
tu na esquina da rua  
eu cá no canto do bar

tu vêes o que vai lá fora  
eu vejo o que vai lá fora  
e aqui dentro também vejo

pelas janelas do bar  
vejo carros e outros carros  
que não andam sobre rodas

andam nas rodas do mundo  
cansados de caminhar  
só nós estamos parados

eu cá com minha poesia

cansada de tanto andar  
rua em rua bar em bar

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 12

Categoria: Poesia

Descrição: fazes amor pelas colunas das colunas sociais

canção 12

fazes amor pelas colunas  
das colunas sociais  
ah messalina quem dera  
se as revistas publicassem  
o escândalo como ele é

do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 13

Categoria: Poesia

Descrição: ai flores ai flores do verde pino cortado e posto na sala

canção 13

ai flores ai flores do verde pino

cortado e posto na sala

antecedendo o natal

ai flores que não são flores

flores de pino afinal

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 14

Categoria: Poesia

Descrição: o pássaro cego e seco pendurado no teto

canção 14

o pássaro cego e seco

pendurado no teto

estende as asas mortas

sobre a sala

enquanto os homens

bêbados cantam

a canção proibida

no cinema a censura

é até dezoito anos

no jardim é proibido pisar na grama

no poema

é proibido falar na mulher

que se dá por Cr\$100,00

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 15

Categoria: Poesia

Descrição: tenho vontade de rasgar estes poemas excomungados

canção 15

tenho vontade de rasgar

estes poemas excomungados

e excomungar-me nos meus pecados

que são pecados de combater

e de não crer noutros pecados

nesses pecados inexistentes

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:



Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 16

Categoria: Poesia

Descrição: quero apenas um palmo de chão onde plantar meus pés

canção 16

quero apenas um palmo  
de chão onde plantar meus pés  
e os pés de todo mundo  
para colher um novo mundo  
sem João o evangelista  
e outros heróis de ficção

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 17

Categoria: Poesia

Descrição: hei de matar-me na primeira noite de luar

canção 17

hei de matar-me  
na primeira noite de luar  
para poder viver na escuridão  
estou cansado de olhar  
à volta e ver  
que o presente não tem volta  
apesar das voltas  
que outros fazem  
para o futuro não chegar  
chegando  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 18

Categoria: Poesia

Descrição: no labirinto do rei de minos o minotauro está escondido

canção 18

no labirinto do rei de minos  
o minotauro está escondido  
entre os corredores do sr fulano  
de tal que sempre aparece  
nos jornais entre banquetes

das bacanais das entidades assistenciais

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 19

Categoria: Poesia

Descrição: minha canção pobre canção não passará de um canto alado

canção 19

minha canção pobre canção

não passará de um canto alado

na agonia de quem não morre

mesmo afogado

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 20

Categoria: Poesia

Descrição: te quero não querendo e mais te quero se apertas o silêncio em que me aperto

### Canção 20

te quero não querendo e mais te quero  
se apertas o silêncio em que me aperto  
pois te querer e desejar somente  
me faz endoidecer na insanidade  
terrível em que vives silenciada  
por teus desejos e tua vida insana

talvez  
amanhã já não te queira te querendo  
pois tudo está mudando não mudando  
até o amor que foi e que não foi  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 21

Categoria: Poesia

Descrição: silêncio é noite e só as folhas falam o silêncio anda solto

### Canção 21

silêncio

é noite e só as folhas falam

o silêncio anda solto

no silêncio dos corpos que adormecem

nas camas e calçadas

nas sarjetas jazem dos corpos

dos assaltados e daqueles

que morreram nos combates

no silêncio

escutamos o barulho dos corações

na pulsação dos medos escondidos

enquanto nos salões e restaurantes

o tilintar de copos

as vozes

as risadas

as canções

boêmios lembram festas primitivas

as primeiras encenações

no silêncio dos pretéritos

do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 22

Categoria: Poesia

Descrição: quando me apertas no teu corpo morno sinto que tens frio e aqueço-me

## Canção 22

quando me apertas no teu corpo morno  
sinto que tens frio e aqueço-me  
no gelo de teus braços

e teus lábios macios  
quando me beijas  
ferem-me como a guilhotina  
assassina o condenado

toda essa tua coragem  
é medo e covardia  
entanto tremo ao te ver  
e enfrento esse combate

com medo de perder e de vencer  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 23

Categoria: Poesia

Descrição: fique completo espaço em branco à espera

## Canção 23

fique completo  
espaço em branco à espera  
do incompleto  
que existe no futuro  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 24

Categoria: Poesia

Descrição: êta João domador conhecido pela pampa

## Canção 24

êta João domador  
conhecido pela pampa  
por montar potro pagão  
já foi bom hoje não presta  
há tempos que já não monta  
se montar cai do cavalo  
  
no campo que foi potreiro

nem capim existe mais  
agora só cresce a soja  
entre herbicida e veneno  
contra as pagas da lavoura  
o quero-quero teatino  
atrevido e irreverente  
mudou-se ou morreu  
coitado comido por ddt

joão domador só cavalga  
pelo campo que foi campo  
no lombo de um cbt  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 25

Categoria: Poesia

Descrição: só matarei tua imagem que trago no pensamento

Canção 25

só matarei tua imagem  
que trago no pensamento  
quando for assassinado  
por teu desprezo violento



violento o desprezo teu  
amargo fel que me amarga  
a boca de quem te beija  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 26

Categoria: Poesia

Descrição: quem assassina o sol procura a noite que vem amanhã procura a noite

### Canção 26

quem assassina o sol procura a noite  
que vem amanhã procura a noite  
quem assassina o sol por assassina  
ser a treva  
a faca corta a noite  
o vento pelos telhados tine  
os amantes se apertam  
em abraços  
mútuos num mutirão de amor  
o sol assassinado nos cobriu de sangue  
negro enxuto  
negros e brancos se confundem

fundem-se os homens e os fantasmas  
assassinos do sol do sol do sol  
só morfeu está velando pelos leitos  
pelas ruas  
naqueles e nestas  
os homens de terno e gravata as  
mulheres de vestidos longos e colares  
os perseguidos maltrapilhos e famintos as  
mulheres seminuas e esfomeadas  
são a mesma coisa coisa mesma  
assassinados assassinos do sol assassinado  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 27

Categoria: Poesia

Descrição: meu nome ninguém recorda porque ainda não nasci

### Canção 27

meu nome ninguém recorda  
porque ainda não nasci  
quando vim ao mundo trouxe  
aquilo que não se traz  
o grito morto na goela

de tanto sofrer que eu vi  
pelos caminhos estranhos  
que de estranhos conheci

se me mataram não sei  
só sei é que não nasci  
entanto estou vivo e vivo  
naquilo que não vivi  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 28

Categoria: Poesia

Descrição: a nuvem brinca na tarde criança despreocupada

### Canção 28

a nuvem brinca na tarde  
criança despreocupada  
vai e vem conforme vai  
e vem o vento da tarde

já fui nuvem hoje sou  
a fumaça dos meus sonhos  
mas são sonhos diferentes  
mais reais como hoje sou

não sou mais nuvem nem quero  
ser nuvem como hoje sou  
prefiro ser fumo tendo perto  
o fogo do bem que eu quero

uma pandorga cansada  
cambaleia nessa tarde  
como acenando pra nuvem  
nuvenzinha descansada

só deixem a pobre em paz  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 29

Categoria: Poesia

Descrição: minha mãe quando eu crescer quero ser um marinheiro

Canção 29

minha mãe quando eu crescer  
quero ser um marinheiro  
velejar e conhecer  
toda a terra do estrangeiro

creci mamãe e hoje vou  
neste estranho navegar  
num barco que já parou  
navegando em alto mar  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 30

Categoria: Poesia

Descrição: seu corpo é macio e suave transborda tanto carinho

### Canção 30

seu corpo é macio e suave  
transborda tanto carinho  
parece pena de ave  
ou canto de passarinho  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 31

Categoria: Poesia

Descrição: boêmio hei de beber de bar em bar cantando

### Canção 31

boêmio

hei de beber de bar em bar  
cantando

esta canção desesperada  
que já

passou e não irá passar  
de bar

em bar na mesa conhecida

boêmio

hei de ficar onde fiquei  
no bar

da folha do romance antigo  
na mesma

antiga mesa onde encontrei  
a mulher

que não foi e meu amigo  
do caderno de canções

do livro inédito do Autor:

Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 32

Categoria: Poesia

Descrição: em cada boca há um judas apto a beijar-nos

### Canção 32

em cada boca há um judas  
apto a beijar-nos  
em cada boca há um judas  
e em cada boca há tantos judas  
minha amada  
que eu não teria meios de beijar-te  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 33

Categoria: Poesia

Descrição: vinícius diz que amor é chama certo amor nunca foi chama meu irmão

### Canção 33

vinícius diz que amor é chama certo  
amor nunca foi chama meu irmão  
amor é palha e quando está por perto  
há um perigo em nosso coração

se fosse chama amor neste deserto  
de ferro de concreto e poluição  
não iria queimar nada por certo  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 34

Categoria: Poesia

Descrição: perdi o sono enquanto isso

#### Canção 34

perdi o sono  
enquanto isso  
escrevo poemas  
para dormir  
talvez espere o pássaro antigo  
empalhado na sala inexistente  
onde ficaram meus sonhos antigos



enquanto isso  
na minha rua  
os cães de ferro fazem barulho  
e minha insônia  
será que sonha  
não me abandona  
hija de una pierra  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 35

Categoria: Poesia

Descrição: escuto ruben darío na solidão da cozinha

### Canção 35

escuto ruben darío  
na solidão da cozinha  
de minha casa operária  
e conheço seus poemas  
mesmo aqueles que não li  
conheço porque conheço  
nossa américa latina  
sua pátria e minha pátria  
nicarágua sandinista

nicarágua guerrilheira

ouço a voz de cardenal  
padre-poeta-guerrilheiro  
misto de reza e de sangue  
do que foi e do que é  
pois tudo isso será

ouço o grito dos meninos  
metralhados e os muchachos  
combatendo pelas ruas  
pelos campos e montanhas  
onde sandino lutou

ouço a voz de tuas virgens  
nicarágua guerrilheira  
nicarágua violentada  
guerrilheiras camaradas  
guerrilheiras camaradas  
de nossa latino-américa  
que não há de ser latrina  
mas latina e de seus povos  
nicarágua sandinista  
sandinista americana  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 36

Categoria: Poesia

Descrição: quando mostras teus seios tenho até receios

### Canção 36

quando mostras teus seios  
tenho até receios  
de que queiras deixar-me  
partir voar ou virar vaca  
sagrada intocável pelas ruas da Índia

quando mostras teus seios  
tenho até receios  
de perder-me pelo vale  
existente entre eles  
e não mais encontrar o caminho de casa  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 01/01/1979

Título : Canção 37

Categoria: Poesia

Descrição: teus olhos dizem antigas canções de amor que não são

## Canção 37

teus olhos dizem antigas  
canções de amor que não são  
nem gemidos nem cantigas  
mas ecos de uma explosão

teus lábios não são de mel  
teus lábios de mel não são  
mas pedaços de saudade  
recortando o coração

teus olhos dizem antigas  
canções de amor que não são  
teus lábios não são de mel  
teus lábios de mel não são  
do caderno de canções  
do livro inédito do Autor:  
Eu resisti também cantando

Data : 17/11/2011

Título : Cancioneiro Guasca

Categoria: Resenhas

Descrição: Após escrever, encenar e publicar peças literárias, João Simões Lopes Neto, que já escrevera e publicara contos e inúmeros artigos diversos, deu a lume...

Paulo Monteiro

Quando, entre 1771 e 1772, Alonso Carrió de la Vandera cruzou o Pampa, ao norte de Montevidéu conheceu os famosos gaudérios, que não eram desertores paulistas, como afirma a maioria dos historiadores, que “munidos de uma guitarrinha, que aprendem a tocar muito mal e a cantar desentoadamente várias quadras, que estropiam, e muitas que tiram se sua cabeça, que regularmente giram sobre amores”. (Alonso Carrió de La Vandera. El Lazarillo de Ciegos Caminantes, Biblioteca Ayacucho, Caracas, Venezuela, 1985, p. 22).

Cento e poucos anos depois do que Alonso Carrió de la Vandera ouviu e viu ao norte de Montevidéu Simões Lopes Neto recolheu no “Cancioneiro Guasca”, em termos de produção anônima, o mesmo tipo de verso de que nos falamos o autor de “El Lazarillo de Ciegos Caminantes” e Arturo Capdevila, ao apresentar “Facundo”. São versos que vemos repetidos (“estropiados”, na expressão de Alonso Carrió de la Vandera), como estes:

Já não é mais rapariga,  
Que lhe metam em cantiga.

E mora num faxinal,  
Comendo feijão sem sal.

P’ra gente, de atravessado,  
Não s’esperar o recado!...

Ouso afirmar que as “memórias” de Blau Nunes estão para a literatura do Rio Grande do Sul como “El Gaucho Martín Fierro” está para a Literatura Argentina. Se não tivéssemos os “Contos Gauchescos”, inspirados e orientados no “Cancioneiro Guasca”, nós não teríamos uma obra ciclópica como “O Tempo e o Vento”, de Erico Verissimo, bem como a maioria da produção literária posterior, como os romances de Ciro Martins e tantos outros.

Data : 29/01/2011

Título : Caos na Saúde

Categoria: Editoriais

Descrição: Definitivamente, o caos está instalado na saúde pública de Passo Fundo.

Caos na Saúde

por Paulo Monteiro

Definitivamente, o caos está instalado na saúde pública de Passo Fundo. Depois das denúncias envolvendo recursos para o tratamento dos soropositivos, na administração passada e a compra de equipamentos usados para o Hospital Municipal, surge, agora, a informação de que o Município não vai receber R\$ 1.800.000 de verbas federais porque a administração do Hospital Beneficente Dr. César Santos não providenciou a documentação necessária em tempo hábil.

Esses recursos foram conseguidos por quatro deputados federais: Airton Dipp (PDT), Nelson Proença (PPS) e Yeda Crussius e Nelson Marchezan, estes dois do PSDB. Deputados de diversos partidos se unem em torno do Hospital Municipal de Passo Fundo, conseguem R\$ 1.800.000,00 do Orçamento da União e os recursos são perdidos por incompetência.

Os resultados da Sindicância da Saúde – negociada para que não saísse uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara de Vereadores – estão fechados a sete chaves na Prefeitura, desde meados do ano passado. Nesta semana, um cidadão faleceu, no Bairro Jaboticabal, após ter procurado o ambulatório local para apresentar exames. Foram distribuídas 8 fichas. Ele era o novo da fila. Voltou para casa e morreu.

Esses são apenas alguns casos, dentre tantos, que comprovam que o caos se instalou na saúde pública de Passo Fundo. Do jeito que está não pode mais continuar. Esta cidade deve ter um perfeito, uma Câmara de Vereadores, um promotor, um juiz de direito, um delegado de polícia, um Conselho Municipal da Saúde, em suma, deve ter alguma autoridade, que possa tomar providências... Ou Passo Fundo é uma terra de ninguém... Ou melhor, ou Passo Fundo é uma terra onde as pessoas apenas contribuem com dinheiro para a Saúde Pública, sem receberem o retorno devido...

O Cidadão

29/01/2001

Data : 30/06/2001

Título : Capitão Caraguatá (1912\_1992)

Categoria: Artigos

Descrição: O passo-fundense foi um dos fundadores da Estância da Poesia Crioula, conselheiro honorário do Movimento Tradicionalista Gaúcho, sócio benemérito do 35 CTG e...

## Capitão Caraguatá (1912 – 1992)

Paulo Monteiro (\*)

Dia 19 de abril faleceu em Porto Alegre, aos 89 anos de idade, o advogado, coronel da Brigada Militar e poeta Vasco Mello Leiria, mais conhecido como Capitão Caraguatá. Conhecido tradicionalista, nasceu em Passo Fundo a 24 de março de 1912. Em 1933 ingressou na Brigada Militar e iniciou seus estudos de Direito, em Porto Alegre.

Vasco Mello Leiria, fez carreira desde soldado, tendo sido reformado como coronel. Foi um dos pioneiros do tradicionalismo, tendo sido designado pelo governador do Estado para falar em nome do Rio Grande do Sul durante as comemorações tradicionalistas realizadas no Uruguai em 1949.

O passo-fundense foi um dos fundadores da Estância da Poesia Crioula, conselheiro honorário do Movimento Tradicionalista Gaúcho, sócio benemérito do 35 CTG e participante ativo de diversos congressos tradicionalistas. Homem de opiniões firmes, não temia expressá-las. E foi por isso que, num congresso tradicionalista, acabou sendo chamado de caraguatá, planta espinhenta, por um debatedor que não gostou de sua forma franca de expressar-se. Um amigo, que saiu em sua defesa afirmou que no meio dos espinhos do caraguatá surgia uma flor muito bonita, para exprimir a beleza

do caráter do poeta. O apelido pegou e foi adotado orgulhosamente pelo tradicionalista.

Vasco Mello Leiria, também se destacou como advogado, defendendo, de graça, centenas de brigadianos em todo o Estado. De suas andanças como defensor de brigadianos algumas histórias ficaram famosas.

Conta-se que, certa vez, foi defender soldados da Brigada numa cidade próxima a Passo Fundo. O ambiente estava pesado, com ameaças contra o advogado que fosse dos brigadianos. Estava reservado um quarto para o Doutor Vasco Mello Leiria, num hotel da cidade. Pouco tempo antes de iniciar-se o julgamento apresentou-se na portaria, um gauchão, de bigodes retorcidos e sobancelhas erguidas, com uma mala-de-garupa ao ombro. Ao preencher a papelada de costume deu o nome de Capitão Caraguatá. Subiu para o quarto e logo depois, saiu para a rua todo engravatado.

Quando um oficial da Brigada, acompanhado por dois soldados, foi ao hotel procurando pelo Dr. Vasco Mello Leiria, o porteiro lhe disse: "Olha, não apareceu ninguém aqui com esse nome. A única pessoa diferente foi um índio grosso que deu o nome de Capitão Caraguatá. Depois saiu todo enfatiotado na direção do Fórum".

O oficial deu meia-volta, às pressas, em direção ao Fórum. Em lá chegando, encontrou o Dr. Vasco Mello Leiria (ou seria o Capitão Caraguatá?) dentro de um terno vistoso, pronto para defender seus camaradas de farda. Conta-se que o fez com tal brilho, que ninguém teve coragem de tomar qualquer represália.

Tal era o respeito que conquistou como advogado que, em 1964, foi nomeado pelo governador lido Meneghetti para juiz do atual Tribunal de Justiça Militar. Como era militante assumido do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) o seu nome não foi publicado no Diário Oficial. Vasco não desistiu de reclamar seus direitos. Em 1994 foi anistiado pela Procuradoria Geral do Estado. Devido à idade não assumiu como juiz, mas se fez justiça a um dos passo-fundenses mais ilustres e um dos oficiais mais exemplares que a Brigada Militar já teve.

Vasco Mello Leiria casou, em primeiras núpcias com Ignácia Souto Leiria, que lhe deu sete filhos e uma dúzia de netos e, em segundas núpcias, com Lourdes Millius da Silva.

Tive a felicidade de conhecê-lo nos anos oitentas, conversando longamente com o velho conterrâneo durante encontros da União Brasileira de Trovadores, Casa do Poeta Rio-grandense e Grêmio Literário Castro Alves, em Porto Alegre. Sempre queria saber notícias "do nosso Passo Fundo". "Patrício – ele costumava repetir –, quem lambe o sal da nossa querência nunca mais se esquece dela. Ainda mais eu, que deixei meu umbigo lá, nas costas do Passo Fundo."

A nossa Câmara de Vereadores não se esqueceu do Capitão Caraguatá. Seu nome foi lembrado pelo vereador Edson Nunes, durante sessão do legislativo municipal, apresentando, inclusive, um poema em prosa do escritor Alcy Cheuiche, escrito especialmente para ser lido como despedida desse passo-fundense que se tornou uma lenda viva, como legenda do Rio Grande.

(\*) Membro da Academia Literária Gaúcha

Do Jornal

O Cidadão

Junho de 2001

Data : 06/09/1996

Título : Cara a cara com as drogas

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Sulina, de Porto Alegre, lançou, no último dia 20 de agosto, o segundo livro de Caho Lopes: CARA A CARA COM AS DROGAS.

CARA A CARA COM AS DROGAS



por Paulo Monteiro

A Editora Sulina, de Porto Alegre, lançou, no último dia 20 de agosto, o segundo livro de Cahlo Lopes: *CARA A CARA COM AS DROGAS*. A primeira obra do autor, *LA FECHADA*, tornou-se um best-seller, com mais de 30.000 exemplares vendidos, sendo a história romaneada do próprio Cahlo, ex-dependente de drogas.

*CARA A CARA COM AS DROGAS* está destinado a alcançar grande circulação. Contrariamente a maioria das obras que versam sobre o mesmo assunto, este segundo livro de Cahlo Lopes, é escrito numa linguagem acessível. Acrescenta-se, ainda, que o estilo quase coloquial contribui para o fácil entendimento.

Quem desceu ao inferno das drogas conseguiu salvar-se e pronunciou mais de 400 palestras sobre o tema apenas no ano passado, habilitou-se a produzir um volume altamente instrutivo.

Em sua maioria as obras que versam sobre a dependência, produzidas por especialistas, estão eivadas de jargões técnicas. Isso faz com que sejam cansativas e não contribuíam para aumentar o nível de esclarecimento dos leitores.

Cahlo Lopes ilustra seu livro com exemplos e personagens de realidade, apresenta endereços e não economiza parênteses para esclarecer termos e expressões.

As conclusões de *CARA A CARA COM AS DROGAS* acabam sendo óbvias: o diálogo entre pais e filhos é básico para evitar que crianças e adolescentes terminem sendo envolvidos pelos traficantes. Este é o primeiro ponto do melhor remédio: a prevenção.

A maior parte do livro, porém, é usada para apresentar, historiar e esclarecer sobre as drogas mais consumidas. Ali, discute amplamente o uso comercial da maconha, um assunto atual, em sua ligação com as propostas de legalização do uso das drogas.

Li, de um só folego, este livro de Cahlo Lopes, cuja leitura recomendo, não resistindo à vontade de transcrever, ao menos um parágrafo (sobre o tabaco): “ Os números impressionam: são cerca de 1,1 bilhão de fumantes no planeta, e cerca de 30,6 milhões no Brasil. Em 1994, a publicidade de cigarros consumiu U\$\$ 57,6 milhões, as indústrias faturaram cerca de U\$\$ 7,3 bilhões no mesmo ano, arrecadando U\$\$ 4,6 bilhões de impostos. Três milhões de pessoas morrem por ano no mundo por culpa do cigarro, 100 mil apenas no Brasil”.

Ler e recomendar a leitura de um livro como *CARA A CARA COM AS DROGAS*, de Cahlo Lopes, publicado pela Editora Sulina, é o mínimo que se pode fazer numa cidade, onde a droga já chegou a salas de aula do 1º Grau.

O Cidadão.

06/09/1996.

Data : 24/07/1998

Título : Carazinho estuda Revolução de 23

Categoria: Resenhas

Descrição: A Fundacc - Fundação Carazinhense de Cultura, promoveu em 14,15 e 16 de julho, seminário sobre a Revolução de 23 e a Emancipação de Carazinho...

### Carazinho estuda Revolução de 23

A Fundacc - Fundação Carazinhense de Cultura, promoveu em 14,15 e 16 de julho, seminário sobre a Revolução de 23 e a Emancipação de Carazinho - 75 Anos da Proclamação de Assisópolis. O Seminário, realizado na Biblioteca Pública Dr. Guilherme Schultz Filho, constou da apresentação de filme referente à época estudada exposição de armas, livros, documentos e debates.

Palestrantes os articulistas de O CIDADÃO, Paulo Monteiro e Ney Eduardo d'Ávila; o cineasta Jesus Pfeil, que exibiu o documentário "A Revolução de 23", filmado no cenário daquele conflito armado, e o líder tradicionalista Edson Otto.

Na terça-feira o evento tratou de lembranças da emancipação de Carazinho com o nome de Assisópolis, durante a Revolução, através de debates com Corálio Bragança Pardo Cabeda, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Edson Otto, Ney d'Ávila e Sueli Hoffmann. Foi exibido o longa metragem "Lua de Outubro", produção de brasileira, uruguaia e argentina, ambientado em 1924. "Ao estudarmos os livros que tratam sobre a Revolução de 23, disse Paulo Monteiro, precisamos ter muito cuidado com os conceitos emitidos por seus autores. Em sua maioria eles são visceralmente partidários ou a favor dos republicanos ou chimangos, como é o caso de Arthur Ferreira Filho, o autor mais conhecido, ou dos federalistas ou libertadores. Fenômeno de História imediata, pela memória ainda presente dos fatos, não se conseguiu a distância suficiente para a Revolução consiga ser vista com a devida isenção".

O painelista acrescentou, "ao estudarmos as obras de História imediata muitas vezes entendemos mais lendo as entrelinhas do que o próprio texto. Isso é fundamental para entendermos as causas, as consequências e a participação de muitos agentes sociais, como é o caso dos negros envolvidos na Revolução e a questão das lideranças carismáticas, que ainda fascinam a população riograndense".

Para o historiador Ney Eduardo d'Ávila, "é muito importante o estudo da Revolução de 23. Em particular os acontecimentos locais como é o caso de Assisópolis, via de regra sonhados pelos autores de obras de História do Rio Grande do Sul".

10 - Passo Fundo, 24 de julho de 1998

Data : 03/03/1999

Título : CARTAS MARCADAS

Categoria: Resenhas

Descrição: Francisco de ASSIS Almeida BRASIL, piauiense, nascido em Parnaíba, no dia 18 de fevereiro de 1932, publicou, há pouco, pela Imago Editora, seu centésimo livro.

## CARTAS MARCADAS

Francisco de ASSIS Almeida BRASIL, piauiense, nascido em Parnaíba, no dia 18 de fevereiro de 1932, publicou, há pouco, pela Imago Editora, seu centésimo livro. Iniciando sua carreira em 1953, com AVENTURA NO MAR, continua, agora, com três novelas, enfileiradas sob o nome da primeira delas: O SOL CRUCIFICADO.

A novela-título é a história de um nordestino que migra para o Centro do País, como o Autor o fez em 1949 fixando-se no Rio de Janeiro, onde reside até hoje. Sua leitura me fez lembrar NOITE, novela publicada por Erico Veríssimo em 1954. Entre o "Desconhecido", de Erico, e o "ele", de Assis Brasil, há muito mais parentesco do que se possa imaginar. Estão muito próximas do "Outro", estimado pelos poetas simbolistas.

"Ele" é Valdino, o menino experiente que faz o autor-personagem amadurecer, inclusive no envolvimento com o pederasta Vanessa ou nas fugas do colégio interno; "ele" é o conhecimento do mundo; "ele" é o próprio mundo exterior; "ele" é o "Desconhecido", sendo o próprio autor-personagem.

AS MEDALHAS DO SOLDADO, é a história de Ulisses, voluntário da Força Expedicionária Brasileira. Ao voltar da II Guerra Mundial encontra sua família esfacelada. Seu pai, após desfalcar a empresa em que trabalhava, era procurado pela polícia, a irmã era atriz de chanchada, a mãe administrava uma casa de encontros amorosos e ele não encontrava trabalho. Acaba abandonando seus antigos princípios aceitando trabalhar para Lineu, típico play-boy, transformado em bandido.

A terceira novela, SOMENTE A VIDA, é a história de amor entre Selma e Nilmar, operários de uma fábrica de calçados. O filho de uma prostituta, órfão ainda menino, é criado por um sapateiro. Após se tornar operário industrial encontra a filha de uma passadeira, mas cansado da vida sedentária, torna-se alcoólatra, morador de rua e termina acidentado numa clínica, onde é encontrado pela mulher.

Há vários elementos cimentando as três novelas: o mar, admirado por Nilmar e por onde passam o migrante da primeira, o expedicionário e seu pai da última história; a fuga, de Nilmar, de Ulisses e seu pai e a migração rumo ao Sul em O SOL CRUCIFICADO.

Não se pode esquecer o fim trágico das personagens centrais: Valdino, fechado no quarto de um prostíbulo, Ulisses bebendo num bar, e Nilmar, inconsciente no leito de uma clínica. Três esperanças sacrificadas. O sol crucificado.

Do Jornal

Rotta

03/03/1999

Data : 31/05/1994

Título : Cidadania e Eleições

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Ática, de São Paulo, está publicando dois livros do jornalista Gilberto Dimenstein, atual diretor da sucursal da Folha de São Paulo em Brasília. "O Cidadão de Papel...

Cidadania e Eleições

por Paulo Monteiro

A Editora Ática, de São Paulo, está publicando dois livros do jornalista Gilberto Dimenstein, atual diretor da sucursal da Folha de São Paulo em Brasília. "O Cidadão de Papel: A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil", 2Ed., 71 págs., foram escritos dentro de uma linguagem jornalística, num estilo coloquial.

Cidadão de Papel é uma reportagem bastante ampla e ricamente ilustrada sobre a realidade das crianças e adolescentes de nosso país. Aqui, em Passo Fundo, uma cidade de médio porte, vemos que tem crescido o número de meninos e meninas em nossas ruas. Nem todos são infratores. Criamos até um termo local, "tininho", para o tipo de menor conhecido nacionalmente como pivete. O crescimento do número de tininhos e tininhas é sintomático dessa grande crise que atravessa o país e que se reflete em Passo Fundo. Temos até homicídio insolúvel de menino de rua por aqui.

Dimenstein relembra dados que são ilustrativos da crise e da verdadeira guerra civil em que estamos mergulhados. “Já se fala – escreve ele, pág. 31, op. cit. – que a violência atingiu um nível tão alarmante que o Brasil viveria uma guerra civil. Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde revelou que, em 1990, pelo menos três pessoas foram assassinadas por hora pelos mais diferentes motivos”.

“Isto significa que se mata aqui, em dois anos, mais do que o total de soldados norte-americanos mortos durante toda a guerra do Vietnã. Lá morreram 48 mil americanos. Aqui, são mais de 26 mil assassinatos por ano”.

E Passo Fundo, que tem aproximadamente um milésimo da população brasileira, contribui com muito mais de um milésimo desse número total de assassinatos.

A falência do modelo brasileiro imposta ao país durante o período autoritário iniciado na noite de 1º de Abril de 1964, contribuiu para aumentar a crise dos anos recentes. Aquele modelo, calcado num processo desenvolvimentista conhecido como modernização conservadora, auxiliou no inchaço das cidades. O Brasil, que há menos de meio século, era um país eminentemente rural, transformou-se numa nação majoritariamente urbana, com sérias deficiências de infra-estrutura, especialmente saneamento básico e habitação, com elevados índices de desemprego e subemprego e salário mínimo que perde o poder a compra á medida que o tempo passa.

“O fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), calcula que US\$ 25 bilhões a mais por ano dariam para resolver os problemas de alimentação adequada, água limpa, cuidados primários e educação fundamental de todas as crianças dos países pobres”, diz Dimenstein (pág. 70). Em seguida, pergunta: “Afim, o que significam US\$ 25 bilhões?”. E responde textualmente:

“É menos do que os americanos gastam em seis meses com cigarros. É menos do que a Europa Ocidental gasta no mesmo período em bebidas alcoólicas. É aproximadamente o que os países em desenvolvimento gastam num semestre com os salários dos soldados. Por isso, espalha-se pelo mundo a reivindicação de que os países cortem ao máximo os gastos militares. Esse dinheiro deveria ir para as áreas de saúde e educação”.

Muitos afirmam que a solução para o problema da infância abandonada ou carente está numa política de drástico controle de natalidade. É uma proposta simplista e infundada. Os animais que estão na ponta da cadeia alimentar, aqueles que são mais caçados ou morrem mais, são os que mais procriam. Caso contrário, as espécies desapareceriam. É a sabedoria da natureza criadora. No Brasil, milhões de mulheres pobre foram, literalmente, castradas. As outras mulheres mal-alimentadas, porém, continuarão procriando para manter a espécie. Apesar das BENFANS da vida. E, apesar das campanhas de paternidade responsável, as mulheres bem-alimentadas continuarão produzindo um tipo de hormônio que limita a procriação e terão menos filhos.

A solução para o problema do menor no Brasil só vai ser encontrada com a resolução do problema de dezenas e dezenas de milhões de maiores carentes. Até lá estes continuarão produzindo mais e mais menores carentes e abandonados. E essa solução virá somente quando houver vontade política por parte dos governantes. E até lá, o Brasil continuará “com uma infecção tão forte que torna o próprio país uma democracia de papel”.

No próximo dia 3 de outubro, teremos eleições para todos os cargos eletivos estaduais e federais. Muitos apostam nas eleições como elementos salvadores da situação nacional. Outros já não crêem mais em soluções democráticas. As eleições têm um papel táctico muito importante, pois fazem com que as mais amplas camadas da população tomem conhecimento, ainda que por um curto período, dos problemas nacionais.

Dimenstein, com a participação de jornalistas, sociólogos e publicitários, publicou COMO NÃO SER ENGANADO NAS ELEIÇÕES. Leitura suave, gostosa, ilustrativa, documentada. Todos os truques usados pelos candidatos. Desde bruxos e psicólogos. Uma radiografia das sacanagens da baixa política. As caspas (que não eram caspas) de Jânio Quadros, até a recente divulgação de que o atual candidato ao governo gaúcho, Antônio Britto, teria sido expulso por furto do Colégio Militar de Porto Alegre (págs. 28 e 29).

COMO NÃO SER ENGANADO NAS ELEIÇÕES é um verdadeiro manual de orientação para que o cidadão não caia no conto do candidato. Depois da publicação desse pequeno grande livro, somente será enganado quem quiser ou quem não gostar. Basta ler o livro para aprender as regras básicas para votar corretamente.

Jornal da Cidade

31/05/1994

Data : 23/08/1996

Título : Clássico catarinenses

Categoria: Resenhas

Descrição: Recebi, há algumas semanas, dois clássicos da literatura barriga-verde, que foram reeditados pela Fundação Catarinense de Cultura...

## CLÁSSICOS CATARINENSES

por Paulo Monteiro

Recebi, há algumas semanas, dois clássicos da literatura barriga-verde, que foram reeditados pela Fundação Catarinense de Cultura: a 12ª edição da POESIA COMPLETA

DE CRUZ E SOUZA (1861-1898), que contou com o apoio da Fundação Banco do Brasil, e VIDA SALOBRA E BULHA D'ARRIO, de Tito de Carvalho (1896-1965).

Cruz e Souza dispensa apresentações, pois é um dos mais representativos poetas brasileiros de todos os tempos e a figura máxima do simbolismo.

Esta nova edição das POESIAS COMPLETAS DE CRUZ E SOUZA, com Introdução e organização de Zahidé Lupinacci Muzart, tem sobre as anteriores a vantagem de beneficiar-se de novas descobertas de inéditos do poeta.

O denso volume de 430 páginas é extremamente útil para quem queira estudar a evolução poética de Cruz e Souza, do simbolismo brasileiro e da poesia de nosso País em fins do século passado. O poeta que se inicia sob a égide do condoreirismo, passa pelo parnasianismo e se imortaliza como o ápice do simbolismo nacional.

Do ponto de vista de um entendimento particular à poética do Cisne Negro, as diversas variantes de poemas deixam à mostra o constante labor do poeta. Interessam, ademais, à compreensão do caminho percorrido até o primor literário do Broquéis e Faróis.

Tito de Carvalho, mesmo desconhecido pelo chamado grande público, é um dos mais importantes regionalistas do Sul do Brasil. Seu romance (VIDA SALOBRA) e seus contos (BULHA D'ARROIO) tem como tema o campeiro do Planalto Catarinense. A vestimenta, os hábitos, os costumes, o animus, para sintetizar é o mesmo do gaúcho rio-grandense.

Li os contos de BULHA D'ARROIO e ficou-me a impressão de que o regionalista com o qual mais se identifica é Alcides Maya (1878-1944). Autor de um único romance (Ruínas Vivas, 1910) e dois livros de Tapera (1911) e Alma Bárbara.

Em ambos, as personagens centrais são os verdadeiros gaúchos, homens pobres das coxilhas, deserdados pela sorte, embrutecidos pela lei da sobrevivência, vilipendiados pelos agentes do Estado e da grande propriedade, mas, principalmente, enlouquecidos por relações sociais injustas e insadecedouras.

E é essa elevação humana dos homens do campo que faz a superioridade literária de uma obra regionalista. A universalização do homem regional é o que tornou imortal, vivo, Martin Fierro, enquanto outros poemas são lembrados apenas pelos estudiosos da literatura gauchesca.

Urge que nossos estudiosos da literatura regionalista façam uma revisão de valores, pois não é sem razão que um escritor da importância de Guimarães Rosa demonstrava admiração pelo prosador catarinense.

O Cidadão.

23/08/1996.

Data : 26/05/2003

Título : Clássicos Brasileiros

Categoria: Artigos

Descrição: A RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA, de São Paulo, está publicando uma série de livros, sob o título de Clássicos Brasileiros, cujos direitos autorais estão sob domínio público.

## Clássicos Brasileiros

A RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA, de São Paulo, está publicando uma série de livros, sob o título de Clássicos Brasileiros, cujos direitos autorais estão sob domínio público. Tive a oportunidade de conferir alguns títulos de autores brasileiros e portugueses, listados entre os escritores mais conhecidos e que foram um verdadeiro cânone da língua portuguesa.

Os preços são extremamente baixos para os padrões do mercado editorial brasileiro. Em Passo Fundo estão custando R\$ 3,20, cada exemplar. E não se tratam de volumes com uma qualidade gráfica inferior, demonstrando ser possível vender livros a valores acessíveis, mais ao alcance do poder aquisitivo da população brasileira. O preço nas livrarias também demonstra ser possível a edição de autores vivos ou a cujos herdeiros sejam devidos direitos autorais a valores comerciais bastante acessíveis.

Entre os títulos que integram a coleção encontrei os CONTOS ESCOLHIDOS, DE Artur Azevedo, com seleção e organização do professor Frederico Barbosa. Ali estão 25 histórias curtas, escritas pelo maranhense Arthur Nabatino Gonçalves de Azevedo, nascido em São Luiz, no dia 7 de julho de 1855, e falecido no Rio de Janeiro a 22 de outubro de 1908. Ao final da coletânea estão reunidas informações biobibliográficas sobre o autor.

Artur Azevedo, como ele mesmo o confessa, foi acima de tudo um homem de imprensa, sem descurar de suas obrigações como funcionário público federal. Poeta, contista, cronista, teatrólogo e crítico, esse patriarca pobre mourejou em seus 53 anos de vida para alimentar uma família numerosa. Foi um dos escritores brasileiros mais populares de sua época, deixando uma vasta obra que, especialmente seus contos, pode ser lida ainda hoje com interesse.

Para mim, leitor compulsivo, foi especialmente gratificante encontrar um punhado de contos de Artur Azevedo. Muitos deles já eram meus conhecidos; de antologias, uns; de um ou dois livros de contos do autor, lidos há muitos anos, outros.

Embora Artur Azevedo não se envolvesse nas pendengas políticas de seu tempo, como tantos amigos seus, abolicionistas e republicanos, poucos escritores terão deixado um retrato tão fiel dos finais do Império e princípios da República quanto ele. Envolveu-se, durante um curto período, como partidário de Floriano Peixoto. E é exatamente aquela distância dos embates partidários que o faz mais artista e menos panfletário. Aliás, até



mesmo os poemas satíricos e cômicos do seu período florianista, representam o ponto mais fraco de sua obra.

O VELHO LIMA, que abre os contos escolhidos mostra a verdadeira quartelada que foi a Proclamação da República e a rapidez oportunista com que os burocratas aderiram ao novo regime. Artur foi testemunha ocular de tudo isso, no dia 15 de novembro, enquanto o Rio de Janeiro vivia o processo da queda imperial ele foi tranqüilamente para o trabalho, como se nada estivesse acontecendo. Ouso afirmar que o velho Lima é o alter ego de Artur Azevedo. Outro conto, inspirado em sua vivência de funcionário público é DE CIMA PARA BAIXO, demonstra o patrimonialismo e o autoritarismo do Estado, que se manifesta na violência da sociedade, inclusive entre as classes mais baixas, que acaba chegando ao mísero cão do pobre preto que era servente do ministério.

Não posso encerrar estas linhas sem lembrar o fato narrado por R. Magalhães Júnior em ARTHUR AZEVEDO E SUA ÉPOCA, Saraiva, Rio, 1953, págs. 210/214. Invejosos de Arthur assumir o folhetim do "Correio da Manhã" pressionaram tanto o jornal que os diretores resolveram abrir um concurso, oferecendo um bom prêmio para o autor do melhor conto. O folhetinista escreveu um conto e solicitou que um amigo seu passasse a limpo e participou da disputa com o nome de Tibúrcio Gama. Recebidos muitos trabalhos, a redação decidiu fazer uma seleção por etapas e, num belo domingo, lá estava, estampado com todo o destaque "A Viúva" conto de um jovem, desconhecido e promissor homem de letras que se assinava Tibúrcio Gama. Nosso herói denunciou a farsa e recusou o prêmio. Vingara-se dos invejosos.

Do Jornal

Rotta

26/05/2003

Data : 07/11/1997

Título : Clássicos em edições críticas

Categoria: Resenhas

Descrição: A EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, publicou, recentemente, duas obras verdadeiramente clássicas.

Clássicos em edições críticas

por Paulo Monteiro

A EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, publicou, recentemente, duas obras verdadeiramente clássicas.

OBRAS POÉTICAS DE BRASÍLIO DA GAMA é a reedição de volume editado em 1920 por José Veríssimo, concluindo trabalho iniciado por Joaquim Norberto de Souza e Silva, no século passado. Não é, porém, uma simples segunda edição. O professor Ivan Teixeira expurgou de uma série de erros os poemas que foram impressos em edições anteriores, procurando fazer com que os versos de Brasília da Gama recuperassem a fidelidade ao estilo e á vontade do autor. Ademais, o volume é enriquecido com inúmeros faccímiles de edições princeps e fortuna crítica.

Brasília da Gama entrou para a História da Literatura Brasileira com OURAGUAY, impresso em Portugal em 1769, narrando a incorporação das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul ao Império Português.

A vida do poeta e o poema “enganjado contra os jesuítas” fizeram com que ele venha sendo execrado por uma ampla maioria dos críticos enquanto é admirado por poetas tão díspares quanto Manuel de Araújo Porto Alegre, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Oswald de Andrade e Haroldo de Campos. Só o fato de que Brasília encontre entre os praticantes da poesia a guarida que lhe é negada pelos estudiosos já seria suficiente para uma reavaliação conscienciosa do seu trabalho.

Ivan Teixeira, em substancioso ensaio e num labor de revisão dos poemas de Brasília da Gama, dá um passo importante para que a obra desse poeta polêmico seja recuperada. Passados mais de dois séculos já transcorreu tempo suficiente para que preconceitos sejam deixados de lado e a obra poética do autor de O URUGUAY receba seu justo valor.

Outro poeta (mais do que tradutor) historicamente injustiçado que ganha uma reedição da EDUSP é o maranhense Manuel Odorico Mendes que deixou a obra de inspiração pessoal para dedicar-se á tradução, especialmente de Homero e Virgílio.

Sua tradução da ODISSÉIA, concluída no século passado e somente dada a lume em 1928, é muito mais do que uma tradução. O poeta Odorico Mendes faz do poema de Homero um poema brasileiro, transfere para a língua portuguesa o poema grego. E a firmeza com que o faz no metro por excelência da epopéia, o decassílabo, dá um sabor especial á ODISSÉIA, ainda que em desagrado aos críticos sem sensibilidade auditiva.

Para que se verifique a importância do labor de Odorico Mendes basta que se confronte sua tradução com a feita em versos bárbaros por Carlos Alberto Nunes (Edições de Ouro, Rio de Janeiro, MCMLXX) e a em prosa de Antonio Pinto de Carvalho (Abril Cultural, São Paulo, 1981).

Odorico Mendes usa dos recursos literários e linguísticos para dar vida num outro meio (língua) ás personagens do canto homérico. Traduzindo numa época em que se buscava construir uma literatura nacional (brasileira), Odorico nacionaliza os poemas greco-latinos. E o faz com um raro senso literário, como só um verdadeiro poeta poderia fazê-lo.

Assim, a ODISSÉIA, de Homero, em tradução de Manuel Odorico Mendes, numa edição de Antonio Medina Rodrigues, publicada pela EDUSP, se apresenta como um volume que merece ser lido por tantos quantos apreciem um trabalho poético do melhor quilate.

O Cidadão

07/11/97.

Data : 30/12/2014

Título : Começo de um poema ainda sem título

Categoria: Poesia

Descrição: Em Pasárgada me sinto, de fato, muito à vontade.

(Quarto rascunho)

Em Pasárgada me sinto,  
de fato, muito à vontade.  
Por ser Amigo do Povo  
Sou Inimigo do Rei.  
E o Povo, saindo às Ruas,  
faz parecer Carnaval,  
pois vai empalando os nobres  
em grandes lápis de cor.  
Em Pasárgada a nobreza  
tem osso e carne de Fênix  
por renascer todo o sempre  
na Quarta-Feira de Cinzas  
que se segue ao Carnaval.  
Seja Rei posto ou deposto  
sempre há um rei em seu posto  
e o Povo do lado oposto,  
que são dois lados num só,  
às sinistras e às direitas.

Nestas há sempre um Manuel  
para servir chá ao Xá.  
Pouco importa se se chame  
Cesar, Papa, Kaiser, Führer,  
Kzar, Primeiro-Ministro,  
Presidente ou Presidenta.  
Em qualquer parte do Mundo  
Pasárgada é Pasárgada.  
(...)

Data : 24/05/1995

Título : Comentários aos livros bíblicos

Categoria: Resenhas

Descrição: A Bíblia é a obra mais difundida, total ou parcialmente, no mundo. Por ser encontrada em inglês ou em mayorema, falado por um punhado de pessoas nos cafundós da Amazônia.

Comentários aos livros bíblicos

por Paulo Monteiro

A Bíblia é a obra mais difundida, total ou parcialmente, no mundo. Por ser encontrada em inglês ou em mayorema, falado por um punhado de pessoas nos cafundós da Amazônia. Há livros bíblicos, como o Apocalipse, palavra grega que quer dizer revelação, de uma leitura extenuante e de difícil entendimento.

APOCALIPSE

“COMO LER O APOCALIPSE, Resistir e Denunciar, de José Bortolini (EDITORA PAULUS, São Paulo) é o volume sobre esse tipo de livro bíblico que a maioria dos cristãos tem uma dificuldade enorme para ler. Livro polêmico, atribuído ao apóstolo João por uns, ao próprio Cristo por outros, e a nenhum dos dois por um terceiro grupo de comentaristas,

o certo é que seu autor era um profundo conhecedor da cabala judaica. A Besta, cujo número é 666, segundo Bortolini, é Nero, o imperador romano que incendiou Roma e lançou a culpa sobre os cristãos, mas é também, afirma o comentarista, qualquer chefe de um estado imperialista.

Assim, a Babilônia do Apocalipse seria o Império Romano, e não apenas esse império, mas todos os sistemas imperialistas, através dos tempos. Denúncia de um regime injusto, o Apocalipse estimula os cristãos à resistência, tendo por modelo o Cordeiro que se permitiu sacrificar no Calvário. O fim da Babilônia é a derrocada de todos os regimes injustos e a vitória do Cordeiro é o triunfo de todos os cristãos. Longe de um livro derrotista e desestimulador, para José Bortolini, o Apocalipse é um livro de estímulo, de esperança e de certeza de que uma Nova Jerusalém, uma cidade boa e justa, é inevitável aqui, na terra. Basta resistir.

## MARCOS E MATEUS

Já a CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus), do Rio de Janeiro, acaba de publicar os livros de Myer Pearlman sobre os Evangelhos do Novo Testamento. Tenho, á minha frente, “MARCOS, o Evangelho do Servo de Jeová” e “MATEUS, o Evangelho do Grande Rei”.

Myer Pearlman, de origem judaica, usou seus conhecimentos do mosaísmo em favor de seu ministério pentecostal. Marcos, ao escrever “seu” Evangelho, tinha um objetivo tático: atingir o povo romano. O Cristo de Marcos (digamo-lo assim) é o Deus que se faz homem para salvar toda a humanidade. É um Deus universal porque é o único Deus, e não um deus (com “d”) particular, um ídolo.

Mateus, por outro lado, dirige-se aos judeus. Tem o objetivo de mostrar-lhes que Jesus é o Messias, anunciado no Antigo Testamento e que, como lá estava escrito, foi sacrificado pelos próprios judeus; tudo isso para que as próprias Escrituras fossem cumpridas.

Por isso é que é registrada a genealogia de Jesus. Como um bom advogado, Mateus faz a defesa da messianidade de Jesus, para que os israelitas vejam que Ele é o Rei dos Reis anunciado pelos profetas e cantado nos salmos pelos grandes poetas-profetas da antiguidade.

## CORÍNTIOS

A MISSÃO EDITORA, de Belo Horizonte, também publicou outra obra sobre livro bíblico. “CORÍNTIOS FALA HOJE: Comentário Exegético de I Coríntios”, de A. Bem Oliver. A I Coríntios teve uma influência muito grande sobre os cristãos do Século II e uma importância significativa para a consolidação do cristianismo no mundo pagão. Profundo conhecedor do hebraico, do grego e do latim, Paulo, cidadão romano e de origem araméia, segundo alguns autores, era um homem preparado para demonstrar às pessoas com uma formação greco-romana, os ensinamentos cristãos.

Como o próprio A. Bem Oliver demonstra, era difícil aos coríntios, vivendo num dos maiores centros do paganismo, entenderem os princípios teológicos, filosóficos e morais do cristianismo. E Paulo, com sua Carta, procura fundamentar os princípios cristãos. A obra é importante, inclusive, por remeter ao original grego. A. Bem. Oliver busca apresentar o que Paulo, na língua que usou, queria realmente dizer, na pureza que as traduções poderiam alterar.

Jornal da Cidade

24/05/95

Data : 20/09/1996

Título : Como Agir

Categoria: Resenhas

Descrição: Tim LaHaye é um prolífico autor americano, que tem escrito muito sobre temas da atualidade.

Como Agir

por Paulo Monteiro

Tim LaHaye é um prolífico autor americano, que tem escrito muito sobre temas da atualidade. Dele, a Abba Press Editora, de São Paulo, acaba de publicar POR QUE AGIMOS COMO AGIMOS?

O Autor estuda os quatro temperamentos básicos, e suas múltiplas combinações, com o objetivo de contribuir para que as pessoas compreendam a que tipo pertencem e aprendam a controlar-se.

O sanguíneo, o colérico, o melancólico e o fleumático, poderão encontrar-se ou descobrir-se nas 369 páginas do livro de Tim LaHaye. Em ali se achando verificarão as doze combinações de temperamentos e nelas se situarão.

Gráficos, tabelas, exemplos tirados da história bíblica ilustram a obra e remetem o leitor ao estudo de outros seus companheiros de temperamento, Acrescente-se, ainda, que estuda os estilos sociais, em suas relações com os temperamentos. E tem mais: apresenta orientações para que as pessoas dominando-se a si mesmas controlem seus "instintos".

A partir desses pontos básicos que o Autor apresenta elementos para que o leitor possa saber como se situar em termos de temperamento. A obra contribui para que as pessoas possam se guiar em suas relações com os outros e no convívio com suas próprias experiências.

Pode-se afirmar que PORQUE AGIMOS COMO AGIMOS? é um livro de auto-ajuda que contribui para que o leitor auxilie-se a si próprio e, aproveitando-se dos ensinamentos adquiridos, seja útil a seus amigos e conhecidos.

Tim LaHaye faz parte de uma corrente de pensadores cristãos que procuram usar os conhecimentos científicos para melhorar o nível de eficiência das atividades das igrejas. Assim, após estudar os tipos de temperamento em suas relações com outros componentes de comportamento humano, avança e prepara a conclusão do livro com a aplicação dessa análises aos dons espirituais, relacionados em Romanos, 1 Coríntios e Efésios.

Ali, encontramos arroladas prioridades para o exercício de um ministério obtidas, “arbitrariamente”, por Tim LaHaye, e aplicáveis segundo as mesclas de temperamentos.

Finalmente, Tim LaHaye fecha PORQUE AGIMOS COMO AGIMOS? Com um capítulo dedicado á oração e algumas sugestões relacionadas á vida pessoas dos seus leitores.

Trata-se, para concluir, de uma obra de extrema utilizada para todos os leitores, independentemente de pertencerem ou não a alguma confissão religiosa. Pela formação do autor, por usa vida pública e por sua experiência este livro com o selo da Abba Press Editora merece ser lido por não se tratar de mais um livro de auto-ajuda, mas sim, um verdadeiro livro de auto-ajuda.

O Cidadão

20/09/96

Data : 11/01/2009

Título : Compreensão

Categoria: Poesia

Descrição: olho o cansaço que trazem teus olhos a fome e a sede de teus lábios secos

compreensão

olho o cansaço que trazem teus olhos

a fome e a sede de teus lábios secos

compreendo teu ódio surdo-mudo indefinido  
compreendo o cansaço de teus olhos  
compreendo que tens  
e não tens  
apenas  
família  
propriedade  
e  
tradição  
compreendo que tens  
e não tens  
apenas  
cabeça  
tronco  
e  
membros  
por isso meu ódio não é surdo-mudo indefinido  
em ti vejo meu próprio pai cansado  
compreendo que não teremos descanso  
logo  
enquanto  
tudo continuar como está e que  
minha poesia não terá nenhum valor  
enquanto  
não carregar em si o cansaço de teus olhos  
a fome  
e a sede  
de teus lábios

(do livro inédito eu resisti também cantando)



Data : 13/01/2009

Título : Compromisso

Categoria: Sonetos

Descrição: hei de cantar o canto enquanto o canto puder ouvir e ser ouvido embora

compromisso

hei de cantar o canto enquanto o canto  
puder ouvir e ser ouvido embora  
gota por gota vai caindo o pranto  
semeando uma algazarra lá por fora

hei de cantar meu canto enquanto o pranto  
penetra nosso esforço e nos devora  
lentamente com pressa e desencanto  
hei de cantar meu canto vida à fora

que importa um passarinho livre no ar  
que importa a flor crescendo e tanto e tanto  
se há homens que não podem contemplar

que importa essa beleza e mais enquanto  
há homens que não podem contemplar  
enquanto canto e nem ouvir meu canto

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 15/12/2011

Título : Conservadorismo, reacionarismo e verdade histórica

Categoria: Artigos

Descrição: “Civilização”, do ponto de vista lógico, é uma convenção, a materialização de um pacto social, transitório, tão durável quanto as bases materiais sobre as quais é estatuído.

## Conservadorismo, reacionarismo e verdade histórica

Paulo Monteiro (\*)

Uma das características de todo o pensamento conservador é o obscurantismo. Quando esse pensamento se torna reacionário, para obstruir qualquer forma de progresso, começa pela eliminação moral e termina com o extermínio físico de todos aqueles que se oponham àquilo que se convencionou chamar de Direita. Assim procederam todos os “fascismos” ao longo da História.

Nas últimas semanas tenho lido e ouvido os mais disparatados discursos reacionários. Todos eles falsificam a verdade histórica, seguindo a máxima do filicida Joseph Goebbels: “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”.

Georges Politzer, o pensador francês, fuzilado pelos invasores nazistas, durante a ocupação da França, em maio de 1942 ao lado de outros intelectuais, comunistas ou não, afirmou que todo o pensamento conservador ou reacionário vive de mitos. E que o maior desses mitos era o da “raça”. “Criar um novo tipo de homem a partir de um novo mito de vida, eis a tarefa do nosso século”, afirmava Alfred Rosenberg, o vulgarizador do Nazismo, na edição de 1938, de seu livro *Der Mythos des zwanzigsten Jahrhunderts*, conforme citado por Politzer, à página 107 de *A Filosofia e os Mitos* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1978, tradução de Eduardo Francisco Alves).

Os herdeiros contemporâneos dos Goebbels e Rosembergs, uma vez destruído cientificamente o mito da “raça”, elegeram novos mitos: a “civilização ocidental”, a “democracia ocidental” e o “cristianismo”. Nada mais natural para quem transforma a mentira em lógica, pois nisso consiste a essência do obscurantismo.

“Civilização”, do ponto de vista lógico, é uma convenção, a materialização de um pacto social, transitório, tão durável quanto as bases materiais sobre as quais é estatuído. Por isso, todas as “civilizações” são passageiras. E apenas para “fins didáticos” – e meramente didáticos – podemos usar o vocábulo civilização (de civis, cidadão) –. Democracia (de dêmos, povo, e kratos, autoridade), é outro vocábulo que tem sentido real, apenas historicamente falando, isto é, assentado sobre um limitado espaço e um tempo definido. Fora disso adquire sentido mítico. O “cristianismo”, tanto de conservadores quanto de reacionários, é outra mentira.

Em primeiro lugar recomendo-lhes o estudo da Bíblia. Duvido até que tenham lido aquele livro sagrado, como deve ser lido: regularmente e em voz alta. Depois, a leitura de uma obra de E. Stanley Jones: Cristo y El Comunismo (Montevideo: Editorial La Idea, 1936, tradução de Carlos T. Gattinoni).

E. Stanley Jones (1884-1973) foi um metodista, amigo e biógrafo de Gandhi, cuja obra influenciou Martin Luther King. Enquanto até liberais, como Baptista Pereira, produziam romances sobre a Rússia, Stanley Jones leu uma infinidade de obras pró e contra o regime soviético, viajou por aquele país, escreveu e discutiu seu livro, antes de editá-lo.

Se conservadores e reacionários não quiserem ler toda a Bíblia (duvido que se submetam a fazê-lo) podem ler apenas os Atos dos Apóstolos. E mais: se não quiserem ler todo o livro de E. Stanley Jones (também duvido que o façam) leiam somente os Capítulos III e IV.

Ali entenderão o Cristianismo real, concreto, histórico, lógico, e não a “cristandade” de que tanto falava Søren Kierkegaard, muito menos o “cristianismo” inventado pelos direitistas e fascistóides contemporâneos.

(Publicado no JORNAL ROTTA, Ano 11, II Fase, Nº 213, Passo Fundo, de 21/11 a 10 de dezembro de 2011, p. 6)

Data : 08/02/2008

Título : CONSIDERAÇÕES SOBRE A TROVA

Categoria: Artigos

Descrição: Cultivada por poetas-trovadores, divulgada e dignificada, vem a trova, nos últimos anos, impondo-se cada vez mais...

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A TROVA

PPAULO MONTEIRO

Entre 1970 e 1990 eu escrevi e li poemas, compulsivamente. Em torno de 1980 publiquei, às minhas expensas e distribuí para cerca de 500 poetas de todo o país um jornalzinho intitulado “Quero-Quero”, título que inspirou o “Beija-Flor” do Clube dos Trovadores Capixabas, que circula até hoje.

Foi um período riquíssimo, para conhecer a natureza humana, e que rendeu meu primeiro livro, “A Trova no Espírito Santo – História e Antologia”, numa raríssima edição de bibliófilo. Naquele tempo troquei muita correspondência com diversos trovadores, diversos deles já falecidos; de outros não sei por onde andam como também devem desconhecer os caminhos que tomei.

Um daqueles bons amigos chama-se Álvaro Faria, poeta requintado, à antiga. Homem profundamente preocupado com a forma é autor de um opúsculo de 4 páginas, no formato 15,3X 21,6cm, intitulado CONSIDERAÇÕES SÔBRE A TROVA, impresso nas oficinas da Gráfica-Editôra Hélios, Ltda., no Rio de Janeiro, em agosto de 1965.

Trata-se de uma raridade literária, cujo conteúdo e importância para os cultores dessa forma poemática merecem compartilhamento com mais de 5.000 escritores brasileiros que escrevem trovas. É por isso, e em homenagem a um velho e querido amigo de quem não tenho notícias há vários anos, que transcrevo, a seguir, aquele folheto, atualizando a grafia.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A TROVA

### ÁLVARO FARIA

Cultivada por poetas-trovadores, divulgada e dignificada, vem a trova, nos últimos anos, impondo-se cada vez mais nos meios literários. É inegável que, nesse renascimento, a trova passou a apresentar-se mais apurada e mais culta, surgindo, então, o que chamamos trova erudita, em contraposição à que denominamos, por menos literária, trova popular.

Em que se distingue, porém a trova erudita da trova popular? Distingue-se, no nosso modo de entender, na forma e no conteúdo. Podemos dizer que a trova popular se caracteriza, em linhas gerais, pela vulgaridade, quanto ao conteúdo, e pela imperfeição, quanto à forma (versos frouxos; rimas escassas – 2 X 4 –, toantes ou pobres; tônicas discordantes, etc.). A trova erudita se distingue pela arte na composição e pela sublimidade do conteúdo, ou por aquela “excelência de idéia” de que nos fala Paula Faria, exemplo típico de trovador erudito.

Podemos ainda assinalar outras características da trova erudita. Vejamos.

1) Na trova erudita os versos são dispostos de modo a formarem exatamente dois dísticos de catorze ou de quinze sílabas métricas, conjugando-se o primeiro com o segundo e o terceiro com o quarto.

Exemplos: De catorze:

“Talvez Deus em mim pensasse,  
ao moldar teu lindo rosto. /

– Deu-te ao moreno da face  
as sombras do meu desgosto.”

Nilo Aparecida Pinto

De quinze:

“A imagem de nossas almas  
está nas águas profundas:  
quanto mais tristes, mais calmas;  
quanto mais calmas, mais fundas.”

Adelmar Tavares

Prejudica a harmonia da trova a composição em que se acham estes dois tipos de dísticos, isto é, um de catorze e outro de quinze sílabas, ou vice-versa.

2) O verso de sete sílabas se compõe de dois segmentos de 2 + 5, 3 + 4, 4 + 3 e 5 + 2 sílabas métricas (não queremos dizer dois versos). Segundo essa estrutura, temos por eruditas as trovas que oferecem, em todos os seus versos, as variações tônicas 1-3-5-7. (“Sua cruz que eu sei pesada”, de Lilinha Fernandes), 1-4-7 (“Eu, pecador, me confesso”, de Luiz Otávio), 2-4-7 (“Do berço à tumba há um caminho”, de Belmiro Braga), 2-5-7 (“Saudade, palavra doce”, de Bastos Tigre) e 3-5-7 (“A Justiça é mesmo cega”, de Félix Aires). Admitem-se como carentes de melodia os versos que apresentam as variações 1-3-7 (“Entre medo e comoção), 1-5-7 (“Fica inteiramente nua”, 3-7 (“Se a saudade me tortura”) e 4-7 (“Os desencantos da vida”). É defeituoso o verso em que se encontra a variação 2-7 (“Os olhos dos namorados”), pois o intervalo de cinco sílabas átonas obriga a acentuação secundária, muitas vezes em sílaba incerta (tônica discordante). Trova é cantiga e não aceita bem a composição em que se encontrem mais de três sílabas métricas se uma tônica forte.

3) A trova erudita repele as estrofes marteladas, enfadonhas, cujas tônicas incidem em uma só das vogais. Assim: “Já me enfada a soledade”; “Às vezes tenho tristeza”; “Trilho os caminhos da vida”; “Onde o meu sonho repousa”; “Nunca busques a ventura”. É claro que não nos referimos aqui aos versos intencionalmente compostos para produzirem determinado efeito, como esses: “Pois quanto menos te quero, / mais te quero, sem querer”, de Onildo de Campos.

4) A trova erudita rejeita os versos em que figuram palavras que entram em choque ou colisão: “O meu amor quer carinho”; “As minhas mãos estão frias”.

5) A trova popular é indiferente ao valor das rimas, enquanto a trova erudita se aprimora nelas, sem cair em reprováveis preciosismos.

6) A trova erudita recusa as rimas homófonas, como essas:

“O suspiro é na verdade

um mensageiro cansado  
que vai cheio de saudade  
correndo atrás do passado”,  
Antônio Bittencourt.

Vimos até aqui o que é trova erudita sob o ponto de vista da forma. Vamos agora caracterizar a trova erudita sob o ponto de vista do conteúdo, isto é, da idéia. Para falar em idéia temos de começar falando em linguagem. Assim, a trova erudita se distingue sobretudo pela linguagem correta e culta, sem prejudicar-se pela prolixidade ou pela obscuridade. Evita as expressões vulgares, os lugares comuns e as imagens gastas. Não desdenha de nenhum tema, mas procura tratá-lo adequadamente, com elevação e dignidade, sem o lirismo ingênuo do queixoso amante, ou a pieguice do infeliz chorão.

Achamos desnecessário alinhar, nestas breves considerações, os vícios de linguagem, como o solecismo, o cacófato, a chulice, etc., entre os defeitos das trovas. Tais defeitos não recomendam o autor, nem mesmo na prosa.

Como, no julgamento de um trovador, enquadrá-lo como erudito ou popular? Videntemente, pela predominância das qualidades da trova erudita em suas composições, num caso, ou pela ausência dessas qualidades, noutro caso, pois, como é natural, não será por uma ou outra composição isolada que poderemos julgar o trovador. Há ainda os ecléticos, os que não apresentam características próprias que permitam enquadrá-los num ou noutro grupo.

Dissemos, no início destas considerações, que Paula Faria é o exemplo típico de trovador erudito. É uma afirmação que poderá ser verificada pela leitura e observação de seus livros de trovas “Por Montes e Vales” e “Estrelas e Busca-Pés”. Verdadeiro “joalheiro da trova”, é um trovador que a dignidade do tema e o fino labor artístico se conjugam admiravelmente na quase totalidade de suas composições, dando-se, inclusive, ao requinte de intercalar trovas que terminam em grave e trovas que terminam em agudo, num conjunto harmonioso que, sob esse aspecto, não tem semelhança com qualquer outro autor. Por tudo isso, a contribuição de Paula Faria à literatura trovadoresca brasileira é notável, embora não tenha sido assinalada com justiça, seja pela deficiente divulgação de seus livros de trovas, seja pelo afastamento do autor da vida social literária.

É preciso, porém, observar que, no esforço de incorporação da trova à literatura (em que a trova nem sempre é aceita), alguns autores passaram a cultivar a trova erudita, surgindo os poetas-trovadores, fiéis seguidores de Ademar Tavares, Antônio Sales, Belmiro Braga e alguns outros que, no passado, se dedicaram à trova, sem, entretanto, dar-lhe lugar condigno na literatura.

Vamos citar algumas trovas eruditas, para bem distinguir uma e outra espécie. É lógico que trova erudita não quer dizer trova perfeita. Pode uma trova apresentar um senão, mas oferecer tais qualidades que a distingam como erudita.

Vejamos essas:

O olhar dos bons tem o brilho  
que nos lembra o olhar profundo  
de Maria, olhando o Filho;  
de Jesus, olhando o mundo.

Paulo Emílio Pinto

Meu dia acaba tristonho  
e eu não consigo esquecê-lo:  
aquela que foi meu sonho  
é, hoje, o meu pesadelo...

Gentil Fernando de Castro

Observemos estas trovas. Ambas simples e cantantes. Nenhuma tônica discordante, nenhuma colisão, nenhuma estrofe martelada. Rimas bem combinadas em som e categoria.

Ambas excelentes quanto à idéia e de forma apurada.

Analisemos as trovas citadas.

A de Paulo Emílio Pinto:

Dísticos de quinze sílabas métricas.

1º verso: Segmentos: 2 + 5 (também 4 + 3). Tônicas: 2-4-7

2º verso: Segmentos: 3 + 4 (também 5 + 2). Tônicas: 3-5-7

3º verso: Segmentos: 3 + 4 (também 5 + 2). Tônicas: 3-5-7

4º verso: Segmentos: 3 + 4 (também 5 + 2). Tônicas: 3-5-7

A de Gentil Fernando de Castro:

Dísticos de catorze sílabas métricas.

1º verso: Segmentos: 2 + 5 (também 4 + 3). Tônicas: 2-4-7

2º verso: Segmentos: 4 + 3 Tônicas: 1-4-7

3º Verso: Segmentos: 2 + 5 (também 5 + 2). Tônicas: 2-5-7

4º verso: Segmentos: 2 + 5 (também 4 + 3). Tônicas: 2-4-7

Ambas eruditas.

Data : 12/12/1996

Título : Continente sul sur

Categoria: Resenhas

Descrição: O Rio grande do sul firmou uma tradição nacional de revistas culturais sob a forma de brochura.

## CONTINENTE SUL SUR

por Paulo Monteiro

O Rio grande do sul firmou uma tradição nacional de revistas culturais sob a forma de brochura. Essa tradição cimentou-se a três periódicos: A Revista do Globo (1929/1967), Revista Província de São Pedro (1945/1957) e a revista 80, no início dos anos 80. Continua com a Revista Letras de Hoje (surgida em 1967) e agora é reforçada com a publicação do CONTINENTE SUL SUR, do Instituto Estadual do Livro.

A proposta do IEL é de uma revista quadrimestral. Aparecida em meados deste ano já foram publicados dois números com colaborações de intelectuais brasileiros e hispano-americanos.

O primeiro deles reúne contribuições tematicamente heterogêneas. Neste destaque o artigo de Léa Masina (p. 87/103) sobre a obra crítica de Alcides Maya, intelectual e político gaúcho e que é mais lembrado por sua obra de ficcionista regional. Destaco, ainda, as entrevistas de Carlos Roverbel e Jorge Luis Borges.

O segundo número é dedicado ao jornalismo literário dos países do Cone Sul. Abre-se com uma bela dedicatória a Paulo Fontoura Gastal, crítico de cinema e diretor do Caderno de Sábado (1967/1981) do Correio do Povo.

No artigo A cultura na tempestade (p. 17 a 22), demonstrando uma feliz capacidade de síntese, José Castello analisa a situação atual e as perspectivas do jornalismo literário em nosso país. Na mesma direção temática se dirige Antônio Hohlfeldt (p. 56 a 64).

A diversidade de colaboradores e a pluralidade ideológica dos mesmos acaba contribuindo para valorizar. Essa valorização se materializa graças à preocupação comum



aos autores com uma cultura que responda às vontades de elevação dos seres humanos da Ibero-América. A divulgação dos trabalhos nas línguas originais (português e espanhol) também servem para uma integração das culturas regionais ainda marcadas por resquícios rançosos das disputas luso-espanholas.

Quando se fala em Mercosul não se pode esquecer que o ponto de contato com o íntimo com a Hispano-América é o Rio Grande do Sul. Aqui, nestas fronteiras “traçadas a ponta de lança e para d cavalo”, muito mais do que o sangue de portugueses e espanhóis serviu-lhes da tintura.

E é essa coloração que nos assemelha a todos. Tanto que o maior poema da Literatura hispano-americana, Martin Fierro, começou a ser escrito no solo brasileiro de Sant’Ana do Livramento.

O Cidadão.

12/12/1996.

Data : 12/01/1996

Título : Conversas no consultório

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Saraiva, de São Paulo, é uma das casas editoras mais tradicionais do mercado de livros didáticos no País.

Conversas no consultório

por Paulo Monteiro

A Editora Saraiva, de São Paulo, é uma das casas editoras mais tradicionais do mercado de livros didáticos no País. Acompanhando a evolução dos gostos e necessidades de leitura está se dedicando a publicação de leitura está se dedicando à publicação de livros sobre saúde. Nessa linha já foram editados vários títulos.

Há alguns dias recebi CONVERSAS NO CONSULTÓRIA: uma análise científica dos mitos, preconceitos, dúvidas, crenças e falsas ideias sobre as doenças, escrito pelo Dr. José Soares Hungria Filho. O Autor é um dos mais conceituados ortopedistas brasileiros. Médico há 53 anos, professor de medicina há mais de três décadas e tendo realizado

dezenas e dezenas de palestras no Brasil e no exterior, reúne todas as condições para escrever um bom livro.

Confesso que a primeira impressão que me despertou o maço de 470 folhas compactamente escritas e assinadas pelo nome famoso do mestre ilustre de uma disciplina de difícil entendimento, a primeira impressão, repito, foi de medo de encontrar dificuldade intransponíveis de entender o livro.

Corri os olhos e os dedos no SUMÁRIO e contei 145 temas tratados na obra. A curiosidade acabou se manifestando, a volumando-se e tornando-se maior do que o temor ao jargão médico. Lido o SUMÁRIO lembrei-me de minha dor sob o calcanhar, do diagnóstico médico, voltei à leitura, localizei ESPORÃO DE CALCÂNEO, 134... e lá me fui à página indicada. O jargão dos especialistas, ao aparecer, está devidamente acompanhado de uma explicação na língua de nós, simples mortais, ou melhor, pacientes. Há uma definição sintética do tema tratado, uma exposição mais demorada do assunto, com uma conclusão clara ou um diagnóstico objetivo, como se queira dizer. Ao final da leitura do tópico (PP. 135 e 136) chego à conclusão de que não necessito mesmo de cirurgia, mas “mudar o tipo de sapato”, também não resolveu o meu problema...

Continuo a leitura. Vou ao J. JEJUM, 214. Diz o mestre: “Todos sabem que o jejum de alimentos é bem tolerado durante alguns dias, sem distúrbios graves para o organismo, mas a falta de água é pouco tolerada, levando o indivíduo à isso (concluo) que a prática do jejum que aprendi com meu pai que aprendeu com meu avô, que aprendeu com meu bisavô, e assim por diante... não dispensa a ingestão d’água.

CONVERSAS NO CONSULTÓRIO, porém, não é feito somente de assuntos diretamente médicos, digamos assim. Vamos ao L. LIVROS, 219. E o Dr. José Soares Hungria Filho ensina que “para o leigo, a leitura de livros estritamente científicos não é boa prática, primeiro pela linguagem técnica de difícil compreensão e segundo porque o doente, pode começar a “sentir alguns sintomas que ele encontrou na descrição e que o impressionaram”, E conclui pelo óbvio: a melhor consulta, em termos de saúde, ainda é com o médico.

Passemos ao M. MEDICINA ALTERNATIVA, 240. São três páginas de comentários sobre as medicinas alternativas ou marginalizadas. Homeopatia, fitoterapia (“medicina pelas ervas”), macrobiótica (que mereceu um capítulo especial PP. 229 e 231), acupuntura, quiropraxia ou quiroprática, musicoterapia e outras práticas à margem da legislação oficial são citadas.

Após afirmar que “todos esses métodos são de uso restrito a certas doenças sobre as quais pode ter efeitos favoráveis”, conclui, enfaticamente: “Em importante é curar ou aliviar nossos clientes. Esse é o verdadeiro gabarito pelo qual se pode medir a eficiência de um método terapêutico. Devemos ter a humildade de confessar que conhecemos poucos dos mistérios da vida e do corpo e, portanto, não devemos prejudicar esta ou aquela forma de medicina, mas sim procurar conhece - lá melhor para aplicá-la ou recomendá-la quando conviver”.

Voltemos ao C. CURANDEIROS, 100. Epígrafe do capítulo: “O número de curandeiros e charlatões é proporcional à ignorância dos clientes e do número de médicos incompetentes”. Concordo com O Dr. Hungria Filho, mas entendo faltar dois pontos fundamentais: condições de acesso do paciente ao atendimento de qualidade devido ao

baixo pode aquisitivo da população e o descaso do Estado. Acho, também, com o Dr. Hungria, que os “médicos-descalços” seriam importantes num país onde o sonho de muitos médicos é acabarem como empresários da construção civil.

Recomendo a leitura de CONVERSAS NO CONSULTÓRIO. Livro escrito por um especialista, mas acima de tudo obra de um ser humano. Esta humanidade do Dr. Hungria está patente no capítulo sobre ÉTICA MÉDICA (PP. 140 e 147). Sempre entendi que não pode haver Ética sem eticidade, sem espírito ético. E num país onde policial militar é julgado por policial militar, militar é julgado por militar e médico é julgado por médico, Ética só pode ser uma palavra morta. Afinal, não somos todos iguais perante a Lei?

Concluindo, a Editora Saraiva presta um grande serviço ao País publicando obras como este belo livro do Dr. José Soares Hungria Filho.

O CIDADÃO

12/01/96

Data : 01/01/2010

Título : CORVO

Categoria: Resenhas

Descrição: Asas negras preenchem o esboço vazio da tarde...

Asas negras preenchem  
o esboço vazio da tarde...

Agourento e repudiado  
o abutre carniceiro  
deslizou no céu do pago,  
asas grandes estaqueadas  
como pairado no ar,  
gumes de gula no bico  
e a fome cega no olhar...

Em sua faina asquerosa

buscou o farto banquete  
na linha do horizonte,  
naquele campo cenário  
de um combate há tresontonte...

Num vôo lerdo e rasante  
corpulento e arrogante,  
pousou o porte bizarro  
no moirão mestre do alambre...

- Sim! Eram humanos jazendo  
se decompondo ao relento...!  
Regalo para saciar  
seu anseio famulento...

Como quem busca detalhes  
no caos horrendo que via  
o avejão vacilava...

- Abria as asas, parava...  
- Armava o vôo, voltava...

Como quem luta calado  
pra fugir da tentação  
de cometer um pecado...

Parecia renegar

seu instinto insaciável,  
por pena da raça humana  
ser tão fraca e miserável...

Eram homens...!!  
Perfeição que Deus moldou  
com o barro primordial,  
pra ser de alma e matéria  
sua imagem racional...

Bravos sim...!  
Por pelearem igualmente  
aos ancestrais deste chão...  
mas cruéis aos inocentes  
que morriam decadentes  
ignotos da razão...

Não...  
Não saciaria sua fome  
com os funéreos da fúria  
animalesca do homem...

No mais nojento desprezo  
galgou de novo o espaço  
sumindo no céu do pago...  
asas grandes estaqueadas  
como pairado no ar,  
gumes de gula no bico  
e a fome cega no olhar...!

Data : 20/10/2002

Título : CPI para a saúde

Categoria: Editoriais

Descrição: No ano passado o vereador Marcos Citollin, do PSB, ensaiou a formalização de um pedido de comissão parlamentar de inquérito para investigar a situação da saúde em Passo Fundo.

CPI para a saúde

por Paulo Monteiro

No ano passado o vereador Marcos Citollin, do PSB, ensaiou a formalização de um pedido de comissão parlamentar de inquérito para investigar a situação da saúde em Passo Fundo. Conversa vai, conversa vem, a CPI acabou se transformando numa sindicância prefetural que apurou algumas irregularidades da administração anterior, que estão sob os cuidados da Defesa Comunitária.

Mais uma vez comprovou-se o ditado de que “lobo não come lobo”. Ninguém foi responsabilizado (se é que cabia responsabilizar alguém), até agora. E, como sempre, as responsabilidades foram jogadas sobre essa famosa entidade diabólica chamada de “administração anterior”, tão presente nos debates entre candidatos, de prefeito á presidente da República.

O que se vê, porém, é que os problemas da saúde pública estão presentes na administração atual. Começa pela vergonhosa fila do PAM. Doentes de todo tipo, pessoas que não conseguem permanecer em pé serpenteiam escadarias acima, para, ao fim de horas esperando, ouvir o refrão indefectível: “Esse remédio não tem”. Nem mesmo Victor Hugo, com “Os miseráveis” ou Dostoievski, com “Recordação da Casa dos Mortos”, seriam capazes de imaginar cenas tão humilhantes, em pelo século XXI.

O PSF, em Passo Fundo, é uma vergonha diante de Carazinho, por exemplo. O Hospital Dia só foi reformado depois que a imprensa noticiou seu abandono. Enquanto isso, continua a dança dos secretários municipais da Saúde. Agora, temos uma secretária por 30 dias.

Nesse momento, cabe á Câmara de Vereadores cumprir seu papel. Urge, que seja instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar a situação da saúde no Município de Passo Fundo, em todos os seus aspectos. Estamos a menos de dois anos das eleições municipais. E já é tempo dos atuais edis se lembrarem de que assim como muitos de seus antecessores não foram reeleitos eles também podem não retornar mais ao Legislativo. E nessa constante “renovação” da Câmara há muito de indignação dos eleitores diante da omissão daqueles nos quais confiaram.

O abandono da saúde pública em Passo Fundo, com a omissão dos atuais vereadores, pode ser a pá de cal sobre alguns mandatos. Os navegantes que abram os olhos, pois a

passagem pelo Cabo das Tormentas está cada vez mais próxima: será nos primeiros dias de outubro de 2004.

O Cidadão

20/10/2002

Data : 20/10/2002

Título : CPI para a saúde

Categoria: Artigos

Descrição: No ano passado o vereador Marcos Citollin, do PSB, ensaiou a formalização de um pedido de comissão parlamentar de inquérito para investigar a situação da saúde em Passo Fundo.

### CPI para a saúde

No ano passado o vereador Marcos Citollin, do PSB, ensaiou a formalização de um pedido de comissão parlamentar de inquérito para investigar a situação da saúde em Passo Fundo. Conversa vai, conversa vem, a CPI acabou se transformando numa sindicância prefetural que apurou algumas irregularidades da administração anterior, que estão sob os cuidados da Defesa Comunitária.

Mais uma vez comprovou-se o ditado de que "lobo não come lobo". Ninguém foi responsabilizado (se é que cabia responsabilizar alguém), até agora. E, como sempre, as responsabilidades foram jogadas sobre essa famosa entidade diabólica chamada de "administração anterior", tão presente nos debates entre candidatos, de prefeito à presidente da República.

O que se vê, porém, é que os problemas da saúde pública estão presentes na administração atual. Começa pela vergonhosa fila do PAM. Doentes de todo tipo, pessoas que não conseguem permanecer em pé serpenteiam escadarias acima, para, ao fim de horas esperando, ouvir o refrão indefectível: "Esse remédio não tem". Nem mesmo Victor Hugo, com "Os miseráveis" ou Dostoievski, com "Recordação da Casa dos Mortos", seriam capazes de imaginar cenas tão humilhantes, em pleno século XXI.

O PSF, em Passo Fundo, é uma vergonha diante de Carazinho, por exemplo. O Hospital Dia só foi reformado depois que a imprensa noticiou seu abandono. Enquanto isso,

continua a dança dos secretários municipais da Saúde. Agora, temos uma secretária por 30 dias.

Nesse momento, cabe à Câmara de Vereadores cumprir seu papel. Urge, que seja instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar a situação da saúde no Município de Passo Fundo, em todos os seus aspectos. Estamos a menos de dois anos das eleições municipais. E já é tempo dos atuais edis se lembrarem de que assim como muitos de seus antecessores não foram reeleitos eles também podem não retornar mais ao Legislativo. E nessa constante "renovação" da Câmara há muito de indignação dos eleitores diante da omissão daqueles nos quais confiaram.

O abandono da saúde pública em Passo Fundo, com a omissão dos atuais vereadores, pode ser a pá de cal sobre alguns mandatos. Os navegantes que abram os olhos, pois a passagem pelo Cabo das Tormentas está cada vez mais próxima: será nos primeiros dias de outubro de 2004.

Do Jornal  
O Nacional  
20/10/2002

Data : 30/04/1999

Título : CRIME DE ESTADO

Categoria: Resenhas

Descrição: Embora muitos possam considerar o romance policial como subliteratura, ele não o é. Também não deve ser incluído dentro da Literatura, esteticamente falando.

## CRIME DE ESTADO

Embora muitos possam considerar o romance policial como subliteratura, ele não o é. Também não deve ser incluído dentro da Literatura, esteticamente falando. Há um limite formado pela existência de três personagens fundamentais nesse gênero de ficção: a vítima, o criminoso e o detetive. Estes se equilibram numa corda bamba: o mistério de quem matou? Quaisquer outras interrogações são de menor importância.

Para efeitos puramente esquemáticos, podemos afirmar que há uma literatura policial e uma correspondente subliteratura. Qualquer leitor que conheça livros desse gênero sabe disso. Para um Conan Doyle haverá sempre centenas de escritores medíocres, como em qualquer outro gênero.



Há poucos dias recebi CRIME DE ESTADO (Editorial Notícias, Lisboa, 1998) de Jacinto Rego de Almeida, escritor português radicado no Brasil há tempos. Romance policial na acepção plena do termo, os personagens principais são: Tomás Perestrelo, a vítima, embaixador de Portugal em Botwaha, Alvaro Marchueta, diplomata e Ana Perestrelo, filha, os criminosos e Mário Lisboa, o detetive.

Ana contrata Mário, dizendo suspeitar que Alvaro matou seu pai. Este logo desconfia de Ana, mas acaba entregando-lhe um relatório incriminando Álvaro, que reúne características esquizofrênicas. Com isso, Ana fica protegida.

A trama é simples e conclui-se com a impunibilidade dos criminosos, como na maioria das telenovelas brasileiras. Se é verdade o dizer-se que o crime não compensa, neste caso compensou. Álvaro teve, pelo menos, seu momento de glória e Ana encontrou a solução para os seus problemas financeiros.

CRIME DE ESTADO prende a atenção do leitor. A doença do Marchueta diminui-lhe a estatura como personagem. Os psicóticos são sempre criminosos menores, literariamente. Em proporção contrária cresce a figura de Ana Perestrelo.

O livro reúne algumas características encontradas no romance português. A província está representada por Folgoso (a terra dos Marchueta), a metrópole, onde moram Mário e Ana e o estrangeiro materializado em Botwaha. E nesses três locais que a história se passa, como em tantos romances lusitanos esse tipo de localização se reproduz.

A pasmeira provinciana, a simplicidade metro-politana e a necessidade do exílio, aliadas às paisagens quase estandardizadas da terra lusitana, fazem de CRIME DE ESTADO um romance tipicamente português. É um romance policial bem escrito, como que desmentido a tantos quanto entendam que a boa literatura policial é um apanágio dos anglo-saxônicos.

Do Jornal

Rotta

30/04/1999

Data : 01/01/2000

Título : Crime e Leitura

Categoria: Resenhas

Descrição: A condenação do Coronel da Reserva Ubiratan Guimarães, da Polícia Militar do Estado de São Paulo, a 632 anos de prisão, por envolvimento no assassinato de...

## Crime e Leitura

Paulo Monteiro

A condenação do Coronel da Reserva Ubiratan Guimarães, da Polícia Militar do Estado de São Paulo, a 632 anos de prisão, por envolvimento no assassinato de 102 presos, mereceu que eu refletisse no sucesso do livro Estação Carandiru. O autor, Drauzio Varella, era médico no tragicamente famoso presídio paulista, em 1992, quando aconteceu o massacre.

O livro, editado pela Companhia das Letras, transformou-se num sucesso de vendas. Não que tenha as qualidades de Memórias do Cárcere, por exemplo, onde Graciliano Ramos conta sua experiência como prisioneiro político durante o Estado Novo. Então, qual o segredo para tantos leitores? Em primeiro lugar, o fascínio que o criminoso exerce sobre as pessoas. Depois a fama do presídio e sua história de violência e tragédia.

Parece haver no ser humano uma espécie de tentação do abismo. Daí, tração pelo romance policial, uma espécie de simpatia que muitas pessoas sentem pelos criminosos. O envolvimento - especialmente feminino com bandidos parece comprovar esse fato.

Estação Carandiru é um relato direto de alguém, que conheceu com profundidade a vida nesse amontoado de 7.200 presos. Drauzio Varella é simpático aos seres que povoam o maior presídio do país. O médico descreve com as letras possíveis os dramas pessoas do homossexualismo, a atuação das igrejas pentecostais, da ação da "faxina" a eliminação física dos desafetos.

A descrição de pequenos dramas pessoais e familiares, como o caso de Chico, reencontrando-se com os filhos, após anos de separação, confere humanidade a seres que vivem num ambiente desumano. Esse realismo, do ponto de vista do livro em si, também contribuiu para as diversas e seguidas reimpressões da obra.

Creio que livros como Estação Carandiru exercem um papel importante na preservação das simpatias pelo mundo do crime. E sempre terão leitores apaixonados.

Do Jornal

Rotta

2000

Data : 22/12/1995

Título : Crônicas Interioranas

Categoria: Resenhas

Descrição: Jorge Alberto Salton é autor de duas obras ficcionais:

### Crônicas Interioranas

Jorge Alberto Salton é autor de duas obras ficcionais: Milan Miragem (1994) e Árvore dos Sussurros (1995), editadas pela Armando Araújo Annes Casa Editorial e Editora Universidade de Passo Fundo.

Milan Miragem é a história dos traumas psicológicos transmitidos aos descendentes daqueles que lutaram na Revolução Federalista ou Revolução de 94.

Personagem central, Artur Jorge Pafos, é um treinador de futebol que, ainda jovem, querendo ser jogador, chegou a estar no Estádio do Real Madrid, mas não teve coragem de apresentar-se para treinar naquela equipe, voltando para jogar em times do interior do Uruguai e da Argentina e acabar como treinador em Passo Fundo, sua terra natal. Perseguido pela imagem de uma espanhola e por um quadro, termina descobrindo ser uma das "vítimas" daquela herança a que aludi acima, através de um velho estancieiro (Seu Armando), amigo de seu pai e que tem estranhas visões, devido a uma doença rara. No dia em que vence um jogo decisivo mata Pedro Nassar (o carrasco), é preso e liberado pelo delegado, torcedor do time, e acaba entre meninos de rua numa das praças da cidade.

O segundo livro é a história de Angelita, mulher de uma cidade ainda menor do que Passo Fundo e que aqui vem para cuidar do filho (Jackson), que sonha ser jogador de futebol e está internado em um hospital. Ela acaba tendo um envolvimento platônico com um dos médicos que cuida do rapaz.

São estas, muito resumidamente, as linhas mestras dos dois livros. Bem escritos, como se mãos invisíveis de hábeis artesãos houvessem polido os textos, apresentam entre si várias características formais e essenciais. Um mundo onírico povoa as mentes de Artur Jorge Pafos, Angelita e Jackson. Sonham alucinadamente. Reprimidos emocionalmente, Artur Jorge Pafos não vai além do sexo oral com uma repórter assanhada, Angelita mantém o romance platônico com um médico e Jackson um namoro telefônico com Mariana. Artur Jorge e Jackson são dois jogadores de futebol que acabam fracassando, e muitos etecéteras.

Milan Miragem e Árvore dos Sussurros carregam um peso memorialístico inegável. O hospital está presente nas duas obras; os sonhos, tão caros aos psiquiatras, também. E o autor é psiquiatra. Os descendentes dos envolvidos nas revoluções de 1894 (Artur Jorge, no primeiro livro) e 1923 (o marido de Mariana, no segundo), são elementos marcados por esse passado. E o Autor descende de participantes nos dois episódios. A

presença do futebol e da política é uma constante nas duas obras. E o autor é futebolista e sua família tem um grande passado na política.

A isso tudo podemos acrescentar, em *Árvore dos Sussurros*, as risadas características do diretor do hospital (seriam as risadas do Dr Rudah?) e o zagueiro Dailon (Daizon?), o torcedor Lasquinha (Casquinha?), o presidente do Conselho Deliberativo do Clube, Arienzo (Darienzo?), o bicheiro Pietro (Pedro?) e o velho Armando (Armando Araújo Annes?), em *Milan Miragem*. Tudo isso são elementos de pura memória, que acabam influenciando sobre o valor artístico das obras.

São exatamente esses elementos muito fortes do memorialismo, presentes na obra ficcional de Jorge Alberto Salton, que fazem com que ele não consiga escrever verdadeiros romances, mas memórias romanceadas.

A característica fundamental do romance, como obra de arte, é a criação de personagens marcantes (heróis ou anti-heróis, vencedores ou derrotados...). Isto só é possível quando as personagens são maiores do que o autor. Don Quixote é maior do que Cervantes; Capitão Rodrigo é um gigante erguendo Erico Veríssimo; Gabriela conduz Jorge Amado nas costas. E assim por diante...

No memorialismo disfarçado de romance, ao contrário, o autor é maior do que as personagens. Pode estar visível, presente, ao vivo, ou andar como um fantasma, encarnando-se nelas, dando-lhes o animus, transmitindo-lhes o spiritus.

É claro que a memória é fundamental no romance, sendo usada artisticamente. É ela que dá o corpo, o instrumento, para a vivificação da matéria. Vila dos Confins, do então deputado federal Mário Palmério, é um exemplo. Paulo Santos, deputado federal, e os políticos que aparecem no romance são maiores do que o autor. Paulo Santos é um modelo; é a universalização de um tipo.

Jorge Alberto Salton tem tudo para escrever o grande romance de Passo Fundo basta libertar suas personagens, soltá-las; caso contrário continuará sendo nosso melhor cronista, e *Milan Miragem* e *Árvore dos Sussurros*, as melhores crônicas produzidas sobre nossa terra. Os méritos não lhe faltam e a vocação, também.

(In *O Cidadão*, Passo Fundo, 22 de dezembro de 1995, p. 15).

Data : 04/02/2009

Título : Da conquista

Categoria: Sonetos

Descrição: encontrei o teu corpo numa esquina entre pentes pulseiras na anarquia

da conquista  
encontrei o teu corpo numa esquina  
entre pentes pulseiras na anarquia  
organizada da barraca fina  
que um camelô qualquer me oferecia

eras um vidro de perfume a sina  
zomba de nós às vezes todo dia  
quando a lei do provável ilumina  
e levei-te comigo na alegria

com que colombo viu o mundo novo  
ou fez parar um ovo sobre a mesa  
e meu conhecimento foi profundo

na superfície cognoscível tesa  
até que te quebrei com ódio fundo  
num dia de certeza e de incerteza  
(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 05/02/2009

Título : Da paixão

Categoria: Sonetos

Descrição: ficou o teu retrato na parede rindo do meu amor ruidosamente

da paixão  
ficou o teu retrato na parede  
rindo do meu amor ruidosamente

os cabelos os mesmos e com sede  
os mesmos lábios e teu rosto ardente

o mesmo também rosto que mede  
tudo aquilo que tenho em mim latente  
e teus seios arfantes da parede  
chamando-me com voz que ninguém sente

entre as arcadas de um hospício mora  
teu corpo com calor de chama ardente  
em quanto de meu quarto se assenhora

esse retrato inerte e semovente  
fica e deixa a parede ri e chora  
gargalhando e se rindo doidamente  
(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 11/01/2009

Título : Da poética

Categoria: Poesia

Descrição: a poesia das ruas é poesia muito melhor que a dos poemas

da poética

a poesia das ruas é poesia  
muito melhor que a dos poemas  
a poesia a poesia das ruas é poesia  
como só a poesia pode ser  
e não ser poesia versos livres

e não versos concretos e abstratos  
simplesmente versos e não versos  
falsos todos não falsificados  
a poesia das ruas é poesia  
simplesmente poesia aquém  
além dos poemas puramente poesia  
simplesmente poesia das ruas  
muito melhor que a dos poemas  
com gosto de whisky escocês  
escocês made in brazil  
por isso o manifesto não manifesto  
dizia o que ninguém disse  
abaixo a poesia dos poemas  
a poesia das ruas simplesmente  
poesia e não poesia puramente  
poesia e não poesia de cabeça  
tronco e membros pó concreto e abstrato

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 01/01/2010

Título : Danças típicas do Chile

Categoria: Artigos

Descrição: As diferentes danças que ocorrem ao longo de todo o nosso território nacional constituem uma importante contribuição para o folclore e a cultura popular.

As diferentes danças que ocorrem ao longo de todo o nosso território nacional constituem uma importante contribuição para o folclore e a cultura popular.

Protagonistas das festividades religiosas e celebrações nativas, as danças nacionais refletem a vasta gama de influências e crenças que dominam as diferentes comunidades que constituem nosso país.

Os diferentes instrumentos e vestimentas que acompanham as diferentes coreografias são uma expressão das identidades de uma população que está fortemente identificada pela localização geográfica em que mora.

Exemplo do que foi dito acima é que a dança nacional do Chile, a cuenca, apresenta algumas variações que dependem da zona em que se dance. Aqui falamos sobre os principais tipos de cuenca que existem no país:

#### A Cuenca Chilena:

A cuenca é a dança nacional do Chile e, pelo mesmo, a protagonista das celebrações e festividades nativas.

Sua origem não está claramente definida, já que pesquisadores a vinculam a culturas como a espanhola, a africana, a peruana e também à chilena. Inclusive, os bailes de zamba, a zambacuenca, zamacuenca e cuenca chilena parecem ser essencialmente as mesmas danças, porém evoluídas de acordo com as suas variantes regionais. Evidentemente, predomina a teoria de que a cuenca haveria surgido entre no Peru, e que dali havia chegado ao Chile com os albores da independência.

Essa dança se transformou no bailado nacional do Chile desde que se oficializou através de um documento legal promulgado em 18 de setembro de 1979. Não obstante, se dança no país desde aproximadamente 1824.

A rotina desta dança encontra, segundo alguns folcloristas, uma explicação zoomórfica por originar-se da “cluenco”, conceito com o qual se faz referência nos movimentos que faz uma franga ao ser assediada pelo galo. É por isso que o movimento do homem, na dança, se assemelha à roda e ao entusiasmo que o galo põe em sua conquista amorosa. A mulher, pelo contrário, mantém uma conduta mais defensiva e esquiva. Segundo a área geográfica em que se dança, a cuenca apresenta algumas variações. A Cuenca Nortica, o de abaixar-se, a Cuenca Chilota, como a cuenca do marinheiro e do mineiro têm características únicas bem definidas.

As diferenças residem na vestimenta dos bailarinos, em sua personalidade e na atitude na dança. Assim, por exemplo, nas zonas sulinas a atitude tímida é a que predomina, na zona central urbana sobressai-se a ousadia, nas regiões camponesas sobressai a provocação e é mais elegante na capital. As todas são acompanhadas pelo violão, a harpa e as batidas de mãos no compaço do ritmo. O moço tira a moça para dançar oferecendo-lhe o braço. Depois de um breve passeio se colocam frente a frente e é dado início à dança. Os pares giram suavemente no começo, enquanto o moço persegue e rodeia a mulher procurando mantê-la a seu lado. Ela, elegante e esquiva, move com graça o lenço e levanta a sua barra. O sapateado final do moço reflete sua força e intensidade na luta amorosa e é aqui onde os lenços giram a um ritmo mas agitado e efusivo.



Data : 01/01/2010

Título : DAS TANTAS COISAS QUE VI...

Categoria: Resenhas

Descrição: Tropeei... Nos longes desses caminhos

Tropeei...

Nos longes desses caminhos

vi tantas coisas, parceiro...

Léguas e léguas infindas

em incertas trajetórias...

Rastos de cascos arcaicos

predizendo a nova história,

e um lenitivo de exemplos

aos tempos que vivo agora...

Certa vez toquei a tropa

serpenteando nova rota,

num longínquo itinerário

costeando o litoral norte,

cargueiros em desalinho

na mais sofrida paciência.

... aventura imprevisível

cruzar estranhas querências...

Cauteloso e consciente

tropeei por dias incertos...

Até que, adiante de uma lagoa

que aliás "ninguém pescava",

a tropa redemunhou

esquiva trocando orelhas  
foi refugando e parou...

O que vi lhes conto agora...  
um alegre reboliço  
pintava um quadro festivo  
na entrada do vilarejo  
de Conceição do Arroio...

Meu coração cadenciou  
na sensatez da emoção,  
por entender um momento  
de memorável nobreza  
e tão longeva homenagem...  
até a mulada xucra  
foi se arredando morosa  
dando solene passagem...

Rainha Jinga imponente  
formava par ao Rei Congo,  
retornando coroadado  
com a benção do vigário  
e da "Senhora do Rosário"  
na capela do povoado...

Ao sincopar de tambores  
e bulir de machacaias  
seleta "vara dançante"  
reverenciava seu Rei...  
os homens de "pés no chão"  
no alvo das roupas brancas  
coreografavam ao Rei...

"Oia Lá manco manco, pisa de vagá  
Ó, ó pisa de vagá  
Lá na porta do céu  
Tu não vá trupicá ..."

Como lhes disse parceiro,  
eu que já vi tantas coisas  
e sempre tive orgulho  
desta querência natal,  
me envergonhei por ser branco  
ao entender o ritual...

Eram negros Maçambiques...  
num misto de religião  
de arte e de tradição...  
senti em cada olhar  
orgulho por serem negros  
e o porque de seus louvores...  
... já que pra Deus com certeza  
os homens não têm cores...

Foram trazidos de longe

enchiqueirados qual bichos,  
foram míseros escravos  
quilombolas por instinto....  
Mas ninguém teve poder  
de arrancar de suas almas  
a legendária cultura,  
(... atavismo redivivo  
que ainda hoje perdura...)

... campeei meu rumo e segui...  
ao reponte junto a tropa  
mais uma história remota  
das tantas coisas que vi...

Minha alma por culpada  
já desbotada e vazia,  
entendeu que a liberdade  
tem um matiz de alegria...  
... tinham cor preta nas peles  
e almas mais brancas, que a minha...

Data : 07/08/2007

Título : De campos e matas abertas à emancipação de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Portugal é um país latino. Sua e nossa língua é originária da língua falada pelos sol dados e o probrerio romanos, uma língua neolatina.

Paulo Monteiro (\*)

Os portugueses e os descobrimentos

Portugal é um país latino. Sua e nossa língua é originária da língua falada pelos romanos e o provérbio romano, uma língua neolatina. Há milhares de anos mantém relações culturais e comerciais intensas com as demais nações mediterrâneas. E, através delas, com os países do Oriente, inclusive, a China e a Índia. Em 1453, os turcos tomaram Constantinopla e impuseram limites ao comércio europeu com o extremo Oriente. A partir daí, os governos europeus procuraram encontrar um novo caminho que lhes permitisse negociar direto com as Índias, como era popularmente conhecida aquela distante parte do mundo. Uns acreditavam que a terra era achatada e ser possível, contornando a África, chegar às Índias. Pensavam assim os portugueses. Outros, como Cristóvão Colombo, um marinheiro italiano a serviço dos reis da Espanha, acreditavam que a Terra era redonda e que, navegando para o Oeste, era possível, também, alcançar o mesmo lugar. Os portugueses, que se lançaram antes à procura do caminho marítimo para as Índias, chegaram, em 1488, com Bartolomeu Dias, ao sul da África, descobrindo a possibilidade de alcançar o extremo Oriente. Exatamente dez anos depois, com Vasco da Gama, aportaram às Índias. Nesse mesmo ano, a 12 de outubro, os espanhóis, com Cristóvão Colombo, tocaram na América Central.

O descobrimento do Brasil – No dia nove de março de 1500, à frente de uma grande armada, com 13 navios e 1.200 tripulantes, Pedro Álvares Cabral, saiu de Portugal em direção às Índias. Não seguiu o mesmo caminho de Vasco da Gama, afastando-se bastante da costa africana. A 21 de abril, os portugueses aproximaram-se do litoral. No dia seguinte, avistaram aves marinhas e à tarde, um monte, que recebeu o nome de Monte Pascoal. A 23, exploraram a margem próxima, encontrando um porto para abrigo da esquadra. Dois nativos subiram a bordo e Nicolau Coelho desembarcou com alguns homens. Pensando ou fazendo pensar que tinham chegado a alguma região das Índias, os portugueses chamaram os nativos brasileiros de índios, nome que, à época, se dava aos moradores daquele país oriental, conhecidos por indianos.

Até hoje se discute se a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral ao atual Estado da Bahia foi casual, um mero acaso, com os navios arrastados pelas correntes marítimas devido à falta de vento, ou se foi intencional. Há notícias de que outros marinheiros estiveram antes em nosso país. É o caso de Duarte Pacheco Pereira, que no seu livro *Esmeraldo de situ orbis*, afirma que esteve no Brasil, em 1498.

O historiador brasileiro Capistrano de Abreu, estudando a manobra realizada pela esquadra para chegar a Calicut e de Gaspar de Lemos, para retornar a Portugal, levando a notícia da chegada ao Brasil, concluiu pela impossibilidade de serem realizadas por quem estivesse perdido.

A divisão da América – O Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha, em 1494, antes que o Brasil fosse descoberto, também fortalece a idéia de que os portugueses já sabiam da existência do continente americano.

O Tratado de Tordesilhas estabelecia um meridiano marcando 370 léguas dos arquipélagos de Cabo Verde ou dos Açores, além das quais, ao oeste, os territórios ficariam pertencendo à Espanha. Com esse tratado, parte do Brasil, o Atlântico Sul e o Oceano Índico ficaram pertencendo a Portugal.

O Tratado de Tordesilhas, pela imprecisão com que foi redigido, causou muitos problemas diplomáticos entre os dois reinos ibéricos. Tradicionalmente, admite-se que o meridiano de Tordesilhas passaria, em solo brasileiro, entre Belém do Pará e Laguna, em Santa Catarina. Assim, o Rio Grande do Sul ficaria pertencendo à Espanha. Mapas antigos, porém, apresentam esse meridiano, cruzando pela costa chilena, deixando a maior parte da América do Sul e Antilhas para Portugal.

## Os aborígenes

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o território do nosso país já era habitado há milhares de anos. Segundo alguns historiadores, seriam mais de 12 milhões de habitantes, divididos em centenas de nações indígenas, falando centenas de línguas e dialetos.

As principais tribos pertenceriam aos grupos chamados tupis e jês. O tupi, por ser a língua mais falada no Litoral, também ficou conhecida como língua geral. Nos primeiros dois séculos da colonização portuguesa, falava-se uma verdadeira mistura de português e tupi. Os diversos grupos africanos também se fundiram numa espécie de língua geral africana, encorpada com elementos portugueses e indígenas. Em meados do século XVIII (1700/1799), o governo de Portugal tornou obrigatório o uso do português, processo importantíssimo para a futura unificação territorial do Brasil.

O longo período em que a língua geral, o nheengatu (o tupi amazônico), e o (banaeega, dos guaranis, foram falados no Brasil contribuiu para que milhares de palavras de origem tupi fossem incorporadas ao vocabulário português empregado deste lado do Atlântico, especialmente nomes de plantas, animais e acidentes geográficos. Notam os lingüistas que o indígena exerceu influência, inclusive, sobre a sonoridade do português falado em nossa pátria. A mesma lição se aplica às línguas trazidas da África.

Ademais, a miscigenação, cruzamento entre os colonizadores portugueses e as mulheres nativas, criou um dos tipos humanos mais característicos do Brasil, o mameluco, também conhecido como caboclo. Alguns antropólogos nominam como caboclo ao filho de índios.

E visto estarmos falando sobre cruzamentos entre as raças formadoras da nação brasileira, abramos um parênteses. Outro tipo humano característico de cruzamentos interracialis é o mulato, consequência da união entre brancos e negros. O mulato ao unir-se ao negro gera o cabra. Nascido no Brasil, filho de negros é crioulo. A mistura de todos esses intercruzamentos é o pardo. Outro tipo característico da miscigenação é o cafuzo ou curiboca, fruto do índio cruzado com o negro.

As crenças originais dos indígenas, apesar da repressão desenvolvida pelas ordens religiosas cristãs, misturaram-se (sincretismo religioso), com as antigas crenças dos negros. A influência dos índios também se manifestou no folclore, com o curupira, a iara, a boitatá e tantas outras lendas e contos populares, conforme é lembrado pelos folcloristas. Além disso, hoje, a grande maioria dos brasileiros carrega em suas veias alguma quantidade de sangue indígena.

A ocupação do Brasil – Durante os primeiros anos que se seguiram à chegada dos portugueses ao Brasil, como aqui não encontrassem as especiarias que buscavam às

Índias, nem ouro, pedras preciosas ou qualquer outra mercadoria que oferecesse lucros reais e imediatos, o novo território foi relegado a segundo plano.

Apenas o comércio de pau-brasil, que servia para a indústria de tinturaria, e era cortado pelos índios do Litoral, em troca de machados e outras ferramentas, interessava aos negócios com a metrópole. Entretanto, a presença de embarcações francesas, que negociavam o produto com os nativos, levou o rei de Portugal a realizar expedições militares para reprimir esse tipo de pirataria e, no ano de 1534, iniciou o sistema de Capitânicas Hereditárias, seguindo experiências já postas em prática nas colônias africanas. Os donatários incentivaram a vinda de colonos portugueses e a produção de açúcar, porém, só as capitânicas de Pernambuco e São Vicente, em São Paulo, prosperaram.

O trabalho escravo – Para a indústria de açúcar os colonizadores precisavam de mão-de-obra. E só podiam usar o trabalho escravo. Começaram por escravizar os nativos, mas os índios não se submetiam facilmente, fugindo para o meio das florestas. Muitas vezes realizaram grandes revoltas, pondo em risco a própria presença do homem branco no solo brasileiro.

Diante disso, restou apenas aos colonizadores apelarem para a escravidão dos africanos, em cujos territórios os portugueses estavam assentados há mais tempo. Transportados para um continente estranho, sem a possibilidade de encontrar refúgio entre parentes ou aliados, aos negros não restou, de início, outra alternativa além de submeterem-se ao regime escravocrata. Mais tarde, quando já aclimatados ao solo brasileiro, é que fugiam para as florestas, especialmente em locais protegidos por acidentes geográficos e se organizavam em quilombos.

Os quilombos – Os contrabandistas de “gado humano”, como eram classificados os escravos, não precisavam esforçar-se para conseguir a vergonhosa mercadoria. Rivalidades tribais faziam com que populações inteiras fossem presas pelas etnias inimigas e trocadas por fumo, cachaça e outras quinquilharias. Nesse hediondo comércio, os ingleses firmaram as bases da revolução industrial e a estabilidade da democracia ocidental.

Quilombo era, na África daquele tempo, nome aplicado ao local em que os prisioneiros ficavam concentrados até que os navios negreiros, em que eram transportados os escravos, aparecessem para conduzi-los ao lugar onde seriam vendidos. Os quilombos eram praças fortificadas, cercadas de fossos e paliçadas, impedindo que os presos conseguissem evadir-se.

No Brasil, esse tipo de fortificação, ainda que conservando o mesmo nome, adquiriu finalidades diametralmente opostas: servir como refúgio e proteção dos escravos fugidos, impedindo a entrada dos escravagistas. Quando nos aprofundamos no estudo da história ficamos sabendo que quilombo encerra um sentido eminentemente técnico. Na África, era a fortificação que impedia a saída dos prisioneiros e, no Brasil, o mesmo tipo de praça forte não permitia que os caçadores de escravos fugidos entrassem. Hoje, mais do que uma obra de engenharia, quilombo adquiriu um conteúdo político recentíssimo, significando qualquer local habitado por famílias de origem africana.

Na região de Passo Fundo, desconhecemos notícias de quilombos no sentido original do termo. Os negros buscaram a liberdade refugiando-se no interior das florestas, e eram

acolhidos nas próprias aldeias indígenas. Acabaram consorciando-se com os nativos e absorvidos pelos seus hospedeiros, especialmente, os caingangues. Por isso, muitos índios têm a pele mais escura do que outros do mesmo grupo, numa clara demonstração de mestiçagem racial.

#### Os portugueses e a miscigenação

Há milhares de anos o sul de Portugal era povoado por povos de pele escura, negróides. Povos de pele branca invadiram, por diversas vezes, a região e se fundiram com os primitivos moradores, originando os trigueiros, correspondentes lusitanos dos nossos caboclos. A trigueira, chamada carinhosamente de “trigueirinha”, é uma constante e eterna fonte de inspiração para os poetas portugueses, a exemplo da cabocla e da caboclinha, responsável por muito do lirismo brasileiro.

A atração do português pela mulata, vem dessa época. Até parece um verdadeiro complexo de Édipo.

Essas invasões de Portugal deram origem a um povo mestiço, convivendo e encastilhando loiros, de olhos azuis, e trigueiras, de olhos negros, mistura que fez surgir os famosos “olhos verdes, matadores”, cantados pelos grandes românticos portugueses. E foi exatamente esse povo de mestiços que descobriu e colonizou o Brasil.

A poliandria – Aqui a mistura continuou ativada pela facilidade com que os índios aceitavam a presença dos estrangeiros.

A poliandria, isto é, o casamento de uma mulher com vários homens, que aparece nos relatos de viajantes e missionários como autêntica promiscuidade sexual, facilitou a miscigenação. Os índios costumavam entregar suas mulheres, filhas e irmãs para que passassem as noites com os visitantes, costume que facilitou o cruzamento inter-racial.

A liberdade sexual entre os índios (ou mais precisamente entre as índias) era de tal monta que não conseguiam entender o celibato sacerdotal. Há relatos de que seminários precisaram ser murados para evitar o assédio das índias aos religiosos.

Tudo isso contribuiu para facilitar a miscigenação entre portugueses e índios, mistura que se ampliou com a vinda de africanos e a presença de piratas franceses, ingleses e holandeses, que também concorreram, desde os primeiros anos da colonização, para ampliar toda essa mistura racial.

#### A ocupação do Sul

A ocupação do que viria a ser o Rio Grande do Sul começou pelo litoral de Santa Catarina e Paraná. O local foi visitado por piratas franceses, que fizeram amizade com os índios patos ou carijós, que habitavam o Litoral, de Cananéia, em São Paulo, à Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul.

Os patos ou carijós, formavam uma tribo da nação guarani, originária do Paraguai. Esses índios, extremamente místicos, realizavam grandes migrações, instigados por seus pajés. Estes tinham momentos de êxtase e revelavam que numa determinada direção ficava Yvy-maraey, a terra sem males, uma espécie de paraíso. Numa dessas revelações, apontaram



a ilha de Santa Catarina como a “terra sem males”. Ali contataram com os brancos; primeiro os franceses, depois os espanhóis e, posteriormente, os portugueses, que acabaram dominando o território.

A explicação mais coerente para o nome carijó, é que viriam a formar uma espécie de subetnia originária da mistura entre os marinheiros europeus (caari, brancos) e os índios (yu ou yo, acobreados), nome (carijó), que passou a denominar as galinhas e outras aves domésticas, com a mistura de plumas brancas e pretas.

Em 1516, o navegador espanhol Juan Días Solís, descobridor do Rio da Prata, manteve contato com os índios charruas, no Uruguai. Desceu à praia. Foi morto e, juntamente com outros sete integrantes de sua marinhagem, devorado por esses nativos. Pouparam apenas o marujo mais jovem, Francisco del Puerto. Diante da cena assustadora, os demais marinheiros fugiram com seus navios, um dos quais afundaria perto da Ilha de Santa Catarina, sobrevivendo onze marinheiros.

Os sobreviventes foram acolhidos pelos patos, misturando-se aos hospedeiros, começando a dar origem aos carijós. Um desses marinheiros, o português Francisco Pacheco, era mulato, gerando tapuyunas, isto é tapuya (índio), una (preto), índios pretos.

Os aborígenes gaúchos – Como vimos antes, os primeiros contatos dos portugueses com os indígenas do Rio Grande do Sul foram com os patos. Cedo estes índios se misturaram com os brancos e passaram a ser mais conhecidos como carijós. Nem sempre esse contato foi amistoso. Logo os colonizadores precisaram de mão-de-obra para as suas lavouras de cana-de-açúcar e começaram a escravizar os índios do litoral do que viriam a ser Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os índios fugiram para o interior, passando a disputar espaço com outras tribos, como foi o caso dos caingangues, que, escapando aos escravizadores, teriam migrado de onde hoje estão os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Os carijós, em 1600, dominavam toda a região do Campo do Meio, no que viria a ser o futuro município de Passo Fundo.

Extremamente religiosos, os carijós praticavam a feitiçaria. Feitiços com sapos, para matar desafetos, que ainda se recomendam em magia negra, eram praticados por esses índios. Viviam em constantes guerras com os guaianases, ao norte, e os charruas e tapes, onde hoje se situa o Rio Grande do Sul.

Aliás, nas décadas iniciais do século XVII (1600), quando os primeiros brancos, jesuítas vindos do Paraguai, fixaram-se em Passo Fundo, aqui encontraram os tapes, onde atualmente é a nossa cidade, e os caingangues, mais ao norte, ao leste e ao sul, chegando até onde hoje se situam a Vila Luiza e a Vila Carmem. Além, é claro, como já vimos, dos carijós, no Campo do Meio.

Portanto, vamos deixar bem claro, quando os brancos chegaram a Passo Fundo, aqui estavam fixadas três nações indígenas bastante distintas: os carijós, de origem guarani, procedentes do Paraguai, pelo antigo caminho de Peabiru, que partindo do litoral de Santa Catarina e Paraná, chegava à Cordilheira dos Andes; os tapes, que eram índios guaranizados, possivelmente de origem andina, e os caingangues, também conhecidos como coroados, botocudos ou bugres, do grupo jê.

O escravismo no Brasil – Quando se fala de escravidão é preciso deixar bem clara uma coisa: na África e no Brasil, os escravagistas sempre contaram com aliados entre os

nativos. As lutas entre as diversas etnias, tanto de negros quanto de índios, favoreceram a escravidão.

Eram negros caçando negros e índios caçando índios, para venderem aos traficantes de seres humanos.

No município de Passo Fundo, as coisas não se passaram de maneira diferente. Os carijós, em especial, costumavam empreender guerras às outras tribos, particularmente aos tapes e charruas, e vendiam os aprisionados como escravos aos bandeirantes.

A disputa pelo território passo-fundense – Desde o início da povoação branca da América do Sul, portugueses e espanhóis disputavam o território passo-fundense. Como não tinham notícias de existência de metais ou pedras preciosas, o território ficou entregue aos seus habitantes nativos.

Quando o desinteresse acabou, em 1631, Portugal e Espanha estavam unidos sob a coroa espanhola. É um detalhe pouco salientado pelos historiadores. O domínio castelhano sobre a pátria de Camões durou de 1580 a 1640, período em que os bandeirantes, numa ousadia geopolítica única na história universal, aproveitando-se da condição, que eles sabiam passageira, de súditos espanhóis, ampliaram seus domínios através de entradas e bandeiras. Essa ocupação, pelos “súditos espanhóis” de fala portuguesa, assegurou, mais tarde, pelo *uti possidentis* (espécie de usucapião internacional), a posse de vastíssimas regiões, inclusive Passo Fundo, para Portugal. Direito que se transmitiu ao Brasil, herdeiro natural das conquistas bandeirantes, bandeirantes que eram, fundamentalmente, brasileiros, ou seja, brancos, mamelucos, crioulos e negros.

Reduções passo-fundenses – Com a criação da província do Paraguai, em 1607, a política espanhola com relação à região onde surgiria Passo Fundo, mudou bastante. Em 1609, jesuítas espanhóis penetraram na região de Guaíra, estabelecendo missões entre os índios, dentro de uma política de contenção do avanço paulista para o interior. Em 1628, bandeirantes destruíram as 13 reduções ali organizadas pelos padres castelhanos, aprisionando milhares de índios e provocando a fuga dos demais para as regiões do Uruguai e do Tape.

O padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, dois anos antes, já havia estabelecido uma redução em São Nicolau, no atual Estado do Rio Grande do Sul.

O desinteresse acabou em 1631 quando os jesuítas espanhóis estabeleceram a redução de San Carlos del Caapi, nas proximidades de Pinheiro Mercado, perto das nascentes do Jacuizinho, um afluente do Jacuí Mirim, hoje no município de Carazinho. E esse é um ponto importantíssimo: os primeiros conquistadores eram jesuítas, mas estavam a serviço dos reis da Espanha. Foi a primeira fixação de brancos em território passo-fundense.

A localização dessa redução ainda é discutida por historiadores. Levando em consideração antigos mapas, alguns afirmam que ficaria perto da atual cidade de Santo Cristo. E que o próprio “caminho do Caapi”, por ali se localizaria. Relatos jesuíticos, porém, afirmam que San Carlos del Caapi ficaria a um dia de caminhada de Santa Tereza del Curiti, o que seria impossível, caso se situasse nas proximidades de Santo Cristo.

No ano seguinte, 1632, os mesmos jesuítas fundaram outra redução: Santa Teresa del Curiti, também conhecida como Santa Tereza de los Piñales, de início no Povinho Velho, próximo às nascentes do Rio Jacuí Grande ou Jacuí Verdadeiro e do Rio Passo Fun-

ou Uruguai Mirim, que significa Uruguai Pequeno. A proximidade com os caingangues, que dominavam as matas e serras adjacentes e com os carijós, no Campo do Meio, que não aceitaram a pregação dos padres espanhóis e passaram a hostilizá-los, instigados por seus pajés, fez os jesuítas, também temendo um ataque dos bandeirantes, mudarem a redução para o Rincão do Pessegueiro, hoje pertencente ao município de Ernestina, em pleno território controlado pelos índios tapes, que, mesmo amigos dos guaranis, dos quais os carijós eram originários, viviam em guerras com as tribos vizinhas.

Religião e política – Contam alguns historiadores que os jesuítas espanhóis vieram para Passo Fundo a pedido do cacique tape Guaraé, desejoso de que seus governados recebessem os ensinamentos cristãos. Como os bandeirantes já incursionavam à Depressão Central gaúcha e, usando pombeiros, nome dado a espíões, que se aproveitando da hospitalidade indígena, efetuavam levantamento das tribos para posterior ataques dos escravizadores de índios, é possível que Guaraé chamasse os padres para fortalecer-se contra os paulistas, aliados aos carijós, tradicionais inimigos dos tapes.

Não se pode esquecer que os jesuítas portugueses, dentro do chamado “direito divino”, eram fiéis ao governo de Portugal e os jesuítas espanhóis, também dentro do mesmo “direito divino”, serviam aos reis de Espanha. Todos eles pregavam a chamada “guerra justa”: o direito de que os “gentios”, nome dado aos índios não cristianizados, que não aceitassem o cristianismo, poderiam ser escravizados. Na região de Passo Fundo, os jesuítas espanhóis armavam os índios por eles convertidos ao catolicismo para combaterem os nativos que não aceitavam suas pregações ou que se aliavam aos portugueses, como eram chamados os bandeirantes.

Com a vinda dos jesuítas espanhóis para a região de Passo Fundo, a rivalidade entre os três povos indígenas só aumentou. Como os padres castelhanos aldearam os tapes tanto os carijós quanto os caingangues não gostaram. Seus sacerdotes, os pajés, revoltaram-se contra os inacianos, e chegaram a provocar um levante, conhecido como “Revolta dos Pajés”. Atacaram a redução de Santa Teresa, que ficava no Rincão do Pessegueiro, em Ernestina, mas terminaram repelidos pelos jesuítas e os tapes.

Além da união dos padres espanhóis com os seus tradicionais inimigos, carijós e caingangues não aceitavam a monogamia imposta pelos religiosos cristãos, querendo continuar o tipo de regime familiar a que estavam acostumados, baseado na poliandria (uma mulher vivendo com vários homens) que, talvez por influência dos brancos, estava se transformando na poligamia (um homem vivendo com várias mulheres).

Além disso, tanto carijós quanto caingangues, praticavam o politeísmo (acreditavam em vários deuses) e desenvolviam a magia negra (bruxaria e feitiçaria), que contrariavam os princípios bíblicos preconizados pela Igreja. Os tapes também eram politeístas.

Sabedor de que os paulistas tramavam uma investida às reduções espanholas, o padre Cristóban de Mendonza, considerado o introdutor do gado entre os tapes e o primeiro tropeiro gaúcho, quando tentava converter os índios da região de Caixas do Sul e lançá-los contra o bandeirante Raposo Tavares que, entrando pelo Litoral gaúcho, ameaçava as reduções espanholas, foi trucidado, juntamente com os catecúmenos (índios convertidos) que o acompanhavam.

Diante da impossibilidade de converter carijós e caingangues e da tradicional hostilidade destes aos tapes, que habitavam o local onde hoje se situa a cidade de Passo Fundo, era

inevitável que os portugueses, como os espanhóis chamavam os bandeirantes paulistas, atacassem as reduções montadas pelos jesuítas espanhóis, em nossa região.

A religião dos aborígenes – Os três povos indígenas que habitavam Passo Fundo eram politeístas. Os carijós, também conhecidos como “ibianguaras”, criam numa divindade protetora chamada “Munhã” e nas almas dos mortos, a que davam o nome de Anga, e tinham duas classes de sacerdotes: os iroquiaras, que eram dançarinos, para ser mais claro: deveriam promover certos rituais ancestrais assemelhados a alguns praticados pela umbanda e o candomblé, e os apicarés, mágicos, que seriam algo parecido com a personagem central da novela O Profeta, exibida recentemente pela Rede Globo. Com certeza, praticavam alguns exercícios de magia negra, como amarrar um sapo em uma árvore, até que morresse, ou enterrar um ovo sob a rede dos desafetos.

Os caingangues, também conhecidos como coroados, botocudos e bugres, acreditavam em Topen, uma divindade boa, em Detcori, um deus mau, correspondente ao diabo dos cristãos e em Acupli, a alma dos mortos, mais ou menos como os espíritos desencarnados dos espíritas ou os santos católicos. Eram espíritos protetores.

Igualmente idólatras, os tapes acreditavam em muitos mitos, entre os quais um animal fabuloso, parecido com um carneiro, dotado de garras e dentes, como as onças, e muito feroz, chamado Ao.

Foi esse território habitado por nações inimigas entre si, com costumes familiares e idéias religiosas tão diferentes do que era pregado pela Igreja Católica, o lugar em que o padre Francisco Ximenes organizou as reduções de San Carlos del Caapi (1631) e de Santa Teresa del Curitiba, no ano seguinte. Aqui também morreria, nas mãos de índios que não aceitavam a presença dos tapes e dos seus aliados, os jesuítas espanhóis, o padre Cristóvão de Mendonza, introdutor do gado em nossa região e, por isso, considerado, o primeiro tropeiro gaúcho. O gado trazido pelo padre Cristóvão de Mendonza daria origem à Vacaria dos Pinhais.

Bandeirantes expulsam espanhóis – A idéia de anexar, definitivamente, o território do atual Estado do Rio Grande do Sul à província do Paraguai provocou imediata reação dos bandeirantes paulistas, que já controlavam o litoral norte gaúcho e mantinham relações com os índios que se opunham aos tapes, aliados dos espanhóis.

Em 1665, Solano Lopes ressuscitaria o sonho de dois séculos e tanto atrás. Invadiu o Rio Grande do Sul, provocando nova reação armada dos brasileiros. Se Igaí, no século XVII, constituiu-se num baluarte da reação dos brasileiros às pretensões paraguaias, Passo Fundo contribuiu com o concurso do sangue de seus filhos para repelir a invasão guarani e durante toda a guerra contra o Paraguai.

O bandeirante André Fernandes atacou a redução de Santa Teresa, no Rincão do Pessegueiro, em Ernestina. No dia 23 de dezembro de 1637, o aldeamento caiu em mãos daquele bandeirante, comandando um exército de paulistas, índios carijós e negros. Não houve resistência alguma. Aprisionaram mais de 4 mil índios. Os jesuítas espanhóis acabaram expulsos e o comando espiritual passou para o padre jesuíta Francisco Fernandes, filho do próprio capitão André Fernandes.

Uma vez dominada Santa Teresa, os bandeirantes “assolaram” o Tape, segundo a expressão consagrada pelos historiadores, e dominaram todas as reduções existentes na

região. André Fernandes permaneceu em Passo Fundo durante quatro anos, mudou o nome do lugar de Santa Teresa del Curiti ou Santa Teresa de los Piñales para Igaí, como os nativos nominavam o atual Rio Jacuí.

Pouco depois de André Fernandes chegava outro bandeirante, Fernão Dias Paes Leme, imortalizado por Olavo Bilac em sua obra Caçador de esmeraldas. Veio pela trilha indígena do Mondecaá (mato das armadilhas), entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha, conhecida como Caapi (caminho da floresta), de Passo Fundo, na direção da Fronteira. Tratava-se de um velho caminho indígena.

Fernão Dias Paes Leme permaneceu pouco tempo na região. Encontrando resistência em reduções situadas ao sul de Passo Fundo retornou a São Paulo com grande número de cativos.

Em 1641, nova bandeira desceu pelo Uruguai com centenas de brancos e índios bem armados para expulsarem os jesuítas espanhóis das margens do rio. Na quinta-feira santa daquele ano, quando se encontravam na confluência do Uruguai com o Mbororé, sofreram ataques de centenas de índios comandados pelos padres castelhanos. Os bandeirantes, fragorosamente derrotados, destruíram 100 das suas 250 canoas e se refugiaram no entrancheamento de Igaí, em Passo Fundo.

Apesar da vitória, os espanhóis e os guaranis não esperaram para ver. Mudaram-se para terras que hoje pertencem ao Uruguai e para a margem direita do rio, nas hoje províncias argentinas de Corrientes e Entre-Rios.

Passo Fundo dos bandeirantes – Os ataques holandeses ao Nordeste, que culminaram com a invasão de Pernambuco, em 1630, e do Maranhão, em 1641, levaram à diminuição do ímpeto bandeirante no Sul, pois suas forças precisaram ser mobilizadas para a expulsão dos protestantes holandeses. Mesmo assim, os brasileiros, sob a liderança espiritual e, possivelmente, também militar do jesuíta português, o paulista Francisco Fernandes, continuaram fustigando os jesuítas espanhóis, os tapes e os guaranis.

Até 1669 há notícias de que os bandeirantes continuavam atuando através do fortim montado em Passo Fundo.

A presença bandeirante no nosso município foi de extrema importância tanto que fortaleceria os argumentos do barão do Rio Branco na famosa “Questão das Missões”, arbitrada pelo presidente norte-americano Cleveland, em 1895, dando ganho de causa ao Brasil.

O fortim de Santa Teresa, aqui construído por André Fernandes e seu filho, o padre Francisco Fernandes, contribuiu para assegurar o princípio do *uti possidetis* em favor do Brasil, garantindo-nos vastas áreas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Como vimos antes, os primeiros brancos que chegaram a Passo Fundo foram os jesuítas espanhóis, estabelecendo as reduções de San Carlos del Caapi (1631), esta de localização controversa, onde hoje fica o município de Carazinho, e Santa Teresa del Curiti (1632), no Povinho Velho, proximidades do atual município de Mato Castelhano, mudada logo a seguir para o Rincão do Pessegueiro, em Ernestina. Em 1637, Santa Teresa foi tomada pelo bandeirante André Fernandes e rebatizada com o nome de Igaí, cuja guarda espiritual foi entregue ao jesuíta paulista Francisco Fernandes. Este aqui permaneceu durante vários anos.

Durante pouco mais de cinco anos os jesuítas espanhóis ficaram estabelecidos em Passo Fundo; os bandeirantes paulistas por mais de trinta anos, possivelmente até um meio século. Razões estratégicas e econômicas inviabilizaram a colonização portuguesa de Passo Fundo. Entre essas, pode-se destacar as lutas contra os invasores holandeses no Nordeste; a procura e descoberta de minerais preciosos no centro do país e a tentativa de dominar o atual território uruguaio, com a Colônia do Santíssimo Sacramento, a partir de 1680.

O destino dos aborígenes – Dos tapes, em território passo-fundense, ao que tudo indica, restou uma pequena aldeia próxima ao acampamento de Igaí, no Rincão do Pessegueiro.

O grosso desses primitivos habitantes passam a fazer parte da história argentina, onde iremos encontrá-los, como combativos lanceiros sempre socorrendo Buenos Aires durante ameaças e invasões estrangeiras.

Os carijós passo-fundenses perdem-se na noite dos tempos, aparecendo apenas como personagens literárias nos primeiros romances gaúchos, como foi o caso de O Vaqueano, publicado em 1872 por Apolinário Porto Alegre, sob a marcada influência de O Gaúcho, editado em 1870 por José de Alencar.

Os caingangues são mais persistentes, encontramos-os, em plena Revolução Farroupilha, enfrentando as forças imperiais.

A flora passo-fundense - Quando os jesuítas espanhóis chegaram a Passo Fundo, aqui encontraram uma paisagem verdadeiramente paradisíaca.

O historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, nascido em cinco de agosto de 1876, que ainda adolescente, conheceu muito bem essa velha paisagem, como tropeiro, conta que o vastíssimo sertão do Alto Uruguai era costeado por uma vasta campanha recamada de butiazeiros. E que as pastagens eram excelentes em toda a parte. Descreve a vegetação como “luxuriante e variadíssima”, destacando o pinheiro brasileiro, predominante em toda a parte. Salienta a presença da erva-mate, através de grandes ervais, encontrados no sertão do Alto Uruguai e mais disseminados, mas também em grande quantidade, em todas as matas do município.

Antonino enumera outras madeiras: o angico, a aroeira, o bugre, a cabreúva, o cam- bará, a canela preta, a cangerana, o cocão, a guajuvira, o ipê, a piúna, o tarumã, o cedro, a grapeapunha, o louro, o açoita-cavalo, a canela-loura, a caroba, o guatambu, o alecrim, a cereja, o carvalho, o coronilho, a guajuvira, a cabreúva, o sassafras, a figueira-brava, o pau-ferro, o rabo de bugio, o araçá, o branquilha, todas empregadas comercialmente.

Entre os frutos silvestres lembra o pinhão, o butiá, o buriti, o ariticum, a cereja, o gerivá, a goiaba, o guabiju, a guabiroba, o guamirim, a jabuticaba, a ovaia, a pitanga, o setecapotes, a amora, duas variedades de maracujá e o melão de São Caetano.

Todos esses espécimes vegetais foram intensamente explorados. As madeiras de lei, como era o caso dos pinheiros, do angico e do cedro, eram cortadas e transformadas em tábuas ou, em especial, sob a forma de toras, eram amarradas, formando balsas, transportadas durante as grandes cheias para os portos do Rio da Prata, particularmente, na Argentina, de onde eram exportadas para os mais diversos pontos do globo.

A fauna passo-fundense – A fauna silvestre passo-fundense também era riquíssima. O mesmo historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que a conheceu ainda bastante

preservada, destaca os seguintes animais, entre os mamíferos: o bugio, o mico, o macaco, a irara, o guaraxaim, o mão-pelada, a lontra, o coati, a ariranha, o zorrilho, a raposa, a raposa-d'água, o cateto, o porco-do-mato, o tamanduá-mirim, o tamanduá-bandeira, a cotia, a paca, o preá, o coelho, a lebre, o rato do campo e do banhado, o morcego, a capivara, a anta, o guará, o gato-do-mato, a jaguatirica, o leão-baio, o leão-de-cara-rajada, o tigre-pintado e o preto, o cervo e os veados branco, pardo, virá e bororó e os tatus etê, mulita, canastra e do rabo mole.

Entre as aves silvestres, podiam ser encontrados, o corvo-rei, o corvo-comum, o caburé, o carancho, o gavião, a coruja, o corujão, o penacho, o quiri-quiri, o tesourão e o urutaguá, todos rapineiros; o tucano e diversos tipos de pica-paus; o periquito, o maracanã, a tiriva, a baitaca e o araguari; o suruquá, o sangue-de-boi, o pirro, a andorinha, a noturna, o sudário, o tenente, o chupim-velho, sanhaço, tapena, gralha azul, gralha amarela, bosteiro, pintassilgo, patativa, caboclinho, bem-te-vi, cardeal, araponga, dragão, tesourinha, corruíra, tico-tico, canário, inhapim, diversos tipos de pombas, jacu perma e jacu vermelho, jacutinga, perdiz, codorna, macuco, inhandu, gaivota, garça, saracura, curicaca, maçarico, pato, mergulhão e biguá.

Representativos dos répteis eram o cágado, lagarto comum e do papo-amarelo, lagartixa, camaleão; entre os anfíbios, diversos tipos de rãs, sapos e pererecas e as cobras jararaca, jararacuçu, cuatiara, cascavel, cipó, jararacaí, coral e papa-pinto.

Havia abundância de peixes nos rios passo-fundenses, salientando-se o surubim, o muçum, a joaninha, o pintado, o mandí, o roncador, o jundiá, o bagre, o dourado, a traíra, a voga, a piava, o tambicu, o crumatã, o cará, a saicanga e o lambari.

A variedade de insetos era enorme e a exportação de peles de animais silvestres se constituiu em grande negócio.

### As riquezas hídricas

Não se pode esquecer as riquezas hídricas, especialmente num período em que se fala tanto em aquecimento global e poluição das águas. À exceção do Uruguai, que banhava o original município de Passo Fundo, nunca possuímos volumosos cursos d'água, mas deve-se lembrar a grande quantidade de banhados e pântanos, responsáveis pela conservação da umidade do solo e a reprodução de inúmeros espécimes animais. Passo Fundo, tendo por centro a Coxilha Geral, é um divisor de águas. A mais importante bacia hidrográfica do Estado é a do Uruguai. Em Passo Fundo, além do rio que dá nome à bacia, destacavam-se o Rio do Peixe (Pirarucê), o Passo Fundo (Uruguai Mirim), que têm praticamente a mesma extensão, cerca de 200 quilômetros cada um, o da Várzea (Uruguai Pitã ou Uruguai Puitã) e o Rio Turvo, todos afluentes da margem esquerda do primeiro.

O Uruguai e seus afluentes banham dezenas de municípios originários de Passo Fundo, tendo sido responsáveis pela elevada produção agrícola, do Alto e Médio Uruguai.

O Jacuí, que nasce há poucos quilômetros da cidade, na mesma coxilha de onde manam o Rio do Peixe e o Rio Passo Fundo, corre na direção central do Estado, desaguardo na Lagoa dos Patos, tendo como principais afluentes, no município, o Portão, o Pinheiro Torto, o Arroio Grande (Marupiara), o Glória, com seus afluentes Herval e Colorado, o Arroio Grande e muitos outros. O principal afluente, porém, é o Jacuí Mirim, que separava

Passo Fundo de Cruz Alta, também conhecido como Jacuizinho. Todavia, o verdadeiro Jacuizinho é um afluente da margem esquerda do Jacuí Mirim.

Outro rio importante de Passo Fundo é o Taquari, também, conhecido como Capingüí, afluente do Rio das Antas, que tem como afluentes o Camargo, o Branco e o Marau. Também banhava o município de Passo Fundo, o Rio Carreiro.

### Território dividido

Como vimos, os jesuítas espanhóis dominaram o município de Passo Fundo entre 1631 e 1637, quando foram expulsos pelos bandeirantes. Diante do afastamento definitivo dos paulistas, voltaram a ocupar o noroeste e oeste do Rio Grande do Sul, a partir de 1682, quando fundaram São Borja. Permaneceram no Estado até pouco depois de 1750. Entregando as reduções ao bispo de Buenos Aires, afastaram-se definitivamente da região. Os índios não aceitaram esse afastamento e iniciaram a Guerra Guaranítica, liderados por Nicolau Neenguiru e Sepé Tiaraju.

O Tratado de Madri acabou não entrando em vigor e Passo Fundo continuou sob domínio espanhol até 1801, quando José Borges do Canto e seus companheiros expulsaram os espanhóis, ocupando as Missões, onde se incluía Passo Fundo, ficando definitivamente em poder dos portugueses.

O período entre 1750 e 1801 foi muito importante para consolidar Passo Fundo como ponto estratégico. Como os limites entre Portugal e Espanha, a partir dos tratados de El Pardo (1761) e Santo Ildefonso (1777) passavam por Passo Fundo, mais precisamente pelo Campo do Meio, os espanhóis montaram uma guarda no Mato Castelhana, daí ali situar-se um local conhecido como Capão da Guarda, e os portugueses outro além, onde hoje fica o município de Caseiros, no Mato Português.

Vale repetir: até 1801, Passo Fundo pertenceu à Espanha.

### Os nomes de Passo Fundo

Nesse período, deram-lhe diversos nomes: Curiti, que significa pinhais, em guarani; Santa Teresa del Curiti e Santa Teresa de los Piñales, conforme documentos dos jesuítas castelhanos. A partir de 1637, durante a ocupação bandeirante, recebeu o nome de Igaí, enquanto os espanhóis conheciam o local simplesmente como Piñales (Pinhais). No começo do século XIII (1700 e poucos), já aparece como Campo das 20 Mil Vacas e Vacaria dos Pinhais, até 1765. Já no final da ocupação espanhola era conhecido como Pinarés.

Depois que os portugueses tomaram posse definitiva de Passo Fundo, em 1801, conferiram diversos nomes à região: Alto Jacuí da Vacaria, no princípio do século XIX, Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Passo Fundo, a partir de 1843, Passo Fundo da Cruz Alta e Passo Fundo das Missões, em documentos farroupilhas, entre 1835 e 1845, Nossa Senhora Aparecida do Passo Fundo, até 1889, e simplesmente Passo Fundo, de 1889 para cá.

O Rio Passo Fundo, que deu nome à cidade e ao município, aparece com as seguintes denominações: Goio-en (água funda), pelos caingangues, Curiti, pelos tapes e guaranis,



Uruguai-Mirim (para diferenciar do Uruguai-Açu, Uruguai Grande, o Rio Uruguai), Goioen-Mirim (mirim, significa pequeno em guarani) e Passo Fundo, até hoje.

### Domínios sobre Passo Fundo

No início da ocupação espanhola, Passo Fundo passou à jurisdição de Buenos Aires, quer dizer, como território argentino, até 1609, quando integrou a Província do Paraguai, sendo ocupado pelos portugueses (bandeirantes paulistas), entre 1637 e 1680, aproximadamente. Depois que os bandeirantes deixaram Passo Fundo, retornou ao controle de Buenos Aires até 1801, quando, definitivamente, anexaram-no ao território português. De 1801 a 1809, sua administração coube ao Comando Militar de São Borja. Pertenceu ao município de Rio Pardo de 7 de outubro de 1809 a 11 de março de 1833. E, de 11 de março de 1833 a 28 de janeiro de 1857, integrou o município de Cruz Alta. Em 28 de janeiro de 1857, emancipado, adquiriu autonomia, assumida plenamente no dia 7 de agosto de 1857 com a instalação da Câmara Municipal.

O primeiro morador a fixar residência onde hoje é a cidade, nas proximidades da Praça Tamandaré, chamava-se Manoel José das Neves, conhecido como Cabo Neves, em fins de 1827 e inícios de 1828. Concluída a primeira Igreja, tomou foros de Freguesia, em 26 de janeiro de 1847, de Vila, em 28 de janeiro de 1857, com a emancipação, e de Cidade no dia 10 de abril de 1891.

### O gado e os ervais

Quando os bandeirantes expulsaram os jesuítas castelhanos das reduções de Santa Teresa del Curiti e de San Carlos del Caapi, no final de 1627 e princípios de 1638, ficaram, espalhadas pelos campos de Passo Fundo, centenas de cabeças de gado bovino, eqüino e ovino. Das ovelhas não se sabe notícia. Os bovinos, porém, reproduziram-se de tal maneira que, a partir de 1682, quando os inacianos espanhóis retornaram ao Rio Grande do Sul, Passo Fundo chegou a ser conhecido como “Campo das 20 mil Vacas”. Em plena Guerra dos Farrapos, de quando por aqui passou, acompanhado de sua mulher Anita e do filho Menotti, Giuseppe Garibaldi, conta que, no Campo do Meio, os famosos “lanceiros negros” farroupilhas laçaram e domaram às pressas os cavalos selvagens, para substituir as montarias estropiadas e cansadas que serviam ao exército republicano rio-grandense.

Com a destruição das reduções castelhanas em Passo Fundo, os caingangues tomaram conta da região, chegando a tal ponto o controle e a extensão do poder dos bugres que os primeiros moradores brancos da atual cidade de Cruz Alta precisaram transferir a povoação do atual local para outro. A atual Cruz Alta situa-se perto de onde existia um bosque dominado pelos botocudos. Os historiadores não precisam a data desses fatos. Seguramente, foram antes de 10 de junho de 1821, quando foi requerida à Junta Governativa da Província, pelos moradores que sabiam assinar a constituição do povoado.

Depois de 1632, os jesuítas e os guaranis missioneiros exploravam os ervais do primitivo município de Passo Fundo, especialmente no Alto Uruguai e no Botucaraí (Soledade). Depois que retornaram, só o conseguiam com expedições compostas por dezenas de homens fortemente armados. Caso contrário, acabariam trucidados pelos guerreiros

caingangues. O corte da erva-mate nativa obedecia a regras especiais, seguidas à risca pelos índios. Cortavam apenas os galhos das árvores adultas, e de quatro em quatro anos. Exportavam o produto pelo porto de Buenos Aires e os recursos ficavam em poder da Companhia de Jesus, que administrava as reduções. Os jesuítas, que garantiam a subsistência dos índios, controlavam os recursos auferidos com o gado e outros produtos das reduções.

### A conquista das Missões

A conquista das Missões, em 1801, constituiu-se num dos episódios mais interessantes da História do Brasil. Com a saída dos jesuítas espanhóis, depois da Guerra Guaranítica, o território ficou sob a responsabilidade de administradores nomeados pelas autoridades coloniais castelhanas.

Esses delegados do poder bonaerense passaram a explorar descaradamente os índios, dilapidando, em proveito próprio, bens e produtos das reduções. Some-se a isso o fato de que os rio-grandenses compravam dos índios esses bens e produtos, aumentando a indignação dos guaranis contra as autoridades castelhanas. Estava, pois, pronto um rastilho de pólvora capaz de explodir com o domínio castelhano. Bastava um palito de fósforo para provocar a explosão.

E esse palito apareceu na pessoa do rio-pardense José Borges do Canto. Desertor do Regimento dos Dragões de Rio Pardo, conhecia muito bem a região missioneira e sabia onde encontrar aventureiros suficientemente corajosos, audazes e com ligações entre os guaranis. Recebeu anistia, armas e munições do coronel Patrício José Correia da Câmara, comandante dos Dragões de Rio Pardo, para que hostilizasse as Missões através da guerra à gaúcha. Juntou um pequeno grupo, obteve o concurso do estancieiro mameluco Manuel dos Santos Pedroso, com uma partida de 20 homens, agregando-se-lhes o tenente Antônio de Almeida Lara, com 12 homens, e o furriel Gabriel Ribeiro de Almeida.

Num ataque fulminante, esses legionários, conseguindo o apoio de caciques e outros índios, em pouco mais de três meses, expulsaram os administradores espanhóis. No dia 23 de novembro de 1801, toda a Província das Missões, onde Passo Fundo estava inserido, passou definitivamente para o domínio português.

Os desertores anistiados, que conquistaram as Missões, foram reincorporados ao Exército Português e generosamente premiados com grandes extensões de terras, formando a base da aristocracia estancieira da região conquistada.

### A povoação das Missões

Uma vez dominadas as Missões, urgia povoá-las. As terras foram doadas a militares e pessoas que dispusessem de recursos para ocupá-las e enfrentar a ameaça de invasões castelhanas. Ofereceram terras também a homens casados, com experiência militar, o que levou muitos soldados a casarem-se às pressas com índias, dando origem ao missioneiro característico dos nossos dias, com sua cor acobreada, barba rala, bigodão preto caído sobre os cantos dos lábios e cabelos igualmente negros e grossos.

Ao mesmo tempo em que soldados casavam com as índias, os novos conquistadores retiravam grupos inteiros de guaranis e os transmigravam para outras partes do Estado, como Osório e a atual Gravataí. Na prática, reeditava-se a mesma política bandeirante, afastando os índios do seu local nativo, quebrando a ligação deles com a “terra mãe” e enfraquecendo o seu poder de rebelar-se contra os dominadores.

Argentinos e uruguaios não aceitaram pacificamente a conquista das Missões Orientais. Como conheciam a região anexada ao Rio Grande do Sul, conscientes disso, as autoridades portuguesas, adotaram as medidas acima e trataram de procurar um caminho que encurtasse as distâncias entre São Paulo e a “Província das Missões”.

A alternativa que consideravam mais plausível era a descoberta (ou redescoberta) de um caminho que passava pelo centro do campo dos biturunas, também conhecido como Ibitiru ou Ibiturana, que significa “serra negra”, a densa floresta do Alto Uruguai. Tratava-se, na verdade, de um antigo caminho indígena, que teria sido percorrido por jesuítas e guaranis, depois que os bandeirantes tomaram as Missões do Guairá, em 1630.

No atual território do Rio Grande do Sul esse “Caminho de Ibitiru” entraria pelo Passo do Goi-en, nas proximidades da atual cidade de Nonoai, encurtando em muito a distância até as Missões.

#### A “redescoberta” de Passo Fundo

Para abrir uma passagem que desse direto de São Paulo até as Missões, no Rio Grande do Sul, o governo daquela província determinou que o alferes curitibano Atanagildo Pinto Martins, em 1815, chefiasse uma expedição, que saindo dos Campos de Palmas, penetrasse no Rio Grande, aproximadamente onde hoje está situada a ponte do Goi-en.

Guiava essa força um índio de nome Jongongue ou Jonjong. Pouco sabemos sobre esse vaqueano, mas o que chegou até nós é suficiente para afirmar que ele conhecia profundamente o oeste catarinense e o norte do Rio Grande do Sul. Como essas regiões estavam sob o controle dos caingangues, que opunham pertinaz resistência à presença do homem branco, Jongongue se negou a conduzir a expedição rumo ao passo do Goi-en, preferindo seguir para o leste e depois para o sul, na direção dos Campos Novos, em Santa Catarina. Vadeou o Rio Uruguai, num local que ficou conhecido como Passo do Pontão, depois mudado para Passo do Barracão. Aí ingressou em território gaúcho, saindo nos Campos de Vacaria, atravessou o Campo do Meio, cortou Passo Fundo, rumando para as Missões.

A expedição de Atanagildo Pinto Martins apresentou-se ao comandante militar de São Borja das Missões no dia 17 de abril de 1816, noticiando a descoberta de um novo – e mais curto – caminho, ligando a Província das Missões ao centro do país. Na verdade, esse trajeto já era conhecido dos índios e, ao que tudo indica, os próprios bandeirantes já o utilizaram para destruir as primeiras reduções espanholas e conduzirem índios para São Paulo.

Alguns historiadores acreditam que esse novo caminho (também conhecido como Mondecaá, Caapi e “vereda das Missões”) já fosse usado por tropeiros e contrabandistas de mulas. A insistência das autoridades paulistas em descobrir o caminho pelo Goi-en

também leva a crer que fosse conhecido pelos bandeirantes, pois era utilizado, há séculos, pelos índios.

Uma vez cumprida sua incumbência, Atanagildo Pinto Martins regressou a São Paulo, pelo mesmo caminho, cruzando, de novo, por Passo Fundo. Entre Passo Fundo e Cruz Alta, determinou que os civis integrantes de seu grupo, à exceção de um índio, Antônio Pahy, prosseguissem na direção norte. Enquanto Atanagildo, os demais militares e Antônio Pahy seguiam a salvo de índios hostis, Jongongue e outros seis homens partiram na direção de Nonoai para nunca mais serem vistos.

Anos depois, os primeiros brancos que contataram com os caingangues e participaram das iniciativas para aldear os índios do Alto Uruguai, encontraram testemunhas do massacre de Jongongue e seus companheiros.

Certo é que a decisão de Atanagildo Pinto Martins desagradou a Junta paulista responsável por essa expedição. O alferes foi afastado do Exército e nomeado capitão-comandante de um corpo de guerrilhas, composto de sessenta homens, para lutar contra a invasão das Missões pelo índio guarani são-borjense Andrezito Artigas. Atanagildo permaneceu no Rio Grande do Sul lutando contra os guerrilheiros de Andrezito Artigas, e nessa luta perdeu seu próprio filho, Antônio Ribeiro Martins, de 17 anos.

A permanência de Atanagildo no Rio Grande e sua luta contra a invasão castelhana fizeram com que ele conhecesse a região e decidisse mudar-se para as Missões. Retornou a São Paulo para trazer os filhos, a segunda esposa, irmãos e demais parentes. Aproveitou as relações travadas com as autoridades rio-grandenses para obter grandes concessões de terras para si próprio e aparentados seus, em áreas do original município de Cruz Alta. Atanagildo fixou-se onde hoje é Santa Bárbara, seu irmão Rodrigo Félix Martins, montou fazenda em Pinheiro Mercado, hoje Carazinho; José Antônio de Quadros, outro parente dos Martins, recebeu imensa gleba de terras em área lindeira.

Antes disso, diversos militares ganharam grandes áreas de terra no que viria a ser o município de Passo Fundo.

#### A povoação de Passo Fundo

No primeiro quartel do século XIX, podem ser lembrados entre os militares que receberam grandes áreas de terras no futuro município de Passo Fundo, o sargento-mor Domingos da Silva Barbosa, entre Marau e Soledade, Antônio Rodrigues Chaves, pai, Antônio José Landim, Anastácio José Bernardes, Florentino José Soares, Fabrício José das Neves, pai, Atanagildo Rodrigues da Silva, pai, e Antônio José de Mello Bravo, no Rincão do Botucaraí, depois Soledade.

Como vimos, a povoação do primitivo município de Passo Fundo começou pela área rural, pelas bordas de Carazinho e Soledade. E continuou facilitada pela ação de tropas paulistas, curitibanas e lajeanas, que, passando pelo passo do Pontão, cruzavam pelo Mondecaá (Mato das Armadilhas, Mato Castelhana) e Caapi (Caminho do Mato).

A chegada do “cabo” Neves – Por aqui passou um dia o cabo de milícias Manoel José das Neves, nascido, perto de 1790, ao que tudo indica em São José dos Pinhais, distrito de Curitiba, Estado do Paraná, para participar da Guerra da Cisplatina, acabando ferido no combate do Rincão das Galinhas, em 24 de setembro de 1825. O Rincão das Galinhas é

formado pela confluência do Rio Negro, que nascendo em solo gaúcho vai desaguar em pleno território uruguaio.

Ferido de guerra, Manoel José das Neves requereu uma área de terras em Passo Fundo, fixando-se exatamente no local onde, no ano de 1826, o major Manoel da Silva Pereira do Lago, administrador militar de São Borja, havia se escondido, amedrontado com a aproximação do caudilho uruguaio Frutuoso Rivera. Este saqueou São Borja e seguiu seu próprio rumo com as carretas cheias de tudo quanto pôde carregar. Talvez não seja mera coincidência o fato de que o “cabo” Neves escolhesse o lugar próximo à fonte do Goioexim (água pequena) (Chafariz da Mãe Preta), onde o major fujão se protegeu. Acompanhavam-no famílias que formaram um grande acampamento. É possível que entre essas famílias estivesse a de Manoel José das Neves.

Essa possibilidade fica evidente, pois a pressa do cabo Neves (que, na verdade, seria capitão de milícias) em tomar posse da terra solicitada era tanta que nem esperou pela autorização. Pegou a esposa, Reginalda da Silva, parentes, escravos, os tarecos que deixara em São Borja e se mandou para Passo Fundo.

Chegando às terras que requerera, no final de 1827 ou princípios de 1828, Manoel José das Neves construiu um rancho provisório, segundo informações de seus filhos, onde hoje está o cruzamento das ruas Uruguai e 10 de Abril, proximidades da atual Praça Tamandaré.

Pouco sabemos sobre a vida de Manoel José das Neves. Ao que tudo indica nasceu em Curitiba no ano de 1787 e faleceu em Passo Fundo por volta de 1852. Era casado com Reginalda do Nascimento Rocha ou Reginalda Silva. Segundo o genealogista César Lopes, o casal teve os seguintes filhos: Salvador Neves Paim, Madalena Maria dos Santos, Fabrício José das Neves e Maria das Neves. Esta última casou-se com José Prestes Guimarães, deixando os seguintes filhos: Emília, batizada por Joaquim Fagundes dos Reis em 7 de novembro de 1848; Virgília; Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que chegou à presidência da província e a general maragato, e Maria Prestes Annes, casada com Gezerino Annes.

Apesar de passar para a história como “cabo”, é apresentado como “capitão de milícias” pelo historiador Hemetério José Velloso da Silveira e aparece como capitão do Exército Imperial em documentos do período farroupilha.

O fundador de Passo Fundo – Ao redor da casa do novel fazendeiro, agregados e escravos ergueram suas moradias. Apenas a 30 de novembro de 1831 saiu o documento concedendo quatro léguas quadradas de terras para o cabo Neves.

Sua propriedade abrangia a maior parte da atual área urbana de Passo Fundo, do Rio Passo Fundo ao Pinheiro Torto, mais os campos dos Valinhos, segundo as melhores fontes.

O que distingue a fazenda de Manoel José das Neves das demais fazendas da região é que ele permitiu a fixação de outros moradores, perto de sua casa, ao longo da estrada das tropas. A maioria dos historiadores assegura que a estrada das tropas corresponde à atual Avenida Brasil; outros dizem que seria a Rua Lava-pés.

O certo é que a cidade cresceu às margens da Avenida Brasil. Em 1834, o 4º Quarteirão de Cruz Alta, correspondente a Passo Fundo, contava com 104 fogões, isto é, 104 famílias

de pessoas livres, não levando em consideração os escravos e, provavelmente, muitos agregados. Tal crescimento permitiu a autorização para a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, que se localizava em ponto fronteiro à atual Agência dos Correios, porém com a frente voltada para o nordeste.

Perto da Capela, correspondendo mais ou menos ao quarteirão hoje formado pela Avenida General Neto e as ruas Coronel Chicuta, Independência e General Osório, ficava o cemitério onde só católicos eram sepultados. Com a chegada dos primeiros luteranos alemães, surgiu o Cemitério dos Acatólicos, às margens da antiga estrada para o Goi-en (Nonoai), hoje Rua Teixeira Soares. No local situa-se o Estádio Fredolino Chimango.

Tropeiros e paulistas – Como vimos antes, o caminho das tropas ou vereda das Missões, que atravessando Passo Fundo levava ao Passo do Barracão, era uma picada usada há séculos pelos índios. Por ela passaram as forças de Raposo Tavares, em 1638; o tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu também o teria percorrido, em 1738, e seria atravessado por ousados contrabandistas de tropas em décadas posteriores.

Redescoberto por Atanagildo Pinto Martins, em 1816, três anos depois o tropeiro paulista João José de Barros, que lideraria a criação de Cruz Alta, passou por aqui transportando uma tropa de mulas. Em 1822, Manoel Francisco Xavier e seu filho Francisco, juntamente com escravos e índios ervateiros, palmilharia o Mondecaá para montar um carijó em Palmeira, e comprar mulas na Fronteira, que levou para vender em Sorocaba.

A passagem das tropas de muares, o trânsito de forças militares, a produção de erva-mate e o comércio de couros de animais silvestres, associados à generosidade do cabo Neves em permitir a concentração de moradores em suas terras, viabilizaram o surgimento da atual cidade de Passo Fundo, sendo os fatores determinantes para a prosperidade do município.

Outro ponto que se deve salientar é o tipo humano que colonizou o original município de Passo Fundo: famílias com tradição de colonização, descendentes de homens e mulheres que, com o trabalho dos seus escravos, tinham desbravado os planaltos paranaenses. Os fundadores do município de Passo Fundo estavam amoldados à exploração do solo e das riquezas naturais, acostumados ao confronto com quem quer que fosse (índios ou espanhóis) que se opusesse aos seus objetivos de conquista do solo. Acostumados a ampliar seus domínios pessoais a ferro e fogo, aparentados entre si, todos carregavam em suas veias maior ou menor percentual de sangue indígena. Parece que a memória genética lhes assegurava a solidariedade tribal dos ancestrais nativos. Ameaçar a um desses pioneiros, era provocar todos eles.

### Crescimento vertiginoso

O crescimento de Passo Fundo, nos seus primeiros anos, foi vertiginoso. O poder público logo tomou medidas administrativas para assegurar a cobrança de impostos, instalando pontos para cobrança de tributos ao longo do caminho das tropas (Passo Fundo-Lagoa Vermelha), do caminho do Botucarai (Passo Fundo-Soledade).

Nesse processo de submeter a incipiente sociedade civil nascente, representada por Manoel José das Neves, teve papel importante Joaquim Fagundes dos Reis, verdadeiramente nosso primeiro político, responsável por liderar a subscrição para a criação da

Capela (em terras cedidas pelo “cabo” Neves), exercendo diversos cargos públicos e articulando a emancipação de Passo Fundo, através de acordo com líderes dos dois partidos, o Conservador e o Liberal, que monopolizavam o sistema político brasileiro da época.

Joaquim Fagundes dos Reis nasceu em Curitiba, onde foi batizado a 21 de dezembro de 1793. Em 1828, encontrava-se em Cruz Alta, onde batizou seu filho José. Estava casado com Vicência Pereira de Lima, com quem teve dez filhos. Casou em segundas núpcias com Emília Francisca de Borba, que lhe deu os filhos Lucrecia, Anacleto e Quirino.

Com o surgimento do povoado em terras de Manoel José das Neves, foi designado comissário de Polícia de Passo Fundo, em 1830, e juiz de paz, em 1834. Apoiou os farroupilhas, sendo preso e encaminhado para o Rio de Janeiro. Sua libertação foi paga pelos revolucionários. Participou dos movimentos para que Passo Fundo chegasse à condição de capela e à emancipação de Cruz Alta. Foi vereador na primeira legislatura, falecendo a 23 de julho de 1863.

Em 1834, uma força exploradora comandada por Bernardo Castanho da Rocha, descobriu os campos de Nonoai, e o quarteirão era elevado à categoria de 4º Distrito de Cruz Alta, sendo eleito Joaquim Fagundes dos Reis como Juiz de Paz, tendo como suplentes, Bernardo Castanho da Rocha, Rodrigo Félix Martins e João dos Santos. As autoridades religiosas, nesse ano, aprovavam construção da Capela, que já estaria concluída no final do ano seguinte.

Diariamente aqui chegavam paranaenses, lajeanos (catarinenses) e paulistas em busca de terras. Partidas de índios mansos, mamelucos e negros, comandados por brancos que conseguiam juntar alguns mil-réis, enfiavam-se pelos matos e serras à procura de ervais nativos a serem explorados e de peles animais silvestres. Logo, descobriram pedras semipreciosas, que acabariam exportadas para a Europa por comerciantes alemães. Talvez isso explique a presença de tantos brummers entre nossos imigrantes alemães. Caboclos tomavam posse de terras de ninguém, afastando os caingangues a ferro e fogo. Assim, quando a Revolução Farroupilha estourou em Porto Alegre no dia 20 de setembro de 1835, encontraria Passo Fundo em franco desenvolvimento.

### A Revolução Farroupilha

A Revolução Farroupilha representou o que de pior poderia ter acontecido para a florescente povoação de Passo Fundo. À exceção de alguns políticos, como Joaquim Fagundes dos Reis, a maioria dos passo-fundenses e cruz-altenses acabaram apoiando as forças imperiais.

Os habitantes do Planalto Médio Gaúcho, em sua maioria paulistas e paranaenses, não tinham os mesmos interesses dos fazendeiros da Fronteira. Estes, homens com propriedades no Brasil e no Uruguai, dependiam do charque. Ao contrário, a base da economia planaltina assentava-se no comércio de animais com o centro do país, o extrativismo ervateiro e de peles de animais silvestres e alguma produção de cereais.

Passo Fundo, em 1835, se constituía numa extensão da Província de São Paulo. Grande parte dos moradores locais retornou para suas regiões de origem ou aderiu às forças legais. Sirvam de exemplo, Manoel José das Neves, pelo menos por duas vezes preso

pelos farroupilhas, no posto de capitão do Exército Imperial, e Atanagildo Pinto Martins (e seu clã familiar), que rompeu com os farrapos. Atanagildo conduziu os caramurus gaúchos, numa incursão a Santa Catarina, derrotando os revolucionários no combate de Curitiba.

Por aqui passaram forças revolucionárias e legalistas, inclusive acampando em variados pontos do município.

Não ocorreram combates importantes, mas alguns episódios pouco divulgados aconteceram, como a derrota do general Pierre Labatut, mercenário francês, herói da Guerra da Independência. Humilhado pelos ataques que sofreu dos índios serranos, respondeu a conselho de guerra. Mesmo absolvido e reintegrado ao Exército Imperial, acabou com depressão profunda. Recolheu-se à capital baiana, onde faleceu.

A verdadeiramente esfarrapada e faminta infantaria de Pierre Labatut foi uma das diversas forças envolvidas na Revolução Farroupilha que passaram por nossa cidade.

Um povo em armas – A conquista das Missões, em 1801, marca a consolidação territorial, humana e econômica do Rio Grande do Sul. A exitosa expedição da cavalaria gaúcha, que imortalizou Borges do Canto, consolidando a imagem do centauro gaúcho, presença constante e base de toda a literatura gauchesca de língua portuguesa, praticamente delimitou as fronteiras sul-rio-grandenses e consolidou o poderio dos estancieiros-militares.

A conquista das Missões e a partilha do seu território entre veteranos das guerras de Fronteira transformou a nova unidade territorial brasileira em área ocupada por um povo em armas. Esse fato, como conquista militar de brasileiros – e muitos desses brasileiros naturais da própria província de São Pedro do Rio Grande do Sul – será fundamental para garantir a integração definitiva da região ao Brasil. Será, também, fundamental para integrar seus habitantes a todas as campanhas militares posteriores do Brasil e em todas as revoluções. Seis delas: 1835, 1893, 1923, 1924, 1926, 1930, aqui surgidas e lideradas pelos gaúchos; outras duas, 1932 e 1964, com participação marcante dos sul-rio-grandenses.

A revolução do charque – A Revolução Farroupilha foi obra e arte dos estancieiros gaúchos, em defesa dos seus interesses como produtores de charque. O charque era o petróleo daquela época. Os serviços, a indústria, a agricultura – toda e qualquer atividade econômica – eram movidos pela mão-de-obra escrava. E o combustível que fazia essas máquinas humanas moverem-se era o charque produzido no Rio Grande do Sul e nos países platinos, mormente no Uruguai. E isto, também, é importante porque a maior parte das fazendas uruguaias de criação de gado pertenciam a estancieiros sul-rio-grandenses. Para baixar os custos de produção do café, do açúcar e de outros produtos exportados pelo Brasil era importante que o preço do charque fosse baixo. Isso prejudicava grandemente e revoltava os estancieiros gaúchos de 1835, que controlavam todos os cargos públicos da Província. Com a nomeação de Antônio Rodrigues Braga para presidente da Província do Rio Grande, em 1834, os cargos públicos da província passaram para os conservadores, adversários políticos dos liberais, partido de Bento Gonçalves da Silva.

A demissão dos companheiros de Bento Gonçalves da Silva e dos demais farroupilhas, como eram apelidados os liberais, foi a gota d'água. O que aparece como “despotismo”,



nos manifestos, discursos e outros documentos dos farroupilhas, significa exatamente isso: a substituição dos seus correligionários pelos conservadores. A partir daí, a história é conhecida: o Rio Grande do Sul, durante dez anos (1835 a 1845), foi varrido pela mais demorada revolução brasileira, uma verdadeira guerra civil que ficou conhecida como Revolução Farroupilha.

Terra promissora – Passo Fundo, ao estourar a Revolução Farroupilha, começara a ser povoada há menos de sete anos. E crescia vertiginosamente. Acabou reduzida a cinco ou seis ranchos, segundo o testemunho recolhido pelo historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira entre pessoas que aqui viveram e, portanto, conheceram Passo Fundo daquela época.

O comércio de gados e outros animais, a erva-mate e as madeiras nobres eram as principais atividades econômicas do nascente Passo Fundo. Tropas de animais, atravessando o Mato Castelhana, o Campo do Meio e o Mato Português, cortando os atuais Estados de Santa Catarina e Paraná, seguiam para a Feira de Sorocaba, em São Paulo. Carretas com erva-mate, atravessando Cruz Alta, seguiam para os comércios na Fronteira. Cargueiros, em lombo de burro, alternando-se com carretas, tomavam o caminho do Botucaraí até Rio Pardo, e dali a erva-mate e o chá-de-mate, eram levados para os mais diversos pontos onde existissem consumidores para essas abundantes riquezas passo-fundenses.

Se o comércio de animais e de erva-mate representava a principal atividade econômica de Passo Fundo, quando começou a Revolução Farroupilha, diversos produtos agrícolas começavam a ser produzidos em abundância. A lavoura, ainda que incipiente, produzia milho, feijão, batatas, amendoim e arroz.

Em 1835, Passo Fundo possuía dois comerciantes: Manoel José das Neves, o primeiro morador, e Adão Schell, alemão, primeiro imigrante estrangeiro a instalar-se na área urbana da cidade. Ambos, fiéis ao governo do Império, abandonaram o município. Manoel José das Neves, no posto de capitão do Exército Imperial, aderiu às forças que combatiam os farroupilhas, e Adão Schell exilou-se no Uruguai, de onde, pacificado o Rio Grande do Sul, retornaria definitivamente para Passo Fundo.

A Revolução Farroupilha dividiu o Rio Grande e também dividiu Passo Fundo. Joaquim Fagundes dos Reis, José Antônio de Quadros, João Floriano de Quadros, Rodrigo Félix Martins, Manoel Antônio de Quadros e Manoel Joaquim de Britto apoiaram a Revolução Farroupilha, o que deveria ser natural, pois todos tinham ligação com a Guarda Nacional, que formou a base inicial do exército farrapo.

Terra dividida – Fiéis ao Império ficaram outros fazendeiros passo-fundenses que também deixaram numerosa descendência: Manoel José das Neves, Bernardo Paes de Proença, Manuel de Souza Duarte, Manuel José de Araújo e João da Silva Machado, Barão de Antonina, que residia em Curitiba, dono das fazendas do Arvoredo, do Cedro e do Sarandi.

Outros potentados da região que, de início, apoiaram a Revolução Farroupilha, mais tarde passaram para o lado governista, acompanhando Bento Manoel Ribeiro. É o caso de Atanagildo Pinto Martins, de Cruz Alta, e todo o seu “clã”, que incluía muitos moradores

de Passo Fundo e tiveram grande importância no combate aos revolucionários, inclusive em Santa Catarina.

Primeiros combates – Em 1838, o presidente em exercício da República Rio-Grandense, José Mariano de Mattos, teve de abandonar Porto Alegre, assediada pelas tropas legalistas. Seguiu para Lajes, pelo primitivo Caminho das Tropas, regressando ao Rio Grande pelo Caminho das Missões. Chegando em Passo Fundo, tomou o Caminho do Botucaraí (hoje Soledade), seguindo para o centro da província, assediando militarmente a capital gaúcha. Nesse mesmo ano, em fevereiro, o então coronel farroupilha João Antônio da Silveira estava em operações sobre o Mato Castelhana, para desalojar uma força imperial cruz-altense, comandada por Manoel dos Santos Loureiro, que ali se aquartelara.

Em 12 de janeiro de 1839, no Passo do Pontão, estrada de Campos Novos e Curitiba, uma força imperial da qual faziam parte muitos passo-fundenses e cruz-altenses, guiados por Atanagildo Pinto Martins, que abandonara os farrapos, derrotou uma tropa farroupilha comandada pelo tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes e seus valentes lanceiros negros, vingando a derrota que os imperiais tinham sofrido, pouco tempo antes, no mesmo local diante do incansável campeador republicano.

No final do ano seguinte, passariam outras forças por aqui. No dia 5 de dezembro de 1839, o coronel Agostinho Melo pede a Ricardo Antônio de Melo para comunicar a Bento Manuel Ribeiro que, tendo mandado um contingente de 50 homens reunir-se ao tenente-coronel Manuelito Aranha. Essa força foi atacada “para cá da estância do Lara”. Agostinho Melo afirma que a tropa era comandada pelo capitão Lima e que foi completamente destruída, ficando prisioneiro o tenente Saraiva. Apenas o capitão, com dois oficiais e oito soldados conseguiram escapar. Como eram poucos os farroupilhas estacionados em Passo Fundo, o que seria confessado pelos prisioneiros, ordenou que se retirassem para o Botucaraí (Soledade).

Francisco Antonino Xavier e Oliveira registra que a força imperial vinha de São Paulo e era comandada pelo capitão Hipólito Machado Dias. Segundo o pai da história passo-fundense, os farroupilhas eram comandados por um capitão de nome Felisberto, alcunhado de Carne Preta. Os caramurus fizeram 42 prisioneiros, que não opuseram resistência maior. Eram legalistas reunidos a ponta de espada.

O massacre das bugras – Hipólito Machado Dias deixou em Passo Fundo um contingente com 150 homens, comandado por um tenente de nome Lúcio. Este, ao que tudo indica, procurando reunir índios a ponta de espada, atacou uma aldeia de índios, matando e violentando mulheres, e, ainda, abandonando as crianças indígenas nas ruas de Passo Fundo. Em princípios de 1840, Bento Manoel Ribeiro passa por Passo Fundo, recolhe os pequenos órfãos e os remete para Domingos José de Almeida, um dos mais representativos líderes farroupilhas. Recomendava que as crianças fossem entregues a pessoas filantrópicas, que se responsabilizassem pela criação e educação dos adotados. Bento Manoel recomenda que as crianças, sob maneira alguma, fossem tratadas como escravos. Domingos José de Almeida, que pretendeu escrever uma história da Revolução Farroupilha, ainda em 1860, preocupava-se com o destino dos bugrinhos passo-fundenses. Mais precisamente, queria saber como estavam uma “bugrinha tomada ao pé de Passo Fundo” por Bento Manuel Ribeiro “para mandar criar e educar” e uma “menina achada no mato” pelo major Antônio Vicente da Fontoura.

Antônio Vicente da Fontoura, que seria encarregado, em 1844, de acertar a paz com o Império, no Rio de Janeiro, esteve em Passo Fundo, durante largo período. Aqui recolheu dinheiro entre proprietários rurais e manteve uma guarda, no Mato Castelhana, para a cobrança de impostos. Aqui, sua esposa deu a luz a Bento Porto da Fontoura, que ao publicar o livro de poemas Flores Incultas, em 1872, tornou-se o primeiro escritor pas-sofundense a editar um livro.

O massacre das bugras e o caso dos órfãos sensibilizou Domingos José de Almeida, que respondeu que os pequenos órfãos índios deveriam ser cuidados à custa da nação, pois os nativos deveriam merecer apreço de todos. A ação legalista contra os índios apenas aumentaria a revolta dos mesmos contra os brancos.

A operação Passo Fundo – O português Francisco José de Souza Soares de Andréa, legalista, exerceu a presidência da Província do Rio Grande do Sul, em duas oportunidades: entre 24 de junho de 1839 e 27 de junho de 1840 e entre 17 de abril de 1841 e 9 de novembro de 1842. Intransigente, aferrou-se ao plano de que os farroupilhas somente poderiam ser derrotados militarmente se conseguissem ser atraídos para um único local. Postos entre dois fogos, não resistiriam.

Um desses planos, poderíamos denominar exatamente de “operação Passo Fundo”. Aparentemente simples, consistia em atrair para cá o exército farroupilha, cuja maior parte, sob o comando de Bento Gonçalves da Silva e David Canabarro, mantinha um cerco sobre Porto Alegre e trazer em auxílio daqueles dois generais os farroupilhas da Fronteira. Para chamar os farrapos veio de São Paulo uma força com mais de mil homens, comandada pelo mercenário francês Pierre Labatut, herói das Guerras da Independência. Bento Gonçalves e David Canabarro, temendo que Labatut, descendo pela primitiva estrada das tropas, que passava por Torres, fosse atacá-los, favorecendo que as forças de Andréa, estacionadas em Rio Pardo, cercassem o exército farroupilha, adotou uma estratégia ousada. Abrindo picadas pela serra das Antas, saiu no Campo do Meio, então pertencente a Vacaria, quase caindo na armadilha pensada pelo presidente da Província.

Enquanto isso, os republicanos da Fronteira marchavam às pressas para Cruz Alta. Herói humilhado – Pierre Labatut viu sua tropa esfacelar-se nas serras de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tiveram de abandonar artilharia, armamento da infantaria e munições. Contribuiu para esse esfacelamento a dissolução do corpo militar formado por passofundenses e cruz-altenses comandado pelo coronel Antônio de Melo Albuquerque e o afastamento daquele oficial legalista. Além disso, sofreram ataques dos caingangues, no Mato Português e no Mato Castelhana.

Quando aqui chegou, em 7 de dezembro de 1840, seu exército estava reduzido a pouco mais de 300 homens, “todos mal armados e em um verdadeiro estado de nudez que faz pejo apareça em uma tropa da legalidade, e demais uns três grupos de homens a cavalo intitulados Corpos de Cavalaria e uma bagagem então numerosa de bestas em carga”, segundo deixou registrado o tenente-coronel Francisco de Arruda Câmara, que fazia parte dessa força. Pierre Labatut pouco permaneceu em Passo Fundo. Temendo a aproximação das forças de Bento Gonçalves da Silva e David Canabarro, pelo caminho das Missões e a subida de outros contingentes farroupilhas, que já dominavam Cruz Alta, tomou o caminho do Botucaraí (Passo Fundo/Soledade) e marchou na direção de Rio Pardo.

Imperiais esfarrapados – De Passo Fundo, onde estava acampado, em 5 de janeiro de 1841, Bento Gonçalves informa a Domingos José de Almeida, ministro do Interior que A deserção de Labatut foi espantosa; sua força reduziu-se a 400 homens; em sua fuga lançou seis bocas-de-fogo no Rio das Antas, grande porção de munições etc., etc. O depósito que tinha em Lajes ficou em nosso poder; nele acharam-se 800 armas de infantaria, 40 pistolas, algumas espadas, munições, 200 serigotes e outras miudezas. O povo lajeano e bem assim quase todos os homens que acompanhavam o estrangeiro, de Cima da Serra a Vacaria, ou que estavam asilados nos matos se têm apresentado, e mui breve terei uma boa divisão na Vacaria.

Bento Gonçalves também pouco ficou aqui. Logo seguiu para Cruz Alta. Das forças farroupilhas que passaram por Passo Fundo, faziam parte o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, sua mulher catarinense, Anita, e o filho gaúcho de ambos, Menotti. Ficaram acampados onde hoje é a Praça Tamandaré e abrigados numa casa, que pertencia ao Cabo Neves.

Enquanto a divisão paulista de Pierre Labatut era esfacelada pelos caingangues e desertores, na definição do Barão de Caxias, dois anos depois, os farroupilhas, que vieram atrás de Labatut, mesmo cruzando em áreas controladas pelos coroados, não foram atacados pelos selvagens. Segundo historiadores, como Evaristo Afonso de Castro, apenas o fato de que esses índios tenham sido forçados a abandonar suas terras no Paraná, pelos paulistas, justifica a violência com que atacaram o Exército Imperial, sem que tenham tomado qualquer atitude hostil contra os farrapos, conforme descrição de Garibaldi em suas memórias.

A operação Passo Fundo redundou em grande fracasso para as forças imperiais, representando uma vitória das tropas farroupilhas.

Outros combates – No dia 26 de janeiro de 1842, o tenente-coronel Francisco de Melo Bravo, liderança imperial do Botucaraí (Soledade), marchou para o Passo do Jacuí. A 31, uma tropa bastante superior de farroupilhas atravessou o referido passo, embaixo de vivo fogo, obrigando os legalistas a recuarem, deixando quatro mortos.

Já no dia 10 de março do mesmo ano, uma partida farroupilha, comandada por João Antônio da Silveira entrou em Passo Fundo, destruindo uma guarda de fronteira do 10º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, comandado pelo mesmo tenente-coronel Francisco de Melo Bravo.

Os legalistas tiveram um morto e outro inválido para sempre. O anarquista José Bernardo, como também eram chamados os farroupilhas, foi preso pelo tenente Antônio Portelo, tendo sido encaminhado preso ao comandante da 1ª e 2ª Divisão do Exército Imperial. Saliento que no documento oficial daquela época está grafado “tenente Antônio Portelo”, o que pode ser um erro, podendo chamar-se “Antônio Portela”.

A história da Revolução Farroupilha em Passo Fundo guarda a notícia de outros dois combates, um no Arroio Miranda e outro, que teria sido o mais violento, na coxilha entre o Arroio Lava-Pés e o Mato do Jabuticabal, possivelmente onde hoje estão localizadas a Vila Independente, o Bairro Edmundo Trein e a Vila Dona Júlia.

A Revolução Farroupilha representou uma verdadeira tragédia para a nascente povoação de Passo Fundo. Quando iniciou, contávamos com 140 residências; a agricultura

começava a desenvolver-se, exportávamos diversos produtos, entre os quais a erva-mate e o chá de mate. Com a revolução, muitas famílias migraram ou se exilaram no Uruguai. Passada a insubordinação, os colonizadores deram um exemplo, tanto que, no ano de 1836, a estatística oficial registra 1.159 moradores livres em Passo Fundo e 1.207, no Botucaraí, que seria distrito de Passo Fundo.

### A estrada das Missões

A nascente povoação de Passo Fundo enfrentava dois graves problemas de ordem prática: as péssimas qualidades do Caminho das Missões e os constantes ataques dos cain- gangues a viajantes e moradores no meio rural. Esses dois problemas ganharam repercussão nacional e a transformação do Caminho das Missões em estrada chegou a ser considerada a obra mais importante e necessária de toda a Província. De início, as passagens pelo Mato Castelhana e Mato Português eram picadas que não davam passagem a carretas.

Em 1º de dezembro de 1832, ao listar diversas obras de infra-estrutura importantes para a Província do Rio Grande do Sul, o presidente Manoel Antônio Galvão, assim se expressava:

De todas as empresas desta Ordem, a que me parece dever reclamar a vossa immediata attenção, he a abertura da estrada que conduz ao Registro de Santa Victoria: são guardadas de Bugres as matas denominadas Portuguez e Castella- no: soffrem nas suas Fazendas os viandantes; correm iminentes riscos as suas vidas, e o dispendio de seis contos de reis em que se orçou a obra, quantia de que bem depressa seria indemnizada a Nação com os direitos que cessa de perceber pelas hostilidades do gentio garante tantos males.

Pouco depois, o Caminho das Missões foi transformado em estrada, mas o empreiteiro realizou um serviço da pior qualidade, como se lê no famoso relatório apresentado pelo presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga, à Assembléa Provincial, no dia 20 de abril de 1835. É o relatório onde denuncia a conspiração farroupilha.

Fernandes Braga assim se refere ao Caminho das Missões:

A nova estrada do Matto Castelhana e Portuguez, que atravessa de Missões para a Provincia de São Paulo, foi dada por concluida pelo arrematante, porem, por informações do Engenheiro que a foi examinar, e de varios Juizes de Paz, consta-me que ella não satisfaz o fim a que se destina, por que não tendo as arvores sido bem cortadas bem junto do terreno, ficarão grandes tóros, que impedem o transito de carretas.

Por este motivo estou deliberado a não mandar satisfazer ao arrematante a ultima prestação, que se lhe deve, em quanto não cumprir exactamente as condições a que se obrigou pelo contracto.

Questão de segurança pública – Pacificada a província e já terminada a Revolução Farroupilha, em 1º de março de 1846, ao abrir a segunda Legislatura da Assembléa Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o conde de Caxias informava aos deputados que

Para afugentar os Bugres selvagens que atacavam os viajantes nas picadas dos mattos Portuguez e Castelhana, ordenei ao Tenente Coronel Antonio Maria, Commandante do 2º Batalhão de Caçadores, e da Guarnição de Cruz Alta, que mandasse alargar com mais de 30 braças as ditas Picadas, na extensão de 2 legoas e meia legoa pelo matto Portuguez, e de meia legoa pelo Castelhana, empregando nesse serviço para maior economia, 100 praças do dito Batalhão, vencendo a gratificação de 200 reis diários, e authorisando-o a chamar paisanos habilitados a esse trabalho, vencendo, além de uma etapa, 320 reis diários; esta obra está feita; e é mais uma sofrível estrada que tem a Provincia.

Podemos concluir que a transformação do Caminho das Missões, no Mato Castelhana e no Mato Português, picadas onde somente cruzavam animais, em estrada carretável, num total de aproximadamente 20 quilômetros, levou mais de uma década para ser concluída. Contribuiu para isso, a negligência do empreiteiro e o transcurso da Revolução Farroupilha. A obra só terminou com o concurso do Exército Imperial e paisanos contactados pelo Exército.

Luiz Alves de Lima e Silva, conde de Caxias, tinha uma grande preocupação com melhorias na Estrada das Missões, no combate aos ataques dos bugres e no aldeamento desses nativos. Em plena Revolução Farroupilha, no dia 28 de agosto de 1844, escrevendo de Caçapava ao marechal Thomas José da Silva, comandante militar de Porto Alegre, comunicava àquele oficial que tinha recebido comunicação do coronel Melo, poucos dias antes, de que índios e desertores, aliados, cometiam roubos pelas estradas e estâncias de Santo Antônio da Patrulha, a partir do Mato Castelhana e do Mato Português, aprovando a nomeação do tenente Vila para comandante da Polícia de Cima da Serra. Os ataques eram contra moradores dos atuais municípios de Lagoa Vermelha e Vacaria, então pertencentes a Santo Antonio da Patrulha.

O caminho das Missões e a guerra aos caingangues – Os constantes ataques dos caingangues constituíram o grande problema enfrentado pelos colonizadores de Passo Fundo. Ao contrário da Fronteira e das Missões, onde os primeiros brancos que ali se fixaram eram homens e acabaram, de início, unindo-se às índias, aqui estabeleceram-se famílias de colonizadores. A exemplo de Manoel José das Neves, Rodrigo Félix Martins e tantos outros, aqui chegavam acompanhados de mulheres, filhos, parentes e escravos. Como tinham famílias a zelar, essa preocupação aumentava. Daí a violência confrontando colonizadores e nativos. Na Fronteira e nas Missões, os brancos, ao se unirem com as índias, tornavam-se aparentados com os aborígenes, fazendo menos traumática a ocupação. Aqui, os colonizadores não se aproveitaram do “mus”, regime segundo o qual todo aquele que se une a uma mulher da tribo passa a fazer parte da família da índia.

Assim, os ataques dos índios contra as habitações dos brancos eram comuns. Os colonizadores, por sua vez, uniam sua tribo e investiam contra as tribos indígenas, realizando verdadeiros massacres, como testemunha o historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que conheceu muitos desses pioneiros.

O historiador preservou algumas passagens, até curiosas desses primórdios de nossa colonização. Conta, por exemplo, o caso de José Domingues Nunes de Oliveira, que morava na entrada do Mato Castelhana e fez amizade com os caingangues, conseguindo

que não assaltassem as comitivas por ele conduzidas. Quando não podia acompanhá-las, emprestava-lhes seu pala, vestimenta que, reconhecida pelos índios, deixava passarem incólumes os viajantes.

Outra feita, pretendendo os índios atacarem o povoado, postaram um espião no alto de um pinheiro. O povoado aparentava deserto. De repente, uma multidão saiu de uma casa. Temendo que todas as casas estivessem cheias, os bugres não atacaram. Era dia de missa. A casa era a Igreja.

Uma guerra escondida – O principal problema enfrentado pelos colonizadores paulistas de Passo Fundo foi o conflito com os índios. Trata-se de uma etapa de nossa história que ainda está por ser escrita. Nesse período, o território passo-fundense era integralmente ocupado pelos caingangues. Ao falarmos em qualquer uma de nossas nações indígenas, pensa-se que estas guerreavam entre si, mas que os índios da mesma nacionalidade eram unidos, o que não é verdade.

Os caingangues viviam em constantes guerras entre eles. Guerras que aumentaram em grau de violência, em princípio dos anos de 1800, quando foram expulsos do Planalto de Guarapuava pelos colonizadores brancos. Só lhes restou um lugar para onde fugirem:

Ibitiru, Ibiturana, a serra negra, o Médio e Alto Uruguai Rio-Grandense. Grande parte dessa região ficou pertencendo ao território passo-fundense.

Nonoai, Doble e Condá, nomes de caciques que se tornaram famosos, os dois primeiros dando nome a municípios do Rio Grande do Sul, eram originários do Paraná. Nonoai, facilmente se aliou aos brancos, dando nome à mais antiga reserva indígena do Estado e a um município gaúcho. Doble, também nome de cidade, esteve entre os que mais relutaram a se entregar aos brancos. Dos mais violentos, chegou a apoiar os brancos no massacre de uma dissidência de sua tribo, liderada por um negro conhecido como João Grande. Nessa chacina, uma de suas filhas foi morta. A violência de Doble era de tal monta que, ele próprio, nesse episódio, com suas próprias mãos, matou dois netinhos seus a bordunadas (cacetadas, para ser mais claro).

Em 1846, mal terminada a Guerra dos Farrapos, foi organizado oficialmente o aldeamento de Nonoai, em homenagem a um velho cacique caingangue desse nome. Dois anos depois, tinha início o povoado, origem da atual cidade de Nonoai. Era uma tentativa de reunir as hordas indígenas que perambulavam pelo território de Passo Fundo, entrando em confronto com os colonizadores.

A iniciativa de aldear os caingangues em Nonoai enfrentou sérias dificuldades pelas divergências entre os vários caciques, que travavam verdadeiras guerras entre seus grupos, e a ação dos brancos, usando as divisões entre os caingangues em proveito pessoal.

O massacre dos três serros – Sirva de exemplo o chamado “Massacre dos Três Serros”, ocorrido no dia 6 de janeiro de 1856. Até o presente, mereceu tratamento resumido e unilateral, omitindo-se a participação de brancos como instigadores da chacina.

Desde 1854, os índios da tribo do cacique Pedro Nicofé ou Pedro Nicofin estavam acampados nos campos de Arechi, como era conhecida a atual região de Erechim. Esses campos eram separados por uma restinga de outros campos que o alferes Clementino dos Santos Pacheco, havia comprado do major Antônio de Mello Rego.

Era um período bastante conturbado em termos de relações entre índios e brancos, entre índios e índios e entre brancos e brancos.

O primeiro diretor do aldeamento de Nonoai, João Cipriano da Rocha Loures, enfrentou sérias denúncias. Foi acusado de apropriar-se de recursos públicos destinados à manutenção do acampamento e de empregá-los para comprar a fidelidade de alguns caciques, para que se apropriasse de terras da região. Foi substituído por José Joaquim de Oliveira, outro paranaense, o qual, achando pouca a remuneração, demitiu-se. Nomearam como seu substituto o padre Antônio de Almeida Leite Penteado, que já fizera sérias acusações contra João Cipriano da Rocha Loures.

A politicagem dos brancos em torno do aldeamento de Nonoai só aumentava os conflitos, inclusive com o emprego de escrituras que materializavam negócios simulados.

O padre Antônio de Almeida Leite Penteado era amigo do alferes Clementino dos Santos Pacheco, que queria expandir seus domínios para os citados campos de Arechi, onde estavam os índios de Pedro Nicofé. E os índios diziam que nos campos comprados pelo alferes ficava um antigo cemitério caingangue, objeto de profanação pelos brancos.

No dia 6 de janeiro de 1856, os índios de Pedro Nicofé ocupavam as terras de Clementino dos Santos Pacheco e rondavam a sede da Fazenda Três Serros. Às primeiras horas da manhã, chegaram na sede e foram convidados para entrarem na casa e se alimentarem. Estavam na moradia o fazendeiro Clementino, José Pacheco de Carvalho, sobrinho do proprietário, o menor Manuel Pacheco dos Santos, os escravos Vicente, João, Ambrósio e Isidoro, estes dois menores. Também se achavam no local Maria das Dores, mulher do capataz José Antônio de Oliveira, Vitorino, menor de idade e filho de ambos, um escravo do casal, também menor, de nome Manuel, e, como agregados, os índios Joaquim Manuel, Brandina e Ana.

Os recém-chegados, recebidos por Clementino, eram João Grande, sua mulher Maria, além de Agostinho, Pedro, Salvador, Vicente, Francisco, José Crespo, Inácio, Querubino e Rosa. De repente, enquanto comiam, usando as facas cedidas pelos hospedeiros, avançaram sobre estes, salvando-se apenas o escravo Vicente, que comia na cozinha com o índio Agostinho. O negro conseguiu desarmá-lo e fugir juntamente com os crioulos Ambrósio, Manuel, Isidoro e Maria das Dores ou Maria do Carmo. Esta, no cavalo de que apeava seu filho, Vitorino, mortalmente ferido pelos atacantes.

Os índios Joaquim Manuel, Brandina e Ana, agregados de Clementino dos Santos Pacheco, foram denunciados como cúmplices do massacre.

Bernardo Castanho da Rocha, pessoa importante à época, possuía um comércio no Pinheiro Torto, aproximadamente onde hoje está a Capela de São Miguel, e muitos interesses em terras do futuro município de Erechim. Ele e sua amásia e ex-escrava, Maria Camila, que estava grávida, foram acusados de mandantes do crime, presos e recolhidos à cadeia pública de Cruz Alta. Acusada também foi a índia Rita, criada de Bernardo, e que estava grávida de seu filho natural Manuel Castanho.

Os autores do massacre dos Três Serros sofreram perseguição da cavalaria da 1ª Cia. da Guarda Nacional de Passo Fundo, comandada pelo tenente João Schell, e uma Esquadra de Pedestres, comandada por João Marcelino do Carmo, com trinta praças, mais um



grupo de índios chefiados pelo major Antônio Prudente, um dos caciques de Nonoai, amigos do padre Antônio de Almeida Leite Penteado.

No dia 13 de janeiro de 1858, os perseguidores encontraram os assassinos escondidos num mato. Enquanto a cavalaria da Guarda Nacional, constituída por brancos, permanecia no campo para proteger os índios do major cacique Antônio Prudente, este, seus liderados e um oficial de Justiça entravam no mato. Os primeiros a serem capturados foram Antônio Crespo e Joaquim Manuel. A seguir, prenderam outros 30 índios, entre os quais 13 mulheres e Pedro Nicofé.

O tenente João Schel, que ficara no campo, com sua cavalaria, para proteger os índios do major Prudente, ao retornar para Passo Fundo, temendo um ataque numa picada que deveria atravessar, mandou na frente um grupo de índios comandados por um índio conhecido como “tenente Portella” (havia muitos índios conhecidos por esse sobrenome), escoltando os quatro presos considerados mais perigosos. Ao cruzarem num lugar conhecido como “Restinga do Papudo”, os quatro presos teriam se rebelado, sendo mortos pelos índios que os conduziam. Entre as vítimas, contaram Pedro Nicofé e Antônio Crespo.

Diante dos constantes e violentos conflitos envolvendo índios e brancos, o governo da província determinou a substituição do padre Antônio de Almeida Leite Penteado, como diretor do aldeamento de Nonoai, recolocando em seu lugar major João Cipriano da Rocha Loures, até que convencessem o ex-diretor, comendador José Joaquim de Oliveira, a reassumir o cargo.

O próprio diretor geral dos Índios, José Joaquim de Andrade Neves, acusava o padre, diante do presidente da Província, de achar-se endividado com todos, embriagar-se até cair e de que o próprio bispo poderia informar sobre a imoralidade do sacerdote. Ao que parece, as animosidades contra o religioso teriam outras causas. Ele queria que as autoridades punissem os verdadeiros culpados pelo massacre dos Três Serros, os mandantes brancos, e que libertassem índios não indiciados, muitos deles crianças. Entre o padre bêbado e o major corrupto, a solução política optou pelo segundo.

A confusão continuou, pois João Cipriano de Rocha Loures era acusado pelo cacique Vitorino Condá e outros caingangues de adonar-se de terras indígenas da região de Guarapuava.

Todos esses fatos aconteceram cerca de um ano antes que Passo Fundo, a 28 de janeiro de 1857, fosse elevado à categoria de município, separando-se de Cruz Alta.

As disputas de terras, nos anos que antecederam à emancipação de Passo Fundo, intensificavam-se, também, pela procura de campos para inverno e criação de muaras, destinados ao próspero comércio com São Paulo. A disputa pelos campos era intensa entre os brancos e entre estes e os índios. Muitos caingangues trabalhavam como tropeiros, atividade que se adequava ao tradicional nomadismo aborígine. Outros, acabaram sendo absorvidos pela civilização branca e usados como agregados, especialmente como posteiros das invernações, dando origem aos caboclos serranos.

Os conflitos entre os índios e as forças militares dos primeiros colonizadores, máxime paranaenses e paulistas, no Paraná, permanecendo na memória desses primitivos habitantes de Passo Fundo, contribuíram para que eles, durante a Revolução Farroupilha,

atacassem a divisão imperial comandada pelo marechal Pierre Labatut, deixando passar incólumes os farroupilhas de Bento Gonçalves e David Canabarro. Serviram também, a que, mais tarde, apoiassem os federalistas. E mais, talvez aí encontremos uma certa aversão pelos paulistas.

A ocupação da área urbana de Passo Fundo começou em 1827, quando Manoel José das Neves aqui se fixou com a família e escravos. Ao permitir que outras famílias se instalassem ao longo do que hoje é a Avenida Brasil, nas proximidades do Colégio Notre Dame, contribuiu para o crescimento acelerado da povoação. Tanto isto é verdade que a 28 de maio de 1834 Passo Fundo passou à condição de 4o Distrito de Cruz Alta; menos de três anos depois, em 26 de janeiro de 1847, por lei provincial, a povoação passava à categoria de Freguesia. Finalmente, a 28 de janeiro de 1857, através do decreto no 340, do então presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, Passo Fundo era elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Cruz Alta.

Esse crescimento acelerado se deve a diversos fatores, além da disponibilização da área para a formação da cidade. Entre os quais pode-se destacar a posição geográfica privilegiada. Passo Fundo já era um centro viário, pois aqui se encontravam os dois principais caminhos usados pelos aborígenes desde tempos imemoriais: o caminho que ligava a Serra à Mesopotâmia Argentina e dali aos Andes, conhecido como Mondecaá (Mato das Armadilhas), da atual Vacaria a Passo Fundo e daqui, na direção de Cruz Alta, como Caapi e o caminho do Botucaraí, que se encontrava com o Mondecaá/Caapi, no Povinho Velho, seguindo dali, passando por onde hoje ficam diversos bairros de Passo Fundo, entre os quais São Luiz Gonzaga, Santa Maria, Don Rodolfo, Vila Carmem e Vila Luiza, seguindo pelo Rincão do Pessegueiro, cortando o município de Soledade até o centro do Estado, em Rio Pardo. Outros fatores: o tipo humano que colonizou Passo Fundo, com uma tradição de desbravadores, além das riquezas minerais, vegetais e animais encontradas do primitivo território passo-fundense.

Estavam, pois, definitivamente postas as premissas para a emancipação de Passo Fundo que no ano de 1857. Hoje, 150 anos depois, apesar dos pesares, o núcleo urbano passo-fundense ampliou essa representatividade, constituindo-se numa das mais importantes metrópoles regionais do interior brasileiro.

(\*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Data : 07/08/2007

Título : De footing a bobódromo, uma instituição comunitária

Categoria: Artigos

Descrição: Desde a Antigüidade, com a Ágora dos gregos, a praça transformou-se no centro de cidadania, por excelência. O poeta Castro Alves definiu-o muito bem nos versos que se tornaram famosos...

Paulo Monteiro (\*)

Desde a Antigüidade, com a Ágora dos gregos, a praça transformou-se no centro de cidadania, por excelência. O poeta Castro Alves definiu-o muito bem nos versos que se tornaram famosos: “A praça, a praça é do povo / Como o céu é do condor.” Na praça, os cidadãos se reúnem para reuniões políticas e comemorações cívicas e esportivas, como os antigos gregos.

A Praça Marechal Floriano é o “coração” de Passo Fundo. Até 1921 era cercada. O acesso ao seu interior se fazia através de porteiros giratórias existentes nos seus quatro cantos. Informa a professora Delma Rosendo Gehn, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, que no ano de 1918 ali já existia um quiosque. “Era o lugar de encontro dos passo-fundenses, onde eram discutidos os problemas sociais, políticos e econômicos, bem como onde a juventude tinha a oportunidade de ver os namorados”, conforme palavras textuais da historiadora.

Reeditava-se, aqui, uma das práticas da belle époque, da capital federal. Ponto de onde se revelavam as novidades e nascedouro de fofocas, as praças daquele período serviam de passarelas para as senhorinhas casadoiras e as casadinhas à procura de possíveis aventuras extra-conjugais. Dom Juans também faziam desses locais observatórios privilegiados.

Ao redor da Praça Marechal Floriano localizaram-se os principais cinemas de Passo Fundo. O primeiro deles surgiu em 1915, onde hoje está o prédio do Fórum, mudando-se pouco depois para a praça. Dois anos depois, na esquina da Avenida Brasil com a Sete de Setembro, onde está a a Comercial Zaffari, surgiu outro cinema, conhecido por Quinta. Em 1920, surge o Cine Coliseu, na Marechal Floriano, de propriedade de Florêncio Della Méa.

Com o aparecimento dos cinemas aumentou a concentração de pessoas em torno da praça, concentração que passou a ser conhecida como footing. O fotógrafo Deoclides Czamanski, em entrevista ao jornal Rotta, de 31 de março a 13 de abril de 2003, recordou aqueles encontros. “Lembro-me de que, em 1937, nos reuníamos na Rua General Netto, em frente ao cinema Coliseu, que se localizava onde hoje funciona um bingo. Os rapazes ficavam parados na calçada, enquanto as moças circulavam de um lado para outro, em plena rua, que, para isso era interrompida”. “Quando era para iniciar a apresentação da (fita) soava uma sirene e a concentração se dispersava. Uma parte entrava no cinema; outros iam para o Café Elite, que ficava ao lado da Catedral, e os rapazes mais afoitos dirigiam-se para os cabarés. Naquela época, preferiam o Cabaré da Maroca, que ficava na Rua Capitão Eleutério, onde hoje se situa o Edifício Ghelen. Depois se mudou para a Rua XV de Novembro”.

Deoclides, que registrou com suas lentes fotográficas momentos paisagens e aspectos da vida passo-fundense, ao longo de décadas, também documentou a antigüidade do encontro de jovens ao redor da Marechal Floriano. Com o tempo, o movimento se modificou.

Cessou a interrupção da Gen. Netto para o trânsito de veículos; as moças deixaram de circular pelo meio da rua. Os automóveis tomaram conta da pista de rolamento. O footing mudou de nome. Criou-se um neologismo, tipicamente passo-fundense: bobódromo.

Autódromo é o local onde os carros correm; motódromo, para motocicletas e bobódromo, onde os “bobos” circulam nos seus automóveis, para olharem as netas e bisnetas das senhorinhas de outros tempos.

Com o crescimento da cidade, a reunião mudou-se para a Rua Moron. O local ficou pequeno e os jovens se transferiram para a Avenida Brasil, entre as ruas Teixeira Soares e 10 de Abril.

Motoristas que precisam atravessar a Avenida Brasil reclamam das filas formadas pelos carros que circulam em baixa velocidade e que conferiram o nome de bobódromo à concentração. Canteiros e calçadas são tomados por moços e moças. Alguns consomem bebidas alcoólicas, mas a maioria prefere refrigerante ou o velho e tradicional chimarrão.

Os moradores das adjacências reclamam do barulho e das brigas. Uma estudante de Educação Física, entrevistada pelo jornal Rotta, disse que “o pessoal aqui é sadio. Ninguém vem para arrumar encrenca, para brigar. Estes sabem que aqui não é a praia deles e vão pros bares. Ali é que surgem as confusões”. “Confusões”, diga-se a bem da verdade, acontecem sempre que há concentrações de seres vivos, seja num vergel, entre flores; seja numa praia entre leões marinhos ou num serpentário. Por que não ocorreriam num footing ou bobódromo?

O certo é que a reunião de jovens iniciada ao redor da Praça Marechal Floriano, ainda na primeira metade do século passado, resistiu ao tempo e até adquiriu um nome caracteristicamente local. Quando Passo Fundo completa o sesquicentenário de vida independente o footing se transformou numa instituição comunitária, e até com um nome tipicamente local: bobódromo.

Data : 12/01/2009

Título : declaração

Categoria: Poesia

Descrição: por suas mãos seus olhos seus cabelos juro que nenhuma mulher no mundo existe

declaração

por suas mãos seus olhos seus cabelos  
juro que nenhuma mulher no mundo existe  
mais bela que você  
caso existisse outra  
seria simples invenção

assim como

comercial de televisão  
suas mãos grossas  
seus olhos cansados  
seus cabelos desganhados  
e o tanque

bate roupa

bate roupa

sossega joãozinho

sossega pedrinho

e aquele sorriso de menina  
nos lábios de mulher  
e aquele sorriso de mulher  
nos lábios de menina  
e aquelas cócegas nos meus calos  
que só você sabe fazer

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 14/08/1998

Título : Defenda-se dos Bancos estoura nas Livrarias

Categoria: Resenhas

Descrição: O livro "Defende-se dos Bancos", escrito pelo promotor de justiça Edgar Oliveira Garcia, já é um best-seller jurídico.

Defenda-se dos Bancos estoura nas Livrarias

PAULO MONTEIRO Especial para O CIDADÃO

O livro Defenda-se dos Bancos, escrito pelo promotor de justiça Edgar Oliveira Garcia, já é um best-seller jurídico. A primeira edição, com 3 mil exemplares, esgotou-se rapidamente e 3 milheiros da segunda, feita pela LED-Editora de Direito Ltda, já foram vendidos.

Para o autor a linguagem simples, dirigida ao público leigo, sem formação jurídica, está contribuindo para a grande circulação do livro. "O segredo dessa aceitação está na linguagem empregada - afirma Garcia -, pois livros para profissionais já existem no mercado. O que não se encontrava é uma obra que procurasse esclarecer ao cidadão comum, que é a vítima mais fácil nas mãos dos bancos".

## CONSELHOS

Edgar Oliveira Garcia, em seu livro, dá alguns conselhos muito simples para os correntistas. O primeiro deles é fazer valer seu direito de informação, exigindo cópia do contrato com o banco, pois esses prestadores de serviço não fornecem cópia daquele documento. O segundo conselho é que a pessoa procure decifrar o extrato bancário, obtendo informações sobre as siglas usadas. Outras duas orientações importantes: comparar as tarifas bancárias, negociando com os bancos que cobrem menos pelos serviços prestados e, em caso de renegociação de dívidas, jamais oferecer garantia hipotecárias (casa, carro ou qualquer outro bem de valor).

## DESRESPEITO

Os bancos sabem muito bem quais são os direitos dos seus clientes, mas se fazem de desentendidos. Com a diminuição dos índices inflacionários inventaram uma série de taxas para manter seus lucros elevados. E sempre que o correntista se sentir lesado deve procurar a orientação de um especialista no assunto. Caso não se satisfaça com isso pode recorrer à Justiça, através de um advogado.

"O mais importante de tudo - aconselha o autor do livro Defenda-se dos Bancos – é estar bem informado. A informação é o melhor instrumento que o cidadão pode usar para fazer

valer seus direitos". Sente-se uma necessidade informativa muito grande, nas mais diversas camadas sociais. E isso tem contribuído, também, para a ampla circulação da obra de Edgar Oliveira Garcia.

Passo Fundo, 14 de agosto de 1998.

Data : 12/05/2014

Título : Dentro

Categoria: Poesia

Descrição: Eu sei que existo

Dentro

Claudio Rodríguez Fer

Eu sei que existo

porque pus uma mão sobre teu ventre

e só tu estavas dentro.

(Tradução de Paulo Monteiro)

Data : 29/11/1996

Título : Depoimento sobre o brasil contemporâneo

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Moderna, de São Paulo, especializada na publicação de livros didáticos, está se destacando pela edição de obras paradidáticas.

## DEPOIMENTO SOBRE O BRASIL CONTEMPORÂNEO

por Paulo Monteiro

A Editora Moderna, de São Paulo, especializada na publicação de livros didáticos, está se destacando pela edição de obras paradidáticas. Neste segmento do mercado editorial ela está se inserindo com duas coleções, que merecem uma atenção especial: LOGUS, com textos de filósofos representativos, organizados e comentados por especialistas e POLÊMICA, desenvolvendo temas atuais.

Os leitores de O CIDADÃO tem tomado conhecimento de ambas as coleções. São livros de pequeno volume, escritos em linguagem acessível, servindo como introdução a assuntos importantes.

Hoje destaco REVOLUÇÕES DE MINHA GERAÇÃO, trata-se da adaptação ao formato da série, de uma longa entrevista do sociólogo Herbert de Souza (Betinho) ao jornalista francês Francois Bougon.

Aos 61 anos, Betinho é uma personalidade nacional. Conhecido como líder estudantil e dirigente de movimentos sociais católicos: JUC (\*Juventude Universitária Católica) e JEC (Juventude Estudantil Católica), braços da Ação Católica. Com o estado autoritário inaugurado em 1964 esses grupos iriam radicalizar-se, descambiando para contestação armada, negando a política moderada dos comunistas de inspiração soviética.

O livro-entrevista de Betinho é importante por ser o depoimento de quem teve participação ativa em muitos acontecimentos das últimas décadas: a luta pelas reformas de base, a legalidade, a resistência ao regime militar, a reorganização da sociedade civil, o impeachment de Collor, a defesa dos soropositivos e o combate à fome e a miséria. Betinho depõe de maneira franca. Exemplo dessa franqueza é o reconhecimento de que recebeu apoio financeiro da contravenção para o combate à AIDS, tendo sido usado pelo ex-Governador Nilo Batista para justificar outros apoios de contraventores.

As 127 páginas de REVOLUÇÃO NA MINHA GERAÇÃO merecem leitura atenta para reacender a memória dos mais velhos e aquecer as mentes mais novas. Afinal como sentencia Herbert de Souza: "O cidadão é um homem comum, não um santo ou um herói". E o livro se dirige aos homens comuns.

O Cidadão.

29/11/1996.

Data : 18/08/2003



Título : Depois do mal feito...

Categoria: Artigos

Descrição: Um velho adágio popular reza que “Depois do mal feito, chorar não é proveito”. Esse ensinamento popular vem a calhar com o momento político que estamos vivendo...

Depois do mal feito...

por Paulo Monteiro(\*)

Um velho adágio popular reza que “Depois do mal feito, chorar não é proveito”. Esse ensinamento popular vem a calhar com o momento político que estamos vivendo em Passo Fundo, após a conclusão dos trabalhos da CPI que investigou o PSH.

Não adianta chorar pelas conclusões da Comissão, o choro deveria ter acontecido, ou melhor, os olhos terem sido abertos, antes, para evitar os problemas que realmente aconteceram.

Os vereadores não inventaram nada. Os vereadores ouviram depoimentos, realizaram levantamentos técnicos e concluíram que ocorreram irregularidades. Abriram a contabilidade das empresas fornecedoras e constataram que entraram menos tijolos do que foram vendidos para o Município. Noutras palavras, encontraram tijolos fantasmas. Quem tenha acompanhado os trabalhos da Comissão sabe que isso realmente aconteceu para justificar o pagamento de mão-de-obra.

A existência de irregularidades do PSH foi reconhecida, inclusive por vereadores que votaram contra o Relatório/Parecer. Eles entendiam que o final do documento era muito duro em relação ao prefeito, especialmente ao remeter a certos artigos de determinadas leis, como é o caso do Código Penal, que podem levar à pena de reclusão.

Uma coisa que, à primeira vista, não tem explicação é a indignação com o encaminhamento do documento ao Ministério Público Estadual e à procuradoria Geral da República. Acontece que o prefeito, no dia imediato à aprovação do pedido de CPI, concedeu entrevista coletiva exibindo documentos que teria encaminhado aqueles órgãos fiscalizadores da Lei, solicitando que investigassem as denúncias.

Por que, então, a revolta?

Simplesmente, porque o situacionismo esperava que a CPI não descobrisse coisa alguma ou que os promotores de Justiça deixassem as correspondências dormindo no berço do esplêndido de gavetas.

A Câmara de Vereadores não julgou coisa alguma. Ela apenas apurou fatos que considerou irregulares e encaminhou para órgãos fiscalizadores da Lei e que podem denunciar qualquer tipo de irregularidade. Só isso. Nem mesmo o Ministério público pode

julgar. Se considerar procedentes as conclusões da Câmara, denuncia o fato ao Poder Judiciário e os tribunais é que vão decidir se houve ou não as irregularidades apontadas.

Quem está julgando, ou melhor, pré-julgando, é quem está furioso com as conclusões da CPI. E isso é muito grave, pois pode aos bons (ou maus) entendedores, significar uma confissão de que as irregularidades apontadas realmente existiram.

Há certos momentos em que o silêncio é a melhor coisa. Calar é uma arte e uma ciência. Há coisas em que quanto mais nela se mexe, mais emitem cheiro ruim.

Infelizmente para nós, passo-fundenses, teve gente que pecou e continua pecando por falar demais. É hora de bom-senso. É hora de confiar no Ministério Público Estadual e na Procuradoria Geral da República. É hora de confiar nos tribunais do Estado e da União, se até lá chegarem às coisas. Aliás, as decisões tomadas pela Justiça nos casos em que já foi solicitada a sua intervenção, guardam uma lógica inexorável. Basta que sejam lidos os textos expedidos pelos magistrados. A Justiça pode ser representada por uma senhora com olhos vendados, mas os juízes não são cegos.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha

Rotta

18/08/2003

Data : 17/01/1997

Título : Depressão e desvios sexuais

Categoria: Resenhas

Descrição: A ABBA PRESS EDITORA E DIVULGADORA CULTURAL LTDA, de São Paulo, está se consolidando como uma empresa especializada na publicação de livros de auto-ajuda.

DEPRESSÃO E DESVIOS SEXUAIS

por Paulo Monteiro

A ABBA PRESS EDITORA E DIVULGADORA CULTURAL LTDA, de São Paulo, está se consolidando como uma empresa especializada na publicação de livros de auto-ajuda.

Trata-se de um segmento do mercado editorial com um público ávido de novidades, e com um potencial de consumo significativo. A concentração urbana e a sociedade de nossos dias contribuem para a popularidade desse tipo de livro.

**CAMINHOS DA LIBERTAÇÃO:** Como vencer os maus pensamentos, carências afetivas, fantasias e compulsões sexuais, de Neil T. Anderson, e **LIVRANDO-SE DA DEPRESSÃO,** de Sue Atkinson, foram editadas há pouco em português.

Diferentemente da maioria das obras do gênero, influenciadas claramente pelo movimento Nova Era, os volumes publicados pela ABBA PRESS não se filiam aquela corrente do pensamento contemporâneo.

Sue Atkinson, que sofreu durante anos de depressão, aproveita sua experiência junto a outras vítimas da doença, bem como farta bibliografia sobre o assunto, para produzir um livro altamente ilustrativo. Sua leitura é agradável contribuindo para que o leitor não especializado adquira conhecimentos básicos, a seu nível, sobre o assunto.

Já Neil T. Anderson, que realiza um trabalhos de recuperação de pessoas com desvios de conduta sexual e problemas de relacionamento no matrimônio, escreve um livro dedicado aqueles que enfrentam esses problemas. Não aceita o homossexualismo, a pornografia em suas múltiplas formas, a exploração sexual de pessoas (adultas ou crianças) e o adultério.

Para Neil T. Anderson essas situações trazem sérios problemas às pessoas que os vivenciam e à sociedade; muito mais do que comumente se imagina. Acredita que há forças espirituais demoníacas que exercem influências sobre elas, mas acredita um peso muito grande às experiências da infância. Rompimentos, cada vez mais comuns, na família monogâmica são elementos básicos para esses desvios.

Tanto Sue Atkinson, com a depressão, quanto Neil T. Anderson, com os desvios sexuais e adultérios, vão apontando soluções para os problemas enfocados. E o fazem de maneira clara, plenos de um sentimento de amor e respeito pelas pessoas que vivem aquelas situações.

Li esses dois livros da ABBA PRESS pensando em tantas pessoas que conheço e no bem que lhes faria o lerem **LIVRANDO-SE DO DOMÍNIO DA DEPRESSÃO** e **CAMINHOS DA LIBERTAÇÃO**.

O Cidadão.

17/01/1997

Data : 10/02/2009

Título : Despedida

Categoria: Poesia

Descrição: chegaste na manhã calma como um pássaro ferido

depedida  
chegaste na manhã calma  
como um pássaro ferido  
que a chuva houvesse molhado  
tremias e os olhos trêmulos  
os olhos tremeluziam  
como gotas de sereno  
brilhando em terra lavrada  
onde cresciam espigas  
do trigal dos teus cabelos

plumas e espigas molhadas  
frio de ave e cor de trigo  
água de chuva no rosto  
água de sanga nos lábios  
cheiro de terra lavrada  
por arados de volúpia  
violência de sentimentos  
e uma esperança violenta  
sob um frio de passarinho  
e louro trigo à espera  
do afago de um ceifador

aqueci-me no teu corpo  
que outras mãos enrijeceram  
colhi teu trigo dourado  
e ensilei-o no meu peito  
e à solidão daquele  
que dá o pão que lhe falta  
dei de beber nos teus lábios

água de sanga bebi-te

acostumada aos rigores  
da chuva a ave fugiu  
acostumado à bruteza  
o trigo não quis cuidados  
aos musgos acostumada  
a sanga fugiu-me aos lábios  
ou lhe agradei de tal forma  
que me julgando maior  
do que sou sumiu-me aos pés

terra lavrada ave trêmula  
hei de guardar o teu gosto  
água de chuva no rosto  
água de sanga nos lábios

Data : 22/11/2009

Título : DEUS FALA PELA BOCA DOS POETAS

Categoria: Discursos

Descrição: Entro nesta casa conduzido pelas mãos de meu padrinho...

DEUS FALA PELA BOCA DOS POETAS

Senhora Alba Pires Ferreira, presidente da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, em cujo nome saúdo os demais integrantes da mesa e as personalidades presentes:

Sejam minhas primeiras palavras de agradecimento pela generosidade de meu confrade Nadir Silveira Dias em indicar-me para membro correspondente da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves; de gratidão pela aprovação do meu nome e pela maneira

carinhosa com que tenho sido tratado antes mesmo de tomar posse neste sodalício. Sejam minhas primeiras palavras, de igual agradecimento, pela escolha de minha filha Sara Adália Machado Monteiro para integrar o Clube Infante-Juvenil Erico Veríssimo, outra manifestação de vossa generosidade, em reconhecimento à participação dela no movimento Poetas Del Mundo.

Durante o II Encontro da Academia Brasileira de Letras – Revisitando os Clássicos, ocorrido em Passo Fundo, em 2007, o acadêmico Marcos Vinícios Villaça, então presidente da “Casa de Machado de Assis”, falando sobre a histórica vaidade dos imortais, contou sua convivência, desde moço, com Gilberto Freyre, um dos intelectuais mais vaidosos que o Brasil já produziu. O autor de “Casa Grande e Senzala” empregava o método de conviver com os mais jovens para dominar seu espírito vaidoso.

Senhora Presidenta Alba Pires Ferreira, esta casa, ao criar o Clube Infante-Juvenil Erico Veríssimo, adotou um procedimento exemplar. Estes meus dois anos à frente da Academia Passo-Fundense de Letras têm sido um doutorado em administração de vaidades, próprias e alheias. A generosidade que tendes me dispensado, antes mesmo de assentar-me nesta cadeira sob o patronato de Aureliano de Figueiredo Pinto, comprova o acerto da convivência entre intelectuais veteranos e iniciantes. É o que temos feito em Passo Fundo, abrindo as portas de nossa setuagenária Academia à confraternização com jovens escritores e a tantos quantos escrevam.

Entro nesta casa conduzido pelas mãos de meu padrinho Nadir Silveira Dias, jurista, poeta e contista e sob o patronato do autor de “Romances de Estância e Querência”. Ambos nasceram no interior do Estado; um no Lajeado dos Silveiras, em Piratini; outro na Fazenda São Domingos, em Tupanciretã; os dois fixaram-se na Capital Gaúcha, labutando no serviço público; o primeiro aqui permaneceu; o segundo retornou, não se aquerenciando às margens do Guaíba. Em ambos, guardadas as intensidades devidas, vicejam o lirismo e o amor ao meio rural.

Há muito mais em comum entre Nadir Silveira Dias e Aureliano de Figueiredo Pinto do que se possa imaginar. O lirismo, o bucolismo e o humanismo irmanam esses nomes que me tutelarão nesta casa. E com eles (temas e autores) me identifico. Pena é que não posso estender-me quanto a estas afinidades.

Nadir Silveira Dias, em seu livro “Rastros do Sentir”, assim se revela, no poema intitulado “POESIA, CANTO, PAIXÃO”:

A poesia que leio  
Me faz reviver.  
O canto que canto  
Me faz renascer.  
O assobio revela  
O que não sei cantar  
E tudo isso compõe  
O amor, a paixão

Que tenho pela vida,  
Pelos demais irmãos,  
Pelo meu chão!

Ecoam estes versos o mesmo sentimento humanista que perpassa um dos mais belos poemas que já se escreveu no solo rio-grandense, “BISNETO DE FARROUPILHA”, de Aureliano de Figueiredo Pinto:

Pobre... Mas livre! Gauchito  
no sol-a-sol, sou o que sou.  
Pois nem dom Pedro Segundo  
não pode – o senhor de um mundo!  
dobrar o meu bisavô.

Com esta alma guapa nos tentos  
debaixo do meu sombreiro,  
pelo Poder e o Dinheiro  
nunca ninguém me levou.  
Pois nem o taura Castilhos,  
famoso pelos codilhos,  
pode voltear meu avô.

E ao tranco do meu Lobuno,  
passam por mim carros finos,  
com espertos e ladinós  
que a escovação empilchou.  
Sigo... Às vez' sem nenhum cobre,  
sem que a secura me dobre!  
– Se meu Velho está índio pobre,  
porque a ninguém se dobrou.

Conterrianos, moços lindos,  
com humildades de escola,  
curvam a espinha de mola,

no culto de um ditador,  
seja qualquer que ele for!  
– Com a fumaça de um bom fumo,  
chapéu torto, corto o rumo,  
ao tranco do meu Lobuno,  
sem dar louvado a um senhor.

Deus velho dá o sol também  
ao que sabe ser torena  
e não suporta cadena  
de feiticeiro ou papão.  
Não me enredo nessas trampas!  
E vou cruzando estes Pampas,  
só escravo do coração...

.....

AMGOS!... Quando eu me for  
ao país do eterno olvido,  
aqui fica este pedido  
antes que a Morte comande!  
– Ponham-me ao peito sem chucho  
o santo trapo gaúcho  
da tricolor do Rio Grande!

O protocolo e o respeito aos demais oradores impõem-me brevidade. Assim, como já vos disse, não posso aprofundar a análise literária dos dois poetas.

Quem quer que leia minha obra encontrará muitas afinidades com Nadir Silveira Dias e Aureliano de Figueiredo Pinto. E o duplo patrocínio desses dois nomes venerandos obriga-me a empregar todos os esforços possíveis para contribuir com este sodalício, fundado há 43 anos por uma plêiade intelectual hegemônica por Celeste Maria do Amaral Maserá, Italina Rangel do Amaral, Dora Konrad, Maria Carracedo Pampim, Virgínia Michielim, Cezarina Barreto Ayres e José Cezar Pinto.

Encerro minhas palavras homenageando os demais confrades com um Rubay, o tradicional poema de origem árabe, que publiquem em diversos sítios da Internet:



Neste mundo de coisas abjetas,  
onde falam por Deus falsos profetas,  
da mesma foram que nos tempos bíblicos,  
Deus fala pela boca dos poetas.

Muito obrigado.

(\*) DISCURSO PRONUNCIADO PELO ACADÊMICO PAULO MONTEIRO, NO PLENÁRIO ANA TERRA, DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, NO DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2009, AO TOMAR POSSE NA CADEIRA Nº 13 DA ACADEMIA DE ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS CASTRO ALVES, COMO MEMBRO CORRESPONDENTE.

Data : 17/10/1997

Título : Dialética e futuros contingentes

Categoria: Resenhas

Descrição: Dentro da COLEÇÃO FILOSOFIA, a EDIPUCRS (Porto Alegre) está publicando a segunda edição de DIALÉTICA PARA PRINCIPIANTES...

Dialética e futuros contingentes

por Paulo Monteiro

Dentro da COLEÇÃO FILOSOFIA, a EDIPUCRS (Porto Alegre) está publicando a segunda edição de DIALÉTICA PARA PRINCIPIANTES, de Carlos Cirne-Lima , o que comrpova a aceitação do livro.

Iniciando pelo estudo dos filósofos pré-socráticos e chegando a autores contemporâneos como Popper, Adorno e Habermas, Carlos Cirne-Lime efetua um levantamento das

marchas e contra-marchas empreendidas pelos filósofos no estudo da lógica dos opostos, encontrando as raízes mais sólidas dessas caminhadas em Platão e Aristóteles.

O trabalho de Carlos Cirne-Lima talvez tenha despertado interesse pela atualidade do tema, pela necessidade de entendimento de verdade e falsidade e pelo impasse (ideológico) vivido atualmente com o descrédito do materialismo dialético e sua aplicação prática, o materialismo histórico. Aliás, o autor trata desse tema, diretamente, no Capítulo 4, da II Parte, embora perpassasse pelos demais capítulos do volume.

O grande erro dos dialéticos consiste em pensarem o objeto fundamental da Dialética, aquilo que Cirne-Lima chama de “oscilação perpétua entre a verdade e falsidade”, como algo exclusivamente racional. Isso é que levou á escolástica marxista, á inquisição e ás fogueiras (com fusis) de “São Stalin”.

Entre essa “oscilação” eleva-se o dever-ser, a limitação do predeterminado, os nexos não-necessários ou “contingentes”, para usar a expressão de Carlos Cirne=Lima (p.210).

Aí é que entra a importância da leitura, também, de outro volume da mesma Coleção: O PROBLEMA DOS FUTUROS CONTINGENTES, de Fernando Pio de Almeida Fleck, que trata exatamente desse elemento indeterminado ou indeterminável, que tem preocupado os lógicos desde os primórdios da Filosofia entre os gregos.

Se Carlos Cirne-Lima avança da razão teórica até o terreno da razão prática para explicar os limites da Dialética, Fernando Pio de Almeida Fleck fica nos planos teóricos, o que contribui, em se fazendo uma leitura combinada de ambos os livros, para um recíproco e melhor entendimento dos mesmos.

O PROBLEMA DOS FUTUROS CONTINGENTES contribui para que aquela limitação da Dialética, pelo uso que dela muitos fazem e da qual vamos encontrar exemplos em DIALÉTICA PARA PRINCIPIANTES, fique mais clara para os leitores não especializados.

O Cidadão.

17/10/97

Data : 01/11/1996

Título : Diálogo com deus

Categoria: Resenhas

Descrição: Vão longe os tempos em que um homem como João Ferreira de Almeida era condenado á morte na fogueira pelo crime de traduzir a Bíblia para o português.

DIÁLOGO COM DEUS

por Paulo Monteiro

Vão longe os tempos em que um homem como João Ferreira de Almeida era condenado à morte na fogueira pelo crime de traduzir a Bíblia para o português. O chamado espírito moderno e, segundo muitos, já pós-moderno, não admite que situações daquelas continuem. Elas vigoram, apenas, sob as teocracias orientais, ainda que sob o manto do ateísmo filosófico.

A Paulus Editora acaba de publicar DIÁLOGO COM DEUS: INTRODUÇÃO À “LECTIO DIVINA”, de Garcia M. Columbás. O Autor, baseando-se em boa bibliografia e tradicionais pensadores cristãos estende-se sobre a leitura da Bíblia.

Quando oramos falamos com Deus, abrimos nossos corações com Ele; quando lemos a Bíblia ouvimos Deus, saboreamos suas palavras. Esse é o pensamento do cristianismo, que circula pelas páginas do livro de Garcia M. Columbás.

Baseado nos ensinamentos dos Pais da Igreja, o Autor mostra que a leitura da Bíblia recomenda-se, no geral, que seja feita em voz alta. Criaturas de Deus, quando lemos suas palavras, em voz normal de quem conversa, é como se a Ele mesmo ouvíssemos.

Essa leitura deve ser acompanhada da oração, pois assim estabelecemos verdadeiro diálogo com Deus, ouvindo e falando com o Criador.

Os antigos ensinavam quatro degraus para o entendimento das Escrituras: Lectio (leitura), Meditatio (meditação), Oratio (oração) e Contemplatio (contemplação). García M. Columbás acaba lembrando mais dois, a Colatio (diálogo) e a Eructatio (o espalhamento da Palavra).

Para que esse processo seja completo e útil há três condições indispensáveis: pureza de coração, desprendimento e docilidade e espírito de oração. Os frutos de um tal procedimento não de ser uma mentalidade bíblica, uma total renovação, uma piedade objetiva, uma vida de oração, uma experiência de Deus e uma grande felicidade.

Eis, em linhas gerais, as ideias mestras de DIÁLOGO COM DEUS: INTRODUÇÃO À “LECTIO DIVINA” de Garcia M. Columbás, um livro que li com avidéz e prodigalidade de tinta com que sublinhei largas passagens para releituras, que fiz, e consultas futuras.

Trata-se de obra básica para aqueles que desejem até mesmo adquirir conhecimentos sobre um método de leitura de um dos monumentos do pensamento universal e que tem influenciado intelectuais dos mais diversos matizes ideológicos ao longo dos últimos milênios.

O Cidadão.

01/11/1996.

Data : 30/12/1996

Título : Dicionário Teológico

Categoria: Resenhas

Descrição: Dicionário são sempre indispensáveis em qualquer biblioteca. Mas dicionários há que se resume a meras transcrições, aqui e ali alteradas, de outros.

## DICIONÁRIO TEOLÓGICO

por Paulo Monteiro

Dicionário são sempre indispensáveis em qualquer biblioteca. Mas dicionários há que se resume a meras transcrições, aqui e ali alteradas, de outros.

A Casa Publicadora das Assembleias de Deus, do Rio de Janeiro, está publicando o DICIONÁRIO TEOLÓGICO: Com Etimológicas e Locuções Latinas; de Claudionor Corrêa de Andrade.

Trata-se de uma obra de leitura e consulta; de leitura, porque escrita em linguagem acessível, num estilo conciso, o que não significa apressado; de consulta, pois as informações etimológicas sobre os termos e expressões reunidos e as remissões a passagens bíblicas contribuem para o aprofundamento dos estudos do leitor das Escrituras.

Ademais, Claudionor Corrêa de Andrade, ultrapassa os limites de um mero dicionário teológico ao listar expressões que se referem de maneira especialíssima à filosofia.

Outra característica do DICIONÁRIO TEOLÓGICO, editado pela CPAD, é que não reúne termos e expressões isentos de uma indicação interpretativa. Quando dá o significado, o Autor o faz sem esconder sua condição de cristão pentecostal. Sirva de exemplo 'ECUMENISMO [Do gr, oikomenikos, universal; do lat. oecumenicus]. Inicialmente, o ecumenismo era a concretização do ideal apostólico de agregação de todos os que professavam o nome de Cristo. Com o passar dos tempos; porém, a palavra foi sendo desvirtuada até ser tomada como um perfeito sinônimo para sincretismo religioso (...)"

São características assim que tornam o DICIONÁRIO TEOLÓGICO, de Claudionor Corrêa de Andrade, uma obra de referência obrigatória. Suas experiências como pregador e professor de Teologia Sistemática e Filosofia contribuíram para que o livro não se tornasse cansativo à leitura, como a maioria dos dicionários.

O Cidadão.

30/12/1996.

Data : 31/08/2002

Título : Dilemas eleitorais

Categoria: Editoriais

Descrição: Aproximam-se as eleições e a campanha eleitoral entra em sua fase decisiva.

## Dilemas eleitorais

por Paulo Monteiro

Aproximam-se as eleições e a campanha eleitoral entra em sua fase decisiva. Os candidatos e seus apoiadores empregam os mais diversos argumentos para conquistar os votos dos eleitores, muitos destes ainda indefinidos quanto em quem votar.

Em Passo Fundo, há 13 candidatos a deputado estadual e cerca de uma dezena de postulantes á Câmara dos Deputados, para um colégio de 114.255 eleitores. É claro que o numero de votos válidos será, como sempre, menor do que esse número.

Um dos argumentos mais usados é de que os passo-fundenses devem votar em candidatos locais. É claro que sempre haverá votos para concorrentes originários de outros municípios e de que os candidatos locais necessariamente necessitarão de votos fora de Passo Fundo. Até mesmo pelo número de candidatos apresentados.

Algumas pessoas defendem a tese de que era preciso os partidos acertarem o lançamento de três candidatos: um pela esquerda, outro pelo centro e o terceiro pela esquerda. É um exercício de maniqueísmo puro. A sociedade, sociologicamente falando, é mais complexa do que concebem os estrategistas políticos de plantão.

Além disso há uma confluência entre interesses partidários e pessoais. Partidos querendo garantir espaço, pessoas buscando manter ou ampliar horizontes com vistas ás próximas eleições municipais, eis o quadro que se nos apresenta.

Quanto aos chamados “candidatos de fora” eles continuarão atuantes. Passo Fundo é uma cidade que recebe migrantes dos mais diversos rincões, com eles virão os amigos, os parentes, os conhecidos que postulam mandatos na Assembléia Legislativa ou na Câmara Federal. Os brigadianos, os ferroviários, os eletricitários e outras categorias profissionais continuarão apoiando aqueles que defendem seus interesses corporativas. E isso é justo, justíssimo.

Os passo-fundenses somente voltarão a ter representatividade quando se conscientizarem de duas coisas: precisam votar em candidatos que efetivamente queiram

ser deputados e que tenham base eleitoral fora de Passo Fundo, também. Os nossos dois representantes no parlamento nacional comprovam essa assertiva. E isso vai acontecer quer queiram ou não queiram os aproveitadores e os oportunistas.

O Cidadão

31/08/2002

Data : 14/01/2009

Título : Distância

Categoria: Poesia

Descrição: olhos curtos terra longa gente cansada esperando

distância

olhos curtos terra longa  
gente cansada esperando  
sentada pelos barrancos  
olhos curtos terra longa  
que longa se alonga longa  
por léguas palmos de chão  
olhos curtos terra longa e  
os olhos se vão cansando  
no corpo cansado e suado  
enquanto a mão passa e prende  
seus dedos pelos torrões  
que dos barrancos resvalam  
olhos curtos terra longa  
quão longa estrada é margeada  
pelos barrancos de pedra  
olhos curtos terra longa  
mas todos olhos se alongam

e toda terra se encurta

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 10/01/2009

Título : Dizem que sou poeta

Categoria: Poesia

Descrição: dizem que sou poeta não sei não a vida é dura demais para poesia

dizem que sou poeta

dizem que sou poeta não sei não  
a vida é dura demais para poesia  
a vida é crua é nua demais para poesia  
a sobrevivência exige inventividade  
astúcia vivacidade demais para poesia  
por isso o poema é duro cru e nu

se não for duro cru e nu não será poema  
será uma bruxa metafísica  
montando um cabo de vassoura  
perdão montando uma lista de sangue  
vermelha rubro fazendo estripulias  
pelos fios telegráficos do vento

tenho que falar de flores de jardins de mulheres belas e sãs  
mas como falar se as flores estão envenenadas

se os jardins estão sujos de lixo  
se as mulheres estão sendo devoradas por elementos químicos  
são flores jardins mulheres ainda serão flores jardins mulheres

então que poema existirá logicamente  
que poema senhores críticos amantes de uma senhora histórico-estéril  
mas de alta sociedade

então que poema existirá que não seja duro cru e nu

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 06/02/2009

Título : Do amor

Categoria: Sonetos

Descrição: teu corpo é suave como a pluma leve de um pintassilgo quando deixa o ninho

do amor

teu corpo é suave como a pluma leve  
de um pintassilgo quando deixa o ninho  
e como uma avezinha mal-crescida  
procuras tonta as margens do caminho

levo emplumada a mão que fina escreve  
busco prender teu corpo num delírio  
e foges sorumbática e aturdida  
como seu eu fosse víbora ou martírio

depois cansada paras minha presa



entregas-me teu corpo frio de medo  
e após refeita como uma ave ileisa

adormeces na tarde e acordas cedo  
já sem frio já sem medo linda e dócil  
começando um trinado no meu dedo

Data : 28/07/2008

Título : Do Jenipapo ao Arroio Teixeira

Categoria: Artigos

Descrição: ...exemplos de que, em qualquer tempo, o desejo de liberdade é a mais eficiente das defesas.

### Do Jenipapo ao Arroio Teixeira

Creio que os leitores da Revista Somando jamais ouviram falar em Adrião Neto. É uma pena. Trata-se de um dos mais brilhantes pesquisadores da história, da literatura e da cultura piauienses. Autor de obras fundamentais sobre aquele estado nordestino o escritor, de 54 anos, é um polígrafo dos mais produtivos, mas apenas duas de suas obras já bastariam para conferir-lhe a devida importância: “Dicionário Biográfico de Escritores Piauienses de Todos os Tempos” (já reeditado) e “Literatura Piauiense Para Estudantes”, com diversas edições.

Adrião Neto é um apaixonado pela história piauiense e acaba de publicar “A Epopéia do Jenipapo” (Edições Geração 70, Teresina, 2005), historiando uma das passagens menos conhecidas, embora mais heróicas, da luta pela consolidação da independência do Brasil.

Em 29 de setembro de 1821 o governo lisboeta baixou o Decreto nº. 124 instituindo as juntas provisórias e determinando que os governadores e comandantes de armas das províncias brasileiras ficassem diretamente ligados à Corte, não mais obedecendo ao príncipe regente do Rio de Janeiro.

A 24 de outubro em Oeiras houve eleição de uma junta provisória e tomada de outras medidas de submissão a Portugal.

No interior da província, na vila de Campo Maior, em inícios do ano seguinte, o rábula Lourenço de Araújo Barbosa semeia idéias de independência. A tradição libertária

nordestina rebela-se contra a subserviência ao Reino, em campanha que se espalha por outras vilas.

As tropas oficiais são fortemente armadas, mas Lourenço de Araújo Barbosa começa a fabricar pólvora e preparar forças para o confronto.

Proclamada a Independência, a 7 de setembro de 1822, o Piauí continua submetido a Portugal. Tomam-se medidas para que as ordens de D. Pedro I não sejam cumpridas, mas a 19 de outubro a vila de Parnaíba revolta-se, objetivando separar o Piauí de Portugal para aderir ao Império do Brasil.

A 12 de novembro o major João José da Cunha Fidié marcha contra os insubmissos. A Câmara de Parnaíba se apavora. Fidié reprime violentamente os separatistas. A revolta, porém, espalha-se pelo solo piauiense. Tropas de outras províncias socorrem os rebelados.

A 12 de março de 1823 os atacantes aproximam-se de Campo Maior.

“Os independentes – lemos à página 49 de “A Batalha do Jenipapo” – armados precariamente com espingardas, foices, machados, espadas, facas, facões, tridentes, chuços, ferrões de vaqueiros, patachos, arcos e flechas, e até mesmo de cacetes, se entrincheiraram nas margens do rio Jenipapo, a 12 quilômetros da Vila de Campo Maior”.

“O exército de Fidié – escreve Adião Neto à página seguinte –, composto de 1100 soldados profissionais e preparados para a guerra, tinha pelotão de cavalaria e estava bem armado com carabinas, espadas, punhais e onze peças de artilharia”.

Ao raiar do dia 13 de março de 1823 cerca de dois mil combatentes, em sua maioria roceiros e vaqueiros, partem para as margens do rio Jenipapo por onde o exército colonialista pretendia passar. Aproveitando a bifurcação da estrada, marcham divididos. Um dos grupos, atacando por volta das 9 horas, põe em fuga a cavalaria. Os demais, achando que toda a tropa fugisse, abandonam suas trincheiras, sendo atacados pelo restante da força portuguesa. Após cinco horas de combates os independentes cedem deixando mais de 200 mortos e feridos e 542 prisioneiros. Os portugueses contabilizam apenas 19 mortos e 63 feridos. Segundo alguns autores o número total de mortos, contando as vítimas que não resistem aos ferimentos, passaria dos 400.

A resistência continua. Os rebelados tomam bastante munição e bagagem do exército português que, perseguido, não consegue resistir por muito tempo.

Essa batalha, travada entre uma hoste camponesa precariamente armada e um forte exército português, marca a consolidação da Independência do Brasil.

A leitura de “A Epopéia do Jenipapo”, de imediato, me fez lembrar o Combate do Arroio Teixeira ou do Guamirim quando, a 20 de novembro de 1893, 190 federalistas comandados pelo coronel Verissimo Ignácio da Veiga, empunhando lanças de guamirim e cacetes triangulares dessa frutífera silvestre, derrotam 200 governistas bem equipados,

deixando ao lado de 30 e tantos cadáveres dos vencidos, as armas improvisadas, recolhendo farto sortimento bélico e 34 cavalos encilhados.

Jenipapo e Arroio Teixeira representam exemplos de que, em qualquer tempo, o desejo de liberdade é a mais eficiente das defesas.

Data : 24/10/1997

Título : Do outro lado da vida

Categoria: Resenhas

Descrição: E Editora Kuarup, de Porto Alegre, está publicando o livro VOLTANDO DA MORTE, da Margot Grey, sobre a experiência de morte aparente (EMA), também conhecida como de quase-morte (EQM).

Do outro lado da vida

por Paulo Monteiro

E Editora Kuarup, de Porto Alegre, está publicando o livro VOLTANDO DA MORTE, da Margot Grey, sobre a experiência de morte aparente (EMA), também conhecida como de quase-morte (EQM).

Apesar de não serem novidade, os relatos de pessoas dadas como mortas e que “retornaram” noticiando visões ou encontros que tiveram durante o período em que “saíram” desta vida, assumem um número coletado cada vez maior.

Margot Grey coleta casos de morte aparente verificados na Inglaterra, confrontando com uma vasta bibliografia sobre o tema, constatando pontos de coincidência entre os fenômenos dos dois lados do Atlântico.

Em capítulos ilustrados com experiências variadas mostra que as pessoas que passam por uma EMA sofrem profundas alterações comportamentais, não raras vezes acompanhadas do desenvolvimento de habilidades paranormais, inclusive com manifestações de poderes curativos com o aparecimento do “médico interior”.

Ademais, essas pessoas, no geral, acabam desenvolvendo preocupações espirituais intensas, adquirindo uma nova cosmovisão.

Na esteira da mesma temática outra editora porto-alegrense, Chamada da Meia-Noite, dá a lume FATOS SOBRE A VIDA APÓS A MORTE, de John Ankerberg e John Weldon,

apresentando uma visão cristã sobre os casos de quase-morte, usando muito da bibliografia aproveitada pela autora inglesa.

Para John Ankerberg e John Weldon a maioria dos autores que estudam e divulgam o tipo de ocorrência em epígrafe estão envolvidos com experiências ocultistas. E os fenômenos vivenciados por pessoas que passaram por essa espécie de situação assemelham-se muitíssimo com casos de quem pratica certos gêneros de meditação ou usam determinadas drogas que provocam estados de êxtase. Negam que os “seres de luz”, “espíritos de mortos” ou “Jesus”, vistos por pessoas que passam pela morte aparente sejam o que realmente dizem ser, pois entram em contradição com os ensinamentos bíblicos.

Assim, esses autores identificam a difusão de estudos sobre as experiências de quase-morte com a “onda mística”, na ordem do dia atual.

Longe de esgotarem o assunto, esses dois livros editados em nosso Estado servem para documentar a amplitude, a profundidade e a atualidade do tema. VOLTANDO DA MORTE e OS FATOS SOBRE A VIDA APÓS A MORTE acabam apresentando um dos muitos aspectos de uma discussão que é capital em termos de consciência histórica de nossa época.

O Cidadão

24/10/97

Data : 09/06/1998

Título : Dois bons livros de Teologia

Categoria: Resenhas

Descrição: Uma editora paulista (Exodus Editora) e outra gaúcha (Editora Sinodal), esta em coedição com a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, da Paulicéia, estão lançando volumes sobre rumos da teologia.

Dois bons livros de Teologia

Uma editora paulista (Exodus Editora) e outra gaúcha (Editora Sinodal), esta em coedição com a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, da Paulicéia, estão lançando volumes sobre rumos da teologia. A primeira deu a lume TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO, de George Eldon Ladd, segunda edição em português desse livro escrito por um teólogo baptista tradicional que tem seu trabalho reconhecido internacionalmente.

George Ladd conseguiu produzir um manual destinado aos seminários de nível superior que pode ser lido por qualquer leitor com uma certa familiaridade com os estudos bíblicos. A erudição do autor e as remissões a uma gama bastante vasta de teólogos dos últimos dois séculos não são obstáculos para o entendimento das 584 páginas do livro.

Um dos pilares da Teologia Sistemática, a Teologia do Novo Testamento deveria ser estudada especialmente no meio das igrejas evangélicas mais recentes. Ouve-se, não apenas nos púlpitos, mas também nos programas de rádio e televisão, afirmativas em franco desacordo com os assentamentos testamentários: reedita-se a anarquia doutrinária do Segundo Século do Cristianismo, denunciada por Irineu de Lião. Assim, atualidade e utilidade fazem um livro como TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO, de George Eldon Ladd, obra de leitura indispensável nos dias de hoje.

Volumecoletivo. organizado por Christoph Schneider-Haipprecht, TEOLOGIA PRÁTICA NO CONTEXTO DA AMERICA LATINA (SINODAL/ASTE), é outra obra que estuda um ramo da Teologia que tem sido ignorado no meio em que tocamos no parágrafo anterior. O esforço dos integrantes do Departamento de Teologia Prática da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, acaba recompensado pela amplitude abrangida pela publicação.

Por suas implicações no dia-a-dia das igrejas em suas relações com o tempo/mundo a Teologia Prática é controversa. Ferramentas para a realização do ministério cristão, seja através da homilética, da literatura, da missão e das demais atividades na vivência religiosa, a Teologia Prática absorve experiências empíricas e científicas transculturais. podendo ser um instrumento indispensável para o entendimento da religiosidade e para a implantação e consolidação de igrejas.

Sem deixar de Sembrar que há aspectos polêmicos na Teologia Prática, uma obra como esta produzida pelo grupo de professores da Escola Superior de Teologia da IECLB, deve merecer leitura atenta porque proveitosa para tantos quantos tenham responsabilidade cristã, clérigos ou leigos.

Do Jornal

O Cidadão

09/06/1998

Data : 25/07/1997

Título : Dois clássicos da política

Categoria: Resenhas

Descrição: Foram reeditadas recentemente duas obras fundamentais do pensamento político brasileiro...

## Dois clássicos da política

por Paulo Monteiro

Foram reeditadas recentemente duas obras fundamentais do pensamento político brasileiro, escritas com meio século de diferença, por dois homens que exerceram intensa militância política e jornalística e cujos pensamentos exerceram larga influência política.

O alagoano Aureliano Cândido de Tavares Bastos (1839-1875) é autor de uns poucos livros, mas que exerceram extensa e profunda influência sobre os consolidadores da República. Uma dessas obras, A PROVÍNCIA, de 1870, tem sido o livro de cabeceira dos federalistas e liberais brasileiros, há 127 anos.

O Senado Federal, dentro da Coleção Memória Brasileira, acaba de fazer uma edição fac-similar com uma Introdução escrita pelo professor Antônio José Barbosa.

Tavares Bastos, deputado federal e publicista, foi um dos mais ardorosos defensores do modelo governamental norte-americano e da abertura do Brasil ao comércio internacional.

Crítico dos governos centralizadores, vendo no federalismo um elemento básico do desenvolvimento das nações, o autor das CARTAS DO SOLITÁRIO usava argumentos que ainda hoje continuam sendo repetidos pelos defensores de propostas liberalizantes.

A leitura da obra de Tavares Bastos, especialmente de A PROVÍNCIA e CARTAS DO SOLITÁRIO, cuja 1ª edição é de 1862, aos 22 anos de idade de seu autor, é básica para a confirmação de que os problemas enfrentados (pelo Brasil), ainda neste julho de 1997, não são novidades, como velhas são soluções atualmente apresentadas como recém saídas do forno.

Rui Barbosa (1848-1923) exerceu larga militância política e editorial, sendo um dos maiores oradores da língua portuguesa e um dos modelos de correção lingüística.

A Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio de Janeiro, acaba de reeditar a Oração aos Moços, de 1921, verdadeiro testamento político desse ilustre brasileiro. Discurso de paraninfo dos bacharéis de 1920 da Faculdade de Direito de São Paulo, onde ele mesmo se formara, em 1870, a Oração aos Moços, longe de um pronunciamento saudosista, é um canto de esperança no futuro do Brasil.

Rui, doente, não pode estar presente á formatura, mas nem por isto a leitura feita por Reinaldo Porchat diminuiu a repercussão do trabalho.

A vasta cultura – que fez de Rui Barbosa uma lenda - , o domínio da língua, os princípios políticos e também jurídicos, dão a tonalidade literária de rara beleza ao balanço da Primeira República e das instituições brasileiras de então, os últimos parágrafos representam um grito de alerta, ao apresentar aquilo que, nas suas palavras literais, “a política e a honra nos indicam”. Pena que, nestes 76 anos, poucos tenham levado a sério as palavras finais da Oração aos Moços.

Não posso concluir sem agradecer ao amigo Júlio César Pacheco, assessor do deputado Airton Dipp, e a Coordenadora de Difusão Cultural da Fundação Casa de Rui Barbosa Raquel Valença que me enviaram exemplares das mais recentes edições desses dois grandes clássicos das letras polífticas brasileiras.

25/07/97

Data : 30/04/2001

Título : Dois Estudos sobre Érico Veríssimo

Categoria: Resenhas

Descrição: Na edição fac-similada do primeiro livro de Érico Veríssimo (Fantoches/Outros Contos, Editora Globo, Porto Alegre, 6ª ed. 1978)...

Dois Estudos sobre Érico Veríssimo – I

Paulo Monteiro

Na edição fac-similada do primeiro livro de Érico Veríssimo (Fantoches/Outros Contos, Editora Globo, Porto Alegre, 6ª ed.1978), o romancista apõe a seguinte observação manuscrita à nota introdutória ao volume de estréia: "Este último parágrafo poderia servir de epígrafe ao romance INCIDENTE EM ANTARES, que haveria de aparecer 40 anos depois de FANTOCHES. Só que a estória dos sete defuntos no coreto não é propriamente "une belle histoire"... E esta é a passagem a que Erico remete: "Ao punchar os cordéis o Autor teve muita vez em mente aquela opinião do velho Analote France, segundo a qual "si l on vent nous dire une belle histoire, il faut bien sortir um peu de l experience et l usage..."

A lembrança dessa anotação de Erico vem a propósito de duas obras há pouco dadas a lume sobre o último romance do escritor cruz-altense. INCIDENTES NARRATIVOS - Antares e a Cultura de Massa, de Eliana Pibernat Antonini, e A Gênese de incidentes em Antares, de Márcia Ivana de Lima e Silva, escritos por duas professoras da PUC-RS e publicados sob o selo editorial daquela Universidade, saem na época em que são lembrados os 90 anos de nascimento e os 25 anos de falecimento do romancista.

Todos os estudiosos de Erico Veríssimo concordam - e ele mesmo admite, como vimos acima - que "os mesmos personagens aparecem e reaparecem em perspectivas diferentes", como escreveu Wilson Martins (O MODERNISMO, Editora Cultrix, São Paulo, 2a ed. MCMLVII, p. 293), ao analisar o primeiro sido de sua obra de ficção. E essa constatação é básica para fundamentar a tese de Eliana Antonini ligando Incidente em

Antares, como de resto toda a criação de Erico à chamada literatura de massa. Para isso, se fundamenta, em particular, nos livros de Umberto Eco.

Tendo como pano de fundo, como espaço de ação, as cidades interioranas gaúchas de Santa Fé e Antares, Erico teria objetivado atingir um público de origem rural, que crescia como o processo de urbanização acelerada que se verificou no Brasil do século XX. Para tanto, aproveitou-se de uma espécie de substrato cultural existente no período em que exerceu sua atividade deficcionista.

Usou alguns expedientes técnicos característicos da literatura de massa - que tem como paradigma o folhetim - dentre os quais núcleos de personagens iguais (na série O Tempo e o Vento e em Incidente em Antares), com "caracteres psicológicos pré-fabricados e de fácil reconhecimento pelo leitor" (Eliana Antonini, págs. 96/97). Com isso, (Idem, p.101) cria personagens previsíveis, como em toda a literatura folhetinesca, até mesmo em novelas televisivas.

Exemplo dessa previsibilidade - seguindo o pensamento da autora - é a figura do caudilho, um super-herói, de tal sorte ligado a figuras de literatura européia que espelha a sociedade feudal daquele continente. Isso (Ib. págs. 136/137) levou o romancista à criação de estereótipos, personagens tipo, que em sendo reincidentes, não se desenvolvem. Essas personagens prenderam-se a situações estereotipadas, especialmente frente à morte que é tratada folhetinescamente.

Márcia Ivana de Lima e Silva, em A Gênese de Incidente em Antares, algumas vezes questionando colocações de Eliana, a partir da crítica genética textual, procura acompanhar o processo criativo do romancista cruz-altense, chegando à conclusão de que "A escritura de Incidente em Antares envolveu uma série de notas, esboços, rascunhos e desenhos, os quais, juntamente com os originais, compõe o prototexto da obra" (Op. cit., pág. 161). Ora, qualquer um que tenha lido as memórias do escritor, publicadas postumamente, sob o título de Solo de

Essa continuidade, de temas e também de personagens, não poderia ser de maneira diferente, em especial na trilogia clássica e na sua continuidade (admitida pelo próprio autor), que é Incidente em antares. Márcia (Id., pág. 79) lembra o fato de que O Tempo e o Vento e Incidente em Antares foram concebidos em momentos históricos muito parecidos: o Estado Novo e a ditadura de 1964.

Ao contrário de certos escritores reconhecidamente de massa, capazes de escrever seus livros em pouco tempo, Érico alternava surtos de alta produtividade com largos períodos de inatividade criativa. Além disso, servia-se roteiros, documentos, anotações e leituras, que ia aproveitando enquanto escrevia. A primeira parte de O Tempo e o Vento, publicada em 1949, foi escrita nos dois anos anteriores. "Levei dois anos para escrever esse primeiro volume, usando ou repelindo notas que se haviam acumulado nas gavetas desde 1939". É o próprio autor que o confessa em Solo de Clarineta (Primeiro Volume, 2a edição, Editora Globo, 1973, pág. 302). Já o Retrato foi mais rápido. Iniciado em 1950, saiu a público no ano seguinte. O Arquipélago (1961) sofreu "vãs tentativas" para ser iniciado no verão de 1952, em Torres.

Daí, ter escrito na linguagem da massa e não na linguagem do partido. É exatamente sua "dependência frente ao modelo romântico", para usar expressão de Eliana o que faz de seus romances, ainda hoje, vivos e agradáveis à leitura. Já os contemporâneos que se



prenderam à estética zdanovista ou a seu oposto, vão, céleres, tornando-se fósseis literários.

<span style="font-size:10.0pt;Arial" ,"sans-serif""="">Membro da Academia Literária Gaúcha

Do Jornal

Rotta

30/04/2001

Data : 22/11/2009

Título : Dois Gaudérios no Rio

Categoria: Artigos

Descrição: – “Vocês são loucos. Ninguém sai a pé da Lapa, de noite, sem ser assaltado”.

Dois Gaudérios no Rio

Da excursão promovida pela Academia Passo-Fundense de Letras ao Rio de Janeiro, em setembro de 2008, fazia parte o jovem Marcelo Bernardon, filho da professora Rejane Bernardon, e neto de Sinval Bernardon, empresário e político, do qual fui amigo, apesar da nossa diferença de idade. Talvez por isso, Marcelo me tirou para parceiro.

O seu sonho de viagem era conhecer a Lapa, a todo custo, mas conhecer no sentido de desvendar.

Hospedamo-nos num hotel do Flamengo. À noitinha, em grupo, dirigimo-nos a pé para o tradicional bairro boêmio. A maioria optou por um bar com samba ao vivo. Marcelo não gostou do ambiente.

– “Tem até homem se esfregando em homem!”, reclamou.

O que ele queria mesmo era circular pela Lapa. E lá me fui com meu novo amigo.

Montamos nosso ponto de apoio numa choparia. Era um ambiente mais convencional. Dali, saíamos em “ronds” e para ali retornávamos. Travestis tomavam conta da calçada em frente. Ostensivamente bem comportados.

Ao redor da Lapa amontoam-se grandes, ricas e até suntuosas igrejas. Apenas uns poucos batistas, perto dos sodomitas, distribuía folhetos evangélicos. Lembrei-me de Daniel na cova dos leões.

Passamos por um bar de gays e lésbicas.

Do alto de dois metros de mulher atlética, destacava-se um vozeirão grosso.

– “Queres conhecer a Lapa... vamos entrar”, provoqueei.

Não topou.

Enveredamos por uma rua apertada contra o morro. Em cada extremidade um carro da polícia militar, com dois crioulos, que mais pareciam zagueiros da seleção jamaicana. Um deles ao volante; o outro fora, em pé, com um fuzil cinematográfico. Gente de todo o tipo, de loiras falando línguas irreconhecíveis, a típicos negrões cariocas. E as mais diversas drogas que se possa imaginar. É uma zona dominada por uma autoridade invisível, que não é do Estado, um verdadeiro não-Estado. E com toda a certeza é um dos lugares mais seguros do Rio.

Já de madrugada, decidimos retornar ao hotel. Não reencontramos nossos amigos.

– “Viemos a pé, voltaremos a pé”, deliberamos.

Meio perdidos, solicitamos informações a um dos policiais sobre a direção em que ficava o Flamengo. Orientou-nos e disse:

– “Tomem um táxi. Não vão a pé, que serão assaltados”.

Conferimos a informação com alguns taxistas e recebemos o mesmo conselho:

– “Aqui vocês estão seguros. Não saiam a pé, que não escaparão de um assalto”.

Meu companheiro queria sair caminhando. Então saíamos. E nos mandamos. Entramos por uma avenida. De um lado um muro alto. E travestis na calçada. Nenhuma outra viva alma. No meio da avenida, um estreito canteiro. Do outro, um parque deserto. Passa um carrão vindo do Flamengo. Carrega um travesti. Não vimos se era algum jogador de futebol. Há pouco tempo um craque metera-se numa confusão com travestis. Pensou que eram mulheres, segundo disse.

Mais velho, orientei meu camarada:

– “Segue na frente, a uns quatro metros de mim”.

Marcelo, piazão, de jeans e camiseta. Eu, mais velho, crisolho, de calça social e paletó, camisa quase toda aberta, formávamos uma dupla antípoda.

De atrás de um monumento, no meio do canteiro, saem quatro elementos estranhos. Um deles, anão, parecia um duende evadido de uma sepultura, imundo; outro, enrolado num lençol branco, semelhava uma múmia.

– “Vamos ser assaltados”, sentenciou.

Também me amedrontei, mas não temi. Lembrei-me que Cristo costumava repetir que não se deve temer. E mais: “Resisti ao diabo e ele fugirá de vós”.

– “Te acalma, e vai no meio deles”, respondi.

Abriram-se. Passamos incólumes.

Resolvemos atravessar o parque.

De trás do arvoredo saem dois rapazes ao nosso encontro. Novo diálogo:

– “São assaltantes...”

– “Te acalma e vai no meio deles”.

Dito e feito. Abriram os dedos. Pouco adiante reconhecemos o hotel.

Chegamos.

O porteiro, um baiano já velhote, nos recebeu dizendo:

– “Os colegas dos senhores já chegaram perguntando por vocês. Não vieram de táxi?”

– “Não. Viemos da Lapa caminhando”.

– “Vocês são loucos. Ninguém sai a pé da Lapa, de noite, sem ser assaltado”.

– “Então somos os primeiros”.

E fomos dormir porque estávamos cansados de gauderiar no Rio.

Data : 31/05/2002

Título : Dois inéditos gaúchos

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, neste ano, lançou duas obras, inéditas em livro, de autores gaúchos.

### Dois inéditos gaúchos

A Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, neste ano, lançou duas obras, inéditas em livro, de autores gaúchos. Teoria da Bengalada, contos de Ernani Fornari, e Major Cantalício: vidinhas da província, romance, de Reynaldo Moura, acabaram de sair sob o selo da EDIPUCRS, o último dos quais em coedição com o Instituto Estadual do Livro.

Contemporâneos, jornalistas e prosadores, ambos, suas obras estão a exigir uma revisão histórica. Esta, com certeza, contribuirá para que ocupem o espaço que lhes cabe dentro da literatura gaúcha.

Ernani Fornari nasceu em Rio Grande no dia 15 de novembro de 1899 e faleceu no Rio de Janeiro na madrugada de 8 de junho de 1964. Iniciou-se como poeta, em 1923, com

Missal da Ternura e da Humildade. Poeta, romancista e teatrólogo, reconhecido internacionalmente, fez parte do êxodo gaúcho para o Rio de Janeiro, que se seguiu à Revolução de 30, destacando-se como secretário geral da Agência Nacional e no serviço diplomático brasileiro, no Exterior.

Entre os inéditos que deixou está Teoria da Bengalada, coletânea de 14 contos, que mereceu uma introdução escrita pelo Ir. Eivo Clemente, da Academia Rio-Grandense de Letras. Ali, são apresentados traços biográficos e informações sobre os contos enfeixados no livro.

Ernani Fornari se revela um verdadeiro contador de histórias, dando forma literária à vida dos homens e mulheres comuns. Suas histórias curtas seguem uma tradição da literatura brasileira, com um tipo de humor encontrado em clássicos como Machado de Assis, Aluísio e Artur Azevedo, explorando a linguagem da época, conferindo humanidade real às suas criaturas ficcionais.

O contista explora os temas que poderiam ser chamados de eternos: a vaidade humana, que acaba crescendo sobre a mediocridade, revelando-se como a verdadeira tragédia humana, no conto que dá título ao livro. Viagem de núpcias reproduz a mesmice do matrimônio. A esperteza dos seres humanos atirados à prostituição aparece no conto Como caem as mulheres. Não se pode esquecer Complexo de miçangas é uma crítica à tradição política brasileira, onde tudo é trocado por miçangas.

Os contos de Ernani Fornari nos revelam um escritor maduro. Apesar de datados, inclusive ao reproduzir o calão da época, sua leitura é atraente. Atração que pode ser explicada com o fato de que mudam a gíria e nomes de objetos, mas o homem continua "este bicho da terra tão pequeno", movido pelos cordões invisíveis de seus atos.

Reynaldo Moura nasceu em Santa Maria no dia 22 de maio de 1900 e faleceu em 12 de junho de 1965, em Porto Alegre. Um dos primeiros presos políticos no Estado, após o Golpe de 64, seu coração não resistiu à fedentina dos gorilas e, com ele, foi silenciado um de nossos melhores ficcionistas.

Segundo Luís Antônio Giron "Reynaldo Moura completa - com Erico Veríssimo, Cyro Martins e Dyonélio Machado - o quarteto dos maiores ficcionistas de meados do século XX".

Publicado originalmente como folhetim, em 1963, na Última Hora de Porto Alegre, Major Cantalício: vidinhas da província é um retrato da intelectualidade gaúcha, especialmente dos historiadores, poetas e críticos literários. Cantalício fez parte dos corpos provisórios, durante a Revolução de 23, no posto de major. Antes, tinha chegado a sargento da Brigada Militar, que deixou para ingressar no serviço público civil do Estado, onde se aposentou.

De origem humilde, nascido nuns cafundós nem se lembrava onde, ficou órfão menino, sendo criado por um capitão, Ernestino, e sua mulher, tia Chinoca, tornando-se republicano e castilhista ferrenho. Essa paixão levou a licenciar-se do serviço público para envolver-se naquela conflagração.

Aposentado, começou a escrever, misturando reminiscências, história oral e informações colhidas aleatoriamente para a publicação de uma grande obra: a biografia de Júlio de Castilhos, que acabou reduzida a um pequeno livro: Castilhos, o reformador.

O sonho de imortalidade levou o herói reynaldiano a desejar o ingresso numa das academias literárias rio-grandenses. Terminou por ser eleito para o Instituto Histórico. Escolha paradigmática. Em larga fase de sua existência, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul sempre teve entre seus membros a significativa presença de maiores, coronéis e generais ligados ao partido de Castilhos e Borges de Medeiros.

Além disso, muitos elementos originários do meio rural, do qual se lembravam "vagamente", como Cantalício, acabaram contribuindo para plasmar o mito do gaúcho. E fincaram, ainda, o mito do político rio-grandense do Sul incorruptível, não se dobrando ao governo central do país, do qual Júlio de Castilhos foi um dos protótipos.

Major Cantalício é, com toda a segurança, uma das grandes figuras literárias criadas por romancista gaúcho. Nele encontramos a universalização de muitos intelectuais gaúchos, bem como os caracteres psicológicos de inúmeros homens que fixaram uma determinada corrente histórica do Rio Grande do Sul: o positivismo vulgar.

Do Jornal

Rotta

31/05/2002

Data : 28/11/1998

Título : Dois Jubileus Esquecidos

Categoria: Resenhas

Descrição: Quem, por dever de ofício e com seriedade, acompanhe a movimentação literária no Brasil não poderá ignorar um fenômeno quase cinquentenário em nossas letras.

Dois Jubileus Esquecidos

Quem, por dever de ofício e com seriedade, acompanhe a movimentação literária no Brasil não poderá ignorar um fenômeno quase cinquentenário em nossas letras.

Refiro-me ao envolvimento de poetas (que já se cotam aos milhares) com o cultivo de um pequeno poema de quatro versos, em redondilha maior, ao qual se dá o nome de trova.

Há pelo menos três obras fundamentais sobre esse poema, escritas por autores brasileiros: MEUS IRMÃOS, OS TROVADORES (1956), de Luiz Otávio, A TROVA NO BRASIL, HISTÓRIA E ANTOLOGIA (1972), de Aparício Fernandes, e a tetralogia de Eno Teodoro Wanke, formada pelos livros A TROVA (1973), A TROVA POPULAR (1974), A TROVA LITERÁRIA (1976) e o TROVISMO (1978).

Eno Teodoro Wanke realizou estudos sobre a origem, a evolução e o desenvolvimento da quadra até tornar-se o poema que seria base desse movimento literário. Pesquisou as literaturas árabe e da Idade Média, o folclore de diversos países e os poetas dos cancioneiros medievais aos modernistas brasileiros. Com isso, procurou provar a existência de um movimento genuinamente brasileiro, o trovismo.

Uma das características desse movimento é a união de seus integrantes em torno de instituições literárias estatutariamente organizadas, começando com o Grêmio Brasileiro de Trovadores (1958), do qual sairia a União Brasileira de Trovadores (1966). Desde 1960 já existia a Academia Brasileira da Trova. A UBT e a ABT funcionam e atuam até hoje. Nos oitentas surgem outras entidades, a começar pelo Clube dos Trovadores Capixabas (1980) e a realização de encontros entre poetas que participam do movimento.

Ao lado dos concursos de trovas e jogos florais, marcas iniciais do trovismo, proliferam boletins divulgando o poema setessílabo, e livros individuais e antologias. Destas, tenho às mãos duas recentemente editadas: PÓRTICO DE SONHOS, com trinta e quatro trovadores mineiros, organizada pelo UBT de Belo Horizonte, e COLETÂNEA DA ACADEMIA BRASILEIRA DA TROVA, enfeixando trinta e seis poetas de todo o Brasil.

Mesmo ignorados pela crítica e os historiadores oficiais, os trovadores continuam seu mister. Talvez por isso esqueçam algumas datas importantes para o seu movimento. Assim, ao que eu sabia, ninguém se lembrou de comemorar o jubileu de prata de A TROVA e jubileu de porcelana de O TROVISMO, de Eno Teodoro Wanke, obras fundamentais para entender a história desses poetas. Eno, que anunciava a continuação de seus estudos em O ASSUNTO É TROVA, já tem material mais do que suficiente para a publicação desse livro, agora intitulado O NEOTROVISMO. Creio que sua edição não pode mais ser postergada, ainda que com a pura e simples reunião em volume dos opúsculos que dedicou ao tema nas duas últimas décadas.

Do Jornal

O Cidadão

- Passo Fundo, de 21 a 28 de novembro de 1998.

Data : 14/06/2000

Título : Dois livros de Eno Theodoro Wanke

Categoria: Resenhas

Descrição: A evolução literária de Eno Theodoro Wanke fez dele amigo da Geração do Mimeógrafo e outros cultivadores...

Dois livros de Eno Theodoro Wanke

Paulo Monteiro (\*)

Nestes primeiros meses do ano 2000, Eno Theodoro Wanke continua se revelando um escritor incansável. Com mais de mil obras publicadas, aos 70 anos e, ainda, se recuperando de uma doença grave, tira dos prelos mais dois livros. O primeiro deles é uma biografia de Aparício Fernandes (1934-1996), o segundo *À SOMBRA DOS VERSOS EM FLOR*, é o primeiro volume de sua poesia completa.

*APARÍCIO FERNANDES – TROVADOR E ANTOLOGISTA* (Rio de Janeiro, Edições Plaquette) é dedicado ao escritor potiguar que iniciou o movimento das antologias cooperativas com *NOSSAS TROVAS* (Rio de Janeiro, Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1973), trabalho que encerraria em 1967, sob o peso do processo inflacionário. Ao todo editou 62 antologias, a maioria das quais com cerca de 500 páginas, sendo 51 através de cooperação.

As histórias literárias não trazem o nome de Aparício Fernandes. Seu trabalho, entretanto, foi importante para a nossa literatura, divulgando quase um milhão e meio de autores, em suas antologias. Num país onde as dificuldades para a edição de um livro e fazê-lo circular são praticamente as mesmas do século XIX, as coletâneas organizadas pelo poeta acariense retiraram do ineditismo não poucos escritores. E isso já basta para que continue sendo lembrado por tantos quantos reconheçam seu devotamento à divulgação da obra alheia, sacrificando a si próprio.

*À SOMBRA DOS VERSOS EM FLOR. POESIA COMPLETA, VOL. 1* (idem. Edições Plaquette), reúne a juvenília de Eno Theodoro Wanke. Poemas escritos entre os 16 e os 32 anos estão enfeixados nesse volume, além de poemas circunstanciais.

Inegavelmente a melhor parcela dos poemas de Eno Theodoro Wanke virão nos próximos tomos. Sonetos, trovas, versos sem metro e traduções (Rubayat, de Khayyam, e Satã, de Lermontov). A contribuição do primeiro volume de sua Poesia Completa, porém, não é desprezível.

Poeta nascido em Ponta Grossa, no interior do Paraná, iniciou-se literariamente quando o modernismo espriava-se para além dos grandes centros urbanos. O confronto entre o novo e o velho (verso livre e verso metrificado) está presente em sua obra inicial.

As formas versificatórias consagradas pela tradição acabam – pelo que se depreende lendo o tomo em análise – dominando o jovem poeta, mas as novidades poéticas não seriam esquecidas. Elas estão presentes no uso do cavalgamento, no cantar das coisas comuns e até mesmo nas experiências com os versos curtos, materializadas em poemas curtos, como a

trova monossilábica e do dístico de igual medida.

Pode-se dizer que os poemas juvenis de Eno Theodoro Wanke renovam conservando, em oposição aos modernistas descabelados e aos vanguardistas. Contrariamente a muitos escritores contemporâneos seus, absorve as inovações poéticas e, mais tarde, já maduro, realizará experiências, inclusive com poemas visuais.

A evolução literária de Eno Theodoro Wanke fez dele amigo da Geração do Mimeógrafo e outros cultivadores de publicações literárias alternativas durante as últimas décadas. E isso faz dele um poeta, eu não diria original, mas diferente dos escritores mais velhos, e aberto às novidades literárias.

(\*) Da Academia Literária Gaúcha

Do Jornal

O Nacional

14/06/2000

Data : 12/02/1998

Título : Dois livros sobre comunicação

Categoria: Resenhas

Descrição: As influências da televisão sobre a consciência das pessoas, de uma maneira geral e, em particular sobre as crianças e adolescentes, é um tema polêmico, que tem provocado muitas discussões.

Dois livros sobre comunicação

As influências da televisão sobre a consciência das pessoas, de uma maneira geral e, em particular sobre as crianças e adolescentes, é um tema polêmico, que tem provocado muitas discussões. Antônio Tadeu Ayres, formado em Letras pela Faculdade Ibero-americana e homem com experiência jornalística, está publicando TELEVISÃO: FALANDO FRANCAMENTE A RESPEITO, pela Editora Vida, de São Paulo.

Em capítulos rápidos, escritos no melhor estilo jornalístico, mas com uma densidade de conteúdo, que comprova a afirmativa de que simplicidade de expressão



casa-se muito bem com a profundidade dos conteúdos, o autor discute temas como a violência, a pornografia, a manipulação das consciências.

Antônio Tadeu Ayres não se furta a emitir opiniões sobre esses e outros pontos que têm sido amplamente discutidos. Homem de convicções firmes, não se furta a assumi-las. Com isso, seu livro ganha em valor porque não fica no meio-termo, na enrolação. Pode o leitor concordar ou não com suas conclusões. Em qualquer dessas duas alternativas, porém, encontrará nesse livro uma contribuição para o entendimento das influências da televisão sobre as vidas de milhões de brasileiros.

Já a editora gaúcha Sinodal (São Leopoldo -RS) está dando a lume um MANUAL DE COMUNICAÇÃO: COMO USAR OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM GRUPOS. Publicado originalmente por ECO, Educación y Comunicaciones, de Santiago do Chile, trata-se de uma obra destinada a orientação de como usar diversas formas de comunicação, desde aquelas que envolvem atividades de grupos, passando pelo uso de espaços públicos, quais sejam bandeirolas, alto-falantes, murais, estandes, varais e campanhas, além de formas jornalísticas, entre as quais a notícia, a entrevista e o depoimento. Os autores não esqueceram os meios escritos, onde são destacados o convite, o panfleto, o cartaz, os quadrinhos, o folder, o jornal mural e outros mais. Rádio e vídeo são outros elementos de comunicação, que são analisados nesse volume.

Esse MANUAL DE COMUNICAÇÃO, que está sendo usada pela Editora Sinodal, como um elemento introdutório ao uso dos meios de comunicação em grupos é importante para estudantes e pessoas que mesmo por suas atividades ou funções comunitárias precisem conhecer o uso dos meios de comunicação.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, de 06 a 12 de fevereiro de 1998

Data : 01/01/2005

Título : Dois Marcos do Jornalismo Político

Categoria: Resenhas

Descrição: O Memorial do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, como já afirmei em artigo anterior, realiza um trabalho importante no sentido de preservar a memória gaúcha...

## Dois Marcos do Jornalismo Político

por Paulo Monteiro (\*)

O Memorial do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, como já afirmei em artigo anterior, realiza um trabalho importante no sentido de preservar a memória gaúcha, editando ou reeditando obras fundamentais para o entendimento da história sul-rio-grandense. Nos últimos dias tive a oportunidade de ler dois desses livros que para nós, passo-fundenses, tem um interesse especial: Os Crimes da Ditadura • A História Contada Pelo Dragão, de Rafael Cabeda e Rodolpho Costa, e Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul - Partes I e II, de Gustavo Moritz.

O primeiro desses livros teve edição original em 1902, na cidade de Rivera, Uruguai, onde Rafael Cabeda, um dos comandantes da Revolução Federalista na (primeira) Oeste, mantinha O Maragato. Surgiu a partir de respostas a questionário distribuído com o jornal, que seria destruído no ano seguinte. Para calar o periódico oposicionista, o coronel João Francisco Pereira de Souza, mais conhecido como "Hiena do Caty", com a conivência de autoridades uruguaias, invadiria aquele país.

Já a segunda obra, em sua primeira parte, é a reedição de um livro impresso em 1939, que trazia a indicação de "1 volume", agora enriquecida com textos inéditos. Reúne dezenas de artigos sobre de Gustavo Moritz divulgados pelo Correio do Povo.

Essas verdadeiras raridades bibliográficas, graças ao Ministério Público do Rio Grande do Sul, e a uma equipe liderada pelos incansáveis pesquisadores Gunter Axt e Coralio Bragança Pardo Cabeda e Ricardo Vaz Seelig, estão ao alcance daqueles que se preocupam com a história gaúcha. Registro meus agradecimentos ao jornalista Flávio Damiani, assessor de imprensa da Procuradoria-Geral de Justiça do Estado, meu bom companheiro dos tempos do Grupo Literário Nova Geração, "a sociedade dos poetas vivos de Passo Fundo", como ele carinhosamente costuma repetir, pela generosidade que tem empregado para que eu possa ler e resenhar essas obras.

O livro de Rafael Cabeda e Rodolpho Costa apresenta muitas informações sobre as violências praticadas contra os opositores à ditadura castilhesa em Passo Fundo. Lembro, a seguir, alguns exemplos.

A 4 de junho de 1896, após a pacificação do Estado, o estimado cidadão Palmeira" (José Antônio de Souza), um dos comandantes revolucionários em Passo Fundo, que cuidava de uma roça no local conhecido como Varzinha. foi atacado por um grupo do governo, tendo sido mortos dois companheiros seus. Apresentou-se ao vice-intendente de Alfredo Chaves (atual Veranópolis). pedindo garantias de vida. Poucos dias depois acabou morto e seu "cadáver foi, em seguida, charqueado" (p. 95). Palmeira era odiado pelos pica-paus. A história oral conservou dele a imagem de homem feroz. Conta-se que chegou a matar crianças de colo, filhas de adversários. Aliás, narra-se que uma das formas mais terríveis, empregadas por carrascos de ambos os lados, para humilhar seu adversário era atirar recém nascido\* para o alto e apará-los na ponta da lança.

No dia 15 de novembro de 1898, no centro de Passo Fundo (ed. cit. p. 136). O capitão federalista Sylvio Alves de Rezende, e seu primo José Alves de Rezende foram assaltados e mortos, "traíçoeiramente", por cinco "bandidos", bem armados. "Os bandidos não foram

presos, apesar de conhecidos; dias depois passeavam pelas ruas da cidade, alardeando ainda seu crime\*. Os "bandidos" saquearam o cadáver do capitão maragato, levando 600\$, relógio e objetos de valor.

Sylvio Alves de Rezende deu proteção às forças do coronel Veríssimo Ignácio da Veiga, e os Combates do Passo do Cruz (dois confrontos contra forças diferentes) travados a 20 de dezembro de 1893, com vitórias dos maragatos foram próximos de sua casa, onde a própria Brigada Militar foi derrotada.

A 20 de novembro de 1899, quando reingressava no solo pátrio, em Santana do Livramento, o general passo-fundense Antônio Ferreira Prestes Guimarães foi atacado e ferido a arma de fogo e arma branca pelos legalistas Juvêncio Torres e Pedro Castanho. Prestes Guimarães resistiu, sendo socorrido por Rafael Cabeda, que se achava perto do local. Outros atentados em Passo Fundo são narrados da página 163 a 165, entre os quais os praticados por correntinos que, contratados pelos líderes republicanos locais, assolaram o município, em 1892, e as perseguições contra o "capitalista" Antônio José da Silva Loureiro, o Barão.

Gustavo Moritz, catarinense, contemporâneo da Revolução de 1893, é também um escritor identificado com o federalismo. Seus artigos guardam o estilo jornalístico, mesmo o autor valendo-se de ampla bibliografia, jornais e documentos contemporâneos dos fatos. As declarações que transcreve, muitas de raridade extrema, com a difusão proporcionada por esta reedição, contribuirão bastante para que certas "verdades" espalhadas por pesquisadores apressados sejam resistas.

Uma dessas "verdades" é, com certeza, a influência exacerbada que tem sido conferida ao positivismo, nos primeiros anos da República. Ao comprovar o engrossamento das hostes republicanas com os velhos conservadores do Império Gustavo Moritz desmancha castelos de areia ideológica.

Ao longo da obra (439 páginas de texto) os instrumentos probantes da época, sempre ilustrados pelos pertinentes comentários do jornalista, ocupam espaço privilegiado. Esclarecem pontos obscuros sobre os primeiros governos gaúchos do período republicano, mostrando acontecimentos intramuros. Trata-se de um verdadeiro trabalho de investigação. Jornalista, que desempenhou quase todas as funções na redação do Correio do Povo, seus artigos são o modelo do que pode significar o jornalismo cultural bem feito.

Exemplo desses testemunhos oficiais é a ordem do dia de Gomercindo Saraiva sobre a Batalha do Pulador (págs. 387-389), contando 88 federalistas mortos e 382 legalistas, segundo "parte do coronel Veríssimo da Veiga", e lembrando o Combate dos Três Passos (6 de junho de 1894). Trata-se de uma notícia escrita logo depois da batalha, ainda com dados incompletos. Veríssimo, em informação posterior, registrada por Ângelo Dourado, em Voluntárias do Martírio, acresceria o número de mortos para 1024, encontrados no campo de batalha.

Gustavo Moritz, com Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul, dá uma demonstração do quanto é valioso o jornalismo cultural, quando praticado por pessoas esclarecidas. A divulgação, em volume, dos artigos escritos entre meados da década de

1930 e 1945, com toda a certeza merecerá a atenção de historiadores, de jornalistas e de todos aqueles que se preocupam com a história do Rio Grande do Sul, sem a carnavalização patrocinada por certas "escolas de samba de bombachas" como costumava repetir o "payador- Noel Guarani".

(•) Paulo Monteiro pertence \* Academia Passo-Fundense de letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

2005

Data : 12/01/2015

Título : Dois Menores Infratores

Categoria: Crônicas

Descrição: Calor infernal em Persópolis.

Dois Menores Infratores

Calor infernal em Persópolis. Procuro a Delegacia de Polícia da cidade para registrar o extravio de documento. Enquanto o comissário de polícia efetua o registro chegam dos gendarmes, devidamente fardados, trazendo dois meninos que foram detidos tomando banho em alguma casa de pessoas financeiramente melhor aquinhoadas.

Olhamo-nos todos. Não resisto e pergunto:

- Não seria melhor chamar a Comissão dos Direitos Humanos? Afinal, essas crianças podem morrer queimadas com esse calor...

Rino-nos, discretamente.

Chego à casa onde estou hospedado. Vou à biblioteca e pego o livro OS MANDARINS DA REPÚBLICA (Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984, 2ª Edição), de José Carlos de Assis. Leio, Capítulo 3, sobre "O "caso" Dow Química": uma quadrilha que, em plena ditadura militar saqueava a Petrobrás.

Trinta e anos depois, enquanto os gendarmes aqui, em Persópolis, prendem meninos que tomam banho em piscinas de granfinos; aí, no Brasil, os finórios brasileiros continuam saqueando a Petrobrás.

Data : 31/03/2005

Título : Dois Sonetos Brancos

Categoria: Sonetos

Descrição: Os canalhas estão em toda parte. Vermes, crescem no lixo e no caviar.

## 1. Os Canalhas

(Este soneto branco foi escrito em fevereiro de 2005, pouco antes do Autor sofrer cinco acidentes vascular-circulatórios, no prazo de seis dias).

Os canalhas estão em toda parte.

Vermes, crescem no lixo e no caviar.

Alguns andam descalços, maltrapilhos;

Outros passam por mim engravatados.

Estes senhores vermes são os piores,

Pois fedem a perfumes parisienses,

Usando o linguajar do overnight. Ah!

Como é gostoso vê-los exibindo

Os seus cornos vistosos de reis nus.

Seus destinos, porém, estão traçados:

Segundo o figurino do Iscariotes,

São sempre pela História retratados,

Exibindo uma língua de três palmos,

Pendurados num galho de figueira.

## 2. Os Energúmenos

(...) Maldito o homem que confia no homem (...). Bendito o varão que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. (Jr 17.5-7).

(...) o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna (...) (Rm 6.23).

– “Acabou o reinado dos canalhas!

Acabou!”– Gritei em plena rua,

Por entre a massa que também vibrava

Festejando a vitória dos que críamos

Pôr termo às injustiças da política

Transformadas em normas de partido.

Meu Deus! Como fui tolo em olvidar

Aquilo que gravaste na Escritura.

Ao crer nos homens eu me fiz maldito,

E minha vida apenas foi poupada

Para testemunhar a imensa graça

Do Teu poder, enquanto se avoluma,

Ao derredor do príncipe votado,

Uma nojenta coorte de energúmenos.

– Março de 2005 –

Data : 01/01/2005

Título : Dois Sonetos Satíricos

Categoria: Sonetos

Descrição: A um ilustre causídico que ameaçou processar o autor

## Dois Sonetos Satíricos de Paulo Monteiro

### O Burro

A um ilustre causídico que  
ameaçou processar o autor

Que eu te chamei de burro asseguraste  
- E em frente da Justiça assoberbada -,  
Zurrando furibundo, me ameaçaste  
Com uma insulsa e insossa papelada.

Se fosses besta, assim, como afirmaste,  
Por certo atacarias a patada  
E não da forma estranha que encontraste,  
Em tudo desconforme à burricada.

És muito mais que mulo, e tens o status  
Bastante superior ao de Insitatus,  
Cavalar senador de um rei cruel.

Quem te chamou de burro se iludiu,  
Pois jamais a um solípede se viu  
Cursar Direito, e ao fim, ser bacharel.

### Burromaníaco

Ao mesmo bacharel que,  
após ser convencido  
de sua condição humana,  
desistiu da asneira

Não te tratei por burro, pois respeito  
Deveras o solípede animal,  
Esse bicho que à força do seu peito  
Levou progresso ao sólio senhorial.

Ignoro se por mágoa ou preconceito,  
Por capricho ou recalque, em fato incidental,  
Te arvoraste a ti mesmo esse direito  
De protestar que te chamei de tal.

Porém se queres responder a pulos,  
Orneios e patadas na porteira  
Irei tratar-te, pois, sem termos chulos.

E em respeito à vontade verdadeira  
Hei de ofertar-te o que é servido aos mulos:  
Sal excelente e pasto de primeira.

(Passo Fundo - 2005)

Data : 12/01/2009

Título : Dois tempos

Categoria: Poesia

Descrição: há tempos eu fui lírico e sofria as dores irreais que concebia

dois tempos



há tempos eu fui lírico e sofria  
as dores irreais que concebia  
                  hoje esqueci a lira  
aliás guardei-a ao canto da sala  
saí pelas ruas e sentei-me  
no mesmo banco onde sentava outrora  
e lembrava uns sonetos de leôni

e a vida passa efêmera e vazia  
um adiantamento eterno que se espera  
numa eterna esperança que se adia

eu não fazia nada nesse tempo  
tinha casa comida escola tudo  
hoje cresci e tenho apenas força  
que movimenta bens alheios  
sentei-me neste velho banco  
e não pensei em mim pensei nos homens  
que vivem como eu vivo  
compreendi mendes campos

no brasil na argentina  
usa cuba França china  
flor agreste da campina  
só povo reinará

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 20/02/2015

Título : Dona Tonha e o formigueiro

Categoria: Crônicas

Descrição: Meu amigo Leon Nunes, uma das nossas promessas de grande escritor, publicou uma frase no Facebook: O que vem de baixo não me atinge.

Meu amigo Leon Nunes, uma das nossas promessas de grande escritor, publicou uma frase no Facebook: O que vem de baixo não me atinge. É uma frase popular, mas que me levou a recordar Dona Antônia, ou Dona Tonha, como era conhecida uma vizinha dos meus tempos de guri.

Cresci numa vila em que não existiam luz elétrica, água encanada e avenida asfaltada. Fogão a gás era raridade. Via de regra usávamos o velho e bom fogão a lenha. Esta era facilmente obtida nos matos próximos.

Geralmente nos reuníamos em pequenos grupos para coletar lenha. O auxílio mútuo era fundamental para que pudéssemos carregar fardos maiores e até troncos. O problema era colocar ao ombro, o que exigia o concurso de outros braços.

Numa dessas sortidas é que aconteceu o episódio que desqualifica a verdade, transformada em absoluta de que "A voz do povo é a voz de Deus".

Dona Tonha repetia para todos os lados o verdadeiro bordão "o que vem de baixo não me atinge". Pois numa dessas sortidas do lenhadores vileiros vinha ela com um enorme e bem escolhido fardo de galhos aos ombros.

Cortávamos caminho entre um campo coberto de capim cola de burro quando nossa heroína enroscou o chinelo de couro numa touceira daquela gramínea. Mal teve tempo de lançar a carga ao lado e despençou. Caiu sentada.

Caiu sentada sobre um montículo formado de pequenos pedaços de capim, cuidadosamente cortado pelas formigas baianas. Grandes e oscas, quase pretas, sua mordida é dolorosa, deixando uma grande bolha.

Instalou-se o caos no grupo. Livramo-nos das cargas e partimos em auxílio da companheira de investidas coletoras. Ajudamos a levantar-se e partimos para retirada das formigas que estavam sobre a roupa.

O "causo" é que muitas delas avançaram por baixo da roupa da senhora. Nós, os meninos, pois não havia homens adultos no grupo, nos afastamos rapidamente, com nossos fardos, em olhar para trás. A vítima despiu-se ali mesmo e, auxiliada pelas demais mulheres partiu para concluir a caçada aos insetos.

Dona Tonha custou para perder o costume de repetir a frase feita. E só o abandonou após ser aparteada incontáveis vezes.

Sempre que ela dizia; "O que vem de baixo..." Era interrompida por um infalível:

- Olha as formigas!!!!!!!!!!!!

E o "causo" sempre terminava com uma sonora gargalhada. Inclusive de Dona Tonha.

Data : 01/09/1995

Título : DONS ESPIRITUAIS E HOMILÉTICA

Categoria: Resenhas

Descrição: Duas editoras cristãs publicam obras que, aparentemente, podem possuir pouca coisa em comum.

## DONS ESPIRITUAIS E HOMILÉTICA

por Paulo Monteiro

Duas editoras cristãs publicam obras que, aparentemente, podem possuir pouca coisa em comum. A ABBA PRESS, de São Paulo, edita DESCUBRA SEUS DONS ESPIRITUAIS, de C. Peter Wagner, e a CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS, do Rio de Janeiro, dá à publicidade COMO PREPARAR SERMÕES, de ANÍSIO BATISTA DANTAS.

DONS ESPIRITUAIS

C. Peter Wagner é um renomado mestre americano, realizando seminários e cursos nos mais diversos pontos do Mundo. Na obra que acaba de ser editada pela ABBA PRESS, ele faz um estudo detalhado de 27 dons espirituais apresentados nos Evangelhos, especialmente nas cartas de Paulo.

A questão dos dons espirituais é de extrema importância e polemicamente explosiva, especialmente nas cartas de Paulo.

A questão dos dons espirituais é de extrema importância e polemicamente explosiva, especialmente nos meios evangélicos.

Dentre esses dons, os mais polêmicos são, seguramente, o de falar em línguas, cura e de exorcismo.

A questão do falar em línguas tem causado muita discussão. Há autores que o defendem intransigentemente e outros que o negam com intensidade desmedida. Wagner (pág. 235 e segs.) estuda o assunto, procurando manter uma certa isenção, típica do scholar universitário. Logo a seguir (p. 240 e segs. Trata o dom da cura, não menos polêmicos. Antes (p. 140 e segs.) havia versado sobre o dom do exorcismo, que é a capacidade dada por Deus a certas pessoas para expulsarem demônios.

Wagner escreve um belo, excelente e instrutivo volume, apresentando elementos altamente ilustrativos de como a pessoa pode descobrir e se possui este ou aquele dom. Nesse sentido segue a melhor tradição dos estudiosos evangélicos, sempre fundamentando suas afirmações em reflexões fundadas sobre as Sagradas Escrituras.

Não é gratuito que C. Peter Wagner liga os dons pessoais aos dons concedidos a igrejas e denominações. Se os homens são criações de Deus, as igrejas também existem por sua vontade.

“(...) Minha própria conclusão é que assim como Deus concede conjuntos de dons específicos para diferentes pessoas, assim também Ele outorga diferentes conjuntos de dons para diferentes igrejas e denominações. O conjunto de dons que uma igreja ou denominação deveria ser um dos fatores determinantes da sua filosofia ministerial. Igrejas com diferentes filosofias de ministério fazem parte de uma bela variedade que Deus tem embutido no Corpo Universal de Cristo. Visto que as pessoas são tão diferentes, as igrejas também precisam ser diferentes, se não conquistar os incrédulos para Cristo, tornando-os membros responsáveis. De maneira alguma eu sugeriria a alteração nas filosofias das igrejas Grace Community ou do Caminho. Na minha opinião, Deus as ama igualmente, e a Sua Bênção sobre ambas é evidente”. (p. 82 e segs.).

## PREPARO DE SERMÕES

Veterano pregador, Anísio Batista Dantas, publica COMO PREPARAR SERMÕES.

Embora a homilética haja se desenvolvido grandemente com o Cristianismo e a obra de Anísio Batista Dantas se dirija aqueles que sejam necessitados de realizar pregações religiosas, seus ensinamentos são úteis a todas as pessoas que precisam falar em público.

O Autor afirma (p. 12 e 13) que os primeiros cristãos procuravam apresentar suas mensagens através de homilias, pois suas congregações eram pequenas, mas que usando os conhecimentos oratório dos gregos e romanos procuravam dar forma às suas pregações.

“Pregar- escreve o Autor à p. 16- é falar, obviamente. Assim, pregar bem é falar bem. Os pregadores de renome souberam usar, com muita eficácia, a voz e os recursos naturais, intelectuais e relatórios. George Whitefield foi um grande pregador, orador de muita retórica, e influenciou grandes auditórios com sua poderosa e eloquente mensagem. Fazia-se entender até pela expressão do rosto; diziam que sua voz parecia musica, e seus gestos, paixão. Por isso afirmamos que a técnica da eloquência não deve ser descuidada pelo pregador”.

Outra parte interessante do livro é no que diz respeito aos tipos de sermões (cap. 4, p. 41 e segs.), que se completa com as espécies de sermões (p. 55 e segs.) e se aprofunda com os assuntos mais usados pelos pregadores (c. 10, p. 83 e segs.)

Obra de consulta e de leitura ou releitura, tem um valor muito grande pelas lições que encerra, como estas, da p. 102:

“O pregador deve ser homem de raciocínio profundo, pensar como grande intelectual, mas falar na linguagem dos seus ouvintes”.

“O pregador, antes de falar, precisa crer. Nunca se atreva o mensageiro de Deus a entregar a mensagem apenas intelectual, sem sentir a grande verdade no coração, sem experiência própria do que vai falar. Só depois que as sãs palavras lhe fizeram vibrar as cordas do coração estará ele apto a transmiti-las, com sua voz, que agora pode traduzir as melodias celestiais”.

“O pregador precisa viver o que prega. Esteja viva a sua fé, acesa como devia estar o fogo do altar no Antigo Testamento (Lv 6. 12,13), para que tudo o que ele crer possa refletir em sua vida e palavras. A mensagem receberá grande reforço se a vida do pregador ajudar”.

O Cidadão.

01/09/1995.

Data : 04/03/2012

Título : Duas Estréias Literárias Promissoras

Categoria: Resenhas

Descrição: O ano de 2011 foi altamente positivo para a literatura passo-fundense.

Paulo Monteiro

Tive a felicidade de ler alguns desses livros ainda nos originais ou nas provas gráficas. Hoje destaco duas destas obras que se incluem no último caso: “Escolhedores de Sagu” (Méritos Editora), de Marco Aurélio Barbiero, e “Gênio – Origem –” (Projeto Passo Fundo), de Victor Scofield. O primeiro de vinte e uma crônicas e o segundo uma novela, ou metanovela, como preferi chamar.

A mim, bastou-me ler “Mein Buch”, o texto inicial de “Escolhedores de Sagu”, para reconhecer um promissor iniciante no gênero elevado às culminâncias por Machado de Assis. O autor tem o espírito que dá vida à crônica, um certo humor inato, não o humorismo sardônico, muito menos o humor negro, mas aquele à inglesa, comum aos clássicos maiores da língua de Shakespeare.

A linguagem de “Escolhedores de sagu”, como a dos bons contadores de causos, flui suave, coloquialmente. E nisto, apenas nisto, desnudamos o autor iniciante. Kronos – e somente Kronos –, de onde nos vem crônica, encarregar-se-á de transformar Marco Aurélio Barbiero no estilista, que já se anuncia em seu primeiro livro.

A obra é uma novela, no sentido clássico do termo. Pela extensão, fica entre o conto e o romance; a ação é rápida, no tempo e longa no espaço, caso levemos em conta que se inicia com um sonho da personagem principal (Eric Bruce). Nele se vê em Victory City, no Canadá. As cenas se passam nas cidades de Limeira e São Paulo.

Li alhures que toda personagem principal é, no fundo, um alter ego de todo e qualquer autor.

Chego à temerária conclusão de que “GÊNIO – Origem –” é um caso de metalinguagem, um verdadeiro diálogo do Autor com sua própria obra.

“– Elementar, meu caro Watson!”

Publicado no jornal Rotta

Data : 04/03/1985

Título : Duas Poetisas

Categoria: Resenhas

Descrição: De uns tempos pra cá um neologismo invadiu os arraiais literários. Poeta deixou de possuir o feminino poetisa e passou a substantivo...

Duas Poetisas

por Paulo Monteiro

De uns tempos pra cá um neologismo invadiu os arraiais literários. Poeta deixou de possuir o feminino poetisa e passou a substantivo comum de dois e a poeta, como uma verdadeira praga, atentando contra a língua nacional, invadiu as publicações.

Num país onde houve a subversão da economia (e é muito mais importante exportar passando fome, do que não exportar para comer bem), acredita-se que subvertendo a flexão de gênero de uma palavra as mulheres tornar-se-ão iguais aos homens na produção de excelentes poemas. Não há pior forma de machismo do que o anti-machismo. Ele é a subversão de uma determinada manifestação da realidade concreta.

Por isso é que lendo os livros “Catarses”, de Maria do Carmo Gaspar de Oliveira e “Falta uma folha no Trevo”, de Sirlei Maria Davi, a subversão do substantivo poeta assomou mais uma vez á nossa memória.

Tanto Maria do Carmo quanto Sirlei Maria são duas poetisas visceralmente preocupadas com a condição feminina que não poucas vezes, esquecem-se de que isso faz parte de um todo maior: a condição humana.

A gaúcha Sirlei Maria Davi é de um lirismo desesperadamente amoroso a tal ponto que seus poemas devem andar, sob anonimato, pelos cadernos de adolescentes apaixonadas. Neles há riso e choro, amor e ódio, volúpia e carinho.

O tom apaixonado de seus versos, quase improvisados, fazem com que alguns defeitos de construção poemática apareçam claramente. Em muitas passagens encontramos o uso de apostos e vocativos para sustentar o sistema versificatório como se fossem paradas de um corredor para recuperar o fôlego perdido. Ademais noutras passagens, descobrem-se repetições excessivas de determinadas palavras.

Para que se tenha uma idéia de nossa última constatação é bom que se diga que no poema “Amar? Amar! Amar...” (págs 72 e 73) 5 versos começam pela palavra “amar”, e 38 por “é”. Logo adiante, ás páginas 75 e 76, nada mais nada menos do que 62 dos 72 versos do poema “Canção para Você”, começam pela primeira pessoa do singular do verbo ir.

Isso, inegavelmente, não ajuda muito á construção poemática, dando-lhe feições de prosaísmo.

Quanto á capixaba Maria do Carmo Gaspar de Oliveira, aqui e ali, encontraremos, em meio ao seu tom mais comedido, características de improvisação.

Seus poemas, poemas, porém, melhor elaborados do ponto de vista ideológico, ou noutros termos, mais militantes em favor de uma melhor condição feminina, apresentam uma força de denúncia da situação subalterna que a mulher foi relegada sobre o patriarcado, somente alcançada por poucas poetisas, entre nós;

Maria do Carmo Gaspar de Oliveira e Sirlei Maria Davi são duas dentre as muitas poetisas atuantes nos dias que correm. Seus poemas, derramadamente identificados com os problemas específicos das mulher, representam uma das muitas facetas da poesia brasileira atual.

A nós se nos parece que o tempo, muito em breve irá encarregar-se de mostrar-lhes um caminho mais duradoura para o labor poético. Não basta o sentimento: é preciso o trabalho árduo de construir poemas. Uma coisa é o diamante bruto; outra é o diamante trabalhado por um hábil joalheiro.

Maria do Carmo Gaspar de Oliveira e Sirlei Maria Davi estão trabalhando com belos diamantes. O tempo, repetimos, mostrar-lhe-ás o caminho certo.

O Nacional

04/03/85

Data : 20/08/2013

Título : É Hora de Governar

Categoria: Artigos

Descrição: A atual administração municipal já se aproxima do primeiro ano de efetivo exercício.

A atual administração municipal já se aproxima do primeiro ano de efetivo exercício. Portanto, é pretérito o tempo de falar sobre as dificuldades administrativas herdadas dos antecessores imediatos. Aliás, tem sido essa uma desculpa esfarrapada usada por prefeitos, governadores e presidentes da República.

Até agora, à exceção de algumas providências até certo ponto discutíveis adotadas em áreas específicas as coisas não mudaram substancialmente.

Isso se deve, fundamentalmente, pelo fato de que os cargos de maior responsabilidade político-administrativa foram preenchidos para satisfazer compromissos de campanha ou ambições personalíssimas de cabos eleitorais, temíveis eleitoralmente.

Funcionários municipais – aqueles que prestaram concurso público e que não devem favor para ninguém – estão tanto quanto ou ainda mais revoltados com as políticas adotadas pelos atuais administradores do que já estavam com os últimos que passaram pela Prefeitura.

Na área da Educação, diretores de escolas e creches reclamam contra a ingerência de assessores do prefeito. E os comentários são no sentido de que pessoa que não tem domicílio eleitoral faz e desfaz, passando por cima de educadores capacitados e experientes.

Ainda mais: parece que continua na área da Educação, especialmente nos bairros e vilas, a política sistemática de empregar, sem concurso público e pior ainda à margem de qualquer qualificação, pessoas para ocuparem postos de trabalho norteados pela Lei



Darcy Ribeiro, que estabelece as diretrizes e normas para a Educação em todo o território nacional.

Na área de atendimento à criança e ao adolescente – dizem que – para conter despesas os meninos que cuidam do estacionamento no centro da Cidade não estão mais usando uniforme e que uma série de documentos oriundos de órgãos responsáveis pela fiscalização desse tipo de políticas públicas circulam pela secretaria municipal competente cobrando explicações.

Em termos de obras públicas, o mais visível é o asfaltamento da calçada e pátio de uma igreja. Se realmente o serviço foi feito pela secretaria de Obras é patrocínio de culto religioso, proibido pela Constituição Federal.

As ruas asfaltadas – e mal asfaltadas – pelas administrações passadas estão cheias de buracos. Aliás, buraco é o que tem mais surgido nas vias públicas.

Em prejuízo claro dos contribuintes, foi adotado turno único nas repartições municipais. Estas estão cheias de cabos eleitorais e ex-candidatos a vereador contratados através de cooperativas.

Aliás, é preciso que as autoridades responsáveis pela fiscalização do cumprimento da Lei adotem providências que já foram adotadas em outros municípios. É preciso que a Constituição seja cumprida e que o ingresso no serviço público municipal se faça através de concurso público ou para o preenchimento de cargos em comissão.

Assim, raíam ao despropósito as medidas de contenção de despesas adotadas pela atual administração municipal, enquanto a cupincharia está onerando os cofres públicos, em flagrante desrespeito à legislação em vigor e a princípios que norteiam elencados em qualquer manual de Direito Administrativo.

Pessoas experientes, o prefeito municipal de Passo Fundo e seu vice estão sendo, há tempos, alertados sobre o assunto.

Se amanhã ou depois o caldo engrossar, esquentar e entornar sobre suas mãos limpas não poderão alegar desconhecimento de fatos que se tornem públicos.

A imprensa independente e políticos sérios têm demonstrado generosa tolerância. Antes, porém, que tolerância seja confundida com conivência adotarão atitudes enérgicas. Esse dia está próximo – e muito próximo.

Portanto, urge que medidas sejam tomadas. Se querem conter gastos, ajustá-los à Lei de Responsabilidade Fiscal ou ao raio que o parta, que o façam primeiro acabando com o empreguismo de cabos eleitorais et caterva.

Lembrem-se: estamos a menos de um ano de eleições. Diante dos nomes que postos para as disputas parlamentares de 3 de outubro de 2006, já se antevê uma prévia das eleições municipais de 3 de outubro de 2008.

E mais: não é preciso que se demonstre dotes divinatórios para prever qual será o resultado. Do jeito que as coisas vão o mínimo que pode acontecer é os candidatos vinculados à atual administração municipal amargarem uma derrota arrasadora.

Data : 02/11/2009

Título : ECONOMIA, POLÍTICA E LITERATURA

Categoria: Resenhas

## ECONOMIA, POLÍTICA E LITERATURA

As ligações entre economia, política e literatura apresentam muito mais pontos de encontro do que se imagina. É o que se viu e ouviu nos diversos debates ocorridos durante a 13ª Jornada Nacional de Literatura, concluída há poucas horas. Tive, durante o evento, a oportunidade de encontrar exemplos práticos desse vínculo. Seja durante as manhãs acompanhando os imortais brasileiros que participaram do 3º Encontro da Academia Brasileira de Letras – Revisitando os Clássicos III; seja à tarde, nas diversas entrevistas que gravei para o programa Literatura Local, que é uma parceria entre a Academia Passos-Fundense de Letras e a TV Câmara; seja, ainda, em conversa direta com escritores.

Um dos exemplos mais paradigmáticos, encontrados durante a Jornada, é do livro MINHA TRAJETÓRIA, que tem o sugestivo e nada enigmático subtítulo UM VENDEDOR NO MUNDO DOS NEGÓCIOS E DA POLÍTICA, de Moacir Volpato. Em 199 páginas autobiográficas, o Autor traça a história de sua vida, desde 16 de janeiro de 1948, quando nasceu no interior de Herval d'Oeste, Estado de Santa Catarina, filho de um pequeno agricultor e oleiro, até hoje, data em que é pré-candidato ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, pelos Democratas.

A pequena agricultura contribuiu para a ascensão econômica dos imigrantes europeus que se estabeleceram no Sul do Brasil, não de per si, mas ao associar-se com a manufatura e o comércio. Os estudiosos de nossa colonização, como todos os historiadores imediatos ou locais, sofrem de cegueira histórica, produzida e demonstrável fisicamente, pela proximidade com o objeto de análise. As autobiografias, em muitos aspectos são muito mais esclarecedoras que as volumosas e intragáveis monografias e dissertações acadêmicas. Escritas com o coração e a passionalidade acabam retratando melhor o “ruach”, o sopro primordial dos indivíduos e das sociedades, do que obras que pretendem gravar a história.

As autobiografias confirmam a velha afirmativa do autor de “A Riqueza das Nações”: “Um homem que emprega muitos operários enriquece; o que emprega muitos serviços empobrece”. “MINHA TRAJETÓRIA”, apenas vem confirmar a exatidão do ensinamento de Adam Smith.

Homem destituído de instrução formal, Vergílio Mateus Volpato, pai do Autor, era um instintivo genial. Em outras palavras tinha uma inteligência inata, comprovando a máxima atribuída ao Barão de Itararé: “Diploma não encontra orelha de ninguém”. Planejava o que faria, discutindo consigo mesmo, como visto em certas passagens de sua vida. O filho

herdou esse tirocínio, que lapidou, em cursos, conversas e viagens ao longo do tempo. Com isso montou uma rede com mais de 60 lojas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. E procura encurtar orelhas, com palestras e, agora, com o livro.

O primeiro ensinamento é o destemor, a decisão, como exemplifica, em várias passagens da obra; o segundo e não menos importante, adquirir a confiança do cliente, não mentido e tratando a todos com seriedade e respeito. E, ao longo do livro, vão sendo apresentadas pequenas receitas sobre o assunto.

Moacir Volpato sempre teve envolvimento social. Não o diz, mas deve ser um aprendizado que vem da infância, acompanhando a vida nas pequenas comunidades de origem italiana. As discussões partidárias que ali presenciou contribuíram para interessá-lo pela chamada vida pública, já em Ciríaco, apoiando um seu funcionário que se elegeu vereador, já em Lagoa Vermelha, cidade onde está a sede das Lojas Volpato, já como pré-candidato ao governo do Estado.

Economia, política e literatura é o que “MINHA TRAJETÓRIA” transpira. E o transpira como um manifesto político. Um vendedor que deu certo no mundo dos negócios dá certo no mundo da política, é o que leio, com os olhos da crítica, no subtítulo do seu livro. Os dados que apresenta sobre os oito anos em que administrou Lagoa Vermelha, zerando a mortalidade infantil que era de 23 por ano, entre outros, comprovam minha leitura. Bem escrito e sóbrio, o tom coloquial contribui para uma agradável leitura. É também a obra de “um vendedor no mundo da literatura”. E um vendedor que convence, ao oferecer suas idéias de maneira agradável, sem o tom grandiloqüente dos velhos manifestos políticos. Valeu a leitura.

Data : 04/07/1997

Título : Edições Missioneiras

Categoria: Resenhas

Descrição: Há pouco, escrevendo sobre SANT'ANA DO LIVRAMENTO: O CORPO E ALMA, antologia reunindo integrantes da Academia Santanense de Letras...

Edições Missioneiras

por Paulo Monteiro

Há pouco, escrevendo sobre SANT'ANA DO LIVRAMENTO: O CORPO E ALMA, antologia reunindo integrantes da Academia Santanense de Letras, salientava o quanto a

literatura brasileira deve ao trabalho persistente de núcleos de escritores espalhados pelos municípios do Brasil.

Em São Luiz Gonzaga, no coração do recanto onde nasceu o tipo de civilização que temos hoje no Rio Grande, com as Reduções Jesuíticas, há um grupo de poetas e prosadores unidos em torno da ASAS, Associação São-Luizense de autores, praticando literatura.

Desse trabalho surgiram a publicação de livros de diversos escritores, a edição de oito números de uma coletânea intitulada SELETA DE VERSOS E PROSA, onde são reunidos, além de autores locais, literatos de outras regiões como o passo-fundense Luiz Lopes de Souza. Além disso, é publicado o jornal O MISIONEIRO.

Como consequência desse trabalho, numa iniciativa de Luiz Henrique Borck e Maristela Miranda, está surgindo a LIVRARIA BORCK EDITORA, que já lançou dois títulos: CAMINHOS DA VIDA, uma novela de Lúcia de Ávila, primeiro anista de Magistério, que a escreveu enquanto cursava a oitava série do 1º grau, e A CASA DA TIA NINA, reunindo poemas de Danci Ramos, sétimo livro do poetisa são-luizense residente no Rio de Janeiro.

A LIVRARIA BORCK EDITORA está inserida numa série de planos de seus diretores, que já anunciam o lançamento de mais obras, entre as quais o terceiro livro de Luiz Lopes de Souza, PAGO PERDIDO, e um novo de Amaury Beltrão de Castro.

É graças ao trabalho de visionários como Luis Henrique Borck e Maristela, que a literatura brasileira se vivifica. O trabalho anônimo, marginalizado dos pequenos editores fertiliza o solo onde crescem os grandes empreendimentos editoriais. São os labores quase esquecidos da pequena Lúcia de Ávila e o poetar espontâneo de Danci Ramos, multiplicados por tantas vozes pouco escutadas, que cimentam o edifício literário brasileiro.

04/07/97

Data : 31/12/2003

Título : Educadora até no que escreve

Categoria: Artigos

Descrição: Meu objetivo - continua - é partilhar essas experiências.

Educadora até no que escreve

Orfelina Vieira Melo é uma educadora por vocação. Vive, respira e escreve educação. Literalmente, não escreve sobre, mas escreve educação.

Ela nasceu em Passo Fundo, no dia 12 de agosto de 1939. Concluiu o ginásio e o curso normal no Colégio Notre Dame, e Pedagogia na Universidade de Passo Fundo. Lecionou em várias escolas de sua terra natal e na Faculdade de Filosofia de Palmas (PR), da qual foi diretora, e na Universidade de Passo Fundo. Tem quatro livros publicados.

"Comecei a escrever mesmo em 1992 - conta Orfelina - porque senti necessidade de partilhar com os outros um pouco de minha experiência de vida. Eu já trabalhava no Grupo Pró-Memória, mesmo antes dos movimentos da terceira idade.

Meu objetivo - continua - é partilhar essas experiências. Por isso escrevi meu primeiro livro, Espiritualidade na Terceira Idade, que já está na quinta edição, em nível de Brasil e até do exterior, pela Editora Ave-Maria, de São Paulo. Depois vieram O Idoso Cidadão (1993), Aposentadoria ou Castigo (1995) e Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo (1998)."

Falando de planos futuros, acrescenta que já tem alguma coisa prevista, a pedido da Editora Ave-Maria, que pretende publicar livros de pequeno formato para serem lidos em metrô. A obra já tem até título: "Envelhecer com Dignidade", e será escrita por temas.

Orfelina Vieira Melo acha que escrever é uma forma de partilhar a vivência e reunir num mesmo espaço algo que se relacione com um determinado assunto. "É, inclusive, uma forma de realização, pois a gente descobre que tem potencialidades, que não vêm de graça, mas que é preciso lutar por isso. Um livro não deixa de ser um outro filho, que é lançado ao mundo".

A escritora vê a literatura como uma forma de aprimoramento próprio e dos outros, tanto que não considera seus livros como literatura, no sentido propriamente dito do termo, mas no sentido de aprimoramento humano. "Quando dividimos nosso mundo com os outros, através da obra escrita, estamos partilhando experiências. Tenho em vista sempre o aspecto da educação, pois escrevo para ajudar os outros a se aperfeiçoarem no que fazem".

"No caso do Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo creio ter contribuído para mostrar, especialmente aos jovens, que as coisas não surgem do nada, mas sempre há pessoas trabalhando para produzir bens culturais", concluiu Orfelina Vieira Melo.

(PAULO MONTEIRO)

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 27/03/1997

Título : El viejo engaño

Categoria: Resenhas

Descrição: Quando estudamos ideias temos de cuidar se elas, efetivamente são novas, ou se representam imagens antigas, muitas vezes ultrapassadas ou ilusórias, apresentadas sob outra roupagem.

El viejo engaño

por Paulo Monteiro

Quando estudamos ideias temos de cuidar se elas, efetivamente são novas, ou se representam imagens antigas, muitas vezes ultrapassadas ou ilusórias, apresentadas sob outra roupagem.

A Nova Era está na ordem do dia. Símbolos são usados sem que as pessoas saibam realmente o que eles significam. Bruxos e bruxas ganham espaço nos veículos de comunicação social, apresentando-as idéias mais absurdas, alardeando serem senhores de poderes sem que comprovem da mesma forma que os propagandeiam. Aumentou a sabedoria no e/ou do mundo – é a lógica a ser verdade o que afirmam -, mas cresceu mais ainda a degradação do ser humano.

Nas livrarias as obras mais vendidas, no geral, são traduções de livros desse tipo de gente e de autores nacionais da mesma laia e de qualidade literária – digamo-lo assim -, a pior possível.

EL VIEJO ENGAÑO DE LA NUEVA ERA, de Ediciones Certeza ABUA, de Buenos Aires, chegou-me às mãos há poucos dias. Os cinco ensaístas que colaboraram para o volume fazem um apanhado, a partir da Argentina, do que representam realmente os incontáveis grupos que formam aquele movimento.

Desde a psicologia, num estudo ilustrativo feito por Elsie Powell, até a questão das cosmovisões e das matrizes principais da Nova Era, e de sua vinculação com a necessidade de encontrar a verdade espiritual em nossa época, no ensaio de Judith Hanson, que abre o volume, encontramos nesse livro. Marcelo Villani analisa o desafio para os cristãos (cristãos verdadeiros, com fé genuinamente escriturística) apresentado pela Nova Era; Ricardo Zandrino estuda o contemplação como prática cristã e Silvia Chaves apresenta propostas para encontros de estudos sobre o tema.

Como o próprio título do livro indica, o que a Nova Era apresenta como novidade é velharia. Mas isso não é tudo. Como demonstrou Ireneu no Adversus Haereses (publicado em português pela Paulus Editora, de São Paulo, na Coleção Patrística, vol. 4, já analisado nesta coluna), com relação aos gnósticos, esse tipo de movimento é uma verdadeira Torre de Babel. Cada guru, cada sabido, cada espertalhão, acrescenta mais um tempero no caldeirão. O livro de Ireneu foi escrito entre 175/198 a.D.

“O velho engano” é tão antigo que podemos encontrá-lo documentado em diversas passagens do Antigo e do Novo Testamentos e, esmiuçado há 1800 anos pelo mártir de Lião.

Ler “EL VIEJO ENGAÑO DE LA NUEVA ERA” é tomar consciência de que essa novidade é tão velha que se perde na noite os tempos. O certo, porém, é que há muito mais pessoas do que se imagina comprando gato por lebre. E gostam.

27/03/97

Data : 14/01/2009

Título : Elogio ao poema

Categoria: Poesia

Descrição: olhos não tens para ver além da nuvem do homem da nuvem

elogio ao poema

olhos não tens para ver além  
da nuvem do homem da nuvem

só um poema assassinado  
na isla negra

pacífica do chile que foi  
pacífico demais

não morreste mataram-te  
las hienas voraces

de teu poema pablo poeta  
irmão poeta e camarada

teu corpo está na terra

ensangüentada dos condores

teus poemas estão vivos  
falando pelos que não podem falar

os pinochet & cia  
hão de durar como a noite

amanhã será outro dia  
no céu de santiago

teu poema raiando vermelho  
na boca de todos os homens

e mulheres  
e crianças

e operários  
e camponeses

pablo mataram-te  
destruíram la moneda

os operários e camponeses  
de e teus poemas continuam vivos

para fazerem teus poemas raiar  
nos céus de santiago vermelha

nos céus de todas as  
santiagos do mundo

(do livro inédito eu resisti também cantando)



Data : 07/08/2007

Título : Emancipação de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: A ocupação da área urbana de Passo Fundo começou em 1827, quando Manoel José das Neves aqui se fixou com a família e escravos.

Paulo Monteiro (\*)

A ocupação da área urbana de Passo Fundo começou em 1827, quando Manoel José das Neves aqui se fixou com a família e escravos. Ao permitir que outras famílias se instalassem ao longo do que hoje é a Avenida Brasil, nas proximidades do Colégio Notre Dame, contribuiu para o crescimento acelerado da povoação. Tanto isso é verdade que a 28 de maio de 1834 Passo Fundo passou à condição de 4o Distrito de Cruz Alta; menos de três anos depois, em 26 de janeiro de 1847, por lei provincial, a povoação passava à categoria de Freguesia. Finalmente, a 28 de janeiro de 1857, através da Lei 340, do então presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, Passo Fundo, é elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Cruz Alta.

“Lei no 340, de 28 de janeiro de 1857

O conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, presidente da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, etc. etc. Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa provincial decretou e eu sancionei a seguinte lei:

Art. 1o. – São elevadas à categoria de vilas as freguesias de Passo Fundo e Cangussú.

Art. 2o. – Os limites da Vila de Passo Fundo compreenderão não só o distrito que tinha quando freguesia, como todo o território da nova freguesia da Soledade.

Art. 3o. – A Vila de Cangussú compreenderá em seus limites, além do distrito da freguesia deste nome, os da freguesia de Cerrito, todos com as divisas que atualmente têm.

Art. 4o. – São revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento, a execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta província a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo na leal e valorosa cidade de Porto Alegre, aos 28 dias do mês de janeiro de 1857, trigésimo sexto da Independência e do Império.

(ass) Jerônimo Francisco Coelho

Carta de lei pela qual V. Exa. Sancionou o decreto da Assembléia Legislativa provincial, elevando à categoria de vilas as freguesias do Passo Fundo e do Cangussú, e marcando os seus limites como acima se declara.

Para V. Exa. Ver

(ass) Germano Severino da Silva, a faz

Na secretaria do governo foi selada e publicada a presente lei em 28 de janeiro de 1857.

O oficial maior, servindo de secretário

(ass) João da Cunha Lobo Barreto

Registrada no livro 1o. 3 de Leis Provinciais.

Secretaria do governo em Porto Alegre, 28 de janeiro de 1857.

(ass) José Gonçalves Duarte”

Uma vez separado de Cruz Alta adotaram-se as providências para a eleição dos vereadores e a instalação da Câmara, o que ocorreu no dia 7 de agosto daquele mesmo ano, com a posse dos primeiros vereadores do município.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm, que escreveram sobre a história passo-fundense, afirmam que o comissário Joaquim Fagundes dos Reis liderou o movimento emancipacionista. Esse movimento inciou-se no ano de 1840, obteve êxito 17 anos depois, com o apoio de comerciantes e outros habitantes do povoado.

Os emancipacionistas contaram com o apoio dos deputados provinciais Antônio de Mello e Albuquerque e Antônio Gomes Pinheiro Machado, pai do futuro senador José Gomes Pinheiro Machado, um dos comandantes pica-paus da Revolução Federalista. Antônio Gomes Pinheiro Machado, em 1857, não compunha a Assembléia Provincial, reassumindo a deputação no ano seguinte.

O município original limitava-se, ao norte, com o Rio Uruguai, ao leste e ao sul, sem uma determinação precisa, com os municípios de Santo Antônio da Patrulha, Taquari, Rio Pardo, Cachoeira do Sul e Santa Maria, ao oeste pelos rios Jacuí Mirim e Várzea e trechos também indefinidos com Cruz Alta. Sua área era de 80 mil quilômetros quadrados e uma população estimada de 7.586 habitantes, segundo Antonino, e 41.200,90 km<sup>2</sup>, conforme geógrafos de hoje.

No ano seguinte, efetuada sua organização administrativa, assim ficou dividido: 1º distrito: Passo Fundo (sede); 2º distrito: Campo do Meio; 3º distrito: Nonoai; 4º distrito: Jacuizinho (Carazinho); 5º distrito: Restinga; 6º distrito: Soledade; 7º distrito: Lagoão. Conforme a legislação do Império, as atuais funções de prefeito eram exercidas pelo presidente da Câmara de Vereadores. Assim, o primeiro “chefe do Executivo municipal” foi Manoel José d’Araújo. Ainda de acordo com a mesma legislação, somente no dia 10 de abril de 1891,

como homenagem à data natalícia do coronel Gervásio Lucas Annes, chefe republicano do município, Fernando Abbott, presidente do Estado, conforme ato no 258, reconhece Passo Fundo como cidade.

Data : 02/09/2011

Título : Emílio da Silva e seu século

Categoria: Resenhas

Descrição: Emílio da Silva e seu século rompe com essa prática. O homem cresce no tempo e no espaço. Apenas no tempo e no espaço se torna sujeito histórico, artífice da história.

Emílio da Silva e seu século

Paulo Monteiro (\*)

Durante vários dias frios e chuvosos de junho passei acompanhado de um belo livro de história local: Emílio da Silva e seu século (Jaraguá do Sul. Desing Editora, 2011). Trata-se de uma obra volumosa, com 872 páginas, escrita por José Alberto Barbosa, um mineiro de Cambuquira, há mais de meio século vivendo entre o Paraná e Santa Catarina. Em Maravilha, onde exerceu o ministério público estadual, conheceu o poeta Juca Ruivo e agauchou-se.

Estudioso e divulgador da obra do poeta de Tradição, juntamente com José Isaac Pilati, ao biografar Emílio da Silva, historiador jaraguaense, produziu um livro que é modelo para os historiadores locais. “Emílio da Silva foi político integralista, professor e pesquisador de trajetórias”, assim o historiador Ademir Pfiffer resume a vida do biografado, que nasceu a 1º de novembro de 1900 e faleceu em 3 de julho de 1999, com 98 anos.

José Alberto Barbosa insere o historiador do Vale do Itapocu em sua época, em seu século, para empregar a mais clássica expressão em Língua Portuguesa. De início apresenta um amplo painel da Santa Catarina do primeiro terço do século XX, continua mostrando o aparecimento do Nazismo e do Integralismo naquelas plagas.

Escritor torrencial, José Alberto Barbosa, inunda o Vale com a enchente de sua prosa, ondulando humanismo. Os longos capítulos que dedica ao Integralismo, como Os Pensadores Integralistas (págs. 442 a 492), Verdes, pardos, cáquis e marrons (págs. 541 a 551) e A Noite dos Tambores Silenciosos (págs. 559 a 575), não poderão ser ignorados por quem quer que deseje, com seriedade, estudar aquele importante período histórico.

Talvez, os largos anos dedicados ao Ministério Público, transformaram José Alberto Barbosa num investigador atilado. Vai à raiz das coisas. Para o leitor mais apressado, a personalidade marcante de Emílio da Silva desaparecerá dentro do “seu século”.

A história local tem sido, desde gregos e romanos que a criaram, um criatório de gênios e monstros. Há pouco, lendo *Civilização Contra Barbárie* (isso mesmo, *Civilização*, com “s” em vez de “z”), de Baptista Pereira (São Paulo: Rossetti & Câmara, São Paulo, 1928), pude comprovar esse processo que contribuiu para que caudilhos platinos fossem transformados em heróis nacionais e suas imagens circulassem até nas procissões ao lado do panteão católico. Degenerados, responsáveis pela degola de milhares de homens, mulheres e crianças, elevados à santificação por intelectuais.

Emílio da Silva e seu século rompe com essa prática. O homem cresce no tempo e no espaço. Apenas no tempo e no espaço se torna sujeito histórico, artífice da história.

Fora disso é uma ficção, um mito, pura mentira. E porque mostra o seu biografado um ser humano, inserido em sua época e num ponto geograficamente definido, José Alberto Barbosa produz um livro que deve ser lido e absorvido criticamente por tantos quantos se dediquem à escrita e ao estudo da História.

Longe de mim, afirmar que Emílio da Silva e seu século é uma obra prima.

Escrevo com todas as letras e digo com todas as palavras: é um livro a ser tomado como modelo.

O autor de *Jaraguá do Sul – A Povoação do Vale do Itapocu* aparece de corpo inteiro na biografia que está sob meus olhos. Lê-la foi uma satisfação, um prazer e um aprendizado. Ali encontrei o conforto de que não estou sozinho no mundo, de que há tantos outros que estudam a história com seriedade e destemor, como Nelson Hoffmann, nas Missões, e Enéas Athanasio, ali mesmo, em Santa Catarina. São homens como aquele Vicente Fidel Lopez, de que nos fala Baptista Pereira entre as páginas 118 e 123 de seu livro. Atacado pela malta dos adoradores do caudilho Juan Manoel Rosas não se intimidou. Resumindo sua posição nestas palavras: “Só eu, só eu sou o juiz do limite das minhas palavras. Não de ouvir-me quer queiram quer não”!

Também, apenas o historiador deve ser o juiz das suas palavras. Não deve sujeitar-se aos poderosos do dia que, ao fim e ao cabo, terminam sendo os poderosos de todos os dias.

Homem simples, que sempre comeu o pão do suor do seu rosto, que jamais se afastou dos princípios pelos quais sofreu até as agruras do cárcere, Emílio da Silva escreveu a história de sua terra, norteado por suas ideias. Nada mais justo do que Emílio da Silva ter encontrado quem lhe biografasse na pessoa de alguém, como José Alberto Barbosa, que é juiz de suas próprias palavras. (Publicado no JORNAL ROTTA, Ano 11, II Fase, Nº 207, Passo Fundo, RS, de 01 a 31 de agosto de 2011, p. 6).

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e diversas entidades culturais de Passo Fundo e do exterior. Autor de quatro livros e centenas de artigos e ensaios sobre temas literários, históricos e culturais.

Data : 10/07/2009

Título : Enciclopédia do Futebol Gaúcho

Categoria: Resenhas

Descrição: ...historicamente, nos últimos anos do Século XIX o melhor zagueiro da França era um brasileiro. ...

## Enciclopédia do Futebol Gaúcho

A publicação de Enciclopédia do Futebol Gaúcho – Volume I – Ídolos e Craques, de Marco Antonio Damian e César Freitas, com lançamento no próximo dia 16 de julho na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, revelará ao público um dos acontecimentos editoriais mais importantes da Capital Nacional da Literatura neste ano de 2009. Revela, ao mesmo tempo, Marco Antonio Damian um dicionarista que continua a tradição iniciada por nosso confrade Antonio Carlos Machado com sua Enciclopédia Sul-Rio-Grandense Ilustrada, publicada em fascículos, pela Gráfica Editora Berthier, de Passo Fundo, entre 1988 e 1989.

Não sei se o autor de Futebol de Passo Fundo – Contribuição à sua História conhece O Pampa Heróico (Esbôço geral da sociogênese riograndense), Rio de Janeiro, 1942, s/ed., mas há uma coincidência de idéias incríveis entre a Introdução do livro do Antônio, que já nos deixou e Apresentação do outro Antonio, que é um membro atuante de nossa Academia. Refiro-me à notícia-crime do descaso que havia para com os documentos referentes à história do Rio Grande do Sul, feita pelo autor de Seara Alheia, há 65 anos, e o que escrevem Marco Antonio Damian e César Freitas, quando ao descaso existente nos clubes rio-grandenses do sul, quanto à documentação interna.

Trata-se de uma tradição ancestral. Talvez preserve a herança das hordas selvagens, apagando os rastros para que não fossem seguidas por tribos adversárias, ou dos bandos armados que fizeram “o Pampa heróico”, decantado em prosa e verso, também para ocultarem seus objetivos táticos dos antagonistas, ou, ainda, para não deixarem provas das degolas e outras violências. Quaisquer que sejam os motivos dessa destruição das fontes históricas, Antonio Carlos Machado, a seu tempo, e Marco Antonio Damian, hoje, não se amedrontaram, conseguindo realizar obras imorredouras.

Mas entremos na essência mesma deste primeiro volume da Enciclopédia do Futebol Gaúcho.

Numa carta de Paris, dirigida a Gaspar da Silveira Martins, em 7 de abril de 1896, o Barão do Rio Branco narra que às 3 horas daquele dia, aconteceria última partida entre “os melhores jogadores de Paris e o Club de Coventry, que possui uma das mais célebres turmas de futebol da Inglaterra”. Revela, com certo orgulho, que seu “filho Paulo,

estudante de medicina, é o arrière ou back da equipe francesa e é tido como o melhor arrière da França”.

Traduzindo, historicamente, nos últimos anos do Século XIX o melhor zagueiro da França era um brasileiro. Não era, porém um dos nossos muitos afro-descentes, nascidos e crescidos nas periferias, mas um integrante da nobreza imperial. O futuro consolidador das fronteiras nacionais sentencia: “Esse gênero de esporte devia ser introduzido no seu Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas, onde o clima permite tais exercícios”. Quem revela esse documento é Lafayette Silveira Martins Rodrigues Pereira, à página 48 da Introdução aos Discursos Parlamentares de Silveira Martins, publicados pela Câmara dos Deputados em 1979.

Os aproximadamente 1500 verbetes enfeixados nesse tomo inicial da Enciclopédia do Futebol Gaúcho comprovam o acerto de Rio Branco. No Rio Grande do Sul de Silveira Martins nasceram ou se destacaram muitos dos mais importantes atletas brasileiros e firmaram-se duas das “célebres turmas de futebol” do Brasil em todos os tempos, Internacional e Grêmio. Certo é que poucos anos depois das proféticas palavras de Rio Branco, maristas franceses introduziam o “esporte bretão” em Passo Fundo. Ao que tudo indica a atual Praça Tamandaré, ao redor da qual nasceu a cidade nos dias finais de 1827 e onde acamparam exércitos farroupilhas e caramurus e tropas maragatas e pica-paus foi nosso primeiro “estádio”.

Marco Antonio Damian e César Freitas, com essa obra, resgatam uma dívida histórica dos gaúchos com seus ídolos e preservam seus nomes para as gerações futuras. Ali encontramos os grandes ídolos e os quase anônimos jogadores que fizeram e continuam fazendo a alegria dos torcedores nos quatro cantos do Rio Grande. Ler a Enciclopédia do Futebol Gaúcho é recordar craques que se tornaram ídolos e que fizeram, no Estado, a alegria e a tristeza de colorados e gremistas, ou de quatorzianos e periquitos, em Passo Fundo.

Apoiada em vasta e demorada pesquisa, que incluiu até mesmo pacientes investigações em cemitérios, para conferir datas de falecimento de atletas, o livro que será lançado na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, será um clássico.

Data : 31/12/2008

Título : Encontro de Academias

Categoria: Artigos

Descrição: Guardiã da Língua Portuguesa no território brasileiro, a Academia Brasileira de Letras tem representado o país...

Encontro de Academias

A primeira notícia que se tem sobre a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL) é uma ata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do dia 6 de junho de 1847. A proposta obteve a simpatia do imperador Dom Pedro II e dos nobres do Império. Aprovada no dia 22 do mesmo mês, com o nome de Academia Brasileira, acabou esquecida. Três décadas depois, a 24 de maio de 1878, noutra reunião do mesmo IHGB, de novo sob a presidência do segundo imperador, foi renovada a proposta de criação, com o nome de Academia das Letras Brasileiras. Também não prosperou.

Proclamada a República, a 15 de novembro de 1889, Medeiros de Albuquerque, diretor da Instrução Pública, retomou a idéia. Pretendia que a Academia Brasileira de Letras fosse patrocinada pelo Governo. Isso aconteceu em 1886. Chegou a elaborar uma minuta de Decreto, que seria expedido pelo Governo Provisório, nomeando Machado de Assis presidente da Academia.

Lúcio de Mendonça continuou com a idéia de fundar a Academia Brasileira de Letras. Falou com secretários de ministros, com os próprios ministros, e escreveu artigos expondo a proposta. Chegou até a defender que a Academia Brasileira de Letras fosse fundada a 15 de novembro de 1889. O bom senso fez com que não fosse fundada nessa data. Uma entidade, de nível nacional, para ser verdadeiramente “brasileira”, necessitava contar com a participação de intelectuais monarquistas ou ligados ao antigo regime. Sua organização, na data que lembrava a queda do Império, inviabilizava a participação do elemento ligado ao governo destronado.

Lúcio de Mendonça não desistiu e, a 20 de julho de 1897, foi finalmente fundada a Academia Brasileira de Letras. A primeira diretoria estava assim constituída: Presidente – Machado de Assis; Secretário Geral – Joaquim Nabuco; Secretários – Silva Ramos e Rodrigo Otávio; Tesoureiro – Inglês de Souza.

Os primeiros tempos foram muito difíceis para os acadêmicos. Moldada na Academia Francesa, que começou a reunir-se no ano de 1634, e sem um Richelieu para estender as benesses do Estado, os imortais brasileiros passaram a reunir-se nos mais diferentes locais. Aos poucos foram conseguindo o apoio das autoridades constituídas, o que significou um minguado aporte de recursos.

Através do Decreto 726, de 8 de dezembro de 1900, a Academia Brasileira de Letras foi reconhecida como de utilidade pública e adquiriu o direito de publicar suas obras através da Imprensa Nacional. A Academia também conseguiu subvenção oficial, o que lhe permitiu pagar um módico jeton aos acadêmicos que participavam das reuniões.

Em 1915 a Academia Brasileira de Letras tinha uma subvenção anual de 15 contos de réis, paga em duas parcelas, o que lhe permitiu pagar um jeton de 20 mil réis por reunião. A situação mudou da água para o vinho em 1917, com o falecimento do livreiro Francisco Alves de Oliveira. Solteiro, deixou toda a sua fortuna, avaliada em cinco mil contos de réis, incluindo imóveis no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, para a Academia. Em troca, deveria promover concursos literários e premiar escritores. Dois anos depois, Francisco Ramos Paz legou dez contos de réis em apólices, com a condição de que os rendimentos servissem para patrocinar prêmios literários.

Logo depois, a Academia viveu largo período de turbulência, devido ao processo desencadeado pela Semana da Arte Moderna. A confusão chegou ao próprio seio do

sodalício, com a palestra do acadêmico Graça Aranha, em 19 de junho de 1924. As coisas chegaram às vias de fato.

Passado o furacão modernista, a bonança retornou à Casa de Machado de Assis, já instalada no Petit Trianon, prédio que lhe foi doado pelo governo francês. Na década de 1960, o residente Austregésilo de Athayde, que dirigiu a Academia durante mais de trinta anos, conseguiu que o governo da União doasse à instituição um terreno ao lado do Petit Trianon. A parceria com uma imobiliária permitiu a construção de um grande edifício. Hoje ele está integralmente nas mãos da Academia. Os aluguéis são uma importante fonte de renda, permitindo a manutenção de uma equipe com mais de cem funcionários, contribuindo para que a Academia Brasileira de Letras funcione como uma verdadeira empresa.

Além de diversas publicações, como a Revista Brasileira, desde 1905, funciona a Biblioteca da Academia que possui um acervo riquíssimo. O crescimento do acervo, hoje com mais de 70 mil volumes, fez com que ela fosse desdobrada em duas, surgindo a Biblioteca Rodolfo Garcia, moderníssima, e aberta ao público.

Guardiã da Língua Portuguesa no território brasileiro, a Academia Brasileira de Letras tem representado o país, em todos os acordos ortográficos firmados pelos países que falam e escrevem na língua de Camões.

Conservadoras, mas não reacionárias, fazendo sua a velha máxima do “modernizar conservando”, as academias de letras têm seus próprios rituais, o que tem servido para zombarias de espíritos menos sérios. No caso da Academia Brasileira de Letras é o chá das quintas-feiras, às 16 horas.

No dia 25 de setembro de 2008, uma representação da Academia Passo-Fundense de Letras participou do chá na Casa de Machado de Assis. Integravam a comitiva os acadêmicos: Paulo Monteiro, presidente, Santo Claudino Verzeletti, secretário geral, Helena Rotta de Camargo, presidente do Conselho Fiscal, Jabs Paim Bandeira e esposa, Daniel Viunisky e esposa, Dilce Peccin Corteze e esposo. Além dessas pessoas também confraternizaram com os imortais brasileiros a aluna da Escola Estadual Protásio Alves, Débora de Marco Machado e sua professora, Adriana da Silva, e as professoras Diva de Marco Machado, representando a 7ª CRE, e Rejane Bernardon, da Biblioteca Pública Municipal.

A delegação de passo-fundenses chegou ao número 231, da Avenida Presidente Wilson, no Rio de Janeiro, poucos minutos antes das 15 horas. Eram esperados pelas senhoras Teresinha e Daniela, assessoras da presidência, que promoveram um rápido encontro com o presidente Cícero Sandroni.

Enquanto ele participava de uma reunião de trabalho, nossos conterrâneos visitaram todas as dependências da Casa de Machado de Assis. Esta recebia levas de pessoas que acompanhavam exposições, lembrando a vida e a obra do seu primeiro presidente, cujo centenário de falecimento transcorreria a 29 de setembro.

Logo depois fomos conduzidos à sala onde é servido o chá. Ali, encontramos-nos com diversos acadêmicos, muitos deles saudosos de Passo Fundo. Entre estes podem ser lembrados os nomes do próprio presidente, Cícero Sandroni, do ex-presidente, Ivan Junqueira, do poeta Ledo Ivo, do jornalista Murilo Melo Filho e do poeta e romancista



Domício Proença Filho, casado com uma passo-fundense. Deve-se lembrar a maneira fraterna com que nos recebeu o poeta Carlos Nejar, um dos gaúchos com assento na Academia Brasileira de Letras.

É opinião unânime dos passo-fundenses que visitaram a Casa de Machado de Assis, o cavalheirismo com que foram recebidos, e a consideração demonstrada pelos imortais brasileiros por Passo Fundo, o que se deve à respeitabilidade alcançada pelas Jornadas Nacionais de Literatura e os elevados índices de leitura per capita do município. No domingo, 28 de setembro, nova e calorosa recepção, desta vez pela Academia Petropolitana de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico de Petrópolis, através do seu presidente, Joaquim Eloy Duarte da Silva, poeta e historiador daquela cidade. Mais uma vez pudesse constatar o respeito por Passo Fundo. Ficou acertada para 2009, possivelmente durante a Jornada Nacional de Literatura, a visita de uma delegação de intelectuais petropolitanos.

A conclusão unânime, de tantos quantos participaram dessa viagem cultural, é que a imagem de Passo Fundo mudou radicalmente, nos últimos anos. Do discutível e sempre questionado título de “Cidade mais gaúcha do Rio Grande”, hoje somos reconhecidos como a “Cidade mais culta do Rio Grande”. Os próprios diplomas legais, que conferiram ao município o status de Capital Nacional e Capital Estadual da Literatura, tornam inquestionável esse reconhecimento. E isso é muito bom. Quem investiria numa cidade de boçais? Quem gostaria de visitar ou morar numa cidade de tabacudos? É claro que ninguém.

Como alguém que estuda a história de Passo Fundo há quarenta anos, costumo repetir que a Academia Passo-Fundense de Letras é a herdeira de uma tradição que recua pelo menos até 1883, quando foi criado o Clube Amor à Instrução, que realizava diversas atividades culturais e mantinha uma grande biblioteca, para aqueles tempos. Desde 7 de abril de 1938, quando surgiu o Grêmio Passo-Fundense de Letras, do qual a Academia é sucedânea, tudo o que aconteceu em Passo Fundo, culturalmente falando, ou nasceu dentro do sodalício ou foi regado por nossos consócios. O primeiro Centro de Tradições Gaúchas de nossa Região, o telegrama ao presidente Getúlio Vargas, propondo a criação da Universidade de Passo Fundo, foram gerados dentro da Academia. Os ativistas culturais, que idealizaram e dirigem nossos principais eventos nessa área, amadureceram acompanhando as atividades da Academia. Por isso, a responsabilidade da Academia Passo-Fundense de Letras é muito grande. Somos e continuaremos parceiros, para que Passo Fundo se consolide, cada vez mais, como um centro de excelência cultural.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 05/09/1997

Título : Encontros Impossíveis

Categoria: Resenhas

Descrição: Jair Pedroso da Silveira está estreando como contista. Procura Eterna, uma coletânea de contos, foi publicada pela Editora Koinonia Sul (Casca- RS).

## ENCONTROS IMPOSSÍVEIS

por Paulo Monteiro

Jair Pedroso da Silveira está estreando como contista. Procura Eterna, uma coletânea de contos, foi publicada pela Editora Koinonia Sul (Casca- RS).

Como Francisco Bernardi salienta no Prefácio, falando dos contos reunidos vê-se “em quase todos os protagonistas das narrativas que constituem este livro a questão da solidão (...)”. Mas não é a solidão que se expressa através do senso comum. Para usar um termo atualíssimo: é a solidão transcendental.

As personagens de Jair Pedroso da Silveira, mormente do sexo masculino, e ensimesmadas, narcisistas apavoradas pelo narcisismo próprio. Vítimas da repressão sexual, como se observa no relacionamento entre Marcondes (in Paisagem Noturna) e sua mãe, outra personagem, entre diversas, onde essa repressão torna-se flagrante, é Marcos (de Entender para Amar).

Há circunstâncias, que o artista não desenvolve, fazendo com que a Procura Eterna do outro (sexo oposto) acabe materialmente impossível de ocorrer.

Quase que os encontros acontecem, mas num nível do em si, levando as personagens muito perto do intimismo simbolista.

Jair Pedroso da Silveira cria personagens carregadas de um desespero psicológico, quase patológico. Como a nissei Yuri ou Tomy, preso à memória da noiva falecida no dia em que iam casar-se. Há um lirismo sutil perpassando por entre as páginas de Procura Eterna, conferindo-lhe um quê das narrativas rápidas de autores românticos.

Formalmente, o final brusco da história pode lembrar a chave de outro de um soneto. E se a linguagem quase jornalística de Jair Pedroso da Silveira faz com que a leitura seja agradável limita os efeitos que poderia obter, ampliando a narrativa, aproveitando os caracteres e situações psicológicas das personagens.

Não é a toa que Procura Eterna foi premiado no IV Concurso Nacional de Contos em Brasília. O escritor santiaguense radicado em Casca está pronto para enriquecer ainda mais a galeria de contistas gaúchos e, quiçá, alçar vôos maiores através da ficção mais longa. O escritor está pronto; é só polir o artista que há nele.

O Cidadão.

05/09/1997.

Data : 15/08/1999

Título : Endereçário Cultural

Categoria: Resenhas

Descrição: O poeta catarinense Abel Beatriz Pereira, nascido em Joinville no dia 17 de fevereiro de 1926, é um dos produtores culturais mais ativos.

### Endereçário Cultural

O poeta catarinense Abel Beatriz Pereira, nascido em Joinville no dia 17 de fevereiro de 1926, é um dos produtores culturais mais ativos. Não está preocupado apenas com a divulgação de sua obra, mas difunde os trabalhos de outros autores. Um dos instrumentos para espalhar poemas alheios é A FIGUEIRA, revista lítero-cultural que ele edita há algum tempo.

Agora, contando com o apoio da Sociedade de Cultura Latina de Santa Catarina, Abel publicou Endereçário Cultural, volume de 170 páginas, com endereços de poetas e prosadores do Brasil e exterior. Reunidos por estados onde residem encontramos cerca de 3.000 produtores de cultura. O próprio organizador reconhece que esse número é muito pequeno. Calcula em aproximadamente, para mais ou para menos de 12.000 o número de escritores em atividade no País.

Abel Beatriz Pereira, com Endereçário Cultural, presta um grande serviço à cultura brasileira, favorecendo o intercâmbio entre aqueles que fazem com que o Brasil seja um país mais esclarecido. Seu endereço é: Caixa Postal 6017-Florianópolis -SC- CEP 88036-971

Do Jornal

O Liberal

Americana, domingo, 15 de agosto de 1999

Data : 05/05/2010

Título : Ensinando o ABC

Categoria: Artigos

Descrição: Isso fez com que julgasse todo o conjunto do ABC como de autoria de Ramiro Barcelos.

### Ensinando o ABC

Álvaro Soares da Silva, mais conhecido como Alvinho Duro, era homem de poucas letras. Carreiro, na adolescência, já adulto empunhou armas em 1923 e, pouco tempo depois, acompanhou a Coluna Prestes, quando participou do Combate da Ramada e outros entreveros menores. Testemunhou a morte do tenente Portela. Possuía uma memória prodigiosa que lhe permitia repetir um sem número de versos aprendidos nas pousadas de carreiros e nos acampamentos de combatente.

Recordo-me costumava repetir um poema intitulado Ensinando o ABC. O eco daqueles versos, esquecidos com o tempo, como pedaços de uma vidraça quebrada continuaram, ao longo dos anos, em minha memória.

Há algumas semanas Hilton Araldi, incansável descobridor de coisas crioulas, enviou-me uma relação dos fundadores da Estância da Poesia Crioula e a informação de que faziam parte dos ANAIS DO 1.º CONGRESSO DE POETAS CRIoulos DO R.G.S., editados em 1958, nas Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial (Hoje CORAG), em Porto Alegre. Só descansei quanto encontrei a obra num sebo porto-alegrense. E lá, deixei os livreiros em polvorosa, enquanto não encontramos aquele raro volume no meio de algumas dezenas de milhares de outras tantas obras.

Uma leitura dinâmica, ainda em Porto Alegre, reencontrou-me com os velhos versos recitados por meu avô. Preservou-os o polígrafo Walter Spalding (1901-1976). Não resisto e transcrevo o trabalho do historiador que consta entre as páginas 85 e 89, daqueles Anais, sob o título de ENSINANDO O ABC:

“Com contribuição ao Congresso organizado pela ‘Estância da Poesia Crioula’ que se está fundando, com sede em Porto Alegre, envio este ‘ABC’ quase que desconhecido, pois correu o Rio Grande do Sul oralmente. Há muitos anos, no interior do Estado, deram-me uma cópia das vinte sextilhas que compõe o poemeto intitulado ‘Ensinando o ABC’, com a declaração de que era de autoria do Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil. Entretanto, ficamos na dúvida, pois, logo de início, encontramos três estrofes do poemeto de Amaro Juvenal.

Isso fez com que julgasse todo o conjunto do ABC como de autoria de Ramiro Barcelos. Acontece, porém, que não existiam provas, nem para um, nem para outro, apesar da afirmativa de quem deu a cópia e que, pessoa bastante idosa, poderia estar enganada. Tudo, entretanto, fazia crer fosse do Autor de Antônio Chimango. Mas ficamos esperando que algo de mais concreto elucidasse a questão. E a poesia ficou dormindo largos anos em meus arquivos. Um dia, porém, exibem-nos outra cópia, mal feita, com erros e falhas, assinada com o nome de Assis Brasil, e com falta das três estrofes iniciais, de Amaro Juvenal. E quem me exibiu essa cópia disse-me que Assis Brasil a escrevera em 1922, na presença de muita gente, quando, pelo interior do Rio Grande, estava fazendo a campanha eleitoral, como candidato que fora à presidência do Estado.

Diante disso, não havia mais dúvidas, pelo menos para mim. E agora, passados mais alguns anos, entrego-a à Estância da Poesia crioula, como homenagem ao grande poeta, justamente na data de seu centenário que está sendo comemorado.

Eis, pois,

## ENSINANDO O ABC

de J. F. de ASSIS BRASIL

'Este é o A, primeira letra,  
que conhecer muito importa;  
veja bem que não é torta:  
é a primeira que se ataca,  
tem um feitio de barraca  
e um pau cruzado na porta.

'Essa é B, tem dois mamulos,  
e, para nunca esquecê-lo,  
lembre-se de um pessuelo  
na garupa atravessado,  
um bolso pra cada lado  
e um travessão pra sustê-lo.

'Menino, preste atenção;  
não se ponha a olhar pra rua  
que meto já na cafua!

Entende vossa mercê?...  
Estoutra letra é o C; a  
forma é de meia lua.' (\*)

Cada nome tem sua letra:  
esta é o D de Deodoro;  
quem a inventou eu ignoro,  
mas parece ter pensado  
num velho estribo, deitado,  
sem a alça para o loro.

Este grampo, é um biquinho  
na barriga e posto em pé,  
é a quinta letra – é o E.  
Tirando o assento que tem,  
vira em F e, veja bem,  
que F e É fazem FÉ!

Quem não sabe o que é um S  
nas marcas dos animais?  
Pois cruze um S no mais  
na guampa inferior do C  
e terá riscado o G,  
letra das mais principais.

H é tal qual um freio  
só com as cambas e o bocal.  
A cedeira do bucal  
sem as argolas – é o I.  
Torcendo-lhe a cola aqui,  
é o J. Entende, animal?

K é capenga; uma perna

tem direita, a outra aleijada;  
parece que foi boleada  
por maturrango fedelho,  
ou que afundou um joelho  
nalguma bruta rodada...

L é um esquadro. Tirando  
os dois paus atravessados  
de dois AA acolherados  
pelos pés, com certo jeito,  
fica um M tão bem feito  
como os mais aperfeiçoados.

N, essa letra atrevida  
do nome de Napoleão,  
que diz ao tempo que 'não'  
na sua viajada eterna,  
é um M sem uma perna,  
a que vai reta no chão!

O, é a argola da cincha ou,  
se quiser, a do laço.  
Tire ao B um bom pedaço,  
todo o mamulo inferior,  
e fica um P a primor,  
supimpa e macanudaço!

Quem sabe o C sabe o Q;  
e somente, em vez de meia,  
riscar uma lua cheia  
e embaixo o C lhe cravar  
num mesmíssimo lugar,  
para que o Q já se leia.

Pendure um S às avessas  
no bolso do pessel  
que obra ao P, e há de vê-lo  
mudar-se no mesmo instante  
num R fresco e flamante  
sem lhe faltar um só pêlo.

Cobra de duas cabeças  
é o bem conhecido S.  
Ele um minhocão parece  
pras duas bandas virado,  
dormindo bem sossegado  
à luz do sol que o aquece...

T representa o boneco  
dum homem bem teso  
e moço que sofreu grande destroço;  
pés e pernas bem unidos,  
os dois braços estendidos,  
sem cabeça e sem pescoço.

Retire o assento do estribo  
que é o D, para o U formar,  
virando-o de patas pro ar.  
O mesmo fazendo ao A  
num V o transformará  
se o travessão lhe tirar.

É o X dois traços em cruz  
sobre duas pontas assentes.  
A forquilha aqui presente  
com pé cravado no chão,



é o tal de ipisilão,  
I grego pra muita gente...

Por fim, este zigue-zague  
sem direito nem avesso,  
nas nuvens negras traçado,  
como um corisco travesso  
é o Z: – a um N deitado  
também nele reconheço.

Existe ainda a cedilha  
que se parece c'um rabo  
que ao C, se aplica, e, por cabo,  
o til que é tal qual minhoca  
que ao A e ao O valor troca,  
fazendo um diabão do diabo...

E se prestou atenção  
ao que disse a vosmecê,  
saberá que o ABC  
encerra toda a ciência.  
Todo o mundo da querência,  
e o que se ouve e se vê.

(\*) – Estas três primeiras estrofes pertencem ao poemeto campestre 'Antônio Chimango', de Amaro Juvenal (Ramiro Barcelos). São as estrofes LIX, LX e LXI da segunda ronda."

Como observa Walter Spalding, na nota aposta ao poema, as três primeiras estrofes são de Antônio Chimango, publicado por Ramiro Fortes de Barcelos (1851-1916), publicado em 1915, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal. Reproduzem as primeiras lições que um mestre-escola, "velho borracho" ministrara a Antônio Augusto Borges de Medeiros. Proibido pelo governo, espancados a espada aqueles que o possuísem ou divulgassem, o "poemeto campestre" tornou-se muito popular durante a campanha eleitoral de 1922 e a revolução do ano seguinte.

Antonio Chimango termina com a seguinte estrofe:

E aqui lê ponho o arremate  
Na presilha desta história.  
Que um outro tenha a vitória  
De cantar nalgum fandango  
O mais que fez o Chimango  
Pra levar S. Pedro à Gloria.

Outros poetas, como Waldemar Corrêa (1897-1956), empregando o pseudônimo Dino Desidério, deram continuidade ao poema. Entretanto, a primazia coube ao “poeta, teatrólogo, advogado, político, criador e diplomata” Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), como vemos nos versos divulgados por Walter Spalding, um dos mais laboriosos historiadores sul-rio-grandenses. Ao contrário, porém, de Amaro Juvenal e seus continuadores, que preferiram a sátira política, o poema de Assis Brasil é humorismo.

Data : 03/12/2010

Título : Entrevista Paixão Côrtes - O gaúcho tem de acompanhar a modernidade sem fazer modismo

Categoria: Entrevistas

Descrição: O gaúcho tem de acompanhar a modernidade sem fazer modismo.

Paixão Côrtes:

“O gaúcho tem de acompanhar a modernidade sem fazer modismo”

Paulo Monteiro (\*)

João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes nasceu em Santana do Livramento no dia 12 de junho de 1927. Aos 20 anos, estudando no tradicional Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, juntamente com outros sete jovens secundaristas, deu início ao atual Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Nos primeiros dias de setembro de 2010 estive em Passo Fundo, onde realizou uma palestra nas dependências do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda e concedeu entrevista ao programa Literatura Local, produzido em parceria pela TV da Câmara de Vereadores e a Academia Passo-Fundense de Letras.

A entrevista, que aqui se publica em texto integral, transcreveu-a a Revista Somando, de maneira resumida, para adaptar às suas características gráficas, nas edições de novembro e dezembro de 2010. Ainda resumidamente, foi divulgada na Internet por alguns sítios tradicionalista, graças ao sempre generoso amigo Hilton Araldi.

Paulo Monteiro – O nosso entrevistado, João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes é um dos intelectuais mais conhecidos e influentes do Rio Grande do Sul. Homem de múltiplos instrumentos culturais: escritor, historiador, folclorista, cantor, compositor e bailarino. Profundo conhecedor do folclore gaúcho, foi um dos fundadores do moderno movimento tradicionalista gaúcho.

Paixão Côrtes - É bom a gente estar aqui, sabendo dessa preocupação com o aspecto cultural e das experiências, das vivências, das pesquisas que a gente vem realizando há tanto tempo e que às vezes encontra dificuldades de divulgá-las, de colocá-las ao alcance da cultura popular, e nesse sentido é que a gente está editando, publicando e colocando ao alcance das entidades culturais, dos centros de tradições, das agremiações, dos aspectos escolares, dos museus, esse material é resultado de sessenta e tantos anos de pesquisa. É alguma coisa que eu trouxe aí. Já vi que tu tens aí esse Danças Tradicionais do Rio Grande do Sul que foi editado aqui graças à colaboração da Prefeitura Municipal, através de diferentes órgãos culturais e turísticos e que já está esgotado, quem sabe amanhã ou depois nós não conseguimos uma outra reedição, como contribuição cultural do município às nossas tradições.

Paulo Monteiro – Esse livro é uma prova material da profunda ligação de Paixão Côrtes com Passo Fundo, com a cultura de Passo Fundo, um livro editado em Passo Fundo. Mas o senhor foi eleito o patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, a mais tradicional do Rio Grande do Sul e uma das mais importantes do Brasil. Como é que o senhor recebeu essa escolha?

Paixão Côrtes - Eu recebi com júbilo, naturalmente, uma distinção que me foi outorgada em relação aos outros demais concorrentes, que era participantes, jornalistas, professores, dicionaristas, historiadores, que foram indicados pela Câmara [Rio-Grandense do Livro]. É a primeira vez que tenho essa indicação. A minha contribuição seria inicialmente, unicamente de colocar esses aspectos ligados à ciência do Folclore, as pesquisas das expressões naturais do povo ao alcance da feira do povo. A Feira do Livro é um momento em que o povo, as pessoas que por esta ou aquela razão se constroem, às vezes, de entrar numa livraria têm a possibilidade de ver os livreiros, as obras com preços mais cômodos e conviverem com os autores, os escritores, dialogarem, encontrarem novos rumos, quer dizer, não é um espaço estanque, é movimentado, tem exposições de arte, tem movimentos musicais. Então, é nesse sentido que eu acolhi a indicação. E ontem foi a confirmação e minha presença, o que me dá uma responsabilidade muito grande diante do que tu mesmo expuseste que é uma das feiras mais importantes do Brasil e da América do Sul. Então, estão não são só os autores rio-

grandenses, brasileiros, mas também autores que vêm da Europa, do Uruguai e da Argentina contribuir para o conhecimento cultural com todos nós, brasileiros, e especialmente, os porto-alegrenses.

Paulo Monteiro – Retirei alguns livros seus, de minha biblioteca, que trouxe para esta entrevista, mas o senhor trouxe outros, inclusive este Origem da Semana Farroupilha: Primórdios do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Eu gostaria que o senhor resgatasse para aqueles que não conhecem; até para a memória nossa como é que foi aquela “gauchada” [a entrevista é interrompida por uma sonora gargalhada do entrevistado] de 47, aquela “piazada” do Julinho, o senhor, que creio seja o único ainda vivo daquela turma...

Paixão Côrtes – Não. Ainda tem Antônio João Sá de Siqueira. É um companheiro, é um veterinário brilhante, foi professor na Faculdade, mas que fez parte e ainda faz parte da história daqueles rapazes, os oito, que começaram junto comigo, no Colégio Júlio de Castilhos, onde, então, nós criamos um Departamento de Tradições Gaúchas do Colégio Júlio de Castilhos. Eram oito e se criou a chama crioula, o candieiro crioulo, a semana farroupilha, desfile, palestras, conferências, desfiles, no meio estudantil. E depois, nós deixamos para fazer pré-vestibular e fundamos, fora, o 35 – CTG. Esse livro, aqui, teve o cuidado de reproduzir as fotografias, os documentos da época, com toda a precisão, porque hoje, passados sessenta e tantos anos já se constitui numa ótica em que a cultura regional, gauchesca, está inserida na cultura de erudição rio-grandense e com reflexo no panorama nacional, já que o movimento iniciado por oito rapazes, jovens, de vinte anos, depois o 35, que foram mais quarenta e cinco, e hoje se estendeu pelo Universo todo, pelo mundo, e existem quatro mil entidades em torno das quais giram cinco milhões de pessoas. Então, o movimento em sessenta anos saiu do galpão, vamos dizer assim, das coisas singelas, do fogo de chão, para adquirir uma projeção universal. Então, nós vamos encontrar nos Estados Unidos cinquenta ou sessenta centros de tradições, no Japão, na Alemanha, na França, então diz bem da preocupação que nós tivemos, inicial, para pegar essa expressão popular, espontânea, voluntária, das nossas heranças, dos nossos avoengos e colocá-las na dignidade que merece a história e projetá-las no cenário universal.

Paulo Monteiro – Quando vocês construíram aquele galpão no Julinho, quando fizeram a ronda crioula e quando saíram na rua a cavalo no traslado dos restos mortais de David Canabarro, com toda aquela história de pessoas debochando, vocês tinham consciência, chegaram a imaginar onde é que ia acabar aquilo?

Paixão Côrtes – À época era muito comum apelar para os Estados Unidos que tinha um grande foco nos modismo da época e procurar alguma pessoa que tivesse a visão norte-americana, um futurologista, para dizer do Brasil – estou falando do Brasil, eu não estou falando do Rio Grande do Sul, eu não estou falando das tradições gaúchas –. Se este futurologista norte-americano, que vinha para resolver (resolver entre aspas) os aspectos econômicos, culturais, políticos, do Brasil, imagina, nós, rapazes com a idade, o verdor dos vinte e cinco anos, não podíamos imaginar que teria esta projeção que hoje, nem com a idade correspondente, que eu disse, se louvaria de pretensões de visão mais ampla, mas uma coisa nós tínhamos consciência, está nos folhetos que nós distribuimos aqui, no Centro [de Tradições Gaúchas Lalau Miranda], as perspectivas, as causas, os momentos e os textos que em 1947 nós colocamos quando fundamos o Departamento de Tradições

[do Colégio Júlio de Castilhos]. Era preocupação de preservar, multiplicar e enaltecer, no seu sentido cívico, as tradições gaúchas às novas gerações. Então, se esta preocupação de preservar, de dignificar e de exaltar, no aspecto cívico, não era o civismo gauchesco, regional, mas o civismo brasileiro.

Paulo Monteiro – Em 1947, naquele período de guerra, pós-guerra, começa a entrar a moda americana no Brasil, através do cinema, da música no rádio, da literatura de faroeste. O movimento de vocês não era, de certo modo, contra essa cultura? O movimento tinha muito de nacionalismo contra esse imperialismo cultural, digamos assim? Tinha esse conteúdo ou não tinha?

Paixão Côrtes – Tinha, realmente; tinha esse conteúdo, tanto assim que como eu disse, era um sentido cívico. Está escrito isso.

A Liga de Defesa Nacional, aonde tinha a Chama da Pátria, então fomos buscar lá, montei a cavalo e levei para o Colégio Júlio de Castilhos e começou então a Chama Crioula, o candieiro crioulo, a Semana Farroupilha, as palestras dizendo das heranças nossas, dos velhos farrapos e toda a seqüência dos acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul, especialmente atinente à atividade da cultura popular, não documentos históricos, políticos, que representavam filosofias da época como era a norte-americana, e que os ianques faziam os convênios. “O que é bom para os Estados Unidos é bom para os americanos (do Norte, não é?!).” E do Sul é outra coisa... Esses aspectos é que... (O cinema, Fred Astaire e seus sapateios! Bill Crosby e suas rosas! O Super-Homem! O Capitão América!) eram as figuras mais exaltadas à juventude do segundo pós-guerra. E nós nos levantamos exatamente no sentido de dizer que nós tínhamos o nosso gaúcho; nós tínhamos a Revolução Farroupilha; nós tínhamos os nossos hábitos; tínhamos não Coca-Cola, mas tínhamos o chimarrão. E assim por diante! E isto calou profundamente no transcorrer dos anos. E verificaram, sociólogos verificam, e até ficaram com surpresa, quando nós dissemos que o nosso movimento começou de baixo para cima e não de cima para baixo.

Paulo Monteiro – Como é que foi? ... na verdade era uma “piazada”... não era nem um figurão...

Paixão Côrtes – Era uma piazada consciente e documentada como está aqui [mostrando o livro Origem da Semana Farroupilha: Primórdios do Movimento Tradicionalista Gaúcho] nos textos. Não era uma invenção porque nós não podíamos inventar uma coisa de que nós éramos naturais. Todos os meus parentes eram gente de campo, filhos de fazendeiro, netos de fazendeiro. Eu mesmo sou produto de campo. Eu não sou de holofote. Agora, no transcorrer dos anos, as necessidades de levar a mensagem a este ou àquele meio de comunicação de imagem, de som, de palco me levaram a tomar as atitudes que eu sempre usei na Campanha, agora na cidade, e com luzes adequadas. E precisa ser entendido que o gaúcho tem de acompanhar a modernidade sem fazer modismo procurando conservar as suas raízes, as fundamentações espontâneas do povo. Não fazer modismo, porque aí, realmente, perde a razão do movimento ser; é transitório, é estanque, é circunstancial e não diz da nossa ideia inicial.

Paulo Monteiro – No começo de sua conversa sobre esses primórdios do tradicionalismo o senhor falou da questão nacional. Vocês tinham uma visão nacional, mais do que regional, do que rio-grandense do sul, digamos assim? Nós estamos agora na Semana

da Pátria. A palavra pátria vem de patren, de pai. Pátria é a terra, a cultura; é aquilo que nós herdamos dos nossos pais. De certo modo vocês sentiam que aquilo herdaram dos pais de vocês e os pais de vocês tinham herdado dos avós, e assim por diante, aquilo estava sendo destruído por uma cultura estrangeira, alienígena, que dizia: “O que é bom pra nós e bom pra vocês, seus macaquinhos!”

Paixão Côrtes – Não tomem chimarrão e bebam Coca-Cola!

Paulo Monteiro - Então, esse sentido de revolta íntima e de amor patriótico, digamos assim, mais do que gauchismo. Essa palavra veio depois...

Paixão Côrtes – Não, isso surgiu depois. Realmente, não havia preocupação de exaltação regional, mas sim fixação regional, vale dizer, nós somos assim, vestimos assim, cantamos deste modo, vivemos assim, falamos descansado porque temos herança. Agora, se vocês querem entender as nossas heranças melhor. Se não entenderem nós vamos nos entender e preservar porque as novas gerações estão chegando aí e nós estamos assumindo isto. Tanto isso é verdadeiro que aí começou a surgir o 35 – Centro de Tradições, o Lalau Miranda, em seguida. E CTG não existia; nem o registro civil. Nós tivemos que ter o cuidado quando levamos a sigla CTG não houve a possibilidade de registrar. Nem patrão, sota-capataz, internada, nada disso fazia parte da sociedade civil da época. Hoje já não. Você vai numa solenidade cívica ou de importância e dizem: Aqui está o patrão, o coordenador da região, o índio sã falas. Então, quer dizer, nós já trouxemos uma contribuição à cultura linguística e representativa da sociedade brasileira.

Paulo Monteiro – Paixão Côrtes, quando vocês deflagraram aquele movimento de 47 e que depois acabou resultando em pesquisas que culminaram neste livro Danças e Andanças da Tradição Gaúcha, juntamente com Barbosa Lessa, que deu início a todo o processo de resgate das danças gauchescas, das músicas, revitalizando nossa cultura popular... Como é que foi o trabalho de resgatar essas músicas e essas danças que já estavam perdidas conforme o senhor conta neste livro?

Paixão Côrtes – O aspecto é que quando nós voltamos, em 1949, do Uruguai, onde fomos representar o Rio Grande do Sul e o Brasil no Dia de la tradición, no Uruguai, eles ficaram surpresos pela maneira com que nós nos manifestamos e ficaram surpresos pelas roupas que tínhamos. Diziam: “¡Pero Usteds son semellantes a nosotros!” (Eles nem admitiam que o Rio Grande do Sul e o Brasil tivessem gaúchos). Então, nós mostramos tudo nas encilhas, na parte de declamação, cantiga. Só uma coisa que eles nos perguntavam e que nós estávamos ausentes: “¿Y sus bailes? ¿Qué bailam Usteds?” (O que dançam vocês?) E nós, o [Barbosa] Lessa, meu companheiro, e mais os outros, em número de nove, que não tínhamos resposta, a não ser que xote e rancheira era o que dançávamos... Mas eles queriam os temas do nosso folclore, as coreografias, os sapateados, as dançadas, etc. E quando voltamos de lá, verificamos que não era possível que o Uruguai e a Argentina tivessem tão rico repertório coreográfico e nós, no Rio Grande do Sul, no Brasil, nada. Então, nos dispusemos, o [Barbosa] Lessa e eu, a ir de rincão em rincão mais afastado e desconhecido de nossa vivência de mais jovens, na fonte, no gomo da taquara, como eu chamo, para ver, ouvir, olhar, escutar e aprender, não só as roupas, não só as danças, não só os cantos, mas também os motivos populares, religiosos, e que fazem parte da cultura. E isto resultou neste livro agora, Festas, Bailes, Música e Religiosidade Rural, onde estão as cavalhadas, os aspectos ligados à religiosidade do homem gaúcho, que até agora é pouco exaltada, inacessível e demonstrada. O gaúcho parece que é só homem a

cavalo, epicismo e grandes espetáculos gauchescos, mas que não tem também o seu aspecto religioso. Então, nós fomos lá e isso resultou no Manual de Danças Gaúchas, resultou nesse outro livro que nós fizemos com o Barbosa Lessa; depois, ele esteve ausente do Rio Grande por motivos de atividade profissional ligada à educação e à publicidade e eu fiquei aqui, no Rio Grande, e dei continuidade a esse trabalho que resultou então, hoje, que a gente está distribuindo nos centros de tradições, para as entidades culturais, para os núcleos campeiros regionais, para as churrascarias, às instituições culturais, um pacote contendo, da minha parte, dez publicações de títulos diferentes, como este aqui que foi um livro que eu fiz, o deputado Francisco Appio mandou reeditar e está na casa dos cem mil distribuídos gratuitamente, uma colaboração que não se via antes do poder público, no caso do deputado Francisco Appio, mandando editar por sua conta e para ser distribuído, indo ao encontro do povo. É este o sentido que nos preocupa atualmente para que o Centro de Tradições não seja uma figura transitória, um modismo, mas sim que tenha um alicerce baseado na pesquisa fotográfica, documental, sonora, de imagem, e que nós gravamos todos esses aspectos no início.

Paulo Monteiro – O senhor falou que a cultura evolui com o tempo. O senhor foi piá de campanha. Outro dia, estávamos indo a Porto Alegre de ônibus e uma criança disse: “Olha lá aquela vaquinha!” E a “vaquinha” era uma ovelha. Como manter o tradicionalismo gaúcho, que é de matriz eminentemente rural, numa sociedade que é hoje eminentemente urbana? O senhor sabia muito bem a diferença entre uma vaca e uma ovelha. Hoje as crianças não sabem a diferença entre uma galinha e um pato. Como é preservar essa cultura num meio completamente diferente do meio onde ela, a cultura gaúcha, surge? Como o senhor vê isso?

Paixão Côrtes – Eu vejo uma deficiência de conhecimento de responsabilidade do cidadão porque nós não queremos viver de tradicionalismo e sim cultuá-lo, e isso é diferente. O culto é um símbolo e o símbolo é imorredouro. Se você não tem a simbologia para representar não pode transmitir às descendências aquele valor do que representa nem a foto, nem o som, nem a dimensão, nem a cor. Então, há uma preocupação de que o tradicionalismo não seja simplesmente um momento de concurso, de ganha ou perde ou pode ou não pode. Isso é o transitório, o momento de uma sociedade, nos aspectos de Sociologia, muito jovem e que está atravessando diversos segmentos. O importante é que a pessoa tenha consciência das suas heranças, que tome conhecimento dos dias atuais e que as novas gerações possam entender o que é que você está falando para elas, como é o caso desse “ovelha e carneiro”. Quer dizer, as pessoas não se preocupam com a simbologia que pode representar, não só do visual, da moral, da dignidade, da postura, da família, dos símbolos do civismo. Tudo isso fazem parte dessa cultura; não é uma expressão de forma, de simbologia, de corpo somente, mas uma coisa muito mais profunda. É isso que nos preocupa no movimento tradicionalista que frequentemente dá uma dimensão simplesmente transitória de pode ou não pode, perde ou não perde, faz ou não faz, o ano que vem nós modificamos. E tradição do povo não se modifica de uma hora para a outra. É um processo que vai lentamente acrescentando para substanciar a maneira do comportamento da pessoa, independente se for rural ou urbana. É o comportamento da pessoa no conhecimento e na postura dos desafios dos dias atuais.

Paulo Monteiro – Muitas pessoas criticam os CTGs. Falam: “O CTG virou um lugar de dança, comilança e bebedeira”. Fazem uma crítica direta. Na sua concepção o CTG é

deve ser muito mais um lugar do que baile, do que churrasco? Tem que ser, na verdade, é uma escola de história, de cultura, de resgate dessas memórias?

Paixão Côrtes – Eu acho que dança, churrasqueadas, bebedeira, fazem parte, mas não são os motivos essenciais para se dizer razão de formar um CTG. Isso é um clube como qualquer outro, como também não dá o direito de ser exclusivo e auto-suficiente para ditar normas. Isso é uma sociedade junto com as outras, participando de um grupo de responsabilidade coletiva e não individual. O centro de tradições é importante quando ele participa ao lado dos outros, condizente com as outras sociedades da comunidade, e não isolado porque, se não, fica como lagarto que só come a cola no inverno pra sobreviver, quer dizer, as entidades não podem se impor condições históricas, circunstanciais do passado aos dias presentes. Tem que acompanhar, naturalmente, mas com dignidade, sabendo eu vou ser um cidadão social, hoje, e vou a um baile de gala, como eu vou amanhã, no mesmo lugar, num baile de gala, vestido regionalisticamente.

Paulo Monteiro – A questão da indumentária. Em 1947 os tecidos eram o algodão, a lã, o linho, a casimira, depois veio o tergal, a fibra sintética, industrializada. Agora, porque há cem anos atrás as pessoas só usavam a roupa de linho, de algodão ou de casimira, eu não posso usar uma camisa ou um casaco de material sintético?

Paixão Côrtes – Eu acho que é isso que eu volto a falar. Nós estamos vivendo um movimento tradicionalista, a simbologia dos fatos e não a vivência. Essa é a diferença. Não se pode, porque se não nós vamos viver com a cabeça virada pro passado, só achando que são bonitas as coisas que os outros fizeram e que nós não sabemos que não temos informações, mas concluímos imaginativamente ou poeticamente e às vezes nem historicamente.

Nós temos é que culto e culto exige simbologia, simbologia moral, de dignidade, de postura, de respeito, de consideração e de vivência coletiva. Não podemos viver separado. Nós temos que fazer do galpão um elemento importante e projetá-lo no Universo, para que os outros nos conheçam, nos valorizem e ele trazer do Universo as manifestações para dentro do galpão para que tenhamos uma ideia dos nossos valores em relação aos valores dos outros, quer dizer, uma ponte entre o tempo passado, o tempo atual como um todo, dentro do Universo. Isso chama-se evolução de consciência. Eu sei que sou, resolvo fazer e me postar hoje, assim, porque sei que vou transmitir aos meus descendentes uma imagem que sempre me dignificou.

Paulo Monteiro – A cultura gaúcha ou gauchesca, digamos assim, não pode se tornar um elemento retrógrado?

Paixão Côrtes - A cultura não pode se tornar uma cultura retrógrada. Temos que colocar dentro das entidades os problemas sociais da comunidade e da cidade e universais porque nós somos importantes quando nos tornamos universais porque fazemos nossas identificações e não somos índios, irracionais.

Paulo Monteiro – Quando nós pegamos os clássicos da literatura gauchesca, como um Aureliano de Figueiredo Pinto, vemos que há uma diferença com os poetas de hoje... E agora entrou a moda dos concursos de poesia. A gente vê, por exemplo, que pessoas, como aquele menino do ônibus, que não sabem a diferença entre uma ovelha e uma vaquinha se metem a escrever poesia gauchesca. Eu tenho visto algumas poesias gauchescas e tenho me assustado.



Paixão Côrtes - Eu também tenho lido algumas poesias gauchescas (entre aspas) e também fico assustado porque as crianças copiam dos adultos que imaginam coisas irreais. Então se torna um círculo vicioso porque a arte declamatória da juventude e da criança é substituída por aspectos adultos e que nem eles sabem o linguajar. É uma forma de deseducar, transformar o sentido da palavra, do verso, do texto como simplesmente uma forma de exposição imaginativa declamatória. É diferente, criança tem que ser educada como criança, vestida como criança, com dança de criança, com voz de criança. O problema é que dão às crianças poemas épicos com deformações dos farroupilhas que nem eles sabem o que é, nem a razão de ser. Isto é que são os educadores, são os professores que sem ter disciplina de educação e os pais que chamam o mesmo, o filho, seu aluno, uma maravilha, dizendo coisas que nem eles sabem o linguajar. São expressões que não dizem diretamente dos objetivos maiores que é a dignificação humana desde criança. Se você não aprende quando criança, quando adulto se torna muito mais difícil. É por isso que os povos europeus se restabelecem das lutas, das brigas, porque tem centenas de anos de vida. Eu estive lá. Fui nos museus procurar origens nossas. Eu vi a bombacha (1580). Mas como? E o gaúcho? Estive lá, nos biombos japoneses, na arte lambam. Tive nos museus maiores, procurando exatamente os elementos que a moda, que o tempo trouxe para as províncias, para os continentes. E aqui houve reformulação. Então, é isso que está faltando ao movimento tradicionalista. Não a história por história, mas a sapiência das razões de se portar desta maneira, daquela maneira, de ser deste jeito ou daquele mais adequado ou dizer um verso correspondente ao ciclo x, y, z e de saber a posição do movimento, seja infantil, seja juvenil e adulto, assim como vestir. As moças se vestem, as prendas todas iguais. Nunca existiu isto no mundo, nem na sociedade, a não ser milico, soldado, padre e freira, jogador de futebol e desportivo ou colégio, que tenha ainda poder aquisitivo para fazer. O restante da sociedade sempre foi difusa. E isso caracteriza o gênero universal em qualquer sociedade. É uma pena que o movimento tradicionalista uniformize externamente porque internamente, às vezes, são piores: vazios, sem saber o que estão fazendo.

Paulo Monteiro – Enquanto há pessoas que se aposentam aos 40 anos de idade e param com qualquer atividade produtiva, o senhor, aos 83 anos, continua em plena atividade...

Paixão Côrtes - Eu não parei. Eu estou terminando um livro de 700 páginas. Aos 83 anos de tempo, de nascimento, mas de cabeça eu estou bem forte. E danço meu xote afigurado.

(\*) Paulo Monteiro, jornalista, poeta e historiador, é autor dos livros *A Trova No Espírito Santo – História e Antologia*, esgotado em edição impressa, *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo* e *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos e culturais.

Ano : 2013

Título : Entrevista Roméro da Costa Machado - A fundação Roberto Marinho

Categoria: Entrevistas

Descrição: 51 anos. 10 dos quais dedicados às Organizações Globo. Dois livros publicados (Afundação Roberto Marinho e Afundação Roberto Marinho 2 - uma biografia de corrupção), ambos...

## ENTREVISTA EXCLUSIVA - ROMÉRO DA COSTA MACHADO

51 anos. 10 dos quais dedicados às Organizações Globo. Dois livros publicados (Afundação Roberto Marinho e Afundação Roberto Marinho 2 - uma biografia de corrupção), ambos pela editora Meus Caros Amigos, e um sem número de informações "proibidas" são reveladas, com exclusividade, nesta entrevista.

Roméro da Costa Machado trabalhou como auditor fiscal na Rede Globo e como controller na Fundação Roberto Marinho, chegando a ser assessor especial de José Bonifácio, o Boni. Revela as ligações da Globo com o jogo do bicho e o escândalo de 100 milhões de reais do PAPA TUDO. Mostra como o uso de drogas é institucionalizado entre o alto escalão da emissora. Enfoca a compra de notas frias para prestação de contas com o MEC, transações em dólares não registradas.

Enfim, uma entrevista que não pode deixar de ser lida. Seja pelo nível da informação, seja pelo interesse que a sociedade tem em conhecer a mais poderosa empresa de comunicações do Brasil e suas ilicitudes que muitas vezes prejudicam o homem comum sem que ele perceba.

Como você ingressou na Fundação Roberto Marinho: através de concurso, entrevista, contatos...?

EU TRABALHAVA NA REDE GLOBO. FIZ UMA AUDITORIA NA FUNDAÇÃO E EM SEGUIDA FUI CHAMADO PARA SER CONTROLLER E ORGANIZAR A BAGUNÇA QUE EU HAVIA DENUNCIADO.

Inicialmente, quais eram seus objetivos dentro da Fundação?

OS MEUS OBJETIVOS ERAM NO SENTIDO DE TRANSFORMAR A FUNDAÇÃO NA MAIOR FUNDAÇÃO BRASILEIRA E UMA DAS MAIORES DO MUNDO, COM OBJETIVOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS BEM CLAROS E DEFINIDOS.

De acordo com sua experiência profissional, como você classificaria o índice de irregularidades ocorridas dentro da Fundação?

BASTANTE ELEVADO, PRINCIPALMENTE EM RAZÃO DA APARENTE IMPUNIDADE QUE UMA FUNDAÇÃO SUGERE E QUE, EMBALADA PELA SIGLA GLOBO/ROBERTO MARINHO, ACABOU PERMITINDO ABUSOS JAMAIS IMAGINADOS.

Foi por isso que você resolveu sair da Fundação?

SAÍ PORQUE SOU UM PROFISSIONAL, NÃO TENHO QUE ME ENVOLVER DIRETA OU INDIRETAMENTE COM O SUBMUNDO DO CRIME. ERA IMPOSSÍVEL, DEPOIS DE SAIR DA FUNDAÇÃO, POR DISCORDAR DAS SUJEIRAS E FALCATRUAS, VOLTAR PARA A TV GLOBO, SER ASSESSOR DO BONI, E TER QUE CONVIVER COM A ESCÓRIA DA SOCIEDADE (BANDIDOS AMIGOS DO BONI E DE PARTE DA CÚPULA DA GLOBO).

ESSE FOI O REAL MOTIVO DA MINHA SAÍDA E QUE VIRIA A SER - A LONGO PRAZO - O MOTIVO QUE IRIA ENFRAQUECER O BONI NA GLOBO E FAZER COM QUE A FAMÍLIA MARINHO SE LIVRASSE DELE ALGUNS ANOS DEPOIS.

Será que você poderia discriminar algumas dessas irregularidades?

ESTÃO DETALHADAS NO LIVRO "AFUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO".

O pessoal do alto escalão da Globo tinha conhecimento dessas irregularidades?

TINHA, E NA MAIORIA DOS CASOS PARTICIPAVA.

Por que você decidiu escrever um livro (Afundação Roberto Marinho) contando sobre a corrupção existente dentro do Globo?

EU NÃO PODERIA SER PARTE DA IRREGULARIDADE QUE HAVIA DENUNCIADO. FUI PARA LÁ (PARA A FUNDAÇÃO) PARA RESOLVER O PROBLEMA E NÃO PARA SER MAIS UMA PARTE DESTE PROBLEMA OU UM ESPECTADOR PRIVILEGIADO.

Em determinado momento de seu livro você conta que enviou uma carta ao Roberto Marinho alertando-o para o que estava acontecendo na Fundação. Alguma providência foi tomada?

FORAM TOMADAS MUITAS PROVIDÊNCIAS. OS PEIXES PEQUENOS FORAM PEGOS DE IMEDIATO. OS PEIXES GRANDES DEMORARAM UM POUCO A SEREM PEGOS, MAS OS GRAUDÕES LEVARAM MUITO TEMPO. ACONTECEU BEM DEPOIS DA MINHA SAÍDA DA GLOBO, E COMO CONSEQÜÊNCIA DAS MINHAS DENÚNCIAS ABERTAS.

Também ao longo da narrativa, ficamos sabendo que alguns funcionários (atores ou não) com salários mais elevados são remunerados como se fossem pessoa jurídica. Você pode explicar melhor?

É SIMPLES: COMO O IMPOSTO DE RENDA É MUITO INJUSTO COM A CLASSE ASSALARIADA, A GLOBO ESTIMULA QUE AS PESSOAS QUE RECEBEM ALTOS SALÁRIOS TENHAM FIRMAS (PESSOAS JURÍDICAS) E RECEBAM SEUS VENCIMENTOS POR ESTAS FIRMAS. OU SEJA, A GLOBO PAGA MAIS ÀS PESSOAS (ATRAVÉS DE SUAS FIRMAS) POIS NÃO EXISTE A PESADA CARGA TRIBUTÁRIA DOS SALÁRIOS E ESTAS PESSOAS PAGAM MENOS IMPOSTO DE RENDA ATRAVÉS DESSAS EMPRESAS E DEDUZEM QUASE TODOS OS GASTOS COMO DESPESAS, COISA QUE NA PESSOA FÍSICA NÃO PODEM DEDUZIR, VEZ QUE O IMPOSTO DE RENDA É BURRO E CRUEL COM AS PESSOAS FÍSICAS ASSALARIADAS.

SE FOR CONSIDERADO QUE OS ENCARGOS DE UMA FOLHA DE PAGAMENTO PODEM GIRAR EM TORNO DE 80% (OITENTA POR CENTO), ESTE VALOR VAI DIRETO PARA O BOLSO DO FUNCIONÁRIO QUE RECEBE POR PJ (PESSOA JURÍDICA) ATRAVÉS DE NOTA FISCAL, AO INVÉS DE SALÁRIO EM CARTEIRA.

A Globo, desde sua fundação até hoje, tem estado envolvida em escândalos. O caso da NEC do Brasil, a edição do debate entre Collor e Lula e a fraude nas eleições para governador em 1982 são exemplos clássicos. Isso sem falar em sua estreita aliança com a Ditadura. O que você pode falar sobre esses e outros casos?

ISSO DÁ MAIS DO QUE UM LIVRO.

SOBRE A NEC, O MÁRIO GARNERO ESCREVEU UM LIVRO ("JOGO DURO"); SOBRE A CRIAÇÃO ILÍCITA DA GLOBO, FOI ESCRITO O "HISTÓRIA SECRETA DA REDE GLOGO"; SOBRE AS FALCATRUAS DA FUNDAÇÃO, ESCREVI O "AFUNDAÇÃO"; SOBRE COMO A GLOBO CONTROLA OS DEMAIS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, O

GOVERNO E O JUDICIÁRIO, EU ESCREVI O "AFUNDAÇÃO II"; SOBRE OUTRAS COISAS... ESTÃO NO MEU PRÓXIMO LIVRO.

RESUMIR QUATRO OU CINCO LIVROS EM UMA ÚNICA RESPOSTA É IMPOSSÍVEL.

Parece que o caso da morte da Daniela Perez também não foi bem debatido, visto que o livro "A história que o Brasil desconhece", de Guilherme de Pádua, foi "proibido" nas livrarias. O que havia no livro para que ele fosse escondido do grande público?

O LIVRO CONTÉM A VERSÃO DO GUILHERME E DA PAULA. EU TENHO O LIVRO COM DEDICATÓRIA DO GUILHERME, E FUI UM DOS RAROS A VISITÁ-LO NA DELEGACIA DA BARRA. SOU CITADO TEXTUALMENTE NO LIVRO DELE.

O LIVRO É BASTANTE INTERESSANTE. PRINCIPALMENTE PARA QUEM SE PREOCUPA EM OUVIR OS DOIS LADOS DE UMA MESMA HISTÓRIA.

Em um de nossos contatos, você disse que o extinto PAPA TUDO foi um trambique de 100 milhões de dólares. De que forma isso aconteceu?

FUNCIONÁRIOS DA GLOBO (XUXA E ETC) EMPRESTARAM SEUS NOMES E IMAGENS A MAIS ESSE GOLPE DO ARTHUR DESFALK. E A PRÓPRIA GLOBO ASSINOU EMBAIXO E GARANTIU EXCLUSIVIDADE NO EMPREENDIMENTO.

SAIAM NA MÍDIA COMO MECENAS, DISTRIBUINDO AMBULÂNCIAS E AJUDANDO ENTIDADES BENEFCENTES.

DEPOIS DO GOLPE INSTALADO, O POVO FICOU COM O MICO NA MÃO. NÃO CONSEGUIA MAIS RECEBER O QUE HAVIA INVESTIDO E JOGARAM A CULPA NA SUSEP (SUPERINTENDÊNCIA DE SEGUROS PRIVADOS) POR FAZER VISTA GROSSA E PERMITIR AS FALCATRUAS QUE FORAM FEITAS. HOJE, OS LOTÉRICOS QUE BANCARAM A COMPRA DO PAPA TUDO MORRERAM COM MAIS DE 100 MILHÕES DE DÓLARES EM TRAMBIGUES NA MÃO, NÃO RESGATADO.

A POPULAÇÃO FICOU COM UM MICO AINDA MAIOR... FORAM CERCA DE 200 MILHÕES DE DÓLARES PELO BRASIL A FORA. SÃO MILHÕES DE PESSOAS QUE FICARAM COM TRAMBIQUE DE 2, 3, 10 REAIS E QUE NÃO ENTRAM NA JUSTIÇA PORQUE O VALOR É PEQUENO INDIVIDUALMENTE.

Qual era a ligação da Rede Globo com o jogo do Bicho?

BONI-CASTOR = TUDO A VER (LEIA NO MEU LIVRO E NA TRIBUNA DA IMPRENSA). ISSO ESTÁ DETALHADO LÁ. BICHEIROS, CONTRABANDISTAS, ETC.

Quais eram os desdobramentos dessa "aliança" (Globo + Bicho) para a sociedade civil, para o governo do Estado e para a própria emissora?

O ASSUNTO É MUITO EXTENSO. VOCÊ TERIA QUE SE REPORTAR ÀS MATÉRIAS PUBLICADAS POR MIM E PELO HÉLIO FERNANDES NA TRIBUNA DA IMPRENSA.

ALIÁS, NO "AFUNDAÇÃO II" TEM BASTANTE DETALHE SOBRE ISSO, INCLUSIVE A TRILOGIA: GLOBO-BICHEIROS-JUDICIÁRIO. (FOI ONDE APARECEU A JUIZA DENISE FROSSARD E ACABOU COM A SACANAGEM R VIROU NOTÍCIA NACIONAL POR DAR OUVIDO ÀS MINHAS DENÚNCIAS E TOMAR MEDIDAS IMEDIATAS E EFICIENTES).

De acordo com a leitura do seu livro "Afundação Roberto Marinho", o uso de cocaína é uma prática rotineira nos bastidores da Globo. Será que você poderia falar um pouco mais sobre isso?

ESTÁ NO LIVRO. CASO DO DISK-DROGA. CASO DO MALTA ("EU E O BONI CHEIRAMOS TUDO"). ETC. ESTÁ TUDO NO LIVRO.

A grande mídia no Brasil é dominada por poucas famílias, das quais Marinho, Civita e Frias são algumas das mais influentes no país. Qual a relação que existe entre elas?

INTERESSE ECONÔMICO E APOIO INTERNACIONAL DOS EUA PARA GARANTIR QUE AQUI CONTINUE A SER QUINTAL DOS ESTADOS UNIDOS E UMA COLÔNIA DÓCIL COMO NÓS SOMOS.

Como ocorre o monopólio das comunicações no Brasil? A quem favorece e quem são os principais prejudicados? Você acredita que exista jornalismo independente, hoje, no Brasil?

O MONOPÓLIO OCORRE PELA CONCENTRAÇÃO DE CONCESSÃO PARA A MESMA PESSOA, MESMA FAMÍLIA OU MESMO GRUPO, PERMITINDO-SE, ATÉ, QUE SE TENHA: JORNAL, RÁDIO E TELEVISÃO CONTROLADOS PELA MESMA PESSOA (EM QUASE TODOS PAÍSES, INCLUSIVE EUA, ISSO É PROIBIDO) O PRINCIPAL PREJUDICADO É O POVO, POIS AO INVÉS DE RECEBER INFORMAÇÕES DE VÁRIAS FONTES, PASSA NA TER A INFORMAÇÃO CARTELIZADA.

JORNALISTA INDEPENDENTE? EXISTIR EXISTE. ATÉ A HORA EM QUE O PATROCINADOR QUISER.

De que maneira seu livro foi boicotado? Quem são essas pessoas (responsáveis pelo boicote), a quem são ligadas e quais são seus métodos?

O LIVRO SUPEROU O BOICOTE NUM PRIMEIRO MOMENTO PELA NOVIDADE QUE ELE REPRESENTAVA. MAS TÃO LOGO A GLOBO SE RECUPEROU DO CHOQUE, COMEÇOU A TRABALHAR INCESSANTEMENTE PARA "MATAR" O LIVRO. FORAM USADOS PARCEIROS VENAIAS CONHECIDOS COMO ""VEJA", "JB" E DEMAIS PARCEIROS HABITUALMENTE SUJOS, PARA TENTAR DENEGRIR MINHA IMAGEM... MAS ISSO NÃO FOI EFICIENTE NEM SUFICIENTE...

DEPOIS PARTIRAM PARA COMPRAR A EDITORA "TCHÊ" E ACABAR COM AS EDIÇÕES DO LIVRO (DAÍ EU ABRI MINHA PRÓPRIA EDITORA PARA PODER PUBLICAR MEUS LIVROS).

ELES FORAM EM CIMA DAS LIVRARIAS E AMEAÇAVAM: SE VENDER O LIVRO DO ROMÉRO NÃO VENDE MAIS NADA DA EDITORA GLOBO E DE NOSSOS PARCEIROS COMERCIAIS... E AÍ FICOU MUITO DIFÍCIL DE SER VENDIDO O LIVRO, QUE PASSOU A SER ESCONDIDO EMBAIXO DAS PRATELEIRAS.

Como você vê a importância da Tribuna da Imprensa à época do lançamento de seu livro? Algum outro órgão da imprensa foi solidário ao seu livro?

A TRIBUNA FOI TUDO PARA O LANÇAMENTO DO LIVRO. SUA IMPORTÂNCIA FOI FUNDAMENTAL. OUTROS ÓRGÃOS TAMBÉM NOTICIARAM, MAS NADA PERTO OU PARECIDO COM A TRIBUNA.

Ao longo de sua jornada contra a Globo, alguns "amigos" apareceram para supostamente ajudar, como foi o caso da Rede Record. A emissora evangélica promoveu alguns debates em torno da sua figura e depois encerrou o assunto. O que aconteceu de fato?

A RECORD VEIO ME PROCURAR, COMO MUITOS OUTROS, DURANTE A FASE DA DOR DE BARRIGA. MAS TÃO LOGO SURTIU A OPORTUNIDADE DE FAZER UM ACORDO COM A GLOBO (ONDE UMA DAS CLÁUSULAS DESSE ACORDO ERA ME LARGAR OU ABANDONAR PARA PODER FECHAR O ACORDO) NÃO HOUVE DÚVIDA EM CORRER PARA O LADO DA GLOBO E ME LARGAR NO MEIO DO CAMINHO. E TANTO A RECORD, COMO MÁRIO GARNERO E OUTROS, ACABARAM FICANDO VULNERÁVEIS E REFÉNS DA GLOBO, POSTERIORMENTE.

PARA A RECORD, POR EXEMPLO, CUSTOU 43 MILHÕES E A DISCUSSÃO SOBRE A LEGALIDADE OU NÃO DA COMPRA DO CANAL... E AINDA VAI RENDER MUITO.

Você conta, em seu livro, que muitas vezes foi salvo por pessoas as quais denomina Meus Caros Amigos. Chegou até a fundar uma editora com este nome. Será que você poderia falar mais um pouco da importância deles para você, exemplificando alguns casos onde sua vida esteve ameaçada e foi salva por eles?

MINHA VIDA DEPENDEU DELES. ELES ME SALVARAM DOS BANDIDOS E GANGSTERES ENVIADOS PARA ME PRESSIONAR E INTIMIDAR.

MAIORES DETALHES SOBRE ESTES GANGSTERES, INCLUSIVE AS PLACAS DOS CARROS QUE USAVAM, ESTÃO NO MEU LIVRO II.

Você sabia quem eram as pessoas que queriam dar fim a sua vida? Hoje, quase 10 anos depois, você ainda se sente ou é ameaçado, em consequência de acontecimentos passados?

TENHO AS IDENTIFICAÇÕES, CONFORME CITADAS NO MEU LIVRO.

HOJE, PASSADOS MAIS DE DEZ ANOS, SÓ NÃO SOFRO AMEAÇAS ACINTOSAS. MAS CONTINUO DEBAIXO DA MESMA VIGILÂNCIA E COM TODOS OS GRAMPOS POSSÍVEIS E IMAGINÁRIOS, SENDO MONITORADO QUASE QUE 24 HORAS POR DIA.



A Globo se vangloria de suas ações sociais, sendo a mais famosa e alardeada o projeto CRIANÇA ESPERANÇA. O que o grande público não sabe sobre o CRIANÇA ESPERANÇA?

INFELIZMENTE POUCO POSSO FALAR AGORA. MAS VOCÊ AINDA VAI ME OUVIR FALAR E MUITO SOBRE ISSO: CRIANÇA PAPTUDO ESPERANÇA.

Para terminar, como você definiria a Rede Globo hoje como empresa e como um veículo de informação e utilidade pública?

COMO EMPRESA É O MAIS COMPETENTE VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO DO PAÍS, EMBORA SEJA MENOS COMPETENTE DO QUE PODERIA, APOIADO NA PROFUNDA INCOMPETÊNCIA DOS CONCORRENTES.

COMO VEÍCULO DE INFORMAÇÃO É O MAIOR DEFORMADOR DE INFORMAÇÃO E MENTES, HAJA VISTA A ASQUEROSA PARTICIPAÇÃO RECENTE NO CASO DOS EUA/AFEGANISTÃO, ONDE A GLOBO FOI MAIS CANALHA, MAIS CRÁPULA, MAIS SERVIL E MAIS "PATRIOTA" ATÉ DO QUE A PRÓPRIA CNN.

COMO UTILIDADE PÚBLICA, CUMPRE O PAPEL SENDO MUITO BEM PAGA POR ISSO. CAMPANHA PAGA DA DENGUE, CAMPANHA PAGA DA AIDS, CAMPANHA PAGA DA GOTINHA, CAMPANHA PAGA...

ASSIM, COM VERBA DO GOVERNO PARA FAZER FILANTROPIA... QUALQUER UM FAZ.

Data : 15/03/2008

Título : Escrever – e escrever sempre – é a primeira condição de qual

Categoria: Discursos

Descrição: O respeito à tradição, entretanto, não nos fará cegos ...

Escrever – e escrever sempre – é a primeira condição de qual

(Discurso pronunciado pelo acadêmico Paulo Monteiro, presidente da Academia Passos-Fundense de Letras, na sessão solene de abertura do ano acadêmico, realizada no dia 15 de março de 2008)

Prezados Confrades e estimadas Confrades,

Senhoras e Senhores:

Há mais de dois mil e quinhentos anos um grego de nome Academus organizou um grande parque perto de Atenas. Ali, graças à iniciativa de Platão, consolidou-se, aproximadamente um século depois, a tradição, continuada por seus discípulos e outras escolas filosóficas, de reunirem-se para discutir os grandes temas de interesse comum à humanidade.

Esses encontros de homens cultos, pois ao contrário de nossa época as mulheres não tinham direito à cidadania, acabaram recebendo o nome de academias.

Modernamente, em 1636, com a aprovação de Richelieu, surgiu a Academia Francesa de Letras, modelo de quase todas as suas sucessoras, inspiração da Academia Brasileira de Letras. Esta, organizada oficialmente no dia 15 de novembro de 1896, é a materialização de uma iniciativa de Lúcio de Mendonça. Os seus primeiros associados, além do inspirador, foram Machado de Assis, Artur Azevedo, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Veríssimo, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay.

A Academia Brasileira de Letras, porém, só realizou a sessão inaugural em 20 de julho de 1897, com a posse de Machado de Assis, como seu presidente.

Na oportunidade o “Bruxo do Cosme Velho” pronunciou um discurso curto e grosso, que me permito transcrevê-lo:

“SENHORES,

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora, que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mais ainda e principalmente a vossa constância. A Academia

Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloqüência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-nos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam aos seus, e vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.”

Aquele “a tradição é o seu primeiro voto”, mesmo não constando com todos os caracteres nos Estatutos da Academia Brasileira de Letras, transformou-se numa cláusula pétrea, daquela instituição que não por acaso é conhecida como a “Casa de Machado de Assis”.

O criador de Brás Cubas mais do que se referir à tradição anterior das academias literárias em nosso país, quase todas efêmeras, mas importantíssimas para a configuração do nosso rosto literário, referia-se à sobriedade que todos devemos manter. É o “sede sóbrios”, que encontramos em certa passagem da primeira carta do apóstolo Pedro. Sobriedade que importa no reconhecimento de tradições a serem rompidas, caso contrário estaríamos presos eternamente a excrescências históricas.

Neste 15 de março de 2008, perto de completar 70 anos de existência, a Academia Passos-Fundense de Letras faz da tradição o seu primeiro voto. Retoma o respeito aos seus estatutos, abrindo, com sobriedade, o presente ano acadêmico. Retoma a tradição das sessões solenes, tanto que no próximo dia 25 aqui estaremos novamente reunidos para homenagear personalidades que prestaram serviços à educação e à cultura de nossa terra. E na data magna desta casa, o 7 de abril, aqui nos encontraremos para comemorar nosso 70º aniversário e o Dia Municipal do Escritor, criado por força de Lei.

O respeito à tradição, entretanto, não nos fará cegos à famosa assertiva de Friedrich Engels: “A tradição é uma grande força frenadora; é a *vis inertiae* da história”. Por isso mesmo, rompemos com a passividade, com a força da inércia.

A quebra da *vis inertiae* é sempre traumática. Tenho consciência disso, consciência que expressei, a 29 de dezembro do ano passado, ao tomar posse na presidência desta casa, nestas palavras textuais:

“Neste recinto, onde ressoam gritos de comando caudilhesco e estampidos dos mosquetões que recordam os choques homicidas dos séculos pretéritos, entro como um estudioso daqueles tempos. Entro, porém, com o espírito do século XXI e a espiritualidade dos tempos bíblicos”.

Jamais ambicionei ser o *primus inter pares*. Naquele 29 de dezembro, a cada instante, lembrava-me do conselho que era infalivelmente repetido a cada investidura de rei espanhol: “Y no se olvide Usted de su puesto!”

As notícias desta casa começam a ser difundidas, regularmente, pela Internet. Em breve todos os acadêmicos terão a oportunidade de publicar seus trabalhos através da rede

mundial de computadores. Desde os primeiros dias de janeiro, graças à competência do confrade Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, mestre de tantos homens e tantas mulheres que honram a Advocacia e a Justiça deste país, dispomos de uma proposta de reforma estatutária.

Única e exclusivamente por fidelidade ao espírito de obediência ao Estatuto desta casa é que apenas na data de hoje, o documento elaborado pelo nosso mestre e confrade começa a ser distribuído entre os acadêmicos. Logo, todos serão convocados para, em assembléia geral, livre e soberanamente, decidirem sobre os termos e a essência do documento que regerá nossos procedimentos.

Porque escrevemos somos imortais. Pertencer a um sodalício e não escrever é reduzir-se à condição de zumbi. Nas academias de letras não há espaço para os mortos-vivos da literatura. Escrever – e escrever sempre – é a primeira condição de qualquer acadêmico. E se a Academia Passo-Fundense de Letras está perto de completar justas sete décadas de proveitosa existência é porque a produtividade literária de nossos consócios marca a existência de nossa casa.

Graças à bonomia dos meus confrades estou presidente da Academia Passo-Fundense de Letras. Não sou presidente de mim mesmo. Detentor da Cadeira 23, cujo patrono é Gomercindo dos Reis, assento-me num dos quarenta lugares disponíveis nesta casa. Nem sabendo se sou maioria de mim mesmo, como poderei elevar-me à soberbia satânica de pretender impor minha vontade aos demais acadêmicos! Valorizo as decisões majoritárias, sejam das comissões, das reuniões públicas dos sábados ou das assembléias gerais que voltaremos a realizar.

Assim, todos nós, membros da Academia Passo-Fundense de Letras, solidária e igualitariamente, somos responsáveis pelo percurso que iniciamos nesta manhã. Tenho encontrado essa solidariedade em todos, a começar pelo vice-presidente, Alberto Antonio Rebonato; o secretário geral, Santo Claudino Verzeletti; a primeira secretária, Elisabeth Souza Ferreira, o segundo secretário, Marco Antonio Damian, o primeiro tesoureiro, Rogério Moraes Sikora, o segundo tesoureiro, Francisco Mello Garcia, e na presidente do Conselho Fiscal, Helena Rotta de Camargo.

Para encerrar, glosou Machado de Assis naquele discurso de 20 de julho de 1897. Está aberto o ano acadêmico.

Data : 15/08/1999

Título : Escritor polivalente

Categoria: Resenhas

Descrição: Paulo Nunes Batista, morando há bastante tempo em Anápolis, Goiás, é um escritor polivalente. Repentista e autor de muitos folhetos de cordel, se apresenta capaz de usar muito bem outros dois instrumentos literários: o conto e o poema em verso livre.

## Escritor polivalente

Paulo Nunes Batista, morando há bastante tempo em Anápolis, Goiás, é um escritor polivalente. Repentista e autor de muitos folhetos de cordel, se apresenta capaz de usar muito bem outros dois instrumentos literários: o conto e o poema em verso livre.

Consagrado como cordelista, Paulo Nunes Batista se revela, em *O Sal do Tempo*, um poeta com pleno domínio do verso livre. O ritmo extemo confere um tom melódico bastante pessoa.

Quando, em alguns poemas, emprega o verso tradicional, metrificado, ele se apresenta personalíssimo, apropriando-se de elementos formais usados por vanguardistas.

*Chamego*, o *Urubu* é um livro de contos breves onde os elementos do dia-a-dia terminam elevados à universalidade que os verdadeiros criadores literários conseguem conferir às histórias. Paulo Nunes Batista se revela um contador de histórias, em nada desmerecendo o poeta que ele é.

Do Jornal

O Liberal

Americana, 15 de agosto de 1999

Data : 13/06/1997

Título : Escritores da fronteira

Categoria: Resenhas

Descrição: Recebi, há alguns dias, com uma estimulante missiva de Eri Aurélio Rivas Maia, a Antologia *SANT'ANA DO LIVRAMENTO: CORPO E ALMA*, Editora Alcance, Porto Alegre.

Escritores da fronteira

por Paulo Monteiro

Recebi, há alguns dias, com uma estimulante missiva de Eri Aurélio Rivas Maia, a Antologia SANT'ANA DO LIVRAMENTO: CORPO E ALMA, Editora Alcance, Porto Alegre.

Para quem, já para quase um quarto de século, acompanha os movimentos culturais, não é novidade encontrar publicações reunindo escritores de um município determinado ou de uma pequena região. O municipalismo está na moda, mas o Brasil a literatura sempre esteve mais ligada ao Município. Daí, a importância que os estudiosos oferecem ao regionalismo.

Dito isto, concluímos que a iniciativa da Academia Santanense de Letras prende-se a um movimento maior na história do Brasil.

Mister se faz acrescentar outra constatação: na maioria das vezes essas entidades locais perdem-se no aulicismo, acreditando que o umbigo de cada um de nós é o centro imóvel do universo. Para este mal existe apenas um antídoto: a combinação do espírito crítico do grupo com a observação do que se passa na literatura universal.

Deixemos, porém, esta caminhada pela filosofia da literatura e penetramos na antologia santanense. Obviamente encontraremos reunidos poetas e prosadores. Constatamos que, literariamente, os poetas são superiores aos escritores em prova. Há nestes menos imaginação; há memorialismo puro e simples. E os melhores textos são exatamente aqueles que evocam cenas, figuras e paisagens típicas de pampa gaúcha, o botatá, da crônica de Marlene Teresinha Coli Ribeiro Pedroso, o vendedor de perus, a farmácia, de Thereza Zulmira de Almeida, o vendedor de balas e os sorveteiros de Nylza Osório Jorgens Bertoldi, sem falar nas memórias da estância de Eri Aurélio Rivas Maia.

O conto, o belo conto gauchesco, tanto aqui quanto das duas bandas do Plata Castelhana, será o orientador lógico para a qualificação literária dos prosadores santanenses. Vemos nessas memórias fronteiriças uma riqueza de elementos e tons tão locais, tão provincianos e, ao mesmo tempo, tão universais. É o caso da mitologia pampeana das assombrações e almas penadas...

Poetas já, como Marilena Hedy Paiva Facin, Paulo César Gutierrez Guggiana, Ricardo José de Souza Almeida, Getúlio Floriano Elwanger Neves e Lauro Corrêa Simões, que demonstram um domínio do fazer poético que os capacita a vôos maiores. Em muitos versos encontramos o labor de universalizar o vocabulário, a paisagem e os sentimentos. Com isso conseguem uma expressão que toca no coração, levando o leitor a percorrer em pensamento as terras onde os poemas foram compostos.

Ali onde, em princípios de 1871, o exilado José Hernández “estaba componiendo” ou “hubiera empezado” o Martín Fierro, como contam Roque Raul Aragón e Jorge Calvelli, em GENIO y FIGURA DE JOSÉ HERNÁNDEZ (Editorial Universitária de Buenos Aires, 1972), a paisagem que despertou a alma do argentino para a composição do maior poema gauchesco, não poderia deixar de infiltrar-se no coração dos poetas brasileiros.

13/06/97

Data : 10/06/2008

Título : Escritores Passo-fundenses Contemporâneos

Categoria: Artigos

Descrição: Não temos - e nunca tivemos escritores, no sentido artístico da palavra, - reconhecidos ...

## Escritores Passo-fundenses Contemporâneos

A literatura Passo-Fundense, nos últimos meses, foi enriquecida com a publicação de novas obras e o resgate de outras ainda disponíveis nas livrarias. Seus autores são escritores contemporâneos em plena atividade, como a poetisa Jane Pimentel, residente em Porto Alegre, mas presença marcante na comunidade de sua terra natal, o poeta Xico Garcia, cujo nome civil é Francisco de Mello Garcia, e o romancista estreante Odilon Garcez Ayres.

Acompanhando a literatura local, desde os bancos escolares do então Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis e militando ativamente nessa literatura desde 1970, sinto-me feliz com a publicação dessas obras. Foi com satisfação que resenhei os livros desses autores para o Jornal Rotta, onde continuo exercendo o jornalismo literário, iniciado em junho de 1974. O artigo sobre Oché Y Sefé Tiarayú, de Odilon Garcez Ayres, também foi divulgado nas páginas de O Nacional.

O texto abaixo é, em essência, constituído pelos artigos que escrevi para aquele periódico passo-fundense, de cujo corpo de redatores já fiz parte, mantido pela tenacidade das irmãs Geneci e Joice Carlott. Elas representam a imprensa da "terra da Salomé", imprensa essa que tem sido a maior responsável pela sobrevivência da literatura local, aqui e em quaisquer outras partes do Brasil.

Não temos - e nunca tivemos escritores, no sentido artístico da palavra, - reconhecidos fora dos estreitos limites municipais. Mas se ainda os vezamos, mesmo que estritamente escritores locais, é graças aos nossos periódicos.

A Academia Passo-Fundense de Letras, sem o menor favor, é a entidade "educacional e cultural" que mais tem feito pela literatura de Passo Fundo, nos últimos 68 anos. Jane Pimentel e Odilon Garcez Ayres, creio que até como forma de reconhecimento do papel desempenhado pelo sodalício em termos de apoio e estímulo às letras cidadinas, optaram por lançar suas obras nas dependências do prédio histórico onde a Academia está sediada.

### 1. A Poesia Lírica de Jane Pimentel

O lançamento do livro *Velas ao Vento* (Méritos, Passo Fundo, 2005), reunindo poemas da passo-fundense Jane Pimentel, ao lado do lançamento de *Poesias*, do poeta Elisomero Moura, se constituíram em fatos significativos para os admiradores da verdadeira poesia.

A experiência adquirida pela poetisa nos longos anos dedicados à arte da declamação, com certeza, contribuiu para que ela passasse a se dedicar ao fazer poético. Daí, porém, a produzir boa poesia há uma distância muito longa. Por certo, não será difícil encontrar exemplos de reconhecidos como excelentes declamadores ou declamadoras que se aventuraram a escrever poemas e acabaram sendo apenas poetastros.

Jane Pimentel escolheu um caminho perigoso. Aliás, seu primeiro livro de poemas se intitula *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão* (Orvalho Andaluz Editora, Porto Alegre, 1997). O andar, em terra e mar, é o núcleo, ou melhor, o leitmotiv que move o labor poético da autora.

A autora, já em seu volume de estréia, segue uma tradição quase centenária, colocada em circulação entre nós pelos poetas modernistas: escrever poemas longos fracionados em poemas de menor extensão. *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão* é, na verdade, um desses casos. Do ponto de vista contudístico, porém, sua tradição é mais longa. Podemos encontrá-la na Grécia, e ainda antes, em Israel.

Há vinte e sete séculos, a cultura helênica desenvolveu os conceitos de éros e pórnê. Do primeiro, em língua portuguesa, originaram-se alguns termos bastante claros, dentre os quais o de ereção, aplicado ao membro sexual masculino; do segundo, raiz de palavras como pornografia, o sentido original estava ligado ao exercício da prostituição, ao comércio sexual puro e simples. Sentidos estes que ficam muito claros num livro recente de Reinholdo Aloysio Ullmann (*Amor e Sexo na Grécia Antiga*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2005) e cuja leitura é indispensável.

O entendimento desses conceitos é fundamental para definir erotismo – e por extensão literatura erótica – de pornografia – e seu correspondente artístico – a literatura pornográfica.

Segundo o *Dicionário da Mitologia Grega*, de Ruth Guimarães (Editôra Cultrix, São Paulo, 1972), “EROS – Deus do Amor, é uma força fundamental do mundo. É considerado um deus nascido ao mesmo tempo que a Terra, saído diretamente do Caos primitivo, ou ainda nascido do ovo primordial, engendrado pela Noite. Ele assegura não só a continuação da vida, mas a coesão interna dos elementos. Tradições mais recentes são-no como filho de Afrodite, mas não se sabe quem é o pai. Representam-no como um menino alado, nu, levando o arco e o carcaz cheio de flechas, com as quais fere de amor os corações, seja dos homens, seja dos deuses. Conta-se que amou Psiquê”. Noutras palavras, é o famoso Cupido.

O éros é tão antigo quanto o mundo. Está na raiz da própria origem da vida humana. É um princípio vital. E, em assim sendo, é imprescindível para aquilo que conhecemos como poesia lírica. Sem éros, que é o próprio amor, não existe poesia lírica. Impossível cantar o amor sem eroticidade.

A poética de Jane Pimentel transpira erotismo. Seja na terra, com *Das Estradas e Encruzilhadas da Paixão*, seja no mar, com *Velas ao Vento*, andar é viver e viver é



exercitar o éros, o desejo sexual, o amor. Viver é querer. Poetar é materializar, em palavras, o querer.

Seu primeiro livro abre com ESTRADA, poema ilustrativo do que afirmei logo acima.

Longilínea

Ela consome campos, montanhas

Matas

Rios e cidades

Como serpente vai

Desdobrando

Enroscando

Subindo

Descendo

Mordendo os flancos vermelhos dos barrancos

Os verdes acostamentos

No meu corpo

A linha branca divide

O poder de ir e

Vir

Lânguida, sensual em certas curvas

Voraz e predadora nas retas

Solitária, mansa nos desvios e encruzilhadas

Sou prisioneira

Dos seus encantos

Deixo-me levar

Na libido da chegada e

Da partida

Mulher fêmea

Somos iguais no gozo

Libertas para acolher quem

Maciamente viajará em nossas entranhas.

Em *Velas ao Vento* (p. 55) há este poema, que justifica a sua concepção de éros:

Ando livre

Solta

Ao vento

Navego ao sabor das vagas

Prossigo.

Uma enseada azul

Uma brisa morna

Doce

O amor já não detém

Ancorado ao cais de

Antigas seduções.

A idéia de amor como veículo está clara nestes últimos versos, que só se completa através da pessoa/caminho.

A poetisa passo-fundense, a exemplo da baiana Denise Teixeira Viana e de outras poetisas contemporâneas, não cai no éros pelo éros, ou melhor em pornânai (vender), a pornografia, a vulgarização do lirismo. E é exatamente essa diferença que faz a diferença literária necessária à existência da verdadeira obra de arte lírica.

Não cabe aqui discutir os sentidos das palavras gregas éros (“amor entre os cônjuges”), ágape (“amor divino”) e philis (“amor entre amigos, sem nenhuma conotação sexual”), como definem teólogos cristãos. Certo é que o Cântico de Salomão, escrito há cerca de três mil anos, imortalizou a beleza das pastoras judias, sendo, a um só tempo, documento de profunda simbologia religiosa e uma das mais representativas composições do lirismo universal. O poema salomônico oferece mais do que uma leitura, o que é comum à maioria dos mais representativos poemas líricos, mostrando que o erotismo encerra uma profundidade muito maior do que se possa pensar ou imaginar.

A obra poética de Jane Pimentel comprova uma verdade: só existe verdadeira obra de arte como expressão do amor, mesmo em poetas como o clássico Antônio de Castro Alves, abominando a escravidão por amor aos seres humanos.

## 2. A poesia popular de Xiko Garcia

A poesia exerce um fascínio particular sobre as pessoas. Apresenta-se como uma espécie de mistério. Não é à toa que se lhe atribui origem divina. E o peso dessas concepções míticas está, ainda hoje, presente na Estética, “Filosofia das belas-artes; ciência que trata do belo, na natureza e na arte”, segundo o Aurélio.

Preso à camisa de força de um artigo jornalístico não posso estender-me sobre o tema. Avanço, apenas algumas linhas sobre a poesia popular, para chegar à obra poética de Francisco Melo Garcia, conhecido pelo nome literário de Xico Garcia. É pena.

Xico Garcia nasceu em Passo Fundo a 21 de abril de 1945, é bacharel em Ciências Contábeis e Administrativas, pós-graduado em Arteterapia, Educação e Saúde, especificamente na área de música e poesia, e acaba de ingressar na Academia Passo-Fundense de Letras. É um de nossos poetas mais populares e mais lidos, em especial pela vinculação de seus versos à música. Do ponto de vista estético é, em sentido restrito, um poeta popular.

Embora o tema seja bastante estudado, poucos pesquisadores se debruçaram sobre aquilo que os críticos literários chamam de literatura popular. Não falo das criações anônimas, folclóricas, mas das que, para usar expressões de Hegel, teorizando a cerca da poética oriental, “não exprimem nem o sentimento nem a coisa a que ele se refere; são modos de expressão artificiais, forjados pelo poeta sob a pressão da necessidade” (Hegel, Estética, Vol. VII, Guimarães Editores, Lisboa, 1980, p. 265). Pois, o mesmo que o filósofo alemão, há mais de um século e meio, dizia da poesia oriental pode ser dito sobre a poesia popular contemporânea.

O certo é que, ao estudarmos a história da criação literária, vemos dois ramos poéticos crescendo lado a lado: um que podemos definir como “esteticamente correto” e outro que não corresponde à “filosofia do belo”. Divisão que acompanha a dicotomia da linguagem culta versus linguagem popular.

Percorrer o assunto é mergulhar na história mesma da literatura e da cultura em língua portuguesa. E nesse caminho é indispensável lembrar Luís António Verney, talvez o mais importante intelectual que escreveu na língua de Camões no século XIII. Profundo conhecedor da literatura de seu tempo e sem meias palavras pagou caro por isso. Leia-se-lhe este parágrafo, da obra publicada pela primeira vez em 1746: “Digo, pois, que o estilo dos Poetas deste seu Reino e desta sua língua pouquíssimo me agrada, porque é totalmente contrário ao que fizeram os melhores modelos da Antigüidade e ao que ensina a boa razão. A razão disto é porque os que se metem a compor não sabem que coisa é compor; onde, quando muito, são Versificadores, mas não Poetas. (...)” (Luís António Verney, Verdadeiro Método de Estudar, Volume II, Estudos Literários, Livraria Sá da Costa – Editora, Lisboa, 1950, págs. 201/202).

Verney criticava o artificialismo dos poetas portugueses. Lembrava (Id., p. 230/231, Nota 17) o soneto abaixo de Miguel Leitão de Andrade, publicado em 1629, mas cuja temática se perde na noite dos tempos:

O tempo já de si me pede conta;

É necessário dar-se à conta tempo,

Que quem gastou sem conta tanto tempo,

Como dará sem tempo tanta conta?

Não quer levar o tempo tempo em conta,

Porque conta não fez de dá-la em tempo

Onde só para a conta havia tempo,

Se na conta do tempo houvesse conta.  
Mas que conta dará quem não tem tempo?  
Em que tempo a dará quem não tem conta,  
Que quem a conta falta, falta o tempo?  
Vejo-me sem ter tempo, e com ruim conta,  
Sabendo que hei-de dar conta do tempo  
E que se chega o tempo de dar conta.

O tema do velho soneto lusitano perpassa a obra do passo-fundense Xico Garcia. E está presente em um dos seus mais conhecidos poemas, O Tempo (Xico Garcia, Vivência, Gráfica Danielli, Passo Fundo, 1998, págs. 14 e 15. Também disponível em K-7 e CD, na voz do Autor), mostrando que aquela persistência formal e temática, merecedora da insubordinação de Verney, continua mais viva do que nunca.

Hegel, quanto à poesia, afirma que “o seu princípio é, de uma maneira geral, o da espiritualidade. Mas, em vez de se servir da matéria grave, para atribuir à interioridade uma ambivalência simbólica, como a arquitetura, ou em vez de talhar na matéria real uma representação exterior e espacial do espírito, como o faz a escultura, a poesia representa o espírito para o espírito, sem dar às suas expressões uma forma visível e espacial. Por outro lado, a poesia está em condições de exprimir não só a interioridade subjectiva, mas também as particularidades da vida exterior, de uma forma muito mais completa e compreensiva do que o fazem a música e a pintura; ela é simultaneamente sintética e analítica: sintética na medida em que é capaz de reunir num único feixe os elementos da interioridade subjectiva, analítica, na medida em que é susceptível de desenvolver, justapondo-as umas às outras, as particularidades e singularidades do mundo exterior” (Hegel, Ed. Cit., p. 11).

Ora, uma característica de toda a poesia popular é que não se prende à camisa de força da Estética, mormente da “interioridade subjectiva”, consequência natural da “representação do espírito para o espírito”. O poeta popular sempre tem algo a dizer, escreve “sob a pressão da necessidade”. Necessidade que tanto pode ser a de dizer alguma coisa ou de produzir uma obra vendável. No primeiro caso lembre-se os conhecidíssimos “poemas de cantar mulher”, tão comuns entre os românticos e que fazem a popularidade daquela escola, ou os romances de cordel, cantando assuntos do momento ou temas sensacionalistas, como o famoso caso da “mulher que bateu na mãe e virou cachorra”.

A linguagem do poeta popular é a do homem comum. Ainda que a temática seja regional, que o poeta cante sua aldeia, é parcimonioso no emprego das expressões regionais.

Xico Garcia é um típico exemplo de poeta popular. Toda a sua poesia transmite um recado. Insere-se dentro daquilo que a Filosofia define como senso comum, e que merece, uma atenção especial dos filósofos contemporâneos. Portanto, foge à “interioridade subjectiva” e à “representação do espírito para o espírito”. Quer transmitir um recado e transmite. Faz seus os famosos versos de José Hernández, no Martín Fierro, (Edición de Luis Sáinz Medrano, Rei Argentina, Buenos Aires, 1980, p. 201):

“Yo he conocido cantores

que era un gusto el echuchar;  
mas no quieren opinar  
y se divierten cantando;  
pero yo canto opinando,  
que es mi modo de cantar”.

Diferentemente, porém, dos demais poetas da gauchesca, mesmo ao cantar temas regionais, é cauteloso com o emprego de regionalismos lingüísticos, como o demonstram todos seus poemas.

Todos os estetas e críticos literários reconhecem a proximidade da poesia e da música, até porque ambas dependem da sonoridade, salvo a poesia visual. Neste particular, é sintomática a identificação da poesia popular com a música popular. E muitos poemas de Xico estão musicados. Sua poesia alcança um público maior, através da musicalização.

Para a Estética é dogma a inferioridade literária das letras de músicas em relação aos poemas propriamente ditos. Entretanto, contribuem para a popularidade de seus cultivadores, como Xico Garcia.

Ao contrário do que muitos pensam, os poetas populares são, no geral, até rigorosos com seus poemas. Limam, cinzelam, sem dó nem piedade. Uma simples leitura mais atenta dos poemas de nosso poeta pode comprovar essa assertiva. Um dos mais recentes é intitulado “Se Achando Muito Machona”. A primeira variante do poema era em quadras, começando assim:

Quanto a mim tem quem duvida,  
Vem outro que me questiona,  
Mas eu vou levando a vida,  
Sei que Deus não me abandona.

Sempre pagando a passagem,  
Não seu arranjar carona,  
Mas muitos viajam de avião.

O povo pobre que abona.

O texto (por enquanto) definitivo é o seguinte:

Quanto a mim tem quem duvida  
Vem outro que me questiona...  
Mas eu vou levando a vida  
Sei que Deus não me abandona.  
Sempre pagando a passagem  
Não sei arranjar carona...  
Mas muitos viajam de avião

É o pobre povo que abona...

Terra e mãe de filho andejo

Qualquer um chega e se “adona”...

Como vemos, as quadras de um esquema rimático livre, embora mantendo os tradicionais ABAB e ABCB, pelo acréscimo de dísticos, se transformam em décimas. Estas fogem à rima tradicional ABBCCDDEED.

Insubmissos aos padrões da Estética, os poetas populares, muitas vezes, desconsideram as regras da Versificação. Esta característica se acentua entre os versificadores contemporâneos.

Ainda que considerada sublitteratura pelos eruditos a poesia popular é uma realidade histórica, muito mais ampla do que se possa imaginar. Sua popularidade abafa o ranço elitista impregnado a certos tipos de críticos e estetas.

### 3. O Romance de um Romance

A Méritos Editora, do jovem editor Charles Pimentel, realiza um trabalho importante para a divulgação da produção literária de Passo Fundo e região. Lança obras de autores iniciantes e consagrados, primando pela qualidade gráfica dos volumes.

Uma das mais novas publicações é Oché y Sefé Tiarayú, de Odilon Garcez Ayres, natural de São Sepé, aqui residente há muito tempo, onde constituiu família e se integrou à vida comunitária, na condição de funcionário público municipal e tradicionalista militante. Seu primeiro livro é um romance, na esteira comemorativa dos 250 anos da morte do índio Sepé Tiaraju, falecido no dia 7 de fevereiro de 1756, quando preparava uma emboscada aos exércitos português e espanhol. Estes faziam cumprir os termos do Tratado de Madri (31.1.1750), que passava para Portugal as missões jesuíticas da margem esquerda do Uruguai, em troca da Colônia do Santíssimo Sacramento. Não morreu três dias depois, em Caiboaté, quando o grosso das forças guaranis foi destruído pelas tropas peninsulares.

Como bem o demonstra o historiador Moacyr Flores (O Poema Uruguay de Basílio da Gama, incluído em seu livro Reduções Jesuíticas dos Guaranis, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1977, págs. 131-146), o Sepé Tiaraju que se tornou conhecido é uma criação literária. Aparece para o mundo com O Uruguay, de José Basílio da Gama, publicado em 1769, mesmo ano em que Voltaire dava a lume a novela Cândido, sobre um reino fabuloso construído pelos inacianos no Paraguai. O autor do Dicionário de História do Brasil demonstra que Sepé Tiaraju é mais uma dessas personagens, que saíram das páginas literárias para os livros de história. E lembra os casos de Anita e José Garibaldi, tal como apresentados na história tradicional, inventados pela pena de Alexandre Dumas no "romance Memórias de Garibaldi".

O romancista inicia seu livro apresentando a leva de índios preados na redução de Santa Teresa, que era conduzida para São Paulo e sua providencial libertação por uma partida de outros índios que iam das margens do Iguaçu coletar sal às alturas da atual Florianópolis. O líder dos libertados era Guaraé, que aparece no romance como bisavô dos Tiarayú.

O indianismo brasileiro, criação teórica dos franceses, consolidou um tipo de índio que nunca existiu na vida real. O amor, entre os nativos da América, é muito diferente do que aparece nos romances de José de Alencar e quejandos.

O cacique passo-fundense se apaixona por Ocarapotí, irmã de Corityguasú, seu libertador. Como um autêntico herói branco do Romantismo, pesa-lhe a inferioridade do seu estado, não ousando declarar-lhe seu amor. Retorna ao Tape e encontra sua terra dominada pelos bandeirantes. Acaba transmigrando para a margem direita do Uruguai, hoje em território argentino.

O romance continua historiando as reduções e o envolvimento dos índios na defesa da coroa espanhola. A vida nas reduções é apresentada como uma verdadeira terra sem males, a Ivy Maray, correspondente guarani do Jardim do Éden, o paraíso, de Canaã, a terra onde mana leite e mel, o Eldorado, de portugueses e espanhóis, ou a Cocagna, dos italianos. Os guaranis são anjos e os jesuítas santos enviados por Kitú (Jesus). É a utopia do bom selvagem, materializada pelos discípulos de Chateaubriand.

Certa feita chega na Redução de São João Batista, vinda "dos fundos de Los Curií, dum lugar chamado San José do Itayú (ouro)", uma viúva acompanhada dos filhos. Sefé apaixonou-se por Torí, uma das jovens recém-chegadas. Como um bom herói branco declara-lhe o amor; ela, boa heroína branca, afirma que tem compromisso com outro, mas mesmo assim inicia um romance. As constantes aventuras guerreiras de Sefé afastam o casal. Ele se envolve com outras mulheres, o que causa revolta em Torí, que se casa com outro e depois, retribui na mesma moeda.

Odilon Garcez Ayres paga tributo ao romantismo literário. O amor platônico por Ocaraporí, a paixão pela índia Torí, o don-juanismo, e Torí entregando-se a outros índios, por despeito, não têm nada a ver com a realidade indígena. Os índios não conheciam o pecado e o ciúme, ao menos como nós os conhecemos. Oché e seu irmão Sefé são meras criações literárias. Não são índios. Como todos filhos da "mentira gentil", para usar a expressão com que Antônio Cândido define o indianismo, não passam de brancos fantasiados de índios. E tem mais: eram as mulheres que escolhiam o homem. Daí o mito da licenciosidade das índias. E, dentro da sociedade poliândrica em que viviam, as mulheres eram mulheres de todos os homens, não havendo espaço para o tipo de amor que nos foi imposto pela cultura judaico-cristã.

Como em todo o romance romântico, há muita troca de cartas entre apaixonados (págs. 71-72, 80-84, 111-112, 124-126).

Com a morte de Oché (7 de fevereiro de 1756), e do combate de Caiboaté, dois dias depois, os guaranis recuam guerrilhando. Na retirada há tempo para o herói sobrevivente encontrar-se com Yamandú, filho de seu amigo Kichú Costa. Exímio guitareiro, que aprendera a tocar com o corrientino Lúcio Taraguí. Ao final se dispersam.

Sefé sobrevive e reconcilia-se com Torí. Vão morar em "San José do Itayú (ouro), no cimo as serra, na antiga Santa Tereza do Igay, na terra das altivas árvores e dos altaneiros pinheirais". Mais tarde recebem como vizinhos um casal de caigangues e até a visita de um tropeiro, "Cipriano Dias Garcez lá do Pau Fincado..."

O romance, que começa com a narração do autor, continua com Oché Tiarayú e, depois de sua morte, com Sefé Tiarayú, encerrando com o falecimento "do último guarani, filho do povo de San Miguel", a 31 de março de 1783.

A presença desses três narradores ao longo do romance é sintomática. Todos eles são alter-egos do próprio romancista. A presença do guitareiro Yamandú traz a história para os dias de hoje. É o violonista Yamandu Costa, filho de Algacir Costa. Yamandu confessa ser discípulo de Lúcio Yanel. Da mesma forma ocorre com a intromissão de um tropeiro com o sobrenome Garcez do autor do livro. O próprio nome da vizinha caigangue, Jurema (será nome caigangue?), é quase um anagrama do nome da mulher do romancista.

Como já vimos, o herói Sepé Tiaraju é um mito literário criado por Basílio da Gama em 1769, desenvolvido ao longo de dois séculos e tanto por poetas, ficcionistas e historiadores apressados. Esse mito, da década de 1960 até meados de 1980, foi usado por músicos e outros artistas marxistas, como um "herói", um símbolo, para enfrentar a Ditadura Militar. Era o protótipo daqueles ("guaranis") que se opunham ao autoritarismo ("espanhóis"), aliados ou a serviço do imperialismo ("portugueses").

Para o tradicionalismo gaúcho Sepé é o protótipo dos tradicionalistas ("índios"), na sua luta contra os traidores dos usos e costumes gauchescos, aqueles que não se filiam ao tradicionalismo ("espanhóis"), a serviço dos usos e costumes universais ("portugueses").

O autor-narrador Odilon Garcez Ayres é um tradicionalista e os heróis Oché e Sefé Tiarayú são seus alter-egos. A guerra guaranítica é o símbolo da guerra movida pelo gauchismo contemporâneo contra padrões de comportamento e cultura universalizantes. E o fato de que Sepé não é um herói brasileiro, mas um guarani espanholado, cristianizado, que não falava a nossa língua, é a materialização de uma cultura arcaica, ultrapassada, o gauchismo. Sepé, do ponto de vista histórico é um mito, uma criação da imaginação.

Odilon Garcez Ayres escreveu uma obra de ficção acima da média dos romances passo-fundenses. Superior a Irapuã, de Jorge Edeth Cafruni, de onde retira os nomes de algumas personagens. O bem escrito Oché y Sefé Tiarayú é um romance de um romance. Em trazendo para o nosso tempo a "mentira gentil" de Sepé Tiaraju, acrescenta elementos novos ao mito. Ficcionismo é assim: "Quem conta um conto - aumenta um ponto".

Data : 30/04/2012

Título : Escritores passo-fundenses têm voz e vez

Categoria: Artigos

Descrição: Os livros não andam sozinhos. Precisam ser conduzidos. Depois de escritos, necessitam de outros procedimentos para que possam se realizar efetivamente.



Os livros não andam sozinhos. Precisam ser conduzidos. Depois de escritos, necessitam de outros procedimentos para que possam se realizar efetivamente. Antigamente eram manuscritos. Necessitavam de copistas. Essa função, na Antiguidade, era exercida por verdadeiras indústrias, onde dezenas de escravos copiavam um livro que lhes era ditado. Mais tarde, os religiosos católicos, nos conventos, copiavam esses manuscritos. Com a invenção da imprensa, por Gutemberg, surgiram os impressos e o livro foi se popularizando.

Passamos, há alguns anos, pelos livros impressos em mimeógrafo, prática que acabou dando nome a toda uma geração de escritores: a geração do mimeógrafo. Hoje, além do livro impresso, apareceu o e-book ou livro eletrônico. Os computadores pessoais e as impressoras tornaram o livro impresso de fácil realização.

Entretanto, não basta imprimir um livro. É preciso “realizá-lo”, como qualquer outra mercadoria. Ou seja: fazer com que ele chegue ao mercado, às livrarias. Via de regra, os escritores não são bons vendedores, não sabem vender seus livros. Aí surgiram as editoras, as distribuidoras e outros elementos indispensáveis para que o livro circule. Em Passo Fundo, onde se produz aproximadamente um título por dia, surgiu uma iniciativa importante para os escritores locais.

Sob o nome de Projeto Passo Fundo, o empresário do ramo imobiliário, Ernesto Pedro Zanette, organizou um site (ou sítio, como preferem os portugueses), na internet, responsável pela publicação dos mais diferentes textos de autores locais. Além disso, acolhe fotografias, documentos históricos, livros antigos, que são disponibilizados, uns para a venda outros gratuitamente. Afinal, todo projeto custa dinheiro.

Dezenas de colaboradores contribuem com o Projeto, escrevendo. Pelo endereço eletrônico ([www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)) podem ser adquiridos livros e quadros de autores locais. Já se elevam a mais de duas dezenas o número de livros impressos e livros eletrônicos de autores passo-fundenses. Há espaço para todos os escritores: poetas, romancistas, contistas, cronistas, novelistas, ensaístas. É uma verdadeira geleia geral.

Quem quiser ter uma ideia bastante aproximada do que realmente se produz, em termos literários, na Capital Nacional da Literatura, é só acessar o sítio do Projeto. Ali encontrará mais de dez mil textos. E repetamos: também quadros de artistas plásticos locais. O Projeto Passo Fundo leva os livros de autores passo-fundenses até qualquer parte do mundo. Era o que faltava.

### A opinião dos autores

Para o escritor Marcelo Noal, de 21 anos, o Projeto Passo Fundo é uma “iniciativa a favor da literatura, um projeto que valoriza a cultura em Passo Fundo. Muito mais que isso, deve servir de exemplo para outras cidades, pois quantos talentosos escritores acabam por nunca publicar sua obra, por falta de oportunidade”.

Odilon Garcez Ayres, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, afirma que o “Projeto Passo Fundo Cultural, uma iniciativa pioneira do empresário Ernesto Zanette, veio preencher uma lacuna, um hiato, que existe entre o escritor e a editora, que se traduz na

necessidade de um aporte financeiro, para que o primeiro possa realizar sua aspiração”. E acrescenta: “Por tão abrangente, torna-se necessário, talvez, que seu mentor tenha suas ideias e seus objetivos mais conhecidos e reconhecidos pela comunidade, para que sua obra possa expandir-se e firmar-se de tal modo que possa concorrer no mundo cultural, como um dos projetos de maior significado para o mundo das letras, no Rio Grande do Sul”.

Rosane F. Souza, mãe de dois jovens escritores, sente-se feliz, pois “através dessa iniciativa, meus filhos não empilham mais rascunhos, nem os deixam esquecidos nas gavetas. Podem expor suas ideias e conquistar seus ideais, que é o caso do Marcelo Henrique Noal, autor do livro *À Esquerda*, que será publicado esse mês, e da Fernanda Noal que também posta suas poesias e crônicas”.

Para o poeta Julio Cesar Peres, o “Projeto Passo Fundo é uma iniciativa para estimular novos autores a produzir e publicar seus livros. Uma iniciativa louvável eis que pautada pela intenção determinada de estímulo à cultura. Uma iniciativa dessas propicia aos autores produzirem e se encontrarem, para falar sobre cultura. Representa, portanto, uma tentativa de proteger essa sobrevivência cultural sem par”.

“Passo Fundo, projeto que privilegia autores locais, oportunidade de ouro que, como escritores, nos é concedida; suporte para publicação e divulgação de gente que faz da arte literária um meio de expressão” – afirma o jovem novelista e contista, Leonardo Nunes Nunes, que acrescenta: “Para o autor, a experiência de ter um texto seu publicado num espaço dedicado ao público, e voltado não exclusivamente, ao povo passo-fundense, proporciona ao leitor um motivo relevante de reflexão (a ideia é passar uma mensagem, seja ela qual for), é deveras enriquecedora. Sorte de quem tem seu espaço dentro do Projeto Passo Fundo.”

“Oportunidades!” no plural mesmo. Esse é o vocábulo que resume a opinião da radialista e professora universitária Helena de Moraes Fernandes, e expressa o principal significado do Projeto Passo Fundo. “Oportunidades de fazer diversas e novas amizades, de várias idades, com vários ideais. Oportunidades de que prevaleça e permaneça o que mais importa, na publicação de livros: a serventia aos leitores e o estímulo ao que há de bom nos autores”.

“Uma simples ideia. Uma ideia pequenina, mas que acabou se tornando altamente contagiosa aos talentos que estavam escondidos; aos que se sentiam sozinhos no seu mundo mental ou intelectual. Uma iniciativa nobre que arrebentou a parede da prisão e libertou aqueles que, de algum modo, estavam presos à expressão do livre pensamento.”

“E continua Victor Scofield, outro jovem escritor editado pelo projeto:

“O Projeto Passo Fundo tem sido a ferramenta certa para uma divulgação sólida e consistente dos autores locais, que literalmente estavam escondidos e presos, em meio a tantos custos dispendiosos. Isso é valorizar a base da sociedade organizada e civilizada, ou seja, é valorizar o conhecimento que nos movimenta”.

Dos Estados Unidos, onde reside e estuda, Eliane Thaines Bodah enviou seu depoimento: “O projeto Passo Fundo é uma iniciativa única de apoio à cultura e à educação, através do incentivo de publicações de autores locais e, até mesmo, internacionais. Graças ao

projeto, nosso livro “Conversa entre educadoras” está circulando na América do Sul e do Norte.

No Brasil, vem sendo utilizado por educadores de escolas públicas, no RS, MS e RR que, sem o apoio do projeto, não teriam como adquirir esse material. Pode-se dizer, assim, que o projeto vem transformando a prática pedagógica de educadores, em comunidades de risco, que não possuem recursos financeiros para alcançar os requisitos mínimos de infraestrutura, para o sucesso escolar, na educação básica. Já, nos EUA, essa iniciativa é reconhecida em vários centros educativos. E as práticas publicadas, com o apoio do projeto servem como exemplo para o descobrimento do novo.

Nós, autores, reconhecemos e agradecemos imensamente esse incentivo literário no processo de construção de uma sociedade mais justa e de um meio ecologicamente equilibrado, através da educação”.

“Considero o Projeto Passo Fundo uma das melhores iniciativas já tomadas nesta cidade, porque, além de resgatar os esforços feitos por homens cuja visão esteve dirigida ao progresso cultural não só local, mas também universal, também estimula o surgimento de novos impulsionadores da evolução cultural”

– resume Getúlio Vargas Zauza, membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Outro imortal de Passo Fundo, o professor e pesquisador da microhistória local, Welci Nascimento, assim opina:

“Projeto Passo Fundo é uma grande iniciativa do amigo Zanetti. O Projeto democratiza a impressão de livros, e dá oportunidade aos passo-fundenses de conhecer melhor sua cidade”.

(PAULO MONTEIRO)

Data : 11/08/1998

Título : ESCRITURA CONQUISTADA

Categoria: Resenhas

Descrição: Floriano Martins, poeta, ensaísta e tradutor cearense, acaba de publicar ESCRITURA CONQUISTADA ( DIÁLOGOS COM POETAS LATINO-AMERICANOS)...

ESCRITURA CONQUISTADA

Floriano Martins, poeta, ensaísta e tradutor cearense, acaba de publicar *ESCRITURA CONQUISTADA (DIÁLOGOS COM POETAS LATINO-AMERICANOS)*, pela editora LETRA & MÚSICA COMUNICAÇÃO LTDA., de Fortaleza, em co-edição com a FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL e a UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES. Trata-se de obra aguardada há algum tempo e destinada a tornar-se um marco referencial quanto à poesia íbero-americana.

Em mais de quatrocentas páginas reúne entrevistas com vinte e quatro poetas latino-americanos. Começa com o nicaraguense Pablo Antonio Quadra (1912) e termina com o brasileiro Donizete Galvão (1957). Embora os poemas de cada autor enfeixados no volume sejam mínimos, as entrevistas são altamente esclarecedoras. Elas apontam caminhos para pesquisa e estudos de literatura comparada praticamente inexistentes entre as literaturas representadas no livro de Floriano Martins.

Uma leitura de *ESCRITURA CONQUISTADA* já mostra o quanto de identidade há entre as "literaturas" dos diversos países latino-americanos. Muitos movimentos "nacionais" dos últimos noventa anos encontram identidades entre si. De um lado encontrei influências europeias, com a transplantação de práticas e teorias estéticas daquele Continente, e de outro a presença das culturas nativas (indígenas) e do componente africano. Essa mistura é o que aproxima a poesia latino-americana. E o que a separa é constituído pelas diferenças pessoais mais do que pelos limites geográficos.

Nota-se, nos últimos anos, uma procura maior dos poetas de um país em conhecerem seus confrades de outras regiões do Continente. Periódicos literários e universidades têm contribuído para essa aproximação. Cabe, porém, aos poetas mesmos, como interessados maiores, aprofundarem esse conhecimento recíproco. Nesse sentido, a divulgação de obras como *ESCRITURA CONQUISTADA*, de Floriano Martins, contribuirá para um conhecimento mais significativo da poesia latino-americana. Com esse diálogo todos sairão ganhando, pois poderemos aprender com as experiências poéticas nas outras regiões americanas.

Do Jornal

O Cidadão

11/08/1998

Data : 20/01/1999

Título : ESTRYCHNINA

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Artes e Ofícios, de Porto Alegre, está publicando a Biblioteca Burgo, sob a direção do escritor Luís Augusto Fischer.

## ESTRYCHNINA

A Editora Artes e Ofícios, de Porto Alegre, está publicando a Biblioteca Burgo, sob a direção do escritor Luís Augusto Fischer. O primeiro volume é a reedição de ESTRYCHNINA, romance escrito a seis mãos na Capital gaúcha e editado em 1887. Seus autores foram Mário Ribeiro Totta (1874- 1947), médico, poeta, cronista, jornalista econtista, José Paulino de Azurena (1860-1909), poeta e jornalista, e José Carlos de Souza Lobo (1875-1935), advogado, poeta e jornalista. Todos se destacaram, em sua época, no meio cultural gaúcho. Os autores eram todos jovens; o mais velho deles tinha 36 anos, quando escreveram o romance reimpresso em fins do ano passado.

Como bem nota Luís Augusto Fischer, o enredo é romântico, mas o texto revela forte marca naturalista. Aliás, perpassa todo um elemento determinista marcadamente à Taine por todo o livro. Os personagens principais são Neco Borba, filho de um fazendeiro falido do Alegrete, e Chiquita Gomes, moça pobre nascida em Viamão. Ele, marcado pelo afastamento da querência, é um depressivo; consegue emprego numa empresa da Capital, mas acaba desempregado. Aos poucos adapta-se à vida metropolitana e seus prazeres. Chiquita, mal entrando na adolescência, é seduzida e raptada por Crescêncio, tipo boçal, que a abandona pouco depois para aderir à Revolução Federalista, como chimango, morrendo logo no início de sua aventura militar. Viúva acaba morando com uns parentes, apaixona-se por um marinheiro e, por fim, como prostituta em Porto Alegre.

Muito bonita, Chiquinha conhece Neco durante uma festa no Menino Deus e acabam se envolvendo cada vez mais, até que ela engravida e as dificuldades financeiras de Neco aumentam. Aumentam na proporção em que cresce um amor purificador entre ambos, que se torna patológico pela influência do meio (o romântico torna-se naturalista), aprofundando a tendência suicida de Neco.

Apertado pela situação financeira, as pressões sociais sobre seu relacionamento com Chiquita, a gravidez da mulher por um sentimento de impotência para vencer as dificuldades, Neco acaba decidindo suicidar-se junto com a amante, ingerindo estricnina. Socorrido por seu amigo Ramalho, acaba merecendo atendimento médico numa farmácia, atendido por um médico, enquanto Chiquita agoniza e morre só na casa modesta onde viviam. Ambos perecem e acabam, românticamente, sendo sepultados lado a lado.

Estão reunidos nesse velho romance gaúcho características nitidamente românticas, como a purificação da vida viciosa pelo amor, e naturalistas, como a tendência doentia do suicida, como que a provar uma tese científica e a preocupação com tipos e festas populares, descritos quase com o realismo cru dos discípulos de Zola.

ESTRYCHNINA é interessante como crônica da vida porto-alegrense em fins do Século XIX. Não é nenhuma obra-prima. Sua leitura vale para entendermos as profundas mudanças ocorridas em Porto Alegre nos últimos cem anos. O livro registra exatamente o início dessas alterações que revolucionaram a cidade, espalhando-se, pouco a pouco, para os principais centros urbanos do Estado.

Do Jornal  
Rotta  
20/01/1999

Data : 16/04/2010

Título : Estudos sobre a crise do leste

Categoria: Resenhas

Descrição: A Cooperativa Cultural Universitária, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e a Editora Alfa-Omega, de São Paulo...

Estudos sobre a crise do leste

por Paulo Monteiro

A Cooperativa Cultural Universitária, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e a Editora Alfa-Omega, de São Paulo, editaram, recentemente, REFLEXÕES SOBRE A DESINTEGRAÇÃO DO COMUNISMO SOVIÉTICO, organizado por Pedro Vicente Sobrinho, com textos de Oleg Tsukânov, Celso Frederico e Rubens Pinto Lira.

Tsukânov, que foi professor do Instituto de Ciências Sociais de Moscou, define o regime que vigorou durante sete décadas na União Soviética como um socialismo feudal do aparelho.

Embora tendo existido uma socialização dos meios de produção (socialismo), através de cooperação e estatização, o partido de novo tipo, no poder, permitiu a continuidade de um aparelhamento da sociedade através da burocracia estatal-partidária.

É evidente, no entendimento de Oleg Tsukânov, um modelo social desse tipo significava um retrocesso frente o capitalismo concorrencial. O processo de quebra do regime soviético não ocorreu apenas por interferência do capitalismo, mas fundamentalmente como derrubamento de um sistema velho e podre.

Para Celso Frederico, a condenação ao fracasso do chamado socialismo real ligou-se ao fato de que a revolução ocorreu em países atrasados, onde a base material para uma sociedade socialista não estava suficientemente desenvolvida.

Esse fato agravou-se com o isolamento do regime soviético, em especial com o retraimento do movimento revolucionário nos países capitalistas mais desenvolvidos. Mesmo tendo sido favorecido com a crise do petróleo e socialismo soviético estagnou-se enquanto o capitalismo evoluía tecnologicamente.

Já Rubens Pinto Livra analisa a concepção política do “principal partido socialista” do Brasil (o PT). Não cabe aqui verificar se esse partido é realmente socialista...

Partindo de publicações oficiais daquele partido, de suas correntes e do próprio dirigente maior da organização, Rubens Pinto Lira mostra as limitações da autocrítica das esquerdas brasileiras. Para ele há resistências ideológicas (preconcebidas) que conspiram contra a possibilidade de se elaborar um projeto socialista digno de crédito. Conclui salientando que o grande desafio é definir claramente o caminho para o poder.

REFLEXÕES SOBRE A DESINTEGRAÇÃO DO COMUNISMO SOVIÉTICO é um livro atual. Pela próxima extensão dos trabalhos reunidos pode-se afirmar que é limitado. Sua leitura é, porém, imprescindível para quem deseje entender o que está acontecendo em boa parte do mundo contemporâneo, com amplas repercussões sobre a intelectualidade brasileira.

O Cidadão

16/08/96

Data : 12/05/2014

Título : eterno retorno

Categoria: Poesia

Descrição: enquanto este poema pequenino parece desafiar o mundo astuto

eterno retorno

enquanto este poema pequenino  
parece desafiar o mundo astuto  
eu vivo do meu susto afeito ao tema  
que aperto contra o peito  
antes que a terra me receba no seu ventre  
e por viver dessa contradição

meu coração se afasta lentamente  
como a buscar a eterna des-razão  
do tempo em que eu já era o que não fui  
e assim escravo de mim mesmo  
escrevo minha própria história  
no pó que sou e me eternizo  
no pó que um dia hei de ser  
e o ser eterno vir-a-ser há de guardar-me  
serenamente no seu ventre e recolher-me  
ao eterno retorno simplesmente  
com a calma das coisas sem alarme

Data : 27/06/2009

Título : eterno retorno

Categoria: Poesia

Descrição: enquanto este poema pequenino parece desafiar o mundo astuto

eterno retorno

enquanto este poema pequenino  
parece desafiar o mundo astuto  
eu vivo do meu susto afeito ao tema  
que aperto contra o peito  
antes que a terra me receba no seu ventre

e por viver dessa contradição  
meu coração se afasta lentamente  
como a buscar a eterna des-razão  
do tempo em que eu já era o que não fui



e assim escravo de mim mesmo  
escrevo minha própria história  
no pó que sou e me eternizo  
no pó que um dia hei de ser

e o ser eterno vir-a-ser há de guardar-me  
serenamente no seu ventre e recolher-me  
ao eterno retorno simplesmente  
com a calma das coisas sem alarme

Data : 30/04/2001

Título : Eticidade

Categoria: Editoriais

Descrição: Basta que se leia as manchetes dos jornais ou se preste atenção às chamadas dos noticiários para que seja constatado que o império da violência...

Eticidade

Paulo Monteiro

Basta que se leia as manchetes dos jornais ou se preste atenção às chamadas dos noticiários para que seja constatado que o império da violência está instalado no mundo. Mais do que a violência física, vemos a violência moral.

Quando os corifeus da política nacional, em pleno Senado Federal, trocam acusações, numa verdadeira briga de bugiu, é porque as coisas andam muito mal. Vivemos uma crise ética. Há falta de eticidade. Ninguém mais respeita ninguém.

Ao "É proibido proibir", de 1968, seguiu-se, nos dias de hoje, o tudo é permitido. A afirmação maquiavélica, segundo a qual "os fins justificam os meios", é regra geral. E o fim último destes tempos de egoísmo, é a satisfação de ambições pessoais. O que é bom para o indivíduo, eticamente é correto. E aí reside o grande problema de nosso tempo.

Mais do que mudanças econômicas e políticas, o homem contemporâneo necessita de alterações éticas. Não basta comprovar que o Brasil é o país do mundo onde mais pessoas são assassinadas com armas de fogo. Proibir, por exemplo, o comércio desse tipo de armamento, não basta. É preciso desarmar os espíritos. Se isto não acontecer, a violência física vai continuar com paus e pedras.

Agora, essa verdadeira revolução, no sentido original de renovar, é que deve ser posta na ordem do dia.

É preciso resgatar valor, já recolhidos nos códigos legais antigos, de Hamurabi a Moisés. Já se disse alhures, também nos tempos antigos, que “a Lei mata de o Espírito vivifica.” É preciso reinscrever no coração dos homens algumas normas simples como: “Não roubarás. Não matarás”.

Quando essa revolução acontecer – e é necessário sonhar com isso –, haverá dinheiro para saúde, segurança, educação, salários e tudo o mais que se faça necessário para a sobrevivência da própria espécie humana. Sem eticidade o homem regride a tempos anteriores à própria malta, à pré-história da barbárie.

Do Jornal

O Cidadão

30 de Abril de 2001

Data : 01/06/2014

Título : EVANGÉLIO DO ÓDIO

Categoria: Resenhas

Descrição: Desde os primeiros dias de março de 1981 o fantasma de um poeta me persegue e a chave de outro de um soneto martela em meus ouvidos.

Desde os primeiros dias de março de 1981 o fantasma de um poeta me persegue e a chave de outro de um soneto martela em meus ouvidos. À época eu coletava material para escrever meu livro A TROVA NO ESPÍRITO SANTO: História e Antologia. E um dos meus grandes colaboradores foi o poeta e antologista Evandro Moreira, um dos mais ativos escritores capixabas de então.

Tudo começou quando, com dedicatória do dia 6 de fevereiro daquele ano, recebi o livro POETAS CACHOEIRESES: Coletânea organizada por Evandro Moreira (Alegre: Gráfica Pajé, Ind. e Com., Ltda., junho de 1975). Li todo o livro, impresso artesanalmente, letra por letra com velhos tipos de caixa. E lá, entre as páginas 33 e 35 está o poeta João Motta.

Evandro Moreira conta-nos que o poeta nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, filho de padeiros. Viveu sempre em sua cidade natal, exercendo o jornalismo boêmio. "Era apenas poeta e jornalista, e como tal ficou em nossa história", escreve Evandro Moreira. Chegou a dirigir o jornal "O Cachoeirano", que foi "empastelado em 1906, por motivos políticos", nas palavras do antologista.

João Motta é o patrono da Cadeira 19 da Academia Espírito-Santense de Letras e da 18 da Academia Cachoeirense de Letras. Parte de sua obra foi enfeixada, em 1966, pelo jornalista Trófanos Ramos, sob o título de "Poesias de João Motta" com um estudo de Bruno Torres Paraíso sobre o poeta.

Não consegui encontrar, por mais que tenha procurado em sebos de todo o país, o livro do poeta cachoeirense. A leitura dos três sonetos selecionados por Evandro Moreira, me permite afirmar que João Motta, falecido a 14 de fevereiro de 1914, se insere numa corrente literária, muito comum naqueles tempos: os poetas anarquistas. O Parnasianismo, escola poética, hegemônica, oferecia condições formais para a apresentação de ideias políticas sob a medida métrica dos sonetos em decassílabo.

Como homenagem ao centenário de falecimento de um poeta cujo nome me acompanha há mais de trinta anos, transcrevo o soneto cujo último verso, desde 1981, continua ecoando como um mantra de rebeldia em minha memória.

## EVANGÉLIO DO ÓDIO

À memória de Paul Berthelot

Antes de o sol nascer já sofre o pobre (\*)  
o rigor do patrão à voz do mando,  
e ninguém, por desgraça, lhe descobre  
no rosto triste a lágrima rolando.

E quando a sombra a luz solar encobre,  
sob o jugo do rígido comando,  
da própria mágoa a vida deprecando,  
inda trabalha, inda produz o pobre.

Exausto, à volta do trabalho, em casa,  
sua alma de revolta se extravasa  
ao dizer o seu lúgubre episódio...

O mísero espoliado os dentes rilha  
e, na dor da família maltrapilha  
ensina aos filhos o Evangelho do Ódio.

(\*) "Antes do sol nascer já sofre", é como tem sido publicado pela imprensa periódica.

Data : 04/03/2011

Título : EZKRITA FONÉTICA

Categoria: Artigos

Descrição: Eztou kon sinkuenta e çeziz anoz. Já paçei por kuarto reformaz ortográfikaz. Portanto, ezkrevi ...

## EZKRITA FONÉTICA

Paulo Monteiro

Eztou kon sinkuenta e çeziz anoz. Já paçei por kuarto reformaz ortográfikaz. Portanto, ezkrevi de kuarto maneiraz diferentez. Agora konpleto a kinta maneira. Literalmente, eztou ezcrevendo komo falo.

Nen eu, nen ken ker ke tenha paçado por eças ou outraz ezperiências deçe tipo ganhou kualker koiza. Muito antez pelo kontrário, perdeu. Çó os profeçorez de Língua Portugueza e oz editorez de livroz tiveram lukros.

Kual a diferença entre ezkrever “caçar” paçarinho kon “ç” e “cassar” o presidente Kollor kon “ss”. Kuando falamos não notamos diferença alguma.

Axo ke preçizamos akabar kon a ipokizia. Apezar de k, a maiz de doiz mil anoz un omen ke pregou kontra a ipokizia akabou kruçifikado entre doiz ladrões.

¿Porke não paçamos a ezkrever komo falamos?

Afinal, a fala é anterior à escrita.

Deveríamos, isto é, imitar os castelhanos instituindo a abertura de exclamação e a abertura de interrogação, para facilitar a leitura.

¿ ¡Fui ou não fui entendido em minha quinta maneira de escrever?!

(Ken for transcrever kuide o corretor automático)

Data : 17/03/2009

Título : FADO DO HILÁRIO

Categoria: Artigos

Descrição: Ao grande poeta fadista Euclides Cavaco

Fado do Hilário

Ao grande poeta fadista Euclides Cavaco

Eno Teodoro Wanke foi o maior estudioso da trova literária em língua portuguesa e autor de algumas obras fundamentais sobre o pequeno poema de quatro versos, destacando-se A Trova (1973), A Trova Popular (1974), A Trova Literária (1976) e O Trovismo (1978).

Em A Trova Literária, o capítulo 8 é dedicado às Influências de Portugal Sobre a Trova Brasileira, começando pelo fado, destacando a figura do poeta Augusto Hilário da Costa Alves, que seria o criador do fado-seresta de uma nova textura, na definição de João do Rio, que cita apenas uma trova do poeta português. Esta:

A minha flácida lira

Tem duas cordas variadas:

Uma que chora e suspira,

Outra que dá gargalhadas.

Alguns dos seus poemas acabaram popularizados, especialmente um, conhecido como “Fado do Hilário” ou “Fado Hilário”, do qual se conhecem diversas variantes. Hilário virou lenda, verdadeiro mito. Mas quem foi, de fato, esse Hilário?

Às cinco horas da manhã do dia cinco de janeiro de 1864 foi deixado na Roda de Expostos de Viseu um menino recém-nascido. A Roda de Expostos existia à entrada de determinadas igrejas, nas cidades daquele tempo, onde eram largadas as crianças não aceitas pelos pais, especialmente filhos de mães solteiras. Geralmente acabavam recolhidas e batizadas por alguém da família que adotava o afilhadinho. Este, muitas vezes, era amamentado pela própria mãe.

Foi o que aconteceu com o menininho de Viseu, batizado pelo presbítero João da Costa e Maria Alexandrina, ambos viúvos, criado na própria casa onde nasceu – e onde faleceria -, à Rua Nova, nº. 14, daquela terra natal. Na pia batismal da Sé da cidade onde nasceu, recebeu o nome de Lázaro Hilário, mudado, a seu próprio pedido, para Augusto Hilário, em 26 de maio de 1877.

Mais tarde, no dia 8 de junho de 1883, no Tribunal de Abrantes, seria perfilhado pelo seu pai, António da Costa Alves e sua mãe, Ana de Jesus da Mouta, analfabeta. Com ele foram perfilhados outros dois filhos do casal, António Pais e Carlos Alberto, que também tinham sido recolhidos da roda de expostos, pois António e Ana eram pais solteiros.

Para conseguir subsídio do governo, ingressou na Escola Naval. Entre 1881 e 1886 estudou no Liceu Nacional de Viseu. Pretendia cursar Filosofia. Entre os anos de 1889 e 1896 cursou Filosofia, Língua Grega e, finalmente Medicina, na Universidade de Coimbra, mas não concluiu nenhum curso. Jamais concluiu quaisquer estudos superiores, pois se dedicava ao teatro amador, às serenatas e à boêmia, como cantor de fados, aproveitando sua bela voz de barítono.

Ficou famosa a participação de Hilário numa homenagem prestada ao consagrado poeta João de Deus, oportunidade em que jogou sua guitarra para o auditório. Nunca mais a recuperou. O Ateneu Comercial de Lisboa, em 2 de junho de 1895, ofereceu-lhe outra guitarra, doada por Maria Alice Trindade Figueiredo Alves, sua sobrinha-neta, a 24 de junho de 1867, ao Museu Acadêmico da Universidade de Coimbra, onde está depositada.

Atacado pela tuberculose, retornou à casa paterna, onde faleceu às nove horas da noite do dia 3 de abril de 1896, sem assistência religiosa. À margem de sua certidão de óbito lavrou-se a seguinte nota: “Criador do Fado do Hilário e poeta e boêmio, notável candor do mesmo Fado, conhecido em todo o país como Fado Hilário”. Foi sepultado em sua cidade natal, sob grande consternação, segundo alguns, vestindo a inseparável capa preta, immortalizada em seus versos; trajado com a farda de aspirante da Marinha Portuguesa, segundo outros.

A exemplo do que aconteceria com Manoel Maria Barbosa du Bocage e outros poetas improvisadores, depois de sua morte, muitos poemas lhe foram atribuídos. É o caso do “Fado Hilário”, recolhido por Lucas Junot. Das três quadras desse poema, apenas uma é de autoria de Augusto Hilário. Diga-se a bem da verdade que, do ponto de vista métrico, muito mais correta do que aquela que alcançou maior difusão. Eis a quadra divulgada por Lucas Junot:

A minha capa ondulante

Feita de negro tecido

Não é capa de estudante

É mortalha de vencido.

O estudo do “Fado do Hilário” é de extrema importância para entendermos certos aspectos de toda a poesia popular, cultuada e divulgada por milhares de poetas, na Língua Portuguesa: o porquê da persistência de tantos autores em continuarem escrevendo em redondilha maior, o porquê dos velhos temas persistirem e o porquê de perpetuação desse tipo de literatura poética ancestral. É o que vou discutir nas próximas páginas.

Transcrevo, a seguir, o texto mais conhecido do “Fado do Hilário”, que, completo, é formado por 36 quadras.

#### Fado do Hilário

A minha capa velhinha  
É da cor da noite escura.  
Ela quer acompanhar-me  
Quando for p’ra sepultura.

Ela há-de ir contar aos vermes,  
Ai, já que eu não posso falar  
Segredos luarizados  
Ai, da minh’alma a soluçar.

Eu quero que o meu caixão  
Tenha uma forma bizarra,  
A forma de um coração,  
Ai, a forma de uma guitarra.

A minha capa ondulante  
Foi feita de negro tecido  
Não é capa de estudantes,  
Mas é capa de vencido.

O poema acima, que se popularizou, não é a totalidade das estrofes intituladas “Fado do Hilário”. Representam, pois, pouco mais de 10%. Se apenas estas se popularizaram é o que basta. Estas é que caíram no gosto popular; estas é que tocaram na sensibilidade das pessoas que ouviram e gostaram. Pouco importa se a “elite” de cantores de fado optou

por apenas estas em detrimento das demais. O certo é que esse poema – e apenas esse poema – acabou se popularizando.

Analisemos a primeira estrofe do “Fado do Hilário”. Ei-la:

A minha capa velhinha  
Tem a cor da noite escura.  
Ela quer acompanhar-me  
Quando for p’ra sepultura.

Literariamente forma uma trova, isto é, um poema de quatro versos em redondilha maior. Tem idéia completa. É um poema independente, pois a quadra sobrevive sozinha, separada do todo.

O primeiro verso fala de uma capa bastante usada, velhinha, negra, que “tem a cor da noite escura”. Aí estão presentes duas figuras envolventes, a capa e a noite, ambas escuras. A primeira é um objeto físico, puramente material, que protege do frio e da chuva, ao mesmo tempo era parte do uniforme dos universitários de Coimbra. A segunda é a ausência de luz, simbolizando a própria morte. Não é à toa que a qualidade da noite (“escura”) rima exatamente com sepultura, o Sheol dos hebreus, o Hades dos gregos, o Infernus, dos romanos.

Essa primeira estrofe do “Fado do Hilário” é formada por dois dísticos, dois pares de versos, ou duas estrofes unidas, formando uma estrofe de rimas simples (ABCB), típica do folclore. Os poetas cultos (ou mais cultos) preferem as rimas cruzadas (ABAB).

O segundo dístico, formado pelos 3º e 4º versos da primeira quadra do poema conta que a capa quer acompanhar o poeta no momento em que ele for para a sepultura.

Aqui, é importante notar o emprego dos verbos. Noutra palavra, como agem os substantivos, dois deles (ela e eu) ocultos e apenas um (sepultura), exatamente aquele que guarda o invisível, o corpo do morto, visível. Ela, a capa, é ativa, tem vontade própria, quer acompanhar o poeta, que também é ativo, quando ele for para a sepultura. Ninguém leva o fadista, ninguém o conduz num caixão. É ele que vai.

Boêmio, alcoólatra, amante de rameiras e tuberculoso, a vida que ele leva é que o conduz à sepultura. Conduz no sentido de que essa é a vida que ele quer levar. É uma opção pessoal. Ninguém o obriga a viver desbragada, perigosamente. Daí é que a capa conduz o fadista à sepultura e não ele a conduz ou é conduzido com ela.

Do ponto de vista psicológico, a capa é o símbolo do útero materno. Da mesma forma, podemos estender esse simbolismo à sepultura. Morrer é retornar ao útero da mãe terra. Assim, a capa, o útero materno, conduz o poeta ao útero universal, à sepultura comum da Humanidade, O Sheol, dentro da melhor tradição velho-testamentária. Aqui podemos lembrar outro poeta boêmio português, Manoel Maria Barbosa du Bocage, no verso célebre: “Somos todos iguais na sepultura”. Ali, onde se recolhe definitivamente o homem



que é pó, nada mais lógico do que o homem ser conduzido pela capa velhinha, que é a própria natureza mortal do ser humano, a “eterna” condenação à morte.

A segunda estrofe, que ao ser iniciada por um sujeito oculto (Ela, a capa), é uma simples quadra, impossibilitada de vida própria, é a continuidade lógica da primeira estrofe.

Ela há-de ir contar aos vermes  
Ai, já que eu não posso falar,  
Segredos luarizados  
Ai, da minh'alma a soluçar.

Antes de mais nada, preciso fazer algumas observações formais sobre essa estrofe.

Do ponto de vista formal, ela sofreu alterações espúrias, portanto, introduzidas por outrem que não o poeta. A métrica do segundo e quarto versos forma octossílabos, com a introdução de um “Ai”, no início de cada verso. O terceiro verso é um exassílabo, tem seis sílabas métricas. É possível que o poeta haja, originalmente, escrito “lunarizados”, do adjetivo lunar, aquilo que tem características da lua, e não “luarizados”, que tem forma de lua. A tradição popular simplificou o “lunarizados” para “luarizados”. Alterações, como veremos mais adiante, comuníssimas nos poemas popularizados.

Voltemos, porém, aos “Ais”. Os leigos nas leis da versificação, os espíritos menos apurados nas técnicas do artesanato poético, evidentemente, não entendem de sutilezas métricas. As interjeições (“Ai”, no caso) não precisam estar presentes no poema para que existam; podem ser elididas, suprimidas, ficando subentendidas.

Dito isto, acredito que a redação original era a seguinte:

Ela há-de ir contar aos vermes,  
Já que eu não posso falar,  
Segredos lunarizados  
Da minh'alma a soluçar.

O processo de popularização poética impõe alterações no original. Há muitos exemplos. Fico apenas com um, o que me parece suficiente.

O poeta pernambucano Guimarães Barreto, no início do século XX, escreveu um poema onde constava a seguinte estrofe:

Um dia eu a vi rezando  
Aos pés da Virgem Maria.

Era uma santa escutando  
O que outra santa dizia.

Acabou se popularizando desta maneira:

Eu vi minha mãe rezando  
Aos pés da Virgem Maria.  
Era uma santa escutando  
O que outra santa dizia.

Alguém lê ou ouve um poema, uma estrofe, altera, começa a declamar ou cantar com a nova redação e acaba caindo no domínio público. Vox populi; vox dei. Esse é apenas um detalhe que acompanha o “Fado do Hilário”, fado que é um poema ultra-romântico, lembrando o clássico “A Noiva do Sepulcro”, de Soares de Passos.

A morte perpassa todo o poema de Augusto Hilário da Costa Alves.

A capa – sempre a capa – irá contar aos vermes, aos agentes que fazem o homem voltar ao pó, os segredos lunarizados (ou luarizados, na voz do povo) da vida (alma) triste do poeta.

A lua, velha companheira dos poetas, é uma divindade ancestral ligada a cultos orgíacos. É a manifestação do complexo de Édipo, ao nível do subconsciente universal. A capa, o ventre materno, é capaz de contar os segredos mais recônditos do fadista.

Perpassa o poema um fatalismo enorme, uma espécie de predestinação. Daí é que o poeta, na vida material, é acompanhado pela capa-útero, que o conduz à sepultura. E lá, nas profundezas da terra, nos quintos dos infernos, de onde o homem veio e para onde o homem retorna, conta aos agentes da transformação da carne em pó, os segredos mais íntimos, todas as fraquezas da carne.

Produto do meio em que vive, ou mais precisamente da vida que leva, a capa-útero, a predestinação, conduz a história do autor. O poeta é sua própria história. É o “Eu sou eu e minhas circunstâncias”, de Ortega Y Gasset.

A terceira estrofe é interessantíssima:

Eu quero que o meu caixão  
Tenha uma forma bizarra,  
A forma de um coração,  
A forma de uma guitarra.

No quarto verso, novamente um “Ai”, desnecessário do ponto de vista poético, mas útil enquanto efeito audível. Essas intromissões, estranhas à metrificacão, servem para comprovar que existem diferenças concretas entre letra de música e “letra” de poema.

A poesia popular é repetitiva, enquanto peça retórica. É simplória. A ligacão do violão, em seu nome feminino guitarra, à morte do poeta ou mais precisamente, o instrumento acompanhando o poeta-músico em seu sepultamento, seja sendo enterrados juntos, ou no caso de Hilário, o caixão tendo a forma da guitarra é uma figura comum aos poetas populares. Diga-se, para maior clareza, que a última guitarra usada por Augusto Hilário da Costa Alves era de um formato aproximadamente triangular, o que lhe dava um aspecto cardiforme.

Enquanto os poetas “literários” têm a preocupação de produzirem imagens novas, os poetas populares repetem as imagens velhas, gastas. Daí a própria “capa velhinha”, que não deixa de representar uma imagem da imagem.

Essa é uma das características básicas da poesia popular, o conservadorismo estético. A preferência pelas imagens ancestrais (capa, noite, sepultura, guitarra, vermes, segredos, coração, caixão, etc.), pelos metros velhos (redondilha maior) e as formas estróficas antigas (quadras) são características inseparáveis da poesia popular. Daí, a implicância da crítica literária (“erudita”) em repetir e repetir a pobreza desse tipo de literatura.

A poesia popular veste-se com o reaproveitamento do que já serviu a poetas anteriores. Noutras palavras, nutre-se das sobras, cobre-se com expressões e formas poéticas desgastadas pelo uso; vive de migalhas e farrapos.

A última estrofe do poema é uma espécie de fecho da composicão.

A minha capa ondulante  
Foi feita de negro tecido.  
Não é capa de estudante,  
Mas é capa de vencido.

A exemplo do que ocorreu em estrofes anteriores, o “Foi” com que se inicia o segundo verso é apócrifo, pois acrescenta uma sílaba à redondilha maior.

Os universitários de Coimbra usavam capas como parte do uniforme, seguindo certos padrões ligados às antigas ordens religiosas criadoras das universidades medievais. Hilário, misto de guarda-marinha e estudante profissional, usava uma capa preta, diferente das que cobriam os estudantes coimbrãos. A capa poeta era ondulante, voava ao sabor do vento. Este é um símbolo vital. Quando Deus fez o homem conferiu-se a alma, a vida, soprando nas narinas de sua criatura. Alma em hebraico é exatamente Ruach, sopro, e é sinônimo de vida.

Para concluir, outro aspecto fundamental de toda a poesia popular é a predominância de figuras femininas: a saudade, a noite, a tristeza, a morte, a água, as flores, a natureza. Há uma receptividade para temas que considerem esse aspecto. Exemplo clássico é o conto

“Negrinho do Pastoreio”, o mais famoso do folclore gaúcho. As versões anteriores à divulgada por João Simões Lopes Neto, viraram curiosidade de sociólogos literários e críticos literários. Ao introduzir o mito da “Virgem Maria”, como madrinha do negrinho – pura e simples invenção do escritor pelotense – forneceu o elemento para que o conto inventado, alterado, reescrito, merecesse a consideração de obra do folclore.

Esse é um aspecto fundamental para a popularização e a sobrevivência de formas literárias ultrapassadas pelas correntes literárias cultas. E está presente em todos os poetas populares.

NOTA DO AUTOR: SERIA FASTIDIOSO CITAR AS FONTES DE ONDE RETIREI INFORMAÇÕES SOBRE O FADO DO HILÁRIO. FORAM DEZENAS DE HORAS LENDO INÚMEROS TEXTOS DISPONÍVEIS NA INTERNET. OBRA DE JORNALISTA LITERÁRIO E POETA O TEXTO ACIMA É DEVEDOR A MUITAS PESSOAS QUE ESCREVERAM SOBRE HILÁRIO DA COSTA ALVES E SEU FADO FAMOSO. A PARTIR DA SISTEMATIZAÇÃO DESSAS INFORMAÇÕES, O QUE FAÇO DE NOVO – SE PODE EXISTIR ALGO DE NOVO SOB O SOL – É USAR O FADO DO HILÁRIO PARA DIALOGAR COM A RICA POESIA POPULAR, GOSTEM DELA OU NÃO GOSTEM OS CRÍTICOS LITERÁRIOS.

Data : 16/02/2012

Título : Fantasia aprisionada

Categoria: Artigos

Descrição: O Programa Fantástico, da Rede Globo, levado ao ar no dia 12 do corrente...

Fantasia aprisionada

por Paulo Monteiro

O Programa Fantástico, da Rede Globo, levado ao ar no dia 12 do corrente, tem provocado muitos debates, por ter divulgado reportagem sobre alterações nas cantigas infantis, que estão sendo propostas, objetivando torná-las “politicamente corretas”.

Segundo diversos pesquisadores do folclore e da psicologia, as cantigas de roda exercem uma importância muito grande para a formação da personalidade humana e aqueles que delas não se aproveitam sofrem uma perda irreparável, na vida individual e no relacionamento social.

O folclore das cantigas de roda liga o ser humano a seus ancestrais e revive conteúdos arquétipos que estão na base da identidade nacional. Além disso, as canções de roda liberam os sentimentos, evitando bloqueios e desordens psíquicas; por isso, também, sua importância. O próprio ouvido foi selecionando as letras e o ritmo como criações coletivas (folclóricas) e não da cabeça de uma única pessoa, por mais iluminada que seja.

As cantigas de roda envolvem os mais diferentes tipos, do amor à religiosidade, dos conflitos à união entre as pessoas, contribuindo para que a pessoa se insira no grupo e para que ela, também, se destaque individualmente. Com isso, ao mesmo tempo em que a pessoa assume a sua condição de ser social, fortalece a sua individualidade.

O círculo, segundo muitos estudiosos, é uma figura universal, arquétipo da própria Terra, organizando a vida sob a forma de um círculo, que pode significar a própria sociedade, onde geralmente o indivíduo é colocado no centro, como em muitas dessas cantigas.

Pesquisas arqueológicas demonstram que os homens primitivos realizavam movimentos em círculo, como foi constatado em cavernas da França e da Espanha.

As cantigas de roda têm aplicação na musicoterapia, pois têm ligação com o mais íntimo da alma humana, devido a sua profunda ligação com a cultura popular, tanto que sofrem variações regionais, acompanhando as mudanças culturais. No caso de um país como o nosso, com uma formação multirracial, as cantigas de roda permitem a inclusão das pessoas no grupo social, independente de sua origem étnica, segundo destacam pesquisadores.

Data : 07/06/2014

Título : Florbela Espanca e Alceu Wamosy

Categoria: Crônicas

Descrição: Há tempos a afinidade temática entre a poetisa alentejana Florbela Espanca e o poeta gaúcho Alceu Wamosy me deixa curioso.

Há tempos a afinidade temática entre a poetisa alentejana Florbela Espanca e o poeta gaúcho Alceu Wamosy me deixa curioso.

Ambos foram contemporâneos. Florbela nasceu em Vila Viçosa, em Trás-Os-Montes, e faleceu em Matosinhos, a 8 de dezembro de 1930. Já Alceu é natural de Uruguaiana, Estado do Rio Grande do Sul, aonde veio à luz em 14 de fevereiro de 1895, falecendo em Santana do Livramento, a 13 de setembro de 1923.

Suas biografias são muito diferentes. A poetisa lusitana manteve-se à margem da política partidária, embora contestando o "status quo" ao longo de sua vida. O poeta gaúcho, ao contrário, sempre militou ao lado do conservadorismo, representado pela "ditadura

positivista" implantada no Rio Grande do Sul pelo partido Republicano Rio-Grandense. Defendeu o castilhismo-borgismo pela imprensa e de armas na mão durante a Revolução de 23, falecendo em consequência de ferimento recebido em combate.

Leitor de ambos, há muitos anos, sinto - e não apenas sinto - e vejo muitas semelhanças estilísticas, tanto de forma quanto de conteúdo entre ambos. Encontro, um viver desesperado perpassando os poemas de Florbela Espanca e de Alceu Wamosy. Chego a pensar que eles previam a brevidade de suas vidas. E não apenas a brevidade, mas, também, o fim trágico de suas existências.

A poetisa transmontana abreviou sua vida mediante o uso excessivo de medicamentos e o poeta gaúcho com a ousadia heroica de por em prática os seus ideais partidários no campo de batalha. Homem da palavra, poeta e prosador político, segundo testemunhos recolhidos por pesquisadores sérios como Antônio Carlos Machado (Rio de Janeiro: NASCUNTUR POETAE, Gráfica Marajá Ltda., 1944), Alceu Wamosy, demonstrou grande coragem no campo de luta, recomendando-se ao respeito dos adversários. Tanto isto é verdade, que aprisionado, já ferido de morte, pelo "Batalhão Vasco Alves" formado por conhecidos revolucionários alegretenses foi tratado digna e respeitosamente por eles.

A vida e a arte, mormente a Poesia, possuem verdadeiros "mistérios cósmicos" capaz de unir os seres humanos em qualquer parte do Globo. E, para comprovar o que sinto, penso e vejo, transcrevo o seu mais famoso e conhecido soneto, intitulado "Duas Almas", onde pulsa o mesmo lirismo intenso e trágico que fazia vibrar os versos de Florbela Espanca.

## DUAS ALMAS

Alceu Wamosy

Ó tu que vens de longe, ó tu, que vens cansada,

Entra, e, sob este teto encontrarás carinho:

Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,

Vives sozinha sempre, e nunca foste amada...

A neve anda a branquear, lividamente, a estrada,

E a minha alcova tem a tepidez de um ninho,

Entra, ao menos até que as curvas do caminho

Se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,

Essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,  
Podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha.  
Há de ficar comigo uma saudade tua...  
Hás de levar contigo uma saudade minha...

Data : 07/07/1995

Título : FORENSE REEDITA KANT E SARAIVA SE PREOCUPA COM A SAÚDE

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora forense Universitária do Rio de Janeiro está lançando a coleção “Crítica da Faculdade do Juízo” de Immanuel Kant...

## FORENSE REEDITA KANT E SARAIVA SE PREOCUPA COM A SAÚDE

por Paulo Monteiro

A Editora forense Universitária do Rio de Janeiro está lançando a coleção “Crítica da Faculdade do Juízo” de Immanuel Kant, numa primorosa tradução do Professor Valério Rohdn, e o Português Antonio Marques.

Aqueles que sempre reclamaram da péssima qualidade das traduções brasileiras tem motivos mais do que suficientes para felicitar a Forense universitária por essa versão para a nossa língua de uma das obras maiores da filosofia de todos os tempos. Immanuel Kant, falecido há quase duzentos anos, é um dos elementos mais representativos da filosofia clássica alemã, ao lado de Goethe, Schelling e Hegel. Porém, Kant é o mais radicalmente idealista desses clássicos. Suas críticas a Newton e à ciência de época, o mecanismo, representam a negação idealista a qualquer tonalidade do materialismo filosófico.

“Crítica da Faculdade do Juízo” interessa sobre- maneira aqueles que desejam estudar estética, especialmente literária, filosofia da religião, filosofia da ciência e moral.

Ao longo dos dois últimos séculos Kant despertou admiradores apaixonados e contestadores afiados. Seu pensamento (concordâncias e discordâncias à parte) continua servindo como referencial para o crescimento da filosofia do Ocidente.

Oxalá, a Forense Universitária encontre tradutores do nível de Rohden e Marques para publicar outras obras da qualidade dessa “Crítica da Faculdade do Juízo”. Ganhará a cultura de um país onde o atraso maior é a deficiência dos estudos filosóficos.

## SARAIVA SAÚDE

A Editora Saraiva, de São Paulo, lançou, há menos de um mês, dois livros sobre saúde: “Maiores de 40: Guia de Viagem para a Vida”, de Maria Tereza Maldonado e Alberto Goldon, e “Beleza, saúde e Bem-Estar”, de Rolando Zani.

A partir de suas experiências com acompanhamentos médicos e psicológico de pessoas de meia idade. Maria Tereza e Alberto realizam uma obra interessante. Relatam fatos acontecidos com pacientes, apresentam os tratamentos adotados e debatem suas próprias experiências.

Obra de leitura agradável e estilo leve, “Maiores de 40” é quase uma reportagem sobre essa faixa de idade; é leitura recomendável para tantos quantos já estejam dobrando o Cabo da Boa Esperança, para que dobrem o cabo sem perder a esperança.

O livro de Rolando Zani é um guia da boa vaidade.

Zani, professor da Escola Paulista de Medicina, médico e escritor experiente, conseguiu produzir um manual orientando as pessoas a cuidarem de sua saúde para conservar a beleza. E começa suas orientações com os cuidados com a alimentação.

Quem já participou de debates sobre saúde sabe que as propostas práticas se dividem em medicina curativa X medicina preventiva. O autor apresenta sugestões objetivas de elementos preventivos e avança nos cuidados com a luz solar, os exercícios físicos e o sono. São orientações simples, claras e práticas.

“Beleza, Saúde e Bem-Estar” está destinado a ser um daqueles livros de grande circulação e a merecerem a recomendação de pessoa para pessoa.

Fartamente ilustrada, ilustrativa, atual e útil, a obra de Rolando Zani deveria ser recomendada nas próprias salas de aula de nossas escolas. Vale mais do que muitas aulas de ginástica e educação física.

O Cidadão.

07/07/1995.



Data : 17/10/2009

Título : Galileu é meu pesadelo, resenha

Categoria: Resenhas

Descrição: A diferença entre “cientista” e “homem de ciência” transcende a expressão retórica.

## Galileu é meu pesadelo

Gilberto Cunha é reconhecido internacionalmente como cientista e é um dos escritores passo-fundenses mais brilhantes.

Seus textos, do ponto de vista estético, dentro da limitação conceitual, podem ser divididos em dois grupos: ortodoxamente científicos e heterodoxamente científicos. No primeiro conjunto encontramos livros como os três volumes de “Meteorologia: Fatos & Mitos”; no segundo incluem-se “Cientistas no Divã” e “Galileu é meu pesadelo”, que será lançado na 22ª Feira do Livro de Passo Fundo. Naqueles é o cientista que escreve, nestes é o homem de ciência.

A diferença entre “cientista” e “homem de ciência” transcende a expressão retórica. Todo homem de ciência é um cientista, mas nem todo o cientista é um homem de ciência.

Às vésperas do Natal de 2009 transcorrerá o sesquicentenário de “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin, modelo de homem de ciência. O que caracteriza a obra do sábio inglês é a clareza expositiva. E aí está a essência de um homem de ciência. Este é um sábio; o outro é um suja-páginas.

O Autor mesmo o confessa no “Prólogo” que os artigos “Galileu é meu pesadelo”, página 65, e “O olhar de Deus”, página 75, deixam clara a intenção de “trazer à tona a discussão de assuntos que, embora façam parte do dia-a-dia das instituições de CI&I (Ciência, Tecnologia & Inovação), nem sempre são tratados de forma aberta e transparente nos meios acadêmicos e científicos”. Diante da impossibilidade material de comentar o livro “in totum”, examinêmo-los.

Galileu Galilei é uma das mais intrigantes personalidades científicas, por suas descobertas e pela negação dessas descobertas, diante do Santo Ofício. Homem de ciência acabou vítima dos cientistas. A religião é a mais duradoura forma de ideologia. Enquanto ideologia, a religião é a mais duradoura forma de política. Enquanto política, a religião é a mais duradoura forma de administrar a sociedade, no melhor conceito aristotélico. Enquanto política a religião é a mais duradoura forma de poder. E o poder tende ao absolutismo. Assim, faltamente, à corrupção. E a corrupção é a negação do homem.

Se, do ponto de vista científico, a política, seguindo Aristóteles, é a arte de administrar a “pólis”; na prática é a ciência de enganar o cidadão. O homem de ciências é o cidadão em meio à política científica. Na verdade podemos falar em política parlamentar, política literária, política científica, “et caterva” e “ab aeterno”.

Toda e qualquer forma de política gira em torno de um conjunto de círculos sobre círculos, cujo material básico é o segredo pactual. Se a “Liga do Pombo” exerceu papel preponderante na condenação de Galileu, ao longo da história bandos de outras aves até mais perigosas transformam Galileu no pesadelo dos homens de ciência, porque o homem que o cínico Demócrito procurava com sua lanterna pelas ruas de Atenas é a negação do circulismo universal. Charles Darwin que o diga.

Data : 26/03/1998

Título : HÁ CEM ANOS MORRIA O CISNE NEGRO

Categoria: Resenhas

Descrição: Ontem, dia 19 de março de 1998, transcorreu o centenário de falecimento de Cruz e Souza, o maior poeta simbolista brasileiro e um dos mais representativos da Língua Portuguesa.

## HÁ CEM ANOS MORRIA O CISNE NEGRO

Ontem, dia 19 de março de 1998, transcorreu o centenário de falecimento de Cruz e Souza, o maior poeta simbolista brasileiro e um dos mais representativos da Língua Portuguesa.

Descendente direto de escravos africanos, João de Cruz e Souza nasceu em Desterro, atual Florianópolis, no dia 24 de novembro de 1862, falecendo em Sítio, Minas Gerais, em 19 de março de 1898. Criado como o filho que Guilherme Xavier de Souza, o senhor de seus pais não tinha, adquiriu apreciável educação secundária na cidade natal. Com a morte de seu protetor interrompeu os estudos, passou a trabalhar como jornalista e, posteriormente, viajou pelo país como ponto de peças teatrais.

Abolicionista, sentiu o racismo muitas vezes na própria pele, como no episódio em que foi impedido de assumir a Promotoria de Laguna, para a qual tinha sido nomeado. Perdeu o Ministério Público, mas ganhou a Literatura. Transferiu residência para o Rio de Janeiro, passando a colaborar na imprensa da Capital do país.

Obtido um emprego modesto na Estrada de Ferro Central do Brasil casa-se com Gavita, o grande amor de sua vida, que lhe dá quatro filhos.

Sua obra poética começa a ser publicada em 1879. Em 1883 divulga um opúsculo de 58 páginas com poemas dedicados à atriz Julieta dos Santos. Dois anos depois, em parceria com Virgílio Várzea, dá a lume TROPOS E FANTASIAS. Já no Rio de Janeiro consegue editar BROQUÉIS (1893), MISSAL (1893) e EVOCAÇÕES (1898), que já sai póstumo.

Após sua morte, graças aos esforços do crítico literário Nestor Vitor, foram dados à publicidade FARÓIS (1900), ÚLTIMOS SONETOS (1905) e OBRAS COMPLETAS (1923).

Além de Nestor Vitor outros escritores colaboraram para a divulgação da obra do grande simbolista como Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Maria Helena Camargo Régis, Ubiratan Machado, Zahidé Lupinacci Muzart e Iaponan Soares. Este último preside a Comissão Estadual do Centenário da Morte de Cruz e Souza, com o apêlo Do Governo catarinense.

O autor de BROQUÉIS vem alcançando um reconhecimento de seu valor literário que mais cresce à medida que o tempo mais passa. Mesmo estrangeiros, como o francês Roger Bastide, têm confirmado a importância da obra de Cruz e Souza.

Pesquisadores catarinenses, descobrindo novos inéditos do poeta, contribuem para que o conhecimento de sua poesia tenha evoluído positivamente nos últimos anos. Exemplo disso pode ser constatado ao analisar-se os novos dispersos, a 12ª ed. de POESIA COMPLETA (FCC/FBB, 1993), com Organização, Introdução e Bibliografia de Zahié Lupinacci Muzart.

Falecido aos 35 anos, Cruz e Souza pagou um tributo ao mal do século, a tuberculose. Pobre, seu corpo foi remetido para o Rio de Janeiro num vagão usado para transporte de cavalos. Ali, graças ao jornalista mulato José do Patrocínio e outros amigos, mereceu sepultura condigna. Com sua morte cessaram os sofrimentos físicos daquele que, no último ano de vida, enquanto a tísica minava-lhe o organismo, vira sua amada Gavira enlouquecer e falecerem seus pais e dois de seus filhos pequeninos.

Poesia rica, a poesia do poeta catarinense absorve experiências anteriores, a tonalidade elevada dos condoreiros, a maciez dos ultra-românticos e até o humorismo de poetas onde ecoavam ecos árcades, passando pelas experiências dos simbolistas europeus. A todo esse amplo espectro de influências Cruz e Souza funde no cadinho de seu labor poético para produzir uma obra que, ainda um século depois, toca o fundo da alma humana.

Deixo um testemunho do que acabo de afirmar: durante a última Feira do Livro, realizada em Passo Fundo, alunos de uma de nossas escolas estaduais apresentaram uma dramatização de partes do poema Violões que Choram. Quando minha filha Cris Daniele, que recitava os versos do poeta chegou à estrofe

"Que céu, que inferno, que profundo inferno,  
Que ouros, que azuis, que lágrimas, que risos,  
Quanto magoado sentimento eterno  
Nesses ritmos trêmulos e indecisos..."

alguns adolescentes que estavam ao meu lado, na platéia, exclamaram: "Que horror! Que trágico!" Sim, é horror, é tragédia... Gavira enlouquecida, os pais e dois filhos mortos e a doença irreversível transformados na dor de todos nós, pelo milagre do gênio poético do Cisne Negro.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, de 20 a 26 de março de 1998

Data : 31/07/2001

Título : Há cem anos morria Silveira Martins

Categoria: Artigos

Descrição: Neste dia 23 de julho transcorreu o centenário de falecimento de Gaspar Silveira Martins, nascido em Aceguá no dia 5 de agosto de 1834 e falecido em Montevideu, no exílio...

Há cem anos morria Silveira Martins

Paulo Monteiro

Neste dia 23 de julho transcorreu o centenário de falecimento de Gaspar Silveira Martins, nascido em Aceguá no dia 5 de agosto de 1834 e falecido em Montevideu, no exílio, em 1901.

Silveira Martins iniciou seus estudos em Cerro Largo, Uruguai, que continuaria em Pelotas, no colégio dirigido pelo rígido professor Antonio José Domingues. Revoltando-se contra os métodos violentos de ensino, foi trabalhar numa loja de ferragens. Aos 13 anos seguiu para São Luiz, a "Atenas brasileira" da época, onde se matriculou no colégio professor Vitório da Costa. Em 1852, concluído o curso de humanidades, transferiu-se para Recife, matnculando-se na Faculdade de Direito. Ali estuda até o 2º ano, quando, por conselho médico, transferiu-se para São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se formou, em 1856. Formado, muda-se para o Rio de Janeiro, passando a advogar. Em 1858, casa-se com Adelaide Augusta de Freitas Coutinho. Nesse mesmo ano é nomeado juiz municipal na Capital do Imperio, afastando-se, no ano seguinte, após tomar decisões polêmicas, entre as quais mandar prender um ministro do Supremo Tribunal, por desobedecer ordem da Justiça.

Retoma ao Rio Grande assumindo militância no liberalismo. Exerce mandatos de deputado provincial (estadual) entre 1862 e 1889, deputado geral (federal) de 1872 a 1889, senador (vitalício) de 1880 a 1889, presidente da província (governador) do Rio Grande do Sul, entre 24 de julho de 1889 e 6 de novembro de 1889, quando passa o governo ao 1º Vice-presidente, Justo de Azambuja Rangel Exerceu, ainda, a função de

ministro da Fazenda, de 5 de janeiro de 1878 a 5 de fevereiro de 1879. Deixando o governo da Província, retomava ao Rio de Janeiro, onde assumiria a presidência do Conselho de Ministros, quando foi preso, em Santa Catarina, uma vez proclamada a República. Remetido para a Capital Federal, é banido para a Europa, em 21 de dezembro. Com a evocação do banimento retoma ao Rio Grande, organizando o Partido Federalista, em oposição às idéias autoritárias do positivista Júlio de Castilhos. Acaba exilando-se no Uruguai, de onde assume a liderança civil da Revolução Federalista (1892-1895).

Terminada a Revolução continua no Uruguai, comandando politicamente a oposição liberal até 23 de julho de 1901. Morre nessa data, em que se preparava para encontro com o general Hipólito Ribeiro, dissidente castilhista. "A espada geme na bainha; o cavalo relincha na estrebaria; espero ordens de V. Exa.– escrevera Hipólito a Silveira Martins - para colocar o Rio Grande dentro da Lei e expulsar do governo o Tirano."

O que caracterizou a vida política de Silveira Martins foi sua fidelidade aos princípios do liberalismo político: liberdade de culto, de associação, de voto, de ensino e de indústria, liberdade política para os municípios e as províncias, como documenta Raimundo Faoro ( Os Donos do Poder. Editora Globo, 12ª edição. São Paulo. 1997, p. 443 e segs.).

"No mundo os homens todos são mais ou menos iguais; e se algumas famílias têm o privilégio de governar os outros homens, não é esse direito resultado de serem elas de porcelana diferente da comum, é resultado das convivências sociais consagradas pela lei." Sentenciava o tribuno, a 27 de dezembro de 1872, no famoso discurso de estréia parlamentar (Silveira Martins, Discursos Parlamentares. Brasília, 1979, p. 129). Vê-se a base do liberalismo, onde tudo (a própria monarquia) depende da Lei.

Essa preocupação com o império da lei será uma constante em sua vida. "Cumprir reconhecer - dirá ele no ano seguinte - que os partidos políticos são as garantias da liberdade, mas que o nosso País não marchará desembaraçado na senda do progresso enquanto se não entender - e praticar - que a política só é política; que, na magistratura, na policia e até mesmo na administração regular só as leis, imperam outros deveres." (Idem, p. 163). Passados 128 anos, os princípios enunciados pelo "Sansão do Império" podem ser considerados atuais.

Também 128 anos depois, continua o reino da mentira, que o deputado liberal denunciava em termos duros. "E preciso que os representantes da Nação tenham franqueza e sinceridade para render culto e homenagem à verdade, em vez de andarem ignominiosamente iludindo a todos, prometendo uma coisa e fazendo outra" (Ibidem, p. 161). Isso dirá no repto lançado contra o Barão de Mauá, eleito pelos liberais gaúchos e que passou a apoiar o gabinete conservador de Rio Branco. Silveira Martins propôs, e Mauá concordou, que os eleitores liberais do Rio Grande decidiriam, no voto, quem estava com a razão, e o perdedor renunciaria ao mandato. Dito e feito. A maioria esmagadora apoiou Silveira Martins, e Mauá honrou a palavra.

O parlamentar gaúcho, indicado para ministro da Fazenda, acabou renunciando porque o gabinete não quis incluir em proposta de reforma política, a liberdade de voto para os acatólicos. Ele dirá, com todas as letras, à Câmara: "Subi, Senhores, ao Parlamento de meu País pelo próprio esforço, não tendo outro auxiliar senão a dedicação às idéias do meu Partido Político, o apoio daqueles que acreditavam na minha palavra; e

seria hoje, depois de haver passado da metade da vida. perder tudo que tenho adquirido, preferir deixar a Pasta, continuar nela desonrado."(sic, in Discursos, p. 126).

Proclamada a República, o desgoverno tomou conta do Rio Grande. Nos três primeiros anos, o Estado teve 19 presidentes. A perseguição mais desbragada, o fuzilamento pelas costas e a degola espalharam-se pelo Estado. Os perseguidos, aos milhares, tomavam o caminho do exílio. Isso acabaria na guerra civil, com mais de 11 mil mortos, mil e tantos dos quais degolados.

Silveira Martins tudo fez para evitar a conflagração. Documento patético é o telegrama que passou ao general Joça Tavares: "Chefe partido aconselho, correligionário peço, rio-grandense suplico: guerra civil não... maior flagelo pode cair sobre um povo".

Quando foi impossível argumentos pacíficos, já exilado no Uruguai, esforçou-se no apoio às operações do Exército Libertador. Derrotado o movimento continuou a luta política até sua morte súbita no dia 23 de julho de 1901.

Gaspar Silveira Martins deixou uma grande lição: a coerência política. Jamais se acomodou às acilidades do poder, nem durante o Império, nem durante a República. O homem que, comentando a aliança entre federalistas e dissidentes do castilhismo, disse que "idéias não são metais que se fundem" (In Sérgio da Costa Franco, Júlio de Castilhos e sua Época, Editora da Universidade. 2ª edição, Porto Alegre, 1988, p. 127), merecia ter sua obra melhor estudada nos dias que correm.

Do Jornal

O Cidadão

Julho de 2001

Data : 15/08/2004

Título : Há cinquenta anos ele saiu da vida para entrar na história

Categoria: Artigos

Descrição: Getúlio Dornelles Vargas nasceu no dia 19 de abril de 1882, dada que posteriormente alterou para 1883.

Há cinquenta anos ele saiu da vida para entrar na história  
por Paulo Monteiro (\*)

Getúlio Dornelles Vargas nasceu no dia 19 de abril de 1882, dada que posteriormente alterou para 1883. Seu pai, Manuel Nascimento Vargas, fazendeiro e veterano da Guerra do Paraguai, aderiu à República no final do Império, e participou da Revolução Federalista, em 1893, ao lado das forças governistas, chegando a general-de-brigada, honraria que lhe foi concedida por Prudente de Moraes. Os Vargas exerceram grande influência política na Fronteira. Manuel foi intendente em São Borja de 1907 a 1901, quando passou o cargo a seu filho Viriato (1911-1914), função exercida também por Protásio (1919-1927).

Getúlio cresceu no meio rural, revelando-se líder dos outros meninos. Fez os primeiros estudos em São Borja e, em 1896, foi cursar a Escola de Ouro Preto, em Minas Gerais, ali ficando pouco tempo, pois seu irmão Viriato envolveu-se numa briga de jovens, matando um estudante paulista da tradicional família Almeida Prado e saindo ferido gravemente. Retornando a São Borja, ingressou, aos 16 anos no 6°. Batalhão de Infantaria e, em 1900, na Escola Tática de Rio Pardo, que cursou até 1902, quando acabou expulso por solidarizar-se com colegas punidos pela direção do estabelecimento. Devido à ameaça de guerra com a Bolívia, pela Questão do Acre, foi transferido para Mato Grosso e a punição foi cancelada. Dando baixa do Exército, retornou para cursar a Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, destacando-se como orador e figura carismática. Formado em dezembro de 1907, Borges de Medeiros nomeou-o, poucos meses depois, para 2°. Promotor público do Tribunal de Porto Alegre; no ano seguinte elegeu-se deputado estadual pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR); entre 1910 e 1913, aproveitando os períodos de recesso parlamentar, que eram de nove meses, dedicou-se à advocacia em São Borja e a contatos políticos em toda a região; em 1913 é reeleito, mas renuncia, em apoio a Borges de Medeiros, que se intrometeu nas eleições de Cachoeira do Sul.

Nos anos de 1914 e 1915, Getúlio continua exercendo a advocacia em São Borja e apoiando o irmão intendente na luta contra a oposição chefiada por Rafael Cabeda e Benjamin Torres. Eram várias as acusações contra o intendente de São Borja, até mesmo “de ter desonrado muitas moças da melhor sociedade”. O caso culminou com o assassinato de Benjamin Torres, em 1915. Viriato foi denunciado como mandante do crime e se homiziou na Argentina. Em 1916 Borges de Medeiros procurou reconciliar-se com Getúlio, oferecendo-lhe o cargo de Chefe da Polícia de Porto Alegre, que recusou o cargo, mas aceitou concorrer a deputado estadual, sendo eleito e assumindo a inédita função de líder do governo na Assembleia dos Representantes. Em 1921 foi reeleito com tranquilidade e no ano seguinte chegaria à Câmara Federal, para enfrentar a aguerrida oposição ao governo gaúcho.

Getúlio Vargas, cada vez mais influente, continuava como deputado estadual, presidindo a Comissão de Constituição e poderes, encarregada de reexaminar o resultado da eleição para presidente (governador) do Estado, ocorrida em 25 de dezembro de 1922, entre Borges de Medeiros e Assis Brasil. Havia denúncias de que a eleição tinha sido fraudada para garantir a reeleição de Borges. Getúlio dá parecer favorável à recondução e ainda “corta” muitos votos da oposição, o que provoca a Revolução de 1923, que começou em Passo Fundo e se espalhou por todo o Estado. Vargas continua defendendo o oficialismo e sua influência se estende à Câmara Federal, participando de comissões, o que culmina com sua indicação para ministro da Fazenda de Washington Luís, em 1926. No ano seguinte é eleito presidente do Estado, sem candidatos de oposição.

Assume em 1928, fazendo acordo com as oposições unidas em torno do Partido Libertador (PL). Washington Luís, quebrando o acordo com Minas Gerais, que garantia a alternância entre políticos daqueles estados na presidência da República, indica Júlio Prestes, de São Paulo, como candidato oficial. Os políticos mineiros unem-se à oposição, formando a Aliança Liberal, e lançando Getúlio Vargas, para presidente, e Epitácio Pessoa, da Paraíba, a vice-presidência.

Essas eleições, como todas as outras realizadas durante a República Velha, sofreram acusações de terem sido fraudadas. O país vivia um período de intensas movimentações nos quartéis, que ficou conhecido como Tenentismo. Esses militares, típicos representantes da classe média urbana, queriam profundas reformas econômicas e políticas, que quebrassem a hegemonia das oligarquias regionais e abrissem caminho para a industrialização do país. Eram o que se poderia denominar como radicais-burgueses.

Derrotados nas urnas, os líderes da Aliança Liberal uniram-se aos tenentes, muitos deles militares afastados das Forças Armadas, por atos de insubordinação e revoltas. A indignação aumenta com o assassinato de João Pessoa, em 11 de julho de 1930. Na tarde de três de outubro de 1930 a revolução começa, em Porto Alegre, com o ataque ao Quartel General da 3ª Região Militar. É proclamando o Governo Provisório, com Getúlio Vargas à frente. A Revolução recebe adesão em vários pontos do país. Esquadrões de cavalaria comandados por veteranos caudilhos maragatos e libertadores invadem Santa Catarina. Em 24 de outubro uma junta militar depõe Washington Luís e entrega o poder ao candidato aliancista, que, a 3 de novembro, é empossado na chefia do Governo Provisório.

Getúlio Vargas adotou diversas medidas entre as quais a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública e do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; Lei da Sindicalização; centralização do Bando do Brasil e negócios de câmbio.

Em novembro de 1931, começa a enfrentar problemas com políticos paulistas e gaúchos como Raul Pilla, Borges de Medeiros e João Neves da Fontoura, que se reúnem com o interventor Flores da Cunha, reestruturando a Frente única Gaúcha (FUG), defendendo a imediata reconstitucionalização. Em dezembro é suspensa a censura.

A 24 de fevereiro de 1932 é promulgada a nova Lei Eleitoral, atendendo a um compromisso assumido com o Partido Libertador. Getúlio, com o apoio de setores militares, passa a criticar duramente os constitucionalistas. Em 29 de março a FUG rompe com o governo federal. Na noite de 25 de maio, com o ataque de uma multidão à sede do Partido Popular Progressista (PPP), começaram as hostilidades em São Paulo, dando início a Revolução Constitucionalista, que terminaria em 2 de outubro, com o armistício entre as forças contrárias e as favoráveis ao Governo Vargas. Em novembro Getúlio forma uma comissão para elaborar o anteprojeto da futura Constituição e desencadeia a reorganização partidária visando às eleições para a Constituinte.

Com a participação de pouco mais de 1.200.000 eleitores, a 3 de maio de 1933, é eleita a Assembleia Nacional Constituinte, que começa a funcionar a 15 de novembro. A Constituinte sofre forte influência do Executivo, que indica seu regimento interno e consegue eleger para dirigi-la políticos identificados com o governo. Em 16 de julho de 1934 é proclamada a nova Constituição da República. No dia seguinte Getúlio é eleito



presidente da República, com 175 votos, contra 69 sufrágios recebidos por outros candidatos.

Os constituintes, que não foram plenamente submissos a Getúlio, instituíram o voto secreto; a Justiça Eleitoral, para organizar e fiscalizar as eleições; o voto para as mulheres alfabetizadas; mantiveram a representação classista, eleita por sindicatos de empregados e patrões; eliminaram o cargo de vice-presidente e asseguraram que a exploração das riquezas naturais dependeria de autorização do governo da União.

A Câmara e o Senado se reuniram em 3 de maio de 1935. As oposições coligadas contavam apenas 76 dos 250 deputados federais. Continuou o conflito iniciado durante a Constituinte entre o centralismo, defendido por Vargas e os tenentes e o federalismo, advogado pelos representantes das elites regionais. Esse conflito se manifesta na disputa entre Getúlio e Flores da Cunha, interventor federal no Rio Grande do Sul, que acaba se exilando no Uruguai, onde permanece vigiado pela polícia política brasileira.

A radicalização política aumenta com o crescimento da Ação Integralista Brasileiro, movimento que se organiza através de brigadas ao estilo nazista. À esquerda, os comunistas respondem com a organização sindical e estudantil, culminando com a formação da Aliança Nacional Libertadora (ALN), sob a liderança de Luís Carlos Prestes. Declarada ilegal pelo governo em 11 de julho de 1935, em novembro promove um levante que passaria à História com o nome de Intentona Comunista, prontamente reprimido pelas forças armadas e a polícia chefiada pelo pró-nazista Filinto Müller, que usa seu posto para vingar-se de ter sido expulso da Coluna Prestes, da qual desertara levando o dinheiro do movimento, entregando Olga Benário, grávida e mulher de Prestes, a Gestapo de Hitler, indo morrer num campo de concentração nazista. Getúlio decreta estado de sítio, que é prorrogado e transformado em estado de guerra.

O governo, cada vez mais influenciado pela “linha dura militar”, na qual pontificavam simpatizantes do nazismo, como o próprio Filinto Müller, se torna cada vez mais repressivo, suspendendo garantias individuais, prendendo parlamentares. Em 1937, o capitão Olímpio Mourão Filho, chefe do Estado-Maior da Milícia e do Serviço Secreto da Ação Integralista Brasileira, e que seria um dos líderes do Golpe Militar de 64, divulga o Plano Cohen, documento falso em que os comunistas planejavam derrubar o governo Vargas. Tudo isso culmina com o golpe de estado de 10 de novembro de 1937; o fechamento do Congresso Nacional, a outorga de uma nova Constituição, “a Polaca”, elaborada por Francisco Campos, outro líder do Golpe de 64; a dissolução dos partidos políticos e a implantação da ditadura conhecida como Estado Novo. Em março e maio de 1938 os integralistas tentaram dois golpes contra o presidente, com a conivência de militares direitistas. Vargas resiste e sai mais fortalecido. Há denúncias de integralistas, sob ordens diretas dos irmãos de Getúlio. Aumenta o número de opositores, especialmente comunistas, presos, torturados e assassinatos pelo regime. O Estado Novo foi a grande escola para os que implantaram a Ditadura Militar de 64.

Em 1939 Vargas se aproxima do presidente americano Roosevelt conseguindo apoio para a implantação da indústria siderúrgica brasileira; cria a Justiça do Trabalho, a 1°. De maio, e opta pela neutralidade diante da guerra europeia. Nos dois anos seguintes continua a campanha de culto à personalidade do ditador e de implantação de indústrias de base, culminando com a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional, em abril de 1941. Em 1°. de maio de 1943 é promulgada a Consolidação Geral das Leis do Trabalho (CLT),

estabelecendo a estabilidade no emprego após 10 anos de trabalho; regulamentando o trabalho da mulher e do menor, direitos previdenciários e fixando em 8 horas a jornada diária de trabalho.

Cada vez mais atrelado à política norte-americana, Getúlio acaba rompendo relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão, em 28 de janeiro de 1942, em 30 de junho de 1944, envia as primeiras tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), para lutarem na Itália e declara guerra à Alemanha em 22 de agosto desse ano.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, no ano seguinte, a luta pela redemocratização do país ganha novo ânimo. Em 28 de fevereiro é promulgada a Lei Constitucional n.º.9, prevendo eleições presidenciais e legislativas. É decretada a anistia dos condenados por motivos políticos. São organizados diversos partidos e o Partido Comunista do Brasil (PCB) sai da clandestinidade, simpático a Getúlio. Cresce o movimento, conhecido como Queremismo, pela permanência do presidente até as eleições, que acaba deposto pelas forças armadas. Retira-se para São Borja. É eleito senador pelo Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Minas Gerais, Bahia e Paraná, em votação correspondente a 40% dos votos obtidos por Eurico Gaspar Dutra, candidato vitorioso à presidência da República.

Cada vez mais identificado com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), firma-se como a liderança política mais expressiva do país. Em 1950 concorre a presidente recebendo 3.849.040 votos (48,7%) do total, contra 2.342.384, (29,6%), votos de Eduardo Gomez, da UDN, 1.697.193 votos (21,5%), de Cristiano Machado (PSD) e menos de 10 mil votos conferidos a João Mangabeira, do PSB.

Em 31 de janeiro de 1951 Getúlio Vargas assumiu a presidência da República, organizando um ministério onde a maioria das pastas ficou com o Partido Social Democrático (PSD) e as demais distribuídas entre o PTB, o Partido Social Progressista (PSP) e a União Democrática Nacional (UDN). A política nacionalista, através do controle da remessa de lucros para o Exterior, o monopólio estatal do petróleo, mediante a criação da Petrobrás, em 3 de outubro de 1953, e outras medidas de proteção à economia nacional, além da política sindical e salarial posta em prática pelo ministério do Trabalho, dirigido por João Goulart, despertaram a ira das empresas internacionais e do governo norte-americano. O presidente passa a sofrer oposição pela esquerda, pois os comunistas temiam o crescimento dos sindicatos “polegos”, influenciados por políticos trabalhistas, e pela direita, a serviço dos grupos econômicos contrários à política de reformas sociais postas em prática. A gota d’água foi o aumento de 100% no salário mínimo concedido a 1.º. De maio de 1954.

Em junho seguinte a oposição parlamentar (UDN-PR-PDC) tenta o impeachment de Vargas, sendo derrotada por 136 votos contra 35. No dia 5 de agosto, o jornalista Carlos Lacerda sofre um atentado, é ferido num pé e morre o major-aviador Rubens Florentino Vaz, que lhe fazia segurança. O caso repercute amplamente. A guarda pessoal e o deputado Luthero Vargas, filho de Vargas, e autor da lei limitando os lucros das multinacionais, são acusados de envolvimento no crime. Gregório Fortunato, chefe da Guarda Pessoal do Presidente, acaba condenado e preso pela morte do major. É assassinado, em circunstâncias nebulosas, na prisão. As investigações são contestadas. Há dúvidas quanto à existência do próprio ferimento de Lacerda. O atentado pode ter sido uma farsa, como farsa seria, no ano seguinte, a Carta Brandi, documento falsificado por Lacerda e autoridades que investigaram a morte o crime da Rua Tonelero.

Os militares exigem a renúncia do presidente, com quem o vice-presidente, Café Filho, rompe no dia 23 de agosto. No dia seguinte, pelas 8h30min, após receber um protesto de militares. Getúlio Vargas põe fim a própria vida com um tiro contra o coração. Deixou um documento justificando o suicídio. “Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história”, concluía o documento.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha Rotta.

15 /08/ 2004

Data : 31/05/2012

Título : Há dois séculos e meio Rousseau criou o jovem e o cidadão

Categoria: Artigos

Há dois séculos e meio Rousseau criou o jovem e o cidadão

Paulo Monteiro

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra no dia 28 de julho de 1712, data que está perto de completar trezentos anos, e faleceu em 2 de julho de 1778, em Ermeninville, na França. Ficou órfão muito cedo e teve uma vida aventureira que deixou registrada em um interessantíssimo livro, intitulado As Confissões, escrito entre 1765 e 1770, mas somente publicado, postumamente, em 1782.

Além do tricentenário de nascimento, em 2012 transcorrem os duzentos e cinquenta anos da publicação de suas obras mais importantes: Do Contrato Social, em 4 de abril de 1762, e Emílio ou da Educação, em 22 de maio. O plano do filósofo era que o Emílio saísse primeiro. Muito mais volumoso, este livro ficou pronto mais tarde que o outro.

O plano de Rousseau era lógico. Emílio ou da Educação trata do que hoje, no Brasil, conhecemos como criança e adolescente. É claro que isto é uma simplificação, para mais fácil entendimento. Já Do Contrato Social é um tratado sobre o homem adulto, o cidadão. Aliás, se Santo Tomás de Aquino é conhecido como Doutor Angélico e outros filósofos também recebem apelidos que os identificam com o cerne de suas obras, Jean-Jacques é tratado como O Cidadão, por aqueles que se dedicam a estudar-lhe a vida e a obra.

A saída a lume desses dois livros, em 1762, provocou uma polêmica imensa. Proibiram e os queimaram em praça pública, na França e em Genebra. As igrejas Católica e Calvinista lançaram-se contra o Autor, que se viu em palpos de aranha para safar-se, no mínimo, da prisão. Toda essa história está bem narrada em Juan Jacobo Rousseau – su Vida y su Obra, de Matthew Josephson (Buenos Aires: Ediciones Zamora, 1958) e na introdução que Paul Ambrouse-Bastide escreveu para as Obras de Jean-Jacques Rousseau, das quais a Editora Globo acabou publicando apenas dois volumes (Porto Alegre: Obras de Jean-Jacques Rousseau, Volume I, 1958, páginas XIII a CLIII).

Do Contrato Social e Emílio ou da Educação tiveram e continuam tendo larga influência. O primeiro agitou as consciências do mundo todo e, em particular, das Américas contra o jugo colonial. Suas edições, em francês, inglês e espanhol fortaleceram “o contrabando das ideias”, na clássica expressão de Jose Ingenieros. Tornou-se a base dos programas da independência do Polo Norte ao Polo Sul. O Emílio mudou os conceitos de educação, criando a base de todo o sistema de ensino que seguiu à Revolução Francesa.

Conforme afirma o pedagogo Michel Söetard em Jean-Jacques Rousseau (Recife: MEC/Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana/FNDE, 2010, páginas 11 e 12) Rousseau foi profundamente contraditório, pois abandonou seus próprios filhos, além de não ter sido um bom preceptor. Tornou-se, porém, um verdadeiro enigma ao influenciar pedagogos como Johan Heinrich Pestanozzi (1746-1827), Friedrich Fröbel (1782-1852), Anton Makarenko (188-1939), John Dewey (1859-1952) e Célestin Freinet (1896-1966). Todos eles se tornaram verdadeiros clássicos da Pedagogia e serviram a todas as propostas pedagógicas, do liberalismo ao comunismo soviético.

Num momento em que a cidadania está ameaçada de acabar sob as ondas de fundamentalismo e de um autoritarismo de minorias, que invertem a ordem lógica das práticas democráticas é fundamental que revisitemos Rousseau. Do Contrato Social fundou a autodeterminação dos povos e os direitos individuais e coletivos, ao mesmo tempo em que fincou os alicerces da tolerância.

Homem de origem humilde não teve ensinos formais, mas formou-se no convívio com as obras dos grandes pensadores de todos os tempos. Autodidata genial, criou a Cidadania. A origem plebeia e o conhecimento das obras mestras do pensamento universal contribuíram para que exercesse uma das mais profundas e duradouras influências sobre indivíduos e sociedades.

Para Mauro Armiño, estudioso e tradutor de Rousseau em nossos dias (Madrid: Biblioteca EDAF Prólogo, in El contrato social, 182, p. 13), Rousseau é fundador do direito político moderno.

Já o jovem foi criado por ele no dia 22 de maio de 1762 lançou o Emílio. Ali estão lançadas as bases de toda a pedagogia posterior. Por exemplo, defendia que desde criança o jovem fosse acompanhado por um único educador. E o hoje, o que vemos? Escolas entupidas de alunos e professores enlouquecendo de tanto trabalho.

Ele, que abanonara os próprios filhos, pregava o quê? A responsabilidade única exclusiva dos pais pela educação da prole. E hoje, o que vemos? O Estado, através dos “conselhos”, quando não dos próprios governantes, decidindo o futuro educacional dos futuros cidadãos. O pior, é que muitas vezes sob falsas “consultas populares”, apenas para

satisfazer apetites ideológicos ou interesses de “parcerias”, que rendem financiamentos de campanhas e os consequentes “mensalões” e “mensalinhos”.

Todos os cidadãos, especialmente os educadores e tantos quantos tenham inserção social, devem ler e reler as obras de Jean-Jacques Rousseau, bem como discuti-las e difundi-las. Além de Do Contrato Social e Emílio ou da Educação, merecem atenção Carta a Christophe de Beaumont e Outros Escritos (São Paulo: Estação da Liberdade, 2005) e Cartas Escritas da Montanha (São Paulo: Editora UNESP/EDUC, 2006). Nestas duas últimas ele se defende das acusações que lhe foram formuladas. Também é recomendável a leitura de As Confissões, da qual existem várias edições, que podem ser adquiridas em sebos. Eu, particularmente, prefiro a velha e bela tradução em português de Rafael Urbano, revisada por José Bianco (Buenos Aires: W. M. Jacson Inc., 1948). Para Emílio ou da Educação, também prefiro outra velha e antiga edição, em dois tomos e em espanhol (Buenos Aires: Emilio o la educación, Editorial Albatros, 1944). Por quê? Porque foi, originalmente traduzida por Jose Marchena, um espanhol quase lendário, que participou da Revolução Francesa, e da invasão napoleônica da Península Ibérica. Acredito que é mais fiel ao espírito da época em que Rousseau viveu.

(In Revista Somando, Edição 182, Ano XVI, Maio/2012, páginas 26 e 27).

Data : 06/12/1996

Título : História da inteligência brasileira

Categoria: Resenhas

Descrição: Tive o prazer de obter e ler os volumes II, 3ª Edição, e III, 2ª Edição, editados pela T. A. Queiroz.

## HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA

por Paulo Monteiro

Recebo a informação de que a Editora T. A. Queiroz, de São Paulo, acaba de lançar novas edições da HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA, de Wilson Martins, correspondendo aos volumes IV a VII.

Tive o prazer de obter e ler os volumes II, 3ª Edição, e III, 2ª Edição, editados pela T. A. Queiroz.

Aos leitores de O CIDADÃO que já conhecem boa parte da obra de crítica literária desse professor emérito da Universidade de Nova York comunico essa feliz notícia e recomendo a leitura da HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA.

Os dois volumes que tive a oportunidade de ler (ao todo 1.100 páginas com 32 ilustrações), historicam a formação e a consolidação de nossa intelectualidade entre 1794 e 1855, Representam uma sistematização de levantamentos e estudos realizados sobre o período que antecede a nossa Independência de Portugal até o momento da consolidação do Estado Brasileiro e à unificação de sua elite intelectual sob a égide do Romantismo.

As marchas e contramarchas da Ilustração, que se manifestariam entre nós através dos intelectuais identificados com as lutas pela Independência, e que distinguem já nossos árcades de seus contemporâneos lusitanos, a influência do liberalismo inglês, da subordinação onírica à independência americana, podem ser encontradas nas páginas de Wilson Martins.

Ali, analisados e historiados a formação e desenvolvimento da intelectualidade da época, descobrimos as origens de concepções, conceitos e preconceitos que hoje são voz corrente. Correntes atuais do pensamento brasileiro, práticas políticas, legitimidades de atitudes públicas, serão melhor entendidas com a leitura dessas páginas densas, mas cristalinas.

Mesmo tendo lecionado numa universidade norte-americana, Wilson Martins não foi contaminado pelo vírus academicista. Suas restrições ao New Criticism, com raízes em seu espírito democrático testemunham e justificam sua obra.

Pode-se discordar de seu animo ideológico, mas não se pode negar a seriedade intelectual e o esforço historiográfico (que significa transcender à própria composição de uma obra particular), esforço empregado na redação da HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA.

O Cidadão.

06/12/1996.

Data : 26/01/1996

Título : História do cone sul

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Ensaio, de São Paulo, em co-edição com a Editora Universidade de Brasília, da Capital Federal, está publicando, em 2ª edição, duas obras de Moniz Bandeira...

## História do cone sul

por Paulo Monteiro

A Editora Ensaio, de São Paulo, em co-edição com a Editora Universidade de Brasília, da Capital Federal, está publicando, em 2ª edição, duas obras de Moniz Bandeira: O EXPANSIONISMO BRASILEIRO E A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NA BACIA DO PRATA: DA COLONIZAÇÃO À GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA e ESTADO NACIONAL E POLÍTICA NACIONAL NA AMÉRICA LATINA: O CONTINENTE NAS RELAÇÕES ARGENTINA-BRASIL (1930-1992).

Mesmo publicados originalmente em datas diferentes, formando volumes independentes, há uma continuidade lógica entre ambos os livros. Se fossem impressos em um único volume poderiam receber o título de História do Cone Sul.

A atualidade do tema é inegável. Até mesmo porque vem desembocar na constituição do Mercosul.

Para muitos historiadores, a Guerra do Paraguai ou foi provocada pelos instintos imperialistas de Solano Lopes ou foi instigada pelos interesses do imperialismo britânico. Moniz Bandeira, com uma argumentação sólida, demonstra que nem uma, nem outra tese representam a verdade histórica. Houve influências externas (os norte-americanos apoiavam abertamente o Paraguai), mas ela surge como uma consequência do atraso do tipo de produção asiática e dos sérios problemas de fronteira com a Argentina e o Brasil, somando-se aos interesses brasileiros de consolidar-se como potência hemisférica e à Argentina em firmar-se como estado nacional.

“Apesar do triunfo do Brasil, ao demarcar, conforme suas conveniências geopolíticas, as fronteiras da Argentina com o Paraguai e a Bolívia, este episódio assinalou, entretanto, o ápice de sua política colonial e imperialista na Bacia do Prata. A partir de então, a hegemonia do Brasil, como potência, na América do Sul, começou a declinar e se eclipsou”. (EXPANSIONISMO..., p. 211). Foi uma vitória de Pirro.

Esse é apenas um exemplo. Pois a obra começa ainda com a história das guerras de fronteira durante o período colonial, que tanta influência tiveram na formação dos brasileiros do sul.

No geral, as análises de Moniz Bandeira são corretíssimas. Influenciado, porém, pelos historiadores áulicos do Segundo Império, continua chamando a República Rio-Grandense (proclamada pelos farroupilhas) de República de Piratini. Ora, isso é tão irreal quanto chamar o Brasil de República do Rio de Janeiro, apenas porque a quartelada de 15 de novembro aconteceu naquela cidade. Perde-se, ainda, ao praticar juízos de valor sobre o animus político dos líderes gaúchos (platinos e brasileiros).

Neste século, com a emergência dos Estados Unidos com o potência mundial, as ingerências internacionais, especialmente norte-americanas, nas relações entre os dois maiores países da América do Sul, se tornam mais visíveis. Principalmente entre os anos 40 e 50, com uma política internacional mais autônoma da Argentina, por várias vezes os

norte-americanos tentaram provocar um confronto entre o Brasil e a Argentina, pretendendo forçá-la a alinhar-se com os interesses do pan-americanismo, instrumento político para manter o “quintal” dos Estados Unidos.

Em certa época, enquanto militares brasileiros, que controlavam o poder, afastavam-se de um atrelamento completo à política estado-unidense, seus colegas argentinos se aproximavam da potência do Norte.

Com a derrota portenha nas Malvinas parece que os governantes argentinos se convenceram de que mais importante do que aliar-se às potências hegemônicas é a unidade dos países do Cone Sul, pois aprofundaram os contatos com o Brasil, o Uruguai, o Paraguai e a Bolívia. No confronto Argentina/ Inglaterra, enquanto os americanos se solidarizavam com os ingleses, o Brasil permaneceu ao lado dos platinos.

Ademais, as economias platina e brasileira, há séculos, mais do que excludentes, são complementares. A experiência história demonstra que quando Brasil e Argentina se unem alcançam conquistas que transcendem suas fronteiras nacionais. Assim foi com a criação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC).

Parece que Brasil e Argentina estão aprendendo a lição histórica. O Mercosul é a prova mais difícil desse aprendizado multicentenário; é a conclusão que reforço após ler os dois livros de Moniz Bandeira. E é importante que se diga, em boa hora reeditados pela Ensaio e pela UnB.

Especialmente em nossa região, onde muita gente “arrotta grosso” com o Mercosul, a leitura dessas obras se faz imperiosa. Bem que os patrocinadores de fanfarronadas recentes poderiam adquirir exemplares dos livros de Moniz Bandeira e distribuí-los entre a nossa esquecida Biblioteca Pública e as bibliotecas das escolas.

O CIDADÃO

26/01/96

Data : 06/06/1997

Título : História do fim do mundo

Categoria: Resenhas

Descrição: “O mundo está no fim. Pestes, matanças, corrupção... É o fim do mundo!”  
Quantos de nós já ouvimos tantas vezes afirmações desse tipo?

História do fim do mundo



por Paulo Monteiro

“O mundo está no fim. Pestes, matanças, corrupção... É o fim do mundo!” Quantos de nós já ouvimos tantas vezes afirmações desse tipo? “É o Apocalipse!”, exclamam muitos.

Apocalipse, do grego *apocalypsis*, que significa revelação, é o nome do último livro da Bíblia Cristã e também de outros considerados apócrifos pelos cristãos.

Com toda uma fatura de números (7, 12, 24, 144, 666, 144.000) e de figuras (besta, dragão, serpente, cabeças, portas, mulher, lago de fogo), tem assumido um aspecto verdadeiramente aterrorizante ou fantasmagórico no imaginário coletivo. Por uma dessas razões que transformam o sentido original das palavras noutra bastante diferente, revelação passou a significar catástrofe.

O mistério das Sete Estrelas: Uma interpretação do apocalipse de João, de Hans Schwartz (Editora Sinodal, São Leopoldo), revela-se esclarecedor, ainda mais neste final de milênio, quando se multiplicam os profetas do fim do mundo, com o culto catastrofista. Leitura acessível, facilitada pelo estilo adotado pelo tradutor, enriquecida pela maneira simples com que Hans Schwartz esclarece e interpreta a numerologia e o simbolismo empregados no Apocalipse joanino, O Mistério das Sete Estrelas, poder ser resumido no que lemos á página 46, ao afirmar que, ao contrário da apocalíptica judaica (apócrifa), o livro escrito por João é otimista com relação ao futuro da parcela humana a que se dirige, os cristãos.

As sete igrejas da Ásia (província romana onde hoje se localiza a Turquia) estavam no centro da cultura helênica. Ali nasceram ou viveram Homero, Pitágoras, Heráclito e Herótodo, entre outros sábios e cientistas da antiguidade. Esse espaço do mundo antigo era uma síntese desse mesmo mundo. Daí, a universalidade das sete igrejas e a ligação das sete estrelas com as sete divindades estelares caldéias que determinavam o curso do cosmos. Os 24 anciãos que circundam Deus (p.31), representando a igreja entre os judeus (12 tribos, 12 patriarcas) e os não judeus, lembram as 24 estrelas veneradas como deuses em Babilônia.

A mitologia pagã (especialmente da Mesopotâmia) é usada como linguagem para a expressão da verdade cristã. Mostra, ainda, que o sofrimento é passageiro e que o paraíso perdido é revelado, descoberto, encontrado, com a perseverança na fidelidade aos ensinamentos testamentários.

O fim de um (deste) mundo de injustiças é inevitável, não pela vontade dos homens, mas porque o desígnio de Deus é que o homem, pelo exemplo do Cristo, recupere a vida imortal, perdida no Éden. É a negação das utopias paradisíacas humanas, que sempre acabaram mal. É *apocalypsis* de que o reino do “ama a teu próximo como a ti mesmo” é inevitável, pela vontade do Criador.

Quanto ao “fim do mundo”, antes do Apocalipse de João, havia sido tratado no Evangelho de Marcos, Capítulo 13. E quem desejar saber o dia é a hora desse acontecimento é só ler o versículo 32.

06/06/97

Data : 22/11/2009

Título : História do Sindicato dos Bancários de Carazinho e Região

Categoria: Artigos

Descrição: A importância dos livros de história local e micro-história é inegável.

### História do Sindicato dos Bancários de Carazinho e Região

“História do Sindicato dos Bancários de Carazinho e Região: as Três Fases” (Berthier, Passo Fundo, 2009), da historiadora Silvana Moura, conta a trajetória dos bancários carazinhenses. É uma história que começa na década de 1910, com os correspondentes bancários, que precederam a primeira agência bancária no ainda 4º distrito de Passo Fundo.

Em 31 de julho de 1952 um grupo de 58 bancários criou a Associação dos Bancários de Carazinho, transformada em Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Carazinho, em 22 de junho de 1956. Os sindicalistas da categoria, até a contra-revolução de 31 de abril de 1964, caracterizaram-se pelas práticas reformistas, muito próximo daquilo que, no jargão político, se convencionou chamar de “peleguismo”. Isto, apesar da presença de lideranças ligadas ao que viria transformar-se no Partido Comunista Brasileiro, o “Partidão”. Dois desses líderes, João Alcindo Dill Pires, hoje anistiado, e Eduardo Azambuja, falecido, foram presos e sofreram as agruras da perseguição ditatorial.

Depois do golpe contra-revolucionário seguiu-se um período em que o sindicato foi amordaçado. As coisas chegaram a tal ponto que até mesmo atas não foram lavradas, durante longos espaços.

A terceira fase começou em setembro de 1985, oportunidade em que uma pequena e combativa “célula” de funcionários do Banco do Brasil provocou o fechamento das agências bancárias de Carazinho, antes que a paralisação se efetuassem nas demais cidades da região. Um “novo sindicalismo” consolidou-se no dia 12 de março de 1986, quando a “Renovação Bancária” derrotou fragorosamente os situacionistas. A base desse movimento foram os líderes grevistas do ano anterior. É uma fase que, no entendimento de Silvana Moura, continua até hoje.

Meu contacto com “História do Sindicato dos Bancários de Carazinho e Região: as Três Fases” iniciou-se há poucos dias quando, na Conferência Municipal de Cultura, reencontrei-me com a historiadora Silvana Moura, que me entregou um exemplar do livro. Exatamente uma semana depois reencontramo-nos durante o lançamento da obra na 23ª Feira do Livro de Passo Fundo. A Autora se fazia acompanhar de um dos personagens

centrais da história, José Renato Stangler, ex-presidente daquela entidade de classe, atual juiz do trabalho em Soledade.

Confessei-lhe que senti uma falha na obra: o quase nulo espaço dedicado às organizações político-partidárias que atuaram no movimento sindical carazinhense. Confessei-lhe mais: ou a Autora esqueceu por não considerar importante esse estudo ou por temor de ferir suscetibilidades locais.

Acabamos eu, a historiadora e o ex-sindicalista bancário conversando sobre aspectos particulares das lutas políticas e sociais de Carazinho. “Foi um ato falho”, resumiu Silvana, admitindo que as linhas dedicadas aos confrontos políticos e sociais naquele município poderiam ter-se estendido por algumas páginas, pelo menos.

Concluí que a Igreja Católica Romana, dominado a imprensa, e a Igreja Luterana, controlando a máquina administrativa municipal, implantaram, nos anos de 1940, uma cultura política anticomunista e, por extensão, anticontestatória, que plasmou uma sociedade civil submissa. Esse controle é de tal monta que influi até mesmo sobre as análises dos pesquisadores mais lúcidos que se dediquem a estudar a vida política e comunitária do município.

Há mais de um século e meio, em suas “Lições Sobre a Filosofia da História Universal”, o velho Hegel, já destacava as limitações e dificuldades para escrever aquilo que ele definia como “história imediata”. Desta, a história local e a micro-história, formam partes inseparáveis, onde se inscrevem livros como “História do Sindicato dos Bancários de Carazinho e Região: as Três Fases”.

A importância dos livros de história local e micro-história é inegável. Não lhes diminuem essa importância as limitações neles encontradas. O estudo desse tipo de obra é fundamental. Comprovam-no tratados que exerceram grande influência, a começar pelos grossos tomos do inconcluso “O Capital”, de Karl Marx, “discípulo” de George Hegel.

Nada é mais parecido com um livro do que a árvore. Como estas, das quais seu corpo é originário, as perfeições e imperfeições tomam a proporcionalidade do seu tamanho. “História do Sindicato dos Bancários de Carazinho e Região: as Três Fases” é um estudo vigoroso. Veio para ficar, ainda que, por enquanto, imperceptível como aquela sequóia que cresce na Praça Ernesto Tochetto, em Passo Fundo.

Data : 01/01/2011

Título : História dos concursos literários da APL

Categoria: Artigos

Descrição: Quando, no dia 27 de agosto de 2007, a Academia Passo-Fundense de Letras recebeu os acadêmicos Marcos Vinícios Villaça e Domício Proença Filho

## “Dos clássicos para os contemporâneos”

Quando, no dia 27 de agosto de 2007, a Academia Passo-Fundense de Letras recebeu os acadêmicos Marcos Vinícios Villaça e Domício Proença Filho, respectivamente, presidente e secretário-geral da Academia Brasileira de Letras, o sodalício local foi desafiado pelo dirigente maior da Academia Brasileira a se integrar às atividades em memória do centenário de falecimento do estilista de Quincas Borba.

Coube-me, no ano seguinte, como presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, a responsabilidade de liderar o cumprimento do desafio que nos propôs o presidente da Casa de Machado de Assis. E o fiz com o apoio de todos os acadêmicos, promovendo o concurso Machado de Assis: 100 Anos de História. Constituímos uma comissão com diversos acadêmicos, montamos um projeto, discutido abertamente, e todos os acadêmicos em efetivo exercício colaboraram.

Assim, conseguimos mobilizar diversas escolas, públicas e privadas; recebemos trabalhos de excelente qualidade; premiamos os melhores, inclusive com a publicação em volume. Graças ao esforço de diversos acadêmicos – e com diversos deles – acompanhamos a vencedora do concurso, Débora de Marco Machado, e sua professora, Adriana dos Santos, que foram recebidas e homenageadas pelos imortais brasileiros na sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Em 2009, duplicamos o concurso. Promovemos dois certames: “Poeta Professor Antônio Domin: Poesias para alimentar a alma”, para alunos de Ensino Fundamental, e “Um século sem Euclides da Cunha”, para alunos do Ensino Médio. Todos, absolutamente todos os acadêmicos, foram chamados a colaborar. E o fizeram participando em duas comissões, praticamente as mesmas do evento anterior. A primeira delas, organizadora, constituíram-na os acadêmicos Alberto Antonio Rebonatto, Dilse Piccin Corteze, Elisabeth Souza Ferreira, Gilberto Cunha, Jurema Carpes do Valle, Paulo Monteiro, Santana Rodrigues Dal Paz, Welci Nascimento, Helena Rotta de Camargo e Santo Claudino Verzeletti. A segunda, responsável pela divulgação, teve a seguinte constituição: Gilberto Cunha, Elisabeth Souza Ferreira e Paulo Monteiro. Novo êxito. As maiores escolas de Passo Fundo participaram. Até escolas de outros municípios quiseram enviar trabalhos, mas foram impedidas pelo regimento do certame.

Para o julgamento, formou-se uma comissão especial formada pelos acadêmicos Paulo Monteiro, Dilse Piccin Corteze e Elisabeth Souza Ferreira, além da professora Jandira Inês Dallabrida, da 7ª Coordenadoria Regional de Educação; Gerson Lopes e Guilherme Cruz, da Secretaria Municipal de Desporto e Cultura. Os trabalhos concorrentes também foram de elevado nível.

Em 2010, a Academia Passo-Fundense de Letras patrocinou novo concurso literário. Os alunos do Ensino Fundamental podiam participar com poemas, sob tema livre, e os do Ensino Médio, com trabalhos sobre algum aspecto da vida e da obra do grande abolicionista, parlamentar e diplomata Joaquim Nabuco.

Em 2011, graças ao esforço primordial das acadêmicas Sueli Gehlen Frosi e Marilise Brockstedt Lech, o Concurso, desta vez homenageando Rachel de Queiroz, manteve o brilhantismo das primeiras edições.

Acadêmico Paulo Monteiro

Secretário-Geral da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 20/11/2006

Título : História Geral do Rio Grande do Sul

Categoria: Resenhas

Descrição: O Rio Grande do Sul tem algumas características que o distinguem ...

História Geral do Rio Grande do Sul

Paulo Monteiro (Das academias Passo-Fundense de Letras e Literária Gaúcha)

O Rio Grande do Sul tem algumas características que o distinguem das demais unidades da Federação, entre elas a longa polarização política, já manifestada durante a Revolução Farroupilha. Também nesse aspecto estamos muito mais próximos dos platinos do que do restante do país.

Durante a Revolução Rio-Grandense, as cidades gaúchas, representadas por Rio Grande e a "mui leal e valerosa" Porto Alegre, se mantiveram fiéis ao Centro, representado pelas forças imperiais, contra os farroupilhas, da mesma forma que Montevideu e Buenos Aires, sempre se opuseram à descentralização defendida por blancos e federais, típicos representantes das elites rurais. Unifica-nos, a exemplo de uruguaios e argentinos, o mito do gaúcho, cujo mais típico representante é Martín Fierro de José Hernández.

Toda a história ou estória de um lado ou do outro do Uruguai perde-se no labor comum nas vacarias e na luta contra o índio. O mais das vezes aquilo que nos separa é o que nos une. Talvez, por isso, é que temos uma história, via de regra, edificada sobre as areias instáveis do mito. Essa instabilidade começou a ser mudada nesta margem esquerda do Uruguai e aquém da linha que nos separa da velha Cisplatina, graças ao trabalho tantas vezes contestado de pesquisadores acadêmicos.

Entre estes historiadores encontramos aqueles que emprestam sua contribuição para a Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, cujos dois primeiros volumes acabam de

sair alume sob o selo da Méritos Editora, do jovem editor Charles Pimentel. Todos, como Ieda Gutfreind, autora de *A historiografia rio-grandense* (Segunda edição, Porto Alegre: Editora da Universidade 1998), têm se dedicado a dissecar os "clássicos" que escreveram sobre o Estado. E daí vem a preocupação em produzir uma obra acima dos partidos e das "matrizes", como Ieda classifica os grupos ou correntes em que se dividem os historiadores gaúchos.

À História, ao contrário da Física, da Química e da Matemática, por exemplo, não correspondem a exatidão e a neutralidade científica. Inexiste história neutra às influências do meio e da cultura. Esforçam-se os autores da História Geral do Rio Grande do Sul para se aproximarem ao máximo de uma descrição o mais objetiva possível do que realmente ocorreu. E este é o seu grande mérito, acrescentando-lhe o ineditismo da iniciativa, num Estado onde é abundante a produção sobre história local.

Ao contrário de historiadores gaúchos do passado que adjetivavam a escrita, na demonstração de Sandra Jatahy Pesavento (*Historiografia e ideologia*, RS: Cultura e Ideologia, 2ª. Edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, páginas 60-88), os co-autores da presente coleção agem com parcimônia em relação aos adjetivos, primeiro cuidado de quem pretende expressar-se objetivamente.

As dificuldades para organizar uma obra coletiva dessa envergadura ultrapassam os limites apontados pelos coordenadores na observação inicial preposta à série sob o título de "O sentido desta coleção". Reunir especialistas diferentes para escreverem capítulos sobre determinado período específico da história gaúcha é arriscar-se a apresentar uma obra esquartejada. Entretanto, respeitados o estilo e a formação pessoal de cada autor, esta História Geral do Rio Grande do Sul ficará como uma das grandes contribuições deste início de século para o entendimento de nosso Estado. Pela extensão é obra de pesquisa. Urge segui-la um volume de consulta, acolhendo a história do Rio Grande em 200 ou 300 páginas, para leitura diária. (Passo Fundo, 20 de novembro de 2006).

Data : 15/04/1995

Título : Homens de negócio editam livros

Categoria: Resenhas

Descrição: A Associação, no Brasil, tem editado dezenas de livros evangélicos, de um nítido conteúdo pentecostal.

Homens de negócio editam livros

por Paulo Monteiro

A ADHONEP – Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno – fundada em 1952, caracteriza-se por ser uma organização de pessoas que prosperaram materialmente sem esquecer a religiosidade. A Associação, no Brasil, tem editado dezenas de livros evangélicos, de um nítido conteúdo pentecostal.

De suas mais recentes publicações podemos destacar O POVO MAIS FELIZ DA TERRA, de Demos Shakarian, John Sherril e Elizabeth Sherril, uma auto-biografia de Demos, o fundador da ADHONEP.

Livro interessante, contando a vida desse descendente de pentecostais armênios que, crendo na profecia de Efim Geramovitch, emigraram para a Costa Oeste dos Estados Unidos. Enquanto a Armênia era invadida por forças estrangeiras e populações inteiras eram massacradas, os emigrados, como a família Shakarian, prosperavam. Prosperavam, mas não abandonavam as crenças pentecostais.

Obra que apaixona pela vida aventureira, mas abençoada desses participantes de uma nova diáspora. As diferenças culturais entre a Armênia primitiva e os Estados Unidos que se modernizavam. As rivalidades entre as denominações cristãs de armênios e russos. E a fé, a fé que remove montanhas, está presente na vida dessas pessoas.

Demos Shakarian acabou se transformando num dos maiores produtores de leite do mundo. E exatamente quando mais aumentava o seu prestígio como homem de negócios manifesta-se a sua vocação evangelizadora. E o empresário de sucesso começa a montar tendas e a realizar campanhas de avivamento espiritual. Finalmente, reúne empresários cristãos culminando com a criação da Associação que hoje se espalha por centenas de países, reunindo milhares de pessoas.

Tenho pelos volumes de memórias e autobiografias um gosto particular e este volume sobre Shakarian foi um dos que mais vivamente me impressionaram. Leitura indispensável.

Outras publicações recentes são livros de Marilyn Hickey, pregadora americana mundialmente conhecida: A BÍBLIA PODE MUDAR VOCÊ, DINAMIZE... SEU TEMPO À MANEIRA DE DEUS E QUEBRE A CADEIRA DE MALDIÇÃO HEREDITÁRIA, e além do amor, de Laurence Hammoud.

Numa época em que a qualidade e outros propósitos de elevação material, especialmente financeira, ocupam espaço nos meios de comunicação, Marilyn, usa as Escrituras cristãs para estimular o avivamento e o levantamento do ser humano.

QUEBRE A CADEIA DA MALDIÇÃO HEREDITÁRIA procura mostrar como há famílias e locais que são amaldiçoados. Por isso, explica a autora, há pessoas e regiões que não prosperam. E essas maldições se transmitem ou sobrevivem por inúmeras gerações de seres humanos. Exemplo disso pode ser encontrado nos dados apresentados (Op. cit. Pág. 8 e segs.) sobre os descendentes de Max Jukes e Jonathan Edwards. De cerca de 560 descendentes do primeiro: “Trezentos e dez morreram em extrema pobreza; 150 tornaram-se criminosos – sete dos quais assassinos -, 100 ficaram conhecidos como beberrões, e mais da metade das mulheres se prostituíram”.

Segundo a autora “Max Jukes era ateu”.

Cerca de 1394 descendentes de Edwards foram investigados: “Duzentos e noventa e cinco receberam diplomas universitários, sendo que 13 chegaram á presidência de Universidades e 65 foram professores universitários; “ Duzentos e noventa e cinco senadores dos Estado Unidos; três, governadores estaduais, e outros, ministros enviados a nações estrangeiras; 30 foram juízes, 100 advogados (um deles foi de tão importante faculdade de medicina); 75, oficiais na carreira militar; 100, missionários e pregadores famosos, bem como, autores destacados; cerca de 80 desempenharam alguma função pública, sendo que três foram prefeitos de grandes cidades – um foi superintendente do Tesouro norte-americano – vindo um deles a ser vice-presidente nos Estados Unidos”. É o que nos narra Marilyn.

A clara diferença entre os “destinos” reservados a essas duas famílias se explicaria pelas maldições lançadas sobre a descendência de Jukes, devido ao seu comportamento perante Deus. E esse tipo de maldição pode ser quebrado pela fé, pela oração, pelo jejum e todas as prática recomendadas pelas Escrituras Sagradas. É a grande lição do livro de Marilyn.

Páscoa

A palavra Páscoa (PE-SACH em hebraico significa “passando por cima” ou poupando). Deus “poupou” dos israelitas na noite da décima praga onde um pouco do sangue do cordeiro deveria ser colocado nos umbrais e na verga das portas (Êxodo 12.7, 12, 13). Qual foi o significado da páscoa para os Judeus? Primeiro, era uma celebração por Deus tê-los libertado do cativeiro egípcio. Segundo, foi um tempo de agradecer por Deus ter poupado a vida dos primogênitos hebreus enquanto os dos egípcios foram mortos. Terceiro, este evento era a chance de educar as crianças contando sobre o livramento de Deus (Êxodo 12.27)

No Novo Testamento, a Páscoa é um símbolo profético da morte de Cristo, da salvação e do andar pela fé (I Coríntios 5.6-8). Os cristãos identificam Jesus como o Cordeiro da Páscoa, sua morte é um sacrifício por todo aquele que depositar sua fé em Deus através d’Ele. Isso significa que Jesus morreu pelos meus pecados e pelos seus pecados, a fim de que não morrêssemos. O “destruidor”, no nosso caso, é a morte, o inferno e a separação de Deus. A morte eterna seria nossa sorte, se não fosse aquele que foi morto em nosso lugar. Jesus Cristo é, sem dúvida, a Páscoa do Senhor (Êxodo 12.11), pois Deus o providenciou em sacrifício por nós.

Fonte: Bíblia Sagrada.

Jornal da Cidade

15/04/95



Data : 05/03/2015

Título : HORA DE AGRADECER

Categoria: Artigos

Descrição: Concluída a 27ª Feira do Livro de Passo Fundo é hora de agradecer. Meus agradecimentos àqueles que, há anos, contribuem para a realização do evento.

Concluída a 27ª Feira do Livro de Passo Fundo é hora de agradecer. Meus agradecimentos àqueles que, há anos, contribuem para a realização do evento. Agradecimento especial à ALPF Associação dos Livreiros de Passo Fundo, pela indicação do meu nome para patrono da Feira, à minha Família, responsável pelo suporte necessário para suportar tamanha responsabilidade, à Academia Passo-Fundense de Letras, com os colegas sempre ao meu lado, à imprensa local, sempre abrindo espaço, aos colegas e alunos da Escola Estadual Mário Quintana, pelo apoio que me deram.

Não posso deixar de agradecer às centenas de Amigos e Amigas que, pública ou particularmente, me estimularam com palavras e atos.

Quero fazer um agradecimento muito particular a tantos quantos colaboraram para o lançamento do livro Passo Fundo: história e cultura: ao Projeto Passo Fundo, às amigas Geneci Quadros e Joice Carlot, pela confecção da capa, a equipe da Gráfica Berthier, que fez os arremates finais e a impressão do livro. Nestes agradecimentos vai uma lembrança especial ao confrade Gilberto Cunha, vice-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, cujo apoio teve papel fundamental para a edição do Livro.

Data : 01/01/1987

Título : Idéias Políticas de Quintino

Categoria: Resenhas

Descrição: Para que seja entendida essa participação destacada de Quintino Bocaiúva é necessário ...

Idéias Políticas de Quintino

A Fundação Casa de Rui Barbosa e o Senado Federal estão realizando um trabalho de importância fundamental para a cultura brasileira ao publicarem a coleção Ação e

Pensamento da República. Nesse conjunto de obras, ora em publicação, estão sendo reunidos trabalhos de homens que se destacaram, em diversos períodos de nossa história. Com isso, as gerações hodiernas podem compreender melhor o que desejaram muitos dos homens mais célebres deste País e no que resultaram suas aspirações.

Dentro da moderna historiografia um dos ramos mais importantes é a História das Idéias, o que, entre nós, é extremamente difícil, uma vez que nossos arquivos e nossas bibliotecas jamais foram competentemente organizados para encerrarem os produtos da inteligência nacional. Ademais, até mesmo uma lei bastante antiga, que estabelece o depósito obrigatório, junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de todas as publicações nacionais, jamais mereceu acatamento.

Uma das publicações mais importantes de 1986 é, sem sombra de dúvidas, IDÉIAS POLÍTICAS DE QUINTINO BOCAIÚVA, fazendo parte da coleção antes citada, em dois grossos volumes, o primeiro com 646 e o segundo com 757 páginas.

Quintino Bocaiúva nasceu no Rio de Janeiro no dia 4 de dezembro de 1836 e faleceu na então Estação Dr. Frontim, no dia 11 de julho de 1912, sendo sepultado, conforme sua vontade, numa cova rasa, “sem honras civis ou religiosas de nenhuma espécie”.

Vê-se, pois, que acabou de passar o sesquicentenário do nascimento desse notável político, único civil a tomar parte ativa nos episódios militares do dia 15 de novembro de 1889. É ele mesmo que o afirma, após historiar a participação do então major Sólon Ribeiro:

“O Deodoro – eu o soubera de véspera – estava com o peito que era uma chaga, incapaz de apanhar um chinelo; entretanto, procurado em nosso nome e pelo Serzedelo, fez um esforço sobre-humano, fardou-se, pediu um carro e saiu pela manhã, para São Cristóvão.

“No Mangue, encontrou-se com a força comandada pelo Sólon, e então aquele homem, quase morto, transfigurou-se ao som marcial dos clarins! Saltou do carro, tomou o cavalo de um oficial e pôs-se à frente do corpo, para comandar a vitória!

“Nesse momento a jornada estava feita. A minha decisão da véspera (refere-se à reunião que manteve com Benjamin Constant e Sólon Ribeiro, em que se determinou que Sólon, dia 15, mobilizaria os militares sob seu comando), o arrojo de Sólon e o heroísmo de Deodoro, fizeram a República. Como eu cheguei a pé, ao Campo, mandei buscar um cavalo, onde o encontrassem, e pus-me ao lado de Deodoro, até o fim dos sucessos. Saímos do Campo para o governo”. (Idéias Políticas de Quintino Bocaiúva, cit., Vol I, pág. 644).

Para que seja entendida essa participação destacada de Quintino Bocaiúva é necessário dizer-se que, em oposição a Silva Jardim, defensor da República através de uma revolução (Veja-se, a propósito, PROPAGANDA REPUBLICANA – 1888/1889), de Silva Jardim, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1978), ele preconizava uma evolução. Nesse sentido, é importante esta passagem do famoso e pouco estudado “MANIFESTO REPUBLICANO DE 1870”, redigido quase que integralmente por Quintino:

“As armas da discussão, os instrumentos pacíficos da liberdade, a revolução moral, os amplos meios do direito, postos ao serviço de uma convicção sincera, bastam, no nosso entender, para a vitória da nossa causa, que é a causa do progresso e da grandeza da nossa Pátria.

“A bandeira da democracia, que abriga todos os direitos, não repele, por erros ou convicções passadas, as adesões sinceras que se manifestem. A nossa obra é uma obra de patriotismo e não de exclusivismo, e aceitando a participação de todo o concurso leal, repudiamos a solidariedade de todos os interesses ilegítimos”. (Idéias Políticas de Quintino Bocaiúva, cit., Vol. I, pág. 311).

Assim é que o Partido Republicano, de início, funcionaria como uma espécie de departamento ou a ala esquerda do velho Partido Liberal e, aos poucos, seria engrossado por republicanos e homens (inclusive porque as mulheres não votavam) descontentes com liberais e conservadores.

Já pela madrugada da Proclamação da República – e aqui encontramos a grande obra política de Quintino – voltar-se-ia também para os militares, como ele mesmo o confessa na histórica entrevista de 1909 à revista “A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA”:

“Procurando imprimir aos nossos trabalhos caráter prático, declarei sempre e categoricamente que não iria para a rua, quero dizer para o ato de rebelião, sem o botão amarelo. Conhecia perfeitamente os nossos antecedentes históricos para não ter mais ilusões neste particular. Sem a força armada ao nosso lado, qualquer agitação de rua seria não só um ato de loucura, porque nos faltaria tudo com que pudéssemos enfrentar, mas seria principalmente uma derrota antecipada, pois iríamos dar ao governo ocasião de sofrer, se não esmagar de vez, toda a campanha republicana. Nessa ocasião, ainda dissenti de um companheiro a quem muito prezava – o Silva Jardim, que pensava dever se fazer a República por uma série de tumultos na rua, levantando o povo contra a monarquia”. (Op. Cit., Vol. I, pág. 643).

O inchamento do Partido Republicano com adesistas de outros partidos e o apoio dos militares contribuiu para o isolamento dos republicanos mais radicais, que, inclusive, foram surpreendidos pela evolução dos acontecimentos, que culminaram na quartelada de 15 de novembro.

Hoje, muita gente, mesmo se tendo por esclarecida, acredita que a Proclamação da República representou um grande avanço para o País. Nesse sentido, dispõe-se de grande número de estudos comprovando que, na verdade, o que houve foi um momento privilegiado na luta entre o imperialismo inglês, decadente, e o imperialismo norte-americano, ascendente, pelo controle da economia brasileira, vencendo o segundo.

De fato, o Brasil vivia um período de profundas mudanças, necessitando ou a revolução pregada por Silva Jardim ou a evolução defendida por Quintino Bocaiúva, ambas preconizando saídas para a crise que iniciara com a industrialização do Brasil, inicialmente com a produção de artigos baratos, que não mais interessavam aos industriais britânicos, agora mais preocupados, como bons imperialistas, com as exportações de máquinas e capitais.

Em 15 de novembro de 1889, mais uma vez, triunfaram as elites, evoluindo, ou seja: modernizando o País e conservando os privilégios.

(Revista Hoje, s/d (1987?), pág. 124).

Data : 13/01/2009

Título : Identidade

Categoria: Poesia

Descrição: canto teus olhos quando estás comigo como beijo teu corpo

identidade

canto teus olhos quando estás  
comigo como beijo teu corpo  
quando estás comigo  
assim nós dois seguimos  
lado a lado enquanto posso  
estar junto de ti  
e se te canto e beijo como faço  
é porque sei que se não somos  
um somos um porque teus olhos  
vêm aquilo que avisto como avisto  
beijas meus lábios como beijo os teus

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 26/05/2003

Título : Imprensa e Política

Categoria: Artigos

Descrição: Glosando Rui Barbosa no célebre Discurso sobre a liberdade de imprensa, pronunciado no Senado Federal em 11 de novembro de 1914, não é a imprensa que fede;

## Imprensa e Política

Glosando Rui Barbosa no célebre Discurso sobre a liberdade de imprensa, pronunciado no Senado Federal em 11 de novembro de 1914, não é a imprensa que fede; ela apenas libera a fedentina da política. E o mais difícil, nesse trabalho hercúleo, "não teria de constituir em varrer as estrebarias de Augias, mas em escoiraçar os pulmões contra a pestilência das emanações".

A imprensa, como os profetas bíblicos, ao expor a podridão dos poderes nominalmente públicos, atira-se à ira dos hipócritas e fariseus encastelados nos aparelhos estatais. E não fosse essa ousadia da palavra, o Brasil já teria afundado na imundície, asfixiado pelas emanações deletérias.

Num país onde o público e o privado se confundem; onde inteligência e subserviência apresentam-se como sinônimos, os donos do poder não podem admitir a liberdade de pensamento, a independência informativa. Para eles, informação séria é o discurso bajulador, cortesão.

Acostumadas à cooptação, à compra de apoios com os recursos públicos, as elites brasileiras, de Brasília aos cafundós, tornaram-se useiras e vezeiras no financiamento de jornais para seu próprio serviço. Assim, a par do poder político e econômico, assumiram uma dominação ideológica enorme, dominação, que, recentemente, adquiriu força imensurável, com as concessões de canais radiofônicos e televisivos. Ademais, ao monopolizarem vultosas verbas para publicidade, usam-no para fazerem passar seus interesses privados por interesses públicos.

"Aos amigos a Justiça; aos inimigos a Lei", costumava sentenciar um ditador tido e havido como pai dos pobres. À imprensa subserviente os favores das verbas oficiais; à imprensa independente o tacão legal. Laudas e laudas noticiando a coerência manifestada por homens públicos são esquecidas. Bastam uma ou duas linhas apresentando suas pústulências para despertar-lhes o furor.

Ricos e pobres, radicais e moderados, tendem a igualar-se, politicamente falando. A isso se presta, muito bem, a democracia tradicional. E os mais intransigentes oposicionistas, em chegando ao governo, terminam se revelando os reacionários mais empedernidos.

Os operários revolucionários acabam sendo domesticados pela burocracia sindical, doutrinava Rosa Luxemburgo. A democracia parlamentar apodrece os intelectuais, reconhecia Lenin. Raros mantêm a coerência. O poder a quase todos corrompe. A muitos corrompe duplamente, lembrando a sentença famosa de um publicista inglês.

Ao fim e ao cabo, via de regra, os políticos se igualam no ódio à liberdade de imprensa porque imprensa livre e política podre são como azeite e água - não se misturam. Por mais que se tente afundar a verdade, sempre vem à tona, já dizia Cervantes.

Dito assim, parece que chegamos ao fim da História, ao Dia do Juízo. Não é verdade. Há uma saída: separar o joio do trigo, e lançar o inço ao fogo. É um processo lento, envolvendo um juízo de valor (separar) e um juízo prático (lançar). Para isso, ao menos em parte, prestam-se os processos eleitorais. É preciso ter esperança, mesmo vendo rosas transformadas em espinhos, pombas que se agalinham, foices e martelos, sendo vendidos, e estrelas que se perdem na escuridão e na lama. Não basta, porém, que a esperança vença o medo. Impõe-se que as causas do medo, entre as quais a venalidade e a podridão sejam eliminadas.

Do Jornal

Rotta

26/05/2003

Data : 03/02/2009

Título : In pacen

Categoria: Poesia

Descrição: aqui em atenas apenas sócrates dorme

in pacen

aqui em atenas apenas

sócrates dorme

silenciosamente dorme

com a consciência tranqüila

após beber cicuta

Data : 07/08/2007

Título : Instalação da Câmara de Vereadores

Categoria: Artigos

Descrição: A Câmara de Vereadores de Passo Fundo foi instalada no dia 7 de agosto de 1857. A solenidade foi presidida pelo capitão Lúcio Alves de Castro

Paulo Monteiro (\*)

A Câmara de Vereadores de Passo Fundo foi instalada no dia 7 de agosto de 1857. A solenidade foi presidida pelo capitão Lúcio Alves de Castro, presidente da Câmara de Vereadores de Cruz Alta, e a ata redigida pelo secretário daquela Câmara, Manoel de Assumpção e Silva. Ei-la:

Ata da instalação e posse da Câmara Municipal da nova Vila de Passo Fundo

“Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e cincoenta e sete trigésimo sexto anno da Independência e do Império aos sete dias do mês de Agosto de mil oitocentos e cincoenta e sete do dito anno nesta Villa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida do Passo Fundo, Comarca de São Borja Província de São Pedro do Rio Grande do Sul nos Paços da Câmara Municipal da Vila da Cruz Alta o Capitão Lucio Alves de Castro commigo Secretário da Câmara da mesma Villa abaixo nomeado para o fim de instalar e dar posse a nova Câmara Municipal desta Villa, segundo foi determinado por portaria de Sua. Exa. O Senhor presidente da Provincia datada de três de Fevereiro do corrente anno, que manda proceder as eleições para Vereadores da nova Villa, e bem assim que fosse executada a Lei número trezentos e quarenta de 28 de Janeiro do corrente anno pela qual a Assembléia Legislativa Provincial elevou a cathegoria de Villa a Freguezia do Passo Fundo com os limites que tinha quando frequezia, como todo o território da nova Frequezia da Soledade, segundo he expresso no artigo segundo da referida Lei, ficando assim dividido os limites desta Villa com o municipio da Cruz Alta; reunidos os Vereadores Senhores Manoel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antonio de Mascarenhas Camello Junior, Manoel da Cruz Xavier, e Cezario Antonio Lopes como Vereador Suplente no empedimento dos proprietários José Joaquim de Oliveira, Antonio Ferreira de Mello Pinheiro, e José Ignacio do Canto Landim que participarão não poder comparecer para prestarem juramento por incommodos de saúde que privarão de poder assistir na presente sessão, Segundo dispõe o Decreto de 13 de Novembro de 1832 passou o presidente a deferir o juramento dos Santos Evangelhos em hum Livro delles em que puzerão suas mãos direitas sob cargo do qual lhes encarregou que desempenham-se as obrigações de Vereadores da Câmara Municipal da Villa do Passo Fundo; de promoverem quanto em si couber, os meios de sustentar a felicidade pública – segundo he prescrito no artigo dezecete do referido decreto, e deo posse aos Vereadores pela maneira assima dito. E para constar mandou o presidente lavrar o presente auto de juramento e posse que assinou com a nova Câmara fazendo-se público por Editais para que conste. E eu Manoel Assunmpção e Silva Secretário da Câmara Municipal da Villa de Cruz Alta o escrevy.

Lucio Alves de Castro – pre. Da Câmara da Cruz Alta

Manoel José D’Araujo

Joaquim Fagundes dos Reis

Cezario Antonio Lopes

Manoel da Cruz Xavier

Antonio de Mascarenhas Camello Junior”

O comerciante Manoel José d’Araújo foi eleito presidente da Câmara, assumindo, também, as funções de administrador do município.

Para comemorar a instalação da Câmara Municipal foram realizadas intensas festividades. A repercussão da festança, no meio acanhado de então, continuou sendo recordada nos anos seguintes. A lembrança da entrada em funcionamento do legislativo local se transformou nas solenidades da emancipação. O hábito acabou fazendo o monge. A parte, a Câmara, assumiu às vezes do todo, o município, numa sinédoque histórica, que acabou se consolidando na década de 1950. Aproximando-se o centenário do município, o Executivo municipal consultou o Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, que, erroneamente, informou que o município, foi criado a 7 de agosto de 1857.

Durante o Império, Passo Fundo teve os seguintes presidentes de sua Câmara de Vereadores, como visto, também “prefeitos”: capitão Manoel José d’Araújo (7.08.1857 a 7.01.1865); tenente-coronel Francisco de Barros Miranda (7.01.1865 a 7.01.1869); capitão João Schell (7.01.1869 a 7.01.1873); Jerônimo Savinhone Marques (7.01.1873 a 7.01.1877) capitão João Vergueiro (7.01.1877 a 7.01.1881); Francisco Xavier de Castro (7.01.1881 a 7.01.1883); Antônio Ferreira Prestes Guimarães (7.01.1883 a 7.01.1887) e João Issler (07.01.1887 a 22.12.1889). Com a proclamação da República, a Câmara de Vereadores foi dissolvida e substituída por uma tróica da qual faziam parte Gabriel Bastos, Gervazio Luccas Annes e José Pinto de Moraes, todos filiados ao Partido Republicano Rio-Grandense. O primeiro assumiu as funções hoje desempenhadas pelo prefeito. Essa comissão elaborou e outorgou uma Constituição Municipal (Lei Orgânica).

Data : 06/04/2001

Título : Irresponsabilidade com a vida

Categoria: Editoriais

Descrição: A questão da saúde pública é preocupante. Em todo o País, diariamente, aparecem denúncias quanto ao uso irresponsável do dinheiro público. Em Passo Fundo, as coisas não são diferentes.



Irresponsabilidade com a vida

Paulo Monteiro

A questão da saúde pública é preocupante. Em todo o País, diariamente, aparecem denúncias quanto ao uso irresponsável do dinheiro público. Em Passo Fundo, as coisas não são diferentes.

Há poucas semanas, o Vereador Alexandre Cettolin (PSB) tornou conhecidas irregularidades que teriam ocorrido com a compra de equipamentos pela Municipalidade. Equipamentos que nunca funcionaram, ultrapassados e com preços de novos, teriam sido adquiridos.

O próprio Conselho Municipal da Saúde autorizou a compra de materiais usados, conforme atas existentes e cujas cópias estão circulando já por vários locais da cidade. Servem de principal defesa para algumas pessoas acusadas pelo vulgo.

Agora, o SOSA - Serviço de Orientação e Solidariedade à AIDS – encaminha denúncia ao Conselho Municipal da Saúde, sobre irregularidades que teriam ocorrido com o Plano Operativo Anual I. Os documentos conferidos pelo SOSA prestaram-se a entendimentos, que podem ser contestados. A denúncia dessa organização não governamental, abriu caminho para que a verdade sobre esse projeto destinado a fornecer melhores condições de atendimento aos soropositivos. Rumores sobre o caso circulavam pela Cidade, mas não conseguia descobrir nada.

Com a denúncia apareceram documentos, que o próprio SOSA, envolvido com o Projeto, não entendeu direito. Esses documentos, sobre os quais ninguém queria falar, complicam ainda mais a situação. Neles aparecem como tendo prestado serviços pessoas que trabalhavam na então Secretaria Municipal da Saúde. Aparentemente, teriam sido feitas duas prestações de contas diferentes. Na verdade, seriam prestações de contas parciais. O que não se explicou, ainda, é como uma assessoria técnica que consumiria até 20% dos valores, mais precisamente, R\$ 22.287,00, conseguiu emitir documentos recusados pelo Ministério da Saúde. Equipamentos que deveriam ser usados diretamente para o bem dos soropositivos, inclusive um veículo, foram desviados das finalidades iniciais.

Na Secretaria Municipal da Saúde há uma verdadeira promiscuidade de regimes funcionais: funcionários de quadro (concursados), servidores (celetistas), cargos em comissão, cooperados, estagiários, e, ao que parece, até lobistas, navegam nessa "arca de Noé." Trata-se de uma situação estrambótica.

O SOSA - Serviço de Orientação e Solidariedade à AIDS queixa-se de que lhe faltam recursos. Enquanto isso, poderia assumir a responsabilidade pela assessoria do POA, ficando com 20% dos valores do Programa. Estão chegando cerca de RS 817.276.84, e o SOSA poderia movimentar mais de RS 160.000.00. E teria como controlar certos gastos.

Não se admite que tenham sido gastos RS 2.611,00, com "coffee break", enquanto doentes esmolam roupas usadas e alimentos.

Por outro lado, a Prefeitura possui uma Secretaria de Planejamento, com técnicos devidamente preparados. Enquanto isso, na Secretaria Municipal da Saúde, profissionais dessa área lidam com planejamento financeiro. Só pode acontecer o que acontece, papéis desorganizados, documentos contrários a especificações técnicas.

O coordenador em exercício do Conselho Municipal da Saúde, em matéria desta edição, defende a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, na Câmara Municipal, para clarear situações. Creemos que uma CPI apenas não basta. Exemplos recentes demonstram isso. É preciso que a sociedade civil organizada, a Imprensa e o Ministério Público acompanhem os fatos.

Os procedimentos envolvendo a aplicação dos recursos destinados à saúde pública precisam ser investigados com seriedade. E os autores de ilícitos, caso tenham havido, devem ser responsabilizados exemplarmente. Não se pode continuar usando e abusando do dinheiro público. Não se pode permitir que interesses escusos transformem o serviço público numa organização mafiosa.

É preciso que a saúde pública deixe de ser tratada como um negócio de espertos que com discursos levem a verba pública. Essa é a regra do regime em que vivemos. A vida é um negócio. Não importa que as pessoas continuem morrendo de AIDS, à míngua, enquanto veículo destinado ao transporte dos soropositivos, é usado em funções bem diferentes.

Para que não aconteçam irregularidades no serviço público é que elegemos prefeito e vereadores, pagamos polícia, promotores, juízes e até o conforto de criminosos nos presídios, esperamos que aqui em Passo Fundo este assunto não acabe como em Brasília com os corruptos investigando a si mesmos. Esperamos, sim, que, imediatamente, sejam apurados os culpados e punidos na forma mais rigorosa da lei.

Do Jornal

O Cidadão

06 de Abril de 2001

Data : 31/05/2011

Título : Jamais me esqueci do meu posto

Categoria: Discursos

Descrição: “Velho gaúcho – Insaciável De fazer aos mandões guerra,

Jamais me esqueci do meu posto

PAULO MONTEIRO

Personalidades que fazem parte da mesa diretora dos trabalhos, Prezados Confrades, Queridas confrades, Senhores e Senhoras:

Antes mesmo que meu pai viesse ao mundo, num tempo em que meus avós e bisavós cortavam as coxilhas do Rio Grande empunhando lanças e velhas Comblains, Ramiro Barcellos, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, nos primeiros versos do “Antônio Chimango”, escritos em 1915, parecia descrever a conduta que eu adotaria ao longo de minha vida.

Por isso,

“Velho gaúcho – Insaciável

De fazer aos mandões guerra,

Nestas páginas encerra

Por um pendor invencível –

Seu amor – Incorrigível

Às tradições desta terra.

Por isso, meu prezado professor nas classes do velho CENAV e agora confrade Daniel Viuniski, há verdades que não posso, não devo e não vou calar nesta noite.

“Sempre quis ser presidente da Academia Passo-Fundense de Letras”, afirmei na manhã de 29 de dezembro de 2007, quando assumi a presidência desta Casa. Paguei um preço muito alto por essa vontade, mas valeu a pena. Valeu a pena a humilhação que minhas filhas e minha esposa sofreram naquela manhã, ouvindo a leitura de uma carta sórdida e covarde.

Valeu a pena, minha estimada presidente eleita Elisabeth Souza Ferreira, porque, nestes dois anos, contei com o apoio de pessoas dignas como Você, os companheiros de Diretoria, a Comissão de Contas e Patrimônio e demais acadêmicos e acadêmicas que participam ativamente da vida literária desta Casa. Desde o começo, honrei todos os compromissos assumidos pelo presidente anterior, a começar pela autorização para que a Academia de Ciências Contábeis do Rio Grande do Sul, aqui realizasse suas reuniões.

Desde julho de 2003, aquela honrarabilíssima instituição cultural aqui se reúne. Hoje é presidida pelo professor da Universidade de Passo Fundo e auditor do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, Doutor Elói Dalla Vechia, contando na secretaria geral, com o fiscal aposentado da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul e ex-presidente da Câmara Municipal de Passo Fundo, Doutor Júlio Ferreira de Andrade, com a tesouraria

sob a responsabilidade do empresário e homem público Doutor Eluir José Rescke, entre outros professores universitários, contadores de instituições de cursos superiores, que honram aquela Instituição, como honrariam nossa própria Academia.

Seria tedioso enumerar esses compromissos que foram honrados. Lembrarei apenas que, há poucos dias, pagamos multa porque não foi prestada Declaração à Receita Federal, referente ao último ano da gestão passada.

Deixo à nova Diretoria uma Academia organizada, com estatutos registrados e certidões comprovando que estamos em dia com nossas obrigações diante do Município, do Estado e da União. Nestes dois anos, abrimos este prédio, justificando a função social que, constitucionalmente, toda a propriedade deve cumprir.

Os Cavaleiros do Mercosul aqui se reuniram várias vezes para planejar a encenação da Batalha do Pulador. Formaturas de escolas, reuniões de clubes de serviço, lançamentos das duas mais recentes feiras do livro, sarau do CRE-ATI e diversos saraus literários, lançamentos de livros, palestras, debates, cursos para a formação de professores, exposições de pinturas e artes plásticas, e outros eventos, contribuíram para que a Academia retomasse a condição de centro cultural de Passo Fundo. E jamais cobramos qualquer taxa pelo uso deste espaço.

Meu caro confrade Irineu Ghelen, retomamos a prática dos cerimoniais e das sessões solenes que foram abandonadas desde que deixaste a presidência desta Casa.

Retomamos a prática das prestações de contas à Assembléia Geral, inclusive com editais publicados na imprensa. E todas as contas foram aprovadas. Enquanto que esse compromisso obrigatório de prestação de contas não foi exercitado ao longo dos últimos anos que antecederam à nossa gestão.

Minha estimada sucessora, Acadêmica Elisabeth Souza Ferreira, pretendo ser o mais conciso possível, seguindo o conselho de Martín Fierro, na tradução primorosa de João Nogueira Leiria:

Não aproveitam trabalhos, se  
não nos ensinam nada; todo  
homem, de uma mirada, claro  
há de ver, no momento: seu  
melhor conhecimento  
é conhecer quando enfada.

Quanta diferença entre minha posse e sua posse!

As atividades da Academia conferiram prestígio estadual, nacional e internacional ao nosso Sodalício como se viu pelas mensagens que recebemos, conforme os nomes lidos por nosso mestre de cerimônias. Comprovam-no as personalidades que fazem parte da mesa diretora dos trabalhos, nesta noite. Todas estas personalidades aqui se fazem

presentes porque segui à risca o conselho que infalivelmente fechava os documentos com que era registrada a posse dos velhos reis de Castela: “Y no se olvide Usted de su posto!”

Jamais me esqueci do meu posto. Jamais esqueci que presidia a mais antiga instituição cultural de Passo Fundo.

Por isso estas brilhantes personalidades e este seletto público, aqui se fazem presentes, reconhecendo que a Academia Passo-Fundense de Letras retomou a importância que teve no passado, quando foi presidida por homens e mulheres de bem, muitos dos quais vejo presentes neste recinto. E esses homens e mulheres de bem que presidiram esta casa, com certeza, seguiam a lição de José Hernández, na versão feita para a nossa língua pelo poeta de “Campos de Areia”:

Jamais a quem seja amigo  
deixem ficar na estacada;  
porém não lhe peçam nada,  
nem esperem dele tudo:  
amigo fiel, sobretudo,  
é, sempre, a conduta honrada.

Minha estimada sucessora, porque nestes dois anos como primeira secretária, não te esqueceste do teu posto e mantiveste uma conduta honrada é que tenho certeza de que farás um grande mandato à testa da Academia Passo-Fundense de Letras.

(Discurso pronunciado na noite de 23 de fevereiro de 2010 no ato de transmissão do cargo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 15/08/1997

Título : Jesuítas e Guaranis

Categoria: Resenhas

Descrição: A EDIPUCRS (Porto Alegre/RS), está realizando um trabalho respeitável de divulgação impressa da produção intelectual com duas coleções, uma dedicada á Filosofia e outra á História.

Jesuítas e Guaranis

por Paulo Monteiro

A EDIPUCRS (Porto Alegre/RS), está realizando um trabalho respeitável de divulgação impressa da produção intelectual com duas coleções, uma dedicada á Filosofia e outra á História. Nesta, como volume 17, está vindo a lume Reduções Jesuíticas dos Guaranis (207 p.) de Moacyr Flores, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que tem se destacado pela dedicação ao estudo histórico de nosso Estado.

Moacyr Flores reúne uma dezena de palestras e conferências pronunciadas nos últimos 14 anos, desenvolvendo aspectos referentes á ocupação jesuítica da América Meridional em sua área originalmente povoada por tupis-guaranis. Apoiado em bibliografia que abarca trabalhos atuais e obras autênticas de contemporâneos das reduções inicianas, o autor consegue apresentar um volume capaz de cativar o leitor pela expressão linear e a maneira direta de expressar-se. Isso se clarifica até mesmo pela grande quantidade de parágrafos que se iniciam com artigos definidos e englobam ideias completas, podendo ser entendidas, no geral, independentemente dos demais.

O autor de Reduções Jesuíticas dos Guaranis, porém, pela amplitude da temática desenvolvida, fica impedido de realizar uma obra mais consciente, conclusiva. Sente-se tal fato ao observar-se que os trabalhos coletados tratam desde as rotas luso-brasileiras no Paraguai até aspectos ideológicos envolvidos no poema URUGUAI, escrito em 1756 pelo áulico José Brasília da Gama e cujos ideais tem se tornado mitológicos, folclorizados pelos poetas gauchesco e nos contos populares sobre tesouros enterrados pelos jesuítas, como Moacyr Flores lembra afortunadamente.

Interessantíssimas as páginas (165 a 207) dedicadas a questões da sexualidade entre os índios e a noção católica de pecado introduzidas entre eles pelos inicianos. Pena que o autor não se avance em direção, questão do sincretismo que se operou no contato do catolicismo com as crenças indígenas, o que poderia contribuir para um entendimento da profundidade alcançada, especialmente entra as mulheres pelo culto mariano, o eu pode ser ilustrado pelo fato acontecido em 13/01/1693, quando uma índia, tentando imitar a cena, tantas vezes vista num quadro da Mater Dolorosa, apunhalando-se no peito.

Moacyr Flores, com Reduções Jesuíticas dos Guaranis, aponta o caminho para outros historiadores, que ao estudar esse período de nossa história queiram contribuir para lançar luzes sobre fenômenos que atingem profundamente os dias presentes.

O Cidadão

15/08/97

Data : 27/12/2014

Título : João Gonçalves Vianna Filho: revolucionário libertador, tribuno e poeta

Categoria: Resenhas

Descrição: Vários são os poetas esquecidos. Um deles é o gaúcho de Uruguaiana João Gonçalves Vianna Filho...

Vários são os poetas esquecidos. Um deles é o gaúcho de Uruguaiana João Gonçalves Vianna Filho. Ali nasceu no dia 17 de abril de 1890, segundo seu biógrafo Soares Tubino [Uruguaiana: Gonçalves Vianna e seu universo poético (Ensaio), Gráfica Comercial Sul Ltda., 1987] ou 3 de outubro de 1890, segundo Pedro Leite Villas-Bôas [Porto Alegre: Dicionário Bibliográfico Gaúcho, Est Digital, 1991] e ali se suicidou, com 44 anos, a 11 de abril de 1934.

Participou das revoluções rio-grandenses da segunda década do século, o que o levou ao exílio na Argentina. Filiado ao Partido Libertador, opôs-se à ditadura de Antonio Augusto Borges de Medeiros. Advogado e reconhecido tribuno, participou da política rio-grandense, com grande destaque.

Em vida publicou um único livro: Thebaida [Rio de Janeiro: Empresa Brasil Editora, 1923], onde reuniu seus poemas. Sabe-se que deixou outros poemas inéditos. As razões do suicídio jamais encontraram explicação.

Era um poeta filosófico. De uma inquietação que faz lembrar outro suicida; Antero de Quental. Transcrevo um soneto de João Gonçalves Vianna Filho, onde todo o seu secreto drama íntimo é transmitido poeticamente.

#### Aspiração

João Gonçalves Viana Filho

Que eu sempre seja assim e que ninguém compreenda

A causa desta dor atroz que me tortura,

E seja sempre triste e, como o herói da lenda,

Parta em busca do Amor, do Sonho e da Ventura.

À conquista do ideal meu pensamento ascenda,

Na certeza cruel de não chegar à altura.  
E que este coração de bem seja uma tenda,  
E eu aceite, a sorrir, o cálice da amargura.

E aos soberbos despreze e aos humildes proteja,  
E, qual guerreiro antigo, heroico e lutador,  
Eu tombe ensanguentado em meio da peleja.

E que leve, ao partir deste exílio medonho,  
O orgulho de viver sofrendo a minha dor  
E a glória de morrer fechado no meu sonho!

Data : 20/02/2015

Título : Jogadores de futebol e escritores

Categoria: Crônicas

Descrição: Meninos têm dois grandes sonhos: serem craques de futebol ou autores de best sellers. Todos ambicionam jogar na seleção brasileira, ganharem copas do mundo, levantarem taças de melhor do mundo.

Meninos têm dois grandes sonhos: serem craques de futebol ou autores de best sellers. Todos ambicionam jogar na seleção brasileira, ganharem copas do mundo, levantarem taças de melhor do mundo. Os pais apoiam e vibram com isso.

Jogadores consagrados ou meros pernas de pau, após encerrarem suas carreiras, montam escolinhas de futebol. E lá se vai o dinheiro dos pais. E dê-lhe minúsculos Messis e Neymares falsificados, correndo desengonçadamente atrás de bolas. E aguentem as gargantas de mães, tias e avós.

Ao fim e ao cabo, 99.999% nem se tornam famosos; nem atletas ocasionais. Vão reproduzir a vida dos homens comuns.



Um homem que vomitava marimbondos, Osório Borba, escreveu que o Brasil é um país de ex-poetas. Quase todos e quase todas, pela idade em que se ambiciona os píncaros do esporte bretão (como diziam os velhos cronistas esportivos), querem ser Paulo Coelho ou J. K. Rowling, no mínimo.

A maioria, muito cedo, abandona o sonho da imortalidade literária. Outros agarram-se a essa ambição pelo resto da vida. Se os meninos caem nas mãos dos caçadores de níqueis das escolinhas de futebol, os outros acabam à mercê dos escritores caça níqueis. Estes, que um dia ambicionaram, escrever e vender livros em série acabam se contentando com menos.

Não se pode generalizar, mas uma das formas de ganhar dinheiro com a ambição dos escritores está nas famosas oficinas literárias. Até o nome soa falso, com o espanholismo "oficina/s". Muitos pernas de pau da literatura usam desse expediente para arrancar uma graninha extra.

Repito: É claro que tem gente séria trabalhando com oficina literária.

O pior é que todos sabem de uma coisa: nem escolinha de futebol forma craque; nem oficina literária forma escritor. Na verdade, o saber não serve para nada. Todos sabem o que é o conto do vigário e está cheio de gente caindo nele.

Data : 30/05/1997

Título : Jornalismo e política

Categoria: Resenhas

Descrição: Desde a campanha pela Independência a imprensa vem desempenhando um papel importantíssimo na História do Brasil.

Jornalismo e política

por Paulo Monteiro

Desde a campanha pela Independência a imprensa vem desempenhando um papel importantíssimo na História do Brasil. Os livros trazem os nomes de muitos jornalistas que usaram suas inteligências em favor das transformações sociais. E tantos ainda hoje o

fazem. Houve, há e haverá venalidade no jornalismo, mas esse não é o centro deste artigo.

Acabo de ler dois livros, reunindo artigos de jornalistas de épocas diferentes. A CAMPANHA ABOLICIONISTA: COLETÂNEA DE ARTIGOS, de José do Patrocínio, com Introdução de José Murilo de Carvalho e Notas de Marcus Vinício T. Ribeiro, foi editado pelo Departamento Nacional do Livro e DENÚNCIAS, EPISÓDIOS E PERSONAGENS (Coletânea de um Repórter), de Ganival Rabelo, foi impresso na Gráfica Cromática, também do Rio de Janeiro.

José do Patrocínio, filho de um padre latifundiário e uma escrava de 13 anos, nasceu em Campos, no ano de 1854 e faleceu, pobre e tuberculoso, em 1905, no Rio. Foi um dos mais combativos jornalistas do abolicismo. Republicano, colocou a abolição da escravatura como o objetivo estratégico de sua vida. Por isso foi tão grato á princesa Izabel, que se obrigou a polemizar com muitos abolicionistas e republicanos, entre os quais Silva Jardim (1860-1891) e Qyubtubi Bocaiúva (1836-1912).

Acusado de oportunismo por Silva Jardim (in PROPAGANDA REPUBLICANA (1888-1889), Fundação Casa de Rui Barbosa/Conselho Federal de Cultura, Rio, 1978) e Quintino Bocaiúva (ver IDÉIAS POLÍTICAS DE QUINTINO BOCAIÚVA, idem, ibidem, 1986, 2 volumes), acusação motivada pela defesa da Regente e a organização da Guarda Negra, não lhes poupou aguilhoadas. A leitura de A CAMPANHA ABOLICIONISTA, porém, revela um homem lúcido, que não via avanços sociais com a proclamação da República, mais uma obra re recalcados escravagistas. Tanto isso é verdade que previu que Silva Jardim seria abandonado pelos republicanos de última hora, o que aconteceu, e sua morte, tragado pelo Vesúvio, tem muito de simbólica. Ao suicídio político, sucedeu o suicídio (?) físico.

Outro é o tempo, outros são os motivos que têm norteado a militância jornalística de Genival Rabelo, nascido potiguar em 1920, atuando especialmente na imprensa carioca. Entretanto, verificamos que a plutocracia, a aristocracia, de que Patrocínio falava e na qual não confiava não modificou em essência, sua maneira de agir.

Essa camada social, agora unida ao grande capital norte-americano, por obra e graça da República, criou uma verdadeira imprensa estrangeira no país e continua a beneficiar-se dos recursos públicos. Suas reformas são parciais, a democracia que existe é apenas nominal. Sempre apresenta soluções salvadoras (mas apenas de seus próprios interesses privilegiados), a última das quais é o neoliberalismo.

Ler os artigos desses dois jornalistas é verificar que, nestes últimos cem anos, a situação social foi alterada formalmente, apenas, pois a essência exploradora do homem pelo homem continua; é constatar que apesar da venalidade de muitos veículos de comunicação, homens há que têm colocado suas inteligências a serviço da justiça social. José do Patrocínio e Genival Rabelo, um no século passado e outro nas últimas décadas, comprovam que não há imprensa neutra. O jornalista vive o seu tempo e não pode servir a dois senhores simultaneamente ou a nenhum deles. Ler seus artigos foi aquecer-me nestas noite de geada e minuano.

30/05/97

Data : 30/04/2001

Título : Jornalismo literário – um depoimento

Categoria: Resenhas

Descrição: A realização de um encontro para discutir o jornalismo literário, como o promovido, há pouco, pela Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul, deve ser uma ocasião privilegiada para que todos aqueles que se dedicam, regularmente...

Jornalismo literário – um depoimento

Paulo Monteiro

A realização de um encontro para discutir o jornalismo literário, como o promovido, há pouco, pela Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul, deve ser uma ocasião privilegiada para que todos aqueles que se dedicam, regularmente, à divulgação literária em periódicos discutam essa atividade. Desde 1º de junho de 1974, venho publicando artigos sobre livros em jornais de Passo Fundo.

Durante largos anos fui uma pena solitária. Hoje, leio algumas resenhas sobre livros na imprensa local. E até mesmo "releases" fabricados pelas editoras estão sendo reproduzidos em jornais passo-fundenses.

Nestas duas décadas e tanto, vestido com a couraça da teimosia, resisto, quase solitário. Entristecido, algumas vezes; desanimado, jamais. Adquiri experiências e firmei convicções, que pretendo compartilhar nestas linhas.

A primeira convicção é óbvia: fazer jornalismo literário é escrever sobre autores e livros. Visto que a literatura oral, ao menos em minha região, está reduzida aos repentistas e às piadas, muitas vezes reproduzindo o que os humoristas televisivos contam.

Parece que não há público para as resenhas ou crítica literária, mas há. Pelo menos, em as lendo, as pessoas podem aparentar informação sobre livros ou dizer-se portadoras de preocupações culturais.

A segunda convicção: as editoras, via de regra, acreditam que os jornais de Porto Alegre, em especial os dois de maior circulação, têm maior número de leitores no interior do Estado, o que não é verdade. Ao menos em Passo Fundo, os jornais locais são mais lidos. Os assuntos que mais interessam, nos diários metropolitantes, são dois: horóscopo e futebol. Os jornais da província, por destacarem acontecimentos da aldeia, são realmente lidos. Até para saber as fofocas da Prefeitura e o porque do compadre haver

brigado com a comadre, parando na delegacia de polícia. E nesse interesse local, o escriba que resenha livros também é lido.

Terceira convicção: as editoras – e a grande maioria das gaúchas aí se incluem – preferem ver publicadas resenhas escritas pelos próprios autores. Preferem, ainda, que sejam divulgados aqueles livros em que acreditam obter maior e mais rápido retorno financeiro; obras, muitas vezes, de qualidade e valor duvidosos.

Quarta convicção: os editores não gostam de uma análise criteriosa e séria. Crítica, para eles, é elogio rasgado; dizer, mesmo que maneiramente, que a obra não é boa, desagrada-lhes muito. Dou-lhes um exemplo: conhecida editora paulistana enviava-me, com regularidade, seus livros. E eu prestigiava essa atenção, divulgando títulos lançados por ela. Recebi, certa feita, volumoso "romance" de um autor paranaense e laudas quilométricas de elogios. Realizei um verdadeiro sacrifício ao ler todo aquele calhamaço de papel. Escrevi um artigo ponderado e honesto, concluindo que tal "obra-prima" era um livro de memórias, mas não se tratava de um romance, na verdadeira acepção da palavra. Bastou para que não recebesse mais livros dessa editora, "para leitura e análise". Mais tarde, li artigo de um crítico fluminense, com interpretação semelhante à minha. Continuo recebendo os indefectíveis "releases". Ficam na própria Agência dos Correios, em suas letras garrafais, publicados na lata de lixo.

Concluindo: fazer jornalismo literário, com seriedade, lendo e expressando uma opinião ponderada, especialmente numa cidade do interior, só pode ser um ato de teimosia. Mas essa teimosia é repetir a importância da literatura, ainda que desagrade àqueles que lucram com o livro-mercadoria. Há quase vinte e sete anos continuo teimando, aqui, em Passo Fundo. Afinal, para tudo tem louco. Bendita loucura dos jornalistas literários.

Do Jornal

O Cidadão

Abril de 2001

Data : 28/11/1975

Título : Jovens Trabalham Pela Cultura

Categoria: Artigos

Descrição: Passo Fundo é uma das mais importantes e conhecidas cidades do Estado por uma série de fatores...

## Jovens Trabalham Pela Cultura

por Paulo Monteiro

Passo Fundo é uma das mais importantes e conhecidas cidades do Estado por uma série de fatores, entre os quais o elevado índice cultural de seus intelectuais, que se situam em todas as faixas etárias, a partir de sua mocidade estudiosa.

As entidades culturais da cidade elevam-se a várias, como uma das mais atuantes, dinâmicas e empreendedoras está o Grupo Literário “Nova Geração”, fundado a 29 de julho de 1971.

O “Nova Geração”, inicialmente quando de seu início, constituía-se por dez jovens, que foram seus fundadores e cuja nominata é a seguinte: Ubiratan Porto, Sandra Leidens, Paulo Monteiro, Paulo Diehl, Maria Saleta Tonial, Antonio Dipp Salton, Jorge Luiz Niederauer de Lima, Daltro Tadeu Diehl, Vânia Vieira e Paulo Cardoso Ribeiro.

Dos fundadores da entidade os nove primeiros eram prosadores e poetas e o último desenhista. Isso prova que, embora “literário”, o Grupo acolhe, desde seu início, em seu seio, jovens que cultuam as mais diversas formas de Arte, constituindo-se numa verdadeira “academia”, mas uma “academia” atuante, de todos os artistas jovens da Capital do Planalto. Além disso, o “Nova Geração”, a começar por seus primeiros tempos de vida, já contava com a presença de diversos intelectuais jovens ligados à Terra de Fagundes dos Reis, mas radicados, à época, em outras cidades gaúchas, como eram os casos de Luis Carlos Merlo, em Aratiba, e José Epitágoras Vieira, na Capital dos Pampas.

Naquela noite histórica para cultura local, reunidos na velha Biblioteca Pública, sede da Academia Passo-fundense de Letras, na Avenida Brasil, quando da fundação do “Nova Geração” os moços intelectuais de nossa cidade deram uma demonstração de que a mocidade não é um caso de polícia, como pensam as mentalidades arcaicas, mas que acima de tudo os jovens não temem o futuro e o progresso.

O Grupo Literário “Nova Geração” surgiu como uma necessidade lógica e historicamente provada que sentiam os jovens de Passo Fundo, a partir do crescimento econômico, social, político, em suma em todos os sentidos, da região”.

Como “antecedentes históricos” do Grupo poderíamos lembrar o plano de edição de uma “Antologia Poética de Passo Fundo”, realizado por Epitágoras Vieira e Ubiratan Porto, plano esse que, se não saiu do papel, serviu para unir um pouco um grupo de jovens poetas (alguns também prosadores) locais, que em maioria, viriam engajar-se no “Nova Geração”. Outra marca importante nessa fase imediatamente anterior ao surgimento de fato do Grupo foi a publicação em junho de 71, do livro “Presença”, mimeografado e com 36 páginas, contendo trabalhos de nove jovens que mais tarde fundariam o “Nova Geração”. Além do mais eram realizados diversos encontros, em residências de escritores jovens, onde eram lidos trabalhos dos moços e debatidos assuntos literários.

Posteriormente à fundação do Grupo e à eleição de sua primeira diretoria, que ficou constituída do Presidente: Ubiratan Porto; primeira secretária: Sandra Leidens; segundo

secretário: Paulo Monteiro e tesoureiro: Antonio Dipp Salton foi lançado à revista literária “Presença”, em seu primeiro número, contendo trabalhos em prosa e verso numa demonstração clara e cabal da força literária que nutria os jovens escritores. O impacto da obra pode ser sentido pelas notícias divulgadas pelos jornais locais à época e a publicação normal do periódico só não foi concretizada porque a editora contratada não cumpriu os compromissos assumidos.

Essa primeira diretoria dirigiu de forma correta o Grupo em seus primeiros passos e foi substituída, em fins de 72, por uma nova, encabeçada pelo jovem universitário Paulo Diehl.

A diretoria de Paulo Diehl, pode-se dizer que foi a afirmação do Grupo, com a realização do “Primeiro Concurso Colegial de Conto e poesia”, promoção que alcançou sucesso enorme, com a participação de cento e tantos escritores jovens do Estado, numa prova inegável prestígio do Grupo, já em seus primeiros tempos de existência.

Para substituir Paulo Diehl foi eleita Sandra Leidens que por motivos particulares justos, afastou-se do cargo em abril de 1974, sendo substituída pelo vice-presidente Gilberto Franzen que conclui o período diretivo 73-74.

Sob a presidência de Gilberto Franzen foi lançada a revista “Presença”, numa edição especial, comemorativa aos primeiros anos do Grupo, com amplo material sobre a entidade e dados biográficos e bibliográficos de seus membros.

Franzen, no começo do corrente ano, entregou a presidência do Grupo ao jovem poeta Carlos Teixeira que, devido a seus estudos na Faculdade de Medicina da UPF, passou o cargo a Ito Brandão, um jovem escritor, que iniciou uma fase de divulgação do Grupo.

Ito também viu-se forçado pelas contingências a renunciar ao cargo, por motivos imperiosos e justificáveis.

Assumi em seu lugar o então segundo secretário Flávio Damiani, que está realizando um trabalho elogiável, embora sua juventude cronológica e no Grupo. Até o próximo mês, quando será escolhido seu sucessor, Flávio Damiani promete realizar algumas promoções de vulto, seguindo uma dinâmica histórica dentro do Grupo Literário “Nova Geração”.

Já se passou um lustro, seguido de vários meses, desde aquele 29 de junho de 71 e o “Nova Geração” é hoje uma entidade inédita por sua constituição e conhecida internacionalmente, com a presença de um de seus membros José Arthur Diehl, que realizou seu Doutorado em Agronomia os Estados Unidos e tem divulgado a entidade literária a que pertence junto a estudantes e professores daquele importante País americano.

Diário da Manhã

Edição de Aniversário

28/11/1975.

Data : 28/11/1975

Título : Jovens Trabalham Pela Cultura

Categoria: Artigos

Descrição: Passo Fundo é uma das mais importantes e conhecidas cidades do Estado por uma série de fatores,...

## Jovens Trabalham Pela Cultura

Passo Fundo é uma das mais importantes e conhecidas cidades do Estado por uma série de fatores, entre os quais o elevado índice cultural, apurado em todas as suas faixas etárias, mas especialmente a partir de sua mocidade estudiosa.

As entidades culturais da cidade são várias, e como uma das mais atuantes, dinâmicas e empreendedoras está o Grupo Literário “Nova Geração”, fundado a 29 de julho de 1971.

O “Nova Geração”, quando de seu início, constituía-se de dez jovens, que foram seus fundadores e cuja nominata é a seguinte: Ubiratan Porto, Sandra Leidens, Paulo Monteiro, Paulo Diehl, Maria Salete Tonial, Antonio Dipp Salton, Jorge Luiz Niederauer de Lima, Daltro Tadeu Diehl, Vânia Vieira e Paulo Cardoso Ribeiro.

Dos fundadores da entidade os nove primeiros eram prosadores e poetas e o último desenhista. Isso prova que, embora “literário”, o Grupo acolhe, desde seu início, em seu seio, jovens que cultuam as mais diversas formas de Arte, constituindo-se numa verdadeira “academia”, mas uma “academia” atuante, de todos os artistas jovens da Capital do Planalto. Além disso, o “Nova Geração”, a começar por seus primeiros tempos de vida, já contava com a presença de diversos intelectuais jovens ligados à terra de Fagundes dos Reis, mas radicados, à época, em outras cidades gaúchas, como eram os casos de Luis Carlos Merlo, em Aratiba, e José Epitágoras Vieira, na Capital dos Pampas.

Naquela noite histórica para a cultura local, reunidos na velha Biblioteca Publicam sede da Academia Passo-Fundense de Letras, na Avenida Brasil, quando da fundação do “Nova Geração”, os moços Intelectuais de nossa cidade deram uma demonstração cabal de que a mocidade não é um caso de polícia, como pensam as mentalidades arcaicas, mas que, acima de tudo, os jovens não temem o futuro e o progresso.

O Grupo Literário “Nova Geração” surgiu como uma necessidade lógica e historicamente provada que sentiam os jovens de Passo Fundo, a partir do crescimento econômico, social e político, em suma, em todos os sentidos, da Região.

Como “antecedentes históricos” do Grupo poderíamos lembrar o plano de edição de uma “Antologia Poética de Passo Fundo”, realizado por Epitágoras Vieira e Ubiratan Porto, plano esse que, se não saiu do papel, serviu para unir um grupo de jovens poetas (alguns também prosadores) locais que, em maioria, viriam engajar-se no “Nova Geração”. Outro marco importante nessa fase imediatamente anterior ao surgimento de fato do Grupo foi a publicação, em junho de 71, do livro “Presença”, mimeografado e com 36 páginas,

contendo trabalhos de nove jovens que mais tarde fundariam o “Nova Geração”. Além do mais eram realizados diversos encontros, em residências de escritores jovens, onde eram lidos trabalhos dos moços e debatidos assuntos literários.

Posteriormente à fundação do Grupo e à eleição de sua primeira diretoria, que ficou constituída de presidente: Ubiratan Porto; primeira secretária: Sandra Leidens; segundo secretário: Paulo Monteiro e tesoureiro: Antonio Dipp Salton, foi lançada a revista literária “Presença”, contendo trabalhos em prosa e verso numa demonstração clara e cabal da força literária que nutria os jovens escritores. O impacto da obra pode ser sentido pelas notícias divulgadas pelos jornais locais, à época, e a publicação normal do periódico só não foi concretizada porque a editora contratada não cumpriu os compromissos assumidos.

Essa primeira diretoria dirigiu de forma correta o Grupo em seus primeiros passos e foi substituída, em fins de 1972, por uma nova, encabeçada pelo jovem universitário Paulo Diehl.

A diretoria de Paulo Diehl, pode-se dizer que foi a de afirmação do Grupo, com a realização do “Primeiro Concurso Colegial de Conto e Poesia”, promoção que alcançou sucesso enorme, com a participação de cento e tantos escritores jovens do Estado, numa prova de inegável prestígio do Grupo, já em seus primeiros tempos de existência.

Para substituir Paulo Diehl foi eleita Sandra Leidens que, por motivos particulares justos, afastou-se do cargo em abril de 1974, sendo substituída pelo vice-presidente Gilberto Franzen, que concluiu o período diretivo 73-74.

Sob a presidência de Gilberto Franzen foi lançada a revista Presença, numa edição especial, comemorativa aos três primeiros anos do Grupo, com amplo material sobre a entidade e dados biográficos e bibliográficos de seus membros.

Franzen, no começo de 1975, entregou a presidência do Grupo ao Jovem poeta Carlos Teixeira que, devido a seus estudos na Faculdade de Medicina da UPF, passou o cargo a Ito Brandão, jovem escritor, que iniciou uma fase de divulgação do Grupo.

Ito também se viu forçado, pelas contingências, a renunciar ao cargo, por motivos imperiosos e justificáveis.

Assumi em seu lugar o então segundo secretário Flávio Damiani, que está realizando um trabalho elogiável, embora sua juventude cronológica e no Grupo. Até o próximo mês, quando será escolhido seu sucessor, Flávio Damiani promete realizar algumas promoções de vulto, seguindo uma dinâmica histórica do Grupo Literário “Nova Geração”.

Já se passou um lustro, seguido de vários meses, desde aquele 29 de julho de 1971, e o “Nova Geração” é hoje uma entidade inédita por sua constituição e conhecida internacionalmente, com a presença de um de seus membros, José Arthur Diehl, que realiza seu doutorado em Agronomia nos Estados Unidos e tem divulgado a entidade literária a que pertence junto a estudantes e professores daquele importante país americano.

(In Diário da Manhã, Passo Fundo, 28 de novembro de 1975).



Data : 26/09/2014

Título : jubileu de diamante

Categoria: Poesia

Descrição: nem vendo o passar o tempo eu é que passo por ele

nem vendo o passar o tempo  
eu é que passo por ele  
pois sob os cabelos brancos  
se move o mesmo menino  
que ia costeando o lajeado  
o bernal cheio de pedras  
carregando um estilingue  
e uma vara de pescar  
nunca os perigos da selva  
puderam me amedrontar  
só o medo de mim mesmo  
aperta meu coração  
enquanto houver passarinhos  
para caçar os seus cantos  
e sonhos para fisgar  
jamais envelhecerei

Data : 05/01/2010

Título : JUCA RUIVO

Categoria: Artigos

Descrição: Era um tipo estranho que vivia pelos fundos das fazendas medindo terras...

## JUCA RUIVO

### AO AMIGO HILTON LUIZ ARALDI, PARCEIRO DE ESTUDOS GAUCHESCOS

Paulo Monteiro

Certa feita, perguntei ao poeta passo-fundense Vasco Mello Leiria, Capitão Caraguatá, sobre Juca Ruivo. Recebi como resposta um lacônico:

– “Era um tipo estranho que vivia pelos fundos das fazendas medindo terras...”

A afirmação do velho conterrâneo martelou minha cabeça durante três décadas. A explicação para a hermética resposta somente encontrei após ler “Tradição”, o único livro de Juca Ruivo, cuja primeira edição foi publicada em 1957, pela Editora Globo, de Porto Alegre, sob o patrocínio do Centro de Tradições Gaúchas Minuano, de Iraí. Em 1985 saiu a segunda edição, graças aos esforços dos tradicionalistas Juarês Luís Gaspari e Alcides André Moraes, com um prefácio crítico-biográfico de José Alberto Barbosa e três novos poemas: “As Últimas Vontades” (1966); “Últimos Poemas” (1969) e “Tavico” (1972). Em 2002, José Isaac Pilatti e José Alberto Barbosa, que revisou e organizou a biografia e a bibliografia, lançaram, em Santa Catarina, a terceira edição do livro. A quarta edição, organizada por José Isaac Pilati, com a colaboração de José Alberto Barbosa e João Batista Marçal, saiu em 2004, sob o selo da Fundação José Arthur Boiteaux, de Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

Lendo e relendo a quarta edição do único livro de Juca Ruivo, encontrei a resposta para o laconismo de Vasco Mello Leiria, conhecido oficial da Brigada Militar: a participação do poeta quaraense, sob o comando do general libertador Honório Lemes, na Revolução de 23; seu envolvimento em tentativas revolucionárias posteriores e, mais tarde, conforme testemunho de Hugo Ramírez, idealizador da Estância da Poesia Crioula, sua militância ou simpatia com o Partido Comunista Brasileiro – PCB.

#### 1. A Infância

Juca Ruivo nasceu José da Silva Leal Filho, em Garupá, de onde se avista o famoso Morro do Jarau, em Quaraí, no dia 22 de fevereiro de 1902. Seu pai, José da Silva Leal, são-gabrielense, era escrivão em Quaraí, depois gerente de banco no Alegrete e proprietário rural no Caverá. Sua mãe, Adolphina Schmiht Leal, era alegretense. Diz-se que Juca Ruivo foi registrado no Alegrete. O poeta contava que nasceu em 29 de fevereiro de 2004 e que o avô paterno, supersticioso, fez alterar a data de nascimento para coincidir com o aniversário de George Washington e evitar a coincidência do ano bissexto. Entretanto, segundo certidão de batismo obtida pelo biógrafo José Alberto Barbosa, o poeta nasceu,

de fato, em 1902. Desde pequeno recebeu o apelido de Juca Ruivo porque tinha cabelos castanhos-claros.

Seus pais eram maragatos, adeptos do Partido Federalista, que liderou a Revolução de 93. Seguramente, cresceu ouvindo a famosa máxima de Gaspar da Silveira Martins: “Idéias não são metais que se fundem”. Daí que, aos 21 anos, tudo abandona para inscrever-se nas tropas de Honório Lemes, cognominado “Leão do Caverá”, sob cujas ordens serviu no posto de tenente. As idéias radicais sob as quais o poeta se formou, são lembradas no poema intitulado

### “A Esperança”

Quando chegar esse tempo,  
pelos galpões das estâncias,  
se ouvirão as ressonâncias  
das cordeonas melódiosas.  
Nas ramadas silenciosas,  
reviverão as porfias.  
No balcão das pulperias,  
haverá canha bem pura  
pra afogar as amarguras  
e saudar as alegrias!

O guasca terá de novo  
seus redomões e tropilhas.  
Pelo topo das coxilhas  
o gado pastará em pontas.  
Ninguém mais andará às tontas  
fugindo da autoridade.  
E em vez da calamidade  
desta vida de carancho,  
cada um terá seu rancho  
e prata e carne à vontade!

E quando o poncho dos pobres  
luzir pelo céu bendito,

por todo o pampa infinito  
haverá frescas ramadas,  
pra se dormir as sesteadas  
nos mormaços de verão.  
Haverá em cada galpão,  
um fogo reconfortante,  
pra aquecer o pobre andante  
tocada pelo Minuano.  
Enfim, o livre paisano,  
será rei do seu rincão!

E correrão nos domingos,  
as califórnicas antigas.  
As chinas que nem formigas,  
arrodarão as carpetas.  
Os milicianos paletas,  
não bulirão com ninguém;  
o guasca terá também  
seu direito respeitado  
que a Lei cortará num lado  
e não bombeará em quem!

E do trabalho nas fainas,  
o crioulo todo entregue,  
viverá contente, alegre,  
entre morenas quartudas.  
Haverá tropas murrudas,  
em que ganhe o suficiente  
pra se vestir como gente  
e dar regalos à china,  
e nalguma sina-sina,  
dar a casca, finalmente.

Contudo, embora nos reste,  
baixo a cinza, indiferente,  
alguma brasa inda quente  
do entusiasmo passado,  
o progresso respeitado,  
não matará essa ilusão...  
E ao toque de oração,  
se ouvirão vozes no campo,  
brilharão luzes no escampo  
e viverá a TRADIÇÃO!

“A Esperança” repercute algumas características marcantes da gauchesca: o sonho do paraíso perdido; o eterno retorno; o poema assume uma linguagem quase que escatológica, uma espécie de literatura apocalíptica: um dia os gaúchos viverão “à la farta” e “à la solta”, num éden alcançado graças à tradição. O futuro ideal é um retorno ao passado perdido dos gaudérios. É uma estranha maneira de revolver a terra (revolucionar, segundo a melhor etimologia latina) para plantar uma nova cultura (sociedade), através de um retorno ao passado. Talvez essa seja a mesma idéia básica do socialismo científico, a construção de uma sociedade sem classes que somente existiu nas sociedades mais ancestrais, através do chamado comunismo primitivo.

Os primeiros estudos devem ter sido feitos no Alegrete, ainda que não havendo registros sobre os mesmos, pois era ali que a família residia. E, provavelmente, no Colégio de Dona Mimí (Zulmira Barreto Contino), onde estudavam os filhos das famílias com maiores recursos. Depois passou para a escola do português Antônio Cabral Beirão. O Curso Ginásial também não se sabe onde o teria iniciado. Segundo o próprio poeta conta em “Quando eu Volver”, saiu de casa aos 12 anos, chorando porque foi morar fora do Alegrete. Isso deve ter ocorrido entre 1913 e 1914. Certo é que no ano de 1917 já estava em Porto Alegre curando o que hoje denominamos de Ensino Médio. Era para a Capital que as famílias abastadas do interior mandavam seus filhos prepararem-se para um curso superior ou a carreira de oficial do Exército.

A vida estudantil dos jovens interioranos na Porto Alegre das primeiras décadas do Século XX é amplamente conhecida pelas memórias que nos deixaram muitos contemporâneos. Era um mundo de serenatas, boemia e liberalidade sexual, onde os donos do poder estadual, personificados na pessoa de Antonio Augusto Borges de Medeiros, procuravam cooptar jovens representantes da elite interiorana. Mesmo formado sob a férrea ideologia federalista, Juca Ruivo chegou a participar de serenatas em homenagem à esposa do odiado Antônio Chimango.

## 2. A Juventude

Os dados biográficos coligidos por José Isaac Pilati, José Alberto Barbosa e João Batista Marçal não alcançam a precisão dos fatos cabalmente documentados sobre a vida do poeta. As informações disponíveis sobre sua carreira estudantil são inseguras, tanto quanto os dados relativos aos anos juvenis de João Simões Lopes Neto e de diversas outras personalidades da história literária e cultural do Rio Grande do Sul. Muitas dessas informações acabam se revelando falsas, de uma falsidade biográfica espalhada por aquelas mesmas personalidades.

Em 1920, Juca Ruivo ingressa no Curso Superior de Engenharia, na Capital do Estado. Ali conviveu com muitos intelectuais que se destacariam na vida literária do Rio Grande do Sul.

Maria Eunice Moreira no seu livro “Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul” (Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1982) mostra que o fim do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX marcaram um período de decadência da velha economia pastoril. “Com efeito – escreve à página 22, lembrando o clássico “Estudos Rio-Grandenses”, de Rubens de Barcellos) –, o Rio Grande do Sul, cuja base econômica se mantinha ligada à exploração do gado, não mais retomou as suas bases de economia nitidamente pastoril. Ao contrário, a economia gaúcha passou a se sustentar em função eminentemente agrícola. Pode-se mesmo afirmar, com o autor rio-grandense, que houve uma transformação de povo pastor para povo agrícola (BARCELLOS, 1960:30), sem que esta alcançasse a projeção da primeira.”

O descontentamento da elite estancieira foi muito grande, descontentamento que se manifestaria de forma radical através da Revolução de 23. O regionalismo literário, a gauchesca em prosa e verso, que irrompe nesse período é o canto de cisne de uma sociedade que exala seu último suspiro sob o imperialismo que investe e domina a campanha rio-grandense.

Nos dois anos que antecederam a Revolução de 23, o poeta se destaca entre os participantes das reuniões do Partido Federalista, transformado em Partido Libertador, com a adesão de dissidentes republicanos liderados por Joaquim Francisco de Assis Brasil. Declama exaltando o lenço colorado, os ideais e os símbolos gasparistas, com sua fama expandindo-se através do Rio Grande.

Rebentada a Revolução Libertadora, Juca Ruivo abandona os estudos de Engenharia, apresentando-se ao “Leão do Caverá”, que registra em Ordem do Dia sobre a participação do poeta no Combate da Ponte do Ibirapuitã: “o jovem estudante de Engenharia, tenente José Leal, cujo denodo e valentia davam-lhe a feição de um herói cartaginês das hostes de Aníbal”. Acompanhava-no um negro de nome Malaquias Conceição, homem de confiança do pai e do avô do poeta, que seria seu companheiro inseparável. O combate, travado no dia 19 de junho de 1923, envolveu cerca de 3 mil homens, de forças numericamente muito parecidas. As partes oficiais governistas contabilizaram, entre os seus, dez mortos e quarenta e um feridos; entre os revolucionários registraram 22 mortos e um sem número de feridos. Antonio Augusto Fagundes dedicou um livro ao assunto (“COMBATE DA PONTE DO IBIRAPUITÃ”, Porto Alegre, Martins Livreiro, 1982).

Nesse combate o poeta foi ferido, sendo socorrido pelo tenente Anísio Paim da Rocha, que lhe deu um cantil com água. Guardou consigo o cantil. Heitor Lothieu Angeli contaria em seu livro “Crônicas do Oeste – História de Pioneiros” (Foz do Iguaçu, Edição do Autor,

1998) o encontro entre o autor de “Tradição” e seu salvador, cerca de trinta anos depois, no Hotel Sander, de Chapecó, oportunidade em que o poeta devolveu ao bem-feitor o cantil cuidadosamente guardado durante décadas. Descobriu o nome do ajudante de ordens, que procurara encontrar durante anos. A partir daquele momento Juca Ruivo e o filho do general palmeirense Leonel Rocha tornaram-se amigos e companheiros de trabalho inseparáveis.

Mesmo seqüelado, uma semana depois, em 26 de junho, participava do Combate do Mandiju. Aí, ferido no pescoço, o coronel libertador Aníbal Padão, pediu que o deixassem morrer a cavalo. E assim o fizeram. Juca Ruivo, de um lado, e um ordenança de ordens, do outro, seguraram o comandante até que exalasse o último suspiro. Seu sepultamento, em São Borja, uniu os adversários, numa última homenagem.

Juca Ruivo também participou do Combate de Ponche Verde (3 de setembro de 1923), onde se envolveram dois poetas uruguaianenses: o libertador João Gonçalves Vianna Filho (3 de outubro de 1890 – 11 de abril de 1934), que usava o pseudônimo de Xiru Velho e publicou o livro de versos “Tebaída”, em 1923, conforme conta Pedro Leite Villas-Bôas em seu clássico “NOTAS DE BIBLIOGRAFIA SUL-RIO-GRANDES – AUTORES” (Porto Alegre, A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1974) e o chimango Alceu de Freitas Wamosy (14 de fevereiro de 1895 – 13 de setembro de 1923). Antônio Carlos Machado, profundo conhecedor da formação histórica e da poesia sul-rio-grandenses, dedicou-lhe duas encomiásticas biografias: “Estudo sobre Alcêu Vámosi” (Rio de Janeiro, sem editor, 1943) e “NASCUNTUR POETAE” (Rio de Janeiro, Gráfica Marabá, 1944). O autor do conhecidíssimo soneto “Duas Almas”, ferido nesse combate, morreria dez dias depois, não sem antes casar, “in extremis”, com a noiva que lhe inspirou tantos e tão conhecidos versos.

Em Ponche Verde ocorreu mais uma degola de prisioneiros. Os libertadores retribuíram com a mesma moeda o que mercenários uruguaianos fizeram com os prisioneiros depois do Combate da Ponte do Ibirapuitã. Mandavam que os prisioneiros pronunciassem a expressão “dois pauzinhos”. Quando o prisioneiro pronunciava “dos pauzitos” ou “dos paulitos” era, de pronto degolado. Conta-se que não sobrou um oriental para contar a história

Os degoladores foram implacáveis. Conta-se que um prisioneiro implorou:

“– Pela leche de tu madre, non me mates!”

Recebeu a resposta fulminante:

“– Fui criado guacho, hijo de uma perra!”

E, sem clemência alguma, aplicou um indignado corte de orelha a orelha, no pescoço do desgraçado mercenário.

Conta-se, ainda, que os algozes libertaram seus compatriotas com a ordem de que comunicassem aos seus comandantes que a partir daquele momento todos os estrangeiros aprisionados seriam condecorados com a humilhante “gravata colorada”.

Juca Ruivo media as palavras ao falar dessa prática infame e infamante das guerras gaúchas. E negava qualquer participação nesses atos sangrentos.

Logo depois de Ponche Verde atravessou o Rio Quaraí, onde se encontrou com o poeta hispano-uruguaio José Alonso y Trelles (1857-1924), conhecido pelo pseudônimo de “El Viejo Pancho”. Seu livro “Paja Brava”, de 1915, é um dos marcos maiores da renovação da poesia gauchesca. No Uruguai, Juca Ruivo e Malaquias Conceição sobrevivem como esquiladores (tosadores de ovelhas). Algum tempo depois, empregam-se no porto de Montevideú, onde Batista Lusardo, chefe do estado maior da Coluna Honório Lemes, os reconhece e acolhe, nascendo uma grande amizade entre o poeta e o tribuno libertador.

A 29 de outubro de 1924, Honório Lemes levanta seus combatentes, em apoio à sublevação paulista. Juca Ruivo e seu fiel companheiro voltam ao Rio Grande. No posto de capitão, é ferido no Combate de Guaçu-Boi, no Alegrete, travado a 9 de novembro. O ferimento na perna o torturaria durante longos anos, até ser curado na década de 1950, graças à penicilina e às receitas do poeta e médico Aureliano de Figueiredo Pinto, que costumava visitá-lo em Iraí. O poeta e advogado João Octávio Nogueira Leiria, o Tavico, participava desses encontros.

Depois do Combate de Passo das Carretas, em 8 de dezembro, quando Honório Lemes é derrotado, Juca Ruivo refugia-se na Argentina porque os libertadores não eram bem aceitos no Uruguai.

No ano seguinte ocorre nova ação revolucionária, em que Honório Lemes é preso e a seguir anistiado por Flores da Cunha. O general libertador, que faleceria em 1930, abandonou em definitivo as aventuras revolucionárias.

Em 2 de fevereiro de 1926, com o nome de José da Silva Leal, o poeta foi nomeado Escriturário de 2ª Classe da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com vencimentos de 400\$000 mensais. Participou, nesse mesmo ano, de nova avançada revolucionária, que duraria de 16 de novembro até 2 de janeiro de 1927. No ano seguinte esteve em São Paulo. É provável que continuasse seus estudos de Engenharia. O poeta disse ao biógrafo José Alberto Barbosa que era engenheiro formado pelo Mackenzie College.

Em 1928, em Montevideú, o escultor José Belloni funde o monumento “La Carreta”, inaugurado dois anos depois, acolhendo passagens de diversos poetas. Talvez por influência de seu amigo Batista Lusardo, embaixador brasileiro na capital uruguaia, Juca Ruivo era um dos poetas ali homenageados.

O poeta cantou num poema justamente famoso o velho meio de transporte típico da campanha gaúcha.

## CARRETA

Como adeus em despedida,  
vai-se a tarde, tristemente.  
Pelas bandas do poente  
um sol de seca esmaece.  
Há como um rumor de prece  
nas gargantas emplumadas.



Cessa a vida nas estradas,  
nas grotas e nas coxilhas  
onde as últimas tropilhas  
campeiam seu parador.

Na volta do corredor  
surge uma quadrilha a trote;  
na culatra, um piazote,  
gineteia num tostado  
chupando o beijo, apurado,  
para chegar convidando...  
Um tordilho retouçando  
e dois baios seguidores  
fazem festa, anunciadores  
da acolhedora querência.

Pena tudo na inclemência  
do castigo das pastagens.  
Não há frescor nas aragens  
que sopram de quando em vez.  
Sequiosa chega uma rês  
na lagoa chapinhada  
onde garça ensimesmada,  
encolhida na tristeza,  
memoreia com certeza  
saudades doutras paragens...

Varre o "Norte" poeirento  
horizontes em fumaça.  
Uma carreta que passa  
rompe a calma do instante.  
Vão dois tambeiros por diante  
repinicando o balado.

O chiru velho a cavalo  
vai abanando a picanha,  
– enquanto o coice acompanha  
da “ponta”, volta por volta.

Em fios a baba se solta  
das quartas xucras da canga.  
Os quero-queros na sanga  
contam logo a novidade!  
Tão raro na atualidade,  
é o cruzar duma carreta  
que esse pássaro xereta,  
do vulto estranho se assombra!

Do guaipé, que na sombra  
da mesa, marcha assoleado;  
do corote pendurado,  
da trempe que junto vem;

Do resmuguento nhem... nhem...  
da buzina de aguá  
e da petiça ñambi,  
de tiro no recavem.

O couro bate na porta.  
Vai o muchacho de arrasto  
deixando atrás o seu rasto  
rabiscando em linha torta;

Mas, na estrada poeirenta  
terá o rasto curta vida,  
porque o vento é de tormenta  
e mui pronto o apagará.

\*

\*\*

A noite pampa se acerca.  
Desperta em sons a planura,  
seu concerto de abertura  
afinando em notas claras.  
Zune o vento nas taquaras  
arrematando a algazarra  
qu'inda faz uma cigarra,  
cargosa de se calar.

Então, – me fico a pensar  
que o velho traste pampiano,  
do seu destino haragano,  
já vai tocando no termo.  
E que ao cruzar pelo ermo,  
engolindo as léguas largas  
das estradas do rincão,  
carrega as últimas cargas  
da Gaúcha Tradição!

\*

\*\*

Velha relíquia do pago  
já hoje por imprestável,  
no rol das coisas proscritas.  
Recordas quando transitas  
na tua lenta passagem  
um passado memorável  
de luta, glória e nobreza!

E ao lembrar que a paisagem

tu deixarás de animar,  
acampando a tua pobreza  
em pousos à beira d'água,  
eu sinto uma grande mágoa  
e um profundo pesar!

Carreta! És igual a mim  
que também já chego ao fim,  
gaudério, sempre a cruzar...  
Alma velha em corpo gasto,  
da vida pelos rincões  
vou cruzando sem um rasto,  
carregado de ilusões.

\*

\*\*

Lagoa da Derrota  
Campos de Ituzaingo

Não se sabe ao certo a data em que Juca Ruivo escreveu o poema. Entretanto, o Autor ainda era jovem. Os estudiosos da gauchesca em Língua Portuguesa concordam que ela é um produto do Romantismo. E a última estrofe transpira ao Ultra-romantismo, para ser mais preciso ao chamado “mal do século”, quanto poetas mal saídos da adolescência morriam tuberculosos e viam nisso uma grande coisa.

À “Carreta” aplica-se o que Maria Eunice Moreira escreveu sobre a prosa regionalista gaúcha: “A maior parte dos textos funciona como cenas estáticas ao leitor. Mais parecem fotografias, clichês, do que propriamente contos. Desde uma primeira leitura ressalta a correspondência texto-fotografia”. Noutra passagem a pesquisadora afirma que, dentro da caracterização passado/presente “A paisagem é o foco para onde o leitor deve olhar fixamente. Dá-se, então, uma descaracterização do objeto enquanto tal, que se torna signo de um tempo que se deseja perpetuar”. E conclui lembrando a “personificação da paisagem”

Vemos, no poema, que a carreta é o próprio poeta; o quero-quero é “xereta”; os quero-queros contam novidades; os pássaros (“gargantas emplumadas”) oram, e uma garça, triste, ensimesmada, lembra saudosa de outras paragens. É a “personificação da paisagem” de que fala a autora de “Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul”.

Juca Ruivo, a exemplo de tantos outros veteranos da Revolução de 23 e da Revolução de 93, contribui com sua experiência de guerra à gaúcha para a Revolução de 30. Nesta, no Combate de Quatingá, que o poeta chamaria de “floreio”, morreu seu fiel companheiro

Malaquias Conceição, o “Negro Malaquias”. Durante anos, trabalhou num poema, que ficou inconcluso, dedicado ao sempre saudoso amigo. João Octávio Nogueira Leiria transcreveu algumas estrofes no prefácio que escreveu para a primeira edição do livro de Juca Ruivo. Ei-las:

Malaquias deu o cacho,  
num floreio em Quatingá;  
ali sepultado está,  
crucificado a balaços.  
Ao expirar nos meus braços,  
em meio à garoa fina,  
olhou-me de relancina  
e se finou sem um grito,  
aiando mui despacito:  
“pobre china... pobre china..”

E lá ficou, numa grota,  
esse moreno valente,  
que foi gaúcho experiente  
e amigo na desventura.  
Cravei-lhe na sepultura  
uma cruz meio matada,  
aonde quedou gravada,  
à faca, sua filiação.  
À gente do seu rincão  
rogo um terço por su'alma.

E assim morreu esse negro,  
que só foi negro na cor,  
pois tinha brio e valor  
para dar a muito branco...  
Tombou no primeiro arranco  
duma carga meritória;  
no remate desta história,

pela pena que me invade,  
aqui deixo uma saudade  
plantada em sua memória.

Em 1932, Juca Ruivo participa da Revolução Constitucionalista, combatendo antigos companheiros de colégio que se opunham a Getúlio Vargas. Permanece algum tempo na paulicéia, onde faz amizade com Monteiro Lobato. Ali escreve o poema “Umbu de Tapera”, que é enviado para publicação no Diário de Notícias da Capital Gaúcha.

AO AMIGO HILTON LUIZ ARALDI, PARCEIRO DE ESTUDOS GAUCHESCOS

Paulo Monteiro

### 3. A Maturidade

A ditadura varguista, implantada pouco depois, com censura à imprensa e prisão de intelectuais, deve ter contribuído para que Juca Ruivo nutrisse um grande ódio por Getúlio Vargas. Tanto que, certa feita, em que José Alberto Barbosa tocou no nome do ditador foi interrompido com um sonoro “Não me fale desse traidor”, seguido de uma batida enfática na mesa.

Entre 1930 e 1934 convive com vários intelectuais da Fronteira Oeste. Em 1936 trabalha como engenheiro na região das Missões. Dois anos depois é documentada sua atividade de engenheiro naquela parte do Estado, onde permanece até 1949. Data desse período a consolidação da amizade com Aureliano de Figueiredo Pinto, que foi visitado pelo poeta de “Tradição”, em sua casa de Santiago do Boqueirão, encontro imortalizado pelo autor de “Memórias do Coronel Falcão”, num poema publicado pela primeira vez em junho de 1938 na Revista Ibirapuitan, de Alegrete.

Ei-lo:

JUCA RUIVO

No meu rancho...  
rancho velho missioneiro (como cupim na coxilha)  
desbarriado no oitão norte, desquinchado no oitão sul,  
numa tarde de outono  
(outono já quase inverno)

veio chegando ao tranquilo, um Ruivo de poncho azul.

Pedi pousada o andante...

Vinha do Quaraí... precisava um descanso... pra jornada larga.

Fiquei desconfiado... (cousas sem motivo!)

E de noite no fogão, com olhos cravados,

mui pensativo,

o tal cinchava quietito o chimarrão de erva amarga.

Na noite o vento – ave grande, lidava

por aninhar-se nas copas dos cinamomos.

E os galhos se alvorotavam com as largas assas de pluma

do lechuzón desconforme.

Uma coruja gritou no copiar do galpão.

E os cuscos acoavam (se não dorme, o outro não dorme)

acoavam na noite crespá bocando na escuridão.

Diacho de Ruivo mais quieto que diz que vem do Quaraí...

sombrio como mato grande...

mais empinado que um cerro...

calado como laguna quando tem céus dentro d'água...

Virá por “mala-cabeza”?!

Todo andarengo que vem de outros pagos

calculo que venha seguido de perto

pelas escoltas da própria mágoa.

Reajeitei os tições... E a lavareda

ondulou com cabelos de gringa que por amor se afogou.

O Ruivo, o chapéu nos olhos,

ergueu o sombrero!

Mexeu-se no banco...

E me encarou despacito como quem mira um parcerero.

Foi um sinal de maçom...

De relancina

nos entendemos mui bem:

Passei-lhe o frasco de canha, que ele encostou devagar,  
mas com força junto à boca, como uma boca de china  
que se custou a beijar.

Ah! – Ruivo... se “Usted lo viera”!

Se foi aos arreios... sacou a cordeona!

(cordeona com mais floreados do que pilcha de Oriental).

E já parecendo outro,

com garbo e sestro de potro

abriu a gaita campeira dentro da noite outonal.

Só quem ouviu se recorda

pra sempre, por toda a vida

dessa cordeona sentida,

de nostálgica dolência:

com choros de tecla e corda,

com gritos de peledores,

e olhar campeando nos rumos de querendona querência.

Todo o pampa repassava na voz da cordeona

macia e brava, feroz e chorona,

terna, violenta, sentimental.

Fogaréus, lunaréus de incêndios e de ocasos...

Mortas legendas brotando à tona

de olvidado reconto imemorial.

Horizontes de mar. Plainos rasos.

Cruz de estrada dos ermos missioneiros.



Assombrações. Contos Campeiros. Romances e casos.

Fronteira aberta para os castelhanos.

Selvas e serras Uruguai abaixo.

E o guapo penacho de heróis campechanos.

Depois, nas teclas mais finas

ia contando de chinas,

alarifonas,

que entre refugos e espantos

deixaram a não sei quantos,

nas caronas...

E as tartígradas, longas cerreteadas...

E o umbu das lendas que não morrem.

E as canhadas fundas onde primeiro a noite acampa.

E as machucadas do tempo, as caladas cansadas,

as sombras das mortas taperas do pampa.

Quando o Juca Ruivo encilhou

o pangaré, e descambou lá longe,

já nós dois, índios soturnos, nos tratávamos de ermão...

E me deixou cevaduras de sua gaúcha mágoa,

pra temperar a caúna das noites do meu fogão...

E onde andaré o Ruivo amigo?

sombrio como mato grande...

mais entonado que um cerro...

quietito como laguna quando tem céus dentro d'água...?

Esse poema – dentro de toda a limitação de concrecibilidade que se pode encontrar num poema – remete a um aspecto biográfico que contribuiu para o crescimento da “lenda” chamada Juca Ruivo. Ao falar em “escoltas da própria mágoa”, que seguiam de perto o “andarengo”, e à “lavareda (que) ondeou com cabelos de gringa que por amor se afogou”, remete à desilusão amorosa sofrida pelo poeta diante da oposição sofrida diante do amor

por uma Argentina, que culminou, pouco antes do encontro com Aureliano, com o autor de “Tradição” queimando os originais dos seus poemas nas ruínas missioneiras. Lembremos que Aureliano também tentou queimar os originais do romance “Memórias do Coronel Falcão”. Não foram os primeiros, nem os últimos autores a lançarem suas obras às chamas...

Maçom, em 1940, assume a Venerabilidade da Loja em São Borja. Atrita-se e deixa de freqüentar as reuniões, conforme depoimento de sua viúva Alaíde. Constrói a Vila Militar da cidade, onde conhece Alaíde Messina Costa, de 12 anos. Acaba morando na mesma casa de Alaíde, junto com o sobrinho Aimoré, filho de sua meio-irmã Maria Luíza. O poeta ensina português à menina, que falava apenas espanhol. Começa um namoro entre ambos, contra a vontade da mãe e do padrasto, preocupados com a diferença de idade entre ambos. Aimoré, que viera do Rio de Janeiro, onde era maltratado pela madrasta, é outro que se opõe.

Juca e Alaíde passam a viver juntos, casando-se apenas no civil, em São Borja, no dia de Natal de 1948, mesmo ano em que foi fundado o “35 – Centro de Tradições Gaúchas”, oportunidade em que os fundadores do primeiro CTG apontaram os poemas de Juca Ruivo, Glaucus Saraiva e Aureliano de Figueiredo Pinto, como modelares da poesia gauchesca. No ano seguinte é contratado pela Companhia Territorial Sul Brasil, de Porto Alegre, para trabalhar como agrimensor. Com o falecimento do diretor regional da empresa, exerceu também essa função até sua própria morte. Em 1950 reside com a mulher num hotel de Iraí, onde recebe a visita de Aureliano de Figueiredo Pinto, que como médico trata-lhe o velho ferimento da perna, e de João Octávio Nogueira Leiria.

Muda-se para Cunha-Porã, em Santa Catarina, e no dia 6 de setembro de 1953, nasce o filho José Ayres Costa Leal, em São Borja, para onde mandara a esposa grávida, em busca de melhores recursos médicos. Entretanto, fez questão de que o menino fosse batizado em Maravilha, nascente povoação catarinense que tem o poeta alegretense como fundador oficial.

Por volta de 1954, em Porto Alegre, é apresentado por João Octávio Nogueira Leiria ao jovem poeta Jayme Caetano Braun, que imortalizaria esse evento no poema “Encontro com Juca Ruivo”, publicado no livro “Potreiro de Guaxos” (Porto Alegre, Editora Sulina, 1975).

#### Encontro com Juca Ruivo

Virava de meio-dia,  
Tempo quente – de mormaço,  
Quando pegaram meu braço:  
Era o Nogueira Leiria,  
Índio que a gente aprecia.  
Crioulo – do cerne à tona.  
Vinha rustindo carona

No costado de outro cuera,  
Era o RUIVO da Tapera  
Era o Ruivo da Cordeona.

Era o RUIVO – que venero  
Desde as tropeadas da infância  
E que admiro à distância  
Com grande apreço sincero.  
Era o RUIVO – quero-quero  
Da Tradição Campechana.  
Era o RUIVO – a voz pampiana  
Do CAMINHO DAS MISSÕES.  
Era o pajé dos fogões  
Com floreios na badana.

Era o RUIVO – da Saudade  
Passado vindo das eras,  
Olfateando primaveras  
No rumo da mocidade,  
Era o RUIVO – de verdade,  
Mais sério que um urutau.  
O RUIVO – cujo recau,  
Entre a costura dos bastos,  
Guarda semente dos pastos  
Das querências do Jarau.

Era o RUIVO – do Umbu  
Da Tapera – desquinchada,  
O RUIVO – venta rasgada  
Dos trastes de couro cru.  
O RUIVO do Ñanquentru  
De coração abugrado  
Que ao fogão arrinconado

Lamenta alguém que se foi  
E só vê o olho-de-boi  
Onde sumiu seu tostado.

O RUIVO do Quaraf  
Que mamou no Garupá.  
O RUIVO do Boitatá  
E da petiça Nambi.  
O RUIVO do Ibicuí  
De gloriosas correrias.  
O canto das sesmarias  
Que ao Rio Grande consagrou  
As saudades que plantou  
Junto à cruz do MALAQUIAS.

O RUIVO – que o Aureliano  
Numa tarde – quase inverno,  
Benzeu num mate fraterno  
Chimarreando – mano-a-mano,  
Enquanto – “O vento haragano  
Pelas copas se arranchou  
E a labareda ondulou  
Como cabelos de gringa  
Que se atirou na restinga  
E por amor se afogou...”

O RUIVO que eu encontrei,  
Depois de tanto tropear  
Sem as garras de domar  
Com que de longe sonhei.  
O RUIVO de buena lei  
Que simpatias deságua  
E até na gaúcha mágoa

Demonstra grande fortuna:  
- “É quieto – como laguna  
Quando tem céus dentro d’água.”

Ah! RUIVO bem imaginas  
No teu instinto avoengo  
As mágoas deste andarengo  
Que vaga – traçando esquinas...  
Sem umbus – nem Sinas-sinas,  
Que mal ao Céu pode ver,  
Mas que anseia renascer,  
Numa gaita – nem que seja,  
Ou num broto de carqueja,  
Um dia – Quando eu volver!

JUCA RUIVO – és, sem alarde,  
Um guarda-fogo de angico  
E o galpão de pára Chico  
Quando esse teu estro arde.  
E eu quero dizer – mais tarde,  
Andarengo paiador,  
Ao falar do verso-flor  
Pra que todo o mundo entenda:  
JUCA RUIVO – não é lenda,  
Eu conheci esse cantor.

“Encontro com Juca Ruivo” é altamente significativo. Jayme Caetano Braun conhecia muito da gauchesca anterior e contemporânea. Vivendo isolado, “pelos fundos de fazendas”, Juca Ruivo era uma lenda viva.

Nos anos seguintes sua vida se divide entre o trabalho na empresa colonizadora, em Santa Catarina, e casa da família, em Porto Alegre, onde, a partir de 1956, a esposa passa a residir com os filhos do casal e uma sobrinha adotada por ambos. Alaíde viaja, seguidamente, para o Estado bariga-verde, servindo até mesmo de motorista do marido. No ano seguinte é fundada a Estância da Poesia Crioula, na capital dos gaúchos. Surge a proposta de que a entidade publique uma antologia com os poemas de Juca Ruivo, reconstituindo os originais queimados. Alvoçam-se os poetas. Alguns o acusam de

plagiário de Elias Regules, e do “Martín Fierro”, de José Hernández. Revolta-se. Pede a Adelaide que lance os originais ao fogo. Ela o estimula a publicá-lo. Então, o CTG Minuano, de Iraí, dá, pela primeira vez, letra de forma aos poemas do poeta quaraíense, sob o título de “Tradição”.

Nos anos seguintes o poeta, de novo, sai de cena, mesmo, em 1958, o estádio de futebol de Maravilha, recebendo o nome civil de Juca Ruivo: Estádio Doutor José Leal Filho. Em 1961 reaparece, ao interceder para que a praça fronteiria à Prefeitura de Maravilha receba o nome de Alcides Maya. A imprensa gaúcha identifica o autor da homenagem como o poeta Juca Ruivo.

Novos anos de ostracismo, mas de intenso labor literário, burilando os poemas inconclusos e inéditos: “Malaquias” e “Dias de Glória e de Miséria – Retrato do Rio Grande da Minha Geração”.

Em 17 de dezembro de 1969, recebe nova homenagem de Maravilha, através da fundação do Centro de Tradições Gaúchas Juca Ruivo. Nos anos seguintes, enquanto trabalha nos sertões catarinenses, começa a ser entrevistado por José Alberto Barbosa, em Palmitos. Em 1970, participa do grupo que fomenta a criação do Museu Municipal Pe. Fernando, em Maravilha. Em 6 de setembro de 1971, em Palmitos, escreve a tese matemática: “O Paradoxo de Aquiles e a Tartaruga”. Nesse mesmo ano, propriedades da Cia. Territorial Sul-Brasil são invadidas por trabalhadores rurais sem-terras. Juca Ruivo evita medidas de força contra os invasores. O velho poeta e revolucionário mantém-se fiel aos sonhos de igualdade expressos no poema “A Esperança”.

Recebe um grande golpe com o falecimento de João Octávio Nogueira Leiria. Testemunhara o esforço do autor de “Rincões Perdidos”, durante mais de duas décadas, traduzindo o “Martin Fierro”, de José Hernández, cuja tradução saiu em letra de forma no mesmo ano de falecimento do tradutor. No dia 22 de fevereiro desse ano escreveu “Tavico”, seu último poema.

Tavico

Oh! A insídia dos rumos imprevistos  
e das grandes caminhadas sem repouso...

J. O. Nogueira Leiria

“Campos de Areia” – oh! “Rincões Perdidos”,  
luto fechado botareis agora.

Usai um fumo nos sombreiros guascas,  
vós que viveis nessas querências mansas.

Calou-se a voz que lhes cantou as plagas,  
quando as cruzava em seu bagual cebruno.

Luzindo a marca de ancestrais nogueiras,  
em memoráveis, árduas campeireadas;  
ou em tropeadas de esteadas léguas,  
nas madrugadas de luar vestidas,  
alvorotando o quero-quero alerta,  
e debandando os ñandus despertos.

Se foi Tavico da crioula estância,  
pr'aquela imensa onde Aureliano mora,  
chegando ao laço de imprevistos rumos,  
das caminhadas, grandes, sem repouso.

Adeus comparsa de gaúchas lidas,  
parceiro invicto de carreiras grandes!  
Guarda-me um canto no teu rancho etéreo,  
onde possamos chimarrear, de mano,  
pois qualquer dia estarei contigo,  
Juca Ruico – 22.02.72

Em 12 de abril de 1972, durante visita a Porto União, Santa Catarina, Juca Ruivo recitou o poema para José Alberto Barbosa, que datilografou, no ato, solicitando que fosse autografado pelo poeta. Pouco depois, a 8 de maio de 1972, José Leal Filho, o poeta Juca Ruivo, faleceu em Porto Alegre, de enfarto do miocárdio. Não pode realizar o sonho de acabar seus dias em Maravilha. Foi sepultado na capital rio-grandense.

Nos últimos anos, pesquisadores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina uniram esforços para divulgar a vida e a obra do poeta. Destacam-se José Alberto Barbosa, José Isaac Pilati e João Batista Marçal.

“Tradição” começa repercutir ainda mais. Em 1985 sai a segunda; em 2002, a terceira e, em 2004, quarta edição do livro, contribuindo para a humanização do revolucionário José Leal Filho ou José da Silva Leal filho, poeta Juca Ruivo, que foi uma lenda viva.

Data : 31/05/1996

Título : Juerp Lança Bons Livros

Categoria: Resenhas

Descrição: A JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, do Rio de Janeiro, é uma das mais tradicionais editoras confissionais brasileiras.

## Juerp Lança Bons Livros

por Paulo Monteiro

A JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, do Rio de Janeiro, é uma das mais tradicionais editoras confissionais brasileiras. Ademais, é responsável pela publicação de centenas de títulos sobre religião, filosofia da religião e teologia.

Tive, nestas últimas semanas, a oportunidade de ler três livros da JUERP: DISCIPULADO ESPIRITUAL, de J. Oswald Sanders, ESTE É O CAMINHO: RESPOSTAS AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA VIDA CRISTÃ, de Deodor Taets, e O QUE NÃO ME DISSERAM QUANDO ME CONVERTI, de Verne Becker, Tim Staffor e Philip Yancey.

No primeiro desses volumes, J. Oswald Sanders realiza um trabalho intenso, a partir das experiências relatadas nos livros do Novo Testamento e do próprio ministério de Jesus, demonstrando procedimentos para a formação de cristãos militantes. A ênfase de Sanders recai sobre o sentido espiritual do discipulado. A força que move o discípulo e dirige a ação dele é unicamente espiritual. Estudar esses elementos que moveu Jesus e seus apóstolos é descobrir o caminho para o discipulado e a evangelização nos dias de hoje.

Deodor Taets já fez circular milhares de exemplares de seu livro, constituído de 253 perguntas e respectivas respostas sobre temas que interessam a todos os cristãos.

As respostas, objetivas, estão sempre acompanhadas de remissões bíblicas. Transcrevo um exemplo:

“123. Em que está o mal em adorar ou venerar imagem?

R. A imagem em si nada mais é do que uma estátua onde o escultor ou pintor demonstrou sua arte e capacidade criativa (Isaías 44.9-20); mas quando esta imagem substitui Deus, e passa a ser adorada ou venerada, torna-se em pecado e abominação diante de Deus (Êxodo 20.4-6); portanto, é a quebra do segundo mandamento da Lei de Deus. Os que adoram uma estátua, tornam-se semelhantes a ela (Salmos 115.4-8)”.

Já Becker, Stafford e Yancey produzem um estudo coletivo onde discutem temas que preocupam a cristandade, especialmente os novos convertidos.



Partindo de exemplos reais, de testemunhos concretos, os Autores procuram apresentar explicações para as dúvidas maiores daqueles que se vêem forçados a confrontar sua fé com a vida real.

A dor é uma dessas realidades. Por que há pessoas boas que sofrem e indivíduos maus que vivem felizes? Se “Deus é amor” porque permite esse tipo de coisa? Questionamentos dessa espécie são muito comuns. Há no organismo humano um sistema sensorial (informam os Autores, p.95 e segs.) que funciona como um sistema de alerta. A dor é o alerta. É o “CUIDADO. PERIGO”. A dor é o grande alerta que Deus deixou aos homens. Ela e sua sensação, sua universalização, o sofrimento, são avisos de que o homem é limitado e de que, bom ou mau, será sempre filho de Eva, necessitando da proteção divina, que se manifesta através dessa fantástica rede de sensores através do corpo.

Uma coisa que se constata em todos os níveis é o crescimento da hipocrisia e do farisaísmo. As próprias igrejas não estão imunes a esse dois males. A hipocrisia é a dissimulação, a cara dupla; o farisaísmo é o formalismo, a obediência às regras absolutas. Muitas pessoas tem se afastado de instituição seculares e igrejas por um ou por ambos esses fatores.

Entretanto, a melhor maneira de enfrentá-lo é denunciando e demonstrando pelo exemplo que eles são a negação dos próprios ensinamentos testamentários.

Os autores de O QUE NÃO ME DISSERAM QUANDO ME CONVERTI conseguiram uma obra que se recomenda pela forma como foi escrita, proporcionando uma leitura agradável e pelos temas que desenvolve, atuais – sempre atuais – e que são vivenciados diariamente em todas as esferas da vida humana.

A leitura de livros como estes da JUERP se faz necessária nos dias de hoje para entender diferenças entre igrejas cristãs e destas com movimentos que se dizem cristãos, mas semeiam doutrinas retiradas de velhas crenças pagãs. A época atual se caracteriza pela dissolução de crenças e valores universais, pela mixórdia e pela generalização do velho adágio popular: “Cada cabeça; uma sentença”.

Sanders, Taets, Becker, Stafford e Yancey demonstram que muitos valores tidos e havidos como verdadeiros não passam de modismos. Acima de cada indivíduo, de cada grupo, de cada época, há um valor universal. Admitimos, em tese, que todos os caminhos levam a Roma, porém, com certeza, a maioria deles leva “ aos quintos dos infernos”. Quem duvidar use seus olhos para ver e seus ouvidos para ouvir.

O Cidadão

31/05/96

Data : 13/03/2009

Título : Júlio Salusse e os Mistérios da Fama e da Imortalidade

Categoria: Artigos

Descrição: A imortalidade literária é indecifrável e antitética...

### Júlio Salusse e os Mistérios da Fama e da Imortalidade

A imortalidade literária é indecifrável e antitética. Há escritores que escrevem centenas de volumes que acabam entregues à crítica roedora dos ratos, para usar uma expressão machadiana. Para outros bastam os quatorze versos de um soneto para que fiquem eternizados. Este é o caso do fluminense Júlio Mário Salusse.

O poeta de “Cisnes” era, pelo lado paterno, neto de uma das primeiras imigrantes suíças, Marianne Joset, que colonizaram Nova Friburgo, e de Guillaume Marius Salusse, oficial de Napoleão Bonaparte, que sobreviveu à Batalha Naval de Trafalgar, onde morreu o famoso almirante Nelson. Marianne, órgão durante a travessia do Atlântico, era sovina e autoritária ao extremo; Guillaume era um sonhador, embriagado com a glória medalha de ouro que Napoleão, in extremis, mandara deixar de herança aos heróis de suas aventuras militares. Marianne era o terror de filhos e netos; Guillaume, a glória viva que podiam tocar. Dele, herdaram o sonho de imortalidade e da avó a riqueza material.

O poeta, nascido na Fazenda do Gonguy, no atual município de Bom Jardim, a 30 de março de 1872, recebeu o mesmo nome do pai, vitimado por uma epidemia de tifo, quando o filho tinha poucos meses de vida. A mãe, de nome Hortência, casou pouco tempo depois. O padrasto, movido por ciúme póstumo, na definição de Nilo Bruzzi em “JÚLIO SALUSSE, O ÚLTIMO PETRARCA” (Editora Autora, 2.<sup>a</sup> Edição, Rio de Janeiro, 1956), não gostava do enteado. Entre o filho e o segundo marido, Hortência optou pelo segundo, entregando o menino, aos cinco anos, para a avó cainha.

Com a morte do avô herda uma verdadeira fortuna que lhe permitirá estudar em bons colégios, iniciar o curso de Direito na Faculdade de São Paulo, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro. Dá-se ao luxo de interromper os estudos e passar vários meses em Paris, levando vida de nababo e escandalizando franceses ao contar histórias mirabolantes de leões gigantescos caçados em seu castelo imaginário de Nova Friburgo, onde produzia um champanhe dez vezes mais caro que as congêneres mais caras da Cidade Luz. A “Lamblais”, na verdade lembrava um tal Lamblais, que fabricava um vinho ordinário de abacaxi.

As mulheres de sua infância marcariam sua vida e sua obra. De um lado a mãe que o trocou pelo padrasto e a avó pão-dura, de outro o carinho da tia Júlia Michaela, solteirona, e das primas, como Josefina. Essas mulheres antípodas levaram-no ao celibato e a aventuras amorosas que o conduziram à pobreza quase absoluta.

Em Paris tem rápido envolvimento com Cléo de Merède, primeira bailarina da Ópera de Paris, favorita do rei Leopoldo II, da Bélgica, e de outros milionários, como o príncipe de Galles, que lhe deu um formidável Castelo nas cercanias de Paris, por uma noite de amor.

Deu-lhe, como pagamento antecipado, apenas uma camélia. Gabava-se dessa aventura, nos seguintes termos:

“– A mocidade tem encantos e audácias deliciosas. Naquele tempo Rei da Bélgica e Príncipe de Galles não me assustavam”.

De volta ao Brasil, conclui o curso de Direito e vai advogar e exercer o Ministério Público no interior do Rio e Minas Gerais.

Ainda acadêmico, em 1894, publicou “Nevrose Azul”, livro do qual não se conhece qualquer exemplar. Nele está “Cisnes”, divulgado pela primeira vez em maio do ano anterior, na revista “O Álbum”, conforme pesquisa de Carlos Heitor Castelo Branco, em “Salusse, o Poeta dos Cisnes” (Editora Hucitec, São Paulo, 1979). O biógrafo, “sem jamais ter visto o livro”, como escreve Antônio Carlos Citem, na introdução que escreveu para “OBRA POÉTICA DE JÚLIO SALUSSE” (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, vol. 113, 1993, Rio de Janeiro, págs. 149 a 188), conta que na edição príncipe, desaparecida, o poema teria uma espécie de continuidade.

Os biógrafos, como Rubens Falcão, ator da plaqueta “JÚLIO SALUSSE”, impressa em 1973, sem data e sem local, afirmam que “Cisnes” foi inspirado por Laura de Nova Friburgo, filha do 2º Conde de Nova Friburgo. Outra musa do poeta seria Vera Van Erven, ambas primas. Estudos históricos e genealógicos, disponíveis na internet vão de encontro às informações dos biógrafos, ouvidas do próprio poeta.

Segundo J. B. Athayde, em seu inédito “Genealogia Fluminense – Morais Originários de Cantagalo”, citado por Pedro Wilson Carrano Albuquerque, em texto disponível no sítio Usina de Letras, a inspiradora do soneto foi Maria Honorata da Silva Freire, avó de Laura, nascida pela década de 1820 e já falecida em 1898. As crônicas da época registram que sempre foi bonita, mesmo em idade avançada. E tem mais, segundo o mesmo Pedro Wilson, Vera Van Erven nasceu em 24 de abril de 1885, portanto, mais de dois anos após a publicação do soneto. Já Laura de Nova Friburgo nasceu em 1893 falecendo em avançada idade no ano de 1971.

A serem verdadeiras as informações de historiadores e genealogistas fluminenses toda a história envolvendo o amor de Júlio Salusse pela “castelã do Barracão, lindíssima, de um moreno delicioso, olhos brilhantes e escuros, cabelo castanho, delicada, distinta, recém chegada da Europa, onde se fora instruir (...)” como a descreve Nilo Bruzzi, que conviveu com o poeta nos últimos trinta e tantos anos de vida é mais um cisne, literariamente criado. Como é que um soneto poderia ser inspirado exatamente uma década antes do nascimento da inspiradora.

Assim, é mesmo possível como registrou J. B. de Athayde que tenha sido a avó e não a neta. Isto, porém, já é um caso para alguém que aprecie a chamada crítica literária psicológica.

Preso entre mulheres antitéticas, a simpática e bela Maria Honorata da Silva Freire poderia muito bem ter inspirado “Cisnes” e outros poemas juvenis de Júlio Salusse. Para preservar a grande paixão platônica, transferiu a identidade para a neta da bem-amada. Além do mais era muito mais poético ligar Laura de Nova Friburgo a Laura de Noves, o grande amor platônico de Petrarca. “Freud explica”.

Após permanecer alguns anos em Nova Friburgo Júlio Salusse mudou-se para o Rio, onde dissipou sua fortuna, com bebidas caras e mulheres bonitas. Em 1917, na miséria,

obrigou-se a se desfazer até mesmo de sua biblioteca, vendendo até mesmo os únicos exemplares de “Nevrose Azul” e “Sombras”. Foi advogar. Anos depois se restabeleceu financeiramente. Escreveu mais alguns raros poemas, que permaneceram inéditos.

Carlos Heitor Castelo Branco afirma que, no ano de 1929, quando morou de favor com o poeta, andou pesquisando, em velhos jornais e revistas, poemas juvenis de Salusse.

O poeta faleceu ao amanhecer de 30 de janeiro de 1948. Sua obra desapareceu. Sobraram apenas “Cisnes” e alguns poemas recuperados por Nilo Bruzzi. Mais tarde Rubens Falcão divulgou alguns. Em 1979 Carlos Heitor Castelo Branco republicou “Sombras”. Em 1994 Antonio Carlos Secchin, poeta, professor de Literatura e hoje membro da Academia Brasileira de Letras, sob o título de “OBRA POÉTICA DE JÚLIO SALUSSE”, publicou nos Anais da Biblioteca Nacional “Nevrose Azul”, o livro desaparecido, “Sombras”, do qual existe um exemplar na Biblioteca Municipal de São Paulo” e “Fitas Coloridas”, contendo outros poemas do poeta de Bom Jardim.

Como isso foi possível? Secchin encontrou num sebo um volume manuscrito reunindo toda a obra de Salusse conhecida e alguns inéditos de que se possuía notícia. O mais interessante é que “Sombras” seguia a ordem da edição príncipe e, em “Nevrose Azul” lá estava “Sonhando”, a resposta de que falara Carlos Heitor Castello Branco. Embora a letra do manuscrito não fosse de Salusse, com sua autoridade de estudioso de Literatura, Antonio Carlos Secchin atribui a mais alta fidelidade possível à obra do poeta.

Qual a moral que podemos tirar da vida e da obra de Salusse?

Num mundo onde as pessoas ficam indignadas com a simples não citação de seus nomes em todas as solenidades públicas em que compareçam; num mundo onde as pessoas se revoltam se não falam em todas as reuniões onde metam sua cara; num mundo onde há pessoas useiras e vezeiras em quebrarem com todo o qualquer cerimonial em troca de alguns minutos de fama, a vida e obra de Júlio Salusse mostram que a imortalidade é generosa com alguns e implacável com muitos.

Arredio à publicidade. Bastou-lhe apenas um soneto, um pequeno punhado de 14 versos, para conferir-lhe o galardão da eternidade.

Para comprovar a popularidade adquirida pelo poeta através de “Cisnes” cito dois autores contemporâneos do poeta. O primeiro é João Pacheco, autor de “O Realismo”, publicado pela EDITORA CULTRIX, em São Paulo, no ano de 1966. Diz textualmente, referindo-se ao soneto, à página 116: “Dou o meu testemunho pessoal: ouvi-o no interior, em minha infância e adolescência, de pessoas que ignoravam totalmente o nome do autor”. O livro de João Pacheco é encontrável em qualquer biblioteca escolar.

Outro testemunho de contemporâneo está disponível no Volume III da OBRA CRÍTICA DE NESTOR VÍTOR (Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro; Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, Curitiba, 1979) página 202 e seguintes.

Transcrevo a seguir “Cisnes”, na grafia da época, baseada na versão que o poeta deixou autógrafa pouco antes de morrer.

Cisnes

A vida, manso lago azul algumas  
Veze, algumas veze mar fremente,  
Tem sido para nós constantemente  
Um lago azul, sem ondas sem espumas!

Sobre ele, quando, desfazendo as brumas  
Matinae, rompe um sol vermelho e quente,  
Nós dois vagamos indolentemente,  
Como dois cisne de alvacenta plumas!

Um dia um cisne morrerá, por certo:  
Quando chegar esse momento incerto,  
No lago, onde talvez a água se tise,

Que o cisne vivo, cheio de saudade,  
Nunca mais cante, nem sósinho nade,  
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...

Júlio Salusse

A continuidade do “Cisne”, que hoje conhecemos graças à descoberta de Antonio Carlos Secchin, é a seguinte:

SONHANDO...

Se a nossa vida é um lago de serenas  
Ondulações, adormecido quando  
Por ele passa alegremente o bando  
Das multicores e gentis falenas;

Lago azul, onde a aurora molha as penas  
Sempre que se levanta, ora banhando  
Na fresca matinal as açucenas;

Meu doce amor, enquanto não morremos,  
Como dois cisnes plácidos vaguemos  
Sobre as águas tranquilas e azuladas,

Ouvindo ao longe o suspirar do vento  
E contemplemos o azul do firmamento  
Nas misteriosas noites estreladas.

Os poucos biógrafos do poeta, no geral, dizem que ele era ressentido com a popularidade adquirida com o soneto famoso.

Agripino Grieco, em suas “Memórias”, como transcreve Carlos Heitor Castelo Branco, escreveu o seguinte:

“Salusse indignava-se quando insistiam em falar-lhe no soneto “Os Cisnes”, preferia uma coruja que compusera depois e de que mais ninguém gostava. Doente de cisma, freqüentava muito as farmácias. Em suma: escreveu centenas de linhas rimadas e ficou sendo como Anvers, o autor de quatorze versos apenas” .

Carlos Heitor Castelo Branco escreve o contrário:

“(…). Jamais Salusse, como propalam, renunciou ao “Cisnes”. Ao contrário, tinha orgulho de seu trabalho; o que não gostava era de ser chamando de poeta de um só soneto, ele que tantos sonetos escreveu, tantos belos e perfeitos, dentro do rigorismo da escola parnasiana. (...)”.

Transcrevo o soneto sobre a ave noturna, respeitando a versão divulgada por Antonio Carlos Secchin, ligeiramente alterada, pois há uma outra, idênticas entre si, nas biografias escritas por Rubens Falcão e Carlos Heitor Castelo Branco. Estas, trazem as iniciais dos versos de Salusse à espanhola, minúsculas. Quando transcritos por Nilo Bruzzi, que mais tempo conviveu com o poeta, e Antonio Carlos Secchin, no manuscrito que deu à letra de forma, transcrevem à portuguesa, com iniciais maiúsculas. Esse pequeno detalhe é importantíssimo, do ponto de vista da crítica textual. Com iniciais à portuguesa é que os versos foram publicados em vida do autor. E é dessa forma que conhecemos o único manuscrito autêntico do poeta, divulgado pelo autor de “JÚLIO SALUSSE, O ÚLTIMO PETRARCA”.

A CORUJA

Ou seja a noite calma ou solto o vento ruja,  
Na solitária torre uma sombra se vê:  
É um pássaro funéreo, uma velha coruja,  
Que a todo instante ri, mas eu não sei de quê!

Tal ave, que no agouro a todos sobrepuja,  
Olha a minha janela e gargalha... Por quê?  
Deseja que me oculte, ordena-me que fuja,  
A fim de conjurar desgraças que prevê?

No silêncio noturno aquela voz sombria,  
Aquele voz falta, que to me arrepiava,  
Tantas cousas me diz e não compreendo nada!

Não poderei viver velando a noite inteira:  
Ou morres tu, coruja, ave triste e agoureira,  
Ou morro de terror da tua gargalhada!

Na verdade, a criação preferida do autor era o soneto Eva. Conheço três versões: uma divulgada por Laudelino Freire, em 1904, na sua coletânea de "Sonetos Brasileiros", também transcrita por Rubens Falcão; uma segunda, com alterações manuscritas de Salusse, publicada por Carlos Heitor Castelo Branco, e uma terceira, quase a mesma de Castelo Branco, divulgada por Secchin. Para transcrever, naturalmente, pela corrigida pelo próprio poeta, mas atualizando o mais possível a ortografia..

EVA

De Eva, a mulher primeira, eis a idéia que faço:  
O Senhor a criou de alvura deslumbrante!  
Os lábios lhe tingiu no sangue do Levante!  
Visando a perfeição, poliu-a traço a traço!

Deu-lhe as formas ideais da Eleonora do Tasso  
Deu-lhe a alma virginal da Beatriz do Dante...  
No cabelo lhe pôs a Noite e no semblante

Dois dos mais belos Sóis que luziam no Espaço!

Ao vê-la, disse a Terra enlevada: Quem és?

E Eva assim respondeu: A tua Soberana...

E os tigres e os leões rojaram-se a seus pés!

Povoou-se de Riso e Lágrimas a Terra...

Surgira o Amor isto é, toda a Tragédia humana,

Os cânticos da Paz e as fanfarras da Guerra!

Muitos críticos literários afirmam que “Cisnes” não é trabalho original. Dão-lhe como plágio ou derivação de um soneto de Fagundes Varela, que transcrevo a seguir:

Soneto

Eu passava na vida errante e vago

Como o nauta perdido em noite escura,

Mas tu te ergueste peregrina e pura

Como o cisne inspirado em manso lago.

Beijava a onda num soluço mago

Das moles plumas a brilhante alvura.

E a voz ungida de eternal doçura

Roçava as nuvens em divino afago.

Vi-te, e nas chamas de fervor profundo

A teus pés afoguei a mocidade,

Esquecido de mim, de Deus, do mundo!

Mas, ai! Cedo fugiste!... da soidade,

Hoje te imploro desse amor tão fundo

Uma idéia, uma queixa, uma saudade!



A autoria dos grifos no soneto de Fagundes Varela é de Rubens Falcão, que defende a autenticidade do consagrado poema do poeta de Bom Jardim, nestes termos textuais:

“Mestre Joaquim Ribeiro, tratando do assunto em “Letras e Artes”, aí por volta de 1950, não vê nisso imitação alguma, nem mesmo paráfrase; quando muito, uma espécie do que denominou – “influxo catalítico”. Para ele, “é um fato geral nos poetas reunir, muitas vezes, em seus poemas, a fonte afetiva, vindo da vida, à fonte literária, nascida de sua integração no mundo das letras. Uma, a outra não exclui”. Salusse terá lido os versos de Varela “e guardou em seu subconsciente, como um búzio, o rumor suave desse mar de lirismo”. (...)”

Júlio Salusse pode ser considerado um poeta bissexto. Em vida, como já vimos, publicou apenas dois pequenos volumes: “Nevrose Azul” (1884) e “Sombras” (1901). Havia a intenção de publicar seus inéditos, como se vê através de pesquisas iniciadas em 1929 por Carlos Heitor Castelo Branco. Alguns dos poemas recolhidos pelo biógrafo de jornais antigos reaparecerão no manuscrito publicado por Antono Carlos Secchin, além de outros que aparecem na biografia escrita por Nilo Bruzzi. “Fitas Coloridas” é o nome com que aparecem publicados por Secchin, tanto velhos poemas quanto inéditos.

Um dos últimos sonetos de Saussure é uma espécie de balanço de vida. É a confissão de um homem ao final de uma longa vida. Conheceu a fama, através de um único soneto, viveu entre os mais ricos do mundo, passou pela miséria extrema e, finalmente, recuperou o conforto material. Teve nos braços as mulheres mais desejadas da Terra e morreu solteiro, sob os cuidados de uns poucos amigos leais, como Nilo Bruzzi.

## VISÃO

Vi passar num corcel a toda brida,  
Nuvens de poeira erguendo pela estrada,  
Um gigante, impassível como o nada,  
Indiferente a tudo – à morte e à vida!

Tinha nos braços, como adormecida,  
Fantástica mulher, sublime fada:  
Lindos cabelos de ilusão dourada,  
Pálidas faces de ilusão perdida...

Assombrado, gritei para o Gigante:  
“Quem és? A loura fada é tua amante?”

E o cavaleiro – O Tempo – respondeu

“Eu sou tudo e sou nada nos espaços,  
E essa Deusa, que levo nos meus braços,  
É a tua Mocidade, que morreu!”

Em 1947, já doente e desenganado pelos médicos, escreveu seu último soneto.

## DESENCANTO

A minha vida é a planta que as procelas  
Sacudiram, torcendo-lhe a raiz...  
Tive ambições e a mais ardente delas  
Foi a glória – e a glória não me quis!

Vi, como sombras, poéticas donzelas,  
Sombras que se apagaram, como o giz...  
Os sonhos meus eram batéis sem velas!  
Perdi-os todos... Fui, talvez, feliz!

Sempre o destino olhei com tédio e medo,  
Pois vim ao mundo muito tarde ou cedo...  
Rosas plantei e a flor do mal colhi!

Ainda que pudesse, eu não quisera  
Voltar à mocidade, à primavera  
De um tempo que passou, mas não vivi!

Segundo cálculos de Antonio Carlos Secchin, em seus 75 anos de vida, Júlio Salusse escreveu 61 poemas, publicou dois livros de versos e uma novela, “A negra e o rei”, em 1927. Historiadores e críticos literários situam-no entre os “epígonos do parnasianismo”.

Os “epígonos do Parnasianismo” continuam até hoje. Basta ler os sonetos que por aí circulam. Difícil é fugir a essa influência, que já está impregnada no sangue dos poetas brasileiros. Até mesmo experiências de vanguarda, como o Concretismo, acabaram

pagando elevado preço ao formalismo e aos lugares-comuns, conforme críticas de integrantes da Instauração Práxis, mormente Mário Carmie.

Basta a leitura de qualquer revista, jornal literário ou sítio de poemas na internet para comprovar a continuidade de um parnasianismo epigônico. E o mais das vezes exercido por poetas que desconhecem as regras mínimas da versificação.

Quanto às causas que levaram “Cisnes” a cair no gosto popular a melhor análise foi efetuada por Raimundo de Menezes, em artigo publicado em O Estado de São Paulo, pouco depois da morte do poeta, e transcrito por Carlos Heitor Castelo Branco:

“O ‘enjambement’ nos dois primeiros versos, com a repetição propositada do ‘algumas vezes’, era a prova de fogo dos recitadores. Depois o lago azul, desenhando no espaço, pela destra espalmada, era de um impressionismo lamartiniano. Os namorados deliciavam-se com a imagem; dois cisnes vogando indolentes, sobre as águas mansas do lago azul... Que direis a isto, namorados de hoje que rodais a noventa (contra os regulamentos do tráfego) pela Avenida Niemeyer? Vem nos tercetos a nota triste emocionante. A chave de ouro, eis o segredo do êxito que teve o soneto. Analisando, notam-se-lhe incorreções graves: a pobreza das rimas parelhas “certo e incerto”, a impropriedade do verbo tishnar, para indicar o luto do lago, mas que aí entrou a gancho por exigência da rima (tisne, cisne) maculam a beleza da idéia”.

Com elevado grau de pertinência Castelo Branco, de pronto, contradita a observação de Raimundo de Menezes, nestes termos textuais:

“O ‘enjambement’ usado por Salusse ‘algumas vezes – algumas vezes, mar fremente’, é que dá a beleza ao verso... Não sendo um recurso onomatopaico, cria por certo musicalidade perfeita, que só seria ‘prova de fogo’ para maus declamadores.

“Quanto à imagem ‘um lago azul, sem ondas, sem espumas’, o poeta procurou retratar uma vida serena; e quanto à impropriedade do verbo tishnar, Bastos Tigre, a quem conhecemos e admiramos, falhou redondamente como crítico literário: ‘No lago azul onde talvez a água se tisne’ a frase é de grande efeito, o emprego do vocabulário é perfeito, pois o tishnar das águas indica que o lago azul se tornou negro em virtude da morte de um dos cisnes, conseguindo Salusse usar, com todo encanto poético, a única rima existente na língua portuguesa para cisne, que não macula a beleza da idéia; ao contrário, soa para os ouvidos com a mesma serenidade com que os cisnes nadam sobre os lagos”.

Resumindo. A popularidade do “Cisnes” e não de “Os Cisnes”, como aparece por aí, se deve ao emprego lugares-comuns, de imagens comuns. É a filosofia do senso-comum.

Data : 19/06/1998

Título : Juristas da atualidade

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora FTD, uma das mais antigas e tradicionais casasadoras do Brasil, criada pelos Irmãos Maristas, está lançando a Coleção Juristas da Atual idade, sob a coordenação de Hélio Bicudo.

### Juristas da atualidade

A Editora FTD, uma das mais antigas e tradicionais casasadoras do Brasil, criada pelos Irmãos Maristas, está lançando a Coleção Juristas da Atual idade, sob a coordenação de Hélio Bicudo.

Conservadores na linguagem, maneiristas, os livros jurídicos, presos ao jargão profissional, não agradam aos simples mortais, ignorantes da vida forense. Tive a oportunidade de ler dois volumes da FTD: A ARQUITETURA INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS, de José Augusto Lindgren Alves, e CONSTITUIÇÃO E ESTADO DEMOCRÁTICO, de José KenatoNalini.

A parda linguagem pienamente inteligível ao leigo em assuntos jurídicos, os pontos apresentados são esclarecidos com exemplos e informações atuais. Isso tudo, porém, é acompanhado de vasta bibliografia.

A questão dos direitos humanos é de grande atualidade. Polêmica, um caldo cultural rançoso ainda faz muita gente opor-se ao respeito ao cidadão que foge aos padrões tradicionais de classe e cultura. José Augusto Lindgren Alves historia a evolução do conceito de direitos humanos a nível internacional, reunindo e comentando os principais documentos existentes.

Por essas características A ARQUITETURA INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS deve ser lido por tantos quantos exerçam qualquer função de liderança comunitária.

CONSTITUIÇÃO E ESTADO DEMOCRÁTICO tira o Direito Constitucional dos manuais carrancudos tornando-o acessível às lideranças populares, aos representantes do povo sem formação jurídica e auxiliará os estudantes que se preparam para realizar concursos públicos. Não vulgariza ou rebaixa o saber jurídico, mas taz com que ele possa ser entendido pelo cidadão.

No Brasil, onde a cultura é patrimônio das classes mais favorecidas economicamente, o conhecimento jurídico é elitista, auxiliando na reprodução das injustiças sociais. Falam, alguns, numa cultura jurídica, intasò pode ser de uma elite e, assim, uma escolástica jurídica.

A FTD com a Coleção Juristas da Atualidade presta um grande serviço ao País. Suas muitas décadas dedicadas à educação nas escolas dão-lhe credibilidade para o ensino da cidadania, matéria que está sendo aprendida, nas ruas e nos comícios, com o sangue por tinta, as manifestações de massa por sala de aula e as faixas e bandeiras por lápis. Feliz ou infelizmente, os cidadãos brasileiros têm sido provados e aprovados nas duras provas dos cacetetes e ferraduras.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 19 de junho de 1998

Data : 21/12/2002

Título : Justiça ao Rio Grande

Categoria: Artigos

Descrição: A indicação de seis políticos gaúchos do Partido dos Trabalhadores, para o primeiro escalão do governo Lula, gerou descontentamentos, fora do Estado.

Justiça ao Rio Grande

por Paulo Monteiro (\*)

A indicação de seis políticos gaúchos do Partido dos Trabalhadores, para o primeiro escalão do governo Lula, gerou descontentamentos, fora do Estado.

Desde o fim da Ditadura, que o Rio Grande do Sul não tem sido devidamente prestigiado nos chamados altos escalões da República. Nem por isso, o Estado tem deixado de se desenvolver, inclusive acima da média alcançada pela maioria das demais unidades da Federação. Além do mais, tem pago um alto custo em favor de estados que praticam guerra fiscal, tirando empresas, beneficiando-se, inclusive, de recursos que são confiscados pela União a pretexto de combater as desigualdades regionais.

Para a redemocratização do País, o Rio Grande pagou um preço muito alto, especialmente com a oposição democrática legal liberada pelo então deputado estadual Pedro Simon.

Isso sem falar na luta ilegal, de onde uma militante assumida, hoje assume um ministério, e milhares de gaúchos, muitos exilados, outros exilados de tantos outros assassinados ou desaparecidos.

Ninguém se lembra que os gaúchos resistiram heroicamente ao autoritarismo; ninguém se lembra que os gaúchos têm pago um custo social muito grande para engordar os coronéis nordestinos e que há décadas promovemos o desenvolvimento do interior do País.

Começaram os colonos gaúchos desbravando o Oeste de Santa Catarina e Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Rondônia, Acre.

E para quem não se lembra se o Acre, hoje, pertence ao Brasil é porque o gaúcho Plácido de Castro comando a luta contra a Bolívia. Tudo isso se esquece. E se esquece muito mais.

Agora, é preciso dizermos com todas as letras e com todos os pulmões: Enquanto fazem politicagem pelo País a fora, enquanto o voto de um rio-grandense, vale muito menos do que o voto de um brasileiro de muitos outros estados, nós trabalhamos. Trabalhamos para que o Rio Grande tenha os melhores índices de vida do País e trabalhamos, ainda, para sustentar coronéis e outros parasitas que pululam o poluem pelo País afora.

Com poucos, com muito, ou mesmo, com nenhum ministério, os gaúchos vão continuar sendo exemplo de trabalho, dignidade e probidade no Brasil.

Oxalá, um dia os que criticam a presença de gaúchos nos ministérios do Governo Lula, tenham a dignidade que os criticados demonstraram ao longo da História Pátria.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha

Jornal O Cidadão

21/12/2002.

Data : 09/06/1998

Título : JUSTIÇA PROÍBE LIVRO EVANGÉLICO

Categoria: Resenhas

Descrição: A 2ª Vara Cível de Passo Fundo, através do juiz Clóvis Guimarães de Souza. Proibiu a circulação do livro "A Realidade Gnostica", de Gilson e Eliane Deferrari..

JUSTIÇA PROÍBE LIVRO EVANGÉLICO

Colaboração Paulo Monteiro

A 2ª Vara Cível de Passo Fundo, através do juiz Clóvis Guimarães de Souza. Proibiu a circulação do livro "A Realidade Gnóstica", de Gilson e Eliane Deferrari, atendendo petição do Movimento Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem.

Segundo o magistrado, "a imensa popularidade do Movimento Requerente até em diversos outros países, aliada à grande divulgação promovida pelos suplicados, poderá causar danos irreparáveis aquele". A sentença de 14 de maio foi contestada pelos autores do livro em 19 do mesmo mês. Após ter dado vistas aos autores da ação. em 28 de maio, o mesmo Juiz manteve a sentença. Os autores estão entrando com agravo de instrumento junto ao Tribunal de Justiça, buscando revogação da liminar.

## BREVE HISTÓRICO

O Movimento Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem, liderado internacionalmente pelo Venerável Mestre Rabolu, cujo nome civil é Joaquim Amortegui Balvuenza, é uma das facções que reivindica ser continuadora da organização fundada por Samael A un Weor. Com o falecimento do fundador, em 1977, a organização por ele instituída passou por situações confusas na década de 80, como a acusação de adultério praticado pelo líder de uma das facções. Victor Manuel Chaves "profanando o templo gnóstico", no México.

Outro escândalo foi promovido pelo Venerável Mestre Garga Kuichines, cujo verdadeiro nome é Júlio Cesar Medina Vizcaino, condenado pela justiça de Medellín, na Colômbia, por ter vendido irregularmente bem da organização.

A guerra de facções dentro do Movimento fundado por Samael Aliti Weor envolveu, ainda, a circulação de documentos com assinaturas atribuídas ao fundador, consideradas falsificadas por um perito equatoriano, em 1984.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 09 de junho de 1998

Data : 31/12/2008

Título : Klênia Sanchez: uma Pintora Terrunha

Categoria: Artigos

Descrição: Maria Klênia Nunes Sanchez nasceu em Santa Maria e veio com dois anos de idade para Passo Fundo.

Klênia Sanchez: uma Pintora Terrunha

Maria Klênia Nunes Sanchez nasceu em Santa Maria e veio com dois anos de idade para Passo Fundo. Seu pai, Carlos Andrade Nunes, era músico e barbeiro. Tinha o cacoete de cumprimentar a todos com um “Ô! Fingido”, o que lhe valeu o apelido de “Fingido da Sanfona”, como um dos pioneiros do Movimento Tradicionalista Gaúcho em Passo Fundo. A mãe de Klênia Sanchez, Ruth Alves Nunes, era dona de casa, e uma excelente administradora.

“Nossa casa era na Teixeira Soares, esquina com a Nascimento Vargas. Mamãe economizava o que podia. Acabou comprando todo aquele quarteirão. Chegamos a ter nove casas de aluguel”, conta Klênia, com visível admiração.

Ruth fora professora primária em Restinga Seca, interior de Santa Maria, antes de fixar residência em Passo Fundo. Assim, teve a preocupação de dar estudos superiores ao casal de filhos. Cleber cursou Medicina em Porto Alegre. Especializou-se em Oncologia e não retornou mais para Passo Fundo. Klênia casou muito jovem. Seu marido opunha-se a que ela continuasse estudando, mas Ruth demoveu a oposição do genro e cuidou dos dois netos para que a filha cursasse Belas Artes, na Universidade de Passo Fundo.

“Fui estudar Belas Artes porque, desde pequena, gostava de desenhar. Em frente da nossa casa ficava o Quartel do Exército. Era uma força de cavalaria e cresci admirando os cavalos que pastavam nas redondezas. Os cavalos para mim sempre representaram um símbolo de fortaleza. E muito cedo comecei a desenhá-los. Minha mãe pegava os desenhos, mandava emoldurá-los e colocava nas paredes da casa. Eu me achava o máximo. Tanto observei os cavalos; tanto os admiro desde criança, que tenho na memória todos os movimentos, todas as minúcias dos seus músculos. “Por isso, a constância com que pinto cavalos.”

Depois de casada, Klênia recebeu estímulo do sogro. “Um desenhista excepcional, autodidata, com um dom incrível para o desenho.”

Formada, Klênia lecionou no CIM João De César, nas escolas Ana Luísa Ferrão Teixeira, Cecy Leite Costa, Bom Conselho, e na Universidade de Passo Fundo, onde se formou. Realizou sua primeira exposição em Francisco Beltrão, no Paraná, juntamente com Maria Lucina Bueno. Logo a seguir expuseram no Clube Caixeiral, de Passo Fundo.



Sônia Fontanelli, uma amiga residente no Rio de Janeiro, conheceu e casou com o italiano Felicce Colvone, dono das três maiores cerâmicas de Nápoles. Essa amiga, ainda morando no Rio, promoveu um minivernissage de Klênia.

Um casal de italianos viu, gostou dos quadros da pintora e convidou-a para que expusesse na Itália, no ano seguinte. De fato, em 1988, ela partiu para a Itália. O objetivo era ficar trinta dias, mas acabou permanecendo três meses.

Dois anos depois retornou à Itália. Como nunca ouvira falar sobre pirogravuras naquele país, muniu-se de couro e pirógrafo, e acabou fazendo o maior sucesso. Trocou a maioria das peças com outros artistas, mas um de seus trabalhos foi parar no Parlamento Italiano, levado por Giovanni Benvenuto, como presente ao então primeiro-ministro Giovanni Gorla. Nesse mesmo ano pintou um painel com 150m<sup>2</sup>, num túnel em Funore, perto de Salerno, a convite do prefeitodaquela cidade, cuja esposa era amiga de Sônia Fontanelli.

Klênia gosta de painéis. Pintou muitos deles para o Grupo Terra Pampeana, entre elas, o 2º Chamamento do Pampa e a trajetória da Família Salton. Aliás, trabalhou vários anos realizando pinturas em vidro, com jato de areia, para a Vidraçaria Salton.

De todos os trabalhos realizados por ela, o que ela mais aprecia é um quadro pintado há oito anos intitulado “Santa Ceia Pampeana”. Reproduz a última ceia de Jesus, com figuras de músicos gaúchos. Jesus representado por Renato Borghetti, tendo a sua esquerda o pai da pintora. Apenas Judas Iscariotes, o traidor, que aparece sentado acendendo um palheiro, tem as feições despersonalizadas.

“Cheguei a temer que minha obra fosse censurada pela Igreja, mas acabei recebendo muitos elogios de sacerdotes que a viram. Já recebi propostas de compra, mas não vendo. Está guardada na casa de pessoas amigas”, confessa a pintora, manifestando uma ponta de orgulho.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 14/03/2009

Título : Las Satrapías: o Poema Enterrado Vivo

Categoria: Artigos

Descrição: Nixon, Frei e Pinochet, até hoje, até este amargo mês de setembro ...

### Las Satrapías: o Poema Enterrado Vivo

Estudioso da história, em mim cada vez mais se firma a convicção de que não existe história neutra. Todos nós estamos com ela comprometidos, na acepção mais radical da palavra. E radical sou, pois vou à raiz das coisas.

Revolta-me ouvir pessoas defenderem o retorno de um regime ditatorial. Fiz-me homem lutando pela liberdade. Sofri por ela e a amo imensamente.

Esse amor se aprofundou em 1975. Naquele ano, diversos companheiros que participavam da luta clandestina contra o autoritarismo foram presos. Dois deles me conheciam, sabiam até meu endereço.

Foram barbaramente torturados, mas não me denunciaram aos verdugos. Não recorro mais seus nomes de guerra, como eram chamados os codinomes ou nomes falsos. Os nomes verdadeiros, que só vim descobrir tempos depois, eram Hilário Gonçalves Pinha e Ernesto Bernardi.

Ao saber que as prisões se espalhavam pelo Estado tratei de ocultar farto material “subversivo” que estava comigo. Jornais clandestinos, livros de autores proibidos e um poema. Exatamente, um poema! O último poema de Pablo Neruda, intitulado “Las satrapías”, escrito em 15 de setembro de 1973, poucos dias depois do golpe de estado que derrubou o governo de Salvador Allende, e instalou uma ditadura sanguinária no Chile.

Aqueles vinte e três versos do poeta do “Canto Geral” representavam o documento mais comprometedor, pois comprovavam que eu era um perigoso agente do comunismo internacional. Nas mãos dos carrascos, talvez se constituíssem na prova material de que eu fosse até mesmo um comedor de criancinhas. Para ser mais claro que eu – como se dizia dos comunistas – assasse criancinhas...

Ante a urgência de consumir com aqueles documentos, na impossibilidade de retirá-los de minha casa, na Vila Jerônimo Coelho, enrolei-os com todo o cuidado em sacos plásticos, abri um buraco, acomodei-os ali e transformei o local num belo canteiro de alfaces. Em todo esse processo fui auxiliado por minha mãe, Leocrécia da Silva Monteiro, a única pessoa de minha família que conhecia minha dupla militância e o que deveria fazer caso eu tivesse problemas com os órgãos de repressão.

Nos dias seguintes reunimos o Comitê Municipal do Partido Comunista Brasileiro – PCB – e fui designado para ir a Porto Alegre, participar de um grupo organizado para lutar pela liberdade dos companheiros presos. Na capital, caminhando, à noite, pelas ruas, com um representante do Comitê Central do Partido, de que não devíamos mais nos reunir “paralelamente”. Eram ordens de Moscou. Isso mesmo: “ordens de Moscou”.

Mandei todos eles às favas e a todos os outros lugares possíveis e imagináveis. Retornei para Passo Fundo e dissolvemos o Comitê Municipal e umas cinco ou seis células que

nos davam sustentação. Para nós, leitores e estudiosos de Marx, Engels e Lênin, uma “ordem de Moscou” para que deixássemos nossas camaradas entregues às garras de torturadores era demais. Significava a negação do marxismo, a indignidade, no sentido mais lato da palavra. Nunca mais quis saber de partidos comunistas.

Ânimos serenados e alfaces comidas, sabendo que os companheiros que poderiam delatar-me, se comportaram com dignidade exemplar, desenterrei as publicações. Para minha tristeza, a umidade transformou o material impresso numa pasta ilegível. Salvei apenas uma velha edição de “Um Passo Adiante Dois Passos Atrás”, coincidentemente a denúncia de um partido que se transformara naquilo em que o PCB já era.

A tristeza maior, porém, foi a perda definitiva daquela edição clandestina de “Las satrapías”.

Algum tempo depois, sob pseudônimo, escrevi um artigo para um jornal do Partido Comunista Brasileiro prevendo que os comunistas brasileiros acabariam no que acabaram, até envolvidos em mensalões e mensalinhos.

Passados trinta e três anos, o poema está acessível a qualquer leitor, na internet. Alguns daqueles versos, ainda agora, mais de três décadas depois, continuam vivos na minha memória.

Hoje, numa homenagem a Hilário Gonçalves Pinha e Ernesto Bernardi, revelo essa história. Ambos se portaram, diante da prisão e da tortura, com altivez e dignidade estoicamente heróicas. E é em homenagem à memória de Hilário e Ernesto que faço e dedico-lhes esta tradução para o português o poema de Pablo Neruda.

As Satrapias

Pablo Neruda

Nixon, Frei e Pinochet,  
até hoje, até este amargo  
mês de setembro  
do ano de 1973,  
com Bordaberry, Garrastazu  
e Banzer, hienas vorazes  
de nossa história, roedores  
das bandeiras conquistadas  
com tanto sangue e tanto fogo,  
atolados em suas riquezas,  
depredadores infernais,  
sátrapas mil vezes vendidos

e vendedores, atiçados  
pelos lobos de Nova York,  
máquinas famintas de dores  
manchadas no sacrifício  
de seus povos martirizados,  
prostituídos mercadores  
do pão e do ar americano,  
imundos, carrascos, manada  
de prostibulários caciques,  
sem outra lei que a tortura  
e a fome continuada do povo.

Data : 22/06/2010

Título : Lauro Rodrigues

Categoria: Artigos

Descrição: Lauro Rodrigues foi um dos pioneiros do Movimento Tradicionalista Gaúcho contemporâneo.

Lauro Rodrigues

Paulo Monteiro

Quando nos dedicamos a estudar a poesia gauchesca de língua portuguesa uma das primeiras constatações é que a maioria dos poetas não tem uma biografia. Apesar da popularidade que gozam, a vida e a obra dos poetas desse gênero ou subgênero são praticamente desconhecidas. É o caso de Lauro Pereira Rodrigues, nascido em Santo Amaro no dia 7 de janeiro de 1918.

Lauro Rodrigues foi um dos pioneiros do Movimento Tradicionalista Gaúcho contemporâneo. Apresentou o primeiro programa gauchesco da história, intitulado “Campereadas”, a partir de 1935, na Rádio Gaúcha, onde lançou Pedro Raymundo, conforme se conta o historiador Luiz Artur Ferronato no artigo “O centenário de Pedro Raymundo”, publicado em 29 de maio de 2006, no sítio do Instituto Caros Ouvintes de

Estudos de Mídia. Onze anos depois, um grupo de jovens estudantes do Colégio Julio de Castilhos, de Porto Alegre, assentariam as bases do atual Movimento Tradicionalista Gaúcho. Quase todos eles, também dedicar-se-iam ao regionalismo radiofônico, seguindo a linha lançada por Lauro Rodrigues. Em 1958 voltaria ao rádio, na Farroupilha, comandando o programa “Roda de Chimarrão”, onde além do tradicionalismo tratava de assuntos urbanos e rurais de Porto Alegre.

Pedro Villas-Bôas, autor de “Notas de Bibliografia Sul-Rio-Grandense” (A NAÇÃO-SEC, Porto Alegre, 1974), informa-nos que era “Radialista, poeta, jornalista e político”. E que pertencia à Estância da Poesia Crioula. Em 1944 publicou, pela Livraria Globo, “Minuano”, livro de poemas gauchescos, do qual saíram mais duas tiragens naquele ano.

Bibliógrafo atento, Pedro Villas-Bôas certa feita me revelou que apenas listou livros que realmente conferiu pessoalmente. Quando escreve “tiragens” diz reimpressões. Tanto isso é verdade que tenho às minhas mãos a “3ª EDIÇÃO”, que responde às características anotadas por Villas-Bôas em seu livro. Dois anos depois, em 1946, pela mesma Livraria Globo, fez imprimir “A Ronda dos Sentimentos”, um volume de 70 páginas, com sonetos e poemas, do qual saiu uma única edição.

“Invernada Vazia”, o terceiro livro, com o subtítulo de “versos regionais”, é lançado, em primeira edição, no ano de 1951, pela Editora Coruja, de Porto Alegre. Segundo o bibliógrafo, no mesmo ano, pela mesma editora, sai “uma 2ª tiragem”. Tenho as mãos a “2ª EDIÇÃO”, dentro das características expostas por Pedro Villas-Bôas, inclusive “Impresso no sistema multilite”, onde não consta o ano da impressão.

As orelhas de “Invernada Vazia” trazem algumas referências interessantes a “Minuano”. A primeira delas, de Antonio Barata, da Editora Globo, diz o seguinte: “Nenhum romance, biografia, livro de contos ou reportagem, encontrou entre nós, nestes últimos tempos, o recorde de vendas de Minuano. Nunca na história dos livros riograndenses, uma obra vendeu tanto em tão pouco tempo. A razão do êxito, reside, indiscutivelmente, no próprio valor da obra. É um livro para o povo, feito com o sentimento do povo. Lendo-o, sente-se a nostalgia da campestre, do rodeio, da roda de mate nos galpões, dos lábios polpudos da chinoca, do amor sem convenções...”

A afirmação de Antonio Barata é interessantíssima. Um dos autores gaúchos editados pela Globo era nada mais nada menos do que Erico Veríssimo. Três edições num único ano, e, ainda, o livro mais vendido nos últimos anos prova a popularidade do poeta.

A segunda nota é de Catulo da Paixão Cearense. Ei-la: “Nesta época de guerra e de ódios a sua poesia é uma bandeira de paz e de civismo alçada no topo. Deixo a você o meu cajado de glórias...” Ora, nada mais nada menos do que o mais popular dos poetas populares brasileiros, na primeira metade do século XX, que faleceria pouco tempo depois, legando o seu “cajado de glórias” ao poeta de Santo Amaro.

Em 1951 é publicado “Senzala Branca”, um livro de “poemas revolucionários”, pela Editora Coruja. No ano seguinte sai a “2ª Edição”, pela Editora La Salle, de Canoas, com uma tiragem de 5.000 exemplares. A política acabou absorvendo o tempo do poeta. Somente em 1978 editou seu último livro de poemas, “A Canção das Águas Prisioneiras” (Martins Livreiro-Editor, Porto Alegre). Pedro Villas-Bôas deixou registrado que o poeta possuía, inéditos, os livros “Vozes do Parque”, “Bilhetes”, “Versos Íntimos” e “Coletânea de Sonetos” e, em prelo, “Alçados e Araganos”.

Militante do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro –, Lauro Rodrigues assumiu várias vezes como deputado estadual por aquele partido. Depois de 1967, com o bipartidarismo imposto pelo regime de exceção, filiou-se ao MDB – Movimento Democrático Brasileiro – pelo qual exerceu dois mandatos de deputado federal. Pescador e caçador apaixonado faleceu afogado em sua terra natal, no dia 17 de dezembro de 1978, quando afundou o pequeno barco tripulado por ele, enquanto remava contra uma tempestade de verão.

Um dos poemas mais conhecidos de Lauro Rodrigues, que está às páginas 21 e 22 do seu primeiro livro, é "Meu baio ruano", declamadíssimo em rodeios e concursos de declamação.

Meu baio ruano

Eu tenho um baio ruano

flete bueno

anca de vaca;

cosquilhudo

de virilha e de paleta

puerva ligeiro de pelear de faca.

Nesse baio

eu já fiz tanta proeza

qu'ele carrega a minh'alma presa

na barbela trançada de seu freio.

Muita carreira

esparramei de-hupa!

alegrei muito fandango feio

e muita china sentou na sua garupa.

Esse baio

tem na concha de suas patas

a história

da mais linda das mulatas

por quem um dia, afinal, me abichornei!

É bueno

esse pingo anca de vaca,

flete ligeiro

de pelar de faca,

esse baio  
ruano que eu domei!

Interessante é que o grande amor do poeta acaba sendo uma mulata, tipo racial não muito comum como musa dos gauchescos. E olha que a presença do negro e do mulato na maioria das cidades do Rio Grande imperial representavam cerca de 25% da população. O intercuro sexual entre o homem branco, mais abastado, e a mulher de cor, das camadas proletárias, foi muito maior do que se imagina. É o que vemos retratado em “MULATA”, às páginas 57 a 66 de “Invernada Vazia”.

Interessante é o esquema rimático do poema: a redondilha maior, muito praticado por um “romântico arcaizante” como Gonçalves Dias. Muito comum na poesia popular e bastante encontrado no romanceiro medieval. Alguns versos mais longos que aparecem não passam de dois pentassílabos formando um único verso.

### Mulata

Eu gosto, mulata,  
de ver o teu vulto,  
dengoso, jeitoso,  
riscando o terreiro,  
de trouxa no braço,  
batido ao mormaço  
do sol da manhã.  
Teu passo é miúdo!...  
Teu corpo, polpudo  
da cor do avelã,  
tremendo, tremendo  
de baixo da saia,  
riscada, pesada,  
que esconde teus seios,  
convida viver...  
Teus seios! – meu Deus!! –  
Teus seios pequenos,  
lavrados, torneados,  
imploram pecados  
nos próprios coleios

dos membros morenos...

Depois quando chegas à sombra frondosa  
da velha figueira, vetusta, alteirosa,  
que ensombra a restinga  
da sanga que canta  
por entre as batingas  
de fundas barrancas,  
teu vulto se espelha,  
tão breve se ajoelha,  
na água que rola de baixo da tábua  
em que bates tua roupa...

Então, os meus olhos,  
parados, cravados,  
namoram, – coitados! –  
a farta paisagem das coxas roliças  
que expões às cobiças  
assim quando dobras teu busto p'ra frente  
e mergulhas o braço  
na fria torrente  
que tem-te ao regaço!...  
E eu fico pensando:  
– que coisas bonitas  
tuas saias de chitas  
me estão a esconder! –  
E volto ao galpão, sonhando contigo,  
guardando comigo  
desejos ardentes...

Bem sei que não devo sonhar mais assim!!!

És linda; viçosa!



O patrão te protege  
e seus dedos hereges,  
cheirando a dinheiro,  
retovam-te o corpo de quentes carícias,  
comprando delícias  
que um moço tropeiro  
não pode comprar...

Quisera o teu corpo, – não nego; não minto! –  
mas só para amar.  
Ouvir-te, nas noites  
caladas do campo,  
torcida de gozo,  
de amor, de prazer,  
dizendo, tremido,  
o meu nome ao ouvido,  
enquanto o meu peito,  
por cima do teu,  
batesse, batesse,  
arquejando, vencido!...

Mas tudo não passa de um guapo desejo!

Mulata, o teu beijo  
não é p'ra minha boca!

Mas quando a velhice chegar de mansinho e  
teu corpo bonito, curvar-se, curvar-se,  
assim como um galho de moita de espinho  
verás que a tua carne  
morena, cheirosa,  
dengosa, vaidosa,  
de nada valeu;

a boca que outra'ora beijou-te,  
escarrar,  
sorrir do que és  
evocando o que foste...

Pois quando curtires  
num rancho de chão,  
sem pão  
nem tarimba  
o teu próprio passado,  
um velho tropeiro,  
que tanto te quis,  
dirá na sanfona  
p'ra os moços do sítio  
a história tristonha da china infeliz!

Não pragejo, mulata!  
Te juro! É verdade!!!  
É a vida quem diz!...

Lauro Rodrigues confere lirismo a uma realidade que foi muito comum no meio rural sul-rio-grandese. A maioria dos atuais grupamentos humanos denominados “quilombos” – como já escrevi – não são quilombos no sentido real do termo, mas sim “posses de negros”, descendentes de escravas ou libertas e antigos estancieiros.

Enquanto a poesia gauchesca uruguaio-argentina é uma transformação da antiga poesia payadoresca, oral, em obra literária escrita, de conteúdo militar e militante, durante as guerras da independência daqueles países, a gauchesca brasileira, bastante posterior, é uma criação do Romantismo. Daí a marca dos clássicos românticos, que fazem parte do cânone literário “culto” sobre os poetas populares sul-rio-grandenses.

Sobre o produtor e apresentador de “Campereadas” pesa outras duas influências. A primeira delas é dos gauchescos platinos. Não é à toa que ele se refere a El Viejo Pancho, pseudônimo do espanhol José Alonso y Trelles (1857-1924), que residiu muitos anos no Uruguai, tendo escrito um pequeno volume que foi lido avidamente por uruguaios, brasileiros e argentinos; “Paya Brava”. A tapera, o umbu, o quero-quero temas explorados pelo “El Viejo Pancho”, dão título a poemas enfeixados em “Minuano”. A segunda influência é dos poetas populares sertanejos e do Nordeste brasileiro, máxime Catulo da Paixão Cearense.

Não é gratuito que o autor de “O Luar do Sertão” oferece o seu “cajado” ao poeta de Santo Amaro. “Mulata” e “cabocla”, dois termos para definir tipos femininos, produtos da miscigenação com o europeu, não são muito freqüentes entre os gauchescos brasileiros. Para “cabocla” as expressões correspondentes são “china”, “chininha” e “chinoca”, procedentes do português “chim”, mais comum do que o atual “chinês”. Todo aquele indivíduo com olhos amendoados ou meio rasgados era um “chim”. “China”, como hoje chamamos comumente à mulher morena de “negra” e a mulher clara de “gringa” ou “alemoa” era a forma carinhosa com que o gaúcho se referia à sua índia ou cabocla. Cabocla é o correspondente para os poetas de outros estados à china dos gauchescos.

“Filha do pago”, que consta entre as páginas 42 e 46 de “Minuano” transpira a poesia sertaneja de Catulo, sem o peso dos regionalismos nordestinos, que encontra correspondência entre alguns poetas rio-grandenses, lançando toneladas de expressões regionais sobre seus poemas. “Cabocla”, que transcrevo de “Invernada Vazia”, é, também, outro poema com idêntica transpiração.

#### Filha do pago

De tarde, beirava a noite,  
morria o sol num açoite  
de luzes pelo capão.  
E à sombra da sapupema  
gargalhava uma seriema  
nas quebradas do rincão.

A estrada se parecia  
c’um laço que se torcia,  
c’um tento cru de tamueiro,  
aonde a luz cor de prata  
vinha ouvir a serenata  
dos guizos do carreteiro.

Na solidão do caminho  
eu repontava sozinho  
as mágoas do pensamento  
quando vi numa quebrada,  
entre as sombras recortada,  
a sombra do encantamento.

Ela vinha vagarosa  
como a nuvem vaporosa  
da cerração dos banhados.

Seu passo tinha meneios  
de sabiás em gorjeios  
na pitangueira pousados.

Pisava no chão c'um jeito  
que as folhas formando leito  
amaciavam seu andar.

E as flores já fenecidas  
desabrochavam pra vida  
quando lhe viam passar.

O seu pé era pequeno  
como as gotas do sereno  
na flor roxa do bibi,  
e a sua boca angelical  
tinha o calor tropical  
do canto da juriti.

Os seus cabelos em trança  
o sopro da brisa mansa  
acariciava no ar.

E no colo bem torneado  
dois araçás reclinados  
queriam desabrochar.

Veio vindo de mansinho  
interrompendo o caminho  
por onde eu ia passar...

Abri o pingo pra um lado  
e como velho namorado  
no meu espanto abismado  
fiquei a lhe contemplar!

Depois!... – ó quanta alegria!!! –  
O rancho donde eu vivia  
transformou-se em paraíso!  
Todo o dia, o dia inteiro,  
no chão duro do terreiro  
desabrochavam sorrisos!

Essa morena trigueira,  
– a mais linda brasileira,  
desde o Oiapoc ao Chuí –  
pôs na minha boca de moço  
o gosto bom do caroço  
da flor do bacupari!

Nosso Senhor, que beleza!  
Hoje olho a natureza  
quando vai morrer o dia  
e fico tão satisfeito  
que o coração no meu peito  
palpita em doida alegria.

Pois graças a ti, Senhor!  
Que quando criaste a flor,  
o crepúsculo e o luar,  
fizeste a mulher do pago,  
um torvelinho de afago,  
um rancho pra se morar!!!

## Cabocla

Assim, minha cabocla bonitaça!  
Fecha os tampos da janela  
antes que a noite se esparrame pelo quarto  
que o candieiro esborrifa de luz  
ao nosso olhar...

Neste rancho fechado e ouvindo, apenas,  
o esfregar de tuas vestes – que contraste! –  
é que eu me sinto muito mais gaúcho,  
é que me acho cada vez mais homem...

Enquanto despes a tua saia preta,  
meus olhos são lagoas refletindo  
a paisagem crioula de teu corpo!  
E teu corpo queimado, cor de terra,  
tem as curvas macias dos caminhos  
que cortam a amplidão desta campanha...  
(Como eu gosto de passear as minhas mãos  
pelo calor confortante dessas curvas  
que se arrepiam sob o meu afago  
que é morno como os ventos de verão  
arrepiando o relvado e as águas turvas  
das várzeas e represas do meu pago!...)

Teu corpo, cabocla,  
é um punhado de nervos  
que riem; que choram; que cantam;  
que gemem  
bem como a sanfona que eu tenho no colo.  
Conforme lhe toco, lhe apalpo o teclado,  
ela rasga-se toda em queixume, alegria,



só sei  
que cá no meu peito  
cresce uma coisa esquisita  
que penso seja a saudade  
daquela mulher bonita  
qu'eu conheci num fandango  
sapateando a chimarrita  
na poeira do terreiro  
do rancho de Sinhá Rita...  
Caramba!  
Quanta desgraça  
na vida da gente passa  
sem que se queira passar!  
O destino é um mau tropeiro,  
se o seu pialo é certo  
faz a gente se quebrar.  
É dela  
quase garanto,  
qu'eu carrego essa saudade!  
Por ela já sofri tanto  
que é puxa-barbaridade!...  
Também, lhe digo: morena  
como aquela nunca mais  
há de pisar nestes pagos.  
Sua boca se parecia  
c'um ananás que sorria.  
E eu tinha,  
tinha desejos  
de recobri-la de beijos,  
de retová-la de afagos.  
Tinha um corpo miudinho,  
espevitado, fininho  
como os juncos do lagoão.



Todo o povo quando a via,  
chamava-a Sinhá Maria,  
Maria flor do rincão!...  
Pra ganhar Sinhá Maria  
fiz promessa, simpatia,  
fiz tudo, tudo o que “pude”.  
Por devoção a “Jesus”  
cheguei a plantar três “cruiz”  
nas bordas do meu açude.  
E em cada uma escrevi  
com letras feitas de flor:  
Sinhá Maria – a primeira – !  
na segunda escrevi – amor!  
Saudade – pus na terceira...  
E uma manhã – que tristeza!!! –  
Gargalhava a natureza  
no bico da passarada.  
Meu laranjal, de faceiro,  
enchia todo o terreiro  
de flores cor-de-geada.  
Corri,  
então, à janela  
para olhara primavera  
qu’enfeitava este rincão  
e de repente – ó maldade! –  
na cruz que eu chamei “saudade”  
tinha florido um botão...  
Os meus olhos de enuviaram  
e uns pingos d’água rolaram  
beirando pelo nariz.  
Pois Jesus  
de distraído  
não escutou meu pedido,

não me deixou ser feliz!...  
Nunca mais Sinhá Maria  
me deu de novo alegria,  
me fez de novo contente...  
E no rancho de Sinhá Rita  
nunca mais a chimarrita  
fez feliz aquela gente!  
Pois o botão da “Saudade”  
eu colhi, é bem verdade,  
com mágoas no coração,  
pra enfeitar  
– que ironia –  
a cruz de Sinhá Maria,  
Maria a flor do rincão!!!

Falei antes em El Viejo Pancho. Lauro Rodrigues dedica-lhe todo um poema de “Senzala Branca”, onde se refere ao “Martín Fierro”, a grande obra do argentino José Hernández.

Em 1948, passada a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos impunham ao mundo seu dólar e sua cultura. A rebeldia quixotesca dos jovens estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, que culminaria no atual Movimento Tradicionalista Gaúcho era uma espécie de contra-cultura. Em 1957, quando do lançamento do quarto livro do poeta de Santo Amaro, as orquestras americanas eram uma moda avassaladora e rock-en-roll começava a aparecer. “Um silêncio domina tudo”, e nesse ambiente, “Viejo Pancho, crioulo de outras plagas”, representa “a voz da acordeona – alma campeira! – em contra-ponto à musica estrangeira”. É um, grito contra a desnacionalização da cultura.

Terra, Alma da Gente

Mês de maio! Geada branquicenta  
de renguear cusco e dar golpe aos lerdos...  
Martin Fierro y sus últimos recuerdos  
anima a estância que o fogão aquece!

Viejo Pancho, andejo de outras eras  
arrinconado à sombra das taperas  
que a mocidade construiu p’ra Vida,

bordejando as cordas da viola,  
vai declamando no seu tom pachola  
o “Hopa-Hopa” da ilusão perdida...

Um silêncio de dor domina tudo!  
No ambiente acolhedor e mudo  
nem mesmo o fogo crepitar pudera,  
quando, de repente, na distância,  
sonorizando a placidez da estância,  
o som da gaita a solidão altera...

Junto ao fogão, num frenesi estranho,  
El Viejo Pancho, o campeador de antanho,  
susteve a rima decependo o verso...  
Olhou p’ra todos, e no olhar de todos  
o telurismo borbulhava a rodos  
no som do fole na amplidão disperso...

Curvada a fronte, emudecido o lábio,  
o gaudério platino, como um sábio,  
recolhera a sentença nativista:  
era a voz da acordeona – alma campeira! –  
em contra-ponto à música estrangeira  
catalizando o coração do artista...

Viejo Pancho, crioulo de outras plagas  
que se afeiçoara nas suas horas vagas  
ao tradicionalismo dos dois povos,  
soube sentir na inteligência astuta  
essa mensagem que a cordeona  
bruta mandava aos ares nuns gemidos covos...

Nove anos de Movimento Tradicionalista Gaúcho preocupavam o vanguardeiro desse movimento. Os Centros de Tradições Gaúchas espalhavam-se Rio Grande a fora.

Invernadas campeiras, conservando as práticas laborais dos homens do campo, e invernadas de danças, difundindo as danças típicas do Estado, faziam sucesso. Costureiras, modistas e alfaiates fabricavam pilchas (roupas típicas) para homens e mulheres, discos, livros e cursos difundiam o tradicionalismo. Cursos de danças eram ministrados a peso de dinheiro, “novas danças” eram incorporadas aos repertórios das “invernadas artísticas” dos CTGs...

Como o velho Karl Marx costumava repetir no século XIX o capitalismo transforma tudo em mercadoria. O gauchismo também virara mercadoria. Contra essa “indústria cultural” levantava-se Lauro Rodrigues, antigo leitor de Manuel Maria Barbosa du Bocage. O trocadilho sobre o incêndio dos “panos de trinta e cinco” tanto pode referir-se à “Revolução de 35” quanto ao “35 CTG”...

Quando verificamos que dois anos antes da primeira edição de “Senzala Branca” Paixão Côrtes e Barbosa Lessa publicaram “Suplemento Musical do Manual de Danças Gaúchas” e um ano antes (1956) davam a lume a primeira edição do próprio “Manual de Danças Gaúchas” entendemos o endereço da sátira de Lauro Rodrigues.

### Pelegueando

Bueno amigo, acabou-se  
o pampa de antigamente!  
E por me achar descontente  
com o tranco que a vida leva,  
aparto um verso maleva  
como piá de bodega  
e saio muito xobrega  
a provocar arruaça,  
em meio dessa chalaça  
que chamam de tradição...  
Venho do fundo do tempo  
das bocas que se arrolharam,  
quando, sem mais, incendiaram  
os panos de “trinta e cinco”,  
por isso acho engraçado  
olhar os tauras de agora  
vestindo bombacha e espora  
como mocinha de brinco...  
Mas não lhes tiro a valia

pois sempre tem serventia  
o rabo, a guampa e o casco,  
com que se atiça o braseiro,  
traz água para o saleiro  
e se borrifa o churrasco...  
Lamento que se embicando  
p'ra os rumos da pacholice,  
por vaidade ou gabolice,  
a tradição degenera,  
pois, no fervor da arruaça,  
vai o pago de raça  
viçando p'ras intempéries...  
As cantigas do passado  
têm novos donos que eu sei...  
E os índios enquadrilhados,  
num jeitolouvaminheiro,  
vão repontando mentiras,  
como senhores da grei...  
Mascates de antigas glórias,  
mercadejando as histórias  
que o pampa guardou p'ra si,  
vão, na ganância do gesto,  
passando cincha e cabresto  
na altiva Piratini...  
São frades sem catecismo,  
profetas de um neologismo  
na algaravia do drama;  
bastardos de uma epopéia  
lembram Simão da Judéia  
são divindades de lama...  
Franciscanos da cultura  
sobem do chão para a altura  
como os abutres odientos

que singrando as amplidões  
vão digerir podridões  
nos torvos papos nojentos...  
Velha estirpe legendária  
que a negra mão mercenária  
fantasiou na ribalta,  
no garimpo dos “guichets”  
e não entendo os “por quês”  
da exaltação dessa malta...  
E nessa subservência  
vai rastejando a querência  
de forma tão deprimente  
que obriga o estro do vate  
a provocar um combate  
de protesto permanente...  
Em meio aos dias sombrios,  
enxovalhada nos brios,  
por bailarinos plagiários,  
eu creio que a alma pampeana  
há de se erguer soberana  
ao som de rubras hosanas  
p’ra o teto de um relicário!  
Se a história é cousa divina  
não pode a mão assassina  
lhe mutilar a grandeza,  
por isso eu entro na liça  
pedindo ao Tempo, justiça;  
ao Júri, o dom da franqueza...

Em “Sensala Branca” a influência de Castro Alves é marcante, a começar pelo poema que abre o volume. As referências bíblicas, as apóstrofes, todas as figuras de retórica e linguagem características do grande condoreiro baiano. O próprio título é uma referência ao “Poeta dos Escravos”. Lauro Rodrigues se pretende a si mesmo exorcizar em versos a “senzala branca”, a escravidão capitalista.

## ALELUIA

Velho pampa lendário de outras eras,  
onde se erguem lúgubres taperas,  
tripudiando quais flâmulas de luto:  
nessas tardes de junho, ao sol poente,  
parece-me que sinto o que tu sentes  
quando o silêncio do teu campo escuto...

A brisa nas carquejas do varzedo,  
chorando, confessa que tens medo  
de enfrentar esta miséria atroz...  
E na tristeza sem fim dos corredores  
vibram hinos de brados e clamores  
contra as algemas da canalha algoz...

Mas não percebes, decrépito campeiro,  
que as rondas do abutre carniceiro,  
grasnam sobre ti funéreo agouro;  
que és o braço do "Gigante" que mendiga  
e "deitado em berço esplêndido" se obriga  
a pedir pão sob um dossel de ouro?...

Esquece as condições de teu presente!  
Larga o trôpego andar do indigente  
e relembra o que fostes em tempos idos...  
Deixa a tua lança, adormecida e quieta!  
A guerra é de doutrinas... Vem! Desperta  
que os dias de porvir serão vividos...

Pois, pressinto na fome de meu filho  
que um vulcão de revolta aclara o trilho  
por onde segue a procissão dos pais...

Desperta Rio Grande! Chama o Brasil  
antes que a voz da boca de um fuzil  
não lhe consinta despertar jamais...

Pobre Pátria de vinte e tantas zonas  
que tem no seu ventre o Amazonas  
e agoniza de fome nas cidades...  
Zôo de macacos galhofeiros,  
plagiando o viver dos estrangeiros  
desde o Batismo à Universidade...

Tenho pena de ti, - senzala branca! -  
dessa coletividade honesta e franca  
que de tanto esperar já desespera...  
Tuas vísceras são campos de imundícies,  
onde o vírus malsão das canalhices  
se robustece, cresce e prolifera...

Enquanto isso, cérebros raquíticos,  
– a sanguessugas de pântanos políticos! –  
fomentam leis que não trescalam nada...  
Mas não tarda que a aurora do futuro  
tinja de escarlata o céu escuro  
dos párias desta estância abandonada...

Nesse dia, meu pampa, os teus heróis,  
ostentando nas mãos raios de sóis  
e cavalgando fagulhas celestiais,  
virão beber na fúria dos motins,  
o sangue nutrido nos festins  
dos que colheram sem semear jamais...

E, então, o marco de uma nova era,



surgirá num ermo de tapera  
substituindo o pedestal de imbuia,  
para que o povo todo num só grito,  
possa bradar da Terra ao Infinito:  
ALELUIA!...ALELUIA!...ALELUIA!...

Esse estilo condoreiro continuará em sua última obra editada “A Canção das Águas Prisioneiras”, como no poema “A CANÇÃO DO TEMPO QUE NÃO VIRÁ”.

A CANÇÃO DO TEMPO QUE NÃO VIRÁ  
ao amigo J. A. B. Mendes Ribeiro  
Todas as bocas só podem versos  
como se de versos fosse todo eu feito...

A goteira do rancho; o menino sem livro;  
o chão sem semente; a boca sem rido;  
a rede sem peixe; o enfermo sem leito;  
o rancho com fome; o livro mais caro;  
a semente com dono; o riso com wiski;  
o peixe com preço; o leito com lã...

E então me perguntam por que faço versos  
que gemem de dor; que choram de ódio;  
que geram silêncios; que babam consciências;  
que abortam questões; que fundem idéias?  
E, a todos, eu digo que somos irmãos;  
que os versos que faço me vêm de seus olhos;  
de mães que amamentam, sem leite nos seios;  
de pais que derretem energias na luta;  
de meses contados com baixos salários;  
do brilho do esmalte de mãos femininas;  
da moeda que lembra os burgueses redondos;  
de todas as formas que deram ao Cristo...

Os versos que fiz caminham sozinhos  
e a mim já voltaram milhares de vezes em forma de voto...

Eu sou a tribuna da voz dos humildes;  
sou praga esaldando a grande mentira  
de todo o que colhe sem nada plantar...

Eu quero o Direito, a Verdade, o Amor!  
Eu quero arrancar do olhar da Justiça  
a venda que a impede de ver o que vejo...

Criação artificial, o tradicionalismo gaúcho, pouco a pouco foi sobrepondo o caricatural ao histórico. E as coisas não poderiam transcórrer de maneira diferente. Cada vez mais a população sul-rio-grandense urbanizou-se. As bases rurais do gauchismo foram abandonadas. O romantismo de gauchescos como Lauro Rodrigues perdeu lugar para a pantomima a que se prestam poemas que falam de tiros, facadas e mulheres raptadas. Temas estes que se prestam melhor às apresentações circenses nos concursos de declamação.

Os declamadores mambembes, crescidos longe da realidade rural, não encontram dramaticidade num poema em que é cantado o amor de um homem por seu cachorro perdigueiro, como vemos e sentimos no poema que transcrevo a seguir.

## TUPAN

Fidalga estirpe de nobre,  
meu velho cão perdigueiro,  
chegaste ao chão brasileiro  
no sangue de teus avós,  
ancestrais vindos da França  
te resguardaram na herança  
que derramou-se entre nós...

Quanta volta deu teu sangue  
até chegar à querência...  
O imenso rio da existência  
tem "miles" de tributários...  
Mestiço de boa cepa;  
por baixo branco de pombo;

pintas negras, sobre o lombo;  
focinho e cauda ordinários.  
Pouca estampa e muito faro  
te distinguiam dos outros;  
te assemelhavas aos potros,  
na destreza e na coragem...  
Em meio dos capinzais,  
cheirando o vento que zonzee,  
eras estátua de bronze  
sobre o verde da paisagem...

Tirei-te as baldas da infância  
sem nunca te repreender;  
aprendeste a obedecer  
ao silvo de um assovio.  
Meu bom irmão dos instintos,  
como nós nos completamos  
ao longo de tantos anos  
que a mocidade engoliu...  
A vida é campo dobrado  
em que a roseta domina!  
Por ele a Morte assassina  
sempre caça de tocaia...  
Não retornou ao Rio Grande  
o velho amigo fiel  
que o dente da cascavel  
aniquilou no Araguaia...

Seus restos jazem na terra  
da aridez do planalto,  
junto a um piquí, muito alto,  
em meio do cerradão.  
Ao lhes dar a sepultura

jurei, no último afago,  
que voltariam ao pago,  
comigo, no próprio chão.

Percebo um cheiro de morte  
nos meus cabelos tordilhos.  
Vão os dias andarilhos  
cumprindo o penoso afã,  
por isso, filhos, agora,  
eu vos suplico um aval:  
se o meu instante fatal  
me surpreender amanhã,  
cumpram, por mim, a promessa  
de arrancar do carrascal  
do rude Brasil Central  
os ossos do meu Tupan.  
Façam único sepulcro  
para nós, – a dois animais! –  
que nos campos sepulcrais  
das grotas do esquecimento,  
possamos junto, confiantes,  
como em pousos do passado,  
nos decompor, lado a lado,  
nesse eterno acampamento...

Lauro Pereira Rodrigues, como vimos, deixou um livro que foge à gauchesca, intitulado “A Ronda dos Sentimentos”. Transcrevo um dos sonetos, como prova do lirismo transbordante do poeta, que vai sendo injustamente esquecido.

#### PRENDA QUE SE DISSOLVE

Devolvo-te, querida, a tua imagem,  
– última sombra de meus ideais! –  
e embora o faça, inda ela é meu pajem,

não é preciso contemplá-la mais.

Guardo-a comigo na interior paisagem  
qual sol de outono em horas vesperais.  
E a nossa história – que feliz miragem! –  
conclui-se, agora, debulhada em ais!

E quem diria que esse amor que tanto  
nos fez sorrir, como sorriu-me outrora,  
agonizasse sufocado em pranto!

Termina a história, mas o amor não finda!  
Desta saudade que desponta agora  
novos romances nascerão ainda...

(Do livro em organização Poetas Gauchescos do Brasil)

Data : 16/08/2011

Título : Legalidade O Cinquentenário Esquecido

Categoria: Artigos

Descrição: O descaso com que a data está sendo tratada pelas autoridades constituídas, pelos sucedâneos políticos das lideranças envolvidas naquele movimento e pelos intelectuais passo-fundenses...

Legalidade: O Cinquentenário Esquecido

Paulo Monteiro

Em princípios de junho último fui procurado pelo jornalista Nilso Mariano, repórter especial do Jornal Zero Hora, solicitando que eu localizasse pessoas que viram passar por aqui o “Trem da Legalidade”, conduzindo tropas do 17º R.C. de Santiago. Dizia-me aquele

jornalista que os veteranos daquela campanha recordam com viva emoção a receptividade que encontraram em Passo Fundo. Não foi difícil encontrar testemunhas autênticas que recordam aquele evento. Da mesma forma, recolhi vasta documentação sobre o acontecimento.

O que me causou espanto foi o fato de que, às vésperas de comemorarmos os cinquenta anos da “Campanha da Legalidade”, iniciada no dia 25 de agosto de 1961, com a renúncia do presidente Jânio da Silva Quadros, e concluída no dia 6 de setembro daquele ano, com a posse do vice-presidente João Belchior Marques Goulart, na vaga do demissionário, tenhamos esquecido aquele fato histórico.

O descaso com que a data está sendo tratada pelas autoridades constituídas, pelos sucedâneos políticos das lideranças envolvidas naquele movimento e pelos intelectuais passo-fundenses é digno de vergonha. Vergonha – repito e não por mera coincidência repetindo com inicial maiúscula – porque estamos numa das cidades “mais cultas” do “Estado mais politizado do Brasil” – e também não por mera coincidência coloco essas expressões feitas, esses lugares comuns, entre aspas. Salvo a honrosa exceção da Câmara Municipal e uns poucos intelectuais como o jornalista Ivaldino Tasca e os historiadores Elenice Szatkoski, Ney Eduardo Possapp d’Avila e José Ernani Almeida, o resto é pura ignorância.

Passo Fundo foi um dos centros de resistência à tentativa de golpe a que no fundo se reduzia a renúncia de Jânio Quadros. A memória dos comandados do general Oromar Osório dão vida a essa verdade que jaz sob o pó dos arquivos.

Quando, na manhã de um domingo, 3 de setembro de 1961, sob aplausos da população, 1.200 homens, com forças de Cavalaria, artilharia, comunicações e de um hospital militar, em cinco marias-fumaça, chegam à Gare da Viação Férrea, ouviram muito mais do que os vivas, espocar de foguetes e sons marciais de uma banda de música. Sob a liderança de Irma Helena Salton, a elite feminina passo-fundense recebeu os combatentes. A imprensa da época registrou os nomes de Ivone Pacheco, Teresa Almeida, Suely Santos, Adelina Vargas, Neusa Castro, Jalila Assis e Estelita Maris Marcondes. Elas entregaram mais de mil pacotes com frutas, doces, sanduíches e toda a sorte de guloseimas, para deleite de oficiais e praças do Exército Brasileiro. Não agiram sozinhas. Centenas de outras mulheres e moças participaram da coleta dos donativos.

Transcrevo os nomes dessas coordenadoras: Flávia Menna Barreto, Maria Teresa Rache, Teresinha Amaral, Maria Quadros, Ezilda Santos, Ilda Amaral, Erbene Fachini, Rosa Santos, Olga Poletto, Alice Costi, Licínia Couto, Zamar Goron, Dinah Portela e Elda Castro. Ao todo, cerca de duas mil mulheres enganjam-se na “Campanha da Legalidade”. Daqui, mais uma composição ferroviária seguiu com os combatentes.

Pela madrugada, em ônibus “Pullmann”, caminhões, ônibus comuns e viaturas do Exército, tinham passado em direção a Vacaria, 2.500 homens pertencentes ao 6º R.A.M., de Cruz Alta. Jam para o que der e viesse, é o que se comprova porque seu comandante, um coronel, não revelou seu nome.

Nos quartéis do 2º Batalhão Policial (Brigada Militar) e 1/20º R.C. (Exército) nossos concidadãos formavam filas, alistando-se como voluntários. E eram organizados comitês pró-Legalidade nas vilas e bairros.

Quando o comando maior dessas forças chegou em Passo Fundo, no dia 6 de setembro, a Legalidade já triunfara. João Goulart tomara posse na Presidência da República. E os próceres militares desta parte do Estado puderam, comodamente, banquetear-se com a elite passo-fundense.

Data : 31/10/2010

Título : Lei e Rabulice

Categoria: Editoriais

Descrição: No início do mês, a advogada Maria Debastiani, defendendo uma candidata ao Conselho Tutelar de Passo Fundo...

### Lei e Rabulice

No início do mês, a advogada Maria Debastiani, defendendo uma candidata ao Conselho Tutelar de Passo Fundo, que se julgou preferida na seleção para concorrer aquele colegiado, propôs uma ação contra a aplicação de provas de conteúdo subjetivo durante o processo de escolha dos candidatos ao Conselho Tutelar. Isso faz com que a ação seja mais do que uma simples ação judicial. É muito mais do que isso.

Ao contestar a prova subjetiva aplicada aos candidatos está sendo enfrentada a rabulice legiferante instalada nas comissões eleitorais. Por ignorância – queira Deus , que por ignorância! – essas comissões tem usado regulamentos onde ficam estabelecidos critérios subjetivos para a escolha de candidatos. Esses critérios podem romper a impessoalidade das normas legais, favorecendo concorrentes identificados com aqueles grupos. Ora, isso é o império da vontade pessoal e subjetiva. O que não existe objetivamente é objetivo da psicologia, da parapsicologia e outras disciplinas, menos do Direito. E nós não vivemos num estado do invisível, mas sob o Estado de Direito.

A instituição dos conselhos, do ponto de vista democrático, é altamente salutar. O excesso, porém, pode ser prejudicial á vivência e á convivência democráticas. O abuso de medicamentos também mata.

Em Passo Fundo quantos conselhos temos? Qual a utilidade dessa proliferação de conselhos? Para que servem? A que interesses respondem e correspondem?

E isso é apenas uma parte da questão... Todos eles se arvoram em poderes com capacidades administrativas, legislativas e judicantes. Cresce a rabulagem. As decisões

conselheiras passam a adquirir foros de inquestionáveis, pois a vontade dos consiliabulos, por um direito divino ou satânico, é infalível.

Aprestadas como representativas de toda a sociedade, de toda a população, certas decisões parida por rábulas, nada mais significam do que a vontade de grupos são controlados por elementos que vivem do parasitismo, mamando na úbere gorda do erário pública.

A subjetividade que viceja nos códigos e regulamentos emanados da rabularia conselheirática pode ser tudo, menos a afirmação da Democracia e da Lei. Porque a Lei – como o sol – é para todos.

O Cidadão

15 a 31 /10/ 2001

Data : 20/10/2000

Título : Lembrando António Zoppi

Categoria: Resenhas

Descrição: Outro dia retirei de minha caixa postal um envelope remetido pela Família Zoppi, de Americana, Estado de São Paulo. Já imaginando uma notícia desagradável, abro...

Lembrando Antônio Zoppi

Paulo Monteiro

Outro dia retirei de minha caixa postal um envelope remetido pela Família Zoppi, de Americana, Estado de São Paulo. Já imaginando uma notícia desagradável, abro. Dentro, um texto enxuto datado de 3 de outubro, dizia:

"Paulo Monteiro

Recebi sua correspondência, só que, infelizmente, o Sr. António Zoppi faleceu no dia 20 de agosto.

Grato pela sua atenção, que sempre deu a ele.



Família do Sr. António Zoppi."

Conheço a obra de António Zoppi há muitos anos. Inicialmente pela leitura de "Meus Irmãos, os Trovadores" (Luiz Otávio, Casa Editora Vecchi Ltda., Rio de Janeiro. 1956); depois, através de seu livro "Cantigas de Sonhador" (Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1963), dentro da Coleção "Trovas e Trovadores", organizada por Aparício Fernandes e Zálkind Piatigórsky, outros deus poetas amigos meus já levados pela morte.

Zoppi, poeta com pouco mais de vinte anos, contribuiu com um punhado de trovas para a famosa "Coletânea" de Luiz Otávio. A primeira delas já segue um tema constante em sua obra. Ei-la:

Não corra. Nem tenha pressa.

Ande sempre devagar.

Tudo chega mais depressa

Se soubermos esperar.

O andar sempre foi o tema central de sua poética. Está presente até mesmo no título de seu último livro: "Reflexões do Caminho" (Edições Burity, Americana, 1997). Este volume traz um longo estudo, com antologia, dos demais livros do poeta: "Os Caminhos de António Zoppi", escrito por Walther José De Faé, outro poeta de Americana, presente em "Meus Irmãos, os Trovadores".

A preocupação filosófica foi uma constante nos poemas de António Zoppi. Na feliz síntese de Walther José De Faé, é definido como "poeta-filósofo". O ensaísta não se cansa ainda em salientar a "linguagem simples", o livre trânsito pelos mais variados temas, o domínio da técnica versificatória e a felicidade com que exercita o lirismo.

"Sem pressa", aplicado a si próprio o conselho dado na trova antológica, António Zoppi publicou uma dezena de livros e deixou muitos inéditos. Nós, os muitos admiradores de seu labor poético e de divulgador da cultura, anelamos que alguém assuma a responsabilidade de reunir essa obra.

Nascido no dia 30 de abril de 1931, em Americana, António Zoppi manteve-se fiel ao verso metrificado, publicando apenas um livro com versos livres, "Vale da Solidão", há exatamente vinte anos. Seu nome – com quase absoluta certeza – ficará fora das histórias da literatura brasileira, mas sem obras como a dele e de milhares e milhares de outros poetas, as letras pátrias não teriam história para ser escrita. Isto me faz lembrar um poema de Bertold Brecht homenageando os trabalhadores anônimos que construíram Tebas. E me conforta ao reler os versos de António Zoppi, como o soneto Anacronismo, publicado no livro "Ofício de Viver".

Anacronismo

Remeto o meu olhar feito uma seta

pela janela que a manhã invade.  
A Natureza amanheceu quieta,  
com o sol escondendo a claridade.

Medito na cidade irrequieta,  
que me espera com sua crueldade.  
Eu sou um anacrônico poeta,  
estranho na atual sociedade.

Depois que finda o dia, a noite desce.  
E quanto a luz do sol desaparece,  
debruço na janela e - nela - penso:

Esbanjei minha vida e meu futuro a escrever  
para um tempo injusto e duro,  
ao qual, por sentimento, não pertencço.

Do Jornal  
O Nacional  
Outubro de 2000

Data : 30/06/2006

Título : Lênin e os sem terras

Categoria: Artigos

Descrição: Estou de saco cheio - e há muito tempo - com filósofos, sociólogos, historiadores e outros quejandos mais que afirmam e reafirmam ser o movimento sem terra um movimento marxista-leninista

Lênin e os sem terras

por Paulo Monteiro (\*)

Estou de saco cheio - e há muito tempo - com filósofos, sociólogos, historiadores e outros quejandos mais que afirmam e reafirmam ser o movimento sem terra um movimento marxista-leninista. Essas "autoridades" nunca leram Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Ilitch Ulianov (Lênin) ou leram e não entenderam ou são uns imbecis, ou o que é pior, são mal-intencionados.

Afirmar que a luta para que a chamada economia familiar - a propriedade de pequenos tratos de terras seja à base de uma economia no campo - é coisa de comunista raia a imbecilidade. Marx, Engels, Lênin e todos os comunistas sempre defenderam o fim da propriedade privada dos meios de produção, no campo e na cidade.

No artigo intitulado O PARTIDO OPERÁRIO E O CAMPESINATO. 1 redigido em 1901, vejamos que Lênin escrevia: "Os pequenos camponeses só podem sacudir o jugo do capital associando-se ao movimento operário, ajudando-o na sua luta pelo regime socialista, pela transformação da terra, assim como dos outros meios de produção (manufaturas, fábricas, máquinas, etc), em propriedade social. Querer salvar o campesinato defendendo a pequena exploração e a pequena propriedade contra a escalada do capitalismo seria retardar inutilmente a evolução social, enganar o camponês fazendo-o acreditar na possibilidade de um bem-estar em regime capitalista, dividir as classes trabalhadoras assegurando a uma minoria uma situação privilegiada à custa da maioria. Eis porque os socialdemocratas combaterão sempre instituições absurdas como a inalienabilidade dos lotes camponeses, a caução solidária, a interdição de deixar livremente a comuna camponesa e de admitir ai livremente indivíduos não importa de que categoria social! " Analisando a tática a ser empregada no campo Lênin era meridianamente claro: "Cometeríamos um erro se nos puséssemos a defender medidas susceptíveis de entravar a evolução social ou de proteger artificialmente o pequeno campesinato contra a escalada do capitalismo, o desenvolvimento da grande produção: mas seria um erro ainda mais desastroso não saber tirar proveito do movimento operário para difundir entre os camponeses as reivindicações democráticas que não foram satisfeitas pela reforma de 19 de Fevereiro de 1861, a qual foi falseada pelos grandes agrários e funcionários. O nosso partido deve retomar essas reivindicações, se quiser ler atrás de si todo o povo na luta contra a autocracia ". Lênin refere-se à reforma agrária oficial, promulgada em 1861, que serviu apenas como válvula de escape para as tensões no campo e, ao fim, piorou a situação dos camponeses.

Lênin defendia que "iodos os elementos combativos do partido devem militar nas cidades nos centros fabris, que só o proletariado industrial é capaz de lutar resolutamente e em massa contra autocracia, que só esse proletariado é capaz de utilizar meios de luta tais como uma manifestação pública ou a elaboração de um jornal político popular publicado com regularidade e largamente difundido". Trata-se de uma tática oposta á praticada pelos "comunistas" do PCBR (Partido Cartunista Brasileiro Revolucionário) e seu "movimento social". O MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terras), que, há poucos dias, ganhou notoriedade ao "invadir e depredar" a Câmara Federal.

O autor de "Um Passo Adiante Dois Passos Atrás", na sequência esclarece seu entendimento sobre a ação dos comunistas no meio rural: "Não é para chamar da cidade

e enviar para as aldeias os social-de moer atas convictos, nem para os prender ao campo, que devemos fazer figurar no nosso programa as reivindicações camponesas, não, é para dar um plano de ação às forças que não podem ser utilizadas noutra parte senão no campo, para fazer servir a causa da democracia e da luta política pela liberdade as ligações que mantém necessariamente com o campo um grande número de intelectuais e operários afetos á social democracia e que aumentam necessariamente à medida que o próprio movimento ganha amplitude”. E conclui seu artigo nos seguintes termos: "As pessoas do campo que vêm à cidade já observam com interesse e curiosidade a lula. para elas incompreensível, que travam os operários e espalham a noticia dela pelos mais recuados recantos. Podemos e devemos fazer de modo que esta curiosidade de espectadores passivos ceda o lugar, se não a uma compreensão total, pelo menos à consciência mesmo confusa de que os operários lutam pelos Interesses de lodo o povo e dê lugar a uma simpatia cada vez maior pela sua luta. Então, o dia da vitória do partido operário revolucionário sobre o governo policial aproximar se á com uma rapidez que nos surpreenderá”.

Nestes cento e cinco anos, que medeiaram entre a publicação de "O PARTIDO OPERÁRIO E O CAMPESINATO" e os dias de hoje, o mundo mudou radicalmente A autocracia russa caiu, substituída pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que não existe mais, a "classe operária" é muito diferente, o modo capitalista de produção sofreu alterações profundas e o nível de informações, em todas as classes sociais, está democratizado. A base do "regime": a propriedade privada dos meios de produção por uma minoria de capitalistas - como Lênin costumava repetir- se aprofundou, de maneira mais hipócrita, sobre a grande maioria da humanidade.

O mundo de 1901 era majoritariamente rural. Hoje é cada vez mais urbanizado. “O capitalismo avançou sobre o campo, aprofundando uma atuação que o mesmo Lênin resumiria em 1903 no folheio “AOS CAMPONESES POBRES”: O dinheiro tornou-se toda a parle, nos nossos dias a força principal”.

Lênin condenava as "medidas susceptíveis de entravar a evolução social ou de proteger artificialmente o pequeno campesinato contra a escalada do capitalismo, o desenvolvimento da grande produção", com vimos em citação anterior. Ora, condenava, justamente o que "comunistas" do PCBR et caterva defendem. Eles não tem nada de marxista-leninista. Eles são antimarxistas. Eles estão mais atrasados do que Voltaire que escrevendo o seu Dicionário Filosófico, em 1764, no vocábulo Propriedade, defendia que os camponeses tivessem "terras próprias" porque eles "Serão livres para vender seu trabalho a quem quiser pagá-los melhor".

Voltaire era um homem do seu tempo, precursor da Revolução Francesa, inimigo do feudalismo, defensor do capitalismo e da conseqüente "liberdade dos camponeses venderem sua força de trabalho para "quem quiser pagá-los melhor". Muito mais revolucionário do que nossos "comunistas revolucionários", " libertadores dos sem terras" E infinitamente muito mais honesto do que nossos "liberais", que veem marxismo-leninismo nas propostas de reforma agrária.

Os verdadeiros “marxista-leninistas” defendem um tipo de reforma agrária muito diferente da que é proposta pela maioria dos “movimentos sociais” brasileiros. E os “liberais brasileiros”, se fossem realmente liberais, já tenham permitido que os camponeses possuíssem “terras próprias”. Se, no Brasil, certos tipos se confundem é porque fazem

parte da mesma classe social que já foi chamada de “a prostituta da História””. E são bons filhos.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha

30 de Junho de 2006

Data : 05/03/2015

Título : Leone Mendes da Silva: o monstro de todos nós

Categoria: Crônicas

Descrição: Domingo bombou na Internet a imagem de um rapaz, moreno, forte, erguendo como troféu um cano de ferro ensanguentado.

Domingo bombou na Internet a imagem de um rapaz, moreno, forte, erguendo como troféu um cano de ferro ensanguentado. “Monstro” era o substantivo mais usado para identificá-lo. A imagem era compartilhada com o pedido para que outros o fizessem e assim as autoridades identificassem o energúmeno.

É claro que não participei dessa panfletagem eletrônica. O tipo humano ali exposto, mesmo com os olhos fixos de maluco, me convencia de que estava diante de um desgraçado.

Agora, ao as notícias nos jornais do Rio de Janeiro, me convenço de que agi certo.

Leone Mendes da Silva, de 23 anos, era um cidadão pacato, residente num subúrbio de Nova Iguaçu. Um barbeiro que sustenta a mãe doente. Tocava saxofone na igreja evangélica do bairro. A única diferença notava-se no fanatismo com que torcia pelo Vasco da Gama, fanatismo que cresceu à medida que se afastou da igreja.

Cansou de esperar pelas promessas de prosperidade material, de pelejar contra o diabo e vê-lo em cada esquina, em cada parlamento, em cada repartição pública e até nos púlpitos das igrejas. Mudou o fanatismo. Trocou o “Glória a Deus!” pelo “Glória ao Vascão!”.

Trocou a graça de Deus pela desgraça do Vasco. E se desgraçou.

Leone Mendes da Silva é um fanático vulgar. A exemplo de outros fanáticos. Leone Mendes da Silva é mais um energúmeno cuja consciência acabou desintegrada pelo fanatismo.

Contra ele pesam duas acusações gravíssimas: a conta bancária e a cor da pele. Ao contrário de outros fanáticos, brancos e com uma substanciosa conta bancária.

O fanatismo tem disso: iguala a todos, a todos transforma em energúmenos. Professores, catedráticos, respeitáveis pais de família, digníssimas mães e avós, de uma para a outra, armam-se do que encontram ao alcance das mãos para cometerem suas monstrosidades.

Leone Mendes da Silva, filho de dona Cleuza Mendes da Silva, jamais me preocupou. Está preso e será exemplarmente punido. Preocupam os outros Leones. Em alguns deles já meti uma barra de ferro na cabeça, quer dizer, desfiz a amizade no Facebook.

E Você? Está fazendo o quê?

Data : 23/07/2001

Título : Lição de Cidadania

Categoria: Editoriais

Descrição: Seria interessante que os administradores públicos, os partidos e seus militantes aprendessem com estes dois resultados recentes da manifestação popular.

Lição de Cidadania

Paulo Monteiro

A realização das eleições unificadas para diretorias e conselhos fiscais das associações de moradores, realizadas no domingo passado, foi a comprovação da maioria assumidas pelo movimento comunitário passo-fundense.

A participação foi superior a 14 mil pessoas, numa eleição que não era obrigatória, sem candidatos oferecendo empregos, sacolas econômicas e outras benesses geralmente garantidas ou prometidas durante disputas de cargos públicos.

O envolvimento voluntário de vereadores, trabalhando como fiscais, exercendo funções de representantes da Comissão Eleitoral da União das Associações de Moradores de Passo Fundo, e as repercussões do pleito na Câmara Municipal, mostram o reconhecimento aos comunitaristas do Município.

Esse processo exitoso aumenta a responsabilidade dos dirigentes da UAMPAF que, nos seus 15 anos de existência, muito contribuiu para a melhoria das condições de vida de nossa população.

Se os moradores da Vila Ricci e bairros adjacentes não sofrem mais com a poluição eólica provocada pelo CIPLAME, se os moradores da Beira-Trilhos ainda não foram despejados pela Rede Ferroviária, se a Vila Alvorada existe, se a qualidade do transporte coletivo urbano é aceitável, se Passo Fundo tem uma política habitacional, se existem postos policiais militares, e tantas outras conquistas comunitárias, é porque a União das Associações de Moradores de Passo Fundo levantou essas propostas e fez com que se tornassem realidades.

O resultado das eleições, nas vilas, comprova o nível de independência alcançado pelo movimento comunitário passo-fundense. Essa independência já tinha sido demonstrada durante a escolha da Diretoria Executiva da União. Ameaças de demissão ou propostas de empregos públicos não foram suficientes para curvar o movimento. Agora, essa independência se manifesta com a derrota dos falsos líderes. Ameaças e promessas continuam não surtindo efeito para os que as praticam.

Seria interessante que os administradores públicos, os partidos e seus militantes aprendessem com estes dois resultados recentes da manifestação popular. O povo passo-fundense não é mais o mesmo, não se assusta com barulho de cesto, nem se vende por um prato de lentilhas.

Do Jornal

O Cidadão

23 de Julho de 2001

Data : 06/06/2014

Título : Lili Leitão

Categoria: Resenhas

Descrição: Lili Leitão é o nome literário pelo qual ficou conhecido o poeta niteroiense Luiz Gondim Leitão, nascido em 25 de janeiro de 1890 e falecido no dia 14 de junho de 1936.

Lili Leitão é o nome literário pelo qual ficou conhecido o poeta niteroiense Luiz Gondim Leitão, nascido em 25 de janeiro de 1890 e falecido no dia 14 de junho de 1936. Foi jornalista e funcionário municipal em sua cidade, aonde chegou a editar um curioso jornal carnavalesco intitulado "O Almofadinha".

Participou da roda literária do Café Paris, ao lado de outros poetas como Nestor Tangerini, Anísio Monteiro, Luis Pistarini, Mazini Rubano, Armando Gonçalves, Olavo Bastos, Benjamin Costa e René Descartes de Medeiros, hoje praticamente esquecidos, pois ficaram fora do cânone literário do próprio Estado do Rio de Janeiro.

Segundo o pesquisador Luis Antônio Pimentel Lili Leitão realizou estudos preparatórios para cursar uma das faculdades do Rio de Janeiro, o que não conseguiu fazer. Começou a divulgar seus trabalhos em diversos periódicos. Em 1911 começou a trabalhar na Prefeitura Municipal de Niterói, onde se aposentou por invalidez, em 4 de abril de 1936. Faleceria tuberculoso pouco mais de dois meses depois de aposentado.

Como todos os poetas satíricos e humorísticos foi um perdulário. Escreveu e improvisou muitos poemas, mas poucos chegaram até nossos dias. Em vida publico apenas três livros. O primeiro deles intitulado "Sonetos", pela livraria Jacintho Silva, no ano de 1913, em parceria com o poeta Sylvio Figueiredo. Em 1926 publicou uma plaqueta, sob o título de "Vida apertada", com 32 sonetos humorísticos, pela Casa Capanema. Este livro saiu, recentemente, em segunda edição pela Nitpress. Editou, ainda, o livro "Comida Brava", com "sonetos pornográficos", em edição limitadíssima, segundo testemunhos sérios.

Como todos os poetas satíricos e humorísticos a obra de Lili Leitão é uma obra de circunstância. Ao contrário dos demais gêneros poéticos, que procuram transformar o particular em universal, a poesia satírica e a poesia humorística transformam o universal em particular, ao concentrarem o ridículo e o grotesco de todas as coisas e pessoas em uma única coisa o pessoa. Essa inversão lógica da Arte Poética é que torna os poetas satíricos e humorísticos, via de regra, condenados à efemeridade e contribui, também, para que os poetas da Belle Époque, em geral, e do grupo niteroiense do Café Paris, em particular, obtivessem difícil recepção no cânone literário do seu tempo.

No caso dos poetas do Café Paris outros fatores podem ter contribuído para que não fossem inseridos entre os mais reconhecidos poetas do seu Estado. A começar por um boicote praticado contra eles pela chamada "grande crítica" brasileira, que se concentrava na então Capital da República. E no centro desse isolamento estariam, com certeza, a disputa por empregos públicos e a carteira de anúncios, visto que todos, nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói, eram jornalistas.

Transcrevo do exemplar de "Vida Apertada [Sonetos]", com que gentilmente me presenteou o amigo Nelson Tangerini, alguns sonetos de Lili Leitão.



Eu

Luiz Leitão

Nasci em Niterói, lugar ordeiro,  
Terra de Araribóia, santa e benta,  
No dia vinte e cinco de janeiro  
Do ano mil oitocentos e noventa.

Não sou moço, pois vou para o quarenta;  
Também não sou nenhum velho cangueiro.  
Vivo da pena, minha ferramenta:  
Sou poeta, burocrata e "revisteiro".

Rabichos, tive um só, pela Chiquinha;  
Dinheiro, tenho visto uma porção,  
Na algibeira dos outros, não na minha.

E, assim, lutando, sem tombar de borco,  
Hei de ser sempre o mesmo Luiz Leitão,  
Leitão que nunca há de chegar a porco...

TREZE

Luiz Leitão

O treze é um caso sério, meus senhores!  
É o grande "peso" da população:  
O maior malfeitor dos malfeitores,  
A "urucubaca" da numeração.

Para mais aumentar os seus horrores,  
Pragueja esta infernal superstição:  
Da mesa, a que houver treze comedores,  
O mais "pesado" vai para o caixão...

Morre... De fato, foi o que se deu  
Numa ceia supimpa, colossal,  
Em que champanha "à beça" se bebeu.

Éramos treze ao todo, a conta feita;  
Doze, porém, raspam-se, e, afinal,  
O "pesado" fui eu - "morri" na ceia...

O exemplar, que Nelson Tangerini me enviou, veio acompanhado de uma segunda parte ou volume sob o título de "SONETOS SATÍRICOS", onde constam outras sátiras de Lili Leitão, com esta:

NÃO

Luiz Leitão

Desde que ao mundo fui arremessado  
Meu destino é igual de Sul a Norte;  
Um "Não", somente um "Não" tenho encontrado,  
"Não" no amor, "Não" na gaita, "Não" na sorte.

E assim venho vivendo amargurado,  
Maldizendo a vida e bendizendo a morte;  
Nascer foi das asneiras a mais forte  
Que involuntariamente hei praticado.

Entretanto, esse "Não" que não me deixa,  
Essa constante e eterna negativa,  
A direta razão da minha queixa,

Esse "Não" que da mente não me sai,  
É consequência de uma afirmativa,  
De um "Sim" que minha mãe deu a meu pai.

É bom lembrar que, ao fim e o cabo, Lili Leitão e seus demais companheiros do Café Paris se inseriam perfeitamente na escola dominante da época: o Parnasianismo. E, para ser mais preciso, no chamado Neoparnasianismo. E mais: não eram melhores nem piores, se é que se pode empregar algum tipo de juízo de valor para a obra de arte do que os seus contemporâneos, que sobreviveram para os compêndios e manuais de história literária.

Data : 01/01/2010

Título : Linguagem, Escritura e Luta de Classes

Categoria: Resenhas

Descrição: O primata manteve-se e mantém-se como parte do mundo natural.

Notas para uma discussão\*

O primata manteve-se e mantém-se como parte do mundo natural. O hominídeo construiu-se separando-se de uma natureza que dominou crescentemente ao tomar consciência de sua participação-oposição a ela. A linguagem verbal constituiu e constitui um momento necessário desse processo de tomada de consciência dos fenômenos materiais e imateriais. Nos fatos, a consciência constrói-se através da linguagem.

Em A ideologia alemã, Marx e Engels lembravam: “A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens, que existe, portanto, também, primeiro, para mim mesmo e, exatamente como consciência, a linguagem só aparece com a carência, com a necessidade dos intercâmbios entre os homens.”[1]

Nos primórdios da evolução humana, é provável que se tenha estabelecido profunda fusão entre o objeto representado e sua representação verbal, que tendia a confundir o ato de nomenclatura com o de criação, processo no qual se apoiou o próprio sentido mágico do ato de fala. Na Idade Média, blasfêmia e maldição eram punidas porque se acreditava no poder de evocação da palavra. Ainda hoje, nos negamos a verbalizar acontecimento negativo de grande tensão afetiva – acidente, morte de ente querido, etc. Essa confusão entre a palavra e seu referente ou entre a verbalização e o acontecimento tem base objetiva já que a nomenclatura evoca-materializa na consciência o objeto ou o fenômeno verbalizado. [2]

Mundo e representação

A consciência do mundo é uma aproximação-apropriação do mundo; não é o próprio mundo. Expressão da consciência, a linguagem é representação conceptual, relativamente compartilhada pelos membros de uma comunidade falante. A linguagem verbal é nomenclatura mais ou menos fiel do mundo, sem que jamais haja identificação essencial entre uma e outro. O conceito é sempre menos rico do que o objeto conceitualizado.

Fundamentalmente social, o processo de humanização realizou-se e realiza-se no contexto de comunidades atravessadas por oposições de sexo, geração, classe, etc. Essas situações-oposições diversas e contraditórias determinam consciências diversas e contraditórias sobre o mundo e, portanto, manifestações verbais díspares sobre ele. Não se pensa o mundo e não se fala dele do mesmo modo em um palácio e em uma choupana.

"A cada época histórica – lembra o lingüista soviético Mikhail Bakhtine – da vida ideológica e verbal, cada geração, em cada uma de suas camadas sociais, possui sua linguagem; além disso, substancialmente, cada grupo etário tem seu 'falar', seu vocabulário, seu sistema prosódico que, por sua vez, variam segundo a classe social, o estabelecimento escolar e outros fatores de estratificação." [3] Em forma mais ou menos direta, os valores e as visões de mundo dos grupos locutores, determinados social e historicamente, determinam a sua língua.

### A língua dominante

A luta entre segmentos sociais expressa-se também na luta consciente e inconsciente entre as diversas, diferentes e contraditórias materializações lingüísticas de suas diferentes visões de mundo. A dominação de classe dá-se e consolida-se através da dominação de linguagem. Em uma sociedade dada, a linguagem dominante tende a ser a linguagem da classe dominante. A hegemonia de uma classe impõe-se igualmente através da hegemonia de sua linguagem.

A revolução tecnológica da escrita deu-se também no contexto das oposições de classe. A representação gráfica facilitou e facilita o aprofundamento da subalternização dos segmentos sociais explorados ágrafos através da universalização das línguas e das visões de mundo das classes exploradoras, senhoras da arte de escrever e difundir e universalizar o que escreve.

O domínio de classe dá-se através de diversos níveis lingüísticos. Em uma mesma comunidade falante, a definição, legitimação e gramaticalização de uma variedade lingüística como padrão, considerado superior e único correto, em oposição a variedades não padrão, vistas como inferiores e incorretas, constitui extensão-consolidação da depressão social e política das classes subalternizadas, através da repressão de sua linguagem. Reprimindo-se as formas de expressão lingüística das classes subalternizadas, reprime-se suas formações discursivas e, portanto, suas visões de mundo.

### A língua do poder

A partir do século 19, a escrita tornou-se importante veículo da imposição lingüística, ao ampliar seu campo de ação através do jornalismo e da literatura de massa, permitidos pela alfabetização crescente das populações subalternizadas, imposta pela própria necessidade de um maior nível cultural das classes trabalhadoras, determinada pela Revolução Industrial. Nas últimas décadas, a mídia áudio-visual tem contribuído em forma crescente a esse fenômeno.

Apesar de seu profundo sentido libertador, a legitimação pela literatura operária e revolucionária – jornais, revistas, boletins, literatura ficcional, etc. – de algumas variações populares da língua nacional – fonética, morfológica, sintática – constitui prática complexa jamais discutida e jamais tentada sistematicamente no Brasil.

No Brasil, continua-se discriminando em forma sistemática, até mesmo na própria escola, variantes fonéticas não-padrão próprias das classes subalternizadas. Por exemplo, entre outros:

- redução dos ditongos [ou] e [ei]: otro por outro; peixe por peixe;
- vocalização das línguo-palatais [lh]: trabaiá por trabalhar; muié por mulher;
- troca do [v] pelo [b]: bassora por vassoura;
- troca do [l] pelo [r]: bicicleta por bicicleta; pobrema por problema;
- assimilação de unidades lingüísticas pela presença de outras unidades: ansim por assim; minina por menina;
- perda do [r] final, sobretudo nos infinitivos: andá, dotô, etc.;
- facilitação da transição articulação aberta-fechada: nós por nós; mais por mas.

### Enrolando a língua

No mesmo sentido, os aparatos culturais institucionalizados – escola, universidade, gramáticas, mídia, etc. – discriminam igualmente sotaques de grupos étnicos ou de regiões socialmente não prestigiosos. Por exemplo, os sotaques caipira e ítalo-gaúcho – caro por carro; revoluçón por revolução – são mal vistos e reprimidos, enquanto o chiado carioca é valorizado por ser originário de uma metrópole e ex-capital.

Praticadas comumente pela maioria da população nacional, muitas das variantes recém assinaladas obedecem a tendências fonéticas universais, constituindo fenômenos lingüísticos progressistas em relação às formas tradicionais e conservadoras definidas como padrão e apresentadas como as únicas corretas.

São também discriminadas variantes morfológicas apresentadas como menos pertinentes na descrição dos fenômenos. Por exemplo, execram-se conjugações populares: andemo por andamos ou a simplificação da flexão dos verbos: eu fui, tu foi, ele foi, nós foi, eles foi. Essas flexões verbais populares não determinam redução da pertinência comunicativa. Em geral, constituem economia e simplificação verbal progressista, conhecida e legitimada em outras línguas, como, por exemplo, no inglês.

Nada de economia!

Abomina-se igualmente, apesar de seu uso generalizado em todas as camadas sociais, a economia da flexão de número: as casa, por as casas; dois real, por dois reais; os home, por os homens. Essa queda da flexão de número surge de economia de esforço provocada pela redundância das duas marcas de plural, a primeira no artigo, a segunda no nome. No francês, essa simplificação é norma na língua falada há várias centenas de anos, apesar da marca de plural se manter na escrita.

Formas sintáticas populares incorporadas plenamente na língua falada, mesmo pelas pessoas consideradas cultas, continuam sendo execradas na escrita: me dá, por dá-me; lhe darei, por dar-lhe-ei; levantei cedo, por levantei-me cedo; vou pro Japão, por vou para o Japão, vou no banheiro, por vou ao banheiro, para mim fazer, no lugar de para eu fazer, etc. Essas formas de discriminação dão-se através da execração arbitrária de variantes formais, às quais não correspondem necessariamente variações de sentido. Portanto, devem-se apenas a um autoritarismo lingüístico. Essas variantes lingüísticas são e podem ser vetores de expressão estética, popular ou erudita.

Em *O português do Brasil: origens, evolução, tendências*, o gramático Renato Mendonça elogia, em forma ambígua, a canção popular "De papo pro ar", que apresenta como "hino tropical da preguiça", produzido por um "caboclo ou jeca-tatu" qualquer, devido à lei "do menor esforço a que o clima predispõe e a displicência ajuda".[4]

Quando no terreiro

Faz noite de luá

E vem a saudade

Me atormentá,

Eu me vingo dela

Tocando viola

De papo pro á.

#### A opressão da palavra

Quase sete décadas após a publicação de *O português do Brasil*, a prova do tempo manteve a tensão expressiva da modinha popular, num registro indiscutível de sua força. No entanto, essa força não impede o prosseguimento da discriminação lingüística que deprime as classes populares através da depressão da sua criatividade-expressão lingüística.

A legitimação das variantes lingüísticas populares pela mídia operária e socialista é um dos possíveis caminhos para impor sua dicionarização e gramaticalização, ao lado das formas comunicacionais das elites, acabando com o monopólio de fato e de direito dessas últimas.

O reconhecimento de uma diversidade-multiplicidade lingüística, dentro de um mesmo código lingüístico, enriquece e não dificulta a prática de uma língua. Em verdade, inúmeros idiomas, como o italiano, garantem cidadania lingüística às diversas formas da língua oficial e às variações de origem dialetal.

#### A palavra nunca é neutra

A luta de classes na linguagem dá-se sobretudo em nível de conteúdo das palavras e dos discursos. Isto porquê, como vimos, as categorias da língua surgem mais ou menos determinadas pelas contradições que regem o mundo social, ainda que essas determinações se dêem em formas sutis. A proposta de uma linguagem neutra, própria a toda a comunidade, viabiliza a imposição permanente de conteúdos das classes exploradoras aos segmentos subalternizadas, por sobre seus interesses.

A palavra nunca é neutra. Sobretudo na descrição do mundo social, ela constitui uma representação da realidade determinada por uma percepção do mundo que adere, mais ou menos, a ela, fundamentando assim sua função referencial. A referência pelo gênero



masculino aos seres dos sexos masculino e feminino foi produto de sociedade patriarcal do passado que reforça no presente a discriminação-opressão da mulher.[5]

Sobretudo as palavras-chaves, pertencentes a campos semânticos referentes às relações sociais, plasmaram-se em contextos de classe, permanecendo prenes dos conteúdos de dominação. No processo de socialização, elas assumiram caráter aparentemente neutro apesar de manterem mais ou menos seus sentidos genéticos partidários.

### Língua e história

Mikhail Bakhtine assinala: "Cada palavra remete a um ou a diversos contextos, nos quais ela viveu sua existência socialmente subentendida. Todas as palavras, todas as formas, estão povoadas de intenções." E lembra, em forma ainda mais precisa: "[...] a palavra do outro deixa de ser uma informação, uma indicação, uma regra, um modelo, etc., ela procura definir as bases mesmas de nosso comportamento e de nossa atitude em relação ao mundo [...]." [6]

É quase inevitável que novos conteúdos surjam, originalmente, em grande parte dependentes das formas próprias às essências que superam. Porém, um novo conteúdo assume plenamente sua riqueza apenas quando constrói-encontra a forma que lhe corresponde. Na luta pela libertação social, não importa apenas o que se diz, e, portanto, o que se escreve, como também o como se diz e o como se escreve.

A preocupação permanente com a construção de uma criativa relação forma-conteúdo constitui, na comunicação social, condição para um constante questionamento profundo dos sentidos veiculados, dissolvendo assim tendencialmente os pré-conteúdos e pré-conceitos determinados pela incapacidade de penetrar a aparência, destruir a tradição, combater a inércia.

### Linguagem justificadora

O enunciado "as principais classes no passado foram o senhor e o escravo" descreve fenômeno histórico correto. Porém, a palavra senhor possui sentido de homem velho, naturalmente detentor de autoridade, e a categoria escravo, de origem aristotélica, enseja a idéia de natureza humana servil. Esse enunciado possui uma conotação justificadora, determinada pelo uso de categorias plasmadas pela sociedade escravista para descrever realidades propostas como naturais.

O caráter apaziguador dessa enunciação deixa de existir quando ela é apresentada através de categorias diversas, que circunscrevem o conteúdo que se pretende enunciar

com as formas lingüísticas que lhes correspondem. O enunciado "as classes principais no passado brasileiro foram o escravizador e o trabalhador escravizado" enfatiza o ato social da escravização, realizado pelo escravizador, e a verdadeira essência do escravo, ou seja, o fato que ele foi um trabalhador escravizado, isto é um ser reduzido à escravidão pelo escravizador, que se apropriou do produto de sua força de trabalho.

O enunciado "as classes dominantes exploram as classes subalternas", ainda que se proponha a descrever opressão de classe, propõe sub-repticiamente natureza degradada a classes que, em verdade, não são subalternas, inferiores, mas "subalternizadas", ou seja, inferiorizadas. Nesse e em outros casos, o uso do particípio passado explicita a ação social de uma classe sobre outra, escamoteado pelo adjetivo – "subalterno".

### África sem negros

"Os colonizadores massacraram os índios do litoral" não reflete a tensão histórica já que a categoria índio, criada pelo colonizador, sugere um ser da floresta, indefinido, arcaico e pré-moderno. A oração aproxima-se do conteúdo proposto com nova formulação: "Os colonizadores massacraram as comunidades americanas do litoral". Ou, "os colonizadores massacraram as comunidades tupinambás do litoral". No mesmo sentido, não há identidade semântica perfeita entre a mulher "prostituta" e a mulher "prostituída"; o homem "escravo" e o homem "escravizado"; o "escravista" e o "escravizador"; etc.

Por falta de reflexão, utiliza-se normalmente formas verbais prenes de conteúdos de classe. Eugene Genovese, em Economia política da escravidão, trabalho de inspiração materialista de sentido germinal, publicado em inícios dos anos 1960, escrevia: "É provável que a maior parte dos negros importados na América do Norte fosse originária da África Ocidental." [7]

Na África da época, não havia negros – categoria talhada pelos negreiros, prene de conteúdo racista –, mas africanas e africanos transferidos – e não importados, já que não eram mercadorias, ainda que fossem tratados como tal – em forma forçada, porque eram trabalhadores produtores de bens sociais. A seguinte oração circunscreve em forma mais precisa o conteúdo proposto por Genovese, mas fundido em linguagem tributária do negreiro criticado pertinentemente: "É provável que a maior parte dos trabalhadores africanos introduzidos forçadamente na América do Norte fosse originária da África Ocidental".

### A linguagem canalha

Ontem como hoje, manipula-se também conscientemente a linguagem para universalizar conteúdos de dominação-alienação e criar consenso para as idéias-programas das

classes exploradoras. No Império, a autoridade discricionária de Pedro I foi definida, quando imperava sua ditadura pessoal, como poder "moderador". Hoje, a destruição de direitos trabalhistas adquiridos é apresentada como "reforma da legislação" e "flexibilização das leis" trabalhistas. A resistência armada popular e nacional armada é definida como "terrorismo".

Nos jornais televisivos de todo o mundo, abrandam-se o impacto dos crimes do sionismo propondo que palestinos "morrem" – e não são mortos – durante confrontos com as tropas israelenses. No mesmo sentido, o uso da forma passiva escamoteia o agente, transferindo parcialmente a responsabilidade do ocorrido para o paciente: "Sindicalista foi morto ontem"; "Jovem foi violentada durante a noite de sábado".

Chamar o resistente iraquiano de "terrorista", "guerrilheiro" ou "patriota" já determina sua avaliação. A definição dos exércitos anglo-americanos como forças de "ocupação" ou "estrangeiras" – e não como "imperialista" ou "invasoras" – provoca neutralização e justificação, nem que seja parcial, da própria ocupação.

Bom exemplo

Exemplo excelente é de jornalista que, apesar um posicionamento e de um discurso aparentemente oposto à invasão do Iraque pelo eixo USA-Reino Unido, termina defendendo parcialmente a ação imperialista em II Manifesto, diário italiano de esquerda que porta ainda o dístico "quotidiano comunista". A jornalista refere-se ao colaborador do imperialismo como iraquiano e às tropas invasoras como estrangeiras.

Num país que conheceu a invasão e a colaboração com o nazismo, o citado jornalista propõe, ao falar do ataque aos colaboradores iraquianos armados que servem ao imperialismo anglo-estadunidenses: "Nas últimas semanas, o número de vítimas iraquianas supera pesadamente as das tropas estrangeiras. [...] E os ataques contra os ocupantes diminuem enquanto os contra os iraquianos aumentam." [Iraque sem saída. 12.2.2004]

O sentido de uma categoria pode ser invertido ou manipulado através do uso de aspas. No mesmo artigo, a jornalista serve-se desse recurso para neutralizar-desqualificar o sacrifício da vida de combatente anti-imperialista: "Todas as outras 'ações de martírio' golpearam a Onu, a Cruz Vermelha [...]."

Exército colonial

A imprensa de classe usa igualmente eufemismos para contornar categorias suscetíveis de desvelar o caráter essencial de uma ação. A mesma jornalista escreve, no mesmo diário e data: "[...] um kamikaze [...] se fez saltar no ar quando chegou diante de um centro de recrutamento do novo exército [...]." ["Autobomba em Bagdá". Destacamos]

A categoria "novo exército" é o eufemismo criado pelos órgãos de comunicação social dos exércitos imperialistas no Iraque para designar as tropas de colaboração em formação no Iraque, sob seu controle. A palavra kamikaze circunscreve o sacrifício do combatente como um ato de fanatismo, já que esse foi o sentido produzido pela imprensa estadunidense e aliada para descrever a ação dos pilotos-bombas japoneses, na segunda guerra mundial.

Na página internacional de 13 de janeiro de 2005 da Folha de São Paulo, o importante parágrafo inicial – lide – de artigo sobre o Oriente Médio, "Violência azeda clima amistoso entre Israel e palestinos", realiza com simetria quase artística o estupro da informação, através da manipulação da linguagem. [8]

#### Soldados e terroristas

Vejamos essa pequena obra-prima da informação a serviço da formatação subliminar a que o leitor é habitualmente submetido: "Um terrorista palestino assassinou um colono judeu num assentamento da faixa de Gaza, enquanto soldados israelenses mataram, na Cisjordânia, dois integrantes do grupo terrorista Hamas." [Os destaques são nossos.]

Segundo o artigo, os palestinos, como agentes e pacientes da luta armada na região – ou seja, quando matam e quando morrem –, são invariavelmente assassinos, terroristas. Porém, os israelenses, como agentes, são simples "soldados" que "matam" "terroristas" e, como pacientes, são "colonos" e "judeus" de um "assentamento", "assassinados" por "terroristas".

É desnecessário lembrar o diferente peso semântico dos verbos "assassinar" e "matar". Matar pode até mesmo descrever ato natural de tirar a vida. A árvore que cai sobre a rua derrubado pelo vento pode matar o transeunte. Assassinar é a morte produzida por ser humano com aleivosia. Porém, não deixa de ser uma quase ironia da língua o uso desse termo pela Folha de São Paulo para anatematizar os palestinos.

#### Assassinos e colonos

A palavra "assassino" chegou-nos do persa sob forma de "hassasim", designação de "seita" ou "tribo" "do norte do Irã" que, quando das Cruzadas inebriavam-se de "cânhamo",

nossa maconha, antes "de atacar e matar líderes sunitas e cristãos", segundo a definição também não muito santa do Aurelião. Já na época, esses guerreiros foram definidos como fanáticos e criminosos tomadores de haxixe/hashish [hashishiyyin, plural de hashishiyya].

É igualmente grande a impropriedade do uso da palavra "colono". Sobretudo em português do Brasil, colono enseja a associação imediata com a imagem de colonizador de território inexplorado. Não apenas no sul do Brasil, colono foi sobretudo o esforçado camponês sem terra alemão, italiano, polonês, etc. chegado ao Brasil para explorar, com a família, um troço de terra florestal, em geral desabitada.

Por outro lado, o uso da palavra assentamento aproxima as povoações militarizadas israelenses em terras ocupadas às pacíficas comunidades de trabalhadores rurais sem terras, assentados pelas autoridades públicas para explorar latifúndios reconhecidos pela lei como improdutivos. Ordeiras comunidades criadoras de riqueza que gozam justamente com a simpatia quase geral da população brasileira.

#### Judeus e colonos

Folga igualmente destacar a impropriedade da descrição, como "judeu", do "colono" "assassinado" pelos "terroristas", o que lhe garante parte da inesgotável simpatia que merecem os milhões de judeus, esses sim assassinados por terroristas nazistas, em geral no próprio território em que haviam nascido.

A incorreção do uso do termo judeu acresce ainda mais na medida em que, comumente, "judeu" é tido em forma mais habitual como aquele que professa a fé judaica. Portanto, o uso do termo israelense manteria um mínimo de neutralidade, sobretudo porque o articulista não se refere jamais aos palestinos mortos como "muçulmanos".

Desnecessário dizer que, em momento algum, perde-se tempo no artigo para explicar ou ao menos sugerir as decorrências dos dois "incidentes" terem-se dado na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Ou seja, em territórios reconhecidos pela "comunidade internacional" como indiscutivelmente pertencentes aos palestinos, ainda que atualmente sob ocupação militar israelense.

#### A parte e o todo

A localização do incidente torna os militares e os membros dos grupos para-militares de ocupação israelenses invasores de território palestino e portanto alvos legítimos da luta de libertação nacional palestina, segundo o direito dos povos, reconhecido pelas leis internacionais. Uma luta que se iguala à dos franceses, belgas, italianos, iugoslavos, etc.,

contra a ocupação nazista, ou à dos tupiniquins, tupinambás contra os colonos e os militares portugueses.

Com a substituição da parte pelo todo e a atribuição a seres inanimados de características próprias a seres animados escamoteiam-se igualmente responsabilidades sócio-políticas. O enunciado "o Brasil decidiu pagar a dívida" esconde o fato de que aquela ação deve-se à decisão do "governo brasileiro" e não à "nação", que não é e não pode ser protagonista político ou histórico.

A utilização de forma verbal impessoal serve igualmente para o mesmo sentido. Com a oração "manteve-se o salário mínimo em 241 reais" neutraliza-se a responsabilidade dos principais agentes reais dessa decisão, no presente caso, o ministro da Economia e o presidente da República.

### Malditas e abençoadas

Na construção de uma linguagem classista, sobretudo na sua forma escrita, palavras-chaves são literalmente abençoadas enquanto outras, ao contrário, são literalmente execradas, constituindo seu uso sinal de desatualização, falta de gosto, espírito radical e sectário. No presente período histórico, na imprensa brasileira e mundial, algumas palavras abençoadas são "empresário", "marca", "empreendedor", "iniciativa privada", "organização não-governamental", "mercado", "consumidor", "cidadania", "governabilidade", "flexibilidade", "reforma", "estabilidade", "propriedade", "privado", "privatização", "eficiência", "lucratividade", "propriedade", "globalização", "paz".

São objeto de verdadeira execração e ostracismo, palavras como "classes sociais", "exploração", "comunismo", "socialismo", "luta de classes", "proletariado", "patrão", "planejamento", "expropriação", "estatização", "nacionalização", "resistência", "consciência", "reforma agrária", "burguês", "opressão", "revolução", "internacionalismo", "luta de classes", "nacionalismo", "imperialismo".

A luta de classes não se dá apenas no interior das comunidades nacionais, mas entre as nações imperialistas e as nações subalternizadas. Nesse sentido, a língua do capital imperialista internacional esforça-se para se impor crescentemente sobre as línguas das nações dominadas, direta ou indiretamente, com objetivos econômicos, políticos e ideológicos.

### Língua e poder

Uma das primeiras decisões das tropas imperialistas anglo-estadunidenses no Iraque foi determinar a edição, também em inglês, do jornal oficial do país recolonizado, retornando aos tempos do protetorado [sic] britânico sobre o Iraque, desmembrado do império otomano, após a Primeira Guerra Mundial.

Símbolo da dominação imperialista sobre o Brasil é a substituição crescente de palavras portuguesas de uso corrente por expressões inglesas, aporuguesadas ou não: entretenimento, por diversão; party por festa; banda por conjunto; shopping center por centro comercial; atachar por anexar; deletar por apagar; close por vestuário, paper por artigo, etc.

Na comunicação social e quotidiana, a consciência da língua como espaço de confronto e meio de produção e reprodução da dominação social constitui passo imprescindível na luta pela criação de espaços de autonomia que permitam desenvolver e consolidar os princípios, práticas, valores e estratégias do mundo do trabalho em prol de conquista de uma sociedade onde, finalmente o homem seja finalmente o amigo do homem.

Data : 15/09/2003

Título : Linguagens de doutor & Língua do povo

Categoria: Artigos

Descrição: Ora, isso cria alguns problemas que começam a ser analisados e que...

Linguagens de doutor & Língua do povo

Paulo Monteiro (\*)

Gilberto R. Cunha é “doutor na área de meteorologia agrícola” e autor de três livros sob o título geral de Meteorologia: fatos & mitos, publicados pela Embrapa Trigo nos anos de 1997, 2000 e 2003. Essa trilogia se distingue da literatura acadêmica em geral por um motivo muito simples: trata-se de artigos escritos para jornal e originalmente impresso nesse tipo de periódico.

Leitor compulsivo, até por um dever de ofício, leio de tudo um pouco, até quase tresler. E tenho notado que vivemos numa espécie de Idade Média, do ponto de vista cultural. Isto porque a maioria das obras com pretensões científicas, é escrita em jargões técnicos que os torna ilegíveis aos leitores não acostumados à linguagem dos iniciados de uma

determinada área do conhecimento e, dentro destas, às expressões peculiares de cada seita, que se via formando em torno dos diferentes mestres dessa nova escolástica.

Ora, isso cria alguns problemas que começam a ser analisados e que merecem uma discussão mais séria. O maior deles é que esses dialetos científicos entram em contradição com a dinâmica do conhecimento em nossos dias. A Internet faz com que as informações circulem instantaneamente. E como, há décadas, já dizia o “filósofo” Chacrinha “quem não se comunica se trumbica”.

Permitindo-me empregar uma ilustração, ou melhor, uma personagem para ilustrar o que digo, valer-me-ei do “deputado João Plenário”, do programa A Praça é Nossa. Quando não quer responder certos questionamentos, emprega uma linguagem completamente incompreensível. Parece-me que muitos autores não dominando certos assuntos optam pela linguagem ininteligível do “João Plenário”.

Gilberto R. Cunha é diferente. E se comunica muito bem. Sirvam de exemplo os diversos artigos em que fala sobre os fenômenos “El Niño” e “La Niña”. Quem ler seus livros vai entender perfeitamente esses acontecimentos. Assim, o autor presta um serviço à cultura e restitui, sob a forma de conhecimento compartilhado, o que a sociedade contribuiu para que ele se tornasse um doutor.

Seus livros não merecem ser lidos, mas devem ser lidos. É preciso que façam parte de todas as bibliotecas escolares, pois são fontes de informação e esclarecimento, ao mostrar “fatos & mitos”.

Os cientistas – e Gilberto R. Cunha é um deles -, hoje, mais do que nunca, precisam se conscientizar de que o conhecimento não é propriedade deste ou daquele iluminado. A mesmo que se queira reduzir à ética do cachorro: enterrar o osso para que seu semelhante não coma. O autor de “Meteorologia: fatos & mitos”, porém, pertence ao gênero humano e faz uso – e um bom uso – de sua razão, expressando-se através da palavra escrita na linguagem viva das ruas e não através de grunhidos, agrupados em torno de sinais alfabéticos, e reconhecíveis, no máximo, por alguns bípedes, bímanos e implumes.

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.

Rotta

15/09/2003

Data : 30/04/2002

Título : Literatura e História

Categoria: Resenhas



Descrição: O estudo das relações entre história e ficção é um tema atual. Teóricos e pesquisadores contemporâneos enchem páginas e mais páginas com esse assunto.

## Literatura e História

O estudo das relações entre história e ficção é um tema atual. Teóricos e pesquisadores contemporâneos enchem páginas e mais páginas com esse assunto. Nas universidades prolifera uma vasta bibliografia sobre aquele relacionamento.

Em Passo Fundo, onde várias publicações acadêmicas têm saído sob letra de forma, a situação não é diferente. E a professora Ivânia Campigotto Aquino oferece sua contribuição num livro com menos de cem páginas, mas que tem alcançado receptividade.

"Literatura e história: um olhar sobre Canudos" foi editado pela UPF Editora. Analisa a relação entre romance histórico e literatura, a partir de três obras: "La guerra dei findei mundo", do mexicano Vargas Llosa (1981), "Canudos: o povo da terra", de Marco Antônio Villa (1997) e "Os Sertões", de Euclides da Cunha (1902).

Ivânia se baseia nesses três livros para estudar o que há de história e ficção na história. Estudando o inter-relacionamento entre objetividade e subjetividade nessas obras representativas sobre a Campanha de Canudos (1896-1897), a autora dissecas as relações mesmas entre os dois tipos de produções lingüísticas, que são os estudos históricos e o romance histórico.

A estudiosa lembra à página 22 que "a organização narrativa é o ponto comum entre o historiador e o ficcionista, o que, por vezes até transfere um para a essencialidade do outro, como em situações em que o historiador se conduz como um ficcionista e outras em que a sua obra é tomada como um documento histórico". Ademais, salienta a influência de "Os Sertões" - que não foi a primeira obra publicada sobre Canudos - em relação a estudos e romances posteriores como o próprio "La guerra dei fin dei mundo".

Mário Vargas Llosa esteve na região onde se desenvolveu o conflito e leu documentos e ficções sobre a matéria, "produzindo, efetivamente, uma fusão sobre literatura e história" (p. 37). Com isso, ainda na opinião da autora, "Cumprindo o papel do romance histórico moderno, qual seja, integrar o histórico e o científico para que o romance venha a ser um meio de fazer com que o leitor se conscientize sobre a natureza específica do referente histórica e do material literário (...)". É o que se lê à página 37 e seg. Essa integração confere vida íntima aos personagens históricos, fornecendo-lhes humanidade.

Já Marco Antônio Villa realiza uma obra por principio objetiva, mas Ivânia descobre que o historiador "usa da liberdade de interpretação e sustenta que ele (Antônio Conselheiro, P.M.) teria se afastado de tudo e de todos para se preparar e iniciar a missão de líder espiritual" (p. 74). A adjetivação empregada pelo historiador, as referências a personagens de obras de ficção, a recorrência à literatura oral, a liberdade de interpretação típica dos criadores literários - como Ivânia lembra à pag. 72 e seguintes - deixam marcas de subjetividade autoral em "Canudos: o povo da terra".

O estudo das obras em epígrafe leva Ivânia Campígotto Aquino a concluir que "a literatura e a história estabelecem um diálogo permanente" (p. 89). Assim, Vargas Llosa, em muitos momentos mantém sua obra filiada à história e Marco Antônio Villa recolhe várias versões sobre episódios apresentados, contando particularidades dos personagens históricos que se aproximam de autênticas criações literárias. Isso não é novidade, como pode ser visto desde o "livro vingador" de Euclides da Cunha. Hoje, porém, a crítica literária e a filosofia da história conferem uma importância maior ao tema, contribuindo para a produção de obras como "Literatura e história em diálogo: um olhar sobre Canudos".

A repercussão do livro de Ivânia se deve a três motivos: a atualidade da discussão teórica, a proximidade com o centenário de lançamento de "Os Sertões", ocorrido no segundo semestre de 1902, e a qualidade do texto produzido pela pesquisadora. Assim, entende-se a curiosidade que a obra vem despertando não apenas nos círculos acadêmicos.

Do Jornal

Rotta

PASSO FUNDO, ABRIL DE 2002

Data : 30/06/2000

Título : LITERATURA E SOCIEDADE

Categoria: Resenhas

Descrição: A temática relativa à vinculação da obra literária com a sociedade e, concomitantemente...

## LITERATURA E SOCIEDADE

Obra verdadeiramente clássica, LITERATURA E SOCIEDADE - Estudos de Teoria e História Literária, sai em 8ª edição sob o selo TA. Queiroz Editor. A coleção de ensaios de Antônio Cândido, cuja primeira edição é de 1965, tem exercido grande influência nestes últimos trinta e cinco anos porque não perdeu a atualidade.

A temática relativa à vinculação da obra literária com a sociedade e, concomitantemente, as relações entre a crítica literária e as chamadas ciências sociais, em especial a Sociologia, longe de esgotar-se com a crise das ideologias totalizantes, continua na ordem do dia.

Antônio Cândido, um dos maiores ensaístas brasileiros do século XX, com LITERATURA E SOCIEDADE, produziu um livro fundamental para o entendimento da obra literária enquanto criação humana.

Do Jornal

Rotta

Junho de 2000

Data : 25/08/1995

Título : LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Categoria: Resenhas

Descrição: Há algumas semanas, nesta mesma coluna, escrevi sobre a dificuldade de se encontrar bons livros de literatura para crianças e adolescentes escritos por autores contemporâneos.

## LITERATURA INFANTO-JUVENIL

por Paulo Monteiro

Há algumas semanas, nesta mesma coluna, escrevi sobre a dificuldade de se encontrar bons livros de literatura para crianças e adolescentes escritos por autores contemporâneos. E essa dificuldade não é nova, pois as obras realmente literárias da espécie são raridades.

Como o público que consome- e a literatura é também mercadoria, em um regime de economia de mercado- é um público bastante significativo, recomendo quatro livros de uma tacada só.

Já foram escritos alguns livros sobre a “geração cara-pintada”, que saiu às ruas para a derrubada de Fernando Collor de Mello. Muita literatura de ocasião e, assim necessariamente, destituída de valor literário.

O que de melhor sobre o tema foi escrito, em termos de ficção é CARA-PINTADA, de Renato Tapajós, pela Editora Ática, de São Paulo.

Rodrigo, o personagem central, é um estudante que participa ativamente do “Fora Collor” e, de repente, retorna de 1992 para 1969, quando nem era nascido. E dos olhares

cúmplices das forças de segurança passa a defrontar-se ou confrontar-se com uma polícia violenta e muitas vezes invisíveis e, em vez dos inofensivos refrões, há estudantes portanto metralhadoras e coquetéis molotov.

E é essa união de duas gerações de jovens: a geração que enfrentou a ditadura e o atribui para o seu lento e inexorável enfraquecimento, e uma geração que levou a luta contra um presidente corrupto para as ruas, que faz a diferença temática entre o livro de Renato Tapajós e os outros sobre o mesmo e recente episódio.

Tapajós faz uma obra de ficção história contemporânea um envolvimento intelectual suficiente para alcançar excelente qualidade literária.

O gaúcho Antônio Hohlfeldt, homem de muitos instrumentos, apresenta um romance muito bom, O CASO DO CONTRABANDO DO TAIM, pela FTD, também de São Paulo.

A partir da queda de um avião usado por contrabandistas de peles de animais nativos do Banhado do Taim e da ação quase que isolada de um policial realmente sério chega-se ao estouro de uma grande quadrilha de contrabandistas, baseada em Porto Alegre.

Vereador na capital gaúcha e veterano jornalista, Hohlfeldt conhece muito bem o ambiente urbano sobre o qual escreve. E quem conhece a Zona Sul do Rio Grande sabe muito bem que a descrição que faz da região é verossimilmente.

Especialmente para a juventude do Rio Grande (e Hohlfeldt não faz obra regionalista) a leitura desse bom livro é indispensável. É daquelas obras que devem ser recomendadas pelos nossos professores.

TRANSPLANTE DE MENINA, de Tatiana Belinky, da Editora Moderna, é um livro de memórias.

A Autora nasceu na Rússia e foi criada na Letônia, num clima físico-geográfico que nos tempos faz lembrar o descrito nas histórias de Papai Noel. As descrições das paisagens que marcaram sua infância, os mitos do frio europeu, com fadas, bruxas e duendes, a história europeia do entre-guerras e do Brasil dos anos 30, passam por esse livro de Tatiana, unindo dois mundos material e culturalmente diferentes.

O importante é que por toda a obra corre a menina que a autora foi e que continua viva sob os cabelos brancos dessa septuagenária. E é essa personagem invisível, que existe dentro de cada um de nós, que dá valor literário a TRANSPLANTE DE MENINA.

Ivan Jaf, pela José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, lança ATRÁS DO PARAÍSO.

É a história de Diogo Azevedo, um visionário, que acredita nas histórias sobre a existência de um local paradisíaco ao oeste do Atlântico. Com o descobrimento do Brasil e as lendas que se espalharam sobre a nova terra, Diogo vende todos os seus bens e, navegando por sua própria conta e risco, atinge o Brasil.

Espécie de Robinson Crusóé em seus sonhos, Diogo é o elemento ficcional que serve para apresentar uma parte da história do Brasil, descoberto por acaso (segundo a história oficial) por uma grande armada dirigida por navegadores experientes que acabaram arrastados, inocentemente, por correntes marinhas e vieram dar com os costados no Paraíso.

O Cidadão.

25/08/1995.

Data : 30/11/1994

Título : Literatura Infanto-Juvenil

Categoria: Resenhas

Descrição: A quantidade de livros destinados a crianças e adolescentes é muito grande. As editoras disputam avidamente esse mercado.

### Literatura Infanto-Juvenil

por Paulo Monteiro

A quantidade de livros destinados a crianças e adolescentes é muito grande. As editoras disputam avidamente esse mercado. E não é de hoje. Quem estudar a história da literatura brasileira e o desenvolvimento da indústria editorial verá que esse processo começa a salientar-se desde os primeiros anos deste século. São poesias para crianças, romances para adolescentes.

A qualidade literária dessas obras é outra coisa. Pouco do muito que tem sido escrito sobrou, como obra de arte. Para criar Pedrinho ou Narizinho precisa ter tutano.

A EDITORA FTD S.A., de São Paulo, está lançando uma série de livros infanto-juvenis. É a “Coleção com que posso contar?”

Tenho, comigo, três desses livros: “UM GOSTO DE QUERO MAIS”, de Sônia Salerno Forjaz, desenvolvendo o tema de adolescência e gravidez; “QUEM FICA COM FELIPE?”, de Ilsa Lima Monteiro, sobre adolescência e drogas e “NAS PERNAS DA MENTIRA”, de Cecília Vasconcellos, sobre adolescência e medo do abandono.

Como se vê, os temas são atuais. Assuntos do momento. Aí reside uma das grandes dificuldades para que os escritores do gênero consigam realizar obras permanentes. O objetivo maior de toda obra de arte é transformar o particular no universal. A adolescente que engravida precocemente, a filha separada do pai, o garoto que se envolve com o consumo de drogas, devem transformar-se em todas as garotas grávidas, em todas as filhas abandonadas e em todos os jovens drogados.

Poucos escritores da literatura infanto-juvenil têm conseguido produzir obras duradouras porque lhes falta talento literário.

Se há alguns anos os romances de bang-bang faziam o gosto literário de crianças e adolescentes, os temas atuais que as editoras têm apresentado ao público mais jovem significam uma alteração positivamente significativa. Apenas os editores deveriam preocupar-se mais com a própria qualidade gramatical dos textos publicados.

Livros como os da nova coleção da FTD merecem ser lidos pela nossa juventude, como uma escala inicial, como uma pré-escola de leitura. E a divulgação massiva da atual literatura infanto-juvenil, nesse aspecto, pela atualidade dos temas, realiza um trabalho importante.

Jornal da Cidade.

30/11/94

Data : 17/05/1996

Título : Literatura infanto-juvenil

Categoria: Resenhas

Descrição: Uma parcela significativa do que se publica, em termos de livros e folhetos, no Brasil destinasse ao público infanto-juvenil.

Literatura infanto-juvenil

por Paulo Monteiro

Uma parcela significativa do que se publica, em termos de livros e folhetos, no Brasil destinasse ao público infanto-juvenil.

O capitalismo transforma todas as coisas em mercadorias, isto é, objetos que são trocados por dinheiro, dinheiro que vai servir para produzir mais mercadorias. Sob um regime desse tipo a preocupação com certos valores não materiais, como a arte, acabam sendo relegados a um plano inferior. A competitividade entra as empresas termina aprofundando esse tipo de situação.

Essa realidade finaliza contribuindo para a constatação de que as obras literárias de qualidade superior sejam cada vez mais raras enquanto o número de títulos publicados aumenta.

Não se trata de uma verificação recente. A Revista Veja de 4 de novembro de 1992 publicou uma entrevista com Wilson Martins, onde o crítico de PONTOS DE VISTA

afirmava que desde 1960 os grandes nomes da literatura brasileira continuavam os mesmos. E nestes quase quatro anos a situação permanece idêntica á da época em que o autor de HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA foi ouvido.

Se essa afirmação se refere á “literatura adulta”, até com mais razão se aplica á “literatura infanto-juvenil”.

Aparentemente mais fácil é escrever para crianças e adolescentes do que para pessoas maduras. Por isso mesmo é que as boas obras dessa espécie sejam raríssimas.

A maior parte dos autores desse tipo de literatura são incapazes de produzir um conto, um romance, uma novela adulta.

A EDITORA SINODAL, de São Leopoldo – RS, que tem publicado muitas obras nos campos da religião e da teologia está apresentando ao público a Coleção Grão de Mostarda, para crianças de 7 a 9 anos, e a Coleção Horizontes, para adolescentes.

Na primeira já foram editados DOIS TEIMOSOS E UM JUNDIÁ, e UM RIO PELO MEIO, de Simone Saureff, e A SEGUNDA CHANCE e DO SONHO PARA A AMIZADE, de Rogério Rauber, todos ilustrados por Eduardo Sanfelice Nunes. Já na segunda acaba de sair O CANTO DA SEREIA, de Anamaria Kovács, ilustrado por Berenice Gehelen Adams.

Os volumes da Coleção Grão de Mostarda, sob a forma de canoagem, são pequenos contos, fartamente ilustrados, muito bem escritos, desenvolvendo temas que incentivam a afirmação da solidariedade entre pessoas.

É o caso da cidade de Cá, separada da cidade de Lá por um rio. Dois meninos, um de cada cidade, começaram a construir uma ponte com pedras. Solução simples, mas não tão simples, quando se pensa que essa ponte (taipa) deve ter represados as águas... E como o exemplo desse tipo de obra foi seguido muitas águas devem ter sido presas.

Anamaria Kovác produz um volume mais extenso (71 páginas), escrito parcimoniosamente, em uma linguagem clara, atual. Afinal, é Doutora de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Beatriz (a sereia), Tielo e Cocada (os surfistas seduzidos) são personagens que mais se aproxima da criação literária. Boné, Roberta e Manuel, também. Antonio Camargo, o Pirata, e seu papagaio são criações forçadas. Não convencem como universalizações.

Desde o começo se vê o final da história ou estória: a droga é uma droga; a droga não compensa.

Anamaria Kovács reúne todas as condições para se tornar uma autora maior da literatura infanto-juvenil. Precisa transformar sua necessidade de escrever em prazer de plantar palavras e colher personagens.

As cinco obras, editadas pela SINODAL, guardadas as limitações e dificuldades da espécie a que se filiam, estão muito acima da maioria das publicações de literatura infanto-juvenil que chegam ás mãos de crianças e adolescentes. Pelos temas desenvolvidos, pela seriedade com que os autores enfrentam o ato de escrever devem merecer uma atenção especial dos professores de ensino de 1º grau.

Como um pai lê diariamente, ando muito preocupado com o que as professoras de minhas filhas tem recomendado em termos de leitura. Em certos casos está-se fazendo um

desserviço á língua portuguesa. Qualquer pai ficaria contente em ver seus filhos lendo livros como esses editados pela SINODAL. Aliás, Cris, Nadejda e Rozalia leram com muita atenção. A pequena Tatsuia gostou das ilustrações.

17/05/96

Data : 16/01/1998

Título : Literatura Islâmica em Português

Categoria: Resenhas

Descrição: Há algum tempo parei para conversar com um comerciante de origem palestina e tive minha atenção despertada para um canto exótico...

### Literatura Islâmica em Português

Há algum tempo parei para conversar com um comerciante de origem palestina e tive minha atenção despertada para um canto exótico, que vinha de um aparelho de som posto numa das prateleiras da loja. Perguntei-lhe que canto era aquele e ele me respondeu que era o Alcorão conforme recitado nas mesquitas.

Tão estranha quanto a forma de cantar seu poema sagrado é, à primeira vista, essa religião monoteísta que surgiu com um descendente de Ismael, filho de Abraão e sua serva egípcia Agar.

O Islamismo, mais conhecido entre nós pelas poucas informações dos manuais de História Geral ou pelo noticiário onde aparece envolvido em conflitos armados, não apenas no Oriente Médio. Hoje pode ser conhecido pelos leitores de língua portuguesa através de livros publicados pelo Centro de Divulgação dos Islam para a América Latina e a Editora Makka, de São Paulo, e pelo Instituto Internacional do Pensamento Islâmico (USA).

MOHAMMAD: O MENSAGEIRO DE DEUS, de Aminuddin Mohamad e BIOGRAFIA DO PROFETA NOHAMMAD, de Ahmad Mahairi, são biografias do criador do Islamismo: Maomé (Mohammad). Nelas vê-se a vida do homem que criou a religião que mais cresce no mundo e que, em poucos séculos, espalhou-se da Arábia pela Ásia, África e Europa, atingindo áreas do Índico ao Atlântico.



O livro de Aminuddin Mohamad é bem mais extenso e detalhado do que o de Ahamad Mahairi, mas há pleno paralelismo entre ambos guardadas as limitações de tamanho dos textos.

O estudo da vida de Maomé (Mohammad) é básico para o próprio entendimento do Islamismo. Com ele se vê o surgimento do Maometanismo, modo como se consolidou e se expandiu rapidamente.

Da mesma forma como é sempre melhor ler um autor em sua língua original, é recomendável o conhecimento de uma filosofia ou religião mediante o estudo de seus mestres ou seguidores mais representativos. A leitura de autores muçulmanos é elementar para o entendimento dessa religião que já adquiriu uma extensão universal bem como para verificar seus pontos de contato e profundas divergências com os dois outros monoteísmos: o Judaísmo e o Cristianismo.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 16 de janeiro de 1998

Data : 01/01/2013

Título : Literatura Local

Categoria: Artigos

Descrição: A passagem do Dia Municipal do Escritor, que se comemora a 7 de abril, lembrando a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938 e sua transformação em Academia em 1960...

Paulo Monteiro

**MEMBRO DA ACADEMIA LITERÁRIA GAÚCHA E DA ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS**

A passagem do Dia Municipal do Escritor, que se comemora a 7 de abril, lembrando a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938 e sua transformação em Academia em 1960, serviu, neste ano de 2004, para tornar pública a discussão sobre a literatura local. Os programas produzidos pela TV da Câmara Municipal de Passo Fundo, com a participação de poetas, prosadores e catedráticos universitários, seguramente, despertaram incontáveis consciências para a importância do que se escreve nas nascentes do Uruguai-Mirim.

Poetas e prosadores que participaram das entrevistas discutiram amplamente a situação da literatura passo-fundense, chegando à conclusão de que nossas letras estão ao nível do que se produz nos mais diversos pontos do país. Concordaram, também, ser mínima a divulgação. Há casos – e não raros - em que nem se pode falar de literatura local. São escritores familiares, pois os livros circulam entre parentes e amigos. Obviamente, a obra de qualquer autor, sob tais condições, vai desaparecer dentro de poucos anos.

Emprego a expressão literatura local como um verdadeiro conceito de teoria literária, apropriado do conceito de “história local”, já usado por Hegel, há mais de um século e meio, em suas “Lições Sobre a Filosofia da História Universal”.

Literatura local é, pois, as letras da menor unidade de uma nação. É, no caso brasileiro, a literatura dos municípios. Assim, em nosso país, o conceito se aplica a alguns milhares de casos específicos.

É óbvio que se fazem indispensáveis algumas condições para a existência de qualquer literatura. Três de início: tema, criador e obra. Depois é preciso que a obra seja editada e publicada, isto é circule entre um determinado público. A extensão e a receptividade da obra literária é que vai determinar se esta é local, nacional ou internacional. Os autores largamente consagrados, via de regra, começam como escritores locais. A recepção da obra é que determinará até onde o autor chegará, para o que contribui, especialmente, a combinação entre o espírito da época e o domínio da técnica literária, união que gera os escritores canônicos e os gênios literários.

Se os criadores não publicam suas obras ou se estas não circulam continuarão sendo, no máximo, escritores locais. A simples edição e difusão de livros, porém, não é suficiente. Ainda que um autor mandasse imprimir bilhões de exemplares, nas mais diversas línguas, e os fizesse distribuir entre todos os habitantes do Planeta, seria uma futilidade se lhe faltasse talento. Poderia, no máximo, derrubar o preço do papel higiênico. Não basta, pois, a recepção da obra literária; é preciso a sua conservação. Para tanto, deve alcançar, ao menos, um certo grau de universalização do particular. Por isso é que muitos escritores de best-sellers e ganhadores de cobiçados prêmios literários terminam, em pouco tempo, apenas contribuindo para a ampliação do comércio de papel reciclável.

Nas conversas lembradas acima, chegamos a uma conclusão fundamental: para que os nossos caboclos ultrapassem os limites da aldeia é necessário que produzam e façam circular uma literatura da melhor qualidade.

A bem da honestidade intelectual devo afirmar que, até hoje, a maioria dos escritores passo-fundenses produziu uma literatura ultrapassada. Enquanto Concretismo, Instauração Práxis e Poema Processo assumiam a vanguarda da literatura nacional, nossos romancistas continuavam escrevendo folhetins à maneira do século XIX e os poetas compondo sonetos, sonetinhos e versos humorísticos à Belle Époque. Quando, há três décadas, a Geração do Mimeógrafo, deixava para trás as vanguardas, continuávamos estacionados num modernismo vulgar ou presos a um baixo parnasianismo. Ora, o novo é um dos componentes indispensáveis para a melhor qualidade da obra literária. E não se lho aprende nas salas de aula com a leitura simplória dos sempre ultrapassados manuais de História da Literatura Brasileira.

É preciso e urgente que a literatura local dialogue com a literatura praticada nos mais diversos brasis literários e em outros países. Quem conheça alguma coisa do que se passa até mesmo em pequenas cidades sabe que escritores locais são lidos e traduzidos em diferentes partes do globo terrestre. E isso não acontece de graça. É consequência de um intenso labor literário, através de publicações individuais e coletivas, além de periódicos que circulam nacional e internacionalmente.

A situação passo-fundense não é diferente da que ocorre em outros municípios. Os escritores locais não podem continuar chorando o leite derramado, mendigando o mecenato dos poderes públicos, especialmente daqueles que servem a projetos personalísticos, portanto, mesquinhos; muito menos reclamando espaços em atividades que têm uma abrangência maior como a Jornada Nacional de Literatura, se não conseguem romper os apertados círculos familiares.

Os exemplos são muitos de que há espaço para qualquer escritor desde que tenha talento e encontre mecanismos para a circulação de sua obra. Revistas literárias bem feitas – e a história das letras pátrias é prenehe de exemplos – têm contribuído para essa divulgação.

A literatura local somente alcançará amplitude pelo esforço dos próprios escritores. Esse o desafio posto ante milhares de brasileiros que, do Amazonas a Fernando de Noronha, do Amapá ao Rio Grande do Sul, exercem o mister de escrever. (Outubro/2004).

Data : 30/11/2004

Título : Literatura Local

Categoria: Artigos

Descrição: Literatura local é, pois, as letras da menor unidade de uma nação. É, no caso brasileiro, a literatura dos municípios. Assim, em nosso país, o conceito se aplica a alguns milhares de casos específicos.

Literatura Local

PAULO MONTEIRO

A passagem do Dia Municipal do Escritor, que se comemora a 7 de abril, lembrando a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938, e sua transformação em Academia, em 1960, serviu, neste ano de 2004, para tornar pública a discussão sobre a

literatura local. Os programas produzidos pela TV da Câmara Municipal de Passo Fundo, com a participação de poetas, prosadores e catedráticos universitários, seguramente, despertaram incontáveis consciências para a importância do que se escreve nas nascentes do Uruguai-Mirim.

Poetas e prosadores que participaram das entrevistas discutiram amplamente a situação da literatura passo-fundense, chegando à conclusão de que nossas letras estão ao nível do que se produz nos mais diversos pontos do país. Concordaram, também, ser mínima a divulgação. Há casos - e não raros - em que nem se pode falar de literatura local. São escritores familiares, pois os livros circulam entre parentes e amigos. Obviamente, a obra de qualquer autor, sob tais condições, vai desaparecer dentro de poucos anos.

Emprego a expressão literatura local como um verdadeiro conceito de teoria literária, apropriado do conceito de "história local", já usado por Hegel, há mais de um século e meio, em suas Lições Sobre a Filosofia da História Universal"

Literatura local é, pois, as letras da menor unidade de uma nação. É, no caso brasileiro, a literatura dos municípios. Assim, em nosso país, o conceito se aplica a alguns milhares de casos específicos.

É óbvio que se fazem indispensáveis algumas condições para a existência de qualquer literatura. Três, de início: tema, criador e obra. Depois é preciso que a obra seja editada e publicada, isto é, circule entre um determinado público. A extensão e a receptividade da obra literária é que vai determinar se esta é local, nacional ou internacional. Os autores largamente consagrados, via de regra, começam como escritores locais. A recepção da obra é que determinará até onde o autor chegará, para o que contribui, especialmente, a combinação entre o espírito da época e o domínio da técnica literária, união que gera os escritores canônicos e os gênios literários.

Se os criadores não publicam suas obras, ou se estas não circulam, eles continuarão sendo, no máximo, escritores locais. A simples edição e difusão de livros, porém, não é suficiente. Ainda que um autor mandasse imprimir bilhões de exemplares, nas mais diversas línguas, e os fizesse distribuir entre todos os habitantes do planeta, seria uma futilidade, se lhe faltasse talento. Poderia, no máximo, derrubar o preço do papel higiênico. Não basta, pois, a recepção da obra literária; é preciso a sua aceitação. Para tanto, deve alcançar, ao menos, um certo grau de universalização do particular. Por isso é que muitos escritores de best-sellers e ganhadores de cobijados= prêmios literários terminam, em pouco tempo, apenas contribuindo para a ampliação do comércio de papel reciclável.

Nas conversas lembradas acima, chegamos a uma conclusão fundamental: para que os nossos caboclos ultrapassem os limites da aldeia, é necessário que produzam e façam circular uma literatura da melhor qualidade.

A bem da honestidade intelectual, devo afirmar que, até hoje, a maioria dos escritores passo-fundenses produziu uma literatura ultrapassada. Enquanto Concretismo, Instauração da Práxis e Poema-Processo assumiam a vanguarda da literatura nacional, nossos romancistas continuavam escrevendo folhetins à maneira do século XIX, e os poetas compondo sonetos, sonetinhos e versos humorísticos à Belle Epoque. Quando, há três décadas, a geração do mimeógrafo deixava para trás as vanguardas, continuávamos estacionados num modernismo vulgar ou presos a um baixo parnasianismo. Ora, o novo é um dos componentes indispensáveis para a melhor qualidade da obra literária. E esse

não se aprende nas salas de aula, com a leitura simplória dos sempre ultrapassados manuais de História da Literatura Brasileira.

É preciso e urgente que a literatura local dialogue com a literatura praticada nos mais diversos brasis literários e em outros países. Quem conhece alguma coisa do que se passa até mesmo em pequenas cidades sabe que escritores locais são lidos e traduzidos em diferentes partes do globo terrestre. E isso não acontece de graça. É conseqüência de um intenso labor literário, através de publicações individuais e coletivas, além de periódicos que circulam nacional e internacionalmente.

A situação passo-fundense não é diferente da que ocorre em outros municípios. Os escritores locais não podem continuar chorando o leite derramado, mendigando o mecenato dos poderes públicos, especialmente daqueles que servem a projetos personalísticos, portanto, mesquinhos; muito menos reclamando espaços em atividades que têm uma abrangência maior, como a Jornada Nacional de Literatura, se não conseguem romper os apertados círculos familiares.

Os exemplos são muitos de que há espaço para qualquer escritor, desde que tenha talento e encontre mecanismos para a circulação de sua obra. Revistas literárias bem feitas - e a história das letras pátrias é prenhe de exemplos - têm contribuído para essa divulgação.

A literatura local somente alcançará amplitude pelo esforço dos próprios es- critores. Esse o desafio posto ante milhares de brasileiros que, do Amazonas a Fernando de Noronha, do Amapá ao Rio Grande do Sul, exercem o mister de escrever.

(Paulo Monteiro exerce o jornalismo literário há 30 anos e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Revista Somando

Nov/04

Data : 02/06/2000

Título : Literatura piauiense para estudantes

Categoria: Artigos

Descrição: País continente e dos mais populosos, o Brasil tem uma literatura que é a soma das literaturas regionais, sendo a sua história a daqueles escritores que ultrapassaram os limites da província, em termos de reconhecimento.

## Literatura piauiense para estudantes

País continente e dos mais populosos, o Brasil tem uma literatura que é a soma das literaturas regionais, sendo a sua história a daqueles escritores que ultrapassaram os limites da província, em termos de reconhecimento. Tal constatação não é recente e já no início do Século XX assim o expressava José Veríssimo ao escrever sua "História da Literatura Brasileira (1906), tanto que ele via na história da literatura brasileira "a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação". (Op. cit., p.30. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998).

O piauiense Adrião Neto é divulgador incansável de uma dessas literaturas regionais. Seja através do "Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos" ( 1993 e 1995), seja mediante "Literatura Piauiense para Estudantes", ora em sétima edição, as letras do Piauí têm sido intensamente difundidas por esse pesquisador consciencioso.

"Literatura Piauiense para Estudantes" não é uma história da literatura propriamente dita. E a obra vem sendo reeditada seguidamente. Não é reimpressa, apenas. Tenho às mãos a 2a edição. 1997.218 páginas, a 4a edição– revista em melhorada, 1999, 165 páginas e a 7a edição - revista em melhorada, 2000,176 páginas, todas pela Edições Geração70de Teresina.

Entre a segunda edição e a mais recente, a obra sofreu profundas modificações. O número de autores foi reduzido de 102 para 57 e 40 em cada uma das edições analisadas. Com isso, Adrião Neto se aproxima do ideal preconizado pelo clássico historiador e crítico paraense, estando cada vez mais perto de escrever uma verdadeira história literária piauiense.

Se a primeira das versões impressas, por mim examinadas, tem um estilo mais laudatório, este vai-se apurando cada vez mais até apresentar-se quase impessoal na mais recente. A periodização da literatura também sofreu alterações, já na quarta edição. Se antes se iniciava em 1779, com a publicação do "Diário dos mais notáveis acontecimentos da Guerra dos Pimenteiros", de João do Rego Castelo Branco, passa a começar em 1808, com a edição do livro Poemas, do bocageano Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva.

Outras duas alterações significativas dizem respeito à fixação de períodos mais de acordo com a divisão já consagrada da literatura brasileira nos manuais escolares, e a limitação do número de autores, recolhendo aqueles mais preocupados com os elementos estéticos da literariedade.

A soma de todo esse labor demonstrado por Adrião Neto em "Literatura Piauiense para Estudantes" demonstra a seriedade do estudioso, fazendo dele não o simples autor de um livro, mas o edificador de uma obra. Isso dá solidez ao trabalho, justificando as sucessivas tiragens e recomendando o seu uso nas escolas e a leitura por tantos quantos queiram iniciar-se no conhecimento da literatura do Piauí.

(\*) PAULO MONTEIRO é escritor, jornalista e membro da Academia Literária Gaúcha

Do Jornal

Diário do Povo – Teresina PI 02/06/2000

Data : 01/01/2006

Título : Livro Homenageia Professor de Educação Física

Categoria: Resenhas

Descrição: Cláudio Wagner nasceu em Porto Alegre, estudou na Capital e se formou em Educação Física na Universidade de Passo Fundo.

#### Livro Homenageia Professor de Educação Física

O historiador Marco Antonio Damian, da Academia Passo-Fundense de Letras, e Cláudio Joaquim Paiva Wagner e Maria Luiza Wagner Camargo, lançaram o livro Prof. Cláudio Wagner - Casquinha, biografia de um dos mais conhecidos educadores de Passo Fundo.

Cláudio Wagner nasceu em Porto Alegre, estudou na Capital e se formou em Educação Física na Universidade de Passo Fundo.

Em sua cidade natal integrou tradicionais equipes de basquete. Fixando residência em Passo Fundo, acabou sendo convidado para integrar o quadro de professores do Instituto Educacional - IE, incentivando a formação de equipes de vôlei e basquete, o que estimulou a organização de times dessas modalidades esportivas nos outros estabelecimentos de ensino da cidade.

O historiador Marco Antonio Damian conta que a idéia do livro "surgiu quando, há alguns anos, foi prestada uma homenagem pelo jornal Diário da Manhã ao professor Cláudio Wagner. Vladimir Menegás, que foi aluno do educador, me procurou e sugeriu a elaboração do livro. E num encontro com Cláudio Wagner, filho do professor Casquinha - como ficou conhecido desde os bancos escolares - começamos o trabalho".

Marco Antonio Damian salienta a importância do educador, pois "foi o maior incentivador do vôlei e do basquete amador em Passo Fundo, treinando equipes e seleções, gratuitamente, nas horas de folga. O professor, além de orientar e vencer, tinha a preocupação com a disciplina, exigindo seriedade em treinos e viagens. Chegou a dispensar atletas indisciplinados, quando já estavam em outras cidades, com equipes passo-fundenses".

O livro está sendo vendido na Revisteira Central e pelo telefone 81282088.

Data : 30/08/1996

Título : Livro nega doutrinas das testemunhas de Jeová

Categoria: Resenhas

Descrição: O Centro de Pesquisas Religiosas (CPR), de Teresópolis, Rio de Janeiro, publicou recentemente o livro MERECEM CRÉDITOS AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ?

## LIVRO NEGA DOCTRINAS DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

por Paulo Monteiro

O Centro de Pesquisas Religiosas (CPR), de Teresópolis, Rio de Janeiro, publicou recentemente o livro MERECEM CRÉDITOS AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ? , de Aldo dos Santos Menezes, ex-integrante daquela organização religiosa, que se tornou evangélico, abandonando as crenças que defendeu.

Aldo dos Santos Menezes, conta que, ao pregar de casa em casa, deparou-se com um pastor evangélico que lhe afirmou dispor de provas materiais de que as Testemunhas de Jeová defendem falsas doutrinas, baseadas em falsas profecias, levadas a isso por sua direção mundial conhecida como Corpo Governante.

Convencido disso, Aldo abandonou a Organização e escreveu o livro, com 242 páginas, 112 das quais com ampla documentação comprovando inverdades semeadas pelas TJs ( Testemunhas de Jeová).

Os evangélicos creem na suficiência da Bíblia; as TJs não. Acreditam que seu Corpo Governante faz parte das provisões divinas para o entendimento de Sua Palavra.

Mudaram várias vezes o entendimento da Bíblia. Por exemplo, acreditam que há um único arcanjo (Miguel), depois de defenderem a existência de diversos arcanjos, e, finalmente, que esse Arcanjo e Jesus são a mesma pessoa. Embora, hoje, as TJs defendam o nome do Criador de todas as coisas é Jeová, representado pelo Tetragrama YHWH, nem sempre foi assim. Ademais- documenta Aldo dos Santos Menezes, conforme mudam suas doutrinas alteram a tradução da Bíblia que usam.

Outro ponto contestado é a defesa que já fizeram de que apenas 144.000 pessoas seriam salvas no Juízo Final, mais tarde fizeram alterações e, matematicamente, pelos dados da própria Organização, variam, para maior e/ou para menor, os números dos que ainda estão na terra.



O fundador da Organização (Charles Taze Russel), em 1877, afirmou que Jesus “voltou” em 1874, com o nome de “presença invisível” e que, em 1914, as instituições políticas e religiosas seriam destruídas. Essa data, posteriormente, foi alterada para 1916 (ano em que Russel morreria). Mais tarde, o ano dessa previsão foi alterado para 1925.

Aldo dos Santos Menezes documenta outras várias profecias que não foram cumpridas. Por isso mesmo é que seu livro tem o sugestivo título de MERECEM CRÉDITOS AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ?

Trata-se de um livro interessantíssimo pela documentação ampla e pelo fato de haver sido escrito por alguém que conhece as TJs por dentro. Notícias do Centro de Pesquisas Religiosas são conta de que tem servido para a conversão de muitos membros daquela Organização.

O Cidadão.

30/08/1996.

Data : 09/09/1998

Título : LIVROS PARA AS ESCOLAS

Categoria: Resenhas

Descrição: O Ministério da Educação e do Desporto, está distribuindo 3,9 milhões de livros entre 20 mil escolas brasileiras.

## LIVROS PARA AS ESCOLAS

O Ministério da Educação e do Desporto, está distribuindo 3,9 milhões de livros entre 20 mil escolas brasileiras. É o Programa Nacional Biblioteca na Escola, que beneficiará todos os estabelecimentos de ensino, com mais de 500 alunos. Em caso de Município que não tenha instituição desse tamanho, a maior delas será atendida. Os livros ficarão à disposição de toda a população, formando uma espécie de Biblioteca Pública.

Autores nacionais consagrados, antigos e contemporâneos, têm suas obras distribuídas pelo MEC. Tive a oportunidade de analisar dois desses volumes” ambos da EDITORA RECORD, adquiridos pelo Ministério, CASA GRANDE & SENZALA (34ª Edição. 1998), de Gilberto Freyre, é um clássico da sociologia brasileira. Publicado em 1933, delimitou os estudos da sociologia entre nós. A obra chamou a atenção de pesquisadores estrangeiros para o nosso país, abrindo caminho para o reconhecimento internacional de sociólogos

mais novos, como Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso e outros.

Usando liberalmente a obra de viajantes estrangeiros de séculos passados, autores mais antigos ou contemporâneos seus e informações recolhidas diretamente de arquivos, Gilberto Freyre, com CASA GRANDE & SENZALA, iniciou a moderna sociologia brasileira. Superou seus antecessores, em sua maioria aferrados aos conceitos de "raça" e "religião".

Estudando a formação da sociedade colonial, durante o período açucareiro do Nordeste, Gilberto Freyre salientou a importância das relações econômicas, da experiência de cultura e de organização da família sobre a constituição de uma determinada realidade social. CASA GRANDE & SENZALA teve continuidade direta em outras duas obras: SOBRADOS E MUCAMBOS (1936) e ORDEM E PROGRESSO (1958).

GABRIELA, CRAVO E CANELA, de Jorge Amado, também da EDITORA RECORD (79ª edição, 1998) é um dos livros mais conhecidos do romancista baiano. Publicado em 1958, já foi traduzido para diversas línguas e ganhou as telas de cinemas e televisores, contribuindo para sua popularização.

O Programa Nacional Biblioteca na Escola é altamente elogiável. Apenas uma sugestão: os livros devem ser acompanhados de informações sobre a vida e a obra dos autores, bem como de suas relações com a literatura e a cultura nacionais. Isso se justifica, ainda mais, quando sabemos que estarão à disposição das populações nas pequenas cidades, onde o nível de conhecimentos sobre nossos escritores é minúsculo.

Do Jornal

O Cidadão

09/09/1998

Data : 21/05/2010

Título : Luiz Menezes

Categoria: Artigos

Descrição: Luiz Menezes, filho de Franklin Menezes e Carlota Carvalho de Menezes, nasceu em Quarai no dia 20 de maio de 1922 e faleceu...

Luiz Menezes

Luiz Menezes, filho de Franklin Menezes e Carlota Carvalho de Menezes, nasceu em Quaraí no dia 20 de maio de 1922 e faleceu na sua cidade natal em 12 de outubro de 2005. A convivência com o modo de produção semifeudal da fronteira rio-grandense da primeira metade do Século XX marcou em definitivo sua obra.

A exemplo de tantos outros quaraíenses que se destacaram na história literária do Rio Grande do Sul, mudou-se para Porto Alegre. Ali, em 1952, iniciou sua carreira de radialista. Convidado pelo já consagrado poeta Lauro Pereira Rodrigues passou a integrar a equipe do programa “Campereadas” na Rádio Gaúcha. Naquela emissora apresentou programas, cantando e interpretando acompanhado por ele mesmo ao violão. Além disso, apresentou programas de rádio-teatro, escrevendo peças e participando como ator.

Em 1954 escreveu “Piazito Carreiro”. Gravada, contribuiu para aumentar a popularidade do Ator, tornando-se um clássico da música regional gaúcha. Em 1955 transferiu-se para a Rádio Gaúcha, onde se uniu ao uruguaianense Darcy Fagundes (1925 – 22 de junho de 1984) para produzir e apresentar o “Grande Rodeio Coringa”. O programa, iniciado em 1º de maio daquele ano, ia ao ar das 20 horas às 22 horas. Durante mais de 15 anos foi o programa de maior audiência do rádio sul-rio-grandense, apresentado sempre pela dupla inseparável de radialistas.

Pelo “Grande Rodeio Coringa” passaram os mais importantes cantores e compositores gaúchos do século passado. Teixeira e Mary Terezinha, Gil do Freitas e Os Irmãos Bertuzzi, Os Mirins e Os Três Chirus tornaram-se universalmente conhecidos ao divulgarem suas músicas no programa.

O Grande Rodeio Coringa contribuiu para a consolidação do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Nas mansões e nos barracos das grandes cidades; nas sedes e nos galpões das estâncias e fazendas; nos ranchos dos posteiros e nos veículos automotores, tanto no Rio Grande do Sul quanto nos mais diversos pontos da Federação, a música e a poesia gauchesca eram acompanhadas e admiradas, sob os elogios de Darcy Fagundes e Luiz Menezes.

Luiz Menezes escreveu diversas letras de música, entre elas “Última Lembrança”, que se transformou em outro clássico do cancionário popular do Sul. Quase todos os conjuntos regionais gravaram-na. O próprio Luiz Menezes gravou 4 LPs e 1 CD. Além disso, foi colunista dos jornais “A Hora” e “Diário de Notícias”, de Porto Alegre. Introduziu a milonga, ritmo platino, em nosso Estado, com a “Milonga de Contrabando”. Recebeu diversos prêmios por suas atividades culturais. Funcionário público estadual, aposentou-se como Diretor do Departamento de Diversões Públicas do Estado do Rio Grande do Sul.

Foi casado com Haydeé Menezes, com quem teve sete filhos. Viúvo, casou pela segunda vez, tendo mais um filho. Aposentado voltou a residir em sua terra natal, onde foi secretário

municipal da Cultura. Ali escrevia uma crônica semanal na “Folha de Quaraí”, que era apresentada por ele mesmo na “Rádio Quaraí”.

Em vida publicou quatro livros: “TOPA AMARGA” (Martins Livreiro – Editor, Porto Alegre, 1982); “Além do Horizonte” (Martins Livreiro – Editor, Porto Alegre, 1986); “Chão Batido” (Martins Livreiro – Editor, Porto Alegre, 1995) e “50 ANOS DE POESIA: ANTOLOGIA POÉTICA” (Martins Livreiro – Editor, 2ª Edição, Porto Alegre, 2005). Numa espécie de nota introdutória que escreveu para “TROPA AMARGA”, in titulada “RAZÃO DE UM LIVRO”, assim se expressou quanto à reunião de seus poemas em volume:

“Quando apartei alguns dos meus versos para esta coletânea, não tive a preocupação nem a veleidade de pensar numa obra poético-literária. Jamais me atreveria a tanto.

“Tive, no entanto, o desejo de registrar momentos de uma caminhada marcada de barro e sol. Pois sempre acreditei que o verso é o mate-amargo do canto solitário.

“E tantas vezes mateei solito, que me atrevi a reunir esta tropa orelhana e xucra, para oferecer àqueles que, como eu, costumam matear em silêncio...

Foi por isso. Tão somente por isso.”

No segundo livro, em outra “RAZÃO DO LIVRO”, assim se expressa:

“Quem leu meu primeiro livro, é possível que busque encontrar em ALÉM DO HORIZONTE, a mesma terminologia, os mesmos temas sociais com estórias de ranchos: Suas lutas, mágoas e vicissitudes, que foram a tônica em TROPA AMARGA.

“Por certo que os encontrará ao deparar com o homem perdido no asfalto em seu êxodo rural, na busca da urbana e amarga existência, vã esperança dos que sonham ALÉM DO HORIZONTE.

“Apunhalou o campeiro  
mais que a desgraça, a derrota;  
seus pés descalços, sem botas  
já não pisam na flechilha...

“Continuo contando estórias, porque sem estórias eu não existo em versos.

“Por natureza e formação, sempre me enterneceram os lamentos destes seres sofridos e incompreendidos. Gente oriunda do campo ou das cidades interioranas, que apesar de tudo ainda sonham, porque:

“E todos disseram  
que além do horizonte  
há um mundo tranqüilo  
que todos esperam  
um dia encontrar....

.....

“Por isso o ALÉM DO HORIZONTE.

“Tão-somente por isso.”

Ao confessar que o enternecimento pelas vítimas do êxodo rural, sempre esteve presente nele, por natureza e formação, toca numa característica de muitos poetas da Fronteira Oeste, como Juca Ruivo, Laci Osório e Lila Ripol. Esse enternecimento está presente em tantos outros poetas gauchescos, como Aureliano de Figueiredo Pinto e Lauro Rodrigues, para falar nos mais conhecidos, o que desmente a afirmativa de que a gauchesca seria de todo alienada à vida real do homem rio-grandense.

Faleceu no dia 12 de outubro de 2005. Sua morte repercutiu nacionalmente, da tribuna do Senado Federal, o senador gaúcho Paulo Paim resumiu a importância da obra do poeta quaraiense com estas palavras: Luiz Menezes é uma verdadeira lenda no cancioneiro popular gauchesco, um dos mais importantes poetas da nossa terra”. Cantou os desgarrados dos campos e cidades em versos que ficaram célebres, como os de “A MORTE DE PEDRO NINGUÉM”, um dos poemas gauchescos mais conhecidos e declamados de todos os tempos.

## A MORTE DE PEDRO NINGUÉM

Veio a cantiga da noite  
na garupa do aguaceiro  
cabresteadá pelo vento.

Até um relâmpago alçado  
andou pateando o espaço  
preludiando um temporal..

Mas oigalê como é brabo  
este tal de mês de agosto!

A voz do preto Clarindo  
veio do fundo do rancho  
que se velava o finado:  
Ó Juca, vai lá na venda  
e compra dois real de “gayeta”  
e um naco de fumo grande  
que a noite vai ser comprida...

Lá fora o céu era negro  
assim como um campo grande  
que fora queimado há pouco.

O Juca pediu a bênção  
pra seu padrinho Clarindo  
e se enfurnou noite a dentro  
na direção do bolicho.  
Agora só a luz das velas  
clareava os rostos sombrios  
da peonada no velório  
onde o respeito era pouco...

Pois entre risos e ditos  
iam se contando causos  
de peleias, de carreiras  
e de chinas mal-domadas  
esquecidos do finado.

E quando o preto Clarindo  
compreendendo o desrespeito  
pelo coitado do morto,  
tirou uma longa tragada,  
pigarreou como pensando  
para afinal sentenciar:

O homem que nasce pobre  
é como um cavalo xucro...  
É pealado pela vida,  
sofre a doma das tristezas  
até que um dia se amansa  
perde a vontade e a fé...  
Depois já sem serventia  
morre na beira do alambrado  
esquecido... sem ninguém!

Vejam vocês nesta noite,  
o Pedro já não existe.  
Amanhã se vai o corpo  
pois a alma do coitado  
de há muito já estava morta...

Andava assim como andam  
miles de guasca sem rumo,  
fugindo pelos atalhos  
do povoado e das taperas.

Bueno total é a vida!  
E amanhã será um de nós...

Até a viúva quando saiba

que o pobre Pedro morreu  
de certo vai chorar pouco.  
Chorar é pra quem tem tempo  
e o tempo pra pobre é escasso  
pra se lastimar à toa,  
quando já não se tem remédio  
nem a esperança num cobre.

Livino, me passa a canha  
que é pra esquentá o pensamento!

Caramba como faz frio  
neste tal de mês de agosto!

.....

Um trovão rolou no espaço.  
E a chuva seguiu cantando  
no funeral da saudade...

Saudade? Ora, saudade!  
A saudade não tem tempo  
de chorar Pedro ninguém!!

Luiz Menezes procura evitar cair no puro panfleto, o que datando o poema, limita a universalidade indispensável à permanência estética do poema, confundido um tom lírico à temática social. Essa prática é mais presente no livro “Além do Horizonte”, dedicado à memória de sua primeira esposa. É como se fundisse num só dois poemas sobre o mesmo tema: um social e outro lírico. Vemo-lo no poema que dá título ao livro.

## ALÉM DO HORIZONTE

E todos disseram  
que além do horizonte  
há um mundo tranqüilo  
que todos esperam



um dia encontrar.

E todos falaram  
cantaram, gritaram  
que além do horizonte  
existem as coisas  
mais lindas do mundo  
de um mundo tão lindo  
formado de luz...

Disseram somente  
pois ver ninguém viu.

Não viu a criança  
que ontem nasceu  
e os olhos abriu  
sem nada enxergar;  
não viram o moço  
e a moça bonita  
que sonham casar  
e a vida viver;  
Não viu o velhinho  
de vida no fim  
que vive rezando  
na eterna esperança  
de muito viver...

E todos disseram  
que além do horizonte  
– arco-íris, miragem –  
só existe o amor...

Palavra tem força

e todos tem fé...

Disseram somente  
pois ver ninguém viu.

E eu que andei  
e andei e andei,  
e um dia cheguei  
em cima do monte,  
vi outro horizonte,  
e outro, mais outro,  
seqüência de rumos  
levando pra um mesmo  
caminho sem luz.

E louco gritei:  
Gritei por piedade,  
gritei de saudade,  
gritei de tristeza,  
de falta de amor.

Um dia voltei.  
Voltei sem contar  
pra o moço, pra moça,  
pra o velho, pra todos  
que é tudo mentira:  
O além do horizonte  
é apenas um dia que volta amanhã...

Por isso eu suplico  
ó Deus, meu Senhor,  
que deixes nos sonhos  
do moço, da moça,  
do velho, de todos

o mundo bonito  
que além eu não vi;  
e que cantem cantigas  
de mil esperanças,  
cantigas bonitas  
que eu fiz e perdi.

Luiz Menezes cantou o amor em muitos versos. Boa parte deles musicados foram cantados em programas de rádio e CTGS, contribuindo para aumentar a fama do poeta. “Última Lembrança” tornou-se uma das canções mais populares no Rio Grande do Sul. Canta a saúde, um dos temas eternos para todos os poetas da Língua Portuguesa.

### ÚLTIMA LEMBRANÇA

Eu hei de amar-te sempre, sempre além da vida.  
Eu hei de amar-te muito além do nosso adeus.  
Eu hei de amar-te com a esperança já extinguida  
de que meus lábios possam ter os lábios teus.

Quando eu morrer, permita Deus que nessa hora  
ouças ao longe o cantar da cotovia.  
Será minha alma que num canto triste chora  
e nessa mágoa o teu nome pronuncia.

Eu viverei eternamente nos cantares  
dos pobres loucos que dos versos fazem o ninho.  
Eu viverei para glória dos pesares  
onde quase sucumbi nos teus carinhos.

Eu viverei no violão que à noite tomba  
ante a janela da silente madrugada.  
Eu viverei como uma sombra em tua sombra,  
como poesia em teu caminho derramada,

pois nem o tempo apagará nossos amores  
que floresceram de ilusão febril e mansa.  
Quando eu morrer, eu viverei das tuas dores,  
pois te levando em minha última lembrança.

Os seguidores do marxismo vulgar afirmam com todas as letras que a literatura gauchesca é alienada. Há tempos que essa assertiva caiu por terra graças a estudos consistentes como “No Entretanto dos Tempos – Literatura e História em João Simões Lopes Neto” (Martins Fontes, São Paulo, 1987), de Ligia Chiappini, sobre a obra daquele que é considerado o mais importante regionalista brasileiro de todos os tempos. Luiz Menezes e outros poetas seus contemporâneos foram homens identificados com as idéias sociais do seu tempo.

Em sua maioria identificavam-se com o pensamento social do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB –, continuador do velho partido Republicano Rio-Grandense. Dentro desse partido filiavam-se às concepções reformistas de Alberto Pasqualini. Isso confere aos seus versos uma tonalidade cristã. Alguns, como Lauro Rodrigues, mestre de Luiz Menezes, e este mesmo ainda que escrevendo poemas “revolucionários” expressarão um visível anticomunismo. Aí encontraremos as raízes (preconceituosas) da alienação vista pelos marxistas acadêmicos, vulgarizadores das concepções marxistas adquiridas através de leituras na maioria das vezes por vias transversas.

Lauro Rodrigues e Luiz Menezes continuaram sua militância partidária nos chamados “anos de chumbo”, iniciados em 1º de abril de 1964, com o movimento militar que interrompeu os princípios e práticas democráticos no Brasil.

Muitos poemas desses poetas apresentam uma dureza muito grande. Cortam como adaga. Declamados, ao longo de décadas, por milhares de admiradores da poesia popular sul-rio-grandense, foram ouvidos, admirados e decorados por milhões de nossos conterrâneos. Contribuíram, Assim, para firmar e reafirma a idéia (discutível, é verdade) de os Rio Grande do Sul é do Estado mais politizado da Federação Brasileira.

A educação, como elemento importante para a ascensão social dos “proletários”, como afirmavam os positivistas, foi e continua um dos pilares básicos da doutrina social trabalhista. Alberto Pasqualini costumava repetir que “abrir escolas é fechar cadeias”. E esse é o tema de um dos poemas mais populares de duros de Luiz Menezes.

A carreta (carro de bois) exerceu um papel importante na economia gaúcha até o advento das estradas de ferro e dos caminhões. E é exatamente sobre um carreteiro, representante de uma atividade econômica em extinção, que via nos estudos do filho a

única forma de romper a linha da pobreza, esse poema forjado no aço temperado com a indignação de homem e poeta da Campanha.

## O SONHO DO CARRETEIRO

Carreteou anos a fio.  
Conhecia palmo a palmo  
as estradas da querência;  
Sabia onde dava passo  
– no tempo das enxurradas –  
aquele arroio sotreta  
cemitério de carreta  
disfarçado em água mansa...

Vira nascer muitos ranchos  
nesse corredor sem fim.

Sabia que na picada  
logo depois do lagoão,  
o umbu do enforcado  
dera lenda pras estórias  
dos bolichos, das ramadas.

Sabia bem todo o caso  
da tapera do repecho:  
A maula traíra o guasca  
e este sem dó nem piedade,  
cortara junta por junta  
o belo corpo moreno  
daquela indiazinha louca  
que se engraçara num piá ...

Mas além, no Passo-feio  
vira morrer um tal Juca.

Eram três contra o rapaz.  
E como morrerra lindo  
aquele guasca sem medo ...  
A estória ficou em segredo  
pois diz que o tal de mandante  
era mui relacionado,  
e até contraparente  
de um graudaço do povo.

Conhecia palmo a palmo  
as estradas da querência,  
sempre fora carreteiro.

Envelhecera na lida  
sem conhecer outra vida  
sem ter outra ocupação.  
Tinha por seu ganha-pão  
a velha carreta amiga  
companheira de cantiga  
daquele piazinho vivo  
que era, alegria e motivo  
de seu final de existência.

Pois ficaram bem solitos  
mais amigos do que antes  
des'que a finada se fora ...

Por isso sempre de noite  
à meia luz do candeeiro  
ficava horas inteiras  
mostrando pra seu piazinho  
as letras do ABC.  
E o piá com muita memória

decorava uma por uma  
as letras que galopeava,  
ou por outra, engarupava  
nas palavras do jornal.

Como era esperto o guri:  
Foi duas, três paletadas  
já sabia mais que o pai ...

E foi numa dessas noites  
que o velho e bom carreteiro  
teve um sonho de repente.  
E quase num gesto louco  
gritou pras quatro paredes  
enfumaçadas do rancho:  
Meu filho há de ser doutor!  
Não há de ser carreteiro,  
pois estas mãos calejadas  
do peso-bruto, da enxada,  
hão de sangrar no trabalho  
pra que este piazinho feio  
viva melhor do que eu ...

Pura e santa ingenuidade!  
O arroio-sociedade  
pra o pobre nunca dá vau!!

No outro dia cedinho  
enveredou para o povo ...

Voltava a velha carreta  
A resmungar nas estradas  
na viajada da esperança

carregadinha de sonhos.

E o pobre e bom carreteiro  
ia falando de tudo  
com seu piazinho faceiro  
dentro da bombacha nova.  
Não esquecia de nada  
nos seus conselhos de pai:

Se lá no povo à tardinha  
o piá sentisse saudade,  
bombeasse pra o horizonte,  
que alguém solito decerto  
meio tristonho é verdade,  
mateando assim com saudade  
estaria a lhe esperar ...

Que importa se demorasse,  
pois nunca ouvira dizer  
que a tal saudade matasse.

Mas nesse dia por certo  
Quando voltasse doutor  
tudo havia de mudar.  
Até o céu com certeza  
morada das almas puras  
ouviria com ternura  
uma indiazinha chorar.

E as estradas da querência  
que conhecia demais,  
lhe viram passar feliz  
com novo brilho no olhar.



.....

Mas lá no povo – cuê-puxa! –  
Bateu em todas as portas  
clamou por todos os santos  
recorreu todos os amigos  
– muitos dos quais ajudara –  
andou quase mendigando,  
Pra ar escola pra o filho,  
mas ninguém quis lhe escutar ...  
E a esperança foi mermando  
foi mermando ... e se apagou.

Botou a carreta na estrada  
o Piazinho dentro dela  
tocou de volta outra vez.

A noite então já chegara.  
Naquela enrugada cara  
de gigante das estradas  
uma lágrima teimosa  
veio molhar-lhe o nariz ...

Olhou o filho com carinho,  
mas com muito mais carinho,  
cm mais amor do que antes  
e uma queixa derramou:  
Quem nasce lutando busca  
a morte por liberdade!  
Mentira! A tal de igualdade  
não existe por aqui ...  
Que adianta se amar aos outros

se os outros não dão amor?

Pega a picana, piazinho,  
e acorda esse boi manheiro,  
pois filho de carreteiro  
nunca pode ser doutor!!

O lirismo do poeta está presente em poemas como ÚLTIMO POUSO. Aí transparece o romantismo dos gauchescos brasileiros porque todos eles são visceralmente românticos, até mesmo em seus poemas de protesto. Nestes ecoam as apóstrofes de Castro Alves. Escritos para serem declamados nos rodeios, nos Centros de Tradições Gaúchas, e até nos bolichos e pulperías, até no tom altissonante lembram o poeta dos escravos. Não é à toa que a morte (tipicamente romântica) é uma constante no lirismo dos poetas crioulos.

#### ÚLTIMO POUSO

A morte a china maleva  
traçoeira que até dá pena;  
vive a pealar gente buena  
sem se importar com o gaudério...  
Não sei que estranho mistério  
em minha emoção se espelha  
quando minh'alma se ajoelha  
ante a cruz de um cemitério.

Fico por horas bombeando  
fingidas frases fictícias  
que ali ficam qual notícias  
penduradas sobre a lousa  
dizendo: "Ó tu, boa esposa,  
dorme em paz aos pés de Deus".  
Que dirão então os meus  
de mim que sou qualquer coisa?

Basta morrer pra ser bueno,

basta sofrer pra ser justo,  
quem nasce ou morre de susto  
nem frase fingida tem;  
e dizer que no além  
as almas são tão iguais!  
Pra que estes luxos demais  
depois que somos ninguém?

Mais feliz é a cruz solita  
longe no ermo da estrada  
sem fita, sem flor, sem nada  
marcando o fim de uma vida...  
Fica dormindo aquecida  
no sol que logo a desbota,  
sem frase fria ou lorota  
nessa sesteada comprida...

Gosto da cruz do proscrito  
na solidão da campanha,  
tendo a garrafa de canha  
por promessa recebida;  
me dêem esta cruz perdida  
pra que o gaúcho passando,  
viva sempre me acenando  
numa eterna despedida.

Tomara que o Santo Onofre  
seja no céu meu parceiro,  
garanto que o dia inteiro  
vamos meter canha e pinho...  
E assim farei meu cantinho  
na internada do Senhor:  
serei mais um pecador

tendo um santo por padrinho.

Sei que vão falar de mim  
por mulherengo ou andejo,  
mas fica aqui meu desejo  
expresso nesta oração:  
Não falem de um coração  
que no céu não terá luz  
e amarrem bem minha cruz  
com as cordas do meu violão.

A infância e o retorno à infância é outra constante no lirismo gauchesco. No caso de Luiz Menezes não volta para ver a “infância querida” de Casimiro de Abreu”, que tanto influenciou (e continua influenciando) poetas cultos e populares. O que lhe ficou foi a infância pobre num casebre (rancho, na melhor expressão gaúcha) de chão batido (chão puro). E não é à toa que infância funciona como substantivo de rancho, ao estarem ligados diretamente, sem a mediação da preposição de. A violência marcada pela pobreza do menino se materializa com a violência (digamos assim) contra a Língua.

## CANÇÃO DE INVERNO

No chão batido  
do meu rancho infância,  
cantou a pobreza  
sua canção de inverno...  
Senti na carne  
as vicissitudes  
das amarguras  
que são mais profundas,  
quando se tem  
as ilusões mais ricas...

No chão batido  
do meu rancho infância,

cantou a pobreza  
sua canção de inverno...

E quantas noites  
me embalaram o sono  
canções amargas  
– minha mãe cantando –  
nesse prenúncio  
do amanhã incerto,  
do piá que apenas  
teve por riqueza,  
toda essa glória  
do amor materno.

No chão batido  
do meu rancho infância,  
cantou a pobreza  
sua canção de inverno...

Foi quando fiz  
o meu primeiro verso:  
verso sofrido  
sem consciência  
ou glória;  
verso de angústia  
que era o grito amargo  
de todos os ranchos  
da minha querência,  
por cujas frinchas  
galopava o vento  
golpeando os corpos  
de famintas almas...

No chão batido  
do meu rancho infância  
cantou a pobreza  
sua canção de inverno...

Foi quando fiz  
o meu primeiro verso,  
se ainda verde  
nos primeiros anos,  
já me caldeara  
no rigor da vida  
para saber  
que o grito  
da inclemência  
é o canto eterno  
quando o homem passa...

No chão batido  
do meu rancho infância,  
cantou a pobreza  
sua canção de inverno...

E nos brasedos  
da aurora pampeana  
me acostumei  
a matear em silêncio  
vendo que o homem  
quando parte deixa  
raízes fundas  
na sua querência...

.....

Por isso volto  
pras minhas origens  
cantando apenas  
a canção de inverno!

A cacimba, a lagoa, o açude, o rio – numa palavra: a água – estão sempre presentes na obra dos poetas gauchescos. E é outro elemento romântico.

## CACIMBA

Junto à cacimba ali à beira do mato  
água de sombra do arvoredado denso,  
sinto tua falta, sinto teu contato  
quando tristonho em ti querida penso.

Ao coração procuro e não convenço  
dizer-lhe apenas que morreu... Um fato.  
E no silêncio do arvoredado denso  
chora a cacimba ali à beira do mato.

O velho rancho – uma flor silvestre –  
sem o calor que um dia tu lhe deste  
e onde a saudade veio pra ficar,

é no momento em que a alegria finda  
uma tapera que te espera ainda  
sabendo amor, que nunca vais voltar.

Como escrevi acima, a água é um dos grandes motivos do lirismo romântico. O Quaraí, exerce um fascínio sobre o poeta, porque é o rio da infância. E todos nós, que tivemos um rio da infância jamais nos esqueceremos dele. Cantá-lo é uma espécie de sentir-se protegido no líquido amniótico da terra de onde viemos e para onde voltaremos.

## RIO QUARAÍ

Sonhos pueris, fantasias  
dos meus tempos de guri;  
fui moderno bandeirante,  
um campeador de brilhante  
nas águas do Quaraí.

Fui Marco Polo andarilho  
herói como nunca vi,  
que singrou todos os mares  
e descobriu mil lugares  
nas águas do Quaraí.

Caravelas de Colombo  
também aportaram ali;  
pra América fiz cantigas;  
fui Bolivar, fui Artigas  
nas águas do Quaraí.

Fui Portinari pintando  
o canto do bem-te-vi,  
fui até Pablo Neruda  
quando o por-do-sol transnuda  
nas águas do Quaraí.

.....

Onde andarão estes sonhos,  
os mais lindos que vivi?  
Se comigo não ficaram  
com certeza se afogaram  
nas águas do Quaraí.

O lirismo e o social unidos contribuíram para a popularidade de outro poema do poeta quaraense. FAZ TANTO TEMPO é declamado por moças e meninas em concursos de



declamação. É difícil um desses ventos onde não se encontre menina ou moça, em tom choromingueiro, recitando esses versos de Luiz Menezes.

## FAZ TANTO TEMPO

Era dessas lavadeiras  
que deixam as roupas bem alvas  
perfumadas de limpeza...

Tinha as mãos muito judiadas  
muito brancas, enrugadas  
da sanga, nas madrugadas  
do inverno da campanha...

Mãos mais velhas que a velhice  
que só sentiam carícias  
quando se uniam na prece.

A pá batendo na roupa,  
é como se ela batesse  
nos trapos dos desenganos  
que não pudera lavar...

Ajoelhada sobre a pedra,  
ia cantando cantigas  
que aprendera quando moça  
bem lá no fundo do tempo...  
E a correnteza do arroio  
alheia, se renovando  
ia passando... passando,  
como tempo sem voltar...

Quando alguém lhe perguntava  
qual era bem sua idade,

o seu olhar de repente  
tinha um clarão inocente  
respondendo ingenuamente  
que não soubera contar...

Era dessas lavadeiras  
que deixam as roupas bem alvas  
perfumadas de limpeza...

.....

Faz tanto tempo! No entanto  
nem sei por que, de repente  
me volta a imagem inocente  
da velhinha Margarida...  
Que só sabia lavar,  
cantar, rezara – sem chorar –  
e a própria mágoa afogar  
no arroio grande da vida.

E hoje quando olho o céu  
e vejo nuvens branquinhas,  
fico pensando... pensando  
numa lembrança perdida:  
Por certo foram lavadas,  
enxugadas e passadas  
por duas mãos enrugadas  
da velhinha Margarida.

Tanto a criança quanto o velho merecem uma atenção especial dos líricos gauchescos. Em sendo uma identificação com as duas extremidades cronologicamente mais frágeis da espécie humana prestam-se muito bem ao lirismo de conteúdo social. Quando além de criança ou velho é mulher acrescentam um conteúdo sentimental ainda mais expressivo

ao poema, como vemos nesses poemas sobre Margarida e “Siá” Maria. Esta com um componente a mais: negra, quatro vezes frágil.

## PRETA VELHA "SIÁ" MARIA

E mataram Clarimundo!  
foi a notícia na venda.  
Como notícia se emenda  
a aldeia ficou sabendo;  
um piazinho, entrou correndo  
no rancho de "siá" Maria,  
preta velha – que ironia! –  
muito querida no Pago,  
era a mãe desse índio vago  
que no corredor morria...

Com voz presa na garganta,  
falou o piá a muito custo,  
tinha no olhar o susto  
de ver o irmão caído...  
Que lhe importava o bandido  
no dizer de todo mundo?  
Pra ele, era o Clarimundo,  
seu irmão mais velho e pai,  
que morria sem um ai!  
lá na internada do fundo.

Mas pra preta "siá" Maria  
não precisou que dissesse,  
porque toda mãe conhece  
de cada filho o destino...  
A mãe tem o Dom divino  
de anteceder a notícia.  
Clarimundo e a polícia

se encontrariam um dia,  
por isso ela já sentia  
toda angustia do menino.

Depois com o surrado manto  
lhe cobrindo a carapinha  
enveredou pra estradinha  
que tantas vezes cruzara.  
A dor lhe sulcava a cara,  
em saudade diluída,  
porque a lágrima sentida  
é saudade gotejando  
que ela sentia chorando  
por alguém que muito amara.

Foi atravessando a aldeia  
com mil lembranças na mente  
vendo a maldade da gente  
nas expressões mais ousadas...  
Passou por muitas ramadas  
sem receber um consolo,  
quando um borracho, mui tolo,  
dominado pela canha,  
disse maldade tamanha:  
Bem feito presse crioulo!

Esqueceram "siá" Maria,  
preta velha benzedeira  
que sempre fora a primeira  
chegar num rancho em apuro...  
Que só tinha o rosto escuro,  
porém a alma branquinha,  
branca como a carapinha

que lhe contrastava o rosto  
franzido pelos desgostos  
da própria vida que tinha.

Não lhe perdoaram jamais  
seu pobre filho maleva  
que penetrara na treva  
invernada do gaudério...  
Ele que já fora um sério,  
e que até rezar sabia,  
e que morrendo dormia  
pras ingratidões do mundo.  
Por ser mãe de Clarimundo,  
não perdoaram "siá" Maria.

E lá se foi preta velha  
guiada pelo Senhor  
o Único que na dor  
nunca nos deixa solito...  
Por isso, Patrão Bendito,  
eu rezo de quando em quando,  
se estiver no céu chorando  
minha mãe por meus pecados  
sei que estarás ao seu lado  
sua lágrima apagando.

M. Cavalcanti Proença em conhecidíssimo ensaio intitulado “O Cantador Castro Alves (in Estudos Literários – 3. ed. – Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982), destaca a simpatia popular pelo “homem-solidão – fugitivo da justiça do céu e da terra, desguaritado e sem pouso, ou sedentário, homem bom, eremita penitente – situa-se o que se poderia chamar de complexo da terra estranha”, como se lê à página 233. Esse é um assunto bastante presente na poesia gauchesca. E o encontramos, também, em Luiz Menezes, ligando o proscrito judicial e o proscrito social, que acabam morrendo juntos, na mesma (e até inconsciente) resistência comum às mãos armadas pelas classes dominantes.

Esse amor ou atração pelo proscrito o poeta o retratou em poemas como Fogueteiro e Paisano.

## FOGUETEIRO

Mais oigatê vida braba!  
que profissão degraçada...

Era um forte, no entanto,  
vivia as margens da sorte.  
Pois nos bolichos de aldeia  
ninguém bebia em seu copo,  
ninguém lhe dava um saludo,  
ninguém lhe ofertava um trago  
e ninguém lhe dirigia  
uma palavra sequer...  
Ninguém andava a seu lado,  
ninguém entrava em seu rancho  
e nunca em sua vida amarga  
alguém lhe chamou de amigo...

Mas oigatê vida braba!  
que profissão desgraçada...

Trabalho, choro e silêncio  
nesta vida amaldiçoada,  
era apenas o que ouvia...  
O chamavam Fogueteiro  
Ou de "coveiro" também...

Num trabalho repetido,  
abrindo e fechando covas  
o Fogueteiro era um morto  
igual aos que sepultava...

Por isso em sua vida amarga  
nunca tivera um amigo.

Numa noite fria, escura  
como a sua solidão,  
pressentiu algo de estranho  
rondando seu tosco rancho.  
E de repente um barulho  
de cascos em atropelo  
e uma voz, quase um gemido,  
num murmurante: "ó de casa!"

Pulou do catre num upa,  
colou o ouvido na porta  
e na escuridão do rancho  
com a adaga desembainhada,  
esperou a voz outra vez.

Houve um espaço de tempo  
até que a voz novamente,  
agora a voz bem mais clara,  
alguém dizer: "ó de casa!"  
E completar: "Meu amigo,  
eu venho muito ferido  
e uma patrulha me segue..."

"Amigo?... – Pensou o coveiro –  
se eu nunca tive um amigo..."

Mesmo assim destravou a porta  
e pulou para o terreiro  
dizendo: "Apeie no mais parceiro  
que eu escondo o seu cavalo..."

E o estranho cambaleando,  
com a camisa ensangüentada,  
repetia ao Fogueteiro:  
“Gracias, amigo, e desculpe,  
talvez lhe traga desgraça...  
mas recebi um balaço  
e está sangrando demais.

.....

Quem diria, num segundo,  
Fogueteiro e forasteiro,  
amigos desconhecidos,  
abraçados no socorro...

Entraram. E sobre uns pelegos  
deitou o ferido de lado  
para que o sangue estancasse  
e com o poncho lhe tapou.

Levou o cavalo pra o mato  
e voltou pedindo à Bugra  
que esquentasse a cambona,  
botasse bastante “arnica”  
e deixasse ferver no más...  
A bugra era sua mulher,  
que nem ao menos falava,  
só sabia obedecer...

Quase a porta veio abaixo  
com as batidas de um milico.

“ Tchê Fogueteiro, te acorda!”



“To acordado, patrão.”

“ Por acaso tu não viste  
alguém passar em disparada  
no rumo do Arroio Vau?”

“ Por certo que não, patrão,  
e se ouvi nem me dei conta...  
São tantos os contrabandistas  
que vivem atalhando aqui...”

“Bueno, mas abre teu olho  
que o índio é mui perigoso...”

E gritando para os outros:

“Bamo se embora, pessoal,  
que o bandido se escapou...”

.....

A noite ainda ia alta  
quando o proscrito se foi,  
não sem antes abraçar  
seu estranho benfeitor...  
“Até a volta, meu amigo!  
talvez um dia apareça  
pra contá o que não contei...  
Gracias! Mil gracias, amigo!  
foi repetindo no escuro  
da noite na qual entrou.  
Se foi bem como chegou:  
sem dizer pra onde ia...”

Quem sabe, talvez sabe queria  
morrer bem longe dali...

.....

O Fogueteiro ficou  
"pitando" olhando à distância  
com algo assim bem estranho  
lhe cutucando a consciência...  
"Será que não fora um maua  
abandonar um ferido  
solito num corredor?  
Qu' importa se era um bandido.  
Ele bebera no seu copo  
deitara nos seus pelegos  
debaixo daquele teto  
coberto de santa-fé  
E lhe chamara de amigo  
no derradeiro até-a-volta..."

.....

Já surgiam no horizonte  
primeiras barras do dia.  
Se encaminhou ao potreiro  
em busca do malacara.  
Encilhou, não tão depressa,  
porém com muito cuidado...  
Botou a adaga entre os pelegos  
e sem dizer pra onde ia  
falou pra Bugra: – "Já volto"  
e se foi seguindo o rastro  
que o forasteiro deixou...

Houve um clarão na distância  
do tiroteio cruzado.

Depois, um baita silêncio  
desses que anunciam a morte...

Foram encontrados dois corpos  
no corredor da Tapera:  
De um, sabiam quem era;  
o outro... Um desconhecido.

Sim, era o Fogueteiro  
com seu estranho parceiro,  
o único companheiro  
que lhe chamara de amigo!

## PAISANO

Um dia chegou de longe,  
nunca se soube de donde...  
Chapéu quebrado na testa  
e um lenço preto ao pescoço  
negro como pensamento  
de uma china despeitada.

E afinal, ficou de peão  
Da estância de "Seu" Quirino.

Primeiro que levantava  
ao canto do quero-quero  
pra impeçá a lida do dia.  
E quando lhe davam um alce,  
passava grozeando os cascos  
de um rozilito cinzento,  
pingo que era um pensamento

segundo seu comentário.

Ninguém sabia seu nome,  
talvez, nem mesmo o patrão.

Mas quando de noitezita  
a indiada puxava um banco,  
em derredor do fogão,  
lá sob um canto, solito,  
um pinho entrava de manso  
cantando coisas bonitas,  
que faz a gente pensar...

E finalmente a peonada  
se acostumou com o estranho:  
pra todo mundo da estância  
era o Paisano no mas...

Talvez por seu mutismo  
despertava nas mulheres  
caprichos de coração.

Porém muito maneiroso  
fazia sempre segredo,  
quando por necessidade  
precisava do carinho  
de alguma china qualquer...

Depois voltava solito,  
ao trote do seu rozilho,  
levando para os pelegos  
mais uma história de amor.

E finalmente aos pouquitos,  
por ser pronto servidor,  
foi conquistando a amizade  
desde a peonada ao patrão.

E foi num final de tarde  
que alguém entrou no galpão  
e disse pros que mateavam  
que uma patrulha do povo  
buscava um “sorro” qualquer...  
O que se ouviu de repente,  
foi uma voz que de um canto  
falou por primeira vez,  
Dizendo apenas: “To aqui!!”

Foi como se lá do céu  
um trovão se desgrudasse  
preludiando temporal.  
Logo o galpão foi sitiado  
pela patrulha do povo.

E até me parece mentira  
que um indiozito tão quieto  
pudesse ser tão ligeiro  
na hora do ferro branco.

.....

Quando cessou o reboiço  
E os gritos do entreveiro  
jaziam lá no terreiro  
três índios ensangüentados...

E a longe, na polvadeira,  
um rozilito cinzento  
de cascos bem aparados,  
debandava pra outros “norte”,  
talvez pra banda Oriental...

Levava apenas no lombo  
um guapo e quieto Paisano  
que um dia chegou de longe,  
nunca se soube de donde.

O contrabando é outro tema constante na literatura gauchesca. Resto de uma sociedade onde não existiam as fronteiras criadas pelo conquistador branco. De certo modo, a gauchesca procura o “eterno retorno”, o paraíso perdido. E o paraíso perdido, como o Éden bíblico, é um lugar onde todos os homens são iguais, um lugar sem fronteiras. O contrabandista, grande ou pequeno, é um injustiçado social, vítima do pecado original, causado pela ingestão do fruto proibido, o Estado, e ainda mais um estado artificial, transplantado da Europa.

Peona, talvez por isso, influenciou muitos poetas, que reescreveram a mesma história.

## PEONA

Cidinha fez sete anos  
sem festa, presente, nada...

A data só foi lembrada  
na folhinha da parede,  
que mostrava uma boneca  
que ela sonhava comprar.

O pai andava tropeando  
ou talvez contrabandeando;  
Contrabando na fronteira  
embora "brabo" é profissão.

Cidinha fez sete anos  
sem festa, presente, nada...

De manhã muito cedinho,  
quando o sol bandeou a janela,  
ganhou apenas carinho  
da bênção que a mãe lhe deu.

O rancho de pau-a-pique  
bem limpinho, chão batido,  
vivia o louco gemido  
dos que a dor sabem esconder.

Somente a alma bonita  
da menina sem boneca  
brincava de aniversário  
nesta festa sem ninguém...

Cidinha fez sete anos  
sem festa, presente, nada...

O dia passou correndo,  
a noite chegou depressa,  
e com a noite a promessa  
de um lindo e novo amanhã.

Talvez o pai se lembrasse  
de lhe trazer um presente?  
Mas o pai que andava ausente  
chegou e..."buenas" no más.

Dos padrinhos? Pobre gente!

Para o batizado em casa  
quase sempre são parentes  
ou vizinhos mais chegados.

Na igreja custa dinheiro;  
Em casa uma vela basta  
pra reza meio cantada  
que nem decorada está.

Como esperar a menina  
que lhe trouxesse presente,  
gente sem fé na esperança,  
sem hoje, sem amanhã?

Cidinha fez sete anos  
sem festa, presente, nada...

Foi bem cedo para o catre,  
se cobriu com o poncho velho  
– cobertor desde nascera —  
e rezou para dormir.

Sonhou com o Patrão Celeste  
junto do catre, bem rente,  
que lhe trazia um presente  
todo envolto de luar.

Sim era aquela boneca  
com um sorriso sapeca,  
que saía da folhinha  
e viera em sonho lhe abraçar.

.....



Cidinha fez sete anos  
e aí parou de contar...  
sem escola, sem boneca  
sabe Deus onde andará?

Talvez de peona em estância  
dormindo em muitos pelegos...  
Amargo preço do emprego  
dos que não têm profissão.

Os ventos que sopram na Campanha, o minuano, o pampeiro, exercem um fascínio sobre os escritores que escreveram sobre o homem e o meio rio-grandense, desde o cearense José de Alencar, com o romance *O Gaúcho* (1870). O minuano, vento gelado que vem da República do Uruguai, cortando campos e serras povoadas pelos extintos índios minuanos, é uma constante temática entre os gauchescos e deu título ao primeiro livro de poemas de Lauro Rodrigues, que tanto influi na vida e na obra de Luiz Menezes.

## MINUANO

Que se passa contigo, Minuano?

Que atropelas o rancho indefeso  
espantando o calor que ali dorme  
escondido no meio da cinza  
de um fogo que há muito apagou?

Que se passa contigo, Minuano?

Que pareces querer extinguir  
uma raça faminta que sobra,  
abrigada na desesperança  
dos destroços da era presente?

Que se passa contigo, Minuano?

Eu bem sei que repontas angústias  
deste Pampa que tu hoje choras  
sob as folhas do umbu solitário  
que no ermo do campo quedou...

Que se passa contigo, Minuano?

Tu não vês que nos ranchos se encolhem  
mil piazitos de corpos franzinos  
a bombear a panela vazia  
na esperança de um dia melhor?

Que se passa contigo, Minuano?

O teu grito por sobre a cumeeirra  
faz lembrar-me do canto esperança  
que apagou nessa estrada sem rumo  
cemitério das desilusões!!

Data : 13/07/2008

Título : Machado de Assis, 100 Anos de História

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 27 de agosto de 2007, dentro das programações do 2º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, parte integrante da 12ª Jornada Nacional de Literatura...

No dia 27 de agosto de 2007, dentro das programações do 2º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, parte integrante da 12ª Jornada Nacional de Literatura, a Academia Passo-Fundense de Letras, recebeu uma representação da Academia Brasileira de Letras. Integravam-na o presidente da Casa de Machado de Assis, Marcos

Vinícios Villaça, o secretário geral, Domício Proença Filho, que se fazia acompanhar de sua esposa, a passo-fundense Rejane, além do secretário daquele sodalício.

Na oportunidade o presidente da Academia Brasileira de Letras fez um convite aos acadêmicos passo-fundenses. O NACIONAL do dia seguinte assim noticiava o fato: “Durante o encontro, Villaça convidou os imortais da Academia Passo-Fundense de Letras a integrar, juntamente com a ABL, as atividades do centenário da morte de Machado de Assis, que acontece no próximo ano. “Gostaria que a academia promovesse algo para dar ao país a notícia de que Passo Fundo está atenta ao grande, ao maior de todos os nossos escritores, no centenário de sua morte”, frisa Vilaça. Na oportunidade, o presidente da ABL anunciou que irá encaminhar à Academia Passo-Fundense de Letras 500 volumes das diversas edições da Academia Brasileira de Letras”.

A convite da professora Tânia Rösing, coordenadora das Jornadas Nacionais de Literatura, acompanhei os acadêmicos da Casa de Machado de Assis, durante o 2º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras: Revisitando os Clássicos II.

Testemunhei a admiração do presidente e do secretário geral daquela centenária instituição pelo trabalho da nossa Academia e a beleza do nosso prédio que, inclusive, serviu de baluarte para a resistência oficial ao semicírculo de Passo Fundo, durante a Revolução de 23.

O chamamento de Marcos Antonio Villaça calou fundo nos corações dos confrades. No dia 21 de outubro o acadêmico Alberto Antonio Rebonatto propôs que realizássemos um concurso entre alunos do Ensino Médio de Passo Fundo, sobre Machado de Assis, que por sinal é seu patrono. A proposição foi aceita por unanimidade e recordo-me muito bem que propus a formação de uma Comissão, nos termos do Estatuto, para levar avante a idéia.

Escolheu-se uma comissão constituída pelos acadêmicos Alberto Antonio Rebonatto, Dilse Piccin Corteze, Elizabeth Souza Ferreira, Gilberto Cunha, Jurema Carpes do Valle, Paulo Monteiro, Santana Rodrigues Dal Paz e Welci Nascimento. Como propositor, Alberto Antonio Rebonatto, unanimemente, seguindo uma tradição acadêmica, acabou designado responsável pela coordenação do grupo de trabalho.

Como então vice-presidente da Academia e integrante da Comissão, acompanhei o esforço de todos os confrades, mormente de Alberto, que encarou a responsabilidade como uma verdadeira missão. Elaborou um documento intitulado “PROJETO LITERÁRIO DA ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS DESTINADO ÀS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DE PASSO FUNDO”, que aprovado pelos acadêmicos e acabou sendo a carta náutica de nossas atividades. Apresentado à equipe especializada da 7ª Coordenadoria Regional de Educação o documento foi aceito por aquele órgão responsável pela direção da educação no município e na região, ofereceu todo o apoio à iniciativa acadêmica.

Em 29 de dezembro de 2007 tomei posse na presidência da Academia Passo-Fundense de Letras. Estávamos no período das férias escolares, devidamente apetrechados para dar continuidade ao Projeto no início do ano letivo de 2008. E foi o que aconteceu.

Uma de minhas propostas à frente da Academia é valorizar o trabalho das Comissões. Parlamentarista desde o berço, procuro portar-me como um chefe de gabinete, onde cada

acadêmico tenha o status de ministro. A Comissão, sob o comando do seu coordenador, já nas primeiras semanas de aula, em março de 2008, atirou-se à faina junto às escolas de Ensino Médio, armada com o Regulamento do concurso MACHADO DE ASSIS: 100 ANOS DE HISTÓRIA. Alberto, Dilse, Elizabeth, Gilberto, Jurema, Santina e Welci foram incansáveis. Partiram para o corpo-a-corpo. Visitaram escolas, conversaram com professores, estiveram nos órgãos de imprensa. Praticaram a emulação. E vencemos.

Em meio ao mais intenso dos trabalhos o acadêmico Alberto Antonio Rebonatto precisou licenciar-se, para tratar assuntos imperiosos, no Ceará. Passou a coordenação da Comissão para a acadêmica Dilse Piccin Corteze.

No dia 28 de junho de 2008, conforme a alínea “c”, do Art. 6º, do Regulamento, contabilizamos nove participantes, todos eles alunos de Ensino Médio. Foram os seguintes os textos recebidos:

Breve Comentário, de Ayheza Fontoura de Baldo e Carneiro, da Escola Estadual de Ensino Médio Ana Luisa Ferrão Teixeira, orientada pela professora Ângela Luft;

Machado de Assis: 100 anos de história, de Bruna Fernanda Suptitz, da Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, orientada pela professora Mariana Kotelinski;

Machado de Assis ainda vive..., de Débora De Marco Machado, da Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves, coordenada pela professora Adriana dos Santos;

Caminho dos Arbustos, de Renata Augustin, do Colégio Marista Conceição, orientada pela professora Patrícia Stein Graeff;

Orgulho Nacional, de Júlia Luvisa Gauer, da Escola de Ensino Médio Garra, orientada pelo aluno Fábio Aroque Candaten; Resenha da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis, de Diego Pinheiro Dias, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, orientado pela professora Vera Lúcia Verzeznazzi;

Resenha do conto “A Cartomante” de Machado de Assis, de Jaderson Tibola da Silva, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, orientado pela professora Vera Lúcia Verzeznazzi;

Resenha da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis, de Alison Vinicius Cardoso, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, orientado pela professora Vera Lúcia Verzeznazzi;

Um gênio inigualável, de Cristian Teixeira Marques, da Escola Estadual de Ensino Médio Antonino Xavier e Oliveira, orientado pela professora Santa F. Fontana Soares;

Já no domingo, 29 de junho, reuniu-se a comissão julgadora constituída pelas acadêmicas Helena Rotta de Camargo, professora de Português e revisora, Elizabeth Souza Ferreira, licenciada e História, Dilse Pecin Corteze, mestra em História, e Terezinha Bule, professora de Literatura e Português. Durante várias horas as julgadoras leram todos os trabalhos concorrentes, discutindo os mais diversos aspectos, decidindo pela escolha dos três trabalhos vencedores.

O primeiro colado foi Machado de Assis ainda vive..., de Débora De Marco Machado; em segundo lugar ficou Caminho dos Arbustos, de Renata Augustin, e, na terceira colocação Orgulho Nacional, de Júlia Luvisa Gauer.

Acompanhei o trabalho da Comissão Julgadora, na qualidade de mero observador, e testemunho o grau de dificuldade enfrentado para a seleção. Testemunho, também, a seriedade com que se dedicaram à missão.

Apesar de o Regulamento prever a divulgação do resultado na segunda-feira, dia 30, a Comissão Julgadora, em conjunto com o presidente da Academia, decidiram postergar o prazo dessa publicação para uma segunda conferência dos trabalhos.

Na reunião costumeira dos sábados, realizada no dia 12 de julho, os acadêmicos decidiram que a sessão solene de premiação dos vencedores e diplomação dos participantes será realizada na sede da Academia, a 13 de agosto de 2008, com início às 19 horas e 30 minutos. Por uma dessas felizes coincidências, enquanto estávamos reunidos, recebemos Sedex do presidente da Academia Brasileira de Letras, acadêmico Cícero Sandroni, comunicando a data em que a Casa de Machado de Assis receberá a representação da Academia Passo-Fundense de Letras, a aluna vencedora e sua professora. Será na quinta-feira, 25 de setembro. E mais: o convite para que os visitantes participem do “célebre chá das 5”, ao lado dos imortais brasileiros.

O sucesso do concurso “MACHADO DE ASSIS: 100 ANOS DE HISTÓRIA” deve-se ao empenho de todos, mas absolutamente todos os acadêmicos; à colaboração da 7ª Coordenadoria Regional de Educação, também como um todo, e da direção, professores, funcionários e alunos de Ensino Médio das escolas envolvidas. A contribuição dos meios de comunicação social de Passo Fundo foi indispensável. Essa conjugação de esforços foi a responsável maior para que o concurso tivesse chegado a bom termo.

Passo Fundo, 13 de julho de 2008.

Paulo Monteiro – presidente da  
Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 13/07/2008

Título : MACHADO DE ASSIS, 100 ANOS DE HISTÓRIA

Categoria: Artigos

Descrição: A premiação do Concurso

MACHADO DE ASSIS, 100 ANOS DE HISTÓRIA

No dia 27 de agosto de 2007, dentro das programações do 2º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, parte integrante da 12ª Jornada Nacional de Literatura, a

Academia Passo-Fundense de Letras, recebeu uma representação da Academia Brasileira de Letras. Integravam-na o presidente da Casa de Machado de Assis, Marcos Vinícios Villaça, o secretário-geral, Domício Proença Filho, que se fazia acompanhar de sua esposa, a passo-fundense Rejane, além do secretário daquele sodalício.

Na oportunidade o presidente da Academia Brasileira de Letras fez um convite aos acadêmicos passo-fundenses. O NACIONAL do dia seguinte assim noticiava o fato: “Durante o encontro, Villaça convidou os imortais da Academia Passo-Fundense de Letras a integrar, juntamente com a ABL, as atividades do centenário da morte de Machado de Assis, que acontece no próximo ano. “Gostaria que a academia promovesse algo para dar ao país a notícia de que Passo Fundo está atenta ao grande, ao maior de todos os nossos escritores, no centenário de sua morte”, frisa Vilaça. Na oportunidade, o presidente da ABL anunciou que irá encaminhar à Academia Passo-Fundense de Letras 500 volumes das diversas edições da Academia Brasileira de Letras”.

A convite da professora Tânia Rösing, coordenadora das Jornadas Nacionais de Literatura, acompanhei os acadêmicos da Casa de Machado de Assis, durante o 2º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras: Revisitando os Clássicos II. Testemunhei a admiração do presidente e do secretário geral daquela centenária instituição pelo trabalho da nossa Academia e a beleza do nosso prédio que, inclusive, serviu de baluarte para a resistência oficial ao semicírculo de Passo Fundo, durante a Revolução de 23.

O chamamento de Marcos Antonio Villaça calou fundo nos corações dos confrades. No dia 21 de outubro o acadêmico Alberto Antonio Rebonatto propôs que realizássemos um concurso entre alunos do Ensino Médio de Passo Fundo, sobre Machado de Assis, que por sinal é seu patrono. A proposição foi aceita por unanimidade e recordo-me muito bem que propus a formação de uma Comissão, nos termos do Estatuto, para levar avante a idéia.

Escolheu-se uma comissão constituída pelos acadêmicos Alberto Antonio Rebonatto, Dilse Piccin Corteze, Elizabeth Souza Ferreira, Gilberto Cunha, Jurema Carpes do Valle, Paulo Monteiro, Santina Rodrigues Dal Paz e Welci Nascimento. Como propositor, Alberto Antonio Rebonatto, unanimemente, seguindo uma tradição acadêmica, acabou designado responsável pela coordenação do grupo de trabalho.

Como então vice-presidente da Academia e integrante da Comissão, acompanhei o esforço de todos os confrades, mormente de Alberto, que encarou a responsabilidade como uma verdadeira missão. Elaborou um documento intitulado “PROJETO LITERÁRIO DA ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS DESTINADO ÀS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DE PASSO FUNDO”, que aprovado pelos acadêmicos e acabou sendo a carta náutica de nossas atividades. Apresentado à equipe especializada da 7ª Coordenadoria Regional de Educação o documento foi aceito por aquele órgão responsável pela direção da educação no município e na região, ofereceu todo o apoio à iniciativa acadêmica.

Em 29 de dezembro de 2007 tomei posse na presidência da Academia Passo-Fundense de Letras. Estávamos no período das férias escolares, devidamente apetrechados para dar continuidade ao Projeto no início do ano letivo de 2008. E foi o que aconteceu.

Uma de minhas propostas à frente da Academia é valorizar o trabalho das Comissões. Parlamentarista desde o berço, procuro portar-me como um chefe de gabinete, onde cada acadêmico tenha o status de ministro. A Comissão, sob o comando do seu coordenador, já nas primeiras semanas de aula, em março de 2008, atirou-se à faina junto às escolas de Ensino Médio, armada com o Regulamento do concurso MACHADO DE ASSIS – 100 ANOS DE HISTÓRIA. Alberto, Dilse, Elizabeth, Gilberto, Jurema, Santina e Welci foram incansáveis. Partiram para o corpo-a-corpo. Visitaram escolas, conversaram com professores, estiveram nos órgãos de imprensa. Praticaram a emulação. E vencemos.

Em meio ao mais intenso dos trabalhos o acadêmico Alberto Antonio Rebonatto precisou licenciar-se, para tratar assuntos imperiosos, no Ceará. Passou a coordenação da Comissão para a acadêmica Dilse Piccin Corteze.

No dia 28 de junho de 2008, conforme a alínea “c”, do Art. 6º, do Regulamento, contabilizamos nove participantes, todos eles alunos de Ensino Médio. Foram os seguintes os textos recebidos:

Breve Comentário, de Ayheza Fontoura de Baldo e Carneiro, da Escola Estadual de Ensino Médio Ana Luisa Ferrão Teixeira, orientada pela professora Ângela Luft;

Machado de Assis: 100 anos de história, de Bruna Fernanda Suptitz, da Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, orientada pela professora Mariana Kotelinski;

Machado de Assis ainda vive..., de Débora De Marco Machado, da Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves, coordenada pela professora Adriana dos Santos;

Caminho dos Arbustos, de Renata Augustin, do Colégio Marista Conceição, orientada pela professora Patrícia Stein Graeff;

Orgulho Nacional, de Júlia Luvisa Gauer, da Escola de Ensino Médio Garra, orientada pelo aluno Fábio Aroque Candaten;

Resenha da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis, de Diego Pinheiro Dias, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, orientado pela professora Vera Lúcia Verzeznazzi;

Resenha do conto “A Cartomante” de Machado de Assis, de Jaderson Tibola da Silva, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, orientado pela professora Vera Lúcia Verzeznazzi;

Resenha da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis, de Alison Vinicius Cardoso, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, orientado pela professora Vera Lúcia Verzeznazzi;

Um gênio inigualável, de Cristian Teixeira Marques, da Escola Estadual de Ensino Médio Antonino Xavier e Oliveira, orientado pela professora Santa F. Fontana Soares;

Já no domingo, 29 de junho, reuniu-se a comissão julgadora constituída pelas acadêmicas Helena Rotta de Camargo, professora de Português e revisora, Elizabeth Souza Ferreira, licenciada e História, Dilse Pecin Corteze, mestra em História, e Terezinha Bule, professora de Literatura e Português. Durante várias horas as julgadoras leram todos os trabalhos concorrentes, discutindo os mais diversos aspectos, decidindo pela escolha dos três trabalhos vencedores.

O primeiro colado foi Machado de Assis ainda vive..., de Débora De Marco Machado; em segundo lugar ficou Caminho dos Arbustos, de Renata Augustin, e, na terceira colocação Orgulho Nacional, de Júlia Luvisa Gauer.

Acompanhei o trabalho da Comissão Julgadora, na qualidade de mero observador, e testemunho o grau de dificuldade enfrentado para a seleção. Testemunho, também, a seriedade com que se dedicaram à missão.

Apesar de o Regulamento prever a divulgação do resultado na segunda-feira, dia 30, a Comissão Julgadora, em conjunto com o presidente da Academia, decidiram postergar o prazo dessa publicação para uma segunda conferência dos trabalhos.

Na reunião costumeira dos sábados, realizada no dia 12 de julho, os acadêmicos decidiram que a sessão solene de premiação dos vencedores e diplomação dos participantes será realizada na sede da Academia, a 13 de agosto de 2008, com início às 19 horas e 30 minutos. Por uma dessas felizes coincidências, enquanto estávamos reunidos, recebemos Sedex do presidente da Academia Brasileira de Letras, acadêmico Cícero Sandroni, comunicando a data em que a Casa de Machado de Assis receberá a representação da Academia Passo-Fundense de Letras, a aluna vencedora e sua professora. Será na quinta-feira, 25 de setembro. E mais: o convite para que os visitantes participem do “célebre chá das 5”, ao lado dos imortais brasileiros.

O sucesso do concurso “MACHADO DE ASSIS – 100 ANOS DE HISTÓRIA” deve-se ao empenho de todos, mas absolutamente todos os acadêmicos; à colaboração da 7ª Coordenadoria Regional de Educação, também como um todo, e da direção, professores, funcionários e alunos de Ensino Médio das escolas envolvidas. A contribuição dos meios de comunicação social de Passo Fundo foi indispensável. Essa conjugação de esforços foi a responsável maior para que o concurso tivesse chegado a bom termo.

Passo Fundo, 13 de julho de 2008.

Paulo Monteiro – presidente da  
Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 25/05/2003

Título : Mãe Coragem

Categoria: Artigos

Descrição: Álvaro Soares da Silva, meu avô materno, tinha uma memória privilegiada.



## Mãe Coragem

Álvaro Soares da Silva, meu avô materno, tinha uma memória privilegiada. Nascido no final do Século XIX conheceu veteranos da Guerra do Paraguai, da Revolução de 1893, além de testemunhar pessoalmente alguns acontecimentos, como a Coluna Prestes, da qual participou, durante certo período. Viu pessoalmente, o massacre das levanteiras no Combate da Fazenda da Ramada, episódio que contava em detalhes. Guri, eu costumava permanecer horas a fio ouvindo ele falar sobre fatos, com a vivacidade dos velhos contadores de causos. Infelizmente faleceu quando eu tinha apenas 14 anos.

A propósito do Dia das Mães vale a pena lembrar um fato acontecido durante a Revolução de 93. Enquanto a maioria dos homens, de uma determinada fazenda, estavam envolvidos nos combates ao lado das forças federalistas, as mulheres, alguns empregados, e pessoas impossibilitadas de participar diretamente da luta armada, permaneceram na propriedade, concentrados em torno da sede.

A todos comandava a estancieira, senhora já madura, acostumada à vida de neta, filha, irmã e esposa dos velhos guerrilheiros das coxilhas.

Certo dia, souo o alerta na estância. Aproximava-se um grupo de cavalarianos. Não sabendo de que lado eram, entrincheiraram-se na casa grande da fazenda. Logo os lenços, brilhando ao sol, denunciavam que eram os temidos provisórios.

Quanto mais perto chegavam, mais a formação denunciava a que propósitos vinham. Todos a postos. Dedos nos gatilhos. Quando os atacantes chegaram a distância de tiro, a um grito da matriarca, uma saraivada de balas foi recebê-los.

Surpreendidos recuaram. Carregavam feridos. Morto, arrastaram o caudilho que lhes comandava.

Ouvindo os disparos, um piazote, de uns 13 ou 14 anos, que saíra para recorrer as invernadas retorna às pressas. Vendo os temíveis pica-paus ameaçando a casa de seus pais não recuou. Sacou um três- listas e partiu na direção dos atacantes.

O que se viu, a partir daí, foi uma cena quase inenarrável.

Um guri, enfrentando 20 ou 30 guerreiros experientes. Ao primeiro, que dele se aproximou, fez saltar os miolos com um fação. Agil, um lanceiro tirou-lhe fora de combate, com um golpe certo no braço direito. Sentindo que não conseguiram invadir a casa, começava, ali mesmo a vingança pelo chefe morto.

Um provisório cortou a mão direita do menino; o outro a esquerda. Imobilizado, não chorava, não gemia. A cada pedaço que lhe era arrancado gritava os maiores chingamentos aos odiados adversários.

Depois de um certo tempo calou-se. Morrera sem uma lágrima. Cortaram-lhe a cabeça. Vazaram-lhe os olhos. Um dos carrascos gritou para os da casa:

Venham juntar os guisados do maragatinho!"

Do interior da moradia, a voz firme da matriarca e coou pelas coxilhas e canhadas:

“- Picaram meu filho, comam a carne dele, seus desgraçados!”

E uma nova saraivada de balas, serviu de salva, homenageando o piazzote.

Afastaram-se os provisórios. A mãe, pegou um cesto, forrou-lhe com cuidado e foi recolher os pedaços do filho. Tapou com terra o sangue da vítima, cuidou de seu corpo, de que lhe fizessem um caixão e o velassem.

Quando vejo tantas crianças abandonadas, pelas ruas, penso com meus botões, "Pena que as mães maragatas já morreram todas!"

Do Jornal

Rotta

25/05/2003

Data : 05/03/2015

Título : Mais um Pedro na família

Categoria: Crônicas

Descrição: Ontem nasceu em Carazinho mais um Pedro na minha família. Filho de Claudia De Souza, minha prima em segundo grau.

Ontem nasceu em Carazinho mais um Pedro na minha família. Filho de Claudia De Souza, minha prima em segundo grau. Seu nome: Pedro Antônio. Mantém uma característica de minha família paterna, os Mendes Monteiro, cujos ancestrais deixaram seus umbigos na velha Sorocaba, e dali se espalharam pelo Brasil, repontando tropas trazidas da Mesopotâmia Argentina.

Um dos meus trisavôs, talvez o primeiro passo-fundense da família, chamava-se Francisco Mendes Monteiro, mas era conhecido como Francisco Pedro Monteiro, mas mais conhecido como Chico Pedro, Nas veias desse novo "Pedro", além do sangue valente dos sorocabanos, circula a vida de proto-avós mineiras, lagunenses e índias, que viveram na velha aldeia próxima ao Faxina, hoje Ernestina. Ali próximo, em 1637, uma bandeira paulista arrasou uma das primeiras reduções organizadas pelos jesuítas espanhóis no quê viria a ser o Rio Grande do Sul de hoje: a Ruducción de Santa Teresa de los Piñales y Herbales.

Pedro Antônio é neto de minha prima Berenice Monteiro Souza e seu esposo Jairo Hilario Sousa.

"Pedro tu és pedra", disse Jesus a um pescador, que se tornaria o primeiro pastor universal do Cristianismo. Talvez venha daí, o apelido de nossos avós. Precisava ser feito de pedra de cantaria para suportar as longas jornadas em que as tropas de mulas xucras iam sendo amansadas.

Pedro Antônio, receba um abraço deste Paulo, teu primo, cujo nome é uma homenagem a outro Paulo, que apesar do seu nome significar "pequeno", se uniu àquela "pedra" da Galiléia.

Pedro Antônio, não te esqueças jamais que tu és pedra.

28 de dezembro de 2014

Data : 03/10/2009

Título : Maldita Guerra

Categoria: Crônicas

Descrição: Por isso, não consigo escrever Guerra do Paraguai. Para mim será sempre guerra contra o Paraguai, ...

## Maldita Guerra

Cresci ouvindo minha avó materna contar que sua mãe era uma menina alegre até que os exércitos da Tríplice Aliança entrassem no Paraguai. Com a guerra veio a destruição das propriedades, a fome, a doença, as violências contra as famílias. Seu pai e sua mãe, meus trisavós, morreram. Minha bisavó, ainda criança, ficou como arrimo de família.

Já no final da guerra ia ao acampamento brasileiro, conduzindo seus irmãozinhos, à procura de comida. Nessas idas e vindas fez amizade com um homem de meia-idade, com quem conversava e para o qual revelou seu drama e dos seus irmãos.

Um dia ele lhe disse que estava retornando para o Rio Grande do Sul, para uma cidade chamada Cruz Alta, onde deixara a fazenda, a esposa e filhos pequenos. Abriu seu coração duro, de homem da campanha, acostumado aos horrores das guerras. Admirava o cuidado que ela demonstrava para com os irmãos. E convidou-a para que, juntamente com os pequenos, o acompanhasse para os pagos cruz-altenses. Ali não seriam tratados como criados, mas como filhos.

A menina confiou no gaúcho. Era um dos que destruíram o Paraguai, mas sentia que dentro do peito daquele homem batia um coração humano. Aceitou o convite.

No outro dia, cedo, a guria e seus irmãos estavam aboletados numa carreta. Logo cruzaram a fronteira do Paraguai, atravessara Corrientes e Entre-Rios. Num certo dia chegaram a Cruz Alta.

Após descer do cavalo e abraçar a esposa de quem estivera separado durante largo tempo, apresentou-lhe os recém-chegados. Contou a história daquelas crianças e ordenou que fossem recebidos dentro de casa e aceitos como filhos. A seus filhos legítimos mandou que tratassem os órfãos de guerra como a irmãos de sangue. E assim foi feito. Até certo tempo.

Até certo tempo porque alguns anos depois a paraguaiasinha, na qual os traços guaranis apresentavam exotividade, e o filho do bem-feitor se apaixonaram. Casaram.

Pouco depois a jovem esposa chamou o marido e lhe disse que sabia que ele possuía um velho relacionamento com uma negra, ex-escrava, que lhe dera dois filhos. Estes tinham sido abandonados pela mãe, da qual não se teve mais notícias.

– Eu sei o que é não ter pai, nem mãe. Vai buscar teus filhos. Vou criá-los como se fossem meus filhos.

O homem não discutiu. Encilhou dois cavalos. Montou num deles e partiu levando o outro ajojado.

Pouco tempo depois retornou trazendo dois menininhos engarupados.

– Deixa que eu apeie nossos filhos! – disse a mulher. E estreitou os mulatinhos nos braços. Criou-os como seus filhos, junto com os vários filhos que teve.

Por isso, não consigo escrever Guerra do Paraguai. Para mim será sempre guerra contra o Paraguai, uma guerra contra crianças como minha bisavó. Também por isso é que odeio todas as guerras, pois acabam vitimando inocentes. E porque as odeio escrevo sobre elas. Para exorcizá-las. Mas odeio mais ainda aqueles que fazem as guerras e as revoluções necessárias, glosando uma frase famosa.

(O Autor leu a crônica acima, ao final de palestra que pronunciou sobre a contribuição passo-fundense com o esforço de guerra contra o Paraguai, no dia 27 de setembro de 2009, durante o Primer Encuentro Internacional de Historia Respecto a lãs Acciones de Armas Sobre las Costas del Rio Uruguay em la Guerra del Paraguay – Guerra Guazù, realizado no Club Progreso de Paso de los Libres, Argentina).

Data : 15/01/2009

Título : Manhã

Categoria: Poesia

Descrição: a rua estreita se estende como serpente ferida

manhã

a rua estreita se estende  
como serpente ferida  
e os homens caminham nela  
como motores sem vida

as chaminés elevando-se  
nessa manhã nevoenta  
mostram formas tão estranhas  
de bichos enormes indo  
para o velho matadouro  
dos que não têm dinheiro  
só força de produzir

nessa manhã como em sonho  
e como se sonha em vão  
passam os homens sozinhos  
como sempre vão passando  
levando a marmita simples  
com seu feijão e arroz

é uma manhã como as outras  
como chicote assassino  
corta o vento da manhã  
como policiais espiam  
os olhos dessa manhã

feijão e arroz nas marmitas  
feijão e arroz nada mais  
desenha a fumaça baixa

pontos trágicos em torno  
dos vultos que se vão indo  
com suas formas estranhas  
para o velho matadouro  
dos que não têm dinheiro  
só força de produzir  
levando em suas marmitas  
feijão e arroz nada mais

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 01/08/2011

Título : MANIFESTO E PRISÃO DO MARECHAL HENRIQUE TEIXEIRA LOTT

Categoria: Artigos

Descrição: O jornal O Nacional de 28 de agosto de 1.961, abria a primeira página, em letras garrafais, com a manchete: P. Alegre em pé de guerra!

## MANIFESTO E PRISÃO DO MARECHAL HENRIQUE TEIXEIRA LOTT

O jornal O Nacional de 28 de agosto de 1.961, abria a primeira página, em letras garrafais, com a manchete: P. Alegre em pé de guerra!. Transcrevia carta do general Henrique Teixeira Lott apoiando a posse de João Goulart, em lugar de Jânio Quadros e anunciava que aviões da Força Aérea Brasileira receberam ordens para bombardear o Palácio Piratini, mas os pilotos se negaram a obedecer a essa determinação superior e que o III Exército estava ao lado de Jango. Divulgava dramático discurso do governador Leonel Brizola, transcrito um pouco mais adiante.

A Câmara de Vereadores de Passo Fundo funcionava em sessão permanente. Suas dependências foram abertas à comunidade. Enquanto isso, o 2º Batalhão Policial, da Brigada Militar, guarnecia os pontos estratégicos da cidade.

Nesse mesmo dia, distribuído pela Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul era publicado um manifesto do marechal Henrique Teixeira Lott, que concorrera à Presidência da República, encabeçando a chapa que tinha João Goulart como candidato a vice-presidente. Em razão da legislação eleitoral da época, foram eleitos o candidato mais

votado para presidente (Jânio Quadros) e o candidato a vice-presidente que alcançou o maior número de votos (João Goulart). Em consequência desse documento Lott acabou preso. O manifesto estava vazado nos seguintes termos:

“Aos meus camaradas das Forças Armadas e ao povo brasileiro.

Tomei conhecimento, nesta data, da decisão do Senhor Ministro da Guerra, Marechal Odylio Denys, manifestada ao representante do governo do Rio Grande do Sul, deputado Rui Ramos, no Palácio do Planalto, em Brasília, de não permitir que o atual Presidente da República, Sr. João Goulart, entre no exercício de suas funções, e ainda, de detê-lo no momento em que pise no território nacional.

Mediante ligação telefônica, tentei demover aquele eminente colega da prática de semelhante violência, sem obter resultado. Embora afastado das atividades militares, mantenho um compromisso de honra com a minha classe, com a minha pátria e as suas instituições democráticas e constitucionais. E, por isso, sinto-me no indeclinável dever de manifestar o meu repúdio à solução anormal e arbitrária que se pretende impor à Nação.

Dentro dessa orientação, conclamo todas as forças vivas do país, as forças da produção e do pensamento, dos estudantes e intelectuais, dos operários e do povo em geral, para tomar posição decisiva e enérgica no respeito à Constituição e preservação integral do regime democrático brasileiro, certo ainda de que os meus camaradas das Forças Armadas saberão portar-se à altura das tradições legalistas que marcam sua história no destino da Pátria.

Henrique Teixeira Lott”

#### OUTRO DISCURSO DE BRIZOLA

E, ainda nessa data, outro documento foi lido avidamente pelos passo-fundenses. Era um discurso de Leonel Brizola, proferido em plena madrugada pela Rede da Legalidade. Através dele o manifesto do marechal Henrique Teixeira Lott chegou aos mais distantes recantos do país e do exterior. O governador gaúcho confirmava a autenticidade do documento escrito pelo chefe militar, já na reserva, pois era lido em meio às palavras do líder trabalhista.

O discurso foi ao ar pelas 2h30min da madrugada e pela manhã já circulava transcrito em O NACIONAL.

“A esta hora da noite, da madrugada decidi dirigir-me aos meus conterrâneos. Na verdade, o nosso país está vivendo horas muito tensas, horas dramáticas em face da situação política, desta lamentável situação, porque num país de quase setenta milhões de habitantes, que se diz progressista, num país das tradições do Brasil, é realmente de estarrecer que tenhamos de viver dias e momentos como estes. Quando se obscurece e de desconhece princípios de aplicação simples e de aplicação imperativa como são os princípios constitucionais. Considero, meus conterrâneos, que vivemos realmente um momento delicadíssimo da vida nacional. Hoje não é mais a apreensão em torno da renúncia do Presidente Jânio Quadros. Está esclarecido que foi um ato de sua iniciativa,

aceito e definitivo, por conseguinte, um fato consumado. Quem substitui o Presidente é o Vice-Presidente eleito. Pois bem, encontrando-se o Dr. João Goulart ausente do país, desempenhando missão no exterior, foi convocado para assumir a chefia do Governo da República e vem se dirigindo para o nosso país. Entretanto, a politicagem, os sentimentos inferiores golpistas de alguns círculos desta república, vêm sustentando que não se deva dar posse ao vice-presidente, ou melhor, que se deva impedir que o presidente constitucional do Brasil que neste momento já é o Sr. João Goulart, impedir que o presidente constitucional do nosso País exerça as suas funções.

Durante o dia de hoje, meus conterrâneos, deixando de lado o trabalho que todos devemos dar durante todos os instantes disponíveis para tratar exclusivamente dessa situação que, dramática por um lado, também tem aspectos ridículos, porque isto é uma demonstração de que em lugar de muitas crianças e de muitos adultos que não sabem ler, deveríamos fazer voltar para a escola muitos que se consideram dirigentes dessa nação. Deveriam começar a aprender o ABC de civismo para poder voltar a servir à Nação. Pois bem, durante todo o dia de hoje, aqui passei trabalhando, atuando em torno desse assunto, absorvido por ele, constantemente em ligação com o Rio e Brasília, procurando a confirmação daquilo que de início eram apenas rumores de que alguns círculos da capital da República tentavam impedir a posse do Vice-Presidente na Presidência da República. Agora, nas primeiras horas da noite, chegaram as primeiras confirmações desses fatos. Voltei ainda a insistir nos meus contatos junto à capital da República e o Rio de Janeiro para ter certeza de que na verdade essa circunstância estranha, tinha se processado.

E de fato, meus conterrâneos, círculos federais, não apenas da política e da politicagem, mas inclusive explorando e reunindo em torno dessas intenções macabras alguns chefes militares, fazendo pronunciamentos e expedindo notas, discutindo junto dos Gabinetes, custeados e pagos com o dinheiro do povo, visando a imposição de suas vontades impedindo que o presidente constitucional assumira as suas funções. Nem preciso referir, nas minhas considerações, outras provas desses fatos estranhos e desditosos para o nosso País, senão o manifesto que acaba de expedir para toda a Nação, o marechal Henrique Teixeira Lott que com sua autoridade moral, porque deste velho soldado pode se discordar, seja de suas ideias políticas, seja de suas atitudes, mas ninguém pode deixar de reconhecer nele um homem de grande gabarito e autoridade moral.

Pois bem, é o marechal Lott que se dirige aos seus companheiros e camaradas das forças armadas e ao povo brasileiro, deixando que tomou conhecimento no dia de hoje da decisão do Sr. Ministro da Guerra, marechal Odylho Denys, manifestando ao representante do governo do Rio Grande do Sul, no Palácio do Planalto, em Brasília, de não permitir que o atual presidente da República, Dr. João Goulart, atentem bem para estas palavras, que o atual presidente da República entre no exercício de suas funções e ainda de detê-lo, prendê-lo, no momento em que desembarcasse no território nacional. Mediante ligação telefônica, dizendo textualmente na sua mensagem, lerei... (Brizola lê o manifesto do marechal Henrique Teixeira Lott, acima transcrito). Diziam que este documento havia sido reexaminado por ele.

Eu informo a todos quantos me ouvem que este documento foi lido a mim pelo telefone pelo próprio marechal Lott, pedindo-me que procurasse divulgá-lo porque inclusive no Rio



de Janeiro essas forças golpistas já estavam impondo censura a algumas emissoras, evitando o esclarecimento indispensável à população brasileira.

Dou, por conseguinte, autenticidade e assumo a responsabilidade sobre a origem e a autenticidade deste documento.

Dirijo-me agora aos meus conterrâneos, dizendo que diante desse fato nós, gaúchos, somente temos uma única posição a assumir. E esta é a posição deste Governo, desse Rio Grande que nunca se dobrou à imposição de ninguém, ainda mais àquelas imposições que rasgam as leis e as constituições do País. Nós, que governamos o Rio Grande do Sul, não aceitamos quaisquer golpes, não assistiremos passivamente quaisquer atentados às liberdades públicas e à ordem constitucional.

Reagiremos como estiver ao nosso alcance.

Nem que seja para sermos esmagados.

Mas defenderemos a honra e as nossas tradições. A constituição do País tem que ser respeitada.

E eu duvido muito que esses apelos ao golpe, como também nas ordens para que se execute o golpe encontrem guarida nos corações e nas consciências dos soldados da nossa pátria, daqueles que juraram defender a constituição e a ordem legal do nosso País.

Apelo aos meus conterrâneos para que todos observem a marcha dos acontecimentos, com absoluta calma, com segurança, com aquela segurança que somente têm os que estão cheios de razão. Observem também a posição que deverá assumir constantemente o governo do Estado.

Levo meu apelo a todas as forças vivas do meu Estado, as suas classes trabalhadoras, aos seus sindicatos, aos estudantes, ao povo e à população do interior, a essa gente humilde que não sabe o que é se submeter a uma humilhação e curvar a espinha.

Nós não queremos a desordem.

Nós queremos é a ordem e a paz.

Nós não queremos a anarquia.

Nós não queremos o caos.

Nós desejamos é o respeito ao princípio da autoridade e queremos a ordem legal, o império da lei e da Constituição. Que assumam a responsabilidade aqueles que têm a intenção e que pretendam atentar contra a ordem constituída.

Assumam a responsabilidade porque eles irão verificar que o povo e as autoridades públicas, que os professores, que os jornalistas, que os intelectuais, que os estudantes, que os trabalhadores, que os agricultores do interior, desde a estância humilde até o maior industrial da cidade não desejam e não querem o regime do arbítrio, o regime do abuso da autoridade, em nosso País.

Era isto que eu queria dizer, meus patrícios, dizendo também a todos que cada um procure tomar as medias que estiver ao seu alcance diante da eventualidade ou diante de qualquer iniciativa concreta de opressão, de violência contra a liberdade pública.

Daqui da sede deste Governo, da qual nós aqui permanecemos para a defesa, não apenas da honra do governo do Rio Grande, mas também daquilo que consideramos a própria dignidade nacional, isto é, a Constituição e decisão popular, a decisão tomada pelo voto livre e consciente do povo brasileiro.

O Dr. João Goulart, nesta altura, já é o presidente constitucional do Brasil.

Mesmo encontrando-se no exterior ele já é o presidente do Brasil e a sua autoridade tem que ser respeitada e acatada.

O Governo do Rio Grande, tenho certeza, falando em nome de seu povo, não pactua e não aceita e nem assistirá passivamente quaisquer golpes ou violências contra a ordem constituída, contra a ordem legal, contra a Constituição do País.

Confio na ação de meus conterrâneos. Tenho certeza que cada gaúcho saberá assumir a posição adequada nesse momento difícil da nossa Pátria.

Aguardemos os fatos, vigilantes e atentos.

Espero que estes homens que tiveram a coragem de lançar esta ofensa à face da Nação, espero que reexaminem esta atitude inaceitável, este desatino, que poderá, inclusive, trazer imensas dificuldades e sofrimentos ao povo brasileiro que temos o dever de servir, que poderá jogar este País no caos, desordem, uma luta sangrenta e na guerra civil.

Atenção, meus conterrâneos, muita atenção meus conterrâneos, muita atenção.

O governo do Estado resistirá a qualquer tentativa de golpe. Nós resistiremos com o que estiver ao nosso alcance, como pudermos, vivendo os mandamentos da nossa consciência e as inspirações do nosso patriotismo. Tenho certeza absoluta que o Rio Grande que nunca se deixou humilhar, que o Rio Grande que tem um passado que acompanha a nossa sombra, que o Rio Grande saberá estar, como todos os anos da sua história, à altura do momento nacional.

Aguardemos o desenrolar dos acontecimentos, atentos. Voltem as atenções e os vossos olhos para os passos, para as iniciativas e para posições que o Governo do Estado deverá (tomar), por um imperativo de honra e dignidade, em face dos acontecimentos. Apelo que eu levo a ti, gaúcho do Rio Grande, a ti, brasileiro de outros estados que neste instante honra-nos ouvindo as nossas palavras, e a ti, soldado do Brasil, das nossas forças públicas, Exército, Marinha e Aeronáutica.

Atentem para a realidade que estamos vivendo, atentem para a gravidade desse momento.

Defendamos a ordem legal, defendamos a Constituição, defendamos a honra e a dignidade do povo brasileiro.”

## O APOIO DE ERICO VERISSIMO

Erico Verissimo foi e continua sendo um escritor controverso. A geração de que fez parte esteve dividida em dois lados inconciliáveis: ou o escritor era revolucionário ou conservador. O autor de *O Tempo e o Vento*, que se autodefinia como “um contador de histórias” apanhava. E continua apanhando dos dois lados. Para uns não passava de um

escritor alienado que praticava uma literatura consumível; um alienado ou até um reacionário; para outros um socialista ou um “inocente útil”, a serviço do comunismo internacional.

Na verdade Erico sempre foi, mesmo, “um contador de histórias”. E essa é a função do verdadeiro ficcionista, enquanto ficcionista.

Erico não aceitou a ditadura estado-novista de Getúlio Vargas. E tanto não a aceitou que autoexilou-se nos Estados Unidos. Pouco antes de mudar-se para aquele país percorreu o interior do Rio Grande do Sul pronunciando conferências. A última delas foi exatamente em Passo Fundo, no Grêmio Passo-Fundense de Letras, atual Academia Passo-Fundense de Letras. Nem os anais do sodalício, nem a imprensa daqueles dias registraram o conteúdo de suas palavras. De concreto, restou apenas que o presidente do Grêmio, advogado Celso da Cunha Fiori foi chamado à delegacia de polícia para dar explicações, fazendo-se representar pelo também “gremista”, como à época se autointitulavam os atuais acadêmicos, e advogado Verdi De César. Ambos eram velhos conhecidos da polícia política local, pois integraram os quadros da Aliança Nacional Libertadora, liderada nacionalmente, nada mais nada menos do que pelo temível Luis Carlos Prestes.

No dia 29 de agosto de 1961 Erico Verissimo, em mensagem enviada ao general José Machado Lopes, comandante do III Exército, declarou seu apoio à Campanha da Legalidade, correspondência, publicada em O NACIONAL, daquela data:

“Queira o ilustre amigo aceitar meus cumprimentos e minha solidariedade pela posição justa e corajosa que tomou em face dos acontecimentos políticos desta hora. Todos acreditam que até uma democracia imperfeita é preferível a qualquer ditadura. A constituição deve ser respeitada e o vice-presidente empossado. Quero, também, que tudo isso sirva de lição para aqueles que, embora clamem hoje pela legalidade, no passado apoiaram golpes e desrespeitaram a Constituição quando isso lhes conveio. Creia na estima e admiração deste seu compatriota.

Erico Verissimo”

Era o acerto de contas do escritor, vítima do Estado Novo, com os trabalhistas que “apoiaram golpes e desrespeitaram a Constituição quando isso lhes conveio”. Palavras estas, que ficam claro quando sabemos das consequências advindas para os “imortais de Passo Fundo” que o receberam às vésperas de sua mudança, com família e tudo, para os Estados Unidos.

A 29 de agosto a Liga de Defesa Nacional, presidida pelo professor Sabino Santos, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, anunciava a suspensão das comemorações da Semana da Pátria. No dia seguinte o Centro Acadêmico “Carlos Gomes”, presidido por Estelita Maris Marcondes se solidarizava com o movimento. Desde o dia anterior, na Câmara de Vereadores, o Comitê Feminino Pró-Legalidade abriu voluntariado para quem quisesse se alistar para defender a posse de João Goulart e o respeito à Constituição.

Dentre os partidos conservadores, apenas o Partido Democrata Cristão (PDC) liderado pelo médico Arnildo Sarturi, botava as manguinhas de fora, defendendo a legalidade com o regresso de Jango ao governo.

O dia 30 de agosto foi tenso em Porto Alegre e em todo o Estado. À noite esperava-se um ataque aéreo contra o Palácio Piratini, em cujas janelas foram instaladas metralhadoras antiaéreas. Enquanto isso, cerca de 40 mil pessoas se concentravam na frente da sede do governo estadual para aplaudir a tomada de posição do general Machado Lopes.

Em Passo Fundo a mobilização era intensa.

Do livro

A Campanha da Legalidade em Passo Fundo

Data : 01/08/2011

Título : MANIFESTOS EM PASSO FUNDO

Categoria: Artigos

Descrição: O Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, um dos mais antigos do Estado, com um quadro social do qual faziam parte as mais expressivas personalidades do município...

## MANIFESTOS EM PASSO FUNDO

### TRADICIONALISTAS EM AÇÃO

O Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, um dos mais antigos do Estado, com um quadro social do qual faziam parte as mais expressivas personalidades do município, tanto da área urbana, quando da ainda vasta zona rural, tomava posição firme em torno da Legalidade.

O patrão, Eleodoro Antunes Fernandes, conhecido comerciante, e o sota capataz, Ramenti De César, integrante de conhecida família de imigrantes italianos, representando a opinião dos sócios, enviava o telegrama seguinte ao primeiro mandatário do Estado:

“Governador Leonel Brizola

Palácio Piratini

Porto Alegre

O Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”, cômico de suas responsabilidades ante o momento em que a nação atravessa, manifesta-se, neste instante, em defesa da ordem constitucional do país, pugnando pela democracia e salvaguardando os direitos

inalienáveis do povo. Expressa a V. Ex.<sup>a</sup> Calorosos aplausos pela atitude assumida, tendo em mira o pleno respeito à Legalidade.

Os tradicionalistas de Passo Fundo, fieis aos ideais de liberdade, legados por seus antepassados, jamais se afastarão do roteiro do seu glorioso destino, colocando-se em posição de vanguarda, honrando os feitos inapagáveis de nossa gente.

Nesta hora grave da nacionalidade, o Rio Grande do Sul mantém-se como sentinela avançada da Pátria e este CTG saberá cumprir a expressão máxima de sua legenda 'Em qualquer chão, sempre gaúcho pelo bem do Brasil'.

ELEODORO ANTUNES FERNANDES – Patrão

RAMENTI DE CESARO – Sota Capataz”

Mas não ficava nisso. Através de “manifesto” publicado na imprensa, no dia seguinte, conclamava a população passo-fundense a apoiar o movimento que já se tornava cívico-miliar, conforme se pode ver a seguir:

“Centro de Tradições Gaúchas ‘Lalau Miranda’

## MANIFESTO

O Centro de Tradições Gaúchas ‘LALAU MIRANDA’, sentindo nitidamente a grave crise porque passa a Pátria querida e sem desmentir o passado de honra e lutas históricas dos heróis gaúchos deste torrão farroupilha, em prol dos ideais de liberdade, manifesta-se publicamente solidário com os defensores da legalidade e do respeito impostergável à Constituição vigente da República Brasileira.

Sente-se no dever patriótico de, nesta crítica contingência, conclamar todos os gaúchos cultores da bravura legendária do grande Gal. Bento Gonçalves da Silva, a que fiquem atentos a qualquer chamamento em defesa das liberdades individuais e democráticas da Pátria comum.

Outrossim, torna público já ter se manifestado solidário ao Palácio Piratini, ‘Cidadela da Legalidade’, através de vibrante mensagem fonográfica.

Fieis como sempre ao legendário Rio Grande, ficamos atentos ao nosso lema: ‘Em qualquer chão, sempre gaúcho pelo bem do Brasil’.

ELEODORO ANTUNES FERNANDES – Patrão

RAMENTI DE CÉSARO – Sota Capataz”

## FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

Ao mesmo tempo, uma comissão de funcionários da agência local do Banco do Brasil declarava “solidariedade ao movimento legalista”. Os funcionários do Banco do Brasil, à época, formavam uma categoria altamente conceituada em qualquer comunidade onde se fizesse presente. Numa época em que se dava grande valor ao casamento, enquanto elemento que garantisse estabilidade à mulher e os filhos, os funcionários desse banco oficial eram reconhecidos como ótimos partidos para as mocinhas casadoiras.

Quando lemos o rol dos signatários encontramos nomes que se destacariam nos meios empresariais e intelectuais de Passo Fundo. Eis os termos em que foi vazado o telegrama dirigido ao governador do Estado:

“Governador Leonel Brizola – Palácio Piratini – PORTO ALEGRE

Orgulhosos com a corajosa atitude de V. Ex.<sup>a</sup>, em defesa da Constituição, hipotecamos solidariedade ao movimento legalista. Entendemos que deve estar nos desígnios do movimento a reintegração do Presidente Jânio Quadros, no caso de que sua renúncia tenha sido forçada. Saudações.

#### GRUPO DE FUNCIONARIOS DO BANCO DO BRASIL DE PASSO FUNDO

(aa) Armando Ferreira da Silva – José Catarino Ferreira – Heinz Beor – Azir Truccolo – Nelson Serpa - José Artur Alvarenga – Dyógenes Martins Pinto – Pery Marzzullo – Waldir Marques – Celso Reschke – Gentil Alves de Castro – Rosalino José Galli – Luiz Juarez de Azevedo – Waldomiro Marcon – Francisco G. da Silva – Roberto Schaan Filho – Roberto Leyser – Rogério Fabiano dos Santos – Romeu Terres de Azeredo – Luiz Ayres Correia – Jorge Garcia Portugal – Aivo Fernandes Rodrigues – Jairo Serrano – Cláudio Camargo – Berecy Garay – Nereu Patussi – Abel Meira – Luiz Dario Zasso – Toyoi Kondo – Ângelo Romualdo de Felippo – Waldemar P. Carvalho – Paulo C. Lima – Celso Meira – Edson Sperry Winckler – Claud B. Marques – Lucindo Costamilan – Décio Bertolin – Alberto Rebonatto – João Fidelis Warken – Reinaldo Zimmermann – Adauto V. Diniz.”

#### A MULHER PASSO-FUNDENSE

Em Passo Fundo, a mulher teve um papel importante na Campanha da Legalidade. Mulheres de todas as classes sociais envolveram-se no movimento, destacando-se a liderança de Irma Helena Salton, presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Seu avô, coronel Gervasio Luccas Annes, foi o líder do Partido Conservador, em Passo Fundo, durante o Império. Aderiu ao Partido Republicano Rio-Grandense, antes mesmo da Proclamação da República e tornou-se uma das maiores lideranças castilhistas da região. Intendente, combateu, no posto de coronel, a Revolução Federalista. Além de intendente (prefeito) do município foi deputado. O pai de Irma Helena Salton, Armando Annes, também foi intendente e deputado. Depois da Legalidade, seu esposo Wolmar Antonio Salton, e seu filho, Carlos Armando Salton, exerceram mandatos de prefeito.

Irma Helena Salton chefiou também a Comissão Central do Comitê Feminino Pró-Legalidade. Este, montou núcleos nos principais bairros e vilas de Passo Fundo. Com certeza, a matriarca dos Annes Salton, empregava as lições recebidas das mulheres mais

velhas, durante as revoluções de 93 e 23, em que sua família paterna exerceu papel preponderante.

Esse apelo ao heroísmo e à “herança farroupilha” é o que transpiram os telegramas seguintes:

“Congresso Nacional – Brasília – A mulher passo-fundense confia no critério da justiça e respeito à gloriosa Constituição e apela pela manutenção da democracia, aplaudindo a firmeza na decisão de acatamento à legalidade. Por um Brasil melhor.”

“Assembléia Legislativa – Porto Alegre – A mulher passo-fundense vibra com a atitude desassombrada e patriótica tomada em defesa da legalidade. Depositamos confiança em vossas decisões, acima dos interesses partidários.”

“Comandante do III Exército – Porto Alegre – As mães, esposas e irmãs aplaudem a atitude tomada em defesa da legalidade, evitando o derramamento do precioso sangue dos homens do Rio Grande.”

“Governador do Estado – Palácio Piratini – Porto Alegre – O sangue farroupilha vibra em nossos corações, aplaudindo a heróica atitude de V. Ex.<sup>a</sup>, exemplo de brasilidade, demonstrando, mais uma vez, que o Rio Grande está de pé pelo Brasil.”

Ao mesmo tempo em que Irma Helena Salton, dirigente da LBA, assumia o comando da Comissão Central do Comitê Feminino Pró-Legalidade, Djanira Lângaro, que tivera papel importante na Cruz Vermelha, durante a II Guerra, volta à cena, com a mesma Cruz Vermelha, secundada pela professora Delma Rosendo Gehn. A Cruz Vermelha, instalada no andar térreo do Instituto de Belas Artes, na Avenida Brasil Oeste, passou a funcionar através de uma dezena de comissões, quais sejam: Comissão de medicamentos e emergência; Comissão de plantão permanente; Comissão de ataduras, lençóis, cobertores e maca; Comissão de enfermagem e guarda de matéria; Comissão de Transporte; Comissão de doadores de sangue; Comissão de alimentação; Comissão de cozinha; Comissão de limpeza e Comissão de voluntárias.

Já o Comitê Feminino Pró-Legalidade partia para a organização de núcleos nos principais bairros e vilas da Cidade. Era a colocação em prática de um plano para o envolvimento popular efetivo no movimento.

Eis, os Subcomitês Pró-Legalidade e suas respectivas “senhoras” coordenadoras: Vila Santa Maria: Flávia Menna Barreto; Vila Luiza: Maria Tereza Rache; Vila Schell: Teresinha Amaral; Vilas Rodrigues e Cruzeiro: Maria J. Quadros; Vila Vera Cruz: Ezilda Santos; Sapo (isto mesmo, Sapo, atual Vila União) e Operária: Ilda Amaral; Vila Santa Terezinha: Erbene O. Fachini; Vila Vergueiro: Rosa Maria Santos; Vila Petrópolis: Olga Poletto; Vila Costi e Exposição (atual Bairro São Cristóvão): Alice Costi; Vila Armando Annes: Licinia Couto; Vila Bairro São José: Zamar Goron; Vila Lucas Araújo: Nair Guimarães; Vila Independente: Morena Salem Aires; Vila Santa Maria: Dinah Portela; Vila Lângaro: Edla Castro; Vila Dona Elisa: Rita Santos e Vila Industrial: Laura Meirelles.

Essas coordenadorias de bairros deveriam seguir as seguintes instruções: esclarecimento sobre a situação e objetivos do movimento pró-legalidade, orientação da mulher e seu papel; endereço, nome, profissão do esposo, relação de filhos com a respectiva idade e a atividade da qual a mulher poderá participar (se cozinheira, costureira, enfermeira, etc.); condições de vida da família; outros elementos que julgar necessários serem tomados.

A mobilização das donas-de-casa passo-fundenses surtiu efeito. Em telegrama publicado no dia 6 de setembro, a presidente do Comitê Pró-Legalidade, Irma Helena Salton, relata o envolvimento de 2.000 mulheres de bairros e vilas de Passo Fundo.

“Governador Leonel Brizola – Palácio Piratini – Porto Alegre – Em face do pronunciamento do general comandante do glorioso III Exército, dirigindo um apelo aos seus camaradas, renunciativo à Constituição, em nome do CM da LBA e do Comitê Feminino Pró-legalidade, venho, comunicar ao nosso intrépido Governador, baluarte da legalidade, que 400 donas de casa se encontram em plena ação pela Democracia e mais de 1.700 acham-se inscritas, aguardando o chamamento.

A mulher passo-fundense está a postos nessa luta decisiva para os destinos da Pátria e pela vigência das liberdades democráticas do nosso povo e do querido Brasil, embora confiante que a alta compreensão volte ao espírito dos responsáveis, esperando mães, esposas, filhas e noivas, que, finalmente, as armas que defenderão a Democracia não precisem falar. Tudo pela posse do Presidente! (a) Irmã Helena Salton – Presidente do Comitê Pró-Legalidade.”

## APOIO DO FUTEBOL AMADOR

Essa proposta de penetração popular da Campanha da Legalidade encontrou eco entre os jogadores de futebol de várzea, amadores.

Do ponto de vista urbanístico, a Passo Fundo de 1961, era muitíssimo diferente da atual (2011). Em todos os bairros existiam grandes áreas baldias, onde meninos, rapazes e até circunspectos pais de família, jogavam futebol. E um grupo de dirigentes de clubes varzeanos, no primeiro dia de setembro, lançou um manifesto, entregue à Câmara de Vereadores.

### “MANIFESTO

Os clubes de futebol varzeano de Passo Fundo, unidos com o Rio Grande legalista e com o Brasil democrata, manifestam de público solidariedade ao movimento de resistência democrática liderado pelo Exmo. Sr. Governador Leonel Brizola, com apoio do III Exército.

Pela garantia das liberdades individuais, pela democracia, pelo respeito ao voto popular, pela Constituição, manifestamos nossa conclamação a todos os filiados ao esporte varzeano de Passo Fundo, para que formem fileira, resolutamente, no movimento de resistência democrática, formando comitês de resistência democrática e contribuindo para mobilizar a opinião pública da totalidade de nossos conterrâneos para que o Rio Grande triunfe e o Brasil não se dobre ao golpe, à prepotência, à ilegalidade.



Passo Fundo, 1º de outubro de 1961.

Leopoldo D'Arienzo Filho – Natalino Dal'Piazze – Odone Formigheri – Ary Ribas – Leocledes Ferrão – Amadeu A. Martins – João Cardoso de Moraes – Delmo Alves Xavier – Adílio Gonçalves”

## A PARTICIPAÇÃO DAS IGREJAS

As igrejas cristãs, das mais diferentes confissões, desde o início, inseriram-se na Campanha da Legalidade. Dom Cláudio Colling, então bispo de Passo Fundo, que depois chegaria a arcebispo, era homem que deixou fama de político habilidoso. O manifesto, que lançou no dia 30 de agosto de 1961, é obra de verdadeira raposa. Nele não apóia o movimento da legalidade (diretamente), mas, sim, a “generosa iniciativa” das senhoras lideradas por Irma Helena Salton.

Nada havia de “generosidade” na “iniciativa” das mulheres passo-fundenses. A exemplo de suas ancestrais nos velhos tempos do Rio grande belicoso, elas agiam como um forte grupo de sustentação moral e material ao movimento de resistência militar em marcha. Leiamos o documento emitido por Dom Cláudio Colling:

“AO POVO DE PASSO FUNDO

Nesta hora conturbada da nossa amada Pátria, plenamente identificada com os sentidos de dolorosa apreensão dos nossos amados filhos, queremos fazer eco às palavras serenas e oportunas de Sua Ex.<sup>a</sup> Dom Vicente Scherer, e conclamar a todos para em oração fervorosa e confiante, aguardarem a feliz superação da grave crise político-administrativa em que nos encontramos.

Como guia espiritual de nossa grei, asseguramos a todos perfeita assistência espiritual em qualquer eventualidade, contando para isso, com oferecimento espontâneo de diversos sacerdotes.

Louvamos também e apoiamos, dentro de nossas possibilidades, a generosa iniciativa de um grupo de senhoras de nossa melhor sociedade, que, sob a presidência da Ex.<sup>ma</sup> Sra. Irmã Helena Salton, mui digna representante da LBA em nossa cidade, tomou a si a espinhosa e caritativa tarefa de providenciar assistência às famílias passo-fundenses que eventualmente dela necessitarem.

Iniciativas desse gênero, inspiradas na mais lídima caridade cristã, contarão sempre com nossa incondicional solidariedade e sincero apoio, a se desdobrar em medidas concretas conforme as circunstâncias o exigirem.

Que Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e da nossa amada Diocese, nos proteja nesta hora difícil e faça voltar a paz e a tranqüilidade a todos os lares de nossa estremecida Pátria.

Passo Fundo, aos 30 de agosto de 1961.

CLAUDIO COLLING Bispo de Passo Fundo”

As duas igrejas evangélicas mais atuantes do município, à época, a Metodista e a Assembléia de Deus, desde o primeiro momento, colocaram-se ao lado da Legalidade. Reuniram seus círculos de oração, formados por homens e mulheres dedicados a orarem continuamente. Mantiveram-se de portas abertas, orando dia e noite, no período mais árduo da crise e se solidarizaram publicamente com o movimento, conforme vemos nos documentos a seguir transcritos.

#### “Apoio da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Passo Fundo

Sendo solicitado apoio pela LBA e Comitê Feminino Pró Legalidade, venho por intermédio desta, dar minha irrestrita colaboração e assistência espiritual, em oração, o que, aliás, já estamos fazendo desde os primeiros momentos desta crise em que o Brasil está atravessando. E, também, no sentido social, dentro das nossas possibilidades, faremos tudo o que for possível para que se mantenha a ordem, a tranqüilidade e a paz, até que esta crise seja resolvida.

E, lembrando a todos, que acima de tudo devemos confiar em Deus, o Senhor de todas as Nações, que por sua benigna bondade derrame sobre nós suas bênçãos, afim de que os homens venham à razão pelo reconhecimento da verdade e da legalidade.

Conforme o salmista suplica no Salmo 121, versos 1 e 2: ‘Elevo os meus olhos para os montes; de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o Céu e a Terra’.

Pela Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Passo Fundo, Germano Domingos Zucchi – Pastor”

A Sociedade Metodista de Homens, de Passo Fundo, presidida por Luiz Gustavo Kuchenbecker, e secretariada por Avelino Simões, enviou telegrama ao governador Leonel Brizola hipotecando solidariedade. E o Reverendo Clory Trindade de Oliveira, superintendente distrital da Igreja, lançava um manifesto público sobre os acontecimentos cívico-militares do momento.

#### “Ao povo metodista, amigos e simpatizantes – Povo gaúcho

Amamos a Deus. Cremos na sua direção sobre os povos. Confiamos no seu amor, manifestado em Jesus Cristo. Respeitamos o governo legitimamente constituído. Acatamos a lei, a ordem e a constituição, impostergável carta magna brasileira.

Nesses dias de angústia e incerteza, quando o espectro da luta fratricida ameaça nossa gente; quando a desconfiança mina e destrói os melhores sentimentos; quando a própria civilização e cultura brasileira periclitam, endereçamos a todos os pastores metodistas, crentes, fieis e amigos, na qualidade de Superintendente do Distrito de Passo Fundo, da Igreja Metodista do Brasil, nas paróquias de Soledade, Carazinho, Lagoa Vermelha, Erechim, Passo Fundo – sim, levamos a todos, a nossa palavra de fé e esperança no destino democrático e vocação cristã, deste grande e glorioso país, o nosso querido Brasil.

A todos concitamos para que estejam em oração, rogando a Deus, Supremo Senhor deste mundo, que esclareça a mente e o coração de nossos governantes, homens do Congresso e Forças Armadas, a fim de que aceitem a solução pacífica para o grave problema que enfrentamos.

Queremos estudar, trabalhar e viver em paz; queremos legar aos nossos filhos um Brasil, não apenas grande, mas unido, ordeiro, pacífico e democrático, temente a Deus e Cristo.

Cumpra, pois, cada brasileiro o seu dever, o seu sagrado dever, amando a Deus sobre tudo e ao semelhante como a si mesmo.

Passo Fundo, 1º de setembro de 1961.

Rev. CLORY TRINDADE DE OLIVEIRA – Superintendente Distrital”

## A MAÇONARIA

Os maçons têm exercido uma influência muito grande na história de Passo Fundo. Embora sejam desconhecidos registros públicos sobre isso, a primeira autoridade constituída que aqui se fixou, Joaquim Fagundes dos Reis, era maçom. Participou da Revolução Farroupilha (1835/1845), defendeu a República Rio-Grandense e foi preso. Remetido para o Rio de Janeiro, acabou libertado com dinheiro dos cofres daquela República. Maçons eram os homens que acertaram a emancipação de Passo Fundo de Cruz Alta.

No dia 5 de setembro, quando já estava definida a posse de João Goulart na Presidência da República acertada a implantação do parlamentarismo, os maçons passo-fudenses lançaram um duro manifesto, condenando a quebra da constitucionalidade que representava, no momento, aquela forma de governo.

“Loja Maçônica ‘Concórdia do Sul’

### Proclamação

A Loja Maçônica ‘Concórdia do Sul’, como parte de uma milenar instituição que sempre batalhou pela liberdade dos povos, considerando que a integridade político-administrativa de nossa estremecida Pátria acaba de ser substancialmente ferida, vítima que foi de um golpe traiçoeiro pela esmagadora maioria da Câmara Federal, os quais agindo temerosos de perderem as rendosas posições, votaram contrariando, em princípio, o que estabelece o art. 217 § 5º, da própria Constituição Brasileira item este que diz textualmente: ‘Não se reformará a Constituição, na vigência do estado de sítio’, cuja existência não existia de direito, mas existia de fato, lança o seu veemente protesto e a sua repudia a tão vil ato praticado pelos pseudos representantes do povo.

Já disse Ruy Barbosa que ‘o direito da força jamais deve pairar acima da força do direito’ e alguém dias atrás assim se manifestou face à atual conjuntura: ‘depois de iniciado um jogo não se alteram as regras’, com o que concordamos.

Outras eleições teremos no futuro e é preciso que o povo esteja alerta para os conhecidos ‘cantos de sereia’ de tais ‘representantes de seus próprios interesses’.

Convém nesta oportunidade alertar para o seguinte: nem para a Maçonaria Brasileira e nem para a Loja Maçônica “Concórdia do Sul” em particular existem sistemas de governo como questões fechadas; apenas o que combatemos são os extremismos, tanto da direita como da esquerda. E, se vem de público externar o seu repúdio a tão ignominioso ato, o faz baseado nas circunstâncias de como foi ele praticado, ou seja, por representantes do povo que não estavam e nem estão credenciados para isso, como agindo ainda sob pressão de alguns ministros militares e temerosos de perderem as suas fofas e rendosas poltronas.

Nossa posição não tem nenhum sentido político, mas tão somente a salvaguarda de nossa constituição de 1946.

Viva a Liberdade!

Viva a causa da Legalidade!

Passo Fundo, 5 de setembro de 1961.

Arthur Süssenbach – Presidente

Paulo Rocha Duarte – Secretário”

## A POSIÇÃO DO PREFEITO

Não apenas os habitantes de Passo Fundo manifestavam predisposições guerreiras. Conterrâneos residentes em outros pontos do país se ofereciam como voluntários. Sirva de exemplo o telegrama recebido pelo prefeito trabalhista Benoni Rosado, de um veterano da Revolução de 30.

“Porto Alegre, 28 de agosto de 1961.

Prezado Amigo Benoni Rosado

Cordiais Saudações

Comunico ao prezado amigo que estou a seu dispor para o que for necessário, nesta hora que estamos atravessando. Caso seja necessário formar corpos auxiliares, e o amigo tiver essa incumbência, pode contar comigo, pois em 1930 eu já fiz parte de um criado pela Prefeitura de Passo Fundo.

Sendo o que se me oferece de momento, subscrevo-me mui atenciosamente. Seu amigo,  
ASSIS SILVEIRA PACHECO”

No dia 1º de setembro o prefeito Benoni Rosado divulgou a seguinte

## “MENSAGEM AOS PASSO-FUNDENSES

Dirijo-me a todos os passo-fundenses, homens e mulheres da cidade, das vilas, dos campos e da colônia, nesta hora de grande preocupação, para dizer-lhes que tenham a maior e mais absoluta confiança e tranqüilidade na ação das autoridades constituídas do nosso Município.

A ordem, a disciplina e o respeito serão mantidos inflexivelmente. Estamos atentos a tudo, acompanhando o desenvolvimento e o desenrolar dos acontecimentos, amplamente conscientes dos nossos deveres e responsabilidades.

Confio em todos os passo-fundenses, desde o mais humilde àquele que ocupa posição de destaque na vida econômica, social e política de Passo Fundo.

Aqui estou na Prefeitura Municipal, dia e noite, em contato permanente com os nobres oficiais e soldados do 20º Regimento do Exército e do 3º Regimento da gloriosa Brigada Militar, no cumprimento do meu dever, zelando pela tranqüilidade da família passo-fundense e pelo respeito à Carta Magna de todos os brasileiros.

Devemos estar atentos, vigilantes, permanentemente vigilantes na defesa da Constituição e da liberdade sagrada do nosso povo.

Essa posição de ordem, de disciplina, de respeito e de vigilância é que tomou o povo ordeiro de Passo Fundo ao nosso lado.

Estou presente em tudo, passo-fundenses, podeis ter a mais absoluta certeza. O vosso Prefeito não desmerecerá da vossa confiança. Na defesa do regime democrático, da nossa liberdade, e pela posse do Presidente Constitucional do Brasil, Dr. João Goulart.

GABINETE DO PREFEITO, em 1º de janeiro de 1961.

BENONI ROSADO – Prefeito”

## APOIO EFETIVO

No domingo (3 de setembro) mais de mil pacotes, com frutas, doces, sanduíches e toda sorte de guloseimas, organizados pelos comitês da Legalidade e o Diretório Acadêmico Carlos Gomes, do Instituto de Belas Artes. Entre o grande número de voluntárias foram anotados os seguintes nomes: Ivone Pacheco, Tereza Almeida, Suely Santos, Adelina Vargas, Neusa Castro, Jalila Assis e a presidente do Diretório Acadêmico Carlos Gomes, Estelita Maris Marcondes.

Coordenaram a coleta de donativos: Flávia Menna Barreto, Maria Teresa Rache, Teresinha Amaral, Maria Quadros, Ezilda Santos, Ilda Amaral, Erbene Fachini, Rosa Santos, Olga Poleto, Alice Costi, Licínia Couto, Zamar Goson, Dinah Portela e Elda Castro.

No dia 6, diante da posse de Jango, a cidade voltava ao normal. Jango anunciava a convocação de um plebiscito para decidir o futuro da emenda parlamentarista. Os professores e os fotógrafos passo-fundenses manifestaram apoio à Legalidade e contestaram o parlamentarismo. Encontrei registrados os seguintes nomes de fotógrafos: Deoclides Czamanski, Durval de Barros, Juventino da Silva, Aureoleste Sanches, Nadir Minozzo, Paulo O. Lopes, Isaac Linetzki, Ruy Mattos de Souza, Aparício de Moura, José A. Pedrotti, Jack Dinkhuisen, Atílio Ortiz, Walter Rezende, Celeste Tapes Sanches, Sidnei Garcez de Souza, Oscar Borges Vieira, Sílvio Borges Vieira e Vilson dos Santos, em nota datada de 2 de setembro.

Ainda nesse dia, era organizado o movimento “Voluntários da Legalidade”, com dezenas de homens atuantes na comunidade para defender a Ordem contra o golpe dos aproveitadores, numa clara alusão à emenda parlamentarista. Transcrevo, a seguir, o manifesto e os nomes dos signatários, que pude identificar:

“Os gaúchos pertencentes a este movimento, têm por finalidade colaborar em todo o sentido junto ao Comando da Legalidade desta Cidade. Darão integral apoio para a manutenção da Ordem e defesa contra o golpe dos aproveitadores que, por ventura, venham perturbar a tranquilidade das famílias passo-fundenses.

Estribam-se na força moral desta luta cívica, com coragem e, resolutos nesse momento em que o Rio Grande do Sul convoca os seus filhos para mais uma arrancada gloriosa em defesa da Democracia e da Constituição. Aqui estão para cerrar fileiras, honrados em pertencer a esta terra de Fagundes dos Reis, descendentes de um povo que jamais soube apanhar “cheirando tala de mango”. Honram no presente e honrarão no futuro o nobre legado dos nossos antepassados, os heróis desta Província de São Pedro, cuja tradição não se apaga em nossos corações, assim como os ‘guarda-fogo’ dos galpões rio-grandenses não se apagarão nunca. Lutam, e preciso for em qualquer chão, defendendo a liberdade de nossa gente e a sagrada CARTA MAGNA da República dos Estados Unidos do Brasil.

‘Avante, seguiremos em favor da ordem e da Legalidade!’

Os componentes do Movimento são os seguintes: Noleis de Carvalho – Casado – 34 anos – Contabilista – Reserv. – Ed. Bancário, apto. 8; Valdomiro Lemos de Moraes – Casado – 37 anos – Marceneiro – Av. Brasil, 2553; Belmiro Gonçalves da Silva – Solteiro – Reservista do Palácio do Governo; Valdomiro Três – Casado – 33 anos – Reserv. - Rua Cel. Chicuta, s/nº; Leopoldo Azambuja Dutra – Casado 38 anos – Pedreiro – Lava-Pés, 2800; Eduardo Cardoso – Casado – 40 anos – Escariolista – Av. Presidente Vargas, 158-A; Ervino Jass – Casado – Sapateiro – Reserv. – Av. Brasil – Boqueirão; Waldemar Delfino – Casado – 32 anos – Pedreiro – Av. Brasil – Boqueirão; Henrique P. Garbin – Casado – 27 anos – Rádio-Téc. – Rua Miguel Vargas, 318 – V. Independente; Mansueto Basegio – Casado – 32 anos – Oper. – Rua Miguel Vargas, 286 – V. Independente; Zeno Horn – Casado – 28 anos – Motorista – Rua Miguel Vargas – V. Independente; José F. Almeida – Casado – 26 anos – Motorista – Rua Frederico Graeff – V. Independente; Ivo Fernandes – Casado – 26 anos – Motorista – Rua Frederico Graeff – V. Independente; (seguem-se vários nomes que faltam no original rasgado) Edgar Riambau Gomes – Enfermeiro – Av. Brasil, 724; Honorato Didoné – Casado – 48 anos – Comércio – Av. Brasil, 712; Adalberto Costa – Casado – 27 anos – Pedreiro – Rua Uruguai, 1939; Ernesto Marcelino Dias – Casado – 56 anos – Comércio – Av. Brasil, 800; João Bernardo Conceição – Casado 31

anos – Rua Independência, 923; Francisco W. Urdangarin – Casado – Func. Pub. – Rua Independência, 923; João Meira – Casado – 66 anos – Rua 15 de Novembro, 940; Dorvalino Rosa – Solt. – 20 anos – Sapateiro – Av. Brasil, 808; Gilberto Antunes Lemos – Casado – 23 anos – CEEE – Rua Diogo de Oliveira – Boqueirão; Leonel Trelha – 27 anos – Pedreiro – Av. Brasil – Churrascaria Ávila – Boqueirão; Rômulo Antão Bastos Almeida – Casado – 46 anos – Comércio – Rua Teixeira Soares, 1136; Ernesto Locatelli – Casado – Comércio – Av. Brasil, 450; Antonio C. dos Santos – Casado – 32 anos – Aux. Escrit. – Rua Eduardo de Brito, 1603; Atair de Matos – Casado – 31 anos – Comércio – Reserv. – Rua Gal. Canabarro – Apto. 2; Meirelles Duarte – Solt. – Contabilista – Rua Teixeira Soares, 717; Neuto Patusi – Casado – 31 anos – Comércio – Rua Moron, 1230; Gomercindo Dal Cul – casado – 38 anos – Comércio – Av. Gal. Neto, 459; Aquiles Baggio – Casado – 33 anos – Comércio – Rua Bento Gonçalves, 670; Orides dos Santos – Casado – 42 anos – Carpinteiro – Rua Cel. Miranda, 187; Manuel Praudelino G. da Silva – Casado – 55 anos – Escariolista – Telef. A/C Pedro Peres; Nelson machado – Casado – 36 anos – Motorista-Mec.; Anaurelino Machado – Casado 0 48 anos – Rua Independência, 441.”

Do livro

A Campanha da Legalidade em Passo Fundo

Data : 01/01/2008

Título : Mara de Castro Tasca e a Arte do Quotidiano

Categoria: Artigos

Descrição: Sua obra, na verdade, firma-se num tripé formado pela cerâmica, a escultura e a pintura.

Mara de Castro Tasca e a Arte do Quotidiano

Para Mara de Castro Tasca "a cerâmica é um meio de expressão milenar. É química; é efeito estético e artístico com múltiplas materialidades. Sensivelmente nos oportuniza expressar uma idéia, um pensamento, contextualizando nossa obra no universo da Arte".

Sua obra, na verdade, firma-se num tripé formado pela cerâmica, a escultura e a pintura. "A escultura tridimensional - afirma a artista - é representada pela figura geométrica do triângulo, materializada nos painéis decorativos, contendo o grafismo. A cerâmica, em sua modelagem triangular, resultando na escultura tridimensional, serve de suporte para a pintura de técnicas diversas, deixando bastante exposta a característica do grafismo, que é o forte do meu trabalho".

Expressando em palavras sua arte, Mara de Castro tasca resume a visão de seu próprio labor artístico: "Minha arte objetiva-se pela exclusividade do trabalho artesanal, manual e único - daí o artístico -, para tornar agradável um espaço do cotidiano, adornando, com esculturas e utilitários. Assim, tenho como finalidade fazer peças com desenhos exclusivos dentro da composição artística. Apresentando uma presença forte de linhas, cores e texturas".

O grande problema para a realização, em termos de mercado, para a Arte é, como no caso da cerâmica artística, resultado de um processo idéia-desenho-projeto, é a falta de competitividade com a produção industrial em série.

"A cerâmica apresenta a propriedade específica do uso de diferentes argilas (cor, textura, temperatura), aplicação de óxidos, corantes, ou seja, esmaltes cerâmicos, resultados por meio de calor-queima", contextualiza Mara de Castro Tasca. Acrescenta que realiza suas obras em baixa temperatura, até 105°C, com terracota (argila vermelha) e faiança (argila branca). A primeira contém óxido de ferro, que está ausente na Segunda.

Mara de Castro tasca começou a se interessar pelas artes durante o Curso Normal, no Colégio Bom Conselho de Passo Fundo, quando trabalhava com crianças da 1ª série e precisava fazer ilustrações para elas. Iniciou desenhando nos relatórios escolares, evoluindo para rostos humanos. "Depois, aprovada no vestibular para Artes - informa -, envolvi-me bastante nas cadeiras de Composição Artística. Antes de concluir o Curso já auxiliava a professora Rosa Coutinho, o que contribuiu para aprimorar características pessoais e, mais tarde, a preferência pela cerâmica".

Formada, Mara priorizou a atividade didática. Professora do Ensino Fundamental, o que foi muito gratificante ao ver crianças iniciando com garatujas na modelagem e, logo, expressando formas definitivas do fazer artístico. "Vi alunos, a partir da matéria bruta, criarem formas de animais e seres humanos, representando cenas do cotidiano por meio da massa de argila modelada, explorando técnicas de construção, bem como descobrindo cores, aplicando seus próprios desenhos e, assim, expressando sua criatividade".

Mara de Castro Tasca está aposentada do magistério, voltou a movimentar seu ateliê e, futuramente, pretende ministrar cursos. Já está expondo seu trabalho no Armazém 101 e na Manjerição, onde os utensílios marcarão presença nas cestas decoradas da loja. (PAULO MONTEIRO).

Data : 30/06/2007

Título : Mara de Castro Tasca e a arte do cotidiano

Categoria: Artigos

Descrição: Para Mara de Castro Tasca, "a cerâmica é um meio de expressão milenar. É química.



## Mara de Castro Tasca e a arte do cotidiano

Para Mara de Castro Tasca, "a cerâmica é um meio de expressão milenar. É química. É efeito estético e artístico com múltiplas materialidades. Sensivelmente, nos oportuniza expressar uma idéia, um pensamento, contextualizando nossa obra no universo da arte".

Sua obra, na verdade, firma-se num tripé formado pela cerâmica, a escultura e a pintura. "A escultura tridimensional - afirma a artista - é representada pela figura geométrica do triângulo, materializada nos painéis decorativos, contendo o grafismo. A cerâmica, em sua modelagem triangular, resultando na escultura tridimensional, serve de suporte para a pintura de técnicas diversas, deixando bastante exposta a característica do grafismo, que é o forte do meu trabalho".

Expressando em palavras sua arte, Mara de Castro Tasca resume a visão de seu próprio labor artístico: "minha arte objetiva-se pela exclusividade do trabalho artesanal, manual e único - daí o artístico -, para tornar agradável um espaço do cotidiano, adornando, com esculturas e utilitários. Assim, tenho como finalidade fazer peças com desenhos exclusivos dentro da composição artística. Apresentando uma presença forte de linhas, cores e texturas".

O grande problema para a realização, em termos de mercado para a arte é a falta de competitividade com a produção industrial em série. Isto no caso da cerâmica artística, resultado de um processo-idéia-desenho-projeto.

"A cerâmica apresenta a propriedade específica do uso de diferentes argilas (cor, textura, temperatura), aplicação de óxidos, corantes, ou seja, esmaltes cerâmicos, resultados por meio de calor-queima", contextualiza Mara de Castro Tasca. Acrescenta que realiza suas obras em baixa temperatura, até 105°C, com terracota (argila vermelha) e faiança (argila branca). A primeira contém óxido de ferro, que está ausente na segunda. Mara de Castro Tasca começou a se interessar pelas artes durante o Curso Normal, no Colégio Bom Conselho de Passo Fundo, quando trabalhava com crianças da V série e precisava fazer ilustrações para elas. Iniciou desenhando nos relatórios escolares, evoluindo para rostos humanos. "Depois, aprovada no vestibular para Artes - informa - envolvi-me bastante nas cadeiras de Composição Artística. Antes de concluir o curso já auxiliava a professora Rosa Coitinho, o que contribuiu para aprimorar características pessoais e, mais tarde, a preferência pela cerâmica".

Formada, Mara priorizou a atividade didática. Professora do ensino fundamental, foi-lhe muito gratificante ver crianças iniciando com garatujas na modelagem e, logo, expressando formas definitivas do fazer artístico. "Vi alunos, a partir da matéria bruta, criarem formas de animais e seres humanos, representando cenas do cotidiano, por meio da massa de argila modelada, explorando técnicas de construção, bem como descobrindo cores, aplicando seus próprios desenhos e, assim, expressando sua criatividade".

Mara de Castro Tasca está aposentada no magistério, voltou a movimentar seu ateliê e, futuramente, pretende ministrar cursos. Já está expondo seu trabalho no

Armazém 101 e na Manjerição, onde os utensílios marcarão presença nas cestas decoradas da loja. (PAULO MONTEIRO).

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 02/02/2015

Título : MARIA PEQUENA: A SANTA QUE VIROU FANTASMA

Categoria: Crônicas

Descrição: Acabo de conceder uma longa entrevista a um grupo de atores que pretende transformar em filme a história de Maria Meirelles Trindade, a primeira santa popular passo-fundense.

Acabo de conceder uma longa entrevista a um grupo de atores que pretende transformar em filme a história de Maria Meirelles Trindade, a primeira santa popular passo-fundense. A seguir, compartilho a história de Maria Pequena.

No dia 28 de novembro de 1894 um piquete de federalistas supliciou Maria Meirelles Trindade, que entrou para a história passo-fundense como "A Santinha", "Santa Maria Pequena" ou simplesmente "Maria Degolada". O grupo entrou na cidade, procurando pelo esposo de Maria. Não o localizando, descarregaram seu ódio, provavelmente cheio de sede de vingança sobre ela, que lavava roupas às margens do arroio Raquel. Esfaquearam-na para que confessasse onde o esposo e o filho se escondiam. Levou três pontaçõs de faca, e, finalmente a degolaram. O assassinato ocorreu onde hoje se localiza a Vila Carmen, à atual Rua Coronel Chicuta.

Martirizada para proteger a vida do esposo e do filho, acabou transformada em santa pelo povo. Sepultada no local onde exalou o último suspiro, ao lado do seu túmulo formou-se um "cemitério de anjinhos" (crianças com menos de sete anos), transformada em santa protetora dos inocentes.

Nos primeiros anos da década iniciada em 1950 o cemitério foi demolido e os restos moradas da "Santinha" desapareceram. Segundo informações do falecido Padre Jacó Stein, estão sob o altar-mor da Catedral Metropolitana de Passo Fundo.

## QUEM ERA MARIA PEQUENA

Maria Meirelles Trindade era uma mulher simples, filha da índia caingangue Marcelina Coema e casada com um praça de pré republicano, conforme conta o poeta e historiador Gomercindo dos Reis, que se autoproclamava "maragato". A exemplo da primeira geração de caboclos possuía pequena estatura, como diz seu próprio apelido.

Recapitulando: Maria Meirelles Trindade era uma gaúcha autêntica, no sentido racial do termo. Pobre e trabalhadeira, deu sua vida para salvar o esposo e o filho pequeno. Por isso, se tornou a santa protetora das crianças, numa época em que as doenças e a mortalidade infantil semeavam pequenas sepulturas pelos cemitérios.

Maria Pequena foi uma mulher do povo, santificada pelo povo.

## A CONSTRUÇÃO DE UM SANTO

Como vemos seguidamente nos noticiários, antes que alguém seja reconhecido como santo pela Igreja Católica é preciso passar por uma série de requisitos estabelecidos pelo Direito Canônico. Até essa oficialização é um santo popular, apenas reconhecido pelo povo. Uma das exigências para o reconhecimento eclesiástico é que se estabeleça um culto em torno de uma pessoa morta, em torno de um local (no caso de Maria Pequena o do seu martírio) e que existam relíquias (no caso de Maria Pequena, o seu corpo sob a terra). Além disso, faz-se necessária a confirmação de milagres.

Ora, ao demolirem o túmulo de Maria Pequena e consumirem com os seus restos mortais, sob proposta (jamais concretizada) de construção de um mausoléu no Cemitério da Vera Cruz, estavam eliminando o culto à santinha pobre e cabocla. Isso aconteceu em meio a um movimento de vários anos para construir o prédio da atual Catedral Metropolitana de Passo Fundo, movimento hegemônico por senhoras da elite local. Estas eram filhas e netas de outras mulheres que levaram seus maridos enciumados a determinarem a degola do Padre Manoel Thomaz de Souza Ramos.

Conseguiram entender?

O culto popular à memória da mulher pobre e mestiça, que morreu para proteger o marido e o filho, acabou no momento em que se consolidou o culto oficial. E em meio à mobilização de filhas e netas daquelas "senhoras", brancas e ricas que, provocaram ciúmes nos maridos que ordenaram a degola do "fascinoroso" Padre Ramos.

## LENDA URBANA

Com a eliminação do local de culto (o Cemitério da Cruzinha, como era conhecido) e das relíquias (restos mortais da "Santa Maria Pequena"), estava preparado o terreno para a extinção do culto à santa popular, que também era conhecida como "Maria Degolada".

E aí sim, a história virou lenda. Perdeu o "status" de santa e se transformou em fantasma, o "Fantasma da Maria Degolada", o terror das crianças nas escolas.

Quando eu trabalhava na E.E. Lucille Fragoso de Albuquerque os alunos maiores começaram a assustar os menores, dizendo que viram a "Maria Degolada" no banheiro. Pânico geral. Nenhuma criança queria ir ao banheiro.

Fui às salas de aula e contei para as crianças a história da "santa", transformada em protetora das crianças. E que não era fantasma, coisa alguma. Em suma, contei toda a história, como historiador em linguagem de literatura infantil. As coisas voltaram ao normal.

Em fins de 2012, durante o encontro semanal dos autores do Projeto Passo Fundo, uma jovem escritora e ilustradora, revelou que ficou cinco anos sem ir ao banheiro da E.M. Urbano Ribas, com medo do "Fantasma da Maria Degolada".

Como visto, um século e tanto depois de morte física, o martírio de Maria Meirelles Trindade continua.

Data : 12/01/2009

Título : Marketing

Categoria: Poesia

Descrição: branca sombra de negro canto e coração e sombra e canto e coração e

marketing

branca sombra de negro canto e coração  
e sombra e canto e coração e  
poema rasgado nos olhos sem cor da  
mulher encontrada perdida na rua do  
poema que compus com pus e tudo mais  
que existe na dor da branca sombra de  
negro canto e coração e sombra  
poema que morreu o olhar cansado e  
triste da mulher perdida e encontrada  
na esquina de um olhar à noite  
encontram-se todos os gemidos e  
todos os lucros account executive  
advertising agency broadcast design  
marketing plan proxy selling expenses  
dudget open marketing

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 22/11/2014

Título : MARTA: Uma das primeiras obras de ficção passo-fundense

Categoria: Resenhas

Descrição: Jurandyr Algarve nasceu em Laguna, Santa Catarina, no dia 13 de outubro de 1917. Veio muito moço para a Capital do Planalto, onde constituiu família, vindo a falecer a 13 de julho de 2001.

Jurandyr Algarve nasceu em Laguna, Santa Catarina, no dia 13 de outubro de 1917. Veio muito moço para a Capital do Planalto, onde constituiu família, vindo a falecer a 13 de julho de 2001. Aqui, em 1947, sob o pseudônimo de Montclair, publicou Marta (romance

brasileiro). O livro não traz local de impressão, nem tipografia. Pedro Vilas-Bôas, em Notas de Bibliografia Sul-rio-grandense (Editora A Nação-SEC, Porto Alegre, 1974), afirma que o livro foi publicado em Passo Fundo, na Tipografia de Izauro Rodrigues.

Marta é um folhetim, a começar pelo pseudônimo francês do Autor. Em exatas cem páginas é narrada a vida de Marta, filha de Arlete (uma costureira) e Olegário Gomes (militar aposentado e jogador compulsivo). Premida por um complexo de inferioridade social, a jovem não aceita casar-se com Raul, o narrador, um médico. Muda-se de Curitiba para São Paulo, com a mãe. São acolhidas por uma bondosa milionária (D. Iolanda) que morre, deixando-nas na miséria. Para garantir segurança à mãe, Marta aceita casar-se com Mário, também médico, e amigo de Raul.

O casal vai passar férias em Laguna, onde Raul está residindo; ali nasce Valéria. No hospital, Marta confessa seu amor por Raul e pede para ficar com ele. O marido flagra os dois de mãos dadas e em seguida retoma com a esposa e a menina à Paulicéia. Logo partem para a Europa, onde ele vai especializar-se, antes de se descobrir um testamento da bondosa Iolanda, deixando uma fazenda em Cruz Alta para suas protegidas.

Mário retoma da Europa com o sistema nervoso completamente abalado, contando que a mulher falecera na Polônia, onde ficara sepultada.

Dezesseis anos depois, completamente mudada, Marta aparece em Vacaria, onde Raul se encontrava, contando que o marido, enciumado, a deixara abandonada na Polônia. Pede ajuda para encontrar a filha. É auxiliada e vai para São Paulo, onde assiste, à distância, o casamento de Valéria. Ninguém a reconhece.

Adoentado, Raul vai para São Paulo. Mário, que poderia salvá-lo, acaba matando o rival. Valéria encontra-se com a mãe, que leva para morar em sua casa, onde o pai já está abrigado. Marta e Mário se encontram. Ela tem uma hemoptise e morre. Mário desaparece para sempre.

O romance de Jurandyr Algarve tem todas as características do clássico folhetim: a luta entre o bem e o mal, a fatalidade, a multiplicidade de cenários (Curitiba, São Paulo, Laguna, a Fazenda Fortaleza, em Cruz Alta, Europa, Vacaria ...), o amor infiel (ainda que platônico), o amor que tudo sacrifica (Marta e Arlete), o amor bandido, a vilania (representada em Mário) e o final vingadoramente trágico do vilão.

Apesar de ter escrito este único romance, Jurandyr Algarve deixou seu nome inscrito entre os ficcionistas da terra adotiva.

(Texto publicado na Revista Água da Fonte nº 0, órgão da Academia Passo-Fundense de Letras)

Data : 25/09/1997

Título : Marxismo hoje

Categoria: Resenhas

Descrição: O século passado, com a consolidação capitalista a nível internacional, passou para a História como o século da ciência.

## Marxismo hoje

por Paulo Monteiro

O século passado, com a consolidação capitalista a nível internacional, passou para a História como o século da ciência. A nível do pensamento duas correntes se destacam: o Positivismo, de August Comte, o Marxismo, de Karl Marx/Friedrich Engels. Todas se arvorando em ciências da sociedade.

As profundas alterações acontecidas no Leste Europeu, em finais da última década, colocaram em xeque os valores científicos do Marxismo, visto que o Positivismo já havia sido ultrapassado em seus axiomas básicos.

Roberto Freire, senador pernambucano pelo Partido Popular Socialista, sucessor do Partido Comunista Brasileiro (PCB), dá início á série Contemporâneos do Futuro, da Editora Universidade de Brasília, em volume organizado por Vilma Figueiredo e Caetano E. P. de Araújo. No volume em epígrafe, o autor faz uma autocrítica da esquerda brasileira nos últimos anos, procurando apontar saídas para os impasses vividos pelos defensores de uma sociedade sem classes.

Os triunfos aparentes do neoliberalismo, que já mostra sua ineficiência para consolidar-se como alternativa duradoura de poder, desnorream as forças de esquerda. O desenvolvimento científico-tecnológico superior do capitalismo concorrencial em relação ao socialismo de estado do tipo soviético fizeram balançar as estruturas da esquerda, o que se manifesta sob a forma de estarem dos socialistas.

Como se isso não bastasse, em nosso país, as esquerdas tem sido incapazes de articular um pacto que lhes autorize a representar uma alternativa concreta e eficaz de poder. Presos a vícios lógico-formais, nossos socialistas teriam acabado lançando os social-democratas nos braços da direita (leia-se a coligação do “social-democrata” Fernando Henrique Cardoso com o “liberal” Marco Maciel).

Desse mesmo tipo de preocupação – com o estudo da viabilidade do Marxismo – compartilha Avelino da Rosa Oliveira, professor da Universidade Federal de Pelotas, em seu livro MARX E A LBIERDADE, publicado, também há pouco, pela EDIPUCRS (Porto Alegre).

Durante muito tempo se relacionou o Marxismo com a negação da Liberdade e o Capitalismo (“mundo livre”) com sua afirmação. Avelino da Rosa Oliveira investiga obras fundamentais de Marx, como a Miséria da Filosofia e o próprio O Capital, para encontrar as ligações do pai do socialismo científico com a radicalidade democrática do século XIX. Radicalidade essa que buscava uma espécie de ciência da Democracia e que como tal se apresentava.

MARX E A LIBERDADE é, até certo ponto, a história dessa grande procura política do último século no interior do Marxismo, para ser mais exato: do pensamento marxiano, vindo enriquecer a excelente Coleção Filosofia que está sendo divulgada pela EDIPUCRS.

O Cidadão

25/09/97

Data : 21/06/1995

Título : Meditação Busca Solitária ou Encontro Solidário?

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Best Seller, de São Paulo, está publicando uma bela de "SUA SANTIDADE MAHARISHI MAHESH YOGI COMENTA O BHAGAVDA-GITA".

Meditação: Busca Solitária ou Encontro Solidário?

por Paulo Monteiro

A Editora Best Seller, de São Paulo, está publicando uma bela de "SUA SANTIDADE MAHARISHI MAHESH YOGI COMENTA O BHAGAVDA-GITA". Trata-se de uma nova tradução, com comentário e texto, este em sânscrito e transliteração românica dos seis primeiros capítulos. Maharishi se tornou mundialmente conhecido ao ser revelada sua influência filosófica sobre os Beatles.

O Bhagavad-Gita é composto de 18 capítulos, que formam o núcleo místico do grande poema indiano Mahabharata.

As condições para a prática da Meditação Transcendental, o grande ensinamento do Bhagavad-Gita, seriam: "1. Permanecer em isolamento, 2, sozinho, 3, sua mente e seu corpo subjugados, 4, sem nada a esperar, 5, sem posses" (ed. cit. P. 477). A melhor posição para a meditação é com o meditante sentado, "e não deitado ou em pé" (idem, 481). Deve manter-se firme. "Quando o pescoço e a cabeça estão eretos, alinhados com a espinha, o caminho da respiração está limpo, a inalação e a exalação são suaves e sem bloqueios. Isto elimina a possibilidade de qualquer movimento não natural do corpo" (ibidem, 483).

Esses ensinamentos foram passados por Krishna a Arjuna, "o maior arqueiro de seu tempo", na luta entre Pandavas, a família de seu pai, e Kauravas, a família de sua mãe. Os primeiros representavam homens virtuosos e os segundos homens de "más ações" (Op. cit., 52).



Krishna (a divindade) não empunha armas por Arjuna ou ao seu lado, apenas dirige seu carro e faz com que ele amadureça durante a batalha. Não move o guerreiro (o homem) a confiança estática na intervenção salvadora de um deus ausente, antes aprende com ele, na própria luta (a vida) a forma de superar as dificuldades.

Não cabem em uma simples resenha de jornal considerações mais alongadas sobre as 586 páginas do livro.

A luta entre Pandavas e Kauravas, porém, é a luta simbólica do combate real entre o bem e o mal, o positivo e o negativo, o ativo (os parentes do pai) e o passivo (os parentes da mãe). Os dilemas de Arjuna continuam, filosoficamente, atuais e sua particularidade (para não dizer “individualismo”), também. E o lado que ele toma é altamente ilustrativo e indicativo.

Polêmica e contestada por muitos, apresentada como um dos braços mais atuantes do Movimento Nova Era, a Meditação Transcendental merece uma análise mais apurada, séria e responsável, porque se prende a ensinamentos milenares que acabam ligando-se com o mosaísmo e o cristianismo testamentário.

Exemplo do que acabo de afirmar comprova-se com o estudo da “MEDITAÇÃO CRISTÃ”, apresentada modernamente por John Main, em obra do mesmo título, publicada pela PAULUS, de São Paulo, 2ª edição, e por Laurence Freeman em “A LUZ QUE VEM DE DENTRO: O CAMINHO INTERIOR DA MEDITAÇÃO”, com o signo das Edições Paulinas, hoje PAULUS.

John Main conta, em seu livro, que antes de aparecer a Meditação Transcendental aprendeu a meditar, na Malásia, com um swami indiano (op. cit. P. 13 e segs.). Mais tarde tornou-se beneditino e passou a praticar a meditação jesuítica. Posteriormente, acabou descobrindo João Cassiano e os “Padres do deserto”, monges do século IV, que buscavam uma fórmula de oração autêntica e encontraram na meditação esse meio de encontrar-se com Deus.

Com a meditação os “Padres do deserto” e muitos cristãos de hoje procuram através da “oração dos pobres” ou oração do silêncio, o encontro com uma tradição quase perdida, mas tão ao agrado de Cristo, que costumava recolher-se aos montes e ao deserto para orar.

A meditação é a “oração dos pobres”, pois o mediante cristão usa como mantra a palavra aramaica Maranatha (vem, Senhor!) tão ao gosto dos evangelistas, especialmente Paulo e João.

Para uma ligação da Meditação Cristã, ensinada por John Main e Laurence Freeman, com as formas de meditação indiana seria interessante ler o primeiro (Op. cit. 48 e segs.).

Se um dos requisitos da Meditação Transcendental é que o homem esteja “sozinho”, a Meditação Cristã fortalece a prática em comunidade, em Igreja. E essa prática comunitária da meditação, que também deve ser praticada individualmente, é o ensinamento marcante da obra de Freeman, herdeiro espiritual de Main.

Para esses dois beneditinos há apenas um “guru”, apenas um Mestre, Jesus. Sendo seu ensinamento resumido no amor ao próximo como a si mesmo e a Deus acima de todas as coisas. Seu modelo de vida materializou-se no gesto da última ceia, repartindo e

distribuindo o pão e o vinho entre seus discípulos, solicitando que esse ato fosse repetido sempre, em sua memória.

Aí está a diferença.

O Cidadão

21/06/95

Data : 15/08/2004

Título : Meio Século Depois...

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 24 de agosto de 1954 os brasileiros foram surpreendidos com a notícia de que Getúlio Vargas, o Presidente da República, havia se suicidado com um tiro no coração.

Meio Século Depois...

por Paulo Monteiro (\*)

No dia 24 de agosto de 1954 os brasileiros foram surpreendidos com a notícia de que Getúlio Vargas, o Presidente da República, havia se suicidado com um tiro no coração.

Vargas que voltara ao poder “nos braços do povo”, como previra alguns anos antes, vinha sofrendo forte oposição, á esquerda e á direita. Uns porque temiam o crescimento dos “sindicatos pelegos”, liderados por trabalhadores que defendiam a política trabalhista de reformas sociais; outros porque viam os interesses dos grupos econômicos nacionais e estrangeiros serem contrariados pela política getulista que propunha uma série de “reformas de base”. Logo depois que o suicídio de Getúlio Vargas foi noticiado veio a público a carta em que expunha as razões que o levaram ao ato extremo. A revolta popular se espalhou pelo país inteiro. Encurralados, seus adversários políticos recuaram, mas meio século depois, ainda continuam rapinando o povo brasileiro.

É interessante o fato de que Vargas usa a expressão “aves de rapina” para caracterizar os inimigos do povo brasileiro. Não é mera coincidência, pois o mais ferrenho adversário do então Presidente da República chamava-se Carlos Lacerda. E era conhecido como “Corvo”, nome popular dado a uma ave de rapina, o carniceiro urubu.

Carlos Lacerda era um renegado comunista, como tanto ex-comunistas que hoje governam o Brasil, que se vendeu aos “grupos econômicos e financeiros internacionais”, aliados aos “grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho”. Isso fica patente quando vemos as mudanças colocadas em prática recentemente na política salarial e previdenciária e denúncia ligando altos dignitários político-partidários com organização criminosas e elementos facinorosos.

Por isso, a atualidade da “Carta-Testamento”, a confissão de um homem, que mesmo gerado no seio das elites nacionais foi cada vez mais de identificando com as camadas marginalizadas da população, ao contrário de muitos que, nascidos do ventre mais miserável da sociedade brasileira, cada vez mais se identificam com “as forças e os interesses contra o povo”.

A “Carta-Testamento”, transcrita do livro Getúlio Vargas: A Revolução Inacabada, de Luthero Vargas, Edição do Autor, Rio de Janeiro, 1988, págs. 335-336. A carta fala por si mesmo. Ei-la:

“Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam, não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. Á campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se a dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de Lucros Extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional, potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás, mal começa esta a funcionar, a onde de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente. Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores de trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a cedes.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater a vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota do meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá

a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia, não abateram meu ânimo. Eu dei voz a minha vida. Agora ofereço a minha morte, nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.”

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha

Rotta

15/08/2004

Data : 05/03/2015

Título : Meu amigo guerrilheiro

Categoria: Crônicas

Descrição: Apresentaram-nos em meados da década de 70, há quase quarenta anos. Baixote, encorpado, visivelmente de origem alemã.

Apresentaram-nos em meados da década de 70, há quase quarenta anos. Baixote, encorpado, visivelmente de origem alemã. Pouco falava. Pouco mais de um menino já se envolvera num episódio que ficou conhecido como Guerrilha dos Três Passos.

Participou de algumas reuniões da Juventude do Movimento Democrático Brasileiro, quase sempre silencioso.

Num dos poucos momentos em que se abriu fez uma “autocrítica” do movimento guerrilheiro. “Autocrítica”, aliás, era uma expressão comuníssima à época para designar “confissão de um erro”. Disse:

“- Não podia dar certo. Não conhecíamos mato. A gente se enrolava nos cipós, resvalava nos troncos, despencava nos barrancos. Hoje dá até vergonha em pensar naquilo.”

Via a marca de guerrilheiro em toda parte. Era uma espécie de maneira de perseguição. Onde quer que trabalhasse os olhos da repressão estavam sobre ele. Desconfiava de tudo e de todos. Daí as poucas palavras.

Resolveu trabalhar como autônomo. Não ser empregado de ninguém. Comprou uma velha caminhonete e se tornou freteiro. Seguidamente nos encontrávamos, trocando frases curtas.

Certo dia a vida dele começou a mudar. Comprou uma caminhonete melhor e maior. Substituiu a velha casa de madeira por outra de alvenaria. Pensei com os meus botões: o trabalho de freteiro está dando bem ou então foi ele quem “desenterrou” os famosos dólares cubanos que tinham sido enterrados numa praia catarinense. O caso desse “ouro de Fidel” é outra coisa.

Numa certa manhã surpeendeu-me uma notícia policial: meu amigo guerrilheiro fora abatido a tiros numa propriedade rural. Há tempos o pecuarista via seu rebanho diminuir. Montou uma campana e matou o abigeatário.

Meu amigo guerrilheiro não tombou heroicamente no campo de luta, de armas na mão, enfrentando as forças armadas das classes dominantes. Caiu, prosaicamente, como um simples ladrão de gado, expropriando em causa própria.

Sua vida heroica e seu fim trágico revivem na minha memória ao refletir sobre antigos guerrilheiros recolhidos à cadeia por ordem do Supremo Tribunal Federal.

Data : 20/02/2015

Título : Meu leitor santo-angelense

Categoria: Crônicas

Descrição: Ontem recebi a visita do meu amigo Algemar França, velho jornalista contrerrâneo, que reside em Santo Ângelo. Trouxe-me o Livro IMIGRANTES ALEMÃES E ITALIANOS: Repressão e tortura na Era Vargas.

Ontem recebi a visita do meu amigo Algemar França, velho jornalista conterrâneo, que reside em Santo Ângelo. Trouxe-me o Livro IMIGRANTES ALEMÃES E ITALIANOS: Repressão e tortura na Era Vargas. Um dos personagens centrais do livro se chama Ivens Pacheco, passo-fundense que foi delegado da DOPS - Delegacia de Ordem Política e Social, acusado de baixar o cacete na alemoada daquela cidade.

Bom, mas essa é outra história que não concluí a leitura da obra. Por hora, vai a história do meu leitor santo-angelense.

Algemar levou seu cão num pet shop. Enquanto aguardava que esperava que dessem um trato no animalzinho, aproveitou para ler meu livro Passo Fundo: história e cultura. Acabou esquecendo o livro sobre o balcão do estabelecimento.

Dias depois retornou ao local e o proprietário apresentou-lhe o exemplar perguntando:

- Este livro é seu?

Ao que Algemar, outro piadista da minha têmpera respondeu:

- O livro não é meu. Foi escrito por um amigo de Passo Fundo. Esse exemplar, sim, é meu. Está até com uma dedicatória...

Acabaram dando umas boas gargalhadas.

- Li todo o livro. Gostei. É muito interessante, disse o dono do pet shop.

Moral da história: eu não sei se o livro é bom pra cachorro... Mas é bom pra dono de pet shop.

Data : 20/02/2015

Título : Meu lenço preto

Categoria: Crônicas

Descrição: Sábado passado, dia 16 de novembro, durante a realização da 14ª Mostra de Arte e Tradição Gaúcha, em Santa Cruz do Sul, eu usava, ostensivamente, um lenço de seda preta.

Sábado passado, dia 16 de novembro, durante a realização da 14ª Mostra de Arte e Tradição Gaúcha, em Santa Cruz do Sul, eu usava, ostensivamente, um lenço de seda preta.

Ao término da apresentação de minha obra pelos jovens peões e prendas da 7ª Região Tradicionalista, o peão Kelvyn Krug, perguntou às integrantes da Comissão Julgadora:

"- As senhoras desejam fazer alguma pergunta?"

E uma delas respondeu:

"- Eu ia perguntar sobre o uso do lenço preto, mas você já respondeu."

Kelvyn, na parte que lhe coube da dissertação, contara que só visto lenço preto em memória daqueles que morreram nas revoluções rio-grandenses.

Imediatamente, uma das jovens (não me lembro qual delas) completou:

"- Está aí um cartaz, onde o Paulo escreveu a razão do lenço preto. E a juradas acrescentou:

"É mesmo. Eu não tinha lido!"

De fato, escrito em negrito, em formato A4 (paisagem) Constava:

Só uso lenço preto em memória de meus patrícios vitimados nas lutas entre aqueles que vestiam lenços de outras cores.

Infelizmente, neste Estado, os matadores são idolatrados e suas vítimas esquecidas.

Data : 24/12/2014

Título : Meu Presente de 60 Anos

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando eu era menino sempre quis ter um ferrorama, o que não foi possível.

Quando eu era menino sempre quis ter um ferrorama, o que não foi possível. Ao completar 60 anos, esse foi o presente que ganhei de minha esposa, Maria Nelci Machado Monteiro, e de minhas filhas, Cris Silva, Nadejda Monteiro, Rozalia Natália Monteiro, Paula Tatsuia e Adalía Monteiro. Há semanas o presente estava esperando a presença dos netos para que o abrissemos. Com a presença do Pedro Arhur inauguramos o ferrorama. Na infância dos meus netos, realizo meu sonho de infância. Recuperei a alegria infantil perdida na alegria de Pedro Arthur. Espero o Estêvão para outro almoço e outra inauguração.

Data : 11/02/2009

Título : Minha Língua Portuguesa

Categoria: Sonetos

Descrição: Mistura de índio, de africano e luso,

Minha Língua Portuguesa

Paulo Monteiro

Mistura de índio, de africano e luso,  
ponta de lança e pata de cavalo  
usei para marcar o chão que cruzo  
e os limites da língua na qual falo.

A lei e ferro impus também o uso  
deste idioma em que vivo por amá-lo  
ao que veio depois, quase de intruso,



fugindo à fome que ia devorá-lo.

De gaúcho me chamam. Não me engano  
co'a força do meu verbo e do meu braço,  
pois ao traçar o mapa americano

eu cantava no idioma lusitano  
e arrastava canhões com o meu laço  
gritando palavrões em castelhano.

Notas do Autor:

Verso 1º – Referência aos três elementos formadores da nacionalidade brasileira, presentes em todas as tropas portuguesas envolvidas nas guerras de limites com as colônias espanholas e os estados delas originados.

Verso 2º – Aproveitamento de frase famosa do tribuno gaúcho João Neves da Fontoura, membro da Academia Brasileira de Letras, segundo o qual as fronteiras do Rio Grande do Sul foram traçadas a ponta de lança e pata de cavalo.

Verso 5º – Referência à obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa e em língua portuguesa em todas as escolas do território brasileiro, introduzida a partir do governo do sul-rio-grandense Getúlio Dorneles, durante o chamado Estado Novo.

Verso 8º – Está historicamente comprovado que a maioria dos imigrantes europeus que vieram para o Brasil durante os séculos XIX e XX fugiam à crise econômica em seus países de origem.

Verso 13 – Acostumados ao uso do laço em suas lidas diárias, os gaúchos, muitas vezes, empregaram-no como arma, inclusive, laçando canhões adversários.

Verso 14 – Muitas interjeições usadas na linguagem popular são originadas de palavrões espanhóis. Exemplo “A La pucha”, de “A la puta que te parió”.

Data : 20/02/2015

Título : Minha mãe, a subversiva

Categoria: Crônicas

Descrição: Na primeira metade dos anos 70 eu tive rápida e intensa militância no clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao lado de não menos intensa militância legal no Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Na primeira metade dos anos 70 eu tive rápida e intensa militância no clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao lado de não menos intensa militância legal no Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Fui "Agitprop", o que, na gíria comunista, significava Secretário de Agitação e Propaganda do Comitê Municipal.

Ficou sob minha responsabilidade a guarda da documentação partidária. Estava sob meus cuidados vasta documentação subversiva: jornais, livros e manifestos altamente comprometedores. Nas eleições legislativas de 1974 o MDB elegeu uma grande bancada de "autênticos", denominação aplicada aos opositoristas mais combatidos, em oposição aos "bigorrilhos", aqueles que eram mais maleáveis com os interesses dos governos militares.

Uma parte dos "autênticos" era muito ligada ao PCB. Alguns até militavam no partido. Luiz Carlos Prestes, "eterno secretário geral" do partido cometeu uma imprudência inominável. Do exílio, deu uma entrevista em que informava o crescimento dos "autênticos" e mais: que muitos deles pertenciam ao PCB. Os serviços de informações, que tinham até um agente infiltrado no comitê central do partido, deram o bote. Prenderam o que puderam prender desse comitê e dos comitês estaduais. Caiu a direção gaúcha, inclusive os dois contatos com Passo Fundo. Se nos delatassem estávamos fritos. Resistiram bravamente.

Diante da situação, enterrei os documentos sob minha guarda. Acondicionados em grossos sacos plásticos acabaram, na calada da noite, sob um belo canteiro de alfaces. Minha mãe auxiliou-me nessa missão. Ela, que atrás das mata-juntas de nossa casa, cuidava de uma lista de pessoas que deveriam ser informadas, caso eu desaparecesse, pois sabia que era monitorado por agentes especiais do Exército. Passadas as preocupações iniciais, ao desenterrar aquele material, notei que sobrara apenas um velho exemplar de "Um Passo Adiante, Dois Passos Atrás", de Lênin. Assim, são todas as mães: não medem riscos e consequências para protegerem seus filhos.

Data : 07/08/1997

Título : Miniprosa, miniverso

Categoria: Resenhas

Descrição: Nos últimos dias li algumas obras literárias que se caracterizam pela procura de formas literárias concisas.

Miniprosa, miniverso

por Paulo Monteiro

Nos últimos dias li algumas obras literárias que se caracterizam pela procura de formas literárias concisas. Tenho às mãos quatro volumes dedicados a mini contos e haicais. Um reúne pequenas trabalhos em prosa de Eno Teodoro Wanke, meu velho e querido amigo; outro encerra contos ligeiros de Jose Eduardo Degrazia, o terceiro, de Manoel Fernandes Menendez, e um ultimo de autoria coletiva: H. Masuda Goga, Teruko Oda e Francisco Manda, os dois últimos tratando do pequeno poema que nos veio do Japão, o haicai.

Caminhos (Edições Plaquette, Rio de Janeiro) é uma coleção de pequenas histórias, muitas sem diálogo e personagem, um verdadeiro drama mudo, de Eno Teodoro Wanke, um dos mais prolíficos escritores brasileiros, que transita habilmente por entre tantos gêneros e formas literária.

O Atleta Recordista (Editora Movimento, Porto Alegre) é o primeiro livro em prosa do já consagrado poeta gaúcho Jose Eduardo Degrazia. Contista novato, o poeta de Lavra Permanente se revela um prosador madura, como a comprovar o adágio: “quem é bom já nasce feito.”

Aparentemente simples, o miniconto e, na verdade, exigente de seus cultores. Campo minado, com armadilhas diversas, a começar pelo risco de explosão com a ausência de arte, a prosa vazia da beleza.

Manoel Fernandez Menendez com As menores poesias do mundo ao seu alcance. (Edição do autor, São Paulo) e H. Masuda Goga, Teruko Oda e Francisco Handa (Grêmio Haicai Ipê e Aliança Cultural Brasil-Japão, São Paulo) com Introdução ao Haicai, produzem dois volumes dedicados a orientar quem deseje dominar a técnica de compor o pequeno poema, que procura captar o instante, o movimento puro.

A alma do haicai é o kigo que representa uma estação do ano. Ele é o que posiciona o instante real no tempo (ano) e no espaço (estação).

Num poema onde a simplicidade, a ausência de “enfeites poéticos e a captação do instante real são condições básicas, somente os poetas dotados de uma capacidade especial para o fazer poemático podem conseguir bons haicais.

O que há de comum entre estes quatro livros que acabo de ler? Em primeiro lugar terem sido escritos por poetas militantes, o que lhe confere o sabor da convivência com a pura supra-real idade literária; em segundo, a preocupação com formas compactas, aparentemente, apenas aparentemente, mais simples.

No livro de Manoel Fernandes Menendez, ainda há um bom espaço dedicado a trova, o pequeno poema seta em quadra sete silábica, popularíssimo nos países de fala ibérica e do qual Teodoro Wanke é um dos maiores estudiosos.

O Cidadão

01/08/97

Data : 23/08/2011

Título : Moacyr Scliar e a valorização da Língua Portuguesa

Categoria: Discursos

Descrição: À decadência de uma pessoa, de uma nação ou de um povo corresponde a decadência de sua língua.

### Moacyr Scliar e a valorização da Língua Portuguesa

Ilmo. Sr. Prof. Dr. Francisco Santos, representando o Magnífico Reitor da Universidade de Passo Fundo, Prof. Dr. José Carlos Carles de Souza;

Ilmo. Sr. Acadêmico Domício Proença Filho, Secretário-Geral da Academia Brasileira de Letras, em que saúdo todos os presentes;

Sejam minhas primeiras palavras de agradecimento à professora Tânia Rösing e demais organizadores da 14ª Jornada Nacional de Literatura pelo convite para que a Academia Passo-Fundense de Letras, mais uma vez esteja ao lado da Academia Brasileira de Letras e pela bondade em lembrar meu nome para falar pelos escritores locais, homenageando o acadêmico Moacyr Scliar, cuja biografia está ligada à história das Jornadas.

Quando recebi a missão de falar sobre o conterrâneo Moacyr Scliar neste 4º Encontro da Academia Brasileira de Letras pensei que seria muito difícil. Pouco mais de uma hora depois, ouvindo os confrades Getúlio Vargas Zauza e Odilon Garcez Ayres e os amigos Ernesto Zanette e Júlio César Peres, enquanto degustávamos um cafezinho, em nossos costumeiros encontros de sábado, senti que o jugo dessa responsabilidade era suave, plagiando as palavras de um famoso judeu da Galiléia.

À decadência de uma pessoa, de uma nação ou de um povo corresponde a decadência de sua língua. Assim, não basta a defesa da língua; é mister a preservação de valores e princípios éticos – concluímos.

A obra de Moacyr Scliar, que há menos de dois anos, encontrava-se conosco, no 3º Encontro da Academia Brasileira de Letras, é a comprovação do que apreendemos, entre xícaras de café. As personagens que nos foram legadas por ele, à medida que oscilam, ora para cima, ora para baixo, na escala vital, seguem-lhes a valorização ou a degradação da língua.

Brasileiro e judeu, Moacyr Scliar funde o espírito da língua em que foram transmitidos os poemas que acolhem as proclamações velho-testamentárias à língua em que Luis Vaz de Camões profetizou as grandezas e miudezas do Império Lusitano e os países em que se

dividiu. Essa fusão é o que se manifesta através do “humor judeu” de que nos falou Wilson Martins, em texto que anda nas referências ao criador de Guadali Tratskovski. Esse humor “antes rangente que negro, e que se situa a meio caminho entre o desespero e a ironia”, como escreveu o crítico à página 302, do volume oitavo dos seus Pontos de Vista, a mim me parece o mesmo decantado humor de Machado de Assis, que muitos afirmam ser um humorismo à inglesa. É provável que o “humor brasileiro” se pode haver algum tipo de “humor nacional” nos venha dos milhares e milhares de judeus que foram desterrados para Portucale, após a destruição do Templo de Jerusalém. Disso talvez venha nosso imorredouro messianismo, sempre à espera do salvador da pátria.

O humor é a arma dos grandes humanistas. E toda a obra de Moacyr Scliar é uma hosana humanista. Repercutem nas páginas que nos legou a condenação dos sacrifícios de inocentes, até com amplitude maior do que a encontrada nas palavras candentes de Ezequiel. É a condenação da barbárie.

a defesa de que podemos recuperar o Éden perdido, através do trabalho e do amor ao próximo. É a luta entre a civilização e a barbárie.

Moacyr Scliar sempre demonstrou um carinho muito grande pelas Jornadas Nacionais de Literatura. E se assim o fez é porque tinha consciência de que aqui, nestas coxilhas de Passo Fundo, há trinta anos cresce o verde-louro da civilização, em meio ao verde-ouro dos trigais.

Concluo, lembrando que no dia 7 de abril, em sessão solene, a Academia Passo-Fundense de Letras, através das palavras do confrade Odilon Garcez Ayres, homenageou Moacyr Scliar. Moacyr que não morreu, porque assim como todos os dias a luz solar vence as trevas, os grandes humanistas continuam vivos naqueles que empunham a espada da civilização contra a barbárie.

(Discurso Pronunciado pelo acadêmico Paulo Monteiro, no dia 23 de agosto de 2011, na abertura do 4º Encontro da Academia Brasileira de Letras, durante a 14ª Jornada Nacional de Literatura)

Data : 01/01/2010

Título : MORTO... AGORA LIVRE O PROSCRITO

Categoria: Resenhas

Descrição: Sem dor, lamento ou porque... morreu por chegar a hora...

(Luiz Lopes de Souza)

Sem dor, lamento ou porque...  
morreu por chegar a hora...  
Agora na paz perene  
de um sono bueno e profundo  
o pobre andejo dormia  
já sem ter mágoas do mundo...

Livre...  
Livre dos tombos da vida!  
Livre das léguas dos anos  
e amargas da existência...!  
Tendo apenas por parceiro  
um tostado malacara  
viveu de estância em estância  
sem ter raiz nem querência...

Por ter fama de errante  
com calúnia maldizente  
era sempre repudiado...  
Restava encurtar distância  
sem estar indo nem vindo  
mal visto, vago e sem rumo...

... muitas vezes ranchos fartos  
lhe negaram um fiambre...  
... judiado pelos caminhos  
acostumou a sofrer,  
mas no vazio de ser nada  
quantas vezes indagou  
qual a razão de viver...?!

Não lhe alcançavam um mate...  
não lhe cediam um pouso...  
não lhe justavam pra lida...  
não lhe estendiam a mão  
na chegada ou na partida,  
sem permissão pra falar  
nem pra implorar um sorriso...

E era bueno... era bueno sim...  
quase sempre famulento  
nunca comeu do alheio...  
- Poncho poído de invernias...  
- Bombacha a muito rota...  
- Chapéu furado na copa...  
- Arreios já remendados...  
Desprovido, miserando,  
necessitado de tudo...  
Arrastando a realidade  
de sua fama de errante...

Nunca teve sonhos...  
por fracassado e proscrito  
não aprendeu a sonhar.  
Amores, por certo teve  
mas perdeu-se por um só  
e mesmo sendo vaqueano  
nunca mais achou o rumo...

E os erros incompreendidos?  
E o ferro em brasa no couro  
por inocentes motivos...?  
E o rubro sangue estanque  
esvaído nos caminhos?!  
E as tormentas interiores  
com estocadas de espinhos?!

Por isso agora livre...!  
Sem mendigar um aceno...  
Sem a changa pela bóia...  
Sem andar só e sem razão...

Ninguém chorou pelo tal,  
se o pobre era "mui solo"  
quem choraria por ele...?

O tostado malacara  
ficou por perto das casas  
depois por perto da cruz...  
relinchando vez por outra  
Único choro talvez...!

Data : 30/04/2006

Título : Nadja Rossato ou A Arte Como Brinquedo

Categoria: Artigos

Descrição: Nadja Rossato, como diriam os velhos jornalistas, faz parte de...



## Nadja Rossato ou A Arte Como Brinquedo

Nadja Rossato, como diriam os velhos jornalistas, faz parte de uma plêiade de artistas plásticas passo-fundenses, onde se incluem os nomes de Maria Lucina Bueno e Miriam Postal, entre outras, cujo reconhecimento ultrapassou as fronteiras pátrias. Aliás, Maria Lucina e Miriam também brindaram os leitores de *Água da Fonte* com belíssimas capas.

Licenciada em Desenho e Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo, Nadja Rossato é mãe do agrônomo João Manoel, residente em Minas Gerais, da funcionária pública Juliana, que mora em Passo Fundo, e de Larissa, que vive em Londres. Desde 1983, participa de exposições no Brasil e exterior. Destaca-se sua presença em mostras no Centro Histórico e Cultural Prof. Klinger Filho (Porto Alegre), Universidade de Passo Fundo – Instituto de Artes -, V Bienal Internacional de Gravura – Taipei Fine Arts Museum (China) -, International Small Engraving Salon Carburani (Romênia), Museu de Hannover (Alemanha), Prefectural Gallery Kanagawa (Japão), Chagal House (Israel) e Museu Nacional de Grabado (Buenos Aires).

Merece destaque especial sua participação em exposições realizadas em Londres no final de 2004, na Embassy of Brazil, 32 Green Street London W1K 7AT, recebendo elogios da crítica especializada.

Não é à toa que um tom lúdico perpassa a obra de Nadja, cujo nome está ligado ao lituano Nadejda, que significa “esperança”. Esse ludismo encontra explicação na biografia da artista. Ainda criança, na Escola Bom Conselho, de Passo Fundo, ao entrar em contato com o lápis, entendeu que a maior utilidade daquele objeto era retratar o mundo ao redor de quem o manuseava.

“No Bom Conselho – conta Nadja – comecei a desenhar meus colegas. Para mim, era para desenhar que o lápis servia. Meu pai foi chamado à escola. Esse hábito acompanhou-me até a Universidade. Retratei muitas pessoas. No Instituto de Artes comecei a estudar piano, que toco até hoje. Acabei optando pela pintura. Na Universidade de Passo Fundo, aprendi novas técnicas de desenho, pintura, gravura, painéis e cerâmica”.

A exemplo de outros artistas, deixou sua marca em painéis que podem ser vistos, em Passo Fundo, na frente do Fórum, e no interior das igrejas católicas da Vila Fátima e São José Operário. Sua paixão é a gravura.

“Gosto da técnica da gravura, que desenvolvi por diversos anos, participando de ateliê de litogravura. A gravura é muito fiel ao traço do desenho, que é a minha origem. Consigo passear por outras técnicas. Gosto da cerâmica e da porcelana. Com a gravura, porém, você consegue democratizar o acesso à arte, pela multiplicação de cópias numeradas. Faço um número limitado, no máximo dez cópias. A vantagem da gravura é que você pode comprá-la de nomes bons e mais sérios. Hoje há mais mercado”, confessa.

Populariza-se a arte da pintura. Meio mundo é pintor. Alguns entendidos discutem a qualidade da maioria das obras. Sobre isso, eis o pensamento de Nadja: “Vejo na pintura a óleo uma banalização. É muito fácil qualquer um comprar uma tela e pintar. Fiquei dez, quinze anos, só fazendo trabalhos de acordo com as condições objetivas de produção”.

Para ela, a qualidade da obra de arte está ligada ao dom. “O dom existe. A escola ajuda a manusear novos materiais e adquirir novas técnicas. Muito do meu conhecimento veio

com ateliês de gravura, e com diversos professores, entre os quais Marta Loguércio, Anico Herskovtz e Maria Tomaseli. Se o Dom não existisse, todos aqueles que saem de um Instituto de Artes se destacariam como artistas. Numa turma de médicos todos saem médicos, mas numa turma de artes poucos saem artistas”.

E a obra por encomenda? “Acho que a obra por encomenda é muito mais técnica do que artística. Quanto maior a interferência externa, menor o valor artístico. Quando o artista pode usar o material que quer, seu trabalho é mais artístico”. (Gilberto R. Cunha/Paulo Monteiro).

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 30/03/2001

Título : Nepotismo e Nepotistas

Categoria: Editoriais

Descrição: Nas últimas semanas os meios de comunicação têm divulgado notícias e opiniões sobre nepotismo. O cidadão comum, não acostumado às tricas e futricas da política ou aos conceitos e preconceitos do pensamento social, deve estar intrincado com toda essa discussão.

Nepotismo e Nepotistas

Paulo Monteiro

Nas últimas semanas os meios de comunicação têm divulgado notícias e opiniões sobre nepotismo. O cidadão comum, não acostumado às tricas e futricas da política ou aos conceitos e preconceitos do pensamento social, deve estar intrincado com toda essa discussão.

Em Passo Fundo, um projeto do vereador Marcos Cittolin, traz à baila esse tema. Seu objetivo maior, acabar com o nepotismo na Prefeitura Municipal. Alvo maior, o secretário da Agricultura Gilberto Gomes, irmão do prefeito.

Mas afinal, o que é nepotismo? Etimologicamente falando, segundo define o Dicionário Aurélio, é a "Autoridade que os sobrinhos e outros parentes do papa exerciam na administração eclesiástica". A Delta Universal esclarece: "Nepotismo é a prática de dar importantes cargos políticos ou funções de relevo nos negócios públicos aos membros da própria família. A palavra nepotismo significa governo de sobrinhos. Nepote é a palavra latina para sobrinho". E quando nos aprofundamos no estudo da História descobrimos que muitos sobrinhos de ministros eclesiásticos, estes obrigados ao celibato, eram muito mais do que sobrinhos. Personagens históricos, como o escritor José de Alencar, o comprovam.

Voltando ao caso de Passo Fundo, não apenas o irmão, mas outros aparentados com o prefeito estão exercendo cargos importantes no poder público municipal. E não somente eles. Parentes de assessores diretos do prefeito e vereadores também ocupam postos de relevância. Vão-se, pois, que "a prática", de que fala a Delta Universal, está instalada no dia-a-dia da administração. Não se trata de um mero "incidente", mas de uma "prática". E isso é nepotismo, sim.

O fato é muito mais do que o simples emprego de um irmão em "função de relevo", até porque Gilberto Gomes tem competência reconhecida.

Temos aversão à hipocrisia. Acreditamos que o emprego de um ou outro parente em função de relevo, por si só, não se caracteriza como nepotismo. Agora, ao avolumar-se a parentela assim ocupada, foge à incidentalidade. E só um fenômeno genético verdadeiramente estarrecedor pra explicar a situação. Os partidos que apoiaram o atual prefeito e, dentro deles, os escolhidos para administrar Passo Fundo, formam famílias abençoadas pelos deuses da competência.

Em Passo Fundo, essas divindades se espalharam pelas mais diversas repartições públicas. Apesar do discurso petista, numa única autarquia estadual, um chefe conseguiu empregar dois filhos, o irmão e uma sobrinha. Nessa mesma autarquia o genro de outro chefe conseguiu uma boquinha, também.

Desta forma aconselhamos o vereador Marcos Cittolin a abranger o seu projeto, se realmente deseja resolver a questão do Nepotismo.

Do Jornal

O Cidadão

30 de Março de 2001

Data : 23/01/2009

Título : No apito do trem

Categoria: Poesia

Descrição: há um grito no apito do trem grito de bicho estrangulado

no apito do trem  
há um grito no apito do trem  
grito de bicho estrangulado  
e nos jornais do dia há manchetes  
cinco mortos sob as rodas de um trem  
família morreu sobre os trilhos  
há um grito de bicho estrangulado  
grito estrangulado no apito do trem

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 15/01/2009

Título : No canto da rua

Categoria: Poesia

Descrição: no canto da rua tinha um bicho de duas patas

no canto da rua

no canto da rua tinha  
um bicho de duas patas  
sentado sobre duas patas

objeto de vidro e plástico  
que outros diziam ser óculos  
cobria dois orifícios

parecia que era homem

mas ninguém tinha certeza  
falava como as maitacas

no canto da rua tinha  
majestosa catedral  
pedia pelo amor de deus

mas deus estava de férias

ninguém ouvia porém  
pois o bispo está viajando  
senhor vigário-geral

perdeu os olhos gulosos  
quando ainda era menino  
em meio a dois testamentos

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 01/01/2013

Título : Nós, os sem-raça

Categoria: Artigos

Descrição: “Reserva de quota”, para mulheres, negros, pobres, homossexuais, para os cambaus, eis a moda jurídica do momento!

Paulo Monteiro (\*)

“Reserva de quota”, para mulheres, negros, pobres, homossexuais, para os cambaus, eis a moda jurídica do momento!

A reserva de quotas para os negros, nas universidades, é a que está mais em evidência. O século XIX, em sua obsessão de tentar reduzir tudo a limites científicos, legou-nos um senso comum muito grande. Os cientistas mais sérios desmascararam logo o esquematismo professoral, que reduziu a três, branca, negra e amarela, as raças humanas. Sobreviveu como figura poética nas “três raças tristes”, que teriam formado o povo brasileiro, por exemplo. E como muitos dos nossos juristas, inclusive Tarso Genro, foram poetas na juventude, é claro que temos uma legislação contaminada pelo lítero-vírus.

Ernest Haeckel, em sua História da Criação Natural, lançada em 1868, já dividia a humanidade em doze espécies: Papua, Hotentote, Cafre e Negro (que considerava “inferiores”), Australiano, Malaio, Mongol, Ártico, Americano, Drávida, Núbio e Mediterrâneo (que apresentava como “superiores”).

A essa divisão, o monista fazia corresponder treze “raças inferiores”: Negritos, Neoguineenses, Melanésios, Tansmânios, Hotentores, Bosquímanos, Cafres-zulus, Bexuanas, Cafres do Congo, Negros Tibus, Negros Sudaneses, Senegâmbios e Negros, além de vinte e três “raças superiores”: Australianos do norte, Australianos do sul, Malaios das ilhas de Sunda, Polinésios, Malgaxes, Indo-chinês, Coreano-Japoneses, Altaicos, Uralianos, Hiperbóreos, Esquimós, Norte-Americanos, Americanos do centro, Sul-Americanos, Patagões, Drávidas do Decão, Singaleses, Dongolenses, Fulas, Caucásicos, Bascos, Semitas e Indo-Europeus.

Quem tenha teve coragem de ler tal amontoado de espécies e raças, concluirá: isso é uma loucura; loucura que Haekel já apresentava como “teoria genealógica”, para, honestamente, acrescentar uma décima terceira espécie, os mestiços, presentes “Em todas as partes do mundo; mas especialmente na América e na Ásia”. E é exatamente aí aonde eu queria chegar.

Qual o critério exato para definir o que seja uma raça, se os sábios não se entendem?

Observemos nossas ruas e veremos uma infinidade de tipos humanos produzidos pela miscigenação. Concluiremos que a maioria dos “brancos” e “negros” são mestiços. Em resumo: homens e mulheres sem raça.

É o meu caso. Em minhas veias corre sangue de portugueses (possivelmente descendentes de mediterrâneos e germanos, que se misturaram com iberos primitivos), espanhóis (nos quais a mestiçagem com os mouros é sabida), açorianos (cujos sobrenomes lembram cristãos-novos), alemães e indígenas (guaranis e, com quase certeza, ibiraiaras).

Como se vê, a exemplo da maioria dos brasileiros, faço parte das “espécies mestiças”. Um típico sem-raça. Um cidadão sem as benesses das leis de reserva de quotas, advogadas por tantos sem-raça.

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.

Data : 20/08/2013

Título : Nossa Proposta

Categoria: Artigos

Descrição: Está em suas mãos a edição piloto do jornal Primeira Linha.

Está em suas mãos a edição piloto do jornal Primeira Linha.

Em Passo Fundo, jornais surgem todos os anos e desaparecem como casulos. Alguns nem chegam a pupas, muito menos a borboletas, ainda que tenham destas a efêmera beleza. Outros já duram décadas, como é o caso de nossos dois diários, ou muitos anos, onde se contam cinco gazetas com periodicidade mais espaçada e uma revista.

Há alguns meses, conversando com jornalistas metropolitanos, que acompanhavam o governador do Estado, eles comentaram a qualidade gráfica dos periódicos passo-fundenses.

O vigor e o viço da imprensa local contribuem para que os leitores sejam exigentes. E é exatamente essa exigência que produz a seletividade. Quem corresponda a essas expectativas sobrevive.

Longos anos de intensa militância cultural e comunitária, permeada por atividade profissional nas redações de três jornais ainda em funcionamento, habilitam-nos a pensar e elaborar o projeto de um novo periódico para Passo Fundo.

Realidades novas criam novas exigências.

Nosso objetivo é fazer um jornal diferenciado e durável, que possa ser lido e guardado. Noutras palavras, não vamos praticar o jornalismo do cotidiano. Não descuidaremos do transitório, mas procuraremos temas novos. Para tanto, além de colaboradores locais, estamos acertando uma rede de cooperadores nos mais diversos pontos do País.

Nesse aspecto, cidades muito menores do que Passo Fundo, e com uma imprensa menos vigorosa e viçosa do que a nossa, podem servir de modelo.

Quando instituições passo-fundenses promovem atividades que repercutem internacionalmente queremos fazer um jornal de vanguarda, que também ressoe longe.

Para tanto, esperamos contar com o apoio de todos aqueles que acreditam em mudanças de hábitos e atitudes.

PAULO MONTEIRO

Data : 31/07/1998

Título : Nossos clássicos formam leitores há quatro décadas

Categoria: Resenhas

Descrição: Num país onde as coleções de livros não passam de raríssimas edições e não vão além de alguns escassos anos...

Nossos clássicos formam leitores há quatro décadas

PAULO MONTEIRO

Num país onde as coleções de livros não passam de raríssimas edições e não vão além de alguns escassos anos, o fato de uma série completar mais de quarenta anos, já com 122 títulos, alguns com várias edições, merece menção especial. E o caso de NOSSOS CLÁSSICOS, da Agir S.A. Editora.

À minha frente dois volumes da série, com data de 1957, um dedicado a Cruz e Souza e outro a Tavares Bastos. Agora recebo CAMÕES: ÉPICO, 10a Ed., MACHADO DE ASSIS: Conto, 7a Ed., CECÍLIA MEIRELES, 3a Ed., FLORBELA ESPANCA e ALMEIDA GARRETT. O formato, de bolso, continua o mesmo; praticamente idêntica a disposição formal, com a novidade de acréscimo de um Mapa Situacional, fazendo um paralelismo entre datas da vida dos autores e fatos significativos na cultura e na política.

A velha linotipo deu lugar aos modernos métodos de impressão. Como no caso de Machado de Assis, a antologia foi refeita e a bibliografia atualizada. No que se refere à substituição do Questionário por sugestões de leitura pode-se objetar com as dificuldades em encontrar obras de autores mais antigos.

Quanto de seu lançamento, nos anos 50, NOSSOS CLÁSSICOS mereceu elogios de críticos brasileiros e portugueses.

Depois, outras editoras imprimiram séries parecidas, mas nenhuma com a durabilidade dos volumes da Agir. Nesse aspecto é de salientar-se a escolha dos responsáveis pela Introdução aos diversos livros.

Além da antologia, onde os leitores encontram-se com a obra dos autores, a introdução contribui para um conhecimento da vida e da obra de muitos dos mais representativos poetas e prosadores dos dois lados do Atlântico.

NOSSOS CLÁSSICOS urge estar disponível em todas as escolas; os professores deveriam trabalhar com sua leitura e mais: estimular os alunos a adquirirem essa coleção básica das literaturas de Brasil e Portugal. A mostra representativa de cada autor enfeixada nos volumes da série, em tudo contribui para a indispensabilidade da coleção em qualquer biblioteca.



Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 31 de julho de 1998

Data : 20/01/2009

Título : Noturno

Categoria: Poesia

Descrição: pela noite branca a lua dá gargalhadas na rua

noturno

pela noite branca a lua

dá gargalhadas na rua

enquanto o menino dorme

junto à caixa de engraxate

o mascate mascateia

na cadeia a gente dorme

ao compasso dos gemidos

dos soluços desses bruços

que são bruços pela noite

branca a lua a lua

dá gargalhadas na rua

uiva a lua pela rua

como os cães loucos uivavam

pela noite branca a lua

dá gargalhadas na rua

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 25/08/1998

Título : Novas Antologias de Assis Brasil

Categoria: Resenhas

Descrição: Em artigos anteriores, publicados em O CIDADÃO, tive a oportunidade de salientar a importância do antologista Francisco de Assis Almeida Brasil...

### Novas Antologias de Assis Brasil

Em artigos anteriores, publicados em O CIDADÃO, tive a oportunidade de salientar a importância do antologista Francisco de Assis Almeida Brasil (Parnaíba, PI, 18 de fevereiro de 1932), para o conhecimento da poesia brasileira dos mil e novecentos. Acabo de ler outras três coletâneas por ele organizadas: A POESIA AMAZONENSE NO SÉCULO XX (Editora Imago, Fundação Biblioteca Nacional, Universidade de Mogi das Cruzes), A POESIA FLUMINENSE NO SÉCULO XX (mesmos editores) e A POESIA NORTE-RIO-GRANDENSE NO SÉCULO XX (Editora Imago, Prefeitura Municipal de Natal e Fundação Cultural Capitania das Artes).

Com a diferença de que, o segundo volume lido engloba poetas vivendo num dos centros que ditam a atualidade poética nacional, o Rio de Janeiro, os demais revelam características comuns às antologias anteriores dos demais estados "periféricos". A principal delas é o fato de que as "revoluções literárias" se propagaram lentamente em nosso país. O modernismo (1922) desenvolver-se-ia, no Amazonas, a partir de 1954, com o Clube da Madrugada, revelando alguns poetas dignos de nota como Luiz Bacellar, Jorge Tufic, Ernesto Penafort e Astrid Cabral. Não podemos esquecer Thiago de Mello, já longe da Amazônia.

O caso da poesia potiguar também é semelhante. Apesar das experiências de Jorge Fernandes (1887-1953), contemporâneo e amigo dos modernistas de primeira hora, ou os poetas ignoraram olímpicamente as novas manifestações poéticas ou mantinham aquilo que Assis Brasil, com propriedade, chamada hibridismo: formas antigas e novas, lado a lado. Este é o caso de meu bom e saudoso amigo Luiz Rabelo (1921 -1996). Capaz de compor poemas concretistas e sonetos e trovas, dentro do melhor tradicionalismo.

Já a antologia dedicada ao Rio de Janeiro reúne grande número de nomes conhecidos: Machado de Assis, B. Lopes, Alberto de Oliveira, Mário Pederneiras, Raulde Leoni, Cecília Meirelles, Vinícius de Moraes, Reynaldo Valinho Alvarez, Ivan Junqueira, Atonso

Henriques Neto, Leite Miccolis e poetas da geração de mimeógrafo, como Chacal, Alex Bueno e Ana Cristina César (1952- 1983).

Assis Brasil está fazendo mais do que editar simples antologias por Estado. Ele está dando a lume, na verdade, a mais ampla coletânea de poetas brasileiros até hoje publicada. E isso torna indispensável a leitura dos florilégios por ele organizados.

Do Jornal

O Cidadão

25.08.1998

Data : 20/11/2011

Título : O 19 de Novembro da Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: Hoje foi um dia muito importante para a Academia Passo-Fundense de Letras.

Paulo Monteiro (\*)

Reunidos em Assembléia Geral, os acadêmicos marcaram a Eleição da Diretoria o próximo dia 17 de dezembro para o biênio 2012-2014. A maioria dos confrades decidiu tudo exigindo o cumprimento do Estatuto e dos regimentos internos. Num país, onde há um desrespeito pleno às leis é um grande fato.

Osvandré esta deixando a presidência da SBOT – Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia – cargo para o qual foi preparado ao longo dos anos. Como é do seu feitio, age às claras. E jamais escondeu de ninguém o seu sonho de presidir a Academia Passo-Fundense de Letras, depois que concluisse a carreira como dirigente daquela Sociedade. E concluiu, culturalmente, com chave de outro: promovendo a edição de exata de uma dezena de livros, dois com a tinta de sua operosa caneta.

Confesso que me senti honrado quando recebi seu telefonema, já nas proximidades da sede do sodalício, confirmando seu desejo de presidir a Academia a partir do próximo ano. E dizendo que estava mandando uma proposta de comando acadêmico, através do confrade Gilberto Cunha – outro escritor prolífico e cientista reconhecido internacionalmente, confirmando sua vontade de que o máximo de confrades deve participar ativamente dos destinos da confraria literária.

Entendo – e disse isso durante a Assembléia Geral de hoje – que todos, mas absolutamente todos os acadêmicos e acadêmicas, desde que assim o desejem, podem e devem exercer a função presidencial.

Sinto que pelo menos um confrade e uma confreira desejam presidir a Academia Passo-Fundense de Letras, embora essa vontade não tenha ainda sido externada publicamente. Ótimo. É a garantia de que, pelo menos, durante os próximos seis anos, seremos bem conduzidos. E por quê? Porque já demonstraram amor à casa e comprovaram capacidade de trabalho.

(\*) Paulo Monteiro, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.

Data : 20/02/2015

Título : O Anticomunista e o Halloween

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho um vizinho que é anticomunista ferrenho. Quer dizer: ex-vizinho, pois morávamos próximos em outro bairro, há muitos anos.

Tenho um vizinho que é anticomunista ferrenho. Quer dizer: ex-vizinho, pois morávamos próximos em outro bairro, há muitos anos.

Certa feita ele me procurou:

- Paulo, ainda guardas aqueles velhos canos de ferro?
- Infelizmente não. Doei anteontem para um catador.
- É uma pena.
- ... mas o que pretendias fazer com velhos canos de ferro?
- Aqueles são bons para fabricar um trabuco. Um trabuco daqueles que se usava, nos tempos de guri, pra caçar passarinhos. Conheces?
- Claro que conheço. Fiz muitos deles quando era piá. E vais caçar o quê?
- Caçar coisa nenhuma! Vou é me defender dos comunistas.
- Comunistas? Já vens com essas manias de perseguição, de novo!
- De novo, qual nada! Você é que é meio vermelho.
- Não sei porque tens tanto medo do comunismo. A casa em que moras é alugada. Nem carro tens. E a vizinha...

- A mulher um comunista já me tomou. Se os comunistas chegam ao poder vão me botar pra rua e me obrigar a continuar pagando aluguel para algum sem-teto morar na MI-NHA casa.

E saiu batendo o passo.

Dias depois, veio ele de novo.

- Paulo, consegui os canos. Arrumei espoleta de espingarda taquari. Fiz um trabuco de primeira. Já carreguei com místico de fósforo e cabeças de prego, costadas uma a uma. Que venham os comunistas!

O tempo passou e num certo anoitecer, uma passeata ao som de cânticos numa língua parecida com o inglês tomou conta da rua. Os manifestantes invadiam os pátios gritando: "Gostosuras ou travessuras!"

Chegaram ao portão do vizinho. E este lhes recebeu aos gritos:

- É assim que os comunistas começam: tomando doces! Esperem que eu tenho bastante "gostosuras" pra vocês!

Meninos e meninas fizeram um alarido ainda maior, misturado com aquele língua estranha.

O barulho foi ainda maior quando o vizinho reapareceu, agora empunhando uma geringonça. Apontou e... desapareceu no meio de uma nuvem de fumaça e fogo.

O trabuco explodiu estrondosamente. Foi um esparramo de bruxinhos e bruxinhas para todos os lados.

E lá se foi o vizinho para o hospital, com um olho furado e a cara aos frangalhos.

Pena que não havia nenhum médico cubano para atendê-lo.

Minha crônica O Anticomunista e o Halloween inspirou o poema abaixo, do poeta Andre Francisco Gil:

Andre Francisco Gil

Fogo tomando tempo continua maníaco e doentio aceso numa noite de Halloween  
geringonças das gostosuras místicas da vizinha claridade guardada a sete chaves  
meio integrado a muitas cabeças que botam coisas e saem pelo cano ou pelo ralo

- por que você bota essas coisas na cabeça?

empunhando gritarias carregou e empurrou carros alegóricos e procurou conhecimento  
esparramou esperança na passeata de sem-tetos, sem-camisa, sem-chinelo, sem-nada

meu vizinho eu não sabia é catador de reciclados

meu outro vizinho trabalha em desmanche de carros roubados

agora no pátio um taquari alugado por passarinhos enfeitiçados

nenhum barulho manifestado na espoleta dentro da casa do guri casa de barro

olho mistura tudo língua depois do trabuco,amedrontada silenciou-se  
meninos bruxinhos mascarados no som dos passos anti-vermelhos na pretensão ferrenha  
de depredar  
nuvens acima do portão de pregos de ponta de aço na rua de nenhum ferreiro funileiro  
frangalhos estranhos parecidos com arrumação comum de outro uso proibido  
gás lacrimogêneo e balas de borracha  
apontou travessuras fosfóreas nas mulheres e seus fogachos  
piás e velhos censurados  
escandalosamente doce anoiteceu e alugou a perseguição de anteontem do vento e do  
tempo  
reapareceu invadindo com espingarda calibre doze a moradia dos outros caçando certos  
comunistas  
fumaça começou encostada na obrigação de defender a felicidade do arroz-e-feijão  
antipetista  
hospital de alaridos num cântico doído de tantos dias fabricados onde  
morávamos,mamãe,papai e eu  
foi num dia de Halloween que a polícia me bateu...

Data : 24/11/2014

Título : O Barão de Arigópolis

Categoria: Crônicas

Descrição: O Barão de Arigópolis é um macróbio que vive isolado na Floresta de Arigópolis (a Cidade dos Arigós)...

O Barão de Arigópolis é um macróbio que vive isolado na Floresta de Arigópolis (a Cidade dos Arigós), que faz parte da Província de Beleléu, presidida por Juan Sin Palabra, integrante da República de Coronelândia (a Terra dos Coronéis), que, por sua vez, é chefiada por Maria Carabina.

A cidade é tão real que, há dois anos, quando divulguei uma série de acontecimentos de Arigópolis teve gente que se quebrou procurando saber onde ficava essa metrópole. . Pensaram que era uma homenagem ao famoso médium Zé Arigó. Nem Mr. Google conseguiu solucionar o mistério.

E o Barão é tão real que meu amigo Leandro Malósi Dóro achou a imagem dele parecida comigo, o que é uma baita de uma viagem.

Quando os tempos são complicados por aqui ele manda notícias de lá.

Data : 20/02/2015

Título : O Boing e o Escritor

Categoria: Crônicas

Descrição: Acompanho, com muita curiosidade, as notícias sobre o desaparecimento do voo MH370, da Malayria Airlines.

Acompanho, com muita curiosidade, as notícias sobre o desaparecimento do voo MH370, da Malayria Airlines.

Como é que pode um avião enorme sumir dos radares e dos satélites, satélites capazes de fotografarem, lá do alto, a placa de um automóvel aqui, no solo?

Este é, na verdade, um segundo mistério. Há um outro, anterior, envolvendo um escritor amigo meu, também desaparecido. Ninguém dá notícias. Vivo está, pois, de vez enquanto aparece no Facebook. Se é que não alguém se passando por ele.

Ainda há pouco falamos sobre o fato. Éramos este escriba, Marilise Brockstedt Lech, Sueli Gehlen Frosi, Elisabeth Ferreira e Gilberto Cunha.

Já ouvimos as mais diferentes hipóteses. Uma delas é de que estaria fazendo escavações arqueológicas, à procura de um tesouro jesuítico enterrado em São Sepé; outra de que andaria pelo Mato Grosso organizando uma criação comercial de sucuris. E, finalmente, uma outra... de que estaria no Canadá (que não mantém tratado de extradição com o Brasil), organizando a contabilidade de um advogado vizinho procurado pela Interpol. Coincidentemente, ambos desapareceram em datas próximas.

O desaparecimento de um escritor sempre é mais preocupante do que o sumiço de um Boing 777. Afinal, o escritor é um imortal. E imortais não podem desaparecer.

Temos a informação de que nosso confrade retornará até o próximo dia 25. E se não retornar? Mistérios da criação literária?

Data : 02/02/2015

Título : O brigadeiro terrorista

Categoria: Crônicas

Descrição: A afirmação de que apenas opositores ao regime militar, iniciado com o movimento de 1º de abril de 1964, cometeram "atentados terroristas" é uma grande mentira.

A afirmação de que apenas opositores ao regime militar, iniciado com o movimento de 1º de abril de 1964, cometeram "atentados terroristas" é uma grande mentira.

Leia-se o que escreveu o General Olympio Mourão filho à página 443 de seu livro MEMÓRIAS: A VERDADE DE UM REVOLUCIONÁRIO, com apresentação e arquivo de Hélio Silva, 5ª edição, L&PM, Porto Alegre, 1978:

"Cerca de quase um mês antes do A.I. 5 [ 13 de dezembro de 1968], em face dos distúrbios estudantis, o Brigadeiro Burnier [João Paulo Burnier] tentou usar tropas do PARA-SAR da Aeronáutica em ações de violência contra o povo e contra os franco atiradores dos edifícios da Av. Presidente Vargas. Convocou o PARA-SAR a seu Gabinete (ele exercia as funções de Chefe de Gabinete do Ministro da Aeronáutica) passando por cima da Diretoria responsável e fez uma fala criminosa aconselhando a prática de crime, de assassinato e inclusive - o que parece incrível - profligando o procedimento dos paraquedistas que não foram capazes, hesitaram, no cumprimento de ordem de assassinar o Governador Carlos Lacerda, por ordem de Goulart!

"Tudo isto está claro, provado, nos depoimentos dos paraquedistas dados de próprio punho pelos trinta e seis sargentos e praças que compareceram à reunião.

"Dias depois fui informado de que da lista por ele organizada constavam meu nome, o do Gen. Pery [Pery Beviláqua] e o de Carlos Lacerda. Fui par TV e declarei, apontando para o olho da Câmara [sic]: 'Vocês devem estar me ouvindo, fiquem sabendo que não tenho medo de morrer, nem entro em automóvel para ser sequestrado. Uso um Colt 45, atiro



muito bem e quem me apontar uma arma intimando-me a entrar em automóvel, terá logo ou, se me der oportunidade, atiro eu."

Esses fatos ocorreram às vésperas da publicação do Ato Institucional nº 5. E dentre os atentados planejados estava a explosão do gasômetro do Rio de Janeiro. Os atentados seriam atribuídos a opositores do governo. Era assim que agiam os defensores da Democracia, de Deus, da Família e da Propriedade. E é isso o que desejam de volta os organizadores e defensores de certas marchas...

Quem desejar se aprofundar no "Caso PÁRA-SAR" tem material disponível na Internet. As observações entre [] são de minha autoria.

Data : 20/03/2005

Título : O Burro

Categoria: Poesia

Descrição: A um ilustre causídico que ameaçou processar o autor

A um ilustre causídico que  
ameaçou processar o autor.

Que eu te chamei de burro asseguraste  
E em frente da Justiça assoberbada,  
Zurrando furibundo, me ameaçaste  
Com uma insulsa e insossa papelada.

Se fosses besta, assim, como afirmaste,  
Por certo atacarias a patada  
E não da forma estranha que encontraste,  
Em tudo desconforme à burricada.

És muito mais que mulo, e tens o status

Em tudo superior ao de Insitatus,  
Cavalar senador de um rei cruel.

Quem te chamou de burro se iludiu,  
Pois jamais a um solípede se viu  
Cursar Direito, e ao fim, ser bacharel.

Antonio Guaxo

Data : 20/02/2015

Título : O cabo e o coronel

Categoria: Crônicas

Descrição: Em abril de 1964 a bruxa está solta em Passo Fundo.

Em abril de 1964 a bruxa está solta em Passo Fundo. Mais precisamente sob a forma de um cabo do Exército que, acompanhado de um soldado, da mesma força armada, montados num Jeep, circulavam pela cidade prendendo comunistas e trabalhistas.

Uma de suas investidas foi contra o prédio da Câmara Municipal, que se situava na Avenida Brasil Oeste, onde deveria funcionar o Tetro Municipal Múcio de Castro. Hoje é um prédio quase em ruínas. Mas esse é outro papo.

Presidia o parlamento municipal um coronel que participara das revoluções de 30 e combatera as "intentonas" comunista e integralista. Homem conservador, Octacílio de Moura Escobar, esse era o seu nome, andava indignado com as perseguições aos seus adversários políticos. Ele mesmo apoiara a contrarrevolução de 1º de abril, mas não compactuava com as arbitrariedades praticadas. Todos os vereadores trabalhistas tinha sido presos pela bruxa do Jeep e seu indefectível parceiro.

Madrugador, o Coronel Octacílio chegava cedo à Câmara.

Numa certa manhã daquele abril vergonhoso, o porteiro foi procurá-lo em seu gabinete:

- Coronel, aquele cabo do Exército está aí par prender o João e o Flaviê.

O presidente levantou-se de um salto e se dirigiu marcialmente à porta, como em 32, quando participou dos ataques aos quartéis sublevados do autoproclamado Estado de Maracaju, no atual Mato Grosso do Sul.

- Cabo, o que o senhor quer?

- Vim prender dois comunistas.

- Aqui não tem comunista nenhum!, disse Octacílio.

- Quem é o senhor?, perguntou o milico.

- Eu sou o coronel Octacílio de Moura Escobar, vereador eleito e presidente da Câmara Municipal de Passo Fundo. O senhor retorne ao seu quartel e diga ao seu comandante que ele mande um general vir falar comigo (e fez questão de salientar seu nome): o coronel Octacílio de Moura Escobar. E passar bem.

Com o rabinho entre as pernas o cabo saiu dali escorraçado por um coronel da Brigada Militar. E nem ele, muito menos um general voltaram a perturbar a casa do povo passo-fundense e seus vereadores.

Data : 12/01/2009

Título : O canto

Categoria: Poesia

Descrição: o canto terá que ser à moda do cantador

o canto

o canto terá que ser  
à moda do cantador  
se não o canto que canto  
não terá nenhum valor  
por isso canto sem medo  
o medo que a gente sente

ou a gente mata o medo  
ou o medo mata a gente

canto o livre que se encontra  
na minha imaginação  
é canário que se bate  
contra as grades do alçapão  
o pão que falta nas mesas  
e se acha numa somente

ou a gente mata o medo  
ou o medo mata a gente

pelos sertões e cidades  
a abolição não chegou  
se chegou ficou à porta  
por ser dada não entrou  
só quando for conquistada  
reinará eternamente

ou a gente mata o medo  
ou o medo mata a gente

sempre há mais pedra e pau  
que granada e mosquetão

sempre há mais gente sem  
que tendo arma na mão  
com sangue também se escreve  
com nosso sangue inocente

ou a gente mata o medo  
ou o medo mata a gente

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 13/12/1976

Título : O Canto do Visor

Categoria: Resenhas

Descrição: Falar sobre O Canto do Visor, de Ubiratan Porto, é não poder dizer bem as coisas que se conhece.

O Canto do Visor

Falar sobre O Canto do Visor, de Ubiratan Porto, é não poder dizer bem as coisas que se conhece.

Lembro o que assinei à última capa de seu livro: “Taine escreveu: “O que diminui o valor da Arte é a falta de sentimento”. Ao ler O Canto do Visor, de Ubiratan Porto, o leitor toma contato com uma obra plena de sentimento”. E logo a seguir afirmava (e reafirmo) que tal livro era e/ou é “adolescente” e, como tal, traz em seu bojo a vivência lírica peculiar dessa fase da mocidade”.

Mas... o que é o Visor?

É a esperança – o porvir! O símbolo da Caridade,

Tem asas – é a Liberdade,

Tem voz – é o Parlamento

Onde se alça a luta social...

Nesse poema, que abre o livro e é de setembro de 1970, está a própria essência, o centro da infra-estrutura ideológica da poesia de Ubiratan, à época.

Para quem – como eu – o conheceu e conhece, sabe o quanto o marcou a poesia de Castro Alves, entre outros poetas de nosso Romantismo.

Toda a poesia social – como tudo nas sociedades de classes – origina-se da exploração do Homem pelo Homem. Não houvesse esta e Castro Alves não buscaria em Victor Hugo o modelo poético que o imortalizou como o “Condor” e não teria influenciado em Ubiratan.

O Canto do Mundo comprova sintomática e formalmente o que afirmamos acima e aponta outro ângulo:

Gira Mundo! Gira! É roda em cor!  
Cor de terra – mar – voz do amor,  
Passo estéril entre o Tudo-Espaço...  
Canta roda! Ruge os teus tendões!  
Grita à massa à graça das nações:  
Escudos e pendões em pano e laço!

És vida! Poema de uma infinda  
Luta fera de esfera e tempo ainda...

(...)

Ouvi! É o canto do mundo infundo.  
Século atual, triunfal ao latifúndio,  
Do átomo das máquinas e metralhas.

No trecho acima vemos de um lado os imperativos condoreiros, doutro as aliterações, rimas internas, em menor grau e quase que inconscientemente, comuns ao e no Simbolismo, o que não deixa de ser uma aproximação às formas modernas do exercício poético.

Aqui e ali (“Escudos e pendões em pano e laço”), aparecem passagens camonianas, uma constante em nossas letras, desde Prosopopéia, de Bento Teixeira, passando, inclusive, pelo “Poeta dos Escravos”.

Ainda, para não sairmos do aspecto formal, O Canto do Visor é abundante em adjetivação de substantivos, além das figuras comuns ao Condoreirismo.

Há de salientar, por outra, a constância da rima e o abandono das normas e regras tradicionais de versificação.

O soneto, como forma fixa, não tem as cesuras normais respeitadas; além disso, há outra ruptura com a tradição consagrada pelos maiores sonetistas em todos os tempos: o predomínio, em Ubiratan, do hendecassílabo sobre o decassílabo e, como é o caso de Persuasão, extrapolando o limite físico tradicional do verso, o alexandrino.

Voltando à poética social, por essa época, é totalmente idealística. Tal poesia parte de certas passagens da doutrina cristã, basicamente do “Amai-vos uns aos outros” ou “Ama a teu próximo como a ti mesmo”. É a poesia daqueles que têm uma alternativa puramente emocional das transformações qualitativas e não um conhecimento científico. É a poética “fraternal” (in Diálogo Expresso), que se insere dentro da própria estrutura que engendra os problemas sociais (cujas causas, por estreiteza em ver a realidade, o Autor desconhecia), já que os elementos excluídos do centro do processo produtivo são:

Doentes dos males que vieram

De si e da sua própria invenção!

(in A Face Obscura) e não determinados pelas relações de produção.

Para Ubiratan Porto (Quo?) é “Cristo – redentor” porque “O Infinito... é Deus...”. Tal poema parece-me, também, um dos melhores para que se tenha a visão de mundo que o Autor possui, contraditória e (para ele) pouco clara. Ao mesmo se diz que

... a escuridão

É o teorema criador...

Fremem as metamorfoses!

Neste último verso se antecipa uma visão dialética das coisas. Em tal aspecto, através de uma rápida análise, creio que seja o importante.

Doutra parte, O Canto do Visor encerra poemas líricos. Nestes, denota-se uma acentuada influência romântica de duas correntes: a ultra-romântica (Álvares de Azevedo, notadamente) e da condoreira (Castro Alves).

Outrossim, nota-se numa série de poemas de O Canto do Visor uma supervalorização da obra artística:

Não morrerás! Tu viverás – tanto

No regaço fecundo de um seio materno,

Como da graça e de esperanças,

Nas meninas e nos amores a fluir!

Hás de renascer como a graça no arrebol!

Em cada gota de orvalho, a cada verbo,

Vivendo no sonho dos poetas,

No ego dos humildes, crédulos e ateus!

Com essa passagem do poema Orbi Vitae, dedicado a Guilherme de Almeida, mostra o Autor que a Poesia é a própria imortalidade. Para melhor compreensão do que afirmamos, leia-se os poemas Despertar e Ao Poeta.

Tudo isso denota, de certa forma, uma tendência egocêntrica, que não seria chocante não a fôssemos encontrar claramente num poema social com todos os méritos para uma autêntica “profissão de fé” poética, Arroubo:

Se eu não tivesse nos olhos a visão  
De um século à frente, a amplidão,  
O Canto do Visor – febril  
(...)

Eu não faria da Lira o meu cinzel,  
Não riria de escárnio ao vil ouropel,  
O opressor e o algoz!

O Canto do Visor é a primeira obra de Ubiratan Porto. Espero que, brevemente, as outras venham a público, pois se as primícias salvam-se pela exuberância de sentimento, as outras nos apresentarão exuberantes méritos literários.

O Nacional

Passo Fundo, 13 de dezembro de 1976, p. 5)

Data : 18/04/1993

Título : O Catecismo Parlamentarista

Categoria: Resenhas

Descrição: “A Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul está fazendo um grande serviço à cultura sul-riograndense ao publicar a Coletânea Memória Política do Rio Grande do Sul”...

O Catecismo Parlamentarista

por Paulo Monteiro

“A Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul está fazendo um grande serviço à cultura sul-riograndense ao publicar a Coletânea Memória Política do Rio Grande do Sul”, cuja primeira edição é de 1949, de autoria do líder libertador Raul Pilla, que foi deputado federal durante 21 anos, até 1967, quando não mais concorreu por discordar



dos caminhos institucionais que o País tomaram com os governos autoritários que ele mesmo, havia apoiado em 1.964.

O "Catecismo Parlamentarista", escrito sob a forma de diálogo, diga-se de passagem um estilo muito comum entre os filósofos da Antiguidade, é um dos pontos máximos do pensamento político sul-rio-grandense. Consolidando de maneira impressa o pensamento parlamentarista gaúcho, num Estado onde muitos deram suas vidas em defesa dos ideais parlamentaristas.

O "Catecismo Parlamentarista" é um documento interessante, pois é o divisor de águas entre o velho parlamentarismo de Silveira Martins, que defendia a eleição indireta para Presidente da República, á então maneira francesa, e o novo parlamentarismo, que admite e depende a eleição direta para Presidente da República, como está sendo proposto atualmente durante a campanha plebiscitória que se desenvolve.

Para Raul Pilla o Presidencialismo é uma continuidade necessária do "absolutismo", onde "o chefe da Nação reunia na sua pessoa todos os poderes: ele legislava, administrava, julgava e representava ou incorporava a nação. Aos poucos, porém o monarca foi sendo despojado dos seus poderes: deixou de legislar e de julgar, para ficar somente com o poder executivo. E deste mesmo acabou sendo destituído no regime parlamentar, para ficar apenas com o papel de chefe de Estado".

Isso, de acordo com Raul Pilla é "uma dissociação natural e necessária, na evolução da autocracia para a democracia" (ambas as citações são das páginas 19 e 20).

Uma contradição fundamental do Presidencialismo é o fato de que o chefe da Nação deve o Presidente da república estar acima dos partidos e das suas competições; e como chefe do poder executivo, é necessariamente a expressão do partido ou aliança de partidos que o elegeu".

Logo uma página à frente (pág. 22) Raul Pilla chega a comparar o moderno Presidencialismo às monarquias, afirmando que "O poder executivo tem, no sistema presidencial, uma feição caracteristicamente pessoal, como nas antigas monarquias: é o governo de uma só pessoa embora auxiliada por outras pessoas de sua confiança. Os ministros não passam de simples secretários pessoais do presidente, que ele, como outrora os monarcas, admitem e despendem a seu talante".

Um ponto importante nos ensinamentos de Raul Pilla é o que diz respeito à "responsabilidade política", como se lê as páginas 33, 34 e 35, ressalvadas as mudanças, como é o caso do impeachment, comprovando a tese da evolução "natural e necessária" dos regimes autocráticos na direção da democracia, pois há algum tempo não havia nem mesmo a responsabilidade criminal do Presidente da República. Continua existindo responsabilidade política. Uma vez eleito, por mais incompetente que seja desde que não cometa um crime comum muito grave, O Presidente da república é imexível, como diria Antonio Rogério Magri. Pode provocar inflação, desemprego, não dar aumentos de salários ou aposentadorias, confiscar bens e rendas do cidadão, em suma, tomar qualquer medida política que ataque os interesses do eleitor, que continua intocável; com a proteção da lei.

Em sua obra nota-se um ponto altamente questionável, até devido à formação visceralmente liberal de Raul Pilla, ao afirmar que "porque, em nosso País,

excepcionalmente, o presidencialismo chegou depois do parlamentarismo, é que alguns espíritos, desconhecedores da evolução geral dos sistemas representativo, imaginaram ser o parlamentarismo uma velharia”. Mas, como já disse, a simples cronologia demonstra que o sistema parlamentar é uma modalidade mais recente e governo, que o sistema presidencial (pág. 21). O Autor ignora a influência que as ideias positivistas, de um profundo caráter autoritário, exerceram sobre a formação da República Brasileira, favorecendo a concertação e de poderes nas mãos do Presidente.

Espero que a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do sul continue a publicação de obras importantes escritas por sul-rio-grandenses, infelizmente ignorados pelas editoras do centro do País e pelos estudiosos da evolução do pensamento no Brasil.

Diário da Manhã

18/04/1993

Data : 08/09/1909

Título : O Centenário Esquecido do Tratado de Limites Brasil-Peru

Categoria: Artigos

Descrição: As questões das fronteiras acreanas resultariam em duas obras praticamente desconhecidas de Euclides da Cunha:

### O Centenário Esquecido do Tratado de Limites Brasil-Peru

Nas últimas semanas os noticiários encheram-se de assuntos nada agradáveis referentes ao Senado Federal. Felizmente, ali não ocorrem apenas assuntos escandalosos. Estes acontecem mesmo nas melhores casas, públicas e particulares. Infelizmente, porém, corrupção, nome que se confere à forma visível, da mistura entre a “rex pública” e a propriedade privada, parece fazer parte da própria natureza humana. Pode-se que dizer que a corrupção é a toxina da política.

O Centro Gráfico do Senado Federal tem contribuído em muito para a preservação da memória nacional. Já li e escrevi sobre diversas obras editas pela Câmara Alta da República. Algumas delas fundamentais para o entendimento de nossa história, como os diversos volumes consagrados a discursos parlamentares, documentos dos movimentos revolucionários e obras de nossos grandes pensadores, como a de Alberto Pasqualini, o principal teórico do trabalhismo. O senador Pedro Simon a reuniu em quatro tomos alentados, e, depois, promoveu uma seleção publicada em um grosso volume.

Sou, intelectualmente, um curioso. Uma dessas minhas curiosidades é o Acre. Talvez encontre sua causa na história, lida na infância, de um gaúcho que assinou um manifesto de apoio aos federalistas, foi excluído do exército, lutou contra Júlio de Castilhos, acabou liderando a expulsão dos bolivianos e proclamando o Estado Independente do Acre. Li, anos depois “Formação Histórica do Acre”, de Leandro Tocantins (Editora Conquista, 3 volumes, 1973), onde parece a aventura de Plácido de Castro. Fui reencontrar a obra, há poucos anos, em sua quarta edição, em dois volumes alentados e bem impressos pelo Senado Federal (2001). Uma colega de trabalho que viajou para aquele Estado me trouxe de presente.

Agora, graças à bonomia do senador Geraldo Mesquita Júnior, recebo diversas obras que se ligam à presença de Euclides da Cunha naquela parte do país. O autor de “Os Sertões”, entre agosto de 1904 e meados de 1906, chefiou a Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, instrumento usado pelo ministério das Relações Exteriores para fixar, em definitivo os limites com o Peru. Permaneceu longe de casa mais de ano. Ali, com a malária, comprometeu seriamente seu já combalido estado de saúde. Ao retornar começou a desenrolar-se todo o trama pessoal que culminaria com seu assassinato em 15 de agosto de 1909.

As questões das fronteiras acreanas resultariam em duas obras praticamente desconhecidas de Euclides da Cunha: o “Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus”, editado pelo Ministério das Relações Exteriores em 1906, e “Peru Versus Bolívia”, série de artigos no “Jornal do Comércio” do ano seguinte. A importância histórica e documental desses trabalhos é indubitável.

Dentre os livros que o senador Geraldo Mesquita Júnior me ofereceu está “O Tratado de Limites Brasil-Peru” (Senado Federal, 2009). Trata-se do Tratado de 8 de setembro de 1909, firmado entre representantes das duas repúblicas, ponto fim à questão de limites entre ambas. É, digamos, a conclusão do Tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903, terminando o litígio com a Bolívia, assegurando, definitivamente, o Acre como terras brasileiras. O Tratado, discutido em diversas sessões secretas pela Câmara dos Deputados, foi aprovado em 25 de abril de 1910, com 127 votos a favor e 9 contrários.

Na Câmara, o relator foi o deputado Dunshee de Abranches, “político publicista e historiador”, no feliz resumo do senador acreano. Esse relatório consta do livro (págs. 63 a 149), resumindo tratados e relatórios de expedições realizadas anteriormente aos confins do Rio Purus. É um verdadeiro resumo da ocupação daqueles rincões brasileiros. As sessões secretas da Câmara dos Deputados ali também estão documentadas, além de diversos outros documentos de interesse histórico, antropológico, geográfico e cultural.

Na exposição de motivos, assinada pelo Barão do Rio Branco, em caminhando o Tratado ao presidente Nilo Peçanha (págs. 29 a 59) é salientado o relatório elaborado por Euclides da Cunha. Pena que o grande estilista, já estivesse morto. Foi a coroação de sua vida, do sacrifício do amor pessoal, pelo amor ao Brasil.

Há meses o Brasil lembra o centenário da morte de Euclides da Cunha, promove congressos, encontros, seminários, conferências, mas poucos lembraram-se do centenário do Tratado de Limites Brasil-Peru, de 8 de setembro de 1909.

Ainda bem que o senador Geraldo Mesquita Júnior e o Senado Federal não esqueceram que mesmo Euclides da Cunha não nos tendo legado “Um Paraíso Perdido” contribuiu para que encontrássemos um éden chamado Acre.

Data : 15/05/2012

Título : O churrasco que o Imperador não comeu

Categoria: Artigos

Descrição: A carne constituiu-se no principal alimento dos habitantes da Pampa, imensa planura que hoje abarca a metade meridional do Rio Grande do Sul...

O churrasco que o Imperador não comeu

Paulo Monteiro (\*)

A carne constituiu-se no principal alimento dos habitantes da Pampa, imensa planura que hoje abarca a metade meridional do Rio Grande do Sul, praticamente toda a República Oriental do Uruguai e grande parte da República Argentina. Tau Golin (Passo Fundo: O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades. EDIUPF, 2ª Edição, 2001) reúne os primitivos moradores dessa vasta planície sob o nome genérico de “pampeanos”. “Alimentavam-se da caça, da coleta e da pesca. Dependiam enormemente das boleadeiras, das lanças, dos arcos e flechas. Utilizavam o osso para confeccionarem anzóis, furadores e pontas”, escreve à página 29.

Essa prática alimentar, encontrada pelos conquistadores brancos foi apropriada pelos seus descendentes quase todos produto de mestiçagem com as mulheres nativas.

A rápida reprodução de bovinos, cavaleiros, asininos, caprinos, ovinos e suínos, que trazidos pelos conquistadores europeus, fugiam para os campos, contribuiu para aumentar a base do alimento consumido pelos nativos. Acrescenta-se a isso a apropriação do cavalo, como está bem documentado em El Primitivo Buenos Aires, de Hector Adolfo Cordero (Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, segunda edición, 1986). Ademais, favoreceu a fixação do conquistador, graças à facilidade de obter alimentos. Assim é que os viajantes, ao passarem pela região, deixaram documentado o consumo quase exclusivo de carne pelos seus moradores.

Numa região quase destituída de árvores como é que se cozinhava ou assava a carne? Com o esterco dos animais. É o que nos ensinam os testemunhos daqueles tempos, como

podemos ver em autores como Alonso Carrio de la Vandera (Caracas: El Lazarilo de ciegos caminantes. Biblioteca Ayacucho, 1981, págs. 22 e 23).

O churrasco é o alimento principal que o Rio Grande do Sul oferece a Don Pedro II, quando em agosto de 1865, ele vem à então Província, para acompanhar as operações militares que obstavam a invasão paraguaia. Essa viagem, documentou-a diariamente, seu genro, o Conde D'Eu (Belo Horizonte: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul. Conde d'Eu. Itatiaia, 1981). Tematizou-a Simões Lopes Neto em Chasque do Imperador, uma das histórias curtas que fazem parte dos Contos Gauchescos, livro cujo centenário de publicação comemoraremos na primeira quinzena do próximo setembro.

Blau Nunes, alter-ego de Simões Lopes Neto, conta-nos a seguinte passagem envolvendo Pedro II e um “gauchão”, nos seguintes termos:

“Numa cidade onde pousamos, o imperador foi hospedado em casa dum fulano, sujeito pesado, porém mui gauchão.

Quando foi hora do almoço, na mesa só havia doces e doces... e nada mais. O imperador, por cerimônia provou alguns: a comitiva arriou aqueles cerros açucarados. Quando foi o jantar, a mesma cousa: doces e mais doces... Para não desgostar o homem, o imperador ainda serviu-se, mas pouco; e de noite, outra vez, chá e doces!

O imperador, com toda a sua imperadorice, gurniu fome!

No outro dia, de manhã, o fulano foi saber como o hóspede havia passado a noite e ao mesmo tempo acompanhava uma rica bandeja com chá e... doces...

Aí o imperador não pode mais... estava enfarado!...

– meu amigo, os doces são magníficos... mas eu agradecia-lhe muito si me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne...

O homem ficou sério... e depois largou uma risada:

– Quê! Pois Vossa Majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pasteizinhos!... Por que não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora esta!...

Vamos já a um churrasco... que eu, também, não aguento estas perqueries!...

.....”

Lemos essa história às páginas 71 e 75, da excelente edição crítica que Lígia Chiappini dedicou à obra ficcional do “maior regionalista brasileiro Rio de Janeiro/Brasília: Presença Edições/INL. Contos Gauchescos, Lendas do Sul e Casos do Romualdo. J. Simões Lopes Neto; estabelecimento do texto, introdução, variantes, notas e comentários de Lígia Chiappini. 1988).

O diário de Luís Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, nome aportuguesado do Conde D'Eu, é interessantíssimo ao documentar as cidades e a Campanha rio-grandese, nos seus mais diferentes aspectos. No dia 25 de agosto de 1865, (in op. cit., págs. 53 a 56) próximo ao arroio Santa Bárbara, na estância da Família Chaves, em Pelotas, após enfrentarem temporal, disparo da cavahada, e quebra do carro que trazia o jantar, socorrem-se de um churrasco.

“(...) Temos, pois de aceitar com reconhecimento a carne de vaca meio assada que a dona da casa nos traz espetada num pau (ao que parece, ela não tem pratos). O general Cabral [Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral] apodera-se dele e, arvorando-se ‘maître d’hôtel’, vai distribuindo os bocados que vai cortando com uma faca. Esta carne de vaca assada chama-se nesta região de churrasco. É o recurso universal na Província do Rio Grande do Sul. As tropas que a atravessam tão pouco se munem das provisões para si como para seus cavalos: têm a certeza de por toda a parte encontrar bois por preço insignificante. Todas as tardes, depois de acampar, arrebanham-se estes animais nos pastos. Para este fim os cavaleiros lhes atiram bolas e os arrastam com o laço para longe; logo que o animal cai, exausto da luta, matam-no com a faca que lhe cravam no pescoço. Com a mesma faca o esfolam e esquartejam imediatamente; tudo se faz com fabulosa rapidez: é o que em linguagem rio-grandense chama-se carnear. Um quarto de hora depois, estão os pedaços de boi cravados em espetos verticais, que se chamam sargentos, por cima de todas as fogueiras do campo. (...)”.

Em duas notas, apostas pelo próprio duque ao texto original, o Conde assim explica o que eram o que hoje conhecemos como boleadeiras: “O jogo de bolas compõe-se de três bolas de chumbo ou pedras cobertas de couro e reunidas entre si por correias ou cordas. O homem segura nas mãos uma das bolas, faz voltear acima de sua cabeça e lança tudo com tanta habilidade, que as bolas vão envolver-se no pescoço ou, melhor ainda, nas pernas do animal, que assim se acha impedido de prosseguir na fuga e é facilmente alcançado pelo laço, e arrastado. Para conseguir-se tal resultado é preciso toda a habilidade que o gaúcho rio-grandense adquire pela prática desde a infância”. O que eu gostaria de salientar nessa nota é o fato que as boleadeiras, na descrição do Conde, eram feitas de “chumbo ou pedras”. Muito se fala em boleadeiras feitas de ferro...

Naquele dia terrível para a imperial comitiva, entre Caçapava e São Gabriel, famintos, não encontravam lenha para assar a carne. Leiamos (págs. 57 e 58 da ed. cit.) a descrição das peripécias do 28 de agosto de 1865, nas palavras textuais do esposo de Dona Isabel:

“28. – Partida às 9 horas. Feia terra: campos pedregosos; ausência de arvoredo; raríssimas habitações. Esta falta de vegetação teve ao menos a vantagem de nos fazer ganhar terreno; porque, durante quase duas horas, caminhamos com esperança continuada de descobrir algum mato, que nos desse o combustível necessário para assar o churrasco. Porém nada se via, absolutamente nada; somente a solidão interminável, lugubrememente semeada de ossadas de bois cuidadosamente limpas pelos urubus, caracarás e outros voláteis da mesma família. Tive a princípio receio que tivéssemos de aquecer o jantar com estrabo, ou coisa parecida. Por fim avistamos à esquerda restos de uma casa e ao pé um poteiro assaz extenso, cuja cerca escangalhada nos prometia madeira velha em abundância. Ali fomos acampar. Eram quase 4 horas.

À noite o tempo, que todo o dia estivera a ameaçar chuva, tornou-se desagradavelmente frio”.

Fiz questão de transcrever na íntegra a narrativa desse dia porque o nobre francês, tradicionalmente detalhista em seu diário poupou suas palavras. Condensou tudo, silenciado pelo receio de que fosse forçado a alimentar-se de um jantar aquecido com “excremento de bestas e outros animais de estábulo”, na clara definição do Dicionário da Academia Brasileira de Letras, organizado por Antenor Nascentes, para o vocábulo estrabo. É o que deixa clara a passagem transcrita das páginas 57 e 58 da edição citada.

Graças à abundante “madeira velha” de uma “cerca escangalhada” Don Pedro II deixou de saborear um autêntico churrasco à melhor moda do gaúcho histórico e seus ancestrais “pampeanos”...

(Ampliação de texto publicado em Jornal Rotta, Ano 11, II Fase, nº 200, Passo Fundo, de 25 de abril a 15 de maio de 2012).

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e a diversas entidades culturais do Brasil e do exterior.

Data : 30/08/2001

Título : O Circo e o Pão

Categoria: Editoriais

Descrição: O Circo da Cultura está armado no Campus da Universidade de Passo Fundo. O espetáculo já começou, com artistas procedentes dos mais distantes rincões do Brasil e até do Exterior. São poetas, contistas, romancistas, cronistas, críticos e professores, realizando malabarismos com as palavras.

O Circo e o Pão

Paulo Monteiro

O Circo da Cultura está armado no Campus da Universidade de Passo Fundo. O espetáculo já começou, com artistas procedentes dos mais distantes rincões do Brasil e até do Exterior. São poetas, contistas, romancistas, cronistas, críticos e professores, realizando malabarismos com as palavras.

Trata-se da nona edição desse evento, que começou pequeno e foi crescendo, até se tornar o maior evento da América Latina envolvendo autores e leitores. Além do concurso de contos, que leva o nome de Josué Guimarães, há o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, reunindo escritores de língua portuguesa, e não apenas brasileiros.

A Universidade, a iniciativa privada, e os governos do Município, do Estado e da União se uniram no apoio à Jornada e à Jornadinha, esta envolvendo leitores mirins. Isso demonstra

que se as pessoas colocarem os interesses comuns acima dos particulares as coisas, necessariamente, vão dar certo.

Milhares de pessoas, entre 28 e 31 de agosto, passarão pelo Circo da Cultura. Além do convívio com escritores, contadores de histórias e mestres, o que levarão?

É preciso que, além de lembranças, seus cérebros e corações, saiam plenos de consciência cultural. Isso mesmo, consciência cultural.

É preciso que as pessoas, ao retornarem para seus lares, para suas escolas e locais de trabalho levem a consciência de que todos os dias de suas vidas devem formar uma constante Jornada de Literatura.

Em voltando à vida normal, observem se há biblioteca em suas casas, se a biblioteca de sua escola é tratada com o respeito devido, recebendo atualização bibliográfica. E mais, se a Biblioteca Pública de sua Cidade é tratada como a Biblioteca Pública de Passo Fundo, a cidade das Jornadas Nacionais de Literatura, vivendo de doações de livros usados, esquecida pelos políticos.

Que todos aqueles que passarem pelo Circo da Cultura saiam de lá mais conscientes de que a cultura é tão importante quanto ao pão. E o homem não vive só de circo.

Do Jornal

O Cidadão

30 de Agosto de 2001

Data : 20/02/2015

Título : O Cofre de Lamarca

Categoria: Crônicas

Descrição: A rua é calma. O bairro de classe média para alta é tranquilo. O terreno inclinado acaba num morro. Por ele desce um pequeno arroio, cantando entre as pedras. Uma variada mata ciliar cobre suas margens.

A rua é calma. O bairro de classe média para alta é tranquilo. O terreno inclinado acaba num morro. Por ele desce um pequeno arroio, cantando entre as pedras. Uma variada mata ciliar cobre suas margens.

A casa situa-se abaixo do nível da rua. Possui três níveis. O mais baixo deles é um porão. Ao que seria o nível da rua sobrepõe-se um outro piso, que lhe confere um ar assobradado.



O dono, amigo de muitos anos, mostra-me, no porão, um velho cofre.

- É histórico. Você, que gosta de história, gostará do que vou lhe contar... Sabe de quem foi esse cofre.

- Nem imagino.

- De Lamarca. Nesta casa morou Carlos Lamarca, "O Capitão da Guerrilha".

- Sim. Eu sei que ele morou em Porto Alegre. Mas nunca te interessaste em abrir o cofre?

- Sim. Chamei um chaveiro de confiança. E não encontramos nada...

- Nada?

- Sim. Absolutamente nada.

Tinha me oferecido uma cerveja. Tomei uns goles, enquanto ordenava as ideias.

Perguntei-lhe:

- Mas... e a vizinhança? Nunca te falaram alguma coisa?

- Sim. O vizinho dos fundos comentou algumas vezes. Chegou a ser preso por causa disso?

- Do cofre?

- Não. Por causa do Lamarca.

- Como assim?

- O vizinho colecionava armas. Sabia que o Lamarca era militar e este se prontificou a recuperar umas armas estragadas...

- Sim. Ele devia entender de armas. Foi instrutor de tiro e campeão de tiro.

- Acontece que desaparece uma metralhadora da coleção do Seu Reinheimer. Algum tempo depois, durante um assalto ao Banco da Província, essa arma acabou caindo nas mãos da polícia. E não deu outra... o alemão velho foi em cana.

- Mas o cara não registrou o desaparecimento da arma.

- O pior é que não registrou. Preso, levou um pau desgraçado. Mas alemão é duro na queda. Negou tudo. Não sabia de nada. Acabou solto uns meses depois.

- Pombas! Mas não conseguiste arrancar nada do homem?

- A única coisa que ele me falou é que o Lamarca possuía uma "namorada". Baixinha, gordinha, um tipo exótico, com uns traços mongólicos.

- Só isso?

- Não. Revelou-me no nome dela. Chamava-se Delma.

- Delma?

- Sim. Delma. Durante os interrogatórios o alemão repetia o nome: "Delma! Delma! Delma!" Era uma espécie de mantra sagrado.

- E o alemão? Está vivo?

- Não. Morreu.

- Morreu, anos depois... Teve uma síncope fulminante. Caiu duro sobre a Zero Hora.
  - Como assim?
  - Reconheceu Delma, já casada com um político importante. Foi encontrado morto com os lábios sobre o retrato dela, ilustrando a notícia de que a moça clara, de olhos ligeiramente orientais, assumira uma Secretaria de Estado.
- Eis a fotografia do cofre de Lamarca, devidamente ilustrada com materiais altamente explosivos, armas e livros:

Data : 20/11/1893

Título : O Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim

Categoria: Artigos

Descrição: A cavalaria maragata armara-se, em sua maioria, com cacetes de três quinas, lanças e até espadas, feitas de guamirim.

O Combate do Arroio Teixeira  
ou Combate do Guamirim

II

Em princípios de 1891 a cidade de Passo Fundo foi ocupada por tropas irregulares fiéis ao líder liberal Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que já exercera importantes cargos públicos a níveis municipal e provincial, durante o Império. Prestes Guimarães foi professor, secretário da Câmara de Vereadores, vereador e presidente da Câmara, função que também abrangia as do atual prefeito. Eleito deputado provincial (estadual) chegou a exercer a presidência da Província do Rio Grande do Sul entre 25 de junho e 8 de julho de 1889. Foi o primeiro passo-fundense a assumir esse cargo.

Com a ocupação o poder municipal ficou em mãos de Prestes Guimarães. E seus comandados, em armas, permaneceram aquartelados onde hoje é a Praça Tamandaré, em frente à Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro. Era o começo da Revolução Federalista. No centro da praça, há décadas, como prova de que os republicanos venceram a Revolução, existe um busto do coronel Gervazio Luccas Annes, o mais representativo prócer do Partido Conservador, durante o Império, e do Partido Republicano Rio-Grandense, na República, em Passo Fundo.

Mais tarde o governo seria entregue, pacificamente, aos republicanos, em sua maioria conservadores transformados em cristãos-novos do regime recém instaurado. Prestes Guimarães rumaria para a Fronteira, assumindo papel importante nas atividades armadas ali desenvolvidas pelas forças revolucionárias. Foi um dos mais destacados comandantes militares em operação naquela região, derrotando forças oficiais bem armadas e ocupando pontos estratégicos e populosos, à frente de seus comandados. Enquanto isso, os caudilhos serranos, fiéis a sua orientação política, permaneceriam em armas aguardando oportunidade para entrar em ação.

Um desses caudilhos era um fronteiro de nome Verissimo Ignácio da Veiga, natural de Cacequi, casado com uma passo-fundense, e que para cá transferiu sua família, inclusive a mãe e os irmãos. Instalou-se com fazenda às margens do arroio Teixeira, em terras que hoje pertencem aos municípios de Coxilha e Tapejara. A área era cercada por matas e terrenos íngremes, dominados pelos caigangues.

Estes primitivos habitantes, da nação Jê, também conhecidos como bugres, coroados ou botocudos, nunca apresentaram simpatias pelos governos dos brancos. Durante a Revolução Farroupilha foram atacados pelas forças caramurus, que defendiam o Império, e infringiram duas derrotas às tropas oficiais. A primeira à tropa comandada por um tenente de nome Lúcio, vencido pelo cacique Marau, e outra, nada mais nada menos que ao famoso general Pierre Labatut, herói das guerras da Independência. Militarmente desmoralizado, o general francês respondeu a conselho de guerra, e morreria, pouco tempo depois, vítima de depressão profunda.

Os caigangues admiravam o líder liberal Antonio Ferreira Prestes Guimarães. E eram, com toda a certeza, muito amigos do coronel Verissimo Ignácio da Veiga. E tanto isto é verdade, que os republicanos, pejorativamente, se referiam a ele como “o bugre Verissimo”.

Em novembro de 1893 o coronel Verissimo mantinha, posicionada, às margens do arroio Teixeira, num local conhecido como Guamirim, uma tropa de 190 homens, bem montados, bem alimentados, mas precariamente armados. O local era estratégico, protegido por densas matas, à retaguarda, cortadas por uma íngreme picada controlada pelos combativos botocudos.

Em meados de outubro de 1893 o Exército Libertador comandado pelos generais Gomercindo Saraiva e Luiz Alves de Oliveira Salgado cruzou por Passo Fundo, rumo a Desterro (Florianópolis), onde havia sido instalado um governo revolucionário, sob a hegemonia de marinheiros sublevados. Com isso, o centro da Revolução Federalista se deslocou para a Região Serrana, com a mobilização da poderosíssima Divisão do Norte, comandada pelos generais Francisco Rodrigues Lima e José Gomes Pinheiro Machado, reforçada pelas tropas irregulares e guardas municipais a mando de intendentess e cabecilhas republicanos.

Em Passo Fundo, o então intendente Gervazio Luccas Annes, arqui-inimigo político de Prestes Guimarães, desde os tempos imperiais, em que ambos disputavam o comando político da região (o primeiro liderando as hostes conservadoras e o segundo capitaneando os liberais) passou a sustentar força bem armada e adestrada, na sede do Município. Enquanto isso, no interior, piquetes de maragatos mantinham o controle militar, e, algumas vezes chegaram a ocupar a cidade.

Na manhã de 20 de novembro de 1893, uma tropa de 200 castilhistas bem armados atacou os 190 federalistas de Verissimo Ignácio da Veiga. No comando da força oficial estavam o major Felisberto Annes, que seria meio-irmão do intendente de Passo Fundo, e o capitão João Crescêncio.

A tropa republicana surgiu no alto de uma campina, vasta e ondulada. E o combate durou até perto das 11 horas da manhã. A cavalaria maragata armara-se, em sua maioria, com cacetes de três quinas, lanças e até espadas, feitas de guamirim. O guamirim é uma planta da família das mirtáceas, reconhecida pela dureza de sua madeira, usada para palanques de cercas e cepos de casas no interior.

Ao final do combate jaziam, no campo de batalha, 34 atacantes mortos, entre os quais o major Felisberto Annes e o capitão João Crescêncio, morador do Mato Castelhana. Crescêncio tombou num duelo à espada com o coronel Verissimo. Este, ferido no braço esquerdo com um balaço, mais um outro ferido, e um combatente morto foram as únicas vítimas entre os revolucionários.

Os vencidos, além dos 34 mortos, deixaram cair em mãos dos vencedores, 34 cavalos encilhados, 10 remingtons, duas comblains, três carabinas, pistolas, revólveres, 12 espadas e algumas lanças. Os sobreviventes fugiram para a cidade, a toda pressa, ou embrenharam-se nas matas da serra do Capoeirê.

Prestes Guimarães, que deixou um relato desse combate, afirma textualmente: “Os vencedores, ainda que pareça inverossímil, é certo, só tiveram um morto e dois feridos!”. E conclui dizendo: “Se o heroísmo dos revolucionários foi grande, é legendária a indômita bravura de Verissimo; também os legalistas andaram bem, atacando com fervor, e a prova de não se terem portado covardemente está no considerável número de seus mortos, inclusive seus chefes”.

No dia 22 de junho de 1894 o Exército Libertador comandado por Gomercindo Saraiva, após dois meses de retirada desde a Lapa, no Paraná, saiu nos campos de Passo Fundo, exatamente no Guamirim. Pernoitaram ali, contemplando os esqueletos dos vencidos, rodeados pelas rústicas armas que os maragatos de Verissimo Ignácio da Veiga haviam deixado ao lado dos cadáveres, conta Ângelo Dourado, médico daquele exército rebelde, em seu livro “Voluntários do Martírio”. Tal era o domínio dos federalistas sobre o município de Passo Fundo que os republicanos não se encorajaram a se quer procurar dar sepultura a seus mortos, deixados ali como demonstração do poderio revolucionário .

O Combate do Arroio Teixeira, também conhecido como Combate do Guamirim, é um dos fatos mais impressionantes, pelo que há de excepcional, na história das revoluções brasileiras, somente comparável, à Batalha dos Gurarapes, travada entre forças piauienses armadas de espingardas, foices, machados, espadas, facas, facões, tridentes, chuços, ferrões de vaqueiros, patachos, arcos, flechas e cacetes, e o bem equipado exército português, comandado pelo major João José da Cunha Fidié, em 13 de março de 1923. A vitória, aí, coube ao exército colonial.

Publicado no Jornal Rotta, em Setembro de 2006.

Do livro “Combates da Revolução Federalista  
Em Passo Fundo”

Data : 04/06/1893

Título : O Combate do Boqueirão I

Categoria: Artigos

Descrição: Quem não podia ou não queria migrar para outros estados ou para o exterior refugiava-se...

## O Combate do Boqueirão

I

Em princípios de 1893 a repressão aos federalistas era muito grande em Passo Fundo, Palmeira das Missões e Soledade. Quem não podia ou não queria migrar para outros estados ou para o exterior refugiava-se no interior das serras e florestas, armava-se como podia, oferecendo a resistência possível.

A perseguição atingia até mesmo presos comuns. Vários deles foram levados para os matos existentes nos Valinhos, e covardemente massacrados.

Registram-se fatos incríveis desses tempos sangrentos.

Alguns desses presos eram mulheres. Conta-se que uma delas, reconhecendo no chefe dos mascarados que a retiraram da cadeia, um irmão do coronel e intendente Gervazio Luccas Annes, chefe republicano local, implorou pela própria vida e da criança que trazia no ventre, afirmando ser neta do líder da malta. Ele mesmo abriu a barriga da infeliz, arrancando a criança. Reconhecendo, pelos cabelos cor de fogo, que era seu neto, fez dar sepultura decente à pequena vítima.

A resistência às arbitrariedades era comandada por Elisário Ferreira Prestes, Amâncio dOliveira Cardoso, Veríssimo Ignacio da Veiga, Pedro Bueno de Quadros, José Antônio de Souza, mais conhecido como Palmeira, e José Borges Vieira.

Em meados de abril de 1893, José Antônio de Souza e Elisário Ferreira Prestes, à frente de 350 homens aproximaram-se de Soledade. Essa aproximação bastou para que o intendente Aldino Loureiro e uma guarnição de 300 homens abandonassem a cidade.

Elisário Prestes e Palmeira, uma vez dominada Soledade, investiram contra Passo Fundo. No caminho receberam a adesão de aproximadamente 600 combatentes, comandados por Amâncio dOliveira Cardoso. Ao aproximarem-se de Passo Fundo, o intendente

Gervazio Luccas Annes e uma força de 400 homens, fortemente armados, sob o comando do capitão Eleutherio dos Santos, não quiseram oferecer resistência, preferindo retirar-se na direção de Cruz Alta, no dia 30 daquele de maio.

Com a cidade em mãos dos rebeldes, aumentou a concentração dos simpatizantes da causa vitoriosa que se apresentaram para a luta.

O domínio federalista seria muito breve. No dia 4 de junho já eram mais de mil combatentes, precariamente armados, e sem nenhuma instrução militar, quando os republicanos, reforçados por forças cruz-altenses voltaram para retomar a cidade.

A força republicana era composta de 290 homens de Passo Fundo, mais um reforço de 80 cruz-altenses sob o comando do coronel Afonso Jacinto, conseguiu aproximar-se da cidade, protegida por uma forte cerração. Encontrou os federalistas à entrada da cidade.

Os atacantes formaram uma linha de infantaria, à direita, sob o comando do major Eduardo de Brito, atacando de flanco os defensores da cidade. Pelo centro o ataque foi comandado pelo coronel Gervazio Luccas Annes e pelo capitão Eleutherio. Os atacantes postaram, ainda, dois esquadrões de cavalaria à direita, comandados pelos coronéis Pedro Lopes de Oliveira e Afonso Jacinto, prontos para enfrentar a cavalaria maragata que avançava das imediações do Capão do Bugio (hoje Loteamento São Bento), tendo à frente o coronel Elisário Ferreira Prestes.

Os federalistas investiram contra o centro dos republicanos com uma carga de cavalaria, para partir a força adversária. Foi impossível. A fuzilaria dos homens de Eduardo de Brito e Gervazio Annes causou pesadas perdas na cavalaria maragata. Esta recuou. Enquanto isso, o flanco esquerdo dos republicanos fez retroceder a cavalaria que descia dos lados da atual Vila Vera Cruz, sob o comando de Elisário Ferreira Prestes.

O combate do Boqueirão, travado na manhã de 4 de junho de 1893, não durou mais do que meia hora. Deixou, segundo a historiadora Delma Rosendo Gehn, um saldo de 25 federalistas mortos no combate e 6 na retirada, além de um elevado número de feridos. Os republicanos tiveram 3 mortos e 10 feridos. Prestes Guimarães oferece números diferentes: 9 mortos e três feridos entre os federalistas e três mortos e um número ignorado de feridos entre os vencedores.

A autora de Passo Fundo Através do Tempo que Elisário Ferreira Prestes, ante a impossibilidade de operar com sua cavalaria foi o primeiro a abandonar o campo da luta, rumando em direção de Soledade. José Antônio de Souza, o Palmeira, seguiu atrás com seus comandados. Amâncio d'Oliveira Cardoso, pela Rua do Comércio, atual Avenida Brasil, foi perseguido até além da cidade, que não passava da atual Rua Coronel Chicuta.

Prestes Guimarães afirma que apenas uma "vanguarda de menos de 200 homens das forças libertadoras" enfrentou a força republicana superiormente armada. Palmeira teria se oposto a uma formal resistência e que, por isso, se retirou para soledade, sendo seguido por outros combatentes. Conta que Elisário Ferreira Prestes e Amâncio d'Oliveira Cardoso, desgostosos com a situação, dissolveram suas forças.

Com a vitória republicana, as forças revolucionárias acabaram sendo desmobilizadas, restando apenas uma tropa de 150 homens, acampados no Campo do Meio e que seriam derrotados poucos dias depois.

Passo Fundo, Outubro de 2006.

Do livro “Combates da Revolução Federalista  
Em Passo Fundo”

Data : 08/02/1894

Título : O Combate do Valinhos

Categoria: Artigos

Descrição: ...é um dos acontecimentos mais violentos e menos conhecidos da Revolução Federalista.

### O Combate dos Valinhos

O Combate dos Valinhos, ocorrido nos arredores de Passo Fundo no dia 8 de fevereiro de 1894, é um dos acontecimentos mais violentos e menos conhecidos da Revolução Federalista. Só nos Valinhos, como resultado de apenas meia hora de confronto morrem 141 homens e outros 120 foram torturados e mortos pela Brigada Santos Filho, da qual fazia parte o desembargador e deputado federal, aí na qualidade de tenente-coronel, Antônio Augusto Borges de Medeiros, futuro presidente do Estado. Daqui, no dia seguinte ao combate, o futuro “Antônio Chimango”, expediu o seguinte telegrama:

“Hontem em renhido combate, nas proximidades da cidade derrotamos inimigo em numero de 1500 homens. Nossas forças combateram com grande denodo, salientando-se a nossa infantaria na resistência extraordinariamente heroica ás impetuosas cargas de cavallaria inimiga. Viva a Republica. - Borges de Medeiros.”

O Combate do Umbu, travado em 16 de janeiro de 1894, quando mais de 1.500 homens, comandados pessoalmente pelos coronéis Gervázio Luccas Annes e José Gabriel da Silva Lima, intendentess de Passo Fundo e Cruz Alta, respectivamente, são derrotados entre São Miguel e Pulador pela cavalaria maragata, repercutiu em todo o Estado. Nele morreram cerca de duzentos atacantes, centenas, inclusive Gervázio Annes, ficam feridos. Os feridos que não tiveram a sorte de escapar, foram degolados. Até nos mortos aplicou-se a “gravata colorada”. A repercussão da derrota provocou o envio a Brigada Santos Filho, às pressas, para Passo Fundo. Reforçaram seus 1.200 integrantes com 500 passo-fundenses, comandados pelo tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira (Coronel

Lolico), e cruz-altenses, liderados pelo intendente José Gabriel da Silva Lima. O coronel Joaquim Thomaz dos Santos e Silva Filho evitou um contato frontal com os maragatos, estacionados no Umbu. Partindo da Fazenda dos Mellos sua tropa cortou as nascentes do Rio da Várzea, na direção do atual Bairro Valinhos.

Protegidos pelas brumas do amanhecer, os pica-paus colocam o transporte ao centro da infantaria montada e, para despistar a manobra, mandam um piquete tirotear com os maragatos concentrados no Umbu. Quando estes entenderam a situação, já era tarde. Os republicanos se aproximavam dos Valinhos. Restou apenas um movimento desesperado: mobilizar um esquadrão de lanceiros, que aproveitando as canhadas, subiram pelas encostas do rio Passo Fundo, e, às 11 horas e 35 minutos, lançaram uma violenta carga de cavalaria contra os castilhistas.

Os atiradores legalistas, em linha, começam atirando em pé, ajoelham-se e, ao fim, deitados, abatiam os cavalos a baioneta. Muitos lanceiro conseguiram vencer essa barreira humana, chocando-se com o centro da coluna, enfrentando espadas e baionetas a facão. Empregaram também seios de laço, avançando com laços esticados nas cinchas de dois cavalos, sem conseguir romper as linhas adversárias.

Em meia hora de combate recuaram, deixando 91 mortos e mais de oitenta feridos, numa circunferência de 120 metros. Santos Filho, em telegrama enviado de Cruz Alta a 18 de fevereiro de 1894, para o coronel Henrique Guatimosin Ferreira da Silva, afirmou que os maragatos tiveram 120 feridos e 106 mortos. Os republicanos somaram 35 mortos e 15 feridos. Ao entardecer, após enterrarem seus mortos, ocuparam a cidade, encontrando muitos maragatos caídos ao longo do caminho.

Manoel Thomaz Rosendo, pai da historiadora Delma Rosendo Gehem, participou do combate e deixou a informação de que os feridos foram mortos. Ele integrava a banda de música da Guarda Republicana, criada em Passo Fundo, em princípios de 1893. Por motivos óbvios, ficou mais conhecida como Treme-Terra. Essa testemunha chegou a solicitar que seu comandante mandasse a banda do Treme-Terra tocar para abafar o clamor dos feridos. A banda era comandada por José Thomaz Rosendo e as forças passo-fundenses pelo tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira (coronel Lolico). No dia 3 de junho, retornando do Paraná, com seus homens já incorporados à Divisão do Norte, ao passar diante do local em que ocorreu o Combate dos Valinhos os pica-paus pararam “para fazer continência ao campo, que estava ainda lastrado de ossamentas”, segundo deixou registrado o capitão Pedro Carvalho, oficial da Brigada Santos Filho.

O Combate dos Valinhos começou às 11 horas e 35 minutos do dia 08 de fevereiro de 1894 e durou meia hora. No dia seguinte a força vencedora permaneceu na cidade. No dia 10, marchou cedo, alcançando os vencidos “no lugar chamado Povinho – entrada para o Matto Castelhana”. Corridos por cerca de quatro léguas, deixaram mortos pelo caminho. À noite, atacados à margem do rio do Peixe, seguiram perseguidos até o arroio Carreteiro.



No dia 12, com os maragatos desbaratados, Santos Filho retornou para Passo Fundo. Como butim de guerra anotou 2.500 rezes, dois mil e tantos animais cavalares, 14 carretas, vinte e tantos cargueiros, perto de 200 lanças, estandartes, muitas Comblains, Remingtons, Winchesters, Miniés, pistolas, facões, cerca de 200 arriamentos. E concluiu com um “etc”.

Estudando as informações sobre o Combate dos Valinhos chega-se aos seguintes dados: 106 mortos no campo de batalha (Valinhos), mais de 120 feridos ali chacinados, ao som da banda de música do Treme-Terra, integrante do corpo comandado pelo coronel Lolico (Pedro Lopes de Oliveira), mais tarde intendente (prefeito) de Passo Fundo, 19 mortos na perseguição até a cidade, 35 mortos na perseguição até o arroio Carreteiro, totalizando 280 federalistas mortos, além dos que “foram sendo encontrados pelo caminho”. Acrescentando-se a esse número os 35 legalistas tombados no Valinhos, contabilizaremos 325 mortes, 120 dos quais ao som de banda marcial.

O massacre dos feridos chama a atenção pelo grau de violência empregada, fugindo aos padrões violentos da época. Uma vingança pelo ocorrido no Combate do Umbu pode explicá-lo. Nada, porém, justifica o telegrama laudatório expedido por Borges de Medeiros. Mais agrava a emissão do documento, em ter sido emitido por um deputado federal e desembargador, mesmo investido no posto de tenente-coronel legalista. Serve para provar o quanto há de injusto nos epítetos aplicados aos homens públicos, enquanto homens públicos. Um simples “Chimango” (lbyter Chimango ou Milvago Chimango) não participaria da carnificina ocorrida nos Valinhos entre as 11 horas e 35 minutos e as 16 horas daquele fatídico 8 de fevereiro de 1894. Ato indigno de um simples comedor de carrapatos, pintos e outros pequenos animais; vem mais conforme a coragem de um Polyburos Noll – carancho, para os gaúchos; carcará, para os nordestinos.

Data : 30/11/2012

Título : O cônego João Pedro Gay e o general David Canabarro

Categoria: Artigos

Descrição: A história do Rio Grande do Sul tem alguns assuntos que são verdadeiros tabus. Três deles envolvem uma das mais estranhas personalidades do século XIX

PAULO MONTEIRO

A história do Rio Grande do Sul tem alguns assuntos que são verdadeiros tabus. Três deles envolvem uma das mais estranhas personalidades do século XIX: David Martins da Silva, que entrou para o panteão rio-grandense com o nome de David Canabarro, adotado ao aderir à Revolução Farroupilha. O saque ou massacre de Imaruí, ocorrido em 9 de novembro de 1839; o massacre de Porongos, a 14 de novembro de 1844, e as acusações de que o então brigadeiro teria contribuído com sua omissão, para que os invasores paraguaios saqueassem os municípios de São Borja, Itaqui e Uruguaiana, durante a “guerra contra o governo do Paraguai” são os acontecimentos em epígrafe. Quando nos aprofundamos no estudo daqueles fatos, concluímos que se unem umbilicalmente.

João Pedro Gay, cônego nascido em Altos Alpes, França, em 20 de novembro de 1815, e falecido em Uruguaiana, a 19 de maio de 1891, é autor de uma obra escrita sob o calor dos acontecimentos, intitulada História da Invasão Paraguaia na Fronteira Brasileira, cuja primeira edição é de 1865, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Entre 1921 e 1922, foi republicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Em 1942, a Imprensa Nacional do Rio de Janeiro promoveu outras duas edições, largamente anotadas pelo conhecido historiador e militar, Emílio Fernandes de Souza Doca. A edição mais recente, que tenho sob meus olhos, é de 1980, em coedição do Instituto Estadual do Livro, da Universidade de Caxias do Sul e da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Leva o título de Invasão Paraguaia na Fronteira Brasileira do Uruguai. Nesta edição, a História do Cônego João Pedro Gay ocupa 144 páginas, enquanto os “aditamentos” de Souza Doca, 222 páginas. O cônego não poupa críticas aos militares rio-grandenses, mormente ao brigadeiro David Canabarro, que são defendidos pelo general Souza Doca.

Nas acusações de que Canabarro, por omissão, contribuiu para que larga parte do Rio Grande do Sul fosse saqueada e talada pelos invasores guaranis, cabe grande responsabilidade à obra do cônego João Pedro Gay. Repercutiram na imprensa da Capital do Império e no Parlamento Nacional, motivando que o velho general farroupilha respondesse um inquérito militar. O inquérito acabou arquivado por ordem do Marechal Manuel Luís Osório. É a este inquérito que alguns, erroneamente, atribuem os fatos ocorridos na noite de 14 de novembro de 1844, no Serro de Porongos.

A anistia imperial apagou toda e qualquer responsabilidade penal sobre os “crimes” cometidos durante a Revolução Farroupilha. A memória coletiva, contudo, continuou implacável. Vejamos o que depôs o Conde D’Eu (Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul, 1981, p. 93) a 16 de setembro de 1865, dois dias antes que os paraguaios se rendessem: “A idade, dando ao general Canabarro um excesso de corpulência, já lhe diminuiu um tanto as faculdades. Ao contrário do Barão de Jacuí [Francisco Pedro de Abreu], foi o general outrora republicano, “farrapo” em gíria rio-grandense. Foi isto há 20 anos; o Imperador e o governo já há muito o esqueceram; porém, outras pessoas não: o general tem muitos desafeiçoados no exército; e infelizmente a guerra atual não os fez calar. Era ele que, antes da chegada do general Caldwell, achava-se incumbido da defesa das fronteiras da província, e é, portanto, sobre ele que, com razão ou sem ela, há quem faça pesar a responsabilidade da invasão estrangeira”.

Outro acusador de Canabarro foi Francisco Pedro de Abreu, conhecido como Chico Pedro, Moringue ou Fuinha, que derrotou as forças farroupilhas, no episódio que ficou

conhecido como Massacre de Porongos. Conta-se que, às portas de Uruguaina, só não se bateram à espada graças à intervenção do Imperador.

No dia 9 de novembro de 1939, cumprindo ordens de David Canabarro, maior autoridade militar da República Catarinense, José Maria Garibaldi comandou o saque e o massacre da sublevada povoação de Imaruí. No dia 15 desse mês, deixando atrás de si um rastro de sangue, os farroupilhas abandonaram Laguna. Nem mesmo o vigário de Laguna que, de início, apoiara os farroupilhas, escapou à degola...

Os dados biográficos de João Pedro Gay, que acompanham a edição da Invasão Paraguaia na Fronteira Brasileira do Uruguai (Ed. Cit., 1980, p. 9) trazem a seguinte informação: “Em princípios de 1843, veio para o Rio de Janeiro, seguindo daqui para Santa Catarina e, nessa Província, exerceu as funções de pároco encomendado da freguesia de Santa Ana, na Câmara de Laguna, de 15 de junho de 1843 a 24 de julho de 1844, com ‘estima de seus paroquianos, pelo grande zelo que tem empregado na direção das almas’, conforme atestado passado pelo Padre João Jacinto de São Joaquim, vigário da vara da Comarca de Laguna”.

Pouco mais de três anos após os violentos episódios promovidos pelos farroupilhas, em Imaruí e Laguna, o cônego João Pedro Gay estava em Santa Catarina. E logo a seguir passou a exercer seu ministério em Laguna. O que ouviu dos contemporâneos, até sob o sigilo do confessor, explodiria vinte e um anos depois, em Uruguiana.

Era a “santa ira” do antigo sacerdote de Laguna, contra David Canabarro, acusado de responsável maior por arbitrariedades praticadas durante a efêmera República Catarinense.

Os fantasmas de Imaruí, Laguna e Porongos, encarnados no cônego João Pedro Gay e no Barão do Jacuí, foram acertar suas contas com David Canabarro, durante a retomada de Uruguiana. Dali, o alquebrado general retornou para Sant’Ana do Livramento, onde faleceu a 12 de abril de 1867. (Publicado parcialmente no Jornal Rotta, Ano 11, II Fase, nº 220, Passo Fundo, de 16 de maio a 5 de junho de 2012, p. 6).

(Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor dos livros: Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo, O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas, A Campanha da Legalidade em Passo Fundo e Eu resisti também cantando, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, culturais e literários).

Data : 31/10/2003

Título : O CONHECIMENTO DA LITERATURA

Categoria: Artigos

Descrição: Esse conhecimento é bebido em duas fontes. A primeira delas ...

## O CONHECIMENTO DA LITERATURA

Paulo Monteiro (\*)

Quem, como é o meu caso, tenha mais de trinta anos de militância literária e quase outro tanto de jornalismo literário, sabe que uma das maiores limitações dos escritores e professores de língua portuguesa e literatura é no que se refere ao conhecimento da literatura propriamente dita. Esse conhecimento é bebido em duas fontes. A primeira delas formada pelas boas e más obras literárias. Parodiando Einstein, numa anedota famosa, a diferença entre as boas e as más obras literárias é a mesma existente entre beijar uma mulher bonita e a chapa de um fogão quente, o que se aprende apenas experimentando. O segundo olho-d'água é constituído pelos bons estudos literários, especialmente os volumes de crítica, teoria e história das literaturas.

Tanto professores quanto escritores – e entre estes, os atuantes, seriam, no Brasil, segundo algumas estimativas mais de 50.000 – desconhecem o que ensinam ou o que praticam porque não lêem. E muitas vezes – sejamos honestos em confessá-lo – não têm capacidade mental para entender o que lêem, o que é a mais terrível forma de analfabetismo.

A EDIPUCRS (Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) tem feito a sua parte para que esse analfabetismo desapareça, ao publicar bons livros. Um dos mais recentes é O CONHECIMENTO DA LITERATURA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS, do professor português Carlos Reis, autor de diversas obras que deveriam ter uma circulação maior deste lado do Atlântico.

Carlos Reis, empregou sua experiência de mestre e pesquisador, para produzir uma obra que, se não chega a ser um tratado de teoria literária, aponta rumos a quem queira aprofundar-se nos estudos do fazer literário. Usa uma vasta bibliografia, mas tira exemplos da literatura lusitana e, em alguns casos, de autores brasileiros. Assim, seu livro se torna ainda mais acessível aos leitores de língua portuguesa.

Transita livremente pelos mais recentes teóricos da literatura, emprega e maneja os termos das diversas correntes (ou seitas dessa nova escolástica a que as universidades estão reduzindo os chamados altos estudos) com a maestria dos iniciados. E o faz, não para reduzi-los ao hermetismo dos esotéricos, mas para abri-los ao conhecimento de todos.

Carlos Reis mostra que é possível escrever um livro sobre tema amplo, sem se tornar cansativo e obscuro. E não é um livro pequeno, mas um grosso volume com 555 páginas,

desenvolvendo os mais variados assuntos; deste a Literatura como instituição, a linguagem literária, o texto literário e a obra literária, a questão da arquitextualidade, a narrativa literária, a evolução literária, os períodos literários (mais em termos das letras lusitanas) e diversos textos doutrinários produzidos em Portugal.

Reitero o que escrevi acima: ler obras como O CONHECIMENTO DA LITERATURA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS, de Carlos Reis é obrigação de professores e escritores, a menos que essas atividades não sejam levadas a sério pelos que as praticam.

(\*) Paulo Monteiro exerce o jornalismo literário há 29 anos e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.

Rotta

31/10/2003

Data : 02/10/2001

Título : O Decênio Heróico

Categoria: Resenhas

Descrição: A Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo patrocinou a edição do capítulo que Arthur...

O Decênio Heróico

por Paulo Monteiro

A Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo patrocinou a edição do capítulo que Arthur Ferreira Filho dedicou á Revolução Farroupilha, em sua “História Geral do Rio Grande do Sul – 1503/1964”. Sob o título de “O Decênio Heróico”, o opúsculo está circulando amplamente na região.

Arthur Ferreira Filho nasceu em São José do Norte no dia 20 de setembro de 1899, tendo intensa militância política e cultural, desde a década iniciada em 1920, até seu falecimento em 25 de março 1996. A historiadora passo-fundense Delma Rosendo Gehm (in “Passo

Fundo Através do Tempo, Vol. IV, Editora Berthier, Passo Fundo, 1978) informa que ele foi prefeito, nomeado como interventor, em Passo Fundo, durante a ditadura do Estado Novo, por três vezes; de 22 março de 1938 a 17 de dezembro de 1941, de 28 de outubro de 1944 a 21 de novembro de 1945 e de 19 de fevereiro de 1946 a 3 de fevereiro de 1947. Foi, ainda, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras. Apoiou a ditadura instalada em 1964, exercendo importantes cargos em nível estadual.

“O Decênio Heróico” é representativo da corrente histórica a que o autor da “Revolução de 23” se filiou : o positivismo. E mais precisamente, o positivismo vulgar. Para essa corrente os fatos são produzidos pela vontade dos indivíduos, vontade que os faz agir sob a forma de grupos de interesses, grupos que mais se parecem com alcateias lideradas por algum lobo velho, quando se trata daqueles que não concordam com o “partido” tomado pelo positivismo vulgar, ou como um rebanho de cordeiros, em caso contrário.

Arthur Ferreira Filho (“Memórias”, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul/Edições EST, Porto Alegre, 1999) se confessa, já pelos 30 anos de idade, “castilhistas convicto, simpatizante positivista” (p.55), o que vai continuar durante toda a vida, com afirmação (IDEM, p. 69), ao comentar sua vacilação em apoiar a Revolução de 30, devido a presença de elementos liberais. Justifica sua falta de convicção revolucionária, confessando que “revolucionário convicto, só fui uma vez na vida, em março de 1964. Tratava-se aqui, de restabelecer, manu militari, a ordem social profundamente abalada com cumplicidade do próprio governo.

Para um defensor da “ditadura científica” a democracia era desagradável, tanto quanto o apoio a movimentos contestatórios de situações dominantes. “Ordem e Progresso”, eis o lema dos positivistas, a qualquer custo. “Não poupe adversários – ordenava Júlio de Castilhos – castigue nas pessoas e bens, respeitando famílias”. (Cit. Por Sérgio da Costa Franco, In “Júlio de Castilhos e sua época”, 2ª Ed. Editora da Universidade, Porto Alegre, 1988, p.146). E pouco importa quais sejam os adversários: os estancieiros maragatos ou libertadores ou os doutores trabalhistas...

Quem ler com atenção os livros de Arthur Ferreira Filho verá que ele divide homens em lobos e cordeiros em maus e bons. Parece que escreve com os olhos fincados em duas listas de adjetivos, reservando os negativos para os imperiais (1835), os maragatos (1893) ou os libertadores (1923) e para os farroupilhas, os pica-paus e os chimangos. Uns são covardes, crápulas, pusilânimes; os outros só têm virtudes.

O autor de “Revolução e Caudilhos” é visivelmente um homem de partido, antiliberal e autoritário. Tanto isso é verdade que não se simpatiza com o liberalismo da Revolução de 30, mas exerce importantes cargos nas ditaduras estado-novista e de 64.

“O Decênio Heróico” é um simples resumo de obras de outros autores, “enriquecido” com adjetivos colecionados por Arthur Ferreira Filho e usados de acordo com suas simpatias e antipatias pessoais e políticas.

Outro detalhe é a omissão da bibliografia usada pelo historiador de São José do Norte.

É altamente elogiável a decisão de divulgar a História do Rio Grande do Sul. Lamente-se, apenas, o historiador escolhido quando em Passo Fundo, hoje, dispomos de nomes mais capacitados a apresentar uma visão menos tendenciosa de nossa História.

Opinião

02 /10/2001.

Data : 13/10/1995

Título : O DESAFIO DA COMPETÊNCIA

Categoria: Resenhas

Descrição: A EDITORA BEST SELLER, de São Paulo, está lançando a quinta edição de O DESAFIO DA COMPETÊNCIA, livro de Gustavo G. Boog.

## O DESAFIO DA COMPETÊNCIA

por Paulo Monteiro

A EDITORA BEST SELLER, de São Paulo, está lançando a quinta edição de O DESAFIO DA COMPETÊNCIA, livro de Gustavo G. Boog.

Questões ligadas à chamada qualidade total estão na moda. Especialmente a partir da crise do petróleo, nos anos 70, esse tema entrou na ordem do dia. Há uma crise a nível mundial que, longe de vislumbrar-se o seu término, parece repetir-se em ondas cada vez mais intensas.

Assim, a questão da qualidade total e da competência se torna cada vez mais atual e sua discussão não pode ser postergada. Acrescenta-se, ainda, que tempos novos exigem novas soluções e males novos ou renovados, no geral, são mais resistentes e a tratamento antigo.

A maioria das obras sobre o assunto que circulam no Brasil foram escritas por autores estrangeiros, levando em consideração a situação de seus respectivos países. Boog, como brasileiro, aproveita os conhecimentos de autores internacionais, que enriquece com uma pesquisa entre executivos brasileiros. Acrescenta-se, outrossim, que usa própria experiência profissional para a solidificação de seu trabalho.

Boog, abre seu livro indo diretamente ao assunto: "As mudanças e desafios que as empresas e seus dirigentes terão pela frente nesses próximos anos de transição serão de tal importância que podemos afirmar: quem não tiver adquirido competência empresarial não sobreviverá!" (p. 13).

Logo a seguir, após definir os significados de competência empresarial e competência gerencial, diz o que é competência (sem adjetivo): “competência é a qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver certo assunto, fazer determinada coisa; significa capacidade, habilidade, aptidão e idoneidade”. (p.16).

Gustavo G. Boog efetua análise de diversos aspectos que não podem nem devem ser desconsiderados para o sucesso de qualquer atividade produtiva. Concentra-se, fundamentalmente, no estudo de questões relacionadas com a empresa propriamente dita, o meio ambiente, a gerência e o pessoal.

É de salientar-se- escreve a p. 215- que as organizações tratem as pessoas como pessoas, e não mais como recursos, tal qual equipamentos, prédios, mesas e cadeiras. Talvez, por serem considerados recursos especiais, precisam de “cuidados especiais” para que esteja produzindo conforme o esperado. Mas nunca deixam de ser recursos, só ocasionalmente serão pessoas.”

Mais adiante conclui: “Se as empresas quiserem realmente adquirir competência em nível nacional e internacional, precisam de resultados, de produtividade. E quem faz isso tudo são as pessoas; e não os recursos humanos. E um bom começo é repensar o antigo e desgastado nome “Departamento de pessoal”, bem como “Relações Industriais” e “Recursos Humanos”, e transformá-los de fato na síntese de novas diretrizes empresariais onde as pessoas são tratadas como pessoas. E isto não é idealismo piegas, é sabedoria empresarial.” (p. 217).

Para que as empresas alcancem resultados imediatos são propostas as seguintes ações: revisão da estrutura organizacional, investimentos em treinamento e desenvolvimento, programas de higiene e segurança do trabalho, processo de recrutamento e seleção, estilo de gerência, administração do desempenho, participação nas decisões e redução das fontes de tensão.” (pp. 269 a 271).

Para a obtenção de uma qualidade e uma produtividade duradoura, Boog apresenta “sete normas básicas”, o processo de qualidade e produtividade deve atingir a organização como um todo e cada um dos individuo em particular, a qualidade e a produtividade duradoura só podem acontecer num clima de mútua confiança, ambas só podem ocorrer num ambiente participativo, o clima de abertura e criatividade leva à maior qualidade e produtividade, estas devem ser mensuradas por indicadores numéricos, o avanço tecnológico não deve desequilibrar resultados com pessoa e inovação” e, finalmente, a melhora da qualidade e produtividade é um processo que exige atenção, ações e investimentos.

O Cidadão.

13/10/1995.



Data : 20/08/2013

Título : O dia do Município de Passo Fundo é 28 de janeiro e não 7 de agosto

Categoria: Artigos

Descrição: O Município de Passo Fundo foi criado pela Lei no. 340, de 28 de janeiro de 1857

Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

O Município de Passo Fundo foi criado pela Lei no. 340, de 28 de janeiro de 1857, assinada pelo conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, então presidente da Província, equivalente ao governador do Estado de hoje.

A lei, que separava a freguesia de Passo Fundo da Vila de Cruz Alta, estabelecia que "Os limites da Vila de Passo Fundo compreenderão não só o distrito que tinha quando freguesia, como todo o território da nova freguesia da Soledade".

Ora, se Passo Fundo, que desde 28 de maio de 1834 era distrito de Cruz Alta e emancipou-se a 28 de janeiro de 1857, o que aconteceu de tão importante no dia 7 de agosto desse ano que acabou ofuscando a data real da emancipação?

A 7 de agosto de 1857 foram empossados os primeiros "vereadores eleitos: Manuel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antonio de Mascarenhas Camelo Junior, Manuel da Cruz Xavier e o suplente Cesário Antonio Lopes, tendo justificado suas faltas os edis José Joaquim de Oliveira, Antonio Ferreira de Mello Pinheiro e José Inácio do Canto Landim", conforme conta a historiadora Delma Rosendo Gehn, em *Passo Fundo Através do Tempo* (1o. Volume) (Multigraf- Gráfica e Editora, Passo Fundo, 1978, páginas 22 e 23).

O que realmente aconteceu a 7 de agosto de 1857 está descrito na Ata da instalação e posse da Câmara Municipal da nova vila de Passo Fundo, lavrada por Lúcio Alves de Castro, secretário da Câmara da Vila de Cruz Alta. Em sessão presidida pelo capitão Manoel Assumpção e Silva, presidente daquela casa legislativa foi instalada e dada posse a nova Câmara da "Villa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida do Passo Fundo, Comarca de São Borja Província de São Pedro do Rio Grande do Sul". As eleições para vereador tinha sido feitas em cumprimento a portaria do "Senhor presidente da Provincia datada de três de Fevereiro do corrente anno, que manda proceder as eleições para Vereadores da nova Villa".

O vereador Manoel José de Araújo foi eleito presidente da Câmara de Passo Fundo e, pelas leis do Império, o primeiro administrador da Vila, exercendo as funções que posteriormente caberiam aos intendentess e prefeitos.

Para comemorar a instalação da Câmara Municipal foram realizadas intensas festividades. A repercussão da festança, no meio acanhado de então, continuou sendo recordada nos anos seguintes. A lembrança da entrada em funcionamento do legislativo local se transformou nas solenidades da emancipação. O hábito acabou fazendo o monge. A parte, a Câmara, assumiu às vezes do todo, o Município, numa sinédoque histórica.

Essa sinédoque histórica acabou se consolidando na década de 1950. Aproximando-se o centenário do Município, o Executivo Municipal consultou o Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, que, erroneamente informou que o Município, foi criado a 7 de agosto de 1857. De nada adiantaram solicitações, posteriores do próprio Instituto para o erro fosse corrigido.

Chega-se a usar o argumento de que a emancipação deveria ser comemorada em agosto porque em janeiro é período de férias escolares tem origem mais recente. À época em que Passo Fundo foi separado de Cruz Alta o sistema de ensino aqui existente era incipiente. As crianças, em sua maioria, estudavam com os próprios pais ou com professores em classes improvisadas. Trata-se de usar uma verdade atual para justificar uma antiga tradição.

Essa tradição foi aos poucos se institucionalizando, a começar com o feriado religioso “consagrado a São Caetano, e em comemoração à data da Instalação deste Município”, conforme reza o artigo primeiro da Lei No. 489, de 30 de junho de 1954, até tomar foros de reconhecimento legal através de lei no ano de 1964, que instituiu a Semana do Município, de 1º a 7 de agosto.

Apesar dos protestos dos historiadores e das pessoas que se dedicam estudar a história passo-fundense a verdade histórica é sistematicamente descumprida.

No momento em que nos aproximamos do sesquicentenário da emancipação político-administrativa de Passo Fundo está na hora das autoridades legalmente constituídas colocarem as coisas em seus devidos lugares. O Dia do Município é 28 de janeiro e não 7 de agosto, data da instalação da nossa primeira legislatura municipal.

Data : 01/01/2013

Título : O Dia do Município de Passo Fundo é 28 de janeiro e não 7 de agosto

Categoria: Artigos

Descrição: Aproxima-se mais um mês de agosto. E com ele a cidade se movimenta objetivando comemorar mais um aniversário de emancipação político-administrativa de Passo Fundo.

Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Aproxima-se mais um mês de agosto. E com ele a cidade se movimenta objetivando comemorar mais um aniversário de emancipação político-administrativa de Passo Fundo. E com essas festividades vem à baila um ponto da história de passo-fundense que muitas pessoas não conseguem entender: o porquê da “emancipação de Passo Fundo” ser comemorada a 7 de agosto, feriado municipal e ápice de festividades que se iniciam no primeiro dia daquele mês, quando, na verdade, Passo Fundo se emancipou de Cruz Alta no dia 28 de janeiro de 1857, através da Lei no. 340, do então presidente da Província, transcrita a seguir.

“Lei no 340, de 28 de janeiro de 1857

O CONSELHEIRO JERONIMO FRANCISCO COELHO, presidente da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, etc. etc.

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa provincial decretou e eu sancionei a seguinte lei:

Art. 1o. – São elevadas à categoria de vilas as freguesias de Passo Fundo e Cangussú.

Art. 2o. – Os limites da Vila de Passo Fundo compreenderão não só o distrito que tinha quando freguesia, como todo o território da nova freguesia da Soledade.

Art. 3o. – A vila de Cangussú compreenderá em seus limites, além do distrito da freguesia deste nome, os da freguesia de Cerrito, todos com as divisas que atualmente têm.

Art. 4o. – São revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento, a execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta província a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo na leal e valorosa cidade de Porto Alegre, aos 28 dias do mês de janeiro de 1857, trigésimo sexto da Independência e do Império.

(ass) Jerônimo Francisco Coelho

Carta de lei pela qual V. Exa. Sancionou o decreto da Assembléia Legislativa provincial, elevando à categoria de vilas as freguesias do Passo Fundo e do Cangussú, e marcando os seus limites como acima se declara.

Para V. Exa. Ver

(ass) Germano Severino da Silva, a faz

Na secretaria do Governo foi selada e publicada a presente lei em 28 de janeiro de 1857.

O oficial maior, servindo de secretário

(ass) João da Cunha Lobo Barreto

Registrada no livro 1o. 3 de Leis Provinciais.

Secretaria do Governo em Porto Alegre, 28 de janeiro de 1857.

(ass) José Gonçalves Duarte”

Ora, se Passo Fundo, que desde 28 de maio de 1834 era distrito de Cruz Alta e emancipou-se a 28 de janeiro de 1857, o que aconteceu de tão importante no dia 7 de agosto desse ano que acabou ofuscando a data real da emancipação?

A 7 de agosto de 1857 foram empossados os primeiros “vereadores eleitos: Manuel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antonio de Mascarenhas Camelo Junior, Manuel da Cruz Xavier e o suplente Cesário Antonio Lopes, tendo justificado suas faltas os edis José Joaquim de Oliveira, Antonio Ferreira de Mello Pinheiro e José Inácio do Canto Landim”, conforme conta a historiadora Delma Rosendo Gehn, em *Passo Fundo Através do Tempo* (1o. Volume) (Multigraf- Gráfica e Editora, Passo Fundo, 1978, páginas 22 e 23).

O que realmente aconteceu naquela data quase sesquicentenária está descrito na Ata da instalação e posse da Câmara Municipal da nova vila de Passo Fundo, em seus termos textuais: “Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e cincoenta e sete trigésimo sexto ano da Independência e do Império aos sete dias do mês de Agosto de mil oitocentos e cincoenta e sete do dito anno nesta Villa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida do Passo Fundo, Comarca de São Borja Província de São Pedro do Rio Grande do Sul nos Paços da Câmara Municipal da Villa da Cruz Alta o Capitão Lucio Alves de Castro commigo Secretário da Câmara da mesma Villa abaixo nomeado para o fim de instalar e dar posse a nova Câmara Municipal desta Villa, segundo foi determinado por portaria de Sua. Exa. O Senhor presidente da Provincia datada de três de Fevereiro do corrente anno, que manda proceder as eleições para Vereadores da nova Villa, e bem assim que fosse executada a Lei número trezentos e quarenta de 28 de Janeiro do corrente anno pela qual a Assembléia Legislativa Provincial elevou a cathegoria de Villa a Freguezia do Passo Fundo com os limites que tinha quando freguezia, como todo o território da nova Freguezia da Soledade, segundo he expresso no artigo segundo da referida Lei, ficando assim dividido os limites desta Villa com o municipio da Cruz Alta; reunidos os Vereadores Senhores Manoel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antonio de Mascarenhas Camello Junior, Manoel da Cruz Xavier, e Cezario Antonio Lopes como Vereador Suplente no empedimento dos proprietários José Joaquim de Oliveira, Antonio Ferreira de Mello Pinheiro, e José Ignacio do Canto Landim que participarão não poder comparecer para prestarem juramento por incommodos de saúde que privarão de poder assistir na presente sessão, Segundo dispõe o Decreto de 13 de Novembro de 1832 passou o presidente a deferir o juramento dos Santos Evangelhos em hum Livro delles em que puzerão suas mãos direitas sob cargo do qual lhes encarregou que desempenham-se as obrigações de Vereadores da Câmara Municipal da Villa do Passo Fundo; de promoverem quanto em si couber, os meios de sustentar a felicidade pública – segundo he prescrito no artigo dezecete do referido Decreto, e deo posse aos Vereadores pela maneira assima dito. E para constar mandou o presidente lavrar o prezente auto de juramento e posse que assinou com a nova Câmara fazendo-se público por Editais para que conste. E eu MANOEL ASSUNMPÇÃOE SILVA Secretário da Câmara Municipal da Villa Cruz Alta o escrevy.

LUCIO ALVES DE CASTRO – pre. Da Câmara da Cruz Alta

MANOEL JOSÉ D'ARAUJO

JOAQUIM FAGUNDES DOS REIS

CEZARIO ANTONIO LOPES

MANOEL DA CRUZ XAVIER

ANTONIO DE MASCARENHAS CAMELLO JUNIOR”

Para comemorar a instalação da Câmara Municipal foram realizadas intensas festividades. A repercussão da festança, no meio acanhado de então, continuou sendo recordada nos anos seguintes. A lembrança da entrada em funcionamento do legislativo local se transformou nas solenidades da emancipação. O hábito acabou fazendo o monge. A parte, a Câmara, assumiu às vezes do todo, o Município, numa sinédoque histórica.

O argumento de que a emancipação deveria ser comemorada em agosto porque em janeiro é período de férias escolares tem origem mais recente. À época em que Passo Fundo foi separado de Cruz Alta o sistema de ensino aqui existente era incipiente. As crianças, em sua maioria, estudavam com os próprios pais ou com professores em classes improvisadas. Trata-se de usar uma verdade atual para justificar uma antiga tradição.

Essa tradição foi aos poucos se institucionalizando, a começar com o feriado religioso “consagrado a São Caetano, e em comemoração à data da Instalação deste Município”, conforme reza o artigo primeiro da Lei No. 489, de 30 de junho de 1954, até tomar foros de reconhecimento legal através de lei no ano de 1964. Ei-la:

“LEI No. 1089 de 20 de Junho de 1964

INSTITUI A SEMANA DO MUNICÍPIO

O PREFEITO MUNICIPAL DE PASSO FUNDO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 50, Inciso II, da Lei Orgânica do Município, faz saber que o Poder Legislativo decretou e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1o. – Fica instituída a Semana do Município, de 1o. a 7 de agosto, com a finalidade de cultuar as tradições cívicas de Passo Fundo, ressaltando as figuras e fatos relevantes do passado, nas artes, ciências, letras e administração e ainda nas armas.

Art. 2o. – O Poder Executivo, com a participação do legislativo, promoverá anualmente, uma programação alusiva à Semana do Município, a desenvolver-se em especial junto aos estabelecimentos escolares do Município e com a colaboração das instituições oficiais, educacionais, culturais, sociais e desportivas.

Parágrafo Único – As cerimônias oficiais constantes da programação da semana do Município serão precedidas da execução do Hino Nacional Brasileiro e encerradas com a execução do Hino do Município.

Art. 3o. – Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO, em 27 de Junho de 1964.

Mário Menegaz

Prefeito Municipal”

Para que fique bem claro, no curto espaço de um artigo jornalístico, vamos recapitular algumas datas:

I – 28 de maio de 1834 – Passo Fundo foi elevada à condição de 4o. Distrito de Cruz Alta;

II – 26 de janeiro de 1847, por Lei Provincial, a povoação de Passo Fundo é elevada à categoria de Freguesia.

III - 28 de janeiro de 1857, através do Decreto no. 340, do então presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, Passo Fundo, é elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Cruz Alta;

IV - 7 de agosto de 1857 são empossados os primeiros vereadores do Município;

V –10 de abril de 1891, como homenagem à data natalícia do coronel Gervásio Lucas Annes, chefe republicano do Município, Fernando Abott, presidente do Estado, conforme Ato no. 258, reconhece Passo Fundo como Cidade.

Fatos divulgados por todos os conhecedores da história passo-fundense, tendo à frente Antonio Xavier e Oliveira, Delma Rosendo Gehn e Ney Eduardo Possapp d'Ávila. Assim, essa “mentira histórica” precisa ser corrigida, e a Semana do Município deve ser lembrada no seu período verdadeiro: 22 a 28 de janeiro.

Apesar dos protestos dos historiadores e das pessoas que se dedicam estudar a história passo-fundense a verdade histórica é sistematicamente descumprida.

No momento em que nos aproximamos do sesquicentenário da emancipação político-administrativa de Passo Fundo está na hora das autoridades legalmente constituídas colocarem as coisas em seus devidos lugares. O Dia do Município é 28 de janeiro e não 7 de agosto, data da instalação da nossa primeira legislatura municipal.

Data : 20/08/2013

Título : O Dia do Município de Passo Fundo é 28 de janeiro e não 7 de agosto II

Categoria: Artigos

Descrição: Aproxima-se mais um mês de agosto. E com ele a cidade se movimenta objetivando comemorar mais um aniversário de emancipação político-administrativa de Passo Fundo.

Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Aproxima-se mais um mês de agosto. E com ele a cidade se movimenta objetivando comemorar mais um aniversário de emancipação político-administrativa de Passo Fundo. E com essas festividades vem à baila um ponto da história de passo-fundense que muitas

peças não conseguem entender: o porquê da “emancipação de Passo Fundo” ser comemorada a 7 de agosto, feriado municipal e ápice de festividades que se iniciam no primeiro dia daquele mês, quando, na verdade, Passo Fundo se emancipou de Cruz Alta no dia 28 de janeiro de 1857, através da Lei no. 340, do então presidente da Província, transcrita a seguir.

“Lei no 340, de 28 de janeiro de 1857

O CONSELHEIRO JERONIMO FRANCISCO COELHO, presidente da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, etc. etc.

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa provincial decretou e eu sancionei a seguinte lei:

Art. 1o. – São elevadas à categoria de vilas as freguesias de Passo Fundo e Cangussú.

Art. 2o. – Os limites da Vila de Passo Fundo compreenderão não só o distrito que tinha quando freguesia, como todo o território da nova freguesia da Soledade.

Art. 3o. – A vila de Cangussú compreenderá em seus limites, além do distrito da freguesia deste nome, os da freguesia de Cerrito, todos com as divisas que atualmente têm.

Art. 4o. – São revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento, a execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta província a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo na leal e valorosa cidade de Porto Alegre, aos 28 dias do mês de janeiro de 1857, trigésimo sexto da Independência e do Império.

(ass) Jerônimo Francisco Coelho

Carta de lei pela qual V. Exa. Sancionou o decreto da Assembléia Legislativa provincial, elevando à categoria de vilas as freguesias do Passo Fundo e do Cangussú, e marcando os seus limites como acima se declara.

Para V. Exa. Ver

(ass) Germano Severino da Silva, a faz

Na secretaria do Governo foi selada e publicada a presente lei em 28 de janeiro de 1857.

O oficial maior, servindo de secretário

(ass) João da Cunha Lobo Barreto

Registrada no livro 1o. 3 de Leis Provinciais.

Secretaria do Governo em Porto Alegre, 28 de janeiro de 1857.

(ass) José Gonçalves Duarte”

Ora, se Passo Fundo, que desde 28 de maio de 1834 era distrito de Cruz Alta e emancipou-se a 28 de janeiro de 1857, o que aconteceu de tão importante no dia 7 de agosto desse ano que acabou ofuscando a data real da emancipação?

A 7 de agosto de 1857 foram empossados os primeiros “vereadores eleitos: Manuel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antonio de Mascarenhas Camelo Junior, Manuel

da Cruz Xavier e o suplente Cesário Antonio Lopes, tendo justificado suas faltas os edis José Joaquim de Oliveira, Antonio Ferreira de Mello Pinheiro e José Inácio do Canto Landim”, conforme conta a historiadora Delma Rosendo Gehn, em *Passo Fundo Através do Tempo* (1o. Volume) (Multigraf- Gráfica e Editora, Passo Fundo, 1978, páginas 22 e 23).

O que realmente aconteceu naquela data quase sesquicentenária está descrito na Ata da instalação e posse da Câmara Municipal da nova vila de Passo Fundo, em seus termos textuais: “Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e cincoenta e sete trigésimo sexto ano da Independência e do Império aos sete dias do mês de Agosto de mil oitocentos e cincoenta e sete do dito anno nesta Villa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida do Passo Fundo, Comarca de São Borja Província de São Pedro do Rio Grande do Sul nos Paços da Câmara Municipal da Villa da Cruz Alta o Capitão Lucio Alves de Castro commigo Secretário da Câmara da mesma Villa abaixo nomeado para o fim de instalar e dar posse a nova Câmara Municipal desta Villa, segundo foi determinado por portaria de Sua. Exa. O Senhor presidente da Provincia datada de três de Fevereiro do corrente anno, que manda proceder as eleições para Vereadores da nova Villa, e bem assim que fosse executada a Lei número trezentos e quarenta de 28 de Janeiro do corrente anno pela qual a Assembléia Legislativa Provincial elevou a cathegoria de Villa a Freguezia do Passo Fundo com os limites que tinha quando frequezia, como todo o território da nova Frequezia da Soledade, segundo he expresso no artigo segundo da referida Lei, ficando assim dividido os limites desta Villa com o municipio da Cruz Alta; reunidos os Vereadores Senhores Manoel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antonio de Mascarenhas Camello Junior, Manoel da Cruz Xavier, e Cezario Antonio Lopes como Vereador Suplente no empedimento dos proprietários José Joaquim de Oliveira, Antonio Ferreira de Mello Pinheiro, e José Ignacio do Canto Landim que participarão não poder comparecer para prestarem juramento por incommodos de saúde que privarão de poder assistir na presente sessão, Segundo dispõe o Decreto de 13 de Novembro de 1832 passou o presidente a deferir o juramento dos Santos Evangelhos em hum Livro delles em que puzerão suas mãos direitas sob cargo do qual lhes encarregou que desempenham-se as obrigações de Vereadores da Câmara Municipal da Villa do Passo Fundo; de promoverem quanto em si couber, os meios de sustentar a felicidade pública – segundo he prescrito no artigo dezecete do referido Decreto, e deo posse aos Vereadores pela maneira assima dito. E para constar mandou o presidente lavrar o prezente auto de juramento e posse que assinou com a nova Câmara fazendo-se público por Editais para que conste. E eu MANOEL ASSUNMPÇÃOE SILVA Secretário da Câmara Municipal da Villa Cruz Alta o escrevy.

LUCIO ALVES DE CASTRO – pre. Da Câmara da Cruz Alta

MANOEL JOSÉ D'ARAUJO

JOAQUIM FAGUNDES DOS REIS

CEZARIO ANTONIO LOPES

MANOEL DA CRUZ XAVIER

ANTONIO DE MASCARENHAS CAMELLO JUNIOR”



Para comemorar a instalação da Câmara Municipal foram realizadas intensas festividades. A repercussão da festança, no meio acanhado de então, continuou sendo recordada nos anos seguintes. A lembrança da entrada em funcionamento do legislativo local se transformou nas solenidades da emancipação. O hábito acabou fazendo o monge. A parte, a Câmara, assumiu às vezes do todo, o Município, numa sinédoque histórica.

O argumento de que a emancipação deveria ser comemorada em agosto porque em janeiro é período de férias escolares tem origem mais recente. À época em que Passo Fundo foi separado de Cruz Alta o sistema de ensino aqui existente era incipiente. As crianças, em sua maioria, estudavam com os próprios pais ou com professores em classes improvisadas. Trata-se de usar uma verdade atual para justificar uma antiga tradição.

Essa tradição foi aos poucos se institucionalizando, a começar com o feriado religioso “consagrado a São Caetano, e em comemoração à data da Instalação deste Município”, conforme reza o artigo primeiro da Lei No. 489, de 30 de junho de 1954, até tomar foros de reconhecimento legal através de lei no ano de 1964. Ei-la:

“LEI No. 1089 de 20 de Junho de 1964

#### INSTITUI A SEMANA DO MUNICÍPIO

O PREFEITO MUNICIPAL DE PASSO FUNDO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 50, Inciso II, da Lei Orgânica do Município, faz saber que o Poder Legislativo decretou e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1o. – Fica instituída a Semana do Município, de 1o. a 7 de agosto, com a finalidade de cultuar as tradições cívicas de Passo Fundo, ressaltando as figuras e fatos relevantes do passado, nas artes, ciências, letras e administração e ainda nas armas.

Art. 2o. – O Poder Executivo, com a participação do legislativo, promoverá anualmente, uma programação alusiva à Semana do Município, a desenvolver-se em especial junto aos estabelecimentos escolares do Município e com a colaboração das instituições oficiais, educacionais, culturais, sociais e desportivas.

Parágrafo Único – As cerimônias oficiais constantes da programação da semana do Município serão precedidas da execução do Hino Nacional Brasileiro e encerradas com a execução do Hino do Município.

Art. 3o. – Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO, em 27 de Junho de 1964.

Mário Menegaz

Prefeito Municipal”

Para que fique bem claro, no curto espaço de um artigo jornalístico, vamos recapitular algumas datas:

I – 28 de maio de 1834 – Passo Fundo foi elevada à condição de 4o. Distrito de Cruz Alta;

II – 26 de janeiro de 1847, por Lei Provincial, a povoação de Passo Fundo é elevada à categoria de Freguesia.

III - 28 de janeiro de 1857, através do Decreto no. 340, do então presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, Passo Fundo, é elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Cruz Alta;

IV - 7 de agosto de 1857 são empossados os primeiros vereadores do Município;

V - 10 de abril de 1891, como homenagem à data natalícia do coronel Gervásio Lucas Annes, chefe republicano do Município, Fernando Abott, presidente do Estado, conforme Ato no. 258, reconhece Passo Fundo como Cidade.

Fatos divulgados por todos os conhecedores da história passo-fundense, tendo à frente Antonio Xavier e Oliveira, Delma Rosendo Gehn e Ney Eduardo Possapp d'Ávila. Assim, essa "mentira histórica" precisa ser corrigida, e a Semana do Município deve ser lembrada no seu período verdadeiro: 22 a 28 de janeiro.

Apesar dos protestos dos historiadores e das pessoas que se dedicam estudar a história passo-fundense a verdade histórica é sistematicamente descumprida.

No momento em que nos aproximamos do sesquicentenário da emancipação político-administrativa de Passo Fundo está na hora das autoridades legalmente constituídas colocarem as coisas em seus devidos lugares. O Dia do Município é 28 de janeiro e não 7 de agosto, data da instalação da nossa primeira legislatura municipal.

Data : 18/10/1996

Título : O discurso crítico na América Latina

Categoria: Resenhas

Descrição: De uns anos para cá a Literatura Latino- americana está assumindo uma importância internacional muito grande.

## O DISCURSO CRÍTICO NA AMÉRICA LATINA

por Paulo Monteiro

De uns anos para cá a Literatura Latino- americana está assumindo uma importância internacional muito grande. Autores de Língua portuguesa e Espanhola vendem milhares de livros, vertidos para as mais diversas línguas estrangeiras.

O Instituto Estadual do Livro e a Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos publicaram, neste ano, O DISCURSO CRÍTICO NA AMÉRICA LATINA, organizado por Tânia Franco Carvalhal, com trabalhos de especialistas de universidades brasileiras e

hispano-americanas, que se reuniram em Porto Alegre entre 19 e 21 de setembro de 1995 para discutir questões relativas ao fazer literário dos países do cone Sul.

A partir do trabalho inicial de Wender Melo Miranda uma preocupação com chamada pós-modernidade e sua presença na cultura e na literatura ibero-americanas perpassa os mais de vinte textos reunidos no volume.

A inserção cada vez maior da América Latina num mundo cada vez mais unificado pelo avanço tecnológico faz com que nela se apresentem os caracteres pós-modernos. Vivemos tempos onde a questão cultural assume uma importância capital. As recentes transformações mundiais colocam a cultura na ordem do dia.

Dentro da cultura, a arte- literária ou não- passa a ocupar um espaço cada vez mais significativo, seja como forma de dominação, seja como elemento de resistência nacional, transcendendo o próprio conceito tradicional de nação.

A preocupação com o “discurso crítico na América Latina” deve estar presente com todas as pessoas que desejam fazer-se acompanhar do adjetivo inteligentes.

Os críticos, como leitores privilegiados que ousam expressar suas opiniões, acabam influenciando as concepções e os gostos de maioria silenciosa, consolidando conceitos e avaliando práticas artísticas. Suas expressões terminam apontando caminhos, caminhos de servidão ou liberdade.

Aí reside a indispensabilidade de que O DISCURSO CRÍTICO NA AMÉRICA LATINA seja lido e meditado. Urge, porém, que cérebros privilegiados como aqueles que produziram esse livro, aprofundem ou radicalizem o estudo do discurso crítico ibero-americano, contribuindo para definir quais os nossos críticos a quem estão servindo ou, noutros termos, qual o discurso crítico que nos serve.

Nesse sentido, pelas indicações de nomes, obras e interpretações o livro organizado por Tânia Franco Carvalhal e publicado pelo IEL e conjunto com a UNISSINOS deverá ser o norte para o aprofundamento de uma discussão urgente e necessária.

O Cidadão.

18/10/1996.

Data : 17/08/2001

Título : O Doente e a Doença

Categoria: Editoriais

Descrição: A polêmica envolvendo a investigação aberta pela Comissão de Ética da Câmara de Vereadores para apurar denúncia contra o vereador João dos Santos, e que

culminou com a renúncia deste, é um dos fatos políticos mais interessantes da história passo-fundense.

## O Doente e a Doença

Paulo Monteiro

A polêmica envolvendo a investigação aberta pela Comissão de Ética da Câmara de Vereadores para apurar denúncia contra o vereador João dos Santos, e que culminou com a renúncia deste, é um dos fatos políticos mais interessantes da história passo-fundense. Pelo ineditismo e pelo precedente, pode abrir uma nova época para a política local.

Tivemos, nas eleições passadas, um candidato ao legislativo municipal impedido de concorrer porque teria doado um temo de camisetas em troca de votos. Chegou até mesmo a funcionar uma comissão encarregada de assegurar a ética no processo eleitoral. Nunca se publicou um relatório das atividades daquele mais do que elogiável colegiado.

A troca de favores por votos é muito comum durante as campanhas políticas. Temo de camisetas não é novidade. Nos bairros periféricos, às vésperas das eleições, o que não falta é comilança: arroz com galinha, lingüiçada, churrasco, sacola econômica e bebida alcoólica. E não se pode esquecer os pagamentos de contas de água e luz. Comenta-se que é o período em que há gratuidade de anestesia e laqueaduras, sem falar que deve aumentar o movimento no setor responsável pela emissão de carteiras de motorista.

O mandato conquistado em troca de favores somente se mantém pela troca de favores. Não sendo conquistado por propostas políticas, mas a peso de dinheiro, não há comprometimento político entre quem compra e vende o voto. Nada mais lógico, pois, que as assessorias parlamentares também possam adquirir um valor não político.

As estórias – ou seriam histórias? – de assessores que "contribuem" com parte dos seus vencimentos para os parlamentares a que prestam serviços são costumeiras. Quem tenha um pouco de memória vai lembrar-se de atos que teriam ocorrido, há pouco tempo, na Capital dos Pampas. Por que, na Capital do Planalto, as coisas teriam de ser diferentes?

A leitura da sentença em que uma Juíza local negou, liminarmente, o afastamento de João dos Santos da Câmara de Vereadores é exemplar quanto aos cuidados que esse tipo de ocorrência exige. Agora, é preciso que todos tomem consciência de que os políticos que temos são um produto das práticas políticas.

Assim, de nada vai adiantar que sejam exemplados erros cometidos depois de eleitos, quando são, muitas vezes, pálidos reflexos de práticas consagradas nos processos eleitorais. Como diz o ditado, não é matando o doente que a doença vai ser curada.

Do Jornal

O Cidadão

17 de Agosto de 2001

Data : 02/02/2015

Título : O elixir da verdade

Categoria: Contos

Descrição: Professor Pardal, todos o conheciam por esse apelido, ou simplesmente Pardal. Seu nome verdadeiro era quase desconhecido na empresa.

Professor Pardal, todos o conheciam por esse apelido, ou simplesmente Pardal. Seu nome verdadeiro era quase desconhecido na empresa. Raros colegas faziam questão de chamar-lhe de Aleixo, Aleixo Gutierrez ou simplesmente, O Castelhana, este usado na escola onde estudara. O leitor, sempre perspicaz, já descobriu o motivo do apelido: era o inventor da empresa.

Metódico. Sempre residiu num único local: a casa que herdou dos seus pais. Namorou e casou com uma única mulher. O carro, um Fusca, adquiriu há mais de quarenta anos. E assim por diante.

Construiu, nos fundos da casa, um galpão que transformou no seu laboratório. Embora reconhecido por encontrar soluções para os problemas práticos, do dia a dia, o seu forte mesmo eram as descobertas químicas. Especialmente novas bebidas.

Naquele dezembro obtivera a aposentadoria. Naturalmente, após completar 35 anos de trabalho ininterrupto na mesma empresa. Estimado por todos os tradicionais festa de amigo secreto seria dedicada a ele. E estavam eufóricos. Pardal anunciou que aproveitaria o ensejo para divulgar seu melhor invento: um vinho sem álcool, um suco. Melhor dizendo: um elixir.

Dito e feito. Providenciou até pequenos cálices. Encheu-os pacientemente, um a um.

– Sirvam-se, meus colegas! Sirvam-se, meus amigos! Mas não bebam antes que brindemos em comum!

Cálices cheios, Pardal ergueu o seu e ordenou:

– Brindemos à amizade! Brindemos ao coleguismo!

E gritou ainda mais alto:

– À verdade!

Após um unísono: - À verdade! Seguiu-se um tilintar de vidros.

O Castelhana, discretamente, apenas simulou ingerir o líquido. Queria saborear o resultado do invento.

Seguiu-se um momento de silêncio, quebrado por Januária, a exibicionista.

– Faço questão de revelar meu amigo secreto. É o cara mais ladrão, mais safado que eu conheço. A primeira coisa que ele faz é levar pra cama toda a funcionária nova. Não importa se seja casada, solteira, viúva ou desquitada. Pra ficar na empresa tem de ir pra cama com ele. É o maior sonegador de impostos e negador de impostos que eu conheço. Eu queria lhe dar um par de algemas, mas vou lhe dar uma garrafa de vinho francês porque todos sabem que desde que entrei aqui faço todas as vontades dele.

Foi o caos, o pandemônio, o que você possa imaginar. Durante horas todos exorcizaram seus demônios interiores, botaram para fora os seus sentimentos. Se desrecalcaram.

E Pardal que ali permanecera imóvel, saboreando os resultados do seu invento não se conteve. Subiu numa cadeira e gritou:

– Cala a boca, putedo! Vou revelar meu amigo secreto! Vocês todos são meus amigos secretos. O presente que dei a vocês foi servir o Elixir da Verdade, o invento que eu procurei durante toda a minha vida. E mais: vou revelar a fórmula do Elixir da Verdade.

Parou, respirou fundo. E continuou:

- Todos vocês conhecem a expressão “comer bolinha de cinamomo”, significando “dizer bobagem” ou “fazer bobagem”. Pois bem: o que se chama de bobagem, via de regra, é

uma grande verdade. Foi exatamente a partir da semente do cinamomo, que produzi o Elixir da Verdade!

E arrematou:

– Feliz Natal e Próspero Ano Novo para vocês que tomaram suco de bolinha de cinamomo!

Data : 27/10/1995

Título : O ESFACELAMENTO DA NAÇÃO

Categoria: Resenhas

Descrição: Tive, recentemente, a oportunidade de assistir a uma palavra do professor José Walter Bautista Vidal, autor de O ESFACELAMENTO DA NAÇÃO (Editora Vozes, Rio de Janeiro).

## O ESFACELAMENTO DA NAÇÃO

por Paulo Monteiro

Tive, recentemente, a oportunidade de assistir a uma palavra do professor José Walter Bautista Vidal, autor de O ESFACELAMENTO DA NAÇÃO (Editora Vozes, Rio de Janeiro). Convincente como palestrante, a leitura de seu livro é uma confirmação da solidez de suas ideias.

Bautista Vidal é um patriota e um nacionalista. Seu nacionalismo, porém, é fincado em profundas convicções humanistas. Suas experiências como técnico, que exerceu importantes funções de governo, por longos anos de estudo e exercício da cátedra universitária, solidificaram ainda mais seu pensamento.

A onda neoliberalizante, forma recente do conservadorismo mais ultrapassado, sofre uma crítica arrasadora em O ESFACELAMENTO DA NAÇÃO. Bautista Vidal demonstra à sociedade a importância da participação do Estado, através de empresas estatais ou de economia mista ou de subsídios, para que uma nação se desenvolva. Afirma textualmente à p. 108: “O processo de autonomia tecnológica verificou-se em todas as nações ditas desenvolvidas com a participação decisiva, cada uma a seu modo, de seus respectivos estados. Nos EUA, por exemplo, isso ocorre de modo intenso, principalmente por meio de

programação militar, com centenas de bilhões de dólares por ano de contratos do Estado, que alimenta o desenvolvimento tecnológico de suas corporações ditas privadas”.

Dez p. à frente apresenta dados sobre a participação do Estado na economia de países capitalistas desenvolvidos. Mais adiante (p. 161), diz, com todas as letras: “Ao contrário do que propalam os porta-vozes do neoliberalismo, o protecionismo vem aumentando vertiginosamente nos países industrializados”. E quando o protecionismo se revela impossível para atender interesses dos países ricos estes não tem hesitado em usar a força militar para impor suas vontades.

O aumento do protecionismo nos países hegemônicos é acompanhada de uma campanha riquíssima, patrocinada por fundações desses mesmos países sobre a intelectualidade e os meios de comunicação de massa dos países dominados.

Os economistas neoliberais que dirigem a economia destes países são formados em universidades dos centros capitalistas.

Se a liberalização da economia e a retirada da proteção do Estado é um bom negócio por que aumenta o protecionismo nos centros capitalistas internacionais?

“Para facilitar a demolição do Estado e o esfacelamento da Nação- escreve Bautista Vidal à p. 64, campanhas milionárias vem sendo levadas avante, nos últimos quinze anos, com o objetivo de induzir ao descrédito tudo que for nacional, a começar pelo próprio ser brasileiro”.

Para tanto propaga-se o descrédito do Estado Nacional, do serviço público e prescreve-se a transformação das forças armadas em política de narcotráfico, semeia-se a desmoralização no País através de filmes e telenovelas onde os valores mais notáveis são a violência e promiscuidade sexual, inclusive o incesto.

A mídia, sustentada pelo sistema financeiro e as grandes corporações transnacionais e suas associadas locais, faz a população convencer-se de que este é um país onde nada dá certo.

Economistas de “cabeça feita” no exterior negociam o endividamento externo e aumentam os montantes depositados em contas secretas no estrangeiro.

Para favorecer o esfacelamento da Nação fabrica-se o processo inflacionário. “Os que administram a inflação, sempre a serviço dos que dela se beneficiam- op. cit. P. 120-, ao sentirem que o processo se aproxima do colapso, abrem mão dela, temporariamente, com o objetivo de amortecer os crescentes furores da sociedade ou para ganhar eleição”.

Hoje, mais do que nunca, a questão dos recursos energéticos desempenha uma importância fundamental. Os países desenvolvidos não dispõem de condições para a produção de energia renováveis. O Brasil, na Amazônia e no sul da Bahia, pode obter 6 milhões de barris/ dia de óleo diesel vegetal, a partir de dendê, cinco vezes seu consumo atual de petróleo, e, usando motores Elsbetl, ciclo diesel, pode-se utilizar óleos “in natura”, podendo perfazer 40 quilômetros por litro. Como se isso não bastasse, cultivando-se cana-de-açúcar ou mandioca em 1% do território brasileiro, poder-se-ia produzir 800 mil barris/ dia de álcool etílico”. (Idem, p. 212).

Outro ponto importante na política neoliberal de entrega do Brasil às nações imperialistas é a Lei de Patentes, cedendo-lhes, de graça, o banco genético vegetal do País, que é o



maior do mundo, e impossibilitando o desenvolvimento de um indústria genuinamente brasileira.

O ESFACELAMENTO DA NAÇÃO, de J. W. Bautista Vidal, é uma obra que deve ser lida por todos; um documento sobre um dos momentos mais tristes da história nacional, onde por omissão ou conivência, os “representantes” da Nação estão vendendo a Pátria, como fizeram com a Campanha Siderúrgica Nacional, que custou menos do que um Gol velho aos seus compradores.

O Cidadão.

27/10/1995.

Data : 27/10/1995

Título : O Esfacelamento da Nação

Categoria: Artigos

Descrição: Tive, recentemente, a oportunidade a assistir a uma palestra do professor José Walter Bautista Vidal,...

### O Esfacelamento da Nação

Tive, recentemente, a oportunidade a assistir a uma palestra do professor José Walter Bautista Vidal, autor de O Esfacelamento da Nação (Editora Vozes, Rio de Janeiro). Convincente como palestrante, a leitura de seu livro é uma confirmação da solidez de suas idéias.

Bautista Vidal é um patriota e um nacionalista. Seu nacionalismo, porém, é fincado em profundas convicções humanistas. Suas experiências como técnico, que exerceu importantes funções de governo, por longos anos de estudo e exercício de cátedra universitária, solidificaram ainda mais seu pensamento.

A onda neoliberalizante, forma recente do conservadorismo mais ultrapassado, sofre uma crítica arrasadora em O Esfacelamento da Nação. Bautista Vidal demonstra à sociedade a importância da participação do Estado, através de empresas estatais ou de economia mista ou de subsídios, para que uma nação se desenvolva. Afirma textualmente, à página 108: “O processo de autonomia tecnológica verificou-se em todas as nações ditas desenvolvidas com a participação decisiva, cada uma a seu modo, de seus respectivos estados. Nos EUA, por exemplo, isso ocorre de modo intenso, principalmente por meio da

programação militar, com centenas de bilhões de dólares por ano de contratos do Estado, que alimenta o desenvolvimento tecnológico de suas corporações ditas privadas”.

Dez páginas à frente, apresenta dados sobre a participação do Estado na economia de países capitalistas desenvolvidos. Mais adiante (pág. 161), diz, com todas as letras: “Ao contrário do que propalam os porta-vozes do neoliberalismo, o protecionismo vem aumentando vertiginosamente nos países industrializados”. E quando o protecionismo se revela impossível para atender interesses dos países ricos estes não têm hesitado em usar a força militar para impor suas vontades.

O aumento do protecionismo nos países hegemônicos é acompanhado de uma campanha riquíssima, patrocinada por fundações desses mesmos países sobre a intelectualidade e os meios de comunicação de massa dos países dominados.

Os economistas neoliberais, que dirigem a economia destes países, são formados em universidades dos centros capitalistas.

Se a liberalização da economia e a retirada da proteção do Estado é um bom negócio, por que aumenta o protecionismo nos centros capitalistas internacionais?

“Para facilitar a demolição do Estado e o esfacelamento da Nação – escreve Bautista Vidal à página 64 -, campanhas milionárias vêm sendo levadas avante, nos últimos quinze anos, com o objetivo de induzir ao descrédito tudo o que for nacional, a começar pelo próprio ser brasileiro”.

Para tanto, propaga-se o descrédito do estado nacional e do serviço público e prescreve-se a transformação das forças armadas em polícia de combate ao narcotráfico, semeia-se a desmoralização no País através de filmes e telenovelas onde os valores mais notáveis são a violência, a corrupção e a promiscuidade sexual, inclusive o incesto.

A mídia, sustentada pelo sistema financeiro e as grandes corporações transnacionais e suas associadas locais, faz a população convencer-se de que este é um país onde nada dá certo.

Economistas de “cabeça feita” no exterior negociam o endividamento externo e aumentam os montantes depositados em contas secretas no estrangeiro.

Para favorecer o esfacelamento da Nação fabrica-se o processo inflacionário. “Os que administram a inflação, sempre a serviço dos que dela se beneficiam – op. cit., pág. 20 -, ao sentirem que o processo se aproxima do colapso, abrem mão dela, temporariamente, com o objetivo de amortecer os crescentes furores da sociedade ou para ganhar eleição”.

Hoje, mais do que nunca, a questão dos recursos energéticos desempenha uma importância fundamental. Os países desenvolvidos não dispõem de condições para a produção de energias renováveis. O Brasil, na Amazônia e no sul da Bahia, pode obter 6 milhões de barris/dia de óleo diesel vegetal, a partir de dendê, cinco vezes seu consumo atual de petróleo, e, usando motores Elsbetl, ciclo diesel, pode-se utilizar esses óleos “in natura”, podendo fazer 40 quilômetros por litro. Como se isso não bastasse, cultivando-se cana-de-açúcar ou mandioca em 1% do território brasileiro, poder-se-ia produzir 800 mil barris/dia de álcool etílico”. (Idem, pág. 212).

Outro ponto importante na política neoliberal de entrega do Brasil à nações imperialistas é a Lei das Patentes, cedendo-lhes, de graça, o banco genético vegetal do País, que é o

maior do mundo, e impossibilitando o desenvolvimento de uma indústria genuinamente brasileira.

O Esfacelamento da Nação, de Bautista Vidal, é uma obra que deve ser lida por todos; um documento sobre um dos momentos mais tristes da história nacional, onde, por omissão ou conivência, os “representantes” da Nação estão vendendo a Pátria, como fizeram com a Companhia Siderúrgica Nacional, que custou menos do que um Gol velho aos seus compradores.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 27 de outubro de 1995, p. 8).

Data : 04/04/1997

Título : O estudo da literatura em Passo Fundo

Categoria: Resenhas

Descrição: Para quem, há quase 23 anos dedica-se ao jornalismo literário, não há de se manifestar estranha a preocupação com o que se estuda em termos de literatura na cidade em que nasceu e vive.

## O estudo da literatura em Passo Fundo

por Paulo Monteiro

Para quem, há quase 23 anos dedica-se ao jornalismo literário, não há de se manifestar estranha a preocupação com o que se estuda em termos de literatura na cidade em que nasceu e vive. Confesso que esta inquietação intelectual avolumou-se neste início de ano.

Propus-me a realizar um apanhado sobre o que se estudou em termos de literatura nos últimos 60 anos, em Passo Fundo. Para tanto, sem ambição de esgotar o assunto, tomei como exemplo algumas obras usadas nesse período em escolas que oferecem os cursos de 1º e 2º graus ou equivalentes, o que nos dará uma idéia de como evoluiu o estudo da Literatura Brasileira, entre nós, de meados de 30 até hoje.

Na terceira década deste século parece ter sido bastante usado o livro INICIAÇÃO LITERÁRIA, de Emilio Faguet, “membro da Academia Francesa”, editado em Portugal. Tenho a 4ª edição (1935), com uma Explicação do Tradutor (Chagas Franco), datada de 1913.

Iniciando com OS índios (indianos), passa por A literatura hebraica, Os gregos, Os latinos, por França, Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha, até chegar em A literatura portuguesa até o fim do século XV (págs 58/64), retorna a outras literaturas européias para somente

dedicar-se às letras portuguesas entre as páginas 99 e 122; dá mais um longo passeio pela Europa, retornando ao estudo que nos interessa, agora introduzindo nosso país, com Portugal e Brasil nos séculos XVIII e XIX (págs. 159/187).

Das 203 páginas do livro, apenas entre as de números 168/170 e 181/187, dá atenção à Literatura Brasileira, que apresenta como iniciando-se com os cronistas dos séculos XVI e XVII, concluindo com os contemporâneos: realistas, parnasianos e simbolistas. Reproduz, rapidamente, conceitos que se vulgarizaram a partir da crítica literária romântica.

Nos anos 40 encontramos, pelo menos, outros dos livros: HISTÓRIA DA LITERATURA, de José Marques da Cruz e UNIDADES LITERÁRIAS (História da Literatura Brasileira), de Virgínia Côrtes de Lacerda.

Marques da Cruz segue os esquema de Emilio Faguet, mas enriquece com elementos de estilística e versificação, além de uma mostra de autores das mais diversas épocas e países, do Código de Hamurabi a Cassiano Ricardo. Já Virgínia Côrtes de Lacerda realiza uma obra melhor sistematizada. São 373 páginas dedicadas à Literatura Brasileira, onde encontramos textos representativos, desde Bento Teixeira (1545/1618) a Carlos Drummond de Andrade (1902/1987). Interessante é que a autora saliente a importância de um escritos como Lima Barreto (1981/1922), á época pouco considerado, ou de um iniciante como Érico Veríssimo (1905/1975). Representa um avanço sobre autores de manuais de Literatura Brasileira, usados anteriormente, e uma superioridade sobre certos autores de décadas futuras.

#### LIVROS ANALISADOS:

1. CRUZ, José Marque da .História da Literatura. 7ª edição, Melhoramentos, São Paulo, 1942, 548 pág.
2. FAGUET, Emilio. Iniciação Literária. 4ª edição, Livraria e Editora Guimarães & Cia, Lisboa, 1935,203 pág.
3. LACERDA, Virgínia Cortes de. Unidades Literárias. (História da Literatura Brasileira), Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944, 376 pág.

04/04/97

Data : 14/04/1997

Título : O estudo da literatura em Passo Fundo (II)

Categoria: Resenhas

Descrição: A política de nacionalização do ensino empreendida pelo Estado Novo e o ufanismo desenvolvimentista dos anos 50 influenciaram o ensino da Literatura Brasileira.

## O estudo da literatura em Passo Fundo (II)

por Paulo Monteiro

A política de nacionalização do ensino empreendida pelo Estado Novo e o ufanismo desenvolvimentista dos anos 50 influenciaram o ensino da Literatura Brasileira. Acrescente-se, ainda, o desenvolvimento dos Cursos de Letras e a receptividade de novas ideias estéticas.

Se nos anos 40 o estudo da Literatura Brasileira, adquire ênfase. Na década seguinte consolida-se. Exemplos dos livros didáticos do período são a História da Literatura Brasileira, de Antônio Soares Amora, publicada em 1955, que utilizada, atravessa os 60, com ampla utilização das escolas secundárias e Súmulas da Literatura Brasileira, de Cândido de Oliveira, livros ainda usados em meados dos 70.

Tanto Antônio Soares Amora quanto Cândido de Oliveira, aproveitam pesquisas desenvolvidas anteriormente para produzirem volumes onde condensam ensinamentos do passado, acolhendo os autores mais representativos. O primeiro realiza uma obra ainda atual para quem deseje iniciar-se no conhecimento de nossas letras e o segundo, um manual muito mais didático.

Outro livro que deve ser lembrado é O Ensino da Literatura (1966), de Nelly Novaes Coelho. Misto de orientação para professores e estudantes dos cursos secundários e normal (magistério). Destaca-se mais por chamar a atenção para autores de “letras” musicais (p. 111) e que antecipa certos manuais contemporâneos.

Um ponto que desperta atenção é o uso generalizado de antologistas. A Selecta em Prosa e Verso dos Melhores Autores Brasileiros e Portuguezes, de Alfredo Clemente Pinto, cujo prólogo é de 1883, ainda nos anos 50 circulava liberalmente junto com a Antologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, com a 1ª edição em 1995, e a Antologia Contemporânea, de Cláudio Brandão professor mineiro que acolhe generosamente escritores daquele Estado.

Livro interessante é Língua e Literatura, em 3 volumes, de Herbert Palhano, usado nas décadas de 50 e 60, cujo terceiro volume é dedicado à Literatura Brasileira, servindo como obra de história literária e antologia.

Uma característica dos livros de Literatura, nas quatro décadas observadas até agora é a inexistência de ilustrações. Texto maciço. A preocupação dos autores e editores é com a palavra e não com a imagem. A presença de livros de História da Literatura, acompanhadas de antologia ou de antologias individuais contribuiu para que os estudantes tomassem contato mais direto com a obra dos autores estudados.

### LIVROS ANALISADOS

AMORA, Antônio Soares. História da Literatura Brasileira. 6ª Edição (refundida). Edição Saraiva. São Paulo, 1967, 174 p.

BARRETO, Fausto & LAET, Carlos, Antologia Nacional. 19ª Edição. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1934, 557 p.

BRANDÃO, Cláudio. Antologia Contemporânea. 7ª Edição. Livraria Francisco Alves, 1938, 496 p.

COELHO, Nelly Novaes. O Ensino da Literatura. Editora FTD S/A. São Paulo, 1966, 546 p.

OLIVEIRA, Cândido de. Súmulas da Literatura Brasileira. 12ª Edição (reimpressão). Editora Biblos. São Paulo, sd, 221 p.

PALHANO, Herbert. Língua e Literatura. (Vol. 3). Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1957, 192 p.

PINTO, Alfredo Clemente. Selecta em prosa e versos dos melhores autores brasileiros e portugueses. 40ª Edição. Livraria Selbach. Porto Alegre, 1930, 420 p.

O Cidadão

14/04/97

Data : 02/05/1997

Título : O estudo da literatura em Passo Fundo (III)

Categoria: Resenhas

Descrição: Numa série de três artigos procuramos apresentar a evolução do estudo da Literatura (Brasileira) em Passo Fundo, desde meados dos anos 30.

O estudo da literatura em Passo Fundo (III)

por Paulo Monteiro

Numa série de três artigos procuramos apresentar a evolução do estudo da Literatura (Brasileira) em Passo Fundo, desde meados dos anos 30. Para tanto, contamos com a colaboração da LIVRARIA SEBO (Rua General Osório, 1467), para os livros antigos e da LIVRARIA DAS FACULDADES (Av. 7 de setembro, 81) e do Departamento de Promoções da Atual Editora e da Editora Scipione (Hélio dos Santos Jacques, Divulgador), para livros usados neste ano letivo.

Os livros escolares dedicados à Literatura Brasileira nas últimas décadas sofreram profundas mudanças formais. Passou-se a empregar métodos de composição e impressão avançadíssimos, dando-se destaque a ilustrações em cores. Ademais, muitos desses volumes, acolhem a gramática e ensinamentos de redação. Este último detalhe talvez se deva ao processo inflacionário recente e à queda do poder aquisitivo da população.

Essas características se notam, entre outros, em dois dos manuais mais usados entre os anos 80 e 90: LÍNGUA, LITERATURA E REDAÇÃO, de José de Nicola e Língua e Literatura, de Faraco & Moura, ambos em 3 volumes. Essa mistura pode causar confusões entre os estudantes, que não tenham um professor mais atilado, como no caso do livro de Faraco & Moura (Vol. 1, 28ª Ed., 1992), que junta autores contemporâneos com o estudo de escola literárias pretéritas. O próprio José de Nicola em LITERATURA BRASILEIRA: DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS (14ª Edição, 1996) abre o capítulo dedicado a O Quinhentismo Brasileiro, com um poema de Oswald de Andrade (modernista) e o correspondente ao Realismo e Naturalismo, com um poema de Carlos Drummond de Andrade (modernista).

Uma outra limitação de muitos manuais atualmente em uso, no geral é com o destaque dado às letras de música popular. Com a Bossa Nova e o Tropicalismo, os compositores (poetas populares), no sentido de inovar, passaram a adotar conquistas formais das vanguarda poéticas, especialmente do Concretismo e da Instauração Práxis. Esses recursos formais serviram, durante o Regime Pós-64 para burlar os censores responsáveis pela repressão da oposição manifestada nas letras de música.

Os compositores de música popular refletem influências das vanguardas poéticas. Elementos de literatura popular, cordelistas eletrônicos, não sobreviverão na História da Literatura Brasileira, a que não pertencem, mas acabarão consolidando-se na História da Música Popular Brasileira. Na qual se tornarão verdadeiramente clássicos.

Uma obra interessante é PORTUGUÊS: PALAVRA E ARTE, de Tânia Pelegrini e Marina Ferreira, pois reúne autores da chamada Geração do Memeógrafo, um dos movimentos mais recentes da Literatura Brasileira, embora que pelo acolhimento de alguns subliteratos.

Vale destacar dois livros que têm tido ampla aceitação em Passo Fundo: LITERATURA, de Volnyr Santos e LITERATURA BRASILEIRA, de Sérgio Gonzaga, que dá um destaque especial à literatura gaúcha, objeto de questões de vestibular nas universidades sul-rio-grandenses.

#### LIVROS ANALISADOS

CADORE, Luis Agostinho. Curso prático de Português, Literatura, Gramática e Redação. 5ª Edição. Editora Ática. São Paulo, 1997, 1 vol.

CASTRO, Mari da Conceição. Língua e Literatura. 2ª Edição. Editora Saraiva. São Paulo, 1994, 3 vol.

CEREJA, William Roberto e Thereza Cochar Magalhães. Literatura Brasileira. Atual Editora Ltda. São Paulo, 1995, 1 Vol.

FARACO, Carlos Emílio e Francisco Marto de Moura. Língua e Literatura. Várias edições entre 1982 e 1992 (28ª). Editora Ática. São Paulo, 3 Vols.

FARACO, Carlos Emílio e Francisco Marto de Moura. Literatura Brasileira. Editora Ática. 3ª Edição. São Paulo, 1989, 1 Vol.

GONZAGA, Sérgio. Literatura Brasileira. 10ª Edição Revista e Ampliada. Mercado Aberto. Porto Alegre, 1993, 1 Vol.

NICOLA, José de. Língua, Literatura e Redação. Várias edições entre 1989 e 1990. Editora Scipione. São Paulo, Vols 1 e 2.

NICOLA, José de. Literatura Brasileira: Das origens aos nossos dias. 14ª Edição. Editora Scipione. São Paulo, 1996, 1 Vol.

PELEGRINI, Tânia e Marina Ferreira. Português: Palavra e Arte. Atual Editora. São Paulo, 1996, 3 Vol.

SANTOS, Volnyr. Literatura. Gráfica e Editora do Professor Gaúcho Ltda. Porto Alegre, 1975, 1 Vol.

TUFANO, Douglas. Estudos de Literatura Brasileira. 5ª Edição Revista e Ampliada. Editora Moderna. São Paulo, 1996, 1 Vol.

TUFANO, Douglas. Gramática e Literatura: Curso Completo. Editora Moderna. São Paulo, 1996, 1 Vol.

02/05/97

Data : 09/01/1998

Título : O FEITIÇO DA ILHA DO PAVÃO

Categoria: Resenhas

Descrição: João Ubaldo Ribeiro está publicando mais um romance.

## O FEITIÇO DA ILHA DO PAVÃO

João Ubaldo Ribeiro está publicando mais um romance. O Feitiço da Ilha do Pavão acaba de sair com o selo da Editora Nova Fronteira e, seguramente, vai alcançar a repercussão de seus livros anteriores, como Sargento Getúlio e Viva o Povo Brasileiro.

Baiano de Itaparica, João Ubaldo Ribeiro é o continuador de uma tradição romanesca apresentada nos manuais de Literatura como Romance Nordestino. Tanto isso é verdade que as características básicas daquela corrente estão presentes na obra do escritor baiano e, neste romance, não poderiam estar ausentes.



O naturalismo, presente em clássicos do Romance Nordestino como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, transborda de O FEITIÇO DA ILHA DO PAVÃO. "As taras sexuais estão em quase todas as personagens: o mestre-de-campo José Estevão Borges Lustosa, acostumado a usar sexualmente seus subalternos, o visitador inquisitorial Padre Tertuliano, pederasta passivo que usa sua descoberta para satisfazer suas fantasias com o militar, o mestre-escola Joaquim Moniz Andrade, sadomasoquista, sua mulher, Dona Maria Joana, que se relaciona com o negro Serafim, a cego, surdo e mudo", os padres Boanerges e Vergílio, com suas amantes, são todos uns depravados. Outro que não pode ser esquecido é Lô Pepeu, femeeiro dos maiores, impotente ante a negra Crescência, vale-se de porção mágica fornecida pelo safado líder indígena Balduino Galo Mau. O afrodisíaco é de tal eficiência que nem mesmo uma mulinha escapa da fome sexual de Pedro Feitor Cavallo, mas não funciona quando com Crescência.

Outro aspecto é o regionalismo, que se formaliza no isolamento da Ilha do Pavão, nos vocábulos, na culinária, na vegetação e na cultura microcòsmica que absorve a cultura maior através dos clássicos do mestre-escola e do mestre-de-campo ou nos livros místicos do alemão Hanz e da Degredada.

O terceiro ponto é a corrupção, dela não escapando os intendentes, os secretários da Câmara da Vila de São João Esmoler do Mar do Pavão, os padres, o funcionalismo público e até o índio Tontongengá, Balduino Galo Mau. O líder da Sedição Silvícola ou batalha do Borra-Bota revelar-se-á, ao longo do livro homem da estirpe de Jorge Diogo, D. Afonso Jorge II, rei dos quilombolas da ilha, que não se diferencia dos líderes brancos.

Finalmente, podemos acrescentar a utopia. Originários das "aristocracias" de sua região e, em sua maioria "bacharéis", os autores do romance nordestino somente poderiam apresentar "projetos" utópicos. E o pavão, com a beleza da plumagem e a lealdade dos pés, pode servir de ave símbolo de todas as utopias. A verdade do utopismo se revela pela idoneidade dos místicos Hanz, Degredada, Crescência e Capitão Cavallo em suas maquinações esotéricas no tempo erguido no alto da Pedra Preta.

João Ubaldo Ribeiro é o continuador de uma tradição romanesca. Narrador, e dos melhores em atividade, não lhe faltam os elementos indispensáveis para superar a força frenadora da tradição. Quando o fizer poderá ser o romancista brasileiro que está faltando nesta virada de milênio.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 09 de janeiro de 1998

Data : 30/08/2001

Título : O Ficcionalista e a Crítica

Categoria: Resenhas

Descrição: O Instituto Moreira Salles lançou o número 11 de Cadernos de Literatura Brasileira, revista semestral que começou a ser publicada em março de 1996...

O Ficcionista e a Crítica

por Paulo Monteiro

O Instituto Moreira Salles lançou o número 11 de Cadernos de Literatura Brasileira, revista semestral que começou a ser publicada em março de 1996, com um volume dedicado ao poeta João Cabral e Melo Neto, por excelência representativo da Geração de 45. Outros autores que mereceram destaque nos Cadernos: Raduan Nassar, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, João Ubaldo Ribeiro, Hilda Hist, Adélia Prado, Ariano Suassuna e Ignácio de Loyola Brandão.

O número destinado ao romancista e Araraquara foi lançado no último dia 30 de julho, merecendo nova sessão de autógrafos durante a IX Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo. Destaca-se pelas qualidades gráfica e icnográfica, mas, acima de tudo, pelo nível dos colaboradores: José Celso Martinez Corrêa, Luciano Stegagno Picchio, Dorian Jorge Freire, Arley Pereira, Antônio Torres, Antônio Hohlfeldt, Cecília Almeida Salles, Fábio Lucas e Deonísio Silva.

Deve-se salientar os elementos bibliográficos, que abrem o volume e a longa entrevista (págs. 35 a 57), onde Ignácio de Loyola Brandão fala da vida literária, experiências e visão de crítica.

Lendo essas páginas lembrei-me de que Autran Dourado no ensaio Uma Poética de Romance (Eitora Perspectiva/INL-MEC, São Paulo, 1973, pág. 95) confia que “Conversando com alguns companheiros de ofício, ficcionista mais velhos ou mais novos do que o que ora vos fala, sempre estranhamos o fato de que em geral a concepção que os críticos tem do que é um personagem, qual a sua função na obra, difere inteiramente e nossa visão, de nossa experiência, do que o personagem é ou significa para o criador.”

Em certa altura o autor de Zero afirma: “Eu gostaria, por exemplo: que a crítica estivesse atenta á intercomunicabilidade que existe entre meus livros. Há personagens de um livro que reaparecem rapidamente em outro. Há situações vistas de ângulos diferentes. Há ruas, casas, que se repetem. Quantos perceberam, quanto percebem?” E segue citando exemplos para justificar sua assentiva.

Ora, o crítico é apenas um “leitor privilegiado” para usar uma expressão várias vezes utilizada por Wilson Martins. E a questão da intercomunicabilidade” entre livros do mesmo autor não é e todos importante, pois é mais comum do que parece. Os romances de Erico Verissimo e Jorge Amado, para citar apenas dois livros conhecidos de qualquer colegial,

estão cheios desses exemplos. Isso contribui para que alguns críticos “formados”, digam, pejorativamente, que eles fizeram “leitura e massa”.

O autor também é um “leitor privilegiado”, mas lê de outro ângulo, o que pode ser comprovado com um exemplo prático, a “leitura privilegiada” de Zero feita por Ignácio conforme contado por Antonio Hohfekk (pág. 115): “Zero nasce a partir de uma encomenda a Editora Senzala, de São Paulo, para que um grupo de escritores, sob a liderança de Plínio Marcos, produzisse algumas histórias urbanas. Ignácio de Loyola Brandão imaginou um texto em que um grupo tresloucado ia a uma vila em busca de um menino com música na barriga. O livro não saiu porque outros escritores que deveriam produzir textos não o fizeram. Mas a ideia original do conto crescer. Chegou a 800 páginas, reduzidas depois para 650. Seu título original era A inauguração da morte. Lido pelo dramaturgo Jorge de Andrade, então companheiro de Ignácio na relação da revista Realidade, esse sugeriu-lhe novos cortes. O livro chegou a 430 páginas.” Holfeldt continua historiando a pré-história do livro, que “levou nove anos de construção”.

Ao reduzir os originais quase a metade, Ignácio estava efetuando um trabalho de crítica literária (e acolhendo restrições de um dramaturgo elevado a crítico), separando o acessório do principal, o dispensável do imprescindível. Acontece que a crítica autoral é feita de dentro, sobre o que poderá ser. O crítico, ao contrário, corta e fora, sobre o que já passou, sobre a obra acabada. Um é o pedreiro, conseguindo desmanchar paredes e reconstruí-las; outro apenas pode afirmar: “Teria ficado melhor assim ou assado”.

Essa verdade aparece em outra parte da entrevista, onde ele conta que, após reler O beijo não vem da boca, acabou cortando muita coisa, reescrevendo outras, eixando o livro mais denso; afirma que “O escritor é Deus, O poder do ficcionista é imenso, é muito maior do que o de qualquer um desses políticos que estão aí. Quando você escreve, você dá vida, amor, morte, tempestade, constrói cidades, você faz o que quiser – mas principalmente você faz os seres humanos se encontrarem, se reencontrarem, se odiarem, se amarem.” O crítico não pode nada disso, mas é-lhe permitido pensar como a obra deveria ter sido feita porque a divindade do ficcionista só existe dentro de sua própria obra. Fora dali é pó. Tanto é pó que o verdadeiro juiz da obra é o tempo, como o próprio Loyola (pág. 40) admite. E os leitores “privilegiados” ou não, que acabam tendo um poder ilimitado e real, marcando a passagem do tempo.

Quando Ignácio de Loyola Brandão doutrina que o papel da crítica deveria ser “desmontar as peças para o leitor, explicar do ponto de vista teórico, o que eu, instintivamente, faço”, está advogando a análise literária e não a crítica literária. Uma crítica que abdique de empregar juízos de valor e se dedique à mera prática de interpretar o texto escrito será tudo, menos crítica literária.

Após afirmar coisas como “nós, autores, nos sentimos órfãos, desamparados”, conclui, à página 41, que existem dois tipos de crítica: “de um lado os resenhadores, sem formação, para-quedistas que se orientam por idiosincrasias; de outro, os sacerdotes do saber, encastelados no mando acadêmico. Resta a desinformação. “Na verdade sua concepção de crítica é eclética. Apropria-se de elementos disparez colocados em circulação há mais e meio século, quando o novo criticismo foi introduzido no Brasil.

Que tenha estudado a obra de Afrânio Coutinho sabe que ele atacava a “crítica e rodapé”. Em artigo de 28 de novembro de 1953, reunindo em DA CRÍTICA E DA NOVA CRÍTICA

(1957) dizia textualmente: “ A critica e os estados sérios, entre nós, vão cada vez mais entrando para a universidade, e distanciando-se do diletantismo jornalístico”, veja-se na obra citada, segunda edição, Civilização Brasileira/INL-MEC, Rio de Janeiro, 1975, p. 14). Tese contestada, á época, inclusive por Wilson Martins, cuja volumosa obra critica, tem sido publicada por T.A. Queiroz Editor, de São Paulo, sob titulo geral e PONTOS DE VISTA.

Como veterano jornalista Ignácio e Loyola Brandão sabe que a consolidação dos tabloides limitou o espaço dos articulistas, exigindo esforço descomunal para apresentar uma obra literária em uma ou duas laudas. Dai, também, serem as resenhas superficiais, ate porque são resenhas, resenhas. Essa limitação já era vista por Afrânio Coutinho em 1957, (Ed. Cit. Pág. XV). São piores os releases encomiásticos reproduzidos em jornais feitos a tesoura e cola.

Quanto ao hermetismo dos trabalhos acadêmicos é uma tendência histórica. Sempre que um saber se afasta do homem comum deixa de ser exotérico para ser esotérico. A língua também troca o viço das ruas pelo esclerosado jargão dos conciliábulos.

Esse ocultismo somente pode ser quebrado com a democratização o conhecimento, em cujo processo as colunas dos jornais e as revistas são um dos instrumentos mais eficientes.

Assim, é importante que o escritor fale sobre sua obra. E os exemplos de Autran Dourado, em anos recentes, e de José de Alencar, no século XIX, com Como e porque sou romancista, merecem achar seguidores. Ignácio de Loyola Brandão á um exemplo dignificante ao colocar seu pensamento de maneira aberta é franca, e Cadernos de Literatura Brasileira presta mais um grande serviço ás letras de nosso Pais, recomendando-se a leitura e a consideração de todos. Em assim continuando vão contribuir, inclusive, para a melhora da critica literária entre nós.

O CIDADÃO

30 /08/ 2001

Data : 23/04/2003

Título : O folhetim no Rio Grande do Sul

Categoria: Artigos

Descrição: Antônio Hohlfeldt é autor de algumas obras importantes para o entendimento das literaturas gaúcha e catarinense.

## O folhetim no Rio Grande do Sul

Antônio Hohlfeldt é autor de algumas obras importantes para o entendimento das literaturas gaúcha e catarinense. Acrescenta à sua bibliografia mais um título: Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Trata-se de sua tese de doutorado, onde historia o surgimento e o desenvolvimento do folhetim e sua introdução no Rio Grande do Sul.

Na verdade, usa a análise de três romances publicados em jornais porto-alegrenses do Século XIX como pano de fundo para um trabalho mais amplo. E não esgota esse labor, tanto que os anexos, onde lista folhetins divulgados em periódicos franceses e gaúchos, serve de indicativo para futuras pesquisas próprias ou de outros estudiosos.

O livro de Antônio Hohlfeldt apresenta aos pesquisadores da história e da cultura gaúchas um atrativo a mais: permite ver que e como a cultura do Rio Grande se insere num processo global da arte literária. Transparece da obra que os intelectuais rio-grandenses não formavam uma simples ilha cultural, mas ligavam-se às mesmas preocupações estéticas da época. Assim, resta o questionar-se por que mesmo já dispondo de uma indústria editorial, nossos escritores não alcançaram a devida projeção nacional.

Bueno, mas isso é outro assunto. Fiquemos com os romances-folhetins escolhidos por Antônio Hohlfed. t.

A Filha da Cigana foi publicado no Jornal do Comércio entre julho de 1877 e abril de 1878. Seu autor, Carlos Jansen, era alemão e deixou vasta obra didática, ficcional e de tradução. A história é aquilo que alguns teóricos chamam de romance gótico, misturando coisas deste e do outro mundo. Após diversas peripécias, como nos bons folhetins, os heróis acabam tendo finais dramáticos: Anselmo fuzilado ao lado de sua Tony apaixonada e Sefa, a megera, esmagada sob patas de cavalos.

Paulo Lopes passa-se durante a Revolução Farroupilha e foi escrito por outro estrangeiro, que viveu no Rio Grande do Sul, o belga Jean-Charles Moré ou João Carlos Moré (1819-1884). Saiu no Mercantil entre outubro de 1887 e agosto de 1888. Romance histórico, a apresentação feita por Hohlfeldt dá a idéia de que se aproxima do romance de tese, graças às concepções conservadoras do autor que permeiam a ficção. Isto porque o romancista liga a personagem Paulo Lopes, farroupilha, herói de uma ambição satânica, ao movimento republicano que começava a destacar-se por aqui. O romancista permite que Paulo Lopes sobreviva às tragédias pessoais de outras personagens, talvez como prevendo que ele continuará seu destino diabólico nos acontecimentos históricos que acabariam com a carnificina de 1893.

O último dos textos em que Antônio Hohlfeldt contra sua análise é A Casa do Tio Pedro, dado a lume no Jornal do Comércio, de 1 de setembro a 30 de dezembro de 1895. romance escrito a seis mãos por Júlio, Lemos e Rosa (Lauro Rosa), com a colaboração de Artur Toscano, em um folhetim. São autores gaúchos, todos jornalistas. A obra segue um costume do tempo: a escrita coletiva e sob pseudônimo. O romance trata de assunto de época, qual seja a luta pela modernização de Porto Alegre e o enfrentamento entre os defensores do Positivismo e as manifestações da teologia e da metafísica, representadas

pelos macumbeiros Tio Pedro e Malungo. Todos aqueles que com eles se envolvem acabam engrossando o caldo da previsível tragédia folhetinesca.

Retomando o que escrevi nos primeiros parágrafos - e para resumir concluo por reafirmar a importância do livro e de sua leitura para tantos quantos se preocupem com os assuntos rio-grandenses.

Do Jornal

Rotta

27/04/2003

Data : 22/09/1995

Título : O GOVERNO DE ITAMAR FRANCO

Categoria: Resenhas

Descrição: Reis de Souza é um veterano jornalista e homem de letras. Destaca-se pela publicação da revista Brasília e pela Agência de Notícias Brasília, em termos jornalísticos.

## O GOVERNO DE ITAMAR FRANCO

por Paulo Monteiro

Reis de Souza é um veterano jornalista e homem de letras. Destaca-se pela publicação da revista Brasília e pela Agência de Notícias Brasília, em termos jornalísticos. Literariamente, vem contribuindo com a cultura brasileira organizando antologias, forma cooperativa de divulgação dos escritores nacionais que não tem o patrocínio de editoras consagradas.

O GOVERNO ITAMAR FRANCO é título de seu último livro. Através de artigos divulgados por jornais de todo o país, Reis de Souza ia traçando o itinerário de um governo cujo titular “assumiu em situação constrangedora”.

Nas primeiras páginas do livro assim é resumido ou definido o Governo do vice Fernando Collor: “Itamar pouco realizou, não teve metas a alcançar ou mesmo um elementar projeto governamental. Explica-se: ele jamais sonhou em receber de presente um mandato de dois anos como Presidente da República”.

A capacidade de síntese é uma característica de Reis de Souza. Eis como define, politicamente, e hoje embaixador do Brasil em Portugal, onde se encontra acompanhado da atual “namorada”: “Sob o aspecto ideológico, Itamar tem uma inclinação esquerdista, não tanto quanto gostariam socialistas, petistas, pedetistas, comunistas (ainda os há) etc, mas o suficiente para ser tolerado pela conservadora família mineira. Algumas de suas posições nacionalistas estão superadas a falar em modernidade e privatização- tônicas da fase encerrada- não encontra eco em seus planos. Tem fama de incorruptível”. (p. 10).

Reis de Souza é claro e direto, objetivo. Assim apresenta o ex-ministro chefe da Casa Civil de Itamar: “Henrique Hargreaves, Ministro Chefe da Casa Civil, pertence à “tchurma de Juiz de Fora” e foi uma eminência parda no Governo tampão de Itamar Franco. Acusado de corrupção, pediu demissão, foi demitido, foi ao Congresso e se absorveu. Foi reintegrado nas funções”. (Idem p. 32).

A leitura atenta de O GOVERNO ITAMAR FRANCO é indispensável, inclusive para que sejam pinçadas algumas definições interessantíssimas de altas figuras da República. Veja-se, por exemplo, esta de Inocêncio de Oliveira, o homem dos poços artesianos com recursos da SEDENE, em suas propriedades, à p. 72: “Inocêncio de Oliveira (que nome próprio mais inadequado à pessoa), presidente da Câmara dos Deputados, com voz melíflua, continuará a clamar pela “moralização do Congresso”, enquanto aprova e compactua com o mais elevado corporativismo em matéria de subsídios, nepotismo e ações para livrar de punição colegas anões e baderneiros”.

A descrição das figuras públicas mais importantes ou salientes da capital federal serve para que se apresente uma visão panorâmica da vida social metropolitana. E não resisto a transcrever, esta passagem sobre a queda em desgraça de uma das maiores figuras da recente corrupção brasileira (p. 99).

“O anão do Orçamento” João Alves é hoje uma figura maldita aqui na Capital. Não porque seja pobre. Continua milionário, pois a CPI não alcançou seus apartamentos, fazendas, aviões e automóveis. Escondido em sua mansão, saindo sempre à noite, não é mais recebido nos salões, pela sociedade ou mundo diplomático e até a classe política evita o polêmico e cassado como corrupto parlamentar baiano. E o jornal “Correio do Povo”, o diário de maior circulação na cidade, decidiu reviver os momentos de glória do ex-parlamentar e o fez em longa reportagem sobre petição dos advogados do economista José Carlos Alves dos Santos, delator do escândalo do Orçamento da União e apontado assassino de sua mulher Ana Elizabeth, ilustrada com fotos de políticos que frequentam a mansão dos Alves nas cinematográficas “festinhas” que promoviam. E entre abraços, beijos e cortêsias mil estão os nomes mais em evidências desta República Federativa do Brasil. Inocêncio de Oliveira, presidente da Câmara dos Deputados, aparece descontraído nos braços de João Alves, em fraterno amplexo. Mas a relação é grande. Empresários, magistrados, políticos, altos funcionários do Legislativo, todos bebericando o farto uísque, entre eles Ricardo Fiúza, Roseana Sarney, Ademar Sabino, Henrique Hargreaves, Amaral Neto, Messias Góes, Oswaldo Coelho, Sérgio Naya, Rose de Freitas, Amazonino Franco e Alcení Guerra são os que estão mais à vontade”.

O GOVERNO ITAMAR FRANCO é uma obra que se recomenda como documento jornalístico. Cobertura de uma época que ainda não acabou, apesar dos Reis de Souza que tem publicado certas verdades, que as pessoas parecem querer, obstinadamente, ignorar.

O Cidadão.

22/09/1995.

Data : 31/07/2005

Título : O Grupo Literário Nova Geração

Categoria: Artigos

Descrição: A década que se iniciou em 1970 foi marcada pela presença de um punhado de jovens que movimentaram o meio cultural passo-fundense.

O Grupo Literário Nova Geração

PAULO MONTEIRO

A década que se iniciou em 1970 foi marcada pela presença de um punhado de jovens que movimentaram o meio cultural passo-fundense.

Tudo começou com um poeta, Ubiratan Porto, que costumava divulgar seus poemas no Diário da Manhã e em O Nacional. Neste, mantinha uma coluna, Da Prosa ao Verso, dando espaço a outros autores contemporâneos.

Junto com José Epitágoras Vieira, seu amigo de infância, realizou pesquisas para a organização de uma Antologia Poética de Passo Fundo. Dessa obra, que nunca veio a lume, faziam parte, além dos organizadores, Jorge Luiz Niederauer de Lima, Emiliano Lemos, Maria Salete Tonial, Paulo Roberto Diehl, Sérgio Marchiori de Moura, Paulo Monteiro, Antonio Dipp Salton, Luiz Carlos Merlo e Vânia Schneider Vieira.

Em novembro de 1970, Ubiratan Porto divulgou, no Diário da Manhã, o longo artigo intitulado Uma Poética e Apresentação do Grupo de Poetas Componentes da Nova Geração, com dados biográficos e um poema de cada um daqueles autores jovens. Esses poetas, todos com idade entre 15 e 25 anos, costumavam reunir-se esporadicamente. A partir de maio de 1971, os encontros passaram a ocorrer todos os domingos. Evoluíram para a edição de uma coletânea poética intitulada Presença, impressa em mimeógrafo a tinta, reunindo poemas de nove autores: Ubiratan Porto, Sandra Maria Leidens, Paulo Roberto Diehl, Maria Salete Tonial, Sérgio Marchiori de Moura, Daltro Tadeu Diehl, Antonio Dipp Salton, Jorge Luiz Niederauer de Lima e Paulo Monteiro.



É importante salientar que o mimeógrafo era amplamente usado pelos poetas moços daqueles anos, formando a Geração do Mimeógrafo.

O otimismo era generalizado. No dia 4 de julho decidiram lançar uma revista literária, Presença. Doze dias depois vinha o reconhecimento público do grupo ao participar ativamente da solenidade promovida pela Academia Passo-Fundense de Letras, para lembrar o centenário de falecimento do poeta baiano, Antonio de Castro Alves. A 29 de julho era fundado o Grupo Literário "Nova Geração", e eleita a primeira diretoria: Ubiratan Porto, presidente; Sandra Maria Leidens, primeira secretária (e vice-presidente); Paulo Monteiro, segundo secretário, e Antonio Dipp Salton, tesoureiro. Além dos integrantes da coletânea poética Presença, Ceres dos Santos participou da fundação do grupo.

No dia 14 de agosto, "através de um festejado coquetel no Clube Juvenil", era lançado o primeiro número de Presença. O segundo, e último, somente sairia quase três anos depois, em julho de 1974, devido a problemas com a gráfica contratada. Os custos gráficos impediram a continuidade do periódico.

Os poetas, porém, não se intimidaram. Não saía a revista, mas as publicações continuavam, tanto que em abril de 1972, O Nacional começava a estampar a coluna Presença - É Nova Geração, divulgando entrevistas e trabalhos literários dos integrantes da agremiação. Em julho, dentro do programa Night Show, da Rádio Municipal, apresentado por Rubens Nodari, começou a ir ao ar o quadro Nova Geração Presente, que acabou sendo transferido para a Rádio Planalto.

Em 1973, o quadro de membros efetivos do grupo começou a se reduzir. Muitos, aprovados em vestibulares, mudaram para outras cidades.

Os remanescentes continuavam atuantes, tanto que em julho promoveram o I Concurso Colegial de Conto e Poesia, recebendo 140 trabalhos, muitos deles de cidades distantes. A premiação dos vencedores, a 13 de outubro, ocorreu no Salão de Atos e Ofícios da Faculdade de Direito. A solenidade repercutiu muito.

Na categoria poesia, os premiados foram: 1º lugar - Rosana Bier Vieira, do CENAV, com "Poesia"; 2º lugar - Pedro Lorenzi, Colégio Agrícola de Erechim, com "Prostituta da Chuva"; 3º lugar Maria Salete Zanchet, do Colégio Notre Dame, de Passo Fundo, com "Pedido de Paz"; 4º lugar - Ângela Maria dos Santos Garcia, da Escola Normal Rainha da Paz, de Lagoa Vermelha, com "Ar livre"; 5º lugar - Elaine Vargas Fortes, Colégio Notre Dame, com "Fragmentos". Foi conferido ainda um prêmio de incentivo para Sérgio Hilgo Berwig, do C. E. João Batista Sorg, de Carazinho, por seu poema "Instanvida", na poesia; e Vânia Sarembo Vieira, no conto, do Colégio Notre Dame.

Na categoria conto os primeiros colocados foram: 1º lugar: Vânia Sarenda Vieira, do Colégio Notre Dame, com "Esada Achada da Sanidade Perdida"; 2º lugar - Rosana Bier Vieira, do CENA V, com "Elas"; 3º lugar - Vilson de Oliveira Nunes, do CENA V, com "O Inverno"; 4º lugar - Simone Meredith, do Colégio Notre Dame, com "Asas e Pétalas"; 5º lugar - Mara Beatriz Pucci, da Escola Normal Oswaldo Cruz, Passo Fundo, com "Outono-tempo de Renovação". Foi conferido um prêmio incentivo a Cleusa Orieta Konig, do Colégio Centenário de Santa Maria, pelo conto "A Única Testemunha".

Apesar do lançamento do segundo e último número da revista *Presença*, em julho de 1974, o fortalecimento do grupo continuou nos anos seguintes, através da divulgação de trabalhos em jornais, rádios e murais nas principais escolas da cidade.

Em meados de 1975, o quadro de membros era de 43: Ubiratan Porto, Paulo Roberto Diehl, Sandra Maria Leidens, Paulo Monteiro, Vânia Schneider Vieira, Luiz Carlos Merlo, Sérgio Marchiori de Moura, José Epitágoras Vieira (Porto Alegre), Gilberto Franzen, Vlademir Rezende de Moura (Porto Alegre), Jussara de Fátima Vieira, José Rui Borges da Silveira (Santa Maria), Elisomero da Costa Moura, Ivete da Costa Moura (Lagoa Vermelha), Carlos Graeff Teixeira, Rosana Bier Vieira, Regina Teresinha Fonseca, Elaine Vargas Fortes, Celso Luiz Rodrigues (Santa Maria), Flávio Antonio Damiani, Alcione Carvalho Becker, David Cardoso (Caxias do Sul), Zélio José Pinceta (Caxias do Sul), Ito José Brandão, Sônia Borges Fortes, José Artur Diehl (EUA), Venseusa Trindade dos Santos, Lacer Jorge DalMaso, Wilson José Webber, Maria Margareth Rossal, Antonio João Ruschel, Ana Lúcia Guedes, René José Gobbi e Paulo Gilberto Dutra.

As reuniões eram seguidas, sempre com horas de arte, onde eram apresentados trabalhos dos integrantes do grupo. Nem sempre essas horas de arte eram pacíficas, pois os trabalhos mereciam considerações e análises dos presentes. E, o mais das vezes, os autores não aceitavam que as limitações de suas obras fossem tornadas públicas. Estimulavam, porém, que poetas e prosadores do Nova Geração procurassem melhorar a qualidade literária de suas produções.

Produzia-se muito, em prosa e verso, e lia-se bastante. Afinidades literárias e estéticas desenvolveram-se. Intensificava-se o intercâmbio de informações sobre autores. Aos poucos os poetas e escritores locais passaram a relacionar-se com escritores de outras partes do país, visto ser intensa a circulação de boletins literários e outras publicações culturais mimeografadas.

No ano seguinte, com sucesso ainda maior, era realizado o II Concurso Estadual de Conto e Poesia, dividido em três categorias: estudantes de 1º grau, 2º grau e universitários. Foram premiados os seguintes: Poesia (1º Grau): 1º lugar - Elisa Costa e Silva, de Torres, com "Artista"; 2º lugar - José Roberto de Brito, de Montenegro, com "Pensei"; 3º lugar - Marta Perón, de Bento Gonçalves, com "Em Busca do Fim"; 4º lugar - Roselaine Wanscheir, de Montenegro, com "Solidão"; 5º lugar - Márcia Cristina Goular, de Panambi, com "Maria". Conto (1º Grau): 1º lugar Maria de Fátima Rogério, de Palmeira das Missões, com "Um sonho impossível"; 2º lugar - Alessandra Beatriz Fernandes, de Novo Hamburgo, com "Meus cinco anos"; 3º lugar - Eliane Amaral Borges, de Palmeira das Missões, com "A pobre velhinha"; 4º lugar - Simone do Valle Muller, de Passo Fundo, com "País contrário"; 5º lugar - Márcia Regina Calvattis, de Ijuí, com "Você Jurou". Poesia (2º Grau): 1º lugar - Ivone Kader Umar, de Santa Maria, com "Sátira"; 2º lugar - Jaime Basso, de Carlos Barbosa, com "Ele? ... Quem é ele? ... "; 3º lugar - Elaine Cartel, de Porto Alegre, com "Mutações"; 4º lugar Paulo Ronei Ávila Fagundes, de Santana do Livramento, com "V sintonia para o vento"; 5º lugar - Ivani Maciel de Freitas, de Pelotas, com "Pensando". Conto (2º Grau): 1º Lugar - Rui Rogério Nobre, de Pelotas, com "Apocalipse"; 2º lugar - Liane Rossel Reinhardt, de Niterói (sic), com "O fundo do copo"; 3º lugar - Rui Rogério Nobre, de Pelotas, com "A dança da solidão"; 4º lugar - Lauri Kruger, de Ijuí, com "Quem"; 5º lugar - Vera Regina Antoniazze, de Passo Fundo, com "Para um ensaio". Poesia (Ensino Universitário): 1º lugar - Vera Beatriz Stumpf, de Erechim, com "Metamorfose"; 2º

lugar - Antonio Gilberto Folletto, de Catuípe, com "Absurdo"; 3º lugar - Natanael Prates Canabarro, de Passo Fundo, com "As flores que não mandei"; 4º lugar - Luiz Carlos Battistello, de Cruz Alta, com "Reflexos"; 5º lugar Augusto Xavier, de Passo Fundo, com "A procura da flor". Conto (Ensino Universitário): 1º lugar - Idalécio Moreira, de Lagoa Vermelha, com "Mandalete"; 2º lugar - Rogério Liska, de Tapejara, com "Noite de Sábado"; 3º lugar - Natanael Prates Canabarro, de Passo Fundo, com "Real ou Irreal"; 4º lugar - Idalécio Moreira, de Lagoa Vermelha, com "A Explicação"; 5º lugar Luiz Carlos Battistello, de Cruz Alta, com "A última flor".

Hoje, passados 30 anos, vemos a diversidade da produção literária do Grupo Literário Nova Geração. Havia de tudo, desde sonetos sofrivelmente metrificados, imitações de poetas românticos do século XIX, até tentativas de filiação às vanguardas descabeladas. Nada, porém, que não estivesse dentro do espírito da Geração do Mimeógrafo.

A premiação dos vencedores do II Concurso Estadual de Conto e Poesia revestiu-se de caráter festivo. Ocorreu no dia 13 de novembro de 1976, na boate do Clube Caixeiral, com a presença do prefeito Edu Vila de Azambuja, do vice-prefeito, Juarez Paulo Zílio, do Juiz de Direito Diretor do Foro, Idênio de Carvalho, do presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Benedito Hespanha e as mais importantes autoridades do município, além de grande público.

O Grupo Literário Nova Geração, após cinco anos de intensas atividades, chegava ao zênite. As publicações nos jornais continuavam, poetas e prosadores persistiam em suas produções, mas a mobilização foi diminuindo, restando iniciativas individuais como as desenvolvidas por Paulo Monteiro, através da publicação do jornal literário "Quero-Quero", que era enviado para 500 escritores de todo o país.

Durante os anos de 1979 a 1980, o Grupo esteve praticamente inativo; A 9 de janeiro de 1981, uma comissão de ex-presidentes convocava uma assembléia para decidir sobre a reorganização do Grupo. Da reunião, realizada no dia 15 seguinte, presidida por Paulo Roberto Diehl, membro fundador mais velho presente, tomaram parte Paulo Roberto Diehl, Ito José Brandão, Paulo Monteiro, Veneusa Trindade dos Santos, Marivone Terezinha Castelli e Milton Guimarães.

Decidiu-se pela continuidade do Grupo, elegendo-se uma nova diretoria, com Paulo Monteiro como presidente; Paulo Roberto Diehl, vice-presidente; Flávio Damiani, primeiro secretário; Milton Guimarães da Silva, segundo secretário; e Marivone Terezinha Castelli, tesoureira. Optou-se, ainda, pela ampliação, inclusive do quadro de membros correspondentes.

O plano não deu certo. Os custos gráficos inviabilizaram o relançamento da revista Presença.

Os tempos eram outros. Levados pela vida prática, muitos dos antigos integrantes do Grupo abandonaram a produção literária. Outros mudaram-se até mesmo para outros estados, e as dificuldades para congregar elementos mais jovens foram praticamente intransponíveis. O Grupo passou, e continuou mantendo publicações cada vez mais esporádicas na imprensa local. Nem mesmo a agregação de escritores de outros estados foi suficiente para manter a entidade, que durante mais de cinco anos, movimentou os meios culturais de Passo Fundo.

Em 23 de janeiro de 1982, era eleita a última diretoria do Grupo Literário Nova Geração. Paulo Monteiro foi mantido na presidência, tendo Paulo Roberto Diehl, como vice-presidente, Milton Guimarães da Silva, primeiro secretário, Flávio Damiani, segundo secretário e Marivone Terezinha Castelli, como tesoureira. O grupo ainda intencionava editar uma coletânea e adquirir um mimeógrafo, para divulgar trabalhos dentro do espírito que norteava a "Geração do Mimeógrafo", mas extinguiu-se nos meses seguintes.

Os jovens que fundaram o Grupo Literário Nova Geração, naquela noite fria de 29 de julho de 1971, tinham plena consciência de grupo, de geração literária. Sua contribuição, espalhada nas publicações que deixou (próprias ou na imprensa diária), representa um dos mais vigorosos documentos da literatura passo-fundense.

Quando relemos os "boletins literários" daqueles anos de chumbo, estamos diante de uma "geléia geral". O "é proibido proibir" era regra geral. Acolhiam-se, lado a lado, poemas vanguardistas, sonetos pretensamente parnasianos, e trovas, presas à camisa-de-força das exigências impostas pelas comissões julgadoras dos concursos de trovas e jogos florais, realizados em centenas de cidades brasileiras.

A produção do Grupo Literário Nova Geração insere-se dentro dessa época, e é por isso que nessa mesma época se encerra, quer dizer, é contida e concluída. É impossível estudá-la fora desse tempo. Por isso, também, muitos poetas abandonaram a literatura, que só teria sentido naquele período de trevas.

Assim, talvez pela primeira e única vez em sua história, Passo Fundo tenha tido um verdadeiro grupo ou grêmio de escritores, dentro do espírito mesmo da época literária vivida pelo país.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 23/02/1996

Título : O HOMEM QUE FOI UM SERMÃO

Categoria: Resenhas

Descrição: Há alguns meses recebi o livro A RESPOSTA DIVINA, de Stanley Jones (Imprensa Metodista, São Paulo).

## O HOMEM QUE FOI UM SERMÃO

por Paulo Monteiro

Há alguns meses recebi o livro A RESPOSTA DIVINA, de Stanley Jones (Imprensa Metodista, São Paulo). Li, mas não escrevi sobre ele. Algo me dizia que eu não deveria comentá-lo imediatamente.

Correu o tempo e outro dia passo na Livraria Sebo, atrás de alguma nova obra velha e recebo a informação de que volumes guardados durante cinco anos em uma garagem tinham sido doados à Livraria. Vou ver. Ali estão dois dos 29 livros de Stanley Jones: CRISTO Y EL COMUNISMO (Editora La Idea, Montevideo, 1936 e CRISTO E O SOFRIMIENTO HUMANO. Editorial Mocidade, São Paulo, s/d).

Chego a crer que esses livros ficaram tanto tempo guardados para auxiliar-me na redação deste artigo.

Stanley Jones nasceu em 3 de janeiro de 1884. Em 1907 fez sua primeira viagem à Índia. Em 1930 organizou um Ashram, uma escola rural cristã, espécie de retiro seguindo a tradição indiana, dedicado ao estudo do cristianismo e à evangelização. Em 8 de dezembro de 1971 sofreu um derrame e aproveitou a experiência para escrever seu testamento, o último livro. Faleceu em 25 de janeiro de 1973. Seu corpo foi cremado, parte de suas cinzas enterradas na Índia e parte nos Estados Unidos.

Para Jones, Jesus é o Sim divino. O cristianismo, para ele, sempre foi a religião da afirmação humana. Tendo passado boa parte de sua vida aos pés do Himalaia, no coração do território indiano e do misticismo oriental, escreveu muito sobre as velhas religiões daquela região, aproveitando bastante desses conhecimentos para os 60 mil sermões que pronunciou.

Além disso viveu no entrecruzamento de duas grandes correntes do pensamento contemporâneo: o ateísmo, que partindo da Europa avançou para o Oriente plantando raízes na China e no Sudoeste Asiático, e o mistério oriental que, sob forma de miríades de seitas e grupos pretensamente iluminados, invadiu o Ocidente.

Os dois livros de Stanley Jones, editados há décadas falam exatamente dessas duas correntes. Há entre eles e A RESPOSTA DIVINA uma ligação profunda.

Nem o ateísmo, nem o misticismo têm uma resposta duradoura para a realidade humana. São boas novas do não... Não ao homem-espírito ou não ao homem-pó: cristianismo traz o evangelho do sim. Sim ao homem inteiro, pó vivificado pelo espírito. Se para o ateísmo o homem acaba com a morte, para o misticismo o homem precisa retornar em espírito, milhões de vezes à terra para melhorar sua condição.

O homem de 60 mil sermões, que costumava repetir que “melhor do que pregar um sermão é ser um” e passou a vida ensinando que há apenas um caminho de afirmação humana, o caminho do Sim.

Fundamentalista bíblico, esse bispo metodista que renunciou ao cargo poucas horas após sua consagração, tirou do sofrimento pessoal forças para continuar seu trabalho. Praticamente todo o seu último livro, foi ditado ao gravador. Condenado pelos médicos à imobilidade permanente conseguiu voltar a andar, a falar e ainda pregou dezenas de vezes.

Para Stanley Jones o Reino de Deus é aqui, na Terra, e sustenta-se sobre dois princípios básicos: o amor a Deus e ao próximo. Profundamente realista, defende a tese de que o cristianismo, em essência, deve preocupar-se com questões objetivas.

Cristo não dizia os cegos que vissem com olhos espirituais, dava-lhes visão, aos paralíticos não incitava a andarem espiritualmente, fazia com que caminhassem com suas próprias pernas, e aos mortos não lhes “recomendava a alma”, para que tivessem vida eterna em um outro mundo, mas ressuscitava-nos em carne e osso.

A obra de Stanley Jones é de uma importância de tal magnitude que está a merecer um estudo mais aprofundado. Não é à toa que dois de seus livros tiveram milhões de exemplares vendidos. Seus escritos transcendem os limites das obras de evangelismo puro e avançam pelos terrenos da filosofia, da psicologia social e outros domínios científicos.

## O CIDADÃO

23/02/96

Data : 03/06/2014

Título : O homem que morreu de ler

Categoria: Crônicas

Descrição: João Simões Lopes Neto (1865-1916) é considerado o mais expressivo regionalista brasileiro, pelo menos no período anterior à Semana da Arte Moderna (1922).

João Simões Lopes Neto (1865-1916) é considerado o mais expressivo regionalista brasileiro, pelo menos no período anterior à Semana da Arte Moderna (1922). Dele escreveu Alfredo Bosi em sua clássica “História Concisa da Literatura Brasileira” (São Paulo: Editora Cultrix Ltda., MCMLXXVII, 2ª edição, 7ª impressão, p. 238):

“Dentro do quadro global do regionalismo antemodernista é nele que se reconhece imediatamente um valor que transcende a categoria em que a história literária só fixá-lo. É o “artista” enquanto homem que tem algo de si a transmitir, ainda quando pareça fazer apenas documentário de uma dada situação cultural. Seus contos fluem num ritmo tão

espontâneo, que o caráter semidialetal da língua passa a segundo plano, impondo-se a verdade social e psicológica dos entrecchos e das personagens”.

Após a publicação da primeira edição crítica de seus livros “Contos Gauchescos” e “Lendas do Sul”, em 1949, o reconhecimento de sua obra aumentou. Há tempos está assente que influenciou diretamente “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa.

Filho da aristocracia estancieira do Rio Grande do Sul sua vida é uma verdadeira aventura humana e intelectual. Faleceu pobre, sempre acompanhado pelo escravo Simeão, seu companheiro desde a infância.

Era tradição dos filhos da aristocracia escravista, tanto homens quanto mulheres, receberem uma espécie de pajem do seu sexo para acompanhá-los (a eles e a elas), como serviçais, ao longo de suas vidas. Nesses miseráveis exercitavam todo o poder individual que, mais tarde, exerceriam como opressão das “classes subalternas”. Não foi diferente com João Simões Lopes Neto e o “negrinho Simeão”.

Ivete Simões Lopes Barcelos, sobrinha do grande regionalista, em “Simões Lopes Neto na intimidade” (Porto Alegre: BELS/IEL, 1974) conta que ele se fechava em seu gabinete de trabalho lendo e escrevendo. A certa altura era interrompido por Simão, conforme conta a sobrinha e biógrafa, perguntando se ele queria o “mate”. E se divertia passando reprimendas de brincadeira, levadas a sério pelo serviçal, conforme ela conta à página 142.

Pois bem. As pessoas menos esclarecidas, via de regra, acreditam que o trabalho intelectual intenso pode levar à loucura e até a morte. Não foi diferente com o “pobre Simeão”, para usar palavras da própria Ivete.

Durante o velório de João Simões Lopes Neto, Simeão provocou uma das cenas mais emocionantes. Passo a palavra a Ivete, transcrevendo passagem que consta à página 149 do seu livro:

“Ali estavam os tios de sua idade, os seus maiores amigos, todos os familiares, as maiores personalidades de Pelotas, representantes de todas as associações do Município, da Imprensa e da Academia de Letras de Porto Alegre [a atual Academia Rio-Grandense de Letras, PM], da qual João Simões Lopes Neto fazia parte e, agachadinho num canto, clamando, afogado em lágrimas, o Simeão!

O irmão de leite pranteava o amigo de cinquenta anos e, alheio, às importantes figuras que o cercavam, dizia soluçando:

- Se Joãozinho tivesse ficado analfabeto, não tinha morrido! Foi, meninos! Foi a tal de leitura, que matou o meu amigo; ele vivia debruçado naquela porquera! E apontou a escrivinha. Gastando esirito [sic] com a escrituração...

Todos escutavam comovidos o estranho e eloquente linguajar de Simeão.

O negrinho tentou falar ainda, mas não pôde, estava sufocado pelo choro.

Mais de cinquenta pessoas comprimiam-se na sala, mas nenhuma ousou desmenti-lo.”

O “causo” promovido por Simeão é um grande exemplo para todos os escritores. Somente aqueles que, como João Simões Lopes Neto, “morrem de ler” sobrevivem como grandes escritores.

Data : 20/02/2015

Título : O homem que virava bugio

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem vive no Brasil e convive com brasileiros, seguramente, conhece histórias fantásticas tipicamente nossas. É o caso desta, que lhes conto sem aumentar um ponto.

Quem vive no Brasil e convive com brasileiros, seguramente, conhece histórias fantásticas tipicamente nossas. É o caso desta, que lhes conto sem aumentar um ponto.

Turíbio era um sujeito de uma força descomunal, firmada desde menino, através de uma espécie de sumô que começou praticando com terneiros, depois aumentada com novilhos e, por fim, com os touros da fazenda. Segurava os animais pelas guampas e só sossegava ao subjugar-los.

Ademais, o emprego do serrote e do machado, o levantamento e transporte de madeiras pesadas completavam a formação atlética desse Hércules caboclo. A indumentária característica: botas russilhoas, bombachas, guaiaca, lenço vermelho ao pescoço e o indispensável chapéu de abas largas, davam-lhe o aspecto de um desses campeadores imortalizados nas obras dos regionalistas rio-grandenses. Sem falar no pala abanando ao vento, no lombo de um cavalo ao qual não faltavam fivelas e outros complementos de prata legítima.

Tinha uma verdadeira fixação nas histórias de tesouros enterrados pelos jesuítas que reuniram os índios nas chamadas missões, às margens do Rio Uruguai, onde hoje é o território rio-grandense. Histórias, a bem da verdade, sobre as quais pesam mais os foros de lendas.

Pois não é que o Turíbio ficou sabendo de um local, às margens do famoso Caminho das Tropas, que ia de Sorocaba à Mesopotâmia Argentina, onde existiria um desses tesouros enterrados pelos padres inacianos. Conseguiu reunir um grupo de corajosos aventureiros, entre eles meu avô materno Álvaro Soares da Silva, que guardou a história dos fatos, que lhes conto. Sem acrescentar um ponto.



Armaram-se de pás, picaretas, cavadeiras e machados e bem municiados com rústicos candeeiros lá se foram, mato adentro, numa noite escura, à procura do tesouro jesuítico. Limparam bem a área e começaram a escavar. Não demorou muito para que dessem numa camada gordurosa e preta, que envolvia uma panela de ferro.

Compreenderam que se tratava de uma mistura de carvão e sebo de ovelha para proteger o invólucro metálico. Dito e feito. Limparam a camada protetora, retiraram a tampa, e lá estavam elas, centenas de moedas de ouro, brilhando à luz da lamparina primitiva.

De chofre, os aventureiros foram atacados por um bando de corujões de orelha. Defenderam-se como podiam e com as armas que tinham.

Esqueci-me de contar-lhes que Turíbio era exímio no choto, espécie de esgrima campeira. Iniciou-se armado de varas, enfrentando outros meninos; progrediu para o facão e, ao fim e ao cabo, tornou-se mestre no uso da espada. Arrancou do facão e começou a distribuir faconações naqueles monstros saídos das trevas.

Correram todos. Meu avô, a bem da verdade, incluiu-se no rol dos primeiros a correrem. Turíbio continuou só e sozinho permaneceu no combate contra aqueles seres demoníacos.

Amanheceu e nada do Turíbio aparecer. Desconfiados e reforçados por outros, os aventureiros da noite anterior retornaram ao local do combate. Encontraram as ferramentas, o buraco vazio, mas do Turíbio nada. Procuraram, e nada!

Ao longe, apenas um solitário bugio, emitia o grito característico. Superado o medo inicial, partiram para o local onde o bugio gritava. E aí o espanto foi ainda maior. Lá, no alto de um gigantesco pinheiro, Turíbio emitia os gritos estridentes do símio cantado ao som do acordeom pelos nossos homens do campo. Chamaram-lhe pelo nome. Trouxeram os pais e os irmãos e nada. O bugio, quer dizer, Turíbio não descia.

Pelo adiantado do dia, imaginaram que estivesse com fome. Trouxeram um prato apetitoso e nada do embruxado descer.

– Uma hora vai bater a fome e ele vai descer.

Concordaram todos e planejaram apanhá-lo à hora que descesse. Esconderam-se em silêncio. Meu avô armado com um sovêu, espécie de pequeno laço, usado nas mangueiras.

Dito e feito. Umás três horas depois, o bugio Turíbio deslizou pelo caule reto da velha araucária e se dirigiu para o prato. Era um autêntico representante daquele tipo simiesco. Até no andar.

Ao grito de um dos caçadores caíram todos sobre Turíbio. Foi uma luta tremenda, mas coseguiram dominá-lo e lá se foram para a casa onde ele morava, com o bugio, aos gritos, se debatendo enrolado no sovêu.

Como a madeira era abundante, organizaram um mutirão e construíram uma jaula, onde o homem bugio foi encerrado.

Rezaram terço, chamaram padre, pastor luterano, benzedores e benzedeadas. E nada. Até um mediu espírita compareceu. E nada. Turíbio continuava bugio. Passaram-se dias e semanas, até que nosso herói voltou ao normal. Mas de tempos em tempos recaía. E a aventura de capturar e enjaular o possesso continuava.

Ouvi muitas vezes esse caso, sob vários testemunhos de veracidade. Ao recordá-lo um pequeno detalhe fica martelando minha mente.

Turíbio jamais escondeu sua paixão por uma das minhas tias. Demasiadamente humana (ou não seria desumana) jamais quis namorar com ele. E eu fico sempre me perguntando: não seria a reedição real das histórias de príncipes encantados, desencantados pelo beijo de uma princesa apaixonada? Será que não faltou o beijo da mulher amada para um final feliz na história do homem que virava bugio?

Data : 10/06/2008

Título : O Humanismo Latino

Categoria: Artigos

Descrição: ...salientam os estudiosos do tema, o humanismo, a idéia de homem, assume ...

O Humanismo Latino

Há quase uma década intelectuais de todos os continentes têm dado continuidade a uma discussão iniciada em Treviso, na Itália, em novembro de 1977. O centro de toda essa mobilização chama-se humanismo latino. Em nosso país esse intenso debate está presente, materializando-se através de encontros e publicações.

O Rio Grande do Sul, onde imigrantes de origem italiana oferecem contribuição significativa para o povoamento e o desenvolvimento econômico, político e cultural, está integrado em toda essa ebulição intelectual.

A Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul contribui com essa discussão publicando obras que não podem ser ignoradas.

Em 2000 deu à lume *Globalização e Humanismo Latino*, organizado por Jayme Paviani e Arno Dal Ri Junior, reunindo uma seleção de conferências e comunicações apresentadas, entre 1997 e 2000, numa série de congressos realizados em diversas partes do mundo. Trata-se de livro básico para o entendimento do tema, em especial durante o início de toda essa mobilização. Em 2003 saiu *As Fontes do Humanismo Latino*, volume 1, organizado por Luiz Carlos Bombassaro, Jayme Paviani e Paulo Luiz Zugno, apresentando biografias, seleção de textos, comentários sobre essas passagens, desde os pré-socráticos, até renascentistas como Dante, Petrarca, Erasmo de Rotterdam, Montaigne, Giordano Bruno e João Amós Comênio.

O volume 2 de *As Fontes do Humanismo Latino* foi publicado em 2004, escrito por Ricardo Timm de Souza, apresentando a obra de alguns dos pensadores mais importantes dos últimos dois séculos. Ali encontramos homens como Henri Bergson, Georg Hegel, Sören Kierkegaard, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, cujas idéias mobilizaram milhões de pessoas, no sentido real do termo. Nesse mesmo ano circula o volume 3 de *As Fontes do Humanismo Latino*, organizado por Luiz Carlos Bombassaro e Jayme Paviani, destacando escritores e pensadores latino-americanos, mormente brasileiros. Há referências a tudo, desde a carta de Pero Vaz de Caminha, comunicando o “descobrimento do Brasil”, passando por autores do período colonial, chegando a contemporâneos nossos. Infelizmente, o espaço conferido a autores latino-americanos é pequeno.

Ainda em 2004 sai *As Interfaces do Humanismo Latino*, organizado pelos mesmos responsáveis pelo primeiro volume da série, contendo artigos e ensaios de pesquisadores de diversas partes do mundo. Destacam-se os trabalhos na área do Direito, onde o peso do *Corpus iuris civilis*, codificação elaborada por Justiniano entre 527 e 53 da era cristã, é muito grande.

A leitura desses livros da EDIPUCRS despertou minha curiosidade para os temas neles inseridos. Tenho chamado a atenção das “associações de italianos” existentes em Passo Fundo para essa discussão que ocorre em todo o mundo. Infelizmente muitos desses meus amigos têm feito ouvidos de mercador. Parece que estão mais interessados numa disputa de beleza entre os grupos. E nem sempre o perfume usado é dos melhores, como o demonstram certas cartas anônimas que circulam pela cidade. Até para o entendimento desse espírito faccioso a leitura dos livros da EDIPUCRS é fundamental.

Como a Itália é uma criação recente, materializada com o que aparece nos livros de História Geral com o nome de Unificação Italiana, os imigrantes que aqui chegaram

traziam nas mochilas o peso dessa divisão milenar. Eram famílias, representando estratos culturais diferentes, unidas apenas pelo “passaporte italiano”, que foram sendo distribuídas pelas colônias mais díspares. E é exatamente essa divisão quase que tribal que tem continuidade nas diversas associações que se digladiam entre si. Isso impede que assuntos verdadeiramente sérios sejam deixados de lado.

É quase unânime a concordância em que a grande contribuição do Império Romano, para o mundo foi a popularização da cultura grega. E isso não foi obra dos imperadores, dos patrícios, das classes dominantes. Foi a plebe, a soldadesca, o elemento que plasmou aquilo que se chama “civilização greco-romana”. Até mesmo as línguas neo-latinas, entre as quais se destacam o francês, o espanhol e o português, são obra da plebe. Tanto que a língua de Camões não descende diretamente do latim clássico, de Cícero e companhia, mas do latim vulgar.

Os romanos – que não produziram nenhum pensador à altura dos clássicos gregos – dividiam a humanidade entre o homo humanus, eles mesmos, os latinos e os gregos, e o homo barbarus, os demais povos. O que poderíamos resgatar como humanismo latino acabou sendo a grande obra das suas legiões. Mais do que pela força das armas, os soldados dos cézares entraram para a História pela força do cruzamento com os “povos vencidos”; mais do que impor o governo dos poderosos, impuseram a sua língua, isto é, a língua comum, o latim vulgar.

Como salientam os estudiosos do tema, o humanismo, a idéia de homem, assume “diversas modalidades de humanismo, como o anglo-saxão, o islâmico, o africano, o oriental, etc. e em vários tipos, como cristão, marxista, existencialista, etc.” (Jayme Paviani, *O Humanismo Latino no Processo de Globalização*, in *Globalização e Humanismo latino*, ed. cit., p. 27).

Faço uma conclamação a tantos quantos se preocupem com as verdadeiras ligações entre Brasil e Itália para que leiam – e mais do que ler procurem entender – esses livros com o selo da EDIPUCRS. E concito a todos aqueles que se indignam com a barbárie globalizada para que discutamos o humanismo. Por que não começarmos discutindo o humanismo latino.

Data : 30/06/2001

Título : O maior Editor Gaúcho

Categoria: Resenhas

Descrição: A Igreja Católica possui uma Infinitude de santos. Para todas as causas, possíveis e impossíveis. Talvez, daqui há muitas décadas, o santonal seja enriquecido com mais um nome: São Rovílio...

## O maior Editor Gaúcho

Paulo Monteiro

A Igreja Católica possui uma Infinitude de santos. Para todas as causas, possíveis e impossíveis. Talvez, daqui há muitas décadas, o santonal seja enriquecido com mais um nome: São Rovílio, o protetor dos livros e dos escritores.

Para comemorar os "66 anos de vida e 40 de sacerdócio de Frei Rovílio Costa, 125 anos da imigração italiana e 175 da imigração alemã no Rio Grande do Sul, 500 Anos de Descobrimento do Brasil", o professor Antonio Suliani reuniu uma centena de autores, enfeixando seus trabalhos numa poliatéia de 1.168 páginas, publicada pela EDIPUCRS, sob o título de Etnias & Carisma.

Rovílio Costa nasceu em Veranópolis a 20 de agosto de 1934. Formado em escolas franciscanas, foi ordenado sacerdote em 1960. Professor e polígrafo, consagrou-se como escritor. Desde 1972 já editou mais de 2000 títulos, através das Edições EST.

A centena de trabalhos constantes do volume avançam pelos temas mais variados, especialmente sobre teologia e colonização europeia no Rio Grande do Sul. Esses temas sempre estiveram na pauta editorial do homenageado. E importante salientar alguns depoimentos sobre a personalidade de Rovílio Costa.

Luis Alberto De Boni(págs. 672/682) conta sobre a decisão de publicar a Suma Teológica de Tomás de Aquino. A Editora Vozes, procurada para ser parceiras da edição, entendeu necessário buscar recursos no exterior. Rovílio decidiu editar no Rio Grande, mesmo. A EST, a Editora Sulina e a Universidade de Caxias do Sul aceitaram o desafio e a obra acabou sendo sucesso editorial.

O frei editor – continua De Boni– sempre buscou "editar aquilo que outros não se dispunham a fazer. Assim, durante um certo período, publicou muito sobre o Rio Grande do Sul, mas, um belo dia, disse-me, com ar de felicidade: "Que bom, o Martins (Livreiro) e o Roque (Jacoby) estão publicando muito sobre o Rio Grande; já enviei diversos autores para eles, pois posso dedicar-me a temas que a eles não interessam e que ninguém publica".

Nilton Bueno Fischer (págs. 830/835) depõe sobre o amor de Rovílio pelos livros, narrando as aventuras da livraria que manteve, durante anos, na PUCRS. Ali, conviviam em harmonia o comércio de livros e "um bom vinho da colônia, acompanhado de queijos também trazidos do interior".

Justa a homenagem pastada a Rovílio Costa. Justíssima porque ele ainda está vivo, longe daquela bondade tão comum, que iguala todos os mortos, independentemente da vida porefes levada. Frei Cândido de Veranópolis, irmão dos livros e de seus autores, em silêncio, vem escrevendo um dos capítulos mais exemplares da história cultural gaúcha.

Do Jornal  
Rotta  
Junho de 2001

Data : 29/06/2009

Título : O MAIOR POETA DO BRASIL

Categoria: Artigos

Descrição: Apesar de consagrado sempre procurou aproximar-se ...

## O MAIOR POETA DO BRASIL

O catarinense Luiz Delfino é uma das figuras mais intrigantes da Literatura Brasileira. Filho do aventureiro português Tomás dos Santos e da mulata Delfina Vitorina de Oliveira nasceu a 25 de agosto de 1834, em Desterro, hoje Florianópolis, e faleceu no Rio de Janeiro a 31 de janeiro de 1910. Poeta, em sua longa vida conviveu com três escolas literárias diferentes: Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo. Um dos mais prolíficos autores, em vida, publicou apenas um pequeno volume de versos. Tornou-se uma lenda, atribui-se-lhe mais de cinco mil poemas, a maioria sonetos. Sua obra foi editada postumamente pelo filho Tomás Delfino e, recentemente em dois alentados volumes pela Academia Catarinense de Letras.

Tomás dos Santos deixou a mulher e uma filha em Portugal, partindo para fazer a vida no Oriente. Ao retornar não mais as encontrou. Rumou para a Amazônia, onde se envolveu em aventura amorosa com uma fazendeira. Migrou para o Rio de Janeiro, onde se associou a um comerciante lusitano. Dali partiu para Santa Catarina, onde casou com a mulata Delfina, em homenagem da qual criou o sobrenome Delfino, acrescentado aos nomes dos filhos.

Luiz e seu irmão Antônio, em 1850, foram levados pelo pai para estudarem no Rio de Janeiro. Entregues aos cuidados do também comerciante e português Luiz Antonio Alves de Carvalho, Luiz, que já era poeta, preparou-se para cursar Medicina, e integrou-se à vida literária da época. Sete anos depois, já consagrado como poeta, conclui o curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No final de 1858 casa-se com Maria Carolina Puga Garcia, de 17 anos. Já ganhara dinheiro, como médico, e era considerado o mais promissor poeta de sua geração.

Enriquece e dedica-se à especulação imobiliária, como proprietário de diversos imóveis espalhados pela cidade. Ingressa na Maçonaria, e chega a negar sua condição de poeta, pois havia muito preconceito contra escritores.

Conheceu outro mulato famoso, Machado de Assis, mas nunca se deram bem. Tanto que ao ser fundada a Academia Brasileira de Letras, apesar de contar com diversos admiradores entre os primeiros imortais e a consagração da crítica, seu nome jamais constaria entre os acadêmicos. Veto do autor de Quincas Borba e seu grupo? Ao certo não se sabe, mas muitos escritores menores constavam entre os fundadores.

Rico e famoso ambicionou uma vaga na Câmara dos Deputados por Santa Catarina, em 1862. Não o conseguiu, mas realizou o sonho ao ser eleito senador para a Constituinte Republicana, em 1890. No Senado, destacou-se como um parlamentar preocupado com a cultura.

Consagrado como hugoano, nos mil e oitocentos e oitentas, troca os longos e grandiloqüentes poemas pelo soneto. Causa sensação e adquire elogios de jovens escritores, como Arthur Azevedo. Em 1882 é desancado por Sílvio Romero, conhecido adversário dos escritores do Sul, no livro “O Naturalismo em Literatura”. Essa opinião mudaria mais tarde, ao assumir, no Senado, a defesa de uma pensão para a viúva de Tobias Barreto.

Sílvio Romero, um dos responsáveis pela consolidação do cânone literário brasileiro muda radicalmente a opinião a respeito do poeta catarinense. Passa a considerá-lo “o maior poeta vivo do Brasil”.

Elogiado por um dos corifeus da crítica literária nacional, requisitado pelas novas correntes (parnasianos e simbolistas), realizado o sonho de ascensão política, ao participar da Primeira Constituinte Republicana, Luiz Delfino enfrentou desilusões na vida pessoal e na vida pública. A morte prematura de um dos seus filhos e a violência da consolidação da república lhe causaram grandes amarguras. Arranjou uma amante e abandonou a política.

Discreto, a morte do filho é transformada num soneto conhecidíssimo: “A Filha Morta”. A amante foi um verdadeiro caso de amor proibido. Ele, com 62 anos e ela com menos de 20. E sua afilhada, ainda por cima. Inspirou-lhe muitos sonetos líricos, sob o nome de Helena e deu nome a uma de suas netas.

Eis um dos sonetos inspirados pela afilhada Eugênia Caldeira:

#### A DEUSA

O seu pescoço esplêndido e robusto  
Implantado às espáduas fortemente,  
Presta-lhe um ar olímpico e imponente;  
De Vênus dá-lhe gesto altivo e augusto;

E sustém-lhe a cabeça bela: é justo,  
Porque dos deuses vem; e se presente  
No andar, na voz, no riso negligente:  
Metete em tudo, que a cerca. Estranho susto:

Tão grande e superior ela parece,  
Que não é muito a admiração e o espanto:  
Segue-se ao espanto o amor; ao amor a prece.

És tu, Helena, a deusa, o enleio, o encanto:  
É de ti, que, em mim só, todo um céu desce:  
A ti meus olhos, como a um céu, levanto...

Foi um romance tórrido, que durou pouco mais de três anos. Eugênia conheceu um jovem comerciário, Oscar de Carvalho Azevedo; rompeu o caso com o padrinho. Casou-se, mas continuou inspirando sonetos ao poeta.

Luiz Delfino, consagrado pela crítica e ídolo de jovens poetas, que o elegeram Príncipe dos Poetas Brasileiro, através da revista simbolista Vera Cruz. A coroação ocorreu durante uma festa espalhafatosa a 29 de dezembro de 1898.

Luiz Delfino viveu os últimos anos de vida, recolhido ao seio da família, brincando com os netos, recebendo poetas mais jovens... E cobrando os inquilinos, até cerrar para sempre os olhos, à uma hora da tarde do dia 31 de janeiro de 1910.

Apesar de consagrado sempre procurou aproximar-se do mulato Machado de Assis. Este, conforme conta Ubiratan Machado, autor de "Vida de Luiz Delfino", editado pela Universidade Federal de Santa Catarina e o Senado Federal, em 1984, sempre procurou manter distância do mulato catarinense.

Ubiratan Machado, após analisar diversas hipóteses para o fato de Luiz Delfino ter ficado fora da Academia Brasileira de Letras, conclui pela recusa a participar do sodalício, sob a hegemonia do autor de Dom Casmurro. E assim resume sua conclusão, à página 160 da biografia em epígrafe:

"Qual seria o verdadeiro motivo da recusa? A fase de intenso sofrimento que atravessava, como veremos no capítulo seguinte? Ou o desinteresse seria conseqüência de um possível atrito com Machado de Assis? É provável que seja o resultado da soma de ambas as causas. Alguns contemporâneos observaram que, a partir de certa época, Delfino e o criador de Brás Cuba passaram a se evitar. (...)".



O porquê de aquele que chegou a ser considerado o maior poeta vivo do Brasil, há um século atrás e foi eleito Príncipe dos Poetas do Brasil estar hoje esquecido deve-se ao fato de não ter editado em livro sua vasta obra. E não o fez por ser pão-duro por que, ao contrário do que acontece à maioria dos escritores, não lhe faltavam dinheiro e talento.

Assim, quando com críticos como Sílvio Romero e José Veríssimo, seus contemporâneos, começou a firmar-se o cânone literário brasileiro, sua obra jazia esparsa por jornais e revistas, o que limitou o trabalho dos historiadores. Bela lição sobre a importância do livro.

Livros para leitura e análise devem ser enviados para o seguinte endereço postal:

Paulo Monteiro

Caixa Postal 462

CEP: 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Data : 18/09/2014

Título : O Major Latrina

Categoria: Crônicas

Descrição: A história do nosso herói começou em 1923, quando sentou praça na Brigada Militar.

A história do nosso herói começou em 1923, quando sentou praça na Brigada Militar. E dizia-se à boca pequena que se tornara célebre já no dia 5 de maio daquele ano ao decapitar o famoso degolador maragato Adão Latorre, único morto no Combate de Santa Maria Chico. Essa decapitação valeu-lhe as divisas de cabo, “por ato de bravura”.

Depois, andou perseguindo a Coluna Prestes, onde conquistou o posto de sargento. Pouco depois, seguiu na guarda pessoal de Getúlio Vargas, na Revolução de 30. Ao saber que um dos seus velhos camaradas morrera na Frente de Itararé foi até Vargas, pedindo que o mandassem para o local dos combates, em substituição ao amigo. Isto lhe valeu mais uma promoção por bravura. Mais tarde, em 32, andou sempre ao lado do famoso “Pé no Chão”, célebre pela matança de paulistas a facão.

Um dia resolveu ingressar na política. E começou concorrendo a vereador. Arrumou um cabo eleitoral, que era a sua sombra. Passou a andar pelos bolichos, discursando, cabeleira solta e gestos largos. E pagando cachaça para o “gambazedo”.

Uma bela noite, quando um jovem militante seu apresentava os oradores de um comício aconteceu o inaudito.

– E agora, um herói! Herói da Revolução de 23! Herói da Revolução de 30! Herói da Revolução de 32! O nosso companheiro, o Major....

Uma sonora gargalhada ocorreu nos fundos do comício, que na verdade era a parte da entrada. E alguém disse aos ouvidos do apresentador:

– Impossível! Impossível! O Major não vai poder falar!

O rapaz espirou fundo e continuou:

– Infelizmente não poderemos ouvir nosso candidato a vereador, sob nº ..., que por um motivo de força maior precisou se afastar do nosso comício.

Mais tarde a notícia espalhou-se. Após pagar cachaça e beber fraternalmente com seus eleitores, o Major Mouro, caíra na patente ou latrina existente aos fundos do salão onde se realizava o comício. Após retirar o grosso da “cheirosa matéria” em que acabara envolvido, com um belo banho de mangueira, o “herói” de tantas guerras pátrias, saíra vestindo uma roupa emprestada. Ao seu lado, dirigindo o Simca Chambord do candidato, o inseparável cabo eleitoral.

Morria ali o Major Mouro e nascia o Major Latrina.

Data : 12/11/2010

Título : O Massacre de Porongos completa 166 anos de história e 60 de reconhecimento oficial

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos episódios mais trágicos e discutidos da História do Rio Grande do Sul ...

O Massacre de Porongos completa 166 anos de história e 60 de reconhecimento oficial

Um dos episódios mais trágicos e discutidos da História do Rio Grande do Sul completa 166 anos neste dia 14 de novembro de 2010.

Às primeiras horas (madrugada) daquele dia a fração do Exército da República Rio-Grandense, comandada pelo general David Canabarro, estava acampada no Serro dos Porongos, no atual município de Pinheiro Machado, quando foi atacada pelas forças imperiais comandadas pelo coronel Francisco Pedro de Abreu, mais conhecido pelas alcunhas de Chico Pedro e Moringue.

Apesar de avisado de que Chico Pedro estava por perto, Canabarro zombou da situação, dizendo que se o Moringue sentisse o cheiro dele (Canabarro), correria.

Em vez de prevenir-se, mandou retirar as armas de fogo dos lanceiros negros, na tarde do dia 13 de novembro de 1844. Pela madrugada os revolucionários (“bandidos” como dizia o Barão de Caxias) foram atacados. Peleando no escuro, e mal armados, os lanceiros negros salvaram seus camaradas.

Canabarro, segundo consta, fugiu quase pelado da barraca da Papagaia, mulher do boticário, que servia de médico aos revolucionários.

Algum tempo depois, apareceu um ofício assinado pelo Barão de Caxias dando as coordenadas para que Chico Pedro atacasse os farroupilhas, matando principalmente os negros e poupando o sangue dos brancos.

É uma história comprida que divulgo em meu artigo O Massacre de Porongos e a Capitulação de Ponche Verde, disponível em diversos sítios da Internet e no meu livro O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas.

Muito se discute se o documento do Barão de Caxias é falso ou verdadeiro.

Para mim é verdadeiro. Em 1950, sob a chancela (aquele carimbo vazado) do Ministro do Exército, e sob o nome deste Canrobert Pereira da Costa, o documento foi publicado pela Imprensa Militar, do Rio de Janeiro, de Ofícios do Barão de Caxias de 1842 a 1845.

Tive a oportunidade de mostrar essa obra a diversos advogados experientes e a conclusão de todos eles é uma só: é documento. Ninguém pode discordar da veracidade de que houve um acordo entre os generais Luiz Alves de Lima e Silva, Barão de Caxias, e David Canabarro, então comandante do Exército da República Rio-Grandese para matar os lanceiros negros. O caso está, até prova legal em contrário, resolvido.

O Massacre de Porongos, há exatos 60 anos, foi reconhecido oficialmente pelo Ministério do Exército, como produto de um acordo entre Caxias e Canabarro. E ponto final.

ANEXO:

Carta de Caxias para atacar Porongos

Reservado – Sr. Cel. Francisco Pedro de Abreu, Com. Da 8ª Brigada do Exército - Regule V. S. suas marchas de maneira que no dia 14, às duas horas da madrugada possa atacar as forças a mando de Canabarro, que estará nesse dia no Serro dos Porongos. Não se descuide de mandar bombear o lugar do acampamento de dia, devendo ficar bem certo de que ele há de passar a noite nesse mesmo acampamento. Suas marchas devem ser o mais ocultas que possível seja, inclinando-se sempre sobre a sua direita, pois posso afiançar-lhe que Canabarro e Lucas ajustaram ter as suas observações sobre o lado oposto. No conflito poupe o sangue brasileiro o quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro. A relação junta é das pessoas a quem deve dar escápula, se por casualidade caírem prisioneiras. Não receia a infantaria inimiga, pois ela há de receber ordem de um

ministro de seu general-em-chefe para entregar o cartuchame sob o pretexto de desconfiarem dela. Se Canabarro ou Lucas forem prisioneiros deve dar-lhes escápula de maneira que ninguém possa nem levemente desconfiar, nem mesmo os outros que eles pedem, que não sejam presos, pois V.S. bem deve conhecer a gravidade deste secreto negócio, que nos levará em poucos dias ao fim da revolta desta Província. Se por acaso cair prisioneiro um cirurgião ou um boticário de Santa Catarina, casado, não lhe registre a sua bagagem, nem consinta que ninguém lhe toque, pois com ela deve estar a de Canabarro. Se por fatalidade, não puder alcançar o lugar que lhe indico, no dia 14, às horas marcadas, deverá desferir o ataque para o dia 15 às mesmas horas, ficando certo de que, neste caso, o acampamento estará mudado um quarto de légua, mais ou menos por essas imediações em que estiveram no dia 14. Se o portador chegar a tempo de que esta importante empresa possa se efetuar, V.S. lhe dará seis onças, pois ele promete-me entregar em suas mãos este ofício até às 4 horas da tarde do dia 11 do corrente. Além de tudo quanto lhe digo nesta ocasião, já V.S. deverá estar bem ao fato do Estado das coisas pelo meu ofício de 28 de outubro e, por isso, julgo que o bote será aproveitado desta vez. Todo o segredo e circunspeção é indispensável nesta ocasião, e eu confio no seu zelo e discernimento que não abusará deste importante segredo. Deus Guarde a V. S. Quartel-General da Província e Com.-em-Chefe do Exército, em marcha nas imediações de Bagé, 9 de novembro de 1844 - Barão de Caxias.

Apenso - NOTA IMPORTANTE DO COPIADOR, à p. 148 desta coletânea de ofícios de Caxias: Este ofício deve ser criteriosamente analisado. Há quem tenha suas dúvidas a respeito de sua autenticidade. No Livro 171 do Museu do Estado, ele está deslocado, isto é, foi copiado na última página do mesmo, pág. 249, enquanto o ofício que trata da parte do combate dos Porongos está na pág. 206. O Ofício a que se refere Caxias, de 28 de outubro, contendo o mesmo assunto, não foi possível descobrir. Esse ofício talvez elucidasse o assunto. Vide o que diz a propósito Alfredo Ferreira Rodrigues no Almanaque do Rio Grande do Sul de 1901. A defesa de A. F. Rodrigues de Canabarro me parece fraca. Julgo o documento legítimo, pois Francisco Pedro não teria nenhuma conveniência em divulgar um documento que lhe tiraria todas as honras de uma estrondosa vitória, como foi julgada a surpresa dos Porongos.

Data : 20/08/2013

Título : O Massacre do Rio Negro

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos episódios mais vergonhosos da História do Rio Grande do Sul ocorreu no dia 28 de novembro de 1893

Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Um dos episódios mais vergonhosos da História do Rio Grande do Sul ocorreu no dia 28 de novembro de 1893, no atual município de Hulha Negra, estação ferroviária de Rio Negro, às margens da Lagoa da Música.

No dia 24 de novembro o general João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares), comandante em chefe de todas as forças federalistas, acampou no Passo do Valente, ordenando que uma força sob o comando do tenente-coronel Valdomiro Rolim destruísse a linha férrea entre Rio Negro e Bagé. Ali permaneceu até as 2 horas da madrugada do dia 26, quando marchou para a estância de Hipólito Soares, reunindo-se com o general David Martins, ao clarear do dia. Marchou imediatamente para a estação de Rio Negro, ali chegando às 11 horas, após por em disparada uma força que tentou obstar-lhe a passagem.[1]

Francisco da Silva Tavares (Chico Tavares), irmão do general maragato, conta, em seu diário, com base em informações da imprensa uruguaia, publicadas em 5 de dezembro seguinte, que a uns 250 metros da estação, os republicanos, estenderam linha de resistência. Tiveram de entrincheirar-se e sempre que ali se erguia uma cabeça era estraçalhada pelos atiradores maragatos.[2]

Um grupo de republicanos entrincheirou-se numa casa de cerca de pedras, que foi desocupada, antes de clarear o dia 27, pelo Batalhão Antônio Vargas, da Divisão de Santana, comandado pelo major Bento Xavier, com a proteção de um piquete de lanceiros sob as ordens do coronel Boaventura Pereira Leite e do major Pedro Machado Leal. Mais do que proteger seus infantes, os lanceiros rebeldes, aos gritos de vida a revolução, enfrentando uma chuva de balas dos republicanos, passou pelo batalhão que protegia, levando os defensores da casa de encontro ao aterro da estrada de ferro.

Esta ação deixou os defensores confinados em uma casa e na estação e resultou na tomada de um vagão carregado de munições para Comblain, estacionado em frente à estação. Com essa vitória Joca Tavares ordenou que fosse entregue proposta para que os cercados se rendessem. O coronel Manoel Pedroso de Oliveira (Maneco Pedroso), com um piquete, saiu para comunicar a resposta do general Isidoro Fernandes de Oliveira de que ninguém se renderia enquanto existisse um soldado do 28º de Infantaria. A dar meia volta, o enviado de Joca Tavares "foi tocado à bala pelo piquete de Pedroso".[3] O combate durou até a noite, durante a qual foram efetuadas diversas tentativas de fugirem ao cerco, sempre repelidas pelos revolucionários.

O combate continuou até as 11 horas. Os sitiados levantaram bandeira branca, "pedindo general Isidoro garantias de vida para si e os oficiais do 28º de Infantaria, sendo os prisioneiros todos entregues na coluna do general David Martins".[4] Durante o resto desse dia e no dia seguinte os revolucionários se dedicaram encaminhar os feridos de ambos os lados a um hospital de sangue montado em casa próxima e a recolher material bélico encontrado na estação.

No dia 29 Joca Tavares mandou um próprio a Cerro Largo passando um telegrama ao ministro da Guerra em que era proposta a troca do general Isidoro e de todos os oficiais

do Exército feitos prisioneiros pelo seu irmão, coronel Facundo da Silva Tavares, preso em Porto Alegre. O ministro respondeu que aceitava a proposta desde que toda a força de linha fosse incluída. No dia seguinte Joca mudou o hospital de sangue para a Charqueada da Industrial Bageense, em Quebrachinho, mandando seu irmão, genro e afilhado coronel José Bonifácio da Silva Tavares (Zeca Tavares), com uma divisão, apertar o cerco sobre Bagé.

Em parte constante do Diário de Joca Tavares[5], assinando como "general", David Martins, conta que ele é quem recebeu o pedido de garantias de vida e que este foi feito pelo tenente-coronel Donaciano de Araújo Pantoja. Entretanto, não lhe foi possível comunicar que essa garantia só poderia ser dada por Joca Tavares, que não se encontraria nas proximidades. Não lhe foi possível comunicar isso porque ao chegar ao local tomado a confusão era muito grande.

David Martins afirma que o número de prisioneiros foi superior a 900 homens e que estes entregaram "304 Comblain, 154 reffles, 39 clavinas Minié, 10 Chassepot, 4 Remingtons de infantaria, 19 lanças e mais 25.000 cartuchos embalados de Nagant, e Winchester, 19.850 idem de Comblain e 110 ditos de Remingtons" (...). Lista, a seguir, oficiais superiores feitos prisioneiros, acrescentando que o número de mortos, entre oficiais e praças, foi de aproximadamente 400 e entre 90 e 100 feridos. Lista, dentre seus subordinados oito mortos e 32 feridos.

#### DOCUMENTO Nº

"Quartel do Comando do 4º Corpo do Exército Libertador em Operações na Fronteira de Bagé. - Parte. - Exmo. Sr. Em virtude dos deveres militares a que nos impusemos, a fim de libertar a pátria do jugo da ignóbil tirania implantada em nossa terra, pela ignóbil ditadura do Marechal Floriano Peixoto, cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. o ocorrido nas forças do meu comando, no combate ferido nos dias 26, 27 e 28 do p. pdo. No dia 26, a 3ª Brigada, ao mando do Corel Manoel Machado Soares, sob as ordens de sua exa. o General Pina, fazendo a vanguarda das forças do dito General, encontrando o inimigo nas proximidades da Estação do Rio Negro, com ordem do mesmo general, carregou sobre a força inimiga, obrigando-a a retirar-se às suas trincheiras. No mesmo dia, a 2ª Brigada ao mando do Cel. David Manoel da Silva, marchando na vanguarda das forças sob o meu comando, isto pela margem esquerda do Rio Negro, comunicou-me o dito Coronel ter encontrado o inimigo, em vista do que mandei que fizesse alto, ficando aí em observação, onde também ordenei a aproximação da 1ª Brigada ao mando do Cel. Ulisses Reverbel, formando por este modo um semicírculo às forças inimigas. À tarde do mesmo dia, sustentou a 1ª Brigada diversos tiroteios com as forças do inimigo. No dia 27, de acordo com as ordens de V. Exa., às 6 horas da manhã, ao começar o tiroteio das forças do General Pina e Coronel Zeca Tavares com as do inimigo, mandei carregar a 1ª e 2ª Brigadas, o que, com seu nunca desmentido valor, fizeram, conseguindo desalojar o inimigo de suas vantajosas posições (casas em que se ocultavam, terraplano da estação e outras) obrigando-o imediatamte a recolher-se de novo às suas trincheiras. E aí, por ordem de V. Exa., conservou-se o inimigo em sítio, desde às 8 horas da manhã até às 11 do dia 28, hora em que de seu reduto, baixando a bandeira de guerra, içaram a de parlamento, e, como ao encontro de seus enviados fosse imediatamte o Tente-Cel Francisco Wenceslau Pereira, que trazendo-me este a comunicação de que o Tente-Cel

Pantoja, no comando daquela guarnição, entregaria o reduto mediante garantia de vida para si e seus comandados; para cuja resposta ordenei ao cidadão Paulino Vares, que anteriormente prestara durante o combate valiosos serviços, que se dirigisse de novo ao reduto e comunicasse aos suplicantes, que, de meu arbítrio, aceitava a rendição com a garantia pedida para os criminosos políticos. Dependendo, no entanto, esta resolução, da aprovação de V. Excia. o General em Chefe cidadão João N. da Silva Tavares, que dentro de duas horas se acharia no lugar do sítio. Porém, não me foi possível, pela aglomeração de forças que se dirigiam à trincheira, tendo em vista garantir a ordem rendendo-se então o inimigo em número superior a 900 homens, entregando 304 Comblain, 154 reffles, 39 clavinias Minié, 10 Chassepot, 4 Remingtons de infantaria, 19 lanças e mais 25.000 cartuchos embalados de Nagant, e Winchesters, 19.850 idem de Comblain e 110 ditos de Remingtons, cujo armamento e munições acham-se distribuídos por diversos Corpos. Entre os prisioneiros contam-se os seguintes oficiais: Marechal Isidoro Fernandes de Oliveira, Tente-Cel. Donaciano de Araújo Pantoja, Major Eduardo Augusto Ferreira de Almeida, Major (patriota) Francisco Antônio Meirelles (por alcunha Matão); Capitães Luís Manoel da Silva Dauto, Joaquim Maria Soares, Camilo Brandão, Tenentes Leôncio Xavier da Silva, Armando Sires, Vicente Ferreira Alves, Horário Castro Canto, Leopoldo Dantas do Amaral, e os Alferes Miguel Rodrigues Barcellos, Inácio Fontoura Parrot, Laurindo Vieira, Idalício Basarem Ferreira, Napoleão Cavalcante, Antônio da Cunha Mesquita, Artur Gomes, Custódio Lopes Pereira, Virginio Antônio de Campos, José da Costa Vasconcellos, José Figueira Neves, Luís Xavier e Francisco de Paula Costa, ficando mortos no Campo de Combate os seguintes Chefes governistas: Coronel Manoel Pedroso de Oliveira, Tente-Coronel João Alves, Tente-Coronel Candido Garcia, Tente-Coronel Ismael Proença, Tente-Coronel Utalis Lup, Tente-Coronel Rufino Nunes, outros oficiais superiores e subalternos atingindo o número de mortos entre oficiais e praças, aproximadamente a 400 homens e feridos de 90 a 100, mais ou menos. Temos a lamentar as baixas de nossos companheiros da 12ª Brigada, mortos: o Major assistente Modesto Alves, Capitão Caetano Emílio Palmeiro, Tente Antônio Altino Arosteguy e três praças de pret; feridos: Tente-Cornel Comandante do Batalhão Antônio Vargas Dr. Francisco Cabeda e os Alfres Leandro Vicênio, Serafim Pinto, Alexandre Napoleão Gomes, ex-aluno da Escola Militar, Aristóteles de Sena Braga e 16 praças de pret da 2ª Brigada, mortos: Alfres Avelino Bagestero e 10 Sargento Rufino Cherife; feridos: o Major Fiscal João Antônio Rita, Tente Paulino Lanha e 9 praças de pret. Fazendo justiça aos meus comandados, é de meu dever declarar a V. Exa. que, tanto os comandantes de Brigadas como de Corpos, demais oficiais e praças, portaram-se, como de costume, com o maior denodo, intrepidez e coragem possível; é que a sua bravura, apesar da justiça da nossa causa, torna-se invencível, o que afirmam os constantes triunfos de nossas armas; outrossim, o meu Estado Maior, não menos valor ostentou durante o Combate, prestando-se para todo o serviço, sem distinção de lugares ou ocupações. Aproveito a oportunidade para congratular-me com V. Exa. pela esplêndida vitória alcançada pelas nossas forças, onde mais uma vez a razão esmagou o erro. Saúde e Fraternidade Ao Exmo. Sr. General João N. da Silva Tavares, Digno General em Chefe do Exército Libertador (Assim.) David Martins Gral"

Um detalhe que os historiadores da Revolução Federalista ignoram, sistematicamente, é a denúncia feita pelo coronel Marcelino Pina d'Albuquerque, a general Joca Tavares, em

15 de setembro de 1893, sobre um plano preparado pelos republicanos para envenenar os chefes federalistas. Para conseguí-lo, infiltrariam um agente entre os revolucionários.[6] Em novembro de 1893 era grande o número de praças que desistiam de Bagé e de outros pontos, apresentando-se aos revolucionários. Dentre os desertores estava Raul Maurell. Falava mal dos governos de Floriano Peixoto e Júlio de Castilhos, o que deve ter levantado suspeitas entre os maragatos. Joca Tavares recomendou ao coronel Noronha que assim que Maurell se apresentasse fosse encaminhado ao comandante militar supremo da revolução. Levado à presença do tenente-coronel, o desertor foi retirar do bolso um lenço e, do meio deste caiu um vidro, "em cujo rótulo lia-se - "Estriquinine - Christalissée - estava a rolha lacrada e com a sineta da Farmácia Paris. Ao fim e ao cabo confessou que o veneno lhe fora entregue pelo marechal Isidoro Fernandes de Oliveira, com a promessa de que se conseguisse envenenar os chefes federalistas seria promovido a alferes e receberia uma grande gratificação. Submetido a conselho de guerra, foi condenado à morte, mas acabou sendo perdoado por Joca Tavares que, que o conservou em seu piquete e, mais tarde, a seu pedido, deixou que partisse para o Uruguai.[7]

Raul Maurell, no Rio Negro, ao ver o marechal Isidoro Fernandes de Oliveira prisioneiro, insistiu, acompanhado por diversos oficiais federalistas para que fosse feita uma acareação entre ambos sobre a questão do envenenamento. Joca negou-se a permiti-lo, pois Isidoro era marechal do Exército Brasileiro. Na verdade, como se viu acima o general maragato queria mesmo era usar o prisioneiro como moeda de resgate para a liberdade de Facundo Tavares.

Como vimos antes, no dia 30 Joca Tavares deixou o local do combate do Rio Negro, passando a comandar pessoalmente o cerco a Bagé. Ali, no dia 4 de dezembro, recebeu, através do médico Pedro Osório, do farmacêutico Armando Loureiro e do dr. Veríssimo Dias de Castro, um ofício do coronel Carlos Telles noticiando que recebera informações levadas por mulheres procedentes de Rio Negro e outros lugares de que todos os oficiais e praças, rendidos em Rio Negro, inclusive os feridos do 28º de Infantaria e até mesmo seu comandante, tenente coronel Donaciano de Araújo Pantoja, haviam sido degolados.

Carlos Telles, com a energia que o imortalizaria mais tarde Euclides da Cunha em páginas famosas de Os Sertões, intima Pedro Osório, Armando Loureiro e Veríssimo Dias de Castro a irem à Charqueada da Industrial Bageense e que de lá conduzam para o hospital militar de Bagé todos os feridos do 28º Batalhão e ao acampamento onde estejam os prisioneiros, trazendo declaração assinada pelo tenente-coronel Pantoja de que está prisioneiro, para que a verdade seja restabelecida.

## DOCUMENTO Nº

Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé. Constatando por declarações feitas por mulheres vindas do Rio Negro e dos acampamentos revolucionários, que estes cometeram a infâmia de degolares todas as praças e oficiais prisioneiros rendidos no combate do Rio Negro, não escapando à degolação os míseros feridos, soldados do 28º de Infantaria e o seu distinto Comandante, Tente-Coronel Donaciano de Araújo Pantoja. E sendo certo que o chefe dos revolucionários, em grande parte estrangeiros mercenários, tem por intermédio do Dr. Pedro Osório e farmacêutico Amado Loureiro e outras pessoas, mandado declarar nesta cidade e ã guarnição do meu comando, que os prisioneiros



rendidos do Exército Brasileiro estão com vidas garantidas e bem tratados. Intimo aos cidadãos Dr. Pedro Osório, Dr. Veríssimo Dias de Castro e Amado Loureiro, a irem imediatamente à charqueada buscar os feridos do 28º Batalhão para serem recolhidos ao hospital militar, e ao acampamento dos revolucionários donde devem trazer declaração escrita e assinada do Tente-Crnel Pantoja de que está prisioneiro, a fim de que fique conhecida a verdade. Bagé 4 de dezembro de 1893 (Assim) Carlos Maria da Silva Telles - Crnel."

Em face do ofício de Carlos Telles, Joca Tavares mandou que seu estado maior acompanhasse a comissão ao hospital de sangue e que até ali fossem trazidos o tenente-coronel Pantoja e todos os seus oficiais do 28º que estivessem prisioneiros. Diante dos seus superiores e dos comissionados os feridos foram questionados se estavam bem tratados, o que confirmaram, e que queriam ser transferidos para Bagé, ao que se recusaram. Pantoja reuniu seus oficiais e redigiu uma declaração assinada por todos, dizendo que não tinham sido degolados, que estavam sendo bem tratados e que ali desejavam permanecer.

No mesmo dia Carlos Telles enviou nova correspondência a Joca Tavares em que o provocava por manter a cidade em longo cerco e, tocando nos brios do velho general, de certo modo desafiava-o a atacar Bagé. Em carta anexa protestava contra a proibição proibindo a entrada dos leiteiros, fazendo com que crianças pobres estivessem quase morrendo de fome. Protesta contra a destruição da linha férrea e o incêndio de pontes. Joca responde que oportunamente satisfará todos os desejos belicosos do adversário. E mais, se ele tem tantos alimentos como alardeia que os reparta com a população civil.

Voltando à degola de Rio Negro. Todos os historiadores atribuem responsabilidade direta pelo massacre ao coronel Zeca Tavares, irmão, genro e afilhado de João Nunes da Silva Tavares. Alguns como o norte-americano Joseph L. Love, citado por Carlos Reverbel, dizem que um único homem, o tenente-coronel mulato Adão Latorre, degolou todos os prisioneiros.[8] Reverbel afirma ser impossível uma única pessoa, sem o concurso de outras facas tenha cortado, ato contínuo, mais de 300 gargantas.

Os historiadores também divergem quanto ao número de prisioneiros executados, como podemos ver nesta passagem de José Patrocínio Motta: "Os governistas deixaram-se surpreender em campo raso e foram sitiados por todos os lados. Os revolucionários eram muito mais numerosos e dispunham da cavalcada recebida em São Sepé. Renderam-se os governistas e foram mortos 300 prisioneiros, inclusive o Cel. Manuel Pedroso, de Canguçu, segundo o historiador Ferreira Filho. Segundo Rocha Pombo, foram 400 ou mais os prisioneiros mortos".[9]

Cláudio Moreira Bento, apoiando-se nos Apontamentos Históricos para a Revolução de 1893, de Wenceslau Escobar, que a degola foi efetuada pelo uruguaio Adão Latorre, auxiliado por uma companhia de mercenários argentinos de Corrientes. O conhecido historiador militar afirma que, à exceção de uma alferes do Exército de nome Napoleão e de um outro oficial do 28º BI, que protestaram contra a degola dos prisioneiros, e foram fuzilados, todos os outros executados eram civis. Um oficial civil, de Pinheiro Machado, suicidou-se para evitar a degola.[10]

O "alferes Napoleão" de que fala Cláudio Moreira Bento, deve ser o alferes Napoleão Mesquita, listado entre os prisioneiros que constam na Ordem do Dia assinado pelo coronel maragato David Martins.

Os prisioneiros foram recolhidos, como se gado fossem, a uma mangueira de pedra, usada para conter animais, e dali eram retirados para serem degolados. Muitos foram lançados dentro de uma lagoa, o que gerou a lenda de que, à noite e ouvido o toque de um clarinista ali executado. Daí o nome que se popularizou de Lagoa da Música.

Verdade ou lenda, é repetido o diálogo que teria havido entre o coronel Manuel Pedroso de Oliveira e Adão Latorre.

- Adão, quanto vale a vida de um homem valente e de bem?
- Valente, sim. De bem... não sei. A vida de um homem valente muito, a tua não vale nada. Está no fio da minha faca, não há dinheiro que pague.
- Pois então degola, negro filho da puta.[11]

E acrescenta que segundo a história oral, após esse ligeiro diálogo, Maneco Pedroso firmou-se num arbusto e ergueu a cabeça para favorecer o trabalho do algoz.

Parte dos executados foi lançada dentro da lagoa e parte amontoados sobre uma grande fogueira, onde foram queimados. Diversos tiveram as cabeças decepadas e erguidas sobre estacas. As chamas e a fumaça, como pano de fundo para as cabeças erguidas, tornavam o cenário ainda mais macabro.

Em nota ao seu diário Joca Tavares reconhece a degola, mas tenta justificá-la nos seguintes termos:

"As baixas do inimigo nesse combate nos dias 26, 27 e 28, (segundo as partes) atingiram de 280 a 300 homens, havendo em um banhado próximo ao reduto da força do governo, um piquete de 15 homens federalistas, todos degolados, que saíram em reconhecimento e foram pegos pelo famigerado assassino Cândido Garcia, das forças governistas.

Muito se falou na matança do Rio Negro, não foi como exploraram, contaram como assassinados todos os corpos que encontraram no campo e reduto, (esquecendo-se da hecatombe do Boi Preto, onde sem haver guerra, degolaram impunemente duzentos e muitos federalistas em um só dia). No Rio Negro, foram passados pelas armas somente os ladrões e assassinos de maior nomeada, já denunciados em documento público e oficial, João B. da Silva Telles, e em número de 23, cujos indivíduos, em virtude das ordens que tinham do governador do Estado, e sabendo com isso serem agradáveis ao seu chefe Castilhos, matavam a todos os adversários que encontravam, e quando a vítima era de posição social, ou influência política, trucidavam o cadáver, mandando as orelhas de presente ao seu chefe".[12]

O documento a que Joca Tavares faz referência é um telegrama expedido de Bagé pelo general João Telles ao presidente Floriano Peixoto, à 2 de novembro de 1892, onde consta a seguinte passagem:

"Os coronéis Mota e Pedroso chefes republicanos em Canguçu e Piratini e mais o Tem. Cel. Cândido Garcia aqui de Bagé, são os maiores ladrões e bandidos do Rio Grande e a eles se deve este estado de Coisas".

Em outra parte do telegrama há este trecho explícito:

"V. Excia. Não faz idéia dos horrores que aqui se tem praticado. Os assassinatos são em número muito elevado, pois por toda a parte, se degola homens, mulheres e crianças como se fossem cordeiros".[13]

---

[1] Tavares, João Nunes da Silva. Diários da Revolução de 1893, Tomo II. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público, 2004. Páginas 70 e 71.

[2] Tavares, Francisco da Silva. Diários da Revolução de 1893, Tomo I. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público. 2004. Página 146.

[3] Tavares, João Nunes da Silva. Op. cit., p. 72.

[4] Tavares, João Nunes da Silva, Id. P. 72.

[5] Tavares, João Nunes da Silva, lb. Págs. 73 a 75.

[6] Tavares, João Nunes da Silva. Diários. Págs. 55 e 56.

[7] Toda essa história, em seus mínimos detalhes, está narrada por Joca Tavares, entre as páginas 63 e 66, da edição em epígrafe.

[8] Reverbel, Carlos. Margatos e Pica-paus. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985. P página 55.

[9] Motta, José do Patrocínio. Causas e Efeitos da Revolução de 1893, in Fontes Para a História da Revolução de 1893. Bagé: FAT/URCAMP. Página 88.

[10] Bento, Cláudio Moreira. História da 3ª Região Militar. 1889-1953, Volume II. Porto Alegre, s/ ed. 1995. Página 98

[11] Reverbel, Carlos. Op. cit. Páginas 53 e 54.

[12] Tavares, João Nunes da Silva. Id. Pág. 72.

[13] Detalhes sobre esse telegrama podem ser conferidos na História da 3ª Região Militar, 1889-1953, Volume II, de Cláudio Moreira Bento. Páginas 87 e seguintes. O historiador faz uma defesa apaixonada dos acusados, negando-lhes a pecha de "ladrões e assassinos".

Data : 20/02/2015

Título : O mentor de Schopenhauer

Categoria: Crônicas

Descrição: Jean-Jacques Rousseau, Søren Aabye Kierkegaard e Arthur Schopenhauer foram três malucos geniais, malucos e geniais no sentido mais literal dos termos.

Jean-Jacques Rousseau, Søren Aabye Kierkegaard e Arthur Schopenhauer foram três malucos geniais, malucos e geniais no sentido mais literal dos termos. Essas, porém, não são as únicas características comuns entre os três. Um comparativo entre suas biografias listaria outras tantas coincidências.

Os três eram pedestrianistas, quer dizer que praticavam caminhadas regulares. Rousseau deixou dos seus passeios um belo depoimento intitulado Devaneios de um caminhante solitário. Todos eles seguiam o exemplo de Sócrates e dos peripatéticos gregos: dialogavam enquanto caminhavam. Com quem? isso é o que menos importa. O certo é que, a exemplo do grande questionador heleno, tinham seus mentores.

Rousseau e Kierkegaard eram seus próprios mestres. Isso é público e notório. Mas e Schopenhauer?

Arthur Schopenhauer teve, durante anos, um mentor. A verdade é que pouca gente - se é que alguém o conseguiu - identificou essa "voz íntima". Ora, basta ler com atenção um dos seus livros que tenho recomendado a amigos escritores para identificar o mestre de Schopenhauer.

A Arte de Escrever é um livro interessantíssimo, uma obra maior. Mas é um livro eivado de preconceitos contra professores e leitores contumazes.

Ora, é sabido que o filósofo andava pelas ruas falando sozinho e costumava realizar longos passeios com um cão de estimação.

Moral da história: o mentor de Schopenhauer queria ser o líder de si próprio. Não admitia ser dirigido por outro, um professor, por exemplo. E, com toda a certeza, era analfabeto.

O filósofo alemão tinha apenas um companheiro: o cachorro. Sabidamente, os cães não aceitam a orientação dos seus iguais e não leem livros.

O cachorro foi o mentor de Schopenhauer. Tanto isto é verdade que, após a morte do animal, o filósofo até professor se tornou.

Data : 13/09/1996

Título : O mercosul e a cultura

Categoria: Resenhas

Descrição: A REVOLUÇÃO CULTURAL DO MERCOSUL, de Salvador Cabral, é um belo livro que está exigindo uma atenção melhor dos leitores brasileiros, especialmente do Sul do País.

## O MERCOSUL E A CULTURA

por Paulo Monteiro

A REVOLUÇÃO CULTURAL DO MERCOSUL, de Salvador Cabral (tradução de Nelson Rolin de Moura), publicado pela Editora Insular, de Florianópolis, Santa Catarina, desenvolve um lema que tem preocupado e dividido a intelectualidade da América latina: a transplantação cultural.

Segundo alguns pensadores, os europeus que aqui aportaram com os descobrimentos, trouxeram instrumentos, plantas, animais e ideias, que foram simplesmente transplantados para este lado do Atlântico.

As diversas culturas indígenas foram varridas do mapa, seus deuses substituídos pelas divindades do catolicismo, seus homens preados e suas mulheres emprenhadas pelos conquistadores, que acabaram impondo novos valores.

Salvador Cabral defende uma tese contrária. Da mesma forma que houve um sincretismo religioso entre o dominador branco e os dominados (indígenas e africanos) houve também uma miscigenação cultural. E o catolicismo seria exatamente o fator de unificação Ibero-América. Pachamana (Mãe de Tupã), Toanzin (Mãe de Todos os Homens) e Tupãnci (Mãe de Tupã) seriam símbolos dessa unificação, materializada nas diversas Nossas Senhoras das Américas.

De nós, gaúcho, as ideias de Salvador Cabral devem merecer reflexões profundas. Ao centrar suas análises sobre a influência das reduções missioneiras sobre a cultura regional, lembrando que a própria música do Cone Sul tem origens guaranis toca num ponto que pode prestar-se à polêmica, o que não cabe discutir no espaço de uma lauda e meia.

O Autor afirma a importância do estudo da história antiga da Espanha para o entendimento da América Crioula. Saliente o peso da interferência britânica sobre a consolidação de Portugal como nação independente, em meados de 1.600. esquece, porém, que a existência de uma língua nacional é a base de qualquer nacionalidade e, por essa época, a língua portuguesa já estava consolidada e produzindo sua grande obra: OS LUSÍADAS.

Ao destacar a importância da cultura nas relações entre os povos e como elemento de sobrevivência dos mesmos, o Autor presta um grande serviço às novas relações de parceria que começam a consolidar-se com o Mercosul. Ao chamar a atenção para que nós, americanos de origem ibérica, enriquecidos com culturas de outras raízes tomemos consciência do que temos em comum, levanta um ponto que já vem sendo objeto de constatação pelos nossos cantores gauchescos. E presta, ademais, um grande serviço ao Mercosul ao conclamar a intelectualidade dos países envolvidos nesse processo a pensar, mas é preciso ter presente que uma ibero-americanidade não será construída com o mascaramento das diferenças históricas entre nossos países, que são reais e tem profundas raízes fincadas, há séculos, em dois continentes, haurindo seivas de múltiplas culturas.

A REVOLUÇÃO CULTURAL DO MERCOSUL, de Salvador Cabral, é um belo livro que está exigindo uma atenção melhor dos leitores brasileiros, especialmente do Sul do País.

13/09/1996.

Data : 30/06/2000

Título : O MÉTODO

Categoria: Resenhas

Descrição: O francês Edgar Morin é um dos filósofos mais importantes da atualidade.

## O MÉTODO

O francês Edgar Morin é um dos filósofos mais importantes da atualidade. O MÉTODO 3 - O CONHECIMENTO DO CONHECIMENTO (Editora Sulina, Porto Alegre) é a terceira de suas obras publicadas pela Editora gaúcha.

Numa época de irracionalidade, onde tudo é permitido, onde as teorias mais estrambóticas aparecem como verdades externas, pensar o pensamento é imprescindível. É voltar à essência mesma da filosofia. E Edgar Morin mostra que racionalidade e irracionalidade têm a mesma origem. Conhecer como isso acontece é chegar-se à verdade.

Partindo de estudos mais recentes sobre o funcionamento do cérebro, o filósofo procura conciliar materialismo e idealismo. "O espírito dos filósofos - escreve Morin - necessita do cérebro destes; o universo sem espírito e sem consciência dos filósofos necessita do

espírito e da consciência destes. Mais ainda: toda negação do espírito ilustra a surpreendente potência das idéias, logo do espírito, pois é bem o espírito que recusa a sua própria existência para não afastar a idéia que tem da matéria."

Do Jornal

Rotta

Junho de 2000

Data : 23/11/2014

Título : O MILAGRE DO PRELADO

Categoria: Crônicas

Descrição: Para aqueles que afirmam que não havia corrupção durante a Ditadura Militar conto-lhes o milagre e conto-lhes os santos.

Para aqueles que afirmam que não havia corrupção durante a Ditadura Militar conto-lhes o milagre e conto-lhes os santos.

No final do governo do honorabilíssimo general Figueiredo ocorreu um dos maiores escândalos da história do Brasil. E só se tornou público pelo afrouxamento da censura.

Em Passo Fundo ocorreram muitas prisões. Pessoas conhecidíssimas acabaram recolhidas, pela Polícia Federal, ao prédio do então I/20 RCM.

Na melhor cela estava recolhido, preso, um soldado que fora coroinha no município de Colorado. Um incidente vulgar, como diria o Euclides da Cunha de Os Sertões, motivara o encarceramento.

De repente, não mais do que de repente, o soldado é libertado. E em seu lugar é fechado um conhecido líder religioso local.

- O que está acontecendo, Senhor Bispo? - pergunta o espantado milico.

- Vim dar assistência espiritual aos meus paroquianos e reparar uma injustiça - respondeu Sua Reverendíssima.

Com certeza, na hora de santificação do conhecido líder religioso esse milagre será levado em consideração.

Data : 06/05/2010

Título : O mito da classe dominante

Categoria: Resenhas

Descrição: A Universidade de Passo Fundo, recentemente criou a Editora Universitária. Insere-se numa tendência das escolas superiores objetivando fazer circular trabalhos produzidos por essas instituições de ensino.

## O mito da classe dominante

por Paulo Monteiro

A Universidade de Passo Fundo, recentemente criou a Editora Universitária. Insere-se numa tendência das escolas superiores objetivando fazer circular trabalhos produzidos por essas instituições de ensino. Acaba de abrir sua Série Ciência Política com O MITO DA CLASSE DOMINANTE de Antonio Kurtz Amantino.

Durante anos o autor estudou a obra de Raymond Aron, um dos mais significativos representantes do pensamento conservador contemporâneo. Amantino conseguiu realizar um livro onde a felicidade expositiva contribui para o entendimento do largo pensamento aroniano.

Aron, como todas os grande pensadores, é um cínico, no sentido grego do termo. Desconhece as meias-palavras, abandona os eufemismos. Ao reconhecer dois tipos de sociedade industrial, a ocidental (capitalista) e a soviética (socialista) repete uma constatação que já havia sido feita, inclusive por autores marxistas, como Anton Pannaekoek. Estes viam no socialismo soviético um socialismo de estado, o mesmo que um capitalismo de estado.

Para Marx, em qualquer sociedade de classes, aquela que dominar os meios de produção dominará as demais e imporá suas ideias, pois as ideias da classe economicamente dominante são as ideias dominantes. Assim, classe e domínio estão ligados á propriedade dos meios de produção.

Em Aron, segundo o exame de sua obra empreendido por Antônio Kurtz Amantino, não há uma classe dominante. A base da democracia capitalista é a descentralização política, através do governo dos eleitos. Nos países marxistas, ocorre a centralização e a instauração, no poder, de uma elite unificada.

O pensamento de Raymond Aron leva á conclusão de que no capitalismo pluralista ocidental a divisão de poder entre diversos segmentos sociais e a liberdade de organização das massas contribuem para a estabilidade do sistema. No capitalismo de estado "soviético", a concentração de poder nas mãos da elite unificada (nomenklatura), conduz á formação de uma "classe dominante".



Para Raymond Aron, o conceito marxista de classe dominante (burguesia) é mítico, pois os empresários não formam um corpo unificado, mas se dividem partidariamente. Da mesma forma, o operariado separa-se por diversos partidos. Enquanto mais o capitalismo se desenvolve mais essa divisão se verifica, inclusive ocorrendo uma verdadeira divisão de poder.

A presença de lideranças populares nos parlamentos e nos governos seria uma comprovação dessa conclusão. Por isso é que clássicos marxistas sempre denunciaram a democracia parlamentar, como ditadura democrática da burguesia. Seu fortalecimento cria uma democracia pacificada, inviabilizando processos revolucionários de contestação ao capitalismo pluralista.

O pluralismo fortalece a sociedade civil. Nas sociedades atrasadas, onde não há independências da sociedade civil, é que através de processos revolucionários, instituíram-se regimes socialistas do tipo soviético.

E é nessa concepção do governo exercido por elites divididas, no capitalismo, e por uma elite unificada, no socialismo, que estaria a comprovação de que o conceito marxista de classe dominante é mítico. A sedução do mito poderia ser encontrada na dialética entre a maioria dirigida por minorias.

O MITO DA CLASSE DOMINANTE é um livro intrigante, atual. Feliz a Editora Universitária ao escolher essa obra para iniciar sua Série Ciências Política. Quanto a Aron pode-se discordar de suas conclusões, mas não se pode negar a importância de seu trabalho para o entendimento da realidade contemporânea. Se preocupado com a floresta esquecer as árvores, não se pode subestimar o valor de seu pensamento.

O Cidadão

02/08/96

Data : 12/05/2014

Título : O Mocho

Categoria: Poesia

Descrição: Raios. Trovões. Explode a ventania. Em desespero batem à janela.

O Mocho

Raios. Trovões. Explode a ventania.

Em desespero batem à janela.  
Abro, e no centro da rajada fria,  
um mocho vai pousar na imagem dela.  
E ela, que foi a luz do meio dia,  
a flor mais adorável e mais bela,  
jaz sob as garras da ave nada pia,  
ave agourenta que nas noites vela  
com seu grito sinistro: – Ô! Nunca mais! –  
Tento salvar a minha bem amada  
e mais lhe prende as garras infernais.  
Grito que não a deixarei jamais  
e a coruja replica, debochada:  
– Nunca mais! Ô!Ô!Ô! ...Ô! Nunca mais!  
(Versão resumida de O Corvo, de Edgar Allan Poe)

Data : 26/04/1992

Título : O movimento comunitário como alternativa de transformação política

Categoria: Artigos

Descrição: Nos últimos anos surgiu mais um novo tipo de modismo: o afirmar-se que não se é político.

O movimento comunitário como alternativa de transformação política

por Paulo Monteiro

Nos últimos anos surgiu mais um novo tipo de modismo: o afirmar-se que não se é político. Alguns indivíduos acrescentam que não são políticos profissionais. Todos, porém ou exercem algum cargo público, seja a nível da sociedade civil, seja a nível da sociedade política.

Os gregos, séculos antes de Cristo, já afirmavam que o homem é um ser social, um animal político. Nada há de mais político do que uma pessoa afirmar que não faz política, que tem aversão à política.

E mister que se lembre a origem dos termos político e política, vêm do grego "políticos", isto é, membro da "polis", quer dizer da cidade; cidadão.

Assim, político é todo o homem que vive em sociedade e política é a ciência e a arte de administrar a "polis", a cidade.

Não há ser humano que consiga viver isolado de outros seres humanos, completamente independente do restante da espécie a que pertence.

Se alguém come, come alimentos produzidos por outras pessoas: precisa trabalhar entrar em relação de produção de seus meios de subsistências com outras pessoas, em suma, estabelecer uma série de relações sociais, que são relações de quem vive na "polis", de quem vive entre outros homens; numa palavra, estabelece relações políticas é político.

Tenho afirmado e reafirmado que detesto a hipocrisia e vejo uma hipocrisia muito grande quando uma pessoa diz que não é política, que tem ódio de política, que não gosta de política.

Atuo no seio do movimento comunitário, pois entendo que um dos objetivos políticos, quer dizer de quem viva em sociedade, é o fortalecimento da sociedade civil, das associações de moradores, das associações esportivas, dos clubes de mães, das associações de classes, em suma, de todas as organizações necessárias à melhoria das condições de vida da população.

Comunidade é uma palavra que vem do latim "cum" + "unitas", isto é. "uma unidade feita pela integração ou participação de muitos". Comunidade, assim, é um ente político, uma realidade social.

O movimento comunitário é um movimento essencialmente político: é um movimento de pessoas que vivem na "polis", que vivem em sociedade, que têm uma certa contiguidade espacial, permitindo que tenham um contato direto, usando serviços básicos comuns, que tem a consciência de interesses comuns, revelando a possibilidade da solução conjunta de problemas recíprocos e têm a participação em uma obra comum, que c a melhoria de suas condições de vida.

Esses três requisitos, que fazem que um grupo de pessoas seja efetivamente uma comunidade são desenvolvidas pela ação do movimento comunitário, alias, são o objeto maior da ação política do movimento comunitário.

Agora - e aqui talvez esteja à raiz de algum tipo de confusão - nem toda a atividade política é uma atividade partidária no sentido moderno do partido político.

O partido político (partido tem a mesma origem da palavra parte) representa os interesses de apenas uma parte da sociedade, de apenas uma parte de uma região, de um estado membro ou nação. O movimento comunitário representa os interesses de toda uma comunidade ou de um conjunto de comunidades; o movimento comunitário é uma realidade política, mas não é uma realidade partidária.

A política, do ponto de vista estritamente filosófico, é a prática social transformada em ideia: os objetivos do ser em sociedade transformados em convicção e de convicção em consciência transformadora.

Isso é política - e política verdadeira.

Diário da Manhã

26/04/1992.

Data : 21/11/1997

Título : O outro lado do caso GM

Categoria: Editoriais

Descrição: A instalação de uma fábrica de auto-móveis da General Motors (GM) no Rio Grande do Sul ,cujas obras de infra-estrutura já se iniciaram, foi um dos temas mais polêmicos dos últimos anos no Estado.

O outro lado do caso GM

por Paulo Monteiro

A instalação de uma fábrica de auto-móveis da General Motors (GM) no Rio Grande do Sul ,cujas obras de infra-estrutura já se iniciaram, foi um dos temas mais polêmicos dos últimos anos no Estado.

Um advogado e economista que exerce suas atividades profissionais a partir de Passo Fundo, Geraldo Luiz dos Santos Zibetti, acaba de oferecer uma contribuição importantíssima para esse debate com seu livro O OUTRO LADO DO CASO GM (Empresa Jornalística Jornal da Cidade Ltda – “O CIDADÃO” Passo Fundo, RS).

Por obrigação de ofício, o Autor acompanhou o processo que levou á decisão da GM pela construção de uma unidade industrial no Rio Grande do Sul. Estudando as práticas das indústrias automobilísticas e as tratativas para a vinda daquela multinacional para o solo gaúcho, Geraldo Zibetti, reuniu documentos e informações suficientes para deixar seus leitores de cabelos em pé.

Hoje, a preocupação das transnacionais do setor é com a criação de um carro mundial e com a conquista de mercados como o brasileiro. A história dessas empresas, de uma forma geral, e da GM, em particular, comprova que elas adotam práticas altamente

discutíveis do ponto de visto ético. Contribuíram para o esfacelamento dos sistemas de transporte por bondes e trens, não transferem tecnologias e só se instalam onde recebem mais recursos dos cofres públicos.

Políticos demagogos e oportunistas dão as próprias calças (do povo) para que elas se instalem, gerando expectativas vãs, como aconteceu recentemente em Rezende, no Rio de Janeiro, com uma fábrica da Volkswagen.

No caso específico do Rio Grande do Sul, dados mentirosos foram usados para convencer os deputados estaduais a aprovarem leis que Geraldo Zibetti demonstra eivadas de inconstitucionalidades. Como se isso não bastasse, com mais de cento e cinquenta páginas de documentos, comprova outras coisas: os empregos oferecidos serão muito menores do que a propagando oficial, paga com o nosso dinheiro, afirma e a tal fábrica pode ser apenas uma simples montadora de componentes importados, se não servir para “nacionalizar” carros importados da Argentina. Assim, nosso dinheiro poderá contribuir mais para aumentar a oferta de empregos para os trabalhadores da República Argentina.

Em vez de usar recursos da ordem de R\$ 3.802.125.341,07, pelo menos, para financiar a agricultura, a indústria de implementos agrícolas (que o Estado lidera nacionalmente\_ e a educação, especialmente a nível formativo de tecnólogos, o Governo do Estado privilegia (contra as constituições do Estado e da União) uma empresa multinacional que, no seu país de origem, já cerrou pontos de produção, sem a menor consideração pelos trabalhadores e comunidades que a acolheu.

Um ponto que merece destaque no livro de Geraldo Zibetti é o levantamento de informações sobre a maneira discriminatória como a União trata o Rio Grande do Sul. A implantação de indústrias automobilísticas, como a Fiat, em Minar Gerais, tiveram a participação significativa da União, enquanto em nosso Estado ficou sob quase que única responsabilidade local. Embora os gaúchos contribuam com mais tributos federais do que os mineiros. Isso sem falar nas facilidades oferecidas para a Região Nordeste.

O OUTRO LADO DO CASO GM não é uma leitura popular; não tem o vigor das obras panfletárias, mas tem a virtude dos volumes não tendenciosos. Técnico, visceralmente técnico, Geraldo Luiz dos Santos Zibetti, dissecou os aspectos econômicos, jurídicos e políticos do caso GM. O vigor dos elementos que reúne transforma seu livro num grande documento.

Encontre O OUTRO LADO DO CASO GM a acolhida que merece entre as pessoas sérias deste Estado, especialmente no meio dos políticos, Ministério Público e Judiciário e servirá de base para que, pelo menos, a legalidade e a moralidade dos procedimentos que envolvam o Caso GM sejam esclarecidas. Isto deve acontecer para o bem da vida pública de um Estado onde fio de bigode já foi documento, visto que, nos dias presentes, há governantes que não honram a própria assinatura nas Leis.

Ler, divulgar e discutir O OUTRO LADO DO CASO GM, de Geraldo Luiz dos Santos Zibetti, é um dever de cidadania. E como disse Lincoln, numa frase famosa: “Quem se omite peca duas vezes”.

O Cidadão

21/11/1997

Data : 21/11/1997

Título : O Outro Lado do Caso GM

Categoria: Artigos

Descrição: Hoje, a preocupação das transnacionais do setor é com a criação de um carro mundial ...

### O Outro Lado do Caso GM

A instalação de uma fábrica de automóveis da General Motors (GM) no Rio Grande do Sul, cujas obras de infra-estrutura já se iniciaram, foi um dos temas mais polêmicos dos últimos anos no Estado.

Um advogado e economista que exerce suas atividades profissionais a partir de Passo Fundo, Geraldo Luiz dos Santos Zibetti, acaba de oferecer uma contribuição importantíssima para esse debate com seu livro O OUTRO LADO DO CASO GM (Empresa Jornalística Jornal da Cidade Ltda., Passo Fundo, RS).

Por obrigação de ofício, o Autor acompanhou o processo que levou à decisão da GM pela construção de uma unidade industrial no Rio Grande do Sul. Estudando as práticas das indústrias automobilísticas e as tratativas para a vinda daquela multinacional para o solo gaúcho, Geraldo Zibetti, reuniu documentos e informações suficientes para deixar seus leitores de cabelos em pé.

Hoje, a preocupação das transnacionais do setor é com a criação de um carro mundial e com a conquista de mercados como o brasileiro. A história dessas empresas, de uma forma geral e da GM, em particular, comprova que elas adotam práticas altamente discutíveis do ponto de vista ético. Contribuíram para o esfacelamento dos sistemas de transporte por bondes e trens, não transferem tecnologias e só se instalam onde recebem mais recursos dos cofres públicos.

Políticos demagogos e oportunistas dão as próprias calças (do povo) para que elas se instalem, gerando expectativas vãs, como aconteceu recentemente em Rezende, no Rio de Janeiro, com uma fábrica da Volkswagen.

No caso específico do Rio Grande do Sul, dados mentirosos foram usados para convencer os deputados estaduais a aprovarem leis que Geraldo Zibetti demonstra eivadas de inconstitucionalidades. Como se isso não bastasse, com mais de cento e cinquenta páginas de documentos, comprova outras coisas: os empregos oferecidos serão em

número muito menor do que a propaganda oficial, paga com o nosso dinheiro, afirma e a tal fábrica pode ser apenas uma simples montadora de componentes importados, se não servir para “nacionalizar” carros importados da Argentina. Assim, nosso dinheiro poderá contribuir mais para aumentar a oferta de empregos para os trabalhadores da República Argentina.

Em vez de usar recursos da ordem de mais de R\$ 3.802.125.341,07, pelo menos, para financiar a agricultura, a indústria de implementos agrícolas (que o Estado lidera nacionalmente) e a educação, especialmente a nível formativo de tecnólogos, o Governo do Estado privilegia (contra as constituições do Estado e da União) uma empresa multinacional que, no seu país de origem, já cerrou pontos de produção sem a menor consideração pelos trabalhadores e comunidades que a acolheram.

Um dos pontos que merece destaque no livro de Geraldo Zibetti é o levantamento de informações sobre a maneira discriminatória como a União trata o Rio Grande do Sul. A implantação de indústrias automobilísticas, como a Fiat, em Minas Gerais, teve a participação significativa da União, enquanto em nosso Estado ficou sob quase que única responsabilidade local, embora os gaúchos contribuam com mais tributos federais do que os mineiros. Isso, sem falar nas facilidades oferecidas para a Região Nordeste.

O OUTRO LADO DO CASO GM não é um livro de leitura popular; não tem o vigor das obras panfletárias, mas tem a virtude dos volumes não tendenciosos. Técnico, visceralmente técnico, Geraldo Luiz dos Santos Zibetti, disseca os aspectos econômicos, jurídicos e políticos do “caso GM”. O vigor dos elementos que reúne transforma seu livro num grande documento.

Encontre O OUTRO LADO DO CASO GM a acolhida que merece entre as pessoas sérias deste Estado, especialmente no meio dos políticos, Ministério Público e Poder Judiciário, e servirá de base para que, pelo menos, a legalidade e a moralidade dos procedimentos que envolvem o “caso GM” sejam esclarecidas. Isto deve acontecer para o bem da vida pública de um Estado onde fio de bigode já foi documento, visto que, nos dias presentes, há governantes que não honram a própria assinatura nas Leis.

Ler, divulgar e discutir O OUTRO LADO DO CASO GM, de Geraldo Luiz dos Santos Zibetti, é um dever de cidadania. E como já disse Lincoln, numa frase famosa: “Quem se omite peca duas vezes”.

(O Cidadão, 21 de novembro de 1997, p. 8, Passo Fundo, RS).

Data : 30/06/2001

Título : O País da Jogatina

Categoria: Editoriais

Descrição: Após a grande imprensa do Estado deflagrar uma campanha de denúncias sobre a "falência das instituições responsáveis pela Segurança Pública" ...

## O País da Jogatina

Paulo Monteiro

Após a grande imprensa Estado deflagrar uma campanha de denúncias sobre a "falência das instituições responsáveis pela Segurança Pública" no Rio Grande do Sul, foi aberta, na Assembléia Legislativa Gaúcha, uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar o assunto.

Ao que parece, até agora, o que tem mais rendido manchetes é a acusação de que políticos teriam recebido apoio pecuniário de bicheiros. Como se isso fosse uma grande novidade. Afinal, a loteria zoológica é explorada por pessoas que têm uma inserção social como qualquer outra pessoa. E o costume transformou o bicheiros em cidadãos normais aos olhos dos simples mortais. Apenas – e isto não é pouco - diante da Lei sua atividade não é aceitável.

Num país os chamados jogos de azar estão proibidos, em qualquer canto são oferecidas inúmeras opções de jogos lícitos, das loterias bancadas por instituições oficiais às permitidas aos particulares, o jogo do bicho – pelo costume – é apenas mais uma opção de sorte.

Há décadas existe a Loteria Esportiva. Consta que é para proporcionar recursos ao esporte. Milhares e milhares de reais arrecadou em Passo Fundo. Enquanto isso, o Estádio Vermelhão da Serra vi a leilão porque o Sport Club Passo Fundo não tem recursos para saldar uma dívida com o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

Até hoje ninguém publicou o montante de recursos das loterias oficiais ou oficializadas que foi aplicado no esporte. Talvez no dia em que o Sargento Garcia pegar o Zorro dormindo em trajes menores essas informações venham a público.

Enquanto isso, quiçá, na impossibilidade de encontrar assunto de maior interesse, os deputados estaduais ficam se preocupando em identificar quem tenha recebido dinheiro para campanha política de uma atividade que não é legal. Não é legal, mas é aceita pelo costume, diga-se abem da verdade. Num país onde a própria Constituição da República é desrespeitada por homens que deveriam ser os primeiros a cumpri-la, soa como um absurdo o fato de que um papel apócrifo, o talão de jogo do bicho, seja o documento mais respeitado.

Pode o supremo magistrado da Nação desrespeitar a Constituição, mas não pode um bicheiro furtar-se de pagar um prêmio que o repartidor tenha deixado de entregar à banca. É a ética do ilícito, que vigora até mesmo nos presídios, para escárnio dos homens de bem.

Do Jornal



O Cidadão

30 de Junho de 2001

Data : 05/03/2015

Título : O pânico da violência

Categoria: Crônicas

Descrição: Amigos meus, como é o caso Leandro Fonseca, manifestam publicamente um verdadeiro pânico contra a violência.

Amigos meus, como é o caso Leandro Fonseca, manifestam publicamente um verdadeiro pânico contra a violência. Há muito tempo estudo a violência, ao pesquisar sobre as guerras e revoluções rio-grandenses. Não existe uma causa única para esse fenômeno universal.

Viver, em si, já é ser violento. Como se fôssemos moléculas gasosas tentamos ocupar todos os espaços. Daí os choques, os atritos. Formas de violência, pois. O problema é quando essa violência vai além do "empurrar o outro" e parte para a destruição do outro. Para isso contribui uma série de causas políticas e econômicas. Portanto, sociais.

Ligamos a TV e lá estão cenas de violência explícita e velada. As telenovelas semeiam a violência, no velho e repetido maniqueísmo: a luta entre o bem e o mal. Este, evidentemente, como força ativa. Mas não apenas as telenovelas: todas as outras formas de "ficção".

A política está cada vez mais violenta. O caso dos mensaleiros condenados em última instância, cujos partidários, se defendem lançando acusações recíprocas contra os adversários.

Fredric Werthen, autor do clássico A Marca da Violência escreveu que "Quando o ambiente tolera, aprova, propaga ou recompensa expressões violentas, o comportamento violento tende a manifestar-se com maior intensidade". Ora, vivemos num ambiente igual ao descrito pelo pesquisador estadunidense.

Muitas de nossas ruas, praças e cidades principais são verdadeiros monumentos erigidos em culto à violência. Representam nomes de batalhas e comandantes militares. Por tanto, locais onde esses homens "violentos", sacrificaram outras vidas, e onde essas vidas foram sacrificadas.

Aí é que a porca torce o rabo. Como é que vamos acabar com a violência se a cultuamos e cultivamos diuturnamente?

Data : 31/10/2002

Título : O Pensamento de Assis Chateaubriand

Categoria: Artigos

Descrição: O Brasil é um país descuroado com a obra dos seus intelectuais mais representativos, sejam eles pensadores propriamente ditos, jornalistas ou políticos militantes.

### O Pensamento de Assis Chateaubriand

O Brasil é um país descuroado com a obra dos seus intelectuais mais representativos, sejam eles pensadores propriamente ditos, jornalistas ou políticos militantes. A Fundação Assis Chateaubriand, de Brasília, está resgatando uma dívida histórica dos brasileiros para com um de nossos jornalistas mais importantes, que da o seu nome àquela Fundação.

Já foram publicados 37 alentados volumes como O Pensamento de Assis Chateaubriand, o mais recente dos quais reunindo artigos divulgados em 1960. Esse foi um ano difícil para o criador das Emissoras e Diários Associados. Vítima de uma trombose permaneceu longo tempo impossibilitado de dar à publicidade os seus artigos, mas, assim pode, voltou à ativa.

O volume 37 de O Pensamento de Assis Chateaubriand mostra um homem preocupado com alguns temas que continuam atuais. Destaco dois: a questão agrícola e a livre iniciativa.

Além de jornalista, Chateaubriand, como empresário, dedicou-se à exploração agropecuária. "E me declaro - escreve à pág. 165 com ênfase, por toda à parte, onde chego na Inglaterra, que sou produtor de algodão, café, milho e mamona". Era o embaixador do Brasil na terra de sua Majestade Britânica e expressar-se dessa forma.

Chateaubriand, porém, não era um defensor da aristocracia fundiária. O que ele queria era a formação de uma burguesia rural, criticando (págs. 21 e 22) a resistência dos produtores às técnicas modernas e sua dependência aos recursos e subsídios governamentais. Para a capitalização do país, apostava na agropecuária competitiva nos mercados internacionais graças à combinação de dois fatores: qualidade e produtividade. Julgava importantes o uso da irrigação e a recuperação das terras exauridas, através da fertilização dos solos.

Conhecedor do poder das palavras, o jornalista acreditava na força do exemplo. Assim, colocava em prática as idéias que semeava nas páginas de seus jornais, irrigando e adubando suas propriedades rurais, renovando os solos desgastados pela incúria de agricultores que usavam técnicas ultrapassadas.

No que se refere à livre iniciativa, Assis Chateaubriand sempre se opôs às doutrinas comunistas e socialistas. Opunha-se com o vigor do plenista e o conhecimento acumulado como advogado de empresas estrangeiras. Demonstrava a firmeza de convicções dos velhos liberais, firmeza que se exemplifica ao combater o monopólio estatal do petróleo e a nacionalização de multinacionais levada a efeito pelo governador Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul.

Ao longo de sua obra, vemos a constante oposição à política da União Soviética e a defesa dos Estados Unidos. Quando, à página 1999, define Fidel Castro como um simples "criminoso vulgar" e a república de Washington, como "uma nação de homens livres", está sendo fiel aos princípios que sempre advogou.

Da mesma forma que Hegel via limitações dos oradores diante da Filosofia propriamente dita, a durabilidade do pensamento dos jornalistas também é indiscutível. Escritos ao calor dos acontecimentos, o editorial ou o artigo, não têm a consistência das verdadeiras obras de filosofia ou economia. O seu maior interesse é para que se possa conhecer o "espírito" da época em que foram escritos.

A contribuição que a série O Pensamento de Assis Chateaubriand vai legar à cultura nacional é muito grande. Isso se deve ao longo período (mais de quatro décadas) de intensa militância jornalística exercida pelo autor e seu envolvimento direto, como homem de ação, na história brasileira durante cerca do meio século.

Os artigos e pronunciamentos de Assis Chateaubriand merecem ser lidos especialmente por tantos quantos queiram entender a história do Brasil de 1920 para cá. Espectador privilegiado e participante de vários acontecimentos, sua obra é um testemunho de concepções e fatos, muitas vezes ignorados por historiadores, sociólogos e economistas. Estes, preocupados com floresta, raramente conseguem distinguir as árvores. E sem estas a floresta não existiria.

O Pensamento de Assis Chateaubriand impõe-se à presença indispensável em qualquer biblioteca. Bom seria se todos os que se interessam pela chamada "realidade brasileira" pudessem ler, com o cuidado merecido, os seus grossos tomos. Oxalá, em breve, especialidades apliquem suas capacidades e conhecimentos no estudo dessa obra, contribuindo para estabelecer o seu devido valor.

Do Jornal

Rotta

Out 2002

Data : 30/06/1995

Título : O poder da fé e a meta-história

Categoria: Artigos

Descrição: A História por trás da Salvação, Soberania de Deus e Liberdade Humana”, de Rubem M. Amorese.

## O PODER DA FÉ E A META-HISTÓRIA

por Paulo Monteiro

Outros livros interessantes foram editados pela ABBA Press, também de São Paulo, são “ O Poder da Fé”, do Pe Jonathan F. dos Santos e “ Meta-História: A História por trás da Salvação, Soberania de Deus e Liberdade Humana”, de Rubem M. Amorese.

“O Poder da Fé” é realmente um livro extraordinário. Apresentei-o a diversas pessoas. Leram-no e a conclusão foi unânime: é uma obra que levanta as pessoas. Jonathan, a partir dos ensinamentos bíblicos sobre a fé, elabora um dos mais belos sermões que já escreveu em língua portuguesa. Pode faltar-lhe o brilho literário de um Vieira, mas a espiritualidade realmente divina que emana das palavras é algo de extraordinário. Vi uma pessoa profundamente deprimida ler essa obra e imediatamente voltar a sorrir.

“O Poder da Fé”, é uma obra de uma leitura ao alcance de qualquer pessoa.

O tema é acessível mesmo a quem não tenha um conhecimento aprofundado da doutrina cristã.

Já “Meta-História” é obra diferente. A partir de uma palestra para integrantes da Aliança Bíblica Universitária de Brasília, Amorese aprofunda seus estudos, realizando uma obra de Filosofia da Religião. A Meta-História é a história do desenvolvimento dos fenômenos divinos. Situa-se em tempo e espaços diferentes do tempo e dos espaços que servem de palco para a ação da História Humana. O tempo de Deus não é o mesmo tempo dos homens, da mesma forma que a extensão do dia ou da noite em Vênus ou em Marte serão diferentes da medida do dia e da noite em nosso planeta. O conceito de Meta-História, apresentado por Rubem Martins Amorese explica uma série de “contradições” entre a ciência e a religião. A Bíblia, no Gênesis, afirma que Deus deu forma ao mundo em seis dias. Meta-Historicamente pode ser levantada a seguinte questão: para Deus, o período de seis dias corresponderá as exatas 144 horas dos seis dias que marco em meu relógio

Orient, para medir minha semana de trabalho? Se admitíssemos que o minuto divino corresponde a 1.000 anos de meu relógio poderíamos concluir que Deus formou o mundo em 8.640.000 anos marcados, em teses, pelo meu relógio.

É evidente, como demonstra Amorese, que o uso da Meta-História restringe muitíssimo o “arquivo teológico” de DT. 29:29 a: “ As cousas encobertas pertencem ao senhor nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”.

O Cidadão

30/06/1995.

Data : 25/11/2014

Título : O poema que gerou a expulsão do poeta Gregório de Matos

Categoria: Resenhas

Descrição: O poeta Gregório de Matos, conhecido como Boca do Inferno, viveu entre 1636 e 1696. Era Baiano. E Salvador (a Cidade da Bahia) era a Capital do Brasil.

O poeta Gregório de Matos, conhecido como Boca do Inferno, viveu entre 1636 e 1696. Era Baiano. E Salvador (a Cidade da Bahia) era a Capital do Brasil.

Uma família de sobrenome Furtado de Mendonça, durante décadas exerceu os mais importantes cargos administrativos do Brasil. Um deles decretou a famosa derrama que provocou a Revolução de Minas, erroneamente conhecida como Inconfidência Mineira, "liderada" por Tiradentes.

Bom, mas isso é outra história. Fico apenas no tempo do Boca do Inferno.

D. Afonso de Furtado de Mendonça Castro do Rio e Menezes governou o Brasil entre 1671 e 1675, sob constantes sátiras do poeta. Este aproveitou o fato de João Teyxeira de Mendonça, provavelmente parente do Vice-rei ter tentado fugir com dinheiro sob guarda do governo, e escreveu uma sátira criticando a família do Vice-rei.

Ficaram famosos os versos onde aparece a expressão "...eu não vi na fidalguia Mendonça sem ter Furtado". Conta-se que o poeta teria sido expulso do Brasil por causa desse poema.

Isso foi há bem mais de 300 anos.

Ao capitão João Teyxeira de Mendonça querendo fugir com a fazenda dos defuntos, e ausentes, de que era thezoureiro e foi prezo

Gregório de Matos  
O Senhor João Teixeira  
Mendonça de quando em quando  
na cadeia está purgando  
humores de ladroeira:  
a Putaina, que era herdeira  
universal dos defuntos,  
perdeu já redoma, e untos,  
e está já desenganada,  
que o ladrão mata a porcada,  
e o Fisco come os presuntos.

Tinha o Fidalgo tostado  
(como ladrão tão astuto)  
os bens em lugar enxuto,  
mas mal acondicionado:  
estava o barco ancorado,  
e nisto esteve a ruína,  
porque a carga era rapina,  
e deu-nos espanto, e mágoa,  
de que pela veia d'água  
se desse naquela mina.

As Almas do Purgatório,  
como os fardos eram seus,  
estavam pedindo a Deus  
cada qual seu envoltório:  
ouviu Deus o peditório,  
e com ter tão forte mão  
em qualquer execução,  
vendo-as perder por instantes,  
se ajudou de uns Ajudantes

para fazer a prisão.

Foram eles à setia,  
e dizem, que se prendera,  
porque tão sôfrego era,  
que furtava, e não partia:  
o Tesoureiro esse dia  
fazia conta de se ir,  
e a tardança o fez cair  
e então se lhe ouviu dizer,  
furtava para esconder,  
porém não para partir.

Ladrão como mentecapto  
no profundo do porão,  
passado como ladrão,  
e fino como mulato:  
deram-lhe muito mau trato  
em o trazer amarrado,  
sendo que andou como honrado  
em seguir aquela via,  
que eu não vi na fidalguia  
Mendonça sem ter Furtado.

A parentela se ria,  
que é gente, que aqui negreja,  
porque lhe causava inveja  
ver, que lhe dava honraria:  
alvorçou-se a Bahia  
entre admiração, e gozo,  
porque era caso espantoso,  
que tomasse sem ser Saulo  
o caminho de São Paulo

um ladrão facinoroso.

Ficou no porto a setia,  
e o Tesoureiro selvagem  
chegou, sem fazer viagem  
a salvamento a enxovia:  
diz o povo, que fugia  
por de todo estar quebrado;  
mas o povo está enganado,  
porque eu vi o Tesoureiro  
na cadeia mui inteiro,  
e mui desavergonhado.

Já dizem as profecias  
dos homens exp'rimentados,  
que a quatro dias andados,  
ou daqui a quatro dias,  
todas as tesourarias  
adrede lhas hão de dar,  
por ser homem singular,  
que guarda a rigor da lei  
tanto a fazenda d'El-Rei,  
que El-Rei a não pode achar.

E se a justiça lhe deu  
no rasto por tantas calmas,  
já disse, que foram almas,  
que choraram pelo seu:  
aos Santos (sempre ouvi eu)  
era seguro o furtar,  
porque não podem falar;  
mas d'almas não há fiar-se,  
que se não podem queixar-se,



contudo podem rezar.

Toda a cidade notou,  
que este Tesoureiro alvar  
é tão destro no embolsar,  
que a si mesmo se embolsou:  
na cadeia se encaixou,  
que é bolsa dos maus ladrões,  
e se os doutos cabeções  
fazem crime de ausentar-se,  
hei medo, que há de chegar-se  
do verdugo aos calções.

Vejam só como o poeta Gregório de Matos Guerra, o Boca do Inferno (1636-1696), descrevia Salvador (a Cidade da Bahia), então Capital do Brasil:

#### DESCREVE O QUE ERA NAQUELE TEMPO A CIDADE DA BAHIA

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.  
Em cada porta um bem frequente olheiro,  
Que a vida do vizinho e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,  
Para o levar à praça e ao terreiro.  
Muitos mulatos desavergonhados,  
Trazidos sob os pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia,  
Estupendas usuras nos mercados,  
Todos os que não furtam muito pobres:  
E eis aqui a cidade da Bahia.

Data : 24/11/2011

Título : O poema-símbolo dos libertadores

Categoria: Artigos

Descrição: Os apóstolos da fé Que trazem lenços vermelhos,

O poema-símbolo dos libertadores

Paulo Monteiro (\*)

João Gonçalves Vianna F<sup>o</sup> nasceu em Uruguaiana no dia 3 de outubro de 1890. Coursou Direito na tradicional Faculdade de São Paulo. Naquela cidade, em 1924, publicou seu único livro “Thebaida”, prefaciado por Afrânio Peixoto. Formado, retornou à terra natal, destacando-se como poeta, orador, advogado e político filiado ao Partido Libertador (PL). Suplente de deputado federal negou-se a assumir, por não se considerar à altura de substituir Assis Brasil, no parlamento nacional. Suicidou-se, na cidade natal, no dia 11 de abril de 1934.

Em 1987, Soares Tubino publicou o ensaio “Gonçalves Vianna e seu Universo Poético”, impresso na Gráfica Comercial Sul Ltda., de Uruguaiana, contando a vida do desditoso poeta.

Rodrigues Till, o maior estudioso da vida e da obra de Alcêu Wamosy, outro poeta uruguaianense, conta a história do mais famoso poema de Gonçalves Vianna, escrito em 29 de setembro de 1928, em Taquara, durante a campanha eleitoral.

O Partido Libertador, fundado em 3 de março de 1928 e extinto em 2 de dezembro de 1937, sendo reorganizado em 10 de novembro de 1945 e extinto, desta vez pelo “regime militar”, em 1965, através do AI 2. Era o continuador das idéias do Partido Federalista, de Silveira Martins, embora aceitasse a presença de presidencialistas, em sua luta contra a ditadura castilhistaborgista.

Transcrevo, a seguir, da página 24 de “Alcêu Wamosy: Sua vida e sua Obra, 1<sup>o</sup> Tomo”, de Rodrigues Till (Porto Alegre: Edições Flama, 1973) o pequeno poema que se transformou num verdadeiro hino dos libertadores.

Os apóstolos da fé

Que trazem lenços vermelhos,

Se sabem morrer de pé  
Não sabem viver de joelhos,  
Os apóstolos da fé  
Que trazem lenços vermelhos.  
J. Gonçalves Vianna

Taquara, 29-9-28

Os versos de Gonçalves Vianna, em autógrafo do próprio Autor, foram preservados pelo escritor e bibliófilo Olynto Sanmartin. Neles ecoa a famosa máxima de Gumercindo Saraiva, que cito de memória: “Liberdade não se conquista de joelhos, mas de armas na mão.”

(\*) Paulo Monteiro pertence a diversas entidades literárias do Brasil e do Exterior. Publicou os livros: “A Trova no Espírito Santo – História e Antologia –”, “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo”, “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas” e “A Campanha da Legalidade em Passo Fundo”, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, literários e culturais.”

Data : 26/02/1998

Título : O Poeta como Representação da Poesia de uma Época

Categoria: Resenhas

Descrição: Marciano Vasques Pereira é um lutador. Poeta, cronista, contista, divulgador de outros escritores.

### O Poeta como Representação da Poesia de uma Época

Marciano Vasques Pereira é um lutador. Poeta, cronista, contista, divulgador de outros escritores. Participante da Geração do Mimeógrafo, em 1985, editou Churros, boletim literário que ultrapassou fronteiras.

Há pouco lançou dois livros: Assembléia das Palavras (AM Edições) e primeiro é uma coletânea de poemas infantis, girando ao redor da palavra, e o segundo é uma obra típica da geração a que o autor pertence, inclusive cronologicamente.

A poesia infantil de Marciano Vasques pode não o distinguir entre os poetas contemporâneos que a praticam. E porém, o livro de um poeta verdadeiro e não o de muitos que se metem a escrever esse tipo de poesia. Infelizmente, para "os leitores de amanhã" há muito lixo impresso com os rótulos pomposos de "literatura juvenil" ou "infanto-juvenil". O poeta de ASSEMBLÉIA DAS PALAVRAS, livro belamente ilustrado por Daniela Vasques, filha do autor, está muito acima dessa sub-literatura.

Em CONTOS, POEMAS E CHURRUS encontramos um poeta característico da Geração do Mimiógrafo. As formas e os gêneros literários praticamente desaparecem, misturados. Sirva de exemplo o "Texto" A criatura azulada (p. 38).

Ali tempos conto, crônica, poema em prosa. Lembra-me as divergências de classificação, há um século, das Canções em Metro de Raul Pompéia.

O que os modernistas dos anos 20 tentaram com estardalhaço os poetas do fazer poético que corre pela obra de Marciano Vasques é uma característica dos poetas dos anos 70 e 80 que se derrama por todo o livro.

Poetas como o autor de CONTOS, POEMAS e CHURRUS interessam muitíssimo à História da Literatura, desde que realizada sob critérios estéticos, muito mais do que os que se tornam referenciais de uma época ao adquirirem cadeira cativa nos manuais escolares. Poetas como Marciano Vasques são representativos do espírito poético de seu tempo. Eles representam o próprio solo onde viceja a verdade poesia, sendo ao mesmo tempo fertilidade e seiva.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, de 19 a 26 de fevereiro de 1998

Data : 01/01/1975

Título : O Poeta Dos Escravos

Categoria: Artigos

Descrição: Último dia 6 do corrente, sem alardes, sem grandes lembranças, transcorria mais um aniversário de falecimento de um de nossos maiores poetas...

O POETA DOS ESCRAVOS

por Paulo Monteiro(\*)

Último dia 6 do corrente, sem alardes, sem grandes lembranças, transcorria mais um aniversário de falecimento de um de nossos maiores poetas: Antonio de Castro Alves, o Poeta dos Escravos, o Poeta de O NAVIO NEGREIRO, de VOZES D'ÁFRICA, de tantos poemas, em defesa dos escravos ou em louvor de seus amores.

Quando, há 4 anos, se comemorou o centenário de sua morte, todos relembrouam aquele poeta que morreu aos 23 anos, tuberculoso e com um pé amputado. Não nos cabe neste artigo rápido, lembrar influências exercidas ou recebidas, não nos cabe lembrar lances gloriosos de sua vida efêmera. Cabe-nos, isto sim, lembrar seu exemplo, como poeta e como de tudo, um ser social que chamamos homem.

Vivei Castro Alves em dos períodos mais interessantes de nossa História.

A juventude, muitos anos à frente como sempre, sentia a podridão de um império, de uma “Roma corrupta”, onde os bacanais se faziam estrondosas, nos bailes do Passo, a guisa da fartura, fartura nascida da exploração de uma raça, na injustiça, na prepotência, sob o chicote dos senhores de escravos...

Exemplo indiscutível disso tudo é aquele conhecido poema de “OS ESCRAVOS a CONFIDÊNCIA”:

Quando vê que uma lúgubre corte  
Contra a estátua (sagrada pela morte)  
Do grande Imperador,  
Hipócrita, amotina a população  
Que morde o bronze, como um cão de caça  
No seu louco furor...

É exatamente nesse poema que encontramos a definição poética da obra literária para o poema baiano, quando pergunta:

“Que és tu, poeta? A Lâmpada de orgia,  
Ou a estrela da luz, que os povos guia,  
A nova redenção?”.

Em que pese o gosto condoreiro pela hipérbole a definição é clara.

Para Castro Alves, o poeta não pode ser apenas um contador de males, ou um contador de dores de cotovelo, mas acima de tudo, como homem de uma sensibilidade acurada, deve ser o vidente, “a estrela da luz, que os povos guia a nova redenção”.

Isso não significa reduzir o poeta a simples autômato, a alguém sem coração, alguém que não ama, como ele bem o provou em os ANJOS DA MEIA NOITE, a mais bela série de sonetos escrita por um brasileiro.

Que me perdoem os admiradores, em se tratando de sonetos, Olavo Bilac, mas A VIA-LÁCTEA, traz no âmago o rigor parnasiano, o verso estudado, o verso trabalhado na oficina do ourives, ourives que ouve estrelas.

OS ANJOS DA MEIA-NOITE, porém, trazem aquela espontaneidade dos homens que amam. Cada mulher, cada amada, cada amante lembrada nesses 7 sonetos, parece que cada um de nós, que fazemos poesia, ou que procuramos fazê-la, já a amamos. Há tanto amor e tanta espontaneidade transbordantes, que nos identificamos com os sentimentos do poeta de “ESPUMAS FLUTUANTES”.

Para encerrar, gostaria de lembrar que os famosos versos de Álvaro de Azevedo: “Foi poeta, sonhou e amou na vida”, poderia ser assinado por Castro Alves, com uma diferença fundamental para a ideia do poeta de “O CONDE LOPO”: “Foi poeta, lutou e amou a vida”.

JORNAL DA TARDE

1975

Data : 05/03/2015

Título : O poeta e o dedo-duro

Categoria: Crônicas

Descrição: 1976. O Brasil contava com apenas dois partidos legais: o partido do sim, senhor, chamado ARENA – Aliança Renovadora Brasileira

1976. O Brasil contava com apenas dois partidos legais: o partido do sim, senhor, chamado ARENA – Aliança Renovadora Brasileira –, e o partido do acho que não, senhor, denominado MDB – Movimento Democrático Brasileiro. O primeiro era governista e segundo de oposição.

Nas eleições municipais daquele ano um poeta concorreu a vereador em Passo Fundo. Pronunciava discursos violentíssimos, clamando pela volta do Estado de Direito. E sempre lembrando alguns nomes impronunciáveis de exilados políticos: João Goulart, Leonel Brizola e Luiz Carlos Prestes...

Um desses incendiários discursos improvisou exatamente próximo de sua casa, na Vila Jerônimo Coelho. Exibiu uma edição da Zero Hora, onde constava que o ex-ditador grego, coronel Georgios Papadopoulos, tivera o rosto coberto com cusparadas da população, quando era conduzido preso para depor em um tribunal. Encerrou seu discurso com uma

frase que soa até hoje em meus ouvidos; “É exatamente porque não quero ver brasileiros com a cara cuspidada por outros brasileiros que essa ditadura tem de acabar”.

Imediatamente foi chamado para um canto discreto e advertido por um dos próceres do partido:

– Paulinho, modera o teu discurso porque você vai ser preso a qualquer momento, se não moderar teus discursos.

O poeta sentiu que era um recado.

O conselheiro era um bigorilho, nome pelo qual eram conhecidos os políticos de oposição que faziam o jogo dos ditadores de plantão.

– Seu Fulano, os gorilas vivem dizendo que não querem fazer heróis. Se eles me prenderem estarão fazendo um herói. E o vereador mais votado da história de Passo Fundo. Se eu for preso, minha mãe vai falar em meu lugar. E os discursos delas serão mais violentos, ainda.

Dito e feito. Ninguém prendeu o poeta. Os seus pronunciamentos continuaram do mesmo tom, para ainda mais alto. Também, é claro, não se elegeu.

O recadeiro dos milicos, mas tarde, elegeu-se para elevados cargos municipais e estaduais. Hoje é nome de escola em Passo Fundo.

Nesse ano, também, Lula continuou sua vertiginosa carreira política em São Paulo, onde imperava um Barão de Caxias sem galões de nome Romeu Tuma, o pai.

Data : 02/02/2015

Título : O poeta que plantava pinheiros

Categoria: Crônicas

Descrição: Dom Dinis, rei de Portugal, que viveu entre 1261 e 1325, era de uma excentricidade a toda a prova.

Dom Dinis, rei de Portugal, que viveu entre 1261 e 1325, era de uma excentricidade a toda a prova.

Poeta, escrevia canções trovadorescas, com as quais entrou para a história literária de nossa pátria mãe. Tornou-se lenda com o conto das moedas que se transformaram em rosas, no colo da rainha santa. Causou escândalo ao aumentar a plantação de pinheiro bravo, numa imensa propriedade real com mais de 11 mil hectares.

- Esse rei é louco - dizia pelos cantos o Conde de Mão Leve, um intrigante de marca maior  
-. Imagina, plantar pinheiros. Deveria plantar couves, alfaces e outras hortaliças!

A Duquesa de Trás dos Tocos, com quem ele falava, complementava:

- ... e fica a dedicar canções a essas rapariguinhas, filhas dos camponeses...

O conde e a duquesa possuíam lá suas rações. Ele queria ser tesoureiro real e jamais o conseguiu. Ela, em épocas pretéritas costumava esconder-se com o jovem príncipe atrás de uns tocos de pinheiro bravo, no Pinhal do Rei. E não conseguiu ser rainha mãe. Aliás, nunca mereceu a honraria da maternidade, se revelando estéril.

O certo é que se passaram anos, décadas e até séculos. Dom Dinis deixou suas canções e um denso pinhal na Mata Nacional de Leiria.

Passaram o rei maluco, a rainha santa, o conde salafrário e a Duquesa despeitada. Mudaram-se os tempos, mudaram-se as pessoas. E o reino continuou. E continuou apertado entre os espanhóis, os mouros e o mar grande.

Só o oceano, com suas ondas, permitia a passagem livre aos filhos de Luso. E para cruzar as águas salgadas precisava de barcos e para construí-los de boas madeiras. E estas lá se encontravam, no Pinhal de Leiria.

- Neste mundo é preciso que exista de tudo, costumava repetir o analfabeto filósofo Alvinho Duro, meu avô materno.

E é preciso que exista de tudo, mesmo, de prosaicos horticultores a poéticos plantadores de pinheiros. Ora, pois! Os pinheiros do rei maluco, para escárnio das cinzas do Conde de Mão Leve e da Duquesa de Trás dos Tocos, forneceram o madeirame para armadas lusitanas.



E digo mais: graças aos pinheiros bravos de um rei doidão aqui me encontro do outro lado do Mar Oceano, quase nos antípodas de Portugal falando, escrevendo e lendo na língua de Dom Dinis.

Data : 30/11/2000

Título : O Poeta Rossyr Berny

Categoria: Resenhas

Descrição: Rossyr Berny, nascido em São Gabriel/RS, no ano de 1952, é um dos poetas gaúchos mais representativos da atualidade. Desde seu primeiro livro, HOMEM-AUTÔMATO (Edição do Autor, Porto Alegre, 1976)...

## O Poeta Rossyr Berny

Paulo Monteiro

Rossyr Berny, nascido em São Gabriel/RS, no ano de 1952, é um dos poetas gaúchos mais representativos da atualidade. Desde seu primeiro livro, HOMEM-AUTÔMATO (Edição do Autor, Porto Alegre, 1976), tenho acompanhado a trajetória poética do gabriense. Acabo de ler ESTAÇÕES DOS HOMENS (Editora Alcance, Porto Alegre, 2000), seu mais recente livro de poemas.

Como os primeiros poemas publicados por Rossyr datam de 1973, são mais de 27 anos de poesia. Neste período o poeta continua seguindo o mesmo caminho palmilhado no início. Sua poesia é densa e humanista. E não é mera coincidência que o substantivo HOMEM apareça no primeiro e no mais recente livro do poeta.

Visceralmente humanista, sempre que lembro a carreira do poeta, recordo-me da indignação que sua primeira obra causou no seio do autoritarismo vigente nos anos setenta. Lazarento libertário, muitos poetas de água doce, áulicos de todos os oficialismos, fugiam de sua simples presença. O autor de DESUNIVERSO (1978) continuaria impávido sua trajetória.

À primeira vista podemos ligar a poesia rossyriana (para usar uma expressão de Zé Augusto Marques) diretamente ao surrealismo. Leda Ilusão. Rossyr continua uma tradição que já tem mais de trinta anos entre os poetas gaúchos: a vinculação à Instauração Praxis. Digo vinculação onde muitos escreveriam filiação.

Rossyr, como outros pares seus aqui, do Rio Grande, não se sujeitaria à camisa de força de qualquer corrente poética. Os poetas gaúchos não se submeteriam ao caudilhismo das escolas formalistas.

A presença de alguns tropos, como o epíteto e a metonímia, dão vivacidade especial ao poema. Podem, quando em excesso, tornar a leitura árida. Mesmo usando o verso livre, acabam se manifestando combinações externas formadoras de rimas aliterantes e toantes. Pego, aleatoriamente um poema: depoimento domingo à noite. E nele encontro um esquema rimático, quase imperceptível. E não é só isso: o primeiro verso apresenta uma combinação sonora (q,g) que leva direto à palavra central do título (domingo). É claro que apresento apenas uma amostra ligeira dos elementos que comunicam as qualidades do estilo ao pensamento e à expressão verbal do poeta.

ESTAÇÕES DO HOMEM se divide em quatro partes, não necessariamente representando algum tipo de ordem material. Rossyr parte do homem-poeta para chegar ao homem-homem como fazendo trocadilho com a própria palavra estação, em sua práxis (quadras anuais/lugar certo onde param os veículos de transporte coletivo). O homem-poeta de Rossyr é um homem de carne e osso, que sente dor e transpira indignação ante uma sociedade que cada vez mais separa o homem-homem do homem-poeta. Não é, porém, um homem comum porque é uma criação literária.

Poesia dura, a de Rossyr Berny. Cortante como fio de charqueadeira, causa arrepios como o minuano em plena Pampa. Por isso alguns consideram seus versos panfletários. O panfleto, em literatura, tem a finalidade prática de combate direto às estruturas estabelecidas. A contestação de Rossyr é poética. A maior injustiça que pode haver é a destruição do sonho. É matar o homem-homem o homem-poeta. Continuar cantando é o único sentido da vida para o poeta. O grande número de suicidas, entre eles, que o diga.

depoimento domingo à noite  
por que a praga das formigas  
em intermináveis procissões  
que tudo levam de casa  
para suas casas  
não me levam aos seus depósitos?

deveriam carregar o corpo  
partilhado vivo  
em seus infintos itinerários

a vida estanca aqui  
exposta ao trânsito da ira

vulnerável ao gatilho dos dias  
para mandar-me de vez  
descansar de corpo inteiro nesta segunda-feira

Do Jornal  
O Nacional  
Novembro de 2000

Data : 30/01/1992

Título : O Presidente a os Avestruzes

Categoria: Artigos

Descrição: A verdade e a mentira- dizia Cervantes no Don Quixote de la Mancha- são como o azeite e a água; por mais que se tente misturá-las não se conseguirá.

O Presidente a os Avestruzes

por Paulo Monteiro

A verdade e a mentira- dizia Cervantes no Don Quixote de la Mancha- são como o azeite e a água; por mais que se tente misturá-las não se conseguirá.

Em política, porém, há pessoas que insistem em misturar o que não dispõe de condições à homogeneização.

Fernando Collor de Mello elegeu-se sobre dois pilares indiscutíveis: moralidade pública e livre iniciativa. Leia-se os seus discursos da campanha, os seus manifestos, as suas propostas. Releiam-se os jornais da época.

Os políticos militantes que o apoiaram, originários do mais tradicional conservadorismo, firmaram a seu lado devido àqueles dois princípios básicos de sua proposta de governo.

A moralidade pública é uma questão profundamente séria num País onde o estado keynesiano assumiu proporções imensas, onde o patrimonialismo é estorpecedor, onde qualquer servidor público pode assumir poderes incontrolláveis. Elementos imorais no

serviço público sempre existiram. Acrescenta-se ao momento atual que o moralismo político é a outra face da improbidade administrativa.

As profissões de fé liberais de Fernando Collor de Mello sempre foram meridianas. E qualquer um que conheça um pouco da história do pensamento social, que conheça um pouco de Adam Smith, de Friedrich Hayek, ou de qualquer outro pensador liberal, verá que, no fundamental, o Presidente tem sido coerente com o que defendeu.

Fernando Collor de Mello, como Presidente da república é o que foi como candidato. Por isso, desnorтеia muitos dos que o apoiaram para Presidente. A tenacidade com que defende a privatização, a luta pela internacionalização da economia nacional, a maneira com que tem enfrentado as situações difíceis de seu Governo, tem a mesma lógica da campanha presidencial.

Onde estão os defensores da livre iniciativa que o apoiaram? Onde estão os liberais de ontem? Onde estão os que vociferavam contra o “Estado Previdenciário”?

Nada há de mais nojento, de mais baixo, de mais reprimível que a hipocrisia. E a mim, que não votei em Collor de Mello, que não sou liberal, que não concordo com o que ele pensa com o que ele faz, me revolta e indigna ver a maneira como o Presidente vem sendo atacado pelos avestruzes que o apoiaram.

Diário da Manhã

30/01/1992.

Data : 02/02/2015

Título : O presidente que promoveu o próprio sogro

Categoria: Crônicas

Descrição: O marechal Arthur da Costa e Silva presidiu o Brasil entre 15 de março de 1967 e 31 de agosto de 1969.

O marechal Arthur da Costa e Silva presidiu o Brasil entre 15 de março de 1967 e 31 de agosto de 1969. Faleceu em consequência de um derrame cerebral, sendo substituído por uma Junta Militar.

O que o general Olympio Mourão Filho diz do "usurpador" marechal, ao longo do livro MEMÓRIAS: A VERDADE DE UM REVOLUCIONÁRIO, dá o capítulo de um livro. Vejamos uma passagem da obra citada (Porto Alegre: L&PM, 5ª edição, 1978, p. 453);

"Enquanto isso, o Governo ia se deteriorando rapidamente e os boatos contra Costa e Silva e pessoas de sua família fluíam por entre o povo. Boatos maldosos, mas que causam terrível desgaste se o governante não rege enfrentando-os.

"Finalmente, o infeliz Marechal baixou um Decreto-Lei destinado a beneficiar indevidamente o seu próprio sogro, há muitos anos na Reserva, promovendo-o em ressarcimento de preterição, o que lhe acarretou o direito a muitos milhares de cruzeiros novos de vencimentos atrasados. Foi uma gota d'água no copo das infelicidades, o qual transbordou.

"Numa reunião do Alto Comando - outro órgão espúrio, impessoal e perigoso - o Gen. Muniz de Aragão, homem um tanto impulsivo e esquisito, acusou oficialmente o Presidente e sua família de desonestidade. Isto, sem provas cabais. Quando muito, a acusação no caso da promoção do sogro dispensava prova por ter sido ato público. O resto que alegou era o célebre disse-que-disse que não é vox populi mas sim Voz inferi."

Data : 11/05/2008

Título : O Primeiro Ciclo Econômico da Região Serrana

Categoria: Artigos

Descrição: A produção da erva-mate deu origem ao primeiro ciclo econômico da Região Serrana...

## O Primeiro Ciclo Econômico da Região Serrana

O Rio Grande do Sul tem duas regiões fisiográficas bastante claras: a metade Sul, formada pela Campanha e a Depressão Central e a metade Norte, constituída principalmente pela Mata Atlântica. A esta segunda parte do Estado, sempre se aplicou o nome de Região Serrana. Modernamente, passou a ser conhecida através de diversos nomes, fomentados pela politicagem de lideranças políticas locais. Para facilitar a cata de recursos em Porto Alegre e Brasília, inventaram regiões que não correspondem à realidade.

O que caracteriza a Região Serrana, desde meados do século XIX, é a vocação agropecuária. Aqui se desenvolveram as principais culturas agrícolas; cada município serrano, para usar expressão consagrada pelos poetas regionalistas, é um verdadeiro "celeiro do Rio Grande".

A região passou por diversos ciclos econômicos. O primeiro deles iniciou-se no ano de 1631 quando chegaram os primeiros brancos aqui fixaram residência. Eram jesuítas espanhóis que criaram a redução de San Carlos del Caapi. Sua localização ainda é discutida por historiadores e geógrafos, em função das divergências entre os mapas deixados pelos padres castelhanos e as mais avançadas notas geográficas. Alguns afirmam que o aldeamento ficava nas proximidades de Santo Cristo; outros, nalgum ponto entre Carazinho e Palmeira das Missões, perto do Jacuí Mirim.

Em 1632, os inicianos organizaram a redução de Santa Teresa del Curiti, também conhecida como Santa Teresa de los Piñales, quase na divisa dos atuais municípios de Passo Fundo e Mato Castelhano. Transferida, em 1633, para o Rincão do Pessegueiro, hoje Ernestina, às vésperas do Natal de 1637, acabou atacada por uma bandeira paulista. Os bandeirantes aprisionaram quatro mil tapes (índios guaranizados, possivelmente de origem andina), expulsando os religiosos espanhóis.

Durante esse curto período em que permaneceram na Região Serrana, os padres castelhanos introduziram bovinos, eqüinos e ovinos. Com a ocupação paulista, os dois primeiros tipos de gado, alçaram-se pelos campestres serranos, dando origem à Vacaria dos Pinhais, que exerceria importante papel econômico décadas mais tarde. Dos ovinos não restou notícia; possivelmente acabaram devorados pelos carnívoros silvestres.

Os espanhóis, porém, começaram a explorar uma abundante riqueza nativa: a erva-mate (*Ilex paraguayensis*). Em vários pontos, vastos ervais já eram explorados pelos tapes, que, através do nosso conhecido carijo, produziam a erva para o chimarrão, que era consumido em cuias (cabaças), feitas de porongo, planta das Cucurbitáceas (*Lagenaria Vulgaris*, Ser.), como nós hoje o bebemos, apenas com uma diferença: a bomba, chamada taquapi, feita de taquara.

Os jesuítas, de início, tentaram extinguir o consumo do chimarrão. Disseram que dentro da erva existia um demônio (Anhangá-puitã) e que os índios costumavam colocar veneno. Para desmentir esses ensinamentos, adotaram o hábito de que o mateador (aquele que faz e serve o mate), tome a primeira cuiada.

Impossibilitados de acabar com a bebida que se expandia entre os brancos e seus descendentes, os padres passaram a obter benefícios econômicos, com a produção de erva-mate pelos índios aldeados. Enviavam a erva-mate missioneira para Buenos Ayres, remetendo os lucros auferidos com o negócio para Roma e Madrid, onde ficavam os cofres da Ordem.

Os jesuítas estavam entre os homens mais estudados de sua época. Observadores atentos, verificaram que a erva-mate exigia terrenos especiais para crescer naturalmente; observaram, porém, que poderia ser cultivada em qualquer lugar. Encontraram a solução para o problema descobrindo que somente se reproduziam as sementes comidas pelos pássaros. Passaram a incentivar que os curumins, como eram chamadas as crianças, comessem as sementes. Com essa técnica germinativa desenvolveram grandes ervais. Em poucos anos aumentaram consideravelmente a produção da apreciada bebida.

Não conseguiram pôr em prática essa “nova tecnologia” na Região Serrana porque, depois de expulsos pelos bandeirantes, os caigangues ocuparam as florestas densas. Esses nativos do grupo Jê, inimigos históricos dos guaranis, do grupo Tupi, passaram a combater, também os espanhóis, jesuítas ou não, aliados dos adversários ancestrais.

Com a saída dos paulistas, os índios missioneiros, comandados por padres com experiência militar, faziam incursões aos ervais serranos, em grupos com várias dezenas de homens, portando armas de fogo.

A erva-mate era cortada de quatro em quatro anos. Sapecada e cancheada, conduziam-na os índios nas próprias costas até local seguro, onde era embarcada em canoas para Buenos Aires.

A produção da erva-mate deu origem ao primeiro ciclo econômico da Região Serrana, que se iniciou na década de 1630 e continuou até metade dos 1800, quando acabou suplantada pelo comércio de tropas para as feiras paulistas. Seja extraída dos ervais nativos; seja através de cultivo racional, a produção ervateira constituiu o nosso primeiro e mais duradouro ciclo econômico. Dos nossos quase quatro séculos de ocupação branca, ocupação que teve, naturalmente, avanços e recuos, a erva-mate foi, por cerca de 250 anos, o carro-chefe da economia.

Data : 30/04/2006

Título : O Primeiro Líder Comunitário de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: A luta comunitária sobre a venda da praça Brasil ...

## O Primeiro Líder Comunitário de Passo Fundo

Está em moda o título de “líder comunitário”, divisa da qual têm se servido os mais diversos tipos de indivíduos. A liderança comunitária, porém, exige algumas características especiais, para que responda aos verdadeiros interesses comunitários. Entre elas podem ser destacadas: conhecimento dos grupos políticos em ação, dos interesses em disputa, posicionamento claro em favor do segmento prejudicado, desprendimento pessoal e determinação para arcar com toda e qualquer consequência que possa advir do enfrentamento. Mas, acima de tudo, deve ser incorruptível.

Todas esses caracteres encontraremos nos anos de 1928 a 1931 reunidos em uma pessoa: Gomercindo dos Reis. Revela-nos o estudo do confronto entre a comunidade da atual Vila Rodrigues com o loteador, coronel Faustino Rodrigues, o poder público municipal, e o especulador imobiliário (ou testa-de-ferro) Brasilico Lima.

Ao investigarmos a história de Passo Fundo descobrimos que a Vila Rodrigues começou a ser povoada em 1918. Nove anos depois o loteador vendeu parte da Praça Brasil à

congregação das Irmãs de Notre Dame. No ano seguinte (1928), surgiu um movimento em que os “mais de três mil moradores” se opuseram ao negócio. À frente da mobilização estava Gomercindo dos Reis, poeta, publicista, político e pesquisador da história de Passo Fundo, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras em 7 de abril de 1938.

Tudo começa em 1927 quando Faustino Rodrigues vendeu metade da praça à Congregação das Irmãs de Notre Dame, que ali pretendiam construir uma casa para ministração de aulas aos meninos das redondezas, em grande parte filhos de ferroviários.

No dia 10 de agosto de 1928 o intendente (prefeito) Armando Annes, recebia abaixo-assinado rezando que “quando a vila foi organizada, o coronel Faustino Rodrigues fazia questão de salientar que a vila contaria com praça arborizada, quiosque, luz elétrica, igreja, ruas abertas, etc.”. Promessas não cumpridas. O logradouro, durante uma grande festa, fora batizado como Praça Brasil, mas acabou sendo cercada e usada como propriedade particular do coronel loteador. Este se defendia afirmando que vendera a praça, mas dera parte para a construção de uma escola. Tudo isso se tornou público em matéria intitulada Protesto contra a venda de uma praça, na primeira página de O Nacional, edição de 15 de agosto daquele ano.

Três dias depois, em artigo sob o mesmo título (O Nacional, p. 1), assinado por “Dr. R.” os moradores contraditados. Perguntava-se-lhes o porquê de não terem protestado quando, dois anos antes, se anunciou o oferecimento da mesma área para as religiosas construírem seu colégio ou na ocasião em que a Praça da República (atual Ernesto Tochetto) foi reduzida à metade para a construção da Escola Elementar (hoje Protásio Alves) ou na época em que uma praça do Boqueirão deu lugar a um colégio metodista (Instituto Educacional).

A 22 de agosto, na primeira página, em matéria claramente editorial, intitulada Será tão difícil compreender, O Nacional salientava a importância do tema e que publicaria tudo o que dissesse respeito ao assunto. Nessa mesma edição Gomercindo dos Reis, assinando G.R., na primeira parte do artigo Protesto contra a venda de uma praça, identifica do “Dr. R.” como Octacílio Ribas, engenheiro da prefeitura municipal. Argumenta que a Praça da República, na verdade era formada por duas praças, cortadas pela Avenida Brasil. Como no centro da cidade os terrenos são muito caros o poder público aproveitou uma delas para erguer um moderno prédio. O caso da Vila Rodrigues era diferente, pois não tinha uma única praça e os terrenos eram de pouco valor.

No Boqueirão, os metodistas edificaram um grande prédio (que até hoje ali está, diga-se de passagem) e na Praça Brasil as irmãs de Notre Dame pretendiam construir uma casa de madeira para lecionar um grupo de meninos.

“Demais a mais – conceitua –, um erro não autoriza outro.

“O fato dos moradores do Boqueirão não terem protestado não desautoriza o protestos dos moradores da vila Rodrigues.

“É preciso que os senhores intendentes acabem com essa mania de cederem as praças para a construção de prédios”.

O pior é que quase oitenta anos depois, a advertência de Gomercindo dos Reis continua merecendo ser ouvida pelos administradores de Passo Fundo.



O artigo do autor de “Jardim de Urtigas” continuaria no dia 25. Diz não ser contra religiosos – como o Octacílio Ribas insinuara –, mas que nas praças públicas não se deve construir colégios. Afirma dispor de documentos provando o comércio dos terrenos ao redor da praça por preço maior do que os demais do loteamento. Ameaça o coronel Faustino com verdades amargas, através da “Secção Livre” de O Nacional. Apela ao futuro intendente, Nicolau de Araújo Vergueiro, “que foi quem deixou este espinho na garganta dos moradores da vila Rodrigues, para que o mesmo tome algumas providências no sentido de que a praça da vila não desapareça de forma alguma”.

Nessa mesma edição (Intendência Municipal Despachos), à página três, aparece extrato de despacho da Intendência (Prefeitura) sobre a presença da praça no mapa da vila feito em 1918 pelo agrimensor Francisco Della Mea, situação reconhecida pelo próprio Faustino Rodrigues, que vendeu metade da praça em 1927, conforme escritura pública. A praça consta, ainda, na planta da cidade, elaborada 1922 pelo engenheiro municipal Arthur Souto Ribeiro.

O Executivo Municipal, baseado no Código de Posturas e no Código Civil, decide que “não pode a municipalidade prescindir dos direitos que tem sobre a referida praça, cuja venda parcial, pelas razões expostas não pode atacar, pelo que se oporá pelos meios legais a quaisquer outros atos que impliquem em desrespeito ao domínio público da dita praça” Nira Worm dos Reis, filha do poeta, lembra que o intendente Armando Annes determinou a prisão de Gomercindo, que permaneceu preso durante três dias. Ante a pressão popular sua prisão foi relaxada.

O desentendimento não terminaria aí. Voltaria à tona menos de três anos depois, através de O Nacional (Surge novamente o caso da praça Brasil, 25-02-1931, p. 2). O autor anônimo, alegando sua condição de jornalista, afirma que telefonara ao prefeito e que este “não esmiuçou o assunto, dando-nos somente a garantia de que a praça não seria tornada ao domínio particular, defendendo o município os seus legítimos direitos”. Rememora os incidentes anteriores e o despacho de Armando Annes, favorável aos moradores. Estes souberam que Faustino passou procuração ao major e “advogado” Brasilico Lima para vender a praça.

Já em 1928, “Era evidente aliás que se o sr. Faustino Rodrigues pudesse vender a praça, ficaria habilitado a vender as ruas”. Segue abaixo-assinado com nomes de pessoas cujas famílias são encontradas até nossos dias. O documento fora dirigido a 22 daquele mês ao prefeito Henrique Scarpellini Ghezzi, denunciando o caso.

“Temos documentos sobejos para provar que o Sr. Faustino Rodrigues não tem direito de vender a praça Brasil”.

Na mesma edição, Gomercindo dos Reis divulga um duro artigo datado do dia anterior (A NOSSA DEFEZA, EM CASO EXTREMO, SERÁ FEITA A PORRETE, A FACA E A DINAMITE, O Nacional, págs. 2 e 3). Confirma que Faustino Rodrigues passara procuração a Brasilico Lima, em favor de quem a madre Maria Fermina, também teria desistido de sua parte na referida praça. Talvez lembrando os três dias de prisão, que sofrera em 1928, afirma que os tempos em que os caciques davam ordem já passaram. Repete os argumentos do despacho de Armando Annes e revela dados sobre o negócio. A praça era transferida por 25.090\$000 e os terrenos seriam vendidos a 3.200\$ 000 cada.

O publicista rememora que, em 1929, um grupo de moças e senhoras – elas eram importantes para os movimentos sociais daqueles tempos – pediu a Nicolau de Araújo Vergueiro a abertura e arborização da Praça Brasil. Pouco depois, Gomercindo dos Reis foi procurado por Octacílio Ribas dizendo que a questão dependia de apenas dois contos de réis para pagar honorários do Dr. Ney de Lima Costa, advogado de Faustino contra o próprio Gomercindo. E sugeriu que os moradores, através de abaixo-assinado, apelassem ao advogado dispensar a cobrança de honorários. Gomercindo pensou em recorrer ao advogado, mas teve de retirar-se para Porto Alegre por motivos de saúde. Quando retornou a cidade estava politicamente convulsionada.

Gomercindo acusa Faustino de estelionatário e o denuncia ao promotor de justiça, revelando que os terrenos ao redor da praça foram vendidos com preço 50% maior do que os demais imóveis, que era ameaçado de morte pelo acusado, que a praça fora cercada com arame farpado e que já fora processado três vezes pelo denunciado. Prepara um fecho entusiasmado. Os moradores apelariam à imprensa, iriam à praça pública, telegrafariam ao interventor federal no Estado e, se isso não bastasse, “apelaremos à força bruta – o porrete, a faca, a bala, o incêndio e a dinamite! Iremos para a cadeia como incendiários ou dinamiteiros, mas faremos respeitar os nossos direitos! Experimentem e verão!”.

No dia 28 O Nacional (A propósito da Praça, p. 1) noticia que recebera uma carta de Brasilico Lima e não a divulgava por falta de espaço. A 2 de março os editores tornam público a negativa de publicar a carta, pois “tivemos o desprazer de verificar que o signatário, num intróito extenso, cheio de insinuações, a nós dirigidas e perfeitamente dispensáveis, não observou a cortesia e a consideração que lhe deveria merecer um jornal ao qual se dirige solicitando um obséquo.

“O liberalismo tem limite, além desse está, não a tolerância sadia, mas a passividade condenável.

“Julgamo-nos dispensados, pois, de fazer essa publicação na parte editorial desta folha”.

A carta, com data de 27 de fevereiro de 1931, seria publicada na “Secção Livre”, quarta página, de O Nacional a 6 de março. Critica a publicidade, como matéria paga, na “edificante” “secção livre”, que traz, no cabeço, títulos e subtítulos rebarbativos – “porrete, faca, bala incêndio e dinamite”- indiscutivelmente atentatórios, provocantes e sumamente desrespeitosos à ação da justiça e especialmente da polícia, que tem o dever de prevenir e obstar os crimes”, censurando o periódico e ameaçando com ação criminal seu autor, que não é citado diretamente.

Brasilico Lima defende os direitos de Faustino vender a praça, sempre mantida cercada e sob uso particular. Como nunca foi escriturada pela prefeitura pertence ao loteador. Abro um parêntesis para lembrar que, ao longo da história de Passo Fundo, muitas áreas de domínio público acabaram sendo transferida para particulares, com a conivência de detentores de cargos públicos, porque não foram escrituradas em nome do Município...

No dia seguinte, em matéria editorial de capa, sob o título de PATRIMÔNIO PÚBLICO, à primeira página, O Nacional, continuando na defesa da manutenção da área sob domínio público, se solidariza com a causa e se solidariza com a municipalidade por não aceitar acordo com Faustino.

Brasilico Lima, na “Secção Livre”, a 10 de março, volta à carga (Ao defensor officioso do patrimônio público, p. 4), salientando que o jornal, “órgão dos irmãos Annes, prevalecendo-se das circunstâncias transitórias e especialíssimas que caracterizam o atual momento político, arvorou-se em supremo arbítrio dos destinos desta terra”.

“O seu diretor, ex cathedra, tudo insinua, critica e resolve sentenciosamente à sua feição, com desprezo completo a quaisquer manifestações em contraste”.

O capitão e rábula continua advogando os direitos do proprietário e atacando a troca de “linha” do jornal. Lembra que, a exemplo da vez anterior, pagará pela publicação do artigo e termina advertindo: “Não tardará, entretanto, o aparecimento aqui de outra folha de publicação que agasalhe carinhosamente os desafetos de “O NACIONAL”.

Era o anúncio de A LUTA, jornal de Túlio Fontoura, que começaria a circular a 1º de maio daquele ano.

Em Contrariando um libelo (O Nacional, 11-03-1931, p. 2), que teria continuidade no dia seguinte (Contrariando um libelo II, p. 1), os redatores de O Nacional contraditam Brasilico. Recorrem ao passado dele, como jornalista em Passo Fundo e que “essa lembrança arrastou outras e tão nítidas a que chegamos rapidamente à conclusão de que em matéria de palavras duras e ataques fortes, o ilustre autor do sermão moral leva sozinho de vantagem não só a nós que sempre fomos infensos a esse gênero literário, mas a todos os signatários de secções livres aparecidas no O Nacional, nos seis anos e meio de vida, separados ou conjuntamente”.

O periódico lembra que sempre criticou os governos municipais, mesmo o de Armando Annes, defendendo-se da acusação de “folha revolucionária”. A resposta rememora que, “meses antes”, Brasilico estava de acordo com O Nacional contra a prefeitura, inclusive sugerindo alterações em editoriais, e que só mudou de opinião porque o jornal opôs-se à venda da praça.

O Nacional fazia oposição a Henrique Scarpellini Ghezzi, prefeito em exercício, que costumava fazer o oposto do que o diário preconizava e parabenizava o surgimento de um novo jornal porque assim o prefeito quebraria o silêncio, lamentando não poder oferecer “agasalho gratuito (...) aos nossos desafetos, visto que o jornal nos custa dinheiro e muito”.

O periódico encerra a polêmica no dia 17 de março de 1931, com matéria da redação (A praça Brasil – As providências da Prefeitura, p. 4) contando entrevista com o “dr. Antonio Bittencourt de Azambuja”, contratado pelo prefeito para dar parecer sobre a venda da praça Brasil. O advogado manifestou sua opinião já formada: “Entendo que o município de Passo Fundo tem inconcusso direito de jurisdição sobre a área urbanizada da vila Rodrigues”. E conclui definindo Antonio Bittencourt de Azambuja como “um profissional cuja competência jurídica não pode ser negada e cuja lealdade de opinião de forma alguma pode ser suspeitada”.

Impedido de continuar apresentando suas razões pelas páginas do único jornal existente em Passo Fundo, Brasilico Lima, usaria um panfleto, com seis páginas, intitulado O CASO DA “VILLA RODRIGUES” E A D“O NACIONAL” (DEFESA NECESSARIA), onde fica patente a divisão dos republicanos, numa época em que ocorreram os movimentos

emancipacionistas de Carazinho e Erechim, o que contribuiu para o enfraquecimento político de Passo Fundo, a nível regional.

A luta comunitária sobre a venda da praça Brasil revela o papel importante desempenhado por Gomercindo dos Reis no episódio. Graças a essa mobilização a Praça Brasil foi salva. Ao redor dela estão o Colégio Menino Jesus (das irmãs de Notre Dame), igrejas, clube, seminário, e até uma universidade, comprovando a importância daquela mobilização. Ali é realizada uma grande festividade natalina, recebendo milhares de pessoas.

Do ponto de vista jornalístico insere-se dentro de uma prática da época, abrindo espaço para discussões sobre os mais variados temas. Esses debates, na maioria das vezes, acabavam nas barras dos tribunais. Lembre-se que, apenas na primeira fase do enfrentamento, o líder do movimento teria sido processado três vezes e trancafiado na cadeia por ordem do próprio intendente municipal. Ademais, vemos a presença de uma profunda divisão política entre a “elite” de origem republicana, representada pelos “irmãos Annes” e seu jornal, de um lado, e pelo grupo de Nicolau de Araújo Vergueiro, de outro. A divisão vinha de longe e continuaria mais tarde, entre trabalhistas e pessedistas, arenistas e emedebistas. E continua até hoje. Isto, porém, são outros quinhentos.

Da Revista

Água da Fonte n° 4

Data : 31/07/2005

Título : O Primeiro Romance Gaúcho

Categoria: Resenhas

Descrição: Um dos maiores mistérios da história literária do Brasil acabou em 1992, quando ...

O Primeiro Romance Gaúcho

PAULO MONTEIRO

Um dos maiores mistérios da história literária do Brasil acabou em 1992, quando o livreiro pelotense, Adão Fernando Monquelat, localizou, na capital uruguaia, o único exemplar, até o presente conhecido, dos dois volumes de A Divina Pastora: Romance Rio-

Grandense, impresso na Typographia Brasileira de F. M. Ferreira, no Rio de Janeiro, no ano de 1847.

Durante 145 anos o livro de José Antonio do Valle, que mais tarde acrescentaria os sobrenomes de Caldre e Fião, esteve desaparecido. Após encontrado em Montevidéu, foi adquirido pela RBS - Rede Brasil-Sul de Comunicações, de Porto Alegre, que promoveu a segunda edição, ainda em 1992.

A Divina Pastora, além de ser o primeiro romance gaúcho, é um dos iniciadores da prosa literária mais longa no Brasil. Seu autor, agora comprovadamente, inscreve seu nome entre os pioneiros Joaquim Norberto de Souza e Silva, José Pereira da Silva e Joaquim Manuel de Macedo. Os dois primeiros, irmãos, escreveram na década de 1830/40. Macedo, que publicou A Moreninha em 1844, foi o primeiro romancista brasileiro a ter sucesso.

Entre o livro de Macedo, nascido em 1820, acadêmico de Medicina, e o de Caldre e Fião, nascido em 1821, há algumas coincidências. Ambos se tornaram médicos, exerceram o jornalismo, foram parlamentares, compuseram versos e as personagens de seus primeiros livros são mulheres - Carolina, em A Moreninha, e Ediléia, em A Divina Pastora -, que acabam sozinhas. As coincidências, digamo-lo assim, não param por aí. Macedo (Cap. XII) faz críticas à medicina de seu tempo, em termos às efetuadas por Caldre e Fião (Parte Terceira). O fluminense apresenta uma manifestação indianista, uma lenda (Cap. IX), o gaúcho (Parte Quarta) mostra Kajururá, cacique minuano. E para quem julgar pouco, ambos procuram explicar os caracteres usando seus conhecimentos de Medicina, o que pode prestar-se à interpretação como alguma espécie de pré-naturalismo.

A Divina Pastora é um romance histórico, apesar de apresentar características de uma obra de costumes. Não vamos discutir hipóteses para seu desaparecimento por quase um século e meio. Pouco importa se isso se deve a uma represália de contrabandistas de escravos contra o líder abolicionista Caldre e Fião, ou ao tipo de pacificação do Rio Grande, após a Revolução Farroupilha.

Caldre e Fião procura dar uma fundamentação realista, citando dados, personagens e locais reais. Almênio, o monarca das coxilhas, é muito mais real do que Manuel Canho, o centauro das coxilhas, de O Gaúcho (1870), de José de Alencar. Almênio, apesar de todo o moralismo folhetinesco de seu criador, toca-nos ainda por seu realismo. Já Manuel Canho é um elemento estereotipado. Edélia, embora pareça mais uma personagem do Arcadismo - atente-se para o re-batismo para A Divina Pastora que lhe foi imposto pelo povo, no dizer do romancista - é mais humana, mais concreta do que Catita, criada pelo escritor cearense. Almênio acaba feliz com a nobre prussiana Clarinda, enquanto Edélia cuida de doentes e desamparados; Canho e Catita, em meio a uma tempestade, engarupados, nessa égua morena, quase humana como a cavalhada que povoa a Pampa mítica de Alencar, precipitam-se num abismo. Sobra a imagem facinorosa de Félix à margem do despenhadeiro.

Almênio, no reacionarismo político de Caldre e Fião, é um herói positivo. Entrando no drama romanístico ao lado dos Farroupilhas, revê suas posições políticas e conquista o amor e o respeito das pessoas "moralmente" corretas que estavam do lado legalista. Enquanto isso, mesmo mudando de lado na Revolução, Colomim acaba fuzilado por seu próprio filho, o pusilânime Francisco, capitão do Exército Imperial.

A Divina Pastora procura explicar a Revolução Rio-Grandense de 1835, como consequência de "alguns abusos", "levando os homens ao fanatismo político", preparado em "clubes diversos". Essa oposição ao status quo político é alimentada pelo egoísmo e por elementos completamente negativos. Numa palavra: toda revolução é má, e todos os maus, independentemente do grau da maldade, acabam destruídos ao final do romance. Colomim, louco, é fuzilado pelo filho Francisco, que termina enlouquecido ao lado da ensandecida Amélia, ambos findando seus dias na miséria. A escrava Susana também falece ao terminar o livro. Fabrício é outro que enlouquece, sendo recolhido por Edélia. E, em posição inversa a O Gaúcho, de Alencar, o romance de Caldre e Fião termina, para que ainda sobre alguém mau na face da Terra.

A Divina Pastora, guardadas as limitações de seu autor e o estágio em que se encontrava a ficção brasileira da época, insere o Rio Grande do Sul na gênese do romance nacional. Uma das últimas fronteiras consolidadas do Brasil, o Rio Grande precisa lembrar seu primeiro romance, contribuindo para que ocupe o lugar na história literária nacional, que já lhe estaria assegurado, não fosse um sumiço de 145 anos.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 02/02/2015

Título : O professor e Capitu

Categoria: Crônicas

Descrição: O professor chegou a sala de aula diferente. Não cumprimentou afetuosamente os alunos, como era de costume.

O professor chegou a sala de aula diferente. Não cumprimentou afetuosamente os alunos, como era de costume. Pronunciou um "boa- noite" seco e solene. Anotou a presença e começou a falar sobre o Realismo.

Maria das Dores, que tomava as dores de todo mundo, não se conteve:

- Professor o que aconteceu, que o senhor está diferente?

- Nada de mais.

Continuo falando, como se o recinto estivesse vazio. Até que a aluna investiu outra vez.

- ... o Senhor está triste está triste. Quem magoou o Senhor?

- Já que Você insiste, vai lá! Talvez conversar com alguém faça bem.

- Então desembucha logo, rapaz!, interrompeu Aphonso (isso mesmo, Aphonso com ph, o piadista da turma, diante das gargalhadas de alguns.

- Estou muito preocupado com a história que um amigo meu me contou há muitos anos. A história de um triângulo amoroso...

- A história está ficando boa, interrompeu Aphonso. Não tem como fazer um quadrado amoroso, me metendo nessa farra?

- Se Você quiser, nessa história tem lugar pra Você e pra todo mundo, da sala e de fora dela, recomendou o mestre.

O conto que já estava bom, ficou ainda melhor. Várias vozes se ouviram em uníssono:

- Vai, conta logo!

- Esse meu amigo conheceu dois ex-seminaristas, Bento Santiago e Ezequiel de Souza Escobar. Foram amigos muito íntimos, no Seminário e continuaram amigos por muito tempo. A desavença entre eles ocorreu por causa de uma mulher: Maria Capitolina Santiago, que casou com Bento. Maria Capitolina se tornou grande amiga do amigo do seu amigo.

- Acontece - continuou o professor - que o casal teve um filho, que recebeu o nome de Ezequiel Santiago.

- Vai daqui... vai dali... Bento começou a desconfiar que Ezequiel, o filho, era filho do seu amigo...

- Bom, mas vamos continuar a aula...

- Termina a história!, gritaram vários alunos.

- Essa história (disse pacientemente o mestre) não tem final. Vocês é que devem concluir. Há 113 anos ninguém descobriu a verdade: Afinal, Capitu traiu ou não traiu Bentinho. Está no livro Dom Casmurro, de Machado de Assis.

Continuou a aula normalmente. No outro dia, nada mais do que cinco alunos já estavam lendo e discutindo o livro.

Afinal, Capitu "aprontou" ou não "aprontou" para o marido?

Data : 30/09/2004

Título : O Próximo Governo Municipal e a Cultura.

Categoria: Artigos

Descrição: O Plano de Governo da Coligação Passo Fundo Melhor é, inegavelmente, o melhor formulado em termos de propostas culturais, comparando-se com as demais ...

O Próximo Governo Municipal e a Cultura.

por Paulo Monteiro(\*)

O Plano de Governo da Coligação Passo Fundo Melhor é, inegavelmente, o melhor formulado em termos de propostas culturais, comparando-se com as demais alternativas apresentadas durante a recente campanha eleitoral.



Apesar de pagar tributo a uma limitação imposta pela ideologia dominante, ao ignorar o conceito de Instrução, limitação que também é encontrada nos demais planos de governo, aponta para políticas públicas capazes de transformar a realidade passo-fundense. Essa transformação deve centrar-se em eliminar o vazio entre os partidos tradicionais e as camadas menos esclarecidas da sociedade, vazio que contribui para o desenvolvimento do lumpempolítica. Este se caracteriza pelo uso político de táticas empregadas pelo crime organizado.

Políticas públicas nas áreas da Educação, da Cultura e da Instrução exercerão um papel fundamental para varrer do mapa certas práticas que políticas sérias nada possuem, pois foram copiadas do crime organizado, entre as quais a calúnia, a mentira, a difamação e a empulhação como formas de um fazer político, inevitavelmente mafioso. Como ativista cultural há mais de trinta anos e militante a Ditadura de 1964 é que me atrevo a fazer algumas análises, ainda que preliminares e limitadas sobre o Programa de Governo para cuja vitória contribui com meu voto e minha militância. Ei-las:

O tópico 2.9 PROGRAMA BIBLIOTECA ABERTA propõe “Reestruturar a biblioteca municipal, relocando-a para um espaço físico amplo, que permita a interação das mais diversas manifestações artísticas/culturais com a pesquisa e a inclusão social”, estabelece o tempo para a realização dessa mudança até o final de 2007. Afirma que, em termo de “operacionalização”, “Tal programa será efetivado com a participação dos conselhos municipais da educação e da cultura, especialmente na escolha do local adequado. Será feita a atualização do acervo bibliográfico, a disponibilização do acesso semanal à internet, a organização do arquivo histórico municipal e a especialização de espaços para a exposição de criações artísticas e apresentações musicais”.

Esse ponto do Programa de Governo da coligação Passo Fundo Melhor liga-se diretamente com o tópico 6.7 PROGRAMA FARÓIS DO CONHECIMENTO, que tem como “objetivos”: “Dotar o município de Passo Fundo de centros de difusão do conhecimento, seja através de biblioteca, seja através da Internet, possibilitando uma verdadeira inclusão cultural e digital. As metas fixadas estão assim definidas: Disponibilização de quatro faróis do conhecimento, em quatro regiões importantes do município, um em 2006, outro em 2007 e dois em 2008”. Quanto à “operacionalização”, assim fica proposto: Através da secretaria da Cultura, Lazer e Desporto, serão construídos quatro faróis; nos seguintes bairros ou adjacências: Vera Cruz, São Cristóvão, Boqueirão e Petrópolis, com o objetivo de disponibilizar à população o acesso a um acervo bibliográfico superior a 3 mil obras, além do acesso semanal gratuito a internet através de, no mínimo, 10 computadores.

Entendo que a biblioteca municipal deve situar-se no Centro da Cidade, em local de fácil acesso aos moradores de todos os bairros e vilas. Além do mesmo “acervo bibliográfico superior a 3 mil obras” disponível nos “faróis do conhecimento” conterà obras de referência, especialmente raras e edições antigas. Tenho conversado sobre o assunto com diversas pessoas esclarecidas e elas concordam comigo, inclusive, quanto ao local.

O Poder Público Municipal deve concluir imediatamente, até para cumprir determinação judicial, a reforma do prédio da Academia passo-Fundense de Letras, inclusive do auditório ali planejado, para ali transferindo a Biblioteca Amo Wiuniski; remover o Comitê da Cidadania para local mais amplo e que ofereça melhores condições para a entidade continuar exercendo suas atividades; demolir o atual prédio da biblioteca municipal, deixando a respectiva parcela do terreno ao nível da Rua Moron e edificar outro com

pavimentos suficientes para abrigar equipamentos culturais, reformar e, se for o caso, ampliar o edifício construído na gestão do prefeito Mário Menegás para abrigar a então Delegacia Regional de Educação; do local onde hoje existe um estacionamento de veículos fazer um anfiteatro a céu aberto, que sirva para apresentações artísticas, realização de eventos e assembleias públicas, como reuniões sindicais e até concentrações político-partidárias.

Nessa área, seja posto em execução o ponto 6.5 PROGRAMA CASA DA CULTURA, que tem como objetivo “Criar a Casa da Cultura do Município de Passo Fundo, com oferecimento gratuito das mais diversas oficinas artísticas, nas áreas de música, teatro, cinema, canto, pintura, poesia, literatura, escultura, dentre outras”.

Embora o Programa de Governo proponha a “operacionalização” da Casa da Cultura do Município de Passo Fundo, mediante a possibilidade de utilizar a área física construída do quartel, vê-se que ela poderá entrar em funcionamento bastante rápido na parte baixa do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras, liberando-se o espaço antes ocupado pelo Exército Brasileiro para outras atividades de interesse social.

O espaço onde se situa o conjunto de prédios formado pelo extinto Clube Pinheiro Machado e as antigas Câmara Municipal e Prefeitura pode abrigar um verdadeiro Centro Cultural, com Biblioteca, Museu, Casa de Cultura, Teatro Municipal, Auditório da Academia Passo-Fundense de Letras, oficinas, sedes de entidades culturais como a que congrega artesãos e artistas plásticos e um anfiteatro ao ar livre. Ali pode ser colocada em prática uma proposta do candidato Jaime Debastiani: a Escola Aberta Multi-Linguas, com o apoio de sociedades que congregam descendentes. Outros tópicos apontam para iniciativas culturais, quais sejam 6.4 PROGRAMA TRADIÇÃO GAÚCHA NAS ESCOLAS. Trata-se de resgatar uma iniciativa posta em prática na administração Dipp/Salton e desestimulada pelos prefeitos posteriores. Para tanto, a proposta deve contar com a parceria do Movimento Tradicionalista Gaúcho na sua operacionalização, sendo a sua implementação gradual, abrangendo, a cada semestre, número maior de escolas; 6.8 PROGRAMA PASSO FUNDO PÓLO CULTURAL, com o objetivo de “Impulsionar os eventos culturais que ocorrem em Passo Fundo, fortalecendo a condição de município pólo cultural do norte do Rio Grande do Sul, especialmente considerando a Jornada de Literatura, o Festival Internacional de Folclore, o Festival de Teatro, o Festival de Coros, o Chamamento do Pampa, o Rodeio Internacional de Passo Fundo, O festival da Música Universitária, o Carnaval de Rua, a Semana Farroupilha, a Mostra da Cultura Gaúcha, o Natal Som Luz e Amor, a prova de Enduro Equestre, dentre outros”; 6.9 PROJETO CULTURA POPULAR, objetivando “Levar as mais diversas manifestações culturais locais – teatro, música, coros, cinema, dentre outras – para as vilas e bairros, gratuitamente”. Segundo o Programa de Governo, esse “projeto será desenvolvido juntamente com o conselho municipal da cultura, juntamente com entidades culturais e educacionais, afins, valorizando os talentos locais. Dentro desse programa, encontra-se o apoio da municipalidade para a constituição do Centro de Tradições Nordestinas”, que pode iniciar no próprio centro Cultural.

Esses programas e projetos apontam um caminho completamente inovador em termos culturais. Merecem uma discussão mais aprofundada, inclusive, frente ao PROGRAMA ESCOLA DE TURNO INTEGRAL (2.11). Este programa pode causar problemas quanto a

espaço físico, provocando falta de salas de aula, pois, atualmente, as escolas municipais funcionam em sistema de dois turnos.

Em parceria com entidades culturais e educacionais, como proposto no item 6.9, levando-se em consideração experiências exitosas de muitas outras cidades, pode-se implantar Centros Culturais, em bairros e vilas. Para tanto, aproveitando-se de voluntariado, em locais cedidos por entidades comunitárias e religiosas ou prédios construídos em áreas públicas, disponibilizar atividades culturais múltiplas com as mais diversas formas de dança e práticas artísticas, como a capoeira, e bibliotecas comunitárias.

Com isso, se atingirá dois tipos de público jovem: aqueles que estão estudando e os que “não querem mais estudar”, que serão estimulado, gradativamente, através de práticas culturais, ao exercício de atividades produtivas á inclusão social.

Do ponto de vista prático, as populações de bairros e vilas e grupos socialmente vulneráveis como crianças e adolescentes carentes ou moradores de rua serão incentivados á produção de bens culturais, em especial o artesanato no que poderão ser aproveitados materiais reciclados. Por exemplo: móveis com jornais velhos e copos com garrafas de vidro que costumam ser jogados nas vias públicas. Arte pode significar emprega e renda, como o comprovam experiências bem sucedidas.

Estas são apenas algumas rápidas observações sobre as propostas da Coligação Passo Fundo Melhor. Muitas sugestões poderão ser apresentadas, caso o programa na área cultural seja discutida dentro de um processo mais amplo que culmine com a fixação de um pacto para o desenvolvimento do Município, pacto que deve ser firmado entre os políticos que representam pouco mais de um terço do eleitorado e todos os cidadãos e cidadãs passo-fundenses.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha  
Rota.

30/09/2004

Data : 01/01/2013

Título : O que é literatura local?

Categoria: Artigos

Descrição: O conceito de literatura local[2] é eminentemente científico.

Gilberto Cunha e Paulo Monteiro[1]

O conceito de literatura local[2] é eminentemente científico. Da mesma forma que existem escritores conhecidos e reconhecidos regional, nacional e internacionalmente, existem escritores que são conhecidos e reconhecidos máxime no "local" onde vivem e escrevem.

O conceito de literatura local é empregado em sentido amplo ou restrito. No primeiro sentido refere-se ao conjunto dos escritores conhecidos localmente; no segundo aos escritores conhecidos em determinada localidade.

O Brasil possui uma literatura local riquíssima. Apenas um dos autores do presente artigo possui em seus arquivos nomes e endereços com mais de três mil escritores locais brasileiros residentes nos mais diversos municípios do país.

A quantidade de escritores locais, no sentido restrito, é determinada por diversos fatores entre os quais a população da localidade, o nível de leitura na comunidade.

O certo é que quanto maior e mais esclarecida a população maior e melhor, esteticamente falando, o número e a qualidade dos escritores locais.

O número e a qualidade dos escritores passo-fundenses são mais significativos do que dos escritores coxilhenses. Em Porto Alegre a literatura local é mais rica e variada do que em Passo Fundo. Os escritores locais paulistanos superam os porto-alegrenses.

Via de regra todos os escritores com obras lidas e conhecidas fora do local onde moram começaram como escritores locais. Basta o exemplo clássico de Machado de Assis, o mais expressivo escritor brasileiro de todos os tempos. Começou publicando seus trabalhos em jornais do Rio de Janeiro. Depois, reunidos em volume, seus textos, muitos dos quais traduções de obras estrangeiras, começaram a ser lidos fora de sua cidade natal. E seu nome se foi tornando reconhecido fora da Capital do Império.

Assim, o escritor local de hoje pode transformar-se no escritor canônico de amanhã, nacional ou universalmente.

Para que o escritor ultrapasse os estreitos limites de sua aldeia é indispensável a conjugação de uma série de fatores.

Em primeiro lugar é preciso que o escritor seja dotado de "dom". Muitos escreveram versos em Itabira, mas só um itabirano assumiu a importância literária de Carlos Drummond de Andrade, o próprio Drummond.

É indispensável que a obra individual repercuta o mais amplamente possível. Muitos escreveram versos em Ipatinga, mas só um ipatinguense alcançou a repercussão de Carlos Drummond de Andrade, o próprio Drummond.

No fundamental, é preciso que o escritor local tenha talento real e que sua obra alcance circulação e reconhecimento fora da aldeia. O estudo da literatura brasileira e dos principais escritores nacionais é altamente ilustrativo.

Os escritores locais, em sua absoluta maioria, apenas foram reconhecidos ao abandonarem a província. Os casos de escritores, que passaram a fazer parte do cânone nacional, com uma produção editada e difundida a partir do interior do país, como o pelotense João Simões Lopes Neto, porém, são raríssimos.

O grande impedimento para o reconhecimento do escritor local é, a falta de circulação da obra, indispensável para a recepção da obra. A recepção da obra é que determinará até onde o autor chegará, em termos históricos, para o que contribui, especialmente, a combinação entre o espírito da época e o domínio da técnica literária, união que gera os escritores canônicos e a renovação estética.

Se os criadores não publicam suas obras ou se estas não circulam continuarão sendo, no máximo, escritores locais.

A simples edição e difusão de livros, porém, não é suficiente. Ainda que um autor fizesse imprimir bilhões de exemplares, nas mais diversas línguas, e os fizesse circular entre todos os habitantes do Planeta, seria uma futilidade se lhe faltasse talento. Poderia, no máximo, derrubar o preço do papel higiênico.

Não basta, pois, a edição e circulação da obra literária; é preciso a sua conservação, o que só se torna possível com a recepção, a aceitação pública. Para tanto, deve alcançar, ao menos, um certo grau de universalização do particular. Por isso é que muitos escritores de best-sellers e ganhadores de cobijados prêmios literários terminam, em pouco tempo, apenas contribuindo para a ampliação de papel reciclável.

É fundamental para que os escritores locais ultrapassem os limites da aldeia que produzam e façam circular uma literatura da melhor qualidade.

A bem da honestidade intelectual devemos afirmar que, até hoje, a maioria dos escritores passo-fundenses produziu uma literatura ultrapassada[3].

Enquanto o Concretismo, a Instauração Páxis e o Poema Processo assumiam a vanguarda da literatura nacional nossos romancistas continuavam escrevendo folhetins à maneira do século XIX e os poetas compondo sonetos, sonetinhos e versos humorísticos à Belle Époque. Quando, há três décadas, a Geração do Mimeógrafo, deixava para trás as vanguardas, continuávamos estacionados num modernismo vulgar ou presos a um baixo parnasianismo.

Ora, o novo é um dos componentes indispensáveis para a melhor qualidade da obra literária. E não se lho aprende nas salas de aula com a leitura simplória dos sempre ultrapassados manuais de História da Literatura Brasileira. É preciso e urgente que a literatura local dialogue com a literatura praticada nos mais diversos brasis literários e em outros países.

Quem conheça alguma coisa do que se passa até mesmo em pequenas cidades sabe que escritores locais são lidos e traduzidos em diversas partes do Globo. E isso não acontece de graça. É consequência de um intenso labor literário, através de publicações individuais e coletivas, além de periódicos que circulam nacional e internacionalmente.

A situação passo-fundense não é diferente da que ocorre em outros municípios. Os escritores locais não podem continuar chorando o leite derramado, mendigando o mecenato dos poderes públicos, especialmente daqueles que servem a projetos personalísticos, portanto, mesquinhos; muito menos reclamando espaços em atividades que têm uma abrangência maior, como a Jornada Nacional de Literatura, se não conseguem romper os apertados círculos familiares. E pior, quando se omitem de participar de atividades que valorizam os escritores locais, como a própria imprensa literária municipal.

Os exemplos são muitos de que há espaço para a literatura local desde que o escritor tenha talento e encontre os mecanismos para a circulação de sua obra. Revistas literárias bem feitas - e a história das letras pátrias é preche de exemplos - têm contribuído para essa divulgação.

Em Passo Fundo, especialmente nos últimos anos, a Academia Passo-Fundense de Letras tem usado de todos os instrumentos possível para divulgar os escritores locais. Iniciou com a publicação semestral da revista Água da Fonte, que publica trabalhos literários, culturais e jornalísticos dos acadêmicos e de outros autores que não fazem parte do sodalício. Recentemente, numa iniciativa inédita, pelo menos em termos de Brasil, numa parceria entre a Academia e a Câmara de Vereadores, está sendo produzido o programa Literatura Local, transmitido diariamente pelo Canal \*\*\*\*\*, da NET.

Isso representa o amadurecimento dos escritores passo-fundenses de que a literatura local somente alcançará amplitude pelo esforço dos próprios escritores. Esse é o desafio posto ante milhares de escritores brasileiros que, do Amazonas a Fernando de Noronha, do Amapá ao Rio Grande do Sul, exercem o mister de escrever.

Passo Fundo, Agosto de 2006.

---

[1] Gilberto Cunha e Paulo Monteiro fazem parte da Academia Passo-Fundense de Letras, sendo editores da revista Água da Fonte e produtores do programa Literatura Local, da TV Câmara.

[2] O conceito de literatura local foi haurido após leituras e reflexões sobre o livro *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Traducido del alemán por José Gaos, Alianza Editorial, S.A., Madrid, Tercera edición, 1985.

[3] A única análise disponível até agora sobre os escritores canônicos de Passo Fundo foi elaborada por Paulo Monteiro, apresentada durante a Semana das Letras Passo-Fundenses, realizada entre os dias 1º e 7 de agosto de 2002. Está disponível da Revista Água da Fonte desdobrada em *Dois romancistas passo-fundenses* Água da Fonte Ano 1 - nº 0 - Dezembro de 2003, págs. 28 e 29) e *Alguns poetas passo-fundenses* (Água da Fonte Ano 1 - nº 1 - Abril de 2004, págs. 7 a 10.)

Data : 03/03/1995

Título : O Realismo Socialista no Brasil

Categoria: Resenhas

Descrição: “Mesmo os romances de encomenda tropeçaram na censura partidária e custaram a ser editados.

## O Realismo Socialista no Brasil

por Paulo Monteiro

“Mesmo os romances de encomenda tropeçaram na censura partidária e custaram a ser editados. Alina Paim e Dalcídio Jurandir tiveram que mudar os seus, várias vezes, por “inconveniências”. A hora próxima, anunciada em 1952m só foi lançado em 1955 pela Editorial Vitória, por insistência de Alina. A via-crucis de Dalcídio prolongou-se por mais tempo. Concluído provavelmente em 1952, Linha do Parque adormeceu anos nas gavetas dos dirigentes. Recorda Osvaldo Peralva que os originais foram devolvidos com uma nota lacônica: “Dalcídio abusa do emprego de e...” O romance permaneceu inédito até 1959, o que permitiu a Dalcídio elaborar a versão final sem os rigores do início da década”.

Essa é uma das inúmeras passagens de O IMAGINÁRIO VIGIADO: a Imprensa Comunista e o Realismo Socialista no Brasil (1947-53), de Dênis de Moraes, editado pela José Olympio Editora do Rio de Janeiro, e está á pág. 162 do livro.

Embora nominalmente aparente um estudo da imprensa comunista por um período de 7 anos, o espaço abrangido pela obra de Dênis de Moraes é mais amplo. Na verdade envolve as décadas de 40 a 50, período em que o Partido Comunista Brasileiro (PCB), através de seus diversos órgãos de imprensa (jornais e revistas) e editoras, difunde as idéias de Andrei Jdanov, o principal teórico do realismo socialista.

O realismo socialista pode ser identificado como um romantismo revolucionário. A luta entre o bem e o mal dos velhos folhetins românticos passa a ser a luta entre o proletário e o burguês, a luta entre o trabalho, espírito de todas as virtudes, e o capital, encarnação satânica. É uma escolástica estética. A própria dialética marxista é negada. Vigora a mais intransigente lógica formal. Sim é sim e não é não. Inexiste qualquer tipo de mediação. É uma escola, em essência, individualista.

É evidente que uma “estética” desse tipo só pode render obras cujo valor literário é altamente discutível. O máximo que pode produzir é uma sub-literatura.

Dênis de Moraes (pág. 205 e seguintes) salienta a “notável exceção á regra”, de Graciliano Ramos, que se opôs aos preceitos do jdanovismo.

Eu, particularmente, considero Graciliano Ramos o mais representativo ficcionista brasileiro deste século. Nunca me agradou o realismo socialista de Jorge Amado, por exemplo. Os Subterrâneos da Liberdade e outras obras do mesmo período sempre me parecem forçados. Não há autenticidade. Só personagens sem vida.

Clara Ramos, em seu livro Cadeia, recentemente editado também pela José Olympio, historia a feitura de Memórias do Cárcere, apresentando farta documentação sobre o processo de criação da obra e desmascarando a tese de que o livro publicado teria sido o

produto da censura imposta pelos “críticos” do partidão, salienta a firmeza de Graciliano ante as imposições partidárias.

O livro de Dênis de Moraes é a história de um tempo de intolerância, inquisições e fogueiras. É também a história da resistência da inteligência. E Graciliano é a figura mais representativa, o homem símbolo da inteligência criadora. Verdadeiramente artista conseguiu immortalizar sua indignação contra a injustiça, sem perder a qualidade literária.

Quem for realmente preocupado com a cultura, com a civilização, deve ler O IMAGINÁRIO VIGIADO, obra indispensável para o entendimento da cultura brasileira, durante as últimas décadas.

Jornal da Cidade

03/03/95

Data : 06/09/1995

Título : O Realismo Socialista no Brasil

Categoria: Artigos

Descrição: O realismo socialista pode ser identificado como um romantismo revolucionário.

### O Realismo Socialista no Brasil

“Mesmo os romances de encomenda tropeçaram na censura partidária e custaram a ser editados. Alina Paim e Dalcídio Jurandir tiveram que mudar os seus, várias vezes, por ‘Inconveniências’. A hora próxima, anunciada em 1952, só foi lançado em 1955 pela Editorial Vitória, por insistência de Alina. A via-crucis de Dalcídio prolongou-se por mais tempo. Concluído provavelmente em 1952, Linha do parque adormeceu nas gavetas dos dirigentes. Recorda Osvaldo Peralva que os originais foram devolvidos com uma nota lacônica: “Dalcídio abusa do emprego do e...” O romance permaneceu inédito até 1959, o que permitiu a Dalcídio elaborar a versão final sem os rigores do início da década”.

Essa é uma das inúmeras passagens de O Imaginário Vigiado: A imprensa Comunista e o Realismo Socialista no Brasil (1947-1953), de Dênis de Moraes, editado pela José Olympio Editora, do Rio de Janeiro. E está à página 162 do livro.

Embora nominalmente aparente um estudo da imprensa comunista por um período de 7 anos, o espaço abrangido pela obra de Denis de Moraes é mais amplo. Na verdade, envolve as décadas de 1940 e 1950, período em que o Partido Comunista Brasileiro



(PCB), através de seus diversos órgãos de imprensa (jornais e revistas) e editoras, difunde as idéias de Andrei Jdanov, o principal teórico do realismo socialista.

O realismo socialista pode ser identificado como um romantismo revolucionário. A luta entre o bem e o mal dos velhos folhetins românticos passa a ser a luta entre o proletário e o burguês, a luta entre o trabalho, espírito de todas as virtudes, e o capital, encarnação satânica. É uma escolástica estética. A própria dialética marxista é negada. Vigora a mais intransigente lógica formal. Sim é sim e não é não. Inexiste qualquer tipo de mediação. É uma escola, em essência, individualista.

É evidente que uma “estética” desse tipo só pode render obras cujo valor literário é altamente discutível. O máximo que pode produzir é uma subliteratura.

Dênis de Moraes (pág. 205 e seguintes) salienta a “notável exceção à regra” de Graciliano Ramos, que se opôs aos preceitos do jdanovismo.

Eu, particularmente, considero Graciliano Ramos o mais representativo ficcionista brasileiro do século XX. Nunca me agradou o “realismo socialista” de Jorge Amado, por exemplo. Os Subterrâneos da Liberdade e outras obras do mesmo período sempre me pareceram forçadas. Não há autenticidade. Só personagens sem vida.

Clara Ramos, em seu livro Cadeia, recentemente editado também pela José Olympio, historia a feitura de Memórias do Cárcere, apresentando farta documentação sobre o processo de criação da obra e desmascarando a tese de que o livro teria sido produto da censura imposta pelos “críticos” do partidão. Salienta a firmeza de Graciliano ante as imposições partidárias.

O livro de Dênis de Moraes é a história de um tempo de intolerância, inquisições e fogueiras. É, também, a história da resistência da inteligência. E Graciliano é a figura mais representativa, o homem símbolo da inteligência criadora. Verdadeiramente artista, conseguiu imortalizar sua indignação contra a injustiça, sem perder a qualidade literária.

Quem for realmente preocupado com a cultura, com a civilização, deve ler O Imaginário Vigiado, obra indispensável para o entendimento da cultura brasileira, durante as últimas décadas.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 6 de setembro de 1995, p.3).

Data : 31/12/2003

Título : O Riso da Agonia

Categoria: Resenhas

Descrição: Afinal, viver é sonhar. Por isso, a história somente poderia ser contada por quem já tenha morrido.

## O Riso da Agonia

PAULO MONTEIRO

A conquista do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, neste ano, por O Riso da Agonia, de Plínio Cabral, acabou consolidando algumas características que já se manifestavam em edições anteriores do referido certame. A mais visível, inclusive às pessoas menos esclarecidas, mas nem por isso menos inteligentes, é a premiação de jornalistas, que se iniciou com o medíocre Tratado da Altura das Estrelas, de Sinval Medida, em 1999, continuando com os muitíssimos superiores Meu Querido Canibal, de Antônio Torres, e Nûr na Escuridão, de Salin Miguel, em 2001, chegando ao livro vencedor deste ano.

O Riso da Agonia, classificado pelo próprio autor como "Uma história em forma de romance", poderá ser ligado por leitores apressados a Memórias Póstumas de Brás Cubas, publicado por Machado de Assis, em 1880, na Revista Brasileira, pelo fato de ter como narrador "um autor defunto" ou "um defunto autor". Podem filiá-lo, ainda, aos chamados "romancistas de 30" ou a seus continuadores. Nada mais ilusório.

Formalmente, sua arquitetura mais se aproxima da técnica usada por Autran Dourado e por ele mesmo esmiuçada no ensaio Uma Poética de Romance. Nessa construção fragmentária e/ou fragmentada, Plínio Cabral usa duas histórias diferentes, materiais aparentemente muito diversos, mas que dão a forma de romance à história. Uma delas é claramente memória; a outra, visivelmente ficção.

O memorialista conta sua vida, a partir do seu nascimento no interior do Rio Grande do Sul, terminando com a mudança para uma cidade grande, onde procurou enterrar seu passado que, com ele, continua vivo. Essa realidade da existência é o grande dilema, a grande ironia, a grande verdade, que somente pode ser externada pelo ficcionista, cuja história tem início com uma doença na infância, encerrando-se no dia 23 de setembro de 1999, com o falecimento do "autor".

Não é à toa que o livro se inicia e se fecha com a data em que o narrador morreu. É como se toda a vida passasse no instante extremo, pela memória. Toda a história (memória e ficção) é a agonia, o que se confirma mediante o emprego de orações curtas e parágrafos breves. Manifesta-se a pressa do narrador, o ritmo acelerado, a sororoca do agonizante.

Sente-se duas histórias diferentes, coladas, como se fossem reportagens empasteladas. É o absurdo da vida, que se confirma na verdade final, a morte. Uma dessas histórias é a vida do autor, onde aparecem figuras como doutor Turi, dona Lucila, Pe. Caetano, Artidor, Timbaúva, Gumercindo, os pais do escritor, o grêmio literário, os políticos com os quais se relaciona até chegar a uma Secretaria de Estado. Outra história é a da agonia (ou seria do riso?) onde, além do narrador, encontramos Corpo (Corpo-Tábua), Pezinho, Lixinha, Lava-Lava e Pé-de-Vaca.

Se as primeiras personagens representam a vida (memória) do escritor, as segundas assumem uma simbologia, revelam o delírio, a manifestação dos demônios interiores, que

se apresentam e tomam forma à hora da morte, exatamente no dia 23 de setembro de 1999. É aí que Plínio Cabral consegue concretizar todos os seus sonhos de mudança que o levaram a trocar uma cidade do Rio Grande do Sul pela maior metrópole brasileira, ao contar sua história sob a forma de romance.

Pouco existe nessa trama (das histórias justapostas ou individuais), lembrando a "literatura menipéia", o gênero cômico-fantástico, que José Guilherme Merchior tão bem sintetizou em O romance carnavalesco de Machado (in Memórias Póstumas de Brás Cubas, Editora Ática, SP, 1999), muito embora até possa parecer o contrário, pois estamos diante de uma obra bipartida. Insisto nas histórias justapostas, e uma delas pura memória. Bem menos se pode ligar O Riso da Agonia ao "Romance de 30". Nada existe de realismo socialista, de estímulo à revolução social, de uma prática transformadora, fazendo surgir um novo homem. Por toda parte há niilismo, impotência diante da realidade, acomodação. Puro existencialismo. Viver é morrer. A agonia já começou quando surgiu a célula-ovo. Daí o riso e a agonia ou riso da agonia, na preferência do escritor. É como diz o verso famoso: "O que dá pra rir dá pra chorar".

Plínio Cabral escreveu um belo livro, que nunca vai ser um grande romance, um clássico. Pelo tipo híbrido, temo até classificá-lo como romance. Fez um acerto de contas com sua vida, levando muitos de sua geração e da imediatamente mais nova, a refletirem sobre suas vidas e a agonia dos seus sonhos. Afinal, viver é sonhar. Por isso, a história somente poderia ser contada por quem já tenha morrido. Trata-se, porém, de um livro datado, pelo que tem de memória, o que é uma pena. Uma grande pena.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, cujo patrono é o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)

Da revista

Água da Fonte nº 0

Rotta

30/9/2003

Data : 02/11/2009

Título : O Riso do Fantástico

Categoria: Resenhas

Descrição: Crescemos sob o medo a figuras mitológicas, desde o velhíssimo Lobisomem ao Velho do Saco ou...

## O Riso do Fantástico

“Humor com Pimenta” (Elisabeth Souza Ferreira, com ilustrações de Diego Chimango e capa de Scheldon Souza Ferreira, Passo Fundo: Berthier, 2009) é um dos livros mais interessantes publicados em Passo Fundo nos últimos anos. A autora já publicou outras obras, mas nenhuma de “literatura fantástica”, e muito menos eivada de humor.

Álvaro Lins, um dos críticos literários brasileiros mais expressivos do Século XX, legou-nos um ensaio clássico sobre a literatura que encontra em Edgar Allan Poe seu putativo criador. Putativo criador, porque essa literatura existe desde a Antiguidade. O ensaio, intitulado “No Mundo do Romance Policial”, está entre as páginas 259 e 271 da primeira edição de “O Relógio e o Quadrante” (Editora Civilização Brasileira, Rio, 1964).

No estilo direto que o caracterizou Álvaro Lins, já nas primeiras linhas escreve com todas as letras: “O romance policial não é literatura no conceito estético da palavra”. Uma página adiante (260), assim resume o que seja esse tipo de produção literária: “Qualquer romance, quando integralmente construído, é um mundo fechado, do qual o leitor participa, durante a leitura, esquecendo a existência ordinária. O romance policial, mais do que os outros, é um mundo particular e hermético, com os seus personagens, com os seus episódios, com as suas emoções, com os seus encantos, com as suas grandezas e misérias, tudo diferente do mundo normal em que vivemos. A leitura de um romance policial é uma evasão, uma troca de realidades, é a entrada num universo de natureza anormal, do crime, apaixonando os leitores não só pelo extraordinário, mas também por uma ligação secreta com este mundo de horrores, operada na circunstância de que no homem mais virtuoso ou tímido existe a possibilidade de praticar o ato anormal do criminoso”.

O conceito que o autor “Jornal de Crítica” faz do romance policial pode-se aplicar ao conto e à novela do gênero em epígrafe e aparentados como as literaturas de terror e far-west, como de resto a toda a “literatura fantástica”.

Os nove contos de “Humor com Pimenta”, em sua maior parte, expõem o fantástico e o terror. Não o fazem, porém, com seriedade. Escritora sensível, Elisabeth Souza Ferreira, vê no sobrenatural literário uma forma de humor. E assim o vê com os olhos de quem convive com o sobrenatural por opção de fé, a mesma opção que a tornou autora de obras sobre essa temática.

Crescemos sob o medo a figuras mitológicas, desde o velhíssimo Lobisomem ao Velho do Saco ou ao Seqüestrador de Crianças. O Pecado é outra dessas figuras aterradoras, em que foi transformada a tradução hebraica de desobediência. O fantástico, seja policial ou terror, é a “natureza anormal” de que nos fala Álvaro Lins, elevado ao humorístico. Daí

a curiosidade. Como na vida real, todos nós sabemos o final da história: o Lobisomem, o Velho do Saco, o Seqüestrador de Crianças e semelhantes não nos pegarão.

A pimenta, que Elisabeth acrescenta ao humor, é o ridículo das personagens, como vemos em todas as personagens que aparecem ao longo dos nove histórias que compõe o livro. O conto “A Maldição da Cadeira” é ilustrativo. Irritado com o dono do bar, Chico, o bêbado, lança uma maldição sobre a cadeira da qual foi enxotado. E funciona. Como nos velhos dramalhões mexicanos, começa a mortandade de tantos quantos sentem nela. E para que a humanidade não acabe exterminada, a cadeira acaba encontrando o amaldiçoador que termina “vítima da própria maldição”.

A “natureza anormal” é também o absurdo, absurdo presente nos mitos ancestrais e contemporâneos. A fusão entre o humor e o ridículo mostra a absurdez do fantástico. Não é à-toa que o vômito está presente no conto “Sacolas e Sacolões”, onde a absurdidade chega ao extremo. As pessoas fumam num ônibus urbano. Um menino carrega um engradado de refrigerantes. Usa o líquido de uma garrafa, limpando o rosto do motorista ferido com uma pedrada. Aparece até um gaúcho usando gravata (e não um lenço). Em “No Escritório”, outro conto de inegável absurdez, mais uma cena de vômito. E por não vomitar, a avó de “A Mesa” “cai dura no chão”, morta, após ingerir a urina envenenada do gatinho da empregada, pensado que fosse suco de laranja.

A presença de personagens sem nomes próprios é uma constante ao longo dos nove contos de “Humor com Pimenta”. A despersonalização é outra demonstração do absurdo, que é uma realidade cada vez mais constatável com a concentração das pessoas nas cidades. Ao antepor o adjetivo ao substantivo, como ocorre na maioria das vezes em que essas palavras se encontram, a Autora continua demonstrando que a pessoa, representada pelo substantivo, é secundária.

“O romance policial (e toda a literatura fantástica, sou eu quem o diz, dialogando com Álvaro Lins) não é literatura no conceito estético desta palavra”, e não o é porque “Aquele problema da criação poética através do estilo nunca foi inteiramente resolvido pelos seus autores; e não o será nunca, talvez”. Ao apimentar o fantástico, Elisabete Souza Ferreira, produz o absurdo. E isso é a radicalização da “natureza anormal”, expressa através das personagens. Na prática e absurdidade do absurdo. Aí está a resolução do “problema estético”, introduzindo o fantástico na literatura esteticamente literária, “talvez”, mestre Álvaro Lins.

Data : 10/06/2008

Título : O Romance de um Romance Resenha I

Categoria: Resenhas

Descrição: Odilon Garcez Ayres escreveu uma obra de ficção acima da média dos romances passo-fundenses.

## O Romance de um Romance

A Méritos Editora, do jovem editor Charles Pimentel, realiza um trabalho importante para a divulgação da produção literária de Passo Fundo e região. Lança obras de autores iniciantes e consagrados, primando pela qualidade gráfica dos volumes.

Uma das suas publicações é *Oché y Sefé Tiarayú*, de Odilon Garcez Ayres, natural de São Sepé, aqui residente há muito tempo, onde constituiu família e se integrou à vida comunitária, na condição de funcionário público municipal e tradicionalista militante. Seu primeiro livro é um romance, na esteira comemorativa dos 250 anos da morte do índio Sepé Tiaraju, falecido no dia 7 de fevereiro de 1756, quando preparava uma emboscada aos exércitos português e espanhol. Estes faziam cumprir os termos do Tratado de Madri (31.1.1750), que passava para Portugal as missões jesuíticas da margem esquerda do Uruguai, em troca da Colônia do Santíssimo Sacramento. Não morreu três dias depois, em Caiboaté, quando o grosso das forças guaranis foi destruído pelas tropas peninsulares.

Como bem o demonstra o historiador Moacyr Flores (*O Poema Uruguay* de Basílio da Gama, incluído em seu livro *Reduções Jesuíticas dos Guaranis*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1977, págs. 131-146), o Sepé Tiaraju que se tornou conhecido é uma criação literária. Aparece para o mundo com *O Uruguay*, de José Basílio da Gama, publicado em 1769, mesmo ano em que Voltaire dava a lume a novela *Cândido*, sobre um reino fabuloso construído pelos inicianos no Paraguai. O autor do *Dicionário de História do Brasil* demonstra que Sepé Tiaraju é mais uma dessas personagens, que saíram das páginas literárias para os livros de história. E lembra os casos de Anita e José Garibaldi, tal como apresentados na história tradicional, inventados pela pena de Alexandre Dumas no "romance *Memórias de Garibaldi*".

O romancista inicia seu livro apresentando a leva de índios preados na redução de Santa Teresa, que era conduzida para São Paulo e sua providencial libertação por uma partida de outros índios que iam das margens do Iguaçu coletar sal às alturas da atual Florianópolis. O líder dos libertados era Guaraé, que aparece no romance como bisavô dos Tiarayú.

O indianismo brasileiro, criação teórica dos franceses, consolidou um tipo de índio que nunca existiu na vida real. O amor, entre os nativos da América, é muito diferente do que aparece nos romances de José de Alencar e quejandos.

O cacique passo-fundense se apaixona por Ocarapotî, irmã de Corityguasú, seu libertador. Como um autêntico herói branco do Romantismo, pesa-lhe a inferioridade do seu estado, não ousando declarar-lhe seu amor. Retorna ao Tape e encontra sua terra dominada pelos bandeirantes. Acaba transmigrando para a margem direita do Uruguai, hoje em território argentino.

O romance continua historiando as reduções e o envolvimento dos índios na defesa da coroa espanhola. A vida nas reduções é apresentada como uma verdadeira terra sem males, a Ivy Maray, correspondente guarani do Jardim do Éden, o paraíso, de Canaã, a terra onde mana leite e mel, o Eldorado, de portugueses e espanhóis, ou a Cocagna, dos italianos. Os guaranis são anjos e os jesuítas santos enviados por Kitú (Jesus). É a utopia do bom selvagem, materializada pelos discípulos de Chateaubriand.

Certa feita chega na Redução de São João Batista, vinda "dos fundos de Los Curi`i, dum lugar chamado San José do Itayú (ouro)", uma viúva acompanhada dos filhos. Sefé apaixonou-se por Torí, uma das jovens recém-chegadas. Como um bom herói branco declara-lhe o amor; ela, boa heroína branca, afirma que tem compromisso com outro, mas mesmo assim inicia um romance. As constantes aventuras guerreiras de Sefé afastam o casal. Ele se envolve com outras mulheres, o que causa revolta em Torí, que se casa com outro e depois, retribui na mesma moeda.

Odilon Garcez Ayres paga tributo ao romantismo literário. O amor platônico por Ocaraporí, a paixão pela índia Torí, o don-juanismo, e Torí entregando-se a outros índios, por despeito, não têm nada a ver com a realidade indígena. Os índios não conheciam o pecado e o ciúme, ao menos como nós os conhecemos. Oché e seu irmão Sefé são meras criações literárias. Não são índios. Como todos filhos da "mentira gentil", para usar a expressão com que Antônio Cândido define o indianismo, não passam de brancos fantasiados de índios. E tem mais: eram as mulheres que escolhiam o homem. Daí o mito da licenciosidade das índias. E, dentro da sociedade poliândrica em que viviam, as mulheres eram mulheres de todos os homens, não havendo espaço para o tipo de amor que nos foi imposto pela cultura judaico-cristã.

Como em todo o romance romântico, há muita troca de cartas entre apaixonados (págs. 71-72, 80-84, 111-112, 124-126).

Com a morte de Oché (7 de fevereiro de 1756), e do combate de Caiboaté, dois dias depois, os guaranis recuam guerrilhando. Na retirada há tempo para o herói sobrevivente encontrar-se com Yamandú, filho de seu amigo Kichú Costa. Exímio guitareiro, que aprendera a tocar com o corrientino Lúcio Taraguí. Ao final se dispersam.

Sefé sobrevive e reconcilia-se com Torí. Vão morar em "San José do Itayú (ouro), no cimo as serra, na antiga Santa Tereza do Igay, na terra das altivas árvores e dos altaneiros pinheirais". Mais tarde recebem como vizinhos um casal de caigangues e até a visita de um tropeiro, "Cipriano Dias Garcez lá do Pau Fincado..."

O romance, que começa com a narração do autor, continua com Oché Tiarayú e, depois de sua morte, com Sefé Tiarayú, encerrando com o falecimento "do último guarani, filho do povo de San Miguel", a 31 de março de 1783.

A presença desses três narradores ao longo do romance é sintomática. Todos eles são alter-egos do próprio romancista. A presença do guitareiro Yamandú traz a história para os dias de hoje. É o violonista Yamandu Costa, filho de Algacir Costa. Yamandu confessa ser discípulo de Lúcio Yanel. Da mesma forma ocorre com a intromissão de um tropeiro com o sobrenome Garcez do autor do livro. O próprio nome da vizinha caigangue, Jurema (será nome caigangue?), é quase um anagrama do nome da mulher do romancista.

Como já vimos, o herói Sepé Tiaraju é um mito literário criado por Basílio da Gama em 1769, desenvolvido ao longo de dois séculos e tanto por poetas, ficcionistas e historiadores apressados. Esse mito, da década de 1960 até meados de 1980, foi usado por músicos e outros artistas marxistas, como um "herói", um símbolo, para enfrentar a Ditadura Militar. Era o protótipo daqueles ("guaranis") que se opunham ao autoritarismo ("espanhóis"), aliados ou a serviço do imperialismo ("portugueses").

Para o tradicionalismo gaúcho Sepé é o protótipo dos tradicionalistas ("índios"), na sua luta contra os traidores dos usos e costumes gauchescos, aqueles que não se filiam ao tradicionalismo ("espanhóis"), a serviço dos usos e costumes universais ("portugueses").

O autor-narrador Odilon Garcez Ayres é um tradicionalista e os heróis Oché e Sefé Tiarayú são seus alter-egos. A guerra guaraníca é o símbolo da guerra movida pelo gauchismo contemporâneo contra padrões de comportamento e cultura universalizantes. E o fato de que Sepé não é um herói brasileiro, mas um guarani espanholado, cristianizado, que não falava a nossa língua, é a materialização de uma cultura arcaica, ultrapassada, o gauchismo. Sepé, do ponto de vista histórico é um mito, uma criação da imaginação.

Odilon Garcez Ayres escreveu uma obra de ficção acima da média dos romances passo-fundenses. Superior a Irapuã, de Jorge Edeth Cafruni, de onde retira os nomes de algumas personagens. O bem escrito Oché y Sefé Tiarayú é um romance de um romance. Em trazendo para o nosso tempo a "mentira gentil" de Sepé Tiaraju, acrescenta elementos novos ao mito. Ficcionismo é assim: "Quem conta um conto - aumenta um ponto".

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 12/03/1998

Título : O ROMANCE MAIS LIDO DO MUNDO

Categoria: Resenhas

Descrição: Se fosse feita uma pesquisa entre pessoas, ainda que esclarecidas e letradas, para verificar o percentual das que sabem quais sejam o romance mais lido do mundo e seu autor...

O ROMANCE MAIS LIDO DO MUNDO



Se fosse feita uma pesquisa entre pessoas, ainda que esclarecidas e letradas, para verificar o percentual das que sabem quais sejam o romance mais lido do mundo e seu autor, seguramente pouquíssimas acertariam. Dickens, Dumas, Flaubert, Balzac, Zola ou Proust, erroneamente, estariam entre os nomes mais apontados,

Pouca gente saberia que o norte-americano Charles M. Sheldon (1854-1946) escreveu, em 1896, EM SEUS PASSOS... Um único editor londrino chegou a vender mais de 3 milhões de exemplares de uma edição, apenas nas ruas de Londres.

O que contribuiu para a popularidade do romance de um pastor congregacional de Topeka, estado do Kansas?

EM SEUS PASSOS... não é nenhuma obra-prima de literatura. Muitas de suas passagens são de um realismo cru, quase zoleano, como o aparecimento do desempregado Jack Manning, que sensibilizou tanto Henry Maxwell, a ponto de fazê-lo propor à sua igreja para que cada um dos membros passasse a adotar como norma de conduta em todas as suas atividades a resposta à pergunta "O que Jesus faria ? E o agir de acordo com os passos que o Nazareno seguiria em cada situação particular da vida das pessoas espalhar-se-ia país a fora, ou a morte de Loren ou o suicídio do milionário arruinado Charles Sterling e a morte imediata de sua mulher. Lembraria, ainda, os elogios de Felícia Sterling (um alter egode Charles M. Sheldon) a partes naturalistas de uma peça teatral.

Esse realismo, aliado à proposta suprarreal do romance, tocando nas profundezas anímico-utópicas da bondade humana, consubstanciada na proposta onírica de que todos os cristãos de decidissem a agir sempre seguindo os passos do Mestre, respondendo ao questionamento "O que Jesus faria?" que é um mote quase que obsessivo ao longo do livro, esses dois elementos, juntos, contribuíram paraa popularidade da obra.

Edward Norman, o editor do DAILY NEWS, a cantora Rachel Winslow, o professor Donald March e outros que aceitam viver segundo a efetuada por Maxwell, os assaltante convertidos por Burns e um leque ainda maior de personagens, acabam representando o homem decaído que consegue elevar-se das mais diversas formas de lodaçal, materializam indivíduos particulares que se universalizam como símbolos de elementos depositados naquelas profundezas anímico-utópicas de que falei acima.

Para quem deseje conhecer o romance mais lido do mundo, sugiro a edição de EM SEUS PASSOS..., da ABBA PRESS EDITORA E DIVULGADORA CULTURAL, de São Paulo, em cuidadosa edição e excelente tradução, salvo alguns raros e quase imperceptíveis anglicanismos.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, de 06 a 12 de março de 1998

Data : 11/05/2008

Título : O Segundo Ciclo Econômico da Região Serrana

Categoria: Artigos

Descrição: O segundo ciclo foi o das tropas de muares, erroneamente ditas topas de mulas.

## O Segundo Ciclo Econômico da Região Serrana

Como vimos em artigo anteriori, o primeiro ciclo econômico da Região Serrana foi o da erva-mate, continuidade do aproveitamento que os índios já davam àquela planta. O segundo ciclo foi o das tropas de muares, erroneamente ditas topas de mulas.

Para início de conversa devemos aclarar os termos. Muar é todo o híbrido de cavalo (*Equus caballus* Lin.) e do jumento, também conhecido como burro. O filho do jumento (burro inchó, do espanhol burro hechor), popularmente é conhecido como burro (ou burro comum), quando macho, e mula, em sendo fêmea. Na verdade, a esse mestiço, seria correto dar o nome de mulo ou mula, e ao burro inchó e sua fêmea de jumento e jumenta. Essa mistura de nomes iguais para animais diferentes gera confusão.

Se acrescentarmos que o cavalo (bagual, isto é, não castrado) cruzando com a jumenta ou burra gera um outro tipo de híbrido confundido com o mulo e a mula, embora de características físicas diferentes, aumenta a confusão. O nome correto desse mestiço do bagual com a jumenta é bardoto ou asneiro, sendo macho, e bardota ou asneira, a fêmea.

Na verdade, as chamadas tropas de mulas eram formadas por mulas, mulos, bardotos e bardotas.

Quando verificamos inventários de fazendeiros que se dedicavam à criação de muares descobrimos a grande quantidade de potros, cavalos machos. Tenho um desses documentos à minha frente: 75 éguas para cria de mulas, 3 burros hechores, 12 mulas e, coincidentemente, 12 potros. Como os burros hechores, desde pequenos, eram criados com as éguas, o natural é que eles tomassem conta da manada dessas fêmeas, “escanteando” as fêmeas de sua espécie que, naturalmente deveriam se “encostar” nos potros, gerando bardotos... E um burro inchó valia oito vezes mais do que qualquer um dos outros animais...

Bom, o certo é que a mula, da mesma forma que o mulo, é usada desde Antigüidade para o transporte de cargas e suprimentos militares. A famosa Guerra de Canudos, imortalizada por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, foi decidida pela Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, reforçada por um exército de mulas cargueiras...

As mulas exerceram papel importante no comércio andino. As ricas minas bolivianas eram abastecidas com alimentos transportados nos lombos de muares e das entranhas da cordilheira esses animais espalhavam prata pelo mundo. De início importadas da Espanha, logo burros hechores se misturaram com as manadas de eqüinos que se

espalhavam pela pradaria Argentina, cruzando-se naturalmente com as éguas, gerando os primeiros mulos e mulas do Continente.

Como em todas as atividades comerciais, o mercado acaba determinando as regras, e os próprios jesuítas espanhóis incentivaram a criação de mulas nas reduções guaraníicas. E à erva-mate juntaram uma nova riqueza: a criação e o comércio de muares com os Andes.

Depois de 1680, com a Colônia do Sacramento, hoje em território uruguaio, os brasileiros começaram a se interessar com o comércio de mulas, especialmente para as Minas Gerais e, posteriormente, para a produção de café, no atual Estado de São Paulo.

Assim, quando a Região Serrana, na primeira metade do século XIX, começa a ser ocupada, o velho caminho do Mondecaá/Caapi, aproximadamente a atual BR 285, passa a ser o caminho natural das grandes tropas de mulas. Os historiadores chegam a discutir se o caminho dos tropeiros passava neste ou naquele ponto, mais acima ou mais abaixo, da atual ponte do Rio Passo Fundo, na Avenida Brasil. O certo é que existiam várias passagens para fugir dos “registros”, locais onde pessoas autorizadas pelo governo cobravam elevados impostos. Aliás, a primeira autoridade da região, Joaquim Fagundes dos Reis, era um desses “registreiros”.

No começo, a passagem por Passo Fundo, especialmente, no Mato Castelhana e no Mato Português, era muito difícil, pois os tropeiros eram constantemente atacados pelos índios caingangues. A situação somente melhorou alguns anos depois da Revolução Farroupilha, com a abertura da estrada do Mato Castelhana, ordenada pelo Duque de Caxias, então presidente da Província do Rio Grande do Sul.

O aldeamento dos índios, iniciado em Nonoai, e o verdadeiro massacre de caingangues promovidos pelas autoridades passo-fundenses daquela época, liberaram os campestres do município, para a internada de muares. Nossos campos, mais conhecidos como campestres, eram excelentes, protegidos de ventos, com gramíneas altas e muitas aguadas. Tropas de mulas eram compradas na fronteira e internadas em nossa região. Nos campestres, existia muito butiazeiro, apreciadíssimo pelas muladas. Daqui, fortalecidas, seguiam em melhores condições de preço para as feiras de Sorocaba e Piratininga, em São Paulo.

Em princípios do século XX, o centro do comércio de muares se desloca de São Paulo para a própria Região Serrana. A colonização das serras abriu um novo mercado. E os tropeiros passaram a negociar mulas diretamente nas colônias, pois seus moradores necessitavam desse animal para transportar seus produtos até as cidades ou portos, como o de Anta Gorda. Os tropeiros permaneciam longas temporadas em Passo Fundo e região. Arrendavam ou compravam campos, onde concentravam suas tropilhas, que saíam negociar, pelas colônias, especialmente nas festas religiosas, que funcionavam, até certo ponto, como feiras de animais. Muitos fronteirizos acabaram fixando residência, aqui, constituindo famílias numerosas.

Uma das coisas que os historiadores gaúchos menos discutem nas suas obras é a questão da sexualidade, ao contrário dos estudiosos nordestinos, como Gilberto Freyre. A presença desses homens, “livres” e com dinheiro, gerou a “indústria da prostituição”.

As primeiras “casas de tolerância” se desenvolveram nesse período. Eram, também, pontos de encontro entre compradores e vendedores de mulas. Guarda a história oral, a memória de um guarda conhecido pela alcunha de Caburé, acostumado a surrar de espada os arruaceiros. Um destes era um bajeense preto, useiro e vezeiro em arrumar encrencas. A cada confusão levava uma sumanta de espada, e o mulherio gritava em coro o dístico: “Meta a espada Caburé, nesse negro de Bagé”. Era O espetáculo...

Numa época em que a penicilina era desconhecida, as doenças venéreas aterrorizavam os tropeiros, tanto que a mais comum delas, a indenite inguinal, ficou mais conhecida pelo nome do animal mais negociado pelos tropeiros...

A criação e o comércio de muares representou um dos ciclos econômicos mais importantes para todo o Rio Grande do Sul. Contribuiu para a acumulação de capitais e constituindo-se numa oportunidade importante de ascensão social.

David José Martins, que mudou seu nome para David Canabarro, era um taquariense humilde, descendente de açorianos. Arrendando campos e criando mulas, na Fronteira, acabou rico e importante. Foi general e comandante do Exército Farroupilha e chegou a brigadeiro do Exército Imperial. José Gomes Pinheiro Machado, trocou o Curso de Direito, pela vida de tropeiro, acabou senador da República e um dos mais importantes políticos brasileiros de seu tempo. Salvador Pinheiro Machado, seu irmão, homem de poucas letras, chegou a substituto de Borges de Medeiros no governo do Estado. Aqui, mesmo, em nossa região, exemplos de casos parecidos são facilmente encontráveis.

Data : 19/04/2009

Título : O Sentido Histórico do Final d’Os Sertões

Categoria: Artigos

Descrição: ...o que significa narração antológica final de como terminou a “campanha de Canudos”.

Convidado pelo professor Gilmar de Azevedo para participar do seminário “Euclides da Cunha: Literatura, História e Ciência”, promovido pelas Faculdades Anglo-Americano de Passo Fundo, terminei minha intervenção, revelando o que significa narração antológica final de como terminou a “campanha de Canudos”.

Eis o texto euclidiano:

“Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro

apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”.

O “velho”, que resistiu na “Tróia de taipa”, representava todas as vítimas dos movimentos sociais antes de Canudos. Lembrei, particularmente, os muckers, de Sapucaia, no Rio Grande do Sul, massacrados sob o canhoneio de armas trazidas da guerra contra o Paraguai.

Os “dois homens feitos” eram os representantes dos canudenses, espingardeados, abatidos sob tiros de canhões, que viram seus companheiros presos, serem sangrados e degolados aos milhares. E mais: viram suas mães, irmãs, esposas e filhas estupradas e conduzidas como escravas sexuais. Contemplaram seus filhos afastados do Sertão pelos vencedores.

Aquele menino, talvez o último jagunço que morreu combatendo, é a imagem de outras vítimas posteriores: dos Monges do Pinheirinho, em Encantado, no Rio Grande do Sul, em 1902; dos jagunços do Contestado, no Oeste de Santa Catarina e Paraná, entre 1912 e 1916. Entre 1937 e 1938, em Soledade, também no Rio Grande do Sul, foram massacrados, mocinhas foram estupradas sob o delírio dos vencedores que contemplaram as cenas de desvirginamento e, em 1937, no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Crato, a 11 de maio, 400 “fanáticos” foram massacrados pelo Exército Brasileiro.

Depois disso, em centenas de ocorrências menos conhecidas, “fanáticos” foram arrasados e continuam vitimados, personificando aquele último combatente menino de Canudos.

Muitíssimo mais do que cientista e homem de idéias, Euclides da Cunha é um dos maiores poetas da Língua Portuguesa. Os Sertões é Os Lusíadas em prosa; “Bíblia da nacionalidade”, é a grande obra do “jagunço manso”, “– misto de celta, de tapuia e grego...”

Data : 16/06/2014

Título : O soneto inglês

Categoria: Crônicas

Descrição: Originalmente o soneto era um poema monoestrófico e de forma fixa. Significa dizer que era constituído por uma única estrofe de catorze versos.

Originalmente o soneto era um poema monoestrófico e de forma fixa. Significa dizer que era constituído por uma única estrofe de catorze versos. É o que vemos nas publicações de poetas do Século XVII e anteriores. O que hoje conhecemos como estrofe, podemos dizer que, naqueles tempos pretéritos, equivalia a um parágrafo em texto de prosa dos nossos dias.

Dois são os tipos mais conhecidos de sonetos: o italiano ou petraquiano, hoje formado por duas estrofes de quatro versos cada uma, também conhecidas como quadras ou quartetos, seguidas por outras duas estrofes de três versos, denominadas tercetos. O outro tipo é o soneto inglês ou shakespeariano ou isabelino. É formado por três quadras e um dístico, ou seja, um conjunto de dois versos.

O soneto inglês, antigamente, também formava uma única estrofe.

Fixo-me nele.

As três quadras são formadas por rimas cruzadas, quer dizer: o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo verso com o quarto verso. As rimas variam de quadra para quadra. Já o dístico é formado com rimas paralelas. O primeiro verso do dístico rima com o segundo. Em tem uma característica fundamental: a última palavra dos versos é um monossílabo. Dois detalhes importantes quanto ao dístico: a tabulação é diferente da empregada nas quadras. Tem a forma de um parágrafo e é uma espécie de resumo dos doze versos anteriores.

O soneto inglês é escrito apenas em decassílabos. Ao contrário do soneto italiano, do qual existem, comumente, o soneto em alexandrino (doze sílabas métricas) e o sonetinho (sete sílabas métricas).

Segundo Ivan Cavalcanti Proença o decassílabo, em Português, possibilita vinte e oito variações rítmicas diferentes, quinze delas com acentuação na sexta sílaba.

As variações mais comuns são conhecidas como verso heroico (acentuação da sexta e na décima sílabas), verso sáfico (acentuação na quarta, oitava e décima sílabas) e verso provençal (com acentuação na quarta, sétima e décima sílabas).

Já, no soneto inglês predomina o chamado pentametro jâmbico. Neste tipo rítmico os versos são acentuados (têm sílabas fortes) em todas as sílabas pares (segunda, quarta, sexta, oitava e décima sílabas). E têm sílabas fracas nas respectivas sílabas ímpares. Diz-se pentametro (penta, de cinco), pois o decassílabo, nesse tipo de medida, totaliza cinco pares de sílabas fracas (átonas) e fortes (tônicas).

Embora em Poética a tonicidade silábica disponha de nomes especiais é preferível, para melhor entendimento, que seja simplificada.

No soneto inglês, há casos em que os cinco pés (combinações de uma sílaba fraca e uma forte) não são seguidos à risca. Isso acontece quando o poeta quer salientar alguma coisa ou sentimento. Também, raramente, mas apenas muito raramente mesmo, o sistema de rimas cruzadas não é seguido.

Outro ponto: os sonetos ingleses não levam títulos, mas apenas numeração.

Dentro da prática poética do Classicismo Inglês, em cujo seio surgiu o soneto shakespeariano, é possível o uso do verso branco, isto é, sem rima. Esse tipo de verso era empregado na literatura dramática e na literatura épica. Segundo os poetas daqueles

tempos, a ausência de rima conferia maior naturalidade a esses dois gêneros (Dramático e Épico).

Eis, em linhas gerais, o DNA do soneto inglês.

Data : 30/09/2000

Título : O Soneto vive

Categoria: Resenhas

Descrição: O próprio nome, soneto, lembra sonata, uma pequena canção. Surgiu na Sicília na Idade Média.

O Soneto vive

Paulo Monteiro

O próprio nome, soneto, lembra sonata, uma pequena canção. Surgiu na Sicília na Idade Média. A forma como conhecemos (14 versos) foi sistematizada por Guittone d'Arezzo, no século XIII. Cultivado por Dante e Guido Cavalcanti, Petrarca tornou esse poema de forma fixa popular em toda a Europa. Ali foi exercitado por poetas como Gongora e Quevedo, Camões e Bocage. Ganhou notoriedade com os parnasianos, destacando-se entre eles, no Brasil, Olavo Bilac, Raimundo Correa e Alberto de Oliveira. Os simbolistas também o praticaram, salientando-se o catarinense Cruz e Souza e o mineiro Alfonsus de Guimarães.

Atacado pelos modernistas foi desenvolvido por muitos radicais dentre eles, como Guillaume Apollinaire, Rafael Alberti e Fernando Pessoa. Entre nós, em anos recentes, salientaram-se Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima e Mário Faustino. Apesar da campanha deletéria movida pelos defensores do verso livre (sem métrica), o soneto continua sendo praticado. Muitos e bons são os sonetistas em atividade, hoje, no Brasil.

Poeta e prosador prolífico, autor de mais de mil obras reunidas em volume, opúsculos e livros, Eno Theodoro Wanke (Ponta Grossa, PR, 1929), residente no Rio de Janeiro há muitos anos, continua dando a lume sua Poesia Completa. Sai agora (Edições Plaquette, Rio, 2000) O Acendedor de Sonhos, enfeixando 314 sonetos.

Eno Theodoro Wanke, estudioso e divulgador das técnicas de versificação, domina plenamente a carpintaria poética. E o faz como tal maestria que mesmo algumas práticas adotadas por sonetistas contemporâneos, como o enjambement, passam

desapercebidas aos ouvidos menos atentos. E é exatamente essa capacidade de não chamar atenção para o artesanato poético o que caracteriza os grandes criadores. É o que faz a diferença entre um poeta e um cometedor de versos.

O Acendedor de Sonetos nos apresenta um poeta capaz de transitar livre e agilmente pelo sonetinho (redondilha maior), tanto quanto pelo soneto em decassílabo ou alexandrino. O Poeta passa por todos os temas: o lirismo, a filosofia, o humor. Mesmo deixando à mostra suas raízes parnasianas, Eno Theodoro Wanke não se prende a escolas literárias. Ele mesmo confessa: "Sou simples. Não farei coisas obscuras, e nem me classifico em nenhum ismo..." Não busca a fama; confessa às claras no manifesto poético intitulado MINHA POESIA:

"Talvez, cantando o Amor ou a Saudade,  
eu permaneça na mediocridade  
da qual um poeta sem valor não sai...

Que importa? Sou feliz e vivo bem.  
Escrevo quando a inspiração me vem,  
e me conformo quando ela se vai."

Essa despreensão ("alienação" diria um certo tipo de crítico que já foi comum entre nós) talvez tenha contribuído para que muitos sonetos seus tenham-se popularizado. Exemplo é Apelo, que já mereceu 160 traduções em mais de 90 idiomas diferentes. Essas versões merecerão, inclusive, um volume especial dentro da Poesia Completa de Eno Theodoro Wanke. Para encerrar fiquemos com esse popularíssimo soneto do poeta paranaense.

"Eu venho da lição dos tempos idos  
e vejo a guerra no horizonte armada.  
Será que os homens bons não fazem nada  
será que não me prestarão ouvidos?

Eu vejo a Humanidade manejada  
em prol dos interesses corrompidos.  
É mister afastar a horrenda espada  
suspensa sobre os lares oprimidos!

É preciso ganhar maturidade  
no fomento da Paz e da Verdade,



na supressão do Mal e da Loucura...

Que a estrutura econômica da Guerra  
se faça em pó! E que reinem sobre a Terra  
os frutos do Trabalho e da Fatura!”

Do Jornal

Rotta

Setembro de 2000

Data : 09/01/1999

Título : O Sudário de Turin

Categoria: Resenhas

Descrição: Em maio deste ano comemorou-se o centenário de um acontecimento que despertou a atenção dos cientistas para o Sudário de Turim.

## O Sudário de Turin

Em maio deste ano comemorou-se o centenário de um acontecimento que despertou a atenção dos cientistas para o Sudário de Turim.

Naquele mês Secondo Pia fotografou aquela relíquia, revelando a imagem de um homem.

Segundo registros antigos naquele pano tinha sido protegido o corpo de Jesus e a figura ali gravada seria do Cristo, graças a um fenômeno radiante ocorrido durante Sua ressurreição.

Agora, a Paulus Editora está publicando em português O SUDÁRIO, de Emanuela Martinelli. A obra resume as informações mais recentes disponíveis sobre o caso.

Estudos contemporâneos revelam a presença de sangue humano (ABO), pólenes de diversas plantas originárias da Palestina, o contato do corpo com o pano durante 36 a 40 horas, sem que tivesse entrado em decomposição nesse período, e sobre os olhos foram colocadas - conforme costume da época, moedas cunhadas por Pilatos em 29 d.C.

Além disso, o Homem do Sudário caminhou descalço, foi violentamente açoitado (com o flagellum romano), transportou a cruz aos ombros, caiu várias vezes (lesões nos joelhos), foi duramente golpeado no rosto, teve os pulsos e os pés transpassados por cravos, foi coroado de espinhos, teve o lado direito varado por uma lança e seu corpo não foi lavado. Tudo isso está de acordo com o que dizem os evangelhos.

Os primeiros cristãos usavam somente símbolos como o cordeiro, o pão e o peixe. As primeiras imagens (séc. III) representam Cristo a partir de divindades pagãs. Já sua figura adolescente, do "bom pastor", segue o modelo do Apolo (Op. cit., 76/77).

Do Sudário de Turim (há um outro, em Oviedo, menor, menos famoso, tendo várias semelhanças com o primeiro) foram feitas diversas cópias e serviu de base para os Pantocrator de modas bizantinas.

Várias objeções foram feitas à autenticidade do Sudário.

São todas apresentadas por Emanuela Martinelli, demonstrando que todas se revelaram à ciência, como querendo lembrar aquela sabedoria de que Paulo falava aos coríntios no segundo capítulo de sua primeira epístola.

O SUDÁRIO é um livro atualizado em suas informações, belamente ilustrado e de leitura agradável. É um volume para ser lido e refletido conscienciosamente. O certo é que enquanto não se provar o contrário, somente pode ser admitido que a imagem ali existente foi impressa por um fenômeno foto-fulgurante até agora desconhecido pela ciência.

Do Jornal  
O Cidadão  
09/01/1999

Data : 17/04/2002

Título : O Tempo e o Vento, do Livro à Televisão

Categoria: Resenhas

Descrição: Erico Veríssimo foi um dos escritores brasileiros mais populares do século passado e os romances que escreveu sobre a temática sul-rio-grandense...

O Tempo e o Vento, do Livro à Televisão

Gilmar de Azevedo publicou, pela UPF Editora, o livro NA PELE DA IMAGEM: O MITO DO GAÚCHO EM "O TEMPO E O VENTO", centrando sua atenção no primeiro volume (O Continente) da trilogia famosa de Erico Veríssimo, em sua relação com o seriado que a Rede Globo dedicou àquela obra do romancista cruz-altense, em 1985.

Erico Veríssimo foi um dos escritores brasileiros mais populares do século passado e os romances que escreveu sobre a temática sul-rio-grandense, inclusive Incidente em Antares (1971), também transformado em seriado pela Rede Globo (1994), representam a tentativa do ficcionista em desmistificar a História Gaúcha, como ele mesmo o confessa em suas memórias (Solo de Clarineta, 1º volume, 2ª edição, Editora Globo, Porto Alegre, 1973, p.289). Gilmar de Azevedo estuda o "mito do gaúcho" vinculado com a própria História, como apresentada pelos historiadores, chamada de "mitologia" por Erico Veríssimo, em suas memórias. Trata, ainda dessa "verdade", exposta como "devia ser", "mais viva e mais bela", pelo próprio criador de Ana Terra, como saiu em letra de forma (pelo romancista) e em forma televisiva (por Doc Comparato).

O professor passo-fundense analisa a "verdade" sobre o Rio Grande do Sul em três versões: a científica (história), a literária (romances de Erico e obras de outros escritores) e a eletrônica (minissérie). É preciso que assim se proceda para entender a própria trilogia. O romancista estava consciente de seu trabalho, tanto que reconhecia, em sua obra, a "verdade" como "devia ser" e não como se apresentava nas páginas históricas.

Em 1949 já se consolidara vasta bibliografia sobre a formação histórica e social do Rio Grande do Sul e o Movimento Tradicionalista Gaúcho estava surgindo. Disponha-se de muitas obras literárias máximas do regionalismo gaúcho, graças a autores como Simões Lopes Neto (considerando o maior regionalista brasileiro), Alcides Maia, e Amaro Juvenal (Ramiro Barcellos), entre tantos outros. Assim, não é mera coincidência o fato de, nessa época, aparecer a obra mais representativa do regionalismo gaúcho, pela pena de um escritor pouco simpático ao regionalismo.

Tudo isso acaba contribuindo para a tríplice divisão constatada por Gilmar de Azevedo e claramente exposta à página 83 de seu livro: "dá na trilogia uma nítida divisão entre o mundo dos valores sociais que encarna a tradição épica dos guerreiros e o estereótipo do Cap. Rodrigo Cambará e os valores que o narrador assume, enquanto um observador dos horrores das guerras e dos paradoxos existenciais dos que compõe a sociedade".

Digressões sobre a arte literária de Erico Veríssimo à parte, cabe salientar que Gilmar de Azevedo conclui pela positividade das minisséries televisivas. "A literatura "erudita" recriada na televisão - escreve à página 139 -, enquanto representante da cultura popular e de massa, pode construir uma modernidade nacional na globalização e levar, mesmo que haja um deslocamento da visão de mundo da obra original de forma melodramática, a televisão à expressão dos sentimentos populares dos dramas do povo, que são a matéria prima para as ações e personagens dos livros e telespectadores interagindo com a cultura regional e nacional que se entrelaçam".

Essas minisséries, ao romperem com características básicas do regionalismo artístico, podem contribuir na busca de uma identidade nacional e na valorização de aspectos regionais de nossa cultura.

Doc Comparato, o roteirista, "teve de mudar algumas características na forma e no conteúdo em relação ao ambiente, personagens e mensagens a fim de mostrar a essência

do livro-televisão", ultrapassando, para isso, os limites da fidelidade na relação livro-televisão", escreve à página 176.

Gilmar de Azevedo demonstra que os estudos acadêmicos, em Passo Fundo, nada ficam a dever aos trabalhos desenvolvidos nas universidades de cidades maiores, encerrando seu trabalho com três parágrafos que merecem transcrição integral:

"A minissérie valorizou o autor e sua obra, os personagens-autores valorizaram os personagens quando se adaptaram às suas características sobretudo ao ritmo lento que o texto exigia. Na pele dos personagens, os autores, com suas experiências técnico-artísticas e críticas, deram vida aos personagens. Assim, a atriz Glória Pires fundiu-se com a personagem Ana Terra; Tarcísio Meira, com Cap Rodrigo Cambará; José Lengoy, com Cel. Bento Amaral, entre outros".

"A televisão soube muito bem aproveitar o livro a adaptação porque houve uma troca de informações, de técnicas e de conhecimento, beneficiando, com isso e com o resultado, tanto os leitores de Erico Veríssimo como os telespectadores, pelo despertar da imaginação, da sensibilidade, da emoção e, talvez, como elemento-chave desse pudesse, da reflexão sobre o estereótipo do gaúcho espelhado a uma quantidade bem maior de pessoas haja vista a capacidade da televisão em expandir as suas mensagens, nesse caso a formação detalhada da formação do povo (mito e estereótipo do gaúcho) e da História do Rio grande do Sul".

"Portanto, e seguindo o objetivo primordial de qualquer arte, que é atingir o seu público, o livro e a minissérie O temo e o vento, como a própria arte, fundiram-se em validade, essência e forma na busca constante de transmitir informações, cultura e expressar sentimentos, aproveitando a magia e a competência tecnológica do suporte eletrônico."

Do Jornal

Rotta

17 de Abril de 2002

Data : 01/08/2011

Título : O TRABALHISMO EM PASSO FUNDO

Categoria: Artigos

Descrição: Sandra Mara Benvegnu realizou demorada pesquisa sobre o surgimento e a evolução do Partido Trabalhista Brasileiro em Passo Fundo.

## O TRABALHISMO EM PASSO FUNDO

Sandra Mara Benvegnu realizou demorada pesquisa sobre o surgimento e a evolução do Partido Trabalhista Brasileiro em Passo Fundo. O volumoso e substancial estudo leva o título de *Décadas de Poder: O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra 1945-1967*. A historiadora apresentou seu trabalho em setembro de 2006, na Universidade de Passo Fundo.

Tenho afirmado, de acordo com historiadores mais antigos, que a polarização política, no Rio Grande do Sul, é ancestral. Manifestou-se de forma violenta, entre 1835 e 1845, na Revolução Farroupilha, continuou mais tarde nas lutas entre liberais (chefiados, em Passo Fundo, por Antônio Ferreira Prestes Guimarães) e os conservadores (liderados por Gervasio Luccas Annes). Essa polarização acirrou-se com a proclamação da República, pois Prestes Guimarães continuou fiel a Gaspar da Silveira Martins e Gervasio Annes, aderiu ao Partido Republicano Rio-Grandense, de Júlio Prates de Castilhos, culminando com as barbaridades cometidas durante a Revolução Federalista (1893/1895), liderada por ambos, em posições antípodas, como podemos ver nos pronunciamentos reunidos por Helga Iracema Piccolo nos dois volumes da *Coletânea de Discursos Parlamentares da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul 1835-1889* (Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1998).

A morte de Gervasio Luccas Annes, em 1917, agravou um processo de cisão dentro do Partido Republicano Rio-Grandense, tanto a nível regional quanto local, devido ao sistema ditatorial (quase monárquico, digamos assim) que vigorava nas direções partidárias. Nicolau de Araújo Vergueiro assume o comando partidário municipal, aprofundando a rivalidade com o “velho grupo” do Coronel Gervásio, rivalidade que culminaria na Revolução de 23, tramada no escritório do deputado libertador Arthur Caetano, que se localizava na Rua Moron. Em princípios daquele ano a cidade foi até cercada pelos insurgentes. O levante passo-fundense apenas se tornou possível porque os herdeiros do antigo federalismo estavam engrossados com veteranos líderes republicanos dissidentes.

Como forma de enfrentamento à liderança “vergueirista”, os “gervasistas”, liderados por Herculano Araújo Annes e Armando Araújo Annes, filhos do Coronel Gervasio, apoiaram a fundação do bi-semanário *O Nacional*, em 1925. Poucos anos depois, veio de Porto Alegre, Túlio Fontoura que, estimulado pelo oficialismo local passa a publicar *A Luta*, que seria fechado em 1932, quando o jornalista adere à Revolução Constitucionalista, sendo preso logo após o Combate do Passo do Fão, e Nicolau Vergueiro segue para o exílio. Em 1935, Túlio Fontoura começa a editar o *Diário da Manhã*, sempre fiel àqueles que o trouxeram de Porto Alegre para fixar residência em Passo Fundo.

Em 1945, diante do processo de redemocratização e surgimento do pluripartidarismo, ocorre a rearticulação dos velhos grupos do extinto Partido Republicano Rio-Grandense: os “vergueiristas” filiam-se ao Partido Social Democrático – PSD, liderado por Túlio Fontoura, Nicolau Vergueiro, Arthur Ferreira Filho e Antonio Bittencourt de Azambuja, conforme nota Sandra Mara Benvegnu, a certa altura de sua dissertação. Já os “gervasistas” filiam-se ao Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, elegendo Armando Araújo Annes, filho do Coronel Gervásio, prefeito, em coligação com a União Democrática Nacional – UDN, arquiinimiga dos trabalhistas, a nível nacional

A continuidade daquela ancestral polarização política é demonstrada por Sandra Mara Benvegnu, ao longo de sua muito bem documentada dissertação. E fica patente nos quadros de votação, apenas para as eleições de prefeito, entre 1947 e 1959, que transcrevo do livro Eleições em Passo Fundo: Dados Históricos (Berhier: Passo Fundo, 2010), de Marco Antônio Damian, financiado pelo Projeto Passo Fundo.

#### ELEIÇÃO DE 15 DE NOVEMBRO DE 1947

Nessa eleição, os trabalhistas, coligados com a União Democrática Nacional, além do prefeito e do vice-prefeito, elegeram 5 vereadores, o Partido Social Democrático elegeu 9 parlamentares, e a coligação entre o Partido Libertador e o Partido Republicano Progressista ficou com uma cadeira na Câmara Municipal.

Nº	Nome	Legenda	Votos	Situação
Para Prefeito				
1	Armando Araújo Annes	PTB/UDN	5.560	Eleito
2	Dionísio Lângaro	PSD	5.395	
3	Carlos Galves	Col. Dem. Cristã	1.479	
Para Vice-prefeito				
4	Daniel Dipp	PTB/UDN	5.448	Eleito
5	Ivo Pio Brum	PSD	5.309	
6	Francisco Foresti	Col. Dem. Cristã	1.427	

#### ELEIÇÃO DE 1 DE NOVEMBRO DE 1951

Já é definido o quadro político municipal, mais de acordo com a situação nacional, a coligação entre os trabalhistas, o Partido Social Progressista e o Partido Republicano, elegeu 7 edis, enquanto o Partido Social Democrático e a União Democrática Nacional, agora coligados, somaram 5 vereadores, o velho Partido Libertador ficou com duas cadeiras e o Partido Social Progressista, com um vereador. De novo, prefeito e vice-prefeito saem dos quadros trabalhistas.

Nº	Nome	Legenda	Votos	Situação
Para Prefeito				
1	Daniel Dipp	PTB/PSP/PR	9.905	Eleito
2	Dionísio Lângaro	PSD/PL/UDN	8.105	
Para Vice-prefeito				

3	Mário Menegaz	PTB/PSP/PR9.873	Eleito
4	Elpídio Fialho	PSD/PL/UDN	8.124

#### ELEIÇÃO DE 3 DE OUTUBRO DE 1955

Confirma-se a hegemonia trabalhista, repetindo a eleição de prefeito e vice-prefeito e aumentando o número para 8 vereadores, contra 4 do Partido Social Democrático, dois do Partido Social Progressista, enquanto o Partido Libertador tem sua representação reduzida para um edil.

Nº	Nome	Legenda	Votos	Situação
Para Prefeito				
1	Wolmar Antonio Salton	PTB	8.728	Eleito
2	Gervásio Araújo Annes	PSD	6.017	
Para Vice-prefeito				
3	Benoni Rosado	PTB	8.483	Eleito
4	Ítalo Benvegnú	PSD	5.967	

#### ELEIÇÃO DE 8 DE NOVEMBRO 1959

Essa eleição teve o aparecimento de uma cisão trabalhista, popularmente conhecida como “ala rebelde do PTB”, liderada pelo advogado Daniel Dipp, que se articulou eleitoralmente sob a denominação de Movimento Trabalhista Renovador. Toda essa cizânia está registrada por Sandra Mara Benvegnu, no terceiro capítulo de sua dissertação, sob o título de “A LUTA DE DOIS CALIFAS”: CÉSAR SANTOS E DANIEL DIPP. Foi uma amostra (até no nome) do que aconteceria nacionalmente pouco depois com a organização do Movimento Trabalhista Renovador, sob a liderança do deputado federal Fernando Ferrari.

Para a autora de *Décadas de Poder: O PTB e a ação de César Santos na Metrópole da Serra 1945-1967* essa divisão marca o declínio do trabalhismo no município. Mesmo assim, os trabalhistas repetiram sua bancada de 8 vereadores. O Partido Trabalhista Nacional, sob o qual se abrigaram alguns “rebeldes”, como Romeu Martinelli e Justiniano Augusto de Araújo Trein, e que foram eleitos “representantes” daquele famoso “partido de aluguel”. O Partido Social Progressista repetiu também sua bancada de dois vereadores; o Partido Democrata Cristão aparece com um edil e o Partido Social Democrático, continuou sua queda vertiginosa, elegendo um único vereador.

Nº	Nome	Legenda	Votos	Situação
----	------	---------	-------	----------

#### Para Prefeito

- |   |                              |     |       |        |
|---|------------------------------|-----|-------|--------|
| 1 | Benoni Rosado                | PTB | 9.504 | Eleito |
| 2 | Mário Menegaz                | MRT | 6.930 |        |
| 3 | Antonio Bittencourt Azambuja | CDP | 2.661 |        |

#### Para Vice-prefeito

- |   |                  |     |       |        |
|---|------------------|-----|-------|--------|
| 4 | Sinval Bernardon | PTB | 8.487 | Eleito |
| 5 | Daniel Dipp      | MRT | 4.292 |        |
| 6 | Anildo Sarturi   | CDP | 5.896 |        |

Essa era a situação política local quando, a 25 de agosto de 1961, a Nação foi surpreendida com a renúncia do presidente Jânio da Silva Quadros. Como aconteceu nos demais pontos do Rio Grande do Sul, as forças partidárias locais se uniram em torno da legalidade, do respeito à Constituição de 1946, o que significava a posse do vice-presidente João Goulart, o substituto legal do presidente demissionário, na forma da Carta Magna.

Se o trabalhismo é, como pensam muitos estudiosos da história das idéias no Brasil, uma continuidade do positivismo e do castilhismo, em Passo Fundo, esse entendimento se apresenta mais claro. Os trabalhistas encontrarão em O Nacional, o jornal criado pelos filhos do Coronel Gervasio Annes, o seu porta-voz e nos herdeiros políticos do velho comandante pica-pau na Revolução da Degola, os seus primeiros líderes. E veremos, na Campanha da Legalidade, o comando de Irma Helena Salton, neta daquele coronel castilhista.

Durante o regime militar, iniciado em 1º de abril de 1964, com a deposição do presidente João Goulart, os velhos trabalhistas e seus aliados ingressarão no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o “guarda-chuva” das oposições, enquanto os “rebeldes” do Movimento Trabalhista Renovador (MTR), à exceção de Daniel Dipp e uns poucos mais, filiar-se-ão à Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Esta englobará os mais diferentes grupos conservadores, antitrabalhistas e antipositivistas, desde os liberais aos herdeiros do integralismo, conhecido como “fascismo caboclo”.

Sobre as alianças ou ligações entre liberais e fascistas existe um estudo clássico de Reinhard Kühnl intitulado Liberalismo y fascismo. Dos formas de domínio burguês (Barcelona: Fontanella, 1978).

Não é à toa que, na eleição de 15 de novembro de 1982, as primeiras realizadas depois da redemocratização, o candidato do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Rudah Jorge, tendo como vice o jovem João Leonel Stery, sobrinho de Leonel Brizola, individualmente, foi o mais votado. Perdeu, no cômputo dos votos, para os candidatos do Partido Democrático Social, sucedâneo da extinta ARENA, Fernando Machado Carrion, que foi eleito, e Juarez Paulo Zílio. Os trabalhistas superaram todos os demais candidatos, inclusive, João Carlos Bona Garcia, ex-guerrilheiro, e Sinval Bernardon, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, continuador do “guarda-chuva” emedebista.



No pleito seguinte, a 15 de novembro de 1988, Airton Lângaro Dipp, filho de Daniel Dipp, elegeu-se prefeito trabalhista, contando como vice-prefeito, com Carlos Armando Salton, bisneto do Coronel Gervazio, que sucedeu Airton, na prefeitura, no momento em que este renunciou para assumir uma Secretaria de Estado. Na eleição seguinte (15 de novembro de 1992), Carlos Armando Salton perdeu a eleição para prefeito para Osvaldo Gomes, do PMDB, por apenas 65 votos, numa disputa em que o candidato trabalhista sofreu a mais escandalosa campanha de difamação já registrada na história local. E Airton Lângaro Dipp, sempre apoiado pelos bisnetos do castilhistas histórico, transformou-se no verdadeiro líder máximo e incontestável do trabalhismo local. Retornou à chefia de Passo Fundo por mais duas vezes, em 2004 e 2008.

Do livro

A Campanha da Legalidade em Passo Fundo

Data : 31/10/2010

Título : O trabalho no século XXI

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Anita Garibaldi de São Paulo, aditou, há pouco uma coletânea de estudos sobre as mudanças profundas no mundo do trabalho acontecidas nas últimas décadas.

O trabalho no século XXI

por Paulo Monteiro

A Editora Anita Garibaldi de São Paulo, aditou, há pouco uma coletânea de estudos sobre as mudanças profundas no mundo do trabalho acontecidas nas últimas décadas. Os autores, em sua maioria, ou são professores universitários estudiosos das questões sociais ou são líderes sindicais. Sob o título de “O trabalho do Século XXI: Considerações para o futuro do trabalho”, o livro apresenta alguns temas atuais como as técnicas mais recentes conhecidas como torotismo, qualidade total, automação. Os autores avançam, ainda, por temas como o neoliberalismo e a crise do socialismo de estado.

Para nós, brasileiros, a difusão de um livro como “Trabalho no século XXI: Considerações para o futuro do trabalho” tem particular importância porque apresenta assuntos que

interessam a todos. Os autores desenvolvem seus raciocínios a partir de um ângulo em que se postam intelectuais e sindicalistas comprometidos com os trabalhadores.

Há passagens como em “Qualificação, empregabilidade e competência: Mitos versus realidade”, de Graça Druck (p.51-90), onde algumas afirmações sobre a superioridade do trabalhador mais escolarizado são analisadas com clareza. Já o presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, Alvaro Gomes, em “Trabalho, Desemprego e Sofrimento Mental: Impactos do Neoliberalismo (p. 109-152)”, estuda os planos de demissão voluntária implantados no Banco do Brasil e no Banco do Estado da Bahia. O trabalho demonstra as pressões psicológicas exercidas sobre os funcionários daquelas instituições financeiras para que, “voluntariamente”, se demitissem, levando esses trabalhadores a encontrarem doenças psicológicas, que causaram o aumento dos índices normais de suicídios. “No Banco do Brasil”, escreve o sindicalista á página 120 “desde o POV – Plano de Demissão Voluntária – de julho de 1995 até julho de 1996, foram registrados 22 suicídios (...), constituindo-se no indicio de agravamento do sofrimentos psíquico culminado com o do próprio bancário dar fim á sua vida”.

Quanto á Baneb, Álvaro Gomes apresenta outro dado esclarecedor: entre 237 bancários demitidos “apenas 76 (32%) não relacionaram os problemas de saúde ao trabalho ou ao processo de perda de emprego, 13 (5,5%) deixaram a questão sem resposta e os demais 148 (62,5%) relacionaram o questionário, aqui considerado todos inclusive os 76 que não relacionaram os problemas de saúde ao trabalho, 117 (49,3%) alegavam ansiedade, 88 (37,1%) cansaço e/ou estresse, 65 (27,4%) depressão, 71 (29,9%) dificuldade de dormir e 34 (14,3%) pressão alta.” (p.141 e segs.). Páginas atrás (141, e segs.) o autor havia apresentado dados de que enquanto a taxa de suicídios era de 1/10 000 em 1992 e 1993, na Bahia, entre os funcionários do Baneb era de 35,0/10 000 e 35,5/1000 em 92 e 93, respectivamente.

Vê-se que as técnicas modernas, a serviço do capital, como o torotismo e a qualidade total, acabam sacrificando o trabalho noutras palavras: enquanto os capitalistas enriquecem, os empregados se matam, no sentido liberal deste verbos.

Renildo Souza, em “A flexibilidade das relações de trabalho no Brasil” (p. 49-77) chama a atenção para a “gestão individualizada do trabalho”, apresentada por muitos como a descoberta da roda diz claramente: “A precarização do trabalho tem implicado uma espécie de terno ás velhas formas de mais valia absoluta. Com as cooperativas, o trabalho doméstico, o salário por quantidade de “peças” produzidas, a sobrecarga de tarefas, cria-se enfim, uma situação em que se liquida com a fixação de jornada de trabalho e intensifica-se enormemente trabalho. A polivalência tem sido um acréscimo de novas tarefas para o trabalhador, o que implica forte aceleração do seu ritmo de trabalho. A segmentação do mercado de trabalho é reforçada com medidas como a instituição do contrato de trabalho por prazo determinado, com trabalhadores sem direitos trabalhistas, o que ocorre com a mão-de-obra mobilizada pelas cooperativas profissionais”.

Na verdade, o que acontece é o retrocesso. Da mesma forma que alguém, ao errar o caminho, volta ao ponto inicial, para acertar o rumo, o retorno a formas pré-capitalista de produção é mostrado como o máximo do desenvolvimento, o ápice da “justiça social”, quando isso não é verdade. A falência do modo de produção hegemônico, para a sobrevivência dos interesses por ele engendrado, através de técnicas de publicidade, é propalada como a vitória completa do modo de produção decadente.

Assim, o que hoje é apresentado como uma grande novidade não passa de uma velharia histórica. No fundo, sobra uma prática nefasta aos trabalhadores, representando um aumento da pauperização das camadas populares, como já foi demonstrado por economistas que se tornaram clássicos, como é o caso da polonesa Rosa de Luxemburgo.

Rotta

Outubro de 2001

Data : 15/07/2011

Título : O Tratado de Tordesilhas

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 7 de junho passado lembramos os 517 anos da assinatura do Tratado de Tordesilhas...

## O Tratado de Tordesilhas

No dia 7 de junho passado lembramos os 517 anos da assinatura do Tratado de Tordesilhas, uma conferência de mediação entre o papa Nicolau V e representantes das Coroas Portuguesa e Espanhola, na cidade de Tordesilhas (Espanha), para definir um “critério” de posse das novas terras descobertas, em vista do ciclo das grandes navegações que iniciavam, tendo os países da Península Ibérica como líderes desse fato histórico.

Na medida em que Portugal e Espanha se lançaram aos mares e deram notícias sobre novas terras, a Europa mudou o conceito estratégico de geopolítica. As navegações permitiram a expansão do colonialismo e o desafio do contato com novas civilizações, a expectativa de abastecer as metrópoles das necessidades emergentes e a esperança em aumentar seus domínios territoriais.

O Brasil, sem dúvidas, é fruto do Tratado de Tordesilhas. Pedro Álvares Cabral, as expedições exploradoras e colonizadoras, os governadores gerais, capitânias hereditárias, o governo dos vice-reis, o envio de desterrados e colonizadores, as políticas de miscigenação para procriação e ocupação, principalmente as entradas e bandeiras e toda a expansão territorial para o sul além de Laguna, tem fundamentação no Tratado de Tordesilhas e seus sucedâneos. Inclusive, um dos argumentos do ditador paraguaio

Francisco Solano Lopes, em seu desejo de buscar saída para o mar, no território brasileiro já consolidado, fundamentava-se no antigo documento.

A revista *Somando*, através da pesquisa do historiador Paulo Monteiro, nessa reportagem, dá início à publicação dos tratados territoriais entre as coras Portuguesa e Espanhola.

Paulo Monteiro

Moacyr Flores, no seu *Dicionário de História do Brasil* (Porto Alegre, EDIPUCRS, 2ª Edição Revista e Ampliada, p. 601), assim define o famoso Tratado de Tordesilhas:

“TORDESILHAS. Portugal iniciou a era das navegações ao longo da costa da África, em busca do Caminho das Índias, sob a orientação do infante D. Henrique, no promontório de Sagres. Embaixadores portugueses pediam ao Papa em Roma as bulas necessárias para garantir a posse das descobertas. A bula do Papa Nicolau V, de 8.1.1454, concedeu ao rei de Portugal e a seus sucessores a soberania sobre a conquista da África desde o Cabo Bojador, toda a Guiné e ilhas adjacentes. Por este motivo o rei D. João II contestou as descobertas de Colombo, a serviço da Espanha, dizendo que eram terras de Portugal. Em 1486 Fernão Dulmo, a serviço de Portugal, chegara nas Antilhas. Em 3.5.1493, o Papa Alexandre VI outorgou uma bula concedendo terras à Espanha além de um meridiano marcado a 100 léguas das ilhas de Cabo Verde ou dos Açores. D. João protestou e os representantes das coroas de Portugal e de Castela se reuniram em Tordesilhas, assinando, em 7.6.1494, um tratado em que o meridiano ficou a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Com esse tratado, parte do Brasil, o Atlântico sul e o oceano Índico ficaram pertencentes a Portugal.”

Eis, em suma, os antecedentes e o que foi, no papel, o Tratado de Tordesilhas. Documento fatídico, responsável por diversas guerras, destruição, e um número incontável de mortes de portugueses e espanhóis. Sobre isso já se escreveram alentados volumes, muito se discutiu e há de se discutir, ainda.

Afonso D’E. Taunay, em sua clássica *História das Bandeiras Paulistas*, Tomo I, (São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d), à página 25, resumindo essa confusão, escreve que essa linha chegou a ser puxada até Cabo Frio, “reduzindo o Brasil a um décimo do que hoje é”.

Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas, à página 116 de *Geopolítica Bandeirante – Parte Primeira – Sudoeste Brasileiro – Volume I* (Porto Alegre, Editora EMMA, 1975), reproduz diversas dessas linhas, cujos pontos imaginários por onde passaria o limite oeste fixado pelo Tratado de Tordesilhas, vão do Cabo Frio, no atual Estado do Rio de Janeiro, a Lima, no Peru. Isso se deve ao fato de que o texto do Tratado não fixava o local exato de onde partiria a contagem das 370 léguas.

Se as guerras foram muitas entre as duas coroas ibéricas, diversas foram as tentativas para pacificar as duas nações.

Jaime Cortesão, autor de várias obras fundamentais para o entendimento da ocupação portuguesa da América, em que toda essa encrenca de tratados e mais tratados

é esmiuçada, transcreve, na íntegra, o Tratado de Madrid (13.1.1750), que resume as pendengas anteriores, em seu ARTIGO I:

“O Presente Tratado será o único fundamento, e regra, que ao diante se deverá seguir para a divisão, e Limites dos dois Domínios em toda a América, e na Ásia; e em virtude disto ficará abolido qualquer direito e ação, que possam alegar as duas Coroas por motivo da Bula do Papa Alexandre VI de feliz memória, e dos Tratados de Tordesilhas, de Lisboa, de Utrecht, da Escritura de venda outorgada em Saragoça e de outros quaisquer Tratados, convenções e promessas; o que tudo, em quanto trata da Linha da demarcação, será de nenhum valor e efeito, como se não houvera sido determinado, ficando em tudo o mais na sua força e vigor; e para o futuro não se tratará mais da dita linha, nem se poderá usar deste meio para a decisão de qualquer dificuldade, que ocorra sobre Limites, senão unicamente da fronteira, que se prescreve nos presentes Artigos, como regra invariável, e muito menos sujeita a controvérsias”.

Esse documento está disponível na reedição fac-similar de O Tratado de Madrid, em dois volumes, de Jaime Cortesão (Brasília, Senado Federal, Tomo II, a partir da página 361). Infelizmente, as guerras continuaram, com a chamada Guerra Guaranítica, entre 1752 e 1756. Dessa Guerra sobraram mais confrontos e a invenção do herói Sepé Tiaraju, criação literária de Basílio de Magalhães com o poema Uruguai (1679), de Basílio da Gama, amplificada pelo poemeto O Lunar de Sepé, escrito por Simões Lopes Neto, em 1913, conforme resume Moacyr Flores em Sepé Tiaraju – história e mito (Porto Alegre, EST Edições, 2006).

Para o Rio Grande do Sul, essa bagunça militar entraria em seu ocaso apenas em 1801, com a Conquista das Missões, e nos primeiros anos do século XX, mediante acordos com a República do Uruguai.

Em linhas muito gerais, eis o que foi o Tratado de Madrid, de 1750, pois há outro com o mesmo nome, de 9 de setembro de 1801 “que estabeleceu a linha divisória no Rio Caranapanatuba”, segundo escreve Moacyr Flores, à página 606 do dicionário acima citado. Na verdade, esse rio, seria o Carapanatuba, no atual Estado do Amapá.

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(Transcrito da Revista Somando – Edição 172 – Ano XVI – Julho/2011 – páginas 27/27)

Data : 31/08/2004

Título : O vazio político nos primórdios da República Velha.

Categoria: Resenhas

Descrição: Forçado a internação hospitalar para curar uma pneumonia, aproveitei para reler algumas obras sobre os inícios da República Brasileira.

O "vazio político" nos primórdios da República Velha.

por Paulo Monteiro(\*)

Forçado a internação hospitalar para curar uma pneumonia, aproveitei para reler algumas obras sobre os inícios da República Brasileira. A participação no recente Seminário "110Anos da Batalha de Passo Fundo" foi o leitmotiv para revisar Ideias Políticas de Quintino Bocaiúva (Senado Federal/Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasília/Rio de Janeiro, 1982, 2 v.).

Quintino, chefe do Partido Republicano Nacional, foi o principal articulador civil com os militares que dariam o golpe de 15 de novembro de 1889. Sua participação assume importância por ter sido o único civil a participar a cavalo, da proclamação da República no Campo da Aclamação, atual Praça da República, no Rio de Janeiro, e o maior responsável pela formação do primeiro ministério republicano.

Além de redigir quase todo o Manifesto Republicano, de 1870, catalisou o republicanismo, unindo a tendência evolucionista (a que pertencia) e a revolucionária, garantindo a ação unificada do movimento.

"Os pequenos grupos isolados uns dos outros, sem o elo da solidariedade tão essencial à sua própria vida, são impotentes. Só a união deles pode produzir a força que os deve alentar na confiança em si mesmo". Escrevia em 1873" (Op.cit., p. 40. v. 1).

Esse isolamento- eu diria ensimesmamento – dos republicanos será lembrado em 1909 (Idem, p. 670, v.2) em carta a Rodolfo de Abreu? "Aos republicanos sempre repugnou, desde o tempo da propagando, o reconhecimento de qualquer chefe – de qualquer capacidade diretiva, cuja superioridade fosse acatada para poder ser fecundada em benefício da causa e de todos. Cada um considerava-se uma legião e só a si própria respeitava como chefe por algumas horas no dia 15 de novembro de 1889. Nesse momento o cargo e a preeminência não eram apetecíveis. Tratava-se de expor a cabeça e morrer por morrer, antes eu que era o mais tolo senão o mais velho. Mas no dia 16 em diante já fui considerado uma espécie de Britanicus cuja eliminação favorecia o advento de novas capacidades (...)"

Ora, esse individualismo dos republicanos manifestar-se-ia durante o próprio governo provisório, de Deodoro. Cada ministro considerava-se um sátrapa, tomando decisões

isoladas dos demais. Apenas Quintino Bocaiúva defendia e punha em prática a assinatura dos documentos legais depois de analisados pelo ministério.

Essa prática de decisões autônomas, como salienta na mesma carta, enfraqueceria os republicanos, cooperando para o crescimento dos oportunistas, aproveitadores que tinham servido ao Império, e fortalecer as dissensões entre os líderes republicanos.

Durante o Seminário “110 Anos da Batalha de Passo Fundo” vários painelistas salientaram o “vazio político” provocado pela incapacidade do segundo imperador para o exercício do governo como uma das causas dos conflitos surgidos nos primeiros anos da República. Acredito que esse “vazio político” aumentou consideravelmente com a República. E a reeleitura dos escritos de Quintino Bocaiúva concorreu para que me convencesse ainda mais disso.

No caso do Rio Grande do Sul, “depois da proclamação da República até iniciar-se a revolução de 93 (6-2-1893), em um período de 3 anos, 1 meses e 21 dias, portanto, teve o Rio Grande do Sul nada menos que dez governantes diferentes, desde o Marechal José Antônio Corrêa da Câmara (15-11-1889 a 11-2-1890) até o Dr. Fernando Abbott (27-9-1892 a 21-1-1893), sem contar a Junta Governativa Provisória (12-11-1891 a 17-11-1891) e a dualidade de governo, resultante da interinidade do General Honorário João Nunes da Silva Tavares em Bagé (11-6-1892 a 4-7-1892)” (Riograndino da Costa e Silva, Notas á Margem da História do Rio Grande do Sul, Editora Globo, Porto Alegre, 1968, p. 144). Esse “vazio político” republicano, com a sucessão de governos fracos, as dissensões entre os representantes do novo status quo e as perseguições movidas aos liberais, especialmente por aqueles “que nada fizeram pela República”, “acomodados em ninhos confortáveis”, é que mais contribuiu para a Revolução que eliminou cerca de 1% da população gaúcha, entre 1893 e 1895.

\*Membro da Academia Literária Gaúcha e da Academia Passo-Fundense de Letras

Somando

Agosto de 2004.

Data : 22/08/1997

Título : Obra teológica de H. E. Alexander

Categoria: Resenhas

Descrição: H. E. Alexander (1884-1957) é um dos divulgadores e estudiosos do Cristianismo cuja obra está a merecer uma análise mais apurada.

Obra teológica de H. E. Alexander

por Paulo Monteiro

H. E. Alexander (1884-1957) é um dos divulgadores e estudiosos do Cristianismo cuja obra está a merecer uma análise mais apurada. Em mais de meio século de atividade fundou a Escola Bíblica de Genebra (Suíça), a obra missionária da Ação Bíblica, a Sociedade Bíblica de Genebra e as Casas da Bíblia.

Recebi da Casa da Bíblia (São Paulo-SP) cinco livros de H. E. Alexander: GUIA PARA OS PRIMEIROS PASSOS (6ª edição), ENCONTROS COM O RESSUSCITADOS, A CORRIDA CRISTÃ, O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO (2ª edição) e APOCALIPSE (2ª edição revista). Li a maioria das obras num momento de grande ansiedade pessoal, preso a um leito de hospital, paciente de cirurgia. Apreciei, particularmente, os dois últimos volumes.

APOCALIPSE é um estudo interessantíssimo, organizado postumamente, sobre notas deixadas por H. E. Alexander. O que, neste livro, me chamou a atenção foi a firmeza com que o autor coloca seu entendimento sobre passagens do último livro da Bíblia Cristã, especialmente quanto a interpretação de datas e figuras escatológicas.

Além desse aspecto, devo salientar outros três que me parecem de não menor importância: 1) a preocupação em recuperar o entendimento fiel das Escrituras, expurgado das influências greco-romana, advindas dos judeus helenizados e dos doutores cristãos, como se vê ao expressar a situação do pós-morte (p. 118 e seguintes), recuperando o conceito bíblico Sheol, equivalente ao grego Hades; 2) a fixação, dentro dos limites da crítica interna do Apocalipse joanino em sua ligação com várias passagens do Antigo Testamento; 3) o destaque conferido às heresias contemporâneas (ocultismo, esoterismo e outras), que reeditam velhas concepções ecléticas e sua ligação com a Babilônia apocalíptica.

O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO tem um aspecto que o distingue de outros comentários sobre o Quarto Evangelho: sua ligação com Mateus, Marcos e Lucas, confirmando em definitivo o que pelos anteriores foi apresentado.

Novamente se vê, nesta obra de H. E. Alexander, a continuidade estilística da união do EVANGELHO SEGUNDO JOÃO com os demais livros escriturísticos.

Saliento alguns caracteres intrínsecos de trabalhos de H. E. Alexander, que merecem uma atenção maior dos interessados uma atenção maior dos interessados pela temática a que ele dedicou o melhor de seus esforços.

O Cidadão

22/08/97



Data : 26/12/2014

Título : OBRIGADO, ISRAEL LOPES

Categoria: Crônicas

Descrição: Israel Lopes é um historiador dedicado à pesquisa da história regional, mormente da música típica do Rio Grande do Sul.

Israel Lopes é um historiador dedicado à pesquisa da história regional, mormente da música típica do Rio Grande do Sul. Autor de vários livros, tomo a liberdade de destacar "Teixeirinha, O Gaúcho Coração do Rio Grande", obra fundamental sobre o mais conhecido cantor e compositor gaúcho de todos os tempos, cujo nome deixou indissolúvelmente ligado a Passo Fundo.

Na sua imensa generosidade, Israel acaba de me enviar seu mais recente livro: "Pedro Raymundo e o Canto Monarca", obra à qual dedicou três décadas de investigação. Pedro Raymundo, catarinense de Imaruí, onde nasceu a 29 de junho de 1906, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 9 de julho de 1973, tornou-se responsável pela propagação da música típica do Rio Grande do Sul, inicialmente em rádios de Porto Alegre e, mais tarde, no Rio de Janeiro.

Pedro Raymundo gravou 68 discos de 78 rotações e alguns LPs, totalizando 206 composições, segundo levantamento de Israel Lopes. Pode-se dizer que foi o verdadeiro formador da música regional gaúcha, influenciando diversos cantadores e compositores que vieram depois dele, como o próprio Teixeirinha.

Nos próximos dias, aproveitando as férias de janeiro, lerei "Pedro Raymundo e o Canto do Monarca", pausadamente, como merece. Complementarei a leitura dinâmica efetuada neste entardecer quente e chuvoso de dezembro. Este mais novo livro de Israel Lopes é uma daquelas obras que merecem ser saboreadas como os melhores vinhos.

Data : 15/10/2003

Título : Opiniões de algumas educadoras passo-fundenses

Categoria: Editoriais

Descrição: Para a professora Márcia Vargas Muccini, formada em Letras e Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo e diretora do Instituto Menino Deus...

## Opiniões de algumas educadoras passo-fundenses

por Paulo Monteiro

Para a professora Márcia Vargas Muccini, formada em Letras e Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo e diretora do Instituto Menino Deus, “as pessoas não se dão conta de que não se muda da maneira como está sendo proposta, uma prática que tem a função cultural de trabalhar o social, o afetivo, uma brincadeira que vai trabalhando e preparando o espírito das crianças de que a vida não acontece de uma forma linear. Através das cantigas de roda, as frustrações são cantadas e relatadas, a criança vai aprendendo a equilibrar-se nesse mundo mutável de emoções. E “atirei o pau no gato”, é na verdade, uma metáfora. Gato tem várias representações no imaginário infantil”.

Márcia, que é professora de Literatura, afirma que o imaginário infantil se alimenta de analogias e metáforas. “A criança vai travar relações com um mundo que não é perfeito, mas onde se possa viver fazendo determinadas opções”.

“Brincando com o trágico e com o triste – assegura a educadora passo-fundense -, a criança prepara pra enfrentar a vida adulta. As cantigas de roda, são na verdade, mecanismos de aprendizagem e superar conflitos e frustrações. E é brincando que vai aprendendo a fazer essas superações”.

Segundo Márcia Vargas Muccini “as cantigas de roda jamais serão apagadas, pois não se apaga cultura, mas se agrega cultura. Aprendemos a ter momentos de expansão e retração. O cravo e a rosa representam os conflitos e a superação através da palavra”.

Márcia Vargas Muccini concorda com os pesquisadores que defendem a tese que as cantigas de roda servem para o fortalecimento da “democracia racial brasileira”, evitando conflitos étnicos e religiosos, e as variações regionais assumidas pelas cantigas de roda representam as diferenças regionais. Esse tipo de folclore deve ser cultivado até surgirem outras formas, através da tradição oral. São elas as expressões do que se vive e não da ideologia individual. O que deve haver é o entendimento do que cada canção representa e que por isso vão sobrevivendo ao longo dos anos e não somos nós que determinamos sua sobrevivência, por simples questões ideológicas”.

A professora Maria Elena Cecon Leite, diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Mário Quintana e coordenadora pedagógica do Colégio Menino Jesus/ Notre Dame, concorda com Márcia Vargas Muccini e acha absurda a proposta de alteração das letras das cantigas de roda.

“Não é dessa forma – assegura- que vamos acabar com a violência, porque a criança não vê maldade, é pura e passa a ser maldosa, na medida em que vê o adulto fazendo maldade.

“Quando a criança é criada num ambiente poluído, adquire a maldade do adulto”, afirma Maria Elena, que é pós-graduada em Supervisão Escolar, e questiona as mudanças propostas: “Como é que se vai trabalhar o certo e o errado, o bem e o mal, se não tem como mostrar o contraditório da vida? Como é que vão ficar os livros de histórias infantis e as fábulas clássicas? A história do Lobo Mau vai ser mudada?”.

“Não vejo como, mudando as letras das cantigas de roda, vá mudar alguma coisa no mundo. O caminho não é por aí”, concluiu Maria Elena Cecon Leite.

Rotta

15-31/10/2003

Data : 10/11/1995

Título : ORAR COM DEUS

Categoria: Resenhas

Descrição: A oração é uma prática básica de praticamente todas as religiões. Algumas, como o islamismo, conferem uma importância essencial à oração.

## ORAR COM DEUS

por Paulo Monteiro

A ABBA PRESS, de São Paulo, está publicando ORAR COM DEUS: DESENVOLVENDO UMA TRANSFORMADORA E PODEROSA AMIZADE COM DEUS, de James Houston.

A oração é uma prática básica de praticamente todas as religiões. Algumas, como o islamismo, conferem uma importância essencial à oração.

James Houston afirma que “Há em nossos dias uma crescente consciência de que a vida moderna negligencia os valores comunitários, substituindo-os por uma forte tendência favorável ao egoísmo e ao narcisismo” (p. 14).

Ora, o Cristianismo, por influência da cultura racionalista, em certas denominações tradicionais, tem deixado a oração em pleno interior. A separação entre o laicato e o clero tem contribuído, também, para esse arrefecimento do exercício da oração.

O egoísmo e o narcisismo são formas ilusórias do racionalismo moderno, transformado numa nova religião: a religião dos homens com Deus, a religião do egoísmo e do narcisismo, de Houston nos fala.

“Orar- escreve ele à p. 78- é declarar lealdade a uma realidade espiritual que está acima e além do humano auto- esforço e do controle. A oração pode ser idolatra, como adoração de falsos deuses. Isso pode ocorrer quando nossas necessidades emocionais são distorcidas e quando tentamos manipular e controlar nossos semelhantes. Portanto, quando falamos em “oração”, precisamos qualificar o que queremos dizer, ligando-a ao caráter do próprio Deus”.

Interessantes são as passagens do ORAR COM DEUS ( pp. 81 e segs.) sobre a oração como veículo de comunicação entre Israel e Yahweh. Aquele pequeno país de pastores e agricultores, imprensado entre rastos impérios, conseguiu sobreviver até os dias de hoje e seu Deus é cultuado por grande parte da humanidade. Assírios, babilônicos, medos, persas, hititas, macedônios, romanos e outros povos sumiram do cenário histórico atual, mas os judeus continuam vivos. E quem estudar a história de Israel dos tempos bíblicos verá que quanto mais firme era o seu relacionamento com Deus, mais forte era a nação.

A oração no Cristianismo, porém, assume uma prática diferente do que no próprio judaísmo. Deus não é mais um rei, uma figura poderosa e distantes, Deus é Abba, a forma carinhosa com que as crianças tratam seu pai em aramaico, a língua em que Jesus pregava. E essa intimidade que Ele tinha com Deus, está ao alcance dos cristãos de todos os tempos, através da presença do Espírito Santo (pp. 179 e segs.).

Paulo (Op. cit. P. 251) orou para que fizéssemos nossas próprias explorações no campo da oração, “com todos os santos”. Se simplesmente nos concentrarmos na oração, nossa introspecção pode enganar-nos, ou mesmo danificar nossas vidas espirituais, mas precisamos, antes, de andar com o povo de Deus, no passado e no presente, aprendendo com a experiência de que eles compartilham conosco.

“Diga-se, a bem da verdade, que, da mesma forma como os cristãos pentecostais de hoje são conhecidos como “crentes” os cristãos dos primeiros tempos eram chamados de “santos”. A idolatria das imagens e dos mortos veio depois”...

James Houston afirma que o homem se aproxima de Deus com a mente e com o coração e fazendo quatro tipos de oração.

A oração verbal é a mais comum nos dias de hoje. Ela se expressa através de palavras, como oração privada ou oração pública. A oração meditativa ou meditação baseia-se na reflexão sobre a palavra de Deus, sobre uma profunda meditação nos ensinamentos bíblicos.

A terceira forma de oração é a contemplativa ou contemplação e o quarto é a oração exática.

ORAR COM DEUS: DESENVOLVENDO UMA TRANSFORMADORA E PODEROSA AMIZADE COM DEUS, de James Houston, é uma obra fundamental para quem deseje iniciar-se no estudo da oração. Esta, porém, é simples, tão simples como uma criança falar com seu pai, Abba.

O Cidadão.

10/11/1995.

Data : 07/08/1998

Título : Oratória Parlamentar

Categoria: Resenhas

Descrição: A oratória parlamentar firma suas raízes na Agora da Grécia antiga, alcançando radicalidade democrática no Consilium Tributum Plebis romano.

### Oratória Parlamentar

A oratória parlamentar firma suas raízes na Ágora da Grécia Antiga, alcançando radicalidade democrática no Consilium Tributum Plebis romano. Em nosso país vai encontrar suas origens nos deputados brasileiros das primeiras décadas do século XIX.

Nestes quase 180 anos colecionamos muitos e bons oradores, vários deles com seus discursos reunidos em livro pela Câmara dos Deputados há alguns anos. Agora, acabam de sair duas coletâneas: GRANDES MOMENTOS DO PARLAMENTO BRASILEIRO - VOLUME I (Senado Federal. Brasília, 1998) e COLETÂNEA DE DISCURSOS PARLAMENTARES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL: 1835/1889, organizada por Helga Iracema Landgraf Piccolo (Assembléia Legislativa, Porto Alegre, 1998).

O volume referente ao Parlamento Nacional é acompanhado de cinco CDs, com os pronunciamentos coletados. Começa com discurso de Afonso Arinos comentando o atentado da Rua Toneleros, pouco antes do suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, continua com sua defesa do então deputado Carlos Lacerda (1957), seguindo com a longa autodefesa deste parlamentar na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados (7-5-57).

Integram esse Volume 1 outras peças importantes como os pronunciamentos de Auro de Moura Andrade anunciando a renúncia de Jânio Quadros (25-8-61) e declarando vaga a Presidência da República (2-4-64) e de Doutel de Andrade (31-3-64) às vésperas do movimento militar de 1 de abril.

Os exemplares de oratória parlamentar enfeixados em GRANDES MOMENTOS DO PARLAMENTO BRASILEIRO comprovam a riqueza de nossos tribunos, num primeiro momento; noutro, apresentam as forças sociais representadas em nossa Câmara Federal e no Senado da República nas últimas quatro décadas. Documentos de uma fase histórica, esses pronunciamentos merecem ser lidos e estudados por todos os brasileiros.

O primeiro volume de discursos dos deputados provinciais (estaduais) gaúchos do século passado, que tive a oportunidade de ler neste fim-de-semana, será imensamente útil aos

estudiosos da história do Estado. Em mais de 600 páginas fartamente ilustradas desfilam, em quatro capítulos, as competências da Assembléia Provincial, o Direito de Propriedade e economia e escravidão, imigração e economia. Os temas propriamente políticos ficam para um outro volume.

Encontramos nomes conhecidos: Carlos Von Koseritz, Félix Xavier da Cunha, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, Gaspar Silveira Martins, José Antônio do Valle Caldre e Fião, entre outros. E para que se tenha uma amostra da importância para os estudos históricos lembro o discurso do passo-fundense Prestes Guimarães (págs. 326-333) denunciando arbitrariedades cometidas pelo delegado de polícia José Claro de Oliveira, no ano de 1887, ofendendo o deputado liberal, prendendo eleitores de oposição (a maioria dos nomes citados é de origem alemã...) e não respeitando habeas-corpus concedido pelo juiz de Direito Miguel Lino de Moraes Abreu. Prestes Guimarães chega a acusar o deputado conservador Gervásio Lucas Annes de mandante das arbitrariedades.

Naturalmente, se esse era o tipo de relacionamento político, em momentos de paz, numa época de conflagração (como na Revolução Federalista de 1893) as coisas só poderiam acabar em violência generalizada. Temos ali fatores que exemplificam porque milhares de gaúchos seriam executados, mais de mil na degola. As truculências passo-fundenses não eram fatos isolados.

Quase quatro décadas depois, em 1924, o libertador Arthur Caetano acusava o deputado republicano Nicolau de Araújo Vergueiro, de mandar sessenta soldados provisórios assaltar a sede da Aliança Libertadora, em Passo Fundo, varejando o edifício, "tendo antes feito sucessivas descargas, que prostraram gravemente ferido um moço encarregado do serviço eleitoral". Seu nome: Pedro Estácio. Além disso, os eleitores da oposição continuavam sendo espancados pela polícia, como no tempo do Império.

Esta pequena digressão é apenas para salientar a importância de publicações como esta patrocinada pela Assembléia Gaúcha. A leitura desses "velhos" discursos parlamentares, além de contribuir para um melhor entendimento de nossa história, ajuda a compreender certos comportamentos contemporâneos.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 07 de agosto de 1998

Data : 04/04/2012

Título : Os 250 anos do Emílio ou da Educação e Do Contrato Social

Categoria: Artigos

Descrição: A atualidade do pensamento que Jean-Jacques Rousseau desenvolveu em Emílio ou da Educação e Do Contrato Social

Paulo Monteiro

(Membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras)

No dia 4 de abril de 2012 Do Contrato Social, de Jean-Jacques Rousseau, completou 250 anos. Já no dia 22 de maio será a vez de Emílio ou da Educação alcançar a mesma idade. Com esses dois livros o pensador genebrino criou o cidadão e o jovem. A segunda obra, que deveria ser a primeira em ordem de publicação, lançou as bases da pedagogia contemporânea; a primeira instituiu a cidadania e a democracia liberal.

Rousseau pagou, do ponto de vista pessoal, um preço muito grande por suas ideias. Acabou condenado pela Igreja Católica, na França, e pela Igreja Calvinista, em Genebra. Os seus livros foram condenados e queimados em praça pública, além de proibidos em muitos países. Do contrato Social entrou contrabandeado nas três Américas, contribuindo para o fortalecimento ideias de independência.

O que caracteriza o estilo de Rousseau e que contribuiu para a influência de suas obras, é o resumo que ele faz do que expõe e à medida que vai desenvolvendo seus raciocínios. Em Do Contrato Social, já nas primeiras linhas, assim justifica o porquê dos seus escritos: “Se fosse príncipe ou legislador, não perderia meu tempo, dizendo o que deve ser feito; haveria de fazê-lo, ou calar-me” (in Jean-Jacques Rousseau, 1712-1778 [Os Pensadores], 2ª. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 21). Abre o Capítulo I, do Livro Primeiro, com estas palavras lapidares: “O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros” (Op. Cit. p. 22). E prepara o encerramento do Capítulo II, com a máxima que me acompanha há décadas: “A força fez os primeiros escravos, sua covardia os perpetuou” (Idem, p. 25). O capítulo seguinte é iniciado com uma sentença lapidar: “O mais forte nunca é suficientemente forte para ser sempre o senhor, senão transformando sua força em direito e a obediência em dever” (Ibidem, p. 25).

Tendo vivido numa época de intolerância religiosa, da qual foi uma das vítimas mais famosas e um dos mais bravos combatentes desse sistema tenebroso, não é sem razão que prepara o encerramento Do Contrato Social com um capítulo intitulado “Da religião civil”. Dali retiro esta passagem onde resume o que seja, na verdade, todo e qualquer fundamentalismo religioso: “Em todos os lugares onde se admite a intolerância religiosa, é impossível que não tenha um efeito civil e, assim que surge, o soberano não mais o é, mesmo temporalmente. Daí por diante, os padres serão os verdadeiros senhores e os reis não passarão de funcionários seus” (Ed. Cit., p. 144). É o que vemos, ainda hoje, nos mais diferentes pontos da terra, onde a cidadania inexistente e onde a cegueira religiosa, em vez de cidadãos cria misticopatas sanguinários.

Emílio ou da Educação segue o modelo formal de Do Contrato Social. “Tudo está bem ao sair das mãos do autor da natureza; tudo degenera nas mãos do homem” (Tomo I, p. 13). São as palavras iniciais do Livro Primeiro. Sua preocupação pedagógica maior é com a formação de cidadãos. Assim é que vemos nesta passagem da edição que estou citando

(Tomo I, p. 21): “Os pais só pensam em conservar sua criança; isso não basta: devem ensinar-lhe a conservar-se quando for homem, a suportar os embates da má sorte, a carregar a opulência e a miséria, a viver, se necessário, nos gelos da Islândia ou na abrasada ilha de Malta”.

Rousseau vai além da educação escolar. Denuncia a maneira como as crianças eram criadas: amarradas com faixas e entregues aos cuidados de camponesas ignorantes. “Sem mães não há filhos. São recíprocas as obrigações entre ambos, e se se desempenham mal por um lado, serão desatendidas por outro” (Tomo I, p. 27). Pregava a responsabilidade dos pais para com os filhos. “Quando um pai gera e mantém seus filhos, não faz mais do que a terceira parte de sua missão. Deve a sua espécie homens; deve à sociedade homens sociáveis, e deve cidadão ao Estado. Todo homem que pode satisfazer esta tríplice dívida e não o faz, é culpável, e mais culpável se o faz mal. Quem não pode desempenhar pode desempenhar as funções de pai não tem direito de ser pai” (Tomo I, p. 31). As citações foram traduzidas de Emilio o la educación, version española de José Marchena revisada y corregida (Buenos Aires: Editorial Albatros, 1944).

Eu poderia encher páginas e páginas com citações dessas obras fundamentais, comprovando uma continuidade no pensamento rousseauiano sobre a criança, o jovem e o cidadão. Essa continuidade é o respeito ao indivíduo e à união livre e responsável deste com a sociedade. Entretanto, como em todos os tempos continuarão nascendo degenerados, sempre encontraremos todo tipo de psicopatas, inimigos da liberdade. E destes, os mais deploráveis são os misticopatas. (Publicado no JORNAL ROTTA, Ano 11, II Fase, Nº 219, página 6, Passo Fundo, de 8 a 24 de abril de 2012).

Data : 22/12/2010

Título : Os arcanos negros do Hitlerismo

Categoria: Resenhas

Descrição: Os movimentos neonazistas tem merecido atenção em todo o mundo. No Brasil, também surgem grupos simpatizantes das idéias difundidas por Adolf Wolfgang Hitler.

Os arcanos negros do Hitlerismo

por Paulo Monteiro



Os movimentos neonazistas tem merecido atenção em todo o mundo. No Brasil, também surgem grupos simpatizantes das idéias difundidas por Adolf Wolfgang Hitler. Muito se tem escrito sobre o nazismo e o Führer e muito será escrito.

Hipóteses e mais hipóteses tem sido apresentadas sobre o surgimento e o desenvolvimento do nacional-socialismo alemão e seu líder.

A José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, publicou recentemente OS ARCANOS NEGROS DO HITLERISMO, de Robert Amberlain, com tradução de Irene Cubric.

A tese central do livro é a de que Hitler é o “filho da iniquidade”, de que o Apóstolo Paulo fala em sua Segunda Epístola aos Tessalonicenses (2:2, 11);

Todas as modernas correntes ocultistas tem profundas ligações com a magia tibetana. E sobre a presença dos magos do Tibet, na Alemanha Nazista Amberlain dedica todo um capítulo do seu livro (pp. 99 a 106).

Usando de elementos da numerologia cabalística o Autor aproveita a I Ching oracular para encontrar o número 666, que apresenta a Besta do Apocalipse, na forma da cruz gamada nazista (pp. 107 a 112). Esse número representaria Sorath, o Demônio do Sol, para os antigos judeus.

Além disso, o próprio nome Adolf Wolfgang Hitler, que latinizado é Adolfus Lupus Hitler, observando-se os valores numéricos das letras latinas, apresenta o número da Besta. Some-se: D (500), L (50), U (5), L (50), U (5), I (1), e L (50) (p. 123), e como “o U não existe no antigo alfabeto latino, e então é substituído pelo V”. (p. 121). Diga-se de passagem, tanto U quanto V são considerados como 5. Assim é que, em três títulos papais (VICARIUS FILLI DEI, VICARIUS GENERALIS DEI IN TERRIS e LATINUS REX SACERDOS) são encontrados o número da Besta.

Para Amberlain (p.117) Hitler teria participado de sessões de magia evocatória. Isso justificaria frases do Führer como esta: “Vou contar-lhes um segredo. Vi o homem Novo, é destemido e cruel, e senti medo diante dele. (...). Trata-se, quem sabe, de um tema relativo a Lúcifer. (...)”. Esse ponto liga-se a todo um capítulo (pp. 165 a 172), referente a uma lança que teria sido a mesma usada para ferir o peito de Jesus, dia diante da qual Hitler teve outro encontro com um espírito, conforme ele mesmo narra: “Fiquei progressivamente consciente de uma presença ao redor da lança, a mesma e aterrorizadora presença que eu já havia experimentado nos poucos momentos da minha vida em que percebi o grande destino que me reservava (...). O ar ficara tão abafado, que eu mal conseguia respirar. A sala barulhenta do museu parecia diluir-se sobre os meus olhos. Fiquei, sozinho e trêmulo, diante da forma móvel do Super-homem: um Espírito sublime e temível, um rosto intrépido e cruel. Com um respeitoso temor, ofereci minha alma para que fosse o instrumento de sua vontade.” (p.170).

Amberlain história a ligação dessa lança com personagens históricas como Napoleão Otto, o Grande e Leão XII, que “era entendido em satanismo, nunca se persignava, jamais fazia as preces matinais e nem as mais importantes; em suas orgias costumava chamar-se “padre de Vênus”: quando jogava dados, invocava para ganhar, o nome de Júpiter e finalmente tinha sido visto e ouvido durante um banquete, “bebendo à saúde do diabo”. (p. 168).

Ao redor de Hitler e do Partido Nacional-Socialista gravitavam (ou dirigiam o Líder e o Partido) várias sociedades secretas, entre as quais a Thule, que tinha o símbolo com uma cruz sinistrógira (suástica), associação que financiou grupos de extrema-direita. Outra sociedade secreta era a Vril e bonpos tibetanos que criaram templos em algumas cidades alemãs.

Há de salientar-se as influências sobre Hitler de Dietrich Eckart, reconhecido satanista, que orientou àqueles que o acompanhavam em seu leito de morte: “Sigam Hitler! Ele dançará! Mas eui eu que escrevi a música... Nós lhe fornecemos os meios de se comunicar com Eles. Não tenham saudades de mim; vou influenciar a história alemã mais do que qualquer outro alemão;;;” (Cit. Por André Brissand: Hitler e a Ordem Negra, Paris, Perrin, 1969 p.95).

Acrescente-se ainda (pp. 197 a 203) as constantes crises de Hitler que o Autor liga a possessões demoníacas.

Interessante é quando Robert Amberlain trata do misterioso Otto Rahn, outro meio-judeu, como Hitler, caçador do Graal lendário e de história dos cátaros.

Recorde-se, como vê às pp. 182 a 184, que, durante certo tempo, o ditador deu grande credibilidade à astrologia.

Leitura interessantíssima, OS ARCANOS NEGROS DO HITLERISMO demonstra que há poderes que não aparecem, forças ocultas, eminências paradas, que agem nas sombras.

“Na realidade – escreve Amberlain, à p.31- , Hitler foi exatamente um golem real, veículo carnal de uma entidade maléfica anunciada por diversas profecias, em consequência de uma manipulação de ordem ocultista efetuada sobre ele por Dietrich Eckart, com sua aprovação 9...)”.

Se Hitler foi afetivamente um golem, um teraf, um ídolo que serviu de instrumento para a consecução de objetivos satânicos é um assunto que deixo à consideração de outros leitores. Eu, particularmente, acho uma tese curiosa, até porque os círculos íntimos de poder e os círculos íntimos de sociedade ocultistas andam, geralmente, muito próximos.

O CIDADÃO

09/02/96

Data : 30/08/2007

Título : Os Cento e Cinquenta Momentos Mais Importantes na História de Passo Fundo

Categoria: Resenhas

Descrição: Passo Fundo não conhece sua história. É uma triste, mas inevitável afirmativa.

## Os Cento e Cinquenta Momentos Mais Importantes na História de Passo Fundo

por Paulo Monteiro (\*)

Passo Fundo não conhece sua história. É uma triste, mas inevitável afirmativa. Tanto isso é verdade que já deveríamos estar comemorando o centenário de emancipação político-administrativa do Município, em respeito á data real em que ocorre: 28 de janeiro de 1856, quanto o então presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Jerônimo Francisco Coelho, assinou a Lei n° 340. Deveríamos, também, estar prontos para solenizar o sesquicentenário da instalação da Câmara Municipal, que aconteceu em meio a festejos memoráveis, no 7 de agosto daquele mesmo ano.

A Academia Passo-Fundense de Letras, fiel ao respeito que se deve á verdade, inclusive á verdade histórica, transforma em realidade o projeto “150 Momentos Mais Importantes na História de Passo Fundo”. Questionários foram enviados a personalidades da comunidade, que tiveram os nomes selecionados em reuniões do sodalício. E as respostas já chegam ao prédio histórico, que leva o n° 792, da Avenida Brasil, junto ao antigo paço municipal.

A ideia do médico e escritor Osvandré Lech, abraçada pela Academia, repercute profundamente. Conterrâneos vivendo em plagas distantes enviam contribuições para o projeto, que culminará em um livro, a ser lançado na Semana do Sesquicentenário da Instalação da Câmara de Vereadores, transformada em Semana do Município.

Temos uma história riquíssima, iniciada em 1632, com a Redução de Santa Teresa, destruída no dia 23 de dezembro de 1637 por uma bandeira paulista, que prendeu mais de quatro mil índios, conduzidos a São Paulo. Os bandeirantes deixaram marcas profundas, inclusive um fortim de pedra, que fundamentou os argumentos do Barão do Rio Branco, para garantir a posse definitiva desta parte do país, que era, há pouco mais de um século, reivindicada pela Argentina.

Em fins de 1827 aqui chegou o cabo de milícias Manuel José das Neves, com uma autorização do Exército Brasileiro, para ocupar o local onde hoje se situa a maior parte da Cidade. Erguei casa, galpões e senzala nas proximidades da atual Praça Tamandaré.

Logo os tentáculos do Estado e fizeram presentes. E não sob forma de órgãos de proteção á segurança, á educação ou á saúde, mas com um “pedágio” concedido ao capitão Joaquim Fagundes dos Reis. O Estado veio para cobrar impostos sobre as tropas, o charque, a erva-mate, encarecendo os produtos da terra.

As atividades produtivas despertaram a ganância das autoridades. E a riqueza cresceu com a população de paulistas, paranaenses e lagunenses, que geraram os primeiros

moradores brancos e mestiços de nossa terra. Nem a ganância dos governantes, nem a violência da Revolução Farroupilha, que provocou o êxodo dos primeiros colonizadores e não poupou os indígenas locais, atacando os caingangues do cacique Marau e arrasando a aldeia guarani do Barro Preto, conseguiu destruir o tipo civilização que aqui era introduzida.

Vieram a Guerra Contra o Paraguai e a Revolução Federalista, com os passo-fundenses se destacando em ambas as hecatombes. Todos esses fatos se nos apresentam destituídos de importância porque não nos aprofundamos nos acontecimentos locais, preferindo flutuar na história oficial do Rio Grande do Sul. Esta, no geral, foi, é e continua sendo escrita por áulicos, que transformam a pena em chapéu que, de joelhos, levantam á esmola dos poderosos.

A chegada da estrada de ferro, que contribui para que o Município entrasse numa nova época merecerá um tópico especial. As colônias instaladas no território passo-fundense durante o domínio exercido pelo Partido Republicano Rio-Grandense e que resultaram em hoje prósperas cidades, são fatos importantes que não podem ser ignorados. A Revolução Federalista, aqui iniciada no Pulador, com armamento improvisado, culminando no semicírculo de Passo Fundo, será lembrada. A Revolução de 30, a participação dos passo-fundenses na Força Expedicionária Brasileira e a Capital do Estado, aqui instalada a 1º de abril de 1964, são fatos relevantes.

Em termos culturais não podemos esquecer as iniciativas que realizamos desde o século XIX, a começar no dia 15 de fevereiro de 1883, com a fundação do Clube Amor á Instrução, perpassando todo o século passado, com a Academia Passo-Fundense de Letras, o Grupo de Teatro Amador Delórges Caminha, o Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, os centros de tradições gaúchas, a Jornada Nacional de Literatura, o Festival Internacional de Folclore, o Rodeio Internacional, e tantas outras atividades culturais.

Continuando em área afim, não se olvidará a presença dos Irmãos Maristas, de outros educadores e educadores católicos e dos metodistas, com o Instituto Educacional. Também as iniciativas dos poderes públicos, com escolas que se tornaram referências regionais: Protásio Alves, EENAV, Cecy Leite Costa e Fagundes dos Reis, são fatos que marcaram a história local. O ensino superior, ideia de um homem injustamente esquecido, o professor Antônio Donin, abraçada pelo então Grêmio Passo-Fundense de Letras, hoje representado por diversas escolas universitárias, estará presente na obra em execução pela Academia. Registrar-se-ão o Círculo Operário Passo-Fundense, e sua tradicional escola, e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, com sua instituição educacional.

A presença da imprensa passo-fundense, através da história de nossos dois diários, os dos demais periódicos e outros meios de comunicação de massa, em que fizemos a vanguarda nesta parte do território nacional, devem merecer referências condignas.

Outros pontos que resgatados devem dizer respeito á história econômica do Município, desde as tropas de mulas – assunto em que temos uma autoridade, o Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca -, as indústrias da erva-mate e das madeiras, a produção de trigo e soja e tantas outras iniciativas que tiveram o pioneirismo entre nossos ancestrais.

Acolhero a lo bruto, para usar uma expressão crioula, alguns pontos que começam a merecer lembrança daqueles que discutem o livro em elaboração pela Academia Passo-Fundense de Letras. Nossos confrades conhecem e dominam muitos desses temas. Entretanto, é propósito do projeto “150 Momentos Mais Importante na História de Passo Fundo” que outras pessoas da comunidade também contribuam escrevendo sobre os temas propostos. Não somos um “grupo de velhinhos que se reúnem para tomar chá”, como representativa da sociedade em que está inserida. Por isso, a repercussão da proposta e a riqueza que contribuem para que Passo Fundo seja uma das mais influentes cidades do Rio Grande do Sul.

(•) Paulo Monteiro pertence \* Academia Passo-Fundense de letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

30/08/2007

Data : 20/08/2013

Título : Os Cento e Cinquenta Momentos Mais Importantes na História de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Passo Fundo não conhece sua história. É uma triste, mas inevitável afirmativa.

Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Passo Fundo não conhece sua história. É uma triste, mas inevitável afirmativa. Tanto isso é verdade que já deveríamos estar comemorando o centenário de emancipação político-administrativa do Município, em respeito à data real em que ocorre: 28 de janeiro de 1857, quanto o então presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Jerônimo Francisco Coelho, assinou a Lei nº 340. Deveríamos, também, estar prontos para solenizar o sesquicentenário da instalação da Câmara Municipal, que aconteceu em meio a festejos memoráveis, no 7 de agosto daquele mesmo ano.

A Academia Passo-Fundense de Letras, fiel ao respeito que se deve à verdade, inclusive à verdade histórica, transforma em realidade o projeto "150 Momentos Mais Importantes na História de Passo Fundo". Questionários foram enviados a personalidades da

comunidade, que tiveram os nomes selecionados em reuniões do sodalício. E as respostas já chegam ao prédio histórico, que leva o nº 792, da Avenida Brasil, junto ao antigo paço municipal.

A idéia do médico e escritor Osvandré Lech, abraçada pela Academia, repercute profundamente. Conterrâneos vivendo em plagas distantes, enviam contribuições para o projeto, que culminará em um livro, a ser lançado na Semana do Sesquicentenário da Instalação da Câmara de Vereadores, transformada em Semana do Município.

Temos uma história riquíssima, iniciada em 1632, com a Redução de Santa Teresa, destruída no dia 23 de dezembro de 1637 por uma bandeira paulista, que prendeu mais de quatro mil índios, conduzidos a São Paulo. Os bandeirantes, deixaram marcas profundas, inclusive um fortim de pedra, que fundamentou os argumentos do Barão do Rio Branco, para garantir a posse definitiva desta parte do país, que era, há pouco mais de um século, reivindicada pela Argentina.

Em fins de 1827 aqui chegou o cabo de milícias Manuel José das Neves, com uma autorização do Exército Brasileiro, para ocupar o local onde hoje se situa a maior parte da Cidade. Ergueu casa, galpões e senzala nas proximidades da atual Praça Tamandaré.

Logo os tentáculos do Estado se fizeram presentes. E não sob forma de órgãos de proteção à segurança, à educação ou à saúde, mas com um "pedágio" concedido ao capitão Joaquim Fagundes dos Reis. O Estado veio para cobrar impostos sobre as tropas, o charque, a erva-mate, encarecendo os produtos da terra.

As atividades produtivas despertaram a ganância das autoridades. E a riqueza cresceu com a população de paulistas, paranaenses e lagunenses, que geraram os primeiros moradores brancos e mestiços de nossa terra. Nem a ganância dos governantes, nem a violência da Revolução Farroupilha, que provocou o êxodo dos primeiros colonizadores e não poupou os indígenas locais, atacando os caigangues do cacique Marau e arrasando a aldeia guarani do Barro Preto, conseguiu destruir o tipo civilização que aqui era introduzida.

Vieram a Guerra Contra o Paraguai e a Revolução Federalista, com os passo-fundenses se destacando em ambas as hecatombes. Todos esses fatos se nos apresentam destituídos de importância porque não nos aprofundamos nos acontecimentos locais, preferindo flutuar na história oficial do Rio Grande do Sul. Esta, no geral, foi, é e continua sendo escrita por áulicos, que transformam a pena em chapéu que, de joelhos, levantam à esmola dos poderosos.

A chegada da estrada de ferro, que contribuiu para que o Município entrasse numa nova época merecerá um tópico especial. As colônias instaladas no território passo-fundense durante o domínio exercido pelo Partido Republicano Rio-Grandense e que resultaram em hoje prósperas cidades, são fatos importantes que não podem ser ignorados. A Revolução de 1923, aqui iniciada no Pulador, com armamento improvisado, culminando no semicírculo de Passo Fundo, será lembrada. A Revolução de 30, a participação dos passo-fundenses na Força Expedicionária Brasileira e a Capital do Estado, aqui instalada a 1º de abril de 1964, são fatos relevantes.

Em termos culturais não podemos esquecer as iniciativas que realizamos desde o século XIX, a começar no dia 15 de fevereiro de 1883, com a fundação do Clube Amor à

Instrução, perpassando todo o século passado, com a Academia Passo-Fundense de Letras, o Grupo de Teatro Amador Delórges Caminha, o Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, os centros de tradições gaúchas, a Jornada Nacional de Literatura, o Festival Internacional de Folclore, o Rodeio Internacional, e tantas outras atividades culturais.

Continuando em área afim, não se olvidará a presença dos Irmãos Maristas, de outros educadores e educadoras católicos e dos metodistas, com o Instituto Educacional. Também as iniciativas dos poderes públicos, com escolas que se tornaram referências regionais: Protásio Alves, EENAV, Cecy Leite Costa e Fagundes dos Reis, são fatos que marcaram a história local. O ensino superior, idéia de um homem injustamente esquecido, o professor Antônio Donin, abraçada pelo então Grêmio Passo-Fundense de Letras, hoje representado por diversas escolas universitárias, estará presente na obra em execução pela Academia. Registrar-se-ão o Círculo Operário Passo-Fundense, e sua tradicional escola, e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, com sua instituição educacional.

A presença da imprensa passo-fundense, através da história de nossos dois diários, os dos demais periódicos e outros meios de comunicação de massa, em que fizemos a vanguarda nesta parte do território nacional, devem merecer referências condignas.

Outros pontos que resgatados devem dizer respeito à história econômica do Município, desde as tropas de mulas - assunto em que temos uma autoridade, o Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca -, as indústrias da erva-mate e das madeiras, a produção de trigo e soja e tantas outras iniciativas que tiveram o pioneirismo entre nossos ancestrais.

Acolhero a lo bruto, para usar uma expressão crioula, alguns pontos que começam a merecer lembrança daqueles que discutem o livro em elaboração pela Academia Passo-Fundense de Letras. Nossos confrades conhecem e dominam muitos desses temas. Entretanto, é propósito do projeto "150 Momentos Mais Importantes na História de Passo Fundo" que outras pessoas da comunidade também contribuam escrevendo sobre os temas propostos. Não somos um "grupo de velinhos que se reúnem para tomar chá", como alguém poderia escrever durante um surto de inspiração etílica. A Academia é representativa da sociedade em que está inserida. Por isso, a repercussão da proposta e a riqueza das contribuições oferecidas por elementos representativos dos mais diferentes setores que contribuem para que Passo Fundo seja uma das mais influentes cidades do Rio Grande do Sul.

Data : 20/12/1893

Título : Os Dois Combates do Passo do Cruz

Categoria: Artigos

Descrição: Os homicidas não foram presos e, dias depois, passeavam pelas ruas de Passo Fundo, alardeando o crime.

## Os Dois Combates do Passo do Cruz

Após o Combate do Arroio Teixeira ou Combate do Guamirim (20/11/1893), em que uma tropa republicana saída da sede do município foi derrotada pelo piquete comandado pelo coronel Veríssimo Ignácio da Veiga, as forças oficiais se reorganizaram e prepararam um revide à altura do revés sofrido.

O “bugre Veríssimo”, como era chamado pelos adversários, devido às relações amistosas mantidas com os caingangues que dominavam as serras circunvizinhas de Passo Fundo, continuava acampado às margens do Arroio Teixeira. Próximo dali jaziam os corpos dos pica-paus tombados no desigual confronto de 20 de novembro em que, armados de lanças e tacapes de guamirim, os maragatos derrotaram a bem armada força legalista. Ao mesmo tempo mantinha patrulhas até a estrada de Mato Castelhana, para o Leste, e próximo à sede do município, para o Sul. O principal acampamento dessas avançadas situava-se no Passo do Cruz, proximidades da casa do capitão maragato Silvio Alves de Rezende.

No dia 20 de dezembro de 1893, exatamente um mês após a derrota do Guamirim, um piquete castilhistas, sob as ordens do capitão Francisco Brizola, atacou, pela madrugada, o reduto revolucionário instalado às margens do Passo do Cruz. O ataque foi desbaratado e os legalistas deixaram dois mortos, voltando o restante a toda velocidade provocando alarme entre os companheiros que ficaram na cidade.

O capitão Eleutherio dos Santos, que comandava o destacamento da Brigada Militar, e já derrotara um piquete revolucionário comandado por Theodoro Ignácio da Veiga, irmão do “bugre Veríssimo”, durante um combate travado no Butiá, a 26 de novembro de 1893, resolveu “vingar ao pé da letra o agravo da manhã, na expressão do general Antonio Ferreira Prestes Guimarães.

O capitão Eleutherio, à frente de 180 homens, parte deles comandados pelo próprio Francisco Brizola, partiu para o Passo do Cruz. Conseguiu chegar antes do coronel Veríssimo Ignácio da Veiga, que se encontrava próximo do Guamirim. Encontrou 150 revolucionários comandados pelo major João de Souza Ramos e o Capitão Theodoro Ignácio da Veiga, ainda eufóricos pela vitória da madrugada.

Eleutherio iniciou o combate atacando os maragatos. Estes responderam prontamente. Ao final de uma hora, o campo estava dominado pelos revolucionários. Os atacantes deixaram no local 25 mortos, entre eles o capitão Francisco Brizola. Como butim de guerra os vencedores contabilizaram mais de 40 cavalos encilhados, 32 armas de fogo de cano longo, pistolas, revólveres, espadas, lanças e um cargueiro com munição.

Os revolucionários perseguiram os vencidos, inclusive o capitão Eleutherio. Este, ferido à bala nas espáduas, não conseguiu chegar vivo à cidade, caindo morto a menos de três quilômetros dela. Com a notícia dessa nova derrota os republicanos passo-fundenses, militares e civis, abandonaram a cidade na direção de Cruz alta. O pânico deve ter sido



maior pelo fato de que o próprio intendente, coronel Gervazio Lucas Annes, já não se encontrava na sede do município.

Os maragatos entraram na cidade, não sem antes recolherem o corpo do capitão Eleutherio dos Santos dando-lhe um sepultamento digno no cemitério católico. É bom que se diga que, à época, ainda seguindo uma tradição da Colônia e do Império, Passo Fundo dispunha de um cemitério para os católicos e outro para os não católicos. Estes eram sepultados na parte fronteira de onde seria construído, mais tarde, o quartel do Exército Brasileiro, na atual Rua Teixeira Soares.

No dia seguinte, o coronel Elisário Ferreira Prestes e o tenente-coronel José Borges Vieira, veterano da guerra contra o Paraguai, que chegavam de Soledade com uma força de 200 cavalarianos maragatos, perseguiram os fugitivos. Alcançados nas imediações de Carazinho foram atacados pela retaguarda, perdendo para os perseguidores três cargueiros carregados, duas carretas com diversos gêneros, além de gado vacum e cavalos.

Embora os historiadores falem no “Combate do Passo do Cruz”, na verdade foram dois combates travados no mesmo dia e no mesmo local. Isto porque, se a força revolucionária era a mesma, pois não houve tempo de receber reforços, bateu-se com duas tropas completamente diferentes. A primeira era um corpo irregular, de “voluntários”, e a segunda, sob o comando do capitão Eleutherio, tinha por base homens da Brigada Militar, reforçados com os “voluntários” que conseguiram chegar à cidade depois do combate matutino.

Eleutherio dos Santos deixou fama de homem leal para com os adversários, mantendo um comportamento típico de militar de carreira, como de fato era. Já Francisco Brizola, comandava mais um dos grupamentos paramilitares, como se diria em linguagem de hoje, que eram organizados nos municípios, àquela época, e ficavam a serviço dos cabecilhas legalistas.

Os republicanos jamais esqueceram as derrotas sofridas durante a Revolução Federalista. E tanto isso é verdade que mesmo depois da “pacificação do Rio Grande”, ocorrida no segundo semestre de 1895, a perseguição aos maragatos continuou. Prova disso é que o capitão federalista Silvio Alves de Rezende, seria uma de suas vítimas. No dia 15 de novembro de 1898, Sílvio e o primo, José Alves de Rezende, foram assassinados por sicários a mando dos dirigentes do Partido Republicano Rio-Grandense de Passo Fundo. Quando o capitão federalista, despreocupado e tranqüilo, maneava seu cavalo, foi atacado por cinco elementos armados, que lhe desferiram uma descarga, provocando morte instantânea. José tentou defender o primo e foi atingido várias vezes, falecendo três dias depois.

Além do assassinio, os cinco bandidos saquearam o corpo do capitão Silvio Alves de Rezende em 600\$, relógio e outros objetos de valor que trazia consigo. Os homicidas não foram presos e, dias depois, passeavam pelas ruas de Passo Fundo, alardeando o crime.

Data : 28/07/2008

Título : Os Dois Manifestos Fedralistas

Categoria: Artigos

Descrição: Os manifestos são importantes, ainda, porque deixam claras as causas ...

## Os Dois Manifestos Fedralistas

O Memorial do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul está prestando um grande serviço à história e à cultura do Estado ao publicar algumas obras e reeditar outras importantes para o entendimento da vida rio-grandense do Sul.

Dentre as obras novas os dois volumes sob o título comum de DIÁRIOS DA REVOLUÇÃO DE 1893, publicados no ano passado, contribuem para um melhor entendimento daquela verdadeira guerra fratricida. O tomo I reúne documentos de Francisco da Silva Tavares, advogado e político proeminente do Rio Grande do Sul, durante o Segundo Império; o tomo II documentos do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares), veterano da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai, escolhido por Gaspar da Silveira Martins para o comandante em chefe da Revolução Federalista.

Os diários de Francisco da Silva Tavares e de seu irmão mais velho tiveram como organizadores Coralio Bragança Pardo Cabeda, Gunter Axt e Ricardo Vaz Seeling, crescendo em importância para a historiografia do Rio Grande pelo fato de que os irmãos Tavares desempenharam papel saliente naquele movimento armado. Se o Tavares mais velho foi o comandante militar máximo do movimento e o mais novo se destacou nas articulações que levaram à pacificação do Rio Grande.

Quero, como simples demonstrativo da importância dos Diários transcrever um documento que deu muitos panos para manga, o manifesto lançado pelo general Joca Tavares a 5 de fevereiro de 1893, quando o coronel Gomercindo Saraiva invadiu o Rio Grande do Sul.

“Cidadãos, às armas!

Os inimigos da Pátria, arvorados em governo legal, implantaram nela o terror como meio de ação, lançaram mão do punhal para matar em plena paz; das Comblains para assaltar casas de famílias e do saque para saciar sua voracidade.

A imprensa clamou contra essas atrocidades, tendo como resposta única o tripudiar de algozes sobre os cadáveres das vítimas. O Rio Grande, Pátria de heróis, está convertido em terra de escravos. Qualquer esbirro penetra nos lares matando os chefes de família, ferindo mulheres e crianças a tiros de revólver.

A estatística de crimes registrou fatos tão atrozes como os praticados em plena paz, depois da rendição de Bagé, não tendo inimigo a combater em parte alguma do Estado.

O nosso patriotismo aconselhou o desarmamento para evitar a luta fratricida, porém o mau instinto de adversários desleais, se prevalecendo da ocasião para matar, regando de sangue e lágrimas o solo Rio-Grandense.

Há 8 longos meses que muitos de nossos irmão amargaram no exílio o pão duro da necessidade, sofrendo vexames que lhes impõe nas cidades, e outros, errantes pelas matas, fogem ao punhal homicida. Para acabar com esse estado de coisas, já não há para quem apelar.

Os nossos brados, os gemidos das viúvas, e dos órfãos não são ouvidos pelos dominadores que se banqueteam nos Palácios.

O único recurso que nos resta é conquistarmos a liberdade da nossa terra pelo brilho das nossas armas.

Concidadãos!!

A Nação inteira e os povos cultos têm neste momento os olhos voltados para nós.

Povo de heróis sempre habituados a libertar dos seus tiranos a humanidade extraviada, mostrai-vos dignos da herança de glórias, legados pelos nossos antepassados, libertando à nossa terra do odioso jugo que a oprime.

Lutemos Cidadãos!!

A nossa causa é justa porque queremos reconstruir a nossa Pátria sobre lares de liberdade; é nobre porque é a causa da humanidade; é grande porque é a causa de um povo inteiro que tem sede de justiça e que clama pelo império da lei, hoje calcada aos pés pelos agentes do poder público.

Às armas Compatriotas!!

Lutemos pela Liberdade da Pátria e Deus será conosco!

Viva o Rio Grande do Sul!

Viva o Exército Libertador!

Viva Partido Federalista!

O General em Chefe João N. da Silva Tavares

– Acampamento na Carpintaria, 5 de Fevereiro de 1893.”

O documento acima é transcrito às páginas 16 e 17, como nota, no volume com os Diários de Joca Tavares, mas opto, para divisão em parágrafos utilizada às páginas 112 e 113 de Gumersindo Saraiva: o guerrilheiro pampeano, de Sejanos Dornelles (EDUCS, Caxias do Sul, 1988).

Esse manifesto de Joca Tavares é um documento enérgico. Nele o experimentado comandante de armas denuncia com clareza as violências cometidas no Rio Grande do Sul, que se avolumam com a subida ao poder do núcleo republicano-positivista engrossado pela oposição conservadora.

A ditadura castilhistas é apenas o instrumento, a ferramenta usada pela elite originária do Partido Conservador para efetuar um verdadeiro ajuste de contas com os federalistas, em sua maioria, ex-integrantes do Partido Liberal.

O texto da proclamação alcançou ampla repercussão, muito menos pelo seu próprio conteúdo do que pela amplificação conferida pelos adversários políticos. O fato de não acabar por um “Viva a República!” foi transformado usado como prova de que a Revolução era monarquista. Também deve ter provocado oposição dentro do próprio Exército Revolucionário tanto que no dia 10 de março Silveira Martins envia correspondência a Joca Tavares, onde dizia: “... conta-me que aparecem descontentamentos no Exército revolucionário; tenha V. Exa. Paciência que em todos os tempos homens foram assim mesmo, e as coisas assim se passam (...)”, hipotecava integral apoio ao general aconselhava no sentido de que “é preciso levar o alento aos companheiros do coração do Estado, marchar, manobrar e fatigar o inimigo que não tem resistência nem capacidade de estar em campanha e só pode viver dentro das trincheiras, o que lhes tira toda a força moral”.

No dia 15 de março de 1893 era lançado um segundo manifesto, assinado pelas mais expressivas lideranças militares da Revolução e com um “Viva a República”. Adoto a mesma divisão em parágrafos do usada no livro de Sejanos Dornelles (pp. 112 a 116), mas conservando passagens que faltam na obra do escritor quaraiense, onde constam, ainda, os nomes dos majores Luiz Barcelos e Pedro Diogo. Ei-lo:

“À Nação Brasileira

Os povos oprimidos em armas no Estado do Rio Grande do Sul, estão sendo injusta e atrozmente caluniados em seus nobres e alentados intuitos patrióticos. Nossos adversários, com o desígnio perverso de tornar antipática à opinião a revolução Rio-Grandense, apontam-nos ao país como restauradores da Monarquia! É uma monstruosa calúnia! É uma torpe e miserável especulação!

Não! O objetivo dos revolucionários rio-grandenses, não é a restauração da Monarquia, é libertar o Rio Grande da tirania que há oito meses a oprime, restabelecendo a garantia de todos os direitos individuais, é acabar com o regime das perseguições, das violências

inauditas, do latrocínio, do saque e do assassinato oficial, que desgraçadamente tem sido apoiado pelo governo do Marechal Floriano Peixoto.

É este o fanal que guia os Revolucionários Rio-Grandenses, cuja causa não pode ser mais sagrada nem mais humanitária.

O País inteiro tem sido testemunha dos horrores que há oito longos meses têm se praticado no Rio Grande, onde o barbarismo do governo chegou ao extremo de mandar fuzilar, pelas costas, em suas próprias casas, a dignos e respeitáveis cidadãos, arrancando outros do seio de suas famílias para mandar assassiná-los na lúgubre solidão dos matos.

E agora, para coonestar o seu apoio a um governo cujo programa oficial parece ser o extermínio dos adversários pelo saque e o assassinato, e tornar a justiça e santidade da nossa causa antipática à nação, atirando-nos a pecha de restauradores!

Mentira!

Queremos a restauração da lei, do direito, da justiça, da segurança à liberdade, aos bens e à vida de todos os cidadãos.

Lamentamos que os nossos irmãos do Norte acreditem, em mais esta perfídia oficial, inventada para desnaturar os intuitos patrióticos do único direito que resta a um povo oprimido: a revolução. Ainda com mais profunda dor da alma deploramos que esteja servindo de algoz das liberdades rio-grandenses o Exército Nacional.

Esse Exército que devia merecer-nos tanto respeito e para o qual fomos tão generosos depois da vitória de D. Pedrito, onde apenas duzentos atiradores das forças revolucionárias entraram em ação, vencendo a guarnição composta do 6º Regimento e populares que depuseram armas e munições em número de quatro mil tiros.

Aos oficiais foi dada liberdade e concedidas vinte praças armadas para acompanhá-los; o restante filiou-se espontaneamente às nossas fileiras. Infelizmente, parece que o Marechal Floriano não quer no Rio Grande o governo da opinião e, sim, governo que se escude puramente na força material, quer, finalmente, esmagar o Rio Grande do Sul.

Se não fosse isso, já estaria brilhantemente triunfante a revolução rio-grandense. De qualquer forma, lutaremos, ainda mesmo com o Exército, já que o Exército quer ser algoz da liberdade rio-grandense.

Se sucumbirmos na luta, restar-nos-á o consolo supremo de termos defendido com o sacrifício da própria vida, o penhor sagrado que nos foi legado pelos nossos antepassados: o amor à liberdade. E a esses que querem governar com o apoio exclusivo da força material, o labéu infamante de serem os coveiros das tradições gloriosas e da altivez indômita do povo rio-grandense.

O Rio Grande ficará sendo terra de escravos, mas nós não sobreviveremos a tanta vergonha e ignomínia. O nosso sangue será, um dia, o signo da Redenção.

Viva a República!

Viva a Nação Brasileira!

Viva o heróico povo Rio-Grandense!

Quartel general do Exército Libertador no município de Santana do Livramento, 15 de março de 1893.

General João Nunes da Silva Tavares – Rafael Cabeda – Coronel José Maria Guerreiro Victória – Coronel José Bonifácio da Silva Tavares – Coronel Laurentino Pinto Filho – Coronel Antonio Barbosa Neto – Coronel Marcelino Pina d’Albuquerque – Coronel Gumercindo Saraiva - Coronel Domingos Ferreira Gonçalves – Coronel João Maria Epaminondas de Arruda – Coronel Ladislau Amaro da Silveira – Coronel Joaquim Nunes Garcia – Coronel Juvêncio Soares de Azambuja – Coronel Antero Anselmo da Cunha – Coronel Antonio M. França – Coronel Daniel Costa – Coronel José Serafim de Castilho – Coronel Antônio Ferreira Prestes Guimarães – Coronel David José Martins – Coronel Manoel machado Soares – Tenentes-Coronéis: Procópio Gomes de Mello – Estácio Azambuja – Tomás Mércio Pereira – João de Deus Ferreira – Vasco Martins – Gaspar Sérgio Luís Barreto – José Bernardino Jardim de Menezes – Israel Caldeira – Francisco Vaz – Malaquias Pereira da Costa – Torquato José Severo – Lídio P. Soares – Alexandre José Collares – João José Damasceno – Severino Coelho Brasil – João Barcellos de Oliveira – David Manoel da Silva – João Machado Pereira – Ulisses Reverbel – Sebastião Coelho Manoel Moreira da Fontoura – Felipe Nery Portinho – Boaventura Martins – João Alves Coelho de Moraes”.

Não adiantou. A campanha acusando os federalistas de defensores da restauração monárquica continuou anos a fio. Três décadas e meia depois Othelo Rosa (Júlio de Castilhos, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1928, p. 186 e segs., da primeira parte), mantinha-se fiel ao discurso castilhista. Para esse historiador o motivo principal da Revolução Federalista era instaurar o Terceiro Império no Brasil...

Os manifestos são importantes, ainda, porque deixam claras as causas do movimento, fundamentalmente políticas. O discurso empregado nos documentos é meridianamente claro.

Data : 23/02/2015

Título : Os guardas, a morena e a velhinha

Categoria: Crônicas

Descrição: Era num desses dias que antecedem a terça-feira de carnaval. O espírito da divindade que comanda a folia tomava conta do mundo.

Era num desses dias que antecedem a terça-feira de carnaval. O espírito da divindade que comanda a folia tomava conta do mundo. Divindade, palavra que em grego significa "dáimon", de onde nos veio portuguêsíssimo demônio.

Como ia dizendo, o espírito de Saturno ou Momo estava à solta. Passeava pela avenida. E apareceu à minha frente sambando o samba do crioulo doido, imortalizado por Stanislaw Ponte Preta que, na verdade, se chamava Sérgio Porto. E não sob um única forma, mas de quatro pessoas diferentes.

Sobre a faixa de segurança para pedestres uma dessas morenas de escola de samba. Morena, capaz de criar carranca nas senhoras mais risonhas e abrir a boca de qualquer cidadão circunspecto atravessava a avenida exibindo os bem torneados quadris e adjacências, num quase balanço de passista.

Aparecem do meio do canteiro outras duas encarnações de Momo: um sujeito magro e alto, como uma dessas espigas falhadas de milho verde sem casca e outro, baixinho e desengonçado, como um duende das histórias de bruxa. Metem-se no meio da pista de rolamento e fazem vibrar seus apitos ameaçadoramente contra um carro que vinha a uns vinte e tantos metros do local. E, com um olho no cravo e outro na ferradura, quer dizer, um olho no carro e outro na morena, ali permaneceram até que, em segurança, a dita cuja atravessasse a avenida.

Dentro de instantes me aparece o quarto cavaleiro do "dáimon": uma senhora, curvada sobre seus noventa e tantos ou mais anos, firmando-se numa bengala de cana.

A morena já subia a ladeira, do outro lado da avenida. Os apitos soaram, de novo, em unísono. A primeira e a segunda faces da "divindade" se aproximaram da macróbia e lhe passaram uma descompostura por cruzar longe da faixa para pedestres.

Serenamente, a velhinha respondeu-lhes:

- Ih!, meus filhos, não tem perigo. Eu conheço as charretes e as carroças que passam por aqui, desde os tempos das tropas de mulas que iam pra Sorocaba. E mais uma coisa, meus filhos: eu tinha umas ancas mais bonitas do que aquela morena que está entrando no Fórum.

Data : 01/08/1979

Título : Os Judeus de Praga

Categoria: Artigos

Descrição: Toda essa “fantasmagoria”, foi que Gustav Meyrinck, ocultista e satírico, que criou ambientes e lendas fantásticas, que atraíam grande público...

## Os Judeus de Praga

por Paulo Monteiro

Toda essa “fantasmagoria”, foi que Gustav Meyrinck, ocultista e satírico, que criou ambientes e lendas fantásticas, que atraíam grande público, como o fazem, hoje em dia as estórias de “exorcismos”, e em parte acreditava nos demônios que criava, retratou em seus livros.

Desses escritores, seu poeta foi Franz Werfel, que se hoje é conhecido por seus romances, era, no início do século, como poeta, a maior esperança expressionismo.

Conseguiu Werfel, baseado em temas muito comuns, como a Infância e adolescência, transformar essas fases da vida em coisas transcendentais, poéticas e religiosas. Mais tarde, o poeta, escreveu obras “humanitárias”, sob influencia dos acontecimentos e ideias políticas que assolavam a Europa, pelos anos, 20 do século XX.

Posteriormente Werfel, ao se tornar católico, o que deixaria de ser mais tarde, escreveu seus grandes romances: “BARBARA” e “ OS QUARENTA DIAS DE MUSA DARC”.

Foi exatamente dos “JUDEUS DE PRAGA” que se originou o expressionismo alemão.

Alguns anos após, outro judeu polonês, Franz Kafka, alcançaria com sua obra o que compatriotas da Polônia não havia alcançado. (PM).

Quem estuda a literatura europeia, notará que muitos dos principais escritores daquela parte do mundo eram de origem semita, o que justifica pelo fato de que os judeus, como comerciantes tradicionais, como elementos bem colocados, como elite ou parte da elite, sempre foram pessoas culturalmente bem dotadas.



Para quem se atem à literatura judaica internacional, notará facilmente, ao analisar as letras do começo do presente século, os conhecidos “JUDEUS DE PRAGA”, em sua maioria livre-pensadores, todos dominados pela angústia religiosa.

Muitos, porém, desses intelectuais não eram simplesmente homens dominados por pensamentos místicos, opunham-se aos pensamentos extremistas e sionistas, no campo político, de Herzl e começaram a notar a obra esquecida, em lídiche, de Jitzchok Leibusch Peretz, que conquistou o domínio da arte simbolista, como simples autodidata transformando as imundícies do gueto, num país povoado por fadas.

Por Judeus anti- Herzl e “apolíticos”, foram liderados por Martin Buber e influenciados pelas obras de Peretz.

Beber, no encontro da religiosidade medieval e do misticismo elavo, encontrou o campo propício para angariar adeptos a sua filosofia do “caminho certo”, tudo isso baseado numa cidade praga de velhos castelos, onde se cria capaz a proliferação de forças sobrenaturais e fantasmagóricas.

Toda essa “fantasmagoria” foi que Gustav Meyrinck ocultista e satírico.

Jornal da Tarde

01/08/1979.

Data : 14/06/1996

Título : Os liberais Maciel de Barros

Categoria: Resenhas

Descrição: T. A. QUEROZ, EDITOR, de São Paulo, se caracteriza pela publicação de obras fundamentais para o entendimento da realidade brasileira.

Os liberais Maciel de Barros

por Paulo Monteiro

T. A. QUEROZ, EDITOR, de São Paulo, se caracteriza pela publicação de obras fundamentais para o entendimento da realidade brasileira. Dentre essas se destaca a série PONTOS DE VISTA, com a obra de crítica literária de Wilson Martins e a reedição de HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA, do mesmo autor.

Tive a oportunidade de ler dois outros livros da mesma editora: RAZÃO E RACIONALIDADE: ENSAIOR DE FILOSOFIA, de Roque Spencer Maciel de Barros, e PLATÃO, ROUSSEAU e o ESTADO TOTAL, de Gilda Naécia Maciel de Barros.

Além do sobrenome comum, há entre Roque e Gilda uma unidade de pensamento ao defenderem o liberalismo filosófico. Acrescenta-se, ainda, a solidez do pensamento ensaístico de ambos, fundado sobre o estudo de filósofos representativos da Antiguidade aos dias de hoje.

Roque Spencer Maciel de Barros e Gilda Naécia Maciel de Barros optam pela dedicação ao estudo e ao ensinamento do liberalismo filosófico. Em uma época em que o liberalismo econômico (sob o apelido de neoliberalismo) está na ordem do dia, a leitura de livros como RAZÃO E RACIONALIDADE e PLATÃO, ROUSSEAU e o ESTADO TOTAL se torna imperiosa. Seus autores optam por palmilhar a região mais difícil (filosófica) do liberalismo e exatamente a melhor defensável dessa corrente de pensamento, visto que suas concepções econômicas representam sua parcela mais vulnerável, especialmente porque se tem prestado a vulgarizações que provocativamente deixam á mostra o calcanhar de Aquiles da escola.

Roque parte da constatação de que existe uma diferença fundamental entre o uso da Razão e os dogmas do racionalismo. É evidente que o racionalismo e ou em suas diversas variações acabou tornando-se a própria negação da Razão. Ademais, o racionalismo (como escolástica) terminou muito antes do que se poderia imaginar, especialmente sob suas formas políticas.

O confronto entre a sociedade e o indivíduo, entre o totalidade e a liberdade (para usar termos caros ao Autor), acabam contribuindo para a ruína da práxis racionalista – totalitarismo que Gilda prefere chamar de Estado Total, em uma forma mais radical e autoritarismo, sua forma menos extremada.

Roque salienta que o liberalismo é altamente vulnerável, especialmente por sua essência (defesa da liberdade), que favorece a ação de inimigos internos. Mais do que um regime, o liberalismo e, para o autor de RAZÃO E REACIONALIDADE, um processo. Note-se, ademais, que ele identifica o liberalismo com a cultura ocidental, herdeira dos pensadores greco-latinos e dos ensinamentos do cristianismo.

O ator salienta que tanto o totalitarismo quanto o liberalismo encontram suas raízes na filosofia da Grécia Antiga. Entretanto, alguém poderá concluir que os orientais e os africanos, que não são formados dentro do espírito da civilização ocidental sejam incapazes de conhecer um regime de liberdade.

Gilda Naécia Maciel de Barros reúne uma série de ensaios sobre a cidade-estado, Platão e Rousseau.

Especialista em história grega, a Autora avança no estudo da organização política, especialmente da Lacedemônia, insere-se no estudo do pensamento político do grego Platão e do francês Jean-Jacques Rousseau, um dos pais teóricos do Estado contemporâneo.

Gilda vê profunda semelhanças doutrinárias entre Platão de A República e Rousseau de Do Contrato Social. Ambos teriam voltado ao passado á procura de um paraíso perdido e dali retornado com posição políticas totalizantes, com uma espécie de estatuto social

teórico que acaba confrontando-se com a realidade social e somente pode realizar-se através de medidas de força (Totalitarismo, Estado Total e Autoritarismo).

Pode-se objetar que Roque e Gilda acabam (com certeza inconscientemente) passando uma idéia simplista de que a única forma realmente democrática é o liberalismo, restringem a liberdade como uma espécie de propriedade privada do mundo ocidental (capitalista), o que também pode dar a entender que somente na parte do Globo influenciada pelos pensadores greco-romanos e pelo cristianismo há campo para a vigência da liberdade.

Finalmente, os estudos basicamente teóricos, podem soar como construções desligadas da realidade, dando a entender que elementos como totalidade e liberdade, pudessem existir fora da realidade humana concreta.

Ao publicar livros como RAZÃO E RACIONALIDADE: ENSAIOS DE FILOSOFIA, de Roque Spencer Maciel de Barros e PLATÃO, ROUSSEAU e o ESTADO TOTAL, de Gilda Naécia Maciel de Barros, T. A. QUEIROZ, EDITOR, oportuniza a leitura de obras sobre o liberalismo filosófico que se recomendam pela seriedade com que são abordados temas que se vão desgastando nas mãos de novos-convertidos vulgarizadores.

O Cidadão

14/06/96

Data : 31/01/2002

Título : Os Monges Barbudos

Categoria: Artigos

Descrição: O Curso de História da Universidade de Passo Fundo está prestando um grande serviço á região ao incentivar os alunos a aprofundarem os estudos da História Regional.

Os Monges Barbudos

por Paulo Monteiro

O Curso de História da Universidade de Passo Fundo está prestando um grande serviço á região ao incentivar os alunos a aprofundarem os estudos da História Regional. Com

isso, aos poucos vão sendo resgatados fatos escondidos pelos cronistas o rompendo com a tradição dos historiadores regionais sem embasamento científico.

Será impossível escrever a história da ocupação do Planalto Rio-grandense do Sul sem escrever a história dos massacres de índios, caboclos e negros. E escrever essa história é reduzir personagens e instituições as suas verdadeiras estaturas.

O que foi feito com os tapes, os guaranis aldeados e os caingangues que habitavam nesta região durante o Bandeirantismo e a ocupação por paulista e lagunistas? O que aconteceu no século XIX no local conhecido como Bugre Mosto? E o grande latifúndio montado pelo Senhor Vergueiro? O que aconteceu com escravos no local conhecido como Paiol Queimado? E o que fizeram com os Monges Barbudos, há 63 anos, em Soledade e Sobradinho?

Essas questões – e quem sabe quantas outras! – estão parcialmente respondidas, mas exigindo respostas completas.

“Cultura e Religiosidade Cabocia: Movimento dos Monges Barbudos”, de Henrique Aniceto Kuiawa (UPF Editora, 2001), historia a repressão a um movimento frenético – no sentido etimológico, mesmo, da palavra, acontecido no interior de Soledade e Sobradinho, no outono de 1938. Ali, o catolicismo popular, porque não instrumentalizado pela hierarquia romana, foi energicamente repriimido pela Brigada Militar.

Tomando por base bibliográfica teórica sobre a religiosidade popular brasileira e sobre o movimento dos Monges Barbudos, além de depoimentos de sobreviventes, noticiários jornalísticos e informes oficiais, Henrique Aniceto Kuiawa produz um texto enxuto, não apenas no sentido literário do termo, mas também quanto ao tema.

Para exemplificar essa afirmação, posso lembrar que o Autor deve ter recolhido informações sobre violação sexual cometida pelos repressores contra jovens e mulheres que faziam parte do movimento, mas nada apareceu em seu livro. Pela seriedade com que trata o objetivo de sua pesquisa vê-se que Henrique se atém apenas ao que com toda a certeza, aconteceu realmente. Possíveis exageros, de um lado ou de outro, são descartados.

Apesar de limitado no tempo e no espaço, o movimento dos Monges Barbudos – como reconhece o Autor no final de seu livro – abre perspectivas para que outros historiadores ou próprio pesquisador possam avançar por temas diversos, quais sejam o tipo de ocupação do solo durante os séculos XIX e XX, a simbologia mística do movimento e de outros correlatos, o estudo comparativo com outras manifestações religiosas populares que aconteceram no Estado e a própria trajetória do Monge João Maria, além das ligações da religiosidade popular com interesses políticos.

Henrique Aniceto Kuiawa demonstra, em seu livro sobre os monges Barbudos de Soledade e Sobradinho o quanto há para ser estudado a própria realidade dos nossos dias e a religiosidade contemporânea, como a santaria representada por popular, Maria Degolada, Domingas, Mãe Preta e Maria Elisabete. E sem esse conhecimento da História Regional será impossível sabermos se a história que estamos fazendo é a história que realmente deveríamos fazer...

Janeiro de 2002.

Data : 16/02/2000

Título : Os olhos do português

Categoria: Artigos

Descrição: Jacinto Rego de Almeida, escritor português que conhece o Brasil há mais de três décadas, publicou, em fins do ano passado, um livro interessante sobre a vida brasileira (Um Olhar sobre o Brasil, Notícias Editorial, Lisboa, 1999).

### Os olhos do português

Jacinto Rego de Almeida, escritor português que conhece o Brasil há mais de três décadas, publicou, em fins do ano passado, um livro interessante sobre a vida brasileira (Um Olhar sobre o Brasil, Notícias Editorial, Lisboa, 1999). O romancista de Crime de Estado chegou ao Brasil como exilado político, desertando do exército colonial português, em 1968, e atualmente reside em Brasília, onde exerce funções diplomáticas a serviço de seu país.

Um Olhar sobre o Brasil é formado de duas partes. Na primeira, 19 crônicas, algumas delas beirando o conto, apresentam cenas da vida brasileira. Na segunda, outras 17 falam mais de figuras e paisagens do Brasil. Em todas elas circula um profundo sentimento humano e algo indefinível etêneo entre paixão e razão.

Tento explicar-me. Os longos anos de convivência com o Brasil dotaram Jacinto Rego de Almeida de um carinho especial pela terra onde vive e o povo com o qual convive. Daí a intensa emoção contida em seus textos. A nacionalidade e a formação lusitana, porém, lhe oferecem um certo afastamento crítico. Dão-lhe racionalidade. E essa dicotomia, uma heterogeneidade quase imperceptível ao leitor, torna suas crônicas altamente sedutoras.

Esses dois componentes internos do mais recente livro do autor de *As Palavras e os Atos* ou *O Afiador de Facas*, na edição lisboense, podem abrir espaço a uma interpretação impressionista. E é uma tentação gostosa, fazendo compartilhar do prazer que Eva deve ter sentido no Edén ao contemplar a fruta da ciência do bem e do mal, enquanto ouvia a serpente.

Publicidade originalmente na sua coluna "Carta do Brasil", do *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, de Lisboa, essas crônicas acolhem uma linguagem tipicamente portuguesa. Ao leitor brasileiro parecerão forçados alguns diálogos entre as personagens. Ninguém

reconhecerá como carioca um psicanalista dizendo que um paciente "estava a precisar de perder peso", quando, em qualquer parte do Brasil, com certeza, ele "estava precisando perder peso". Também serão estanháveis algumas expressões. Recolho duas, ao acaso. Estão em O Médico e... a Modelo: "uma polícia", por uma policial, e "cuecas", em lugar de calcinhas.

Um Olhar sobre o Brasil merece leitura por alguns fatores fundamentais: é um livro bem escrito, obra de escritor mesmo, densamente humano, e apresenta uma visão pessoal sobre situações particulares do Brasil, demonstrando a sensibilidade que somente os verdadeiros criadores literários possuem.

(\*) Paulo Monteiro pertence a diversas instituições culturais do Brasil e Exterior

Do Jornal  
O Liberal  
16/02/2000

Do Jornal  
O Nacional  
23/05/2000

Data : 28/02/1992

Título : Os partidos e os homens

Categoria: Artigos

Descrição: Qualquer pessoa que tenha um mínimo de conhecimento histórico sabe que os partidos políticos não representam a totalidade de uma determinada sociedade, mas ..

Os partidos e os homens

por Paulo Monteiro

Qualquer pessoa que tenha um mínimo de conhecimento histórico sabe que os partidos políticos não representam a totalidade de uma determinada sociedade, mas sim partes dessa mesma sociedade, e que os partidos políticos como conhecemos hoje, são realidades sociais que datam do século passado.

Ao menos teoricamente a estabilidade de uma determinada sociedade está visceralmente ligada à estabilidade dos partidos políticos, embora, também, ao menos teoricamente, outros afirmem exatamente o contrário.

Inegavelmente, estabilidade política e partido político andam lado a lado.

No Brasil, os partidos políticos tem uma debilidade histórica inquestionável. Tobias Barreto, grande pensador brasileiro do Século XIX, não via maior diferença entre o Partido Liberal, a que pertencia, e o Partido Conservador, tese comungada por muitos políticos e pensadores nacionais da época.

O próprio Partido Republicano tinha suas divergências profundas, tanto que sepultou eleitoralmente seu mais radical e coerente propagandista, Silva Jardim, cujo nome tem sido sistematicamente abafado na história de República Brasileira.

Uma parcela significativa da população costuma afirmar que não vota mais em partidos e sim em homens.

Isso pode ser comprovado nas últimas eleições parlamentares, quando o eleitorado passo-fundense votou mais em homens do que em partidos.

Há uma tendência de que nas próximas eleições municipais o fenômeno seja repetido, para o que vai colaborar a atitude tomada por muitos políticos, especialmente aqueles que detêm cargos legislativos.

Com a aproximação de período eleitoral aguçam-se os interesses pessoais de grupos e cresce o desespero de indivíduos e grupos destemperados pela concorrência por espaços políticos; evolumam-se as propostas espalhafatosas dos adeptos do “falem sobre mim; não importa o que falem; mas falem”.

E é exatamente o comportamento e as práticas desses seres humanos e de pequenos grupos que fazem com que aumentem o número de votos em branco, o número de votos nulos, o número de abstenções, e o número de eleitores votando em pessoas, aniquilando a organização da opinião social em torno de partido políticos.

Exemplo disso vemos na proposição do vereador Flaminio Mello, defendendo que os vereadores passo-fundense, a partir do ano que vem, não recebem salários.

Mas o triste é que esse “político” ao ser questionado pelo DIÁRIO DA MANHÃ, em Dara de ontem, afirmava que era contra que a medida proposta entre em vigor imediatamente porque o salário do vereador é sua única fonte de renda.

Ora, esse vereador é servidor do Município, e a própria Lei Orgânica que ele votou dá-lhe o direito de continuar recebendo (desde que trabalhe) como servidor do Município, além de receber como vereador ou optar pelo vencimento de vereador, exercendo exclusivamente o mandato.

É claro que motorista da prefeitura recebe menos do que vereador e tem obrigação de cumprir determinada jornada de trabalho.

Depois disso tem aquela história do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço...”.

Diário da manhã

Passo fundo, 28/02/1992

Data : 27/08/2013

Título : Os Primitivos Habitantes de Passo Fundo à Luz da Bíblia

Categoria: Artigos

Descrição: A História de Passo Fundo não começa em 1827, com a fixação do primeiro morador branco, o cabo de milícias Manoel José das Neves, nas proximidades da atual Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro.

Paulo Monteiro (\*)

A História de Passo Fundo não começa em 1827, com a fixação do primeiro morador branco, o cabo de milícias Manoel José das Neves, nas proximidades da atual Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro. Há muitos séculos a região já era habitada por seres humanos.

Quando os primeiros europeus chegaram aqui, três nações indígenas dividiam o território passo-fundense. Os guaianás, do grupo Jê, hoje conhecidos como caigangues ou coroados, que habitavam as regiões pedregosas; os tapes, do grupo Tupi, hoje desaparecidos, que dominavam o local onde hoje está a cidade de Passo Fundo, e os ibianguaras, uma tribo dos carijós, também tupis, que ocupavam a região do Campo do Meio.

Os atuais caigangues ou coroados, designação esta que vem da forma com que cortavam o cabelo, “aparado em forma de coroa” eram idólatras, mas não eram antropófagos, isto é, não comiam carne humana. Usavam um botoque, espécie de palito enfiado no lábio inferior. Por isso, até hoje, são conhecidos como botocudos. Criam numa divindade protetora, Topen, e noutra que lhes era maligna, Detcori. Acreditavam, também, na imortalidade da alma (nefesh, hebraico, psykhe, grego, alma, latim, vida em português) humana, sob o nome de Acuplí. Guerreiros ferozes, enfrentavam as demais tribos, resistiram à ocupação branca e ficaram ao lado dos partidos de oposição aos governos brancos.

Durante a Revolução Farroupilha (1835/1845), pelo menos por duas vezes, derrotaram forças favoráveis ao Império, inclusive o famoso general Labatut. Na Revolução



Federalista (1835/1895) aparam os maragatos comandados pelo general Antônio Ferreira Prestes Guimarães, contra o governo estadual de Júlio Prates de Castilhos.

Os tapes foram altamente receptivos aos missionários jesuítas. Deram o primeiro nome branco à região: País do Tape. Tornaram-se os primeiros cavaleiros e criadores de gado (introduzido pelos jesuítas). Alguns historiadores acreditam que fossem originários da Cordilheira Andina. Absorveram a língua e a cultura dos guaranis. Também eram idólatras. Davam crédito a entes fantásticos que habitavam as matas, como um pássaro branco que imitava o som da bigorna, a araponga, e num animal feroz parecido com um carneiro, mas dotado de garras e dentes, ao qual davam o nome de Ao. Também não eram antropófagos.

O terceiro povo, os ibianguaras, acreditavam na sobrevivência da alma (vida), sob o nome de Anga. Possuíam um demônio protetor, a que davam o nome de Munhã, e tinham dois tipos de sacerdotes: os feiticeiros que chamavam de iroquiaras, que significava dançarinos, e os mágicos a que denominavam apicairés. Usavam o tacape, espécie de enorme facão de madeira, o arco e a flecha, em suas guerras. Eram antropófagos. Matavam e comiam os adversários.

Embora sejam raras as informações sobre as práticas religiosas dos índios passo-fundenses cabe notar que a antropofagia era, muitas vezes ritual. Quer dizer, sacrificavam-se as vítimas aos deuses (dáimons) e os aderentes a esses cultos satânicos comiam certas partes dos mortos, como o cérebro, significando a inteligência, a esperteza, os músculos dos braços, das pernas e do tórax, representando a força física, o coração, significando os sentimentos e assim por diante. Isto não quer dizer que esse tipo de culto era praticado em Passo Fundo, mas era (e ainda é encontrado) em muitas partes do mundo.

Todas essas nações guerreavam entre si. Disputavam a terra e os bens que nela existiam. Costumavam raptar crianças, especialmente meninas, dos adversários, que eram usadas como “escravas sexuais” para garantir a eugenia, pureza da raça, evitando o refinamento pelo cruzamento entre parentes. Aliás, até hoje, tribos sobreviventes, impõem limites para o casamento entre aparentados.

Uma outra característica de nossos primitivos habitantes é que eles praticavam a poliandria (um tipo de “casamento” em que “todas as mulheres são esposas de todos os homens e todos os homens são maridos de todas as mulheres”). Trata-se, também, de um costume bastante comum entre povos primitivos e idólatras.

A poliandria fez contribuir para que muitos autores antigos, ao deixarem informações sobre os índios, vissem nas suas relações familiares, mera promiscuidade. Na verdade o caso é mais profundo, pois, geralmente, está ligado ao tipo de crença idólatra praticada.

Nas veias de grande parte da nossa população corre o sangue desses primitivos habitantes. Levítico 17.11 é claro: “a alma da carne está no sangue”. Assim, a vida, a psique, a alma, daqueles povos primitivos, ainda está presente em todos nós. Conduzimos em nossos próprios corpos seus vícios e suas virtudes. E não é à-toa que vemos repetirem-se fatos daquela época, os mesmos pecados.

Ao longo de toda a nossa História encontramos a idolatria, mediante o culto a diversas divindades. Cada povoado que foi surgindo escolheu uma divindade (dáimon) particular.

Realizam-se romarias, festas e louvores aos ídolos “protetores” de cada localidade, mas não é realizada, pela igreja mais numerosa, nenhuma dessas grandes festividades a Deus. Assim são desrespeitados os primeiros mandamentos do Decálogo (Êxodo 20). Esse é o primeiro e grande pecado (desobediência) de Passo Fundo e Região. É o desrespeito ao “primeiro e grande mandamento”: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento”, conforme Jesus ensinou em Mateus 22.37-38.

Ibiraíaras, tapes e ibianguaras viviam em constantes guerras entre si. Passo Fundo é uma cidade dividida. Cada grupo, cada “tribo”, está em constante conflito com outro grupo. As entidades comunitárias (associações de moradores, sindicatos e outras) e partidos políticos estão em guerras permanentes. Até igrejas cristãs entram em confronto. Tudo como no tempo daqueles primitivos habitantes. É o desrespeito ao “segundo” e também “grande mandamento”: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (Mateus 22.39-40). E o Messias acrescenta imediatamente: “Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mateus 23.40).

O próprio modelo de família cristã (com o homem deixando seu pai e sua mãe, unindo-se a sua mulher e sendo um só corpo e uma só carne e, assim, já não sendo dois, mas uma só carne, sem que o que Deus juntou não seja separado pelo homem), conforme expresso em Marcos 10.5-9 é muito frágil entre nós. Ao longo da história passo-fundense e da região vê-se a grande quantidade de mulheres com filhos de vários homens e de homens com filhos de várias mulheres. É a persistência da poliandria indígena, em frontal desrespeito ao ordenamento de Cristo para a família humana.

Então vemos que há uma espécie de continuidade entre as práticas (a vida material e espiritual) daqueles passo-fundenses primitivos e os passo-fundenses de hoje, invalidando pela tradição dos ancestrais, “o mandamento de Deus”. Leia-se e reflita-se, a propósito Mateus 15.1-20.

Essa “tradição” – e Passo Fundo se orgulha do seu mundano tradicionalismo, por exemplo, como “a cidade mais gaúcha do Rio Grande –, essa “tradição” nefasta só pode ser quebrada pelo “nascer de novo” que Cristo recomendou ao fariseu (“tradicionalista”, no sentido espiritual) Nicodemos, em João 3.1-21. Portanto, é preciso arrependermos-nos, enquanto povo eleito, dessas tradições, que correm no nosso sangue, “nascer de novo” pelo batismo do arrependimento e da crença de que Cristo é “o Filho do Deus vivo” (Mateus 16-16). Cumprir-se-ão, aí, para nossa terra, as bem-aventuranças reservadas para tantos quantos “ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lucas 11.28).

(\*) Paulo Monteiro, consagrando evangelista na Comunidade Evangélica Casa da Oração de Passo Fundo, é autor de centenas de estudos sobre cultura, história e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e diversas instituições culturais do Brasil e do Exterior. O autor tem ministrado sobre o tema a líderes de igrejas e pastores. Telefone: 84016682.

Data : 05/12/2010

Título : Os Trinta e Cinco Anos do Grupo Literário Nova Geração

Categoria: Artigos

Descrição: A década de 1970 foi muito rica em termos literários, apesar da censura à ...

## Os Trinta e Cinco Anos do Grupo Literário Nova Geração

Paulo Monteiro\*

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

A década de 1970 foi muito rica em termos literários, apesar da censura à imprensa e à produção cultural. Do ponto de vista jornalístico proliferavam os alternativos, cujo exemplo maior foi O Pasquim, e milhares de escritores, em sua maioria bastante jovens, divulgavam suas obras através de pequenos jornais mimeografados ou impressos em off-set de mesa. Até mesmo livros eram editados em hectógrafos (mimeógrafo a álcool).

Os escritores desse período entraram para a história literária como geração do mimeógrafo, mimeógrafo generation, mimeogeneration, geração underground ou literatura marginal. De fato, os escritores produziam - e produziam muito - à margem das editoras tradicionais. Os periódicos culturais daqueles anos acolhiam de tudo: desde sonetos parnasianos, quadrinhas (trovas) ao estilo popular, quanto poemas descabeladamente vanguardistas.

Em Passo Fundo as coisas não foram diferentes. Pela primeira vez na história cultural do Município, um grupo de poetas e prosadores vivia o espírito cultural do seu tempo.

Ao final dos anos 60 o poeta Ubiratan Porto, nascido em 1950, começou a divulgar seus poemas através de O Nacional e do Diário da Manhã. Junto com um amigo de infância, José Epitágoras Vieira, nascido em 1951, iniciou pesquisas para a publicação de uma Antologia Poética de Passo Fundo. Esse trabalho fez com que encontrasse outros poetas e escritores também jovens, cujos trabalhos começaram a ser impressos nos diários locais.

Colaboraram para essa Antologia - que acabou não sendo impressa -, Jorge Luiz Niederauer de Lima, Emiliano Lemos, Maria Salete Tonial, Paulo Roberto Diehl, Sérgio Ubiratan Marchiori de Moura, Paulo Monteiro, Antonio Dipp Salton, Luiz Carlos Merlo e Vânia Schneider Vieira, além dos próprios organizadores.

Em novembro de 1970, Ubiratan Porto divulgou, no Diário da Manhã, o longo artigo intitulado Uma Poética e Apresentação do Grupo de Poetas Componentes da Nova

Geração, com dados biográficos e um poema de cada um daqueles autores, todos com idade entre 15 e 25 anos, que se reuniam esporadicamente.

A partir de maio do ano seguinte os encontros passaram a ocorrer todos os domingos, evoluindo para uma coletânea poética intitulada Presença, impressa em mimeógrafo a tinta, com poemas de nove autores: Ubiratan Porto, Sandra Maria Leidens, Paulo Roberto Diehl, Maria Salete Tonial, Sérgio Ubiratan Marchiori de Moura, Daltro Tadeu Diehl, Antonio Dipp Salton, Jorge Luiz Niederauer de Lima e Paulo Monteiro.

Foi um sucesso. A 4 de julho resolveram lançar uma revista em off-set, Presença. Doze dias depois os jovens poetas eram recebidos festivamente para Academia Passo-Fundense de Letras, para lembrar o centenário de falecimento do poeta Baiano, Antonio de Castro Alves. E a 29 de julho, no velho prédio do sodalício, era fundado o Grupo Literário "Nova Geração", com os integrantes daquela coletânea mimeografada, mais a poetisa Ceres dos Santos. Elegeu-se a primeira diretoria: Ubiratan Porto, presidente; Sandra Maria Leidens, primeira secretária (e vice-presidente); Paulo Monteiro, segundo secretário, e Antonio Dipp Salton, tesoureiro.

No dia 14 de agosto, "através de festejado coquetel no Clube Juvenil", era lançado o primeiro número da revista Presença. O segunda edição do periódico somente sairia quase três anos depois, em julho de 1974.

Mesmo não sendo mantida a periodicidade da revista, os poetas não paravam. Continuavam divulgando seus trabalhos na imprensa local e através da coluna Presença - É Nova Geração, semanalmente, em O Nacional. Começaram a divulgar, dentro do programa Night Show, apresentado por Rubens Nodari, na Rádio Municipal, o quadro Nova Geração Presente, transformado em programa autônomo, pela mesma emissora. Mais tarde, com o fechamento da Rádio Municipal, o programa foi transferido para a Rádio Planalto.

Em 1973 o quadro de membros efetivos do grupo começou a reduzir-se. Muitos, aprovados em vestibulares, mudaram para outras cidades. Os remanescentes continuaram atuantes, publicando seus trabalhos na imprensa, e reunindo-se. Chegaram a promover dois concursos literários, O I Concurso Colegial de Conto e Poesia, recebeu 140 trabalhos, muitos deles de cidades distantes. Os prêmios foram entregues a 13 de outubro de 1973. O II Concurso Estadual de Conto e Poesia foi realizado em 1976, com a premiação em 13 de novembro de 1976, presentes autoridades e a intelectualidade local.

Esses concursos injetaram sangue novo no Grupo, tanto que em meados de 1975, um levantamento, constatavam 43 integrantes atuantes, que se reuniam regularmente para discutir divulgar a produção literária dos consócios.

A medida que os escritores ficavam mais velhos e assumiam maiores compromissos profissionais e familiares, a dispersão foi aumentando. Tanto isto é verdade que, entre 1979 e 1980, o Grupo esteve praticamente inativo embora, individualmente, muitos integrantes da confraria continuassem publicando seus trabalhos.

A 9 de janeiro de 1981, uma comissão de ex-presidentes, convocou uma reunião, presidida por Paulo Roberto Diehl, membro fundador presente mais velho, decidindo pela continuidade do Grupo. Paulo Monteiro foi eleito presidente. Integravam, ainda, a diretoria: Paulo Roberto Diehl, como vice-presidente: Flávio Damiani, primeiro secretário; Milton

Guimarães da Silva, segundo secretário, e Marivone Terezinha Castelli, tesoureira. Optou-se pela ampliação do quadro, inclusive de membros correspondentes.

Os tempos eram outros. A dispersão continuava. As publicações foram rareando. A 23 de janeiro de 1982 a diretoria anterior foi reeleita. E foi a última. O Grupo Literário "Nova Geração" pretendia editar uma nova coletânea e adquirir um mimeógrafo novo para ampliar a divulgação dos trabalhos, acabou extinguindo-se.

Quando relemos os "boletins literários" daqueles tempos estamos diante de uma "geléia geral". O "é proibido proibir" era a regra. Os mais diversos gêneros e estilos conviviam em harmonia.

A produção do Grupo Literário "Nova Geração" insere-se dentro do espírito daquela época. É o que demonstra o estudo da literatura praticada na década de 1970. Ali o grosso a obra literária dos integrantes do grupo é contida e concluída. Por isso, também, muitos poetas abandonaram a literatura, que só teve sentido naquele período.

Com o Grupo Literário "Nova Geração", pela primeira e única vez até agora, Passo Fundo teve uma verdadeira comunidade de escritores, dentro do mesmo tempo em que viviam. O grupo formou uma verdadeira geração literária.

Em seus onde anos de existência o Grupo Literário "Nova Geração" deixou um saldo positivo: três publicações coletivas, centenas de poemas, contos e crônicas de dezenas de autores, espalhados pelos jornais de Passo Fundo. Trinta e cinco anos depois daquele 29 de julho de 1971, alguns integrantes daquela associação como Ubiratan Porto, Jorge Luiz Niederauer de Lima, Paulo Dutra, Flávio Damiani e o autor desta crônica continuam em pleno ativismo cultural.

Data : 30/11/1994

Título : Página Cultural

Categoria: Resenhas

Descrição: Antonio Carlos Vilaça destaca-se, do ponto de vista estritamente formal, pela concisão. Seu estilo é límpido e liberto de prolixidade.

Página Cultural

por Paulo Monteiro

A Editora José Olympio está publicando mais um volume de memórias de Antonio Carlos Vilaça. DEGUSTAÇÃO, a exemplo de outros livros do autor, está destinado a tornar-se um clássico do gênero.

Antonio Carlos Vilaça destaca-se, do ponto de vista estritamente formal, pela concisão. Seu estilo é límpido e liberto de prolixidade. DEGUSTAÇÃO não é um daqueles livros de memórias com uma sequência cronológica.

Instantâneos de memória. Vilaça é um pintor que usa a caneta para transformar as palavras no conjunto de cores que são os textos que formam seu livro. Memórias de coisas e pessoas. As casas, os escritores, os livros, a matéria, mas principalmente as pessoas, como realidades de espírito, transbordam das páginas de Antonio Carlos Vilaça.

Suas lembranças de Carlos Lacerda, um dos políticos mais discutidos, afirmados ou negados da história recente do Brasil, é uma peça marcante.

“O Corvo”, como era designado por seus adversários, aparece completamente humanizado no texto de Vilaça. O polemista afiado, orador terrível, o político maquiavélico era capaz de enternecer-se com a música e amar as rosas.

A pequena história, a história interior, íntima. Eis o que transparece, escorre como uma vertente cristalina de pena de Antônio Carlos Vilaça.

“O Mistério do Sofrimento” (págs 61 a 65) é outro texto para ser lido e relido. Poema. Crônica. A verdadeira arte é maior do que qualquer camisa-de-força dos teóricos e tratadistas. Vilaça é pura arte. DEGUSTAÇÃO é para ser degustado, por nós e pelas gerações vindouras.

Jornal da Cidade

30/11/94

Data : 01/03/1996

Título : Para uma iniciação á filosofia

Categoria: Resenhas

Descrição: A Filosofia vem sendo relegada a segundo plano nas escolas de 2º grau.

Para uma iniciação á filosofia

por Paulo Monteiro

A Filosofia vem sendo relegada a segundo plano nas escolas de 2º grau. Os poucos professores da matéria, salvo exceções, tem sido repassadores de um neotomismo vulgar, alienante e alienado, que contribui para que os alunos adquiram uma aversão pela reflexão filosófica. Em sendo assim não se há de estranhar o fato que a Filosofia é pouco conhecida at[e mesmo de pessoas que se tem por esclarecidas.

A Editora Moderna, de São Paulo, está publicando a Coleção Logos, tendo lançado onze volumes sobre Aristóteles, Sartre, Voltaire, Tomás de Aquino, Vico, Maquiavel, Nietzsche, Averróis, Ortega y Gasset, Descartes e a Escola de Frankfurt. Os livros, redigidos por catedráticos de Filosofia, seguem padrões gráficos e formais que os tornam de fácil manuseio e consulta simplificada.

Além de ilustrações que tenham relação direta com a vida e a obra dos autores, os livros contém uma introdução para que o leitor/aluno adquira uma idéia da situação histórica e geográfica dos pensadores, um estudo sobre o pensamento do filósofo ou grupo, uma antologia com textos representativos dos autores divulgados, bem como bibliografia, dados referentes aos professores que organizaram os volumes e um questionário sobre os filósofos.

É evidente que não se trata de nenhuma série para estudiosos. Quem não tenha essa visão poderá objetar que a parte expositiva sofre a limitação de não salientar as influências sobre os filósofos e suas respectivas contribuições para o pensamento humano, bem como as objeções feitas aos mesmos pensadores.

Entretanto, como obra de divulgação, especialmente entre os alunos das escolas secundárias, a Coleção Logos representa uma contribuição importantíssima da Editora Moderna. Tive o cuidado de deixar alguns volumes com um professor de Filosofia amigo meu e sua opinião foi altamente elogiosa. Os exemplares na Coleção Logos são indispensáveis em qualquer biblioteca. Os professores de Filosofia devem estimular seus alunos a adquirirem a Coleção e os mantenedores dos estabelecimentos do ensino colocá-la á disposição dos estudantes para consulta e pesquisa.

Esta série de livros da Editora Moderna reúne representantes altamente expressivos da filosofia ocidental.

Pela proximidade linguística e pela qualidade do seu pensamento chamo a atenção para o volume ORTEGA Y GASET: A AVENTURA DA RAZÃO, pois com muito salienta o organizador Gilberto de Mello Kiejawski pela proximidade linguística entre o português e o espanhol ler o autor de La rebelion de lãs masas no original é como ler um dos maiores filósofos do nosso século na própria língua em que pensamos.

Autor da máxima famosa “Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo não me salvo eu”. o que caracteriza o portentoso pensamento orteguiano é seu profundo humanismo. Suas Obras Completas (12 alentados tomos) são acessíveis no original da Editora Revista de Ocidente/Alianza Editorial (Madrid).

O volume DESCARTES: A METAFÍSICA DA MODERNIDADE é outro de leitura imperiosa. O autor do Discurso do Método contribuiu para dar fundamento lógico (racional) á Filosofia

durante muito tempo. Acrescente-se, ainda, VOLTAIRE: A RAZÃO MILITANTE, de um dos mais significativos representantes do Iluminismo.

Por falar em Iluminismo, essa corrente filosófica nos últimos tempos tem enfrentado restrições em diversos círculos intelectuais.

Outro dia, conversando com alguns amigos em torno de ideias e uma cuia de chimarrão, eu afirmava que o Racionalismo (e o Iluminismo é uma corrente racionalista) era incapaz de explicar uma série de coisas, por ser limitado como toda a criação estritamente humana. Imediatamente um deles me definiu como “frankfurtiano”. Numa época em que as modas passam cada vez mais rápido esta na moda o frankfurtianismo”. E disso eu tenho muito pouco.

A ESCOLA DE FRANKFURT E SOMBRAS DO ILUMINISMO, de Olga C. F Mattos, é uma boa introdução ao entendimento de Max Horkheimer, Theodor Adorno, Kerbert Marcuse, Walter Benjamin e Erich Fromm, para citar os mais conhecidos representantes do grupo. Esses filósofos fizeram uma revisão crítica importante da Filosofia das Luzes. E conhecê-los é fundamental, pois exerceram influência sobre muitos homens que, no momento, detêm poder político no país.

É de se desejar que a Coleção Logos seja enriquecida com a publicação de novos títulos e que encontre apoio entre pessoas realmente preocupadas com a abertura das mentes brasileiras e pela formação de nossa juventude.

O Cidadão

01/03/96

Data : 31/01/1997

Título : Parlamentares Gaúchos

Categoria: Editoriais

Descrição: Pouca importância tem-se dado á história política e das idéias, em nosso Estado. História imediata, com preocupação mais séria, inexistente entre nós.

Parlamentares Gaúchos

por Paulo Monteiro



A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL acaba de publicar um álbum intitulado PARLAMENTARES GAÚCHOS DAS CORTES DE LISBOA AOS NOSSOS DIAS: 1921-1996, com 224 páginas centenas de fotografias, além de gráficos com os cargos legislativo exercidos, a níveis estadual e federal.

A publicação, dentro do Projeto Memória do Parlamento, coordenado pelo Centro de Pesquisa e Documentação da História Política do RS e supervisão da Diretoria de Atividades Culturais da Assembléia Legislativa, é uma obra que há de servir como indicativo para os pesquisadores da história gaúcha, seja o nível de Estado, seja no âmbito da história imediata (municipal).

Pouca importância tem-se dado á história política e das idéias, em nosso Estado. História imediata, com preocupação mais séria, inexistente entre nós. As idéias de Silveira Martins Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Lindolfo Collor, João Nevez da Fontoura Raul Pilla, Getúlio Vargas, Alberto Pasqualini, Leonel Brizola, e tantos outros não têm merecido estudo e reflexão. Isto, para falar apenas de alguns que exerceram mandatos parlamentares e têm seus nomes no álbum editado pelo Parlamento Rio-Grandense.

É de salientar-se que muitos desses homens, que plasmaram a tradição político-ideológica do Rio Grande, acabaram deixando vasta colaboração na imprensa do Estado. Nesse aspecto, o Projeto Memória do Parlamento deve representar o resgate histórico de ações e idéias políticas, resgate que já tem um próximo passo anunciado: a publicação de volume sobre a atividade parlamentar, a nível estadual, de João Neves da Fontoura e uma seleção de seus discursos pronunciados na Câmara Gaúcha. E que o “São João Batista da Revolução de 30”, em sua coletânea de pronunciamentos, represente a preparação de um novo tempo onde vigore um entendimento melhor e mais profundo de nossas próprias raízes.

O Cidadão

31/01/1997

Data : 15/04/1999

Título : PARLAMENTOS GAÚCHOS

Categoria: Resenhas

Descrição: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul continua publicando a Série Perfis Parlamentares.

PARLAMENTOS GAÚCHOS

Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul continua publicando a Série Perfis Parlamentares. Seu terceiro volume é dedicado a José Antônio Flores da Cunha, um dos mais influentes políticos gaúchos deste século. Deputado estadual e federal, senador e governador, esse advogado santanense foi participante ativo da revolução de 23, da Revolução de 30 e de outros movimentos armados daquela época, chegando, já nos anos cinqüenta, à presidência da Câmara dos Deputados. Formado dentro do castilhismo. afirma Nilze Pellenda que "Nos últimos anos de sua vida. Flores da Cunha apresentava cada vez mais nitidamente um pensamento socialista. Lutava com todas as forças que ainda tinha em prol de uma reforma social e de uma ordem mais justa." (In FLORES DA CUNHA, DISCURSOS PARLAMENTARES, Brasília, Câmara dos Deputados, 1982, p. 45).

Neste volume, editado pela Assembléia Gaúcha, os discursos parlamentares propriamente ditos são raros. Fato explicável pelo papel meramente orçamentário e sem capacidade legislativa" reservado a Assembléia dos Representantes pela Constituição Rio-Grandense. Para usar expressões de Hélgio Tridade (PODER LEGISLATIVO E AUTORITARISMO NO RIO GRANDE DO SUL: 1989-1937, Porto Alegre, Editora Sulina, 1980), destacam-se. porém, seu pronunciamento como auxiliar de acusação contra Manso de Paiva, assassino de Pinheiro Machado, e A CAMPANHA DE 23, publicado originalmente em 1943.

O livro de Flores da Cunha sobre aquele movimento armado, no qual teve atuação destacada, é um grande panfleto, no sentido literário da palavra. Preso pela ditadura estado-novista, usa as recordações da Revolução de 23 para um ajuste de contas com a história e alguns adversários políticos, mormente o libertador Batista Luzardo, embaixador do Brasil no Uruguai quando o autor ali esteve exilado.

Somando-se aos tomos dedicados a João Neves da Fontoura e Getúlio Vargas, o volume reservado a Flores da Cunha contribuiu par tomar acessíveis a mais pessoas informações sobre uma das fases mais dinâmicas da história gaúcha. Através da Série Perfis pode-se conhecer melhor o porquê do Rio Grande do Sul ser tido como o Estado mais politizado do Brasil.

(\*) Paulo Monteiro estará completando 25 anos de jornalismo literário no dia 1º de junho de 1999.

Do Jornal  
O Cidadão  
15/04/1999

Data : 22/06/2006

Título : Parnasianismo Brasileiro

Categoria: Resenhas

Descrição: Quem mantém intercâmbio com escritores facilmente conclui que o parnasianismo é uma corrente poética em plena atividade.

### Parnasianismo Brasileiro

por Paulo Monteiro (\*)

Quem mantém intercâmbio com escritores facilmente conclui que o parnasianismo é uma corrente poética em plena atividade. Quase todas as semanas recebo livros parnasianos e boletins literários cheios de sonetos á Bilac ou trovas á Bela Época. Lembro-me que, há alguns meses, mostrei alguns desses volumes ao poeta Ubiratan Porto, hoje residindo em Capão da Canoa, e ele exclamou apavorado: “Não dá pra aguentar esses parnasianos...”

Assim, um livro como Parnasianismo Brasileiro: Entre Ressonância e Dissonância, de Luís Augusto Fischer (EDIPUCS, Porto Alegre, 2003) deve servir para despertar outros pesquisadores a aprofundarem os estudos sobre essa corrente poética e sua persistência no tempo e no espaço. Essa persistência é salientada pelo autor (p. 21) ao lembrar que “reflexos do Parnasianismo ressoam entre nós em grande parte da poesia trivial que se pratica pelo Brasil afora”.

Mais adiante, com os pés fincados em variada bibliografia, o que é normal nos estudos acadêmicos contemporâneos, Luís Augusto Fischer lembra ser comum a convivência entre processos, escolas ou correntes literárias do passado e suas concorrentes mais contemporâneas. Assim, ao lado de “vanguardistas” sobrevivem “passadistas”, o que acontece entre nós.

O livro de Luís Augusto Fischer toca num dos períodos mais importantes da poesia brasileira, que tem sido discriminado pelos historiadores e críticos literários, em face, talvez, de um preconceito herdado dos modernistas de 1922. O professor gaúcho não escreve uma história do parnasianismo brasileiro, mas seu livro aponta para a necessidade de que essa história seja escrita, a exemplo do que Andrade Murici já fez em relação ao simbolismo. Aponta, ainda, para que se estude a persistência da escola, em termos da chamada “poesia trivial”, praticada por milhares de poetas, ao longo de décadas.

Não é sem razão que Luís Augusto Fischer destaca a importância de Castro Alves para a compreensão do parnasianismo brasileiro. O condoreirismo vai dar diretamente ou no Simbolismo, basta que se atende para os poemas juvenis de Cruz e Souza, por exemplo, ou na corrente estudada pelo professor da UFRGS. Isso aconteceu aqui e em Portugal. E é exatamente a influencia de Victor Hugo, que confere o tom grandiloquente tanto de parnasiano quanto de simbolistas, contribuindo para aquela transformação acontecida com o parnasianismo francês, quando “transplantado para o Brasil”, “sob a ação das

nossas idiossincrasias sentimentais, da nossa fácil emotividade e das tradições de nossa poesia”, lembra José Veríssimo, contemporâneo e confrade dos principais parnasianos brasileiros, em sua História da Literatura Brasileira (Editora Record, Rio, 1998, p. 376).

O próprio autor, pelos conhecimentos práticos, de certo adquiridos ao escrever Parnasianismo Brasileiro: Entre Ressonância e Dissonância, e por já saber o mapa da minha, se credencia a dar continuidade a um tema de tal importância, e de um lado para a história da literatura, de outro para a sociologia literária. Esses estudos serão indispensáveis para que possamos conhecer melhor a formação dos nossos intelectuais, especialmente daqueles mais tradicionais, como Gramsci gostava de chamar certos grupos responsáveis pela reprodução da cultura. E talvez explique porque, numa época em que as informações circulem tão rapidamente, livros didáticos de literatura brasileira estejam, pelo menos, trinta ou quarenta anos atrasados.

Daí a importância de que o livro de Luís Augusto Fischer seja lido, em especial, por poetas, alunos dos cursos de Letras e professores de língua portuguesa e literatura.

(•) Paulo Monteiro pertence \* Academia Passo-Fundense de letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

Rotta

22/06/2003.

Data : 30/11/2001

Título : Pasqualini - Textos Escolhidos

Categoria: Artigos

Descrição: O senador Pedro Simon é mais do que um admirador das ideias preconizadas por Alberto Pasqualini (1901-1958);

Pasqualini - Textos Escolhidos

por Paulo Monteiro

O senador Pedro Simon é mais do que um admirador das ideias preconizadas por Alberto Pasqualini (1901-1958); é um divulgador incansável da obra política e social daquele que é considerado o maior teórico do trabalhismo brasileiro.

Em 1994, Pedro Simon reuniu trabalhos esparsos do autor de “Bases e Sugestões para uma Política Social” (Ed. Globo, 1948), o que resultou em quatro atentados volumes publicados pelo Senado Federal, sob o título de “Alberto Pasqualini – Obra Política e social”. Essa obra esgotou-se rapidamente, contribuindo para aumentar o interesse pelo pensamento pasqualinista.

Agora, Pedro Simon organizou e fez publicar, também pelo Senado Federal, “Alberto Pasqualini = Textos Escolhidos”, grossos volume de 448 páginas. Trata-se de uma seleção de escritos, apontados pela consultora legislativa Eliane Cruxên Barros de Almeida Maciel como representativos das concepções políticas, econômicas e sociais do senador gaúcho, nascido em Ivorá. Aliás, Eliana assina a nota biográfica sobre Pasqualini (p. 43 a 65), que já foi incluída no primeiro volume de “Alberto Pasqualini- Obra Política Social”.

Esses textos selecionados de Alberto Pasqualini são enriquecidos com um prefácio, de Pedro Simon, salientando autoridade do pensamento pasqualinista, um ensaio intitulado o Exemplo do Mestre, uma cronologia e referências Bibliográficas, também já publicada anteriormente.

“Pasqualini – Textos Escolhidos” trata-se de uma seleção bastante feliz, o que demonstra um perfeito conhecimento do legado teórico deixado pelo grande doutrinador trabalhista. Ai estão alguns trabalhos altamente significativos do pensamento daquele que foi considerado o mais representativo ideólogo do antigo PTB, a começar por A Organização Social do Mundo, impresso originalmente no Correio do Povo de 29 de dezembro 1944, o manifesto programa da União Social Brasileira e o Discurso da Instalação da União Social Brasileira, ambos de setembro de 1945, a União Social Brasileira (USB), cujo dirigente símbolo foi Alberto Pasqualini, não pode ser confundida com o Partido Socialista Brasileiro (PSB), também fundado na década de 1940 e cujo líder maior foi o baiano João Mangabeira (1880-1964).

Podem ser salientados, ainda, outros trabalhos enfeixados nesse volume, como Trabalho e Socialismo – discurso em Caxias do Sul (Correio do Povo de 17 de dezembro de 1946) e Trabalho e Socialismo (Correio do Povo de 5 de janeiro de 1949), respondendo críticas a “Bases e Sugestões para uma Política Social” feitas por Hermínio Tondelo, um padre capuchinho. Também devem ser lembrados dois discursos sobre as reformas de base, pronunciados no Congresso Nacional, há justos 50 anos, em 1951, e o parecer nº 259/53, relatando a criação da Petrobrás (p. 298 a 354).

Numa palavra, todos os trabalhos reunidos nesta nova coletânea de Alberto Pasqualini organizada por Pedro Simon, são de fato, expressivos da concepção de mundo preconizada pelo Senador de Ivorá. E, com esta publicação, o senador caxiense presta a melhor homenagem que poderia ser oferecida a um homem da estatura intelectual e moral de Alberto Pasqualini; a difusão de suas ideias, ideias das quais muitos podem divergir, mas de cuja atualidade e pureza de princípios ninguém pode duvidar.

Pasqualini foi um crítico intransigente das injustiças sociais, denunciando o capitalismo, no que tem de injusto, e criticando o socialismo de estado, então... em plena ascensão.

Talvez por pregar um “capitalismo cristianizado” sofresse fogo de todos os lados – pela direita, acusado de inocente útil do comunismo; pela esquerda, atacado de oportunista, tentando salvar o capitalismo de uma bancarrota decretada pelas forças inexoráveis da luta de classes.

Nem por isso, e quem sabe, o pensamento de Alberto Pasqualini desperte tanta atenção. Esse terceiro caminho, por ele idealizado, pode ter sido seu maior legado político, embora tenha contribuído para uma das maiores injustiças históricas cometidas pelo “Estado mais politizado do Brasil” ao, por duas vezes, ter-lhe negados a oportunidade de governar o Rio Grande do Sul.

Rotta.

Novembro de 2001

Data : 31/03/2003

Título : Pasqualini, Lula & FHC

Categoria: Artigos

Descrição: Se o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tivesse o hábito da leitura deveria ler o que Alberto Pasqualini propunha há mais de meio século para solucionar a miséria das cidades e campos.

Pasqualini, Lula & FHC

Se o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tivesse o hábito da leitura deveria ler o que Alberto Pasqualini propunha há mais de meio século para solucionar a miséria das cidades e campos.

Pasqualini jamais cantou loas ao socialismo, como o atual presidente já entou. Defendia um capitalismo cristianizado, mas tinha uma visão e propostas muito mais claras para resolver os problemas sociais do que o têm os socialistas renegados, do atual e dois últimos governos da República.

Cristão, sem farisaísmos, o senador gaúcho era contra o assistencialismo. Para ele, os trabalhadores pobres, fossem urbanos ou rurais, não podiam ser tratados como mendigos ou esmoleiros. Precisavam ser tratados como seres humanos produtivos. Ao Estado, sob um governo preocupado com o social, caberia fornecer as condições materiais para que a igualdade legal, estabelecida na Constituição, também fosse uma igualdade de oportunidades.

Para que o império, ainda que precário, da justiça social, fosse possível, Alberto Pasqualini, não pregava a distribuição de tíquetes ou sacolas econômicas. Advogava, com todas as letras, salário digno, moradia decente - com a construção das chamadas vilas operárias -, com água, luz, transportes, escolas e saneamento básico, com financiamento subsidiado, para os trabalhadores urbanos. Como política de combate à miséria dos camponeses que, à época, formavam a grande maioria da nossa população mais pobre, preconizava a organização de colônias agrícolas, com a infraestrutura e a segurança de pequenas cidades.

O maior ideólogo do trabalhismo brasileiro não era um sonhador. Não usava a palavra sonho (especialmente "o meu sonho" ou "o sonho da minha vida"), com a prodigalidade que o atual presidente usa, mas reconhecida dificuldades para implantar o programa que preconizava.

Numa palavra, Alberto Pasqualini, não era um visionário; era um programático. O sonho gera um visionário; o programa cria um estadista.

Em sendo a voz do povo, a voz de Deus, como reza o conhecido axioma, a pesquisa CNT-Sensus, divulgada na semana passada, confere razão a Alberto Pasqualini.

Enquanto 78,3% dos entrevistados são contrários ao aumento dos juros, o atual governo através de alguma forma de confisco poderá conseguir recursos para distribuir esmolas através do Fome Zero; enquanto 82,1% das pessoas ouvidas manifestaram-se favoráveis à reforma agrária, somente deixando de investir em projetos produtivos, o governo poderá sustentar pro-gramas assistencialistas.

Uma leitura política, no sentido sério do termo, dos números apurados na pesquisa CNT-Sensus, mostra que Alberto Pasqualini, falecido há quase 38 anos, está muito mais atual do que o presidente Luis Inácio Lula da Silva. De fato, os brasileiros estão cansados da mesma política aristocrática de sempre, repetindo a mesmíssima e mística história da rainha portuguesa, que escondia moedas de ouro e prata, em seu manto, para distribuir entre os pobres

O povo brasileiro, que pertence ao partido torneiro mecânico, ao qual Lula já pertenceu, ao partido funcionário público, ao partido agricultor, ao verdadeiro partido trabalhador, mesmo; esse povo brasileiro, quer é menos impostos (78,3%) e mais condições de trabalho (82,1 %).

Pasqualini costumava repetir que o povo quer coisas simples. Os governantes é que complicam. E complicam, mais ainda, ao fazerem exatamente o contrário do que sempre defenderam quando estavam na oposição.

Bastou menos de três meses de governo para que a popularidade de Luiz Inácio Lula da Silva caísse. E vai despencar cada vez mais, se continuar renegando sua própria história política. A mesmice administrativa é o que tem matado os governos. E o governo Lula está sendo governo FHC com o apoio do PT.

Do Jornal

Rotta

Março 2003

Data : 01/08/2011

Título : PASSAGEM DE TROPAS EM PASSO FUNDO

Categoria: Artigos

Descrição: A 4 de setembro noticiava-se que 3 mil pessoas se propunham espontaneamente, em Cruz Alta, a defender a Legalidade.

### PASSAGEM DE TROPAS EM PASSO FUNDO

A 4 de setembro noticiava-se que 3 mil pessoas se propunham espontaneamente, em Cruz Alta, a defender a Legalidade. Em Passo Fundo, homens e mulheres, em grande número se apresentavam como voluntários nos quartéis do 1/20 RC (Exército) e do 2º BP (Brigada Militar).

Entre 1h e 5h do domingo (3 de setembro) cruzaram pela Avenida Brasil, atravessando a cidade, em direção a Vacaria e Lages, sob o aplauso da população que saiu às ruas, em plena madrugada, cerca de 2.500 homens pertencentes ao 6º RAM, de Cruz Alta. Os combatentes eram comandados por um coronel. Iam em ônibus "Pullmann", caminhões, ônibus comuns e viaturas do Exército. Durante o dia cortaram a cidade, cinco composições ferroviárias, com homens do 17º RC de Santiago. Eram um Regimento de Cavalaria, um Corpo de Artilharia, uma Companhia de Comunicações e elementos do Hospital Militar, sob o comando do capitão Victor José Linder. Este capitão informou que todo o Quartel do 17º RC, sob o comando do general Oromar Osório, totalizando cerca de 1.200 homens (só de Santiago) estava em Marcha.

No dia 4 de setembro as tropas do III Exército já alcançavam Santa Catarina, segundo declaração do general Cordeiro de Farias, "comandante legal do III Exército", e eram enviadas tropas do Exército, Marinha e Aeronáutica para atacarem os legionários que marchavam do Sul.

Nessa mesma data, mais tropas do 6º RAM, de Cruz Alta, ao passarem por Passo Fundo, confirmavam que quase 3 mil pessoas se alistaram voluntariamente naquela cidade.

As mulheres passo-fundenses, através da Cruz Vermelha e do Comitê Pró Legalidade e outras entidades do mesmo gênero mobilizavam a população que se alistava em massa como voluntários.

Nesse mesmo dia a maioria das tropas que marcharam para o Norte já e encontravam em solo catarinense. Enquanto isso, tropas do I Exército (Rio de Janeiro) e do II Exército (São Paulo), também entravam em Santa Catarina. As cidades de Joinville, Blumenau e Laguna



(abrangendo o Litoral) se constituíam em teatro de estacionamento de tropas, o que causava preocupação aos moradores.

Milhares de homens já haviam passado por Passo Fundo, rumando a vários pontos de Santa Catarina. Dentre eles figurava “o disciplinado e valoroso 4º Regimento de Cavalaria sediado em Santiago, nesse Estado”. O grosso da tropa está em Santa Catarina tendo ontem chegado aqui, via rodoviária, um esquadrão. Seus Componentes estacionaram nesta cidade, sendo ovacionados pelo povo, alojando-se no Quartel do 1/20 Regimento de Cavalaria”, na definição de O NACIONAL.

Oficiais do 4º Regimento de Cavalaria de Santiago informaram que esta é a última turma do regimento que transita por Passo Fundo. É um esquadrão de Comando, que tem à frente o major Gilson Castro Correa de Sá, constituído de cem homens, sendo 9 oficiais e 91 praças. Os oficiais que integram a turma de militares que se acham em Passo Fundo, são os seguintes: major de cavalaria Gilson Castro Correa e Sá (comandante), major de cavalaria Francisco Torres Nogueira da Gama, capitão de cavalaria Humberto França da Costa, primeiro tenente de cavalaria Evaldo Lima Moraes, primeiro tenente de cavalaria Nilo da Silva Macedo, segundo tenente Dante Vilson Alves Pereira; primeiro tenente Mus Edmar Glória Ribeiro; segundo tenente de cavalaria Raimundo Nonato de Carvalho Melo e segundo tenente José Maria Gadelha Caetano.

Do livro

A Campanha da Legalidade em Passo Fundo

Data : 16/01/2009

Título : Pássaro cego

Categoria: Poesia

Descrição: pássaro cego na gaiola que não canta porque

pássaro cego

pássaro cego na gaiola

que não canta porque

tem o bico cerrado

por grades de aço

pássaro cego pássaro

humano que entre

grades de aço vê  
as serras os vales  
as montanhas e os  
vergéis onde nasceu  
sonho  
pássaro cego pássaro  
preso entre as grades  
da fábrica imensa  
que vê na realidade  
homens caminhando  
para o aniquilamento

pássaro cego rompe  
essa gaiola com  
teu bico de aço  
derrete os ferros da grade  
e voa aos campos  
verdes serras vales  
montanhas e vergéis  
de teu país natal

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 11/05/2008

Título : Passo Fundo - de Campos e Matas a Metrópole Regional

Categoria: Artigos

Descrição: Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o território do nosso país já era habitado ...

Passo Fundo - de Campos e Matas a Metrópole Regional

## 1. Os Portugueses e os Descobrimentos

Portugal é um país latino. Sua e nossa língua é originária da língua falada pelos soldados e o probrerio romanos, uma língua neolatina. Há milhares de anos mantém relações culturais e comerciais intensas com as demais nações mediterrâneas. E, através delas, com os países do Oriente, inclusive, a China e a Índia.

Em 1453 os turcos tomaram Constantinopla e impuseram limites ao comércio europeu com o extremo oriente. A partir daí, os governos europeus procuraram encontrar um novo caminho que lhes permitisse negociar direto com as Índias, como era popularmente conhecida aquela distante parte do mundo.

Uns acreditavam que a terra era achatada e ser possível, contornando a África, chegar às Índias. Pensavam assim, os portugueses. Outros, como Cristóvão Colombo, um marinheiro italiano, a serviço dos reis da Espanha, acreditavam que a Terra era redonda e que, navegando para o Oeste, era possível, também, alcançar o mesmo lugar.

Os portugueses, que se lançaram antes à procura do caminho marítimo para as Índias, chegaram, em 1488, com Bartolomeu Dias, ao sul da África, descobrindo a possibilidade de alcançar o extremo Oriente. Exatamente 10 anos depois, com Vasco da Gama, aportavam às Índias. Nesse mesmo ano, a 12 de outubro, os espanhóis, com Cristóvão Colombo, tocaram na América Central.

### 1.2. O “Descobrimento” do Brasil

No dia 9 de março de 1500, à frente de uma grande armada, com 13 navios e 1200 tripulantes, Pedro Álvares Cabral, saiu de Portugal em direção às Índias. Não seguiu o mesmo caminho de Vasco da Gama, afastando-se bastante da costa africana. A 21 de abril os portugueses aproximaram-se do litoral. No dia seguinte avistaram aves marinhas e à tarde, um monte, que recebeu o nome de Monte Pascoal. A 23 exploraram a margem próxima, encontrando um porto para abrigo da esquadra. Dois nativos subiram a bordo e Nicolau Coelho desembarcou com alguns homens.

Pensando ou fazendo pensar que tinham chegado a alguma região das Índias, os portugueses chamaram os nativos brasileiros de índios, nome que, à época, se dava aos moradores daquele país oriental, conhecidos por indianos.

Até hoje se discute se a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, ao atual Estado da Bahia foi casual, um mero acaso, com os navios arrastados pelas correntes marítimas devido à falta de vento, ou se foi intencional. Há notícias de que outros marinheiros estiveram antes em nosso país. É o caso de Duarte Pacheco Pereira, que no seu livro Esmeraldo de situ orbis, afirma que esteve no Brasil, em 1498.

O historiador brasileiro Capistrano de Abreu, estudando a manobra realizada pela esquadra para chegar a Calicute e de Gaspar de Lemos, para retornar a Portugal, levando

a notícia da chegada ao Brasil, concluiu pela impossibilidade impossível de serem realizadas por quem estivesse perdido.

### 1.3. A Divisão da América

O Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha, em 1494, antes que o Brasil fosse “descoberto”, também fortalece a idéia de que os portugueses já sabiam da existência do continente americano.

O Tratado de Tordesilhas estabelecia um meridiano marcando 370 léguas dos arquipélagos de Cabo Verde ou dos Açores, além das quais, ao oeste, os territórios ficariam pertencendo à Espanha. Com esse tratado, parte do Brasil, o Atlântico sul e o oceano Índico ficaram pertencendo a Portugal.

O Tratado de Tordesilhas, pela imprecisão com que foi redigido, causou muitos problemas diplomáticos entre os dois reinos ibéricos. Tradicionalmente se admite que o meridiano de Tordesilhas passaria, em solo brasileiro, entre Belém do Pará e Laguna, em Santa Catarina. Assim, o Rio Grande do Sul ficaria pertencendo à Espanha. Mapas antigos, porém, apresentam esse meridiano, cruzando pela costa chilena, deixando a maior parte da América do Sul e Antilhas para Portugal.

## 2. Os aborígenes

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o território do nosso país já era habitado há milhares de anos. Segundo alguns historiadores seriam mais de 12 milhões de habitantes, divididos em centenas de nações indígenas, falando centenas de línguas e dialetos.

As principais tribos pertenceriam aos grupos chamados tupis e jês. O tupi, por ser a língua mais falada no Litoral, também ficou conhecida como língua geral. Nos primeiros dois séculos da colonização portuguesa, falava-se uma verdadeira mistura de português e tupi. Os diversos grupos africanos também se fundiram numa espécie de “língua geral africana”, encorpada com elementos portugueses e indígenas. Em meados do século XVIII (1700/1799), o governo de Portugal tornou obrigatório o uso do português, processo importantíssimo para a futura unificação territorial do Brasil.

O longo período em que a língua geral, o nheengatu (o tupi amazônico), e o abanaeega, dos guaranis, foram falados no Brasil contribuiu para que milhares de palavras de origem tupi fossem incorporadas ao vocabulário português empregado deste lado do Atlântico, especialmente nomes de plantas, animais e acidentes geográficos. Notam os lingüistas que o indígena exerceu influência, inclusive, sobre a sonoridade do português falado em nossa pátria. A mesma lição se aplica às línguas trazidas da África.

Ademais, a miscigenação, cruzamento entre os colonizadores portugueses e as mulheres nativas, criou um dos tipos humanos mais característicos do Brasil, o mameluco, também conhecido como caboclo. Alguns antropólogos nominam como caboclo ao filho de índios.

E visto estarmos falando sobre cruzamentos entre as raças formadoras da nação brasileira, abramos um parênteses. Outro tipo humano característico de cruzamentos inter-raciais é o mulato, consequência da união entre brancos e negros. O mulato ao unir-se ao negro gera o cabra. Nascido no Brasil, filho de negros é crioulo. A mistura de todos esses intercruzamentos é o pardo. Outro tipo característico da miscigenação é o cafuzo ou curiboca, fruto do índio cruzado com o negro.

As crenças originais dos indígenas, apesar da repressão desenvolvida pelas ordens religiosas cristãs, misturaram-se (sincretismo religioso), com as antigas crenças dos negros.

A influência dos índios também se manifestou no folclore, com o curupira, a iara, a boitatá e tantas outras lendas e contos populares, conforme é lembrado pelos folcloristas. Além disso, hoje, a grande maioria dos brasileiros, carrega em suas veias alguma quantidade de sangue indígena.

## 2.1. A Ocupação do Brasil

Durante os primeiros anos que se seguiram à chegada dos portugueses ao Brasil, como aqui não encontrassem as especiarias que buscavam às Índias, nem ouro, pedras preciosas ou qualquer outra mercadoria que oferecesse lucros reais e imediatos, o novo território foi relegado a segundo plano.

Apenas o comércio de pau-brasil, que servia para a indústria de tinturaria, e era cortado pelos índios do litoral, em troca de machados e outras ferramentas, interessava aos negócios com a metrópole. Entretanto, a presença de embarcações francesas, que negociavam o produto com os nativos, levou o rei de Portugal a realizar expedições militares para reprimir esse tipo de pirataria e, no ano de 1534, iniciou o sistema de Capitânicas Hereditárias, seguindo experiências já postas em prática nas colônias africanas. Os donatários incentivaram a vinda de colonos portugueses e a produção de açúcar, porém, só as capitânicas de Pernambuco e São Vicente, em São Paulo, prosperaram.

## 2.2. O Trabalho Escravo

Para a indústria de açúcar os colonizadores precisavam de mão-de-obra. E só podiam usar o trabalho escravo. Começaram por escravizar os nativos, mas os índios não se submetiam facilmente, fugindo para o meio das florestas. Muitas vezes realizaram grandes revoltas, pondo em risco a própria presença do homem branco no solo brasileiro.

Diante disso, restou apenas aos colonizadores apelarem para a escravidão dos africanos, em cujos territórios os portugueses estavam assentados há mais tempo. Transportados para um continente estranho, sem a possibilidade de encontrar refúgio entre parentes ou aliados, aos negros não restou, de início, outra alternativa além de submeterem-se ao regime escravocrata. Mais tarde, quando já aclimatados ao solo brasileiro, é que fugiam

para as florestas, especialmente em locais protegidos por acidentes geográficos e se organizavam em quilombos.

### 2.2.1. Os Quilombos

Os contrabandistas de “gado humano”, como eram classificados os escravos, não precisavam esforçar-se para conseguir a vergonhosa mercadoria. Rivalidades tribais faziam com que populações inteiras fossem presas pelas etnias inimigas e trocadas por fumo, cachaça e outras quinquilharias. Nesse hediondo comércio os ingleses firmaram as bases da revolução industrial e a estabilidade da “democracia ocidental”.

Quilombo era, na África daquele tempo, nome aplicado ao local em que os prisioneiros ficavam concentrados até que os navios negreiros, em que eram transportados os escravos, aparecessem para conduzi-los ao lugar onde seriam vendidos. Os quilombos eram praças fortificadas, cercadas de fossos e paliçadas, impedindo que os presos conseguissem evadir-se.

No Brasil esse tipo de fortificação, ainda que conservando o mesmo nome, adquiriu finalidades diametralmente opostas: servir como refúgio e proteção dos escravos fugidos, impedindo a entrada dos escravagistas. Quando nos aprofundamos no estudo da História ficamos sabendo que quilombo encerra um sentido eminentemente técnico. Na África, era a fortificação que impedia a saída dos prisioneiros e, no Brasil, o mesmo tipo de praça forte não permitia que os caçadores de escravos fugidos entrassem. Hoje, mais do que uma obra de engenharia, quilombo adquiriu um conteúdo político recentíssimo, significando qualquer local habitado por famílias de origem africana.

Na região de Passo Fundo desconhecemos notícias de quilombos no sentido original do termo. Aqui, como teremos a oportunidade de demonstrar, os negros que buscavam a liberdade, refugiando-se no interior das florestas, eram acolhidos nas próprias aldeias indígenas. Acabaram consorciando-se com os nativos e absorvidos pelos seus hospedeiros, especialmente, os caigangues. Por isso, muitos índios têm a pele mais escura do que outros do mesmo grupo, numa clara demonstração de mestiçagem racial.

### 3. Os Portugueses e a Miscigenação

Há milhares de anos o sul de Portugal era povoado por povos de pele escura, “negróides”. Povos de pele branca invadiram, por diversas vezes, a região e se fundiram com os primitivos moradores, originando os “trigueiros”, correspondentes lusitanos dos nossos caboclos. A trigueira, chamada carinhosamente de trigueirinha, é uma constante e eterna fonte de inspiração para os poetas portugueses, a exemplo da cabocla e da caboclinha, responsável por muito do lirismo brasileiro.

A atração do português pela mulata, vem dessa época. Até parece um verdadeiro complexo de Édipo.

Essas invasões de Portugal deram origem a um povo mestiço, convivendo e encastilhando loiros, de olhos azuis, e trigueiras, de olhos negros, mistura que fez surgir os famosos “olhos verdes, matadores”, cantados pelos grandes românticos portugueses. E foi exatamente esse povo de mestiços que descobriu e colonizou o Brasil.

### 3.1. A Poliandria

Aqui a mistura continuou ativada pela facilidade com que os índios aceitavam a presença dos estrangeiros.

A poliandria, isto é, o “casamento” de uma mulher com vários homens, que aparece nos relatos de viajantes e missionários como autêntica promiscuidade sexual, facilitou a miscigenação. Os índios costumavam entregar suas mulheres, filhas e irmãs para que passassem as noites com os visitantes, costume que facilitou o cruzamento inter-racial.

A liberdade sexual entre os índios (ou mais precisamente entre as índias) era de tal monta que não conseguiam entender o celibato sacerdotal. Há relatos de que seminários precisaram ser murados para evitar o assédio das índias aos religiosos.

Tudo isso contribuiu para facilitar a miscigenação entre portugueses e índios, mistura que se ampliou com a vinda de africanos e a presença de piratas franceses, ingleses e holandeses, que também concorreram, desde os primeiros anos da colonização, para ampliar toda essa mistura racial.

## 4. A Ocupação do Sul

A ocupação do que viria a ser o Rio Grande do Sul começou pelo litoral de Santa Catarina e Paraná. O local foi visitado por piratas franceses, que fizeram amizade com os índios Patos ou Carijós, que habitavam o litoral, de Cananéia, em São Paulo, à Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul.

Os patos ou carijós, formavam uma tribo da nação guarani, originária do Paraguai. Esses índios, extremamente místicos, realizavam grandes migrações, instigados por seus pajés. Estes tinham momentos de êxtase e revelavam que numa determinada direção ficava Yvy-maraey, a terra sem males, uma espécie de paraíso. Numa dessas revelações apontaram a ilha de Santa Catarina como a “terra sem males”. Ali contataram com os brancos; primeiro os franceses, depois os espanhóis e, posteriormente, os portugueses, que acabaram dominando o território.

A explicação mais coerente para o nome carijó, é que viriam a formar uma espécie de subetnia originária da mistura entre os marinheiros europeus (caari, brancos) e os índios (yu ou yo, acobreados), nome (carijó), que passou a denominar as galinhas e outras aves domésticas, com a mistura de plumas brancas e pretas.

Em 1516, o navegador espanhol Juan Días Solís, descobridor do Rio da Prata, manteve contato com os índios charruas, no Uruguai. Desceu à praia. Foi morto e, juntamente com

outros sete integrantes de sua marinhagem, devorado por esses nativos. Pouparam apenas o marujo mais jovem, Francisco del Puerto. Diante da cena assustadora os demais marinheiros fugiram, com seus navios, um dos quais afundaria, perto da Ilha de Santa Catarina, sobrevivendo onze marinheiros.

Os sobreviventes foram acolhidos pelos patos, misturando-se aos hospedeiros, começando a dar origem aos “carijós”. Um desses marinheiros, o português Francisco Pacheco, era mulato, gerando tapuyunas, isto é tapuya (índio), una (preto), índios pretos.

#### 4.1. Os Aborígenes Gaúchos

Como vimos em antes, os primeiros contatos dos portugueses com os indígenas do Rio Grande do Sul foram com os patos. Cedo estes índios se misturaram com os brancos e passaram a ser mais conhecidos como carijós. Nem sempre esse contato foi amistoso. Logo os colonizadores precisaram de mão-de-obra para as suas lavouras de cana-de-açúcar e começaram a escravizar os índios do litoral do que viriam a ser Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os índios fugiram para o interior, passando a disputar espaço com outras tribos, como é o caso dos caingangues, que, escapando aos escravizadores, teriam migrado de onde hoje estão os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Os carijós, em 1600, dominavam toda a região do Campo do Meio, no que viria a ser o futuro município de Passo Fundo.

Extremamente religiosos, os carijós praticavam a feitiçaria. Feitiços com sapos, para matar desafetos, que ainda se recomendam em magia negra, eram praticados por esses índios. Viviam em constantes guerras com os guaianases, ao Norte, e os charruas e tapes, onde hoje se situa o Rio Grande do Sul.

Aliás, nas décadas iniciais do século XVII (1600), quando os primeiros brancos, jesuítas vindos do Paraguai, se fixaram em Passo Fundo aqui encontraram os tapes, onde atualmente é a nossa cidade, e os caingangues, mais ao norte, ao leste e ao sul, chegando até onde hoje se situam a vila Luiza e a vila Carmem. Além, é claro, como já vimos, dos carijós, no Campo do Meio.

Portanto, vamos deixar bem claro, quando os brancos chegaram a Passo Fundo, aqui estavam fixadas três “nações” indígenas bastante distintas: os carijós, de origem guarani, procedentes do Paraguai, pelo antigo caminho de Peabiru, que partindo do litoral de Santa Catarina e Paraná, chegava à Cordilheira dos Andes; os tapes, que eram índios guaranizados, possivelmente de origem andina, e os caingangues, também conhecidos como coroados, botocudos ou bugres, do grupo Jê.

#### 4.2. O Escravismo no Brasil

Quando se fala de escravidão é preciso deixar bem clara uma coisa: na África e no Brasil, os escravagistas sempre contaram com aliados entre os nativos. As lutas entre as diversas etnias, tanto de negros quanto de índios, favoreceram a escravidão.



Eram negros caçando negros e índios caçando índios, para venderem aos traficantes de seres humanos.

No município de Passo Fundo, as coisas não se passaram de maneira diferente. Os carijós, em especial, costumavam empreender guerras às outras tribos, particularmente aos tapes e charruas, e vendiam os aprisionados como escravos aos bandeirantes.

#### 4.3. A Disputa Pelo Território Passo-fundense

Desde o início da povoação branca da América do Sul, portugueses e espanhóis disputavam o território passo-fundense. Como não tinham notícias de existência de metais ou pedras preciosas o território ficou entregue aos seus habitantes nativos.

Quando o desinteresse acabou, em 1631, Portugal e Espanha estavam unidos sob a coroa espanhola. É um detalhe pouco salientado pelos historiadores. O domínio castelhano sobre a pátria de Camões durou de 1580 a 1640, período em que os bandeirantes, numa ousadia geopolítica única na história universal, aproveitando-se da condição, que eles sabiam passageira, de “súditos espanhóis”, ampliaram seus domínios através de entradas e bandeiras. Essa “ocupação”, pelos “súditos espanhóis” de fala portuguesa, assegurou, mais tarde, pelo “*utis possidentis*” - espécie de usucapião internacional - a posse de vastíssimas regiões, inclusive Passo Fundo, para Portugal. Direito que se transmitiu ao Brasil, herdeiro natural das conquistas bandeirantes, bandeirantes que eram, fundamentalmente, brasileiros, ou seja, brancos, mamelucos, crioulos e negros.

#### 4.4. Reduções Passo-fundenses

Com a criação da Província do Paraguai, em 1607, a política espanhola com relação à região onde surgiria Passo Fundo, mudou bastante. Em 1609, jesuítas espanhóis penetraram na região de Guaíba, estabelecendo missões entre os índios, dentro de uma política de contenção do avanço paulista para o interior. Em 1628, bandeirantes destruíram as 13 reduções ali organizadas pelos padres castelhanos, aprisionando milhares de índios e provocando a fuga dos demais para as regiões do Uruai e do Tape.

O padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, dois anos antes, já havia estabelecido uma redução em São Nicolau, no atual Estado do Rio Grande do Sul.

O desinteresse acabou em 1631 quando os jesuítas espanhóis estabeleceram a redução de San Carlos del Caapi, nas proximidades de Pinheiro Marcado, perto das nascentes do Jacuizinho, um afluente do Jacuí Mirim, hoje no município de Carazinho. E este é um ponto importantíssimo: os primeiros conquistadores eram jesuítas, mas estavam a serviço dos reis da Espanha. Foi a primeira fixação de brancos em território passo-fundense.

A localização dessa redução ainda é discutida por historiadores. Levando em consideração antigos mapas, alguns afirmam que ficaria perto da atual cidade de Santo Cristo. E que o próprio “caminho do Caapi”, por ali se localizaria. Relatos jesuíticos, porém,

afirmam que San Carlos del Caapi ficaria a um dia de caminhada de Santa Tereza del Curiti, o que seria impossível, caso se situasse nas proximidades de Santo Cristo.

No ano seguinte, 1632, os mesmos jesuítas fundaram outra redução: Santa Teresa del Curiti, também conhecida como Santa Tereza de los Piñales, de início no Povinho Velho, próximo às nascentes do Rio Jacuí Grande ou Jacuí Verdadeiro e do Rio Passo Fundo ou Uruguai Mirim, que significa Uruguai Pequeno. A proximidade com os caigangues, que dominavam as matas e serras adjacentes e com os carijós, no Campo do Meio, que não aceitaram a pregação dos padres espanhóis e passaram a hostilizá-los, instigados por seus pajés, fez os jesuítas, também temendo um ataque dos bandeirantes, mudarem a redução para o Rincão do Pessegueiro, hoje pertencente ao município de Ernestina, em pleno território controlado pelos índios tapes, que, mesmo amigos dos guaranis, dos quais, os carijós, eram originários, viviam em guerras com as tribos vizinhas.

#### 4.5. Religião e Política

Contam alguns historiadores que os jesuítas espanhóis vieram para Passo Fundo a pedido do cacique tape Guaraé, desejoso de que seus governados recebessem os ensinamentos cristãos. Como os bandeirantes já incursionavam à Depressão Central gaúcha e, usando pombeiros, nome dado a espiões que se aproveitando da hospitalidade indígena, efetuavam levantamento da tribos para posterior ataques dos escravizadores de índios, é possível que Guaraé chamasse os padres para fortalecer-se contra os paulistas, aliados aos carijós, tradicionais inimigos dos tapes.

Não se pode esquecer que os jesuítas portugueses, dentro do chamado “direito divino”, eram fiéis ao governo de Portugal e os jesuítas espanhóis, também dentro do mesmo “direito divino”, serviam aos reis de Espanha. Todos eles pregavam a chamada “guerra justa”: o direito de que os “gentios”, nome dado aos índios não cristianizados, que não aceitassem o cristianismo, poderiam ser escravizados. Na região de Passo Fundo, os jesuítas espanhóis armavam os índios por eles convertidos ao catolicismo para combaterem os nativos que não aceitavam suas pregações ou que se aliavam aos portugueses, como eram chamados os bandeirantes.

Com a vinda dos jesuítas espanhóis para a região de Passo Fundo, a rivalidade entre os três povos indígenas só aumentou. Como os padres castelhanos aldearam os tapes tanto os carijós quanto os caigangues não gostaram. Seus sacerdotes, os pajés, se revoltaram contra os inacianos e chegaram a provocar um levante, conhecido como “Revolta dos Pajés”. Atacaram a redução de Santa Teresa, que ficava no Rincão do Pessegueiro, em Ernestina, mas terminaram repelidos pelos jesuítas e os tapes.

Além da união dos padres espanhóis com os seus tradicionais inimigos, carijós e caigangues não aceitavam a monogamia imposta pelos religiosos cristãos, querendo continuar o tipo de regime familiar a que estavam acostumados, baseado na poliandria (uma mulher vivendo com vários homens) que, talvez por influência dos brancos, estava se transformando na poligamia (um homem vivendo com várias mulheres).

Além disso, tanto carijós quanto caigangues, praticavam o politeísmo (acreditavam em vários deuses) e desenvolviam a magia negra (bruxaria e feitiçaria), que contrariavam os princípios bíblicos preconizados pela Igreja. Os tapes também eram politeístas.

Sabedor de que os paulistas tramavam uma investida às reduções espanholas, o padre Cristóban de Mendonza, considerado o introdutor do gado entre os tapes e o primeiro tropeiro gaúcho, quando tentava converter os índios da região de Caixas do Sul e lançá-los contra o bandeirante Raposo Tavares que, entrando pelo Litoral gaúcho, ameaçava as reduções espanholas, foi trucidado, juntamente com os catecúmenos (índios convertidos) que o acompanhavam.

Diante da impossibilidade de converter carijós e caigangues e da tradicional hostilidade destes aos tapes, que habitavam o local onde hoje se situa a cidade de Passo Fundo, era inevitável que os portugueses, como os espanhóis chamavam os bandeirantes paulistas, atacassem as reduções montadas pelos jesuítas espanhóis, em nossa região.

#### 4.6. A Religião dos Aborígenes

Os três povos indígenas que habitavam Passo Fundo eram politeístas.

Os carijós, também conhecidos como ibianguaras, criam numa divindade protetora chamada Munhã e nas almas dos mortos, a que davam o nome de Anga, e tinham duas classes de sacerdotes: os iroquiarias, que eram dançarinos, para ser mais claro: deveriam promover certos rituais ancestrais assemelhados a alguns praticados pela umbanda e o candomblé, e os apicarés, mágicos, que seriam algo parecido com a personagem central da novela O Profeta, exibida recentemente pela Rede Globo. Com certeza, praticavam alguns exercícios de magia negra, como amarrar um sapo em uma árvore, até que morresse, ou enterrar um ovo sob a rede dos desafetos.

Os caigangues, também conhecidos como coroados, botocudos e bugres, acreditavam em Topen, uma divindade boa, em Detcori, um deus mau, correspondente ao Diabo dos cristãos, e em Acupli, a alma dos mortos, mais ou menos como os espíritos desencarnados dos espíritas ou os santos católicos. Eram espíritos protetores.

Igualmente idólatras, os tapes acreditavam em muitos mitos, entre os quais um animal fabuloso, parecido com um carneiro, dotado de garras e dentes, como as onças, e muito feroz, chamado Ao.

Foi esse território habitado por nações inimigas entre si, com costumes familiares e idéias religiosas tão diferentes do que era pregado pela Igreja Católica, o lugar em que o padre Francisco Ximenes organizou as reduções de San Carlos del Caapi (1631) e de Santa Teresa del Curiti, no ano seguinte. Aqui também morreria, nas mãos de índios que não aceitavam a presença dos tapes e dos seus aliados, os jesuítas espanhóis, o padre Cristóban de Mendonza, introdutor do gado em nossa região e, por isso, considerado, o primeiro tropeiro gaúcho. O gado trazido pelo padre Cristóban de Mendonza daria origem à Vacaria dos Pinhais.

#### 5. Bandeirantes Expulsam Espanhóis

A idéia de anexar, definitivamente, o território do atual Estado do Rio Grande do Sul à província do Paraguai provocou imediata reação dos bandeirantes paulistas, que já controlavam o litoral norte gaúcho e mantinham relações com os índios que se opunham aos tapes, aliados dos espanhóis.

Em 1865, Solano Lopes ressuscitaria o sonho de dois séculos e tanto atrás. Invadiu o Rio Grande do Sul, provocando nova reação armada dos brasileiros. Se Igaí, no século XVII, constituiu-se num baluarte da reação dos brasileiros às pretensões paraguaias, Passo Fundo contribuiu com o concurso do sangue de seus filhos para repelir a invasão guarani e durante toda a guerra contra o Paraguai.

O bandeirante André Fernandes atacou a redução de Santa Teresa, no Rincão do Pessegueiro, em Ernestina. No dia 23 de dezembro de 1637 o aldeamento caiu em mãos daquele bandeirante, comandando um exército de paulistas, índios carijós e negros. Não houve resistência alguma. Aprisionaram mais de 4 mil índios. Os jesuítas espanhóis acabaram expulsos e o comando espiritual passou para o padre jesuíta Francisco Fernandes, filho do próprio capitão André Fernandes.

Uma vez dominada Santa Teresa, os bandeirantes “assolaram” o Tape, segundo a expressão consagrada pelos historiadores, e dominaram todas as reduções existentes na região. André Fernandes permaneceu em Passo Fundo durante quatro anos, mudou o nome do lugar de Santa Teresa del Curiti ou Santa Teresa de los Piñales para Igaí, como os nativos nominavam o atual rio Jacuí.

Pouco depois de André Fernandes chegava outro bandeirante, Fernão Dias Paes Leme, imortalizado por Olavo Bilac no “Caçador de Esmeraldas”. Veio pela trilha indígena do Mondecaá (mato das armadilhas), entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha, conhecida como Caapi (caminho da floresta), de Passo Fundo, na direção da Fronteira. Tratava-se de um velho caminho indígena.

Fernão Dias Paes Leme permaneceu pouco tempo na região. Encontrado resistência em reduções situadas ao sul de Passo Fundo retornou a São Paulo com grande número de cativos.

Em 1641 nova bandeira, desceu pelo Uruguai com centenas de brancos e índios bem armados para expulsarem os jesuítas espanhóis das margens do rio. Na quinta-feira santa daquele ano, quando se encontravam na confluência do Uruguai com o Mbororé, sofreram ataques de centenas de índios comandados pelos padres castelhanos. Os bandeirantes, fragorosamente derrotados, destruíram 100 das suas 250 canoas e se refugiaram no entrincheamento de Igaí, em Passo Fundo.

Apesar da vitória, os espanhóis e os guaranis não esperaram para ver. Mudaram-se para terras que hoje pertencem ao Uruguai e para a margem direita do rio, nas hoje províncias argentinas de Corrientes e Entre-Rios.

## 6. Passo Fundo dos Bandeirantes

Os ataques holandeses ao Nordeste, que culminaram com a invasão de Pernambuco, em 1630, e do Maranhão, em 1641, levaram à diminuição do ímpeto bandeirante no Sul, pois suas forças precisaram ser mobilizadas para a expulsão dos protestantes holandeses. Mesmo assim, os brasileiros, sob a liderança espiritual e, possivelmente, também militar do jesuíta português, o paulista Francisco Fernandes, continuaram fustigando os jesuítas espanhóis, os tapes e os guaranis.

Até 1669 há notícias de que os bandeirantes continuavam atuando através do fortim montado em Passo Fundo.

A presença bandeirante no nosso município foi de extrema importância tanto que fortaleceria os argumentos do Barão do Rio Branco na famosa “Questão das Missões”, arbitrada pelo presidente norte-americano Cleveland, em 1895, dando ganho de causa ao Brasil.

O fortim de Santa Teresa, aqui construído por André Fernandes e seu filho, o padre Francisco Fernandes, contribuiu para assegurar o princípio do *uti possidetis* em favor do Brasil, garantindo-nos vastas áreas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Como vimos antes, os primeiros brancos que chegaram a Passo Fundo foram os jesuítas espanhóis, estabelecendo as reduções de San Carlos del Caapi (1631), onde hoje fica o município de Carazinho, e Santa Teresa del Curiti (1632), no Povinho Velho, proximidades do atual município de Mato Castelhano, mudada logo em seguir para o Rincão do Pessegueiro, em Ernestina. Em 1637 Santa Teresa foi tomada pelo bandeirante André Fernandes e rebatizada com o nome de Igaí, cuja guarda espiritual foi entregue ao jesuíta Paulista Francisco Fernandes. Este aqui permaneceu durante vários anos.

Durante pouco mais de cinco anos os jesuítas espanhóis ficaram estabelecidos em Passo Fundo; os bandeirantes paulistas por mais de trinta anos, possivelmente até um meio século. Razões estratégicas e econômicas inviabilizaram a colonização portuguesa de Passo Fundo. Entre essas podemos destacar as lutas contra os invasores holandeses no Nordeste, a procura e descoberta de minerais preciosos no centro do País, e a tentativa de dominar o atual território uruguaio, com a Colônia do Santíssimo Sacramento, a partir de 1680.

## 7. O Destino dos Aborígenes

Dos tapes, em território passo-fundense, ao que tudo indica, restou uma pequena aldeia próximo ao acampamento de Igaí, no Rincão do Pessegueiro. O grosso desses primitivos habitantes passam a fazer parte da história argentina, onde iremos encontrá-los, como combativos lanceiros sempre socorrendo Buenos Aires durante ameaças e invasões estrangeiras.

Os carijós passo-fundenses perdem-se na noite dos tempos, aparecendo apenas como personagens literárias nos primeiros romances gaúchos, como é o caso de *O Vaqueano*, publicado em 1872 por Apolinário Porto Alegre, sob a marcada influência de *O Gaúcho*, editado em 1870 por José de Alencar.

Os caigangues são mais persistentes, encontramos-os, em plena Revolução Farroupilha, enfrentando as forças imperiais.

## 8. A Flora Passo-fundense

Quando os jesuítas espanhóis chegaram a Passo Fundo, aqui encontraram uma paisagem verdadeiramente paradisíaca.

O historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, nascido em 5 de agosto de 1876, que ainda adolescente, conheceu muito bem essa velha paisagem, como tropeiro, conta que o vastíssimo sertão do Alto Uruguai era costeado por uma vasta campanha recamada de butiazeiros. E que as pastagens eram excelentes em toda a parte. Descreve a vegetação como “luxuriante e variadíssima”, destacando o pinheiro brasileiro, predominante em toda a parte. Salienta a presença da erva-mate, através de grandes ervais, encontrados no sertão do Alto Uruguai e mais disseminados, mas também em grande quantidade em todas as matas do município.

Antonino enumera outras madeiras: o angico, a aroeira, o bugre, a cabreúva, o cambará, a canela preta, a cangerana, o cocão, a guajuvira, o ipê, a piúna, o tarumã, o cedro, a grapeapunha, o louro, o açoita-cavalo, a canela-loura, a caroba, o guatambu, o alecrim, a cereja, o carvalho, o coronilho, a guajuvira, a cabreúva, o sassafras, a figueira-brava, o pau-ferro, o rabo de bugio, o araçá, o branquilha, todas empregadas comercialmente.

Entre os frutos silvestres lembra o pinhão, o butiá, o buriti, o ariticum, a cereja, o gerivá, a goiaba, o guabiju, a guabiroba, o guamirim, a jabuticaba, a ovaia, a pitanga, o sete-capotes, a amora, duas variedades de maracujá e o melão de São Caetano.

Todos esses espécimes vegetais foram intensamente explorados. As madeiras de lei, como é o caso dos pinheiros, do angico e do cedro, eram cortadas e, transformadas em tábuas ou, em especial, sob a forma de toras, eram amaradas, formando balsas, transportadas durante as grandes cheias para os portos do Rio da Prata, particularmente, na Argentina, de onde eram exportadas para os mais diversos pontos do globo.

## 9. A Fauna Passo-fundense

A fauna silvestre passo-fundense, também era riquíssima. O mesmo historiador Antonino Xavier e Oliveira, que a conheceu ainda bastante preservada, destaca os seguintes animais, entre os mamíferos: o bugio, o mico, o macaco, a irara, o guaraxaim, o mão-pelada, a lontra, o coati, a ariranha, o zorrilho, a raposa, a raposa-d'água, o cateto, o porco-do-mato, o tamanduá-mirim, o tamanduá-bandeira, a cotia, a paca, o preá, o coelho, a lebre, o rato do campo e do banhado, o morcego, a capivara, a anta, o guará, o gato-do-mato, a jaguatirica, o leão-baio, o leão-de-cara-rajada, o tigre-pintado e o preto, o cervo e os veados branco, pardo, virá e bororó e os tatus etê, mulita, canastra e do rabo mole.

Entre as aves silvestres podiam ser encontrados, o corvo-rei, o corvo-comum, o caburé, o carancho, o gavião, a coruja, o corujão, o penacho, o quiri-quiri, o tesourão e o urutaguá,

todos rapineiros; o tucano e diversos tipos de pica-paus; o periquito, o maracanã, a tiriva, a baitaca e o araguari; o suruquá, o sangue-de-boi, o pirro, a andorinha, a noturna, o sudário, o tenente, o chupim-velho, sanhaço, tapena, gralha azul, gralha amarela, bosteiro, pintassilgo, patativa, caboclinho, bem-te-vi, cardeal, araponga, dragão, tesourinha, corruíra, tico-tico, canário, inhapim, diversos tipos de pombas, jacu perma e jacu vermelho, jacutinga, perdiz, codorna, macuco, inhandu, gaivota, garça, saracura, curicaca, maçarico, pato, mergulhão e biguá.

Representativos dos répteis eram o cágado, lagarto comum e do papo-amarelo, lagartixa, camaleão; entre os anfíbios diversos tipos de rãs, sapos e pererecas e as cobras jararaca, jararacuçu, cuatiara, cascavel, cipó, jararacaí, coral e papa-pinto.

Havia abundância de peixes nos rios passo-fundenses, salientando -se o surubim, o muçum, a joaninha, o pintado, o mandi, o roncador, o jundiá, o bagre, o dourado, a traíra, a voga, a piava, o tambicu, o crumatã, o cará, a saicanga e o lambari.

A variedade de insetos era enorme e a exportação de peles de animais silvestres se constituiu em grande negócio.

## 10. As Riquezas Hídricas

Não podemos esquecer as riquezas hídricas, especialmente num período em que se fala tanto em aquecimento global e poluição das águas. À exceção do Uruguai, que banhava o original município de Passo Fundo, nunca possuímos volumosos cursos d'água, mas devemos lembrar a grande quantidade de banhados e pântanos, responsáveis pela conservação da umidade do solo e a reprodução de inúmeros espécimes animais.

Passo Fundo, tendo por centro a Coxilha Geral é um divisor de águas.

A mais importante bacia hidrográfica do Estado é a do Uruguai. Em Passo Fundo, além do rio que dá nome à bacia, destacavam-se o rio do Peixe (Pirarucê), o Passo Fundo (Uruguai Mirim), que têm praticamente a mesma extensão, cerca de 200 quilômetros cada um, o da Várzea (Uruguai Pitã ou Uruguai Puitã) e o Rio Turvo, todos afluentes da margem esquerda do primeiro.

O Uruguai e seus afluentes banham dezenas de municípios originários de Passo Fundo, tendo sido responsáveis pela elevada produção agrícola, do Alto e Médio Uruguai.

O Jacuí, que nasce há poucos quilômetros da cidade, na mesma coxilha de onde manam o rio do Peixe e o rio Passo Fundo, corre na direção central do Estado, desaguando na Lagoa dos Patos, tendo como principais afluentes, no município, o Portão, o Pinheiro Torto, o Arroio Grande (Marupiara), o Glória, com seus afluentes Herval e Colorado, o arroio grande e muitos outros. O principal afluente, porém, é o Jacuí Mirim, que separava Passo Fundo de Cruz Alta, também conhecido como Jacuizinho. Todavia, o verdadeiro Jacuizinho é um afluente da margem esquerda do Jacuí Mirim.

Outro rio importante de Passo Fundo é o Taquari, também, conhecido como Capingüí, afluente do rio das Antas, que tem como afluentes o Camargo, o Branco e o Marau. Também banhava o município de Passo Fundo, o rio Carreiro.

## 11. Território Dividido

Como vimos, os jesuítas espanhóis dominaram o município de Passo Fundo entre 1631 e 1637, quando foram expulsos pelos bandeirantes. Diante do afastamento definitivo dos paulistas, voltaram a ocupar o noroeste e oeste do Rio Grande do Sul, a partir de 1682, quando fundaram São Borja. Permaneceram no Estado até pouco depois de 1750. Entregando as reduções ao bispo de Buenos Aires afastaram-se definitivamente da região. Os índios não aceitaram esse afastamento e iniciaram a Guerra Guaranítica, liderados por Nicolau Neenguiru e Sepé Tiaraju.

O Tratado de Madri acabou não entrando em vigor e Passo Fundo continuou sob domínio espanhol até 1801, quando José Borges do Canto e seus companheiros expulsaram os espanhóis, ocupando as Missões, onde se incluía Passo Fundo, ficando definitivamente em poder dos portugueses.

O período entre 1750 e 1801 foi muito importante para consolidar Passo Fundo como ponto estratégico. Como os limites entre Portugal e Espanha, a partir dos tratados de El Pardo (1761) e Santo Ildefonso (1777) passavam por Passo Fundo, mais precisamente pelo Campo do Meio, os espanhóis montaram uma guarda no Mato Castelhana, daí ali situar-se um local conhecido como Capão da Guarda, e os portugueses outro além, onde hoje fica o município de Caseros, no Mato Português.

Repetimos: até 1801 Passo Fundo pertenceu à Espanha.

## 12. Os Nomes de Passo Fundo

Nesse período deram-lhe diversos nomes: Curiti, que significa pinhais, em guarani; Santa Teresa del Curiti e Santa Teresa de los Piñales, conforme documentos dos jesuítas castelhanos. A partir de 1637, durante a ocupação bandeirante, recebeu o nome de Igaí, enquanto os espanhóis conheciam o local simplesmente como Piñales (Pinhais). No começo do século XIII (1700 e pouco) já aparece como Campo das 20 Mil Vacas e Vacaria dos Pinhais, até 1765. Já no final da ocupação espanhola é conhecido como Pinarés.

Depois que os portugueses tomaram posse definitiva de Passo Fundo, em 1801, conferiram diversos nomes à região: Alto Jacuí da Vacaria, no princípio do século XIX, Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Passo Fundo, a partir de 1843, Passo Fundo da Cruz Alta e Passo Fundo das Missões, em documentos farroupilhas, entre 1835 e 1845, Nossa Senhora Aparecida do Passo Fundo, até 1889 e simplesmente Passo Fundo, de 1889 para cá.

O rio Passo Fundo, que deu nome à cidade e ao município, aparece com as seguintes denominações: Goio-en (água funda, pelos caigangues), Curiti (pelos tapes e guaranis) Uruguai-Mirim (para diferenciar do Uruguai-Açu, Uruguai Grande, o rio Uruguai), Goio-en-Mirim (mirim, significa pequeno em guarani) e Passo Fundo, até hoje.



### 13. Domínios sobre Passo Fundo

No início da ocupação espanhola, Passo Fundo passou à jurisdição de Buenos Aires, quer dizer, como território argentino, até 1609, quando integrou a Província do Paraguai, sendo ocupado pelos portugueses (bandeirantes paulistas), entre 1637 e 1680, aproximadamente. Depois que os bandeirantes deixaram Passo Fundo, retornou ao controle de Buenos Aires até 1801, quando, definitivamente, anexaram-no ao território português. De 1801 a 1809, sua administração coube ao Comando Militar de São Borja. Pertenceu ao município de Rio Pardo de 7 de outubro de 1809 a 11 de março de 1833 e de 11 de março de 1833 e 28 de janeiro de 1857 integrou o município de Cruz Alta. Em 28 de janeiro de 1857, emancipado, adquiriu autonomia, assumida plenamente no dia 7 de agosto de 1857 com a instalação da Câmara Municipal.

O primeiro morador a fixar residência onde hoje é a cidade, nas proximidades da praça Tamandaré, chamava-se Manoel José das Neves, conhecido como Cabo Neves, em fins de 1827 e inícios de 1828. Concluída primeira Igreja tomou foros de Freguesia, em 26 de janeiro de 1847, de Vila, em 28 de janeiro de 1857, com a emancipação, e de Cidade no dia 19 de abril de 1891.

### 14. O Gado e os Ervais

Quando os bandeirantes expulsaram os jesuítas castelhanos das reduções de Santa Teresa del Curiti e de San Carlos del Caapi, no final de 1627 e princípios de 1638, ficaram, espalhadas pelos campos de Passo Fundo, centenas de cabeças de gado bovino, eqüino e ovino. Das ovelhas não se sabe notícia. Os bovinos, porém, se reproduziram de tal maneira que, a partir de 1682, quando os inacianos espanhóis retornaram ao Rio Grande do Sul, Passo Fundo chegou a ser conhecido como “Campo das 20 mil Vacas”. Em plena Guerra dos Farrapos, de quando por aqui passou, acompanhado de sua mulher Anita e do filho Menotti, Giuseppe Garibaldi, conta que, no Campo do Meio, os famosos “lanceiros negros” farroupilhas laçaram e domaram às pressas os cavalos selvagens, para substituir as montarias estropiadas e cansadas que serviam ao exército republicano rio-grandense.

Com a destruição das reduções castelhanas em Passo Fundo, os caigangues tomaram conta da região, chegando a tal ponto o controle e a extensão do poder dos bugres que os primeiros moradores brancos da atual cidade de Cruz Alta precisaram transferir a povoação do atual local para outro. A atual Cruz Alta situa-se perto de onde existia um bosque dominado pelos botocudos. Os historiadores não precisam a data desses fatos. Seguramente, foram antes de 10 de junho de 1821, quando foi requerida à Junta Governativa da Província, pelos moradores que sabiam assinar, a constituição do povoado.

Depois de 1632 os jesuítas e os guaranis missioneiros exploravam os ervais do primitivo município de Passo Fundo, especialmente no Alto Uruguai e no Botucaraí (Soledade). Depois que retornaram só o conseguiam com expedições compostas por dezenas de homens fortemente armados. Caso contrário, acabariam trucidados pelos guerreiros caigangues. O corte da erva mate nativa obedecia a regras especiais, seguidas à risca

pelos índios. Cortavam apenas os galhos das árvores adultas, e de quatro em quatro anos. Exportavam o produto pelo porto de Buenos Aires e os recursos ficavam em poder da Companhia de Jesus, que administrava as reduções. Os jesuítas, que garantiam a subsistência dos índios, controlavam os recursos auferidos com o gado e outros produtos das reduções.

## 15. A Conquista das Missões

A conquista das Missões, em 1801, constituiu-se num dos episódios mais interessantes da História do Brasil. Com a saída dos jesuítas espanhóis, depois da Guerra Guaranítica, o território ficou sob a responsabilidade de administradores nomeados pelas autoridades coloniais castelhanas.

Esses delegados do poder bonaerense passaram a explorar descaradamente os índios, dilapidando, em proveito próprio, bens e produtos das reduções. Some-se a isso o fato de que os rio-grandenses compravam dos índios esses bens e produtos, aumentando a indignação dos guaranis contra as autoridades castelhanas. Estava, pois, pronto um rastilho de pólvora capaz de explodir com o domínio castelhano. Bastava um palito de fósforo para provocar a explosão.

E esse palito apareceu na pessoa do rio-pardense José Borges do Canto. Desertor do Regimento dos Dragões de Rio Pardo, conhecia muito bem a região missioneira e sabia onde encontrar aventureiros suficientemente corajosos, audazes e com ligações entre os guaranis. Recebeu anistia, armas e munições do coronel Patrício José Correia da Câmara, comandante dos Dragões de Rio Pardo, para que hostilizasse as Missões através da guerra à gaúcha. Juntou um pequeno grupo, obteve o concurso do estancieiro mameluco Manuel dos Santos Pedroso, com uma partida de 20 homens, agregando-se-lhes o tenente Antônio de Almeida Lara, com 12 homens, e o furriel Gabriel Ribeiro de Almeida.

Num ataque fulminante, esses legionários, conseguindo o apoio de caciques e outros índios, em pouco mais de três meses, expulsaram os administradores espanhóis. No dia 23 de novembro de 1801 toda a Província das Missões, onde Passo Fundo estava inserido, passou definitivamente para o domínio português.

Os desertores anistiados, que conquistaram as Missões, foram reincorporados ao Exército Português e generosamente premiados com grandes extensões de terras, formando a base da aristocracia estancieira da região conquistada.

## 16. A Povoação das Missões

Uma vez dominadas as Missões, urgia povoá-las. As terras foram doadas a militares e pessoas que dispusessem de recursos para ocupá-las e enfrentar a ameaça de invasões castelhanas. Ofereceram terras também a homens casados, com experiência militar, o que levou muitos soldados a casarem-se às pressas com índias, dando origem ao missioneiro característico dos nossos dias, com sua cor acobreada, barba rala, bigodão preto caído sobre os cantos dos lábios e cabelos igualmente negros e grossos.

Ao mesmo tempo em que soldados casavam com as índias, os novos conquistadores retiravam grupos inteiros de guaranis e os transmigravam para outras partes do Estado, como Osório e a atual Gravataí. Na prática, reeditava-se a mesma política bandeirante, afastando os índios do seu local nativo, quebrando a ligação deles com a “terra mãe” e enfraquecendo o seu poder de rebelar-se contra os dominadores.

Argentinos e uruguaios, não aceitaram pacificamente a conquista das Missões Orientais, como conheciam a região anexada ao Rio Grande do Sul. Conscientes disso, as autoridades portuguesas, adotaram as medidas acima e trataram de procurar um caminho que encurtasse as distâncias entre São Paulo e a “Província das Missões”.

A alternativa que consideravam mais plausível era a descoberta (ou redescoberta) de um caminho que passava pelo centro do campo dos biturunas, também conhecido como Ibitiru ou Ibiturana, que significa “serra negra”, a densa floresta do Alto Uruguai. Tratava-se, na verdade de um antigo caminho indígena, que teria sido percorrido por jesuítas e guaranis, depois que os bandeirantes tomaram as Missões do Guairá, em 1630.

No atual Território do Rio Grande do Sul esse “Caminho de Ibitiru” entraria pelo Passo do Goi-en, nas proximidades da atual cidade de Nonoai, encurtando em muito a distância até as Missões.

## 17. A “Redescoberta” de Passo Fundo

Para abrir uma passagem que desse direto de São Paulo até as Missões, no Rio Grande do Sul, o governo daquela província determinou que o alferes curitibano Atanagildo Pinto Martins, em 1815, chefiasse uma expedição, que saindo dos Campos de Palmas, penetrasse no Rio Grande, aproximadamente onde hoje está situada a ponte do Goi-en.

Guiava essa força um índio de nome Jongongue ou Jonjong. Pouco sabemos sobre esse vaqueano, mas o que chegou até nós é suficiente para afirmar que ele conhecia profundamente o oeste catarinense e o norte do Rio Grande do Sul. Como essas regiões estavam sob o controle dos caigangues, que opunham pertinaz resistência à presença do homem branco, Jongongue se negou a conduzir a expedição rumo ao passo do Goio-En, preferindo seguir para o leste e depois para o sul, na direção dos Campos Novos, em Santa Catarina. Vadeou o rio Uruguai, num local que ficou conhecido como passo do Pontão, depois mudado para passo do Barracão. Aí ingressou em território gaúcho, saindo nos Campos de Vacaria, atravessou o Campo do Meio, cortou Passo Fundo, rumando para as Missões.

A expedição de Atanagildo Pinto Martins apresentou-se ao comandante militar de São Borja das Missões no dia 17 de abril de 1816, noticiando a “descoberta” de um novo – e mais curto – caminho, ligando a “Província das Missões” ao centro do país. Na verdade, esse trajeto já era conhecido dos índios e, ao que tudo indica, os próprios bandeirantes já o utilizaram para destruir as primeiras reduções espanholas e conduzirem índios para São Paulo.

Alguns historiadores acreditam que esse “novo caminho”, também conhecido como Mondecaá, Caapi e “vereda das Missões” já fosse usado por tropeiros e contrabandistas de mulas. A insistência das autoridades paulistas em “descobrir” o caminho pelo Goi-en também leva a crer que fosse conhecido pelos bandeirantes, pois era utilizado, há séculos, pelos índios.

Uma vez cumprida sua incumbência, Atanagildo Pinto Martins regressou a São Paulo, pelo mesmo caminho, cruzando, de novo, por Passo Fundo. Entre Passo Fundo e Cruz Alta, determinou que os civis integrantes de seu grupo, à exceção de um índio, Antônio Pahy, prosseguissem na direção norte. Enquanto Atanagildo, os demais militares e Antônio Pahy seguiam a salvo de índios hostis, Jongongue e outros seis homens partiram na direção de Nonoai para nunca mais serem vistos.

Anos depois, os primeiros brancos que contataram com os caigangues e participaram das iniciativas para aldear os índios do Alto Uruguai, encontraram testemunhas do massacre de Jongongue e seus companheiros.

Certo é que a decisão de Atanagildo Pinto Martins desagradou a “Junta” paulista responsável por essa expedição. O alferes foi afastado do Exército e nomeado “capitão-comandante” de um “corpo de guerrilhas”, composto de sessenta homens, para lutar contra a invasão das Missões pelo índio guarani são-borjense Andrezito Artigas. Atanagildo permaneceu no Rio Grande do Sul lutando contra os guerrilheiros de Andrezito Artigas, e nessa luta perdeu seu próprio filho Antônio Ribeiro Martins, de 17 anos.

A permanência de Atanagildo no Rio Grande e sua luta contra a invasão castelhana fizeram com que ele conhecesse a região e decidisse mudar-se para as Missões. Retornou a São Paulo para trazer os filhos, a segunda esposa, irmãos e demais parentes. Aproveitou as relações travadas com as autoridades rio-grandenses para obter grandes concessões de terras para si próprio e aparentados seus, em áreas do original município de Cruz Alta. Atanagildo fixou-se onde hoje é Santa Bárbara, seu irmão Rodrigo Félix Martins, montou fazenda em Pinheiro Mercado, hoje Carazinho; José Antônio de Quadros, outro parente dos Martins, recebeu imensa gleba de terras em área lindeira.

Antes disso, diversos militares ganharam grandes áreas de terra no que viria a ser o município de Passo Fundo.

## 18. A Povoação de Passo Fundo

No primeiro quartel do século XIX, podem ser lembrados entre os militares que receberam grandes áreas de terras no futuro município de Passo Fundo, o sargento-mor Domingos da Silva Barbosa, entre Marau e Soledade, Antônio Rodrigues Chaves, pai, Antônio José Landim, Anastácio José Bernardes, Florentino José Soares, Fabrício José das Neves, pai, Atanagildo Rodrigues da Silva, pai, e Antônio José de Mello Bravo, no “Rincão do Botucaraí”, depois Soledade.

Como vimos, a povoação do primitivo município de Passo Fundo começou pela área rural, pelas “bordas” de Carazinho e Soledade. E continuou facilitada pela ação de tropas paulistas, curitibanas e lageanas, que, passando pelo passo do Pontão (no atual município

de Barracão) cruzavam pelo Mondecaá (Mato das Armadilhas, Mato Castelhana) e Caapi (Caminho do Mato).

### 19.1. A Chegada do “Cabo” Neves

Por aqui passou um dia o cabo de milícias Manoel José das Neves, nascido, ao redor de 1790, ao que tudo indica em São José dos Pinhais, distrito de Curitiba, Estado do Paraná, para participar da Guerra da Cisplatina, acabando ferido no combate do Rincão das Galinhas, em 24 de setembro de 1825. O Rincão das Galinhas é formado pela confluência do rio Negro, que nascendo em território gaúcho vai desaguar em pleno território uruguaio.

Ferido de guerra, Manoel José das Neves requereu uma área de terras em Passo Fundo, fixando-se exatamente no local onde, no ano de 1826, o major Manoel da Silva Pereira do Lago, administrador militar de São Borja havia se escondido, amedrontado com a aproximação do caudilho uruguaio Frutuoso Rivera. Este saqueou São Borja e seguiu seu próprio rumo com as carretas cheias de tudo quanto pode carregar. Talvez não seja mera coincidência o fato de que o “cabo” Neves escolhesse o lugar próximo à fonte do Goioexim (água pequena), “Chafariz da Mãe Preta”, onde o major fujão se protegeu. Acompanhavam-no famílias que formaram um grande acampamento. É possível que entre essas famílias estivesse a de Manoel José das Neves.

Essa possibilidade fica evidente com a pressa do cabo Neves (que, na verdade, seria “capitão de milícias”) em tomar posse da terra solicitada era tanta que nem esperou pela autorização. Pegou a esposa, Reginalda da Silva, parentes, escravos, os tarcos que deixara em São Borja e se mandou para Passo Fundo.

Chegando às terras que requerera, no final de 1827 ou princípios de 1828, Manoel José das Neves construiu um rancho provisório, segundo informações de seus filhos, onde hoje está o cruzamento das ruas Uruguai e 10 de Abril, proximidades da atual praça Tamandaré.

Pouco sabemos sobre a vida de Manoel José das Neves. Ao que tudo indica nasceu em Curitiba no ano de 1787 e faleceu em Passo Fundo por volta de 1852. Era casado com Reginalda do Nascimento Rocha ou Reginalda Silva. Segundo o genealogista César Lopes, o casal teve os seguintes filhos: Salvador Neves Paim, Madalena Maria dos Santos, Fabrício José das Neves e Maria das Neves. Esta casou com José Prestes Guimarães, deixando os seguintes filhos: Emília, batizada por Joaquim Fagundes dos Reis em 7 de novembro de 1848, Virgília, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que chegou à presidência da província e a general maragato, e Maria Prestes Annes, casada com Gezerino Annes.

Apesar de passar para a história como “cabo”, é apresentado como “capitão de milícias” pelo historiador Hemetério José Velloso da Silveira e aparece como capitão do Exército Imperial em documentos do período farroupilha.

### 19.2 O Fundador de Passo Fundo

Ao redor da “casa” do novel fazendeiro, agregados e escravos ergueram suas moradias. Apenas a 30 de novembro de 1831 saiu o documento concedendo quatro léguas quadradas de terras para o “cabo” Neves.

Sua propriedade abrangia a maior parte da atual área urbana de Passo Fundo, do rio Passo Fundo ao Pinheiro Torto, mais os campos dos Valinhos, segundo as melhores fontes.

O que distingue a fazenda de Manoel José das Neves, das demais fazendas da região é que ele permitiu a fixação de outros moradores, perto de sua casa, ao longo da “estrada das tropas”. A maioria dos historiadores assegura que a “estrada das tropas” corresponde à atual avenida Brasil; outros dizem que seria a rua Lava-pés.

O certo é que a cidade cresceu às margens da avenida Brasil. Em 1834 o quarto quarteirão de Cruz Alta, correspondente a Passo Fundo, contava com 104 fogões, isto é, 104 famílias de pessoas livres, não levando em consideração os escravos e, provavelmente, muitos agregados. Tal crescimento permitiu a autorização para a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, que se localizava em ponto fronteiro à atual agência dos Correios, porém com a frente voltada para o Nordeste.

Perto da Capela, correspondendo, mais ou menos ao quarteirão hoje formado pela avenida General Neto, e as ruas Coronel Chicuta, Independência e General Osório ficava o Cemitério onde só católicos eram sepultados. Com a chegada dos primeiros luteranos alemães, surgiu o Cemitério dos Acatólicos, às margens da antiga estrada para o Goi-en (Nonoai), hoje rua Teixeira Soares. No local situa-se o Estádio Fredolino Chimango.

### 19.3. Tropeiros e Paulistas

Como vimos antes, o “caminho das tropas” ou “vereda das Missões”, que atravessando Passo Fundo levava ao “passo do Barracão”, era uma picada usada há séculos pelos índios. Por ela passaram as forças de Raposo Tavares, em 1638; o tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu também o teria percorrido, em 1738, e seria atravessado por ousados contrabandistas de tropas em décadas posteriores.

Redescoberto por Atanagildo Pinto Martins, em 1816, três anos depois o tropeiro paulista João José de Barros, que lideraria a criação de Cruz Alta, passou por aqui transportando uma tropa de mulas. Em 1822 Manoel Francisco Xavier e seu filho Francisco, juntamente com escravos e índios ervateiros palmilharia o Mondecaá para montar um carijo em Palmeira, e comprar mulas, na Fronteira, que levou para vender em Sorocaba.

A passagem das tropas de muares, o trânsito de forças militares, a produção de erva-mate e o comércio de couros de animais silvestres, associados à generosidade do cabo Neves em permitir a concentração de moradores em suas terras, viabilizaram o surgimento da atual cidade de Passo Fundo, sendo os fatores determinantes para a prosperidade do município.

Outro ponto que se deve salientar é o tipo humano que colonizou o original município de Passo Fundo: famílias com tradição de colonização, descendentes de homens e mulheres

que, com o trabalho dos seus escravos, tinham desbravado os planaltos paranaenses. Os fundadores do município de Passo Fundo estavam amoldados à exploração do solo e das riquezas naturais, acostumados ao confronto com quem quer que fosse (índios ou espanhóis) que se opusesse aos seus objetivos de conquista do solo. Acostumados a ampliarem seus domínios pessoais a ferro e fogo, aparentados entre si, todos carregavam em suas veias maior ou menor percentual de sangue indígena. Parece que a memória genética lhes assegurava a solidariedade tribal dos ancestrais nativos. Ameaçar a um desses pioneiros, era provocar todos eles.

## 20. Crescimento Vertiginoso

O crescimento de Passo Fundo nos seus primeiros anos foi vertiginoso. O poder público, logo, tomou medidas administrativas para assegurar a cobrança de impostos, instalando pontos para cobrança de tributos ao longo do “caminho das tropas” (Passo Fundo-Lagoa Vermelha), do “caminho do Botucaraí” (Passo Fundo-Soledade).

Nesse processo de submeter a incipiente sociedade civil nascente, representada por Manoel José das Neves, teve papel importante Joaquim Fagundes dos Reis, verdadeiramente nosso primeiro “político”, responsável por liderar a subscrição para a criação da Capela (em terras cedidas pelo “cabo” Neves), exercendo diversos cargos públicos e “articulando” a emancipação de Passo Fundo, através de “acerto” com líderes dos dois partidos, o Conservador e o Liberal, que monopolizavam o sistema político brasileiro da época.

Joaquim Fagundes dos Reis nasceu em Curitiba, onde foi batizado a 21 de dezembro de 1893. Em 1828 se encontrava em Cruz Alta, onde batizou seu filho José. Estava casado com Vicência Pereira de Lima, com quem teve dez filhos. Casou em segundas núpcias com Emília Francisca de Borba, que lhe deu os filhos Lucrecia, Anacleta e Quirino.

Com o surgimento do povoado em terras de Manoel José das Neves, foi designado comissário de polícia de Passo Fundo, em 1830 e juiz de paz, em 1834. Apoiou os farroupilhas, sendo preso e encaminhado para o Rio de Janeiro. Sua libertação foi “paga” pelos revolucionários. Participou dos movimentos para que Passo Fundo chegasse à condição de capela e à emancipação de Cruz Alta. Foi vereador na primeira legislatura, falecendo a 23 de julho de 1863.

Em 1834, uma força exploradora comandada por Bernardo Castanho da Rocha, descobriu os campos de Nonoai, e o “quarteirão” era elevado à categoria de 4º distrito de Cruz Alta, sendo eleito Joaquim Fagundes dos Reis, como Juiz de Paz, tendo como suplentes, Bernardo Castanho da Rocha, Rodrigo Félix Martins e João dos Santos. As autoridades religiosas, nesse ano, aprovavam construção da Capela, que já estaria concluída no final do ano seguinte.

Diariamente aqui chegavam paranaenses, lageanos (catarinenses) e paulistas em busca de terras. Partidas de índios mansos, mamelucos e negros, comandados por brancos que conseguiam juntar alguns “mil-réis”, enfiavam-se pelos matos e serras à procura de ervas nativas a serem exploradas e de peles animais silvestres. Logo descobriram pedras semipreciosas, que acabariam exportadas para a Europa por comerciantes alemães.

Talvez isso explique a presença de tantos “brummeres” entre nossos imigrantes alemães. Caboclos tomavam posse de “terras de ninguém”, afastando os caigangues a ferro e fogo. Assim, quando a Revolução Farroupilha estourou em Porto Alegre no dia 20 de setembro de 1835, encontraria Passo Fundo em franco desenvolvimento.

## 21. A Revolução Farroupilha

A Revolução Farroupilha representou o que de pior poderia ter acontecido para a florescente povoação de Passo Fundo. À exceção de alguns “políticos”, como Joaquim Fagundes dos Reis, a maioria dos passo-fundenses e cruz-altenses apoiaram as forças imperiais.

Os habitantes do Planalto Médio Gaúcho, em sua maioria paulistas e paranaenses, não tinham os mesmos interesses dos fazendeiros da Fronteira. Estes, homens com propriedades no Brasil e no Uruguai, dependiam do charque. Ao contrário, a base da economia planaltina assentava-se no comércio de animais com o centro do país, o extrativismo ervateiro e de peles de animais silvestres e alguma produção de cereais.

Passo Fundo, em 1835, se constituía numa extensão da província de São Paulo. Grande parte dos moradores locais retornou para suas regiões de origem ou aderiu às forças legais. Sirvam de exemplo, Manoel José das Neves, pelo menos por duas vezes preso pelos farroupilhas, no posto de capitão do Exército Imperial, e Atanagildo Pinto Martins – e seu clã familiar -, que rompeu com os farrapos. Atanagildo conduziu os caramurus gaúchos, numa incursão a Santa Catarina, derrotando os revolucionários no Combate de Curitibaanos.

Por aqui passaram forças revolucionárias e legalistas, inclusive acampando em variados pontos do município.

Não ocorreram combates importantes, mas alguns episódios pouco divulgados aconteceram, como a derrota do general Pierre Labatut, mercenário francês, herói da Guerra da Independência. Humilhado pelos ataques que sofreu dos índios serranos, respondeu a conselho de guerra. Mesmo absolvido e reintegrado ao Exército Imperial, acabou com depressão profunda. Recolheu-se à capital baiana, onde faleceu.

A verdadeiramente esfarrapada e faminta infantaria de Pierre Labatut foi uma das diversas forças envolvidas na Revolução Farroupilha que passaram por nossa cidade.

### 21.1. Um Povo em Armas

A conquista das Missões, em 1801, marca a consolidação territorial, humana e econômica do Rio Grande do Sul. A exitosa expedição da cavalaria gaúcha, que imortalizou Borges do Canto, consolidando a imagem do “centauro gaúcho”, presença constante e base de toda a literatura gauchesca de língua portuguesa, praticamente delimitou as fronteiras sul-rio-grandenses e consolidou o poderio dos estancieiros-militares.



A conquista das Missões e a partilha do seu território entre veteranos das guerras de Fronteira, transformou a nova unidade territorial brasileira em área ocupada por “um povo em armas”. Esse fato, como conquista militar de brasileiros – e muitos desses brasileiros naturais da própria Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – será fundamental para garantir a integração definitiva da região ao Brasil. Será, também, fundamental para integrar seus habitantes a todas as campanhas militares posteriores do Brasil e em todas as revoluções. Seis delas: 1835, 1893, 1923, 1924, 1926, 1930, aqui surgidas e lideradas pelos gaúchos; outras duas, 1932 e 1964, com participação marcante dos sul-rio-grandenses

## 21.2. A Revolução do Charque

A Revolução Farroupilha foi obra e arte dos estancieiros gaúchos, em defesa dos seus interesses como produtores de charque. O charque era o petróleo daquela época. Os serviços, a indústria, a agricultura – toda e qualquer atividade econômica – eram movidos pela mão-de-obra escrava. E o combustível que fazia essas máquinas humanas moverem-se era o charque produzido no Rio Grande do Sul e nos países platinos, mormente no Uruguai. E isto, também, é importante porque a maior parte das fazendas uruguaias de criação de gado pertenciam a estancieiros sul-rio-grandenses.

Para baixar os custos de produção do café, do açúcar e de outros produtos exportados pelo Brasil era importante que o preço do charque fosse baixo. Isso prejudicava grandemente e revoltava os estancieiros gaúchos de 1835. Estes controlavam todos os cargos públicos da Província. Com a nomeação de Antônio Rodrigues Braga para presidente da Província, em 1834, os cargos públicos da Província passaram para os conservadores, adversários políticos dos liberais, partido de Bento Gonçalves da Silva.

A demissão dos companheiros de Bento Gonçalves da Silva e dos demais “farroupilhas”, como eram apelidados os liberais, foi a gota d’água. O que aparece como “despotismo”, nos manifestos, discursos e outros documentos dos “farroupilhas”, significa exatamente isso: a substituição dos seus correligionários pelos conservadores. A partir daí, a história é conhecida: o Rio Grande do Sul, durante dez anos (1835 a 1845), foi varrido pela mais demorada revolução brasileira, uma verdadeira guerra civil que ficou conhecida como Revolução Farroupilha.

## 21.2. Terra Promissora

Passo Fundo, ao estourar a Revolução Farroupilha, começara a ser povoada há menos de sete anos. E crescia vertiginosamente. Acabou reduzida a cinco ou seis ranchos, segundo o testemunho recolhido pelo historiador Antonino Xavier e Oliveira entre pessoas que aqui viveram e, portanto, conheceram Passo Fundo daquela época.

O comércio de gados e outros animais, a erva-mate e as madeiras nobres eram as principais atividades econômicas do nascente Passo Fundo. Tropas de animais, atravessando o Mato Castelhana, o Campo do Meio e o Mato Português, cortando os

atuais estados de Santa Catarina e Paraná, seguiam para a Feira de Sorocaba, em São Paulo. Carretas com erva-mate, atravessando Cruz Alta, seguiam para os comércios na Fronteira. Cargueiros, “em lombo de burro”, alternando-se com carretas, tomavam o “caminho do Botucaraí” até Rio Pardo, e dali a erva-mate e o chá de mate, eram levados para os mais diversos pontos onde existissem consumidores para essas abundantes riquezas passo-fundenses.

Se o comércio de animais e de erva-mate representavam as principais atividades econômicas de Passo Fundo, quando começou a Revolução Farroupilha, diversos produtos agrícolas começavam a ser produzidos em abundância. A lavoura, ainda que incipiente, produzia milho, feijão, batatas, amendoim e arroz.

Em 1835 Passo Fundo possuía dois comerciantes: Manoel José das Neves, o primeiro morador, e Adão Schell, alemão, primeiro imigrante estrangeiro a instalar-se na área urbana da cidade. Ambos, fiéis ao governo do Império, abandonaram o município. Manoel José das Neves, no posto de capitão do Exército Imperial, aderiu às forças que combatiam os farroupilhas, e Adão Schell exilou-se no Uruguai, de onde, pacificado o Rio Grande do Sul, retornaria definitivamente para Passo Fundo.

A Revolução Farroupilha dividiu o Rio Grande, e também dividiu Passo Fundo. Joaquim Fagundes dos Reis, José Antônio de Quadros, João Floriano de Quadros, Rodrigo Félix Martins, Manoel Antônio de Quadros e Manoel Joaquim de Britto, apoiaram a Revolução Farroupilha, o que deveria ser natural, pois todos tinham ligação com a Guarda Nacional, que formou a base inicial do Exército Farrapo.

### 21.3. Terra Dividida

Fiéis ao Império ficaram outros fazendeiros passo-fundenses que também deixaram numerosa descendência: Manoel José das Neves, Bernardo Paes de Proença, Manuel de Souza Duarte, Manuel José de Araújo e João da Silva Machado, Barão de Antonina, que residia em Curitiba, dono das fazendas do Arvoredo, do Cedro e do Sarandi.

Outros potentados fazendeiros da região que, de início, apoiaram a Revolução Farroupilha, mais tarde passaram para o lado governista, acompanhando Bento Manoel Ribeiro. É o caso de Atanagildo Pinto Martins, de Cruz Alta, e todo o seu “clã”, que incluía muitos moradores de Passo Fundo e tiveram grande importância no combate aos revolucionários, inclusive em Santa Catarina.

### 21.4. Primeiros Combates

Em 1838 o presidente em exercício da República Rio-Grandense, José Mariano de Mattos teve de abandonar Porto Alegre, assediada pelas tropas legalistas. Seguiu para Lages, pelo primitivo Caminho das Tropas, regressando ao Rio Grande pelo Caminho das Missões. Chegando em Passo Fundo, tomou o Caminho do Botucaraí (hoje Soledade), seguindo para o centro da Província, assediando militarmente a capital gaúcha. Nesse mesmo ano, em fevereiro, o então coronel farroupilha João Antônio da Silveira estava em

operações sobre o Mato Castelhana, para desalojar uma força imperial cruz-altense, comandada por Manoel dos Santos Loureiro, que ali se aquartelara.

Em 12 de janeiro de 1839, no passo do Pontão, estrada de Campos Novos e Curitiba, uma força imperial da qual faziam parte muitos passo-fundenses e cruz-altenses, guiados por Atanagildo Pinto Martins, que abandonara os farrapos, derrotou uma tropa farroupilha comandada pelo tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes, e seus valentes lanceiros negros, vingando a derrota que os imperiais tinham sofrido, pouco tempo antes, no mesmo local diante do incansável campeador republicano.

No final do ano seguinte passariam outras forças por aqui. No dia 5 de dezembro de 1839 o coronel Agostinho Melo pede a Ricardo Antônio de Melo para comunicar a Bento Manuel Ribeiro que, tendo mandado um contingente de 50 homens reunir-se ao tenente-coronel Manuelito Aranha. Essa força foi atacada “para cá da estância do Lara”. Agostinho Melo afirma que a tropa era comandada pelo capitão Lima e que foi completamente destruída, ficando prisioneiro o tenente Saraiva. Apenas o capitão, com dois oficiais e oito soldados conseguiram escapar. Como eram poucos os farroupilhas estacionados em Passo Fundo, o que seria confessado pelos prisioneiros, ordenou que se retirassem para o Botucaraí (Soledade).

Antonino Xavier e Oliveira registra que a força imperial vinha de São Paulo e era comandada pelo capitão Hipólito Machado Dias. Segundo o “pai da história passo-fundense”, o farroupilhas eram comandados por um capitão de nome Felisberto, alcunhado de Carne Preta. Os caramurus fizeram 42 prisioneiros, que não opuseram resistência maior. Eram legalistas “reunidos a ponta de espada”.

## 21.5. O Massacre das Bugras

Hipólito Machado Dias deixou em Passo Fundo um contingente com 150 homens, comandado por um tenente de nome Lúcio. Este, ao que tudo indica, procurando “reunir índios a ponta de espada”, atacou uma aldeia de índios, matando e violentando mulheres, e abandonando as crianças indígenas nas ruas de Passo Fundo. Em princípios de 1840, Bento Manoel Ribeiro passa por Passo Fundo, recolhe os pequenos órfãos, e os remete para Domingos José de Almeida, um dos mais representativos líderes farroupilhas. Recomendava que as crianças fossem entregues a pessoas filantrópicas, que se responsabilizassem pela criação e educação dos adotados. Bento Manoel recomenda que as crianças, sob maneira alguma, fossem tratadas como escravos.

Domingos José de Almeida, que pretendeu escrever uma História da Revolução Farroupilha, ainda em 1860, se preocupava com o destino dos bugrinhos passo-fundenses. Mais precisamente, queria saber como estavam uma “bugrinha tomada ao pé de Passo Fundo” por Bento Manuel Ribeiro “para mandar criar e educar” e sobre uma “menina achada no mato” pelo major Antônio Vicente da Fontoura.

Antônio Vicente da Fontoura, que seria encarregado, em 1844, de acertar a paz com o Império, no Rio de Janeiro, esteve em Passo Fundo, durante largo período. Aqui recolheu dinheiro entre proprietários rurais e manteve uma guarda, no Mato Castelhana, para a cobrança de impostos. Aqui sua esposa deu a luz a Bento Porto da Fontoura, que ao

publicar o livro de poemas Flores Incultas, em 1872, tornou-se o primeiro escritor passo-fundense a editar um livro.

O “massacre das bugras” e o caso dos órfãos sensibilizou Domingos José de Almeida, que responde que os pequenos órgãos índios deveriam ser cuidados à custa da nação, pois os nativos deveriam merecer apreço de todos. A ação legalista contra os índios apenas aumentaria a revolta dos mesmos contra os brancos.

## 21.6. A “Operação Passo Fundo”

O português Francisco José de Souza Soares de Andréa, legalista, exerceu a presidência da Província do Rio Grande do Sul, em duas oportunidades: entre 24 de junho de 1839 e 27 de junho de 1840 e entre 17 de abril de 1841 e 9 de novembro de 1842. Intransigente, aferrou-se ao plano de que os farroupilhas somente poderiam ser derrotados militarmente se conseguissem ser atraídos para um único local. Postos entre dois fogos, não resistiriam.

Um desses planos, poderíamos denominar exatamente de “Operação Passo Fundo”. Aparentemente simples, consistia em atrair para cá o exército farroupilha, cuja maior parte, sob o comando de Bento Gonçalves da Silva e David Canabarro, mantinha um cerco sobre Porto Alegre e “trazer” em auxílio daqueles dois generais os farroupilhas da Fronteira. Para “chamar” os farrapos veio de São Paulo uma força com mais de mil homens, comandada pelo mercenário francês Pierre Labatut, herói das Guerras da Independência. Bento Gonçalves e Davi Canabarro, temendo que Labatut, descendo pela primitiva “estrada das tropas”, que passava por Torres, fosse atacá-los, favorecendo que as forças de Andréa, estacionadas em Rio Pardo, cercassem o exército farroupilha, adotou uma estratégia ousada. Abrindo picadas pela “serra das Antas”, saiu no Campo do Meio, então pertencente a Vacaria, quase caindo na armadilha pensada pelo presidente da Província. Enquanto isso, os republicanos da Fronteira marchavam às pressas para Cruz Alta.

### 21.6.1. Herói Humilhado

Pierre Labatut viu sua tropa esfacelar-se nas serras de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tiveram de abandonar artilharia, armamento da infantaria e munições. Contribuiu para esse esfacelamento a dissolução do corpo militar formado por passo-fundenses e cruz-altenses comandado pelo coronel Antônio de Melo Albuquerque e o afastamento daquele oficial legalista.

Além disso, sofreram ataques dos caigangues, no Mato Português e no Mato Castelhanos. Quando aqui chegou, em 7 de dezembro de 1840, seu exército estava reduzido a pouco mais de 300 homens, “todos mal armados e em um verdadeiro estado de nudez que faz pejo apareça em uma tropa da legalidade, e demais uns três grupos de homens a cavalo intitulados Corpos de Cavalaria e uma bagagem então numerosa de bestas em carga”,

segundo deixou registrado o tenente-coronel Francisco de Arruda Câmara, que fazia parte dessa força.

Pierre Labatut pouco permaneceu em Passo Fundo. Temendo a aproximação das forças de Bento Gonçalves da Silva e David Canabarro, pelo “caminho das Missões” e a subida de outros contingentes farroupilhas, que já dominavam Cruz Alta, tomou o “caminho do Botucaraí (Passo Fundo/Soledade) e marchou na direção de Rio Pardo.

#### 21.6.2. Imperiais Esfarrapados

De Passo Fundo, onde estava acampado, em 5 de janeiro de 1841, Bento Gonçalves informa a Domingos José de Almeida, ministro do Interior que “A deserção de Labatut foi espantosa; sua força reduziu-se a 400 homens; em sua fuga lançou seis bocas-de-fogo no rio das Antas, grande porção de munições etc., etc. O depósito que tinha em Lajes ficou em nosso poder; nele acharam-se 800 armas de infantaria, 40 pistolas, algumas espadas, munições, 200 serigotes e outras miudezas. O povo lageano e bem assim quase todos os homens que acompanhavam o estrangeiro, de Cima da Serra a Vacaria, ou que estavam asilados nos matos se têm apresentado, e mui breve terei uma boa divisão na Vacaria”.

Bento Gonçalves também pouco ficou aqui. Logo seguiu para Cruz Alta. Das forças farroupilhas que passaram por Passo Fundo faziam parte o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, sua mulher catarinense, Anita, e o filho gaúcho de ambos, Menotti. Ficaram acampados onde hoje é a praça Tamandaré e abrigados numa casa, aproximadamente, onde hoje é o Hotel Serrador.

Enquanto a divisão paulista de Pierre Labatut era esfacelada pelos caigangues e “desertores”, na definição do Barão de Caxias, dois anos depois, os farroupilhas, que vieram atrás de Labatut, mesmo cruzando em áreas controladas pelos coroados, não foram atacados pelos selvagens. Segundo historiadores, como Evaristo Afonso de Castro, apenas o fato de que esses índios tenham sido forçados a abandonar suas terras no Paraná, pelos paulistas, justifica a violência com que atacaram o Exército Imperial, sem que tenham tomado qualquer atitude hostil contra os farrapos, conforme descrição de Garibaldi em suas Memórias.

A “Operação Passo Fundo” redundou em grande fracasso para as forças imperiais, representando uma vitória das tropas farroupilhas.

#### 21.7. Outros Combates

No dia 26 de janeiro de 1842 o tenente-coronel Francisco de Melo Bravo, liderança imperial do Botucaraí (Soledade) marchou para o passo do Jacuí. A 31 uma tropa bastante superior de farroupilhas atravessou o referido passo, embaixo de vivo fogo, obrigando os legalistas a recuarem, deixando quatro mortos.

Já no dia 10 de março do mesmo ano, uma partida farroupilha, comandada por João Antônio da Silveira entrou em Passo Fundo, destruindo uma guarda de fronteira do 10º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, comandado pelo mesmo tenente-coronel Francisco de Melo Bravo.

Os legalistas tiveram um morto e outro inválido para sempre. O “anarquista” José Bernardo, como também eram chamados os farroupilhas, foi preso pelo tenente Antônio Portelo, tendo sido encaminhado preso ao comandante da 1ª e 2ª Divisão do Exército Imperial. Saliento que no documento oficial daquela época está grafado tenente Antônio Portelo, o que pode ser um erro, podendo chamar-se Antônio Portela.

A história da Revolução Farroupilha em Passo Fundo guarda a notícia de outros dois combates, um no Arroio Miranda e outro, que teria sido o mais violento, na coxilha entre o arroio Lava-Pés e o Mato do Jabuticabal, possivelmente onde hoje estão localizadas a Vila Independente, o Bairro Edmundo Trein e a Vila Dona Júlia.

A Revolução Farroupilha representou uma verdadeira tragédia para a nascente povoação de Passo Fundo. Quando iniciou contávamos com 140 residências. A agricultura começava a desenvolver-se. Exportávamos diversos produtos, entre os quais a erva-mate e o chá de mate. Com a revolução muitas famílias migraram ou se exilaram no Uruguai. Passada a insubordinação, os colonizadores deram um exemplo, tanto que, no ano de 1836, a estatística oficial registra 1.159 moradores livres em P. Fundo e 1.207, no Botucaraí, que seria distrito de Passo Fundo.

## 22. A Estrada das Missões

A nascente povoação de Passo Fundo enfrentava dois graves problemas de ordem prática: as péssimas qualidades do Caminho das Missões e os constantes ataques dos caigangues a viajantes e moradores no meio rural. Esses dois problemas ganharam repercussão nacional e, a transformação do Caminho das Missões em estrada chegou a ser considerada a obra mais importante e necessária de toda a Província. De início, as passagens pelo Mato Castelhana e Mato Português eram picadas que não davam passagem a carretas.

Em 1º de dezembro de 1832, ao listar diversas obras de infraestrutura importantes para a Província do Rio Grande do Sul, o presidente Manoel Antônio Galvão, assim se expressava: “De todas as empresas desta Ordem, a que me parece dever reclamar a vossa imediata atenção, he a abertura da estrada que conduz ao Registro de Santa Victoria: são guaridas de Bugres as matas denominadas Portuguese e Castelhana: soffrem nas suas Fazendas os viandantes; correm iminentes riscos as suas vidas, e o dispendio de seis contos de reis em que se orçou a obra, quantia de que bem depressa seria indemnizada a Nação com os direitos que cessa de perceber pelas hostilidades do gentio garante tantos males.”

Pouco depois, o Caminho das Missões foi transformado em estrada, mas o empreiteiro realizou um serviço da pior qualidade, como se lê no famoso relatório apresentado pelo presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga, à Assembléia Provincial, no dia 20 de abril de 1835. É o relatório onde denuncia a conspiração farroupilha.

Fernandes Braga assim se refere ao Caminho das Missões: “A nova estrada do Matto Castelhana e Portuguez, que atravessa de Missões para a Provincia de São Paulo, foi dada por concluida pelo arrematante, porem, por informações do Engenheiro que a foi examinar, e de varios Juizes de Paz, consta-me que ella não satisfaz o fim a que se destina, por que não tendo as arvores sido bem cortadas bem junto do terreno, ficarão grandes tóros, que impedem o transito de carretas.

Por este motivo estou deliberado a não mandar satisfazer ao arrematante a ultima prestação, que se lhe deve, em quanto não cumprir exactamente as condições a que se obrigou pelo contracto.”

Pacificada a Província e já terminada a Revolução Farroupilha, em 1º de Março de 1846, ao abrir a segunda Legislatura da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Conde de Caxias informava aos deputados que “Para afugentar os Bugres selvagens que atacavam os viajantes nas picadas dos mattos Portuguez e Castelhana, ordenei ao Tenente Coronel Antonio Maria, Commandante do 2º Batalhão de Caçadores, e da Guarnição de Cruz Alta, que mandasse alargar com mais de 30 braças as ditas Picadas, na extensão de 2 legoas e meia legoa pelo matto Portuguez, e de meia legoa pelo Castelhana, empregando nesse serviço para maior economia, 100 praças do dito Batalhão, vencendo a gratificação de 200 reis diarios, e authorisando-o a chamar paisanos habilitados a esse trabalho, vencendo, alem de uma etapa, 320 reis diarios; esta obra está feita; e é mais uma sofrivel estrada que tem a Provincia.”

Podemos concluir que a transformação do Caminho das Missões, no Mato Castelhana e no Mato Português, picadas onde somente cruzavam animais, em estrada carretável, num total de aproximadamente 20 quilômetros, levou mais de uma década para ser concluída. Contribuiu para isso, a negligência do empreiteiro, e o transcurso da Revolução Farroupilha. A obra só terminou com o concurso do Exército Imperial e paisanos contatados pelo Exército.

Luiz Alves de Lima e Silva, Conde de Caxias, tinha uma grande preocupação com melhorias na Estrada das Missões, no combate aos ataques dos bugres e no aldeamento desses nativos. Em plena Revolução Farroupilha, no dia 28 de agosto de 1844, escrevendo de Caçapava ao marechal Thomas José da Silva, comandante militar de Porto Alegre, comunicava àquele militar que tinha recebido comunicação do coronel Melo, poucos dias antes, de que índios e desertores, aliados, cometiam roubos pelas estradas e estâncias de Santo Antônio da Patrulha, a partir do Mato Castelhana e do Mato Português, aprovando a nomeação do tenente Vila para comandante da Polícia de Cima da Serra. Os ataques eram contra moradores dos atuais municípios de Lagoa Vermelha e Vacaria, então pertencentes a Santo Antonio da Patrulha.

## 22.1. O Caminho das Missões e a Guerra aos Caingangues

Os constantes ataques dos caingangues constituíram o grande problema enfrentado pelos colonizadores de Passo Fundo. Ao contrário da Fronteira e das Missões, onde os primeiros brancos que ali se fixaram eram homens e acabaram, de início, unindo-se às

índias, aqui estabeleceram-se famílias de colonizadores. A exemplo de Manoel José das Neves, Rodrigo Félix Martins e tantos outros, aqui chegavam acompanhados de mulheres, filhos, parentes e escravos.

Como tinham famílias a zelar essa preocupação aumentava. Daí a violência confrontando colonizadores e nativos. Na Fronteira e nas Missões, os brancos, ao se unirem com as índias se tornavam aparentados com os aborígenes, fazendo menos traumática a ocupação. Aqui, os colonizadores não se aproveitaram do “mus”, regime segundo o qual todo aquele que se une a uma mulher da tribo passa a fazer parte da família da índia.

Assim, os ataques dos índios contra as habitações dos brancos eram comuns. Os colonizadores, por sua vez, uniam sua “tribo” e investiam contra as tribos indígenas, realizando verdadeiros massacres, como testemunha o historiador Antonino Xavier e Oliveira, que conheceu muitos desses pioneiros.

O historiador preservou algumas passagens, até curiosas desses primórdios de nossa colonização.

Conta o caso de José Domingues Nunes de Oliveira, que morava na entrada do Mato Castelhana. Fez amizade com os caingangues, conseguindo que não assaltassem as comitivas por ele conduzidas. Quando não podia acompanhá-las emprestava-lhes seu pala, vestimenta que, reconhecida pelos índios, deixava passarem incólumes os viajantes.

Outra feita, pretendendo os índios atacarem o povoado, postaram um espião no alto de um pinheiro. O povoado aparentava deserto. De repente, uma multidão saiu de uma casa. Temendo que todas as casas estivessem cheias, os bugres não atacaram. Era dia de missa. A casa era a Igreja.

## 22.2. A Abertura da Estrada

A nascente povoação de Passo Fundo enfrentava dois graves problemas de ordem prática: as péssimas qualidades do Caminho das Missões e os constantes ataques dos caingangues a viajantes e moradores no meio rural. Esses dois problemas ganharam repercussão nacional e, a transformação do Caminho das Missões em estrada chegou a ser considerada a obra mais importante e necessária de toda a Província. De início, as passagens pelo Mato Castelhana e Mato Português eram picadas que não davam passagem a carretas.

Em 1º de dezembro de 1832, ao listar diversas obras de infraestrutura importantes para a Província do Rio Grande do Sul, o presidente Manoel Antonio Galvão, assim se expressava: “ De todas as empresas desta Ordem, a que me parece dever reclamar a vossa imediata atenção, he a abertura da estrada que conduz ao Registro de Santa Victoria: são guardadas de Bugres as matas denominadas Portuguese e Castelhana: soffrem nas suas Fazendas os viandantes; correm iminentes riscos as suas vidas, e o dispendio de seis contos de reis em que se orçou a obra, quantia de que bem depressa seria indemnizada a Nação com os direitos que cessa de perceber pelas hostilidades do gentio garante tantos males.”



Pouco depois, o Caminho das Missões foi transformado em estrada, mas o empreiteiro realizou um serviço da pior qualidade, como se lê no famoso relatório apresentado pelo presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga, à Assembléia Provincial, no dia 20 de abril de 1835. É o relatório onde denuncia a conspiração farroupilha.

Fernandes Braga assim se refere ao Caminho das Missões: “A nova estrada do Matto Castelhana e Portuguez, que atravessa de Missões para a Provincia de São Paulo, foi dada por concluida pelo arrematante, porem, por informações do Engenheiro que a foi examinar, e de varios Juizes de Paz, consta-me que ella não satisfaz o fim a que se destina, por que não tendo as arvores sido bem cortadas bem junto do terreno, ficarão grandes tóros, que impedem o transito de carretas.

Por este motivo estou deliberado a não mandar satisfazer ao arrematante a ultima prestação, que se lhe deve, em quanto não cumprir exactamente as condições a que se obrigou pelo contracto.”

### 22.3. Questão de Segurança Pública

Pacificada a Província e já terminada a Revolução Farroupilha, em 1º de Março de 1846, ao abrir a segunda Legislatura da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Conde de Caxias informava aos deputados que “Para afugentar os Bugres selvagens que atacavam os viajantes nas picadas dos mattos Portuguez e Castelhana, ordenei ao Tenente Coronel Antonio Maria, Commandante do 2º Batalhão de Caçadores, e da Guarnição de Cruz Alta, que mandasse alargar com mais de 30 braças as ditas Picadas, na extensão de 2 legoas e meia legoa pelo matto Portuguez, e de meia legoa pelo Castelhana, empregando nesse serviço para maior economia, 100 praças do dito Batalhão, vencendo a gratificação de 200 reis diarios, e authorisando-o a chamar paisanos habilitados a esse trabalho, vencendo, alem de uma etapa, 320 reis diarios; esta obra está feita; e é mais uma sofrivel estrada que tem a Provincia.”

Concluimos que a transformação do Caminho das Missões, no Mato Castelhana e no Mato Português, picadas onde somente cruzavam animais, em estrada carretável, num total de aproximadamente 20 quilômetros, levou mais de uma década para ser concluída. Concorreram para isso, a negligência do empreiteiro e o transcurso da Revolução Farroupilha. A obra só terminou com o concurso do Exército Imperial e paisanos contatados pelo Exército.

Luiz Alves de Lima e Silva, Conde de Caxias, tinha uma grande preocupação com melhorias na Estrada das Missões, no combate aos ataques dos bugres e no aldeamento desses nativos. Em plena Revolução Farroupilha, no dia 28 de agosto de 1844, escrevendo de Caçapava ao marechal Thomas José da Silva, comandante militar de Porto Alegre, comunicava àquele militar que tinha recebido comunicação do coronel Melo, poucos dias antes, de que índios e desertores, aliados, cometiam roubos pelas estradas e estâncias de Santo Antônio da Patrulha, a partir do Mato Castelhana e do Mato Português, aprovando a nomeação do tenente Vila para comandante da Polícia de Cima da Serra. Os ataques eram contra moradores dos atuais municípios de Lagoa Vermelha e Vacaria, então pertencentes a Santo Antonio da Patrulha.

## 24. Guerra aos Caingangues

Os constantes ataques dos caingangues constituíram o maior problema enfrentado pelos colonizadores de Passo Fundo. Ao contrário da Fronteira e das Missões, onde os primeiros brancos que ali se fixaram eram homens e acabaram, de início, unindo-se às índias, aqui estabeleceram-se famílias de colonizadores. A exemplo de Manoel José das Neves, Rodrigo Félix Martins e tantos outros, aqui chegavam acompanhados de mulheres, filhos, parentes e escravos.

Como tinham famílias a zelar essa preocupação aumentava. Daí a violência dos confrontos entre colonizadores e nativos. Na Fronteira e nas Missões, os brancos, ao se unirem com as índias, se tornavam aparentados com os aborígenes, tornando menos traumática a ocupação. Aqui os colonizadores não se aproveitaram do “mus”, regime segundo o qual todo aquele que se une a uma mulher da tribo passa a fazer parte da família da índia.

Assim, os ataques dos índios contra as habitações dos brancos eram comuns. Os colonizadores, por sua vez, uniam sua “tribo” e investiam contra as tribos indígenas, realizando verdadeiros massacres, como testemunha Antonino Xavier e Oliveira, que conheceu muitos desses pioneiros. O historiador preservou algumas passagens, até curiosas desses primórdios de nossa colonização.

Conta o caso de José Domingues Nunes de Oliveira, que morava na entrada do Mato Castelhana, fez amizade com os caingangues, conseguindo que assaltassem as comitivas por ele conduzidas. Quando não podia acompanhá-las emprestava-lhes seu pala, vestimenta que, reconhecida pelos índios, deixava passarem incólumes os viajantes.

Outra feita, pretendendo os índios atacarem o povoado, postaram um espião no alto de um pinheiro. O povoado aparentava deserto. De repente, uma multidão saiu de uma casa. Temendo que todas as casas estivesse cheias, os bugres não atacaram a cidade. Era dia de missa. A casa era a Igreja.

### 24.2. Uma Guerra Escondida

O principal problema enfrentado pelos colonizadores paulistas de Passo Fundo foi o conflito com os índios. Trata-se de uma etapa de nossa história que ainda está por ser escrita. Nesse período o território passo-fundense era integralmente ocupado pelos caingangues. Ao falarmos em qualquer uma de nossas nações indígenas pensa-se que elas guerreavam entre si, mas que os índios da mesma “nacionalidade” eram unidos, o que não é verdade.

Os caingangues viviam em constantes guerras entre eles. Guerras que aumentaram em grau de violência, em princípio dos 1800, quando foram expulsos do Planalto de Guarapuava, pelos colonizadores brancos. Só lhes restou um lugar para onde fugirem: Ibitiru, Ibiturana, a “serra negra”, o Médio e Alto Uruguai Rio-Grandense. Grande parte dessa região ficou pertencendo ao território passo-fundense.

Nonoai, Doble e Condá, nomes de caciques que se tornaram famosos, os dois primeiros dando nome a municípios do Rio Grande do Sul, eram originários do Paraná. Nonoai, facilmente se aliou aos brancos, dando nome à mais antiga reserva indígena do Estado e a um município gaúcho. Doble, também nome de cidade, esteve entre os que mais relutaram a se “entregar” aos brancos. Dos mais violentos, chegou a apoiar os brancos no massacre de uma dissidência de sua tribo liderada por um negro conhecido como João Grande. Nessa chacina uma de suas filhas foi morta. A violência de Doble era de tal monta que, ele próprio, nesse episódio, com suas próprias mãos, matou dois netinhos seus a bordunadas, cacetadas, para ser mais claro.

Em 1846, mal terminada a Guerra dos Farrapos, foi organizado oficialmente o aldeamento de Nonoai, em homenagem a um velho cacique caingangue desse nome. Dois anos depois, tinha início o povoado, origem da atual cidade de Nonoai. Era uma tentativa de reunir as hordas indígenas que perambulavam pelo território de Passo Fundo, entrando em confronto com os colonizadores.

A iniciativa de aldear os cainganges em Nonoai enfrentou sérias dificuldades pelas divergências entre os diversos caciques, que travavam verdadeiras guerras entre seus grupos, e a ação dos brancos, usando as divisões entre os cainganges em proveito pessoal.

### 24.3. O Massacre dos Três Serros

Sirva de exemplo o chamado Massacre dos Três Serros, ocorrido no dia 6 de janeiro de 1856. Até o presente mereceu tratamento resumido e unilateral, omitindo-se a participação de brancos como instigadores da chacina.

Desde 1854 os índios da tribo do cacique Pedro Nicofé ou Pedro Nicofin estavam acampados nos campos de Arechi, como era conhecida a atual região de Erechim. Esses campos eram separados por uma restinga de outros campos que o alferes Clementino dos Santos Pacheco, havia comprado do major Antônio de Mello Rego.

Era um período bastante conturbado em termos de relações entre índios e brancos, entre índios e índios e entre brancos e brancos.

O primeiro diretor do aldeamento de Nonoai, João Cipriano da Rocha Loures, enfrentou sérias denúncias. Fora acusado de apropriar-se de recursos públicos destinados à manutenção do acampamento e de empregá-los para comprar a fidelidade de alguns caciques, para que se apropriasse de terras da região. Foi substituído por José Joaquim de Oliveira, outro paranaense. Este, achando pouca a remuneração, demitiu-se. Nomearam como seu substituto o padre Antônio de Almeida Leite Penteado, que já fizera sérias acusações contra João Cipriano da Rocha Loures.

A politicagem dos brancos em torno do aldeamento de Nonoai só aumentava os conflitos. Inclusive com o emprego de escrituras que materializavam negócios simulados.

O padre Antônio de Almeida Leite Penteado era amigo do alferes Clementino dos Santos Pacheco. Este queria expandir seus domínios para os citados campos de Arechi, onde

estavam os índios de Pedro Nicofé. E os índios diziam que nos campos comprados pelo alferes ficava um antigo cemitério caingangue, objeto de profanação pelos brancos.

No dia 6 de janeiro de 1856 os índios de Pedro Nicofé ocupavam as terras de Clementino dos Santos Pacheco e rondavam a sede da Fazenda Três Serros. Às primeiras horas da manhã chegaram na sede e foram convidados para entrarem na casa e se alimentarem. Estavam na moradia o fazendeiro Clementino, José Pacheco de Carvalho, sobrinho do proprietário, o menor Manuel Pacheco dos Santos, os escravos Vicente, João, Ambrósio e Isidoro, estes dois menores. Também se achavam no local Maria das Dores, mulher do capataz José Antônio de Oliveira, Vitorino, menor de idade e filho de ambos, um escravo do casal, também menor, de nome Manuel, e, como agregados, os índios Joaquim Manuel, Brandina e Ana.

Os recém-chegados, recebidos por Clementino, eram João Grande, sua mulher Maria, além de Agostinho, Pedro, Salvador, Vicente, Francisco, José Crespo, Inácio, Querubino e Rosa. De repente, enquanto comiam, usando as facas cedidas pelos hospedeiros, avançaram sobre estes, salvando-se apenas o escravo Vicente, que comia na cozinha com o índio Agostinho. O negro conseguiu desarmá-lo e fugir juntamente com os crioulos Ambrósio, Manuel, Isidoro e Maria das Dores ou Maria do Carmo. Esta, no cavalo de que apeava seu filho, Vitorino, mortalmente ferido pelos atacantes.

Os índios Joaquim Manuel, Brandina e Ana, agregados de Clementino dos Santos Pacheco, foram denunciados como cúmplices do massacre.

Bernardo Castanho da Rocha, pessoa importante à época, possuía um comércio no Pinheiro Torto, aproximadamente onde hoje está a Capela de São Miguel, e muitos interesses em terras do futuro município de Erechim. Ele e sua amásia e ex-escrava, Maria Camila, que estava grávida, foram acusados de mandantes do crime, presos e recolhidos à cadeia pública de Cruz Alta. Acusados também foram a índia Rita, criada de Bernardo, e que estava grávida de seu filho natural Manuel Castanho.

Os autores do massacre dos Três Serros, sofreram perseguição da cavalaria da 1ª Cia. da Guarda Nacional de Passo Fundo, comandada pelo tenente João Schell, e uma Esquadra de Pedestres, comandada por João Marcelino do Carmo, com trinta praças, mais um grupo de índios chefiados pelo major Antônio Prudente, um dos caciques de Nonoai, amigos do padre Antônio de Almeida Leite Penteado.

No dia 13 de janeiro de 1858 os perseguidores encontraram os assassinos escondidos num mato. Enquanto a cavalaria da Guarda Nacional, constituída por brancos, permanecia no campo “para proteger” os índios do major cacique Antônio Prudente, este, seus liderados e um oficial de Justiça entravam no mato. Os primeiros a serem capturados foram Antônio Crespo e Joaquim Manuel. A seguir prenderam outros 30 índios, entre os quais 13 mulheres e Pedro Nicofé.

O tenente João Schel, que ficara no campo, com sua cavalaria, “para proteger” os índios do major Prudente, ao retornar para Passo Fundo, temendo um ataque numa picada que deveria atravessar, mandou na frente um grupo de índios comandados por um índio conhecido como “tenente Portella” (havia muitos índios conhecidos por esse sobrenome), escoltando os quatro presos considerados mais perigosos. Ao cruzarem num lugar conhecido como Restinga do Papudo, os quatro presos teriam se rebelado, sendo

mortos pelos índios que os conduziam. Entre as vítimas contaram Pedro Nicofé e Antônio Crespo.

Diante dos constantes e violentos conflitos envolvendo índios e brancos, o governo da Província determinou a substituição do padre Antônio de Almeida Leite Penteado, como diretor do aldeamento de Nonoai, recolocando em seu lugar major João Cipriano da Rocha Loures, até que convencessem o ex-diretor, comendador José Joaquim de Oliveira, a reassumir o cargo.

O próprio Diretor Geral dos Índios, José Joaquim de Andrade Neves, acusava o padre, diante do presidente da Província, de achar-se endividado com todos, embriagar-se até cair e de que o próprio bispo poderia informar sobre a “imoralidade” do sacerdote. Ao que parece as animosidades contra o religioso teriam outras causas. Ele queria que as autoridades punissem os verdadeiros culpados pelo massacre dos Três Serros, os mandantes brancos, e que libertassem índios não indiciados, muitos deles crianças. Entre o padre bêbado e o major corrupto, a solução política optou pelo segundo.

A confusão continuou, pois João Cipriano de Rocha Loures era acusado pelo cacique Vitorino Condá e outros caigangues de adonar-se de terras indígenas da região de Guarapuava.

Todos esses fatos aconteceram cerca de um anos antes que Passo Fundo, a 28 de janeiro de 1857, fosse elevado à categoria de município, separando-se de Cruz Alta.

As disputas de terras, nos anos que antecederam à emancipação de Passo Fundo, intensificavam-se, também, pela procura de campos para invernada e criação de muare, destinados ao próspero comércio com São Paulo. A disputa pelos campos era intensa entre os brancos e entre estes e os índios. Muitos caigangues trabalhavam como tropeiros, atividade que se adequava ao tradicional nomadismo aborígine. Outros, acabaram sendo absorvidos pela “civilização branca” e usados como agregados, especialmente como posteiros das invernadas, dando origem aos caboclos serranos.

Os conflitos entre os índios e as forças militares dos primeiros colonizadores, máxime paranaenses e paulistas, no Paraná, permanecendo na memória desses primitivos habitantes de Passo Fundo, contribuíram para que eles, durante a Revolução Farroupilha, atacassem a divisão imperial comandada pelo marechal Pierre Labatut, deixando passar incólumes, os farroupilhas de Bento Gonçalves e David Canabarro. Serviram também para que, em 1893, tenham apoiado os federalistas. E mais, talvez aí encontremos uma certa aversão pelos paulistas.

A ocupação da área urbana de Passo Fundo começou em 1827, quando Manoel José das Neves aqui se fixou com a família e escravos. Ao permitir que outras famílias se instalassem ao longo do que hoje é a avenida Brasil, nas proximidades do Colégio Notre Dame, contribuiu para o crescimento acelerado da povoação. Tanto isto é verdade que a 28 de maio de 1834 Passo Fundo passou à condição de 4o Distrito de Cruz Alta; menos de três anos depois, em 26 de janeiro de 1847, por Lei Provincial, a povoação passava à categoria de Freguesia. Finalmente, a 28 de janeiro de 1857, através do Decreto no 340, do então presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, Passo Fundo, era elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Cruz Alta.

Esse crescimento acelerado se deve a diversos fatores, além da disponibilização da área para a formação da cidade. Entre eles podemos destacar a posição geográfica privilegiada.

Passo Fundo já era um centro viário, pois aqui se encontravam os dois principais caminhos usados pelos aborígenes desde tempos imemoriais: o caminho que ligava a Serra à Mesopotâmia Argentina e dali aos Andes, conhecido como Mondecaá (Mato das Armadilhas) da atual Vacaria a Passo Fundo e daqui, na direção de Cruz Alta, como Caapi e o Caminho do Botucaraí, que se encontrava com o Mondecaá/Caapi, no Povinho Velho, seguindo dali, passando por onde hoje ficam diversos bairros de Passo Fundo, entre os quais São Luiz Gonzaga, Santa Maria, Don Rodolfo, Vila Carmem e Vila Luiza, seguindo pelo Rincão do Pessegueiro, cortando o município de Soledade até o centro do Estado, em Rio Pardo. Outros fatores o tipo humano que colonizou Passo Fundo, com uma tradição de desbravadores, além das riquezas minerais, vegetais e animais encontradas do primitivo território passo-fundense.

Estavam, pois, definitivamente postas as premissas para a emancipação de Passo Fundo que no ano de 1857 correspondia a cerca de 1% do território nacional. Hoje, 150 anos depois, apesar dos pesares, o núcleo urbano passo-fundense ampliou essa representatividade, constituindo-se numa das mais importantes metrópoles regionais do interior brasileiro.

Data : 07/08/2009

Título : Passo Fundo bem posicionada no mapa

Categoria: Artigos

Descrição: Passo Fundo está no rol das mais antigas cidades do Rio Grande do Sul. No começo: um povoado, ...

Passo Fundo bem posicionada no mapa

Especial 152 anos – a cidade está bem posicionada em relação aos principais eixos econômicos da América do Sul, beneficiada por um complexo rodoviário, ferroviário e aeroviário. Hoje o município assume novo desafio: tornar-se referência em logística.

A cidade gigante do Norte bem posicionada no mapa

São cento e cinquenta anos. Passo Fundo está no rol das mais antigas cidades do Rio Grande do Sul. No começo: um povoado, uma só rua, a das tropas. Também era chamada de rua dos Tropeiros Paulistas, a via por aonde passavam os homens que iam e vinham conduzindo as tropas de gado. Aqui eles paravam para descansar e dormir, e assim o povoado foi crescendo. Além do gado, entre 1890 e 1940, a erva-mate e a madeira sustentavam a economia da região.

Em 1950, a população era metade do que é hoje e quase 70% dela morava na zona rural. Sob a denominação de Freguesia de Passo Fundo de Nossa Senhora da Conceição, o território foi emancipado do município de Cruz Alta em 1857. Em 28 de janeiro ocorreu o ato emancipatório. Em 7 de agosto foi instalado o município de Passo Fundo. Até os anos 1980, a agropecuária foi a responsável pelos empregos e pelo produto interno bruto. Depois, a soja passou a ditar o ritmo próspero da economia passo-fundense.

De lá para cá, muitas batalhas foram travadas em prol do progresso e do desenvolvimento. Passo Fundo está bem posicionado em relação aos principais eixos econômicos da América do Sul, beneficiado por um complexo rodoviário, ferroviário e aeroviário. O município possui um dos mais importantes entroncamentos rodoviários do Rio Grande do Sul, favorecendo o rápido acesso por estradas federais às principais cidades do Sul do Brasil. A cidade também é servida por duas companhias aéreas com vôos diários para São Paulo e Porto Alegre, incrementando as relações comerciais, econômicas e de turismo. Hoje, com aproximadamente 200 mil habitantes o município assume novo desafio: tornar-se referência em logística.

Nobre colaborador do município em prol do seu crescimento e prosperidade, Elmar Floss esboçou há alguns anos uma proposta que foi apresentada ao prefeito Airton Dipp. Políticos de visão empreendedora, Airton Dipp e Marcos Cittolin, atual secretário de Desenvolvimento, transformaram o esboço em oportunidade e visualizaram para um futuro próximo a implementação de uma plataforma logística industrial em Passo Fundo. No setor provado, empresários e investidores já aplicaram recursos aqui, aproveitando-se da característica geográfica da cidade.

### A velha logística

Para o presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Paulo Monteiro, a questão que hoje é chamada logística é uma velharia. Segundo ele, já na Antiguidade, as civilizações que cresceram beneficiaram-se do que, atualmente, é conhecido por logística. “As grandes civilizações cresceram às margens de grandes rios, como a civilização egípcia e a da Mesopotâmia, ou às margens dos mares, onde havia facilidade para estabelecer portos”, explicou.

Conforme Monteiro, “Passo Fundo, de fato, foi beneficiado pela sua posição geográfica, por sua riqueza natural, especialmente a erva-mate, que produziu o primeiro ciclo econômico de Passo Fundo, ainda no período das missões jesuíticas”.

### Localização

Se, conforme Monteiro, as grandes civilizações sempre tiveram uma visão logística, Passo Fundo está no caminho certo. Para o empresário e presidente da Associação Comercial,

Industrial, de Serviços e Agropecuária, Dimas Froner, assim como ele, muitos empreendedores optaram por abrir ou expandir seus negócios na cidade devido à posição geográfica, não só no Rio Grande do Sul, mas também quanto ao Mercosul, e também devido a seu entroncamento rodoviário, que é bem privilegiado.

Dimas enfatiza ainda que é claramente perceptível que aos poucos estão se instalando em Passo Fundo empresas distribuidoras, de transporte e de logística, que, juntas, vão desenvolvendo tecnologias e ferramentas e aperfeiçoando cada vez mais os serviços de armazenagem e distribuição. “E esse tem sido um dos grandes atrativos para as indústrias e empresas dos demais segmentos, quando resolvem optar por Passo Fundo para realizar investimentos”, afirma.

### Erva-mate deu origem ao primeiro ciclo econômico

O Rio Grande do Sul tem duas regiões fisiográficas bastante claras: a Metade Sul, formada pela Campanha e a Depressão Central, e a Metade Norte, constituída principalmente pela Mata Atlântica. Essa segunda parte do estado sempre foi conhecida como região Serrana. Com o tempo essa região passou a ser conhecida por diversas outras denominações, principalmente, devido às lideranças políticas locais, pois isso facilita a obtenção de recursos nas capitais estadual e federal.

O que caracteriza a região Serrana, desde meados do século 19, é a vocação agropecuária. Aqui se desenvolveram as principais culturas agrícolas. Cada município serrano, para usar expressão consagrada pelos poetas regionalistas, é um verdadeiro “celeiro do Rio Grande”.

A região passou por diversos ciclos econômicos. O primeiro deles iniciou-se no ano de 1631, quando chegaram os primeiros brancos que aqui fixaram residência. Eram jesuítas espanhóis que criaram a redução de San Carlos del Caapi. Sua localização ainda é discutida por historiadores e geógrafos em função das divergências entre os mapas deixados pelos padres castelhanos e as atuais notações geográficas. Alguns afirmam que o aldeamento ficava nas proximidades de Santo Cristo; outros, nalgum ponto entre Carazinho e Palmeira das Missões, perto do Jacuí Mirim.

Em 1632, os inacianos organizaram a redução de Santa Teresa del Curitiba, também conhecida como Santa Teresa de los Piñales, quase na divisa dos atuais municípios de Passo Fundo e Mato Castelhana. Transferida em 1663 para o Rincão do Pessegueiro, hoje Ernestina, às vésperas do Natal de 1637 foi atacada por uma bandeira paulista. Os bandeirantes aprisionaram 4 mil tapes (índios guaranizados, possivelmente de origem andina), expulsando os religiosos espanhóis.

Durante esse curto espaço em que permaneceram na região Serrana, os padres castelhanos introduziram bovinos, eqüinos e ovinos. Com a ocupação paulista, o gado bovino e eqüino, sem dono, espalhou-se pelos campos serranos, dando origem à Vacaria dos Pinhais, que exerceria importante papel econômico décadas mais tarde. Dos ovinos não restou notícia; possivelmente acabaram devorados pelos carnívoros silvestres.

Os espanhóis, entretanto, começaram a explorar uma abundante riqueza nativa: a erva-mate (*Ilex Paraguayensis*). Em vários pontos, vastos ervais já eram explorados pelos



tapes, que, por meio do carijo, produziam a erva para o chimarrão, que era consumido em cuias feitas de porongo, planta das cucurbitáceas (*Lagenaria vulgaris*, Ser.), tal qual o fazemos hoje, apenas com uma diferença: a bomba, chamada taquapi, era feita de taquara.

Os jesuítas, de início, tentaram extinguir o consumo do chimarrão. Disseram que dentro da erva existia um demônio (Anhangá-puitã) e que os índios costumavam colocar veneno na bebida. Para desmentir esses ensinamentos, adotaram o hábito de que o mateador (aquele que faz e serve o mate), tome a primeira cuia.

Impossibilitados de acabar com o hábito que se expandia entre os brancos e seus descendentes, os padres passaram a obter benefícios econômicos com a produção da erva-mate pelos índios aldeados. Enviavam a erva-mate para Buenos Aires, remetendo os lucros para Roma e Madrid.

Os jesuítas estavam entre os homens mais estudados de sua época. Observadores atentos, verificaram que a erva-mate exigia terrenos especiais para crescer naturalmente e que era difícil a germinação das sementes. Eles encontraram a solução para o problema, quando descobriram que somente se reproduziam as sementes comidas pelos pássaros. Desse modo, passaram a incentivar que os curumins, como eram chamadas as crianças, comessem as sementes. Com essa técnica germinativa desenvolveram grandes ervais. Em poucos anos aumentaram consideravelmente a produção da apreciada bebida. Contudo, os jesuítas não conseguiram pôr em prática essa “nova tecnologia” na região Serrana porque, depois de expulsos pelos bandeirantes, os caingangues ocuparam as florestas nativas.

Esses nativos do grupo Jê, inimigos históricos dos guaranis, do grupo Tupi, passaram a combater também os espanhóis, jesuítas ou não, aliados dos ancestrais adversários.

Com a saída dos paulistas, os índios missioneiros, comandados por padres com experiência militar, faziam incursões aos ervais serranos, em grupos com várias dezenas de homens, portando armas de fogo. A erva-mate era cortada de quatro em quatro anos. Depois de sapecada e cancheada, os índios a carregavam nas costas até um local seguro, onde era embarcada em canoas para Buenos Aires.

A produção da erva-mate deu origem ao primeiro ciclo econômico da região Serrana, que iniciou em 1630 e continuou até metade dos anos 1800, quando acabou suplantada pelo comércio de tropas para as feiras paulistas. Seja extraída dos ervais nativos; seja pelo cultivo racional, a produção ervateira constituiu o nosso primeiro e mais duradouro ciclo econômico. Dos nossos quase quatro séculos de ocupação branca, ocupação que teve, naturalmente, avanços e recuos, a erva-mate foi, por cerca de 250 anos, o carro-chefe da economia.

### O caminho das grandes tropas de mulas

Depois de 1680, com a Colônia do Sacramento, hoje em território uruguaio, os brasileiros começaram a se interessar pelo comércio de mulas, especialmente para Minas Gerais e, posteriormente, para a produção de café, no atual estado de São Paulo.

Assim, quando a região Serrana, na primeira metade do século 19, começava a ser ocupada, o velho caminho do Mondecaá-Caapi, aproximadamente a atual BR 285, passa a ser o caminho natural das grandes tropas de mulas. Os historiadores chegam a discutir se o caminho dos tropeiros passava neste ou naquele ponto, mais acima ou mais baixo, da atual ponte do Rio Passo Fundo, na Avenida Brasil. O certo é que existiam várias passagens para fugir dos “registros” locais, nos quais as pessoas autorizadas pelo governo cobravam elevados impostos. Aliás, a primeira autoridade da região, Joaquim Fagundes dos Reis, era um desses “registreiros”.

No começo, a passagem por Passo Fundo, especialmente, no Mato castelhano e no Mato Português, era muito difícil, pois os tropeiros eram constantemente atacados pelos índios caingangues. A situação somente melhorou alguns anos depois da Revolução Farroupilha, com a abertura da estrada do Mato Castelhana, ordenada pelo Duque de Caxias, então presidente da província do Rio Grande do Sul.

O aldeamento dos índios, iniciado em Nonoai, e o verdadeiro massacre de caingangues promovido pelas autoridades passo-fundenses daquela época, liberaram os campos do município para a invernada de muares. Nossos campos, mais conhecidos como campestres, eram excelentes, protegidos de ventos, com gramíneas altas e muitas aguadas. Tropas de mulas eram compradas na fronteira e invernadas em nossa região. Nos campestres, existiam muitos butiazeiros, cujos frutos são apreciadíssimos pelas muladas. Daqui, fortalecidas, seguiam em melhores condições de preço para as feiras de Sorocaba e Piratininga, em São Paulo.

Em princípios do século 20, o centro do comércio de muares deslocava-se de São Paulo para a própria região Serrana. A colonização das serras abriu um novo mercado e tropeiros passaram a negociar mulas diretamente nas colônias, pois seus moradores necessitavam desse animal para transportar seus produtos até as cidades ou portos, como o de Anta Gorda. Os tropeiros permaneciam longas temporadas em Passo Fundo e região. Arrendavam ou compravam campos, onde concentravam suas tropilhas, e saíam a negociar pelas colônias, especialmente nas festas religiosas, que funcionavam, até certo ponto, como feiras de animais. Muitos fronteiriços acabaram fixando residência aqui, constituindo famílias numerosas.

A criação de muares representou um dos ciclos econômicos mais importantes para todo o Rio Grande do Sul. Contribuiu para a acumulação de capital e constituiu-se em uma oportunidade importante de ascensão social.

Colaborou

Paulo Monteiro, presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, membro de diversas entidades culturais do Brasil e do exterior. Autor de centenas de artigos e ensaios sobre temas literários e culturais.

(OS TEXTOS ACIMA FORAM PUBLICADOS NO ENCARTE ESPECIAL DO JORNAL O NACIONAL DE PASSO FUNDO, EDIÇÃO ESPECIAL COMEMORATIVA AOS 152 ANOS DO MUNICÍPIO. SEXTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 2009, ANO 85, Nº 24.168)

Data : 31/12/2004

Título : Passo Fundo Cultural 2004

Categoria: Artigos

Descrição: O ano de 2004 chega ao fim. E como em todo final de ano. Emprega-se a força frenadora da História chamada tradição para a realização de levantamentos, realizemos mais um.

## Passo Fundo Cultural 2004

por Paulo Monteiro(\*)

O ano de 2004 chega ao fim. E como em todo final de ano. Emprega-se a força frenadora da História chamada tradição para a realização de levantamentos, realizemos mais um.

O que houve em Passo Fundo, do ponto de vista cultural?

O mesmo de sempre dirão apressadinhos de plantão, o que não é verdade. Afora os lançamentos literários, dentro dos padrões esperados de sempre, aconteceram algumas novidades.

Para mim, as principais delas (não necessariamente por ordem de importância) foram estas:

A Feira do Livro que, por obra e graça do tempo, não enfrentou os vendavais de novembro que, diga-se de passagem, não vieram neste ano. Para os organizadores fica uma constatação: pessoas (e não foi o meu caso), que estiveram na Feira do Livro de Porto alegre notaram uma sensível diferença nos preços dos livros (as mesmíssimas edições, aqui e lá). Embora popularmente se afirme que “a ordem das baratinhas não altera a maionese”, no caso em epígrafe alterou. A “lei da oferta e da procura” passou a ser a “lei da procura e da oferta”, mas as leis podem ser mudadas.

O Rodeio de Passo Fundo, que já reuniu mais público em anos anteriores, também se beneficiou do clima. As coisas mudaram bastante. Talvez pelo preço da cerveja. Que nem diz o velho ditado foi botada ordem no galinheiro. Parece que as noites (para quem gosta de acampar nesse tipo de evento) foram mais tranquilas. E isso é altamente positivo.

O projeto portal das Linguagens colocado em prática pela Universidade de Passo Fundo já é uma realidade. Apesar do limitado apoio oficial, que começa com o não cumprimento de uma lei municipal, estabelecendo o prêmio literário para o concurso de romances realizado durante a Jornada Nacional de Literatura.

O Festival Internacional de Folclore deste ano, apesar das dificuldades em conseguir apoio com base em lei de incentivo à cultura, foi, mais uma vez exitoso.

Durante a Feira do Livro foram lançadas algumas obras importantes. E aí eu destaco a terceira edição da Revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras. Em dois anos, mercê do esforço de um abnegado grupo de homens e mulheres, foram dados a lume três números da revista.

Água da Fonte firma-se como o mais importante periódico cultural já lançado em Passo Fundo, que é considerada a Capital Nacional da Literatura. E isto sem receber um tostão de cofres públicos, que segundo relatórios, são mais generosos para com alguns periódicos.

Cabe destacar o desprendimento de quase todos os integrantes da Academia passo-Fundense de Letras, que contribuíram para a concretização do sonho de Gilberto Cunha.

Neste levantamento, quero deixar registrado o trabalho do Conselho editorial que se reúne todos os sábados, enfrentando o frio e as goteiras do prédio recentemente restaurado. Eis os seus nomes: Santana Rodrigues da Paz, Helena Rotta de Camargo, Pedro Ari Verissimo da Fonseca, Jurema Carpes do Valle, Santo Claudino Verzeletio, Welci Nascimento, Getúlio Vargas Zauza, Gilberto LR. Cunha e Paulo Monteiro.

É possível, numa cidade como Passo fundo, a manutenção de um periódico que, com qualidade, destaque a literatura local.

No geral, o ano de 2004, do ponto de vista cultural foi altamente positivo para Passo Fundo. Espero que as propostas de mudanças referendadas nas urnas de 3 de outubro se realizem, pois eleitores já cansados de trocar seis por meia dúzia.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha

Rotta

31/12/2004

Data : 01/01/2007

Título : Passo Fundo das Missões

Categoria: Artigos

Descrição: Jorge Edeth Cafruni, porto-alegrense de nascimento, fixou residência em Passo Fundo, onde se dedicou ao jornalismo e ao serviço público na qualidade de funcionário municipal.

## Passo Fundo das Missões

Paulo Monteiro\*

Jorge Edeth Cafruni, porto-alegrense de nascimento, fixou residência em Passo Fundo, onde se dedicou ao jornalismo e ao serviço público na qualidade de funcionário municipal. Deixou um livro de poemas em prosa, *Auroras e Crepúsculos*, o romance indianista *Irapuã*, que mereceu duas edições em vida do autor, e *Passo Fundo das Missões - Estudo do Período Jesuítico* -, publicado em 1966.

*Passo Fundo das Missões* é a obra mais importante escrita até hoje sobre os primeiros anos da presença de espanhóis e portugueses no território passo-fundense. Tornou-se um clássico, referência indispensável em toda e qualquer pesquisa sobre os primórdios da ocupação do que viria a ser o Rio Grande do Sul de hoje. Obras fundamentais para o entendimento da história de nosso Estado, como *Geopolítica Bandeirante*, de Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas (Porto Alegre, 1975, s. ed.) e *Campos Realengos*, de Raul Pont (segunda edição, EDIGAL, Porto Alegre, 1983), entre outras, fazem referência ao livro do historiador que adotou Passo Fundo para viver e produzir sua obra literária.

No momento em que estamos comemorando os 150 anos de emancipação político-administrativa do Município impõe-se a reedição daquela obra basilar para o entendimento de nossa história. A Câmara de Vereadores, então presidida pelo coronel Octacílio de Moura Escobar, que deixou um profundo exemplo de respeito à convivência democrática, patrocinou a edição príncips do livro. Agora, a mesma Casa Legislativa, exemplarmente presidida por Valdir Mendes, que segue a mesma vertente ideológica de Octacílio, muito bem poderia promover a reedição, até mesmo fac-similar de *Passo Fundo das Missões*.

Em 1955, aproximando-se o bicentenário da morte de Sepé Tiaraju e desejando o então governador do Estado, Ildo Meneghetti, erigir um monumento em homenagem ao guerrilheiro guarani-castelhano, travou-se uma polêmica entre intelectuais gaúchos, especialmente pelas páginas vetustas do *Correio do Povo*. Não é preciso ter dons divinatórios para concluir que Cafruni acompanhou essa "guerra de papel", para empregar o epíteto criado por Carlos Reverbel.

Jorge Edeth Cafruni foi verdadeiro polígrafo (poeta, cronista, romancista...), um publicista, para usar o melhor português, um "intelectual público", como costumam escrever alguns tradutores apressados. Sua contribuição para aquela polêmica apareceu anos depois, quando os ânimos já estavam calmos e as discussões acaloradas jaziam sob a poeira pacificadora dos arquivos. E o fez com um livro-reportagem, gênero da moda nos dias que correm,

*Passo Fundo das Missões* é uma grande reportagem sobre a presença de jesuítas e bandeirantes no território passo-fundense. O estilo é jornalístico. Compensa a impossibilidade de entrevistas pessoais com a transcrição de passagens publicadas. Os autores fazem o papel de entrevistados e os livros de entrevistas concedidas ao historiador jornalista. Esse método é o responsável pelo grande carisma exercido por *Passo Fundo das Missões*. Apesar de suas quase 650 páginas, o livro pode ser lido aos poucos. Os

capítulos, que não recebem numeração, fazem o papel de reportagens diárias, que acabam formando uma grande série. Não é cacete, como certos tratados doutorais.

Em 1628 os bandeirantes, associados com D. Luís de Céspedes Xérias, governador espanhol da Província do Paraguai, destruíram as reduções jesuíticas do Guairá, apresando milhares de índios. Os inacianos fugiram com os guaranis remanescentes para a região, hoje argentina, entre os rios Uruguai e Paraguai, e para o território da atual República do Paraguai.

Em fins de 1632 o padre Francisco Ximenes, em território passo-fundense, ergueu uma cruz e instalou a redução de Santa Tereza. Aqui era território espanhol, parte da Província do Paraguai. A 22 de março de 1633, o próprio padre Ximenes transmigrou a redução, do Povinho Velho, para o Rincão do Pessegueiro.

Os bandeirantes não reconheciam as terras do Rio Grande do Sul como pertencentes à Espanha. Defendiam um dos muitos traçados para os limites atribuídos ao Tratado de Tordesilhas, mais precisamente aquele que partindo da foz do Rio da Prata seguia em direção aos atuais estados do Acre e Rondônia. Por isso, acompanhados de padres portugueses, andavam no encalço dos jesuítas espanhóis. Tanto isso é verdade que, no dia 23 de dezembro de 1637, comandados por André Fernandes, atacaram a redução de Santa Teresa, prenderam cerca de 4 mil índios ali reunidos e permaneceram na região por mais de 30 anos. Eram assistidos espiritualmente pelo padre Francisco Fernandes de Oliveira, filho do conquistador da redução. De fato, Passo Fundo só foi das missões por cinco anos e alguns meses. E foi usado como argumento em favor do Uti possidentis juris, pelo Barão do Rio Branco, na famosa Questão de Palmas, contra a Argentina, em 1895.

Alguns historiadores calculam que, ao final de sua investida, os bandeirantes acabaram aprisionaram mais de 30 mil tapes e guaranis. E mais: construíram o Fortim de Santa Teresa, que segundo o próprio Cafruni, serviu de base para ações contra as reduções jesuíticas às margens do Uruguai, inclusive da famosa Batalha de Mbororé, em 11 de março de 1641.

Nessa data, na confluência do rio que deu nome à batalha com o Uruguai, uma expedição bandeirante formada por 2.700 índios e 400 paulistas, em trezentas canoas, que desceram pelo rio Uruguai, foi barrada por 4.000 guaranis, entrincheirados nos barrancos dos rios e setenta canoas, dispendo até mesmo de canhões. Os guaranis eram orientados por jesuítas, com experiência militar. Os bandeirantes foram fragorosamente derrotados, mas guaranis e inacianos não esperaram o revide, abandonando a seguir o território do atual Estado do Rio Grande do Sul, só retornando em 41 anos depois, para fundar os "sete povos"..

Jorge Edeth Cafruni era um apaixonado pelo indianismo de José de Alencar. Seu romance Irapuã se passa no Ceará. Como um jornalista sério é um historiador honesto, Passo Fundo das Missões, que melhor poderia chamar-se "Passo Fundo das Bandeiras", é um grande livro. E tanto mais do que das Missões, Passo Fundo é das Bandeiras, que só uma profunda pesquisa arqueológica no local de onde foi retirada aquele pedra encrostada no monumento dedicado às Missões, lá no Boqueirão, poderá assegurar se não é um fragmento do velho fortim bandeirante... Aliás, isto é mais de acordo com a Lei das Probabilidades.

\*(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

Data : 11/09/1836

Título : Passo Fundo e a Guerra Contra o Paraguai

Categoria: Artigos

Descrição: O envolvimento das cidades rio-grandenses na guerra contra o Paraguai foi muito maior do que se possa imaginar.

### Passo Fundo e a Guerra Contra o Paraguai - I Parte

Foto (1) abaixo: Participantes do Primer Encuentro Internacional de Historia Respecto a las Acciones de Armas sobre las Costas del Rio Uruguay en la Guerra de Paraguai – Guerra Guazù (Biblioteca Pública de Uruguaiana), 28 de setembro de 2009.

Foto (2) abaixo: O autor posando com a espada usada por Dom Pedro II, durante a rendição do Exército Paraguaio que ocupou Uruguaiana (Centro Cultural de Uruguaiana), 28 de setembro de 2009.

Foto (3) abaixo: Representantes brasileiros que participaram do Primer Encuentro Internacional de Historia Respecto a las Acciones de Armas Sobre las Costas del Rio Uruguay en la Guerra del Paraguay – Guerra Guazú: Paulo Monteiro (Academia Passo-Fundense de Letras, Passo Fundo), Renato Fagundes de Abreu (Centro de Estudos Guaranis, Porto Alegre), Carlos Fontes (Academia de História Militar, Uruguaiana) e Jorge Ramoj Duarte Ortiz (Centro de Estudos Guaranis, Porto Alegre), diante do monumento a Eva Perón, Paso de Los Libres, 27 de setembro de 2009.

#### Introdução

O envolvimento das cidades rio-grandenses na guerra contra o Paraguai foi muito maior do que se possa imaginar. O estudo da contribuição do Rio Grande do Sul para o esforço de guerra ainda está para ser feito. As biografias dos comandantes rio-grandenses (à época o termo gaúcho não era aplicado no sentido gentílico de hoje), via de regra, assumem caráter laudatório ou de “biografia oficial”, escrita muitas vezes por descendentes dos “heróis”. Arquivos pessoais são guardados como relíquias familiares. Por uma espécie de direito hereditário, apenas aqueles que tenham sangue desses “semideuses” podem manusear os arquivos pessoais e escrever sobre os “caudilhos”.

Verdadeiro “povo em armas”, os rio-grandenses do sul viram nos paraguaios um elemento novo, diferente dos que estavam acostumados a combater. Não eram mais os caudilhos

pampianos, com suas cargas de lança seca e seus facões caroneiros. Estavam diante de um exército moderno.

Do ponto de vista psicológico – e a guerra psicológica é uma realidade ancestral – explicam-se os relatos relativos à rápida mobilização dos corpos e espíritos, assim que a notícia da invasão chegou às plagas serranas. A informação de que a força local, inicialmente de 409 combatentes, mobilizada contra o Uruguai, onde participara do célebre cerco de Paysandu, já enfrentava os invasores defendendo o território brasileiro causou comoção geral.

Assim, se explica o esforço de guerra.

O temor de que os paraguaios repetissem, amplificada, as experiências de invasões anteriores, também contribuiu para a energia na ação. Lembrava-se, mais recentemente, o caso de 1827, quando o major Manoel da Silva Pereira do Lago, temendo a invasão de Rivera, refugiou-se onde hoje se situa a cidade de Passo Fundo, ainda encontrava testemunhas vivas. E o exército de Solano Lopes não era a horda comandada pelo caudilho uruguaio...

Os documentos do período não estão mais acessíveis aos pesquisadores contemporâneos. É muito provável que acabaram incinerados por antigas administrações municipais como ocorreu com tantas outras fontes primárias ou que algum pesquisador os tenha guardado e sejam conservados como relíquias familiares. De muitos, talvez ainda possam existir cópias em arquivos públicos e particulares. Somente um esforço coletivo pode revelar-nos esse paradeiro.

O que sabemos hoje se deve aos escritos de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, justamente cognominado “pai da história passo-fundense”. Os relatos de Antonino documentam o custo que a contribuição local para a guerra contra o Paraguai representou para a população.

Este artigo é, quase na íntegra, parte de uma série de programas radiofônicos que produzi para a Rádio Planalto, de Passo Fundo, em 2007, dentro das comemorações do sesquicentenário de emancipação político-administrativa do município. Mesmo revisado para a publicação impressa, mantenho o tom coloquial típico dos textos rádio-jornalísticos. Como já afirmei várias vezes sou aquilo que, no velho e bom português, é definido como publicista. O desconhecimento do vernáculo levou alguns tradutores a criarem a expressão “intelectual público”. Escrevo para ser entendido.

O levantamento da participação das diversas comunidades sul-rio-grandenses naquela guerra contribuirá para entendermos o que ela, de fato, representou para a sociedade da época, enquanto um todo.

É o que faço neste estudo, onde consolido trabalhos de pesquisadores “antigos”, como José Hemetério Veloso da Silveira e Antonino Xavier e Oliveira, ou “atuais” como Delma Rosendo Gehn, há pouco falecida, e Ney Eduardo Possap d’Ávila, que seguem a esteira dos pioneiros. Quanto à biografia do general Antonio de Mascarenhas Camello Júnior, baseio-me, também nos textos recentes do pesquisador sorocabano Antonio Fiorotto Filho.

Passo Fundo, 22 de setembro de 2009.



No período anterior à guerra contra o Paraguai

A emancipação de Passo Fundo, no dia 28 de janeiro de 1857, marcou o reconhecimento oficial da povoação fundada por Manoel José das Neves, seus familiares e escravos, em fins de 1827. Praticamente arrasada durante a Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, recuperou-se rapidamente. Segundo José Hemetério Velloso da Silveira, em seu livro “As Missões Orientais e seus Domínios”, já em 1855, Passo Fundo era mais desenvolvida do Cruz Alta, a sede do Município.

Os relatórios da Câmara de Vereadores registram que, no ano de 1861, começou o plantio de café no vale do Alto Uruguai, demonstrando novas possibilidades agrícolas para o município. A premiação, com medalha de prata, obtida pelo coronel Antônio Mascarenhas Camello Júnior, para a erva-mate produzida em Passo Fundo, constitui-se num outro registro importante..

No ano seguinte (1862), a Câmara de Vereadores dirigiu-se à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, sediada no Rio de Janeiro, solicitando sementes de fumo e algodão para dar início ao cultivo desses produtos no município. O aumento da produção de milho provocou uma grande queda no preço daquele cereal. Por outro lado, produtos como feijão e farinha ainda necessitavam ser importados, pois a maioria da população dedicava-se à produção de erva-mate, exportada, juntamente com gado vacum, cavalos e mular. Iniciava-se uma crise envolvendo os principais produtos de exportação do município, a erva-mate e as mulas. A crise se avolumaria nos anos seguintes, como se vê no relatório de 1863.

Para resolver essa crise, agravada pelas taxas cobradas nos portos de Cachoeira do Sul e Rio Pardo, Diogo José de Oliveira, delegado de polícia, coordenou uma expedição de índios, pagos de seu próprio bolso, para abrir uma picada pelo Rio das Antas, procurando um caminho direto com Porto Alegre.

O governo da Província negou, sistematicamente, apoio à iniciativa passo-fundense, diante da oposição movida pelas autoridades de Rio Pardo e Cachoeira do Sul, que se beneficiavam com o isolamento de Passo Fundo.

Esse isolamento atrasou em muito o desenvolvimento do município, o que somente seria rompido em 1898, com a chegada da estrada de ferro, provocando um surto de desenvolvimento.

Quando as lideranças municipais procuravam soluções para a crise econômica local, a segunda tragédia bélica se abateria sobre o município: a guerra contra o Paraguai. Passo Fundo já contribuía com o 9º Corpo Provisório da Guarda Nacional, formado de 409 soldados, sob o comando do tenente-coronel João de Freitas Noronha. Incorporado ao exército brasileiro sob as ordens do brigadeiro José Luiz Menna Barreto, participou do famoso cerco de Paysandu (31.12.1864/2.1.1865), entre dezembro daquele ano e janeiro de 1865.

Quem organizou esse corpo provisório foi o coronel Antônio de Mascarenhas Camello Júnior, somente com jovens solteiros. O único homem casado que fez parte desse corpo era um sargento. O coronel Mascarenhas, sorocabano de nascimento, como teremos oportunidade de verificar, foi o único militar passo-fundense que chegou ao posto de

general do Exército Brasileiro, pelo empenho nas guerras do Prata e na guerra contra o Paraguai.

A notícia da nova conflagração armada chegou junto com a informação de que os passo-fundenses do 9º Corpo Provisório da Guarda Nacional formam entre os primeiros brasileiros que resistiam à invasão do Rio Grande do Sul pelas tropas paraguaias. A população caiu em verdadeira comoção.

Enquanto mais voluntários se apresentavam, contribuindo para a expulsão dos invasores paraguaios e a libertação de Uruguaiana, Passo Fundo se transformava num verdadeiro acampamento militar. Era um povo em armas.

Os teares domésticos funcionavam dia e noite produzindo ponchos e palas para os voluntários da pátria; as ferrarias suspendiam a produção de foices, machados, enxadas e arados. As forjas derretiam o ferro e as bigornas mantinham a população acordada enquanto fabricavam lanças e facões caroneiros; marceneiros transformavam guamirim em cabos para lanças e facões; guasqueiros e seleiros fabricavam arreamentos e boleadeiras, “pra pealar paraguaios”, garantiam os pelos-duros.

Alemães de nascimento e seus filhos, loiros de olhos azuis, armavam-se para defender a pátria; dos fundos dos matos, caboclos e caingangues, acostumados ao corte da erva-mate, surgiam com seus facões, o fio brilhando, prometendo decepar as cabeças dos milenarmente odiados invasores guaranis; velhos lanceiros negros farroupilhas, levantavam a poeira da Rua do Comércio retouçando cavalos selvagens, ainda em pelo. E dando vivas ao coronel Joaquim Teixeira Nunes, ensinavam aos mais jovens como se fazia uma carga de lança seca. À noite, ao redor do fogo de chão, lembravam o Massacre de Porongos e lamentavam a falta do seu grande comandante, o bravo Teixeira Nunes. Aí é que os paraguaios iam ver o que era uma carga de lança!...

Já no dia 26 de junho de 1865, em Botuí, o 5º Corpo da Guarda Nacional de Passo Fundo, comandado pelo tenente-coronel Francisco de Barros Miranda, antes de chegar a Uruguaiana, enfrentava as forças paraguaias do major José Lopez. Era parte do exército invasor. As partes oficiais elogiaram a bravura com que se portaram os soldados passo-fundenses.

O Coronel Chicuta contou em carta à esposa a força paraguaia era de 470 homens, perdendo entre 200 e 300 combatentes. Os passo-fundenses foram os que mais resistiram ao fogo; “eu –escreveu Chicuta – não pude deixar de ir no meio do inimigo com meu esquadrão de lanceiros e ali achei-me obrigado a matar um sujeito que se me ajeitou para não sair em jejum. Não te mando a orelha deste por ter faltado o sal para salgar”.

E a participação da atual “Capital do Planalto” culminaria com a prisão do general Bernardino Caballero de Añasco y Melgarejo, depois presidente do Paraguai, e todo o seu estado maior, nos últimos dias da guerra, pelas forças comandadas pelo coronel Chicuta. Além do general Caballero, os passo-fundenses aprisionaram o major Silva, mais dois majores, dois capitães, quatro alferes e 45 soldados.

Logo marchavam o 42º corpo e o 8º esquadrão da Guarda Nacional, comandados pelo tenente-coronel Irineo José Topázio e o major João Cipriano da Rocha Loures. Seguiam outro corpo provisório, tendo à frente o major Cesário Antônio Lopes. Totalizavam aproximadamente 1.700 homens. Somando-se os 409 combatentes do 9º Corpo da

Guarda Nacional, que já se encontravam na frente de batalha, Passo Fundo contribuiu com 2.109 homens, cerca 20% do total de sua população masculina.

Enquanto a maior parte dos homens válidos, especialmente os jovens, caboclos, índios e negros, estes responsáveis pelos serviços mais duros e produtivos da economia agro-extrativista, estavam na frente de batalha, as mulheres passo-fundenses, sem descurar a grande missão de criar filhos e filhas, assumiam as lides produtivas.

Apesar dos esforços dos que ficaram, a economia entrou em decadência. Alguns comandantes, que eram homens ricos, abriam mãos dos vencimentos a que tinham direito, em favor dos seus soldados mais pobres, para que estes enviassem o dinheiro às famílias que ficaram em estado de absoluta miséria.

Como em todos os períodos de crise apareceram aproveitadores. Começaram a falsificar a erva-mate, misturando com plantas do gênero *Illex*, como a caúna e a erva-de-sapo. Isso obrigou a Câmara de Vereadores a adotar medidas repressoras exemplares contra esses falsificadores.

O comércio de muares e de erva-mate, sustentáculos econômicos do município, praticamente desapareceram, conforme relatório da Câmara de Vereadores, assinado pelos vereadores Francisco de Barros Miranda, Francisco Xavier de Castro, Joaquim da Silva Portela, Benedicto Pinto de Moraes e Jerônimo Savinhone Marques, datado de 18 de outubro de 1865.

Do ponto de vista econômico e do desenvolvimento social, a guerra contra o Paraguai representou uma das grandes tragédias vividas por Passo Fundo, ao lado da Revolução Farroupilha (1835-1845) e da Revolução Federalista (1893/1895). Serviu, entretanto, para fazer surgir diversas lideranças que teriam destaque nos anos posteriores. Ao mesmo tempo, esses líderes, pelas relações estabelecidas durante a guerra contra o Paraguai, com dignitários do Império, obtiveram reconhecimento além do município, contribuindo para que Passo Fundo começasse a salientar-se politicamente. Dois desses nomes foram o general Antonio Ferreira Prestes Guimarães e o coronel Francisco Marques Xavier, alcunhado de Chicuta, por ser de baixa estatura física.

### O primeiro general de Passo Fundo

Quando estudamos a contribuição passo-fundense para a guerra contra o Paraguai notamos a presença do coronel Antônio de Mascarenhas Camello Júnior. Segundo o historiador Antonino Xavier e Oliveira, que examinou a documentação daquele período, “Reuniu e fez marchar toda a guarda nacional do município e, em pessoa, seguiu para a campanha onde se conserva prestando bons serviços”. Acabou como o oficial mais graduado da Guarda Nacional passo-fundense. Já na República terminou promovido a general pelo presidente Floriano Peixoto. Depois dele é que aparece o tenente-coronel Francisco de Barros Miranda.

Apesar disso, Antônio de Mascarenhas Camello Júnior acabou relegado a segundo plano pelos historiadores passo-fundenses. Em trabalho ainda inédito que temos sob nossos olhos o genealogista Gilberto Motta Gomide, trineto do coronel Mascarenhas, resgata um pouco da biografia daquele comandante militar.

Antônio de Mascarenhas Camello Júnior nasceu em Sorocaba no dia 7 de fevereiro de 1820, casou com sua prima Anna de Mascarenhas Martins, com a qual teve diversos filhos, alguns deles nascidos em Passo Fundo. Sua filha, Porfíria de Mascarenhas Camello, sorocabana, casou em Passo Fundo, com Joaquim Gonçalves Gomide, também sorocabano, deixando uma grande descendência, a partir dos 14 filhos tidos pelo casal.

Antônio de Mascarenhas Camello Júnior ingressou na Guarda Nacional em 1840. No ano seguinte era promovido a alferes, em 1844 já era capitão. Em 1850 era comerciava em Sorocaba; e, 1852, naquela cidade iniciou-se na Maçonaria. Em 1854, como capitão, aparece pela primeira vez em documentos passo-fundenses. Com a doença de Joaquim Fagundes dos Reis, que possuía obras maçônicas em sua biblioteca, o maçom Mascarenhas Camello Júnior, acaba herdando a liderança política de Fagundes dos Reis. Formou entre os primeiros vereadores eleitos, em 1857. Em 21 de setembro desse ano assumiu a função de Juiz Municipal, primeiro suplente, o mais votado. Dois anos depois (7 de agosto de 1859) é suplente de Delegado de Polícia.

No dia 13 de outubro de 1860 Camello Júnior foi nomeado Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional de Passo Fundo. Nessa função, cumprindo ordem do presidente da Província, em 1864, organizou o 9º Corpo Provisório, que seguiu para o Uruguai, participando do cerco de Paysandu.

Em 1865, constituídos os diversos contingentes passo-fundenses enviados para a guerra contra o Paraguai, Antônio de Mascarenhas Camello Júnior, à frente do 42º Corpo de Cavalaria Provisória marchou para a frente de batalha, apresentando-se e à Divisão do general José Gomes Portinho, que lhe conferiu o comando de uma Brigada.

Na guerra contra o Paraguai, como dirigente de Brigada, comandou o tenente-coronel Chicuta e demais passo-fundenses. De volta a Passo Fundo, presidiu a segunda reunião da Guarda Nacional, tendo como secretário seu genro Joaquim Gonçalves Gomide, em 1870. No ano seguinte, a Câmara de Vereadores presta homenagem aos passo-fundenses voluntários da pátria, reunidos e mobilizados pelo coronel Camello Júnior, que sob sua liderança geral, fizeram toda a campanha contra o Paraguai.

Em 1876, de novo, Antônio de Mascarenhas Camello Júnior, juntamente com outros veteranos daquela guerra, integra a Câmara de Vereadores. No ano seguinte (1877) há notícias de que possuía terras em Nonoai. Por motivos não apurados até agora, pouco tempo depois, retorna para Sorocaba, juntamente com a maior parte de a família.

Proclamada a República, é promovido a general pelo presidente Floriano Peixoto. E, aos 78 anos de idade, no dia 6 de agosto de 1898, falece na sua fazenda, no então distrito de Campo Largo.

Antônio de Mascarenhas Camello Júnior, comandante da Guarda Nacional de Passo Fundo, foi o único dos nossos veteranos da guerra contra o Paraguai que chegou ao posto de general do Exército Brasileiro.

Sobre o general Antônio Mascarenhas Camello Júnior, comandante geral da Guarda Nacional de Passo Fundo e das forças passo-fundenses durante a guerra contra o Paraguai, o historiador Hemetério José Velloso da Silveira, em seu livro “As Missões Orientais e seus Domínios”, afirma textualmente: “Em 1885, achando-nos em Cruz Alta, aí chegou o doutor Francisco Antônio Rosa, médico, o qual tendo isso a Passo Fundo,

disse ter achado a povoação muito mais animada, em sua vida comercial, do que a de Cruz Alta.

Já ali havia chegado e fixado residência o capitão Antônio de Mascarenhas Camello Júnior, o qual com bastante tino soube insinuar-se no ânimo daquela população e levá-la a melhor caminho.

Ou devido ao seu prestígio ou porque os homens mais notáveis de Cruz Alta reconhecessem a impossibilidade de uma boa administração num município tão vasto, como tinham-no, desde logo foi aventada a idéia da separação de Passo Fundo para conjuntamente com Soledade constituir um município distinto”.

José Hemetério Veloso da Silveira destaca a importância do futuro general Antônio Mascarenhas Camello Júnior no processo de emancipação de Passo Fundo, conferindo-lhe o papel de verdadeiro articulador desse processo junto ao então deputado provincial Antônio de Mello Albuquerque, “de acordo com seu ilustrado antagonista Doutor Antônio Gomes Pinheiro Machado” para a proposição da lei que criou nosso município. Salienta sua importância política, de tal sorte que nomeado juiz municipal suplente pelo governo da Província, renunciou ao mandato de vereador para assumir essa função pública.

O historiador informa textualmente que “O Coronel Mascarenhas Júnior que abandonou interesses reais, voltou paupérrimo” da guerra contra o Paraguai. A seguir, num parágrafo curto e grosso, declara: “Sendo esquecido seus bons serviços, foi finir-se em São Paulo”.

Conclusão: desiludido com as injustiças sofridas, com a premiação dos oportunistas, Antônio de Mascarenhas Camello Júnior, que seria o verdadeiro articulador da emancipação de Passo Fundo e que, verdadeiramente, comandou as forças passo-fundenses na guerra contra o Paraguai, “foi finir-se em São Paulo”.

#### Combatentes passo-fundenses no Paraguai

Os oficiais integrantes o 9º Corpo da Guarda Nacional que participou da luta no Uruguai, inclusive do cerco e bombardeio de Paysandu foram os seguintes: tenente-coronel João de Freitas Noronha, comandante, capitão Patrício Falkembach, capitães Salvador Alves de Rezende e Felipe José da Silva, tenentes Firmino da Silveira Castro, José Maria dos Santos Prates, Vidal Francisco de Borba, Francisco Alves dos Santos Rabello, alferes Antônio João Ferreira, Cypriano Rodrigues da Silva, Antônio Xavier Simões, José Borges Vieira, Justo José da Silva e Julião Luiz da Rocha. Integraram como sargentos o 9º Corpo da Guarda Nacional, durante a guerra contra o Paraguai: José Luiz de Oliveira, João José Duarte, Manoel Soares Antunes, Francisco dos Santos Moraes, Luiz Ferreira Soares e Vasco dos Santos Moraes.

Ao falarmos desse período histórico e da chamada Campanha de Paysandu é importante lembrar que muitos uruguaios que apoiaram a intervenção brasileira, acabaram imigrando para o Brasil. Alguns deles fixaram residência em Passo, dando origem às famílias Palhano (ou Paiano) e Benevenuto ou Benavenuto. Considerados traidores do Uruguai, os uruguaios que apoiaram a intervenção brasileira, sofreram sérias represálias. Ficou famoso o Massacre de Quinteros, quando 159 prisioneiros foram fuzilados, entre eles o general César Díaz, herói nacional do Uruguai em campanhas anteriores.

O tenente-coronel Francisco de Barros Miranda comandava o 5º Corpo da Guarda Nacional, que participou do cerco de Uruguaiana, seguindo até Corrientes, na Argentina, de onde regressou por motivos de doença. Seguiu-lhe, por ordem de posto, o major Francisco Marques Xavier, conhecido pela alcunha de Chicuta, diminutivo de Francisco, por ser de baixa estatura física. O coronel Chicuta, fez toda a campanha participando dos combates de Botuí, Humaitá, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Sapucaí, Aquidabã, e participou do aprisionamento do general Bernardino Caballero de Añasco y Melgarejo.

Do 5º Corpo da Guarda Nacional de Passo Fundo, que participou da Guerra Contra o Paraguai, além do major, ocupando o posto de tenente-coronel Francisco Marques Xavier, alcunhado de Chicuta, faziam parte os capitães Bernardo Antônio de Quadros, Bento Mascarenhas de Carvalho, Athanzio Baptista do Nascimento e os tenentes Salvador Alves dos Santos Rabello, Lucas José dAraújo, Manoel Nunes Vieira, que regressou por ter sido ferido em combate, Francisco José dos Santos, que também regressou doente, Floriano José Rodrigues, outro que adoeceu e voltou em meio à guerra. Outros oficiais que fizeram parte foram os alferes Pedro Bueno de Quadros e José Maria Xavier dAraújo e os sargentos Porfírio José dAraújo, Braz Ferreira Martins e Francisco Bier. Este, no posto de tenente-coronel republicano foi ferido e decolado no Combate do Umbu, a 16 de janeiro de 1894, durante a Revolução Federalista. Aliás, muitos veteranos da guerra contra o Paraguai participaram da Revolução Federalista, em ambos os lados.

Para que se aquilate a contribuição dos passo-fundenses na “guerra contra o governo do Paraguai” como, oficialmente, à época, os comandantes brasileiros denominavam o conflito, basta dizer que a biografia do Coronel Chicuta, que comandou o 5º Corpo de Voluntários da Guarda Nacional, na maior parte da guerra, contabiliza a participação em 22 combates.

Ao final da Campanha, menos de 25% dos voluntários voltaram vivos. Mais de 75% dos passo-fundenses perderam a vida na guerra.

Também participou da guerra contra o Paraguai o 42º Corpo da Guarda Nacional de Passo Fundo, sob o comando do tenente-coronel Irineu José Topázio, que morreu na guerra. Contando com os seguintes oficiais: capitães Lúcio da Silva Portella, José Sebastião Apiahy, que fez parte da campanha, José Alexandre de Brito, Theobaldo Gonçalves do Nascimento, Antônio Camillo Ruas, Elisário Ferreira Prestes, que seria um dos comandantes maragatos durante a Revolução Federalista, e os sargentos Joaquim Borges Vieira, outro combatente na Revolução Federalista, Crescêncio Rodrigues de Lima e Manoel Pedro de Alcântara.

O 8º Esquadrão Avulso era comandado pelo major João Cypriano da Rocha Loyres, tendo os tenentes Laurindo dos Santos Cardozo de Menezes, Eduardo Velloso de Linhares e o alferes Manoel Geminiano Baptista, além dos sargentos João Fernandes do Carmo e Manoel José de Almeida.

A 2ª secção de Batalhão era comandada pelo major Cesário Antônio Lopes, que adoeceu, regressando para Passo Fundo, onde continuou reunindo gente para integrar a Guarda Nacional. Também integrava a secção o major Nicolau Falkembach, o capitão Antônio Rodrigues Batista, o tenente cirurgião Francisco Miguel Ribeiro Jardim e o tenente João José Antunes, que fez parte da campanha. O alferes Antônio Delfino de Oliveira, também fez parte da campanha. O alferes Bento Mascarenhas Jequetinhonhas e Jerônimo

Fernandes de Oliveira, participaram de toda a guerra. Jerônimo Fernandes de Oliveira, apesar de passo-fundense, integrou as forças de Cruz Alta.

Infelizmente, os registros até agora divulgados não revelam os nomes de todos os voluntários passo-fundenses que participaram da guerra contra o Paraguai. É possível que nunca os seus nomes venham a público

Brasileiros de todas as origens e até imigrantes apresentaram-se para defender o território brasileiro, invadido pelas forças paraguaias. Entre os oficiais notamos diversos sobrenomes estrangeiros: Falkembach, Müller, Bier, Doring, Salinet, Aguirre, Morsch, Stürm, Marchi (Marques) e Pedra, do português Manoel José da Silva Pedra, que continuam entre nós. Esse detalhe é de extrema importância. Os imigrantes logo se integraram à vida brasileira, assumiram os costumes e as tradições nacionais. Imigrantes de todas as nacionalidades que aqui aportaram logo se tornaram viciados no chimarrão, apreciadores do churrasco e demais alimentos da culinária brasileira. Adotaram as vestimentas típicas. Numa palavra: abrasilaram-se.

Uma vez terminada a guerra contra o Paraguai os passo-fundenses que dela participaram – e que sobreviveram – retornaram ao município.

### Conseqüências da guerra para Passo Fundo

Essa guerra trouxe duas contribuições significativas para a política brasileira: o aumento de simpatizantes para a causa abolicionista e a simpatia dos brasileiros com o movimento republicano que se iniciava.

A convivência entre brasileiros de todas as etnias e classes sociais, na luta contra um “inimigo comum”, a ditadura de Solano Lopes, convenceu os brasileiros de que não havia mais clima para a manutenção da escravidão. Brancos e negros tiveram que defender-se mutuamente; passaram sede e fome juntos. E com toda a certeza, muitos brancos somente foram salvos graças à solidariedade de brasileiros de pele escura.

Outro fator que contribuiu para que os brasileiros se tornassem sensíveis ao movimento abolicionista, seguramente, foi a convivência com uruguaios e argentinos, onde a escravidão tinha sido abolida há décadas. Essa convivência, também fortaleceu em muitos e despertou em tantos outros brasileiros, os ideais republicanos.

A guerra sendo, na definição clássica do estrategista alemão Karl Klauzeritz, a “continuação da política por outros meios”, também acaba apresentando aspectos positivos, entre eles o fortalecimento dos vínculos nacionais no interior dos povos envolvidos e a consolidação de novos segmentos sociais.

No caso brasileiro, a guerra contra o Paraguai consolidou uma classe média, constituída basicamente pelo funcionalismo público, em especial os militares. Comerciantes de todos os tipos, entre fornecedores para os governos envolvidos e simples mascates, também lucraram, além de tantos quantos que se dedicaram ao fornecimento de suprimentos para os combatentes.

Isso tudo contribuiu para mudara a configuração social da sociedade brasileira, que não poderia mais continuar sendo a mesma.

## Primeira consequência: o movimento republicano

A convivência dos brasileiros com uruguaios e argentinos, durante a guerra contra o Paraguai provocou o aumento de simpatias com a causa republicana.

O Rio Grande do Sul já possuía certa tradição republicana, através da República Rio-Grandense, proclamada no dia 11 de setembro de 1836, durante a Revolução Farroupilha pelo general Antônio de Souza Neto. A República Rio-Grandense chegou a adotar hino e bandeira próprios, a convocar e eleger uma Assembléia Constituinte e a elaborar um projeto de constituição republicana.

Republicano e abolicionista, o general Antônio de Souza Neto, terminada a Revolução Farroupilha, recolheu-se para suas fazendas no interior do Uruguai, levando consigo centenas de negros que participaram com ele daquela revolução. Temia que os imperiais desrespeitassem os acordos firmados, garantindo a libertação dos escravos que lutaram ao lado dos farrapos.

Mesmo republicano, o general Antônio de Souza Neto morreu na guerra contra o Paraguai, acompanhado de muitos negros brasileiros que viviam no Uruguai.

Outros republicanos brasileiros, veteranos da Revolução Farroupilha, também participaram daquela grande guerra.

Em 1868, na capital gaúcha, o professor Apolinário Porto Alegre fundou o Clube 20 de Setembro, reunindo republicanos em torno da mística dos farrapos, no dizer do historiador Moacyr Flores. Dois anos depois, a 23 de dezembro de 1870, no Rio de Janeiro, era publicado, no jornal A República, o famoso Manifesto Republicano, de autoria de Quintino Bocaiúva.

Dois partidos políticos dividiam Passo Fundo, o Liberal e o Conservador. Os liberais eram liderados por Antônio Ferreira Prestes Guimarães e os conservadores por Gervazio Luccas Annes, que chegaram a ser deputados na Assembléia Provincial, correspondendo à atual Assembléia Legislativa.

Algum tempo depois Passo Fundo viu surgir um grupo de jovens que procurou organizar suas simpatias pelo movimento republicano através de reuniões realizadas na casa do marceneiro Augusto Reichmann, situada na Avenida Brasil, parte fronteira ao atual Colégio Notre Dame.

Os jovens republicanos, que costumavam se reunir à noite, passaram a ser ridicularizados, tanto por liberais quanto pelos conservadores, com o apelido de “Clube do Toco de Velas”. Além dos encontros na casa de Augusto Reichmann, os jovens republicanos realizavam comícios, diante da ferraria de Tomaz Canfil, que ficava nas proximidades da residência de Augusto, também na frente da então Praça Boa Vista, como era conhecido o espaço depois doado para a construção do atual Colégio Notre Dame.

Os comícios do “Clube do Toco de Vela” atraíam a atenção de curiosos. E, apesar de ridicularizados, acabaram contribuindo para que a discussão em torno da República se popularizasse em Passo Fundo. Entre os integrantes desse núcleo de republicanos estavam Francisco Prestes, que teria sido o primeiro passo-fundense a assumir a



militância republicana, Manoel de Araújo Schell, Pedro Pereira dos Santos, Afonso Caetano de Souza, Fidêncio Pinheiro, Fernando Zimmermann, Irineu Lewis, José Savinhone Marques Sobrinho e, naturalmente, Augusto Reichmann, o dono da casa que sediava o “Clube do Toco de Vela”.

Francisco Prestes, que seria o líder dos jovens republicanos, mudou-se de Passo Fundo, provocando um declínio do movimento. Este, porém, logo se recomporia com a adesão do major Lucas José de Araújo, comerciante rico e de grande projeção social, que passou a acolher os republicanos remanescentes em sua casa, na esquina a Avenida Brasil com a Rua Marcelino Ramos.

Na casa de Lucas José de Araújo, que ficava na esquina da Avenida Brasil com a Rua Marcelino Ramos, onde, posteriormente, foi construído o prédio do Círculo Operário Passo-Fundense, há pouco demolido, para dar lugar a um edifício ainda em fase de construção, também se reuniam os liberais Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que morava ao lado, na Avenida Brasil, Jerônimo Savinhone Marques, Joaquim Gonçalves Gomide, José Prestes Guimarães, Jorge Schell, e os conservadores Teófilo Rodrigues da Silva, Manoel Teodoro da Rocha Ribeiro, Daniel Manoel de Araújo, Saturnino Vitor de Almeida Pillar e Gervazio Luccas Annes.

O major Lucas José de Araújo representava, em Passo Fundo, do jornal A Federação, que surgiu em 1º de janeiro de 1884, como órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense. O jornal contava com outros assinantes no município, servindo como um veículo para a difusão e consolidação da idéia republicana. Empregando seu prestígio, Lucas José de Araújo consolidou o Partido Republicano Rio-Grandense local. Este, pouco antes da proclamação da República avolumou-se com a adesão dos militantes do Partido Conservador, adesão que contribuiu para que as perseguições políticas mudassem de lado, sendo uma das explicações para a violência que explodiria durante a Revolução Federalista (1893/1895).

## Segunda consequência: o movimento abolicionista

A segunda grande consequência foi o fortalecimento do Abolicionismo. Gaúchos de todas as etnias irmanaram-se durante séculos na defesa das fronteiras. Isso não impediu que homens livres continuassem homens livres e escravos continuassem escravos. A democracia racial é uma grotesca mentira. Não é o momento nem o local de discutir o assunto. A guerra contra o Paraguai não causou diretamente o aumento dos sentimentos abolicionistas em Passo Fundo. O contato dos veteranos com argentinos, uruguaios e paraguaios, que viviam sob regimes republicanos, e onde a escravidão dos negros já fora abolida, favoreceu o surgimento de idéias republicanas e abolicionistas. Quando essas idéias não eram francamente favoráveis à República e à Abolição pelo menos aumentaram a permeabilidade das elites brasileiras a essas mudanças.

Tanto isto é verdade que já no dia 13 de agosto de 1871, às 19 horas, com a presença de várias pessoas – brancos, naturalmente –, era realizada uma reunião abolicionista. O evento foi aberto pelo Dr. Cândido Lopes de Oliveira, defendendo a necessidade de que fosse fundada uma “sociedade libertadora das crianças do sexo feminino”, a exemplo do

que já ocorrera em diversas outras vilas e cidades, como Cruz Alta, Porto Alegre e na Capital do Império, que era o Rio de Janeiro.

Cândido Lopes de Oliveira preconizou a adoção como modelo os estatutos da sociedade congênere de Porto Alegre, com pequenas modificações, como o donativo de dez mil réis, ao ano, por parte de cada associado. Propôs que a comemoração do Dia da Independência, anualmente, com a libertação do máximo de crianças que fosse possível libertar com os recursos da sociedade.

Falou em seguida o major Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que apoiou as propostas de Cândido Lopes de Oliveira e informou sobre medidas já adotadas, entre as quais a formação de diversas comissões abolicionistas nos distritos do município.

Com a aprovação unânime fundou-se a Sociedade Emancipadora Passo-Fundense, aprovando-se, por aclamação, Pedro Lopes de Oliveira, como presidente, e Antônio Ferreira Prestes Guimarães, como secretário geral.

A Assembléia que decidiu fundar a Sociedade Emancipadora Passo-Fundense, no dia 13 de agosto de 1871, resolveu, também, delegar poderes para que o presidente, Cândido Lopes de Oliveira, e o secretário geral, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, tratassem de organizá-la com vistas a realizar uma grande festa no dia 7 de setembro seguinte. Cândido Lopes de Oliveira afirmou que, como vereador, apresentaria proposta à Câmara para a colocação em uma tabuleta e registro em livro próprio dos nomes dos sócios presentes, sendo declarados beneméritos.

Fundaram a Sociedade Emancipadora de Passo Fundo as seguintes pessoas: Cândido Lopes de Oliveira, Antônio Ferreira Prestes Guimarães; Nicolau José Gomes; Matheus Gomes Nogueira; Joaquim Gonçalves Gomide; Ludovig Morsch; Joaquim Dias Medeiros; Amâncio d'Oliveira Cardozo; Ramon Rico; Cecília Rico; Cícero Melquíades de Figueiredo; Francisca de Mata Figueiredo; Celina de Figueiredo; Zoraida de Figueiredo; Tacir de Figueiredo; Theóphilo Rodrigues da Silva; Mathilde Teixeira de Moraes; Jorge Meister; Pantaleão Ferreira Prestes; Padre Antônio da Rocha Pinto; José Francisco de Oliveira; José Pinto de Moraes; Antônio José de Almeida Teto; Antônio José da Silva Loureiro; Guilhermina Pedrina de Oliveira; João Müller; Francisco de Barros Miranda; Antônio Ferreira de Albuquerque Netto; Bento Martins da Cunha; Manoel Francisco de Oliveira; Joaquim José de Andrade Pereira; Pedro Ferreira da Silva; Polycarpo Ferreira da Silva; Guilherme Block; João Severiano Marques da Cunha; Felicidade Maria Vieira Martins; Maria Luiza Gomes; Affonso Maria Vieira Martins; João Henrique Luiz Daerve; Francisco Teixeira Alves; João Teixeira Procópio; Cesário Antônio Lopes; Manoel Ferreira Carpes; Tibiriçá Tobias de Oliveira; Diogo José de Oliveira (que concedeu liberdade a uma escrava); Manoel José Gomes Ferreira Pedra; João Gabriel de Resende; Leôncio Osana Rico; Adão Rico; Cantalício Rico; Carlos Gosch; C. V. Reutter; Jorge Sturm Filho; Rufino Antônio da Silva (que também libertou uma escrava); Mariano Antônio de Assumpção; Manoel Nunes Vieira; Francisco de Paula Vieira; Maria Joana Vieira (que declarou livre uma escrava) e Anna Thereza Prestes (outra que concedeu liberdade a uma escrava).

Ao estudarmos a organização da Sociedade Emancipadora Passo-Fundense, um detalhe que salta aos olhos é o número significativo de mulheres, numa sociedade dominada pela presença de pioneiros. Outro ponto que merece destaque é a alta quantidade de nomes

conhecidos na história de Passo Fundo, o que demonstra a profundidade alcançada pelo movimento abolicionista.

Em folheto divulgado, ainda no mesmo ano de 1871, a Sociedade Emancipadora Passo-Fundense comemorava as festividades promovidas no dia 7 de setembro daquele ano, lembrando que, em apenas três semanas, foram libertadas “seis inocentes crianças, quase todas brancas”, com os fundos da sociedade, “além de quatro adultas – por liberalidade dos seus senhores”. Um detalhe importante é que as crianças libertadas eram “quase todas brancas”, demonstrando que a miscigenação entre brancos e negros também se verificava em Passo Fundo...

Depois de um ímpeto inicial, o movimento abolicionista passo-fundense sofreu um decréscimo. Talvez se explique pela profunda crise que afetou a economia local nos anos que se seguiram ao fim da guerra contra o Paraguai.

Assim, no dia 3 de setembro de 1884, o vereador Antônio Ferreira Prestes Guimarães, lembrando a Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, propôs a criação de um livro ouro, para registrar as atas das reuniões objetivando a abolição da escravidão de das pessoas que, espontaneamente, libertassem seus escravos.

O movimento alcançou grande repercussão, tanto que, no dia 28 de setembro de 1884, reunida solenemente, a Câmara de Vereadores proclamou a libertação de 300 escravos, seguindo-se um culto solene e um Te-Déum na Matriz, hoje Catedral, em comemoração ao ato, além de festejos populares. Essa abolição aconteceu com o concurso dos dinheiros públicos.

No dia seguinte, os vereadores passaram telegrama ao presidente da Província, que terminava com as seguintes palavras: “Vai desaparecer a mancha negra”.

Como podemos ver, o movimento abolicionista passo-fundense inseria-se dentro do mesmo processo em nível nacional. Tanto isto é verdade, que a Sociedade Emancipadora Passo-Fundense foi fundada no dia 13 de agosto de 1871, pouco mais de um mês antes da aprovação da Lei do Ventre Livre. Tinha o objetivo de libertar as crianças do sexo feminino.

O movimento diminuiu logo depois, reiniciando-se, no ano de 1884, menos de quatro anos antes da proclamação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

Em 1886, a Câmara de Vereadores comunicava à Assembléia Provincial que havia instituído um imposto de 200\$000 réis por escravo introduzido no município, com exceção aos que coubessem por herança a órfãos e interditos aqui residentes. Informava, ainda, que a escravidão estava praticamente extinta em Passo Fundo.

### Efeitos negativos da guerra contra o Paraguai

Durante a guerra contra o Paraguai, a maior parte da força produtiva, constituída pelos homens jovens e escravos, mobilizou-se para a frente de batalha, ocasionando falta de braços para tocar as lavouras, a criação de gado e a incipiente indústria local. Passada a guerra, boa parte dessa força produtiva ou não retornou, pois muitos passo-fundenses

pereceram na luta, ou não pode ser integralmente aproveitada, uma vez que outros tantos voltaram mutilados.

A ocorrência de grandes secas contribuiu para agravar os efeitos negativos provocados pela guerra sobre a agropecuária. As notícias sobre esse período de secas foram preservadas pela história oral. Meu avô paterno, José Mendes Monteiro, nascido em 1900, costumava repetir o que ouvira de seu pai, Alexandre Mendes Monteiro, e de seu avô Francisco Mendes Monteiro: todas as fontes da região de São Miguel secaram. Sobrou apenas um olho-d'água, em meio a um mato hoje pertencente à Indústria Bertol, nas proximidades de Santo Antônio. Próximo a essa fonte, o mato foi derrubado e queimado. Apenas nesse lugar conseguiram colher um pouco de milho e feijão.

A maior de todas as secas daquele período iniciou no dia 24 de outubro de 1876 durando até 12 de fevereiro do ano seguinte. Esse período permanece na história oral até hoje, como o espaço de tempo em que praticamente todas as fontes secaram em Passo Fundo. Quase toda a safra de verão foi perdida. Poucas famílias conseguiram colher alguma coisa em suas lavouras.

Em 1877, a miséria em consequência da seca, atingia tal magnitude que a Câmara formou quatro comissões para socorrer os flagelados. A primeira delas, na vila, sob a presidência de José Pinto de Moraes era integrada, também por João Jacob Müller Filho e Antônio Ferreira Prestes Guimarães, dispondo de 300\$000 réis para socorro das vítimas; a segunda, para o Campo do Meio, dispunha de 250\$000; a terceira, para Nonoai, contava com um aporte de 250\$000 e, a última, para Jacuizinho, contava com recursos da ordem de 300\$000.

As dificuldades provocadas pela guerra e as intempéries, a década de 1870 despertavam choradeira, especialmente entre os políticos locais. Tanto isto é verdade que, a 15 de fevereiro de 1874, os vereadores informavam, textualmente, à Assembléia Provincial: “A agricultura, neste município, corretamente ninguém dirá que definha, porque só definha aquilo que algum tempo prosperou”.

Os vereadores lembravam que as dificuldades maiores para o desenvolvimento de Passo Fundo estavam na grande distância dos centros consumidores, o que era agravado pela falta de mão-de-obra, a dificuldade de transporte e a agricultura de subsistência, que não gerava excedentes comercializáveis. E vinha o otimismo ao destacarem a fertilidade do solo, especialmente nos vales do Uruguai, do Jacuí e do Taquari (Capingüí). Lembravam que a cana-de-açúcar, o fumo, o arroz e o trigo haveriam de figurar entre os produtos exportáveis pelo município, desde que tivessem o concurso da melhoria das estradas, do aumento da população e da introdução de novas tecnologias.

Os métodos de cultivo eram ainda rudimentares. Vivia-se no regime das queimadas. O fogo, o machado, a foice e a enxada formavam os instrumentos empregados. O arado praticamente não se introduzira. A semeadura continuava praticada a lanço, com os cereais sendo atirados com a mão sobre a terra capinada e cobertos com terra, passando-se os pés ou ramos sobre o local da semeadura, ou em covas abertas com a enxada ou com espécies de cavadeiras, muitas vezes feitas com galhos de árvores. Era uma técnica, evidentemente, herdada dos índios.

Para aumentar a produtividade os vereadores preconizavam a inclusão dos caingangues ao processo produtivo, através da catequização. Defendiam o fortalecimento da colônia

agrícola em Nonoai para civilizar as hordas indígenas que viviam na vadiagem, na libertinagem e no saque. E já preconizavam a introdução de imigrantes no município de Passo Fundo.

O mesmo relatório da Câmara de Vereadores, divulgado em 1874, salienta que as exportações passo-fundenses constituíam-se nas levadas de mueres para a Feira de Sorocaba, em São Paulo, na erva-mate que era exportada para o Uruguai e a Argentina e na ágata para as fábricas da Alemanha.

Os vereadores lembravam as ricas pastagens dos campos costeados por capões de mato que serviam de proteção para os animais durante o inverno. Apesar disso, era impossível desenvolver uma indústria saladeiril, visto que os custos com o sal indispensável para o funcionamento das charqueadas, impossibilitava que o charque serrano competisse com o das regiões próximas do Litoral.

O comércio de mulas vivia uma crise. E, também, sob crise estava a produção ervateira. A ambição fazia com que os produtos fossem falsificados.

A educação era outro problema. Passo Fundo contava com uma população aproximada de 18 mil habitantes e com apenas três salas de aula para alunos do sexo masculino: uma na sede do município, outra em Soledade e a terceira em Nonoai. Todas elas sem professor. Uma sala de aula para meninas era a única em funcionamento. Apesar disso, os vereadores solicitavam mais salas de aula para meninos em Campo do Meio, em Restinga (Marau), em Jacuizinho (Carazinho) e Lagoão e para meninas em Nonoai e Soledade.

Nesse ano de 1874, Passo Fundo perdia o distrito de Nonoai, com a criação do município de Palmeira das Missões

No ano seguinte (1875) o município adquiria o prédio da Intendência (antiga Prefeitura) e solicitava uma verba de 1:000\$000 para fundar uma biblioteca pública. O território passo-fundense diminuía com a emancipação de Soledade.

## Passo Fundo contra a divisão do Rio Grande

Em meados do século XIX toda a força política do Rio Grande do Sul concentrava-se na Fronteira. Os estancieiros das divisas com o Uruguai e a Argentina dominavam a Província. Dali saía a maioria dos deputados, os senadores, os presidentes da Província, em suma, todas as principais autoridades. A chamada região serrana, onde se incluíam os vastos municípios de Vacaria, Passo Fundo e Cruz Alta quedavam abandonados. Não tinham voz e vez.

Toda essa situação gerava muito descontentamento. Como tivemos a oportunidade de lembrar, a região não dispunha de estradas que levassem diretamente aos centros consumidores. O comércio sofria com a ação de atravessadores estabelecidos em Cachoeira do Sul e Rio Pardo, que influenciavam as decisões políticas de Porto Alegre.

A situação, agravada com as intempéries, levou a Câmara de Vereadores de Cruz Alta, em 1877, a tomar uma medida radical: iniciar um movimento com vistas a criar a Província das Missões, com a separação da metade norte do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, no

dia 22 de fevereiro daquele ano, enviou ofício à Câmara de Vereadores de Passo Fundo, solicitando que os vereadores passo-fundenses oficiassem à Assembléia Provincial, solicitando a criação da nova Província.

Reunidos, os vereadores João de Vergueiros, Antônio Pereira de Almeida, José Pinto de Moraes, João Jacob Müller e Joaquim de Andrade Pereira, manifestaram-se contrário à proposta de criação da Província das Missões.

O argumento central dos vereadores de Passo Fundo era o seguinte:

“Por mais brilhantes e sedutores que possam parecer os argumentos da causa, expostos, como foram, com habilidade e arte, é inegável que o projeto concebido visa ao quebrantamento da heróica província do Rio Grande do Sul e, portanto, o seu enfraquecimento e ruína.

“De uma província vasta, rica, forte e gloriosamente autonômica far-se-ão duas insignificantes, pobres, frágeis e quiçá miserandas sucursais da opulenta corte”.

A Província das Missões morreu na casca.

#### A recuperação econômica

Historicamente, Passo Fundo apresenta uma tradição de rápida recuperação econômica. Em 1877, já emancipados Soledade e Nonoai integrado ao município de Palmeira, Passo Fundo contava com um rebanho de 50 mil cabeças de gado vacum, 3 mil porcos, 3.600 ovinos e 300 caprinos. Eram exportados 300 couros em bruto, 3 mil em surrões, espécies de bolsas de couro usadas no transporte de mercadorias, além disso, 300 couros eram consumidos pela população local. Os passo-fundenses empregavam, para uso próprio, 200 couros de ovelha e 30 de couro caprino.

Nos anos seguintes a economia começava a recuperar-se, tanto que, quatro anos depois, em 1881, o município participava da Exposição Brasileiro-Alemã de Porto Alegre, com uma comissão composta por Antônio Bento de Souza, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, Jorge Schell, José Diogo de Lewis, Luiz Morsch, Laurindo dos Santos Cardoso de Menezes e Maximiliano Bechoren.

Passo Fundo contava com seis soques de erva, que exportavam o produto para o Uruguai e Argentina. A produção ervateira, recuperando-se de uma crise recente, era de 293 toneladas e 780 quilogramas anuais. Em Nonoai, que retornara a Passo Fundo, começava a desenvolver-se a indústria açucareira e da produção de cachaça.

Os vereadores continuavam defendendo a colonização da margem esquerda do Uruguai e da margem direita do Rio Passo Fundo e reivindicando a construção de estradas. O preço do gado, nas charqueadas de Pelotas e Cachoeira do Sul e na Feira de Sorocaba, era convidativo, contribuindo para a acumulação de capitais na região. Os preços de cavalos e muares, também eram favoráveis, pois as lavouras de café precisavam desses animais.

A produção de milho e a abundância de frutos silvestres, como o pinhão e o butiá, contribuíam para a facilidade na engorda de porcos. Os vereadores previam que a produção de banha suína seria uma das grandes fontes de renda do município.

## Bibliografia

Ávila, Ney Eduardo Possap d'. Passo Fundo: terra de passagem. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.

Fiorotto Filho, Antonio. Cronologia e Genealogia de Antonio de Mascarenhas Camello Júnior. Sem data e sem local: Cópia Xerox.

Fiorotto Filho, Antonio. Livro da Família Mascarenhas. Sem data e sem local: Cópia Xerox.

Flores, Moacyr. Dicionário de História do Brasil – 2ª Edição Revista e Ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Gehm, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo (1º volume). Passo Fundo: Multigraf- Gráfica e Editora, 1978.

Gehm, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo (2º volume). Passo Fundo: Diário da Manhã Grafia e Editora, 1982.

Gehm, Delma Rosendo. Passo Fundo Através do Tempo (3º volume). Passo Fundo: s/ed., s/d (1983).

Guimarães, Antonio Ferreira Prestes. A revolução federalista em cima da serra. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

Mattos, Marília (Org.). Coronel Chicuta: um passo-fundense na Guerra do Paraguai. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

Monteiro, Paulo. Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo. Passo Fundo: Berthier, 2006.

Oliveira, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do município de Passo Fundo (3 volumes ilustrados). Passo Fundo: Gráfica e Editora Universidade de Passo Fundo, 1990.

Silveira, Hemetério Velloso da. As Missões Orientais e seus domínios. Porto Alegre, Companhia União de Seguros Gerais, 2ª edição, 1979.

Paulo Monteiro, jornalista e autor de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos culturais e literários, pertence a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior. É presidente da Academia Passo-Fundense de Letras e secretário do Instituto Histórico de Passo Fundo. Endereços para correspondência: [academiapletras@yahoo.com.br](mailto:academiapletras@yahoo.com.br) e Caixa Postal: 462 – CEP: 99001-970 – Passo Fundo – RS – Brasil.

Data : 01/01/2013

Título : Passo Fundo é uma terra que vomita gente

Categoria: Artigos

Descrição: Paulo Monteiro é considerado um dos homens mais cultos e esclarecidos de Passo Fundo. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Paulo Monteiro é considerado um dos homens mais cultos e esclarecidos de Passo Fundo. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, da Academia Literária Gaúcha e de diversas outras entidades culturais do Brasil e do Exterior, é também um estudioso das Escrituras Sagradas. Dedicado a pesquisas sobre a história de Passo Fundo e da Região tem opinião não se omite de analisar os fatos históricos à luz da Bíblia.

“O importante é não esquecermos de que a História é uma ciência humana, que pode ser interpretada econômica, filosófica, sociológica ou teologicamente. A esse tipo de interpretação pode-se dar o nome de metahistória. Assim, podemos usar conceitos bíblicos para entender certos fenômenos que perpassam toda a história de Passo Fundo, e de toda a região ao redor, que envolve áreas adjacentes aos municípios de Cruz Alta, Palmeira das Missões, Soledade, Lagoa Vermelha e Erechim, por exemplo, que têm a mesma formação histórica”, afirma o pesquisador.

“Antes que os primeiros brancos – os padres jesuítas aqui se estabelecessem – a região era habitada por povos idólatras, um dos quais, os ibiraguaras, também conhecidos como carijós, cujo centro era a região do Campo do Meio, entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha, eram antropófagos. Viviam em guerras constantes, pela posse da terra. Acreditavam em espíritos que a Bíblia define como satânicos, praticavam a feitiçaria e a magia. Uma característica muito particular da maioria desses primitivos habitantes era a prática da poliandria, em que as mulheres podem ter filhos com qualquer homem da tribo ou estrangeiro, que se hospede ou passe a viver na tribo”, conta Paulo Monteiro.

Quando a história de Passo Fundo – e da região – é estudada verifica-se a proliferação de cultos idólatras, fora dos padrões bíblicos, a grande quantidade de cristãos que abandonam, “se desfiam”, das igrejas evangélicas. A violência, que se traduz através das matanças durante as revoluções que assolaram o Estado, tanto que o historiador Antonino Xavier e Oliveira, calcula em mais de 3 mil o número de vítimas durante a Revolução de 1893, só no então município de Passo Fundo. O próprio Paulo Monteiro assegura que só o número de mortos naquele conflito é superior a 2 mil pessoas.

“Muita de toda aquela violência se deve às disputas de terras, disputas que continuam até hoje, tanto que os movimentos de sem-terras sempre surgiram na Região”, esclarece Monteiro.

E é taxativo ao afirmar que “a poliandria, na verdade, continua até hoje. Ao notarmos a grande quantidade de filhos não registrados com o nome do pai, às vezes de geração em



geração. E tem mais: não é difícil encontrar mulheres com vários filhos, todos de pais diferentes. Isso contribui para a proliferação de famílias desintegradas, pessoas recalçadas, agressivas e depressivas”.

A divisão e a violência também se manifestam na política. “Aí, nada se perdoa. Já se matou muito em nome de partidos. E ainda acontecem homicídios por divergências partidárias. As campanhas eleitorais são violentas, com panfletagens que atingem a honra e a dignidade das pessoas e, não raras vezes, com atentados contra a integridade física de outros seres humanos”, lembra Paulo Monteiro. Essa divisão vai além, pois “as próprias entidades representativas de grupos e classes sociais se dividem na hora de alcançarem objetivos comuns”.

“Ao estudarmos a história de Passo Fundo, notamos que as coisas não vão para a frente. Empresas comerciais e industriais surgem e desaparecem do dia para a noite. Alguém sabe onde foram parar os recursos gerados com a indústria da erva-mate, da criação de gado, das tropas, das madeiras, do trigo e da soja? Parece que desapareceram, com desaparecem famílias inteiras, que abandonas o Município e a Região. Ora! – exclama o historiador – a Bíblia em Levíticos 27.28 é muito clara ao afirmar que as abominações contaminam a terra e que a terra vomita os abominadores. E é exatamente isso que parece acontecer aqui: a terra “vomitando” pessoas com bens e tudo! O pior de tudo – e tive a oportunidade de ouvir e ver líderes religiosos confessando – é que tudo isso está acontecendo dentro de igrejas cristãs...”

Mas afinal o que são “abominadores”? “Uma síntese do que sejam abominadores está contida em 1 Coríntios 6.10 – lembra o pesquisador –: “... nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus”. E todo esse tipo de gente encontramos às mancheias ao longo de nossa História, inclusive governando os destinos da população...”

Do ponto de vista bíblico há solução para todos esses problemas, uma solução espiritual, metahistórica, naturalmente... “A única solução bíblica é a confissão desses pecados, é o arrependimento. Há muitas passagens na Bíblia que indicam esse caminho. Talvez a mais conhecida esteja no Antigo Testamento, em 2 Crônicas 7.13-14, num aviso que Deus entregou a Salomão: “Se eu cerrar os céus, e não houver chuva, ou se ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou se enviar a peste entre o meu povo; e se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra”.

No entendimento do historiador o arrependimento “passa, em primeiro lugar por aqueles que Deus chama de “meu povo”, a Igreja Cristã. E por quê? Porque essa foi a primeira – e mais importante – missão que Jesus transmitiu à Igreja, através de Pedro, quando o apóstolo confessou quem realmente era o Mestre, ao reconhecer: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Eis as palavras textuais de Jesus, transcritas de Mateus 16.18-19: “Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”.

Data : 05/06/2009

Título : Passo Fundo Tchê um projeto que deu certo

Categoria: Artigos

Descrição: Hoje, por força de leis, somos Capital Estadual e Capital Nacional da Literatura.

“Passo Fundo Tchê” – um projeto que deu certo

Passo Fundo, historicamente, se caracteriza pela execução de projetos exitosos que não têm continuidade. Alguns deles tiveram o sentido de dotar a cidade de um título que vendesse a imagem do município. “Terra do Trigo” e “Capital do Planalto”, embora ainda lembrados, acabaram não se consolidando. Na década de 1970 o então prefeito Edu Azambuja, criou o refrão “Passo Fundo – Passo Firme Para o Progresso”, empregado em documentos oficiais. A bipolarização política e o pesado caráter ideológico da expressão acabaram fazendo com que fosse desdenhada por boa parte da população. Também não pegou.

Aldo Battisti, comerciante e líder empresarial, conhece muito bem toda essa história. Em 1980 acompanhou o surgimento de uma dessas muitas marcas que procuram dar uma identificação para Passo Fundo. Conta que a idéia surgiu na cabeça de Walmor Palma, jornalista, cronista esportivo, chargista, cartunista, mas principalmente desenhista de publicidade. Walmor, à época, produzia muitos adesivos, para empresas, uma das quais a Casa Battisti.

Preocupado com o fato de que muitas cidades possuíam um título ou um símbolo representativo, o que não ocorria com Passo Fundo, criou um adesivo com a inscrição “PASSO FUNDO TCHÊ! A MAIS GAÚCHA CIDADE DO RIO GRANDE DO SUL”. O êxito foi imediato. O adesivo espalhou-se pelo país e chegou ao exterior, nos vidros de veículos.

Walmor Palma procurou Aldo Battisti, um dos seus clientes para que conseguisse o apoio da CICASP – Câmara da Indústria, Comércio, Agropecuária e Serviços de Passo Fundo atual ACISA.

O projeto levado à CICASP foi aprovado e lançado oficialmente no dia 13 de outubro de 1980. Na Câmara de Vereadores foi transformado na Lei nº 1922 de 28 de novembro daquele ano. Pouco depois, a 9 de dezembro, surgia a Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura. Registrado no Cartório de Títulos e Documentos de Passo Fundo, o projeto, a 6 de agosto de 1981, foi implantado em nível estadual pelo então secretário de Estado de Cultura, Desporto e Turismo, Luis Carlos Barbosa Lessa, um dos fundadores do atual Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Walmor Palma tinha consciência de que muitas coisas estavam em decadência. “Na verdade Passo Fundo, talvez pelo sensacionalismo que o assunto causa, tem sido bastante divulgada através de slogans e coisas negativas como: ‘Gangster-Ciyy’, ‘Chicago dos Pampas’, enfim, como uma cidade infestada de assaltantes e marginais.

“Infelizmente até mesmo o futebol que até a bem pouco divulgava razoavelmente o nome da cidade, ultimamente, está deixando muito a desejar. Outros municípios de menor vulto já se dão ao luxo de poder assistir um constante desfilar de equipes que disputam o Campeonato Nacional e, com isso, atraem para si, semanalmente, milhares de visitantes, que não propriamente turistas, mas que têm se não maior, talvez a mesma importância que estes, pois deixam ali, semanalmente, vultosas somas em dinheiro, gasto em alimentos, combustível, hospedagem, etc.”

A consciência de Walmor Palma, porém, ia muito além da visão econômica. Abrangia o fenômeno cultural com uma lucidez atualíssima. Verificando que Passo Fundo estava sendo ultrapassado por cidades que montavam, “artificialmente”, projetos que canalizavam recursos. Como publicitário procurou encontrar uma “fórmula especial” que contribuísse para o desenvolvimento de Passo Fundo. Entendia que o turismo que enriquecia cidades e estados era mantido por essas “fórmulas”. E citava os exemplos de Garibaldi, Taquara, Canela, Uruguaiana, Flores da Cunha e Gramado, “que apesar de contar com o auxílio da natureza, assim como suas principais atrações, como hotéis, locais de lazer, hortências, foram criados pela ‘cabeça’ e pelas mãos dos seus habitantes”.

“Cidades que a natureza premiou com belíssimas paisagens assim mesmo passaram a usar uma variedade enorme de subterfúgios a fim de incrementar ainda mais o seu campo turístico como é o caso do Rio de Janeiro, com seu carnaval, o seu Cristo Redentor, o Quitandinha e o seu famoso bondinho suspenso, além de outras atrações”.

Após lembrar vários outros centros turísticos “criados pela ‘cabeça’ e pelas mãos dos seus habitantes”, lembrou que a aceitação do seu slogan se devia ao fato de que o mesmo ligava-se ao imaginário passo-fundense, onde muitas empresas conceituadas já divulgavam o imaginário gaúchesco, entre as quais: Gaúcha Madeireira, Cine Teatro Pampa, TV Umbu, Churrascaria Gaúcha, O Capataz, Livraria Saci, Churrascaria Laçador, Esporte Clube Gaúcho, Pampa Serviços e Auto Peças e muitas outras.

Assim, essa criação artificial estava madura para dar certo. E propunha uma série de idéias, que não chegaram a ser postas em prática.

Aldo Battisti, que mantém um acervo de materiais sobre o projeto “Passo Fundo Tchê”, afirma que o adesivo era disputado Brasil afora. “O projeto tem muitos pais da criança, mas a idéia é do Walmor Palma. A repercussão fez com que muitas cidades ficassem bravas. A polêmica acabou projetando ainda mais o projeto, que acabou recebendo o apoio de dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho: Barbosa Lessa e Paixão Cortes, que formularam as pretensões adventícias, com um argumento irrefutável: a primazia passo-fundense em assumir o título de Cidade Mais Gaúcha do Rio Grande do Sul”.

O apoio de Barbosa Lessa foi importantíssimo, pois mandou para Passo Fundo o artista plástico Ciro Del Nero, que elaborou diversas peças publicitárias, entre as quais a bota e o chapéu. “Como era paulista – conta Aldo Battisti – as peças montadas por Ciro Del Nero

provocou ciúmes bairristas, especialmente entre alguns patrões de CTGs, que criticaram a 'autenticidade' das produções do conceituado artista”.

Entidades de classe, Câmara de Vereadores e Prefeitura encamparam a idéia.

Aldo Battisti lembra iniciativas práticas do projeto Passo Fundo Tchê: “Fui designado para apresentar o projeto ao público porque o Walmor Palma estava bastante doente, proibido pelos médicos de participar de atividades que causassem emoções fortes. Durante um bom tempo, empresas incentivam seus funcionários a trabalharem pilchados, calendários e cartões postais e natalinos eram confeccionados com temas gauchescos, participantes de concursos de moda desfilavam vestindo motivos tradicionalistas, o próprio Esporte Clube Gaúcho usou um uniforme com detalhes gauchescos. Astros do cinema e da televisão, como Xuxa, literalmente, vestiram a camiseta do projeto”.

Vinte e nove anos depois, Aldo Battisti ainda defende o projeto. “Acho que o projeto Passo Fundo Tchê ainda tem sentido porque trabalha com a cultura gaúcha, uma coisa que nunca vai cair, porque é eterna. Não sei quem vai mexer com isso, mas que continuo acreditando na força disso aí continuo. E tem mais: o projeto deve ser continuado posto em prática por obrigação legal”.

Curiosamente, Walmor Palma, durante a administração Edu Azambuja participou do concurso que culminou com a escolha do slogan “Passo Fundo, Passo Firme para o Progresso”, com dois slogans: Passo Fundo, Tchê!” e “Passo Fundo, Cidade Cultura”. Hoje, por força de leis, somos Capital Estadual e Capital Nacional da Literatura.

Data : 31/05/1986

Título : Paulo Brossard no Senado - A oratória parlamentar

Categoria: Artigos

Descrição: As divisões da Oratória, a arte de falar em público, são várias. Uma das mais importantes, desde que o homem se organizou em sociedade, é a oratória parlamentar.

PAULO BROSSARD NO SENADO - A ORATÓRIA PARLAMENTAR

por Paulo Monteiro

As divisões da Oratória, a arte de falar em público, são várias. Uma das mais importantes, desde que o homem se organizou em sociedade, é a oratória parlamentar.

O Brasil tem sido pródigo em grandes oradores parlamentares e o Rio Grande do Sul, em particular, tem fornecido magníficos exemplos desses manejadores da palavra. No século passado destacar-se-ia a figura de Gaspar Silveira Martins, o Titã do Império, homem de raros recursos oratórios, uma cultura cosmopolita e um profundo amor à querência. Mais tarde o Rio Grande do Sul forneceria excelentes oradores ao nosso Parlamento Nacional, entre os quais avultam Assis Brasil, de cultura vasta e recursos nemônios invejáveis, Pedro Moacyr, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, o São João Batista da Revolução de 30 e Rui Ramos.

Se percorrermos os discursos de nossos maiores oradores parlamentares certamente encontraremos características que os distinguem de seus congêneres doutros pontos do País. Com certeza veremos que os oradores mineiros manejam a palavra com paciência dos montanhese e os gaúchos a empunham como se fora uma lança e fazem de suas orações verdadeiras cargas de cavalaria. Por isso é que nos momentos de crise porque passou nossa Pátria os oradores sul-riograndenses se destacaram no Parlamento.

Nos últimos tempos salientou-se a figura de Paulo Brossard de Souza Pinto, fronteiro e mestre do Direito constitucional, cujos pronunciamentos no Senado Federal, representara, verdadeiras cargas de cavalaria contra o estado autoritário imposto ao País a partir de 1 de abril de 1964. Paulo Brossard, que como deputado estadual e Secretário de Estado, apoiara o movimento que derrubou o governo democrático de João Goulart, pela seriedade e pelo desprendimento com que apoiara o novo estado de coisas, em seu início, tinha autoridade para desferir os ataques que desferiu contra o autoritarismo. E nenhum dos seus adversários dos últimos tempos tinham estrutura para contrapor-se à força dos argumentos do parlamentar rio-grandense.

Seus discursos parlamentares despertavam a atenção do Congresso Nacional e da Imprensa e poucos senadores ousavam enfrenta-lo destacando-se como defensor do autoritarismo, o atual Presidente da República, José Sarney, e o ex-ministro Jarbas Passarinho que, não poucas vezes, foram lançados ao ridículo pelos golpes do senador gaúcho.

Professor de Direito Constitucional, Paulo Brossard de Souza Pinto dessecou os fundamentos jurídicos do estado autoritário, reduzindo-os ao pó da mediocridade. Seus discursos cuidadosamente arquitetados, mesmo ao abordar problemas econômicos, versam principalmente sobre o grande fundamento do pensamento liberal; a liberdade do cidadão é o fundamento da sociedade.

Assim, destacam-se as críticas do tribuno gaúcho à legislação autoritária, à impunidade dos donos do poder, à concentração dos poderes, à corrupção e à censura.

Os liberais, ao que parece, tem o mesmo e triste destino: serem liberais na oposição e conservadores no governo. Bernardo Pereira de Vasconcellos, na primeira metade do século passado, é um belo exemplo disso. Liberal quando na oposição, tornou-se conservador empedido quando chegou ao poder.

Paulo Brossard de Souza Pinto, enquanto parlamentar que se opunha ao estado autoritário destacou-se por um liberalismo extremado.

“O Balé Proibido”, famoso discurso de 29 de março de 1976, é um libelo violento contra a censura. O motivo pode ser resumido em poucas palavras: o Governo Brasileiro (Gal. Ernesto Geisel) proibiu que a televisão mostrasse uma apresentação do Ballet Bolshoi (soviético), que seria retransmitida para 112 países. Indignado com a censura Brossard exclama, do alto do Parlamento Nacional: “Quando medidas dessa natureza são tomadas, positivamente, as coisas não andam bem”.

Interessante é que o brilhante orador, que atacava a censura, é hoje Ministro da Justiça de um governo que proibiu o filme “Je Vous Salue, Marie”, para agradar à hierarquia da Igreja Católica: interessante, ainda, é que o tribuno que combatia o uso indiscriminado de decretos-leis é o Ministro da Justiça de um governo que alterou toda a política econômica, através de um decreto-lei.

Hegel, em suas lições sobre a história da filosofia, há mais de um século e meio, já chamava a atenção para o fato de que muitas pessoas, inclusive dadas como esclarecidas, costumam atribuir um valor muito grande ao “pensamento” dos oradores o que, entendia o grande filósofo alemão, não está certo.

A biografia dos grandes oradores, de Cícero, o defensor ferrenho dos privilégios dos poderosos de seu tempo, a Rui Barbosa, que disse verdadeiros absurdos do socialismo para agradar seus patrões, comprovam as afirmações do autor das “Lições sobre a filosofia da História Universal”.

Os oradores, artistas que são, preocupam-se mais com a forma, com a beleza, com a plasticidade de suas construções do que com a essência, o conteúdo, o rigor das mesmas. Com isso fica bastante claro que os belos discursos, enquanto obras de arte, são destituídos de valor científico.

Os oradores parlamentares valem pela beleza de suas orações e os administradores pela prática de suas gestões.

Os discursos de Paulo Brossard de Souza Pinto, reunidos num grosso volume de 496 páginas, intitulado “NO SENADO”, Brasília, 1985, s/ ed., é um livro que merece ser lido com toda a atenção. Ali encontramos um liberal de corpo inteiro. E o liberalismo dos parlamentares até poderia ser bom se eles não o transformassem no conservadorismo, ao chegarem ao Poder.

REVISTA HOJE-4

31/05/1986.

Data : 12/05/2014

Título : pedro arthur

Categoria: Poesia

Descrição: meninos mergulham no mar e um menino passeia na praia

pedro arthur

meninos mergulham no mar  
e um menino passeia na praia  
querem voltar a serem meninos marinhos  
e não sabem  
gritam brincam vibram  
mas nuca hão de ser como pedro arthur  
o menino que vive no mar

Data : 10/07/1998

Título : Pelo Sertão e Os Jagunços completam Cem Anos

Categoria: Resenhas

Descrição: O regionalismo é uma característica marcante de muitos escritores brasileiros, de Norte a Sul.

Pelo Sertão e Os Jagunços completam Cem Anos

O regionalismo é uma característica marcante de muitos escritores brasileiros, de Norte a Sul. Prosa e verso não estão imunes a essa influência, sem falar na rica poesia popular, seja dos poetas de cordel (Nordeste), dos poetas sertanejos (Sudeste) ou dos poetas gauchescos (Sul).

Neste ano, comemoramos o centenário de um dos livros que maior importância tiveram na evolução de nosso regionalismo culto: PELO SERTÃO, publicado em 1888, pela Laemmert, do Rio de Janeiro. No mesmo ano, após editado sob a forma de folhetim em O Comércio de São Paulo, sai, em volume, sob o pseudônimo de Olívio de Barros, OS JAGUNÇOS, romance sobre a Revolta de Canudos, que acabara no ano anterior.

O autor desses livros, Afonso Arinos de Melo Franco, advogado, jornalista e professor, nasceu em Paracatu, Minas Gerais, a 1º de maio de 1868, falecendo a 19 de fevereiro de 1916, em Barcelona, Espanha.

Estudiosos como Alfredo Bosi (A literatura Brasileira, Vol. V, O Pre-Modernismo, 2ª edição), reconhecem a existência de um regionalismo sério e outro pitoresco. Todos são unânimes em salientar a importância de Afonso Arinos.

PELO SERTÃO (Obra completa, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1968), conjunto de doze contos escritos entre os 19 e os 26 anos, alcançou ampla repercussão, influenciando escritores consagrados como Coelho Neto e Afrânio Peixoto, que se aventurariam pelos caminhos do regionalismo. O primeiro deles mais famoso romancista brasileiro de seu tempo, serviria de modelo para outros prosadores, como o gaúcho Alcides Maia, autor de obras importantes de literatura sulina.

Afonso Arinos supera o regionalismo mesquinho e estreito da maioria dos românticos, como Franklin Távora e o próprio José de Alencar. Sua prosa é caprichada. Mesmo nos diálogos, as personagens se mantêm dentro de padrões gramaticamente aceitáveis. Artificial? Compare-se Manuel Canho, de O GAÚCHO de Alencar, e Luis Pachola, de OS JAGUNÇOS, e ver-se-á, o que é artificialismo em literatura.

Joaquim e Venâncio, Filipinho e Ana ou Manuel Lúcio, de PELO SERTÃO, quando falam é como se fizessem parte da própria narrativa do autor. Discurso direto e discurso indireto estão unidos nos contos. O conservadorismo do autor, que transparece em A Cadeirinha (Obra Completa, 66-69) em estilo de acordo com as correntes mais atualizadas da literatura de seu tempo. O conservadorismo, que poderia materializar-se numa linguagem simplista, se universaliza através da linguagem culta. De que é regional sobra a vida, absorvida pela língua. Daí vêm a repercussão e a influência de PELO SERTÃO, que continua lido até hoje. OS JAGUNÇOS (Idem, 121- 383) está esperando dos críticos a consideração que lhe é devida. Anterior a OS SERTÕES, de Euclides da Cunha, escrito para jornal, não tem pretensões científicas. É obra de puro ficcionista. Aquela fortaleza que o autor de À MARGEM DA HISTÓRIA vedando sertanejo, perpassa o romance de Afonso Arinos. Luis Pachola, Maria da Conceição, José Félix, Tico-Tico, Joana e tantos outros, criados pela imaginação, hoje convencem muito mais de que "o sertanejo antes de tudo é um forte" do que as teorias "científicas" baseadas num positivismo já ultrapassado.

O centenário dessas duas obras de Afonso Arinos está a exigir a lembrança que lhes é devida. Uma pelas influências visíveis e reconhecidas historicamente, outra pela clarividência de um fato histórico que só os verdadeiros criadores literários ousam ter.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 10 de julho de 1998



Data : 30/06/2000

Título : PENSAMENTO CRISTÃO

Categoria: Resenhas

Descrição: ...leitura obrigatória para quem deseje entender as venturas e desventuras do Cristianismo em seus quase dois mil anos.

## PENSAMENTO CRISTÃO

A Abba Press Editora, de São Paulo, publicou o Volume 1 de PENSAMENTO CRISTÃO - Dos Primórdios à Idade Média, obra que se tornou um best-seller na Europa. Tony Lane, o autor, estuda as influências da filosofia grega sobre o pensamento cristão. De Justino Mártir e Irineu de Lião a Martinho Lutero e Filipe Jacob Spener, as idéias expostas por filósofos e teólogos cristãos são passadas em revista.

A linguagem acessível de PENSAMENTO CRISTÃO torna a obra de Tony Lane indispensável em todas as bibliotecas e de leitura obrigatória para quem deseje entender as venturas e desventuras do Cristianismo em seus quase dois mil anos.

Do Jornal

Rotta

Junho de 2000

Data : 29/12/1995

Título : PENSANDO COM MARX

Categoria: Artigos

Descrição: O século XIX foi o primeiro da História em que o desenvolvimento científico provocou uma profunda revolução na vida e na consciência das pessoas.

## PENSANDO COM MARX

por Paulo Monteiro

O século XIX foi o primeiro da História em que o desenvolvimento científico provocou uma profunda revolução na vida e na consciência das pessoas. A nível da Filosofia duas correntes se destacaram: o positivismo e o marxismo. Representam o corolário do racionalismo filosófico e do pensamento iluminista.

O positivismo nunca se institucionalizou como governo nacional. O marxismo impôs-se em boa parte do Globo. Ambas influenciaram e continuaram influenciando parcelas significativas de intelectualidade.

Segundo Jesus Prados Arrarte, O CAPITAL, de Marx, é, depois da Bíblia, a obra que mais influenciou nos destinos da humanidade. Contrariamente à Bíblia, porém, que tem passagens decoradas e meditadas, poucas pessoas conseguiram ler O CAPITAL por inteiro e compreendê-lo (Prefácio a EL CAPITAL, EDAF, Madrid, España, p. XXVII).

Francisco José Soares Teixeira, durante quase uma década, leu O CAPITAL e estudos de economia marxista, discutindo essas leituras com outros intelectuais, metodicamente, para escrever, depois, PENSANDO COM MARX: UMA LEITURA CRÍTICO-COMENTADA DE O CAPITAL, que acaba de ser publicado pela Editora Ensaio, de São Paulo, com um ilustrativo Prefácio de Mamfredo A. de Oliveira e um largo Posfácio de J. Chassin.

PENSANDO COM MARX é uma das obras mais interessantes produzidas no Brasil sobre a economia política marxiana, sem ignorar contribuições de marxistas mais recentes.

Partindo de análises de autores como Maurice Godeller, Ruy Fausto, Ernest Mandel e Roman Rosdoskym entre outros, Soares Teixeira entra pela própria leitura da obra marxiana, usando duas edições brasileiras de O CAPITAL (Editora Civilização Brasileira e Nova Cultural). Não esquece, ainda, os grandes teóricos de economia clássica: Andam Smith e David Ricardo, no Capítulo 7 (P. 273 e segs).

As claras influências de Ernest Mandel e seu companheiro Roman Rosdoskym, contribuem para que PENSANDO COM MARX fuja da escolástica marxista e Francisco José Soares Teixeira perceba as limitações de uma autora como Rosa Luxemburgo, quando analisa a reprodução e a acumulação capitalista. Rosa, diga-se de passagem, julga Marx um autor difícil e preferia Rodbertus.

Ao criticar autores recente como Cláudio Napoleoni e Mário Luiz Possas (p. 295 e segs), vê-se as limitações do estudo puramente acadêmico do pensamento marxiano. Soares Teixeira poderia ter avançado em seus análises apontando as consequências das interpretações de ambos. Tanto as preocupações de Napoleoni com as “contradições” de Marx quanto ao método “positivista” (p. 318) de Possas podem significar elementos de ligação entre renegadores marxistas e o pensamento neoliberal.

Francisco José Soares Teixeira realiza um importante trabalho de síntese de O CAPITAL. A limitação está no fato de centra seu esforço no estudo fundamentalmente econômico, deixando de lado as implicações políticas, portanto práticas, da economia.

O grande mérito de Marx, como economista, foi demonstrar que a economia é uma ciência política, que não é uma ciência neutra, que é uma ciência de classe. A neutralidade, o cientifismo puro de marxismo, levam ao “Naturalista positivista”, que J. Chassin, em seu

Posfácio (p. 341), vê no marxismo de Karl Kautsky. A “isenção científica” pode desembocar ou em um marxismo escolástico, dogmático, ou na negação liberal (social-democrática) do pensamento marxiano.

Ler PENSANDO COM MARX é indispensável. S recentes vitórias eleitorais marxistas no Leste Europeu demonstram que ele continuará exercendo influencia por muito tempo, contrariando os pregoeiros do fim do marxismo.

O Cidadão.

29/12/95

Data : 07/06/1996

Título : Platão e Espinosa - antigos que continuam atuais

Categoria: Resenhas

Descrição: Dentro da Coleção Logos, a Editora Moderna, de São Paulo, acaba de publicar dois novos títulos...

Platão e Espinosa – antigos que continuam atuais

por Paulo Monteiro

Dentro da Coleção Logos, a Editora Moderna, de São Paulo, acaba de publicar dois novos títulos: PLATÃO: POR MITOS E HIPÓTESES, de Lygia Araújo Watanabe, e ESPONOSA: UMA FILOSOFIA DA LIBERDADE, de Marilena Chauí. Esses volumes, com 174 e 112 páginas, respectivamente, são constituídos de duas partes; uma onde as autoras analisam e historiam o pensamento daqueles dois filósofos e outra contendo uma antologia de seus textos representativos.

Qual é o interesse do leitor de hoje, especialmente de nossos estudantes de cursos secundários, em ler um filósofo que viveu há 2.400 anos, como Platão? O que um jovem ganha em ler um filósofo judeu de origem portuguesa (safardim), enhermado pelos próprios judeus, condenado por católicos e protestantes e falecido há 319 anos, como Espinosa?

Tive a oportunidade de dizer meu amigo André Araújo, divulgador da Editora Moderna, que a resposta sincera, convincente a questões desse tipo é que fará o êxito editorial de qualquer publicação dos clássicos da filosofia. Vivemos a sociedade da pressa e do

utilitarismo ou oportunismo mais generalizados de todos os tempos. Eis a essência concreta, a verdade filosófica central de nossa época. O que eu ganho, o que eu lucro, que vantagem eu levo em dedicar tempo e dinheiro (ou dinheiro-tempo) á leitura de um velho homossexual, chamado Platão, ou de um judeu excomungado de nome Baruch de Espinoza?

Infelizmente, essa é a lógica objetiva, radical e trágica destes tempos “pós-modernos”. E é preciso que se afirme com todas as letras que a leitura de pensadores como os autores dos Diálogos e da Ética é imprescindível por todos aqueles que desejem compreender o mundo em que vivemos, transformá-lo sem ser apenas parte da imensa tropa que vai em direção dos matadouros.

No geral, os autores convidados para organizar os volumes da Coleção Logos têm dedicado pouco espaço e não muita clareza ao salientar os vínculos entre os pensadores que são a matéria básica da série em relação com os tempos presentes. Muito mais do que qualquer elemento de técnica mercadológica, salientar essa ligação serve de estímulo para que mais pessoas se interessem pelas leituras filosóficas.

Platão é o elemento sedimentador da filosofia clássica da Grécia. Podemos afirmar que com ele nasce a assim chamada Filosofia Ocidental. Seus Diálogos representam – para aproveitar parcialmente uma expressão de Karl Marx – “o acerto de contas” de um homem genial com todo a filosofia interior.

Platão viveu em uma época extremamente importante para o pensamento humano. Consolidavam-se as grandes obras filosófico-teológicas do Extremo Oriente, como os Upanichades, e a Tanach (Antigo Testamento), no Oriente Médio. Ao mesmo tempo, os gregos entravam em contato com o pensamento egípcio.

Ora, a filosofia de Platão haveria de influenciar sensivelmente toda a cultura ocidental. Suas idéias sobre a imortalidade da alma, por exemplo, tiveram ascendência sobre muitos dos primeiros pensadores cristãos e sobre toda a teologia do cristianismo hegemônico. Lygia Araújo Watanabe afirma que “Desde muito cedo, o platonismo foi dominado pelo pensamento cristão” (p. 43). Acredito, com muitos estudiosos do cristianismo, que aconteceu uma espécie de sincretismo ente o pensamento bíblico, rabínico e apostólico, e o pensamento grego, especialmente de Platão, pois passados quase 2350 anos de sua morte suas idéias circulam pelas veias da cultura contemporânea.

Espinosa assume, também, uma atualidade espantosa. Filho do Renascimento, vive no centro de polêmicas que fundamentam o pensamento dos séculos posteriores, desaguando nos dias atuais, quando o desenvolvimento das ciências (como é o caso da Física Quântica) está levando a um questionamento do racionalismo filosófico.

A Filosofia não morreu, o racionalismo não conseguiu sua superação e a Religião, longe de extinguir-se, como uma represa que transbordou espalha-se nas mais diversas direções sob a forma de miríades de seitas.

Ler Espinosa , hoje, é básico para entender o materialismo vulgar, o racionalismo popular.

Tanto Platão quanto Espinosa assumem uma atualidade impressionante. E os pequenos volumes da Moderna a eles dedicados servem tanto aos leitores que anseiem por uma apreensão panorâmica daqueles filósofos quanto á aqueles que desejem iniciar-se no estudo dos grandes pensadores ou no entendimento, mesmo, de nossa época.

O Cidadão

07/06/96

Data : 10/04/1993

Título : Plebiscito- Responsabilidade com ignorância

Categoria: Artigos

Descrição: No próximo dia 21 de abril os eleitores brasileiros deverão comparecer às urnas para manifestar-se quanto à forma...

Plebiscito- Responsabilidade com ignorância

por Paulo Monteiro

No próximo dia 21 de abril os eleitores brasileiros deverão comparecer às urnas para manifestar-se quanto à forma (Presidencialismo ou Parlamentarismo) e quanto ao sistema de governo (Monarquia ou República), cumprindo o que foi determinado pela Constituição de 1988.

Confesso que, cada vez mais enojado, venho acompanhar a programação do horário político obrigatório, pois, salvo raras e honrosas exceções, o que tenho visto é propaganda baixa e nojenta, com ataques ao que os adversários estejam defendendo.

Creio que somente o ministro Paulo Brossard teve estatura suficiente para fazer colocações sérias e responsáveis sobre os temas que deveriam estar sendo discutidos pelas frentes e partido que dispõe de espaço em cadeias de rádio e televisão.

A José Olympio Editora, seguindo uma das mais caras tradições dessa casa editora, está publicando "PLEBISCITO: COMO VOTAREI?", uma coletânea de artigos de conhecidas personalidades identificadas com as propostas republicana e monárquica, com o parlamentarismo e com o presidencialismo.

Os autores vão desde o empresário Antonio Erminio de Moraes, que faz parte de um grupo bastante numeroso de pessoas que se dizem simpáticas ao parlamentarismo, mas que defendem o presidencialismo, talvez seguindo o velho ensinamento de Maquiavel, segundo o qual a melhor forma de combater uma ideia ou um princípio político é apresentá-lo expurgando de alguns pontos, com o que ele fique descaracterizado

completamente, até Paulo Rabello de Castro, que “como liberal, de fato pós-liberal” tem suas “simpatias pessoais pela anarquia, bem entendida esta como o sistema onde a valorização das responsabilidades individuais torna-se máxima, e onde tais compromissos são expressos diretamente nas decisões comunitárias, sem intermediários políticos de qualquer espécie” > (Op. Cit., 1993, edit. Cit. Pág. 98 e segs).

O José Olympio Editora presta um grande serviço à vida política nacional com a publicação de “PLEBISCITO: COMO VOTAREI?”, numa edição de 10.000 exemplares, obra que deve ser lida imediatamente por tantos quantos queiram, com liberdade e independência de consciência posicionar-se e votar com convicção no plebiscito.

Recomendo especialmente a leitura dos textos de Benito Gama (págs. 17 a 26), de Mário Henrique Simonsen (págs., 53 a 69), como representativos do parlamentarismo republicano, da monarquia parlamentarista e do presidencialismo republicano, respectivamente.

Benito Gama, relator da CPI do caso PC Farias, começou seus trabalhos naquela comissão como presidencialista convicto e encerrou sua participação convertido ao parlamentarismo. Seu texto segue a linha da melhor elegância parlamentar, só faltando afirmar com todas as letras que presidencialismo e impunidade da corrupção caminham de mãos dadas.

Simonsen, economista conservador, defende incondicionalmente a monarquia parlamentarista e apresenta dados p. 73 interessantes sobre as instabilidades política do presidencialismo republicano (como Constituição em média a cada quinze anos e viacrúcis dos presidentes, dos quais apenas Juscelino conseguiu concluir seu mandato).

Marco Maciel sustenta o conhecido discurso das virtudes superiores do presidencialismo republicano, que de tão conhecido é desnecessário no curto espaço de duas laudas.

Outros materiais importantes que o livro reúne são as propostas de emenda constitucional protocolada no Congresso Nacional pela Frente Parlamentarista Nacional Ulysses Guimarães e um documento ainda menos conhecido, o Projeto de Monarquia Parlamentar, também apresentado ao Congresso Nacional.

A leitura dos documentos constantes dos anexos de “PLEBISCITO: COMO Votarei?” (págs. 110 a 159) e do Vocabulário de Sistemas e Regimes Políticos (págs. 163 a 187), são francamente ilustrativos e esclarecedores para quem não queira votar no escuro, indo a cabresto de indivíduos pessoal e diretamente interessados, por elementos da política menor, neste ou naquele resultado no dia 21 de abril.

Diário da Manhã

10 e 11/04/1993.

Data : 24/01/1997

Título : Poder, poder e poderes

Categoria: Resenhas

Descrição: Na véspera do último Natal recebi da HLM PRODUCCIONES, responsável pela publicação da revista...

## PODER, PODER E PODERES

por Paulo Monteiro

Na véspera do último Natal recebi da HLM PRODUCCIONES, responsável pela publicação da revista EXTIENDA EL FUEGO, de Ciudad Juárez, México, o livro CUANDO EL ESPIRITU SANTO LLEGA COM PODER, de John White, editado na Argentina por Ediciones Certeza ABUA.

Aproveitei os feriados de Natal e Ano Novo para ler esse volume, favorecendo-me do “espírito” das luzes e sons dessa época do ano. Aliás, o obra de John White fala a história manifestações de um Poder que pouco tem a ver com as forças que aparecem ostensivamente no mês de dezembro, avultadas pelos meios de comunicações.

John White desenvolve um tema extremamente atual. Para ela há períodos de chuvas e de sacas espirituais. Nestes as plantas murcham; naqueles eles crescem. Às fazes chuvosas dá-se o nome de avivamento. Modernamente, vivemos três desses períodos ou ondas. Um em meados do século XVIII, com as figuras já históricas de John Wesley e George Whitefield; a segunda, que ainda continua, nos primeiros anos deste século e a terceira que teria começado em meio à última década.

Tais seriam as forças dos avivamentos, que o segundo desses fatos mais recentes (Pentecostalismo), em oitenta anos, representa a terça parte de todo o Cristianismo e avança, avassaladoramente sobre os países que se libertam das “teocracias ateístas”.

Para John White, ademais, todo o poder tem uma única fonte: Deus. Usurpando por anjos rebelados, usado para o mal, há características parecidas em sendo possessões demoníacas ou do Espírito Santo. Os frutos dessas árvores é que contribuem para sua identificação.

A nível mesmo do poder humano esses dois tipos de frutos se apresentariam. As ligações de políticos com o satanista comprovariam o fato. Quanto mais ligados à idolatria mais iníquos seriam os governos humanos.

Seria exatamente nos períodos de chuva, de derramamento ou avivamento espiritual, que essa batalha se mostraria mais intensa. Talvez ai se encontre a explicação para o versículo 18, do capítulo 10, do Evangelho de Lucas. Nesses períodos, “como um raio”, Satanás cairia do céu...

Quando sociólogos e filósofos da religião estudam fenômenos intrigantes de fé e religiosidade e institutos de pesquisa investigam o assunto, a leitura de livros como

CUANDO EL ESPIRITU SANTO LLEGA COM PODER, de John White, contribuem para alargar nosso ângulo de entendimento.

O Cidadão.

24/01/1997.

Data : 12/01/2009

Título : poema

Categoria: Poesia

Descrição: chegaste na manhã calma como um pássaro ferido

poema

chegaste na manhã calma  
como um pássaro ferido  
que a chuva houvesse molhado  
tremias e os olhos trêmulos  
os olhos tremeluziam  
como gotas de sereno  
brilhando em terra lavrada  
onde cresciam espigas  
do trival dos teus cabelos

plumas e espigas molhadas  
frio de ave e cor de trigo  
água de chuva no rosto  
água de sanga nos lábios  
cheiro de terra lavrada  
por arados de volúpia



violência de sentimentos  
e uma esperança violenta  
sob um frio de passarinho  
e louro trigo à espera  
do afago de um ceifador

aqueci-me no teu corpo  
que outras mãos enrijeceram  
colhi teu trigo dourado  
e ensilei-o no meu peito  
e à solidão daquele  
que dá o pão que lhe falta  
dei de beber nos teus lábios  
água de sanga bebi-te

acostumada aos rigores  
da chuva a ave fugiu  
acostumado à bruteza  
o trigo não quis cuidados  
aos musgos acostumada  
a sanga fugiu-me aos lábios  
ou lhe agradei de tal forma  
que me julgando maior  
do que sou sumiu-me aos pés

terra lavrada ave trêmula  
hei de guardar o teu gosto  
água de chuva no rosto  
água de sanga nos lábios

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 10/01/2009

Título : Poema

Categoria: Poesia

Descrição: poema das ruas tortas desertas cheias de pó

poema

poema das ruas tortas  
desertas cheias de pó  
com homens cheios de pó  
e a consciência deserta

os homens caminham sós  
pelas ruas sem destino  
com a marmita vazia  
e muito pó no estômago

o meu poema caminha  
com homens empoeirados  
por essas ruas poeirentas  
com a marmita vazia

homens que não sabem  
o que é fazer poema  
poema é coisa de rico  
poema de pobre é fome

sua língua é diferente  
de uma língua semelhante  
os homens cheios de pó

têm uma língua somente  
a língua de sua barriga  
barriga de vila fome

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 11/01/2009

Título : Poema

Categoria: Poesia

Descrição: quero um poema para os dias para as noites de angústia

poema

quero um poema para os dias  
para as noites de angústia  
quero um poema sem algemas  
sem cadeias sem correntes  
um poema de fábricas e lavoura  
há de ser o meu poema  
forte como os operários fabris  
ou como os obreiros camponeses  
quero um poema que domine  
as fábricas as lavouras os currais  
quero um poema para ser cantado

poema quer um poema  
como os versos de cordel  
que tenha a rua por tema  
e o povo por menestrel

meu poema será sempre  
mal-visto da grã-finagem  
não nas rodas eruditas  
da marota malandragem

entendo por poesia  
uma mulher democrata  
amante da maioria  
com seus telhados de lata

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 12/05/2014

Título : poema bestialógico

Categoria: Poesia

Descrição: o véio lacaio cara de malaio acendia um baio

poema bestialógico

o véio lacaio  
cara de malaio  
acendia um baio  
no fogo de chão  
a véia lacaia  
cara de malaia  
amaciava a paia  
ca faca na mão  
a moça lacaia

cara de malaia  
levantava a saia  
debaixo do oitão  
tremero as parede  
do rancho do véio  
e a véia gritô  
virge mãi vai chuvrê

Data : 23/12/2009

Título : Poema de formatura

Categoria: Poesia

Descrição: Aquele cedro enorme que se destaca na paisagem, capaz de abrigar sob seus galhos uma grande multidão,

Poema de formatura

Aquele cedro enorme que se destaca na paisagem,  
capaz de abrigar sob seus galhos uma grande multidão,  
que acolhe nos seus ramos inumeráveis ninhos de pássaros,  
já foi um minúsculo vegetal.

Quanto tempo levou para agigantar-se?

Ninguém se preocupou em marcá-lo!

Quantos litros d'água e quantos quilogramas de minerais consumiu para fortalecer-se?

Quem iria registrá-lo!

E agora aqui estás, maior do que aquele cedro,  
porque és um ser humano.

Quem marcou teus dias de aula?

O peso do teu esforço, quem o registrou?

Tudo está marcado e registrado, Criatura da História!

Folhas não tens para transformar a luz solar em clorofila,

mas tens muito mais.  
Tens a consciência dos teus atos.  
Recolhe e guarda contigo a lição dos fatos.  
Estás concluindo um capítulo da tua vida.  
A História da Tua Vida está apenas começando.  
Continua a produzi-la.  
Que belas páginas escreveste até aqui!  
O final feliz depende apenas de ti.

(Poema distribuído como mensagem de formatura aos concluintes de Ensino Fundamental e Ensino Médio dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Lucille Fragoso de Albuquerque no dia 23 de dezembro de 2009).

Data : 28/12/2009

Título : Poema de Formatura

Categoria: Poesia

Descrição: Aquele cedro enorme que se destaca na paisagem, capaz de abrigar sob seus galhos uma grande multidão,

Poema de Formatura

Aquele cedro enorme que se destaca na paisagem,  
capaz de abrigar sob seus galhos uma grande multidão,  
que acolhe nos seus ramos inumeráveis ninhos de pássaros,  
já foi um minúsculo vegetal.

Quanto tempo levou para agigantar-se?

Ninguém se preocupou em marcá-lo!

Quantos litros d'água e quantos quilogramas de minerais consumiu para fortalecer-se?

Quem iria registrá-lo!

E agora aqui estás, maior do que aquele cedro,  
porque és um ser humano.

Quem marcou teus dias de aula?  
O peso do teu esforço, quem o registrou?  
Tudo está marcado e registrado, Criatura da História!  
Folhas não tens para transformar a luz solar em clorofila,  
mas tens muito mais.  
Tens a consciência dos teus atos.  
Recolhe e guarda contigo a lição dos fatos.  
Estás concluindo um capítulo da tua vida.  
A História da Tua Vida está apenas começando.  
Continua a produzi-la.  
Que belas páginas escreveste até aqui!  
O final feliz depende apenas de ti.

(Poema distribuído como mensagem de formatura aos concluintes de Ensino Fundamental e Ensino Médio dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Lucille Fragoso de Albuquerque no dia 23 de dezembro de 2009).

Data : 15/12/2003

Título : Poemas nos ônibus

Categoria: Resenhas

Descrição: A idéia de expor poemas em ônibus, até onde vai meu conhecimento sobre o assunto, surgiu há alguns anos em Porto Alegre, ...

Poemas nos ônibus

Paulo Monteiro (\*)

A publicação do livro Poemas nos ônibus, reunindo 32 composições poéticas selecionadas em duas edições de um concurso promovido pela Coleurb – Coletivos Urbanos Ltda., de Passo Fundo, é um evento literário importante para a cidade onde a empresa concentra suas atividades.

Os passo-fundenses já estão se acostumando a ver e ler composições poéticas expostas nos “ônibus da cidade”. O que, para nós, era uma novidade acabou se tornando um fato corriqueiro. E é muito bom porque dá uma dimensão humana, até pessoalíssima, ao ambiente impessoal e fechado dos ônibus.

A idéia de expor poemas em ônibus, até onde vai meu conhecimento sobre o assunto, surgiu há alguns anos em Porto Alegre, espalhando-se para outras cidades. Onde quer, porém, que tenha surgido o fato é que é altamente positiva. E a reunião desses trabalhos em livro é ainda mais elogiável. Os poemas deixam de circular pelas vias públicas e entram nas casas, passando a fazer parte das famílias.

Aquela aproximação, que se transforma em conhecimento no dia a dia de um contacto no interior dos coletivos urbanos passa a ser uma amizade permanente no interior dos lares, através de um volume cuidadosamente impresso na Gráfica e Editora Berthier.

A Comissão Julgadora constituída por Eládio Vilmar Weschenfelder, Ivânia Campigotto Aquino, Jurema Carpes do Valle, Marizete Baseggio e Santina Rodrigues Dal’Paz, foi muito feliz na escolha dos poemas. E é possível que, sob outras condições, teriam indicados outros poemas não selecionados, pois, segundo ouvi de alguns jurados, a qualidade dos poemas apresentados era excelente. Salvo um ou outro caso de plágio ou “apropriação de poemas alheios”, o que é mais comum do que se imagina. Quem já participou de comissões julgadoras apreendeu sobre disso com “a vera experiência”.

Não resisto à tentação de compartilhar com os leitores alguns “poemas nos ônibus”, como este de Helena Rotta de Camargo:

### Pássaro Gigante

Você embarca no ônibus  
como num sonho metálico,  
um pássaro de rodas,  
com asas de vidro.

Esperanças, medos e segredos  
percorrem calados  
a incerteza das esquinas,  
inconseqüentes como o aceno  
das vitrines coloridas.



E o pássaro gigante  
engole gente,  
cospe gente,  
desafiando a amplitude  
da vida e das distâncias.

Breve, denso, instantâneo dramático é este poema de Anelise Rech:

Tempo?

Escorre pelas mãos  
Entre os dedos  
Passa...

Tempo?  
Volta, quando recorda  
Voa, quando não tem pressa...

Tempo?  
Sopra o vento  
Solta a alma...

Poderia continuar transcrevendo outros poemas, mas creio dispensável e sem propósito no espaço restrito de uma resenha jornalística. O certo é que os poemas reunidos em Poemas nos ônibus são muito bons. E pelo menos um terço deles poderiam ser assinados por qualquer “grande” poeta, o que é melhor ainda.

Esperamos que a promoção continue e que o número de poemas escolhidos anualmente seja ampliado. Afinal, se a Coleurb resolvesse editar um volume com outros 32 poemas a cada final de ano, seria um ótimo presente de Natal para os leitores e os poetas de Passo Fundo.

Paulo Monteiro (\*) Há 29 anos exerce o jornalismo literário. Pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária

Gaúcha.

Rotta

15/12/2003

Data : 01/08/2011

Título : POESIA BELICOSA

Categoria: Artigos

Descrição: Sob o pseudônimo de Inharandú Chaves, aparece no dia 31 de agosto um primeiro poema festejando a Campanha da Legalidade.

### POESIA BELICOSA

Sob o pseudônimo de Inharandú Chaves, aparece no dia 31 de agosto um primeiro poema festejando a Campanha da Legalidade. O poeta, em versos de ocasião, forçando rimas, e estropiando a métrica, revela-se um adesista à legalidade. Com toda a certeza era originário das forças eleitorais que se opuseram à candidatura de Leonel Brizola ao governo do Estado. A posição combativa do governador, ante o esbulho que sofria o sucessor constitucional do presidente demissionário, despertou a solidariedade e a inspiração guerreira do nosso vate canhestro.

“Lapucha! Que Diversão!

Por INHAMANDÚ CHAVES

A bagunça está formada!

Gritamos chara-chá-chá!

Esse ‘Briza’ é uma parada!

Quem iria ‘imaginá’?!

Há tempo eu vinha dizendo

Que o ‘negócio’ ia ferver...

Meus palpites escrevendo

Mas em mim, quem ia crer?!

É o TEMPO – interessante!  
Vinha forjando a evolução!  
E um ‘piá’ que nasceu ontem,  
Foi nossa revelação!

Pois desde um tempo, té então  
Bem precisava o Brasil  
Que aparecesse ‘um leão’  
Líder jovem e varonil.

O Dennis ‘já está enchendo’  
De dar golpe ‘no rasilho’!  
O quarto já está valendo!  
Contando o do Café Filho.

Mas o Rio Grande ‘mui mudo’  
Desde o último caudilho,  
Apresentou um ‘peitudo’  
Que desafiou ‘o sarilho’.

Nasceu de peito saliente,  
Guapo, ágil, varonil,  
E ‘solito’, minha gente,  
Levantou o meu Brasil!

Gaúcho ‘desabotinado’!  
Desta nova geração  
Enfrentou um potentado  
Só com tal de ‘microfã’!

.....

Eu que nem 'ia', com o 'Briza',  
Por quizina e má feição...  
A razão já me organiza  
E até vou de coração.

E meu 'provisa' já 'se esquece'  
Ao comando do Carlinhos,  
O Annes! Que te parece?  
Prum 'rodeio de tirinhos'!

Amanhã tem treinamento  
De garrucha e de facão...  
Tática – estrebuchamento...  
Lapucha! Que diversão!

Salve a Brigada Gloriosa!  
Salve Exército 'Terceirão'!  
Salve 'Aeronáutica' briososa!  
Salve o nosso pelotão!"

Setembro começava com o PDC local, através de seu líder, Arnildo Sarturi, apoiando a introdução do parlamentarismo. Em todas as vilas e bairros já estavam organizados subcomitês femininos de defesa da Legalidade. As igrejas evangélicas manifestavam apoio à resistência e a Metodista, promovia vigílias, com orações dia e noite. E começava com a divulgação de outro poema (e não seria o último) do mesmo Inharandú Chaves, intitulado "Temo queí rapaziada!":

"A estas horas, Gomercindo,  
Pelo Mato do Barão,  
Já tem 'nego' que vai indo...  
Treinando... 'camuflação'!?!"

E tu poeta e trovador,  
Deste nosso amado Estado,

Inflama! Faz-me o favor!  
Quem tiver 'meio esfriado'...

Pois teus versos de canário,  
Nesta hora não estorva;  
Muito pelo contrário!  
São como cachaça e 'pórva'!

Já arrumei lugar 'prá cria'  
Ficar durante a jornada...  
Pois 'meu índio'" me dizia:  
Temo que í rapaziada'

.....

'Afinar qu' é que nós sêmu?  
Nóis sêmu da Pátria Amada"'.  
.....

Em todas as "revoluções" é comum a figura do fujão. Na Campanha da Legalidade não foi diferente. Nosso poeta Inharandú conta que muitos fugiram para os matos. E teve até "gente perfumada", isto é sujando-se com as próprias fezes de susto. Aliás, pouco tempo depois, em 1964, ficou famoso o caso de um vereador local que, ao receber voz de prisão, de um comando do Exército, necessitou banhar-se e trocar de roupas antes de seguir conduzido até o quartel do I/20 RC.

"Morro ou Mato!...

Inharandú Chaves

'A quem – nem começou,  
E já tem gente perfumada...'  
Foi bem assim que falou  
Uma crioula 'enfezada'.

Comentava entre as amigas

Que a ouviam estupefatas,  
Que nas fugas... até deu brigas,  
Pois existem poucas matas...

Seus patrões – diziam elas –  
‘Se alistaram’ de primeira...  
Trancaram portas, janelas,  
E se foram pra capueira...

E a ‘corrida’ pior ficou  
Quando as tropas surgiram  
Tem ‘home’ que desmaiou...  
E outros já ssse...ssumiram.

Vi ‘um tal’ sair gritando,  
Ligeiro que nem um gato;  
Táxi! Táxi! Estou cheirando!  
Me leve pro morro ou mato!...”

Inharandú Chaves, passado o período mais árduo da Campanha da Legalidade, lista três “causas” possíveis para a renúncia de Jânio Quadros, como vemos no poema seguinte:  
“Indireitem essa porqueira!”

Inharandú Chaves

Renúncia envolta em mistério...  
Com a opinião dividida!  
Renúncia é motivo sério!  
Isto sim ninguém duvida!

.....

Mas três razões hipotéticas,  
Conjecturando arranjei...

Todas elas são patéticas!  
E a seguir, enunciarei.

PRIMEIRO: pressão dos trustes,  
Aliada a outras razões:  
Lacerda e seus embustes,  
Chantagens, imposições...

SEGUNDO: um fato chocante,  
Traumatiza o Ex-Presidente!  
Um exame é o revelante  
Dum câncer no olho doente!?!?!?

TERCEIRO: há quem comente,  
Ser o Jânio 'bom de pinga'...  
E um 'pileque' eloqüente  
Chama o ministério e xinga:

– Vocês não são é de nada!  
Só falam bobagem! Asneira!  
Se a política está errada,  
Indireitem essa porqueira!

Somente o Tempo dirá  
O motivo verdadeiro!  
E a razão revelará  
– Brabo povo brasileiro!”

Do livro  
A Campanha da Legalidade em Passo Fundo

Data : 16/06/1995

Título : Poesia, Romance e Fábulas

Categoria: Resenhas

Descrição: A EDITORA SCIPIONI, de São Paulo, publicou POESIA MARGINAL DOS ANOS 70, de Samira Youssef Campedelli.

Poesia, Romance e Fábulas

por Paulo Monteiro

## POESIA MARGINAL?

A EDITORA SCIPIONI, de São Paulo, publicou POESIA MARGINAL DOS ANOS 70, de Samira Youssef Campedelli. Para efeitos didáticos, um bom livro. Limitado, porém, pelo número de páginas, 71 ao todo, pelo pequeno número de autores arrolados e pelas fontes consultadas.

A “geração do mimeografo”, “mimeogeneration” ou “underground”, rompeu as práticas tradicionais da divulgação poética.

A grande maioria dos poemas daqueles anos duros circulou em cópias mimeografadas, em pequenos jornais ou revistas ou em edições de multilite.

Na verdade essa prática originou-se anos antes, com os cultores da trova literária (quadrinha) e a realização de concursos de trovas e jogos florais. Samira desconhece esse fato. Por isso, não entende o real sentido do poema “jogos florais” (págs. 51/52), do paranaense Paulo Laminski, um dos mais representativos poetas da “memogeneration”.

POESIA MARGINAL DOS ANOS 70, apesar das limitações, é importante porque põe ao alcance de professores e estudantes um pouco da história da poesia dos anos 70, cuja influência ainda é marcante.

## POEMAS DA ESTRANGEIRA

Tradutora de Rilke e esbanjando cultura poética, Dora Ferreira da Silva lança, pela T. A. Queiroz, Editor, de São Paulo, mais um livro: POEMAS DA ESTRANGEIRA.

Que todo é um estrangeiro trata-se de uma verdade que poucos tem coragem de afirmar, por mais que reconheçam serem os poetas corpos estranhos à convivência normal dos simples mortais. Deus, se andasse, aí pelas ruas, sob a forma de carne e osso, certamente se expressaria através dos poemas.



Dora a cantora das graças e dos cães, das árvores e das estrelas. Sob a aparência de um canto realista há um intimismo contido que não se contém. Sua poesia, antes de tocar o coração, toca a razão. Poesia sensorial; passa pelos ouvidos, pelas narinas, pelos olhos, pela boca e pela pele para depois chegar aos sentimentos.

POEMAS DA ESTRANGEIRA é um livro pouco comum, de uma poetisa como poucas. Da mesma forma que bons vinhos exigem bons degustadores, os bons livros de poesia exigem leitores especiais. Para quem realmente aprecia bons poemas aí está um livro que deve ser lido em todos os sentidos.

## UM ROMANCE MAIOR

Autran Dourado é um de nossos mais representativos romancistas contemporâneos. Seu novo livro, ÓPERA DOS FANTOCHES, editado pelo Francisco Alves, de Rio de Janeiro, é uma espécie de continuação-retomada de outro livro seu, TEMPO DE AMAR, publicado em 1952.

Só Autran teria coragem de uma façanha literária dessas. Conhecedor profundo da técnica romanesca, virtuoso da palavra, exerce seu labor com tal esmero que aquilo que na maioria dos autores fica encharcado de suor, nele parece não haver custado o menor esforço.

ÓPERA DOS FANTOCHES é o romance da palavra. É a história de “João Fonseca Nogueira, escritor público, estabelecido em Belo Horizonte, com alguma notoriedade no país”, pág. 215. É o romance do verbo, da palavra, principalmente do verbo dizer.

Não é á toa que, ao longo das 251 páginas do livro, o verbo dizer, sob diversas formas, aparece em grande quantidade. Dizer é a matéria-prima que forma as cordas que movimentam os fantoches. E um desses fantoches é exatamente João Fonseca Nogueira, co-estaduano, contemporâneo e confrade de Autran Dourado.

ÓPERA DOS FANTOCHES está destinado a projetar ainda mais o nome do Autor e já é leitura obrigatória para tantos quantos se interessem por um bom romance. E, como Autran/personagens, digo.

## ESOPO: FÁBULAS COMPLETAS ESOPO, INTEIRO

A Editora Moderna, de São Paulo, que tem se caracterizado pela republicação de muitos clássicos de literatura brasileira, divulgada a edição integral de um dos célebres autores da literatura universal de todos os tempos.

ESOPO: FÁBULAS COMPLETAS foi traduzido diretamente do grego por Neide Smolka, doutora em literatura daquela língua antiga. Esopo viveu no século VI, a. C. A raposa, o pavão, o lobo, o cordeiro, a cigarra e as formigas, enfim, tantos e tantos animais que são personagens de fábulas popularizadas constituem as personagens de Esopo. Suas fábulas tornaram-se conhecidas, através de outros recriadores, dos quais os mais conhecidos são o francês La Fontaine e o brasileiro Monteiro Lobato.

Pela primeira vez os leitores de língua portuguesa, graças à Editora Moderna e a Neide Smolka, poderão ler Esopo, traduzido do original. Não resisto ao prazer de transcrever uma das fábulas, a de número 336, à pág. 181:

## A CIGARRA E AS FORMIGAS

No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra, faminta, lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: “Por quê, no verão, não reservaste também o teu alimento?”. A cigarra respondeu: “Não tinha tempo, pois cantava melodiosamente”. E as formigas, rindo, disseram: “pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno”.

O Cidadão

16/05/95

Data : 02/02/2015

Título : Poetas bissextos

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho uma atração especial pela obra literária dos poetas bissextos. Talvez pelo fato de que, na prática, eu sou um deles.

Tenho uma atração especial pela obra literária dos poetas bissextos. Talvez pelo fato de que, na prática, eu sou um deles. Durante mais de uma década escrevi compulsivamente, se reunir os poemas em livro, o que só aconteceu vinte anos após ter praticamente parado de escrever. Depois de publicada uma coletânea daqueles primeiros poetas, retomei a escrita poética.

Ano bissexto é aquele que acontece de quatro em quatro anos, quando é acrescentado um dia ao mês de fevereiro. A expressão "poeta bissexto" foi cunhada por Vinicius de Moraes, em setembro de 1942, e dela se apropriou Manuel Bandeira para publicar, em 1946, sua ANTOLOGIA DE POETAS BRASILEIROS BISSEXTOS CONTEMPORÂNEOS.

A verdade é que os poemas acontecem na vida dos poetas bissextos, mais ou menos como o dia a mais, nos anos que lhes deram a denominação: esporadicamente. Entendo

que a densidade poética, concentrada em poucos poemas - e, às vezes, num único poema, contribua para que alguns desses poetas sobrevivam literariamente com um único poema ou com obra diminuta. Um belo exemplo é Luiz Aranha (1901-1987), um dos participantes da Semana de Arte Moderna, em 1922. Seus poemas, escritos nos anos de juventude, somente foram enfeixados em volume, sob o título de COCKTAILS: Poemas, em 1984, e publicados pela Editora Brasiliense, de São Paulo.

Data : 27/07/1998

Título : Poetas do Maranhão

Categoria: Resenhas

Descrição: Num país onde circula amplamente a sub literatura estrangeira e onde muitos dos autores nacionais mais lidos não passam de mediocridade à Paulo Coelho, urge que se divulgue iniciativas como o trabalho do antologista piauiense.

### Poetas do Maranhão

Assis Brasil, alguns dias antes da Páscoa, enviou-me A POESIA MARANHENSE NO SÉCULO XX (SIOGE/Imago), uma das quatro antologias que já publicou reunindo poetas de diferentes Estados. A quinta, com poetas do Rio de Janeiro, está saindo.

O Maranhão tem uma tradição poética significativa. Ali nasceram, Gonçalves Dias ( 1823-1864), verdadeiro fundador da poesia brasileira, Odorico Mendes ( 1799-1864), tradutor de Homero e Virgílio, Trajano Galvão( 1830-1864), poeta abolicionista antes do baiano Castro Alves.

A POESIA MARANHENSE NOSÉCULOXX reúne poetas conhecidos nacionalmente como Sousândrade (1833-1902), redescoberto pelos concretistas, Catulo da Paixão Cearense ( 1863- 1946), famoso por seus poemas sertanejos. Maranhão Sobrinho ( 1879-1915), simbolista que está a exigir um lugar mais destacado na Escola Literária de que fez parte, Umberto de Campos ( 1886-1934), hoje bastante esquecido pelos historiadores e críticos, Odylo Costa, filho ( 1914-1979), Bandeira Tribuzi (1937-1979)e Ferreira Gullar (1930). Sente-se, porém, a falta de dois poetas: Artur Azevedo (1855-1908), pelo que representa como satírico num país onde o gênero é pobre e Raimundo Correia ( 1859-1911), um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Encontrei ali também meu velho amigo Eugênio de Freitas de quem o corre-corre da vida me separou há algum tempo, autor de sonetos de esmerada forma e trovas inspiradas.

A antologia em que Assis Brasil enfeixou 66 poetas maranhenses do Século XX mostra que o fazer poético naquele Estado não se restringe, qualitativamente, apenas aqueles

nomes já consagrados a nível nacional. Jorge Nascimento, com versos que se destacam pelo ritmo largo, José Sarney, imortal da Academia Brasileira de Letras, Nauro Machado, poeta polirrítmico, Chagas Vai, poeta que renova a linguagem simbolista, são como outros novos autores que se destacam, tirando passaporte para a História da Literatura Brasileira. Se chegarão até lá, somente o tempo poderá dizer.

Aproveitei os dias de Carnaval para ler a coletânea que Assis Brasil dedicou aos poetas piauienses deste século. Agora, mais recentemente, passei boas horas dos feriados de Páscoa em companhia de poetas maranhenses.

Assis Brasil - não o confundir com o romancista homônimo dos Pampas, ao reunirem volumes poetas representativos de diferentes Estados, pode estar forçando uma profunda alteração nos critérios que levam à consolidação dos elementos componentes da História da Literatura Brasileira. A divulgação de poetas apenas conhecidos em suas regiões de origem ou pelos admiradores da boa poesia, mostra que a poesia brasileira não se resume apenas àquela praticada no Rio de Janeiro e em São Paulo. O fato de ali residirem os professores que escrevem os manuais literários reduz os nomes conhecidos apenas do vizindário, como dizem os gaúchos.

Num país onde circula amplamente a sub literatura estrangeira e onde muitos dos autores nacionais mais lidos não passam de mediocridade à Paulo Coelho, urge que se divulgue iniciativas como o trabalho do antologista piauiense. Bom seria se os governantes gastassem menos com a autopromoção e destinassem mais recursos para a publicação da genuína literatura nacional e ao apoio de projetos como o de Assis Brasil.

Do Jornal

O Cidadão

26/07/1998

Data : 20/02/2015

Título : Poetas Galegos

Categoria: Crônicas

Descrição: O Facebook tem me proporcionado alguns encontros interessantes. É o caso do galego José André Lôpez Gonçâlez, que mora perto do fim do mundo.

O Facebook tem me proporcionado alguns encontros interessantes. É o caso do galego José André Lôpez Gonçâlez, que mora perto do fim do mundo. Explico-me: José reside

não muito distante de um lugar, na Galícia Espanhola, de nome Finisterra, ou seja, "fim da terra", fim da Europa.

Pois bem, o José da Galícia me forneceu uma relação de poetas galegos do Século XIX pra cá. E eu fui atrás deles. Passei horas correndo de um sítio a outro da rede mundial de computadores. E localizei muitos dos seus poemas. Interessantíssimos.

Recordei-me das longas horas que passei na Biblioteca Municipal, quando ainda funcionava no prédio da Academia Passo-Fundense de Letras. Ali, no velho Cancioneiro Gral de Garcia Rezende (1915) e no Cancioneiro Geral Português, de Theophilo Braga, ainda mais antigo (1878), encontrei-me com os trovadores galego-portugueses, formadores da nossa Língua. Aquelas leituras juvenis colaram no meu cérebro e ecoam em muitos dos poemas que escrevo. Quem ler meu livro eu resisti também cantando notará a marca daqueles velhos trovadores medievais.

Ontem, lendo poetas do Norte português, que escrevem em Galego, notei o quanto há, nestes autores recentes, dos seus antigos patrícios. E, por incrível que pareça, o quanto eles são parecidos com os nossos poetas gauchescos. No extremo meridional do Brasil ou na ponta setentrional de Portugal, há uma insistência dos poetas em cantarem os elementos naturais de suas terras. Comungam da mesma indignação contra o desprezo das metrópoles nacionais por suas pátrias, pelas terras dos seus pais. Até o lirismo é o mesmo, desbragadamente amoroso, uma carnalidade que rompe os dogmas da tradição judaico-cristã.

E tem mais: a exemplo dos gauchescos de Língua Portuguesa, os poetas galegos não são levados muito a sério pelas "elites" de sua terra. "Elites"... palavra que Simone de Beauvoir desvendou o verdadeiro significado num livro clássico: O pensamento político da direita.

Não consegui me aprofundar no estudo dos poetas galegos, o que leva tempo de leituras e, mormente, de maturação dessas mesmas leituras. Atraiu-me a arte poética de Álvaro Cunqueiro, rica figura humana. Um homem contraditório. E um poeta de rara qualidade. É o que vemos no poema que transcrevo abaixo:

O tempo dos probes

Os probes teñen muito máis tempo que os ricos  
—e tamén máis frío, máis fame, máis soedade,  
máis choiva, máis sol, máis lúa, máis vento.  
Coñécense entre eles, e teñen unha fala propia

feita de medo e de raiba, humildosa na coda  
e por dedentro chea de dentes afiados.  
Entre os probes da miña illa adeprendín  
que cando morre un neno, a xente esquece a fala,  
e soio ao día seguinte volven adeprender a falar,  
pirmeiro os outros nenos, logo a nai, logo os cas.

Data : 07/02/1997

Título : Pontos de vista 12

Categoria: Resenhas

Descrición: Wilson Martins publicou recentemente pela T. A. Queiroz, de São Paulo, o volume 12 de PONTO DE VISTA (Crítica Literária), reunindo trabalhos divulgados entre 1986 e 1990.

## PONTOS DE VISTA 12

por Paulo Monteiro

Wilson Martins publicou recentemente pela T. A. Queiroz, de São Paulo, o volume 12 de PONTO DE VISTA (Crítica Literária), reunindo trabalhos divulgados entre 1986 e 1990. Trata-se de uma obra cuidadosamente impressa e com um índice de nomes, a exemplo dos demais tomos da série.

Transitando livremente por variados ramos do conhecimento, no seu já cinquentenário mister, Wilson Martins tem dedicado uma atenção particular à leitura da crítica literária, especialmente entre nós. Dela, com A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL, é seu melhor historiador e analista.

Neste mais recente volume de PONTOS DE VISTA eu destacaria exatamente os artigos destinados à análise da crítica literária.

Anos de aprendizagem (págs. 82/85), de 31/08/86, é um trabalho modelar. Nele consegue concentrar elementos de autópsia do new criticism. Novos professores do direito divino, os novos críticos tomaram a parte (universidade) pelo todo (a cultura) e só podiam acabar numa escolástica, mais parecendo cães tentando caçar a própria cauda.

Noutro artigo (Beijos e espirros), Wilson Martins aproveita para avançar sobre a falência de paradigmas de correntes críticas, que foram apresentados como elementos eternos e imutáveis.

É de salientar-se, ao longo da dúzia de volumes de PONTOS DE VISTA, a preocupação do Autor com os brasilianistas. Estes, acabam exercendo uma sedução sobre os estudiosos brasileiros, que sofrem de um complexo edipiano. À falta de convicção é sempre bom apoiar-se na “autoridade” de algum nome estrangeiro.

Crítica universitária (págs. 406/414) é um bom exemplo dessa atenção dedicada aos estudos acadêmicos. Sintetizando correntes, apresentando seus pontos fracos, Wilson Martins demonstra que os praticantes de certo tipo de crítica, “indiferentes à literatura corrente e ao julgamento pessoal, ocupando-se, por despercebida ironia, apenas com os autores previamente consagrados pela “crítica de rodapé”, os ensaístas universitários ou assemelhados não pensam por eles mesmos, mas pelos “modelos” internacionais consensualmente reconhecidos em cada momento, tanto mais predominantes e imperativos no seu instante de popularidade quanto, por definição, sujeitos a rápido desgaste e ao prestígio efêmero- e usados com espírito criador com que as costureiras e os alfaiates se utilizam dos seus moldes”.

Wilson Martins, como crítico literário, não tem fugido de emitir juízos de valor sobre autores e obras. Valor que é sempre relativo, diga-se a bem da verdade. E não tem deixado de reconhecer seus erros, o que não ocorre com aqueles que fazem da crítica literária um torneio escolástico. Essa característica é que torna atuais tanto os trabalhos de 1990, reunidos neste livro, quanto os de 1954, que abrem o primeiro volume da série.

O Cidadão.

07/02/1997

Data : 19/02/1996

Título : Pontos de vista, 11

Categoria: Resenhas

Descrição: T.A. QUEROZ, EDITOR, de São Paulo, continua a publicação da obra crítica literária de Wilson Martins, sob o título genético de PONTOS DE VISTA.

Pontos de vista, 11

por Paulo Monteiro

T.A. QUEROZ, EDITOR, de São Paulo, continua a publicação da obra crítica literária de Wilson Martins, sob o título genético de PONTOS DE VISTA.

Há poucos dias recebi o volume II da série. Até agora foram dados a lume 5.779 páginas, abrangendo artigos publicados entre 1954 e 1985. Li quase 4 mil páginas dessa bela obra Wilson Martins que, no meu entendimento, é o último crítico literário, no sentido clássico do termo, em atividade em nosso país.

Wilson Martins escreve com prazer, demonstrando uma necessidade íntima de compartilhar o gozo da leitura. Essa minúcia é o que o faz diferente daqueles que escrevem por obrigação de ofício. Parece-me que aí se situa a obstinação com que esmurra a “nova crítica”.

O crítico literário, para o Autor de PONTOS DE VISTA, é apenas um leitor privilegiado. Para o criticismo acadêmico, doutoral, o crítico é o magistrado do Juízo Final, com poderes para enviar o autor da obra ou para a Nova Jerusalém da imortalidade literária ou para um Lago de Fogo apocalíptico. Wilson Martins, por seu lado, reconhece a falibilidade da crítica. Este é o corte clássico, o estilo humanista.

Há alguns meses, comentando o volume anterior (10) de PONTOS DE VISTA, salientei a preocupação do Autor com a poesia e a crítica literária. Noto, neste último tomo, que cobre os anos de 1982 a 1985, que a atenção dispensada à poesia continua. Entretanto, salienta-se o destaque conferido à crítica literária e às obras sobre a economia e a política brasileira.

Neste aspecto, chamo a atenção para artigos como Os idos de março (pp. 2841/284), onde critica a tese da presença do bonapartismo na política republicana brasileira, presente na concepção (pré-concebida?) da esquerda brasileira dos anos 80, Coluna política (pp. 365/367), sobre o oportunismo partidário, concluído com uma interrogação sempre atual: “O liberal João Francisco Lisboa via nos partidos a “fonte e origem de todo mal”, mas... os males dos partidos de onde provêm?”.

Poderia lembrar outros artigos sobre temas políticos, mas estes circulam por textos referentes a obras literárias. Afinal, a obra literária pode desenvolver temas políticos, como é o caso dos romances realistas.

Sobre a situação da crítica literária no Brasil dos anos 80, já nas primeiras páginas (32/34) aparece um belo resumo (Agonia da crítica) do que se passava, à época.

Wilson Martins habituou-se a expressar claramente suas idéias, a materializar suas conclusões, a compartilhar seus conhecimentos. Isto o faz um mestre, goste-se ou não de seus ensinamentos. É preciso ler-lhe os volumes de PONTOS DE VISTA, com uma caneta na mão, sublinhando-lhes o animus.

Assim, não resisto à citação desta passagem: “Como a história literária é feita de eliminações, ao contrário da crítica contemporânea que se esforça por tudo incluir, o que surpreende para começar, é o número extraordinário de ficcionistas, num período que afinal de contas, só nos chegou pelos nome de José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos, pois José Américo de Almeida e Raquel de Queiroz têm nele uma presença puramente miliária, enquanto Otávio de Faria, malgrado os persistentes esforços da crítica católica, não chegou, a contrabalançar a outra tendência”. (p. 147).



O autor refere-se à “crítica católica” e ao “esquerdismo literário” dos anos 30. O importante, como lição, é que a “história literária é feita de eliminações”.

Assim, a crítica não pode ser pura, isenta de posicionamentos, no que se refere à obra de arte literária. O crítico literário, enquanto leitor privilegiado, eu o representaria como um detetive, à procura do criador da supra-realidade, do particular universalizado, daquela síntese feliz que fez de D. Queixote o símbolo dos cavaleiros medievais na época em que os descobrimentos colocavam a pá de cal sobre o Feudalismo.

E é exatamente pela moderação no elogiar, pela firmeza em apontar os pontos fracos, pela coragem de afirmar suas posições, que a leitura da crítica literária de Wilson Martins se faz obrigatória, indispensável, mesmo.

## O CIDADÃO

19/02/96

Data : 14/04/2003

Título : Precedente perigoso

Categoria: Artigos

Descrição: O projeto do Executivo Municipal enviado à Câmara de Vereadores subsidiando transporte de trabalhadores de uma empresa marauense abre um precedente perigoso.

### Precedente perigoso

O projeto do Executivo Municipal enviado à Câmara de Vereadores subsidiando transporte de trabalhadores de uma empresa marauense abre um precedente perigoso.

Deve-se elogiar a ousadia com que o secretário municipal de Indústria e Comércio, Moacir Dalyoglio, em adiantar-se a uma convocação para depor perante os vereadores. Fez valer a máxima esportiva de que "a melhor defesa é um bom ataque".

Talvez, por isso, tenha cometido algumas falhas, normais nos campos de futebol, mas imperdoáveis em política. Uma delas, a afirmativa de que seria melhor subsidiar transporte de trabalhadores para a Perdigão do que manter uma empresa altamente poluidora, como a própria Perdigão, cm Passo Fundo.

A proposição assume características preocupantes por diversos fatores. Entre estes podem ser listados a recente desistência da Cervejaria Colônia instalar-se no Município, mercê de trapalhadas que aconteceram porque o Distrito Industrial do Valinhos- por omissão prefetural - não estar devidamente licenciado. No caso, houve quem se metesse de pato a ganso, aca- bando centenas de empregos na panela.

Pode-se, ainda, lembrar empresas locais, como a Semeato e a Frangosul que, juntas, oferecem milhares de empregos e nunca bateram às portas da Prefeitura e da Câmara solicitando subsídio para transportar seus trabalhadores.

Outras empresas poderiam ser listadas pela conduta de se reconhecerem a si próprias como empresas, que visam o lucro, e não como entidades caritativas, que prestam assistência social. Nenhum empresário presta favor social ao empregar trabalhadores, mas segue a lógica do lucro, numa economia de mercado. Ou será que, em troca de subsídio no transporte de seus empregados, a empresa abriria mão dos seus lucros em favor dos passo-fundenses mais necessitados?

E tem mais: A Constituição diz que todos os brasileiros são iguais perante a Lei. Assim, sendo, as demais empresas que empreguem moradores de Passo Fundo, não teriam direito a subsídio? E as pessoas que vão estudar ou trabalhar noutros municípios são cidadãos de espécie inferior aos que vão trabalhar na empresa de Marau?

É evidente, que estamos diante de um precedente perigoso. Se a coisa vingar, correremos o risco de que os cofres municipais sejam insuficientes para subsidiar tanta passagem. E correremos o risco de que sobre uma única atividade econômica em Passo Fundo: a indústria do subsídio ao transporte de trabalhadores para empresas de outras cidades.

Do Jornal

Rotta

14/04/2003

Data : 22/01/2009

Título : Prenda me a

Categoria: Poesia

Descrição: madalenas pelas ruas noite escura prenda minha

prenda me a

madalenas pelas ruas

noite escura prenda minha  
tenho muito o que fazer  
tenho que fazer poemas  
tendo muito o que fazer  
sem trabalho  
sua fome sendo fome  
seu trabalho  
em dois versos se resume  
madalenas pelas ruas  
noite escura prenda minha  
do livro inédito eu resisti também cantando  
notas do autor  
prenda minha é uma das mais populares canções do folclore do rio grande do sul  
prenda em linguagem gauchesca significa moça bonita

Data : 31/12/2005

Título : Pulador, Canudos, Fazenda Sarandi: Itinerário de uma Tragédia

Categoria: Artigos

Descrição: A Revolução Federalista na região de Passo Fundo é marcada pela presença de uma figura que acaba unindo o imaginário religioso local a outras regiões do País...

A Almedoro Vencato, Historiador.

A Revolução Federalista na região de Passo Fundo é marcada pela presença de uma figura que acaba unindo o imaginário religioso local a outras regiões do País: o Monge João Maria, mais precisamente um dos homens conhecidos com esse nome.

Simpático aos federalistas, aparece nas páginas de “Voluntários do Martírio”, a clássica obra onde Angelo Dourado, coronel-médico, registra as passagens do Exército Libertador de Gomercindo Saraiva por esta parte do Estado. Encontramos referência a seguidores do anacoreta, ainda em “Revolução em Cima da Serra”, escrita pelo general maragato

Antônio Ferreira Prestes Guimarães, uma das figuras mais representativas daquele movimento insurrecional.

Prestes Guimarães narra a presença de beatas com a bandeira de João Maria, às vésperas do Combate dos Três Passos (6 de junho de 1894). Na oportunidade um alferes teria se negado beijar a bandeira, alegando que se o fizesse correria o risco de entortar a boca e quebrar os dentes. Isto, coincidentemente, aconteceria no dia seguinte, ao ser ferido por uma bala republicana. Angelo Dourado conta o encontro havido entre as tropas revolucionárias e o monge, no interior de Soledade, poucos dias após a fatídica Batalha do Pulador (27 de junho de 1894). Causou-lhe admiração a maneira respeitosa como era tratado pelos soldados maragatos, máxime os guerrilheiros serranos.

Dois anos depois um outro beato, o cearense Antônio Vicente Mendes Maciel, que passou à história como Antônio Conselheiro, entrincheirado no arraial de Canudos, em pleno sertão baiano, seria o centro de uma das maiores movimentações bélicas para debelar um “foco sedicioso” no Brasil. E lá, ao final da conflagração, estariam tropas da Brigada Militar e seus provisórios, experimentados na repressão ao movimento revolucionário federalista.

Destacam-se homens que tiveram o conceito militar aumentado na repressão aos liberais insurretos, como o general Arthur Oscar de Andrade Guimarães, que perseguiu a coluna de Gomercindo Saraiva até Passo Fundo, quando retornava do Paraná, desistindo de segui-la, já nas proximidades do Mato Castelhana, e o coronel Carlos Maria da Silva Telles, que suportou o prolongado Cerco de Bagé. Vê-se, ainda, a presença do coronel Tompson Flores, experiente na guerra travada nas serras gaúchas, e do tenente-coronel Antonio Tupy Ferreira Caldas, que lutou no Pulador. Os dois últimos deixariam o pelego em Canudos. Também aparece o capitão Chachá Pereira, que comandava o policiamento de Passo Fundo, quando o município foi ocupado pelas forças de Gomercindo em outubro de 1893. Ao todo serão cinco batalhões de brigadianos, que acompanharão os estertores da “Tróia de taipa”. Entre estes o 30º massacrado pela cavalaria maragata nos Três Passos.

As expedições enviadas para tomarem o reduto de Antônio Conselheiro demonstram à saciedade que nem o Exército Brasileiro, e muito menos as polícias militares, estavam preparadas para uma guerra nas selvas. A situação começou a pender para os atacantes – é de inteira justiça reconhecê-lo – quando entraram em ação as tropas gaúchas. Com elas foi a experiência recente de combate à Revolução Federalista e de enfrentamento com o Exército Libertador Serrano. Aqui, na região de Passo Fundo, Palmeira das Missões e Soledade as ações revolucionárias abriram e fecharam a “Revolução da Degola”. E a Campanha de Canudos, em seus estertores, foi marcada pela degola dos prisioneiros.

Euclides da Cunha assim narra em “Os Sertões”, p. 542 (Record. Rio de Janeiro, 1998) a prática desse ato: “Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na prestes a facão.

Um golpe único, entretanto pelo baixo ventre. Um destripamento rápido...”

Poucas linhas à frente conta que aos jagunços válidos, capazes de agüentar o peso da espingarda, aplicava-se a morte sumária. Era “Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiquerador; impeli-la por diante; atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola”. E assim eram conduzidos ao local do martírio, num processo idêntico ao empregado pelo caudilho serrano Firmininho de Paula nos prisioneiros vitimados na Degola do Boi Preto.

Era a suprema humilhação. Desmoralizavam a crença num dos dogmas semeados pelo Conselheiro, segundo o qual os mortos à arma branca estavam impedidos de receber a salvação eterna. Simples cuidado para que os jagunços não se expusessem a um combate corpo a corpo onde só teriam a perder.

A degola dos prisioneiros foi introduzida em Canudos pelos brigadianos e provisórios gaúchos, no que todos concordam. Acompanhava-lhe o mesmo sentido de humilhação.

“Mal acabou a guerra, surgiu um movimento para denunciar a crueldade do Exército. Centenas de conselheiristas, talvez mais de 1.000, tiveram o pescoço cortado. “É justo que se condenasse o crime. Mas não se pode esquecer que foi a opinião pública que exigiu esse tratamento a Conselheiro”, diz Ferraz (o historiador Renato Ferraz, PM). Os ânimos estavam muito exaltados. E os canudenses também matavam seus prisioneiros.” Só não os degolavam porque cortar o pescoço era um costume macabro dos gaúchos, que compunham a maior parte das Forças Armadas. Os sertanejos preferiam executar os soltados estripando-os: ou seja, metendo a peixeira na barriga. Como se vê, a história da índole pacífica do povo brasileiro é um mito”. (BURGIEMANN, Denis Russo. “Nem fanático nem revolucionário”. SUPERINTERESSANTE. Ano 14. Nº 2. Fev./ 2000, p. 41).

Na Serra, pica-paus e maragatos poucos prisioneiros faziam. Agradava-lhes a gravata colorada nos vencidos, de ambos os lados. Experiência de guerra na selva e degola foram as grandes contribuições dos legionários gaúchos à Campanha de Canudos.

Tanto isso é verdade que trouxeram de lá um hábito tipicamente nordestino: o corte das orelhas de mortos por encomenda. E o aplicaram aqui, no enorme latifúndio chamado Fazenda Sarandi. Isso aconteceu no mandato de Nicolau de Araújo Vergueiro como intendente (prefeito) de Passo Fundo. Nicolau de Araújo Vergueiro, vendera a fazenda aos “castelhanos”, em 1907.

Quando a área foi colonizada e os lotes vendidos a lavradores de origem italiana os antigos posseiros caboclos, receberam apoio dos “maragatos” de Palmeira das Missões.

Isabel Salvadori Signor, nascida em 1905, contou a seu sobrinho Pe. Claudino Magro, autor de “História de Nossa Parentela” (Santa Maria. Palotti, 2001, p. 183) a história dessa matança.

“De sua parte – é ainda tia Isabel que narra – o Capitão Magalhães, mandava os chimangos percorrer o interior, pelas estradas e pelos piques e atalhos, nos matos, caçar os maragatos. Quando os pegassem matavam-nos, cortavam-lhes as orelhas e traziam-nas ao Capitão, para provar que os tinham fuzilado mesmo. Que barbaridade, não é, padre Claudino? Era a lei, dente por dente, olho por olho”.

A seguir prossegue dizendo que “os soldados da brigada de Passo Fundo apanharam um piquete de maragatos, perto dum pinhal, entre Sarandi e Rondinha, fizeram-nos trepar nas árvores e, quando estavam à certa altura, os fuzilavam”. Seria vingança por ato semelhante praticado por um piquete federalista, ao entardecer de 27 de junho de 1894, no Pulador?

O depoimento de Isabel Salvadori Signor comprova o que o pesquisador Almedoro Vencatto já divulgara em 1988 e foi acolhido por Aldomar Arnaldo Rückert em “A Trajetória da Terra – Ocupação e Colonização do Centro-Norte do Rio Grande do Sul – 1827-1931” (EDIUPF, 1997), p. 132: “Com o término da Revolução de 1923, através do acordo assinado em Pedras Altas, que dá base para a reformulação da Constituição Estadual, a companhia colonizadora passa a eliminar os ranchos dos camponeses caboclos com muita violência e alta mortandade. Nessas empreitadas, é costume levar à sede da companhia – em Sarandi – as orelhas dos caboclos assassinados, trabalho que é recompensado pelo número de pares de orelhas cortadas. Os posseiros sobreviventes passam a localizar-se, entre outros lugares, no lado esquerdo do rio da Várzea, no município de Palmeira das Missões, em terras que não estão sendo colonizadas (...)”.

Esse massacre é detalhado por Almedoro Vencatto em seu livro SARANDI, UM RECANTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (Gráfica e Editora A Região Ltda., Sarandi, RS, 1994), afirmando que, ao ser aberta a colonização que atraiu colonos descendentes de italianos e alemães “nestas promissoras paragens, já existiam posseiros que se haviam “intrusado” nas margens do rio da Várzea, na orla da floresta, no pastoreio de pequenos rebanhos de gado maior e gado menor, na caça e pesca, na extração da erva-mate e no cultivo de pequenas e incipientes lavouras para subsistência própria (mandioca, batata, abóbora, milho, cana-de-açúcar, etc.). Estes elementos, precursores dos verdadeiros colonizadores, eram constituídos, na sua maioria, de lusos brancos, negros alforriados, índios renascentes dos Sete Povos das Missões e uma miscegenação dos três tipos étnicos que levavam a alcunha de “caboclos”.(Op. cit., p. 84).

Almedoro Vencatto, como advogado e político, manteve contato com as populações ao redor de Sarandi. Conheceu contemporâneos dos fatos narrados e estudou documentos para escrever seu livro, que é uma das grandes obras que dispomos sobre a história regional.

Os “caboclos” apoiaram a Revolução de 1923, pois se opunham ao governo de Borges de Medeiros e de seu líder regional, o intendente Nicolau de Araújo Vergueiro. Para garantir a “ordem” na região, os dirigentes do Partido Republicano Rio-Grandense reforçaram o aparato militar ali concentrado.

“Face aos insistentes pedidos dos líderes locais - conta Almedoro Vencatto, à página 101 -, o contingente das forças governamentais foi reforçado com a chegada de um esquadrão da Brigada Provisória, com 60 brigadianos. Também esteve acampado, por algum tempo o 29º Batalhão da Cavalaria do Exército, comandado pelo Cel. Onório, com a missão de espalhar os revoltosos e perseguir os maragatos que estavam na região.

“Começou, então, a vindita dos chimangos: Carlos Sbaraini e outros companheiros foram encarregados pela Cia. Colonizadora para efetuar a eliminação dos ranchos de caboclos e seus ocupantes a “ferro e fogo”, pagando-se certa quantia pelo destruído: o despejo era feito a tiros e os que não fugiam eram “apagados”. Os que não conseguiam fugir para as

matas eram mortas e jogadas no rio da Várzea. Há algo decididamente fantástico: destas empreitadas, era costume trazer as orelhas dos caboclos, atadas aos tentos dos arreios. O trabalho era recompensado pelo número de pares de orelhas contados, junto à sede da Cia. Colonizadora, quando do retorno do grupo.

"Além de Sbaraini, faziam parte José Grossi, José Zanardi, Favorino Venturini e outros".

Vencatto conta que os caboclos "residentes à margem direita do rio da Várzea foram perseguidos e expulsos, indo localizar-se no outro lado (lado esquerdo), no município de Palmeira das Missões, onde as terras não estavam sendo colonizadas, enquanto outros se transferiam para o vizinho Estado". (Id., páginas 101 e 102).

Vencatto traz muitos detalhes sobre a Revolução de 23, em Sarandi, e sobre as perseguições posteriores.

Para nossa vergonha, um dos maiores apoiadores da matança de posseiros caboclos, na Fazenda Sarandi, o ex-intendente (prefeito) e deputado passo-fundense, Nicolau de Araújo Vergueiro, é nome de escola, responsável, inclusive, pela formação de professores.

Como podemos ver a importância da Revolução Federalista em Passo Fundo é muito maior do que se imagina. Aqui foi um laboratório para a repressão empreendida durante a Campanha de Canudos, a Guerra do Contestado, a Coluna Prestes, e até mesmo a Revolução de 32, mormente no Passo do Fão. E mais: veteranos da "Revolução da Degola" trouxeram práticas da jagunçada nordestina aplicadas na Fazenda Sarandi, logo depois da Revolução de 23.

(Publicado na revista SOMANDO, Edição nº 105, Ano 11, dezembro de 2005, pp. 14 e 15, Passo Fundo. Aqui foram acrescentadas as passagens relativas ao livro de Almedoro Vencatto, e o parágrafo seguinte).

Data : 13/06/2014

Título : Quanto mede uma colônia de terras

Categoria: Crônicas

Descrição: Eram tempos heroicos. Mal saíramos do Estado Autoritário. Desmoronava o bipartidarismo artificial montado pelo gênio diabólico do General Golbery.

Eram tempos heroicos. Mal saíramos do Estado Autoritário. Desmoronava o bipartidarismo artificial montado pelo gênio diabólico do General Golbery.

Numa tarde domingueira de calor escaldante resolvi sair para encontrar-me com alguns amigos. Sabia que, à noitinha, estariam todos no Bahama's Bar.

Cheguei mais cedo. Sentei-me a um canto, Sozinho. Pedi uma cerveja e fiquei ali bebericando enquanto esperava os companheiros.

Há algumas mesas dali um grupo de seminaristas e acadêmicos da Universidade de Passo Fundo resolviam dos os problemas do mundo. Os seus acabaram solucionando: hoje estão mamando nas tetas da União e acomodados nas mamatas do Governo do Estado.

- Paulo, você sabe quanto mede uma colônia de terras? - perguntou-me um deles.

- Uma colônia de terras são dez alqueires de terras, respondi.

- E quanto mede um alqueire? - inquiriu outro.

- Um alqueire, são quatro quartas de terras, disse objetivamente.

- E uma quarta de terras quanto mede? - entreviu o primeiro deles.

- Uma quarta de terras são quatro salamins.

Evidente e sacanamente não transformei essas velhas medidas no moderno hectare.

Em busca de porquês, um deles saiu com esta preciosidade:

Paulo, como é que você sabe tudo isso?

Minha resposta, como as demais foi curta e grossa:

- Eu sou filho de sem-terras.

Aí um dos questionadores não se conteve e me perguntou:

- Paulo, por que você não está no PT?

- Eu não estou no PT por que sei quanto mede uma colônia de terras. E não me enchem o saco, que eu só quero tomar uma cerveja em paz.

Data : 12/07/1996

Título : Quarenta anos de trovismo

Categoria: Resenhas

Descrição: Há exatamente 40 anos era publicado uma coletânea de 2.000 trovas, além de biografias de 417 autores, uma introdução de 22 páginas, fontes de pesquisa e bibliografia.

Quarenta anos de trovismo



por Paulo Monteiro

Há exatamente 40 anos era publicado uma coletânea de 2.000 trovas, além de biografias de 417 autores, uma introdução de 22 páginas, fontes de pesquisa e bibliografia. Chamava-se MEUS IRMÃOS, OS TROVADORES e era assinada por Luiz Otávio, pseudônimo de Gilson de Castro (1916-1977).

A obra, com 259 páginas, apresentando as trovas em duas colunas, foi publicada pela Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, representando o coroamento de anos de pesquisa e divulgação de trovas e seus atores através de jornais, revistas e rádios do Brasil e de outros países de língua portuguesa.

Para alcançar seus objetivos de divulgação da trova (popularmente conhecida como quadrinha), Luiz Otávio expedia biografias e trovas de dezenas de autores para publicação em periódicos dos mais longínquos rincões brasileiros, usando um mimeógrafo a álcool num processo que seria aplicado mais tarde pela mimeo generation, geração underground ou da poesia marginal.

Sua técnica foi eficiente e em pouco tempo a trova chamava a atenção de escritores, poetas e jornalistas, constituindo-se numa febre, um movimento literário com milhares de pessoas produzindo o pequeno poema de quatro versos em redondilha maior.

Essa ampla difusão da trova ficou conhecida como movimento trovadoresco ou trovismo e surgiu exatamente a partir do trabalho de Luiz Otávio, sendo considerado o ano de 1956, com a publicação de MEUS IRMÃOS, OS TROVADORES, como o marco inicial.

Trabalhador incansável, organizado e organizador, Luiz Otávio criou discípulos que o idolatram e não admitem qualquer restrição ao autor de SAUDADE... MUITA SAÚDE...

A partir da publicação da coletânea de Luiz Otávio, o espaço para a trova aumentou nos meios de comunicação social, ao mesmo tempo que começavam a surgir concursos de trovas e jogos florais. Estes, ressuscitam o nome de umas atividades muito comuns durante o trovadorismo medieval, mas que não desaparecem completamente de Portugal.

Prefeituras municipais, interessadas da divulgação de suas cidades, patrocinam essas promoções procurando valer-se da ampla rede de divulgação criada pelos trovadores, o que contribui também para a difusão ainda maior do movimento.

A trova ou quadrinha é a forma literária mais comum nos países de línguas ibéricas. Sua origem perde-se na noite dos tempos de Portugal e Espanha. Pode-se buscar sua origem na bifurcação do centenário rítmico da versificação médio-latina, que acaba se popularizando sob forma estrófica independente, sendo absorvida por petas cultos da Idade Média.

Além disso, ela poder ser buscada, originalmente, na rica poesia árabe da Península Ibérica, especialmente em formas poéticas como o zejel ou derivação de cantigas medievais.

Qualquer que seja a sua origem, se é que algum dia os pesquisadores chegarão a uma conclusão definitiva, o certo é eu a trova se tornou extremamente popular e despertou o interesse dos poetas cultos, inclusive usada como mote para poemas mais elaborados e extensos. E é, exatamente essa identificação com a alma popular, que contribui para que, a partir do Romantismo, comecem a surgir os grandes colecionadores da literatura

popular, como Almeida Garret e Teófilo Braga, em Portugal, Karl von Koseritz e Sílvia Romero, no Brasil. Com esses e outros pesquisadores a trova começa a despertar o interesse de poetas cultos. Destes, seguramente o mais famoso é Ramon de Campoamor (1817-1901), autor de Doloras y Cantares. Suas trovas popularizaram-se nos países de fala espanhola e, traduzidos, nos de língua portuguesa.

No final, graças aos poetas da última fase do Romantismo, aos estudos folclóricos e aos epigramas divulgados pela imprensa, a trova tornou-se, nos últimos cem anos, plenamente integrada à vida literária, fazendo surgir trovadores autênticos como Carlos Estevam, Manoel Monteiro, Silveira Carvalho, Moreira Cardoso, Ademar Tavares, Belmiro Braga, Soares Bulcão, Franklin Coutinho e Heitor Beltrão, chegando até o dia de hoje, onde há uma grande quantidade de excelentes poetas da trovas. Destes, muitos são meus amigos há vários anos e citar apenas alguns nomes seria incorrer em falta que eu mesmo não me perdoaria.

Pode-se afirmar que o trovismo caiu numa espécie de esgotamento, o que não é verdade, pois passadas quatro décadas do lançamento de MEUS IRMÃOS, OS TROVADORES continuam surgindo novos poetas da quadra. Ademais, as entidades que congregam os trovadores, como União Brasileira de Trovadores (UBT), fundada em 1966, pelo próprio Luiz Otávio, academias de trovadores e clubes dos mesmos poetas, estão em plena atividade. Livros e mais livros de trovas são publicados; jornais, revistas, boletins, concursos de trovas e jogos florais dão espaço ao pequeno poema.

O aparente esgotamento é apenas a forma visível assumida pela consolidação de movimento. Ninguém mais pode ignorar que a trova é, hoje, uma forma literária reconhecida, como o soneto, por exemplo. E esse consolidação se deve, em muito, a MEUS IRMÃOS, OS TROVADORES, sem esquecer o trabalho dos continuadores de sua obra de estudo e divulgação da trova.

Escrevo este comentário ainda sob o impacto positivo de, outro dia, encontrar minha filha adolescente abraçada ao meu velho exemplar do livro de Luiz Otávio, após ter adormecido embalada pela leitura das trovas ali reunidas há 40 anos.

O Cidadão

12/07/96

Data : 12/05/2014

Título : quase elegia

Categoria: Poesia

Descrição: o teu olhar que antes era o céu do meio-dia

o teu olhar  
que antes era o céu do meio-dia  
anoiteceu  
sigo tateando em meio às trevas  
um silêncio de cores me domina  
e mesmo os sons são incolores  
penso na luz imaginária do outro lado  
ouço somente as cores  
e vejo tão só os sons do coração  
que transformo em poemas  
neles alvorecemos  
e sinto nossas formas eternas  
até onde é possível existir eternidade  
apenas somos  
apenas

Data : 06/01/2009

Título : Quase poema

Categoria: Poesia

Descrição: Eu quisera escrever um poema que falasse do amor.

Quase poema

Eu quisera escrever um poema  
que falasse do amor.

O amor é tão banal  
que não pensamos nele  
sem que nos sepultemos no lugar comum,  
e tão bonito

quando falamos nele  
sem que nos persiga o pecado.

Eu quisera escrever um poema  
que começasse por teus pés  
e subisse por teus seios  
ou que iniciando em teus cabelos  
fitasse teus olhos,  
beijasse teus lábios,  
lambesse teu colo  
e fosse descendo, descendo...  
até mergulhar no teu ventre  
e se tornasse poesia.  
E germinando em ti,  
crescesse até tomar-te  
a cor dos olhos e dos cabelos,  
dando-nos as mãos e nos cobrindo de beijos.

Seria belo te amar,  
beber tranqüilidade nos teus lábios.  
Como é doce te ouvir  
e ver tuas mãos conduzindo  
crianças que não têm teu sangue!

Quanto é belo ver teus seios  
balouçando sob a blusa,  
acenando para os filhos  
que teu ventre não gerou.

Peco ao pensar nas sementes  
que não plantei em ti.  
Peco ao me imaginar  
lavrador de tuas carnes.

Meu Deus! Tu, que és amor,  
por que inventaste o pecado?  
por que me fazes – ao vê-la –  
sentir o dulçor dessa mulher?

Data : 12/05/2014

Título : Quase poema

Categoria: Poesia

Descrição: Eu quisera escrever um poema que falasse do amor.

Quase poema

Eu quisera escrever um poema  
que falasse do amor.  
O amor é tão banal  
que não pensamos nele  
sem que nos sepultemos no lugar comum,  
e tão bonito  
quando falamos nele  
sem que nos persiga o pecado.  
Eu quisera escrever um poema  
que começasse por teus pés  
e subisse por teus seios  
ou que iniciando em teus cabelos  
fitasse teus olhos,  
beijasse teus lábios,  
lambesse teu colo

e fosse descendo, descendo...  
até mergulhar no teu ventre  
e se tornasse poesia.  
E germinando em ti,  
crescesse até tomar-te  
a cor dos olhos e dos cabelos,  
dando-nos as mãos e nos cobrindo de beijos.  
Seria belo te amar,  
beber tranquilidade nos teus lábios.  
Como é doce te ouvir  
e ver tuas mãos conduzindo  
crianças que não têm teu sangue!  
Quanto é belo ver teus seios  
balouçando sob a blusa,  
acenando para os filhos  
que teu ventre não gerou.  
Peco ao pensar nas sementes  
que não plantei em ti.  
Peco ao me imaginar  
lavrador de tuas carnes.  
Meu Deus! Tu, que és amor,  
por que inventaste o pecado?  
por que me fazes – ao vê-la –  
sentir o dulçor dessa mulher?

Data : 11/05/2003

Título : Que os bons se unam

Categoria: Artigos

Descrição: Passo Fundo cada vez mais se parece com aquelas velhas famílias aristocráticas decadentes, imortalizadas por grandes romancistas nacionais.

Que os bons se unam

Passo Fundo cada vez mais se parece com aquelas velhas famílias aristocráticas decadentes, imortalizadas por grandes romancistas nacionais. Famílias essas que têm sido o tema de clássicos do pensamento social brasileiro, inspirando obras imorredouras, como Casa Grande e Senzala, Sobrados e Mocambos e Ordem e Progresso.

Essas famílias ou o que sobrou delas, hoje, vivem de retratos nas paredes de casarões quase ruínas. Alimentam-se de um culto familiar a imagens de condes, duques, barões, conselheiros de um regime esmagado, há tempos, pelo trem inexorável e implacável da História.

Sobrevivendo, aliás, vegetando, num mundo que somente existe na imaginação doentia de alienados sociais, só não morrem à míngua porque se alimentam das sobras dos mais abastados. Nobres numa época sem nobreza, o trabalho se lhes afigura um castigo divino legado às raças inferiores dos degradados filhos de Eva.

Basta que percorramos as nossas principais avenidas, as nossas praças centrais, para constatar que se enchem cada vez mais de estátuas e monumentos. Ao redor destes se debruça toda uma população, orgulhosa daqueles nobres vultos do passado, daqueles símbolos divinizados de tradições que se afiguram mitológicos aos olhos práticos. E quanto mais passa o tempo, mais a decadência se avoluma ao redor desses ídolos de concreto e metal.

As atividades produtivas ficam cada vez mais escassas no Município. Indústrias quebram, fecham ou se mudam. Os melhores cérebros também. Basta recordarmos a quantidade enorme de passo-fundenses industriais e competentes espalhados pelo mundo. De Porto Alegre ao Japão podem ser encontrados conterrâneos que, não encontrando na terra natal as condições para desenvolverem suas capacidades, foram buscar espaço em terras distantes.

Enquanto isso o que vemos é as autoridades legalmente constituídas lavando roupa suja em público, numa pública exibição de mediocridades e incapacidades políticas. Basta que lembremos três fatos recentes.

O primeiro deles é a não instalação da Cervejaria Colônia. Houve quem tentasse jogar responsabilidades sobre os ombros dos ecologistas. Trata-se da velha tática hipócrita, iniciada por Eva, ao querer responsabilizar a serpente. Na verdade, os problemas ocorridos no Distrito Industrial do Valinhos são de única e exclusiva responsabilidade das incapacidades políticas que controlam a burocracia municipal. Para comprovar a veracidade basta que se analise um projeto do Executivo, sobre a área daquele Distrito Industrial, que tramita na Câmara de Vereadores.

Depois, veio a proposta de subsídio para o transporte de trabalhadores até Marau, favorecendo diretamente uma empresa que gera impostos noutra município. História que tem gerado controvérsias, envolvendo figuras políticas já envolvidas em outros escândalos recentes como a cassação do então vereador João dos Santos. Ora, nesse

caso de subsidiar uma empresa de transportes, muitos questionam se não teria sido mais prático um contato com a empresa Perdigão para que explorasse instalações desativadas em empresas como a Z.D. Costi e a Minuano.

Agora, é toda essa confusão em torno da construção de 171 moradias populares com recursos da Caixa Econômica Federal e da Prefeitura. Uma história que daria um daqueles dramalhões televisivos, capazes de lembrar a Sucupira de Odorico Paraguaçu.

Para voltar à comparação com os velhos casarões antigos, nestes três episódios recentes, encontramos todos os ingredientes típicos da decadência social e política de uma região: o escândalo, o conluio de elementos que chegam a provar náuseas nos espíritos iluminados pelo sol do bem comum.

Passo Fundo não pode mais continuar desse jeito. E preciso que os homens e mulheres de bem desta cidade se unam. Passo Fundo precisa, urgentemente, de um plano de desenvolvimento efetivo, mas Passo Fundo precisa, mais ainda, de uma verdadeira revolução moral. Urge que a política seja exercida exclusivamente por espíritos superiores e não por entes crescidos sobre a lixeira do assistencialismo ou do consórcio com forças destruidoras dos princípios universais do bem e da virtude. Aliás, agora que se aproximam eleições municipais muitos lobos vestidos de cordeiro vão aparecer. Reencontraremos também, como nos tempos bíblicos, os mesmos hipócritas e fariseus, vestidos de sacos e cobertos de cinza, bradando pelas ruas da vida o seu arrependimento e proclamando argueiros nos olhos alheios, esquecendo a trave nos seus próprios olhos.

Contra essa situação ha um único recurso: a união dos homens e mulheres de bem porque os outros já estão juntos há muito tempo.

Do Jornal

Rotta

11/05/2003

Data : 01/01/1632

Título : Quem Destruiu os Sete Povos das Missões?

Categoria: Artigos

Descrição: Uma das maiores mentiras difundidas, inclusive nos mais circunspectos manuais de ...

Quem Destruiu os Sete Povos das Missões?



Paulo Monteiro

(Da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia Literária Gaúcha)

A História é feita com palavras. E as palavras, como as varas, podem ser torcidas ou quebradas. A mentira é difundida sob a forma de palavras. E em História as mentiras contam-se às mancheias.

Uma das maiores mentiras difundidas, inclusive nos mais circunspectos manuais de História do Brasil, é que os Sete Povos das Missões foram destruídos pelos bandeirantes.

Quem dedicar alguns dias à leitura de obras sobre as bandeiras, como os livros de Afonso DEscragolle Taunay, sobre o assunto, ou o Dicionário de História do Brasil, de Moacyr Flores, aprenderá algumas coisas interessantes, que resumo nestas linhas. Urge esclarecer que o artigo jornalístico, entre nós, é importante para a difusão de informações, mas impõe limites físicos que asfixiam quem escreve.

A primeira dessas lições é que desde o Século XVI, isto é, poucas décadas depois do descobrimento do Brasil, os portugueses mantinham estreitas relações comerciais com os nativos do litoral rio-grandense, conhecidos genericamente, pelo nome de Patos. Pouco depois entraram em negociações com os Ibiraiaras e outras tribos do Vale do Rio Uruguai, que não gostavam dos Guaranis e, por extensão, dos seus aliados espanhóis.

Ao Sul, os lusitanos uniram-se aos Minuanos e Charruas, estes aquartelados em sua trincheira natural, a Serra do Caverá, de onde partiam em sortidas contra Guaranis e Tapes, que seriam nativos de uma outra etnia guaranizada.

Agora, é bom que se lembre uma coisa: a ocupação do território brasileiro foi efetuada por seguidores da Igreja Católica. Junto com os colonizadores vinham sacerdotes da sua Igreja. E como em todas as sociedades, onde as religiões instituíram sacerdócio, as relações entre sacerdotes e leigos nem sempre foram as mais cordiais. Daí, no Brasil Colônia, especialmente quanto à escravidão, ocorreram "conflitos de interesses" entre esses dois segmentos da sociedade.

Enquanto os portugueses estreitavam relações com os nativos, ocupavam de fato o Litoral e avançavam para o Interior. Tanto isto é verdade que no ano de 1626 os jesuítas espanhóis entraram no Rio Grande do Sul, fundando a redução de São Nicolau. Chegaram em Passo Fundo em 1632, organizando Santa Teresa dos Pinhais, tomada pelo bandeirante André Fernandes, a 23 de dezembro de 1637.

Católicos, não podemos afirmar até onde praticantes, os paulistas, em suas bandeiras, eram acompanhados de padres. Basta lembrar que os conquistadores de Santa Teresa dos Pinhais trouxeram o padre Francisco Fernandes de Oliveira, filho de André Fernandes. E esse sacerdote aqui permaneceu ao lado dos seus compatriotas.

A idéia de que os bandeirantes eram verdadeiros monstros, sem religião, vem das representações movidas pelos colonizadores espanhóis às suas majestades. São documentos eminentemente políticos, como tantos discursos que ouvimos nos dias de hoje, demonizando os adversários. Os bandeirantes não eram nem mais e nem menos católicos do que os súditos de Espanha.

A segunda lição que se aprende ao estudar com um mínimo de seriedade esse período histórico é que a presença dos jesuítas espanhóis em território rio-grandense ocorre em dois períodos bem definidos. O primeiro deles entre 1626, com a fundação de São Nicolau pelo padre Roque Gonzáles de Santa Cruz, e logo depois de 1641, quando jesuítas e guaranis mudaram-se para a margem direita do Uruguai.

"De 1636-38, os bandeirantes Antônio Raposo Tavares, André Fernandes, Fernão Dias Pais e Pascoal Leite devastaram 18 reduções. Os jesuítas conseguiram transmigrar os índios para a outra margem do rio Uruguai e colocar o gado ao sul do rio Jacuí. Esse gado desenvolveu-se abandonado, formando a Vacaria do Mar", escreve Moacyr Flores, à página 510 do seu Dicionário.

Uma vez expulsos os espanhóis - e pouco importa se eram religiosos ou leigos, o importante é que eram espanhóis -, os bandeirantes foram chamados para uma empresa mais urgente: contribuir na libertação do Nordeste, ocupado pelos holandeses, que conquistaram Olinda e Recife, no ano de 1630. Os batavos só deixariam o Brasil, depois que se renderam, em 26 de janeiro de 1654. E também porque as notícias da existência de ouro e pedras preciosas, no Centro, fez reduzir a importância econômica do Sul. E os bandeirantes eram homens eminentemente práticos.

O segundo período tem início em 1682, quando os jesuítas, definitivamente livres da ameaça bandeirante, reingressam no Rio Grande do Sul e fundam os Sete Povos das Missões: São Borja (1682), São Luís (1687), São Lourenço (1687), São Nicolau (1687), São Miguel (1687), São João Batista (1697) e Santo Ângelo (1707). Terminou em 1767, quando os jesuítas foram expulsos de terras de Espanha, como conta Moacyr Flores, no Dicionário de História do Brasil, p. 172. Isto foi depois da chamada Guerra Guaranítica, em que morreu o lendário Sepé Tiaraju, em 7 de fevereiro de 1756, "morto por uma descarga de fuzis", conforme Moacyr Flores, in. Op. cit., p. 300.

Depois que os jesuítas foram expulsos da Espanha os Sete Povos das Missões passaram a ser governados por administradores espanhóis. Estes tratavam os índios de maneira opressiva, o que permitiu que as Missões fossem conquistadas, em 1801, por uma força formada pela junção de 14 desertores, anistiados, sob o comando de José Borges do Canto, 12 comandados por Antônio de Almeida Lara e mais seis soldados de Gabriel Ribeiro de Almeida. No caminho foram sendo engrossados por índios que se revoltavam contra o despotismo dos delegados dos reis espanhóis.

Em fevereiro de 1856, antes de incendiarem boa parte de São Miguel, os guaranis migraram para a margem direita do Uruguai. Essa destruição continuaria graças ao descaso dos administradores espanhóis que tomaram conta da Região e se aprofundaria depois de 1801.

Uma vez na posse do território, os portugueses trataram de ocupá-lo. Para tanto, as autoridades doaram sesmarias àqueles que desejavam mudar-se para a Região. Os primeiros a receberem essa benesse foram os que participaram da conquista. Os índios acabaram despojados de suas terras. Os materiais das reduções, que iam ruindo pelo abandono em que jaziam, foram sendo usados, pelos conquistadores, para construir suas casas e demais instalações das fazendas.

Em 1817 forças brasileiras invadiram a Argentina e incendiaram várias das antigas reduções jesuíticas naquele País. Dois anos depois veio o revide. Andresito Artigas,

caudilhete uruguaio nascido em São Borja, invade assolando Santo Ângelo, São João, São Miguel e São Nicolau. A destruição de São Miguel, pela incúria dos administradores espanhóis, se aprofundara pouco antes da ocupação portuguesa, em 1801.

Para que se tenha uma idéia de como foi lento e longo o processo de destruição das reduções bastam dois exemplos do que acontecia ainda em 1886. A pia batismal da redução de São Lourenço servia de cocheira para os muares de um colono italiano. Com os capitéis, baixos-relevos e outras obras arquitetônicas de São João Batista foi construído um chiqueiro de porcos e as madeiras nobres e melhores pedras empregadas para edificar excelentes casas. Lembre-se que os bandeirantes tinham deixado o Rio Grande do Sul há mais de dois séculos.

Portanto, os bandeirantes não destruíram os Sete Povos das Missões. A destruição foi obra inicial dos próprios índios, ao final da Guerra Guaranítica, persistiu com os delegados do poder civil espanhol e se aprofundou com os colonizadores europeus (portugueses, alemães e italianos) durante todo o século XIX.

Data : 07/04/2012

Título : Quem eram os gaudérios

Categoria: Artigos

Descrição: A palavra gaudério que adquiriu, nas últimas décadas, um sentido que lhe confere certa nobreza, já foi um termo infamante. Como a própria palavra gaúcho, diga-se a bem da verdade.

Quem eram os gaudérios

Paulo Monteiro (\*)

A palavra gaudério que adquiriu, nas últimas décadas, um sentido que lhe confere certa nobreza, já foi um termo infamante. Como a própria palavra gaúcho, diga-se a bem da verdade.

José Romaguera da Cunha Corrêa (1863/1910), em seu Vocabulário Sul-Rio-Grandense (1888) assim define gaudério: “adj. – gandulo, parasita; o que, não tendo ocupação, vive à custa de outrem aqui e ali. Cachorro gaudério, é o que não tem dono e vive roubando bocados de alimento aqui e ali”.

E se nós encontrássemos alguém que conheceu e conviveu com os gaudérios históricos, reais, de carne e osso, que existiram no século XVIII? O que ele nos diria? Pois tudo isso é possível.

Alonso Carrió de la Vandera, um espanhol nascido em Gijón, no ano de 1715 e falecido em Lima, no Peru, a 17 de janeiro de 1783, durante um ano e meio viajou, em lombo de mula, de Montevideu a Lima. Estava acompanhado de Calixto Bustamante Carlos Inca, que entrou para a história com o apelido de Concolorcorvo, isto é, com cor de corvo, moreno. O relatório dessa viagem foi publicado em fins de 1775 ou princípios de 1776, com autoria atribuída a Concolorcorvo.

Alonso Carró de la Vandera usou elementos da literatura picaresca, pseudônimos e deu como de outro o livro que escreveu. Personalidade histórica ainda obscura. O certo é que tinha muitos desafetos. O livro é, de certo modo, um acerto de contas com eles.

Bom, mas isso é uma história que quem desejar conhecer – porque entender é difícil – terá muito o que procurar...

O certo é que ele viu os gaudérios, ao Norte de Montevideu e nos deixou uma descrição vida e real dos mesmos. A parte Alonso Carrió de la Vandera dedicou àqueles homens do campo transcrevo, a seguir, traduzida de “El Lazarillo de Ciegos Caminantes” (Caracas: Biblioteca Ayacucho, páginas 22 e 23).

## “GAUDÉRIOS

Estes são uns rapazes nascidos em Montevideu e nos pagos vizinhos. Roubas de baixo más e piores roupas de cima procuram cobrir-se com um ou dois ponchos, de que fazem cama com os baixeiros do cavalo, servindo-lhes de travesseiro a sela. Provem-se de uma guitarrinha, que aprendem a tocar muito mal e a cantar desentoadamente várias quadras, que estropiam, e muitas que tiram de sua cabeça, que regularmente giram sobre amores. Circulam segundo seu arbítrio por toda a campanha e, com notável complacência daqueles semibárbaros colonos, comem à sua custa e passam as semanas inteiras estendidos sobre um couro, cantando e tocando. Se perdem o cavalo ou se lhes roubam, dão-lhes outro ou tomam da campanha, laçando-se-lhes com um cabresto muito comprido que chamam rosário. Também carregam outro com duas bolas nos extremos, que muitas vezes são de pedra forrada de couro, para que o cavalo se enrede nelas, como também em outras que chamam ramais, porque se compõem de três bolas, com que muitas vezes ferem os cavalos, que não ficam de serviço, considerando esse prejuízo em nada, tanto eles quanto os donos.

Muitas vezes se reúnem deles, quatro ou cinco, e às vezes mais, com pretexto de irem ao campo se divertir, não levando mais provisão para sua manutenção do que o laço, boleadeiras e uma faca. Se combinam um dia para comer picanha de uma vaca ou novilho: laçam-lhe, derrubam, e, bem amarrados de pés e mão, tiram-lhe vivo toda a rabada com o couro, e, fazendo uns cortes pelo lado da carne, assam mal, e meio cruas, sem mais acompanhamento que um pouco de sal, se lhe levam por prevenção. Outras vezes matam só uma vaca ou novilho para comer o matambre, que é a carne que a rês tem entre as costelas e o pelo. Outras vezes desejam caracus, que são os ossos que tem tutano, os

descarnam bem, e lhes colocam de ponta para cima no fogo, até que dêem uma fervidinha e se derreta bem o tutano que revolvem com um palito, e se alimentam daquela admirável substância; porém o mais prodigioso é vê-los matar uma vaca, tirar-lhe a buchada e todo o sebo, que juntam no ventre, e com uma só brasa de fogo ou um pedaço de esterco seco das vacas prendem fogo naquele sebo e, logo que começa a arder e contatar com a carne gorda e ossos, forma uma extraordinária iluminação, e assim voltam a unir o ventre da vaca, deixando que respire o fogo pela boca e pelo ânus, deixando-a toda uma noite ou uma considerável parte do dia, para que asse bem, e à manhã ou à tarde os gaudérios se acercam e com suas facas vão tirando um pedaço que lhes convém, sem pão nem outro acompanhamento algum, e logo que satisfazem seu apetite abandonam o resto, a exceção de um ou outro que leva um pedaço em seu passeio campestre.

Venham agora a assustar-nos o jornalista de Londres com pedaços de vaca que põe nas mesas do estado. Se ali o maior é de 200 libras, de que coem 200 milordes, aqui se põem 500 só para sete ou oito gaudérios, que uma ou outra vez convidam o dono da vaca ou novilho, e se dá por bem servido. Chega de gaudérios porque já vejo que os senhores caminhantes desejam seguir seu destino para Buenos Aires.”.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GAUDÉRIOS

O testemunho ocular de Alonso Carrió de La Vandera apresenta alguns fatos que contradizem ou limitam afirmações posteriores de estudiosos da formação do gaúcho.

Nas primeiras linhas – e este é o primeiro fato – afirma que os gaudérios “são uns rapazes nascidos em Montevideu e nos pagos vizinhos”. Li alhures que os gaudérios eram paulistas e/ou descendentes de paulistas. Não é improvável que homens da Paulicéia hajam se agauderiado ou gerado gaudérios. Este tipo humano, conforme encontrado pelo viajado e experiente espanhol, não eram nem brasileiros, nem argentinos. Eram orientais, uruguaios, nascidos em Montevideu ou nas suas adjacências.

Eram homens muito malvestidos, extremamente pobres. “Roupas de baixo más e piores roupas de cima procuram cobrir-se com dois ponchos...”. Ora, à leitura dessa passagem vêm aos nossos olhos homens cobrindo a meia parte superior do corpo com um poncho e a meia parte inferior com outro poncho feito chiripá.

Como os seus netos, bisnetos, trinets e tetranets de décadas posteriores, faziam cama de baixeiros e a sela (os arreios) de travesseiros.

O segundo fato documentado é que os gaudérios eram nossos primitivos payadores. “Provem-se de uma guitarrinha, que aprendem a tocar muito mal e a cantar ‘desentoadamente’ várias quadras que estropiam, e muitas que tiram da cabeça, que regularmente giram sobre amores”.

Quase duzentos anos depois Arturo Capdevila escreveu sobre a primitiva literatura popular do Pampa, nestes termos: “Os começos literários na chamada época colonial, se tirarmos a oratória sagrada das grandes datas da Igreja, não podem ser mais humildes. Cantares, pequenos romances, versos de ocasião, entretém a vida de família sem alcançar maior ressonância; ou se trata de uma mesma produção que reflete a espanhola, anônima, como caso das advinhas, décimas de devoções ou pequenas sátiras (in

Domingo Faustino Sarmiento, Facundo. W. M. Jackson: Buenos Aires, 1945, p. VII). À página seguinte afirma: “Quem fala de Buenos Aires, do mesmo modo se refere a qualquer outra cidade principal da América”.

Cento e poucos anos depois do que Alonso Carrió de la Vandera ouviu e viu ao norte de Montevidéu Simões Lopes Neto recolheu no “Cancioneiro Guasca”, em termos de produção anônima, o mesmo tipo de verso de que nos falamos o autor de “El Lazarillo de Ciegos Caminantes” e Arturo Capdevila, ao apresentar “Facundo”. São versos que vemos repetidos (“estropiados”, na expressão de Alonso Carrió de la Vandera), como estes:

A Tirana é mulher velha,  
Já não é mais rapariga,  
Por isso ela já não quer  
Que lhe metam em cantiga.

A Tirana é mulher brava  
E mora num faxinal,  
Socando sua canjica,  
Comendo feijão sem sal.

A Tirana quando olha  
P’ra gente, de atravessado,  
É sempre muito melhor,  
Não s’esperar o recado!...

As “coplas”, quadras, ou trovas, acima, transcritas da página 28 do “Cancioneiro Guasca” (Porto Alegre: Sulina, 1989), mostram lirismo, humor e a velha raiz ibérica, ao usar rapariga, no sentido de “moça”, no melhor Português europeu. Por isso, quem não está acostumado com o estudo profundo e refletido da literatura folclórica da região platina, de certo modo, se assustará com a diferença entre aquela literatura e a gauchesca de nossos dias.

Essa era a autêntica poesia dos primitivos payadores, os gaudérios. Não tinha sido corrompida pelos intelectuais-militares das “guerras pátrias”, fossem contra a Espanha, fossem contra portugueses e brasileiros (e isto é muito importante notar!!!).

Como, apoiado em seleta bibliografia, já escrevi no ensaio “Poesia Gauchesca, um Gênero Escrito com Sangue”, disponível em vários sítios da Internet e em meu livro “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas”:

“A poesia que retrata a violência de guerras, revoluções e peleias é uma criação de homens cultos, a serviço das tropas coloniais e, logo a seguir, dos caudilhos crioulos; é

uma criação de intelectuais urbanos, no estrito sentido da palavra intelectual. E tem até uma data inicial: 15 de outubro de 1877. Exatamente nesse dia, aparece o primeiro poema conhecido que reproduz expressões tipicamente gauchescas e descreve a vida pampiana, escrito pelo padre Juan Baltasar Maziel, advogado e educador santafesino que fazia parte da conquista espanhola da Colônia do Santíssimo Sacramento por D. Pedro de Cevallos (Guilhermino César, *Notícia do Rio Grande: Literatura*, Instituto Estadual do Livro/Editora da Universidade, Porto Alegre, 1994).

A violência permeia praticamente toda a poesia gauchesca desde os primeiros anos do século XIX. E, recentemente, adquire uma amplitude que não tem limites com as composições musicais. Até o nosso mal interpretado Gaúcho de Passo Fundo (que 'não dobra esquina quando vê o perigo' – e sua terrível cacofonia do 'acuando') tipifica essa violência. Mas isso já é outro assunto...

Ricardo Rojas, autor de uma clássica História da Literatura Argentina (Ricardo Rojas, *Historia de la Literatura Argentina – Los Gauchescos – II*, Editorial Guillermo Kraft Limitada, Buenos Aires, 1960, p. 636), assim descreve a consolidação da gauchesca e a substituição da temática lírica em assuntos belicosos:

'Essa transformação dos payadores líricos em rapsodos épicos se produziu depois de 1810. Antes da guerra com os portugueses (1776) e a guerra com os ingleses (1806) insinuaram o aparecimento da canção e do baile de tema político, porém a nova formação surgiu vigorosa depois da Revolução de Maio, adquiriu forma com Hidalgo (1810-1822), continuou com Ascasubi (1830-1860) e coroou-se com Hernández (1870-1880)'."

São apenas duas considerações. Outras tantas poderiam ser feitas. Deixo de apresentá-las aqui, pois podem ser encontradas ao longo de meus textos disponíveis no sítio do Projeto Passo Fundo.

(O texto acima foi publicado parcialmente às páginas 24 e 24 da Revista Somando, Edição 181 – Ano XVI – Abril/2012).

(\*) Paulo Monteiro, poeta e historiador, pertence a diversas entidades culturais do Brasil e do exterior, é autor dos livros "A Trova no Espírito Santo – História e Antonogia", "Eu resisti também cantando", "Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo", "O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas" e "A Campanha da Legalidade em Passo Fundo", que podem ser adquiridos na Loja Virtual do Projeto Passo Fundo. Escreveu e publicou centenas de artigos e ensaios sobre temas literários, culturais e históricos, que estão sendo reeditados em [www.projeto.passo Fundo.com.br](http://www.projeto.passo Fundo.com.br).

Data : 05/06/2010

Título : Razões que me Levaram a Escrever O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas

Categoria: Artigos

Descrição: Apresento muitos desses crimes em O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas,

Razões que me Levaram a Escrever “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas”

Paulo Monteiro

Quando o administrador do Projeto Passo Fundo convidou-me para publicar o livro eu resisti também cantando, com poemas inéditos, contra-argumentei propondo a edição de uma coletânea de artigos sobre temas históricos e culturais. Assim surgiu este O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas.

Os textos são praticamente os mesmos dados à letra de forma originalmente na imprensa, e depois divulgados em diversos sítios da Internet. Para a reunião em volume, porém, aprimorei as referências bibliográficas, procurando favorecer os leitores que desejarem se aprofundar nos temas tratados.

Sou, assim, extremamente grato a Saul Spinelli, diretor do extinto jornal O Cidadão, às jornalistas Geneci Carlot de Quadros e Joice Carlot, responsáveis pelo Jornal Rotta, à direção e colegas da Fundação Cultural Planalto, em particular da Revista Somando, aos sítios Projeto Passo Fundo, Luso Poemas, World Art Friends, Café História, O Melhor da Web, Verso e Prosa e tantos outros que acolhem meus escritos.

O caráter jornalístico, que não quer dizer apressado, é responsável por algumas repetições ao longo deste livro. A História é uma corrente de fatos, e não um fio retilíneo.

Tenho dito à saciedade: sou, fundamentalmente, um publicista, o que, no melhor vernáculo, significa aquele tipo de escritor que alguns tradutores versam “intelectuais públicos”. Escrevo para ser lido – e entendido. E com os clássicos da Língua Portuguesa aprendi que se pontua como se fala porque a fala é anterior à escrita.



Escrever, para mim, é um ato vital.

Defensor da escrita fonética, optei por não seguir as recentes alterações ortográficas.

O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas é uma pequena mostra de minha produção historiográfica. O amor à História se iniciou quando eu tinha treze anos e estudava na Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis em Passo Fundo. Minha professora de Língua Portuguesa, Zilka Neff Rosa, solicitou colaboração para o jornal mimeografado da Escola. Apresentei um poema sobre Passo Fundo. Em certa passagem eu rimava as palavras “ruas” e “charruas”. Dona Zilka me chamou, explicou-me que os charruas não habitavam Passo Fundo, que aqui viviam guaranis e tapes, falou-me sobre licença poética. Depois de uma boa conversa acabou me sugerindo ler um dicionário de versificação e o livro “Passo Fundo das Missões”, de Jorge Edete Cafruni. Li os dois livros e apaixonei-me pela Poesia e a História, que não larguei mais. Por isso, uma das pessoas a que dedico esse livro é Dona Zilka.

Nesses quarenta e dois anos li milhares de livros, escrevi centenas de artigos sobre temas culturais e históricos. Acumulei material suficiente para publicar algumas dezenas de livros, mas dei apenas três a lume.

Apreendi com os grande humanistas que o historiador tem a obrigação de dizer a verdade ou, pelo menos, aquilo que considera a verdade. Por isso, não tenho qualquer condescendência com as chamadas personagens maiores da História.

Tenho um interesse particular no estudo das revoluções rio-grandenses. Na verdade, o que eu quero é entender essa questão da valentia gaúcha. Isso me levou a concluir algumas coisas que me parecem terríveis e que estão com todas as letras em diversas passagens do livro.

Durante milhares de anos a História, a exemplo da Filosofia, ficou reduzida à condição de simples escrava da Filosofia.

Os líderes das principais civilizações passaram à História na condição de verdadeiros semideuses. Apenas com Voltaire, em 1756, com o Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações, a História passou a ser considerada como criação humana. Entretanto, especialmente em termos de história local e regional, os líderes são considerados representantes divinos.

Como afirmou recentemente o ministro Ayres Britto, do Supremo Tribunal Federal: “Há quem chegue às maiores alturas só para fazer as maiores baixezas”. Por isso é que sigo a lição do velho Jules Michelet: “O historiador, que é o juiz do mundo, tem por primeira obrigação perder o respeito...”

Não sou condescendente com as baixezas daqueles que chegam às alturas. A maioria dos historiadores, em especial os que escrevem sobre a história local e regional, não passam de ficcionistas incapazes de compor uma quadrinha de pé quebrado. Há pessoas que, pensando serem historiadores, entoam loas aos abutres.

Para mim, em seu maior número, as páginas de nossas revoluções, como de todas as revoluções pampianas, foram escritas com sangue e vergonha. E as páginas que a História reserva para os matadores em série e outros degenerados são o melhor lugar para alguns semideuses gaúchos.

No meu entendimento, a história da caudilhagem é uma sucessão imensurável de roubos, latrocínios, estupros e massacres. E é insustentável o argumento de que os caudilhos devem ser julgados segundo o ambiente em que viveram. Aceitá-lo seria negar que até mesmo leis ancestrais como o Código de Hamurabi ao Decálogo Bíblico, sempre reconheceram as práticas caudilhescas como crimes dos mais graves que alguém poderia cometer; aceitá-lo seria admitir a vontade de cada um como única e universal norma de Direito.

Apresento muitos desses crimes em *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*, como a matança dos lanceiros negros a 14 de novembro de 1844, justamente às vésperas de Antonio Vicente da Fontoura, seguir para o Rio de Janeiro como representante dos farroupilhas. para acertar a paz com o Império.

Assim, gostaria de contar com o comparecimento de todos os interessados no estudo da História, no lançamento do livro, dia 16 de junho de 2010 (quarta-feira), às 19 horas, tendo como local o auditório da Academia (Av. Brasil Oeste, 792), em Passo Fundo. Na oportunidade, receberei a generosa e ilustrada contribuição de diversos amigos, como os historiadores Adelar e Setembrino Dal Bosco, o psicólogo clínico, poeta e pensador Getúlio Vargas Zauza, que já confirmaram suas presenças, para discutirmos os temas tratados nas “linhas e entrelinhas” do livro.

A capa de *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas* é arte de Everaldo Siqueira. Reproduz os lanceiros farroupilhas (do quadro *Carga de Cavalaria*, de Guilherme Litran, acervo do Museu Júlio de Castilhos), sobre fotografia de Paula Tatsuia Machado Monteiro, retratando trecho da Rua Teixeira Soares, entre as ruas Paissandu e Uruguai, onde existia uma casa de Manoel José das Neves (Cabo Neves) que serviu de quartel às diversas forças imperiais e republicanas, que passaram por Passo Fundo, durante a Revolução Farroupilha. Ali também acamparam muitos dos lanceiros negros massacrados no Cerro de Porongos. (Passo Fundo, 30 de maio de 2010).

O livro pode ser adquirido através de  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Da Revista  
Água da Fonte  
31/05/2011

Data : 26/01/2009

Título : Receita de mulher

Categoria: Sonetos

Descrição: aquela que há de andar sempre a meu lado quero de boca aberta e bem fechada

receita de mulher

aquela que há de andar sempre a meu lado  
quero de boca aberta e bem fechada  
que tenha o choro solto de criança  
e capaz de brigar dar bofetada

aquela que há de andar sempre a meu lado  
será meiga e violenta e desbocada  
de voz tão doce e pura voz tão mansa  
que o pior dos palavrões há de ser nada

aquela que há de andar sempre a meu lado  
há de ser joana d'arc ou uma anita  
mulher completa esposa mãe e amante

há de levar o mundo por diante  
há de ser como as feras e bonita

aquela que há de andar sempre a meu lado

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 25/01/2009

Título : Receita de Pai

Categoria: Poesia

Descrição: Um dia me levavas pelas mãos e eu te pedia: – “ Pai, pára, que eu não agüento mais!”

Receita de pai

Um dia me levavas pelas mãos e eu te pedia:

– “ Pai, pára, que eu não agüento mais!”

Outro dia, em que minhas mãos te conduziam,

Exclamaste:

– “Pára, meu filho que estou cansado!”

Cansar, meu pai, sempre cansaste,

Mas agüentas todos os pesos,

Suportas todas as caminhadas...

De ti, quando nos separarmos deste mundo,

Guardarei as lições que me deixares,

Lições que espero legar às minhas filhas.

Não me pedes. Ordenas.

Ordens duras, às vezes.

Ordens que me fazem afastar-me cabisbaixo.

E chorar baixinho.

Nem sempre consigo entender-te.

És tão duro contigo.

E é mais duro para entender-te,

Pois o bugre que guardamos em nossos peitos

Luta constantemente com nós mesmos.

10 de agosto de 2007.

Nota do autor: Pedro Mendes Monteiro faleceu repentinamente, aos 87 anos, no dia 18 de novembro de 2008.

Data : 06/10/1995

Título : Reencarnação ou Ressurreição

Categoria: Artigos

Descrição: Depois de apresentar o dilema entre reencarnação e ressurreição, ...

## Reencarnação ou Ressurreição

A Editora Paulus, de São Paulo, acaba de editar uma obra com 132 páginas, numa linguagem acessível, mas de um alcance teológico-filosófico muito grande, escrita pelo teólogo Renold J. Blank, intitulada *Ressurreição ou Reencarnação: Uma Decisão de Fé*.

A primeira parte do livro (*Duas Alternativas, Uma Decisão de Fé*) é dedicada a uma exposição, com dados de pesquisa, informando quanto à divisão dos brasileiros ante as duas maneiras de ver o destino humano pós esta vida.

Depois de apresentar o dilema entre reencarnação e ressurreição, Blank afirma: “Confrontados com essa indagação (se teremos de viver várias vidas para nos purificarmos, PM), devemos de antemão e com muita clareza declarar que, no fundo, nem a resposta espírita, nem a resposta cristã podem ser provadas de maneira científica. As duas são respostas de fé. Em nenhuma das duas se encontram, como base, fatos científicos provados. Pelo contrário, são convicções religiosas, crenças, atitudes de fé, que têm, como aliás qualquer fé, o seu fundo na confiança de que não iriam enganar aqueles nos quais se fundamenta essa mesma fé”. (Op. Cit., pág. 9).

A teoria da reencarnação surgiu na Índia, vários séculos antes de Cristo, fundamentada na lei do carma. Esta, no entender do Autor, “é uma lei cósmica, e os seres humanos estão sujeitos a ela da mesma forma que estão sujeitos à lei da gravidade, por exemplo”. (Idem, pág. 43).

Na segunda parte, questionando criticamente a “doutrina do carma”, Blank afirma que não deseja entrar em polêmica porque “a crença na Reencarnação é uma fé. Por se tratar de

fé, todo o argumento provoca um contra-argumento, e para qualquer objeção se encontrará uma resposta, e assim nunca chegaríamos realmente a um fim “. (Ibidem, pág. 48).

Mesmo sem pretensões à polêmica Renold J. Blank, apoiando-se nos ensinamentos bíblicos, faz afirmações que se chocam frontalmente com a teoria reencarnacionista.

“Em toda a história da revelação bíblica – escreve à pág. 65 -, Deus nunca age com almas espirituais, mas sempre com pessoas corporais, visíveis e palpáveis.

“Esse agir com corpos materiais chega a um nível tão palpável que o próprio Deus se fez corpo concreto, visível e palpável. E no seu agir, ele não falava de níveis energéticos e vibrações espirituais, mas de coisas muito profanas, como fome, cegueira, hanseníase, banquetes, ovelhas perdidas e prostitutas. Foi assim que ele agiu”.

A teoria reencarnacionista seria uma espécie de fuga do homem perante sua finitude.

“E um caminho dessa fuga – escreve o Autor à pág. 67 – é afirmar que existem interligações vibratórias, interferências energéticas, incorporações e pontos de contato com o mundo do além”.

Um outro argumento contra o reencarnacionismo se baseia na seguinte constatação prática e estatística: “Quando numa assembléia de 100 pessoas se pergunta quem dos presentes se lembra de sua vida anterior, podemos ter certeza de que ninguém se manifesta. O mesmo acontece em assembléias de 200, 300 ou mais pessoas. A esmagadora maioria dos seres humanos não apresenta nenhuma lembrança de uma vida anterior”, escreve à pág. 68. E, poucas linhas à frente, argumenta: “E como podemos assumir uma responsabilidade por essas pressupostas vidas, sem a minha consciência de nossa culpabilidade anterior?”

“Sem consciência, não existe responsabilidade moral. E nesse caso é exatamente a consciência que falta”.

A obra de Renold J. Blank não é feita apenas de argumentações teológico-filosóficas, mas apóia-se, ainda, em elementos ancorados na ciência contemporânea. “A Moderna engenharia genética – escreve à pág. 75 – descobriu e continua descobrindo cada vez melhor que a influência genética vai muito além do quadro puramente biológico. Os genes transmitem não apenas informações psíquicas, mas também memórias, de maneira que se abre aqui um caminho até para a explicação daquilo que tantas vezes está sendo interpretado como referência a uma vida anterior.

“Tais reminiscências não seriam absolutamente lembranças de uma vida já vivida; seriam muito mais elementos memoriais transmitidos por via genética de antepassados”.

Para concluir as citações de argumentos apresentados por Blank, transcrevo esta passagem da página 84:

“O mal e o sofrimento têm de ter sua causa. E a doutrina do carma garante que essa causa é o mal cometido numa vida anterior. Mas como foi na primeira vida?”

“Se nessa primeira vida já existiam o mal e o sofrimento, então deve ter havido ANTES nessa primeira vida, algo que era a causa do mal na primeira vida”.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 6 de outubro de 1995, p. 8).

Data : 31/12/2008

Título : Reencontro

Categoria: Sonetos

Descrição: Há tempos a saudade me persegue, esta estranha saudade de mim mesmo.

Reencontro

Perdi-me dentro de mim  
Porque eu era labirinto,  
E hoje, quando me sinto,  
É com saudades de mim!  
Mário de Sá-Carneiro

Há tempos a saudade me persegue,  
esta estranha saudade de mim mesmo.  
Hoje veio estreitar-me contra o peito,  
como quem encontrou um velho amigo.

E abraçados nós dois, eu e a saudade,  
enquanto ela explodia em gargalhadas  
e me apertava cada vez mais forte,  
só eu chorava sem saber por quê.

Depois, ela seguiu o seu caminho  
até sumir na linha do horizonte,  
sem me dizer adeus e sem voltar-se,

ignorando-me assim com tal desdém  
que me deixou no peito este desejo  
de mandar tudo às favas, e segui-la.

Data : 13/04/2003

Título : Relendo Paco Espínola

Categoria: Artigos

Descrição: Leitor compulsivo, por dever de ofício, sou obrigado a ler livros recém-lançados ou clássicos, em datas especiais.

### Relendo Paco Espínola

Leitor compulsivo, por dever de ofício, sou obrigado a ler livros recém-lançados ou clássicos, em datas especiais. Tenho, porém, minhas preferências pessoais, que podem parecer estranhas. Entre estas, agradam-me os contos. E um dos contistas preferidos é o uruguaio Francisco Espínola, Paco para seus admiradores. Lembrando-me do centenário de seu nascimento, em 2001, e do trigésimo aniversário de sua morte, neste ano, aproveitei para reler seus CUENTOS COMPLETOS (ARCA, Montevideo, 1990).

Poeta, romancista, ensaísta, em mais de meio século de atividade literária Francisco Espínola deixou uma obra representativa, onde se destacam, dezessete contos. O primeiro deles, *Visita de duelo*, é de 1922; o último, *Rodríguez*, de 1958. Praticamente a metade deles (oito), foi enfeixada em seu primeiro livro *RAZA CIEGA* (1926). Como se vê escreveu poucas histórias curtas, mas estão entre as mais representativas da literatura gauchesca.

Paco difere do regionalismo tradicional, mais corpóreo, material, ao dar valor às expressões regionais, porque salienta o aspecto anímico ou espiritual do gaúcho. Para ele, mais do que a linguagem, o que difere o homem da Pampa é o seu espírito, o seu sentimento e a sua vida. Sirva de exemplo um dos mais belos contos gauchescos, *La yararaca*, de 1929. O núcleo da história é um fato bastante comum no meio rural: a cobra que, à noite, vem mamar na mulher em fase de amamentação.

Mais do que uma simples serpente, a yararaca é um símbolo fálico, símbolo que, sob outras formas, reaparece na maioria dos contos de Francisco Espínola. Há na cobra algo do "outro" que vem enquanto marido está fora. A "dormida" sente prazer enquanto seus



seios são sugados pelo animal peçonhento. Numa dessas andanças, entre seu habitat selvagem e o leito da mulher, a jararaca é morta por dois lenhadores. O prazer que, mesmo dormindo, a mulher experimenta enquanto a jararaca se sacia, é substituído, por "Oscuras pesadillas ahogadoras, sin imágenes visuales claras, (que, PM), surgían dei fondo de su alma", na noite em que na primeira noite em que o animal não retorna.

Outro conto representativo, clássico mesmo, é Rodríguez. A história de um gaúcho que, ao cruzar um passo, vê um cavaleiro estranho. Acautela-se. O outro o acompanha e se oferece para saciar-lhe todo o desejo de prazer e de fortuna. Mefistófeles campeiro, é o tentador, o diabo. Rodrigues nada lhe responde. As variações nas cores do cavalo que monta, os animais em que este se transforma, as tentações que apresenta ao campeiro, tudo pode ser interpretado num sentido erótico. Rodrigues não tem a vocação para Fausto pampiano. A tudo recusa. Simplesmente homem, pecador mesmo, não usaria a bela expressão ("Vade retro, satan!") empregada pelo Messias, mas despede satanáas com o mais simples e eficiente esconjuro que um guasca poderia empunhar: ";Te vas a la puta que te parió!".

A técnica de Francisco Espínola é aparentemente simples, comum aos "causos de galpão": a cobra que se alimenta de mulher que amamenta; os pactos com o diabo; o gaúcho que força o juiz ou o padre a cumprir com suas obrigações, ainda que a revelia das normas legais (Maria dei Carmen). A técnica, eminentemente material, é domável, mas ela está a serviço, de uma descrição anímica do homem da há campanha, como já disse acima. O que, ao fim e ao cabo, o autor consegue, é dar universalidade às personagens. Para isso contribui a moderação no uso dos regionalismos.

O regionalismo de Paco Espínola rompe com o racionalismo tradicional, romântico por excelência. É moderno, transcendentaliza o homem local. Assim consegue realizar o ideal artístico preconizado por um grande escritor russo/Ao cantar sua aldeia canta o mundo ou, mais precisamente, é para cantar o mundo que canta sua aldeia. Daí lhe advém a superioridade literária, que o situa entre os maiores/escritores gaúchos (e gauchescos) de língua espanhola.

Do Jornal

Rotta

13/04/2003

Data : 19/07/1996

Título : Religião e pós-modernidade

Categoria: Resenhas

Descrição: Cada época produz expressões que lhe caracterizam, expressando realidades próprias. Modernidade e pós-modernidade marcam os dias de hoje.

## Religião e pós-modernidade

por Paulo Monteiro

Cada época produz expressões que lhe caracterizam, expressando realidades próprias. Modernidade e pós-modernidade marcam os dias de hoje. As religiões, ainda que milenares, são permeáveis às ações do tempo e do espaço. FIM DE MILÊNIO: OS PERIGOS E DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE NA IGREJA, de Ricardo Gondim (Abba Press, São Paulo), tematiza a relação da Igreja com a realidade contemporânea. O autor, consagrado pregador e semeador de igrejas, escreve a obra num tom quase de diálogo com o leitor.

Para Gondim, a modernidade inicia-se pelos meados do século XV, e na década de 50 deste século surge a pós-modernidade. Noutras palavras, nos últimos anos verificou-se a falência do racionalismo e do cientificismo.

Ouso afirmar que a corrosão do racionalismo surge do próprio cérebro de um de seus mais típicos representantes, Auguste Comte, o criador do positivismo, ao tentar transformar Clotilde de Vaux, seu amor platônico, em uma nova Virgem Maria e instituir a Religião da Humanidade.

A falência dos projetos totalizadores levou ao fortalecimento do individualismo. Com a modernidade surgiu a Reforma Protestante, quando “os reformadores vociferavam com o dedo em riste: Sola Scriptura” (Op. cit., p. 154). Com a pós-modernidade o pentecostalismo se desenvolve, radicalizando-se no neopentecostalismo. À totalização da ciência os protestantes opunham a totalização da Bíblia. Ao individualismo da pós-modernidade os neopentecostais enfrentam com a individualidade da fé.

Como toda criação humana, a modernidade não mais responde às necessidades de seus criadores. Da mesma forma, a pós-modernidade acabará no lixo da história. O cristianismo, em não sendo produção de homens, transcende as etapas mundanas.

A forma como Ricardo Gondim desenvolve seu texto e o método adotado contribuem para que FIM DE MILÊNIO: OS PERIGOS E DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE NA IGREJA seja um livro atual e de leitura inadiável. Isso se deve à seriedade com que ele exerce seu mister de escritor, em estilo claro, ainda que fundamentando-se nas escrituras e numa bibliografia selecionada. O amadurecimento do assunto na mente do autor dá solidez à argumentação, favorecimento o entendimento da obra.

O Cidadão.

19/07/96

Data : 28/02/2003

Título : República Rio-Grandense: Realidade e Utopia

Categoria: Resenhas

Descrição: A exemplo do que acontecia com a Guarda Nacional, os postos militares e os cargos públicos, na República Rio-Grandense...

### República Rio-Grandense: Realidade e Utopia

Moacyr Flores é considerado um dos mais representativos historiadores gaúchos da atualidade. Essa consideração se consolida a cada novo título que publica. República Rio-Grandense: Realidade e Utopia ( EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002), sua obra mais recente, apenas vem comprovar a importância deste seu décimo sexto livro.

Com República Rio-Grandense; Realidade e Utopia, o historiador porto-alegrense, fixa-se, definitivamente, como um dos grandes estudiosos do movimento revolucionário que mobilizou o Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845. Trata-se do quarto livro sobre o episódio, a começar pelo já clássico Modelo Político dos Farrapos e continuado com República Farroupilha e Guerra dos Farrapos.

Com sua tese de doutorado, defendida em 1993, e agora dada a lume, Moacyr Flores desmitifica e desmistifica o processo político que culminou com quase dez anos de luta e a secessão rio-grandense. O conhecimento maduro e profundo da literatura acumulada em mais de um século sobre a Revolução Farroupilha e dos documentos existentes nos diversos arquivos brasileiros, fez do autor um especialista naquele importante período histórico. Quem conheça ou venha estudar trabalhos anteriores do historiador verá que ele aprofunda assuntos anteriormente explorados. Centrando-se e concentrando-se no que há de real e utópico na República Rio-Grandense, proclamada pelo general Antônio de Souza Neto, no dia 11 de setembro de 1836, Moacyr Flores consegue demonstrar o que há de real e utópico naquele período.

República Rio-Grandense: Realidade e Utopia arrasa os preconceitos de historiadores positivistas gaúchos como Alcides Lima, Assis Brasil, Cezimbra Jacques, Alfredo Varela, João Borges Fortes e seus vulgarizadores entre os quais Arthur Ferreira Filho. Alguns dos quais responsáveis pela mentira histórica do mito açoriano da formação sul-rio-grandense. "A identidade rio-grandense - afirma à página 58 - não está na raça, mas na concepção de nacionalidade adotada pelos grupos dirigentes, incluindo nos diferentes segmentos sociais, adaptada às condições espaciais e temporais. Essa identidade se acentua com a proclamação da República Rio-Grandense, em 11-9-1836, quando os líderes transmitiam a idéia que a província transformou-se na pátria, uma nova nação que luta pela liberdade e contra a opressão corrupta do Rio de Janeiro".

Essa pátria, essa nova nação, porém, não era de todos os gaúchos, era a pátria, a nação dos estancieiros, tanto que a República se revelou impotente para dominar a Capital e os mais importantes portos da província, Rio Grande e São José do Norte. Concentrou-se mais na Campanha, onde dominavam os grandes latifundiários.

As mulheres, os negros, os índios, aqueles que não acumularam propriedades às custas dos favores oficiais ou da expropriação dos antigos habitantes não faziam parte do "povo" ou da classe dos "industriosos camponeses", conforme o jargão dos liberais farroupilhas.

A exemplo do que acontecia com a Guarda Nacional, os postos militares e os cargos públicos, na República Rio-Grandense, eram distribuídos entre os grandes fazendeiros, seus parentes e apadrinhados. O despotismo, a corrupção, a mistura entre os interesses públicos e particulares, de que os imperiais eram acusados de praticar vigoravam igualmente na República Rio-Grandense, conforme ampla documentação existente e usada por Moacyr Flores. Bento Gonçalves, Souza Neto e os demais generais farroupilhas eram todos grandes proprietários rurais. E era entre esses elementos "industriosos", que se requisitavam os mais importantes administradores da "pátria". Moacyr Flores aponta ressentimentos entre os líderes revolucionários pelas demissões de seus protegidos políticos pelos presidentes da província nomeados pelo governo central. Conclui-se, pois, que o despotismo do Império, se constituía em não assegurar a "liberdade" do "povo" indicar seus próprios governantes.

A própria extensão do apoio ao movimento revolucionário pode também ser questionada pelo fato de que, já em 1841, os republicanos precisassem assaltar a cidade e as charqueadas de Pelotas "prendendo todos os realistas e mais os escravos destes que fossem aptos para o serviço militar" conforme escreve o historiador ( p. 249), citando ordem do próprio Bento Gonçalves.

"Depois de tantos anos de guerra civil - assegura - aumentavam as dificuldades para conseguir soldados que lutassem pela liberdade, igualdade e humanidade, restava apenas aprisionar os governistas e seus escravos.

Hoje, quando se festeja a Semana Farroupilha em vários municípios, usa-se o imaginário popular de que todos os rio-grandenses foram farrapos e se lançaram de armas na mão na mão contra o Império tirânico, dotados de amor febril e constante valor pelo torrão natal".

Em seu estudo sobre a República Rio-Grandense, Moacyr Flores, consegue transcender o "decênio heróico", demonstrando que a heterogeneidade da população, conforme documentação existente, "não poderia gerar em um século uma etnia a partir dos açorianos, que apenas contribuíram com o fluxo de 626 casais, entrados na capitania do Rio Grande, de 1752 a 1754" (...)"

A seguir (p. 87), conclui; "A idéia de formar uma nação não se originou na etnia açoriana nem no determinismo geográfico da vastidão do Pampa (Campanha) gerando sentimentos de liberdade. A falta de identidade nacionalista rio-grandense dificultou a implantação e manutenção de uma nova nação republicana. Erroneamente separatistas atuais evocam o nacionalismo dos farrapos para justificarem seus objetivos políticos".

República Rio-Grandene: Realidade e Utopia é um livro destinado a se tornar um clássico, no sentido real da expressão. E ninguém, desde agora, poderá falar sobre a história, a cultura e o tradicionalismo gaúcho, sem ter lido esta nova obra de Moacyr Flores.

Fev 2003

Data : 20/10/2002

Título : Resgate histórico

Categoria: Artigos

Descrição: Num país de "memória curta", onze anos depois, muita "gente boa" tenta apagar a História.

### Resgate histórico

Entre os dias 25 e 27 de abril de 1991 foi realizada a 1ª. Conferência Municipal da Saúde, sob a coordenação do então secretário municipal da Saúde, médico Alberi Grando, e a presidência do então prefeito, engenheiro Aírton Dipp. Como presidente, à época, da União das Associações de Moradores de Passo Fundo, tive a honra de liderar a representação das associações de moradores locais, que participou da Conferência. Duas proposições comunitárias foram aprovadas depois de muita discussão. Uma delas dizia respeito à implantação de um programa de agentes de saúde, novidade aqui no Sul, mas que avançava noutras partes do País, por imposição do movimento comunitário. O Sindicato dos Trabalhadores da Saúde foi quem mais combateu a proposta, afinal vencedora. Outra proposição do movimento comunitário foi no sentido de que fossem construídos quatro Centros de Saúde nas extremidades da Cidade ( Boqueirão, Petrópolis, Vera Cruz e São Cristóvão) e que o velho Centro de Saúde, da Fagundes dos Reis, fosse transformado num Centro de Especialidades. Num país de "memória curta", onze anos depois, muita "gente boa" tenta apagar a História.

### Mais um calote

Pouca gente sabe, mas o governo federal arrecadou R\$ 5,6 bilhões com a CIDE (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico, neste ano. Esse valor foi obtido com uma parcela de R\$ 0,50, a cada litro de gasolina, e de R\$ 0,16 para o litro de diesel,

segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo). Isso ainda é pouco: o governo aplicou apenas 4,7% desse valor na infra-estrutura de transportes. A maior parte dos recursos foi desviada para o pagamento de dívidas com o Fundo Monetário Internacional, subsídios a preços ou transporte de combustíveis, propaganda do governo, cumprimento de sentenças judiciais, assistência médica e odontológica, auxílio-transporte e auxílio-alimentação para servidores. Apenas R\$ 276 milhões foram usados para programas de infra-estrutura de transportes, como restauração e construção de rodovias, implantação de metrô, construção de anéis rodoviários e pontes. Depois tem gente que não sabe porque as rodovias estão abandonadas.

### Grávidas e crianças ameaçadas

No ano passado cerca de 17.200 mulheres com HIV deram à luz no Brasil. Desse total 11.300 fizeram o parto sem saber que estavam com o vírus causador da AIDS. E muitas delas continuam sem saber que estavam contaminadas. As desinformadas representam 66% das grávidas com HIV. Se elas soubessem de sua situação o número de bebês em risco de contaminação teria caído de 4.800 para 344, no ano passado. Isso que o Brasil é referencia mundial no combate à AIDS. Por outro lado, o Ministério da Saúde está elaborando o Projeto Nascer, que pretende ampliar a detecção e o tratamento do HIV e da sífilis em mulheres grávidas.

### Vitoriosos

Mesmo não tendo sido eleitos, três candidatos a deputado estadual saíram fortalecidos em Passo Fundo. Mauro Sparta, do PSDB, que ficou como um dos primeiros suplentes. O atual vice-prefeito, obteve expressiva votação e assumiu a coordenação da campanha de Rigotto, na Região. Com prestígio, dentro de seu partido, e diante do candidato a governador, pode ser convidado para o primeiro escalão do governo estadual, caso sua coligação seja vencedora. René Ceconello, coordenador do Orçamento Participativo na Região, foi o candidato a estadual da Frente Popular, mais votado na Região da Produção. Já é visto como uma alternativa de esquerda para a prefeitura, em 2004, e pode integrar o governo Tarso, a nível de secretariado, caso o candidato petista saia vencedor. O terceiro nome fortalecido é do vereador Marcos Citollin, do PSB, concorrendo ao Senado, por uma imposição partidária, numa candidatura quixotesca, obteve grande votação em Passo Fundo, impondo-se como uma alternativa eleitoral dos socialistas a qualquer cargo eletivo em eleições futuras. Não é descartada a hipótese de concorrer a prefeito. Infelizmente, alguns – nem todos – outros candidatos comprometeram suas ambições eleitorais para 2004.

Assis Chateaubriand

A Fundação Assis Chateaubriand, de Brasília, continua a publicação da obra de seu patrono, sob o título geral de "O Pensamento de Assis Chateaubriand". Acaba de sair do prelo o volume 37, correspondente a artigos publicados em 1960. Esse tomo é significativo por demonstrar a preocupação do famoso jornalista com o ato de escrever. Mesmo vítima de um acidente vascular que o imobilizou durante algum tempo ele não deixou de expressar-se. Assim que pode continuou seu labor, ditando artigos a um dos médicos que o atendia. E nada se encontra nos artigos posteriores ao período mais crítico de sua doença que lembre um homem adoentado, muito menos vencido. Em tudo vemos e sentimos um lutador em plena ação. Pode-se discordar do seu pensamento, de suas idéias, mas não se pode negar a qualidade literária de seus textos. Passadas mais de quatro décadas, o debate travado pelo fundador dos "Diários Associados" parece reproduzir temas atuais, como a intervenção do Estado na economia, a produção de matérias primas versus industrialização. A obra de Assis Chateaubriand demonstra que muita coisa continua como dantes no quartel de Abrantes.

Paulo Monteiro

Do Jornal

O Cidadão

20 de Outubro de 2002

Data : 31/05/2001

Título : Responsabilidade Política

Categoria: Editoriais

Descrição: A Comissão de Educação e Bem Estar Social, da Câmara de Vereadores promoveu reunião para discutir a situação em que se encontram as obras do prédio que vai receber a Escola Estadual Maurício Sirotski Sobrinho.

Responsabilidade Política

Paulo Monteiro

A Comissão de Educação e Bem Estar Social, da Câmara de Vereadores promoveu reunião para discutir a situação em que se encontram as obras do prédio que vai receber a Escola Estadual Maurício Sirotski Sobrinho. Naquela oportunidade discutiu-se a hipótese do Município de Passo Fundo romper os convênios com o Estado, para safar-se do Cadastro de Inadimplentes, o que impossibilita de receber recursos estaduais.

Trata-se de uma proposta simplista. É idéia de perfumista e não de político. A única maneira da Prefeitura sair e não retornar mais para esse SPC das administrações municipais, é ter mais responsabilidade no trato da coisa pública.

O projeto da obra foi elaborada por técnicos do Município. A contratação dos serviços foi feita pelo Município. Os erros foram cometidos pelo Município. O Estado, apenas, repassou a maior parte dos recursos. Qualquer pessoa que tenha um pouco de inteligência, sabe que o responsável pela situação em que se encontra a construção daquele prédio escolar é do Município de Passo Fundo.

É muito comum culpar administrações anteriores por erros cometidos. As administrações passam, mas o Município continua. Assim, não interessa que funcionário tenha cometido os erros, a responsabilidade vai ser sempre do Município.

E tem mais, legalmente, a responsabilidade pelo ensino Fundamental é do Município. O prédio vai servir para esse nível de escolaridade. Quem pariu esse monstro, já pariu um outro com o nome de Ginásio Poliesportivo. E deve curá-los e criá-los.

É muito simples dizer que o Estado se vire. Urge, porém, que os responsáveis por erros de cálculos estruturais, por prestações de contas irregulares – e sabe-se lá o que mais – sejam identificados e responsabilizados. E que os administradores municipais de hoje cumpram com suas obrigações assumidas diante do eleitorado. Esse é o único caminho a ser trilhado pelas pessoas de bem.

Do Jornal

O Cidadão

31 de Maio de 2001

Data : 25/09/1998

Título : Retorno às origens

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul continua a Coleção de Filosofia com a publicação de FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS...



## Retorno às origens

A Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul continua a Coleção de Filosofia com a publicação de **FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS: PRIMEIROS MESTRES DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA GREGA**, de Miguel Spinelli. Num país onde o estudo da Filosofia é bastante restrito, uma obra como esse título da EDIPUCRS assume uma grande importância.

Por que estudar esses pensadores que viveram entre 2368 e 2623 anos atrás, aproximadamente? Porque, como Miguel Spinelli demonstra à sociedade, muito do que lhes preocupava, àquela época, está no centro das inquietações atuais. Idéias apresentadas muitas vezes como novidades por vulgarizadores - os filósofos do senso comum – já foram exauridas por aqueles clássicos gregos.

Homens viajados, muitos; estudiosos, ainda que sedentários, outros; todos observadores atentos. Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Pitágoras, Heráclito de Efeso e Parmênides não devem ser considerados apenas pais da Filosofia, mas das demais ciências, também. Com eles o pensamento humano passa a adquirir ares de independência, abrindo caminho para as obras maiores de Platão e Aristóteles, como se vê pelos Diálogos do primeiro e, principalmente pela *Metafísica*, do segundo.

Miguel Spinelli, graças à experiência como professor e a sua cultura, consegue apresentar uma visão abrangente e sólida do pensamento pré-socrático. Tarefa difícil pela distância que nos separa daqueles sábios e pelo conhecimento fragmentário – muitas vezes indireto - que temos de suas obras.

Num momento em que proliferam as mais disparens correntes de idéias, quando há filosofias para todos os paladares, voltar às raízes mesmas da Filosofia é uma necessidade. Assim, **FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS**, de Miguel Spinelli veio a público em hora oportuna. E sua leitura é necessária por tantos quantos se preocupe, com o homem e o mundo que nos cerca.

Do Jornal

O Cidadão

25.09.1998

Data : 06/12/2013

Título : Revelados seis sonetos inéditos de Florbela Espanca

Categoria: Crônicas

Descrição: No último dia 6 de dezembro de 2013 estudiosos portugueses da obra de Florbela Espanca divulgaram seis sonetos inéditos da poetisa.

No último dia 6 de dezembro de 2013 estudiosos portugueses da obra de Florbela Espanca divulgaram seis sonetos inéditos da poetisa.

Consegui descobrir apenas um deles, completo, que tenho a satisfação de compartilhar com meus amigos. Ei-lo:

Riso Amargo

Um dos seis sonetos inéditos de Florbela Espanca revelados no dia 6 de dezembro de 2013.

Num desafio temerário e forte,  
Eu quero rir da vida, altivamente,  
Da vida que é combate, luta ingente,  
Nesta comédia de um viver sem norte.

Quero ri da desgraça e da má-sorte  
Que nos fere e persegue tenazmente.  
Rir do que é baixo e vil, amargamente,  
Do que é soluço e dor... e até da morte!

De tudo rir! Que mais posso fazer?...  
Se a podridão do charco jamais volta  
À limpidez das fontes a correr...

Quero rir!... E o meu riso é um esgar,  
Um grito de impotência e de revolta!  
Rir! Quero rir!!  
... E apenas sei chorar!

Data : 21/08/1998

Título : Revistas Literárias

Categoria: Resenhas

Descrição: Desde NITERÓI, REVISTA BRASILIENSE, fundada em Paris, no ano de 1836 por Gonçalves de Magalhães.

## Revistas Literárias

Paulo Monteiro

Desde NITERÓI, REVISTA BRASILIENSE, fundada em Paris, no ano de 1836 por Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Sales Torres Homem e Pereira da Silva, as revistas literárias têm sido importantes para a Literatura Brasileira. O Modernismo se difundiu graças às revistas - como sempre, tantas vezes efêmeras - o que acontecerá com as vanguardas nos anos 50 e 60. Mais tarde, com a "geração do mimeógrafo" o fenômeno alcançará amplitude enorme.

De Norte a Sul, ainda hoje, pululam as mais diversas revistas, boletins e jornais literários. Hoje, mais do que nunca, há um intercâmbio com outros periódicos do gênero, editados no exterior. Em tempo de Internet, parece que vivemos uma era de "Intermagazine". Publicações nacionais, como POESIA SEMPRE, patrocinada pela Fundação Biblioteca Nacional, têm acolhido poetas e ensaístas de outros países. Li os densos volumes dedicados aos poetas britânicos, espanhóis e israelitas. A par da excelente qualidade gráfica POESIA SEMPRE se destaca pela qualidade dos trabalhos reunidos.

Com 15 anos de existência, verdadeira proeza entre as publicações independentes, A CIGARRA, de Santo André, tem difundido autores do Brasil e da América Latina, especialmente. DIMENSÃO, Revista Internacional de Poesia, de Uberaba, Minas Gerais, já em seu XVIII ano, é outra revista consolidada. Tem dedicado números especiais à poesia de outros países, particularmente ao poema visual. No último número, traz matéria especial sobre o poeta francês Francis Ponge e vários de seus poemas originais com as respectivas traduções.

No Rio de Janeiro (Ano IV) INSTANTES, sem esquecer os clássicos, acolhe do português Miguel Torga aos poetas iniciantes do Brasil. Com mais de seis dezenas de edições, A FIGUEIRA, de Santa Catarina (Florianópolis), embora mais conservadora do que as demais, divulga poetas de todo o País.

Em nosso Estado, além de BLAU, que chega à maior parte das escolas gaúchas, encontramos CONTINENTE SUL/SUR: Revista do Instituto Estadual do Livro, dando ampla divulgação a poetas contemporâneos e ensaístas do Cone Sul da América.

É impossível, no curto espaço de uma lauda e meia, apresentar uma visão mais abrangente das revistas literárias em circulação no Brasil de hoje. Somente com muito esforço poder-se-á conseguir efetuar um levantamento exaustivo. O que desejo mostrar é que esse tipo de jornalismo, há mais de 162 anos, vem garantindo a dinamicidade da Literatura Brasileira. Os editores das revistas e dos jornais literários - estes ainda mais numerosos - cimentam as letras pátrias e, pelo intercâmbio, oxigenam a veia criativa de nossos escritores.

Do Jornal

O Cidadão

21 de agosto de 1998.

Data : 30/06/2007

Título : Revolta dos Motoqueiros

Categoria: Resenhas

Descrição: O passo-fundense Leandro Malósi Dóro, depois de consagrado como caricaturista, estreou como escritor em fins do ano passado.

Revolta dos Motoqueiros

PAULO MONTEIRO

O passo-fundense Leandro Malósi Dóro, depois de consagrado como caricaturista, estreou como escritor em fins do ano passado. Fê-lo com Revolta dos Motoqueiros, uma "ficção baseada na realidade". Tive o privilégio de ler os originais antes que lhes fosse dada a forma de livro e disse ao próprio autor que publicasse como estava.

Todo escritor que leve a sério seu ofício é "um torturado da forma", ainda mais quem andou participado de oficinas literárias. Transferir para o leitor o caráter de "ministrador de oficina" é tão inevitável quanto temerário. Daí, a preocupação de Leandro com a obra o mais perto possível da perfeição.

"Homens, sois deuses" - gravou um dos escritores neotestamentários. Deus não somos, apenas "deuses". Toda forma de arte carrega a falibilidade e a condenação à morte, como qualquer um de nós, falazes demiurgos. Então, toda obra artística é falível e perecível. Tudo isso pode ser resumido em quatro palavras: não existe obra perfeita. Buscar a perfeição, como fim último, é autocondenar-se ao ineditismo eterno.

Leandro Dóro parte de um fato real, uma revolta que estremeceu Passo Fundo entre os dias 5 e 15 de fevereiro de 1979.

Tudo começou ao entardecer daquele 5 de fevereiro, quando o motoqueiro Clodoaldo Teixeira fugiu a uma abordagem de três brigadianos, foi perseguido e morto por um deles. O caso revoltou os vizinhos, levou os motoqueiros da cidade e região à fúria, partindo para o confronto com a polícia militar.

No dia 6, a Brigada Militar espalhou homens, armas e cães no centro de Passo Fundo. Ao entardecer, depois do sepultamento de Clodoaldo, 10 mil pessoas encurralaram os brigadianos no comando regional, quase em frente ao prédio da Academia Passo-Fundense de Letras. Eles reagiram à bala, matando Adão Faustino e ferindo Pedro Carlos Santos e Jocely Joaquim Macedo, que faleceria alguns dias depois. O conflito só não foi pior porque o Exército se meteu entre os grupos beligerantes.

Os fatos ganharam repercussão. "A turma do deixa disso" entrou em ação e, no dia 8, quando do enterro de Adão Faustino, apenas seis motoqueiros estiveram no cemitério. Uma passeata, marcada para o dia 11, foi suspensa através de acordo entre o Moto Clube e a Brigada Militar. Dias depois, quando Jocely faleceu, a "revolta" servia para fanfarronadas e piadas.

Reza a "ficção" que Gustavo trabalhava como mecânico de motos, morava na Rua Lava-Pés e foi perseguido e morto por três brigadianos. Rodrigo, o presidente do Moto Clube, seu amigo de infância, namorava Mariane, filha do major comandante do Exército. Vivia um dilema, em tendo menor poder aquisitivo do que ela. O militar preferia que a filha namorasse um rapaz mais rico. Este era um mau-caráter, que chegava a prevalecer-se da situação criada, para atentar contra o rival.

Mariane, num caso de "amor bandido", ficou ao lado de Rodrigo durante a "revolta", que ele tentava conduzir como um simples protesto. Perdeu o controle, mas, num acordo com o major, ajudou a extinção do movimento. Ganhou a confiança do militar e mudou-se com ela e o amigo Rafael para Porto Alegre. Rafael apaixonou-se por Luciane, que namorava Gustavo.

Cada vez mais o hibridismo e a indiferenciação toma conta dos gêneros literários. Difícil classificar Revolta dos Motoqueiros. Conto não é. Também não "é uma fábula heróica, que trata de pessoas e de coisas fabulosas", tratando "em linguagem excelsa e elevada o que nunca aconteceu nem é provável que aconteça". Está mais perto de "uma pintura da vida e dos costumes tirada da realidade e da época em que se escreve", fazendo "um relato corrente das coisas conforme se passam todos os dias perante os nossos olhos, tal como podem acontecer a um amigo nosso ou a nós próprios", segundo o comparativo de S. P. Jones, citado por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em sua clássica Teoria da Literatura.

O que faz e diferencia a arte literária é a amplificação praticamente inexistente na Revolta dos Motoqueiros. Com isso aproxima a "ficção" da "realidade".

Como leitor privilegiado e contemporâneo do lit motiv do livro, afirmo que Leandro Malósi Doro foi muito feliz em sua estréia literária, tanto que na vida real como na ficção, os mortos acabam sendo esquecidos pelos vivos. "Tudo continua como dantes no reino de Abrantes". E ponto final.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte n°5

Data : 01/01/1845

Título : Revolução Farroupilha: a primeira tragédia passo-fundense

Categoria: Artigos

Descrição: Com a conquista das Missões, em 1801, consolidou-se a ocupação territorial, econômica e humana do que viria a ser o Rio Grande do Sul de nossos dias.

Revolução Farroupilha: a primeira tragédia passo-fundense

Com a conquista das Missões, em 1801, consolidou-se a ocupação territorial, econômica e humana do que viria a ser o Rio Grande do Sul de nossos dias. Os militares que participaram dessa conquista acabaram dividindo entre si as novas terras.

Como todo o descendente de bandeirantes era um plantador de cidades. Permitiu que outras famílias se fixassem nas proximidades. O arranchamento ali estabelecido cresceu rapidamente, com a chegada de diversas famílias, entre as quais a do alemão Adão Schell, nosso primeiro imigrante não-português. A recente povoação chamou a atenção dos governantes da Província que para cá mandaram, como primeira autoridade, Joaquim Fagundes dos Reis, que fixou residência nas proximidades do atual Bairro São José.

A extração e o beneficiamento da erva-mate, a agricultura de subsistência, a criação de animais domésticos, o aproveitamento da pele de animais silvestres e o entreposto de tropas que por aqui passavam, foram as primeiras atividades econômicas.

Em 1838 por aqui passou o marechal Pierre Labatut, humilhado pelos ataques dos caingangues. Logo depois chegaram os revolucionários em seu encalço.

No território passo-fundense aconteceram alguns combates de pequena e média importância. Por aqui, após levantarem o cerco de Porto Alegre e subirem pela Serra das Antas, cruzaram e acamparam os principais próceres farroupilhas. Ao final do movimento armado, a promissora povoação estava reduzida a cinco ou seis ranchos, segundo o testemunho recolhido pelo historiador Antonino Xavier e Oliveira entre pessoas que aqui viviam ao tempo da revolução e, portanto, conheceram Passo Fundo daquela época.

A Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, foi a primeira grande tragédia que se abateu sobre Passo Fundo; a segunda foi a Guerra Contra o Paraguai (1864-1870) e a terceira a Revolução Federalista, de 1893. São três eventos históricos dos quais não temos nada de que nos orgulhar. Devemos orgulhar-nos de nossos ancestrais que souberam se beneficiar do posicionamento estratégico e dos recursos naturais para transformar nossa cidade num dos maiores centros econômicos e humanos do Rio Grande do Sul. Eles é que são nossos verdadeiros heróis.

(\* Paulo Monteiro é autor dos livros A Trova no Espírito Santo (História e Antologia), Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo, O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas e A Campanha da Legalidade em Passo Fundo, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, culturais e literários.

Data : 22/04/2002

Título : Revolução no Campo

Categoria: Artigos

Descrição: Parece que as pessoas esclarecidas deste país podem ser reunidas em dois grupos majoritários: os alienados e os mal-intencionados.

## Revolução no Campo

Parece que as pessoas esclarecidas deste país podem ser reunidas em dois grupos majoritários: os alienados e os mal-intencionados. Se assim não fosse, todos já teriam entendido que o MST é um movimento revolucionário, e o mais importante movimento do gênero já aparecido no Brasil.

Se este não fosse um país onde os retardados mentais se contassem às dezenas e dezenas de milhões, qualquer colegial que tivesse estudado História Geral e Historiário do Brasil até nossos dias saberia que o MST prega a revolução burguesa, o desenvolvimento de relações capitalistas no meio rural. O MST não prega a revolução comunista, a propriedade comum dos meios de produção, mas defende que todos os trabalhadores rurais tenham direito a ter um pedaço de terra para produzir.

Os mal-intencionados dizem que o MST é um movimento marxista-leninista. É mentira. É um movimento voltairiano. Suas idéias não se baseiam no Manifesto Comunista, de Marx e Engels, nem no Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia, de Lênin, mas no Dicionário Filosófico, de Voltaire, escrito ainda antes da Revolução Francesa.

Se os nossos liberais - que são apenas nominalmente liberais - tivessem a capacidade de entender o que realmente seus mestres europeus querem dizer por "antigo regime", ao se referirem ao modo de produção anterior ao regime da livre iniciativa, cujo corolário - no entendimento deles, liberais europeus - é o "estado mínimo", há muito tempo, o MST já estaria reduzido ao que realmente deveria estar reduzido: uma excrescência histórica. Num país desenvolvido, numa civilização do tipo superior, é impossível a existência de um movimento revolucionário no campo, simplesmente porque o campo já foi revolucionado, há muito tempo, com a introdução de técnicas modernas de produção.

Se os nossos "liberais" merecessem o nome pelo qual querem ser conhecidos há muito tempo já teriam feito uma verdadeira reforma agrária. Não existiam mais o sistema de parceria: a quarta, a terça, a meia, relações de produção correspondentes a um meio de produção ultrapassado, semi-feudal, feudal ("antigo regime").

O MST só se fortalece - vai fortalecer-se cada vez mais - porque, neste país, vigora o regime da mancebia, da prevaricação entre os elementos nominalmente liberais que dominam a nossa política e os elementos pré-capitalistas, que hegemonomizam a economia brasileira.

Prova disso é que, enquanto o governo que tem um presidente "social democrata" e um vice-presidente "liberal", se vangloria de haver assentado 300 mil famílias de sem-terras, outras 900 mil famílias surgiram reclamando o cumprimento de uma Constituição que assegura, a "todos", o direito à propriedade.

Se o MST adquiriu a importância e a força que tem é porque ele responde a uma necessidade do momento histórico que vivemos: ou o Brasil se civiliza, isto é, avança na direção do futuro da modernização econômica, política e social ou a História vai continuar parindo monstros: Robespierre, Hitler ou Pol Pot. Noutras palavras: ou o Brasil se moderniza por bem ou vai modernizar-se na marra. É o que os sem-terras já pregavam há mais de 40 anos: "Reforma Agrária na lei ou na marra!" Os poderosos, econômica, política e socialmente deste país que escolham o caminho.

Do Jornal

O Cidadão

22/04/2002



Data : 22/05/2002

Título : Revolução no Campo

Categoria: Editoriais

Descrição: Parece que as pessoas esclarecidas deste país podem ser reunidas em dois grupos majoritários...

## Revolução no Campo

por Paulo Monteiro

Parece que as pessoas esclarecidas deste país podem ser reunidas em dois grupos majoritários: os alienados e os mal-intencionados. Se assim não fosse, todos já teriam entendido que o MST é um movimento revolucionário, e o mais importante movimento do gênero já aparecido no Brasil.

Se este não fosse um país onde os retardados mentais se contassem às dezenas e dezenas de milhões, qualquer colegial que tivesse estudado História Geral e História do Brasil até nossos dias saberia que o MST prega a revolução burguesa, o desenvolvimento de relações capitalistas no meio rural. O MST não prega a revolução comunista, a propriedade comum dos meios de produção, mas defende que todos os trabalhadores rurais tenham direito a ter um pedaço de terra para produzir.

Os mal-intencionados dizem que o MST é um movimento marxista-leninista. É mentira. É um movimento voltaireano. Suas idéias não se baseiam no Manifesto Comunista, de Marx e Engels, nem no Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia, de Lênin, mas no Dicionário Filosófico, de Voltaire, escrito ainda antes da Revolução Francesa.

Se os nossos liberais – que são apenas nominalmente liberais – tivessem a capacidade de entender o que realmente seus mestres europeus querem dizer por “antigo regime”, ao se referirem ao modo de produção anterior ao regime da livre iniciativa, cujo corolário – no entendimento deles, liberais europeus – é o “estado mínimo”, há muito tempo, o MST já estaria reduzido ao que realmente deveria estar reduzido: uma excrescência histórica. Num país desenvolvido, numa civilização do tipo superior, é impossível a existência de

um movimento revolucionário o campo, simplesmente porque o campo já foi revolucionado, há muito tempo, com a introdução de técnicas modernas de produção.

Se os nossos “liberais” merecessem o nome pelo qual querem ser conhecidos há muito tempo já teriam feito uma verdadeira reforma agrária. Não existiam mais o sistema de parceria: a quarta, a terça, a meia, relações de produção correspondentes a um meio de produção ultrapassado, semi-feudal, feudal (“antigo regime”).

O MST só se fortalece – vai fortalecer-se cada vez mais – porque, neste país, vigora o regime da mancebia, da prevaricação entre os elementos nominalmente liberais que dominam a nossa política e os elementos pré-capitalistas, que hegemonizam a economia brasileira.

Prova disso é que, enquanto o governo que tem um presidente “social democrata” e um vice-presidente “liberal”, se vangloria de haver assentado 300 mil famílias de sem-terras, outras 900 mil famílias surgiram reclamando o cumprimento de uma Constituição que assegura, a “todos”, o direito á propriedade.

Se o MST adquiriu a importância e a força que tem é porque ele responde a uma necessidade do momento histórico que vivemos: ou o Brasil se civiliza, isto é, avança na direção do futuro da modernização econômica, política e social ou a História vai continuar parindo monstros: Robespierre, Hitler ou Pol Pot. Noutras palavras: ou o Brasil se moderniza por bem ou vai modernizar-se na marra. É o que os sem-terra já pregavam há mais de 40 anos: “Reforma Agrária na lei ou na marra!” Os poderosos, econômica, política e socialmente deste país que escolham o caminho.

O Cidadão

22/05/2002

Data : 04/11/1992

Título : Romance Comunitário

Categoria: Resenhas

Descrição: No início deste século, por influência do Naturalismo, floresceu uma espécie de romance proletário, uma antecipação daquilo que a ortodoxia marxista da crítica literária, procuraria impor como realismo crítico ou realismo socialista.

## Romance Comunitário

por Paulo Monteiro

No início deste século, por influência do Naturalismo, floresceu uma espécie de romance proletário, uma antecipação daquilo que a ortodoxia marxista da crítica literária, procuraria impor como realismo crítico ou realismo socialista.

Sobrou desse grupo de romancistas nacionais a figura maior de Lima Barreto, cujo valor literário conseguiu superar a estreiteza do que era proposto por intelectuais ideologicamente emasculados.

Cresce, nos dias que correm, a importância do movimento comunitário, como força organizada da sociedade civil; firma-se como movimento social, mas não se afirma como consciência histórica, através de uma documentação.

Paulo Franck experiente militante das lutas sociais, procura quebrar essa tradição no romance “E Agora, João?”, que traça, nas 165 páginas da obra impressa, a trajetória de pessoas que fazem a história das lutas comunitárias.

São pessoas de carne e osso, a arte imitando a vida, numa espécie de novo naturalismo, onde não falta, até certo ponto, o fatalismo dos determinismos comportamentais.

As personagens são criaturas vivas, tiradas da vida real, como plantas arrancadas de seu habitat natural e plantadas nos canteiros da obra literária.

Meio Quilo, o mutilado que caminha graças a um carrinho de rodas, pode muito bem ser um ser humano que vive pelas redondezas do Mercado Público em Porto Alegre; as demais personagens, uma por uma, podem ser encontradas no dia-a-dia pelos lutadores do movimento comunitário.

“E Agora, João?” é a obra fundamental para que se possa entender certos comportamentos e certas práticas; leitura fácil, quase linear, não reúne as qualidades de uma obra-prima, mas representa um referencial, um ponto de partida para que outras obras surjam historiando, ainda que literariamente, as aventuras e desventuras do movimento comunitário.

Diário da Manhã

04/11/92

Data : 30/06/2000

Título : ROMANCE DAS MISSÕES

Categoria: Resenhas

Descrição: Sem cadáver não há homicídio. Todos pensam que foi lançado no rio Ijuí.

## ROMANCE DAS MISSÕES

Nelson Hoffmann, escritor gaúcho residente em Roque Gonzales, enviou-me o romance policial ONDE ESTÁ MARIA?, que li de uma sentada. Um advogado, João Roque Landblut, é procurado pela mãe de Maria, casada com o pedreiro Abrilino Cardoso. Querem que o advogado desvende o desaparecimento dela. É claro que foi assassinada pelo marido. A questão é onde o cadáver foi escondido. Sem cadáver não há homicídio. Todos pensam que foi lançado no rio Ijuí. Desde o início duvidei dessa hipótese, por óbvia. Para mim ele tinha sido ocultado no concreto da obra em que Abrilino trabalhava. Errei.

ONDE ESTÁ MARIA?, como romance policial, é intrigante e bem escrito.

Do Jornal

Rotta

Junho de 2000

Data : 24/08/2009

Título : Romance Sobre - Caso Adriano

Categoria: Artigos

Descrição: ...é a história fictícia dos assassinatos de doze meninos, cometidos em Passo Fundo e adjacências,...

Academia Passo-Fundense de Letras Promove Lançamento de Romance Sobre “Caso Adriano”

A Academia Passo-Fundense de Letras promoverá o lançamento do livro “Os 12 Bilhetes de Adriano”, do escritor Gilmar de Azevedo. Professor de Literatura nas Faculdades Anglo-Americano de Passo Fundo, e na UERGS – Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, este é o 19º livro do escritor passo-fundense, e o primeiro de ficção.

O livro é a história fictícia dos assassinatos de doze meninos, cometidos em Passo Fundo e adjacências, há alguns anos. E nele o romancista apresenta aspectos profundos da natureza humana, dialogando com os fatos concretos, a mitologia grega, e grandes obras literárias e filmes consagrados. Tudo isso é contextualizado com acontecimentos da época, entre os quais a Guerra do Iraque.

Dentro do processo de modernização da Academia Passo-Fundense de Letras, o lançamento será acompanhado de uma mesa redonda, envolvendo especialistas em saúde mental e pessoas que acompanharam o chamado “Caso Adriano”.

Além do escritor Gilmar Azevedo e de Paulo Monteiro, presidente da Academia, que será o mediador da mesa redonda, estarão presentes o advogado Daniel Viuniski, que atuou como advogado de um grupo de meninos que, sob tortura, assumiram a autoria de um dos assassinatos. Com isso, Daniel Viuniski, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e um dos mais respeitados criminalistas do Estado, conheceu os meandros das investigações. Também participarão do evento os jornalistas Gerson Lopes, que cobriu o caso inspirador do livro para os jornais Diário da Manhã e Folha de São Paulo e Roberta Salinet, que acompanhou as investigações e os julgamentos do criminoso para a RBSTV.

O médico e escritor Aventino Alfredo Agostini, especialista em Anatomia Patológica, o psiquiatra, escritor e cineasta Jorge Alberto Salton, membro da Academia, a psicopedagoga Marisa Potiens Zílio, autora de livros sobre o comportamento humano, e um representante da Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo, também comporão a mesa redonda.

O evento acontecerá na próxima quinta-feira, dia 27 de agosto, a partir das 19 horas, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, situada na Avenida Brasil Oeste 792, com entrada franca.

Lançamento de livro com debate sobre os assuntos tratados é uma inovação. Segundo o acadêmico Paulo Monteiro faz parte de um processo de modernização e abertura para a comunidade implantado na Academia. É a primeira vez que um grupo de especialistas em diversas áreas se reúne para discutir uma obra de ficção. Com isso, afirma o presidente, a Academia cumpre mais uma de suas finalidades: contribuir para a elevação cultural da comunidade passo-fundense.

Data : 17/06/1999

Título : Romances de Assis Brasil

Categoria: Resenhas

Descrição: A Imago Editora, do Rio de Janeiro, começou a publicação, em quatro volumes, dos romances históricos de Assis Brasil.

## Romances de Assis Brasil

A Imago Editora, do Rio de Janeiro, começou a publicação, em quatro volumes, dos romances históricos de Assis Brasil. Às vésperas do quinto centenário da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, a obra do romancista piuiense, ficará como um painel, entre a realidade e ficção, que vai do período pré-cabralino até à Proclamação da República.

O primeiro tomo, sob o título de BANDEIRANTES, OS COMANDOS DA MORTE, abarca as principais hipóteses sobre as origens dos primeiros habitantes do território brasileiro. Asiáticos, atlânticos, árabes, vikings e fenícios teriam contribuído para o povoamento do Continente, antes que aqui aportassem espanhóis e portugueses. Certeza, certeza verdadeira sobre a veracidade dessas hipóteses ninguém pode possuir. Assis Brasil avança pela vivência dos tupinambás e dos primeiros portugueses que se radicam no Brasil, como João Ramalho, passando por Borba Gato, chegando a Fernão Dias Pais, o lendário Caçador de Esmeraldas.

Os romances históricos de Assis Brasil diferem da maioria de sua espécie porque o autor não se preocupa, deliberadamente e obstinadamente, em realizar ficção propriamente dita. Noutras palavras: os limites entre história e romance são tênues. Ao leitor menos avisado ou menos conhecedor dos acontecimentos da história será difícil estabelecer as fronteiras entre o real (histórico) e o fictício (romance).

Se levarmos em consideração que escrever história é apresentar uma determinada versão dos acontecimentos e que fatos e personagens podem ser vistos e mostrados sob diversos ângulos, não nos será difícil concluir que há muito de ficção no que os historiadores escrevem. Caso comparemos as obras de positivistas, marxistas ou liberais sobre determinado episódio concluiremos parecer que cada um deles trata de assunto que não é bem o mesmo apresentado pelos demais.

Ora, o romance na forma como é produzido por Assis Brasil é de uma leitura muito mais agradável do que a dos manuais de história. Como ficcionista consegue fornecer humanidade aos personagens. João Ramalho, Borba Gato, Fernão Dias, Anchieta e Nóbrega, apresentam-se como criaturas de carne e osso. Isso torna a leitura sedutora. Pode ser um elemento de estímulo para os estudantes, tornando mais prazeroso o conhecer acontecimentos, despertando o interesse do jovem para a formação da sociedade brasileira.

Difícil o ofício de escrever romances históricos; incerta a sobrevivência de seus autores para a história literária. Assis Brasil saiu-se bem na tarefa assumida. Aguardemos, pois, os demais tomos de seus romances históricos, esperando que possam chegar especialmente às bibliotecas das escolas e às mãos jovens tão carentes de boa literatura.

Paulo Monteiro completou 25 anos de jornalismo literário no dia 1º de junho de 1999

Do Jornal

O Liberal

Data : 14/12/2001

Título : Rosa cruces lançam manifesto sobre a situação do mundo

Categoria: Artigos

Descrição: A Ordem Rosacruz, AMORC, que tem uma loja muito atuante em Passo Fundo...

Rosa cruces lançam manifesto sobre a situação do mundo

por Paulo Monteiro

A Ordem Rosacruz, AMORC, que tem uma loja muito atuante em Passo Fundo, é uma organização que existe em quase todo o mundo, reunindo homens e mulheres preocupados com a espiritualidade.

Segundo contam membros a Ordem ela existe há 3354 anos, tendo sido fundado no Egito Antigo e dali se difundido pelo mundo, sobrevivendo às profundas transformações históricas ocorridas nesse período. Entre seus membros mais conhecidos, além de faraós, como Amenófis IV. Também chamado Aknaton, estão o jurista grego Solo (639-559, a.C), os filósofos Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Eráclito de Éfeso, Parmênides, Empédocles, Demócrito, Sócrates, Euclides (matemático), Platão, Aristóteles, Epicuro, Sêneca e Plotino, Alfarabi, Avicena, Giordano Bruno, Francis Bacon, Tomaso Campanella, Jacob Boeme, Robert Boyle e Isaac Newton.

#### MANIFESTO

Em agosto deste ano a Ordem Rosacruz, AMORC, eu publicidade ao quarto manifesto publico sobre a situação mundial. Os outros foram publicados em 1614, 1615 e 1616, em vida do filósofo e líder rosa cruz Francis Bacon.

Após lembrar semelhanças entre a situação atual e a vivida no século XVII, quando foram publicados os primeiros manifestos, o documento atual, sob o titulo de “Positio Fraternalis Rosae Crucis”, á certa altura, afirma que “A Humanidade atual está ao mesmo tempo perturbada e desamparada. Os imensos progressos que ela realizou no plano material não lhe trouxeram verdadeiramente felicidade e não lhe permitem entrever o futuro com serenidade: guerras, fome, epidemias, catástrofes ecológicas, crises sociais, atentados

contra as liberdades fundamentais, são outros flagelos que contradizem a esperança que o Sr. Humano depositara em seu futuro. “.

## POLÍTICA E ECONOMIA

“No estado atual do mundo – continua o manifesto-, parece-nos que a democracia continua a ser a melhor forma de governo, o que não exclui certas fraquezas. “Quanto á situação econômica o documento afirma que, “Em nossos dias, todas as nações são tributárias de uma economia mundial que se pode qualificar como totalitária. Esse totalitarismo econômico não corresponde ás mais elementares necessitadas de centenas de milhões de pessoas, ao passo que as massas monetárias nunca foram tão colossais no plano mundial”.

Como solução para as fraqueza da democracia os rosa cruces entendem que “O ideal seria que cada nação favorecesse a emergência de um governo que reunisse, todas as tendências amalgamadas, as personalidades mais aptas a dirigir os negócios do Estado. Por extensão, fazemos votos de que um dia exista um Governo mundial representativo de todas as nações, do qual a ONU é apenas um embrião”. Para resolver as desigualdades econômicas afirmam que “a economia deveria ser empregada de tal maneira que não houvesse mais pobres e que toda pessoa vivesse em boas condições materiais, pois isso é a base da dignidade humana. A pobreza não é uma fatalidade; não é tampouco o efeito de um Decreto divino. De maneira geral, resulta do egoísmo os homens. Esperamos que chegue o dia em que a economia esteja fundamentada na partilha e na consideração na partilha e na consideração do bem comum.”.

## CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Reconhecendo que a ciência “chegou a uma fase particularmente critica” e que “Em certa medida, a ciência tornou-se uma religião, mas uma religião materialista”, o documento assegura que “Embora seja inegável que as pesquisas em genética permitam fazer grandes progressos no tratamento de doenças a priori incuráveis, elas abriram caminhos a manipulações que permitem criar seres humanos por clonagem. Este gênero de procriação só pode levar a um empobrecimento genético da espécie humana e á sua degenerescência”, concluindo que “Parece-nos então perigoso permitir livre curso ás experiências relativas á clonagem reprodutora do ser humano em particular e dos seres vivos em geral. Temos os mesmos receios a propósito das manipulações que tangem ao patrimônio genético dos animais como os dos vegetais.”.

No que diz respeito á tecnologia “O ideal seria que (...) evoluísse de tal maneira que libertasse o ser humano das tarefas mais penosas e ao mesmo tempo lhe permitisse desabrochar harmoniosamente em contato com os outros.”.

## RELIGIÃO

Os rosa cruces consideram que as grandes religiões apresentam dois movimentos contrários: um centrípeto e, o outro, centrífugo. “O primeiro consiste numa prática radical que se pode observar sob forma de integristas no seio do cristianismo, do judaísmo ou do hinduísmo, entre outros. O segundo se traduz por um abandono e seu credo em geral e de seus dogmas em particular”, concluindo que “A sobrevivência das grandes religiões depende mais que nunca de sua aptidão para renunciar ás crenças e posições mais



dogmáticas que elas dotam com o passar dos séculos, tanto no plano moral como no doutrinário.”.

## OUTROS TEMAS

Positio Franternatis Rosae Crucis trata, ainda, de outros temas, quais sejam moral, arte, relações do Ser Humano com seus semelhantes, com a natureza e com o Universo, concluindo que “ A situação do mundo atual não é desesperada, mas é preocupante. O que mais no preocupa, não é tanto o do nosso Planeta” e, conclamando todos os homens e mulheres á tolerância recíproca, encerra com um apelo “á boa vontade de todos e de cada um, para que essa Utopia se torne um dia realidade, para o maior bem da Humanidade. Talvez esse dia nunca chegue, mas, se todos os seres humanos se esforçarem para acreditar nisso e agir em conformidade com isso, o mundo só poderá ser melhor...”.

O Nacional

14 /12/ 2001.

Data : 31/08/2000

Título : Roteiro de Leituras

Categoria: Resenhas

Descrição: Escritores Gauchos, O Brasil na Segunda Guerra, Ciencia e Fé.

Roteiro de Leituras

Paulo Monteiro

ESCRITORES GAÚCHOS - A Editora Unisinos deu a lume ENTRE DOIS TEMPOS: VIAGEM À LITERATURA CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL, de Miguel Sanches Neto, reunindo 19 artigos sobre escritores gaúchos. Como ele mesmo o confessa, seu labor crítico se distancia do ensaísmo acadêmico, constituindo-se numa “tentativa de ponte entre a obra e o leitor, escrita no calor da hora, à razão de, no mínimo, um artigo por semana”.

E é exatamente esse “calor da hora” que confere calor humano ao livro de Miguel Sanches Neto. Em sua “simplicidade”, os artigos do crítico paranaense apontam caminhos ao leitor. Noutras palavras, leitor privilegiado, o crítico pode servir ao leitor comum para que este aprecie melhor a obra literária.

O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA - Ricardo Seitenfus escreveu um livro sobre as razões que levaram o Brasil a entrar na luta contra as potências do Eixo. A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (Edipucrs, Porto Alegre), já é uma obra clássica sobre um dos temas mais controvertidos da história brasileira contemporânea. Publicado em português pela Companhia Editora Nacional (1985), esgotou-se rapidamente e sai agora profundamente revisado.

Seitenfus escreve com esmero, o que é raro entre os pesquisadores acadêmicos. Com isso, a gama imensa de informações colhidas em arquivos, livros e artigos, passa quase que despercebida aos leitores. Estudo em profundidade, A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, história interesses políticos em jogo, simpatias e antipatias, bem como ações militares desenvolvidas na Costa brasileira. Ninguém pode falar ou escrever sobre aquele período da história nacional sem ter lido essa obra de Ricardo Seitenfus.

CIÊNCIA E FÉ - As relações entre ciência e fé merecem atenção no tempo presente. O Papa lançou, há pouco, uma encíclica sobre o assunto. Agora a ABU Editora, de São Paulo, está publicando CIÊNCIA E FÉ: NOVAS PERSPECTIVAS, de Peter James Consius. Pastor e teólogo batista nascido no País de Gales, o autor é deão e professor da Faculdade Teológica Batista Paulistana em Santo Amaro.

As teorias sobre o surgimento da vida na terra são duas: o

criacionismo e o evolucionismo. Dentro da tradição esquemática dominante em nossa cultura parecem concepções fechadas. Peter demonstra o contrário, dentro de cada uma delas há divergências. Criacionista, não foge ao debate, especialmente com os cristãos fundamentalistas. Estes veem nos seis dias da Criação bíblica um tempo literal. Não entendem – segundo o teólogo – a linguagem poética dos primeiros versos de Gênesis.

CIÊNCIA E FÉ é um livro atual, ao apresentar velhas discussões que continuam vivas nos dias de hoje. Merece leitura atenta de tantos quantos queiram entender mais sobre as origens de vida na Terra.

Do Jornal

Rotta

Agosto de 2000

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: Ser tão somente humano, eis a tragédia

Rubai

Ser tão somente humano, eis a tragédia  
que nos transmuda para a Idade Média.  
Se fôssemos somente Deus erguíamos  
taças de vinho em honra da Comédia.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: Enquanto esta cidade, em torvelinho, rola na saturnália estou sozinho;

Rubai

Enquanto esta cidade, em torvelinho,  
rola na saturnália estou sozinho;  
em paz comigo mesmo, em paz com Deus,  
relendo Omar Khayyãm, bebendo vinho.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: O planalto de cinzento se tisonou, a trovoada pelo espaço rebimbou

Rubai

O planalto de cinzento se tisonou,  
a trovoada pelo espaço rebimbou  
e os ventos outonais chegam trazendo  
as chuvas todas que verão negou.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: Não sei quem és, nem de onde vens, entanto, estás inteira e bela no meu canto

Rubai

Não sei quem és, nem de onde vens, entanto,  
estás inteira e bela no meu canto  
como um vinho recente fermentando  
com as gotas transparentes do meu pranto.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: Pelos livros sagrados passarás E nem sempre hás de achar o que compraz.

Rubai

Pelos livros sagrados passarás  
E nem sempre hás de achar o que compraz.

Só na taça de vinho está escrito  
Um texto que te alegra e sábio faz.

(\*) Ommar Kayyam, através de Franz Toussint e Octávio Tarquínio de Sousa)

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: Quando a sobra da morte me cobrir Levem-me ao leito eterno onde dormir.

Rubai

Quando a sobra da morte me cobrir  
Levem-me ao leito eterno onde dormir.

Depois, das minhas cinzas façam vaso  
E encham de vinho p'ra meu ressurgir.

(\*) Ommar Kayyam (1048-1131, D.C), via Franz Toussaint e Octávio Tarquínio de Souza.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: Que culpa, grande oleiro, terei eu por ter nascido blasfemo ou ateu?

Rubai

Que culpa, grande oleiro, terei eu  
por ter nascido blasfemo ou ateu?

Que culpa eu tenho por meus aleijões  
se ao me moldares tua mão tremeu?

(\*) Ommar Kayyam (1048-1131, D.C.), via Franz Toussaint e Octávio Tarquínio de Souza.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: - Para onde foi aquele que passou? -, Disse a um velho no bar. E se estourou:

Rubai

- Para onde foi aquele que passou? -,

Disse a um velho no bar. E se estourou:

- Toma o teu vinho, sem encher meu saco,  
por que de onde ele está ninguém voltou.

(\*) Ommar Kayyam, via Franz Toussain, através de Octávio Tarquínio de Souza

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: No dia em que eu morrer, meu bom amigo, Nada existente deixarei contigo,

Rubai

No dia em que eu morrer, meu bom amigo,

Nada existente deixarei contigo,

Pois tudo existe no meu pensamento

e o pensamento morrerá comigo.

(\*) De Ommar Kahayyam, via Franz Toussaint e Octávio Tarquínio de Souza.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: É preciso que o verso seja espinho, ferindo fortemente ou de mansinho,

Rubai

É preciso que o verso seja espinho,

ferindo fortemente ou de mansinho,

para poder sentir todo o perfume

do roseiral à beira do caminho.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: Sou o "alter ego" do meu "alter ego". Sou o olhar que reflete o olhar do cego.

Rubai

Sou o alter ego do meu alter ego.

Sou o olhar que reflete o olhar do cego.

Por isso, eu sou a própria salsa ardente,  
em tudo aquilo que afirmo e que renego.

Data : 12/05/2014

Título : Rubai

Categoria: Poesia

Descrição: No rubai e no vinho, simplesmente, toda a força do amor está presente.

Rubai

No rubai e no vinho, simplesmente,  
toda a força do amor está presente.

Cabem neles todas as mulheres  
do porvir, do passado e do presente.

Data : 01/01/2008

Título : Rubayat



Categoria: Poesia

Descrição: Neste mundo de coisas abjetas,

Rubayat

Neste mundo de coisas abjetas,  
onde falam por Deus falsos profetas,  
da mesma forma que nos tempos bíblicos,  
Deus fala pela boca dos poetas.

Data : 23/02/2002

Título : Saneamento Básico

Categoria: Editoriais

Descrição: A epidemia de dengue, ao estender-se pelo País, tem chamado a atenção de todos para uma situação grave e antiga...

Saneamento Básico

por Paulo Monteiro

A epidemia de dengue, ao estender-se pelo País, tem chamado a atenção de todos para uma situação grave e antiga: a falta de saneamento básico para a maioria das populações brasileira.

Em Passo Fundo, biólogos e bioquímicos formados unicamente na universidade política de oposição ao atual governo do Estado procuram responsabilizar a CORSAN pelas deficiências no saneamento básico do Município. É a estratégia do quero-quero, que grita ao sentir aproximar-se o perigo e corre para longe do próprio ninho.

A dengue, inexoravelmente, vai chegar a Passo Fundo, como a AIDS aqui veio dar com os costados. E quando chegar encontrará um campo fértil para a proliferação. E se hoje Passo Fundo possui um dos mais altos índices de contaminação por HIV do Estado, os números de infectados pelo *Aedes aegypt* também vai ser muito elevado.

Não é ser apocalíptico em afirmá-lo. É ser realista. E de nada vai adiantar os moradores limparem seus terrenos e suas casas, pois em quase todas as esquinas da Cidade há uma boca-de-lobo muito bem aberta, com água parada, esperando o mosquito da dengue chegar. E não é culpa da CORSAN ou pelo menos apenas dela. Caso não seja plenamente culpada, parte significativa de responsabilidade cabe à Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

A política de pavimentação de ruas implantada nos últimos anos contribui para que o uso de esgoto pluvial (para recolher a água das chuvas) se transformasse em esgoto cloacal (dando vazão aos restos fecais e águas servidas). Muitas vezes, isso aconteceu com a cumplicidade de agente do serviço público municipal, isto é, funcionários da própria Secretaria Municipal de Obras e Viação, que efetuam as ligações entre as residências e a tubulação das ruas.

Agora, porém, não adianta ficar procurando responsáveis por esses problemas. É mesmo que procurar chifre numa boiada. O tempo urge. E urge que seja encontrada uma solução para o problema, o quanto antes, antes que seja tarde.

O Cidadão

23/02/2002

Data : 19/01/2009

Título : Sangue

Categoria: Poesia

Descrição: a forma de sangue toma conta do punhal

sangue

a forma de sangue

toma conta do punhal

o sangue rola

rolando o sangue deixa

a forma de sangue e toma

a forma de um rio de sangue

que tem a forma de sangue

o punhal desenha-se

nas formas de sangue

sento num banco qualquer  
 a manchete de um jornal  
 desperta a minha atenção  
 tráfico humano  
 trocou o filho pequeno  
 por um pedaço de pão

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 30/08/2009

Título : Sara

Categoria: Poesia

Descrição: vejo em ti minha bisavó índia a cantar as saudades de meu bisavô guerreiro

sara

vejo em ti minha bisavó índia  
 a cantar as saudades de meu bisavô guerreiro  
 dedilhando as cordas  
 que ela mesma fazia com tripas de carneiro  
 na velha harpa  
 única herança que lhe deixara a guerra contra o Paraguai

vejo em ti o mais belo presente  
 que ganhei de aniversário  
 e que me a segura a certeza  
 de que hás de escrever  
 os versos que teu bisavô deixou inéditos

vejo em ti o mais belo poema  
que escrevi com apenas quatro letras

a sara adalía machado monteiro

Data : 27/12/2014

Título : Saudade dos cartões de natal

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando se aproximavam o Natal e o Ano Novo os carteiros espalhavam cartões de Natal. Igualmente. Tanto fazia ser nas mansões ou nos ranchinhos de periferia.

Quando se aproximavam o Natal e o Ano Novo os carteiros espalhavam cartões de Natal. Igualmente. Tanto fazia ser nas mansões ou nos ranchinhos de periferia.

Empresas, políticos, pessoas comuns, mas principalmente os velhos amigos. Várias vezes, ao abrir minha caixa postal, cartões espalhavam-se pelo piso da agência dos correios. Algumas mensagens eram interessantíssimas: manuscritas. Alguns poetas se esmeravam em versificar, com esmero, suas mensagens natalinas e transcrevê-las à mão.

"Mudam-se os tempos, mudam-se as virtudes", escreve Camões.

A sabedoria dos poetas é inacessível. Tanto que alguns filósofos "modernos", até onde essa palavra mereça aceitabilidade, voltaram a filosofar em verso.

A caixa de e-mails, a página do Facebook se encheram de cartões virtuais. Coisas voláteis, copiadas da Internet e espalhadas aos montões, com o simples apertar de uma tecla.

A radicalidade da mudança dos tempos e das virtudes comprovei este ano recebi um único cartão de natal, a mim dirigido, pelo meu velho amigo Dr. Alberi Grandó (Vereador Alberi Grandó). Médico do meu pai, da minha esposa, das minhas filhas e dos meus netos. Mas acima de tudo, amigo de todas as horas. Especialmente das más.

Obrigado, Alberi!

Data : 18/08/2003

Título : Scliar e os seiscentos mortais

Categoria: Artigos

Descrição: Quisera falar de Moacyr Scliar e sua obra, dos seus romances, mas principalmente ...

Scliar e os seiscentos mortais

Paulo Monteiro\*

Eu quisera escrever sobre a eleição de Moacyr Scliar para a Academia Brasileira de Letras; falar sobre sua obra e de alguns outros gaúchos que o antecederam na Casa de Machado de Assis. A história começou com Alcides Maya, o contista por mim tantas vezes lido e relido. E para falar apenas dos imortais gaúchos mais conhecidos eu quisera continuar com João Neves da Fontoura, e suas “Memórias”, generosamente sublinhadas; Getúlio Vargas, sua “Carta Testamento” e seus discursos, continuando por Vianna Moog.

Não gosto de seus romances, mas aprecio “Eça de Queiroz e o Século 19”. “Bandeirantes e Pioneiros” é uma obra-prima. Augusto Meyer, era um apaixonado pelo Rio Grande. Para chegar em Carlos Nejar, o poeta que bebeu de todas as vanguardas e não se embriagou de nenhuma. Finalmente, Raymundo Faoro. “Os Donos do Poder”, que li durante muitos anos, num velho exemplar composto nas linotipos da Editora Globo e vim reler em sua edição mais atualizada, em dois belos tomos.

Quisera falar de Moacyr Scliar e sua obra, dos seus romances, mas principalmente dos seus contos. Poucos escritores brasileiros, chegaram ao nível que Scliar atingiu em suas histórias curtas. Segue uma tradição tipicamente gaúcha, em que Alcides Maya foi mestre. Imagino se Machado de Assis fosse vivo. Seguramente, pensando nos contos de nosso conterrâneo, encheria a boca, num típico sotaque carioca, para chamá-lo de confrade, invejoso de “O Exército de um Homem Só”, de “O Centauro no Jardim”, mas principalmente dos contos, ele, um dos mestres do gênero, em nossa língua.

Quisera escrever..., mas não posso.

Depois do que vi e ouvi, durante uma audiência de um grupo de soropositivos com o deputado Beto Albuquerque, o médico Moacyr Scliar que me perdoe, mas não posso falar do escritor.

Creio que ele mesmo trocava sua imortalidade literária para que a vida de seiscentos mortais passo-fundenses fosse tratada com mais dignidade. Nessa hora, o médico falaria mais alto, o coração do artista se encheria de revolta, de santa indignação. Penduraria a fardão de imortal e vestiria o tapa-pó branco do médico.

Tenho certeza que sua indignação seria a mesma que sinto. E não seria mais Moacyr Scliar, seria Dostoievski para contar as “Recordações da Casa dos Mortos”; Zola, para escrever “Germinal”. Quem sabe, de sua pena brotasse um novo J’Acuse!

É brabo, patrícios, escrever sobre a obra de um escritor cujo nome se chama “filho da dor” ou “magoado”, quando a dor e a mágoa de centenas e centenas de concidadãos, comunicípes, nos encham de revolta.

Diante da imortalidade de Moacyr Scliar eu acuso, j’acuse, os responsáveis, quaisquer que eles sejam, por tanta barbaridade.

Se não houver cadeia para vocês, que haja um inferno de fogo, onde vocês sejam encerrados, nem que seja depois de mortos.

E eu acuso, j’acuse, diante da imortalidade do Dr. Moacyr Scliar, pois haverá tempo para escrever sobre sua obra, que talvez essas vítimas da maldade mesquinha de pessoas medíocres não tenham vida suficiente para ler.

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.

Rotta

18/08/2003

Data : 20/02/2015

Título : Se os homens fossem anjos...

Categoria: Crônicas

Descrição: Darci Canabarro foi um grande amigo. Era um cabo velho d Brigada Militar. Andava sempre armado e trajado à gaúcha.

Darci Canabarro foi um grande amigo. Era um cabo velho d Brigada Militar. Andava sempre armado e trajado à gaúcha. Possuía um verdadeiro ódio mortal de assaltantes de ônibus. Costumava repetir que, caso estivesse num ônibus e ocorresse um assalto podia morrer, mas levaria um assaltante com ele. Foi o que ocorreu. Mas isso é outra história.

Darci repetia uma frase que jamais esqueci: "Se os homens fossem anjos o mundo era um inferno".

" - Imagina todo mundo de branco: "Licença, irmão", pra cá; "Desculpa, irmã", pra lá. E todo mundo enganchando as asinhas em todo o mundo. O pior era olhar pra todo lado e só ver a cara da mulher de gente!"

E meu velho estava certo. Se os seres humanos fossem todos iguais, pensassem do mesma maneira, agissem do mesmo jeito, o mundo era uma porcaria, mesmo.

Estamos nos dais de lembrar o meio século da derrubada do governo constitucionalmente constituído de João Goulart e a instalação de um regime discricionário. Quem viveu sob aquele regime, quem se fez homem sobre aquele regime, sabe o que é viver num mundo onde todo mundo tem de ser "anjo"; tem de concordar com tudo o que o governo entende que é certo.

A democracia - e nunca existiu e talvez nunca venha a existir democracia absoluta - é um regimento onde os homens têm o direito de viverem como seres humanos.

Eu quero o direito de ser homem, com meus erros e meus defeitos, e de viver no meio de outros seres humanos, com seus erros e seus defeitos. Eu quero viver num mundo democrático, com seus erros e seus defeitos. Eu não quero viver, de novo, num inferno onde todos tenham de andar do mesmo jeito, marchando no passo marcado por uma ditadura.

Data : 14/12/2001

Título : Secretaria dispensável

Categoria: Artigos

Descrição: A Secretaria Municipal dos Serviços Urbanos, que já foi uma das mais importantes da Prefeitura, projetando políticos que fizeram e fazem a história em Passo Fundo, esta entregue às traças.

Secretaria dispensável

por Paulo Monteiro (\*)

A Secretaria Municipal dos Serviços Urbanos, que já foi uma das mais importantes da Prefeitura, projetando políticos que fizeram e fazem a história em Passo Fundo, esta entregue às traças.

Dois homens responsáveis e experientes. Izoldino Candaten e Gilberto Gomes ocuparam aquela pasta neste quase um ano de governo municipal, e muito pouco puderam fazer. Outro homem, não menos responsável e experiente. Adão Martins, exerce, hoje, a titularidade daquela secretaria. E se as coisas continuarem como estão muito pouco vai conseguir fazer.

Secretaria responsável pela conservação da iluminação pública, a Cidade está às escuras. As praças e logradouros públicos, em termos de conservação e melhoria, continuarão entregues à sujeira, ao inço, ao vício e à ociosidade. Nos ônibus da CODEPAS, o processo de sucateamento avançará cada vez mais célere. As simples faixas de segurança acabarão por desaparecer completamente de nossas vias públicas.

A única atividade que a Secretaria Municipal dos Serviços Urbanos continua executando é o projeto "Minha Rua. Minha Casa", pálida mutação da "Operação Bairros", da Administração Dipp-Salton, e que acabou sob o tacão da burocracia prefetoral. li ao que se comenta, a atual imitação está passando pelo mesmo processo destrutivo vivido pelo seu modelo.

Dito isto, pode-se concluir que, a continuar as coisas como estão a Secretaria Municipal dos Serviços Urbanos é completamente dispensável. Se fosse extinta, e suas atividades atuais passassem pau outra pasta, significaria mais economia para os cofres públicos, menos cargos em comissões e funções gratificadas.

Mas, perguntaremos nós, os contribuintes, o que falta para que a SMSU preste serviços eficientes? Falta que o Poder Público Municipal manifeste e exerça vontade política. Se assim não for, homens sérios e responsáveis continuarão, no mínimo, fazendo papel de Pinóquio.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha

O Cidadão



14/12/2001

Data : 21/06/1996

Título : Seitas e farsas

Categoria: Resenhas

Descrição: A CPAD – casa publicadora das Assembléias de Deus, do Rio de Janeiro, acaba de publicar dois livros importantíssimos para o entendimento do cristianismo nos dias atuais...

Seitas e farsas

por Paulo Monteiro

A CPAD – casa publicadora das Assembléias de Deus, do Rio de Janeiro, acaba de publicar dois livros importantíssimos para o entendimento do cristianismo nos dias atuais: DESMASCARANDO AS SEITAS, de Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro, pesquisadores do Instituto Cristão de Pesquisas, e CRISTIANISMO EM CRISE, de Hank Hanegraaff, presidente do mesmo Instituto nos Estados Unidos, apresentam, respectivamente, estudo sobre diversos grupos religiosos considerados seitas ou heresias pelos cristãos evangélicos e sobre o denominado “Movimento da Fé”.

Rinaldi e Romeiro usando ampla bibliografia analisam as concepções religiosoteológicas de Adventistas do Sétimo Dia, Cultura Racional, Igreja Messiânica, Nova Era, espiritismo (Kardecismo, umbandismo, Legião da Boa Vontade), Círculo Esotérico da Comunhão e do Pensamento, racionalismo cristão, rozacruzismo, Testemunhas de Jeová, Seicho-No-Iê, Família do Amor ou Meninos de Dues e Igreja Local de Witness Lee, além de outros grupos menos representativos.

Historiando o surgimento dos diferentes grupos sectários, seu desenvolvimento, forma de difusão e confrontando os ensinamentos com a Bíblia, os Autores de DESMASCARANDO AS SEITAS realizam um trabalho introdutório porque sintético das principais maiores consideradas hetéricas pelas principais igrejas evangélicas.

A tese central, o elemento básico do livro de Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro, é a afirmação de que mesmo se reivindicando cristãs a maioria dessas organizações religiosas acabam negligenciando ou negando pontos importantes dos ensinamentos testamentários. É o caso dos mórmons (págs. 91/128), que terminam conferindo ao Livro de Mórmon uma autoridade maior do que a Bíblia.

Do ponto de vista histórico, nenhuma cidade citada naquela obra foi encontrada pelos arqueólogos e qualquer outro elemento que comprove a veracidade de suas afirmações não pode ser identificado cientificamente. A mim, sempre me pareceu do ponto de vista da análise literária que aquele livro se trata de um romance indianista, uma verdadeira obra de fixação de qualidade literária discutível, com ares de verdade revelada.

Melhor do que recomendar a leitura de capítulos determinados é remeter os leitores ao contexto com DESMASCARANDO AS SEITAS.

Hank Hanagraaff realizou um amplo trabalho de pesquisa para produzir um texto profundamente documentado sobre “Movimento da Fé”, que mais tem se prestado a afastar pessoas das igrejas evangélicas e à desmoralização da religião.

O Novo Testamento está cheio de apelos à Fé. Tomando algumas dessas passagens isoladamente, muitas pessoas têm elaborado doutrinas que entram em choque com ensinamentos bíblicos e até mesmo chegam a negá-los. Esses K. William Kenyon, Kenneth E. Hagin, Kenneth Copeland, Benny Hinn, Frederick Price, John Avanzini, Roberto Tilton, Marilyn Hickey, Charles Capps, Jerry Savelle, Morris Cerullo e Paul Crouch, são os representantes mais conhecidos dessa corrente analisados por Hank Hanagraaff. Todos têm em comum um apelo insistente para que as pessoas ofereçam o máximo de dinheiro aos pregadores.

Óleo consagrado, lenços, cartas, fotografias, fitas, tudo pode servir para proteger os crentes, dar-lhes saúde e prosperidade. Vendidos, esses objetivos servem apenas para enriquecer espertalhões.

A característica básica desse movimento é a simonia: a “venda” de saúde, de empregos, de dinheiro. Quem dá dinheiro para Deus (é o uso falso do Nome Supremo, pois na verdade o dinheiro vai para as contas pessoais dos pregadores) recebe bênçãos; quem não dá, nada consegue.

Seu desenvolvimento ocorre com esse William Kenyon, que no ano de 1931 iniciou um programa de rádio lançando muitas idéias ainda correntes no meio do “Movimento da Fé”, encontrou discípulos que as multiplicaram e desenvolveram uma atividade que movimentou fortunas em dinheiro e mercadorias.

Muitos desses pregadores têm sido envolvidos por escândalos e acabados na cadeia por duas atividades que são consideradas criminosas pelas próprias leis humanas. Suas doutrinas têm se difundido mundialmente. Daí, a necessidade da leitura de livros como CRISTIANISMO EM CRISE, de Hank Hanagraaff. Ele é um instrumento importante para o entendimento das doutrinas semeadas pelo “Movimento da Fé” e para que as pessoas possam precaver-se desses novos vendedores de indulgências e quinilharias.

O Cidadão

21/06/96

Data : 30/04/2012

Título : Selma Costamilan: professora, ativista social e historiadora

Categoria: Artigos

Descrição: Dacadêmica Selma Costamilan nasceu em Montenegro, no dia 1º de setembro de 1926. Era uma cidade pequena e seus pais,

Dacadêmica Selma Costamilan nasceu em Montenegro, no dia 1º de setembro de 1926. Era uma cidade pequena e seus pais, Sebastião Gandini e Ana Zanatta Gandini, tinham uma fábrica de queijo. Como aconteceu com a maioria das famílias de origem italiana, mudaram-se para “terras novas”, mais precisamente, para Tapejara. E os Gandini também trocaram de atividade. Passaram a trabalhar com um engenho de madeiras. Engenho de madeiras ou serraria era o nome que se dava à empresa onde as toras de madeiras nativas, especialmente a araucária, eram transformadas em tábuas e pranchões.

O engenho de madeiras, montado por Sebastião Gandini era em sociedade com o pai do futuro vereador, deputado e Secretário de Estado, Augusto Trein. Selma, que sempre demonstrou um vivo interesse pelos estudos, fez os cursos primário e ginásial em Tapejara, e o curso Normal em Vacaria.

Em 1947 casou, em Tapejara, com Iedo Costamilan, de cujo casamento nasceram quatro filhos, que lhes deram sete netos e quatro bisnetos. Depois de casada, transferiu residência para Passo Fundo, onde se formou em Pedagogia. Aqui lecionou em diversas escolas estaduais: Lucille Fragoso de Albuquerque, Antonino Xavier e Oliveira e Nicolau de Araújo Vergueiro. Sempre preocupada com as questões sociais, quando lecionava na Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira, organizou o Coral Padre Jacques, com meninos e meninas daquela comunidade. A Vila Luiza era uma das mais pobres da cidade.

O Coral Padre Jacques contribuiu para aumentar e firmar a autoestima de muitas crianças daquela época. Entre os integrantes do Coral, contam-se hoje médicos, advogados, professores universitários e destacados políticos. Outro trabalho comunitário, desenvolvido por Selma Costamilan, foi a assistência prestada a presidiários e suas famílias. Esse trabalho repercutia em toda a sociedade, tanto assim que, depois de se aposentar em 1983, além de continuar exercendo essas atividades eminentemente comunitárias, foi convidada para dirigir a FEBEM – Fundação do Bem-Estar do Menor –, em Passo Fundo. Seu labor nessa função é lembrado até hoje, especialmente pelas mães que tiveram seus filhos assistidos nas creches mantidas sob sua coordenação.

Concomitantemente, com suas atividades de educadora e ativista social, Selma Costamilan sempre se mostrou interessada em preservar a memória histórica e cultural de Passo Fundo. Assim é que produziu duas obras importantes sobre a história local. São os livros: Passo Fundo Nome Próprio Feminino, em coautoria com Geraldo Cogrossi Silva, em 2001; e César Santos: a trajetória de um pioneiro, em 2005.

A maior obra de resgate histórico e cultural ela escreveu no ano de 1968. Tem o título de “Campanha Conhecimento de valores de Passo Fundo” e permanece inédita até hoje.

Trata-se de dois volumes, devidamente encadernados, no formato X x Y. O primeiro deles tem 94 páginas e o segundo 77.

“Campanha e Conhecimento de valores de Passo Fundo” é um conjunto de biografias de personalidades de destaque na vida passo-fundense naquele já longínquo ano de 1968. Entre os biografados encontram-se políticos, militares, profissionais liberais. Todas eram pessoas de destaque nos mais variados setores da vida passo-fundense da época, sendo que muitos deles colaboravam com a Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira.

Quarenta e três anos depois, a acadêmica Selma Costamilan relembra o trabalho duro que custou coletar os dados e organizar os álbuns. Foram muitas caminhadas pelas ruas da cidade, ao encontro dos biografados. “Àquela época a gente caminhava quilômetros a pé. Eu tinha muito entusiasmo e vigor. E me sentia muito bem, fazendo esse trabalho”.

A pesquisadora Selma Costamilan recorda que sofreu perseguições por causa da obra. “Os álbuns foram expostos durante a realização de uma EFRICA. O pessoal da ARENA [Aliança Renovadora Nacional, partido que apoiava o regime militar instaurado em 1º de abril de 1964, Nota do Redator] daquele tempo, ficou indignado porque eu biografei o Dr. César Santos, que era candidato a prefeito. O mais interessante é que eu não falei nessa candidatura, eu disse que ele era candidato a mudar-se para o Japão para estudar o câncer. Eles retiraram os álbuns e levaram para a Escola. Ali o livro sofreu alguns danos, com a retirada de fotografias. Por isso é que, anos depois, resolvi escrever a biografia do Dr. César Santos”.

“Campanha Conhecimento de valores de Passo Fundo”, quando publicado constituir-se-á numa fonte única de pesquisa, para tantos quantos queiram conhecer as personalidades mais representativas de Passo Fundo, no período que vai de 1960 a 1980. E norteará estudos que se venha a fazer sobre aquelas duas décadas. (PAULO MONTEIRO)

Data : 10/03/2011

Título : Sem Deus eu seria mais um retrato na parede

Categoria: Discursos

Descrição: A primeira vez que entrei neste prédio foi em busca de ensinamentos nos livros da Biblioteca Pública que aqui funcionava.

Sem Deus eu seria mais um retrato na parede

A primeira vez que entrei neste prédio foi em busca de ensinamentos nos livros da Biblioteca Pública que aqui funcionava. Entre estas paredes convivi com os poetas do trovadorismo português, com Sá de Miranda, Camões, Bocage, Nicolau Tolentino e

Bocage. Li os Sermões de Vieira, a peças de Molière, cujo estilo estudei e imitei num diálogo intitulado “Os Viciados”, a história de dois bêbados de rua, inspirados nas figuras populares de Maria Queixuda e João Bugre. Na verdade, era uma crítica “molièriana” ao regime ditatorial daqueles anos de chumbo.

Passei longas horas de plena camaradagem com os árcades, deste e do outro lado do Mar Oceano. Demorei-me na companhia dos poetas românticos e trabalhei com o jogo de rimas internas e externas comuníssimas em poetas como Álvares de Azevedo. Escrevi um longo poema indianista para desvendar o estilo de Gonçalves Dias.

Encontrei-me com os poetas que Andrade Murici reuniu nos largos volumes de Panorama do Simbolismo no Brasil, cuja transcendental musicalidade ainda ecoa em meus ouvidos. Aqui me encontrei com os poetas do Modernismo e aprendi com Manuel Bandeira, que me ensinou não existirem temas proibidos em Poesia.

Recordo-me da figura boníssima de Dorival Guedes, que conhecia volume por volume, o acervo da Biblioteca Pública.

Pouco tempo depois, como integrante do Grupo Literário Nova Geração, passei a acompanhar as atividades da Academia Passo-Fundense de Letras. Convivi, entre outros, com os vultos luminares de Delma Rosendo Ghen, Romeu Pithan, Paulo Roberto Ceratti e Benedito Hespanha. E com eles aprendi a ouvir os confrades, a administrar com os pares, a prestar contas das atividades acadêmicas. Ensinaram-me a receber os mais jovens, pois estes são os acadêmicos do amanhã. Ensinaamentos que procurei por em prática no período em que presidi esta casa. E se não o fiz bem, não posso culpar àqueles mestres. Ver minha fotografia entre as imagens de tantas pessoas queridas é, para mim, uma honraria.

Encerro agradecendo à minha esposa e minhas filhas, que superaram o vilipêndio sofrido durante minha posse, e que estiveram como estão sempre ao meu lado. Agradeço a todos os acadêmicos, mormente ao vice-presidente, acadêmico Alberto Rebonatto; ao secretário geral acadêmico Santo Claudino Verzeletti, que, além de sua função estatutária, cuidou da técnica necessária às prestações de contas; à primeira secretária acadêmica Elisabeth Souza Ferreira, pela seriedade com que se portou naquele posto; ao primeiro tesoureiro acadêmico Rogério Sikora, que se houve com lealdade e responsabilidade que dignificam os melhores caracteres humanos; ao segundo tesoureiro, acadêmico Francisco de Mello Garcia, companheiro de todas às horas; à Comissão de Contas, presidida pela acadêmica Helena Rotta de Camargo, sempre vigilante e enérgica.

Como os últimos serão os primeiros, agradeço àquele que é realmente digno de toda honra, glória e louvor: Deus. Sem Ele eu seria apenas mais um retrato nesta parede.

(Discurso pronunciado pelo acadêmico Paulo Monteiro, no dia 10 de março de 2011, durante a inauguração de sua fotografia na galeria dos ex-presidentes da Academia Passo-Fundense de Letras)

Data : 20/02/2015

Título : Sem lenço: sem documento

Categoria: Crônicas

Descrição: Estou em Porto Alegre para uma reunião do Conselho Geral do CPERS/Sindicato. Ao me identificar, na portaria, noto que não porto qualquer tipo de documento de identidade.

Estou em Porto Alegre para uma reunião do Conselho Geral do CPERS/Sindicato. Ao me identificar, na portaria, noto que não porto qualquer tipo de documento de identidade.

Estou "sem lenço; sem documento", como sempre andei lá nos meus pagos. A senhora que me atende, se admira com minha calma. Um colega da direção do sindicato me pergunta:

- E se te pegam nalguma barreira? ou se te acontece alguma coisa?

- Direi, simplesmente, que sou um cidadão brasileiro e que a Constituição me assegura o direito de ir e vir, livremente, em todo o território nacional. E que o ônus da prova cabe a quem acusa. Quem duvidar que eu sou brasileiro, que prove.

E vamos para a reunião, que esse governo merece o mesmo que os outros sempre mereceram: o povo na rua.

Data : 16/01/2009

Título : Semelhança

Categoria: Poesia

Descrição: havia um grito correndo na tarde vestida de branco

semelhança

havia um grito  
correndo na tarde  
vestida de branco  
e cor de nuvem  
cansados cruzavam  
homens sujos  
de fuligem e gemiam  
ao peso dos próprios corpos

ninguém ali se enjoava  
daqueles homens  
marcados pela sujeira  
das fábricas

as madamas  
delicadas e os homens  
cheios de dengos  
iam de carro  
tranqüilos  
por outros caminhos

os homens suados e sujos  
se apertavam no ônibus  
pois só eles  
dão valor ao coletivo

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 07/03/1997

Título : Sesquicentenário do primeiro romance gaúcho (I)

Categoria: Resenhas

Descrição: Um dos maiores mistérios da história literária do Brasil encerrou-se em 1992, quando o livreiro pelotense Adão Fernando Monquelat localizou

#### Informações do texto

- Data de publicação: 07/03/1997/ 0 Downloads13 cliques
- Título: 24221 - Sesquicentenário do primeiro romance gaúcho (I)
- Autor / Colaborador : Paulo Domingos da Silva Monteiro
- Caminho: Literatura - Texto do Autor - Resenhas

Descricao: Um dos maiores mistérios da história literária do Brasil encerrou-se em 1992, quando o livreiro pelotense Adão Fernando Monquelat localizou

Sesquicentenário do primeiro romance gaúcho (I)

por Paulo Monteiro

Um dos maiores mistérios da história literária do Brasil encerrou-se em 1992, quando o livreiro pelotense Adão Fernando Monquelat localizou, na capital uruguaia, o único exemplar até o presente conhecido de A DIVINA PASTORA: NOVELA RIO-GRANDENSE, impressa na Typographia Brasileira de F. M. Ferreira, no Rio de Janeiro, no ano de 11188847, em dois volumes.

Durante 145 anos o livro de José Antonio do Valle, que mais tarde acrescentaria os sobrenomes Caldre e Fião, esteve desaparecido. Após encontrado em Montevidéu foi adquirido pela RBS – Rede Brasil Sul de Comunicações, de Porto Alegre, que promoveu a segunda edição, ainda em 1992.

A Divina Pastora, além do primeiro romance gaúcho, é um dos iniciadores da prosa literária mais longa no Brasil. Seu autor, agora comprovadamente, inscreve seu nome entre os pioneiros Joaquim Norberto de Souza e Silva, José Pereira da Silva, Teixeira de Souza e Joaquim Manuel de Macedo. Os dois primeiros, irmãos, que se projetam nos anos 830/840, foi o primeiro romancista brasileiro a ter sucesso.



Entre o livro de Macedo, nascido em 1820, acadêmico de medicina e o de Caldre e Fião, nascido em 1821, há algumas coincidências. Ambos se tornaram médicos, exerceram o jornalismo, foram parlamentares, compuseram versos e as personagens principais de seus primeiros livros são mulheres: Carolina, A Moreninha e Edélia, a Divina Pastora, que acabam sozinhas. As coincidências, digamo-lo assim, não param por aí: Macedo (Cap. XIII) faz sérias críticas á medicina de seu tempo, em termos parecidos ás efetuadas por Caldre e Fião (Parte Terceira), o fluminense apresenta uma manifestação indianista, uma lenda (Cap. IX), o Gaúcho (Parte Quarta), mostra Kajururá, cacique minuano. E para quem julgar pouco: ambos procuram explicar os caracteres usando seus conhecimentos de Medicina, o que pode prestar-se á interpretação como alguma espécie de pré-naturalismo.

O Cidadão

07/03/97

Data : 15/03/1997

Título : Sesquicentenário do primeiro romance gaúcho (II)

Categoria: Resenhas

Descrição: A Divina Pastora é um romance histórico, apesar de apresentar características de uma obra de costumes.

Sesquicentenário do primeiro romance gaúcho (II)

por Paulo Monteiro

A Divina Pastora é um romance histórico, apesar de apresentar características de uma obra de costumes. Não vamos discutir hipóteses para seu desaparecimento por quase um século e meio, se foi uma represália de contrabandistas de escravos contra o líder abolicionista Caldre e Fião, ou se a pacificação no Rio Grande, após a Revolução Farroupilha, com uma anistia verdadeiramente ampla geral e irrestrita, contribuiu para o seu desaparecimento.

Caldre e Fião procura dar uma fundamentação realista, citando dados, personagens e locais reais. Almênio, o monarca das coxilhas, é muito mais real do que Manuel Canho, o centauro das coxilhas, de O Gaúcho (1870), de José de Alencar. Almênio, apesar de todo o moralismo folhentinisco de seu criador, troca-nos embora por sua realidade; já Manuel Cano é um elemento estereotipado. Edélia, embora mais pareça uma personagem do

arcandismo – atende-se para a Divina Pastora, como o povo no dizer do romancista, lhe batizou – é mais humana, é mais concreta do que Catita, criada pelo escritos cearense. Almênio acaba feliz com a nobre prussiana Clarinda, enquanto Edélia cuida de doentes e desamparados; Canho e Catita, em meio a uma tempestade, engarupados nesse égua Morena, quase humana como a cavalhada que povoa a pampa mítica de Alencar, precipitam-se num abismo. Sobra a imagem fascinosa de Félix á margem do despenhadeiro.

Almênio, no reacionarismo político de Caldre e Fião, é um herói positivo. Entrando no drama romancístico ao lado dos farroupilhas, revê suas posições políticas e conquista o amor e o respeito das pessoas “moralmente” corretas, que estavam do lado legalista. Enquanto isso, mesmo mudando de lado na Revolução, Colomim, acaba fuzilado por seu próprio filho, o pusilânime Francisco, capitão do Exército Imperial.

A Divina Pastora procura explicar a Revolução Rio-Grandense de 1835, como conseqüência de “alguns abusos”, “levando os homens ao fanatismo político”, preparado “em clubes diversos”. Essa oposição ao status quo político é alimentada pelo egoísmo e por elementos completamente negativos. Numa palavra: toda a revolução é má. E todos os maus, independentemente de gradação de maldade, acabam destruídos ao final do romance: Colomim, louco e fuzilado pelo filho Francisco, que termina enlouquecido ao lado da ensandecida Amélia, ambos mortos na miséria. A escrava Susana, também falece antes de terminar o livro. Fabrício é outro que enlouquece, sendo recolhido por Edélia. E, em posição inversa a O Gaúcho, de Alencar, o romance de Caldre e Fião termina para que ainda sobre alguém mau na face da Terra.

A Divina Pastora, guardadas as limitações de seu autor e o estágio em que se encontrava a ficção brasileira da época, insere o Rio Grande do Sul na gênese do romance nacional. Uma das últimas fronteiras consolidadas do Brasil, o Rio Grande, precisa lembrar o sesquicentenário de seu primeiro romance, contribuindo para que ocupe o lugar na história literária nacional, que já lhe estaria assegurado, não fosse um sumiço de 145 anos.

O Cidadão

15/03/97

Data : 11/04/2009

Título : Sete décadas e um dia especial

Categoria: Artigos

Descrição: ...aqui na academia, os artistas são convergentes e não concorrentes”, ...

Sessão solene em comemoração aos 71 anos da Academia Passo-Fundense de Letras reúne autoridades e comunidade. No evento, foi brindado ainda o lançamento da sexta edição da revista *Água da Fonte* e a abertura da exposição da artista Nil Marques

## Segundo ON

A APL (Academia Passo-Fundense de Letras) parou no espaço, mas não parou no tempo. Com sede na avenida Brasil desde sua criação – em um luxuoso prédio que traz em sua arquitetura o título de porta mais alta do estado – a APL mudou muito nestas sete décadas de história. Do dia 7 de abril de 1938 até a última terça-feira, 7 de abril de 2009, suas grandes portas foram sendo abertas de forma revolucionária, criando em seu interior um espaço democrático, em que escritores, leitores e toda a comunidade passo-fundense têm voz. Prova disso foi a sessão solene realizada na data do aniversário de 71 anos do sodalício, para a qual os passo-fundenses foram convidados a comemorar junto com os acadêmicos.

Na ocasião, o clima foi de emoção e orgulho pela jornada conquistada em anos de empenho e busca pela renovação, uma bandeira erguida pelo atual grupo de imortais passo-fundenses e exercida por meio da promoção de concursos, eventos, exposições e uma infinidade de ações, sempre visando uma maior aproximação da entidade com o público.

Para lembrar a história da APL, fez uso da palavra o presidente Paulo Monteiro, que iniciou seu discurso com os acontecimentos da década de 1920, quando “uma verdadeira revolução educacional aconteceu em Passo Fundo, conduzida por nomes como de Nicolau de Araújo Vergueiro, um dos responsáveis por elevar o número de escolas no município no fim da década, escolarizando cerca de 8 mil alunos”. Para acompanhar a evolução, era preciso professores qualificados e logo Passo Fundo viu sua história dar um salto. “Em 3 de abril de 1929, foi inaugurada aqui neste mesmo local a Escola Complementar, acontecimento que hoje aproveitamos para comemorar também seus 80 anos. Temos orgulho em dizer que hoje aquele primeiro passo tornou-se a Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro”, declarou Monteiro.

O presidente lembrou ainda a louvável iniciativa do ex-vereador Edson Nunes, também presente na solenidade, que criou o Dia Municipal do Escritor, e agradeceu à comunidade pelo crescente reconhecimento público e oficial da importância do sodalício, em uma cidade Capital Nacional da Literatura. “Além disso, aproveitamos a ocasião para realizar o lançamento oficial da sexta edição da revista *Água da Fonte*, um meio que tem divulgado de forma eficiente a literatura passo-fundense. Aproveito para ressaltar que a revista da academia é um sonho compartilhado, elaborado e realizado por todos e por esse motivo é um sonho que se tornou realidade”, explicou o escritor.

Entre as demais autoridades que formaram a mesa da sessão solene, estavam Décio Ramos de Lima, chefe de Gabinete; major Cruz, da Brigada Militar; Veríssimo da Fonseca, presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo; Vera Vieira, secretária de Educação, e Diógenes Baségio, presidente da Câmara de Vereadores. “Em nome de todos os vereadores, anuncio o nosso sentimento de orgulho em relação a essa comemoração,

pois podemos dizer com firmeza que nenhuma instituição chega aos 71 anos com tanto vigor como a Academia Passo-Fundense de Letras”, discursou o vereador, recebendo aplausos dos presentes.

#### Arte na academia

Em seu discurso, o presidente Paulo Monteiro deixou clara a posição da academia em relação às demais formas de arte desenvolvidas em Passo Fundo, utilizando como exemplo concreto a abertura da exposição da artista plástica Nil Marques, no saguão do sodalício, realizada também na ocasião. “Que a mostra hoje inaugurada sirva de exemplo e prova de que, aqui na academia, os artistas são convergentes e não concorrentes”, explicou o presidente.

Natural de Minas Gerais, a artista fez de Passo Fundo seu lar e dedica-se à arte e à cultura locais em belíssimos quadros, repletos de cor, sentimento e intensidade. A exposição pode ser conferida na APL durante todo o mês de abril.

(Reportagem publicada na página 3 do Segundo, suplemento de cultura de O Nacional, Passo Fundo, sábado e domingo, 11 e 12 de abril de 2009 – Ano 84).

Data : 01/01/2013

Título : Seu Almirante

Categoria: Artigos

Descrição: Seu Almirante é uma das figuras mais conhecidas do bairro onde mora, há quase 50 anos, às margens do Rio Passo Fundo.

#### PAULO MONTEIRO

Seu Almirante é uma das figuras mais conhecidas do bairro onde mora, há quase 50 anos, às margens do Rio Passo Fundo. Rio que é o grande amor de sua vida. Conhece o Uruguai Mirim como poucos. E fala do rio como quem fala da bem-amada. Conta os segredos do rio. Relaciona os animais que vivem às suas margens. Sabe até onde certas espécies de pássaros costumam fazer seus ninhos.

Certo dia lhe disse Almirante, preciso conseguir casta de tarumã.

Sua resposta foi rápida Vamos tomar mais uns mates e vamos descer lá, perto do Promorar, que tem uns tarumás reforçados.

Aproveitou para mostrar-me uma barbaridade. Isso mesmo. Barbaridade, coisa de bárbaro, estúpido. Embretados em tubos enormes de uma obra abandonada, centenas de jundiás lutavam pela sobrevivência, procurando as nascentes para a desova. O velho ribeirinho estava indignado.

Paulo me disse ele, quando eu era guri havia muito peixe neste rio. Hoje, além do pouco que existe veja o que estão fazendo com os que sobraram.

Seguimos pela margem do rio.

Numa lavoura de soja costumam ser vistas cobras com mais de três metros de comprimento. Penso que deve ser a corredeira do campo. Numa árvore que espalha seus muitos galhos sobre as águas Inhapias costumam fazer seus ninhos. Logo a seguir num despraiado jaguatiricas tem seu bebedouro.

Data : 01/01/2010

Título : Simões Lopes Neto

Categoria: Artigos

Descrição: O pelotense Simões Lopes Neto (1865-1916) é apontado por muitos estudiosos como o mais importante escritor regionalista brasileiro.

O pelotense Simões Lopes Neto (1865-1916) é apontado por muitos estudiosos como o mais importante escritor regionalista brasileiro. Em vida publicou apenas três livros. O mais conhecido deles é *Contos Gauchescos* (1912), que depois de 1926 passou a ser impresso juntamente com *Lendas do Sul*.

Pouco se sabe sobre o processo criativo de Simões Lopes Neto, que chegou a ser admirado por um dos escritores mais ranzinzas no trato com a língua portuguesa, Coelho Neto, do qual, diga-se a bem da verdade, era também admirador.

A jornalista e pesquisadora Cláudia Rejane Dornelles Antunes está lançando luzes sobre o labor literário simoniano, a partir de um levantamento da obra publicada em vida do autor. Encontrou a maior parte dos *Contos Gauchescos* nas páginas do *DIÁRIO POPULAR*, de Pelotas, entre setembro de 1911 e 1912, além de material sobre a repercussão do livro e da morte do escritor.

Cláudia Rejane comprova que o criador de *Blau Nunes* foi lido e reconhecido como escritor, ainda em vida, ao contrário do que a maioria dos pesquisadores pensava. Leitura e reconhecimento que só cresceram com o decorrer dos anos, como comprovam as sucessivas edições de suas obras, especialmente, o seu volume de contos.

Homem de múltiplos instrumentos, empreendedor fracassado em suas iniciativas, passou a idéia de não aceito em vida para sua obra literária, conceito que a pesquisadora lança por terra com A poética do conto em Simões Lopes Neto: o exemplo de “O negro Bonifácio”. Seu trabalho, porém, vai muito além disso.

Ainda que a partir de um conto, como que num estudo de caso, mostra a preocupação do autor em corrigir, em emendar sua obra. Daí, sua receptividade junto a um escritor como Coelho Neto. A exemplo de outros literatos era um experimentado jornalista militante, cujo contato diário com as palavras faziam dele um dominador da palavra escrita.

“O negro Bonifácio” é um dos contos mais conhecidos de Simões Lopes Neto, plasmando uma figura que tem sido reproduzida, especialmente pelos poetas gauchescos: o bochinheiro, mais especificamente, o negro bochinheiro, brigão. E dessa história se conhece duas versões publicadas em vida do autor e por ele emendadas, em 1911, na Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul e, no ano seguinte, em livro.

Procurando restabelecer o texto original, Cláudia Rejane usa essas duas impressões como base do conto, para analisar o labor literário do autor em comparação com as edições críticas de Aurélio Buarque de Holanda (1949), Lúgia Chiappini (1988) e Aldyr Garcia Schlee (2000), anotando as diferenças entre os pesquisadores.

Simões Lopes Neto procura fundir o falar gauchesco, popular, com o falar culto, de tal sorte que universaliza o que é particular. Falando a língua de sua aldeia, fala a língua de todos os homens. E é exatamente isso que o torna, quase um século depois, um escritor lido e legível em todo o país.

Oxalá, o exemplo de Cláudia Rejane Dornelles Antunes com A poética do conto de Simões Lopes Neto; O exemplo de “O negro Bonifácio”, encontre seguidores e que outros escritores gaúchos possam ter seu processo criativo dissecado. Ganharão os leitores e todos aqueles que trabalham com as palavras, especialmente os que tenham pretensões à glória literária.

Data : 21/07/2003

Título : Simões Lopes Neto e -O negro Bonifácio-

Categoria: Resenhas

Descrição: O pelotense Simões Lopes Neto (1865-1916) é apontado por muitos estudiosos como o mais importante escritor regionalista brasileiro.

Simões Lopes Neto e “O negro Bonifácio”

por Paulo Monteiro(\*)

O pelotense Simões Lopes Neto (1865-1916) é apontado por muitos estudiosos como o mais importante escritor regionalista brasileiro. Em vida publicou apenas três livros. O mais conhecido deles é *Contos Gauchescos* (1912), que depois de 1926 passou a ser impresso juntamente com *Lendas do Sul*.

Pouco se sabe sobre o processo criativo de Simões Lopes Neto, que chegou a ser admirado por um dos escritores mais ranzinzas no trato com a língua portuguesa, Coelho Neto, do qual, diga-se a bem da verdade, era também admirador.

A jornalista e pesquisadora Cláudia Rejane Dornelles Antunes está lançando luzes sobre o labor literário simoniano, a partir de um levantamento da obra publicada em vida do autor. Encontrou a maior parte dos *Contos Gauchescos* nas páginas do *DIÁRIO POPULAR*, de Pelotas, entre setembro de 1911 e 1912, além de material sobre a repercussão do livro e da morte do escritor.

Cláudia Rejane comprova que o criador de Blau Nunes foi lido e reconhecido como escritor, ainda em vida, ao contrário do que a maioria dos pesquisadores pensava. Leitura e reconhecimento que só cresceram com o decorrer dos anos, como comprovam as sucessivas edições de suas obras, especialmente, o seu volume de contos.

Homem de múltiplos instrumentos, empreendedor fracassado em suas iniciativas, passou a ideia de não aceito em vida para sua obra literária, conceito que a pesquisadora lança por terra com *A poética do conto em Simões Lopes Neto: o exemplo de "O negro Bonifácio"*. Seu trabalho, porém, vai muito além disso.

Ainda que a partir de um conto, como que num estudo de caso, mostra a preocupação do autor em corrigir, em emendar sua obra. Daí, sua receptividade junto a um escritor como Coelho Neto. A exemplo de outros literatos era um experimentado jornalista militante, cujo contato diário com as palavras faziam dele um dominador da palavra escrita.

"O negro Bonifácio" é um dos contos mais conhecidos de Simões Lopes Neto, plasmado uma figura que tem sido reproduzida, especialmente pelos poetas gauchescos: o bochinheiro, brigão. E dessa história se conhece duas versões publicadas em vida do autor e por ele emendadas, em 1911, na *Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul* e, no ano seguinte, em livro.

Procurando restabelecer o texto original, Cláudia Rejane usa essas duas impressões como base do conto, para analisar o labor literário do autor em comparação com as edições críticas de Aurélio Buarque de Holanda (1943), Lígia Chiappini (1988) e Aldyr Garcia Schlee (2000), anotando as diferenças entre os pesquisadores.

Simões Lopes Neto procura fundir o falar gauchesco, popular, com o falar culto, de tal sorte que universaliza o que é particular. Falando a língua de sua aldeia, fala a língua de todos os homens. E é exatamente isso que o torna, quase um século depois, um escritor lido e legível em todo o país. Ao contrário de muitos regionalistas, seus personagens não são caricaturas, seres exóticos, mas entes reais, conseguidos graças ao trabalho artístico. E isso salta das páginas escritas pela pesquisadora gaúcha.

Oxalá, o exemplo de Cláudia Rejane Dornelles Antunes com a poética do conto de Simões Lopes Neto; O exemplo de “O negro Bonifácio” encontre seguidores e que outros escritores gaúchos possam ter seu processo criativo dissecado. Ganharão os leitores e todos aqueles que trabalham com as palavras, especialmente os que tenham pretensões à glória literária.

(•) Paulo Monteiro pertence \* Academia Passo-Fundense de letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

Rotta

21/07/2003.

Data : 07/02/2000

Título : Simões Neto Lopes reeditado

Categoria: Resenhas

Descrição: Simões Lopes Neto é considerado o mais representativo escritor regionalista brasileiro, na opinião da maioria dos estudiosos da literatura. Nasceu em Pelotas no dia 9 de março de 1865 e ali mesmo faleceu em 14 de junho de 1916.

Simões Neto Lopes reeditado

por Paulo Monteiro (\*)

Simões Lopes Neto é considerado o mais representativo escritor regionalista brasileiro, na opinião da maioria dos estudiosos da literatura. Nasceu em Pelotas no dia 9 de março de 1865 e ali mesmo faleceu em 14 de junho de 1916. Jornalista, contista, folclorista e teatrólogo, o reconhecimento da obra literária veio após sua morte, graças a três livros básicos: Cancioneiro Guasca (1910), Contos Gauchescos (1912) e Lendas do Sul (1913). Casos do Romualdo, contos, e Terra Gaúcha, ensaios foram reunidos em volume, respectivamente, em 1952 e 1955.

Essa consagração faz com que sua obra seja seguidamente reeditada. Dessas reedições recentes, três merecem destaque. Contos Gauchescos, com introdução e notas de Luís Augusto Fischer (Artes & Ofícios, Porto Alegre), Cancioneiro Guasca e Terra Gaúcha (Editora Sulina, Porto Alegre). Obras diferentes entre si, mas que se completam ao contribuir para a importância de Simões Lopes Neto para as letras brasileiras.



Luís Augusto Fischer produz uma nova edição crítica dos Contos Gauchescos. A primeira, reunindo ainda Lendas do Sul, é a de Aurélio Buarque de Holanda (1949), a segunda, também com Lenda do Sul, foi organizada por Lígia Chiapini (1988). A grande vantagem da edição Luís Augusto Fischer é ser mais compacta do que a de Aurélio Buarque de Holanda, por exemplo.

As notas de rodapé favorecem a leitura. Um glossário no final, para o leitor de hoje, é exaustivo. A brevidade é outro fator positivo para quem lê. Agora, se alguém quiser aprofundar-se no entendimento do vocabulário gauchesco não pode esquecer a velha edição Aurélio. Sobre isto segue um exemplo.

Para abombado, Fischer apresenta a seguinte explicação: “Cansado, exausto.” (Ed, cit, o, 36), Já Aurélio assim define: “adj. 1. Impossibilitado de continuar viagem por cansaço devido ao calor (diz-se do cavalo) / 2. Esfaldado; exausto; arquejante (animal ou, por extensão, pessoa).// Usado em São Paulo também. Platinismo.// (op. Cit. 3ª edição, Editora Globo, Porto Alegre, 1953, p. 361). E assim, na comparação entre essas duas edições, podem ser encontrados inúmeros casos. É inegável a importância da edição Luís Augusto Fischer, pela sensibilidade em relação aos dias de hoje. Contribui para que o leitor contemporâneo entenda certas expressões gauchescas plenamente inteligíveis para os homens do campo á época em que Simões Lopes Neto escreveu. Em nossos dias, para o gaúcho urbano, fazem parte uma linguagem morta.

Importante, ainda, a reedição do Cancioneiro Guasca, livro considerado por Augusto Meyer (Guia do Folclore Gaúcho, Ediouro, Rio de Janeiro, s/d. págs. 101/103) “mais do que uma obra útil”, apesar dos seus defeitos. Suas limitações são grandes, entretanto desempenhou papel elevado na divulgação de nossa poesia popular. E se a lima de Simões Lopes Neto depurou muitos versos, inclusive de autores conhecidos, sua coletânea permitiu que continuem vivos os poemas que ali enfeixou.

Terra Gaúcha, publicado originalmente em 1955, saiu em segunda edição no ano passado. Representa a preocupação do autor com a história do Rio Grande do Sul. Reúne estudos sobre os dois primeiros séculos da ocupação portuguesa – se assim se pode afirmar -, visto que o volume dedicado ao período posterior a 1737 não foi encontrado. O volume revisto por Paulo Betancuri reproduz as notas de Walter Spalding, aclarando aspectos tocados por Simões Lopes Neto.

Estilisticamente falando o livro é característico do criador de Blau Nunes. Serve, ademais, como um documento de suas preocupações com a história do Rio Grande. Para o estudioso da obra literária do escritor pelotense, Terra Gaúcha interessa porque demonstra que a universalidade alcançada em seus contos – visto que os romances Jango Jorge e Peona e Dona estão perdidos – tem muito a ver com o conhecimento da realidade campeira.

Conhecimento esse obtido nos anos passados na estância do avô materno e nas longas horas de estudo e pesquisa.

Memória e estudo, sem aquilo que alguns chamam de dom, apenas fornecem elementos materiais para o escritor. A qualidade literária em transformar esses elementos particulares em universais é a característica de um verdadeiro escritor. E essa capacidade que Simões Lopes Neto demonstrou em sua obra de ficção fez dele o maior regionalista

brasileiro. É o que o distingue de um Alcides Maya, um Afonso Arinos ou um Hugo de Carvalho Ramos.

(•) Paulo Monteiro pertence \* Academia Passo-Fundense de letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

O Nacional

07/02/2000

Rotta

4/02/2000

O Liberal

28/01/2000

Data : 30/09/2000

Título : Sobre a Filosofia da Idade Média

Categoria: Resenhas

Descrição: Quando se fala em Idade Média logo se pensa num período de ignorância plena e fogueira acesa. Se isso existia naquela época, ainda ocorre nos dias de hoje...

Sobre a Filosofia da Idade Média

Paulo Monteiro

Quando se fala em Idade Média logo se pensa num período de ignorância plena e fogueira acesa. Se isso existia naquela época, ainda ocorre nos dias de hoje, bastando que se atente ao noticiário jornalístico, especialmente quando se refere ao despotismo oriental.

A chamada Idade Média é uma época histórica de difícil delimitação. Johanes Hirschemberger (História da Filosofia na Idade Média, segunda edição revista e aumentada, Editora Herderm São Paulo, 1966) aponta duas datações: a queda do Império Romano do Ocidente (476), para o início, e a Conquista de Constantinopla (1453) ou o princípio da Reforma Protestante (1517), para o fim. Delimitações controversas, repita-se.

Luis Alberto De Boni, experiente professor de Filosofia Medieval, está lançando pela EDIPUCRS (Porto Alegre, 2000) duas obras sobre o assunto: Filosofia Medieval - Textos e A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média. O primeiro enfeixa uma seleção de textos de vinte e dois autores, que vão de Agostinho (354-430) a Nicolau de Cusa (1401-1464). O segundo reúne trabalhos de vinte e dois estudiosos da filosofia daquele período.

Filosofia Medieval– Textos é uma amostra, ainda que minúscula, do que os pensadores produziram num período superior a mil anos. Ao final de sua lúcida introdução, Luis Alberto De Boni salienta que "o livro tem o objetivo didático de possibilitar aos alunos o contato direto com os textos de alguns dos principais pensadores medievais". E é exatamente essa preocupação didática que faz de Filosofia Medieval uma obra acessível ao leitor não especializado, mas preocupado com o mundo das idéias. Ademais, há outro fator de importância, possibilitar que os leitores de língua portuguesa, possam conhecer reflexões escritas originalmente em latim, língua cujos conhecedores diminuem dia-a-dia.

A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média, totaliza mais de uma vintena de trabalhos de medievalistas contemporâneos, a serem apresentados no VI Encontro Internacional de Filosofia Medieval, a realizar-se em Bragança Paulista no mês de setembro próximo. Os artigos versam aspectos da obra de autores como Plotino, Agostinho, Joaquim de Fiore, Tomás de Aquino, Guilherme de Ockam e outros pensadores do período.

Do Jornal

Rotta

Setembro de 2000

Data : 08/07/2002

Título : Sociedade, Mídia e Violência

Categoria: Resenhas

Descrição: Muniz Sodré, conhecido historiador e estudioso da comunicação social do Brasil, publicou, pela EDIPUCS, o livro Sociedade, Mídia e Violência, discutindo um dos temas mais apaixonantes da atualidade...

Sociedade, Mídia e Violência

Muniz Sodré, conhecido historiador e estudioso da comunicação social do Brasil, publicou, pela EDIPUCS, o livro *Sociedade, Mídia e Violência*, discutindo um dos temas mais apaixonantes da atualidade: a relação entre os meios de comunicação e a violência. O autor começa por identificar alguns tipos de violência: anômica (a visível), representada (filmes, novelas), sociocultural (poder masculino), sociopolítica (aparelhos do estado e silenciosa (modelo social).

Muniz Sodré lembra que o vocábulo violência tem sua origem no antigo indo-europeu *vi* (corda usada pelo arqueiro para vergar a madeira do arco), chegando ao latim *vis* (força, violência, compulsão) e *vir* (homem, varão). *Velle* (querer) e *voluntas* (vontade), também têm a mesma origem etimológica. Com o surgimento das sociedades de classe, houve a necessidade do estado e a violência (sob a forma da força do direito) passou a ser um atributo estatal, o que não conseguiu deter por inteiro a eclosão da violência em seus variados aspectos.

A distribuição da violência entre a sociedade política e a sociedade civil permite a distinção de dois modelos: um de encadeamento e outro de midiaticização. O primeiro se desenvolve no meio da "massa", onde o indivíduo, a multidão estabelecem contatos encadeados ou contagiantes, o segundo a nível da informação, das ideologias, da política e do saber institucionalizados.

E claro, como o próprio autor reconhece, que pode haver hibridismo entre os modelos. Em nosso país, existe "uma diferença radical entre o Brasil telereal (...) e o Brasil encadeado (...)". Essa diferença "gera uma fricção que assume características de violência institucional ou burocrática"

Ora, é exatamente essa diferença entre o Brasil imaginado, que existe na cabeça das nossas elites e que se expressa nas suas políticas (inclusive jornais, estações de rádio e televisão), e o Brasil real, o que contribui para a generalização da violência ao mesmo tempo em que ocorre uma hibridização, o cruzamento de modelos. Assim, fica explicada a impunidade da bandidagem, desde o corrupto de Brasília ao traficante da favela, do ministro de estado ao soldado da política, do grande banqueiro ao comerciante da esquina.

A diferença entre o Brasil midiaticizado e o Brasil encadeado faz com que a cúpula da polícia civil do Rio de Janeiro, em 1995, considerasse confiáveis apenas 20% do efetivo de 12 mil homens em atividade, mais do que o número de presos em delegacias. "Dos 300 mil policiais que, em 2000, trabalhavam nos nove maiores estados brasileiros, 30 mil são acusados de algum crime", escreve Muniz Sodré à página 60.

O crescimento desordenado das grandes cidades, o desemprego e o subemprego, a influência da tecnoburocracia, a ligação entre os interesses econômicos e o governo, o fluxo de informações também contribuem para o aumento da violência. Acrescenta-se, ainda, o patrimonialismo (controle da união, estados e municípios por grupos que confundem os interesses públicos com seus interesses pessoais). Para que se tenha um exemplo disso basta lembrar "que 265 das 300 maiores empresas nacionais pertencem a famílias. E também que o setor cada vez mais responsável pelo controle do imaginário social - imprensa escrita e radiodifusão - é um dos mais centralizados em famílias: nove clãs controlam 90% de toda a comunicação brasileira. Trata-se de jornais, revistas, rádios,

redes de televisão, com mais de 90% de circulação, audiência e produção de informações" (págs. 71e72).

Essa concentração é nociva à cidadania, podendo contribuir para a desintegração da consciência de indivíduos e comunidades, provocando reações de força. Longe de eliminar as contradições entre os dois Brasil e unificar a sociedade talvez esteja provocando o contrário, levando à exclusão do "outro". O processo de modernização posto em prática pelo estado contemporâneo leva ao genocídio tecnoburocrático, sob certas condições e, com o estado desbordado por heterogeneidades sociais, que transbordam em práticas que veio do narcotráfico aos fundamentalismos político e religioso.

No Brasil cresce a violência do estado tecnoburocrático, de um lado e dos grupos minoritários, de outro, estes sofrendo a exclusão estrutural e a destruição de suas antigas concepções de mundo devido a fluxos informativos poderosos. Com 10 não existe uma prática democrática de verdade, acontece a banalização da violência e a lei, as forças de repressão ou contenção acabam se revelando incapazes de solucionar o problema.

Num país onde os limites entre política, economia, polícia e banditismo são cada vez mais indistintos, é, cada vez mais importante entender a violência. Obras como Sociedade, Mídia e Violência contribuem para este entendimento.

Do Jornal

O Nacional

08/07/2002

Data : 14/01/2009

Título : soneto

Categoria: Sonetos

Descrição: teu corpo é suave como a pluma leve de um pintassilgo quando deixa o ninho

soneto

teu corpo é suave como a pluma leve  
de um pintassilgo quando deixa o ninho  
e como uma avezinha mal-crescida

procuras tonta as margens do caminho

levo emplumada a mão que fina escreve  
busco prender teu corpo num delírio  
e foges sorumbática e aturdida  
como seu eu fosse víbora ou martírio

depois cansada paras minha presa  
entregas-me teu corpo frio de medo  
e após refeita como uma ave ileisa

adormeces na tarde e acordas cedo  
já sem frio já sem medo linda e dócil  
começando um trinado no meu dedo

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 12/01/2009

Título : soneto

Categoria: Sonetos

Descrição: à tarde chego exausto e taciturno em minha velha casa suburbana

soneto

à tarde chego exausto e taciturno  
em minha velha casa suburbana  
refletindo na vida aniquilada  
de um simples cão de fila em forma humana

o sentimento é lânguido e noturno  
reveje antigos planos evadidos  
do que sonhei já resta quase nada  
castelos que eu ergui jazem ruídos

entro e surge a visão à minha frente  
daquilo que sonhei quando inda tinha  
um glóbulo no corpo e o corpo quente

me abraça e beija a mesta face minha  
ao mesmo tempo débil e potente  
com as mãos engraxadas da cozinha

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 10/01/2009

Título : Soneto

Categoria: Sonetos

Descrição: jamais serei poeta apenas sou um simples operário que procura

soneto

jamais serei poeta apenas sou  
um simples operário que procura  
de si por seus irmãos compor as dores  
e o pranto e o desespero e a vil tortura

a fome o frio a angústia que ficou  
da mais-valia faca afiada e dura  
que atulha o bolso e o cofre dos senhores  
nossa necessidade que perdura

assim não peço a chave de ouro fino  
nem o modelo clássico de atenas  
ou roma nada disso eu peço vê-de

e não direis um dia haver destino  
pouco desejo que é bastante apenas  
um copo d'água com que mate a sede

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 14/01/2009

Título : Soneto

Categoria: Sonetos

Descrição: passamos nossos dias na oficina fabricando produtos lucrativos

soneto

passamos nossos dias na oficina  
fabricando produtos lucrativos  
porque existe um contrato a ser cumprido  
e os verbos todos são imperativos

joão não fala com jorge e carolina  
desconhece os colegas de secção



ninguém pode parar que é proibido  
e se parar quem comprará o pão

e o leite aos filhos tenros desnutridos  
descalços seminus em pleno inverno  
assim nossos dias são vividos

e nossas vidas têm terror eterno  
como os casos de espíritos perdidos  
encarcerados ao calor do inferno

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 08/02/2009

Título : Soneto bestialógico 1

Categoria: Sonetos

Descrição: um soneto perdido entre dois versos parece-nos dizer quanto sentimos

Soneto bestialógico 1

um soneto perdido entre dois versos  
parece-nos dizer quanto sentimos  
fugir a inspiração quando tentamos  
contar em verso o que nos toma conta

um soneto perdido entre dois versos  
que tentamos unir multiplicando  
por sete vezes dois já nos recorda  
mil simbolismos até mesmo bíblicos

e depois de infinitas tentativas  
em que gastamos tempos ou neurônios  
resta-nos a conclusão fatal que

não há nada mais triste neste mundo  
que ver sobrar depois de tanto esforço  
um soneto perdido entre dois versos

Data : 13/05/2014

Título : soneto branco

Categoria: Poesia

Descrição: como todo o mamífero preciso desesperadamente de rebanho

soneto branco

como todo o mamífero preciso  
desesperadamente de rebanho  
mas sigo a vida sobre minhas patas  
sem me prender à forma de quadrúpede  
eu não sirvo para asno de manada  
como escreveu o velho Frederico  
antes de achar a escuridão perpétua  
andando pelo centro de Turim  
e assim nas ruas de qualquer cidade  
com seus coices, mordidas, paletaços  
vão sempre me expulsando das manadas  
muitas vezes nem orneiam exibem  
os dentes entre os beiços de rapaces

num sorriso asinino de aparências

Data : 01/01/2008

Título : Soneto Branco

Categoria: Sonetos

Descrição: Quando te escuto ou vejo me parece Conhecer-te, querida, há tanto tempo

### Soneto Branco

Quando te escuto ou vejo me parece  
Conhecer-te, querida, há tanto tempo  
Que até nos vejo lentos, de mãos dadas,  
Passeando entre vergéis no Antigo Egito.

Depois eu te contemplo inda mais bela  
Colhendo as uvas mansas de Salém  
E me imagino o próprio Salomão  
Para ofertar-te um reino em minha lira!

Mas se não sou nem rei, nem sou poeta,  
Se não posso ofertar-te o que mereces,  
Deixa ao menos que eu viva o meu exílio;

Deixa eu fugir de ti, curvado ao peso  
Deste amor que me faz inda menor,  
Com medo de perder-me nos teus braços.  
(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 27/11/2009

Título : Soneto do absurdo

Categoria: Sonetos

Descrição: só os meus sentimentos me acompanham neste imenso infinito onde me encontro

só os meus sentimentos me acompanham neste imenso infinito onde me encontro com meus próprios escolhos agarrado longe minh'alma longe o porto amado eu penso e me debato procurando qual o rumo seguir e a qual caminho levam-me ventos levam-me as marés sem que possa encontrar resposta alguma e quanto mais pergunto e me questiono mais me convenço não haver resposta capaz de contemplar a essência humana contemplo minha imagem e concluo que sou apenas eu minha saudade e este imenso desejo de encontrar-me paulo monteiro soneto do absurdo

#### OBSERVAÇÕES DO AUTOR:

... O TÍTULO VEM AO FINAL DO SONETO, DEPOIS DO NOME DO AUTOR E É "SONETO DO ABSURDO". FORMA UM ESTRAMBOTO, COMO ERA EMPREGADO PELOS CLÁSSICOS.

COMO POETA, DEIXO DE COMENTAR O SENTIDO QUE (PARA MIM) O SONETO POSSUI.

AO ESCREVÊ-LO SEM PANTUAÇÃO, SEM DIVISÃO EM VERSOS, SEM MAIÚSCULAS, MEU OBJETIVO É FAZER COM QUE CADA LEITOR CRIE SUA PRÓPRIA VERSÃO DO SONETO – SEU PRÓPRIO SONETO. COM ISSO, O LEITOR PASSA, TAMBÉM, A SER AUTOR.

QUEM LER MEUS TEXTOS (EM PROSA OU VERSO) ESCRITOS DE MANEIRA TRADICIONAL, COM PANTUAÇÃO, VERÁ QUE ATÉ ABUSO DA PONTUAÇÃO.

LEITOR DOS CLÁSSICOS, DESDE PEQUENO, APRENDI COM ELES QUE A FINALIDADE DA PONTUAÇÃO É TRANSMITIR A IDEIA DE ORALIDADE DO AUTOR, ORALIDADE QUE SE EXPRESSA ATRAVÉS DA LEITURA. AO ABOLIR A PONTUAÇÃO – E MAIÚSCULAS – NO POEMA, O QUE O POETA CONSEGUE – OU TENTA CONSEGUIR – É QUE CADA LEITOR SE TORNE AUTOR.

APRESENTO A SEGUIR DUAS "LEITURAS" DIFERENTES DO SONETO. ACREDITO QUE DEVAM SER MUITAS, DEPENDENDO DA PONTUAÇÃO QUE CADA LEITOR COLOCAR.

## Soneto do Absurdo

Paulo Monteiro

Só os meus sentimentos me acompanham  
neste imenso infinito onde me encontro  
com meus próprios escolhos agarrado,  
longe minh'alma, longe o porto amado.

Eu penso e me debato procurando  
qual o rumo seguir e a qual caminho  
levam-me ventos levam-me as marés,  
sem que possa encontrar resposta alguma.

E quanto mais pergunto e me questiono  
mais me convenço não haver resposta  
capaz de contemplar a essência humana.

Contemplo minha imagem e concludo  
que sou apenas eu, minha saudade,  
e este imenso desejo de encontrar-me.

## Soneto do absurdo

Só. Os meus sentimentos me acompanham  
neste imenso infinito onde me encontro.  
Com meus próprios escolhos agarrado,  
longe minh'alma, longe o porto amado.

Eu penso e me debato procurando  
qual o rumo seguir e a qual caminho  
levam-me ventos, levam-me as marés,  
sem que possa encontrar resposta alguma.

E quanto mais pergunto e me questiono,  
mais me convenço não haver resposta  
capaz de contemplar a essência humana.

Contemplo minha imagem e concluo  
que sou apenas eu, minha saudade,  
e este imenso desejo de encontrar-me.

Jornal Rota  
1-15/07/2011

Data : 30/10/1998

Título : Soneto sobre a trova

Categoria: Resenhas

Descrição: Eno Theodoro Wanke, o prolífico escritor paranaense há longos anos residindo no Rio de Janeiro, continua o seu labor de divulgação da trova.

Sonetos sobre a trova

Eno Theodoro Wanke, o prolífico escritor paranaense há longos anos residindo no Rio de Janeiro, continua o seu labor de divulgação da trova. Autor de um punhado de obras definitivas sobre o pequeno poema setessílabo, agora está publicando uma ANTOLOGIA DE SONETOS SOBRE A TROVA, reunindo 161 sonetos e uma corroa de sonetos de 162 autores brasileiros ou aqui residentes.

Como já tive a oportunidade de salientar em outras oportunidades, persistem formas metrificadas e fixas entre nós, mormente a trova e o soneto. Sonetista e trovador exímio, Eno é um dos intelectuais melhor qualificados para unir os dois tipos poemáticos, o que fez nessa Antologia

Para quem, como eu, editou há quase duas décadas um boletim literário (o QUERO-QUERO), com circulação entre meio milhar de poetas de todo o País, este novo trabalho de Eno Theodoro Wanke foi uma oportunidade excelente para reencontrar poemas de velhos amigos. Alguns, como Dias Monteiro, Aparício Fernandes, Mário R. Barreto e Luiz Rabelo, já faleceram. Deixaram, porém, uma obra que continua sendo lida, apreciada e divulgada em periódicos literários e antologias, como esta que Eno Theodoro Wanke, acaba de dar a lume. Felizmente, muitos amigos e companheiros daquela minha experiência de literatura mimeográfica, ainda estão em plena atividade, e pude revê-los nessa coletânea das Edições Plaquette.

Proposta que poderia prestar-se ao exercício de uma espécie de tautologia literária o tema apresentado por Wanke e aceito por mais de uma centena e meia de poetas, acabou revelando alguns exemplos felizes de versatilidade poética. São vários os exemplos dessa afirmativa. Lembro apenas um, por sua originalidade, a "sonetização" de uma trova de Barreto Coutinho, efetuada pelo cearense João Padilha (p. 55). Transcrevo o soneto de Symaco da Costa. A Trova, que inspirou a coletânea:

Segundo penso, a trova é qual um vício  
nunca mais dela a gente se liberta  
se um dia a nossa vida está deserta,  
vem povoá-la doirando o sacrifício.

Domina inteiramente, e na hora certa  
se vai, pela emoção, ao frontispício,  
como esplêndido e mágico exercício  
que a alma sacode e trá-la, enfim, desperta

o namoro arranjado com as musas,  
tecido de incerteza e de recusas  
e, também, dos meus sonhos de alegria...

A trova é um belo pássaro cantando  
nas pequeninas asas carregando  
as quatro linhas de ouro da Poesia!

Além da Antologia propriamente dita, o livro contém uma conferência de Eno Theodoro Wanke sobre sonetos humorísticos sobre a trova, onde se destaca o fluminense Luiz Pizzotti Frazão, encerrando-se com breves registros biográficos e endereços dos autores coletados.

Do Jornal  
O Liberal  
08.11.1998

Do Jornal  
O Cidadão  
30/10/1998

Data : 15/08/1999

Título : Sonhos em rimas

Categoria: Resenhas

Descrição: Não é de hoje que conheço a obra poética de Eugênio de Freitas, um dos poetas maranhenses mais conhecidos da atualidade.

Sonhos em rimas

Não é de hoje que conheço a obra poética de Eugênio de Freitas, um dos poetas maranhenses mais conhecidos da atualidade. A característica marcante de seus poemas é o pleno domínio formal. Esse domínio já era expressivo em *Mais Lágrimas Que Sorrisos*, livro de 1989 e continua em *Meus Sonhos em Rimas*, 355 páginas plenas de sonetos onde o virtuosismo do poeta é transbordante.

Eugênio de Freitas continua uma tradição da poesia brasileira ao manter-se fiel às formas fixas e especialmente à métrica. Poeta lírico, neste livro reúne sonetos profundamente religiosos, prenes de ensinamentos retirados aos Evangelhos. Neles não encontramos o misticismo e a idolatria comuns à maioria dos nossos cantores de inspiração bíblica.

Do Jornal



O Liberal

America, 15 de agosto de 1999

Data : 02/02/2015

Título : Tanta gente falando sobre mulher

Categoria: Poesia

Descrição: Tanta gente falando sobre mulher. Pra quê falar se tenho cinco?!

Tanta gente falando sobre mulher.

Pra quê falar se tenho cinco?!:

Maria Nelci,

Cris Daniele,

Nadejda Aparecida,

Rozalia Natália,

Paula Tatsuia,

Sara Adalía.

E quando todas elas resolvem me mandar ao mesmo tempo?!

Data : 05/03/2015

Título : TARSO RECUA E NÃO OCUPAREMOS PORTO ALEGRE, POR ENQUANTO

Categoria: Crônicas

Descrição: A exemplo do que ocorreu em governos anteriores, quando acampamos na Praça da Matriz...

A exemplo do que ocorreu em governos anteriores, quando acampamos na Praça da Matriz, fronteira às sedes do Governo do Estado e da Assembleia Legislativa, estávamos prontos para acampar no Centro de Porto Alegre nos dias 17, 18 e 19 de dezembro.

Com o recuo do governador, retirando os projetos de Lei, que alteravam artigos do Estatuto do Servidor Público Estadual, modificando o procedimento para o pagamento das requisições de pequeno valor devidas pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, a retirada da ordem do dia de outros projetos, bem como a aprovação, pela Assembleia, de projetos que atendem reivindicações de nossa categoria, o CPERS/Sindicato decidiu suspender as atividades previstas para o dia 17 de dezembro.

Além disso, o acampamento na Praça da Matriz, com a mobilização de milhares de professores e funcionários de escola foi suspenso.

Agora, o governador e os demais traidores do funcionalismo público estadual, nos conhecem muito bem. Estamos prontos e preparados para o que der e vier. E é exatamente por saberem disso que retiraram esses projetos nefastos. E eles sabem também o que lhes aguarda nas urnas, a exemplo do que acontecem com todos aqueles que não respeitaram nossa categoria. Faltam poucos dias para 2014!

Data : 30/04/2005

Título : Teatro Vazio

Categoria: Artigos

Descrição: Quase todos os dias passo na frente do Teatro Municipal Múcio de Castro. Recordo-me dos tempos em que ali funcionava a Câmara de Vereadores.

Teatro Vazio

por Paulo Monteiro(\*)

Quase todos os dias passo na frente do Teatro Municipal Múcio de Castro. Recordo-me dos tempos em que ali funcionava a Câmara de Vereadores. Lembro-me das muitas reuniões políticas de que ali participei ainda quase imberbe.

O edifício faz parte de um conjunto de três construções, que simbolizam o poderio político de Passo Fundo em seus primeiros tempos de Cidade. À sua esquerda está o prédio-sede da Academia Passo-Fundense de Letras, que abrigou o Clube Pinheiro Machado, controlado pelo partido Republicano Rio-Grandense, cujo cerne era o castilhismo-positivista; à sua direita a Intendência, mais tarde Prefeitura.

Esse conjunto arquitetônico abrigava o tripé que sustentou a política regional durante toda a Primeira república: o partido, a câmara e a intendência. Hoje reúne a Academia Passo-Fundense de Letras, Teatro Municipal, o Museu de Artes Visuais e um Arquivo. Assim, tem uma importância muito grande em termos de patrimônios histórico e cultural.

Quando o prédio da Câmara foi transformado em teatro respondia a uma exigência de diversos grupos locais que praticavam, amadoristicamente, as artes cênicas. Mais de dez grupos teatrais, se não me falha a memória.

Passou o tempo e hoje, ao menos com notoriedade, apenas dois conjuntos de atores praticam a arte de Sófocles entre nós. Nenhum deles ocupa o velho prédio, que exterioriza sinais de abandono.

Até algumas semanas o prédio estava sempre aberto, ainda que vazio.

Não consigo imaginar um teatro fechado. Para mim o teatro sempre foi um local de movimento. Visualizo grupos ensaiando ou crianças e adolescentes chegando às pencas, tomando cadeiras e galerias, num processo formativo de público. À noite penso em filas de pessoas nas bilheterias, movimento, conversas... depois aplausos ou pateadas.

Talvez isso seja nostalgia de quem, há 30 anos, pouco mais do que um adolescente, lendo Molière, chegou a escrever uma peça em decassílabos. Como tantos outros escritos na juventude, “Os Viciados” acabou entregue à crítica implacável e definitiva de ratos e traças.

Há algumas semanas a Academia Passo-Fundense de Letras foi procurada por um grupo de teatro (Metamorfoses) precisando de local para ensaios, por lhe negarem o uso do Teatro. O acadêmico Jabs Paim Bandeira prontificou-se a interferir em favor do Grupo. Fê-lo com êxito, segundo me contou.

Pouco depois desse encontro, e antes que as portas fossem cerradas, numa dessas tardes tórridas de fevereiro, entrei no prédio. Silêncio e escuridão. A um canto, quase invisível, um mulato miúdo, encanecido e cabisbaixo, soluçava baixinho.

Em casa, às desoras, releio passagens da crítica teatral de Machado de Assis. E nelas reencontro as mesmas câs e soluços vespertinos.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha  
Cultura- Revista E D.

30/04/2005

Data : 19/04/1996

Título : Teologia da libertação

Categoria: Resenhas

Descrição: As profundas mudanças que ocorrem há alguns anos, com a derrocada do socialismo de estado no Leste europeu, têm servido para meãs culpas e reflexões.

Teologia da libertação: nova caminhada

por Paulo Monteiro

As profundas mudanças que ocorrem há alguns anos, com a derrocada do socialismo de estado no Leste europeu, têm servido para meãs culpas e reflexões. Na América Latina religiosos, teólogos e todas as pessoas preocupadas com as igrejas cristãs tem refletido sobre a teologia da libertação. Esta, representou (e ainda representa) um movimento de análise e mudança nas ligações da igreja com a realidade humana. Até mesmo por isso é de extrema sensibilidade às alterações dessa mesma realidade humana, por essas mesmas mudanças na correlação de forças de poder.

A PAULUS EDITORA, de São Paulo, acaba de publicar CRISTÃOS RUMO AO SÉCULO XXI: NOVA CAMINHADA DE LIBERTAÇÃO, de José Comblin, belga e doutor em Teologia, na América Latina há quase 40 anos. Seu livro é um pequena história dos movimentos de prática teológica no seio da Igreja Católica Romana, demonstrando que, ao longo dos séculos, duas correntes teológicas se mantêm no interior daquela confissão religiosa: uma que vê na “pobreza” que aparece nos Evangelhos apenas a pobreza do espírito, a mansidão ante as hierarquias religiosas ou mundanas, e outra que enxerga a pobreza material como o campo de atuação preferencial da igreja.

O autor de CRISTÃOS RUMO AO SÉCULO XXI salienta, ademais, a luta árdua de religiosos e pensadores católicos romanos para que a teologia seja atualizada, acompanhando a evolução da humanidade. Essa luta, apesar dos revezes, tem procurado fazer com que a igreja não se fossilize; tem assumido duas formas: uma prenhe de preocupações sociais, representada modernamente pela teologia da libertação e outra mística, tendo como modelo católicos carismáticos. Um exemplo mais antigo da primeira pode ser Francisco da Assis e da segunda Johannes Eckardt.

No caso da teologia da libertação, esta assume um aspecto libertário do cristianismo primitivo, representado especialmente por Paulo, de uma forma bastante particular na Epístola aos Gálatas. Sem que signifique um rompimento com a igreja, os defensores da teologia da libertação salientam caracteres do cristianismo primitivo onde o valor maior não era a ordem, mas a liberdade; e a lei, que estava subordinada á liberdade, não era a última palavra da religião.

Interessante é anotar que se nota nos escritores dos teólogos da libertação constantes referências á missão profética da igreja. Ora, os profetas do Antigo Testamento, denunciavam as injustiças, chamando os homens ao arrependimento – corre-me, neste instante, a história de Jonas – e á obediência dos mandamentos divinos. Denunciadores das injustiças, os representantes atuais dessa corrente da igreja, encarnam o velho animus profético.

Os teólogos da libertação não se dirigem a homens espiritualizados, mas sim a homens reais, de carne e osso; não defendem um homem abstrato, mas se comprometem com seres concretos.

Esse aspecto faz com que suas idéias assumam uma atualidade meridiana. Entretanto, de um ponto de vista mais estritamente teológico, deixam á mostra calcanhar de Aquiles da corrente: sua dívida ás idéias das ciências sociais.

Se a estratégica, o objetivo último, do cristianismo é fazer com que os homens alcancem o Reino de Deus, a tática da teologia da libertação fundamenta-se nos elementos da sociologia propriamente dita. Isto fica bastante claro em CRISTÃOS RUMO AO SÉCULO XXI, quando o autor lembra que essa corrente foi influenciada pela teoria da dependência. É evidente que uma “nova caminhada de libertação” deve significar não apenas a libertação dos grilhões impostos pela velha teologia, mas também seu resgate das garras das ciências sociais.

Livro instigante, vivo, atual, CRISTÃOS RUMO AO SÉCULO XXI, de José Comblin, deve ser lido e meditado por todos. Até mesmo porque muito se esperava da teologia da libertação em uma região majoritariamente católica. Entretanto, como o próprio Autor salienta, o elemento de ação prática, as comunidades eclesiais de base, não conseguiram se inserir profundamente no meio dos deserdados. Ademais, não é à-toa que um teólogo politizado dê tanta importância á despolitizada renovação carismática.

Será que a libertação não passa também pela cura das doenças da miséria – afinal, percentualmente os pobres sempre morrem mais do que os ricos – e pela exorcisação dos demônios da fome, do analfabetismo, da ignorância, da corrupção y otras cosas más...?

O Cidadão

19/04/96

Data : 09/08/1996

Título : Teologia da libertação e marxismo

Categoria: Resenhas

Descrição: O Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia está coordenando a publicação da Série Teses e Dissertação, pelo Editora Sinodal, de São Leopoldo, RS.

Teologia da libertação e marxismo

por Paulo Monteiro

O Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia está coordenando a publicação da Série Teses e Dissertação, pelo Editora Sinodal, de São Leopoldo, RS. Há pouco recebi o sétimo volume da Série: **TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E MARXISMO: UMA RELAÇÃO EM BUSCA DE EXPLICAÇÃO**, de Enio R. Mueller.

O Autor parte de uma busca em obras de nove teólogos (dois evangelhos e sete católicos romanos), procurando ver o que eles entendem por marxismo e qual a ligação entre o cristianismo e essa corrente racionalista contemporânea. Desde os princípios da Igreja, ainda no século II, o pensamento cristão tem sofrido influências da filosofia. E o marxismo, pela importância que assumiu nas últimas décadas, não poderia deixar de ligar-se a pensadores cristãos.

Enio R. Mueller se preocupa com a análise das obras dos teólogos da libertação em suas relações teóricas com o marxismo. Constata que há vinculações entre ambos e procura definir os níveis dessa relação. Acompanhando o pensamento dos teólogos da corrente em epígrafe, conclui que o marxismo é usado como ferramenta para entender a realidade e auxiliar na transformação da sociedade. Isto, abstraindo-se os pontos da filosofia que entram em contradição com a teologia. Aqui, há concordância de que a parte descartada é a dialética materialista, base do ateísmo, que acompanha o pensamento de origem marxiana.

Apropriado parcialmente, o marxismo seria apenas instrumento e não fator determinante da corrente teológica. Esta, continuaria sendo basicamente teologia.

Enio R. Mueller encerra sua obra definindo esses níveis de apropriação do marxismo pelos teólogos da libertação e aponta para a teologia da libertação como uma nova orientação teológica. Isto se daria, inclusive, pela opção social parecida no marxismo com a dos teólogos mais preocupados com aqueles que não têm pão e peixe.

**TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E MARXISMO: UMA RELAÇÃO EM BUSCA DE EXPLICAÇÃO** adquire uma importância inegável no momento histórico que estamos passando. É fundamental para entender as ligações entre a teologia e a realidade humana e, particularmente, porque a teologia da libertação foi a resposta dos despossuídos da igreja á aqueles que ungiam torturadores e espargiam água-benta sobre gorilas.

O Cidadão

09/08/96

Data : 06/01/1999

Título : TERRA-VERMELHA

Categoria: Resenhas

Descrição: O paranaense Domingos Pellegrini, já consagrado como contista, publicou pela Editora Moderna, de São Paulo, dois livros interessantíssimos.

## TERRA-VERMELHA

O paranaense Domingos Pellegrini, já consagrado como contista, publicou pela Editora Moderna, de São Paulo, dois livros interessantíssimos. O primeiro deles, A ÚLTIMA TROPA, é uma obra da chamada literatura infanto-juvenil, sobre as aventuras dos tropeiros, que partiam do Rio Grande rumo às feiras paulistas; o segundo, TERRA-VERMELHA, romanceia a colonização da região de Londrina.

Domingos Pellegrini continua o regionalismo literário, abrindo para a literatura uma das regiões brasileiras desbravadas mais recentemente. Agora, mais do que regionalista, o seu romance é regional, pois usa com moderação certos elementos usados à sociedade pelos regionalistas propriamente ditos. As aventuras e desventuras de pioneiros sempre podem ser bem aproveitadas pelos ficcionistas, e têm cativado os leitores desde os faroestes americanos até os romances de Jorge Amado.

TERRA-VERMELHA é um belo romance. Não é o romance definitivo de Domingos Pellegrini. A carga anímica encerrada em suas páginas, se confere características heróicas ao pioneiro José, ao confrontá-lo com seus descendentes, acaba conferindo caráter partidário à obra. E todo o panfleto partidário somente sobreviverá enquanto sátira. Dom Quixote que o diga.

Domingos Pellegrini tem às mãos materiais para todo um painel de seu recanto natal. Não lhe faltam talento e domínio da escrita. TERRA-VERMELHA, em marcando o início de um ciclo de romances, poderá tornar-se uma obra a ser lembrada e lida sempre. Cabe ao romancista refrear os ímpetos da memória e do coração; trazê-los à rédea curta.

José, um dos tipos humanos melhor talhados para um romance, é um pioneiro por excelência. Reúne certos valores morais que a acomodação nas terras "civilizadas" não reconhece. A seu lado, começando por Sebastiana, sua esposa, Mané Felinto e Góis - exemplos para muito ecologista de nossos dias - e em tantos outros encontramos personagens dignos dos melhores romances.

Isso dá a certeza de que Domingos Pellegrini tem um belo caminho pela frente. Dados os primeiros passos cabe avançar com firmeza. Tem tudo para enriquecer o

romance brasileiro. Desde os birivas paranaenses que, na primeira metade do século passado, vieram colonizar o Planalto Rio-Grandense há tipos humanos à disposição de um romancista de talento.

Do Jornal

Rotta

06/01/1999

Data : 22/11/2001

Título : Tirem as garras da UAMPAF!

Categoria: Editoriais

Descrição: A União das Associações de Moradores de Passo Fundo – UAMPAF – é seguramente, a mais representativa das sociedades civis passo-fundenses...

Tirem as garras da UAMPAF!

A União das Associações de Moradores de Passo Fundo – UAMPAF – é seguramente, a mais representativa das sociedades civis passo-fundenses, pois representava todos os habitantes do Município, estando em plenas atividades desde 30 de maio de 1986.

Tem um história riquíssima, fruto do trabalho de líderes comunitários desprendidos, alguns dos quais já falecidos, mas muitos deles ainda em plena atuação. Entretanto, nos últimos meses, vive a mais séria crise de sua existência, como consequência do entrelaçamento de interesses pessoais.

Uma guerra, nem sempre só de bastidores, dentro da Diretoria Executiva da UAMPAF está levando a intranquilidade ao interior de todo o movimento comunitário passo-fundense. Até mesmo pessoas calejadas por longos anos de vida pública estão se deixando levar na avalanche provocada pelos interesses pessoais de tipos sem tradição nos movimentos populares.

Neste momento é preciso conclamar os verdadeiros e autênticos líderes comunitários para que não se deixem seduzir pelo oportunismo daqueles que colocam seus apetites pessoais acima dos interesses coletivos.

É preciso desmascarar os aproveitadores, que pretendem usar o movimento comunitário como trampolim político-eleitoral. Muitos presidentes de associações de moradores já se conscientizaram disso, mas é urgente passar da consciência à ação prática.



Ninguém pode continuar de braços cruzados vendo os aproveitadores fazerem e desfazerem, mandarem e desmandarem, humilhando pessoas de bem, infamando e difamando. É urgente que nas reuniões do movimento comunitário organizado esses picaretas sejam desmascarados.

A União das Associações de Moradores de Passo Fundo é um patrimônio muito valioso para ser entregue de mão beijada a oportunistas, até porque eles são minoria – e minoria, mesmo.

Quem quiser fazer campanha para vereador ou deputado – até onde alguém já tentou chegar fazendo votação ridícula – que vá cantar de galo noutra freguesia, pois até onde veria cantar não canta.

A União das Associações de Moradores de Passo Fundo não é balcão de negócios e nem está a venda. Ademais, o movimento comunitário passo-fundense é indivisível.

Aproveitadores, tirem as garras da UAMPAF!

Fora, oportunistas!

O Cidadão

22 /11/ 2001.

Data : 25/05/2003

Título : Trabalho e Educação

Categoria: Artigos

Descrição: O projeto de Lei enviado pelo prefeito à Câmara de Vereadores propondo pagar meia passagem a uma empresa que pertenceria à esposa...

Trabalho e Educação

O projeto de Lei enviado pelo prefeito à Câmara de Vereadores propondo pagar meia passagem a uma empresa que pertenceria à esposa de um vereador da base de sustentação da atual administração municipal, pelo menos tem servido para que as pessoas reflitam sobre a situação do desemprego em Passo Fundo.

Na Câmara, vereadores passaram a insistir na inexistência de um plano de desenvolvimento econômico para Passo Fundo, mormente em termos industriais.

O vereador Fernando Scortegagna, do PMDB. partido que vive uma relação de mancebia política com a administração prefeitura!, tem sido um dos mais insistentes críticos, cobrando aquele tipo de plano.

Agora, o novo responsável pelo SINE, em Passo Fundo. Luciano Fortes, revelou que sobram vagas na indústria passo-fundense, porque faltam trabalhadores especializados.

Há poucos meses, o prefeito revelou que sobra dinheiro na educação. Se sobra dinheiro e faltam trabalhadores especializados, a solução é muito simples: em vez de subsidiar o transporte de mão-de-obra para outros municípios por que não especializá-la, para empregar nas indústrias de Passo Fundo?

Em matéria transmitida pela televisão, para toda a região de abrangência da RBS TV Passo Fundo, mostrava-se que um trabalhador especializado, com o Ensino Médio completo, na indústria passo-fundense pode receber até mais de R\$ 1 .(MK),(X) por mês. Esse valor, pelo que já se revelou nos debates travados na Câmara de Vereadores, é bastante superior ao que é pago aos trabalhadores transportados até Marau.

Qualquer pessoa, medianamente inteligente, chegará à conclusão de que é muito melhor negócio investir na especialização da mão-de-obra de Passo Fundo, para que sirva às indústrias aqui instaladas.

As empresas passo-fundenses já descobriram isso há muito tempo, tanto que incentivam seus empregados a estudarem, seja em termos de escolas tradicionais ou educação supletiva, seja na formação profissionalizante propriamente dita.

Somente a ação de "forças ocultas" – para usar a famosa expressão de Jânio Quadros - atuando em certos meios políticos locais para justificar a aberração que significa subsidiar empresas de outros municípios, ainda que indiretamente, quando indústrias aqui estabelecidas investem, sistematicamente, na qualificação dos trabalhadores.

Exatamente, quando se está discutindo um novo Plano de Desenvolvimento para o Município ou quando se fala em discutir esse novo Plano é o momento para uma ampla análise, uma verdadeira autocrítica do que tem acontecido no Município, pelo menos nas últimas décadas.

E o momento é por demais oportuno, pois estamos no cinquentenário de nosso primeiro Plano Diretor, elaborado em 1953, que previa uma série de obras urbanísticas importantes, entre as quais a Construção de um Centro Cívico, que abrigaria as principais repartições públicas do Município.

Cerca de 20 anos depois, foi construído o Centro Administrativo Municipal, às margens do Rio Passo Fundo, e o belo plano, inclusive dedicado a Oscar Niemeyer, era definitivamente esquecido.

Hoje, o Centro Administrativo Municipal é uma ficção, um conto da Carochinha, uma história de Tancredo, um conto do Pedro Malasartes, pois há secretarias municipais espalhadas pela Cidade. O gabinete do Prefeito e algumas secretarias continuam na Vila Petrópolis e outras se espalham já para os lados da Vila Vera Cruz, mais precisamente no prédio do antigo Quartel do Exército. O Município não tem uma administração centralizada, em termos de espaço. É uma administração mutilada, esquartejada.

Vamos ter mais um Plano de Desenvolvimento, para quê? Para ser abandonado dentro de poucos dias, se tanto?

De fato. Passo Fundo nunca teve um Plano Diretor ou um Plano de Desenvolvimento de verdade. Sempre tivemos arremedos de planos. Por isso, o Município está em decadência, decrescendo, perdendo para seus antigos distritos. Está na hora de se dar um basta a essa situação.

Passo Fundo não pode ser reduzida a uma caravela cheia de mentecaptos, sob uma tripulação de energúmenos, tendo por símbolo um monstrengo encajado no Trevo do Sechi.

Do Jornal

Rotta

PASSO FUNDO, de 12 DE MAIO a 25 DE MAIO de 2003

Data : 12/06/2010

Título : Traição e massacre em Porongos

Categoria: Artigos

Descrição: A história é escrita por aqueles que pagam os historiadores. Com esta frase, direta e esclarecedora, ...

Traição e massacre em Porongos

Em O MASSACRE DE PORONGOS & OUTRAS HISTÓRIAS GAÚCHAS o historiador Paulo Monteiro, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, recupera com fatos e documentos um dos mais controversos episódios da história rio-grandense, ao lado de outros 17 artigos sobre história gaúcha e regional

Fábio Rockenbach

blitz@diariodamanha.net

“A história é escrita por aqueles que pagam os historiadores.”

Com esta frase, direta e esclarecedora, Paulo Monteiro, historiador e ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras responde a uma pergunta também direta: por que, até hoje, não se chegou a um consenso quando ao episódio do Massacre de Porongos, no fim da Guerra dos Farrapos, em que David Canabarro teria traído Teixeira Nunes e seus lanceiros negros, mandando que eles entregassem suas armas horas antes de serem surpreendidos, atacados e massacrados pelas tropas imperiais comandadas por Chico Pedro, o Moringue, em 14 de novembro de 1844?

O polêmico episódio é o carro-chefe do novo livro de Paulo Monteiro, “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas”, que o autor lança na próxima quarta-feira no auditório da Academia, em Passo Fundo. Além do resultado de suas pesquisas sobre o episódio – que incluem consultas a milhares de documentos do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, a livros de historiadores do Passado e ao Diário de Antônio Vicente da Fontoura – Monteiro também apresenta ensaios sobre outros episódios da história gaúcha e local (com diversos textos sobre a Batalha do Pulador, sobre a Revolução Federalista e sobre hábitos e costumes do passado no Estão e na região de Passo Fundo). São 18 artigos, dos quais o primeiro, sobre Porongos, é o que mais chama a atenção. Para Monteiro, a traição de David Canabarro é fato. Se tornou oficialmente aceita quanto a famosa carta escrita por Duque de Caxias a Morigue, pouco antes do ataque e massacre em Porongos, foi publicada oficialmente pelo Exército na metade do século passado.

“Os lanceiros eram uma bomba em potencial. Imagine cerca de 800 homens com experiência de guerra, espalhados nos quilombos da Serra. Para efeito de comparação, pegue o que aconteceu no Araguaia, durante a ditadura, quando o governo demorou 4 anos para sufocar uma guerrilha de apenas 60 pessoas”, explica Monteiro, acerca das razões que levaram Canabarro a pactuar com as forças do Império. A questão dos escravos era o único ponto que ainda barrava a assinatura da paz entre os grandes donos de terras que articularam a Revolução Farroupilha e as forças do governo. Caxias chegou ao Estado comandando uma força de 12 mil homens. Os farrapos eram cerca de três mil, espalhados. Já há algum tempo, homens importantes do exército farrapo queriam acabar com o conflito. O problema era que o Império não concordava em libertar os escravos que lutaram na revolução, ponto defendido pelos farroupilhas desde que iniciou a guerra. O medo de uma posterior insurreição dos lanceiros negros, regimento formado no exército farrapo que ficou famoso pela sua bravura, teria levado ao massacre. Na noite de 14 de novembro, cerca de 100 soldados do acampamento de Canabarro morreram, 80% deles eram lanceiros negros. “Durante a tarde, Canabarro desarmou os lanceiros, deixou-os apenas com lanças e espadas. Mais tarde, à noite, as tropas de Morigue atacaram exatamente no lugar onde eles estavam acampados, em Porongos”, explica Monteiro. “A história fala da libertação dos soldados negros, mas as famílias desses soldados continuaram escravas. Essa situação gerava homens extremamente ressentidos e perigosos naquela situação”, completa.

Estudioso da revolução, Monteiro amplia a discussão sobre Porongos aos demais personagens da história. Enaltece o General Netto, que não o fim da guerra e exilou-se

no Uruguai, levando consigo 400 negros. Lembrou de Bento Gonçalves, que apesar de defender a liberdade dos escravos morreu mantendo em sua fazenda mais de 40 escravos. E lembrou que, ao final do conflito, depois de 10 anos de desavenças, muitos oficiais farroupilhas estavam mais preocupados em obter retorno financeiro do governo. “O governo brasileiro abriu os cofres. No fim da guerra, a maior preocupação de muitos estancieiros e simpatizantes da causa farroupilha já não era com a guerra em si, mas em obter o maior número de recibos e notas promissórias de serviços para receber indenização do governo.”

Nada disso, Monteiro explica, retira do movimento o caráter também abolicionista com o qual nasceu. “Quando o governo ordenou que os negros aprisionados fossem fuzilados quando capturados, os farroupilhas emitiram nota alertando que, para cada escravo fuzilado, o exército farroupilha iria lançar sorte sobre um oficial imperial aprisionado, que seria fuzilado”.

Sobre Porongos, que pese a polêmica, não pode ser retirada a importância: foi um episódio que decidiu os rumos da guerra que já definhava. Sem o contratempo da questão dos escravos, era questão de tempo para que a paz fosse assinada, ainda que algumas das grandes autoridades farroupilhas sequer se fizessem presentes no ato de assinatura do acordo de paz. Enquanto isso, próximo à fronteira, Canabarro colhia frutos com a ampliação de propriedades da família – e as suas próprias – em Santana do Livramento e junto à fronteira com o Uruguai, justamente após a guerra. Algo que, tudo indica, não teve a ver com a sorte e cobrou o preço de centenas de homens.

## O DOCUMENTO DA DISCÓRDIA

Contestado por muitos defensores de Canabarro, o documento escrito por Duque de Caxias para Moringue em 9 de novembro de 1844 foi publicado em 1950 pela editora oficial do Exército, sob ordens do então Ministro da Guerra, General Canabarro Pereira da Costa, junto com outros documentos do Duque de Caxias. No documento, Caxias dá instruções a Moringue, pede a ele que poupe “sangue brasileiro”, que dê fuga a Canabarro e avisa que as tropas estarão desarmadas, configurando prova da traição de Porongos.

[...] Regule V. S. suas marchas de maneira que no dia 14, às duas horas da madrugada possa atacar as forças a mando de Canabarro, que estará nesse dia no Serro dos Porongos. [...] No conflito poupe o sangue brasileiro o quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro. [...] Não receia a infantaria inimiga, pois ela há de receber ordem de um ministro de seu general-em-chefe para entregar o cartuchame sob o pretexto de desconfiarem dela. Se Canabarro ou Lucas forem prisioneiros deve dar-lhes escápula de maneira que ninguém possa nem levemente desconfiar [...]

(Transcrito de BLITZ, p. 6, caderno cultura do DIÁRIO DA  
MANHÃ, Passo Fundo, 11 de junho de 2010)

Data : 15/01/2009

Título : Transformação

Categoria: Poesia

Descrição: na escuridão da noite dois olhos vivos olhavam

transformação

na escuridão da noite  
dois olhos vivos olhavam  
duas brasas sob açoite  
de algum fantasma brilhavam

eram dois olhos profundos  
com seu cintilar perdido  
como dois pequenos mundos  
enormes de um tempo ido

eram dois olhos malditos  
olhos talvez em tocaia  
esperando uns distraídos  
para apagar com punhal

na escuridão de uma esquina  
aqueles olhos brilhavam

e duas mãos sombra fina  
uma navalha apertavam

dois olhos despreocupados  
trazem dois bolsos aos lados  
e nos bolsos remendados  
alguns cruzeiros contados

o cristo da maravalha  
seus pobres trapos espalha  
em torno de si qual palha  
cortada pela navalha

navalha enorme que sai  
da escuridão e que cai  
sem exclamação nem ai  
sobre a garganta de um pai

navalha corta com fome  
aquele vulto sem nome  
depois a prole se some  
esmolando atrás da fome

havia sangue na rua  
junto de um corpo caído  
e se achegavam chorando  
os filhos do falecido

o assassino todos sabem  
é morador das favelas  
porém não sabem seu nome  
e não sabem em qual delas

matou porque tinha fome  
porém não tinha trabalho  
os jornais não o disseram  
porém todos sabem disso

também sabem que amanhã  
esses órfãos sairão  
esmolando por aí  
e outros pais matarão

(do livro inédito eu resisti também cantando)

Data : 28/02/1997

Título : Transplante, leitura indispensável

Categoria: Resenhas

Descrição: A recente aprovação de Lei Federal estabelecendo que todos somos, compulsoriamente, doadores de órgãos, desde que não tenhamos formalizado em contrário...

Transplante, leitura indispensável

por Paulo Monteiro

A recente aprovação de Lei Federal estabelecendo que todos somos, compulsoriamente, doadores de órgãos, desde que não tenhamos formalizado em contrário, vai causar dores ainda maiores a muitas pessoas quando do falecimento de seus entes queridos.

A Seritta Editorial, de São Paulo, publicou o livro TRANSPLANTE de Roosevelt Kalume. O autor, médico, há uma década, denunciou que pacientes eram assassinados numa cidade do interior paulista e seus órgãos serviam ao tráfico de partes do corpo humano para transplantes. O caso teve ampla repercussão, pois envolvia uma Faculdade de Medicina, um hospital, com ramificações internacionais.



TRANSPLANTE é a história romanceada do processo desencadeado com as denúncias de Roosevelt Kalume. Os nomes dos envolvidos, no caso real, aparecem com variações. Há mistura entre fatos verídicos, apurados pela imprensa e inquéritos e ocorrências que poderiam ter sido verificadas e outras que, faltamente, devem ter acontecido.

O livro é uma história de sordidez, demonstrando que diploma e anos e anos de estudo, nem sempre contribuem para a ascensão moral dos indivíduos. TRANSPLANTE, fosse escrito por um verdadeiro romancista, seria um grande painel sobre a inversão de valores, operada pela ganância e pela posse de poder sobre a vida e a morte das pessoas.

Se não há, nesse livro de Roosevelt Kalume, os elementos que fazem de uma história uma obra de arte literária, transborda o sentimento de um homem que estudou, que se esforçou para aprender e manter a vida e viu médicos matando por um punhado de dólares.

Conceitos como morte cerebral e morte circulatória, informações sobre temas que se lê e se houve e permanecem escondidos sob o esotérico jardim médico, se tornam claro ao longo do livro.

Dinheiro, promiscuidade sexual, corrupção no ensino e no serviço público e todos os elementos dos melhores romances policiais aparecem ao longo do livro do médico paulista.

Ler TRANSPLANTE, do Doutor – faço questão de maiúscula – Roosevelt Kalume, é indispensável, pois muito esclarece. O nosso problema ultrapassa a questão legal. Lei é uma coisa, justiça é outra muito diferente. E a grandes perguntas que ficam, hoje, após a leitura do livro. São a Lei vai contribuir para que fatos como os denunciados pelo autor do livro não mais aconteçam? E se acontecerem os culpados serão exemplarmente punidos? Tudo isso porque nenhuma escola incute princípio e caráter na alma humana, tornando as leis invioláveis.

28/02/97

Data : 30/04/1995

Título : Três livros de conto

Categoria: Resenhas

Descrição: Três editoras diferentes acabam de lançar livros de contos, que se recomendam pela qualidade dos autores...

Três livros de conto

por Paulo Monteiro

Três editoras diferentes acabam de lançar livros de contos, que se recomendam pela qualidade dos autores: A FTD, de São Paulo, publicou A SERENÍSSIMA REPÚBLICA E OUTROS CONTOS, de Machado de Assis, uma coletânea de contos de um autor que tem leitores seguros. Entre os contos desse volume muitos são verdadeiros clássicos machadianos. Como o próprio conto que dá título à coletânea, e os intitulados D. BENTA e MISSA DO GALO.

Para os apreciadores de Machado de Assis essa coletânea é um prato cheio, pela qualidade dos contos reunidos. A EDITORA MODERNO, também de São Paulo, publicou a 3ª edição de OS GESTOS, reunindo contos de Osman Lins, pernambucano falecido em São Paulo em 1978, que é um dos mais representativos contistas da segunda metade deste século.

OS GESTOS é uma obra juvenil, mas altamente representativa do estilo narrativo de Osman. Verdadeiro estilista, seus contos continuam a tradição dos grandes contadores de histórias da língua portuguesa. As várias edições dessa seleção de contos apenas comprovam a importância da obra de Osman Lins e devem servir de estímulo para que outros livros do autor sejam reeditados.

Finalmente a LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A, do Rio de Janeiro, como primeiro lançamento de 1995, deu a lume ASSASSINOS À MESA DO JANTAR, uma reunião de contos policiais dos autores mais representativos de todos os tempos organizada por Peter Haining, a obra encerra contos da indispensável Agatha Christie até um dos maiores escritores de todos os tempos Alexander Pushkin.

Os contos são verdadeiros presentes do ano novo aos apreciadores da boa literatura policial são dos melhores que já se escreveu em todo o mundo ligando a comida ao assassinato. Não é, seguramente, uma das melhores leituras para quem, tenha mania de perseguição, mas para quem aprecie suspense, mistério e uma bela história policial, é o tipo do livro (e que livro!) que não pode deixar de ser lido.

#### COBRA NORATO ESTÁ DE VOLTA

A José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, publicou, recentemente, um dos três grandes poemas do modernismo brasileiro. Raul Bopp, gaúcho de Santa Maria, criado em Tupanciretã, viajou mundo, andou pela Amazônia e, aos 24 anos, em São Paulo, já estava participando da Semana da Arte Moderna. Àquela época havia idealizado COBRA NORATO, que somente seria escrito em 1928 e publicado em 1931.

Poema simbólico, COBRA NORATO é o espaço onde se cruzam o fantástico e o real. Sapos, jabutis, onças, jacarés, pássaros, homens e personagens da mitologia amazônica vivem em um mesmo e próprio mundo. Mitos e homens confraternizam-se, como se estes encontrassem naqueles uma parte perdida de si mesmos. Há, em todo o poema a grandiosidade do homem tão pequeno e a insignificância da natureza descomunal. Essa fusão de contrastes é que faz a grandiosidade do poema em seu lugar, que mais se destaca a medida que o tempo passa, dentro da literatura brasileira.

Aguardamos a anunciada publicação, também pela JOSÉ OLYMPIO, ainda este ano, das poesias completas de Raul Bopp, um dos mais representativos poetas brasileiros deste século.

Jornal da Cidade

30/04/95

Data : 31/03/2000

Título : Três pátrias unidas por um poeta

Categoria: Artigos

Descrição: Desde pequeno Hernandez conheceu as conseqüências das rivalidades políticas capazes de dividir famílias. Os seus parentes paternos eram federalistas e do lado materno unitários.

Três pátrias unidas por um poeta

O argentino José Hernandez, nascido em Buenos Aires em 10 de novembro de 1834, onde faleceu no dia 21 de outubro de 1886, e o autor do mais representativo poema gauchesco de todos os tempos. Martin Fierro é constituído de duas partes: E Gaucho Martin Fierro publicado em meados de janeiro de 1873, e La Vuelta de Martin Fierro, editado entre fevereiro e março de 1979, como um verdadeiro best-seller, visto que sua tiragem inicial foi de 20.000 exemplares.

Desde pequeno Hernandez conheceu as conseqüências das rivalidades políticas capazes de dividir famílias. Os seus parentes paternos eram federalistas e do lado materno unitários. Viu ainda criança, o exílio de seu avô Mariano Pueyrredon e família Dara o Brasil.

Muito cedo descobriu a Campanha, onde foi residir, podendo observar a vida dos gaúchos. Ali havia autonomia nas estâncias, e praticamente tudo o que era consumido produzia-se dentro de seus próprios limites. Nelas vivia o patrão com a família. Daí estância, lugar de estar. Se era abastado possuía uma casa na cidade, onde passava boa parte do ano com os seus. Era chefe político e militar. Via de regra, os grandes generais eram grandes estancieiros.

O patrão, que estava no ápice da estrutura social das estâncias, participava de todas as atividades campeiras. Abaixo dele ficava o capataz, homem enérgico e com liderança sobre a peonada; a seguir vinham os posteiros, responsáveis pelo controle sobre locais

remotos do estabelecimento e, por último, os peões e agregados, gente que auxiliava nos trabalhos da estância, sempre que necessário, em troca de usar áreas da propriedade. Toda a economia das estâncias girava em torno da criação do gado, especialmente bovinos e eqüinos. A produção de frutas, verduras e cereais destinava-se ao consumo doméstico.

Aos dezoito anos já vemos José Hernandez incorporado às forças de Rosas e Belgrano. Enquanto militar conhecerá os mais diversos locais da Argentina e os diferentes tipos humanos que formavam a sociedade da época, descobrirá as tricas e futricas da política e terá participação em campanhas jornalísticas. Exercerá diversos cargos públicos, até que na presidência de Domingo Faustino Sarmiento (1868/1874) conhecerá o exílio no Brasil, mais precisamente em Sant'Ana do Livramento, na fronteira com o Uruguai, onde começará a escrever o poema que o imortalizou.

Não é mera coincidência o fato de que a primeira parte da obra tenha sido escrita e dado a lume durante a presidência do autor de Facundo (1845), livro que ataca violentamente o modo de vida dos gaúchos. Sarmientotinha um ódio tão grande da gauchada que seria capaz de incitar Bartolomé Mitre nestes termos: "Não trate de economizar sangue de gaúchos. Este é um benefício que se pode prestar ao país. O sangue é a única coisa que têm de seres humanos "(In Martín Fierro, edição de Luis Sáinz Medrando, p.20).

As práticas políticas adotadas para impor-se sobre a oposição Sarmiento resumiu em carta a Domingo Oro: "Os gaúchos que resistiram a votar nos candidatos do governo foram encarcerados, postos no tronco, enviados ao exército para que sirvam na fronteira com os índios, e muitos deles perderam o rancho, suas casas, bens e até sua mulher"(Ed. Cit., p. 44).

Assim eram os métodos do doutrinário Sarmiento, que pretendia estender a civilização das cidades européias aos campos da Argentina...

O assassinato de Justo José Urquiza, em 11 de abril de 1870, a mando de Lopes Jordán, de quem José Hernández era companheiro político, provocará dura repressão. Poucos dias depois deixa de editar El Rio de La Plata e, no final do ano, incorpora-se às tropas de Lopes Jordán, que é derrotado em Naembé, provocando o exílio de Hernández em Sant'Ana do Livramento. Ali conviverá com Pedro Aramburu, um dos integrantes do bando que havia matado o ex-presidente.

Mais tarde, já velhos, dois filhos de Aramburu, testemunharão essa convivência e lembrarão que José Hernández, à época, estava compondo El Martin Fierro. Deixa a cidade brasileira em fevereiro de 1872, passando por território uruguaio, chegando a Buenos Aires, onde seu poema é impresso em janeiro do ano seguinte.

O livro alcança repercussão imediata e, fora as edições autorizadas, circulam outras clandestinas. O próprio nome do autor acaba se confundindo com o da personagem principal.

José Hernández tinha plena consciência de que estava produzindo obra de arte. Isto fica evidente quando se lê a carta aos editores da quarta edição e reproduzida em todas as boas edições do poema.

Para advogar o alívio dos males sobre essa classe da sociedade (os gaúchos, PM) - escreve o poeta que a encurvam e derrubam em consequência de um regime defeituoso,

existem a tribuna parlamentar, a imprensa periódica, os clubes, o livro e, por último, o folheto, que não é uma degeneração do livro, se não melhor um de seus auxiliares, e não o menos importante.

Servi-me deste último elemento e quanto á forma empragada a opinião somente poderia pertencer ao domínio da literatura.

“Porém, neste terreno, Martín Fierro não segue nem poderia deixar de seguir outra escola que não fosse à do inculto payador.”

Essa consciência do fazer literário, em oposição aos poetas gauchescos anteriores, ele deixa claro na introdução que escreve, nove anos depois, como uma espécie de apresentação a *La Vuelta de Martín Fierro*:

“As personagens colocadas em cena deveriam falar em linguagem peculiar e própria, com sua originalidade, sua graça e seus defeitos naturais, porque despidas dessa roupagem, sê-lo-iam, igualmente, de seu caráter típico, que é o único que as faz simpáticas, conservando a imitação e a verossimilhança no fundo e na forma”.

Essa consciência do fazer literário dá-lhe superioridade sobre seus mestres da gauchesca e assegura-lhe a eficiência do "elemento" escolhido, contribuindo para a durabilidade da obra.

Estudando as influências sobre o poema de Hernández, Ricardo Navaz Ruiz afirma: "As fontes de Martín Fierro têm sido exaustivamente indicadas pela crítica. Trata-se de problema resolvido e só uma que outra passagem poderia oferecer alguma descoberta interessante no futuro. Já se tem assinalado devidamente que, mesmo Hernández estando inserido na tradição da literatura gauchesca, difere dela por seu forte sentido social e por levar o gaúcho a sério. Porém, afóra isso, não poucos elementos provém dela. De Bartolomé Hidalgo brota a idéia tão hernandiana de que a lei é mais dura com o pobre do que com o rico. Do Santos Veja, de Arcasubil (sic), se originam muitas expressões, a descrição da vida militar e dos ofícios do gaúcho. Do Fausto, de Del Campo, tomou alguns versos, não muitos. De Los tres gaúchos orientales, de Lussich, vem a imagem do matreiro, a ânsia da liberdade e a relação dos utensílios campeiros."

Lembra, ainda, outras influências como *La cautiva*, de Echeverria. (Ed. Cit. pp. 35 e 36).

José Hernández é o elemento de ligação entre as três pátrias onde o gaúcho se localiza: Uruguai, Argentina e Brasil. Andou por elas, seja como militar ou exilado político. Recolheu influências de poetas uruguaios como Bartolomé Hidalgo e Hilário Ascasubi, e vem exercendo influências sobre muitos poetas brasileiros.

Escrevendo sobre o mais representativo poema gauchesco de língua portuguesa, Antônio Chimango (1915). De Amaro Juvenal, pseudônimo de Ramiro Barcellos, afirma Niel Aquino Casses: "... sem dúvida é o Martín Fierro a fonte mais importante do Antônio Chimango.

Além da estrofação e do esquema rimático, há outros pontos de contato, tais como as referências irônicas ao governo, as eleições, a baralho e cachaça, a curandeiros e feiticeiros, e principalmente os conselhos de rude sabedoria ditados pela experiência campeira de Vizcacha e Martín Fierro, de Aureliano ou do Cel. Prates." (Ed.cil., p. 149).

A gauchesca, surgida no Uruguai, onde aparece o primeiro poeta representativo, Bartolomé Hidalgo (1788-1823), encontra em José Hernández o vale mais alto. Recolhendo influências diversas confere uma tonalidade pessoal a El Martín Fierro. A começar pelo esquema rimático ABCCB, encontrado incidentalmente em outros poetas, a partir do mineiro Alvarenga Peixoto. Hernández é o primeiro a usá-lo continuamente. Os poetas de sua época ou anteriores preferiam a quadra (ABCB) as décimas, seguidilhas e outros sistemas estróficos.

Outra característica fundamental é que opta pela redondilha maior, tão ao gosto da literatura folclórica, facilitando a popularização de seus versos. O básico, porém, é que transforma a gauchesca numa arte essencialmente sonora. Ao trabalhar com materiais telúricos, com espaço e homens limitados, confere-lhes tal subjetividade que neles não são reconhecidos elementos objetivos, mas sim universalizados. Poesia da desintegração de uma época fundada na gadaria, Martín Fierro, por outro lado, representa o espírito literário do Século XIX, que deu o indianismo brasileiro e foi capaz de produzir pelo menos um poeta profundamente regional como o cubano Juan Cristóbal Nápoles Fajardo, El Cucalambé (1829/1862).

Mais de um século após sua publicação, o poema hernandiano continua encontrando imitadores. Porém, visto que - para usar expressões de Hegel - "a consciência e a vida espirituais do povo sofreram transformações de tal modo profundas que a ponte entre o seu passado mais tardio e o seu ponto de partida se quebrou", a simples imitação, perdeu "o seu valor durável." (Hegel, op. Cit., p.147). Por isso, é que vemos tanta poesia gauchesca medíocre circulando por aí.

A validade da obra poética de José Hernández é inegável. Como toda a verdadeira criação artística fala à alma humana uma linguagem ainda mais forte do que o frio palavreado científico. Aos poetas, particularmente aos cultores da gauchesca, deixou o seu exemplo: superou seus antecessores, ao manter de suas personagens "su caráter típico, que es el único que los hace simpáticos, conservando la imitación y la verosimilitud en el fondo y en la forma."

Nenhuma obra literária da América Latina é mais atual, nos dias de hoje, do que El Gaúcho Martín Fierro. Usando uma linguagem estritamente literária para expressar uma realidade política, mostra que as coisas podem ter mudado bastante na forma, apenas. No fundo, continua o conflito entre a civilização, metamorfoseada de neoliberalismo, e a barbárie nacional: os sem-terras, os sem-tetos, os sem-empregos; os despididos.

#### Bibliografia:

1. Aragón, Roque Raul e Calvetti, Jorge, Gênio y Figura de José Hernández, Buenos Aires, Editorial Universitária de Buenos Aires, 1972.
2. César, Guilhermino, Notícia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, IEL/Editora da Universidade, 1994.
3. Fajardo, Juan C. Nápoles (El Cucalambé), Poesias Completas, La Habana, Editorial de Arte y Literatura, 1977.
4. Hegel, Estética VII - Poesia, tradução de Álvaro Ribeiro, Lisboa, Guimarães Editora, 1980.

5. Hernández, José, Martin Fierro, Edición Anotada por Ramón Villa Suco, Sexta edición, Buenos Aires, Editorial Sopena Argentina, 1953.
6. Hernández, José, Martin Fierro, tradução de J. O. Nogueira Leiria, Segunda Edição, Porto Alegre, Editora Bells Ltda., 1972.
7. Hernández, José, Martin Fierro, Prólogo y Notas de Ricardo Navaz Ruiz, Vigésima Edición, Madrid, Esparsa Celpe, 1983.
8. Hernández, José, Martin Fierro, Edición de Luis Sáinz de Medrano, Buenos Aires, REI Argentina, 1980.
9. Juvenal, Amaro, Antônio Chimango, Editora Globo (Coleção Província), Terceira edição refundida, Primeira Impressão, Porto Alegre, 1961.

(\*) Paulo Monteiro é membro da Academia Literária Gaúcha.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 31 de março de 2000

Data : 09/04/2000

Título : Três Sonetistas

Categoria: Artigos

Descrição: Apesar de toda uma campanha contrária, que já dura oitenta anos, o soneto continua praticado por um grande número de poetas brasileiros.

### Três Sonetistas

Apesar de toda uma campanha contrária, que já dura oitenta anos, o soneto continua praticado por um grande número de poetas brasileiros. Contam, inclusive, com uma entidade nacional, que une os cultores dessa forma poemática, estimulando a produção e realização de concursos.

Mário da Silva Brito, em seu Antecedentes da Semana da Arte Moderna, e tantos outros estudiosos já documentaram esses primeiros ataques e os próprios modernistas, como Cassiano Ricardo, ao acusar a existência do sonetococcus brasiliensis, reconheceriam a incapacidade para destruí-lo. Eclaro que muitos críticos modernistas eram precedentes.

Se, de um lado, algumas dessas contestadoras tinham como leit-motiv das suas investidas suas próprias limitações para dominar as técnicas de metrificação, havia - e ainda existe - muito vulgarizador. Aparentemente mais difícil de realizar, o verso metrificado é, na verdade, mais fácil. Com bastante esforço e um bom ouvido, há muito postrado escrevendo sonetos por aí.

Esta não é a situação do maranhense Eugênio de Freitas (Brejo, MA, 1921), do gaúcho Miguel Russowsky (Santa Maria, 1923), que reside em Joaçaba, Santa Catarina, há mais de meio século, e do paulista Antônio Zoppi (Americana, 1931). Reconhecidos, especialmente entre seus pares, têm de comum entre si uma prática mais conservadora do soneto.

Espírita, Eugênio de Freitas é um poeta com preocupações transcendentais. Religioso, sem afetamentos, o seu mais recente livro *Gorjeios* (Belas Artes, São Luiz, MA, 1999) é uma coletânea de 360 sonetos, 76 dos quais já publicados em livros anteriores. Alcançou um controle da técnica versificatória que lhe permite, a exemplo dos grandes concertistas, realizar raros malabarismos formais, quase imperceptíveis até mesmo aos ouvidos mais atentos.

Seu lirismo é contido, quase impassível. Neste ponto, se aproxima de Miguel Russowsky, cujo livro *Noite de Luà* (Editora Alcance, Porto Alegre, RS) reúne um grande número de sonetos, muitos dos quais fazendo uso do enjambement. Médico, acostumado a conviver com a morte há longas décadas, seria de esperar que o poeta de Joaçaba fosse plenamente impassível, o que não acontece.

Quando, deixando o lirismo propriamente dito, se aproxima da reflexão filosófica, vemos uma diferença marcante entre ambos. Eugênio de Freitas é muito mais sóbrio do que Miguel Russowsky, este se apropria de axiomas populares, o que lhe confere um sabor característico.

Antonio Zoppi é reconhecidamente um poeta-filósofo. Sua poesia, porém, não transita entre elucubrações etéreas. Não é sem razão que um de seus livros onde a preocupação com o homem frente a realidade mais é manifesta se chama *A Poesia das Coisas*. Zoppi é um poeta-filósofo do "senso comum" e não do "conhecimento rigoroso", o que lhe confere um tom mais intimista, menos áspero. E é exatamente esse distanciamento do rigorismo que faz a poesia de Antonio Zoppinão ser "rebaixada ao nível de um simples meio, a serviço de um fim", para usar uma expressão de Hegel em sua clássica *Estética*. Essa capacidade em superar literalmente as limitações da poesia mais reflexiva é que demonstra a qualidade artística do poeta de Americana.

Eugênio de Freitas, Miguel Russowsky e Antonio Zoppi testemunham a sobrevivência do soneto há quase um século de ataques. Juntamente com um cem número de outros poetas garantem a continuidade do pequeno poema imortalizado por Dante, Camões, Bocage, Bilac e outros grandes poetas de todos os tempos.

Do Jornal

O Liberal

09/04/2000



Do Jornal  
Rotta  
Abril/2000

Data : 07/01/1975

Título : TROGLODITA

Categoria: Poesia

Descrição: Manhê: num tenho pão eu quero pão

## TROGLODITA

Manhê: num tenho pão  
eu quero pão  
Vô sai cá da direita da cidade  
lá pro centro da cidade  
da muié do coroné.

Manhê: você num vê  
que os fundos dos meus carção  
tão furado  
ô manhê: cadê você?

Você tá ó você num tá?  
cá tô eucá temo nós  
manhê: tá pegando fogo

no meu corchão de estopa  
socorro manhê: socorro  
manhê: o barraco queimo

E abriga na caverna  
o menino adormeceu.

Data : 01/01/2010

Título : Turismo no Chile

Categoria: Artigos

Descrição: Os Lagos chilenos são recantos surpreendentes. Neles não há ondas e reina o silêncio. O vento sopra manso.

Os Lagos chilenos são recantos surpreendentes. Neles não há ondas e reina o silêncio. O vento sopra manso. No Chile, esse país da vizinhança latina que se estira, estreito, entre o Oceano Pacífico e a Cordilheira dos Andes, quase 5000 vulcões e incontáveis dezenas de lagos de água gelada fascinam não só seus 14 milhões de moradores, mas também viajantes de todos os lugares do mundo. Entre eles, um número cada vez maior de brasileiros atraídos pela diferença dessa geografia e pelo cenário exótico dos lagos e vulcões do sul chileno.

Veja agora os principais, e mais visitados, pontos turísticos do Chile:

Valparaíso e Viña del Mar

A cidade de Valparaíso, é o principal porto do País. Sua pitoresca forma protegida pela serra que cai no mar aponta ao mais importante destino naval do Pacífico sul, até a abertura do Canal do Panamá em 1914. É a cidade que mais se desenvolveu no começo do século XX no Chile.

A cidade de Viña del Mar, é conhecida também como Cidade Jardim, por possuir um famoso balneário com maravilhosos parques.

## Vinícola Concha y Toro

No Vale do Rio Maipo, foi fundado o maior e mais importante vinhedo do Chile: Concha y Toro. Esta região é ideal para a produção da uva Cabernet Sauvignon, o vinho tinto mais tradicional do país. Fundada em 1883, possui moderna tecnologia em equipamentos de refrigeração, tanques de aço inoxidável, filtros barris de carvalho americano ou encina francesa.

Data : 01/01/2013

Título : UAMPAF COMPLETA VINTE ANOS

Categoria: Artigos

Descrição: A UAMPAF - União das Associações de Moradores de Passo Fundo - completou vinte anos nesta Quarta-feira, dia 24 de maio.

A UAMPAF - União das Associações de Moradores de Passo Fundo - completou vinte anos nesta Quarta-feira, dia 24 de maio.

A entidade, que congrega o movimento comunitário passo-fundense, foi fundada no dia 24 de maio de 1986, durante o I Congresso das Associações de Moradores, no salão comunitário do Bairro Edmundo Trein. O Congresso foi presidido pelo líder comunitário Paulo Monteiro, principal redator dos estatutos da UAMPAF.

### ASSOCIAÇÕES FUNDADORAS

As associações fundadoras da União congregavam os moradores dos seguintes bairros e vilas da Cidade: Vila Rodrigues, Vila Vera Cruz, Vilas Santa Marta, Donária, Força e Luz e 20 de Setembro, Bairro José Alexandre Záchia, Vila Cruzeiro, Vila União, Vila Operária, Loteamento Jardim América, Vila Luiza, Bairro São José, Vila Jerônimo Coelho, Vila Annes, Vila Victor Issler, Vila Jardim, Vila Dona Elisa, Vila Fátima, Vila Berthier, Loteamento Primeiro Centenário, Bairro São Luiz Gonzaga, Vila Nonoai, Bairro Edmundo Trein, Distrito de Bom Recreio, Vila Luccas Araújo, Baixada da Vila Luccas Araújo, Vila Carmem, Vila Planaltina, entre outras.

### PRIMEIROS DIRIGENTES

A primeira diretoria da União das Associações de Moradores de Passo Fundo ficou assim constituída: presidente, Ari Andrade; primeiro vice-presidente, Salvador Rodrigues de Lima; Gilberto Simor, segundo vice-presidente; Elisabeth Camargo, terceiro vice-presidente; João Nelson dos Santos, quarto vice-presidente; secretário geral, Paulo Monteiro; Luiz Alfredo Gallas, primeiro secretário; Inácio Diehl Borges Guerreiro, segundo

secretário; Anita Castanho da Rocha, terceira secretária; Léo Franco Padilha, primeiro tesoureiro; José Bertóglia, segundo tesoureiro e Alexandre Quaresma, terceiro tesoureiro. O conselho Fiscal teve a seguinte constituição: Ênio de Paulo Souto, Antônio Valentim Postali e Jeová Amaro Cavalheiro, titulares; Delvanir Tenes, Wilson Bender e Gregório Alves Martin.

## PRIMEIROS TEMPOS

Paulo Monteiro, que presidiu o I Congresso das Associações de Moradores de Passo Fundo, lembra que a vontade de unir o movimento comunitário passo-fundense de maneira independente era antigo. "O problema é que pelo caráter reivindicativo, o movimento estava muito atrelado à Prefeitura. Esta chegou a criar um órgão, através de um decreto de cunho autoritário, para controlar as associações de moradores. Enquanto esse órgão esteve sob a direção de Ari Andrade foi possível um relacionamento amistoso. Quando Ari Andrade foi substituído por um vereador que aderiu ao partido do então prefeito Fernando Machado Carrion acabou a convivência pacífica e todas as forças do movimento comunitário se uniram para criar a UAMPAF".

Paulo Monteiro lembra ainda que, "nesses primeiros tempos, os líderes comunitários passo-fundenses, respeitavam as diferentes opiniões pessoais, pautando suas atividades na defesa dos interesses comuns, o que seria demorado para lembrar numa simples entrevista".

Essa primeira diretoria adotou algumas providências para a legalização da entidade e o fortalecimento da união entre as associações de moradores. As dificuldades foram muitas. "Em 1987 me afastei de Passo Fundo por alguns meses, para trabalhar no departamento de rádio-jornalismo da Rádio Aliança, de Concórdia, em Santa Catarina. Ao retornar encontrei a UAMPAF praticamente sem rumo. Luiz Alfredo Gallas, que me substituíra na secretaria geral da união assumia quase todas as funções diretivas da União, pois o presidente abandonara o cargo. Apoiado pelo Gallas e outros líderes, convocamos uma reunião das associações de moradores. Fui eleito presidente provisório, retomamos as atividades da UAMPAF e realizamos o II Congresso Municipal das Associações de Moradores nos dias cinco e seis de agosto de 1989, quando fui eleito presidente da entidade. Era o início de novos e bons tempos para o movimento comunitário passo-fundense".

Data : 31/10/2002

Título : Ubiratan Porto, poeta

Categoria: Artigos

Descrição: Ubiratan Porto não é apenas um dos mais representativos poetas passo-fundenses, mas também um dos mais prolíficos.

Ubiratan Porto, poeta

Ubiratan Porto não é apenas um dos mais representativos poetas passo-fundenses, mas também um dos mais prolíficos. Nascido em Passo Fundo no dia 2 de fevereiro de 1950, exerceu intensa atividade literária e cultural na década de 1970, sendo o principal idealizador do Grupo Literário "Nova Geração", num período que foi, possivelmente, o de maior ativismo literário na cidade. Aqui, em 1976, publicou seu primeiro livro, O Canto do Visor, e participou da Academia Passo-fundense de Letras.

Formado em Direito, transferiu-se para Porto Alegre, onde continuou sua militância literária, como poeta, ampliando sua atividade para o teatro, sendo autor e ator de diversas peças. Presidiu o tradicional Grêmio Literário Castro Alves e, ali, publicou mais quatro livros: O Vôo do Visor (1981), Rebeldia ao Portador (1984), Contribuição (1990) e Breviário (1998). Atualmente reside em Capão da Canoa, onde continua suas atividades culturais.

Sem esquecer a poesia lírica, Ubiratan Porto é, essencialmente, um poeta social. Todos os seus livros carregam a marca da revolta contra as injustiças de classe e o "status quo" estabelecido. Sua admiração por Castro Alves, cuja biografia pesquisou para publicação na imprensa Passo-fundense, marca sua carreira poética.

Praticamente do verso livre, muitos de seus poemas aproximam-se da poesia metrificada, o que lhes oferece um ritmo característico. Sirva de exemplo CONTEMPLAÇÃO, de seu último livro:

No topo da montanha  
Um gavião  
Corta o arado do Tempo.

No topo da montanha  
Acasala a terra  
Os seios da camponesa.

Ah! Os caiporas da mata  
Na vertente da noite  
A vida é um mote definitivo.

O ritmo do poema é encontrado pela alteração na ordem da linguagem. Noutros poemas as palavras se unem formando termos compostos ou aproximam-se, não se hifenizando, obtendo um efeito diferente, do tipo neologístico. Esse uso e figuras de linguagem e

pensamento, herança talvez dos simbolistas, contribui para expressar o movimento vital, pois como diz o próprio poeta: "A vida é um mote definitivo". E o mote literário, efêmero, captando o movimento, só se eterniza ao reproduzir a vida, entende o poeta em sua estética realista.

A técnica literária, o artesanato das palavras, serve apenas para reproduzir a montanha, o gavião, a terra, a camponesa, os seios, a mata, à noite em seus movimentos.

Entremos nesse poema e imaginemos a camponesa, a figura humana que o poeta humanista (social) nos apresenta. Suponhamo-la deitada, de perfil, e obteremos a fotografia de uma paisagem (imaginária). Distinguiremos a montanha (seios), um gavião (olhar do poeta, desejo), o arado do tempo (idade), a mata (cabelos), à noite (cor dos cabelos) e a vida (toda a visão objetiva-subjetiva).

Essa é uma leitura bastante aproximada do que o poeta realmente quis dizer, num poema lírico, mas carregado de figuras concretas, fornecendo uma estrutura real para a imagística do poeta. Ouso dizer que minha leitura é "bastante aproximada do que o poeta realmente quis dizer", porque aplico as leis básicas da lógica dialética hegeliano-marxista, especialmente aquela que expõe a unidade e luta dos contrários. No caso, os elementos humanos (a camponesa) e naturais (a terra), opostos que acabam se unindo.

E os caiporas do texto? São um terceiro elemento: Os sentimentos do poeta, a ideologia - a síntese.

Poeta aparentemente simples, Ubiratan Porto está a exigir um estudo aprofundado de sua obra e uma edição reunida de seus poemas éticos e inéditos.

Do Jornal

Rotta

Out 2002

Data : 05/12/1997

Título : Um Arquiteto de Sonhos

Categoria: Resenhas

Descrição: A passagem dos centenários de nascimento ou morte de algumas personalidades célebres tem sido um momento para a lembrança pública de suas obras.

Um Arquiteto de Sonhos

por Paulo Monteiro (\*)

A passagem dos centenários de nascimento ou morte de algumas personalidades célebres tem sido um momento para a lembrança pública de suas obras. Os 300 anos de falecimento do Padre Antônio Vieira (1608-1697) é um desses momentos.

Pouco até, pela importância de sua obra, especialmente os Sermões, é o que se tem falado neste ano a respeito desse pregador vigoroso. Sebastianista viu-se nas garras da Inquisição e sua obra apresenta assentos que o distinguem dos oradores adocicados de seu e de todos os tempos.

A Editora Unisinos (São Leopoldo, RS) acaba de publicar uma bela coletânea de suas prédicas: Sermões de Vieira, Padrões de Ensinos: Exertos, organizada por um grupo do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS -, sob a coordenação de Sérgio Farina.

O grupo de acadêmicos daquela universidade gaúcha empreendeu a leitura das 6529 páginas dos Sermões, editado em Portugal em 1948, para produzir um volume de 128 páginas com passagens escolhidas. Muitas delas podiam ser encontradas dispersas em antologias e manuais de História Literária.

Vieira, que “se destaca universalmente como um exemplo marcante, de relevo incontestável”, na expressão de José Aderaldo Castello, pode ser visto em seus aspectos multifacetários neste volume da Editora Unisinos.

O homem que combateu a escravidão do negro e do índio era capaz de afirmar, em 1662, na Capela Real de Lisboa, baseando-se na “tradição” que Cristo, aceitando a adoração recebida do rei “pretinho” Belchior, “quis ensinar-nos que os homens de qualquer cor, todos são iguais por natureza, e mais iguais ainda por fé, se creem e adoram a Cristo, como os Magos.”.

O Vieira “arquiteto de sonhos”, na feliz definição de Alfredo Bosi, em sua História Concisa da Literatura Brasileira, aparece condensado em 128 páginas que reúnem passagens exemplares de um dos escritores que fincaram os alicerces cultos da Língua Portuguesa.

Modelo da língua bem falada e escrita, Antônio Vieira, deve ser apreciado pelos leitores de hoje, especialmente aqueles que gostam de uma leitura muito além da trivialidade massacrante e massificante de nossos dias.

(•) Paulo Monteiro pertence \* Academia Passo-Fundense de letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

O Cidadão  
5/12/1997.

Data : 29/08/1997

Título : Um belo romance

Categoria: Resenhas

Descrição: O romance histórico tem uma tradição muito forte em nossa língua, a começar pelos portugueses Almeida Garrett e Alexandre Herculano...

Um belo romance

por Paulo Monteiro

O romance histórico tem uma tradição muito forte em nossa língua, a começar pelos portugueses Almeida Garrett e Alexandre Herculano, que influenciaram nossos primeiros romancistas de sucesso. Aparentemente é simples escrever um romance histórico. Sirva de exemplo Paulo Setúbal (1893/1937), autor de romances que tiveram larga circulação, com A MARQUESA DE SANTOS (1925) e que hoje só interessa á sociologia literária.

A EDITORA MERCADO ABERTO, de Porto Alegre, acaba de publicar ARCABUZES, de Noel Nascimento, agraciado com o Prêmio Nacional de Romance e um romance histórico que merece ser lido por quem aprecie uma boa obra de ficção.

Arcabuz, Arcabuz da Miséria é um mendigo, “aristocrata, o único de uma classe alta. Sátira viva de conde fora de moda”, que apareceu primeiramente em Ponta Grossa, no Paraná, “portando um bacamarte”. Arcabuz, “chamavam de arcabuzes os combatentes que passavam ás centenas nos trens militares”.

Parece que houve mais um Arcabuz da Miséria, pelo que o autor escreve nos capítulos finais, como existiu mais de um monge João Maria. Este também é personagem do livro, onde está como compadre de Gumercindo Saraiva, em três locais diferentes, na região de Pelotas, lutando ao lado do general maragato no cerco da Lapa, durante a Revolução Federalista, e, logo depois, na região missioneira do Rio Grande.

Xandô e seus amigos, a adúltera Carolina, o necrófilo Dr. Glória, Vitor Machado e tantas outras personagens, no interior do Paraná e do Rio Grande, como o Dr. Arcanjo, em Curitiba e no Rio de Janeiro, confundem-se com personalidades históricas, fornecendo humanidade, dando vida á trama romanesca.

Com esses elementos apresenta-se o tecido humano para levar ao palco a Abolição, a República, a Revolta da Armada e a Revolução Federalista. Cria-se o movimento que envolve, a trama que prende, o clima envolvendo, sedutor, do romance que obriga o leitor a lê-lo linha por linha.

E o Arcabuz da Miséria, que apareceu e desapareceu sem deixar vestígios, quem seria? Apresentam-se muitas hipóteses, mas ninguém descobriu naquele andarilho com ares de nobreza o portador de um macabro presente ao Dr. Borges de Medeiros: a cabeça de



Gumercindo Saraiva. Expulso do Palácio pelo Presidente do Rio Grande, o capitão chimango reaparecia longe de Porto Alegre, repetindo: - Eu vou para a Estrela.

O Cidadão

29/08/97.

Data : 26/04/1996

Título : Um bom exemplo que vem de Curitiba

Categoria: Resenhas

Descrição: Curitiba é uma cidade que se destaca, há décadas, pela organização urbana e o apoio á cultura.

Um bom exemplo que vem de Curitiba

por Paulo Monteiro

Curitiba é uma cidade que se destaca, há décadas, pela organização urbana e o apoio á cultura. Seu atual prefeito, Rafael Greca, determinou a publicação da coleção Farol do Saber, sob cujo selo já foram editados 32 livros de autores paranaenses sobre as coisas do Estado e sua Capital, conforme informações de Jane Barreto, chefe do Gabinete do Prefeito.

Jaira me enviou dois volumes da coleção, TERRA E GENTE DO PARANÁ, de Romário Martin, e O PARANÁ NA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL, de David Carneiro. São obras extremamente interessantes, pois a história do Paraná, até meados do século passado, está intimamente ligada á história de Passo Fundo e de todo o Planalto Rio-Grandense.

Muitos dos primeiros colonizadores de nossa região eram paranaenses. E como o Paraná, à época, fazia parte da Província de São Paulo, com toda a certeza, vários paulistas que aqui vieram estabelecer-se eram, na verdade, paranaenses.

Homens como Francisco da Rocha Loures, tropeiro, certamente contribuíram para que muitos paranaenses viessem povoar estas paragens serenas, cuja topografia e clima possuem certas características semelhantes ao Planalto Paranaense.

Descendentes de degradados e desertores já existiam no Paraná ao ali se fixarem colonizadores bandeirantes. E é exatamente essa raça mestiça, esses mamelucos, que irá dilatar as fronteiras do Brasil para o Sul.

Também do Paraná partiram bandeiras, nem tanto para escravizar índios, pois os tempos em outros, mas para a tomada de gado e a conquista territorial propriamente dita. E foram exatamente as comarcas de Curitiba e Paranaguá que contribuíram mais seriamente com essas bandeiras de ocupação.

Por outro lado, como salienta David Carneiro, para campanhas militares do Sul, os paranaenses contribuíram com seu sangue e bens.

Se como disse João Neves da Fontoura, em frase célebre, as fronteiras do Brasil, no Rio Grande, foram traçadas a ponta de lança e ponta de cavalo, seguramente muitos desses fixadores de limites eram paranaenses.

Romário Martins nasceu em Curitiba em 8 de dezembro de 1874 e ali morreu em 10 de setembro de 1948. Jornalista, exerceu importantes cargos públicos e escreveu dezenas de obras. *TERRA E GENTE DO PARANÁ* é de 1934. Seu estilo lembra o do gaúcho Aquiles Porto Alegre. Alguns capítulos são coerentemente redigidos; outros mais se assemelham a uma colagem de notas. Como um todo, formalmente, é uma obra irregular, típica dos historiadores não-científicos.

Há de se destacar os esforços de Romário Martins em confrontar informações como ao tratar de Eleodoro Ébano Pereira (PP. 31 e segs.) e em outras passagens. Faltou-lhe, contudo, um método científico para ordenar a elevada gama de informações com as quais lidou.

Romário Martins, porém, é um vanguardista, como o demonstram suas preocupações com a agricultura, a industrialização e, acima de tudo, com a proteção do meio-ambiente. Ecologista, em um tempo quando não se falava sobre ecologia...

Também curitibano, David Carneiro ali nasceu em 29 de março de 1904 e faleceu em 4 de agosto de 1990. Suas preocupações históricas dirigiam-se para a área militar, especialmente à Revolução Federalista. A sorte desse movimento cívico-militar inegavelmente foi decidida no Paraná. A mudança de tática de Gomercindo Saraiva, trocando a guerra de movimentos pela de posições, e heróica resistência legalista acabaram mudando os rumos da Revolução.

Tanto do ponto de vista estilístico quanto do raciocínio histórico, *O PARANÁ NA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL* é bastante superior à obra precedente.

Entretanto, os fatos são apresentados como produtos de fatalidades. É como se causas objetivas, externas, políticas, econômicas e sociais praticamente não influíssem sobre os fenômenos da História. O Autor, ainda, não se eleva à História como ciência.

*O PARANÁ NA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL*, cuja Dedicatória é de 1942, sofre as influências ideológicas do integralismo. Essas ultrapassam as citações de Gustavo Barroso, um dos próceres e teóricos daquela corrente de extrema-direita. Leia-se, à página 100, o desabafo saudosista de David Carneiro quanto ao abandono dos velhos títulos usados nos tempos coloniais e sua tristeza ante o “surto civilizador (...) trazido pelas raças não ibéricas (...)”.

Concluo, salientando a importância da reedição dessas obras, patrocinada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, exemplo que bem poderia ser seguido por outras administrações que preferem investir em campanhas de caráter duvidoso.

Os livros de Romário Martins e David Carneiro, com segurança, contribuição para reavivar estudos sobre temas que dizem respeito á história dos três estados meridionais do Brasil, desmitificando certas afirmativas separatistas. Distribuídos entre 374 prefeituras do Paraná e as instituições de ensino de Curitiba, como informa Jaira Barreto, bem que poderiam ser reproduzidos por editoras privadas, chegando ás mãos de historiadores e outros estudiosos.

O Cidadão.

26/04/96

Data : 30/11/2012

Título : Um churrasco do imperador

Categoria: Artigos

Descrição: Num desses sábados, quando nós, integrantes do Projeto Passo Fundo, como de costume, nos encontramos no Café Riviera

PAULO MONTEIRO

Num desses sábados, quando nós, integrantes do Projeto Passo Fundo, como de costume, nos encontramos no Café Riviera, por lá apareceu o confrade Luiz Juarez Nogueira de Azevedo. Conversa vai, conversa vem, acabamos caindo nos Contos Gauchescos, de Simões Lopes Neto, que está virando filme.

O professor Juarez Azevedo acabou lembrando esta passagem do conto “Chasque do Imperador”:

“Numa cidade onde pousamos, o imperador foi hospedado em casa dum fulano, sujeito pesado, porém gauchão. Quando foi hora do almoço, na mesa só havia doces e doces... e nada mais. O imperador, por cerimônia, provou alguns; a comitiva arriou aqueles cerros açucarados. Quando foi o jantar, a mesma cousa: doces e mais doces! Para não desgostar o home, o imperador ainda serviu-se, mas pouco; e de noite, outra vez, chá e doces!

O imperador, com toda a sua imperadorice, grunhiu fome! No outro dia, de manhã, o fulano foi saber como o hóspede havia passado a noite e, ao mesmo tempo, acompanhava uma rica bandeja com chá e... doces... Aí o imperador não pode mais... estava enfarado!...

– Meu amigo, os doces são magníficos... mas eu lhe agradeceria muito se me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne... O homem ficou sério... e depois largou uma risada:

– Que? Pois Vossa Majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pasteizinhos!... Por que não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora esta!...

– Vamos já a um churrasco... que eu, também, não aguento estas porqueiras!... Não me recordo que essa história conste das muitas narradas pelo Conde D'Eu, no seu livro "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul". Ali estão muitas e engraçadas passagens gastronômicas. Uma delas, passada às 14 horas do dia 25 de agosto de 1865, é a seguinte: "(...) O carro que trazia o jantar quebrou-se e todos os alimentos se espalharam pelo charco.

Temos, pois, de aceitar com reconhecimento a carne de vaca meio-assada, que a dona da casa nos traz espetada num pau (ao que parece, ela não tem pratos). O General Cabral apodera-se dele e, arvorando-se 'maître d'hôtel', vai distribuindo os bocados que vai cortando com uma faca. A operação pode ser suja; mas, realmente, o sabor é excelente. Esta carne de vaca assada chama-se, nesta região, "churrasco". (...). ... e esse foi um dos muitos churrascos do imperador, na guerra contra o Paraguai.

(Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor dos livros: Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo, O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas, A Campanha da Legalidade em Passo Fundo e Eu resisti também cantando, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, culturais e literários).

Data : 12/12/1997

Título : UM CLÁSSICO AGOSTINIANO

Categoria: Resenhas

Descrição: A Paulus Editora, de São Paulo, está prestando um grande serviço à cultura brasileira com a Coleção Patrisica.

UM CLÁSSICO AGOSTINIANO

A Paulus Editora, de São Paulo, está prestando um grande serviço à cultura brasileira com a Coleção Patristica. Um dos últimos volumes publicados é o primeiro dos três tomos que formam o COMENTÁRIO AOS SALMOS, de Santo Agostinho (354-430).

Agostinho é um dos maiores pensadores cristãos de todos os tempos. Autor prolífico, tem exercido uma influência muito grande sobre o pensamento ocidental.

COMENTÁRIO AOS SALMOS, cujo primeiro volume soma 922 páginas, foi composto cuidadosamente durante longos anos. É uma obra importante porque Agostinho usa os Salmos, escritos vários séculos antes de Cristo, para polemizar com as heresias que ameaçavam a própria sobrevivência do Cristianismo, em suas raízes bíblicas.

Muitas dessas correntes, ainda mais nestes tempos de Nova Era, podem estar sendo apresentadas como novidades. E contra elas o autor de CONFISSÕES apresenta argumentos firmados na cristocentricidade de toda a Bíblia.

Essa visão cristocêntrica é o que dá uma unidade monolítica ao estudo desses primeiros cinquenta salmos pela contagem das bíblias católicas. Obtida essa unidade, Agostinho pode desenvolver um raciocínio reto. Assim, atualizado, o comentário desses velhos poemas judaicos acaba transcendendo a época de seus autores e o período em que o escritor dos SOLILÓQUIOS viveu.

Sirva de exemplo o Salmo nº 2. Escrito por Davi durante uma revolta de povos que ele dominara, essa revolta das nações é apresentada como uma rebeldia contra o Rei-Cristo. O Salmo, com sua mensagem original baseada num fato concreto (a sublevação contra Davi), assume um sentido profético, de previsão, a não aceitação de Cristo ou sua doutrina e a revolta(heresia) contra os Evangelhos.

Não é nenhuma novidade o que Agostinho faz. O método havia sido empregado pelo escritor da Carta aos Hebreus. A ênfase, porém, na aplicação integral e direta dos Salmos, enquanto texto do Antigo Testamento, a Cristo e ao Cristianismo é básico nessa obra agostiniana.

E é essa linha interpretativa que fornece durabilidade a seu Comentário. Dá condições, ainda ao leitor de hoje, a aplicar o conteúdo dos Salmos as situações atuais. E isso confere atualidade à própria obra mesma de Agostinho. Daí, a importância da série que está sendo editada pela Paulus. Com ela os leitores do vernáculo estão tendo oportunidade de ler livros que somente eram encontrados noutras línguas, como na Biblioteca de Autores Cristãos, da Espanha.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, 12 de dezembro de 1997

Data : 30/09/2000

Título : Um clássico falecido há cem anos

Categoria: Artigos

Descrição: Eça de Queiroz nasceu em Póvoa do Varzim a 25 de novembro de 1845, filho natural do advogado José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz e de Carolina Augusta Pereira de Eça. Registrado como filho de incógnita, foi entregue por ela à madrinha e por esta levado...

Um clássico falecido há cem anos

Paulo Monteiro

O romance português do século XIX pode ser representado, esquematicamente, por quatro nomes: Alexandre Herculano (1810/1877), Camilo Castelo Branco (1825/1890), Júlio Diniz (1839/1861) e Eça de Queiroz (1845/1900), cujo centenário de falecimento transcorreu no último 16 de agosto. Personalidades tão diferentes entre si, apenas as obras dos dois últimos acabaram se encontrando em alguns momentos, especialmente na fidelidade ao real, em descrevendo a sociedade portuguesa. O autor de *Uma Família Mourisca*, levado ainda bastante moço pela tuberculose, teria formado com o estilista de Póvoa de Varzim e o brasileiro Machado de Assis, uma verdadeira trindade da língua de Camões no século passado.

Eça de Queiroz nasceu em Póvoa do Varzim a 25 de novembro de 1845, filho natural do advogado José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz e de Carolina Augusta Pereira de Eça. Registrado como filho de incógnita, foi entregue por ela à madrinha e por esta levado, logo após seu nascimento, para Vila do Conde, passando, mais tarde, à guarda dos avós paternos. Aos 10 anos, com a morte da avó, começou a ter mais contato com seus pais, já casados, mas a maior parte do tempo ficou em colégios internos e não passava as férias com a própria família.

O longo afastamento da mãe, segundo alguns estudiosos, marcará profundamente sua obra de romancista. Mormente as personagens femininas são todas sentimentalmente desequilibradas, "adúlteras, incestuosas e fáceis" (Moog, Vianna, *Eça de Queiroz e o Século XIX*, 4ª ed., Livraria do Globo, Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo, 1945, p. 19).

Estudante de Direito em Coimbra liga-se a Antero de Quental (1842-1891) e ao grupo que introduziria as idéias do Realismo e do Naturalismo em Portugal, opondo-se ao tradicionalismo romântico, então consolidado em Lisboa. Inicia-se como poeta e, ainda estudante, participa da Questão Coimbra (1865/1866), provocada por críticas de Antônio Feliciano de Castilho (1800/1875), desferidas contra os Jovens de Coimbra no prefácio ao livro *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas. Houve uma violenta guerra de panfletos,

a começar por Bom Senso e Bom Gosto, escrito por Antero. As repercussões dessa polêmica foram intensas, chegando ao Brasil.

Os Jovens, que acabaram triunfando, logo espalharam-se pelo país, mas transferindo o centro de suas atividades para Lisboa. Dali continuaram seu labor reformista, visto formarem uma geração radicalizada.

Tal era esse radicalismo que chegaram a constituir, quando estudantes, uma organização secreta chamada Sociedade do Raio. Reuniam-se nos lugares ermos e nos cemitérios, às desoras, e, nos dias de tempestade, gritavam contra Deus, negando Sua existência. Enfrentavam as autoridades, especialmente a direção da Universidade, intentando mesmo, em certa ocasião, transferila para o Porto.

Eça passa a residir em Lisboa e no ano de 1866, onde escreve artigos que serão reunidos no livro *Prosas Bárbaras* (1905). Em 1867 dirige o Distrito de Évora e, no ano seguinte, novamente na capital participa do grupo *O Cenáculo* e, em 1871, é um dos organizadores das conferências do *Cassino Libonense*, que acabam sendo proibidas pelo governo.

As conferências desembocam na publicação de diversas obras teóricas, especialmente analisando a história e a realidade portuguesas. Este labor termina também, influenciando em autores brasileiros do porte de Sílvio Romero como nota José Veríssimo em sua *História da Literatura Brasileira* (Editora Record, Rio de Janeiro, 1998, p. 360).

Eça de Queiroz conquista renome com a publicação do folhetim *O Mistério da Estrada de Cintra* (1870), escrito juntamente com Ramalho Ortigão (1836/1815), divulgado de início no *Diário de Notícias de Lisboa*. Em 1871, consolida essa fama ao colaborar também com o autor de *Figuras e Questões Literárias* no periódico *As Farpas*, que alcança êxito estrondoso.

Em 1872 ingressa na carreira diplomática sendo designado para servir em Havana, passando a denunciar a exploração de trabalhadores chineses. Viaja pelos Estados Unidos, transferindo-se para Bristol, na Inglaterra, onde permanece até 1878. Neste ano muda-se para Paris, ali ficando até sua morte.

Do Jornal

Rotta

Setembro de 2000

Data : 14/11/1998

Título : Um clássico gauchesco

Categoria: Resenhas

Descrição: Até pouco tempo a literatura regionalista gaúcha se resumia a Simões Lopes Neto *Caldre e Fião...*

## Um clássico gauchesco

Até pouco tempo a literatura regionalista gaúcha se resumia a Simões Lopes Neto. Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Alcides Maya, Augusto Meyer e Darcy Azambuja são ilustres desconhecidos, em prosa. Não se lhes lembra nem para nome de rua. Dionélio Machado somente foi reabilitado após ter sido redescoberto por editores paulistas.

Outro autor gaúcho que está saindo do desconhecimento é Cyro Martins (1908-1995). Autor de algumas das mais importantes obras de ficção gauchesca, ensaios e um livro de memórias, esse quaraiense apenas nos anos mais recentes teve sua obra reeditada.

SEM RUMO, publicado em 1937 e reescrito para a terceira edição (1981), representou um delimitador na prosa regional do Sul. Nele não há o memorialismo folhetinesco de um Caldre e Fião nem o preciosismo vocabular de um Alcides Maya ou o telurismo exacerbante "da exterioridades convencionais", como o próprio Cyro Martins definiu certo tipo de literatura gauchesca amplamente praticada. O convencionalismo exterior e o caricaturismo interior tão comuns no "romance nordestino", por exemplo, não são encontrados nessa primeira obra mais longa do quaraiense. Também não os vemos nas demais como PORTEIRA FECHADA e ESTRADA NOVA, que formam uma trilogia.

Chiru, a personagem principal, e Rogério formam um duplo alter ego do autor. Tendo deixado a Campanha em 1920, para estudar em Porto Alegre, sente-se como o garoto de seu livro, sem pai nem mãe. Conhece na própria pele, pela distância, a vida de guaxo. E tem mais: o criador foi atrás da revolução pelo conhecimento como a criatura iria atrás da revolução pelas armas, em 1923. Ambos acabam se fixando na cidade.

Médico e opositor da política dominante no Estado, é através do Dr. Rogério, clínico e adversário dos donos do poder local, que Cyro Martins expressa suas concepções sobre a realidade rio-grandense.

Se há uma cena emblemática no romance é aquela do capítulo 24 em que Chiru conduz Rogério aos ombros em meio ao comício libertador. É o filho do bolicheiro Bilo Martins carregando o médico-romancista Cyro Martins. A política da personagem é, no escritor, a literatura. Chiru (de che-ru ou che-ruba, meu pai em guarani) representa o próprio gaúcho em sua origem: mestiço, indiático, filho da mancebia. Se ele não tinha marca e não conhecia pai nem mãe, assemelhava-se ao escritor, por um motivo muito simples. Este rompia com a tradição regionalista rio-grandense, como o mito do "monarca das coxilhas", que surge com Caldre e Fião, em A DIVINA PASTORA, publicado em 1848.

E essa ruptura é tão marcante e radical que numa conferência de 1944, publicada com a edição definitiva de SEM RUMO chega a opor o realismo contemporâneo, com o nome de localismo, uma "ficção na base da realidade, sem adjetivos", ao "regionalismo (que) retrata uma "realidade" eufórica". É exatamente o realismo, em sua acepção mais lapidar, o que dá valor e originalidade à obra romanesca de Cyro Martins.



Enquanto o romance nordestino carregava nas tintas do neonaturalismo, o escritor gaúcho se atinha à "realidade, sem adjetivos".

Com isso produziu uma obra que, mesmo menos conhecida, é necessariamente superior e mais duradoura do que a de muitos escritores deste século, que vão sendo sepultados pelo tempo com os manuais escolares que os transformaram em ídolos com pés de barro.

Do Jornal

O Cidadão

14/11/1998.

Data : 06/09/1995

Título : UM CLÁSSICO SOCIALISTA

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Ensaio, de São Paulo, está publicando a 2ª edição da "HISTÓRIA DA COMUNA DE 1871"...

## UM CLÁSSICO SOCIALISTA

por Paulo Monteiro

A Editora Ensaio, de São Paulo, está publicando a 2ª edição da "HISTÓRIA DA COMUNA DE 1871", de autoria de Hippolyte Prosper- Olivier Lissagaray, um clássico de literatura socialista, publicado pela primeira vez em 1876.

Lissagaray, como jornalista, acompanhou as mobilizações operárias que antecederam à Revolução Socialista Francesa de 1871 e acabou tornando-se um communard, preso, torturado e exilado.

Lissagaray ouviu centenas e centenas de depoimentos testemunhais, cruzou as informações, consultou documentos e jornais da época, leu obras escritas sobre a Revolução e escreveu uma história viva, militante.

A Comuna de Paris, ao contrário das revoluções socialistas posteriores, não foi obra de um partido monolítico, centralizado. Nela intervieram as massas operárias, suas diferentes correntes, blanquistas, marxistas, socialistas democráticos, liberais radicais e líderes populares.

A Comuna foi obra de todo o povo parisiense e contra ela se congregaram todas as elites. As diversas burguesias nacionais, que se guerreavam entre si pela repartição colonial do mundo, uniram-se contra os communards.

Para que se tenha uma ideia da repressão basta lembrar que um dos líderes da Comuna, Raoul Rigault, foi fuzilado sumariamente. A casa onde se abrigou foi invadida e ele “desceu, postou-se diante dos soldados e perguntou: “Que querem comigo? Viva a Comuna!” O Sargento ordenou que encostasse na parede e fosse fuzilado. (...)” (Idem p. 258).

Os líderes da Comuna e os simples combatentes ou simpatizantes foram massacrados. Eis o resultado disso:

“A indústria parisiense foi aniquilada. Seus chefes de oficina, capazes, ajustadores, operários artistas que dão a fabricação seu valor especial morreram, foram presos ou emigraram. O ramo de calçados perdeu a metade de seus operários, o de marcenaria mais de um terço: 10 mil operários, a maioria dos pintores, especialistas em telhados, em zinco e bombeiros hidráulicos desapareceram; os setores de armarinho, livraria, espartilho e chapelaria sofreram o mesmo desastre; habilidosos joalheiros, conzeladores e pintores em porcelana fugiram. O mobiliário, que antes ocupava mais de 60 mil operários, recusou encomendas por falta de mão de obra. Um grande número de patrões reclamou a Versalhes o pessoal de suas oficinas, ao que os Mummius do estado de sítio responderam que enviaram soldados para substituir os operários”. (Idem, p. 297).

Obra de história imediata, escrita logo após os acontecimentos, HISTÓRIA DA COMUNA DE 1871 é uma das mais representativas reportagens de todos os tempos, igualando-se a OS DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO. Li de um só folego, praticamente, e escrevo sobre a viva impressão despertada por esse grande documento.

HISTÓRIA DA COMUNA DE 1871 é uma leitura que continua atual, especialmente no momento em que o socialismo de estado (para usar uma expressão de Anton Pannekoek, que merece uma boa edição em português de seu livro CONSELHOS OPERÁRIOS), está ruindo.

Lissagaray conta que os próceres das elites viram na derrota da Revolução Parisiense a derracoda do socialismo, visão que não se comprovaria na prática.

Da mesma forma, cientificamente, racionalmente, não se pode afirmar que “o fim do socialismo de estado” signifique a morte do sonho numa sociedade de homens verdadeiramente livres.

Por sua importância, como documento e como obra histórica, o livro de Lissagaray é leitura obrigatória, indispensável, para qualquer pessoa que se preocupe com os destinos da sociedade humana.

O Cidadão.

06/09/1995.

Data : 06/09/1995

Título : Um Clássico Socialista

Categoria: Artigos

Descrição: Para que se tenha uma idéia da repressão basta lembrar que um dos líderes ...

### Um Clássico Socialista

A Editora Ensaio, de São Paulo, está publicando a 2a. edição da História da Comuna de 1871, de autoria de Hippolyte Prosper-Olivier Lissagaray, um clássico de literatura socialista, impresso pela primeira vez em, 1876.

Lissagaray, como jornalista, acompanhou as mobilizações operárias que antecederam a Revolução Socialista Francesa de 1871 e acabou tornando-se um communard, preso torturado e exilado.

Lissagaray ouviu centenas e centenas de depoimentos testemunhais, cruzou as informações, consultou documentos e jornais da época, leu obras escritas sobre a Revolução e escreveu uma história viva, militante.

A Comuna de Paris, ao contrário das revoluções socialistas posteriores, não foi obra de um partido monolítico. Nela interviu as massas operárias, suas diferentes correntes: blanquistas, marxistas, socialistas democráticos, liberais radicais e líderes populares.

A Comuna foi obra de todo o povo parisiense e contra ela se congregaram todas as elites. As diversas burguesias nacionais, que se guerreavam entre si pela repartição colonial do mundo, uniram-se contra os communards.

Para que se tenha uma idéia da repressão basta lembrar que um dos líderes da Comuna, Raoul Rigault, foi fuzilado sumariamente. A casa onde se abrigou foi invadida e ele “desceu, postou-se diante dos soldados e perguntou: “Que querem comigo? Viva a Comuna!”. ”O Sargento ordenou que encostasse na parede e fosse fuzilado (...)”, conta o jornalista à página 258 do livro.

Os líderes da Comuna e os simples combatentes ou simpatizantes foram massacrados. Eis o resultado disso:

“A indústria parisiense foi aniquilada. Seus chefes-de-oficina, capatazes, ajustadores, operários artistas que dão à fabricação seu valor especial morreram, foram presos ou emigraram. O ramo de calçados perdeu a metade de seus operários, o de marcenaria mais de um terço; 10 mil operários alfaiates, a maioria dos pintores, especialistas em telhados, em zinco e bombeiros hidráulicos desapareceram; os setores de armário, livraria, espartilho e chapelaria sofreram o mesmo desastre; habilidosos joalheiros, cinzeladores e pintores em porcelana fugiram. O mobiliário, que antes ocupava 60 mil

operários, recusou encomendas por falta de mão-de-obra. Um grande número de patrões reclamou a Versalhes o pessoal de suas oficinas, ao que os Mummius do estado de sítio responderam que enviariam soldados para substituir os operários”. (Idem, p. 297).

Obra de história imediata, escrita logo após os acontecimentos, História da Comuna de 1871 é uma das mais representativas reportagens de todos os tempos, igualando-se a Os Dez Dias que Abalaram o Mundo. Li de um só fôlego, praticamente, e escrevo sob a viva impressão despertada por esse grande documento.

História da Comuna de 1871 é uma leitura que continua atual, especialmente no momento em que o socialismo de estado (para usar uma expressão de Anton Pannekoek, que merece uma boa edição em português de seu livro Conselhos Operários) está ruindo.

Lissagaray conta que os próceres das elites viram na derrota da Revolução parisiense a derrocada do socialismo, visão que não se comprovaria na prática.

Da mesma foram, cientificamente, racionalmente, não se pode afirmar que o “fim do socialismo de estado” signifique a morte do sonho numa sociedade de homens verdadeiramente livres.

Por sua importância, como documento e como obra histórica, o livro de Lissagaray é leitura obrigatória, indispensável, para qualquer pessoa que se preocupe com os destinos da sociedade humana.

(In O Cidadão, Passo Fundo, 6 de setembro de 1995, p.3).

Data : 18/04/1997

Título : Um Cristo Humano

Categoria: Resenhas

Descrição: O jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo (1925-1996) foi um dos mais prolíficos representantes da Teologia da Libertação na América Latina.

Um Cristo Humano

por Paulo Monteiro

O jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo (1925-1996) foi um dos mais prolíficos representantes da Teologia da Libertação na América Latina. Seu livro A HISTÓRIA PERDIDA E RECUPERADA DE JESUS DE NAZARÉ: DOS SINÓTICOS A PAULO, que

esta sendo lançado em português pela Editora Paulus, foi considerado a melhor obra de teologia, em França, no ano de 1994.

Concentrando sua atenção sobre os evangelhos sinóticos de Mateus, escrito para os judeus, de Lucas, dedicado aos gregos e de Marcos, aos romanos, sem esquecer João, o evangelho da cristandade e as cartas paulinas, Juan Luis Segundo procura recuperar o chamado Evangelho Q, o realmente pronunciado por Jesus antes de sua ressurreição e não as versões apostólicas, com suas linguagens particularmente adaptadas a públicos específicos. Lembre-se os fatos de Mateus ter escrito originalmente em aramaico, a língua dos judeus daqueles tempos e Lucas no grego mais escorreito das escrituras helênicas cristãs.

Essa preocupação em recuperar o original de Jesus é básico na sua tentativa de entendimento do Cristo, Ungido ou Messias.

Dedicado aos ateus, o livro de Juan Luis Segundo, acaba sendo interessante para tantos quantos se preocupem com os estudos de filosofia e religião.

Ao fazer uma distinção clara entre as naturezas humana (Jesus) e divina (Cristo), que se expressam no nome pelo qual esse profeta ficou conhecido, Segundo procura encontrar a chave para convencer os que não acreditam em Deus e na divindade do Nazareno.

Se Deus, não sendo matéria, é amor, é exatamente a amorosa humanidade, pessoal e comunitária (política), de Jesus, que explica a sua divindade e a sua posterior divinização pelos homens. Assim ficaria perfeitamente inteligível o “Quem me vê a mim vê o Pai”, de João 14.9.

São teses polêmicas que o autor de A HISTÓRIA PERDIDA E RECUPERADA DE JESUS DE NAZARÉ levanta, como as que envolvem o questionamento de se Jesus tinha, realmente, consciência ou não de que era uma das pessoas de Deus.

Esse livro de Juan Luis Segundo, inegavelmente, é importante para a compreensão da missão de Jesus, pois não se pode separar a história humana de Jesus de Nazaré de Nazaré de sua história divina ou divinizada, para usar expressão que pode soar imprecisa para quem não tenha o conhecimento do ateísmo e suas categorias lógicas.

O Cidadão

18/04/97

Data : 08/11/1996

Título : Um crítico de cinema

Categoria: Resenhas

Descrição: Há algum tempo os cinemas enchiam-se de espectadores.

## UM CRÍTICO DE CINEMA

por Paulo Monteiro

Há algum tempo os cinemas enchiam-se de espectadores. Meninos e meninas, crianças e adolescentes, pais e avós, entupigaitavam as salas de espetáculos, durante as matinês domingueiras. O flerte, à entrada ou à saída, era a moda. Principalmente á noite, o “amasso no escurinho do cinema” (como dizia um clássico da jovem Guarda) era interrompido pelo facho de luz disparado pelos lanterninhas.

Hoje os cinemas estão fechando por falta de assistentes. Particularmente, não creio que a assistência às películas, como se dizia, haja diminuído. “ Mudam-se os tempos; mudam-se as virtudes”, escreveu Camões há quatro séculos e tanto.

O homem contemporâneo, rodeado de pessoas por todos os lados, está cada vez mais isolado. Trocou os prazeres em comum pelo viver entre quatro paredes. Não mais o filme numa sala de espetáculos, mas o televisor de 50”, um canal especial de TV a cabo ou o vídeo-cassete.

Milhões desses assistentes solitários ganhariam muito se lessem CADERNOS DE CINEMA DE P. F. GASTAL, que acaba de vir a lume sob o selo da Unidade Editorial e o patrocínio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Ali estão reunidos cerca de cento e cinquenta artigos e três entrevistas de Paulo Francis Gastal (1922-1996) sobre filmes, abrangendo praticamente meio século de cinema.

A mim me chamou a atenção o estilo de P. F. Gastal. Denso, ainda que prenhe de informações; modelar, pela firmeza encontramos já em seus primeiros artigos, como HOLLYWOOD E A GUERRA (1942), ao definir o ator americano Lew Ayres numa única palavra: “traidor”, o ditador Adolf Hitler como “louco comedor de tapetes” e os admiradores do Eixo, que eram muitos entre nós, com o termo símbolo: “quinta-colunas”, resume nessas palavras e expressões um peso muito grande.

Em O SOBRADO E OS TRADICIONALISTAS, de 1956, a propósito de O Sobrado, de Walter George Durst, baseado em O Tempo e o vento, de Érico Veríssimo, não reluta em baixar o cambuim nos “tradicionalistas de fachada” por certas críticas ao filme e a concordar com eles noutros pontos.

Densidade e firmeza estão presentes no último artigo IMPÉRIO DO SOL (1989) onde salienta a superioridade do filme de Steven Spielberg sobre Atração Fatal de Adrian Lyne, e a relação dessas fitas com o Prêmio Oscar de 1987. Admirador do cinema arte e dos atores talentosos, sublinha a atuação de Christian Bale naquele filme de Spielberg, para citar um exemplo apenas.

Repito: ganharam muito os apreciadores do cinema se lessem os artigos de P. F. Gastal. Ali estão as apreciações de um espectador privilegiado, um crítico, na acepção real da palavra. Com isso, encontrarão indicações de bons filmes, que se tornaram marcos dessa arte. E lerão ótimos textos.

O Cidadão.

08/11/1996.

Data : 14/03/2009

Título : Um Crítico de Jornal

Categoria: Artigos

Descrição: A crítica literária sempre esteve ligada ao jornalismo, ...

#### Um crítico de Jornal

Acabo de ler dois livros de Nelson Hoffmann: “Uma Outra Face do Poeta” (EDIURI, Santo Ângelo, 2007) e “LEITURA & DIVAGAÇÃO” (EDIURI, Santo Ângelo, 2008). A leitura desses dois volumes do incansável polígrafo roque-gonzalense conduziu-me a refletir sobre o papel do jornalismo literário. Essas reflexões conduziram-me ao “new criticism” ou “nova crítica”, movimento importado mormente dos Estados Unidos da América, e que teve entre nós o São João Batista em Afrânio Coutinho, autor de um clássico sobre o assunto, “Da Crítica e da Nova Crítica” (MEC/CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Brasília/Rio de Janeiro, 2ª edição, 1975).

A crítica literária sempre esteve ligada ao jornalismo, através do famoso rodapé. Todo o livro de Afrânio Coutinho, como salientou Wilson Martins, à época em que a primeira edição foi publicada, é uma “‘campanha’ jornalística”. Valeu-se do rodapé para combater o rodapé.

Para ilustrar a opinião do autor de “Correntes Cruzadas” transcrevo (Ed. Cit., p. 57) um parágrafo de “Da Crítica e da Nova Crítica”:

“O que o jornalismo moderno comporta, em conformidade com a agitada vida social contemporânea, não são mais os vastos e sólidos rodapés de crítica especializada, porém as notícias ligeiras, o comentário informativo sobre livros aparecidos. O público deseja saber o que vai no mundo dos livros, a natureza deles, o assunto de que tratam, em notas leves, informativas, pois ele, graças à educação democrática, se supõe apto a por si mesmo julgar, depois de lido, o valor do livro. Em muitos casos, ademais, o rodapé de crítica desvirtuou-se, fugindo da finalidade que era a apreciação do livro em causa, para tornar-se um indigesto e massudo ensaio “sobre” o assunto do livro, à margem do mesmo, sem entrar no seu exame, ficando o leitor sem nada saber do livro, embora profundamente impressionado com a cultura do crítico. Mas aquilo que ele queria não lhe foi dado, de

modo que passou e conseqüência natural, a descrer e a desinteressar-se do rodapé da crítica. Ao redigi-los, aliás, seus autores, na maioria, tinham em mente menos o público, do que os confrades”.

Para ele, a “alta crítica”, em sua definição, à época já estava refugiada no livro. Na verdade, mas na verdade mesmo, o que Afrânio Coutinho queria era acabar com a “crítica de jornal” para assegurar mercado de trabalho aos formados nos cursos de letras que começavam a proliferar pelo país. Daí o sentido de “‘campanha’ jornalística” assumida por sua pregação.

A crítica de jornal, o rodapé, entre nós, tem uma tradição enraizada. E não se extingue uma tradição por decreto. O modelo dessa tradição também foi transplantado – e da França – há quase dois séculos. Seu caráter básico é o impressionismo – o “indigesto e manuseado ensaio sobre o ‘assunto’ do livro”, de que fala Afrânio Coutinho –. Entretanto, é exatamente isso que da vida à crítica de jornal. É pessoal, uma conversa com o leitor.

O crítico é um encantador de serpentes, um sedutor de leitores. É parte de um triângulo, onde também estão incluídos o autor e o leitor. A obra é o pêndulo usado pelo hipnotizador. É claro que nem todos os leitores caem nessa armadilha. Urge que a obra interesse a quem lê.

Exemplifiquemos.

Em “LEITURA & DIVAGAÇÃO”, páginas 39 a 44, sob o título “Por que não ser feliz?”, Nelson Hoffmann comenta a obra da romancista catarinense Urda Alice Klueger, como ele, de origem alemã. Centra sua análise em “Verde Vale”, primeiro livro da autora.

Começa contando sua curiosidade pela obra de Urda, a forma como descobriu seu endereço, o recebimento dos livros e a leitura. Tudo muito humano. E essa humanização se completa ao aproximar a “ficção” de Urda e a própria biografia do crítico.

Humberto Sonne é um alemão forçado a deixar sua pátria forçado pelas guerras e a miséria. Uma história semelhante a do avô de Nelson, que também foi feliz vale do Ijuí, como Humberto o seria às margens do Itajaí.

Toda a obra crítica de Nelson Hoffman, como a de muitos bons críticos de jornal, é uma história amena, como aquelas velhas conversas ao pé do fogo, antes que o gás de cozinha colocasse o fogão a lenha entre os fósseis da história. E é essa fraqueza, condenada pelos arautos do “new criticism”, em nome de uma pretensa superioridade da crítica acadêmica encastelada em livros e revistas que ninguém lê, o que confere valor ao texto jornalístico.

A campanha promovida pelos “novos críticos” era e é uma orquestração corporativa. Como um bumerangue, seus argumentos, todos, podem voltar-se contra eles próprios. Antes de um bem para a literatura causaram um mal imensurável. Afastaram ainda mais o livro do público. Quanto mais artigos e crônicas sobre autores e livros, mais leitores. Hoje as edições têm praticamente a mesma tiragem de há um século e tanto atrás. Salvam-se os protegidos dos grandes meios de comunicação.



Nelson Hoffmann, há anos, entrincheirado no Jornal Igaçaba, lá nas Missões continua a divulgação de autores e livros que não encontram espaços em livros e revistas acadêmicas, muitas vezes com minúsculas tiragens apenas para justificar recursos obtidos em projetos financiados com recursos públicos. Faz da crítica um trabalho de grande seriedade, um verdadeiro magistério e ministério.

Data : 29/01/2012

Título : Um dia na Roselândia

Categoria: Artigos

Descrição: Domingo. 29 de janeiro. Sol de rachar. Iradi Laimer, meu velho amigo, e eu varamos o Parque da Roselândia.

Paulo Monteiro (\*)

Domingo. 29 de janeiro. Sol de rachar. Iradi Laimer, meu velho amigo, e eu varamos o Parque da Roselândia. Atravessamos alambrados. Abrimos picadas a tapas, entre os matos. Enfrentamos tudo, o orvalho, o calor, os mosquitos. Suamos. Resfolegamos.

Iradi mostra recortes de jornais, documentos e entrevistas, depoimentos de autoridades. Um rol de papel, como diriam meus avós. Revejo antigos desenhos com idéias dele sobre os diversos parques temáticos, que imagina. E exhibe novos desenhos.

Conheço Iradi Laimer há mais de 30 anos. Eu era quase um garoto, ele um homem já feito. Estive naquele local, quando existia apenas uma pequena plantação de rosas.

“Enganam-se os ditadores

que no seu furor medonho

mandam matar sonhadores

pensando matar o sonho”.

Os versos de Joubert de Araújo Silva, poeta capixaba, estão sempre na minha memória. E afloram sempre que vejo ou penso em Iradi.

Trata-se de um homem agredido. Energúmenos, mentecaptos e canalhas atiram-lhe os apodos de sempre que são lançados contra os homens de bem. Louco, visionário, aproveitador que quer valorizar sua propriedade. A história sempre se repete. E se repete como tragédia. Cada um julga os outros por si mesmo. Por isso, Cristo ordenou: “Não julgueis para não serdes julgados”.

Há verdades que devem ser proclamadas. E que não são julgamentos. Constatções lógicas.

Iradi é um homem pobre. Possui ainda (repite: ainda) um carro usado e a casa onde mora. Doou terras para entidades. Outras lhe tomaram. Isso mesmo: to-ma-ram. Sacrificou a propriedade que herdou de seus pais. Tomaram-lhe até mesmo a idéia de um poço artesiano para explorar águas termais que ali podem existir a uma profundidade razoável. A idéia é dele, mas foi conseguido registro para uma empresa pública.

Mostra-me o lugar onde um seu tio-avô, que servia nas forças governistas durante a Revolução de 93, foi abatido à bala e morto a coronhadas por um piquete maragato. Aponta onde foi sepultado. E chora. Pergunta se acredito em reencarnação. Digo-lhe que não. Abraço-lhe ao ver a repetição, entre nós, das mesmas práticas fratricidas de sempre.

Naquela manhã de domingo descemos e subimos desfiladeiros em meio da mata. Deus em tudo favoreceu aquele lugar. Deu-lhe morros e planícies. Em tudo a topografia favorece. Pode-se construir um autódromo, piscinas de águas termais e até usinas para tratamento de esgoto. E todas essas obras no centro de uma das regiões mais populosas da América Latina.

Isso tudo o louco, o aproveitador do Iradi Laimer viu há mais de 30 anos. Só os hipócritas e fariseus não vêem. E eles também não ouvem o que Iradi proclama. Aliás, profeta, é quase a transliteração de profetas, aquele que ia na frente dos reis anunciando a aproximação dos soberanos.

Só nos Estados Unidos da América há mais de 300 parques temáticos, movimentando bilhões de dólares, todos os anos.

Enquanto isso, por aqui, continua a mesmíssima política de uma suboligarquia. O delírio de trazer indústrias de fora. A mania de grandeza. A cidade mais isto, mais aquilo, mas crescendo como cola de cavalo. Não vêem que os capitais gerados com a erva-mate, a madeira, o trigo e a soja acabaram enriquecendo outras regiões. Continuam dando dinheiro para encher as burras de aventureiros que aqui aportam num dia e tomam vela no outro. Isso é o que significa aquela nau lá, na saída para o Botucaraí, a serra dos botocudos.

O problema é que essa suboligarquia, é incapaz de enxergar além do próprio nariz. E como todo e qualquer viperino prega os dentes em quem ande sobre as próprias pernas ou tenha idéias próprias.

Por isso é que o Pólo Turístico de Passo Fundo não pode se concretizado. Porque vai trazer desenvolvimento, vai modernizar o município, do ponto de vista social. Vai trazer bilhões de reais e milhares de empregos. Vai significar uma coisa chamada modernidade. E as oligarquias, máxime as suboligarquias, têm aversão ao novo. E ferram seus dentes peçonhentos em tudo o que signifique ameaça aos seus mesquinhos interesses.

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do Exterior.

Data : 31/12/2001

Título : Um Dicionário indispensável

Categoria: Resenhas

Descrição: Moacyr Flores é autor de algumas obras fundamentais para o entendimento da história do Rio Grande do Sul, como “Modelo Político dos Farrapos”...

Um Dicionário indispensável

por Paulo Monteiro

Moacyr Flores é autor de algumas obras fundamentais para o entendimento da história do Rio Grande do Sul, como “Modelo Político dos Farrapos” (1979), que já mereceu diversas edições. Em 1996 publicou pela EDIPUCRS o “Dicionário de História do Brasil”, agora saindo em segunda edição, revista e ampliada, pela mesma editora.

Em 637 páginas estão reunidos por ordem alfabética, verbetes biográficos ou temáticos sobre pessoas, fatos e locais interessantes á história do Brasil. Contra o Autor que, aproveitando-se de fichas acumuladas ao longo dos anos, para favorecer o preparo de suas aulas, elaborou, inicialmente, um dicionário de história do Rio Grande do Sul. Este ampliou para um dicionário de história nacional.

Para escrever a obra Moacyr Flores serviu-se ampla bibliografia, em parte listada no Prefácio. O livro reúne alguns milhares de verbetes, que facilitam o trabalho de professores e alunos, em desejando obter informações ágeis sobre pontos e personagens da história braisleira, com destaque especial para o Rio Grande do Sul.

Para que se tenha uma ideia do Dicionário procuro “academia”, encontrando trinta verbetes. Há de tudo, desde a Academia dos Felizes, fundada, no Rio de Janeiro a 6 de maio de 1736, até á Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, “a mais antiga das academias femininas”, fundada em 12 de abril de 1943. “Partido” – há mais de sessenta remissões a esse termo; “Revolução – uma dezena de assuntos. E a “família Silva”? Há cerca de quarenta ilustres integrantes dessa “família”...

Pela abrangência da obra, a concisão e a qualidade das informações organizadas, o “Dicionário de História do Brasil”, escrito por Moacyr Flores, é obra de consulta obrigatória, devendo ser lido e consultado por professores, estudantes e público em geral. Nenhuma biblioteca, especialmente nas nossas escolas, deveria ficar sem ele. Os professores de História deveriam recomendar que seus alunos adquirissem esse dicionário, para usar em sala de aula, como o fazem os mestres de línguas, com os seus respectivos dicionários.

Rotta

Dezembro de 2001

Data : 15/03/1999

Título : UM EXEMPLO GAÚCHO

Categoria: Resenhas

Descrição: O Rio Grande do Sul tem uma tradição editorial muito rica.

## UM EXEMPLO GAÚCHO

O Rio Grande do Sul tem uma tradição editorial muito rica. Nos últimos anos, ao lado das editoras comerciais, propriamente ditas, as universidades também estão se dedicando à publicação de livros.

A Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul tem assumido um papel destacado, com a divulgação de obras que enriquecem qualquer biblioteca. Destaque-se os volumes dedicados à filosofia, à história e à religião.

Em 1998 foram diversas as obras dadas a lume pela EDIPUCRS. Os leitores de O CIDADÃO tiveram a oportunidade de conhecer algumas delas. Podemos lembrar livros como FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS: PRIMEIROS MESTRES DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA GREGA, de Miguel Spinelli, O HOMEM E A FILOSOFIA, de José Maurício de Carvalho e O FIM ÚLTIMO DO HOMEM: DA EUDAIMONIA ARISTOTÉLICA À BEATITUDO AGOSTINIANA, de Idalgo José Sangali.

Outras obras que não podem ser esquecidas são: CONCECRATIO MUNDI: FESTCHRIT EM HOMENAGEM A URBANO ZILLES, reunindo estudos sobre este filósofo eteólogo gaúcho, e RELIGIÕES: CRENÇAS E CRENDICES (2ª edição), do próprio Urbano Zilles.

OS PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DE SÃO TOMAS DE AQUINO, do Padre Édouard Hugon, comentando as vinte quatro teses fundamentais do Doutor Angélico, e A ESCRAVIDÃO EM ARISTÓTELES, de Neditso Lauro Brugnera, são outros livros excelentes da EDUPUCRS.

No ano passado a editora porto-alegrense deu início à série Pensadores Gaúchos, com a publicação das OBRAS ESCOLHIDAS DE ARMANDO CÂMARA. Com esse ato está resgatando uma dívida do Rio Grande para com homens que dedicaram suas vidas à cultura e à inteligência no estado mais meridional do Brasil.

São iniciativas deste tipo que fizeram da Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul uma das instituições gaúchas mais respeitadas no campo editorial em 1998.

(\*) Paulo Monteiro estará completando 25 anos de jornalismo literário no dia 1 de junho de 1999.

Do Jornal  
O Cidadão  
15/03/1999

Data : 28/11/1998

Título : Um grande livro de história imediata

Categoria: Resenhas

Descrição: Um dos segmentos da História é formado por trabalhos que dizem respeito aos acontecimentos de uma cidade ou micro-região.

### Um grande livro de história imediata

Um dos segmentos da História é formado por trabalhos que dizem respeito aos acontecimentos de uma cidade ou micro-região. Diferentemente das outras partes, o estudo da história das localidades tem sido mais um labor de cronistas. Falta-lhes o fincar pé em princípios mais científicos. Ligações de família e dependência dos cronistas frente às camadas dominantes e a estreiteza de focos econômicos e sociais limitam o trabalho desse gênero de historiadores. Sem falar que na maioria das vezes são financiados por mecenas que têm interesse direto nos fatos historiados.

Apesar disso, ainda que raros, podem ser encontrados bons estudos de história imediata. Já tive a oportunidade de escrever sobre o assunto quando foi lançado o livro PASSO FUNDO TERRA DE PASSAGEM, de Ney d'Ávila.

Agora, de Salvador. João Justiniano da Fonseca envia-me RODELAS - CURRALEIROS, ÍNDIOS E MISSIONÁRIOS, história de uma pequena cidade daquele Estado, às margens do São Francisco, que se confunde com os primeiros dias da colonização brasileira. Poeta e romancista, o autor consegue superar o cronicismo provinciano predominante.

Rodelas situa-se na área ocupada por um dos maiores latifúndios que o Brasil conheceu. Abrangia quatro dos atuais estados brasileiros: Bahia, Pernambuco, Sergipe e Piauí. Começou com Garcia d'Ávila, homem de confiança (filho bastardo?) de Thomé de

Sousa. Seus herdeiros descendem da filha Isabel, que teve com uma índia, repudiada para casar com uma judia, estéril. Eles e uniram aos de Diogo Álvares Correia, o Caramuru. e sua mulher Catarina Paraguassu, a índia Moema.

São esses mamelucos que expandiram os domínios do latifúndio, escravizando e degolando índios. Alguns desses massacres ficaram registrados. Em 1º de julho de 1676 quase 500 índios foram degolados, após terem recebido garantias de vida. Dois anos depois, em Salitre, Pernambuco, outros 180 nativos sofreram o mesmo tipo de assassinato por Francisco Dias d'Avila.

Com essa prática genocida, abençoada pelo próprio clero secular, o latifúndio expandiu-se, sendo ocupado por curraleiros e agregados. A concentração de terras foi tanta que o governo português, através de carta régia (20 de outubro de 1783) garantiu o direito de posse aos antigos rendeiros. Lei que não saiu do papel. Foi nossa primeira reforma agrária natimorta.

Missionários jesuítas e capuchinhos aldearam os índios Rodelas - nome que veio do cacique Francismo Rodelas, comandante de duas centenas de índios na luta contra os holandeses. Os primeiros missionários foram expulsos por nativos, a mando dos latifundiários, em 1696. Mesmo com decisão real a seu favor eles não tiveram condições de retornar. Contra os missionários, informa João Justiniano da Fonseca, o próprio clero regular se colocava. Este também roubava os índios.

Em meados do século passado, agora guindados à nobreza, os descendentes de antigos mamelucos predadores de índios e prenhadores de índias, começavam a vender suas terras.

A pecuária extensiva provocara o esgotamento do solo, levando à decadência da sociedade coureira. João Justiniano da Fonseca salienta essa decadência mostrando a redução dos rebanhos e o desaparecimento dos grandes criadores. RODELAS - CURRALHEIROS. ÍNDIOS E MISSIONÁRIOS, ao estudar a evolução histórica de uma cidade nordestina, colonizada há quase quinhentos anos, mostra aspectos importantes da ocupação do solo nacional. O governo dando terra a seus apaniguados, usando as relações de nepotismo e talvez até de bastardia, o genocídio de nativos, o desrespeito às determinações governamentais, quando feriam os interesses dos latifundiários, implantou um regime de atraso, com relações de produção pré-capitalistas e feudais.

A história imediata, sendo bem escrita, é a base para a produção da história nacional ou geral. Aí está a importância de livros como este de João Justiniano da Fonseca.

Do Jornal

O Cidadão

4 - Passo Fundo, de 28 de novembro a 05 de dezembro de 1998.

Data : 08/03/1996

Título : Um livro que gira o mundo

Categoria: Resenhas

Descrição: Através de World MAP, de Burbank, Califórnia, Ralph Mahoney, há 35 anos, realiza um trabalho de apoio a lideranças religiosas em todo o mundo.

Um livro que gira o mundo

por Paulo Monteiro

Através de World MAP, de Burbank, Califórnia, Ralph Mahoney, há 35 anos, realiza um trabalho de apoio a lideranças religiosas em todo o mundo. Para tanto, edita a World MAP DIGEST e a Revista ATOS, em diversas línguas. Seus artigos e livros, circulam entre líderes e estudiosos nos mais diversos pontos do Globo.

Ralph Mahoney e Robert Frost publicaram, em conjunto, o livro CÓMO JESÚS EDIFICA SU IGLESIA, baseado nos ensinamentos bíblicos sobre o desenvolvimento do ministério de Jesus e dos apóstolos. Aliás, a História da Igreja Primitiva é sempre lembrada por tantos quantos se dediquem a defender uma igreja realmente cristã.

Mahoney e Frost partem do princípio de que Deus tem um plano mais elevado para transformar homens em sua família. Para encaixar-nos na família do Pai tanto o método científico dos “sentidos” quanto o método filosófico da “razão” tem se revelado insuficientes. Essa transformação é possível somente através da “revelação”, o que só ocorre quando temos o desejo de submeter nosso espírito ao Espírito Divino com uma fé sincera e desinteressada. Quando isso ocorre é que o homem atinge o estado de santidade ou salvação.

Esse plano salvífico foi ameaçado pela queda de Adão e Eva, que não souberam manter os limites de sua liberdade, mas foi reconstituído pelo sacrifício do Nazareno. Se “o preço do pecado é a morte” (Ro. 3:23, 6:23) foi pela morte do Deus encarnado que o homem obteve condições de encontrar a vida eterna perdida no Éden.

Como isso pode acontecer? Não pecando, seguindo o exemplo de Jesus (homem que venceu a tentação e a morte), pois “A alma que pecar morrerá” (Ez 18:4 e 20).

Essa preocupação envolve todos os cristãos, realizando-se através da fé, a qual merece uma insistência durante a vida terrena do Cristo. Fé, essa que frutifica através do Espírito Santo e “o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Ga. 5:22-23).

Ralph Mahoney e Robert Frost, como fundamentalista bíblicos, ao longo das 180 páginas de seu livro, buscam nas Escrituras os fundamentos para os princípios que seguem. Assim, salienta-se sua preocupação com a presença do Espírito Santo nos dias de hoje,

e em cujo batismo insistem, lembrando o Antigo Testamento e os ensinamentos de João Batista e dos apóstolos.

Os autores vem uma triplicidade no batismo: o arrependimento (batismo no Corpo de Cristo, Igreja), o batismo nas águas e o batismo no Espírito Santo.

Este último tipo de batismo é o que mais tem sido de objeto de controvérsias. Acompanhado do falar em línguas tem sido uma das pedras angulares do pentecostalismo. Os autores insistem no sentido de que os cristãos busquem esse batismo, mediante a oração e no falar em línguas, através da oração seguida pelo abandono da língua usual (no nosso caso o português), passando “a falar ou a cantar na fé – ainda que a princípio se trate de uns poucos sons sílabas”. Pela insistência alcançar-se-á o falar em línguas, segundo Mahoney e Frost.

Outra insistência dos autores de *CÓMO JESÚS EDIFICA SU IGLESIA* é nos dons do Espírito Santo (falar em línguas ou interpretá-las, profetizar, ter sabedoria, discernimento, exorcizar, ter fé, curar, entre outros, além de cinco dons básicos do ministério: apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre).

Importante salientar é a insistência dos autores – e não poderia ser o contrario – no sacerdócio universal, cujo poder é conferido com o envolvimento dos cristãos pelo Espírito Santo. Esse princípio tem como consequências práticas a solidariedade espiritual e material entre os membros da Igreja. Essa solidariedade não se esgota, porém, nos limites do cristianismo, mas alcança toda a humanidade.

Essa transcendência do amor se concretiza através da Grande Comissão, mediante a ida até os não-conversos, ministrando-lhes ensinamentos e o batismo.

*CÓMO JESÚS EDIFICA SU IGLESIA* mais do que um livro sobre a história da edificação da Igreja é um manual sobre o seu funcionamento que, neste mesmo momento em que redijo esta resenha jornalística, está sendo estudado e servindo de bússola para milhares de pessoas em toda a Terra.

O Cidadão

08/03/96

Data : 11/07/1997

Título : Um manual a idiotice

Categoria: Resenhas

Descrição: O Instituto Liberal vem realizando um trabalho fecundo de divulgação das ideias que defende, publicando obras de autores já clássicos e de pensadores e economistas contemporâneos.



## Um manual a idiotice

por Paulo Monteiro

O Instituto Liberal vem realizando um trabalho fecundo de divulgação das ideias que defende, publicando obras de autores já clássicos e de pensadores e economistas contemporâneos.

O Instituto Liberal do Rio Grande do Sul e a Editora Bertrand Brasil, do Rio de Janeiro, acabam de dar a lume o Manual do Perfeito Idiota Latino Americano escrito a seis mãos por Plínio Apuleyo Mendonza, colombiano, Carlos Alberto Montaner, cubano, e Alvaro Vargas Llosa, peruano.

Os três, homens de cultura e experiência políticas que se manifestam generosamente ao longo do livro, são neoliberais, termo que se aplica rigorosamente aos marxistas, socialistas, social-democratas nacionalistas convencidos das excelências do livre mercado. Os autores desse “panfleto” no sentido real da expressão como lucidamente usada pelo experiente Roberto Campos, no Prefácio esclarecedor, conseguem produzir uma obra que merece leitura e releitura nos dias que correm.

Excetuando-se o livro Dependência e Desenvolvimento na América Latina, do então homem de esquerda Fernando Henrique Cardoso, escrito em parceria com Enzo Faletto, e citações esporádicas a políticos brasileiros, os autores do Manual do Perfeito Idiota Latino Americano, dão pouca importância a autores brasileiros, excluindo o maior país latino-americano, e duros libelos contra a presença estadunidense nesta parte do Globo, como A Ilusão Americana, de Paulo Grado.

Usando axiomas socialistas ou nacionalistas como uma espécie de mote para o desenvolvimento de seus raciocínios os autores fazem uma crítica cerrada e impiedosa daquelas ideias, defendendo a livre iniciativa e o livre mercado, com todo o vigor dos novos convertidos.

Comunistas, socialistas, social-democratas e nacionalistas, eis os tecidos que formam o corpo e a alma do idiota. Numa palavra, qualquer, por menor que seja, a limitação à liberdade de iniciativa será sempre o motor da idiotice política.

O Manual do Perfeito Idiota Latino Americano, sofre, porém, as limitações do estilo panfletário. A idiotice de que os autores falam não surge com o marxismo, mas muito antes, aprofundando-se no século passado, com a penetração do positivismo na América Latina, o que não foi plenamente salientado no livro.

Ademais, esse tipo de idiotice não é característica exclusiva da área ibero-americana. As recentes eleições inglesas e, francesas, com vitórias trabalhistas e socialistas demonstram que os idiotas podem ser encontrados (aos milhões) mesmo nos países mais adiantados do Globo. Isto impõe limitações para fixar a sanidade política.

Para o entendimento da realidade atual, especialmente das transformações que ocorrem no campo das relações econômicas, este último lançamento do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul e da Bertrand Brasil é fundamental. Ninguém que se preocupe com o que está ocorrendo em nosso País poderá, concorde ou não com os acontecimentos, deixar de ler esse livro agradabilíssimo.

O Cidadão

11/07/97

Data : 25/07/2008

Título : Um Mestre

Categoria: Artigos

Descrição: Mais do que doutor, um escritor culto precisa ser douto. Só assim será um Mestre...

### Um Mestre

Elvo Clemente ou Ir. Elvo Clemente ou Antonio Silvestre Mottin, seu nome civil, é um intelectual gaúcho nascido na Itália a 30 de outubro de 1921. Há longos anos doutor e professor de letras, seu destaque literário deve-se, no fundamental, aos trabalhos de historiador, ensaísta e cronista.

Nos últimos tempos li dois de seus livros, ambos da EDIPUCRS, “Folhas do meu Caminho” (2003) e “Quando a Crônica floresce” (2005). O primeiro reúne quinze ensaios; o segundo enfeixa cento e tantas crônicas.

O ensaísta ou articulista, em sendo fiel ao subtítulo do volume – “150 anos de Lobo da Costa e outros artigos” -, dá plena importância à temática literária.

Do inditoso romântico pelotense transita por outros escritores gaúchos como Alceu Wamosy, Simões Lopes Neto, Erico Verissimo, Paulo Corrêa Lopes, Aureliano de Figueiredo Pinto, Raul Bopp, Patrícia Bins e Mário Quintana. Autores de Portugal e África também merecem sua atenção.

Múltiplas leituras, gêneros literários variados merecem a análise de Elvo Clemente. Os autores mesmos e seus comentadores são dissecados pelo ensaísta que vai deixando seu caminho marcado com as folhas lidas e relidas.

Fiel aos princípios da ordem religiosa a que pertence é, em tudo o que escreve, um educador e como educador, um mestre. Mestre o é, ainda, num gênero exigente, a crônica. E dá lições até mesmo ao lembrar que a palavra crônica é, em etimologia, ligada a Kronos, deus grego do tempo.

Segundo alguns elevada a gênero literário por Machado de Assis, a crônica apresenta-se passageira, efêmera. Nada mais enganoso. É nos velhos cronistas que encontramos o spiritus das épocas pretéritas. E nos cronistas contemporâneos continuará o sopro vivificante dos anos que correm.

“Erico Verissimo e a Crítica Literária Brasileira”(Folhas..., pp. 93 a 103) é uma síntese feliz do quanto a obra romancista gaúcha é discriminada por uns e reconhecida por outros. Avesso à captura da ficção pela política, Erico foi sempre um contador de histórias. Assim, pela direita e pela esquerda, a crítica literária (ou seria melhor dizê-lo pretensa crítica literária?) assestou sobre ele todas as armas destrutivas que se carregue com juízos de valor. Certo é que a obra do criador de Ana Terra está mais firme do que um cambará.

Os elogios distribuídos generosamente entre os contemporâneos de Erico postados num flanco ou noutro da chamada vida literária, como esses contemporâneos, marcham para o esquecimento. Lembram-se deles apenas os eruditos, tendo à frente e os interessados na Sociologia da Literatura. Salvam-se um Gracilaino Ramos, um José Lins do Rego, um Mário Palmério e uns poucos mais.

Documentos de uma época em si, enquanto textos para si, os livros de Elvo Clemente ficarão como retratos vivos de nosso tempo e da inteligência hodierna. Escritor culto, seus textos transpiram ensinamentos por todas as letras.

O autor de “Folhas do Caminho” e “Quando a Crônica floresce” mostra à saciedade que só escreve bem aquele que tem pleno domínio do assunto. Mais do que doutor, um escritor culto precisa ser douto. Só assim será um Mestre, da escrita e no que escreve. E Elvo Clemente é tudo isso.

Data : 31/03/2006

Título : Um Mestre da Poesia Gauchesca - Tenebro dos Santos Moura

Categoria: Artigos

Descrição: Todos o consideram o mais importante poeta gauchesco de Passo Fundo, apesar ...

Um Mestre da Poesia Gauchesca

Tenebro dos Santos Moura é uma unanimidade. Todos o consideram o mais importante poeta gauchesco de Passo Fundo, apesar de aqui não ter nascido. Autor de um único livro de poemas, Querência, que mereceu duas edições, em 1985 e 1987, embora a segunda

tenha saído com data da anterior, ambas pela Editora Berthier, de Passo Fundo. Pretendia publicar um livro com pequenos contos regionais, muitos deles baseados em fatos verídicos, que receberia o título de Histórias de Galpão.

Entretanto, o seu centenário de nascimento passou despercebido. Nada mais injusto, pois ele, durante quase meio século, foi a presença viva da poesia gauchesca em Passo Fundo. Falar em poesia crioula ou poesia gauchesca era falar em Tenebro dos Santos Moura. Esse esquecimento já se processava em vida. Convidado para recitar seus inconfundíveis poemas em reuniões políticas. Nenhum desses seus "admiradores", ao passarem por repartições públicas, aproveitaram o dinheiro disponível para publicar do poeta. Honra se faça aos bicheiros de Passo Fundo que patrocinaram e entregaram ao poeta todos os volumes das duas edições de seu livro. Isto que Passo Fundo sempre se considerou a "Cidade Mais Gaúcha do Estado" e hoje é a "Capital Nacional da Literatura"...

O poeta nasceu em Palmeira das Missões a 21 de março de 1906, filho de Vicente Martim de Moura e Maria Cândida dos Santos Moura. Em 1924 fez parte das forças que, combatendo o Tenentismo, ocuparam a cidade de São Paulo. Pertenceu ao Partido Libertador (PL), herdeiro político do velho federalismo de Gaspar da Silveira Martins. Em 1930 participou do movimento que culminou com a posse de Getúlio Vargas na Presidência da República.

Naquele ano, em São Paulo, nas trincheiras das forças rio-grandenses do sul, escreveu seu primeiro poema, Palmeira. Inspirou-lhe a saudade, sentimento que, segundo Napoleão Mendes de Almeida, um dos maiores gramáticos brasileiros de todos os tempos, apenas pode ser expressado através da palavra que é um idiotismo, porque só existe na língua portuguesa. Eis os versos escritos sob o fogo das tropas paulistas:

Palmeira

(Para meu velho amigo e conterrâneo Max Teixeira)

A Saudade é o chimarrão  
Que hoje longe do pago  
Vou sorvendo trago a trago,  
Pra aliviar o coração.  
Amargo que eu acho doce,  
Vício de guasca, distante,  
Que não esquece um instante  
O seu amado torrão.

Tenho saudade de tudo  
Que lá tão longe deixei,  
Das coisas lindas que amei  
De tudo o que o pago encerra,

Do grito do quero-quero  
Anunciando o viajante  
E do gemido da fonte,  
Que sai da boca da serra.

Dos campos verdes, amenos,  
Sombreados de capões  
Onde os pássaros canções  
Alegres vão modulando;  
E a gralha o grito estridente  
Solta se passa o campeiro,  
Algum boizito "matreiro"  
Pelo rastro procurando.

Do canto da seriema  
Profundamente magoado  
Que um dia triste, nublado,  
Muitas vezes escutei,  
Do som dolente da gaita,  
Misto de mágoa e alegria,  
De prazer, vida e agonia  
Que bem definir não sei.

Quanta coisa a gente lembra  
E o pensamento vagando  
Imagens mil vai criando  
Do sonho na imensidade;  
Num mundo irreal vivemos  
E a gente então, por instante,  
Vê coisas que estão distantes,  
Com os olhos da saudade.

Pinheiros, taças erguidas

De esmeraldas verdejantes,  
Campinas, canhadas, fontes,  
Vejo sonhando acordado;  
Ipês cobertos de flores,  
Umbus que resistem ao "rudo"  
Sopro do Minuano, tudo  
Que vi e que tenho amado.

Vejo gaúchos que passam  
Ao tranco de seus cavalos,  
Chamo-os, quero abraçá-los,  
Mas a ilusão se desfaz.  
Me lembro então do meu pingo,  
Do meu lombinho, do laço.  
Ah! Patrícios! Eu montado  
No meu cavalo picaço,  
Vos juro, eu era um pedaço  
Do meu Rio Grande do Sul.

O poema segue o padrão tradicional de toda a poesia popular brasileira e latino-americana, desde o século XIX, profundamente marcada pelo romantismo poético. Nessas primícias de Tenebro dos Santos Moura, ecoam A Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, e os Meus Oito Anos, de Casimiro de Abreu, bebidos na velha Seleta em Prosa & Verso. Ali, porém, estão a gralha, o pinheiro, o "bozito "matreiro", marcas serranas que farão dele um caso único na poesia gauchesca.

Mais do que a saudade da "querência", a saudade da mulher amada é que deve ter chamado o poeta de volta ao Rio Grande. Pouco tempo depois, mesmo se lhe apresentando promissora carreira, saiu da Brigada Militar, e casou-se com Maria José de Ávila Machado. Foi ser professor primário em Almirante Tamandaré e Igrejinha, localidades então pertencentes a Carazinho.

Sua esposa morreu aos 24 anos, em 1941, deixando seis filhos pequenos: Elmo, já falecido, Gil, Éster, Rosa e Antônio Álvaro, que morreu exatamente seis meses depois da mãe. Gil, que é representante comercial em Passo Fundo, conta que ele e seus irmãos ficaram sob a guarda dos avós maternos, Álvaro Ávila Machado e Orlandina, mas que Tenebro sempre foi um excelente pai, apesar de ter enviuvado bastante moço.

Tenebro dos Santos Moura continuou, pelo resto da vida, um ativo participante das lutas políticas e sociais. Assim, em 1952, já em Passo Fundo, contribuiu para a fundação do

Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, o primeiro da Região, e foi ampliando sua produção gauchesca.

Funcionário público municipal, trabalhou na Biblioteca Pública de Passo Fundo, o que lhe permitiu ler os melhores poetas da Língua Portuguesa e clássicos universais, consolidando sua formação autodidata. De todos os poetas que leu - e não foram poucos - sempre confessou admiração pelo português Guerra Junqueiro. Quem fizer uma leitura comparada entre o poeta de Os Simples e o de Querência encontrará profundas afinidades entre os mesmos.

Ao longo de sua vida o poeta recebeu múltiplas influências, mas a de Guerra Junqueiro foi a mais marcante. Tenebro não escreveu apenas poemas gauchescos, como vemos no poema Olhos verdes, escrito em 11 de janeiro de 1969. O poema transpira o lirismo lusitano, transparecendo a influência do grande poeta português. O tema é universal, a começar pelo título, mas o poeta imprime o estilo inconfundível da nossa poesia regional e das quadras populares, que lhe eram familiares, tanto pelas leituras quanto pela convivência com a vida campeira.

Olhos verdes

Olho o mar e penso em ti,

A incerteza, o perigo!...

A inconstância das ondas

Tudo o que penso não digo.

No mar a cor dos teus olhos...

E continuo a pensar

Que mora em teus olhos verdes

A inconstância do mar.

Pensando bem não confio

Em ti, mas sou teu amigo.

Sei o que quero dizer,

Mas fico quieto, não digo.

Tenebro dos Santos Moura exerceu suas funções junto ao Gabinete do Prefeito e na Secretaria Municipal de Obras e Viação, sempre se destacando pela probidade administrativa. Contribuiu para a consolidação do atual Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais e para a fundação de uma cooperativa de consumo, que alguns corruptos, cujos nomes estão imortalizados em logradouros públicos, levaram à falência.

O autor de Querência fez parte dos quadros da Academia Passo-Fundense de Letras, onde teve intensa atuação. Dotado de respeitável memória, a maior parte dos poemas que fazem parte do livro, ele os sabia de cor.

Como já expus no prefácio que escrevi para a Segunda edição de Querência, datilografei todos os poemas do livro, sobre originais manuscritos pelo Autor; também lhe emprestei o Vocabulário Sul-Rio-Grandense (Editora Globo, 1964), reunindo contribuições de diversos dicionaristas. Tenebro notou as diferenças entre as mesmas palavras, quando empregadas na Fronteira e na Serra, elaborando uma relação com os termos regionais por ele empregados, que consta ao final do seu livro.

Conhecedor profundo dos homens do campo rio-grandense, Tenebro dos Santos Moura era useiro e vezeiro em salientar as diferenças entre os fronteiriços e os serranos. Essas dissemelhanças foram, posteriormente, comprovadas pelo pesquisador passo-fundense Pedro Ari Verissimo da Fonseca em obras que deveriam constar como leitura obrigatória de todos os candidatos a peão farroupilha, primeira prenda ou padrão de centros de tradições gaúchas. Estão em livros como Formação do Gaúcho (1982), Gaúcho Serrano, Usos e Costumes (1994) e Tropeiros de Mula (2005).

Tenebro dos Santos Moura faleceu em 29 de agosto de 1994, de parada cardíaca, deixando a viúva Maria de Lourdes Moura, com quem era casado em segundas núpcias, e que lhe deu as filhas Maria Cândida, Ângela Maria e Maria Isabel. Morreu praticamente cego, sem deixar de visitar os amigos e participar das reuniões da Academia Passo-Fundense de Letras, conduzido pelas mãos generosas de suas filhas mais novas.

O lirismo literário, tipicamente romântico, foi uma das marcas de sua obra poética. O emprego dos regionalismos lingüísticos (china, teatino, gaudério e pajador), como vemos no poema abaixo é que confere a tonalidade gauchesca dos seus poemas. Tire-se-lhes as expressões regionais e o poeta fica reduzido a um simples imitador dos clássicos do Romantismo. Ao contrário, porém, da maioria dos poetas gauchescos contemporâneos (que são, na verdade, mero cometedores de versos) o vocabulário crioulo encaixa-se espontaneamente nos poemas de Tenebro dos Santos Moura.

Três são os motivos que tornaram Tenebro dos Santos Moura um marco do regionalismo: a sua própria vocação poética, pois como já diziam os romanos: "O poeta nasce; o orador faz-se", o domínio da linguagem regional porque a conheceu no dia-a-dia do meio rural onde nasceu, empregada em seu contexto originário mesmo, e, por último, a vivência no próprio espaço em que o gaúcho serrano autêntico vivia.

Quando Tenebro dos Santos Moura solicitou que eu escrevesse o Prefácio para a Segunda edição de Querência procurei, por todos os modos fugir à insistência do poeta, mas curvei-me à insistência, ante um argumento que, hoje, sem falsa modéstia, me orgulha muito: "O senhor - e eu tinha idade para ser seu neto! - conhece meus versos palavra por palavra, letra por letra..."

Exemplo do que escrevi acima é seu poema Última china que, gravado com nome de outrem por conhecido conjunto passo-fundense, há vários anos, fez muito sucesso.

Última china

Reuniram-se em ti os encantos



Das chinas todas que tive.  
Tua presença revive  
O meu mundo de ilusões,  
Amores, ciúmes, cuidados  
E alguns caprichos tiranos,  
Dissabores, desenganos,  
Prazeres, desilusões.

Mas não quiseste escolher  
Entre o amor e a amizade.  
E a mim não basta bondade,  
Se me palpita o desejo.  
Não quero um gesto de pena  
E nem forçar o destino.  
Prefiro seguir teatino,  
Tão bem solito me vejo.

Este mundo de ternura  
Fica no tempo parado  
E eu vivendo a teu lado  
Como se longe vivesse;  
Constante na indiferença  
Não quiseste meu afago,  
Perdeste tudo que trago,  
Como se nada perdesse.

Serás não sei até quando  
A china do meu desejo,  
Apenas senti teu beijo  
Sem provar o teu amor.  
Mas viverás no meu verso  
Até que a sorte ferina  
Com golpe me corte a sina

De gaudério e pajador.

Repito: Tenebro, como todos os poetas gauchescos autênticos, era um romântico. Mesmo quando cantava a temática terrunha, ou mais precisamente por cantá-la, era um romântico. Isto não o impedia de escrever poemas satíricos, alguns dos quais inéditos. Lembremos um que circulou com o pseudônimo de Zé Povoeiro.

Lacerda - 65

Uns guris em vão tentaram  
Teimando, sem conseguir,  
Pôr no ar uma pandorga  
Que não podia subir.

Mas um dos guris falou,  
O mais esperto e sabido:  
Esta pandorga não sobe,  
O rabo é muito comprido.

Lembrei-me do candidato  
Que o povo mais repudia.  
Entre a pandorga e o Lacerda  
Encontrei analogia.

É por isto que ele grune,  
Rosna, late e fica brabo.  
Não adianta esta pandorga  
Não sobe, tem muito rabo...!

A presença da sátira em sua obra poética é o que torna Tenebro dos Santos Moura um autêntico poeta passo-fundense, pois a sátira é uma característica de muitos dos nossos poetas mais representativos.

A propósito lembro-me de um episódio ocorrido em fins de 1979. O poeta publicou uns versos satirizando a entrevista de um conhecido advogado local, onde assegurava que a água tratada por uma empresa, acusada de poluir o Rio Passo Fundo era limpa, a ponto de servir para tomar banho. Publicou, no Diário da Manhã, uns versos satirizando a entrevista, fazendo um trocadilho entre o sobrenome do bacharel e a qualidade da água. O "doutor" procurou outro causídico para responsabilizar criminalmente o poeta. O contatado, amigo e admirador de Tenebro, após dar belas gargalhadas, conseguiu com

que o colega desistisse da desforra jurídica. Pelo menos foi a história que circulou nos bares e cafés de Passo Fundo, naquela época. Mas esta já é outra história...

---

## Seu Nequinho Curandor

### Tenebro dos Santos Moura

Naquele tempo, para a maioria dos rio-grandenses, era Deus no céu e o Dr. Borges na terra. Deus no céu porque o povo tinha diversão; todos aprendiam que foi Deus que fez esse mundo velho e continua a mandar em tudo. O Dr. Borges na terra porque os cidadãos eram habituados a respeitar autoridades e estavam cansados de saber que o Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros não tinha feito o Rio Grande do Sul, mas era governo em nosso Estado a ..., nem sei quantos anos. Eu era piá e vinha regressando dumas férias em casa de parentes que moravam na boca da Picada da Fortaleza. Quando descia para o Passo Grande reparei que o sol estava só a umas duas braças acima do alto da coxilha. Pensei: vou chegar em casa já de noite. Bati na marca do Rosilho e dali a um pouco estava descendo pelo caminho fundo e barrento do Passo. Meu cavalo foi entrando e foi indo água acima. Só parou no lugar mais fundo. Eu estava descalço. Desestrivei e estiquei as pernas para refrescar os pés na água corrente. Meu cavalo bebeu, bebeu, levantou a cabeça e enxaguou a boca e deu de rédea por si.

Quando surgi de entre os barrancos, do outro lado do arroio, vi, na várzea verde, pastando, encilhado com o freio no pescoço, o lubuno velho do seu Nequinho Curandor. Parei para verificar o que estava acontecendo. Em seguida enxerguei seu Nequinho, logo acima do Passo. Estava saindo de trás das touceiras espinhentas de branquilha que margeavam a restinga. Aproximou-se. Trazia, pindurado na mão, segura pelo meio, uma mala de pano encardido. Verifiquei, depois, que estava topoetada de raízes, cipós, cascas e folhas de plantas medicinais, tudo bem acondicionado em manojos amarrados com fiapos de fibra tirados da casca de imbira. Eu sabia que ele gostava muito que chamassem de Doutor. Cumprimentei lisonjeiro:

- Boa tarde, seu Nequinho.

Respondeu afável:

- Boa tarde, moço. Vai indo pra Vila?

Sem me dar tempo de prosseguir respondeu:

- Bueno, então bamos batendo estrivo, pra bem de encurtar o caminho!

Largou a mala de remédios, junto a uma moita de carqueja, arrancou um galho da planta e mostrou-me, explicando:

- Carqueja, da miudinha, é um santo remédio pra os estâmo, e pros figo é um porrete!

(Do livro inédito Histórias de Galpão, com data de "Passo Fundo, 15 de maio de 1989).

Data : 31/07/2004

Título : Um pacto para Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: ho, como passo-fundense, uma preocupação muito grande pela terra natal, o que me levou a organizar diversas associações de moradores e ser um dos consolidadores do movimento...

Um pacto para Passo Fundo

por Paulo Monteiro (\*)

Tenho, como passo-fundense, uma preocupação muito grande pela terra natal, o que me levou a organizar diversas associações de moradores e ser um dos consolidadores do movimento comunitário em torno da União das Associações de Moradores de Passo fundo- UAMPAF-, da qual fui secretário-geral, presidente e dirigente maior de todos os congressos realizados pela entidade até agora; preocupação essa que me leva a tornar pública a proposta que fiz informalmente a um dos atuais candidatos a prefeito e a seu vice: quem quer que seja o leito precisa firmar um pacto com Passo Fundo.

Os antigos gregos, quando tinham um assunto importante a resolver, reuniam todos os cidadãos na ágora e decidiam o que fazer. Sua democracia era limitada. Por cidadãos entendiam apenas homens livres, com determinado valor mínimo de posses. Estavam excluídos da cidadania os mais pobres, as mulheres, as crianças e quem não fosse natural da cidade-estado.

Os próximos administradores passo-fundenses devem definir um mecanismo capaz de abarcar todos os habitantes, independentemente de qualquer fator que limite a cidadania, estabelecendo um pacto ou contrato social que fixe um projeto de desenvolvimento local.

Passo Fundo não pode continuar sendo administrada de maneira politicamente errada. A definição de uma empresa para a coleta de lixo urbano acabou nas barras dos tribunais, a edificação de umas sento e cinquenta moradias populares deu um escândalo, com pessoas denunciadas pelo Ministério público; a reforma do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras está sob judice e a construção do Ginásio Poliesportivo se arrasta mais que discurso de bêbado. Quase tudo, por aqui, termina em escândalo ou disputa diante do Poder Judiciário.

Passo Fundo tem servido para exportar mão-de-obra para municípios que há poucos anos não passavam de cafundós. Em contrapartida presta-se a depósito de doentes, desovados pela política da “ambulancioterapia”. Como se vê, pela quarta vez consecutiva estamos diante do clássico dilema: Civilização ou Barbárie. Noutras palavras: ou os novos dirigentes municipais estabelecem um pacto, com toda a sociedade, para bem administrar Passo Fundo ou continuaremos sendo casa-da-mãe-joana.

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha

Rotta

31/07/2004

Data : 10/06/2008

Título : Um poeta antitético

Categoria: Artigos

Descrição: Elisomero faz parte de uma espécie poética mais ...

### Um poeta antitético

A publicação do volume intitulado Poesias, de Elisomero da Costa Moura (impresso na Tipografia Sananduva, Sananduva, 2005), e seu lançamento na Academia Passo-Fundense de Letras, constituiu-se num verdadeiro evento literário, pela importância da obra do poeta lagoense.

Elisomero da Costa Moura nasceu em Bento Gonçalves em 15 de junho de 1951. Muito cedo sua família passou a residir em Lagoa Vermelha onde o poeta concluiu os cursos primário, ginásial e técnico em contabilidade. Mudou-se para Porto Alegre, ali trabalhando e realizando curso pré-vestibular. Transferiu-se para Passo Fundo, cursando Direito e Letras, na universidade local.

Durante o período de residência em Passo Fundo integrou o Grupo Literário “Nova Geração”, que reuniu um elevado número de jovens intelectuais da Cidade. Pertenceu ao Rotaract Club de Passo Fundo e à Academia Passo-Fundense de Letras.

Viajante insaciável transferiu-se para o Paraná, lecionando em Curitiba e São José dos Pinhais, exercendo a profissão que iniciara no Colégio Bom Conselho de Passo Fundo.

Residiu no Japão, onde fez especialização para continuar a prática do magistério. De volta ao Brasil, reiniciou suas atividades, falecendo em Curitiba no dia 25 de maio de 1995.

Sua irmã, Izete da Costa Moura, que também integrou o Grupo Literário “Nova Geração”, reuniu parte das poesias de Elisomero no livro que acaba de vir a lume.

Amplio, neste ensaio desprezioso, conceitos que emiti quando, em nome da Academia Passo-Fundense de Letras, designado por seu atual presidente, apresentei o livro à

intelectualidade local e aos amigos do poeta, que se fizeram presentes à solenidade realizada no prédio-sede do sodalício local.

Elisomero faz parte de uma espécie poética mais comum do que possa parecer: os poetas antitéticos. Em língua portuguesa eles são encontrados facilmente, desde os trovadores galaico-portugueses até poetas contemporâneos nossos.

Na verdade parecem ser verdadeiros filhos espirituais de Heráclito, o polêmico filósofo de Éfeso, que teve acmé há 2.500 anos. Lembre-se que polêmica é quase a transcrição do grego pólemos, como se lê em *Filósofos Pré-socráticos – Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega*, de Miguel Spinelli (EDIPUCS, Porto Alegre, 2003), página 376. Num dos fragmentos mais conhecidos de sua obra, Heráclito afirma que “Pólemos [a guerra] é pai de todas as coisas, rei de tudo; a uns, os demonstrou como deuses, a outros, como homens; de uns fez escravos, de outros, livres”, na tradução de Damião Berge, à página 261 de *O Logos Heraclítico – Introdução ao Estudo dos Fragmentos* (INL, Rio de Janeiro, 1969). Ora, a guerra é exatamente uma forma particular, especial, assumida por éris, a luta.

A luta, porém, tanto em Heráclito quanto em outros pré-socráticos, e ao longo mesmo da história do pensamento, só apresenta sentido, do ponto de vista antropológico. Nesse aspecto é meridiana a conclusão de Miguel Spinelli: “O indivíduo, deixado a si mesmo, independente de qualquer relação, isolado, não entra em conflitos, a não ser consigo mesmo. Em qualquer circunstância, é na relação que o conflito se dá. Por ser o filósofo do paradoxo, para Heráclito o conflito é a regra, sendo que a própria Natureza necessita, e muito, de um tal conflito” (Op. Cit., p. 196). É bom que se diga: onde Damião Berge traduz pólemos como guerra, a leitura de Miguel Spinelli é “conflito”.

A essas alturas alguém estará perguntando: “... mas, afinal, o que o Elisomero da Lagoa Vermelha tem a ver com esse tal Heráclito de Éfeso?” E a resposta é simples: “Tudo”. A contradição é a base da obra de nosso poeta. E os poetas antitéticos têm plena consciência disso, ao contrário de outros poetas. Leia-se o poema abaixo, de Elisomero:

## EU... ANTÍTESE

Sou o fruto  
de uma imaginação maior.  
Sou o sonho de um Deus  
numa noite de luar.  
Sou efêmero  
como a partida  
e constante como a volta.  
Sou apenas abstrato  
intocável como a lágrima  
que não sai,

e concreto  
como o sorriso  
que se solta.  
Sou o amante  
do momento  
do pôr-do-sol e do azul.  
Do eterno,  
do luar e do jasmim.  
Sou o pensamento  
de um Deus  
e um poema de sua loucura.  
Sou um silêncio... cantante.

Antonio Medina Rodrigues, num recente estudo sobre os sonetos camonianos, lembra a presença antiga da antítese na literatura de língua portuguesa, chamando a atenção para os abusos ocasionados pelo emprego excessivo dessa técnica, como define o estudioso de Camões. Este “.. não pratica um mero jogo verbal, como vieram a fazer, mais tarde, alguns poetas barrocos. Camões simplesmente exprime as contradições e perplexidades inerentes à própria vida humana. Quer mostrar o homem dividido, sobretudo entre a esfera do ser e a do parecer” (Roteiro de Leitura: Sonetos de Luís Vaz de Camões, págs. 66 e 67, Editora Ática, São Paulo, 1998).

Ora, todos os verdadeiros poetas, máxime os poetas antitéticos, ao contrário dos meros cometedores de versos, só produzem poesia porque conseguem exprimir essas contradições e perplexidades. É exatamente aquela “contradição consigo mesmo” de que fala Miguel Spinelli, o que dá vida à verdadeira poesia. O mais é mero discurso, simples oratória, e não arte poética.

Todos os verdadeiros poetas, máxime os poetas antitéticos, também, são movidos a emoção pura. Volto a Heráclito e ao fragmento 85 na clássica obra de Damião Berge (Ed. Cit., p. 277): “É difícil lutar contra o coração; o que ele quer, compra-se ao preço da psique”. Ora, o grego psychê, de onde psique, significa simplesmente vida. José Cavalcante de Souza, à página 87 de Os Pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários (2ª. Ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978), parece verter o fragmento através do latim: “Lutar contra o coração é difícil; pois o que ele quer compra-se a preço de alma”, pois esta última palavra é originária de ánemos.

Os verdadeiros poetas, máxime os poetas antitéticos, conseguem produzir verdadeira poesia porque têm seu êthos no “coração”. Na transliteração/tradução de Miguel Spinelli (Id., p. 376): êthos, significa “morada, modo de habitar ou viver, índole, costume”, o que aplicado ao fragmento 85 dá no seguinte: “êthos antrôpôi daímon, o êthos humano é o seu daímon”. Lembre-se Damião Berge demonstrar que daímon (demônio), na Grécia de

Heráclito, não envolvia o sentido atual de spiritus malitiosus ou malignus, mas de simples divindade (Id., págs. 194 e 195).

Sendo emoção pura os poemas, máxime os poetas antitéticos, têm pago um preço muito caro, geralmente com a própria psique/ánemos/vida. Muitas vezes morrendo cedo ou, como tantos ao longo da história, através do suicídio. Trata-se de éris/pólemos contra eles mesmos, num processo autodestrutivo.

Em Elisomero Moura essa batalha íntima é claríssima. Sirva de exemplo o poema DE TI:

Fale-me de ti.

Dos jasmims que enfeitaram teus passeios,  
alvos e orvalhados nos teus fartos cabelos,  
e das mãos que, os colheram  
e docemente te ofertaram.

Fale-me de ti.

Dos cantos, das vozes que ouviste,  
do barulho do cascalho na calçada,  
das mãos que te embalaram  
e afastaram as minhas.

Fale-me de ti.

Dos olhos que olhaste, dos rostos  
que retrataste, das cores nos pincéis.  
Do novo aluno que ensinaste o primeiro traço,  
e de outro sorriso que se esboçou na alma.

Fale-me de ti.

Do pôr-do-sol no rio,  
da maçã com gosto de menta,  
de quem te visitou nas tardes de domingo  
e te levou timidamente,  
uma flor campestre.

Fale-me de ti.

Dos poemas feitos;



das frases quentes que te incendiaram as faces  
e te fizeram o coração pulsar descontroladamente  
e tuas mãos tremerem.

Fale-me de ti.

De todo este tempo que não foi nosso  
que foi apenas dor, saudade e desengano.

Essa luta interior travando-se contra si mesmo, é uma violação da dialética universal. Tudo é porque há unidade e luta dos contrários, que se transformam numa nova qualidade. Sirva de exemplo a fecundação do óvulo pelo espermatozóide: o “amador”, de Camões, se transformado na “coisa amada”, que na verdade é um outro ser.

Pode, também, ser “loucura” como nos fala o poeta em “EU... ANTÍTESE”. Essa loucura é, em tantos poetas, ao longo da História, a oposição entre o êthos pessoal e o êthos coletivo, através do amor proibido. Teimo em retornar ao Efésio, no fragmento 123: “A physis tende a ocultar-se”, na tradução de Damião Berge (Ib., p. 123) ou “Natureza ama esconder-se”, conforme José Cavalcante de Souza (Ed. Cit., p. 91).

Poetar é brincar de esconde-esconde com physis/natureza humana e ler poesia ou escrever sobre ela é desfrutar o prazer de acompanhar a brincadeira, nem sempre tão inocente do poeta. E Elisomero Moura é um mestre nessa brincadeira.

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 30/11/2000

Título : Um Poeta de Verdade

Categoria: Resenhas

Descrição: O Brasil é um país de poetas. "A dor ensina a gemer", diz um adágio; "Quem canta, seus males espanta", assegura outro. Talvez, por isso, tantos cantem nesta Pindorama. Na proporção dos cantores...

## Um Poeta de Verdade

Paulo Monteiro

O Brasil é um país de poetas. "A dor ensina a gemer", diz um adágio; "Quem canta, seus males espanta", assegura outro. Talvez, por isso, tantos cantem nesta Pindorama. Na proporção dos cantores existentes, porém, os verdadeiros criadores Literários são poucos. A maior parte é de subliteratos, mesmo.

Floriano Martins, cearense de Fortaleza, onde nasceu em 1957, é um dos bons poetas brasileiros da atualidade. Incursiona, com êxito, ainda pela crítica literária e o ensaio. Poeta culto, tradutor de Frederico Garcia Lorca e Guillermo Cabrera Infante, filia-se a uma das correntes poéticas mais representativas da poesia brasileira contemporânea, o surrealismo. Essa escola já octogenária, mas que tem demonstrado uma capacidade revivente inegável, encontra, entre nós, no poeta de "Nenhuma correnteza inaugura minha sede" um de seus expoentes.

Li, no mesmo vagar com que se deve tomar um bom vinho, o livro "Alma em Chamas" (Letra & Música Comunicação Ltda., Fortaleza, 1998), reunindo poemas escritos entre 1991 e 1998.

A felicidade com que Floriano Martins transita entre o poema em versos e o poema em prosa é meridiana, embora sua obra reflita o espírito da escrita automática, natural do surrealismo. Entretanto, esse fazer poético, que sói soar truncado nos epígonos, escoia e ecoa límpido no poeta cearense. E essa clareza transparece nas passagens em verso ou prosa. Nas primeiras, ao aproximar-se bastante da métrica tradicional, dá uma unidade rítmica aos poemas mantendo uma certa liberdade já consolidada no poema do século XX. Na prosa poética chega-se ao verso verdadeiramente livre, fugindo à aridez de muitos que tentaram esse caminho da arte poética.

Veja-se a estrofe do poeta:

"O homem é a metade de seu canto, a metade  
de seu mundo devorado pela criação,  
linhas e raízes do desejo, pedras negras  
do sonho, o homem e sua metade dissolvida  
dentro das visões dessangradas, seus ecos.  
A outra, blasfema entranha, é a aparição  
de si mesmo, o mito destruído, o horror  
predileto do ser, vida ornada de miséria,  
sonhos macerados, o homem em seu canteiro  
de imagens, secreta morada de cinzas."

É assim que (Ed. cit., p. 37), definindo o homem, o poeta define o próprio poema. "O homem é a metade do seu canto...", a metade do poema. Noutra passagem, agora em prosa sentencia: "O poema é como um lagarto voraz em busca de seu enigma verde. Não canto a ninguém. Dissolvo-me para que me alcance. Morra o homem de solidão, até ser o poeta de si mesmo." (p. 51)

O homem é o próprio lagarto, é um animal muito antigo que somente se conhece através do poema, daquela supra-realidade de que falou alhures Fidelino de Figueiredo.

Uma leitura apressada dos poetas pertencentes à família literária de Floriano Martins pode ser enganosa; pode revelar metade do homem, o lagarto, esquecendo sua voracidade em busca do enigma verde, enigma que pode ocultar-se sob diversas formas. Duas delas estão no exotismo dos nomes orientais (já usado pelos simbolistas) ou na recorrência às mitologias e, mais especificamente, às constantes referências a outros poetas. Neles o lagarto vai saciar-se de verde, o verde/verde vida/ que a vegetação poética põe à disposição do homem para saciar sua fome de supra-realidade, sua ancestral necessidade de céu, estrelas, divindades. Isso se realiza com a morte do homem de solidão e o nascimento do poeta de si mesmo.

Ora, esse supra-realismo (sur+réalisme) surge - até mesmo historicamente - como uma negação da torre de marfim simbolista. O símbolo, extirpada a barriga famélica, é a metade audível do canto. É o corpo, o poema. A saciedade, esta sim, é a poesia. Daí as limitações da (talvez pretensa) cientificidade crítica para entender essa poesia, traduzi-la à linguagem não-literária pode revelar-se impossível. O acertado pode ser reescrevê-la, romper com a escritura crítica tradicional. Quando assim se procede vê-se que Floriano Martins, ao contrário da maioria dos nossos cometedores de versos, consegue unir as duas metades de que ele tanto fala em seus poemas. E em o conseguindo apresenta-se como um verdadeiro poeta, um criador literário pleno, como poucos de sua geração.

Do Jornal

O Nacional

Novembro de 2000

Data : 04/09/1998

Título : Um poeta do Nosso Tempo

Categoria: Resenhas

Descrição: O poeta Reynaldo Valinhoa Alvarez, nascido no Rio de Janeiro em 1931, é um dos autores nacionais mais premiados em concursos literários.

## Um Poeta do Nosso Tempo

O poeta Reynaldo Valinho Alvarez, nascido no Rio de Janeiro em 1931, é um dos autores nacionais mais premiados em concursos literários. Com mais de duas dezenas de obras publicadas, tem seu trabalho reconhecido nacional e internacionalmente. O poema, o romance, o ensaio, por eles transita livremente.

À minha frente alguns de seus livros: O SOLIDÁRIO GESTO DE VIVER (Edições Tempo Brasileiro/INL/MEC, 1980), O SOL NAS ENTRANHAS (Editora Três, 1982), GALOPE DO TEMPO (Edições Tempo Brasileiro, 1997) e CALATRAVA (Editora Moderna, 1983), este com poemas infanto-juvenis. Ater-me-ei aos três primeiros.

O SOLIDÁRIO GESTO DE VIVER é, na verdade, um poema, com trinta e uma estrofes de vinte e um versos cada. Ligam-se entre si através do leixa-pren, processo usado pelos repentistas gaúchos na chamada trova de sextilha. Aliás, o que sempre chamou a atenção nesse poema é o uso de vocabulário gauchesco. Não se trata de obra regionalista.

Reynaldo Valinho Alvarez, essencialmente, um poeta urbano; um poeta do Rio de Janeiro. E nesse livro não foge à regra. A Campanha é apenas o elemento antigo – uma espécie de sociedade natural - que confrontado com a sociedade urbana contemporânea mostra que muitos dos problemas atuais do homem são quase ou tão melhores quanto o próprio homem.

O poema - pois cada estrofe é também um poema independente que dá título ao livro (p. 57) ligado ao interior (p. 55) e ao posterior (p. 59). Exemplifica a universalidade, no tempo e no espaço, dos problemas humanos.

O SOL NAS ENTRANHAS, com versos livres, versículos a Whitman e muitos poemas de Lorca, é um livro típico dos anos setenta e oitenta. Gíria, marcas comerciais, referências a sucessos musicais e memória do autor, acabam dotando e localizando poemas. A temática urbana está em todos os versos, impregnados de um caráter "social" como se dizia à época. É um exemplo marcante da poesia daquele período.

GALOPE DO TEMPO, com poemas metrificados, a maioria sonetos, mostra o virtuosismo formal do Autor. O soneto de abertura (p. 13) apresenta um estrambote, é todo em rimas paralelas, como tantos poemas do livro. Dísticos soltos, são na verdade poemas independentes. O uso de nomes tirados à Mitologia e a Arte dão uma tonalidade clássico-parnasiana às peças reunidas.

O que há, porém, de comum nessa amostra poética de Reynaldo Valinho Alvarez a preocupação com a vida humana. O tempo, que entra no título da última obra, é o movimento no espaço. Deste, o homem é elemento essencial. É como se o poeta, humano, desesperadamente humano, gritasse a plenos pulmões: "Tempo e espaço existem porque o homem existe!"

Lírica e épica, na poética do autor de GALOPE DO TEMPO existem como os críticos têm salientado, mas o que dá consistência, noutras palavras, o que forma uma obra, é a procura do conhecimento do que de imorredouro (transcendente) no homem. E em

filosofia tem um nome: Humanismo. Estudiosos têm ligado Reynaldo a Augusto dos Anjos, mas ele está muito mais perto de Antero de Quental, pela preocupação com o destino do homem. E isso faz de Reinaldo Valinho Alvarez um dos poetas brasileiros mais identificados com os grandes dramas do ser humano. E um dos poetas mais representativos de nosso tempo.

Do Jornal  
O Cidadão  
04/09/1998

Data : 23/05/1997

Título : Um poeta filosófico

Categoria: Resenhas

Descrição: Roque Spencer Maciel de Barros é mais conhecido como estudiosos de filosofia.

Um poeta filosófico

por Paulo Monteiro

Roque Spencer Maciel de Barros é mais conhecido como estudiosos de filosofia. Poeta bissexto, somente agora, aos setenta anos, reúne em volume seus poemas, alguns já cinquentenários. Deve-se a T.A. QUEIROZ, EDITOR, LTDA., de São Paulo, a publicidade das composições poéticas num volume intitulado POEMAS.

Confesso, de início, ter um gosto especial pela poesia filosófica. Percorrer versos á caça de ideias é uma aventura gratificante, para mim. Assim, foi com grande prazer que li POEMAS, com um ilustrativo Prefácio de Geraldo Rodrigues.

A chave para entrar na poesia de Roque Spencer Maciel de Barros é “Arte Poética”. Está nos dois primeiros versos desse soneto: “Faço jogos verbais pelo prazer da construção gratuita das ideias”. Não é uma explicação apenas para a sua própria poesia, mas para toda a poesia filosófica. Esta é um jogo de palavras, onde as ideias são construções do movimento das palavras.

Imaginemos um tabuleiro. Há peças (de xadrez ou damas); são as palavras. E o movimento dessas peças (isto é, as jogadas) o que dá prazer ao jogador (poeta). Não há

emoções, mas raciocínio puro. O prazer surge como uma consequência das jogadas, “da construção gratuita das ideias”.

Quando Roque Spencer Maciel de Barros fala em tempo, flor, quartos, areias, ciprestes, como podemos ver na série “Poemas sobre o tempo”, ele não fala do tempo-tempo, da flor-flor, mas do tempo-palavra, da flor-palavra... e assim por diante. O que lhe interessa, como poeta filosófico, ou seria filósofo escrevendo sob forma versificada? É a ideias das coisas, as coisas como representações (palavras) e não o sentimento que elas possam despertar.

É exatamente essa deslocção do sentimento, do “prazer” que torna a poesia filosófica de difícil aceitação. Seus autores acabam esquecidos pela História Literária. Lembra-se, ainda hoje, o Bilac da Via Láctea em detrimento do autor de tarde. Mas a característica há pouco salienta é o que me dá gosto na leitura dos poetas filosóficos, ao acompanhar-lhes (caçar-lhes) os passos e surpreendê-los no êxtase da ideia-vida.

Roque Spencer Maciel de Barros é um simbolista e não há nada depreciativo nisso, joga habilmente com a antítese. E o uso de outros recursos comuns aquela corrente literária que exerceu um papel importante na formação da moderna poesia brasileira, contribui para dar cores mais suaves a seus poemas filosóficos.

O Cidadão

23/05/97

Data : 19/02/1998

Título : UM POETA MAIOR

Categoria: Resenhas

Descrição: O poeta goiano Gabriel Nascente envia-me três de seus livros mais recentes: GOIÁS, MEIO SÉCULO DE POESIA...

UM POETA MAIOR

O poeta goiano Gabriel Nascente envia-me três de seus livros mais recentes: GOIÁS, MEIO SÉCULO DE POESIA, reunindo mais de uma centena de poetas que vivem ou viveram naquele Estado, e seus livros próprios SANDÁLIAS DE PEDRA e OS AVENTAIS DA PÚRPURA.

A antologia é representativa da boa poesia produzida em solo goiano, tanto por poetas nativos quanto adotivos. Mostra suficientemente a variedade de estilos e a riqueza de sentimentos dos poetas daquela região.

SANDÁLIAS DE PEDRA é na verdade um poema sem métrica, mas com versos curtos e sistema estrófico que gira entre dísticos tercetos brancos, estrofes que, salvo as duas últimas, se iniciam com o pronome "Se". Esse esquema repetitivo torna o livro monótono.

Essa monotonia destoa completamente de OS AVENTAIS DA PÚRPURA, livro muitíssimo mais rico, não apenas formalmente, mas também do ponto de vista poético propriamente dito. Ali Gabriel Nascente se revela um poeta inteiro e atual.

A inteireza poética do vate goiano se revela na variedade temática e na riqueza rítmica, através do uso de aliterações e assonâncias e de outros recursos estilísticos com rara naturalidade, que somente os verdadeiros artistas do verso podem vezar; a contemporaneidade de temas comuns aos poetas de nosso tempo, no emprego de recursos formais e de conteúdo generalizados nos dias de hoje.

O formalismo contemporâneo, da poesia que privilegia a visão em detrimento dos demais sentidos, é contrabalançado pela ligação do poeta à Instauração Práxis. Com isso, aproveita conquistas formais de vanguardas epós-vanguardas sem ficar preso à camisa de força dos poemas estrita ou claramente visuais.

Essa sabedoria que, para os poetas verdadeiros é sensibilidade, faz com que Gabriel Nascente consiga produzir poemas sociais sem as limitações esterilizadoras do panfletismo tão comum entre os poetas de sua geração, crescidos sob cotunos e regados por baionetas. Se isso não bastasse, o caminho escolhido pelo vate goiano contribui para que seus poemas líricos sejam muitos superiores aos dos poetas-passarinhos, pintagóis (estéreis) da poesia.

SANDÁLIAS DE PEDRA é um ensaio que não deu certo. O poema longo não cresce na seara poética de Gabriel Nascente. OS AVENTAIS DA PÚRPURA, com a variedade de sons, cores, sabores, sons e elementos táteis, apresentam um poeta maior, cujo lugar no Concurso Literário Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos -1977 -, apenas confirma as qualidades superiores desse livro de poemas.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, de 13 a 19 de fevereiro de 1998

Data : 30/04/2002

Título : Um prédio fantasma

Categoria: Artigos

Descrição: Coral, declamações, discursos, placas... Tudo isso aconteceu no entardecer de 7 de abril, marcando a inauguração da fachada do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras.

### Um prédio fantasma

Coral, declamações, discursos, placas... Tudo isso aconteceu no entardecer de 7 de abril, marcando a inauguração da fachada do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras.

Corre, à boca pequena, que os organizadores esperavam um candidato a Presidência da República e uma possível candidata ao Governo do Estado, que estavam na região...

Talvez por isso, a solenidade atrasou, para desconforto das pessoas que procuravam abrigar-se do sol sob as árvores da avenida Brasil.

Nem um, nem outra, e muito menos o prefeito e o vice-prefeito, estiveram presentes à solenidade.

Na porta mais alta do Rio Grande do Sul, que levou meses para ser recuperada, ficaram faltando alguns detalhes, que os peritos não viram...

Do terceiro pavimento, que foi destinado para sede da Academia Passo-Fundense de Letras, uma boa parte não poderá ser utilizada pela Academia, pois foi sacrificada em benefício do segundo pavimento, que será ocupado pela Prefeitura.

Vejamos: entre o local-destinado para auditório e o espaço disponível para sede da Academia, existe um fosso de luz, permitindo passagem à luminosidade através de telhas transparentes. Além disso, há desperdício de área, onde o piso do terceiro pavimento poderia dar continuidade, sobrando mais espaço para a Academia, mas permitindo a passagem de luz para o segundo pavimento.

Todo esse cuidado com a luminosidade para ospavimentos ocupados pela Prefeitura, acabou tirando espaço da Academia, prejudicando o uso para aquela sexagenária instituição cultural passo-fundense que, teoricamente, teria que ser a maior beneficiada com a reforma.

E, tem mais: as aberturas de alumínio são de qualidade duvidosa pois, segundo informações recebidas, fecham - quando fecham - com muita dificuldade. No auditório não foram colocadas grades nas janelas, o que pode provocar acidentes, em caso de crianças frequentando aquele local.

Pior ainda, o auditório não dispõe de saída de emergência. Tem apenas uma única porta, para entrada e saída.

Os deficientes físicos somente poderão ter acesso ao local "guinchados", pois não dispõe de rampa especial, conforme parece que existe determinação nesse sentido.



Ao que se sabe, a reforma do prédio da Academia é fruto de um acordo entre a mesma e a Prefeitura Municipal, no qual o poder público se compromete a reformar o prédio e a Academia, em contrapartida, cede dois andares para a Biblioteca Pública Municipal.

A reportagem do Jornal Rotta procurou, por diversas vezes, o presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Irineu Gehlen, para que se manifestasse sobre o assunto, mas não conseguiu contato com ele. Alegando outros compromissos não falou com nossa reportagem.

Visto que existe um processo judicial, patrocinado pela Defesa Comunitária, para que a sede da Academia Passo-fundense de Letras fosse recuperada, em nossa próxima edição, deveremos ouvir o Dr. Paulo Cirne sobre o assunto e tentar, novamente, falar com o presidente da Academia Passo-fundense de Letras.

Do Jornal

Rotta

Abril de 2002

Data : 25/12/2014

Título : UM PRESENTE DE NATAL PARA ENRIQUECER QUALQUER BIBLIOTECA

Categoria: Resenhas

Descrição: Começo a agradecer os presentes de Natal por minha filha Rozalia Natália Monteiro.

Começo a agradecer os presentes de Natal por minha filha Rozalia Natália Monteiro. Trouxe-me dois livros com o selo da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina: "DATAS HISTÓRICAS DE SANTA CATARINA - 1500-2000", de Jali Meirinho, em segunda edição, revisada e atualizada, e "CONTOS GAUCHESCOS - folclore regional", de Simões Lopes Neto. Atenho-me sobre esta edição, organizada com estabelecimento de texto pelo professor Claudio Celso Alano da Cruz, que veio enriquecer minha simoneana.

A edição, de 1912, comemora o centenário da publicação da obra máxima do maior regionalista brasileiro. De início, Claudio Celso pretendia dar a lume uma reimpressão fac-similar do livro, que mereceu três edições críticas. A primeira, de 1949, de Aurélio Buarque de Holanda; a segunda, de 1988, de Lígia Chiappini, e a terceira, de 2006, graças aos esforços de Aldyr Schlee. Coincido com o organizador desta edição catarinense nas análises das edições críticas.

De fato, é fundamental um restabelecimento do texto, inclusive quanto à disposição tipográfica do texto. Nesse aspecto, a edição que acabo de ganhar passa a ser de leitura obrigatória por tantos quantos apreciem essa obra-prima do regionalismo brasileiro, que serviu de inspiração para outro clássico: "GRANDE SERTÃO: VEREDAS", de Guimarães Rosa.

Data : 15/12/1999

Título : Um romance anti-regionalista

Categoria: Resenhas

Descrição: Juremir Machado da Silva é um intelectual que escreve romances, usando a temática regional.

### Um romance anti-regionalista

Juremir Machado da Silva é um intelectual que escreve romances, usando a temática regional. Nesse aspecto, segue uma tradição iniciada por Calde e Fião, em 1847, com A Divina Pastora, primeira obra de ficção a explorar o ambiente gaúcho.

Jornalista, autor de livros de ensaio e romances, Juremir acaba de lançar Fronteiras, pela Editora Sulina, terceiro volume de uma trilogia iniciada em 1995 com Cai a Noite Sobre Palomas e continuada em 1997 com Viagem ao Extremo Sul da Solidão, todos sob o selo daquela tradicional editora porto-alegrense. O autor, que nasceu em Santana do Livramento, em 1962, estudou e trabalhou no exterior, sendo, atualmente, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ao leitor de orelhas, resenhas ou releases Fronteiras aparecerá como um romance gauchesco. Nada mas ilusório. A gauchesca – em prosa ou verso - é tipicamente regionalista, onde os aspectos lingüísticos e culturais são basilares. Em Juremir Machado da Silva - falo de Fronteiras, apenas – esses elementos são incidentais. A linguagem e a cultura gauchescas servem apenas para ambientar o enredo, para dar-lhe substância.

Ambientado em Palomas, lugarejo no interior de Santana do Livramento, limites com o Uruguai, Fronteiras gira em torno de duas personagens: languito, nascido por volta de 1960 e Benito Rivera, El Brujo, uruguaio, que passa pela localidade em 1909 e acaba fazendo parte dos soldados orientais que acompanham Apparício Saraiva, na Revolução de 1923.

Janguito é o gaúcho do final deste século e Benito a memória da última grande revolução gaúcha. Não é a toa que acaba sendo reconhecido como o campeiro à procura da tropa perdida, encontrado pelo menino-tropeiro nos caminhos da Campanha. Um é o novo, o gaúcho real de nossos dias, que acaba internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro, vítima de uma doença incurável; outro é o velho, o gaúcho mítico que continua buscando a tropa perdida pelos caminhos do Pampa. Este é o degolador chimango; aquele é o alcagüete dos guerrilheiros dos anos de chumbo. Ambos representam a alienação de um regionalismo histórico.

São em torno desses dois eixos que giram as demais personagens carreando a trama inteira. O ambiente é formado pela Vila de Palomas, a estância de Felisberto Cardoso e propriedades menores como a de Carlito, dos Taveira - onde, sob a fachada de um hospício, instala-se um aparelho guerrilheiro -, a escola e as estradas da Campanha.

A maior parte dos acontecimentos se passa entre a Revolução de 23 e a luta contra a ditadura militar (1969/ 1973), sempre girando em torno daquelas duas personagens centrais.

Há toda uma realidade histórico-social que torna a atmosfera carregada, como os acontecimentos envolvendo o esquiteamento do médico Agassis, que nos fazem lembrar Tiradentes, os presos queimados em sete fogueiras armadas pelo delegado Milton Flores, o incêndio de oito casebres e o esbirro enlouquecido, correndo campo a fora como um cavalo. Estes fatos são a forma daquela atmosfera que nada mais é do que o conservadorismo cultural, ainda pior do que aquele engendrado pelas relações sociais de produção retrógradas.

Esse tipo de conservadorismo só pode ser expressado literariamente sob a forma de absurdo. Cervantes e seu Dom Quixote que o digam. Daí o ridículo, o grotesco, o irreal que aparece em Fronteiras. E isso é a negação do regionalismo literário.

Apenas uma expressão – ou tentativa de expressão literária – do atraso poderia justificar o tipo de relação homem-mulher que se apresenta no romance. E naturalismo puro. De todas as mulheres, apenas Marialva, a esposa de estancieiro Felisberto Cardoso, mantém plena fidelidade ao marido. Pelas demais, solteiras ou casadas, não se deve por a mão no fogo. Terra de cornos\*\*, na definição do delegado Flores, Palomas nunca foi além disso. Até mesmo nesse aspecto se apresenta o grotesco do provincianismo.

Se não fosse o excesso de tinta usado para retratar as personagens e o ambiente de Palomas, Fronteiras seria o romance típico de uma época. Ficará, entretanto, como uma das obras representativas da produção romanesca no Rio Grande do Sul deste final de milênio.

Do Jornal

O Cidadão

15/12/1999

Data : 30/04/1996

Título : Um romance quarentão

Categoria: Resenhas

Descrição: Em 1956 era publicada a primeira edição de VILA DOS CONFINS, Mário Palmério, então prestigioso deputado federal do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB de Minas Gerais).

Um romance quarentão

por Paulo Monteiro

Em 1956 era publicada a primeira edição de VILA DOS CONFINS, Mário Palmério, então prestigioso deputado federal do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB de Minas Gerais).

Ao contrário da maioria dos escritores, Mário Palmério estreou na vida literária já maduro, aos 40 anos. Político, escreve um romance sobre a política, ou melhor, sobre a arte da política no Brasil. É uma obra, desde o início, considerada dentre as mais representativas já produzidas por um ficcionista brasileiro.

Quando VILA DOS CONFINS foi publicado a literatura brasileira vivia uma fase interessantíssima. Passado o furacão modernista, esgotado o ciclo do romance nordestino, esvaziando-se o panfletismo do realismo socialista, os romancistas nacionais procuravam abrir novos caminhos. Muitos se perderam.

É nessa encruzilhada histórica que aparece Mário Palmério. VILA DOS CONFINS. Gerais. A região havia inspirado regionalistas clássicos, como Afonso Arinos, de Pelo Sertão, e Hugo de Carvalho Ramos, de Tropas e Boiadas. Ambos, porém, foram formados sob o realismo. Tinha o estilo dos burgueses parisienses.

Agora, os tempos eram outros. O Modernismo quebrara o bom comportamento, o novo romance regionalista usava todos os meios populares de expressão e o realismo crítico ultrapassara todos os meios populares de expressão e o realismo crítico ultrapassara todos os estreitos limites do cientificismo naturalista. Historicamente, estavam dadas todas as condições para o surgimento do grande romance brasileiro. Faltava o artista que o produzisse.

Pouco escritores chegaram a produzi-lo: Antonio Callado, Lygia Fagundes Telles, Érico Veríssimo e Mário Palmério. Este, exatamente há 40 anos, publicaria o romance mais representativo da arte da política brasileira: VILA DOS CONFINS.

O reconhecimento do livro veio imediatamente. Passagens do romance foram imediatamente inseridas nas antologias literárias e se tornaram clássicas, no sentido real

do termo. Incluídas em livros de ensino da língua portuguesa foram lidas e analisadas nas classes. A pescaria do surubim (Cap. 4), a caçada da onça (Cap. 10), o boi devorado pela sucuri (Cap. 11) e o urubu roceiro (Cap.21) acabaram conhecidos do grande público, contribuindo para a popularidade da obra.

Essas passagens, porém, apresentam a plasticidade do meio natural e a coragem do homem para enfrentar e dominar a natureza. A bela descrição do Sertão dos Confins, que abre o romance, é um dos mais expressivos textos de nossa língua. E é sintomático do estilo de Mário Palmério. Orações curtas, evocativas. Êxtase puro. O Sertão dos Confins é a superação d'Os Sertões de Euclides da Cunha porque é a humanização da natureza. "O Sertão dos Confins é magro de boas terras", mas "farturão de caatinga possui o Sertão dos Confins". É a superação do naturalismo e do cientificismo.

Além das orações curtas, da plasticidade, ocorre a convivência entre os termos regionais, as palavras eruditas e os brasileirismos urbanos. É um romance escrito na e com a língua de todo o povo.

Xixi Priá, o mascate, Aurélio, o tropeiro, Jorge Turco, o comerciante oriental, João Soares, homem simples, mas inteligentíssimo, Neca Lourenço, tropeiro e fazendeiro espertíssimo, Chico Belo, o coronel clássico, Filipão, o jagunço, Maria da Penha, a insaciável, Pe. Sommer, meio santo, meio herói, o deputado Clodovil Azambuja e o secretário de estado Carvalho de Menezes, típicos políticos aproveitadores, e Paulo Santos, o deputado comprometido com seus amigos e capaz de simular um atentado contra si próprio para evitar que eles fossem derrotados, não são meras figuras de Minas e dos Gerais Universalizados por Mário Palmério transcendem o tempo e o espaço onde se movimentam.

Ao escrever e publicar VILA DOS CONFINS, seu autor exercia o mandato de representante do povo mineiro na Câmara dos Deputados. Usou sua experiência pessoal e sua memória com o fim de criar tipos. Como Ramiro Barcellos, que da realizada conhecida retirou Antônio Chimango, Mário Palmério recolheu Paulo Santos e tantas outras figuras.

Já se disse que esse livro do romancista de Monte Carmelo é o grande romance da política brasileira. Discordo. É o grande romance da arte da política nacional. Seus valores formais são significativos, pelo estilo, pela carpintaria do texto, de tal sorte que sob a aparente simplicidade há um mundo de figuras de tropos. Esteticamente é um grande livro, pela criação de tipos, a superação das correntes literárias, a ultrapassagem das barreiras vivenciais do Autor e pelas muitas soluções plásticas. Exemplo? A devoração do boi caolho pela sucuri, intercalada á narração da atração de Paulo Santos (cego de desejo) por Maria da Penha (ardilosa como uma cobra).

São soluções formais e essenciais que fazem de VILA DOS CONFINS uma das obras-primas da literatura brasileira e de Mário Palmério um dos mais representativos artistas da prosa em nossa língua.

O Cidadão

30/04/96

Data : 11/04/2009

Título : Um sonho sonhado junto continua e desperta admiração

Categoria: Discursos

Descrição: Água da Fonte é um sonho sonhado junto.

Vereador Diógenes Baségio, presidente da Câmara Municipal;

Senhor Décio Ramos de Lima, chefe do Gabinete e representante do prefeito municipal, em cujas pessoas saúdo os demais integrantes da mesa diretora dos trabalhos;

Pintora Klênia Sanches, autora da capa do nº. 6 da Água da Fonte, e

padre Paulo Augusto Farina, entrevistado desta edição da revista;

Senhores acadêmicos e senhoras acadêmicas;

Senhores e senhoras convidados;

Quem deveria falar em nome da Academia Passo-Fundense de Letras nesta noite, aqui não pode estar presente. Problemas de saúde em pessoa de sua família impediram nosso confrade Marco Antônio Damian de comparecer a esta sessão solene e fazer-se órgão desta Academia. Apenas ontem, à tarde, comunicou-me do impedimento.

Entre exigir esforço de algum de nossos muitos confrades em produzirem um pronunciamento de última hora e assumir essa responsabilidade, optei pela segunda alternativa. É um ônus de quem sempre quis presidir esta casa e o conseguiu, com a graça de Deus e o apoio dos seus pares.

Quando, na noite de 7 de abril de 1938, um punhado de idealistas liderados pelo italiano Sante Uberto Barbieri decidiu fundar esta casa, é possível que nem imaginassem a importância da iniciativa. Modestos, em vez academia, optaram por criar o Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Inseriam-se num programa político no qual a nacionalização do ensino e a divulgação da língua e da literatura nacionais exerciam um papel preponderante. O mundo dilacerava-

se, pois nações que chegaram tarde à divisão imperialista dos mercados e fontes de matérias primas pretendiam conquistar espaços à força, através do nazi-fascismo.

No Brasil, não tínhamos unidade lingüística, ainda. Aqui mesmo, em Passo Fundo, proliferavam escolas em dialetos trazidos por imigrantes mais ou menos recentes. Brasileiros de nascimento, mas não falando a língua do país, faziam questão de dizerem-se nacionais das pátrias de seus pais, avós e bisavós. A Academia Passo-Fundense de Letras surge nesse meio histórico. E se consolida, ao contrário de outras iniciativas congêneres que não prosperaram. E os fracassos superaram os êxitos.

A criação daquele pugilo de idealistas consolidou-se porque Passo Fundo já apresentava um passado de iniciativas culturais exitosas, desde o Clube Amor à Instrução, na década de 1880, e sua biblioteca reunindo mais de mil volumes, à disposição dos passo-fundenses, passando pelas diversas iniciativas de cunho teatral, pelos jornais – e aqui há de se destacar nossos dois diários circulando, ininterruptamente, até hoje.

Devemos lembrar a verdadeira revolução na educação vivida por Passo Fundo, entre 1920 e 1930, sob a liderança de Nicolau de Araújo Vergueiro, tão bem historiada por nossos confrades Welci Nascimento e Santina Rodrigues Dal Paz no livro “Vultos da História de Passo Fundo”, que, ampliado, sairá em segunda edição nos próximos meses.

O então vastíssimo município de Passo Fundo que, no ano de 1921 dispunha de apenas 7 escolas com uma freqüência de 161 alunos, salta, em 1929, para 159 escolas e 8.029 alunos. Repito: uma verdadeira revolução educacional. Era a colocação em prática do pensamento de August Comte, da construção de um nível superior de vida e de ascensão ao estado positivo através da educação, pensamento que perpassa o trabalhismo gaúcho, herdeiro histórico do positivismo castilhistas.

Essas 159 escolas, com seus 8.029 alunos, exigiam professores qualificados. Por isso e para isso, no dia 3 de abril de 1929, aqui mesmo, a sede do Clube Pinheiro Machado, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, inaugurava-se a Escola Complementar, destinada à formação de normalistas. Representou um grande avanço em termos de qualidade para a educação passo-fundense. A partir daí, novas exigências foram surgindo, culminado com a criação de cursos superiores na área da educação.

A pequenina Escola Complementar transformou-se na Escola Norma Oswaldo Cruz, hoje Curso de Magistério da Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, a maior escola pública do município e da região.

A Academia Passo-Fundense de Letras sente-se honrada em lembrar os 80 anos da Escola Complementar e da EENAV. Aqui temos ex-alunos do Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, como este orador e tantos outros, e diversos ex-professores. Neste prédio iniciou a formação de professores e, anos depois, o movimento para a criação da Universidade de Passo Fundo, culminando com dezenas de cursos superiores – inclusive de doutorado. Somos orgulhosos dessa contribuição. Por isso, professora Mônica Hoffmann, é que nos reunimos. Aceite nossos agradecimentos e nossas felicitações e os retransmita aos demais integrantes da comunidade escolar eenavista.

Comemoramos, hoje, o Dia Municipal do Escritor, instituído pela Le 3.764, de 2001, de autoria do então vereador Edson Nunes, membro da Academia Rio-Grandense de Medicina Veterinária. A Lei, instituindo a data de fundação da Academia Passo-Fundense

de Letras como ponto de referência, comemoração e lembrança dos escritores da Capital Nacional da Literatura é um reconhecimento, público e oficial, deste sodalício.

Esta casa reuniu, reúne e continuará reunindo poetas, romancistas, contistas, cronistas, historiadores e todo o gênero de homens e mulheres dedicados à produção literária.

Desde seus primeiros dias, através de programas radiofônicos, colunas em jornais, publicações de livros e periódicos, a Academia Passo-Fundense de Letras é um campo fértil onde vicejam as letras locais, fertilidade que tem mais uma prova nesta noite, com o lançamento da edição nº. 6 da revista Água da Fonte, que desde o número zero, em dezembro de 2003 divulga autores, não apenas integrantes do sodalício.

Água da Fonte é um sonho sonhado junto. É um sonho de nosso confrade Gilberto Cunha, compartilhado com todos, desde o título, desde o formato, desde a capa, conforme registrado nos anais da academia. E porque foi um sonho sonhado junto concretizou-se, continuou e desperta a admiração, inclusive de consagrados escritores, como eu meso testemunhei junto a integrantes da Academia Brasileira de Letras.

A capa de Água da Fonte, sempre entregue a artista plástico passo-fundense, é uma demonstração do respeito, do reconhecimento e da consideração que os imortais de Passo Fundo têm pelas demais formas de arte. Respeito, reconhecimento e consideração pelas demais formas de arte é o que comprovamos, nesta noite, com a abertura da exposição da pintora Nil Marques, mineira que escolheu Passo Fundo para viver e trabalhar com seus filhos, a exemplo de tantos passo-fundenses adotivos que transformaram nossa terra em sua terra.

Esperamos que a exposição de Nil Marques sirva de exemplo de que os artistas são convergentes e não concorrentes como, nesta academia, demonstramos com iniciativas práticas.

Muito obrigado!

(Discurso pronunciado pelo acadêmico Paulo Monteiro, presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, na sessão solene do sodalício realizada no dia 7 de abril de 2009)

Data : 17/02/1999

Título : UM TAPEJARA DOS CAMPOS GERAIS

Categoria: Resenhas

Descrição: Sempre me senti atraído por livros de memórias e biografias. Encontrá-los bem escritos é difícil.



## UM TAPEJARA DOS CAMPOS GERAIS

Sempre me senti atraído por livros de memórias e biografias. Encontrá-los bem escritos é difícil. Uns pecam pela seleção tendenciosa - muitas vezes visivelmente, outros pelo excesso de informações documentais. São as limitações maiores.

Eno Theodoro Wanke em ADELMAR TAVARES - UM TROVADOR AO LUAR (1977) e, agora, em FARIS MICHAELE, O TAPEJARA (Edições Plaquete, Rio de Janeiro, RJ) se revela um biógrafo de raro talento. Sem descuidar dos elementos informativos, realça os aspectos humanos dos biografados. Falo humanos referindo-me não apenas às relações sociais -inclusive de família - estabelecidas pelos personagens históricos, mas também à própria obra literária ou de pensamento.

Não há nele a densidade literária - quase escrevi estilística - de um Antônio Carlos Villaça, por exemplo. Seu estilo é mais suave, quase jornalístico. Nem por isso de menor valor. Se o estilo é o homem, o estilo de Eno Theodoro Wanke tem o traço firme, objetivo, das obras de engenharia destinadas à durabilidade. Viajante incansável, deve ter aprendido mais na observação dos grandes monumentos do que nos manuais de Engenharia.

Bom, eis, em traços rápidos, o que penso do biógrafo. Vamos a seu mais recente livro.

Faris Michaelle, professor, advogado, jornalista, poeta, filósofo, sociólogo e várias outras qualificações que se lhe saliente, nasceu em Mococa, São Paulo, no dia 3 de setembro de 1911, mas somente foi registrado em Ponta Grossa, Paraná, como ali tendo nascido. Viveu a maior parte de sua existência na Princesa dos Campos, onde faleceu no dia 21 de maio de 1977, de uma hemorragia cerebral. Faris, dentro da concepção gramsciana, foi um intelectual conservador "cujo tipo é fornecido pelo literato, pelo filósofo e o artista" (Gramsci, OS INTELLECTUAIS E A ORGANIZAÇÃO DA CULTURA, Círculo do Livro, São Paulo, s/d). Era também, seguindo o filósofo italiano, um dos intelectuais do tipo rural (Op. cit., p.13).

As raízes camponesas de Faris Michaelle ficam claras pela tradição rural de seus ancestrais libaneses e pelo seu apego à vida na província, como salienta Eno Theodoro Wanke. Já a mediação política de que falava Antonio Gramsci está presente na prática do Centro Cultural Euclides da Cunha, do qual foi o principal articulador. Do Centro sempre fizeram parte políticos locais (vereadores, prefeitos, deputados e, pelo menos, um senador). Estes patrocinavam um mecenato oficial indispensável à manutenção da Entidade.

Intelectual tradicional, Faris Michaelle, apesar de dominar várias línguas e corresponder-se com intelectuais de diversos países, foi um poeta conservador. A presença marcante de sonetos em sua obra é uma confirmação disso.

Os intelectuais tradicionais, ainda que considerados historicamente ultrapassados por Gramsci, podem representar avanço cultural em muitas regiões. Faris é um exemplo dessa assertiva. A seu redor reuniu um grupo pensante, responsável pelo desenvolvimento de um bom jornalismo, a divulgação de idéias mais esclarecedoras,

especialmente através de TAPEJARA (1950/1976) e a introdução do ensino superior na Região.

Como pensador, Faris Michaele questionou, com muita razão, intelectuais como Artur Ramos e Gilberto Freyre mostrando as limitações daqueles que supervalorizam a importância africana em nossa formação histórica e cultural. Esta é, seguramente, a grande contribuição de sua inteligência, transcendendo os limites da província onde escolheu viver. Nesse aspecto, a própria Universidade que ajudou a criar poderia contribuir para a divulgação de sua obra.

A biografia de homens como Faris Michaele, especialmente quando bem escrita, é importante para o estudioso da cultura. Eno Theodoro Wanke demonstra o quanto um intelectual pode fazer por uma região. Seu livro prova que a lucidez não é privilégio de uma determinada região.

Do Jornal

Rotta

17/02/1999

Data : 29/04/1999

Título : Um trovador maior

Categoria: Resenhas

Descrição: Há mais de quarenta anos um movimento literário organizado em torno da trova arregimenta um número incontável de poetas, que cultivam o pequeno poema setessílabo.

Um trovador maior

Há mais de quarenta anos um movimento literário organizado em torno da trova arregimenta um número incontável de poetas, que cultivam o pequeno poema setessílabo. Seguidamente recebo livros desses autores, visto minhas ligações, de há tempos, com algumas de suas entidades representativas.

Tive a oportunidade de ler um desses livros, Diálogos Trovadorescos, de Onildo de Campos, poeta baiano, nascido em Cachoeira, no dia 21 de abril de 1924, e residente, há vários anos, no Rio de Janeiro, onde foi um dos fundadores da Academia Brasileira de

Trova (1960), da qual é o atual presidente. Filho, sobrinho e irmão de poetas, Onildo de Campos domina plenamente o verso metrificado. Virtuoso da arte poética, exhibe essa capacidade ao longo do volume glosando, em trovas, os temas universais da poesia lírica. A vida, a morte, o amor, o sonho, o beijo, a saudade e outros motivos do gênero estão presentes no livro.

Nas trovas o poeta responde sempre a algum tipo de questionamento, como vemos no exemplo abaixo:

- Que é tua boca, menina, quando na minha se apouca?!
- Dois gomos de tangerina, açucarando-me a boca!

Aqui transborda o lirismo do autor, muito menos contido do que na maior parte de sua obra. Nesta nota-se, em tom mais amplo, a exaltação de um amor platônico, eco da melhor tradição trovadoresca medievá. Tradição que pode ser reforçada, animicamente, pelo assumido marianismo do poeta.

Poesia eminentemente rítmica, a trova, nas mãos de Onildo de Campos, está sob domínio pleno. E de tal forma que uma certa monotonia provocada pela inistência da perquirição tio espaço de quatro versos em redondilha maior erimas cruzadas acaba sendo, em muito, superada pela maestria do artista.

Nem só de lirismo, porém, é a obra de Onildo de Campos, mas também de poemas filosóficos, deste quilate:

- Por que andar, de sorte em sorte, num desespero crescente?!
- Que a gente fuge da Morte e a Vida fuge da gente!...

Estamos, em Diálogos Trovadorescos, diante de um verdadeiro poeta. A poesia, no sentido exato do termo, transcende modismos formais ou ideológicos. As modas, como as ondas, podem até voltar sob formas novas, mas serão sempre passageiras. No fim, sobra o homem e seu mar de inquietações e vivências, inquietações e vivências que são o motivo central do poeta Onildo de Campos e de todos os bons poetas. Independentemente do tipo de poesia que cultivem.

Paulo Monteiro estará completando 25 anos de jornalismo literário no dia 1º de junho de 1999.

O artigo acima foi publicado em O Liberal, de Americana, SP, edição de quinta-feira, dia 29 de abril de 1999.

Data : 07/06/2014

Título : Uma batalha que acabou sob o cheiro de carne queimada

Categoria: Crônicas

Descrição: Comecei a me interessar pela história da Revolução de 93, que ensanguentou o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, muito cedo, ouvindo história narradas por meu pai e meus avós.

Comecei a me interessar pela história da Revolução de 93, que ensanguentou o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, muito cedo, ouvindo história narradas por meu pai e meus avós.

João José da Silva, pai de Corina José da Silva, minha avó paterna, contava que incorporara na Brigada Santos Filho, em Cachoeira do Sul, de onde era natural, no posto de cabo. Pois bem, anos depois, encontrei seu nome, no posto aludido, sob número 939, à página XL do Apêndice ao livro "Campanha do Coronel Santos Filho", de Pedro carvalho (Porto Alegre: Oficinas Typographicas do CORREIO DO POVO), 1897). Meu bisavô narrava episódios da Revolução da Degola, mormente sobre a Batalha do Pulador, ocorrida no dia 27 de junho de 1894, que não encontrei em livros.

Um desses eventos é que no final do confronto, por volta das 16 horas daquele dia frio, o odor de carne queimada era insuportável. Narrava que os revolucionários atearam fogo os campos para prejudicar a pontaria dos republicanos. O incêndio alastrou-se atingindo cadáveres de homens e cavalos, inclusive animais e combatentes feridos, cujos gritos contribuíam para aumentar o ambiente de terror.

Angelo Dourado, médico das forças maragatas que combateram no Pulador, em seu livro "Voluntários do Martírio" (Pelotas: Typographia a Vapor da Livraria Americana, 1896, p. 249) informa que, às primeiras horas da manhã, Gomercindo Saraiva mandou deitar fogo num ponto do campo para ocultar o movimento de suas tropas. Sua ordem não foi cumprida à risca. Atearam fogo às duas margens da estrada, fato que logo começou a incomodar.

A revolução despovoou de gado os campos de Passo Fundo. Os animais que não foram arrebanhados pelos exércitos em luta, acabaram escondidos por seus proprietários em locais seguros. Assim, as coxilhas do pulador se encontravam com sua densa e elevada vegetação nativa bastante crescida. É possível formarmos, ainda hoje, uma ideia aproximada da situação daquela época observando locais não tocados pelo homem e pelo gado. Em assim fazendo, obtemos uma ideia bastante aproximada sobre o material que serviu de base ao incêndio no local da Batalha.

Mais adiante (p. 251), Angelo Dourado, cuja obra venho citando da reedição fac-similada (Porto Alegre: Martins Livreiro - Editor, 1977) volta a falar no fogo se espalhando no próprio local da batalha. Essas chamas poderiam atingir homens e animais, tanto mortos quanto feridos. E mais teriam contribuído para dificultar a identificação dos cadáveres de maragatos e pica-paus, contados pelas forças do coronel Verissimo Ignacio da Veiga, federalista de Passo Fundo, que permaneceu no local da Batalha, contando cadáveres e dando sepultura aos seus companheiros. Verissimo que se responsabilizou pela proteção da retaguarda revolucionária até que se recolhesse a salvo no interior de Soledade.

É evidente que o testemunho oral de João José da Silva, transmitido à família, encontra correlação com os relatos escritos pelos contemporâneos que participaram da Batalha,

como Angelo Dourado, federalista, e Pedro Carvalho, republicano. O violento odor de carne queimada pode explicar o recuo da cavalaria serrana, comandada pelo passo-fundense Antonio Ferreira Prestes Guimarães, arrastando atrás de si a infantaria formada por maragatos da Fronteira e "polacos" do Paraná.

Data : 24/04/1998

Título : Uma Biografia do Leão do Caverá

Categoria: Resenhas

Descrição: Martins Livreiro-Editor, de Porto Alegre, que tem publicado nos últimos tempos obras importantes para o entendimento da história e da cultura sul-rio-grandense, há pouco deu a lume o livro COMO DIZIA HONÓRIO LEMOS, de Zolá Franco Pozzobon.

### Uma Biografia do Leão do Caverá

Martins Livreiro-Editor, de Porto Alegre, que tem publicado nos últimos tempos obras importantes para o entendimento da história e da cultura sul-rio-grandense, há pouco deu a lume o livro COMO DIZIA HONÓRIO LEMOS, de Zolá Franco Pozzobon. O próprio autor coloca a seguinte observação à página 3: "Consta Lemos para efeito de rima em verso".

Honório Lemes da Silva nasceu em Cachoeira do Sul no dia 23 de setembro de 1864 e faleceu a 30 de setembro de 1930 "em seu rancho", no interior de Rosário do Sul. Morreu três dias antes de estourar a Revolução de 30, para a qual havia sido convidado.

Tropeiro, viveu pobre e morreu na pobreza. Em 1893 alistou-se como oficial subalterno na força defederalista de Manoel Machado, galgando todos os postos até coronel, terminada a Revolução da Degola" retornou a sua vida de homem do campo para reaparecer em 1923, liderando a guerrilha libertadora na Fronteira Oeste, tendo como epicentro a Serra do Caverá, que ele tão bem conhecia, nas proximidades de Rosário do Sul. Dali, em guerra de movimento, tomaria Alegrete, atacaria Uruguaiana, retornando à Serra. Mais tarde avançaria em direção a D. Pedrito e Bagé e, posteriormente, numa campanha ousada, avançaria pelas Missões até Santo Angelo, retornando ao Caverá.

Terminada a Revolução de 23 apoiou a Coluna Prestes, exilando-se no Uruguai, de onde retornaria no dia 29 de setembro de 1925 para tentar sublevar o Rio Grande, com uma força de aproximadamente uma centena de homens. Encurralado por Flores da Cunha entre o Passo da Conceição (Rio Ibicuí da Conceição), que estava cheio e o Banhado das Marrecas, preferiu render-se a sacrificar seus comandados numa resistência inútil.

Preso e conduzido a Porto Alegre, onde ficaria encarcerado, terminariam aí aventuras militares desse caudilho pobre. Homem de poucas letras, mas de uma inteligência inata e

de uma cultura capaz de sintetizar o pensamento dos libertadores na frase famosa: "Nós queremos leis que governem os homens e não homens que governem as leis". Honório Lemos encontrou em Zolá Franco Pozzobon um biógrafo atilado. Militar, usou seus conhecimentos para produzir uma obra séria sobre o "Leão do Caverà".

COMO DIZIA HONORIO LEMOS é uma biografia de leitura agradável. Livro sério, tão sério que as passagens folclóricas atribuídas ao general libertador, como o famoso "se"... Se a bala vem por cima nós se abaixemo...", e outras do mesmo gênero não aparecem, a obra de Zolá Franco Bozzobon está destinada a tornar-se um clássico da historiografia gaúcha.

Do Jornal

O Cidadão

24/04/1998

Data : 30/09/2001

Título : Uma escolha feliz

Categoria: Resenhas

Descrição: Em 1999 foi realizada a primeira edição do Prêmio Passo Fundo de Literatura, conferido ao gaúcho Sinval Medina com o livro Tratado da altura das estrelas.

Uma escolha feliz

por Paulo Monteiro

Em 1999 foi realizada a primeira edição do Prêmio Passo Fundo de Literatura, conferido ao gaúcho Sinval Medina com o livro Tratado da altura das estrelas. Tive o livro às mãos, muito antes que fosse premiado; a algumas páginas, e acabei doando o volume à Livraria Sebo, que existia na Cidade Obra datada, insere-se numa enxurrada produzida a propósito dos 500 anos do achamento do Brasil, como dizem os portugueses. Os R\$ 100.000,00 evitaram que o romance do jornalista gaúcho já não fosse esquecido.

Agora, o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura optou por selecionar 11 obras dentre as inscritas. Com isso, fixou-se uma ideia de valor sobre as obras concorrentes, o que não ocorreu na edição anterior.

O fato de a Comissão Julgadora optar pela escolha de autores consagrados, garante uma certa qualidade dos autores selecionados, por outro pode estabelecer discriminações perigosas. Há grandes autores de poucas obras, e autores menores de bibliografia enorme. Pode até ser uma atitude prudente, mas arriscada.

Agora, o fato de Antônio Torres, com *Meu querido canibal*, e Salim Miguel, com *Nur na escuridão*, terem dividido o prêmio, foi uma escolha muito menos discutível do que a premiação de Sinval Medina. Antônio Torres é reconhecidamente um autor de obras de boa qualidade e Salim Miguel, um de nossos maiores estilistas. A homenagem prestada a José Clemente Pozenato, que recebem menção honrosa, foi um ato de consideração para com o romance que se produz no Rio Grande do Sul.

Antônio Torres nasceu no interior da Bahia, em 1940, e ali mesmo descobriu sua vocação literária. Foi repórter de jornal em Salvador, trabalhando como jornalista e publicitário em São Paulo e Portugal. Iniciou-se sua carreira literária em 1972, ao publicar *Um cão uivando para a lua*. Sua obra ultrapassa uma dezena de livros publicados, inclusive, com repercussão no exterior.

Salim Miguel, catarinense nascido no Líbano, em 1924, também é um jornalista veterano que publicou seu primeiro livro (*Vértice e outros contos*) em 1951. Com o seu 18º título ganhou o Prêmio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura.

Há entre os dois premiados muitas coincidências; a profissão de jornalista, o comprometimento com uma literatura realista, a preocupação com a língua, o resgate da história brasileira. *Meu querido canibal* transcorre a partir da Confederação dos Tamoios, em que diversas tribos indígenas que povoavam o litoral do Sudeste brasileiro se uniram contra os portugueses, sendo finalmente arrasados. Mostra, inclusive, as contradições da evangelização promovida pelos “santos” padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. E termina com o Rio de Janeiro de hoje: a luta de algumas pessoas para recuperar a memória do antropófago Cunhambebe e o tipo de vida social existente onde foi o centro das atuações dos confederados tamoios.

Salim Miguel, contra a história de imigrantes libaneses, que é de certo modo a história do próprio escritor que chegou ao Brasil com três anos de idade, e custou a entender o fato de não ter nascido no Brasil. Não é sem propósito que o autor de *Nur na escuridão* é um admirador de Eça de Queiroz. É um vigoroso estilista. O livro premiado foi reescrito várias vezes, até que o escritor encontrasse a forma que considerou conveniente para a publicação.

Quem convive com a literatura brasileira, de antes e de agora, só poderá chegar a uma conclusão única neste ano, a Comissão Julgadora do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura foi feliz na escolha. Os premiados são representativos da moderna literatura de nosso País. Pena que os escritores de língua portuguesa de outras regiões do logo tiveram uma participação quase que insignificante. Agora, aí, são outros 500.

Rotta

Setembro de 2001

Data : 19/09/1997

Título : Uma face do irracionalismo contemporâneo

Categoria: Resenhas

Descrição: É dever do ser humano manter-se informado sobre as ideias de sua época e procurar entendê-las em suas ligações históricas, tanto da história das ideias mesmas.

## UMA FACE DO IRRACIONALISMO CONTEMPORÂNEO

por Paulo Monteiro

É dever do ser humano manter-se informado sobre as ideias de sua época e procurar entendê-las em suas ligações históricas, tanto da história das ideias mesmas. Vivemos um momento de irracionalismo, após um longo período em que a razão humana foi a bússola da pessoa.

Uma das características básicas de todo o irracionalismo é o desrespeito pela inteligência criativa, mediante o apego a mitos. Em termos sociais recentes tivemos dois grandes mitos: o racial, dos nazi-fascistas, e o partidário, dos socialistas de estado.

A editora Chamada da Meia-noite (Porto Alegre-RS) está divulgando dois livros interessantíssimos sobre uma das mais vastas manifestações do irracionalismo contemporâneo NOVA ERA: Um passo para a manifestação do “Maitreya” e da Prostituta Babilônia, do brasileiro Samuel Fernandes Magalhães Costa, e HITLER, O QUASE ANTI-CRISTO, do americano Dave Hume.

Samuel Fernandes Magalhães Costa produziu um livro onde procura apresentar características gerais, comuns aos diversos movimentos da Nova Era, demonstrando um poder de síntese singular e dedicando um capítulo especial a apresentar os símbolos mais comuns dos movimentos nocaerenses. Cuidadoso no apresentar suas conclusões, recomenda sempre que seus leitores procurem aprofundar seus estudos, objetivando tirar conclusões próprias.

Dave Hunt, autor de verdadeiros best sellers, escreveu um livro capaz de causar arrepios em leitores pouco conscientes das ligações entre muitos políticos e manifestações satanistas, muito comuns nos movimentos da Nova Era.

As ligações entre Hitler e seus principais assessores e satanistas como Dietrich, Eckart, Karl Haushofer e Gurdjieff são amplamente conhecidas. Tanto uns quanto outros tem profundas ligações com os irracionalismos orientais, como os bopos tibetanos.

No momento em que vemos o irracionalismo e o desrespeito pelo ser humano dominado pelo ser humano dominados os atos de pessoas ditas inteligentes, é fundamental a leitura



de livros que esclareçam sobre as ligações entre homens que tem poderes decisórios e dedicem mal (para o mal) e grupos da “conspiração aquariana”, cujos tentáculos estão em quase toda parte.

O Cidadão.

19/09/1997.

Data : 23/05/2001

Título : Uma Herança Feudal

Categoria: Editoriais

Descrição: O Brasil vive um dos momentos mais interessantes de sua história. E quem se dedique a estudá-la verá que os dias de hoje apontam para direções que já deveriam ter sido tomadas há muito tempo.

Uma Herança Feudal

Paulo Monteiro

O Brasil vive um dos momentos mais interessantes de sua história. E quem se dedique a estudá-la verá que os dias de hoje apontam para direções que já deveriam ter sido tomadas há muito tempo.

Uma delas é o fim dessa coisa estranha ao verdadeiro sentido da Democracia que é o Senado Federal. E a discussão sobre a violação ou substituição do painel eletrônico do Senado, envolvendo os senadores José Roberto Arruda e Antônio Carlos Magalhães deveria servir para que se debatesse a própria existência dessa herança feudal chamada Senado da República.

A própria palavra Senado está ligada, em sua origem, à idéia de velho. Até mesmo por isso é que os senadores são mais idosos do que os deputados. Criação romana, para contemplar as elites daqueles tempos, revigorou-se na Inglaterra, enquanto contemporização entre os setores da burguesia, que desejavam a modernização da sociedade, e o senhores feudais decadentes.

No Brasil, durante o Império, serviu para que o chefe do Poder Moderador, nomeando seus nepotes para mandatos vitalícios, freasse as idéias modernizadoras que surgiam na

Câmara dos Deputados. No período republicano continua servido, em geral, como premiação para políticos veteranos, muitos deles verdadeiramente senis. Agora, deixa claro que os cabelos brancos, nem sempre representam sinal de pureza.

A grande lição que se tira de toda essa podridão, esse lodo fecal, é uma só: urge acabar com esse resto de feudalismo chamado Senado da República. É preciso que o Brasil tenha uma Assembléia Nacional, garantindo-se o princípio da representação democrática: a cada cidadão (e cidadã) um voto. Se não podemos acabar com os corruptos, pelo menos, reduzamos o seu número.

Do Jornal

O Cidadão

23 de Maio de 2001

Data : 11/05/2003

Título : Uma história de participação popular

Categoria: Resenhas

Descrição: Em fins do ano passado a Editora da Universidade Católica de Pelotas publicou o livro TODO O PODER EMANA DO POVO, escrito pelo deputado estadual Bernardo de Souza...

Uma história de participação popular

Em fins do ano passado a Editora da Universidade Católica de Pelotas publicou o livro TODO O PODER EMANA DO POVO, escrito pelo deputado estadual Bernardo de Souza, contando a experiência implantada em Pelotas, durante sua administração à testa da municipalidade, entre os anos de 1983 e 1987.

Bernardo conta que recebeu a prefeitura com 120% da arrecadação mensal comprometida com os salários do funcionalismo, salários esses que estavam atrasados há sete meses, e mais 40% com dívidas bancárias. Sabedor da situação na qual encontraria a prefeitura, o candidato apresentou, durante a campanha, a proposta de que governaria com a participação popular, seguindo o velho axioma liberal de que "Todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido".

Assim, já no início de seu governo, promoveu a eleição dos subprefeitos dos oito distritos do interior pelotense, dividiu a área urbana em 24 zonas, que acabou, ao final do governo, dividida em 44 áreas. Ali eram realizadas assembléias, com a presença do prefeito e secretariado, com os participantes divididos em pequenos grupos, para discussão e levantamento das demandas, estabelecendo-se prioridades e elegendo-se os representantes que acompanhariam o cumprimento das reivindicações.

Também foi alterada a composição dos conselhos municipais, como o Conselho Municipal dos Transportes, que passou a funcionar com delegados de todas as associações existentes no município e um representante das empresas de transportes. Com isso, o preço das passagens foi sendo reduzido até chegar, para cem passagens, ao equivalente total de 0,4% do salário mínimo, sem que as empresas quebrassem. Houve reação dos empresários e intervenção do poder público, até que o poder emanado do povo acabasse reconhecido e acatado.

O "assembleiã", como ficou conhecida a reunião dos representantes das zonais, deliberava sobre os índices dos reajustes de impostos e salários, investimentos e até mesmo sobre o enxugamento da máquina administrativa, com a demissão de funcionários dispensáveis. As finanças municipais acabaram normalizadas e, o orçamento de 1986, aprovado em 1985, já apresentava um "superávit de 25% do orçamento municipal constituindo-se, até então, no maior superávit de administração pública (federal, estadual ou municipal) no país", conta Bernardo de Souza, à página 31.

A maior parte do livro é reservada para depoimentos de pessoas que participaram diretamente do projeto, que é considerado a primeira prática brasileira de participação popular na Administração Pública. E é exatamente esse conjunto de testemunhos, o que dá uma utilidade prática ao livro e lhe confere atualidade, ao permitir que políticos e administradores de hoje possam tomar conhecimento de uma iniciativa pioneira.

Quer queiram ou não queiram, quer gostem ou não gostem, o projeto "Todo o poder emana do povo" serviu de base para experiências que, depois, viriam a ser consideradas revolucionárias, como o Orçamento Participativo.

Por isso, a importância da leitura do livro de Bernardo de Souza.

Do Jornal

Rotta

11/05/2003

Data : 01/01/2013

Título : Uma História do Tropeirismo

Categoria: Artigos

Descrição: Se o extrativismo vegetal, mormente do pau-brasil, e a cultura da cana-de-açúcar, foram basilares para o povoamento do litoral brasileiro

Paulo Monteiro (\*)

O lançamento da segunda edição, revista e ampliada, do livro *Tropeiros de Mula: a ocupação, a dilatação das fronteiras* (Gráfica Editora Berthier Ltda, Passo Fundo, 2004), do historiador Pedro Ari Verissimo da Fonseca, foi um dos acontecimentos literários mais significativos de Passo Fundo, nos últimos anos.

O livro chama a atenção para um dos fatores econômicos fundamentais na ocupação das terras americanas, a pecuária, e sua consequência mais imediata, o tropeirismo. No caso, as tropas de mulas.

## 1. Tropeadas e Contrabando

Se o extrativismo vegetal, mormente do pau-brasil, e a cultura da cana-de-açúcar, foram basilares para o povoamento do litoral brasileiro, deve-se à criação de gado e ao seu comércio, através de tropas, a permanência de populações de origem européia no interior.

Quando se estuda a história dos primeiros anos do apossamento americano constata-se que havia um vasto intercâmbio entre a colônia portuguesa e as dependências espanholas. Cristãos novos, padres e militares, unidos por interesses econômicos, relações de compadrio e parentesco realizavam negócios entre as possessões de ambos os reinos. Assim, o tropeirismo se confunde com as próprias origens da América do Sul pós-colombiana.

O gado, introduzido na Capitania de São Vicente (São Paulo), em 1534, por Ana Pimentel, esposa do donatário, se reproduzia bastante. Ao mesmo tempo era intenso o comércio entre o litoral paulista e o Paraguai, tanto que em 1556 teria sido feita a primeira tropeada, considerada contrabando, e constituída de um lote de sete vacas e um touro trazidos da Andaluzia para o Brasil e dali levados para o Paraguai. É uma história romanesca e longa, onde aparece uma perseguição malsucedida aos tropeiros/contrabandistas.

A ser verdadeira a história, que alguns autores vêem com restrições, essa teria sido a primeira tropeada.

O percurso do litoral paulista ao Paraguai seguia um antigo caminho indígena, que de São Vicente ia até os altiplanos andinos. Aliás, era muitas essas “estradas” usadas pelos primitivos moradores, uma das quais ligando o Rio Grande do Sul a São Paulo, sendo um de seus transcurso o Passo do Goio-en, no Rio Uruguai. Mais tarde por ali passaram tropeiros, numa caminhada inversa ao êxodo guarani, fugindo a tomada de Guairá pelos bandeirantes.

O certo é que, em 1580, já era embarcado em Buenos Aires para a Espanha um carregamento de couros e, cerca de trinta anos depois, tropeava-se de Santa Fé para o

Peru nada menos de um milhão de cabeças de gado, segundo conta Roberto C. Simonsen, em sua clássica História Econômica do Brasil (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 5ª Edição, 1967, p. 159), citando Southey.

É possível que o gado que povoou as campinas rio-grandenses, antes dos paulistas e lagunenses se apossarem desse espaço, não seja descendente apenas daquelas cabeças de gado que entraram por São Vicente. As matrizes podem ter chegado através dos Andes, pela própria província de Buenos Aires.

“Os missionários jesuítas reuniram os guaranis em reduções a partir de 1609 na região de Guairá, PR, e desde 1626 na margem esquerda do rio Uruguai, com a fundação de São Nicolau. Em 1638 as expedições armadas em bandeira, oriundas de S. Paulo destruíram 18 reduções na região do Tapê, levando os índios como escravos. Os guaranis que conseguiram fugir para a outra margem do rio Uruguai, retornando em 1682 para a fundação de S. Borja, logo após para as fundações de S. Luís Gonzaga, S. Miguel, S. Nicolau, S. João e Santo Ângelo. A redução de Jesus Maria dos Guenoas fracassou e seus remanescentes foram incorporados na de S. Borja. A Guerra Guaranítica (1754-56), em função do Tratado de Madri (1750), destruiu a organização das reduções e abalou a confiança dos índios nos jesuítas. Gomes Freire de Andrade retirou 10 mil guaranis com seus animais, das reduções, reunindo-os em S. Nicolau da Cachoeira, S. Nicolau de Rio Pardo e Aldeia dos Anjos”. Assim Moacyr Flores, em seu Dicionário de História do Brasil (EDIPUCRS, 2ª Edição Revista e Ampliada, Porto Alegre, 2001, págs. 290-291) sintetiza o período em que se formaram as “vacarias” na área atualmente ocupada pelo Rio Grande do Sul.

A primeira dessas vacarias surgiu com a ocupação do Tape ou Tapê, numa área “entre os rios Uruguai, Ibicuí, Ijuí e Jacuí”, a partir de 1626. Com os ataques de bandeirantes, em 1638, os jesuítas formaram a Vacaria do Mar, entre os rios Ibicuí, Jacuí e Uruguai. Em 1712 organizaram a Vacaria dos Pinhais, nos Campos de Cima da Serra, que foi saqueada pelos paulistas na década de 1740, segundo Moacyr Flores (Op. cit., p. 619).

Os bandeirantes, a partir de 1638, começaram as tropeadas, com a tomada dos animais reunidos pelos jesuítas e índios aldeados. Essa atividade se intensifica a partir de 1680, com a fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento, que “facilitou o contrabando de mulas criadas pelos espanhóis (Idem, p. 609), atividade que teria importância econômica até a década de 1950, sendo vencida pela indústria de automotores.

A repressão portuguesa a intercâmbio comercial entre São Paulo e Paraguai favoreceu o novo trajeto, via Rio da Prata, através da criação da Colônia do Sacramento. Mais tarde, as muladas de Corrientes e Entre-Rios, na Argentina, passaram a entrar via Missões, seguindo por Cruz Alta e Passo Fundo, e, mais recentemente, cruzando no Passo do Goio-en, na direção de Sorocaba.

Numa época em que se vive a entrada em funcionamento do Mercosul, com Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, o certo é que esse mercado, na prática, já tem quase quatro séculos. As notícias de repressão ao contrabando, especialmente nas fronteiras com Paraguai e Uruguai, também são muito velhas. São Paulo surge, em 1560, com a extinção da Vila de Santo André da Borda do Campo, ambas criadas dentro de um processo de combate ao contrabando.

Parece absurdo dizer, mas o estudo da história do Cone Sul mostra que a política adotada pelos atuais governos pouco difere da colocada em prática pelas metrópoles ibéricas. O contrabando, entre nós, para escândalo dos defensores do *laissez-faire*, tem sido a face visível da luta entre a livre iniciativa e as barreiras alfandegárias.

## 2. Tropeiros de Mulas

O autor alterou sensivelmente a obra, em relação à primeira edição (Gráfica Diário da Manhã, Passo Fundo, s/d (1986)), feita sobre “uma série de artigos escritos no DIÁRIO DA MANHÃ durante o ano de 1985”.

Como a maioria dos livros de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, a primeira edição de *Tropeiros de Mula* se caracteriza por uma desorganização temática. Isso acontece com quase todos os escritores que enfeixam artigos jornalísticos. No caso do autor de *O Gaúcho Quem é...* essa desarticulação não significa superficialidade ou pressa, embora o pareça, devido à inexistência de uma bibliografia, deficiência superada nesta segunda edição. Leitor insaciável, pesquisador criterioso, tanto em fontes escritas quanto orais, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca une ao profundidade dos temas à simplicidade no escrever. Piá de estância, iniciou seus estudos da vida e da história serranas ouvindo casos de galpão, ao redor do fogo, num tempo em que as crianças não interrompiam os mais velhos. Naqueles tempos, que não vão muito longe, valia a lição de José Hernandez, no *Martín Fierro*, “... es de la boca del viejo/ de ande salen las verdades”. E essa oralidade faz com que a leitura de seus livros seja agradável.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca historia a ocupação do Rio Grande do Sul, a começar pelo Litoral e pela Fronteira, chegando às Missões e Planalto, incluindo o que atualmente conhecemos como Alto Uruguai. Toda essa história passa pela presença dos jesuítas, a passagem dos bandeirantes (que não foi tão passageira como se pensa, pois chegaram a permanecer por algumas décadas se movimentando na região de Passo Fundo), culminando com o trabalho dos tropeiros, mormente daqueles que conduziam mulas para São Paulo, ciclo econômico que durou mais de três séculos.

Nessa história das tropeadas, os depoimentos dos sobreviventes, ouvidos há mais de 20 anos, exercem um papel importante. O autor enriquece seu trabalho com as tropas de porco, que comprova terem sido comuns em toda a região, e com a chamada Via Victorio Vêneto, iniciada por volta de 1896, onde hoje se localizam as vilas Santa Maria e São Luiz Gonzaga, estendendo-se até a atual Avenida Presidente Vargas. O local constituiu-se num importante núcleo populacional de origem italiana.

## 3. Birivas, Missioneiros e Gaúchos

A leitura dos livros de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é uma imposição, tanto quanto a reedição dos mesmos é uma necessidade. Urge, porém, que os demais, todos esgotados, saiam novamente a lume, a começar por *Formação do Gaúcho* (1982), continuando com

Estórias do Vovô Zacarias (1991), Gaúcho Serrano, usos e costumes (1994) e O Gaúcho Quem é... (1999). Todos são importantes para o entendimento do gaúcho que se formou no Planalto Rio-Grandese. Também chamado “biriva”, o homem crescido nos campos e matas ao norte do Rio Grande do Sul tem características próprias, que o fazem diferente de seus patrícios das Missões (missioneiros) e da Campanha (fronteiriços).

O autor de Tropeiros de Mula demonstra à sociedade essas profundas disparidades entre os habitantes do Planalto, das Missões e da Campanha. Talvez por isso a primeira edição tenha despertado tanta atenção dos pesquisadores, embora as referências em livros publicados depois de 1982 digam o contrário.

Essas diferenças ficam claras na entrevista do coronel Alberto Berthier de Almeida, nascido em 1890. Conta que os condutores de tropas eram sempre chamados de tropeiros e não de gaúchos. Biriva era termo reservado aos compradores de mulas, que vinham de Santa Catarina e do Paraná. Já o termo era aplicado aos moradores do Planalto Gaúcho pelos moradores da Fronteira (p. 107 e seguintes).

Dorval da Silva confirma as informações. Eis como ele conta o que acontecia aos serranos quando eram chamados de gaúchos em São Paulo: “Eu gozava com eles... que nós éramos da terra dos gaúchos, mas não éramos gaúchos e dava umas explicações. Depois que ficamos conhecidos, brincávamos com eles e eu dizia que não é porque éramos daqui que éramos gaúchos; o gaúcho precisa Ter bom cavalo, um trinta e oito na cintura, atirar um fio de cabelo para cima e esperá-lo no fio, cortando-o. O pessoal da fronteira nos chamava de biriva e nós chamávamos de biriva o pessoal de Santa Catarina e Paraná”. (p. 116).

E, na mesma página, Dorval da Silva acrescenta mais uma achega ao vocabulário gauchesco ao informar que a peonada serrana era chamada de “soqueteiros” porque viviam pelas fazendas comendo soquete, ou seja, carne de segunda com osso.

O morador da região das missões, conhecido como “missioneiro”, tinha profundas diversidades com o serrano ou biriva. Preste-se atenção ao que contou o tropeiro Hugo Ferreira de Mesquita: “Nada melhor, numa rodada de chimarrão, do que reunir um biriva e um condutor de tropas missioneiro. Missioneiro e biriva. Tão iguais e tão diferentes como quaisquer irmãos. O missioneiro mais recatado, mais modesto. Nas lentas e longas tropeadas para Pelotas, passando dias e noites sem dormir e sem falar – 30 a 40 dias de viagem silenciosa – aprendeu a refletir, a esperar a hora de falar, a ser econômico nas palavras e a dizer apenas o necessário. O biriva é um comerciante, tem de comprar bem e vender ainda melhor. Tem de convencer o vendedor que lhe está oferecendo o melhor preço e que o produto – mula, cavalo, boi – não tem muita procura no momento. Que o dinheiro anda escasso e que precisa de prazo. Ao comprador, é necessário convencer de que lhe está faltando um preço especial, para pegar o dinheiro à vista, embora o preço chegue às raias da exploração. O biriva velho fala e convence. (...)”. (p.145).

O termo gaúcho só era usado na Fronteira, contou Hugo Ferreira de Mesquita, que conheceu bem a região, pois chegou a ser homem de confiança do estancieiro João Goulart, o presidente Jango. “Agora, naquela Zona de Santiago, São Borja e São Luiz, eles se chamavam de missioneiros”. E era daí que vinham as tropas de mulas. (p. 161).

Outra dessemelhança fundamental entre o serrano e o fronteiriço é no trato com a peonada. “A vera experiência”, para empregar a clássica expressão camoniana, o

demonstra. E ao fazê-lo arrasa um dos mais arraigados mitos da historiografia tradicional: a democracia das estâncias. Perguntado se havia uma diferença muito grande entre o peão da Fronteira e um serrano, o tropeiro João da Silva (p. 135) foi taxativo: “- Havia. Até hoje um peão da fronteira só come no galpão; o nosso almoça na mesa, na casa. Ainda agora fui com o meu filho mais velho olhar uma fazenda, um pouco adiante de Gal. Vargas. Chegamos e já estava lá um comprador de Erechim. Eu e meu piá – ele ficou apavorado! – mais o comprador de Erechim ficamos no galpão comendo soquete de ovelha com farinha de mandioca esperando. Aí eu mostrei pro meu filho: - Tá vendo? Lá em casa os empregados vão todos pra mesa e nós aqui, os compradores da estância do homem, comendo soquete. Posso lhe dizer que na fronteira ninguém leva peão pra mesa. Aquela peonada come carne assada com farinha, às vezes um cafezinho e nada mais. Lá até hoje, peão não é gente! (...)”.

Precisa documentos mais contundentes para desmascarar o “mito da democracia das estâncias” do que os testemunhos de homens que conheceram, em todos os planos, as formas de tratamento que se dispensa aos peões de estância na Fronteira e no Planalto Rio-Grandense?

#### 4. Sexualidade

Tropeiros de Mula é muito mais do que um relato histórico. É uma descrição da vida e dos costumes, portanto uma obra sociológica. Falta-lhe apenas desenvolver mais a questão da sexualidade. Sendo a comitiva (o grupo organizado para o transporte de uma tropa) uma associação masculina, pela rusticidade do trabalho, não se deve estranhar que o estudo das relações sexuais tenha se constituído em um dos grandes tabus da “sociologia sul-rio-grandense”.

A importância do assunto, tão olvidada pelos nossos estudiosos, talvez por um preconceito vitoriano, algum tipo de puritanismo, faz parte do imaginário e da própria literatura popular. As piadas com o bestialismo, as músicas e poemas que exploram temas sobre bailes-de-cola-atada, onde homens e mulheres dançam nus, e assim por diante, testemunham a gravidade da omissão.

Creio que aí reside o fato de não termos produzido nenhuma obra representativa sobre a cultura rio-grandense do sul. Não nos faltam assuntos para uma “Casa Grande & Senzala”, por exemplo. Se não tivemos ainda o nosso Gilberto Freyre é porque um caldo preconceitoso amolece a história do Rio Grande

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca em raras oportunidades toca nessa temática em Tropeiros de Mula. Assim o faz na entrevista com D. Lorita Martins, esposa do tropeiro Antônio Rodrigues Martins, que assegura Ter feito a “melhor viagem” com o marido, até São Paulo.

Lorita (p. 119 e seguintes) contou que conduziam uma tropa com quinhentas mulas e vários cargueiros carregando tudo o que era indispensável para uma longa viagem. Ela dormia numa barraca, onde lhe levavam “a comida prontinha”, que só deixou de comer o torresmo porque o saco onde era transportado ficou muito sujo. Lorita ia vestida com blusa e calças compridas. “Os quilotes apareceram muitos anos depois e então se vestia paletó,



gravata, quilotes e botas”, narrou. E mais: os tropeiros deixavam as esposas em Itapetininga e saíam vender os animais. Depois do jantar, que acontecia às 16h30min, todos se dirigiam para a praça onde os homens negociavam e as mulheres passeavam. Estas, procedentes de diversas cidades gaúchas, acabavam ficando amigas. “Praça dos Amores” era o nome do logradouro. Depois havia reuniões sociais em casas de famílias, Atualizada em termos de corte de cabelos, Lorita chegou a São Paulo, onde assistiu uma apresentação teatral.

Ora, vê-se, que pelo menos os “patrões” conduziam as esposas.

O tropeiro Hugo Ferreira de Mesquita conta que costumava vender cavalos em Curitiba. Ali negociava bastante com um apresentador de “fitas de cinema” que “tinha uma filha muito bonita que era apartada do marido. Eu ia por lá tomar um chimarrãozinho frio, de erva muito ruim, erva cancheada, de folha... Afinal a vida de tropeiro sempre foi essa vida. (...)” (p. 162). Essa insinuação é muito mais significativa do que aparenta, em termos de sexualidade, revelando muito mais do que o velho preconceito com mulher “apartada do marido”. Entenda-se disponível...

## 5. Obra Importante

O labor de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca ainda está por receber a importância devida.

A reedição de Tropeiros de Mula, profundamente revisado, é um passo importante para que esse reconhecimento seja alcançado. Urge que o próprio Veríssimo empregue esforços no sentido de revisar e reeditar os demais livros, já esgotados.

Sua obra, ao centrar-se no estudo do serrano ou do gaúcho serrano, cumpre um papel importante para a cultura do Rio Grande do Sul. E é obrigatória a sua presença em todas as bibliotecas, especialmente nas escolas e universidade. Os centros de tradições gaúchas deveriam, também, exigir de seus integrantes, em especial daqueles que participam de concursos de prendas e peões, o estudo de obras que tratem da história regional. Elas desmascaram uma série de mitificações, portanto, de mentiras. E tradição é uma coisa; mitificação é outra muito diferente.

(\*) Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Gaúcha e a outras entidades do Brasil e do exterior. O texto acima foi publicado no Jornal Rotta, de Passo Fundo, páginas 5, 6 e 7, edição de 01 a 31 de janeiro de 2005, sob o título de “Os tropeiros chegaram 400 anos antes do Mercosul”.

Data : 25/10/1996

Título : Uma história geral de Passo Fundo

Categoria: Resenhas

Descrição: O que conhecemos da história Passo-fundense deve-se, fundamentalmente, às obras de Antonino Xavier e Oliveira, Jorge Edeth Cafruni e Delma Rosendo Gehn.

## UMA HISTÓRIA GERAL DE PASSO FUNDO

por Paulo Monteiro

O que conhecemos da história Passo-fundense deve-se, fundamentalmente, às obras de Antonino Xavier e Oliveira, Jorge Edeth Cafruni e Delma Rosendo Gehn. Com a publicação de PASSO FUNDO-TERRA DE PASSAGEM, de Ney Eduardo Possapp d'Ávila, pela Aldeia Sul Editora, a capital do Planalto ganha mais um historiador. E ganha com um livro que transcende os limites atuais do Município, alcançando sua área primitiva e contribuindo para o estudo de uma vastíssima parte do Rio Grande do Sul.

O livro de Ney Eduardo Possapp d'Ávila, que abrange o período inicial de ocupação branca até o final do século XIX, tem tudo para constituir-se na primeira história geral do Município de Passo Fundo, quando concluído, em sua continuação. Isto porque os estudiosos que se ocuparam da história Passo-fundense, antes de Ney d'Ávila, realizaram obras de história imediata, relacionando acontecimentos, cronicando.

Com PASSO FUNDO-TERRA DE PASSAGEM, os fatos e as pessoas, os acontecimentos, ganham logicidade, as partes são unidas, formando verdadeiramente história.

Esse é o grande mérito do livro. E exatamente por isso vai tornar-se obra de referência básica, de leitura e reflexão permanentes.

Quando trata dos primeiros habitantes brancos e mestiços de Passo Fundo, recua a história local cerca de um século, abrindo picadas para o entendimento daquele tipo humano que o Autor chama corretamente de "gaúcho serrano" (p. 36). Este é o produto do ciclo erva-mula-capital, do ambiente dos campos barba-de-bode e materiais, diferentemente do ciclo tradicional da Fronteira: mula-capital.

Importante é notar que Ney Eduardo Possapp d'Ávila salienta a forma preconceituosa com que os historiadores mais antigos tratam os nativos Passo-fundenses. Tal tratamento, porém, não é apenas uma característica apenas desses historiadores, mas de toda uma tradição colonial. Discriminação essa que, da mesma forma, se estende ao africano.

Outro ponto que destaco em PASSO FUNDO-TERRA DE PASSAGEM é a atenção que Ney d'Ávila chama e dá para o cabo Manoel José das Neves, fundador de Passo Fundo, e que tem sido uma figura subalterna em nossa história. Parece que na falta de um coronel para acaudilhar a ocupação passo-fundense, optou-se pelo capitão Joaquim Fagundes dos Reis.

Tenho certeza de que PASSO FUNDO-TERRA DE PASSAGEM vai contribuir para o aprofundamento do estudo histórico do Planalto e da Serra Rio-grandense. Contribuirá para um melhor e mais fundamentado entendimento de nossa formação histórica e social,

pois rompe com os padrões tradicionais da história imediata. Concluo repetindo: Ney Eduardo Possapp d'Ávila começou a escrever a primeira história geral do Município de Passo Fundo.

O Cidadão.

25/10/1996.

Data : 02/06/2000

Título : Uma história inacabada

Categoria: Resenhas

Descrição: Embora por diversas vezes tenham ocorrido alianças bastante sérias entre estancieiros gaúchos e orientais ..

#### Uma história inacabada

A EDIPUCRS, de Porto Alegre, está lançando um livro destinado a ocupar um lugar importante na historiografia gaúcha deste final de século. A IDENTIDADE INACABADA - OREGIONALISMO POLÍTICO NO RIO GRANDE DO SUL, de Newton Garcia Carneiro, eis o nome da obra.

O autor procura pensar o discurso regionalista como um processo de longa duração, cujas origens históricas, no seu entendimento, estariam nos estancieiros gaúchos do século XIX. Classe dominante na Província, durante o Segundo Império, os senhores de estância teriam tido na seção gaúcha do Partido Liberal.

O Estado-nação brasileiro é plasmado exatamente durante o extenso governo de Pedro II. Fundamenta-se sobre os interesses agro-exportadores das elites (parcelas hegemônicas) das classes dominantes no Rio de Janeiro e Nordeste. Tendo sua produção destinada ao mercado interno, fundamentalmente animais de tração e charque para alimentar a escravaria das outras províncias, os senhores de terras gaúchos tinham interesses conflitantes com os setores que hegemonizavam o processo político brasileiro.

Além disso, com propriedades no Brasil e no Uruguai, seus interesses chocavam-se, num e outro país, com os dos grupos que comandavam a formação dos respectivos estados-nação.

Embora por diversas vezes tenham ocorrido alianças bastante sérias entre estancieiros gaúchos e orientais, os primeiros nunca objetivavam a secessão do Rio Grande. Newton Luis Garcia Carneiro afirma textualmente (pág. 81): "Os rio grandenses queriam as terras do Uruguai, e não uma integração a este Estado ou mesmo formar um novo país no Sul do continente".

A radicalização de posições pela elite gaúcha, chegando à defesa do separatismo, deve-se as dificuldades para impor uma política não centralizada, objetivo estratégico, o federalismo foi alma e espírito da fração sul-riograndense do patronato rural brasileiro no século XIX. Como os governadores da Província eram indicados pela Corte, a Assembléia Provincial, hegemônica pelo Partido Liberal, passou a ser o espaço privilegiado da militância anticentralista. E é nos seus Anais que Newton vai rastrear os discursos mais caracterizadores do regionalismo político no RS.

A afirmação dos liberais como força mais importante durante o Segundo Império deve-se às particularidades sócio-econômicas gaúchas. E a defesa intransigente ("Idéias não são metais que se fundem", dizia Silveira Martins) da descentralização administrativa, respondendo aos interesses da classe dominante local, cimentou essa predominância partidária.

Com as profundas alterações na geografia, política mundial, provocadas pelo advento imperialista, a situação política do RS se modifica sensivelmente. Surge o Partido Republicano Riograndense, defendendo um governo forte e a pequena pátria comitiana.

Apoiados por setores dos estancieiros, os republicanos dominam a política do Rio Grande por mais de meio século. "As rivalidades entre liberais e conservadores ressurgem na República como herança das lutas políticas verificadas no Império. A nova acomodação política - escreve Newton à pág. 271 - explodirá não mais em conflitos entre centralismo versus federalismo, mas entre executivo ditatorial e parlamentarismo (como plataforma)". Essas rivalidades culminariam nas revoluções de 93 e 23.

A partidarização da política riograndense continua até hoje. E o discurso provincialesco também. Forças conservadoras e progressistas, representadas nas últimas eleições por Antônio Britto e Olívio Dutra, apelaram de maneira igual e intensa para um discurso regional e tradicionalista.

A IDENTIDADE INACABADA resume algumas constatações que parecem óbvias. A formação histórica do homem riograndense é dupla: lusitana e platina. Descentralização versus centralismo, eis o eixo político riograndense. Politicamente, o regionalismo gaúcho é um processo de longa duração que, ainda, não acabou. E o discurso regionalista, mais do que centenário, continua atraente. Essas e outras observações, exploradas em profundidade, conferem solidez ao livro de Newton Luis Garcia Carneiro.

Do Jornal

O Nacional

Passo Fundo, sexta-feira, 02/06/2000

Data : 12/04/2002

Título : UMA HISTÓRIA INCONCLUSA

Categoria: Artigos

Descrição: O prédio é famoso por estar ligado aos principais acontecimentos políticos e culturais do município ...

## UMA HISTÓRIA INCONCLUSA

PAULO MONTEIRO

A história da deterioração e reconstrução do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras jamais será completamente elucidada. Ela envolve pessoas, interesses contrariados, afastamentos, dissensões e inimizades. Muitas verdades repousam, com seus senhores, no silêncio dos sepulcros. O prédio é famoso por estar ligado aos principais acontecimentos políticos e culturais do município e da região, a partir do início do século XX, e por ter a porta mais alta do Rio Grande do Sul ou, quiçá, do Brasil.

Passagens mais recentes podem ser resgatadas, compulsando-se a documentação que integra o Processo 21194011751, no fórum de Passo Fundo. Sua origem é o Inquérito Civil 07/92, aberto em 24 de abril de 1992, pelo promotor de justiça Ari Costa, então responsável pela Defesa Comunitária.

Em março daquele ano, o jornalista Antônio Augusto Meirelles Duarte, presidente do sodalício, recebeu ofício do representante do Ministério Público, solicitando informações sobre a existência ou não de projeto para a recuperação do prédio. Como a resposta foi positiva, o prefeito Airton Dipp (autor da lei que integrou o edifício ao patrimônio histórico do município) foi notificado acerca das intenções para a reconstrução do prédio, remetendo, em junho de 1992, um memorial descritivo firmado pela arquiteta Neusa Maldaner e o engenheiro Vanderlei Borowski.

Em julho de 1994, como a obra inexistia, o Ministério Público ajuizou ação, exigindo a restauração e a preservação do prédio, com inicial subscrita pelo promotor Ari Costa. Quase dois anos depois, a 29 de maio de 1996, firmou-se acordo entre o Ministério Público, o Município de Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Letras, para que o prédio fosse reconstruído até novembro do ano seguinte. Assinaram o documento a

procuradora do município, Sinara Tedesco, o presidente da Academia, Irineu Ghelen, o advogado do sodalício, Noé Machado, e o promotor Ari Costa.

Como o acordo não foi cumprido pela municipalidade, o promotor Darwin Reis solicitou que o município fosse intimado a iniciar os trabalhos. Em setembro de 1998, a procuradora Sinara Tedesco informou que havia sido iniciado o processo licitatório. Dois meses depois, como a fachada ameaçava ruir, o Ministério Público solicitou que a Justiça obrigasse o escoramento, no que foi atendido.

As coisas continuavam paradas, mas Ministério Público estava atento. Em dezembro de 1999, a Defesa Comunitária, representada pelo promotor Paulo Cirne, solicitou que o município fosse notificado a iniciar imediatamente a reconstrução. De nada adiantou. Então foram sendo adotadas medidas mais drásticas, inclusive, pedindo-se a abertura de processo criminal contra o ex-prefeito Júlio Teixeira, pelo descumprimento do Acordo.

Somente em março de 2001 as coisas começaram a andar, após novo Acordo que teve como signatários o presidente da Academia, Ironi Andrade, o prefeito Osvaldo Gomes, o acadêmico e advogado Irineu Ghelen e o promotor Paulo Cirne. Esse documento estabeleceu dois momentos para o término da recuperação. O primeiro acabou no dia 7 de abril de 2002, e dizia respeito ao terceiro pavimento, onde a Academia iria instalar-se; o segundo, no dia 7 de agosto do ano passado, quando os demais andares deveriam estar concluídos.

O item 6 do primeiro Acordo (folha 278 dos autos) reza textualmente: "O Município compromete-se a entregar o 3º pavimento devidamente dividido, de acordo com o projeto interno que a APL apresentará". E foi ratificado pelo documento constante das folhas 519 a 521, datado de 28 de março de 2001. Muito pouco disso foi cumprido até hoje.

Quatro administrações municipais estão envolvidas neste processo. Três promotores de justiça (Ari Costa, Darwin Reis e Paulo Cirne) defenderam o patrimônio histórico. Pelo menos quatro juízes titulares (Luís Christiano Ayres, Luís Antônio Silva, José Amir do Amaral e Sílvio Algarve) já se pronunciaram sobre o assunto. Alguns participantes (como a arquiteta Neusa Maldaner e o advogado Noé Machado) já faleceram.

A demanda judicial para a recuperação do edifício-sede da Academia Passo-Fundense de Letras, mesmo sob os olhos atentos da Defesa Comunitária, já completou mais de onze anos, e ainda vai continuar.

Os defeitos e as deficiências na recuperação do prédio, inclusive com o emprego de materiais cuja qualidade é discutível, são públicos e notórios. A divisão interna do 3º

pavimento está por ser feita e, dos demais pavimentos, apenas as paredes foram erguidas.

Esse é o relato da reforma do prédio pertencente à Academia Passo-Fundense de Letras, conforme pode ser comprovado documentalmente. O resto é versão oral de uma história inconclusa.

(Paulo Monteiro é membro titular da Cadeira 32, da Academia Passo-Fundense de Letras, cujo patrono é o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)

Da revista

Água da Fonte nº 0

31/12/2003

Do Jornal

O Cidadão

12/04/2002

Data : 13/01/2000

Título : Uma interpretação crítica da Teologia da Libertação

Categoria: Artigos

Descrição: A EDIPUCRS (Porto Alegre, RS) lançou, recentemente, um volume em homenagem ao teólogo Frei Boaventura Kloppenburg, um dos mais importantes pensadores católicos da América Latina.

Uma interpretação crítica da Teologia da Libertação

A EDIPUCRS (Porto Alegre, RS) lançou, recentemente, um volume em homenagem ao teólogo Frei Boaventura Kloppenburg, um dos mais importantes pensadores católicos da América Latina. Sub urbis fideliter, organizado por Geraldo L.B. Hackmam, com 520 páginas, reúne ensaios que não interessam apenas aos católicos. Já Libertação

Cristã(487 páginas), com o subtítulo de Seletos Ensaios Teológicos, abarca uma parte dos trabalhos de Frei Boaventura, a partir de 1973, como um dos questionadores mais destacados da teologia da libertação.

Tendo nascido no norte da Alemanha no dia 2 de novembro de 1919, imigrou com a família para o Rio Grande do Sul em 1924. Cedo dedicou-se às atividades religiosas, revelando-seum profundo estudioso de teologia. Publicou69livros e escreveu centenas de artigos, que ultrapassam15.500 páginas.

Nos anos setenta com endurecimento dos regimes militares na América Latina e o aumento da concentração de renda, muitos religiosos católicos passaram a usar categorias do marxismo para interpretar e transformar a realidade de seus países. E possível que o crescimento de igrejas neo-pentecostais, muitas apoiadas por missionários norte- americanos, tenha contribuído para a guinada à esquerda efetuada por setores significativos do clero. Nesse contexto Frei Boaventura Kloppenburg se destacou enquanto crítico da união entre o catolicismo e o marxismo.

Conservador e reacionário foram adjetivos usados para qualificar suas posições. Na verdade ele apenas manteve fiel à tradição de sua Igreja. E nesse aspecto foi conservadoreacionário, mesmo. Quis conservar a tradição teológica da Igreja Católica, reagindo contra aqueles que desejavam mudá-la.

Embora os teólogos militantes pró ou contra à teologia da libertação procurassem fundamentar concepções extrabíblicas, com citações do Livro Sagrado dos Cristãos, isso não é novidade na história do cristianismo. Vem desde os chamados Pais da Igreja e perpassa toda a Idade Média, chegando aos dias de hoje. A característica mais recente desse debate está em que, pela primeira vez, a Igreja absorve idéias que têm por base o ateísmo.

Não se trata mais de uma espécie de sincretismo com filosofias pagas (Platão e Aristóteles), que acreditavam em deuses, mas sim com uma filosofia (Marx e os marxistas) quenega a existência de qualquer divindade.Ademais, o marxismo defende a luta de classes, prega o fim de todo e qualquer privilégio e a extinção das sociedades classistas que é inadmissível para a teologia tradicional. Isso, porém, é um assunto muito amplo para uma simples resenha de livro, ainda que um livro importante como Libertação Cristã.

O livro de Frei Boaventura Kloppenburg representa uma crítica profunda a todo um movimento teológico que desempenhou um papel importante na história recente da América Latina. Mais do que uma obra polêmica é a obra de um polemista vigoroso.

Escritos ao calor dos acontecimentos, a cultura do seu autor assegura aos artigos que formam o volume a devida transcendência temporal.

Do Jornal

O Liberal

Americana – SP, 23/01/2000

Do Jornal



O Nacional

Passo Fundo – RS, 13/01/2000

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo –RS, 05/02/2000

Data : 05/03/2015

Título : Uma Lei polêmica

Categoria: Crônicas

Descrição: Durante a Revolução Farroupilha, boa parte dos soldados revolucionários era formada por escravos que buscavam a liberdade ou enviados em lugar dos seus senhores.

Durante a Revolução Farroupilha, boa parte dos soldados revolucionários era formada por escravos que buscavam a liberdade ou enviados em lugar dos seus senhores.

Para impedir que escravos se alistassem nas forças revolucionárias o Império determinou que os farroupilhas negros, "livres do cativo", uma vez aprisionados, sofreriam pena de 200 a 1000 açoites. Os farroupilhas responderam com uma Lei estabelecendo que, para casa soldado negro açoitado, seria lançada sorte sobre um oficial governista, prisioneiro, que seria passado pelas armas.

Transcrevo o documento expedido pelos farroupilhas:

Caçapava, 11 de maio de 1839 – 4º da Independência e da República Rio-Grandense.

Tendo o tirânico Governo do Brasil, por aviso da Repartição da Justiça, de 15 de novembro de 1838, determinado ao intruso e intitulado Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro, a aplicação de 200 a 1000 açoites a todo homem de cor, que livre do cativo, em conformidade com as leis desta República, tiver feito parte de sua força armada e vier a cair prisioneiro das tropas chamadas legais, despreza aquele imoral governo toda a espécie de processo e formalidade judiciária para a qualificação daquele suposto crime. Foi em obediência às sagradas leis da humanidade, luzes deste século e aos verdadeiros

interesses dos cidadãos de Estado, é que o Governo [da República Rio-Grandense] passou a libertar os cativos aptos para a profissão das armas, oficinas e colonização, a fim de acelerar, de pronto, a emancipação dessa parte infeliz do gênero humano. E, isso, com o grave sacrifício da Fazenda Pública, pois os que exigiram a indenização desses cativos, a receberam de pronto ou receberam documento para indenização oportuna. O Presidente da República para reivindicar os direitos inalienáveis da humanidade, não consentirá que o homem livre rio-grandense, de qualquer cor com que os acidentes da natureza o tenham distinguido, sofra impune e não vingado, o indigno, bárbaro, aviltante e afrontoso tratamento, que lhes prepara o infame Governo Imperial. Em represália à provocação decreta:

Artigo Único: Desde o momento em que houver notícia certa de ter sido açoitado um homem livre de cor a soldo da República, pelo Governo do Brasil, o General Comandante de Exército ou o comandante de qualquer Divisão tirará a sorte entre os oficiais imperiais, de qualquer patente, nossos prisioneiros e fará passar pelas armas aquele oficial que a sorte designar.

Data : 03/02/1999

Título : Uma Poetisa Exemplar

Categoria: Resenhas

Descrição: Por iniciativa da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul a EDIPUCRS publicou...

## Uma Poetisa Exemplar

Por iniciativa da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul a EDIPUCRS publicou, há pouco, uma coletânea intitulada EU VOLTAREI reunindo poemas inéditos de Alzira Freitas Tacques, uma das mais conhecidas poetisas gaúchas deste século.

Nascida em São Borja no dia 8 de julho de 1908, Alzira viveu a maior parte de sua existência em Porto Alegre, onde faleceu em 13 de outubro de 1976. Deixou mais de uma dezena de obras publicadas em livro e muitos trabalhos inéditos.

Tendo estreado em livro muito jovem, com o livro de poemas PLENILÚNIO, em 1927, Alzira Freitas Tacques é uma figura interessante dentro da poesia gaúcha. Mesmo absorvendo o verso livre, popularizado pelo Modernismo, continuou escrevendo poemas reunindo influências do Parnasianismo e do Simbolismo.

Numa nota colocada ao final de EU VOLTAREI..., o professor Eivo Clemente chama a atenção para o lirismo da autora. Destaca "o parnasianismo, suavizado pela força romântica de quem sabe ser livre nas atividades da arte poética". A "força romântica" de Alzira Freitas Tacques vem muito mais da poesia simbolista do que do Romantismo.

Fronteiriça, nota-se nos seus versos a suavidade característica de Alceu Wamosy, uruguaianense vítima da Revolução de 23. Este, assumidamente um admirador de Cruz e Sousa. O próprio soneto que dá título a este livro póstumo da autora de Sombras tem um conteúdo tipicamente simbolista. O satanismo expresso na série RONDA FELINA é uma característica dos discípulos de Baudelaire. Assim, se do Parnaso retira a matéria para o corpo de seus poemas, vai buscar no Símbolo a alma de seus versos.

A intensa atividade literária desenvolvida por Alzira Freitas Tacques, durante mais de meio século, e o respeito que merecia dos poetas rio-grandenses do sul fazem com que sua obra mereça leitura e análise atentas. Em seus poemas encontramos elementos que nos possibilitam entender a própria evolução da vigorosa poesia gaúcha, que não deve ser confundida com a gauchesca.

Do Jornal

Rotta

03/02/1999

Data : 31/03/2003

Título : Uma visão pela esquerda

Categoria: Artigos

Descrição: Nos últimos dias a imprensa vem destacando declarações de líderes petistas que se opõe à política econômica praticada pelo governo de Luis Inácio Lula da Silva.

Uma visão pela esquerda

Nos últimos dias a imprensa vem destacando declarações de líderes petistas que se opõe à política econômica praticada pelo governo de Luis Inácio Lula da Silva. Intelectuais e militantes do Partido dos Trabalhadores têm salientado que o partido abandonou propostas defendidas ao longo de sua existência.

Roberto Robaina, em livro editado pelo Movimento Esquerda Socialista, uma das diversas tendências petista, embasa suas restrições à prática atual do partido na história e lutas do socialismo desde o século XIX. Ao longo das páginas de Uma Visão pela esquerda - A Socialdemocracia, o Estado e o PT: as perspectivas do governo Lula, desfilam discussões clássicas entre os reformistas Eduard Bernstein e Karl Kautsky e os revolucionários Lênin e Rosa Luxemburgo.

Robaina critica outros intelectuais petistas, especialmente Carlos Nelson Coutinho, velho defensor de idéias reformistas através de interpretações de socialistas italianos como Palmiro Togliati e Antônio Gramsci, e Tarso Genro. Lembra (p. 99) que as posições antiimperialistas eram consensuais no início do PT, mas que foram sendo abandonadas ao longo do tempo. Para isso, contribuiu o crescimento eleitoral do partido, especialmente a partir de 1982 (p. 106).

Ao historiar as mudanças que se sucederam no interior do PT, Robaina vai desnudando as diversas fases do reformismo. O partido foi abandonando seu discurso classista, os sindicatos foram se acomodando, constituindo uma burocracia sindical que se afastou da base. Noutras palavras: surgiu uma nova geração de pelegos.

Roberto Robaina salienta o peso do eleitoralismo afirmando (p. 112) que mesmo parte da esquerda do partido, como as correntes Democracia Socialista e Articulação de Esquerda, "foram igualmente prisioneiras do eleitoralismo ao alçarem as eleições como a principal estratégia do partido". Os governos estaduais petistas representaram uma nova acomodação e adaptação do partido a partir de 1994, destacando algumas páginas à frente que, no Espírito Santo e no Distrito Federal chegaram a reprimir os movimentos sociais, recebendo o repúdio nas urnas. O mesmo acabou acontecendo no Rio Grande do Sul, com o governo Olívio Dutra (págs. 120 e segs.).

O autor acaba, baseando-se na concepção marxista da história, prevendo um futuro difícil para o governo Lula e o PT. Como todo o revolucionário, porém, é um otimista. Basta o PT reverter a tendência ao oportunismo, retornando às suas posições anteriores. A história, contudo, desmente Robaina. Desde 1848, com Luis Blanc, passando pela Revolução Alemã de 1918, com Gustavo Noske, Federico Ebert e Felipe Scheidemann, os oportunistas se revelaram os inimigos mais resolutos dos setores progressistas. Sobre os três últimos pesa o sangue de milhares de socialistas alemães, a começar por Rosa Luxemburgo.

Do Jornal

Rotta

Março 2003

Data : 01/01/2013

Título : União Desunida

Categoria: Artigos

Descrição: Perto de completar 20 anos, no dia 24 de maio do próximo ano, a União das Associações de Moradores de Passo Fundo (UAMPAF) passa por um dos momentos mais difíceis de sua existência.

Paulo Monteiro

(Especial para Jornal Rotta/Jornal Cidade)

Perto de completar 20 anos, no dia 24 de maio do próximo ano, a União das Associações de Moradores de Passo Fundo (UAMPAF) passa por um dos momentos mais difíceis de sua existência.

Quando as associações de moradores começaram a surgir, há mais de duas décadas, tinham objetivos muito claros. Eram a pavimentação das vias públicas, escolas de alvenaria, transporte coletivo urbano, iluminação pública de boa qualidade e outros serviços públicos essenciais apenas beneficiavam o Centro da Cidade, os moradores de bairros, mas que vilas queriam ter acesso a esses mesmos serviços.

As associações de moradores não apresentavam nenhum programa de contestação ao capitalismo, nos termos apresentados por Sátiro Nunes da Silva, em artigo divulgado pelo Jornal Rotta/Jornal Cidade, em sua edição passada.

Quem se dedicar a pesquisar as entrevistas concedidas aos jornais da época, os requerimentos e demais documentos encontráveis nos arquivos da Prefeitura, Câmara de Vereadores e outras repartições públicas, além dos relatórios dos primeiros congressos da União das Associações de Moradores de Passo Fundo verá que o movimento comunitário tinha objetivos “reformistas” muito claros. Quase todos, hoje, satisfeitos.

É possível que essa concretização dos objetivos propostos tenha, também, contribuído para arrefecer a capacidade reivindicante e mobilizadora do movimento. Além disso, o desaparecimento da primeira geração de militantes comunitários – alguns pelo afastamento da militância outros pela própria morte –, fez aparecer outros militantes descompromissados com a força combativa dos criadores do movimento comunitário passo-fundense.

Ademais, iludidos com o crescimento do movimento e capturados pela política partidária, esses novos comunitaristas, acabaram picados pela mosca azul da ambição eleitoral. Tornaram-se reféns dos partidos políticos e, muitos deles, ao serem empregados no serviço público, acabaram vendendo o movimento aos partidos políticos. Essa venalidade é muito mais nítida ao constatar-se a grande quantidade de líderes comunitários “empregados” na Prefeitura, através de “cooperativas”, num claro desrespeito à Constituição Federal. Esta prevê que o ingresso no serviço público só pode acontecer mediante concurso público ou preenchimento de cargos em comissão.

A instabilidade no emprego dos “contratados através de cooperativas” acabou sendo um fator que contribui para a subserviência desses “trabalhadores” à burocracia partidária que se apossa dos principais cargos públicos.

Há algum tempo, a UMPAF e suas filiadas andaram freqüentando os editais do Cartório de Protestos, sem que a comunidade tenha sido suficientemente esclarecida sobre os reais motivos desse acontecimento inédito. O seu afastamento dos moradores que deveria unir fica patente no fato de que ninguém se mobilizou para saber que tipo de “negócio” tinha sido feito para que entidades comunitárias abassem com títulos protestados.

Dividida em quatro grupos praticamente inconciliáveis, a entidade, que ora reúne 76 associações de moradores, tem visto suas divergências internas serem levadas às barras dos tribunais.

Quando os dirigentes comunitários eram, informalmente, questionados sobre o fato vinham com respostas evasivas lançando responsabilidades uns sobre os outros.

Comenta-se que um ex-presidente da União – ao que parece quando ainda em pleno exercício do cargo - chegou a mover uma ação judicial contra a própria entidade que presidia. Vencedor na demanda, a UAMP AF acabou perdendo até mesmo móveis e computador para o líder ofendido por desafetos do próprio movimento. Essa é uma das histórias que correm nos meios comunitários.

O fato mais grave, porém, aconteceria neste ano de 2005.

No dia 14 de maio o Conselho Deliberativo (CONDEL), da UAMP AF, do qual fazem parte representantes das associações filiadas, elegeu uma comissão eleitoral e votou o regimento que nortearia as eleições da União e das suas 76 filiadas.

As eleições foram marcadas para o dia 21 de agosto, tendo sido inscritas três chapas, representando três grupos políticos partidários bastante claros, embora todos digam o contrário. A chapa 1, constituída em sua maioria por pessoas politicamente identificadas com os partidos que formam a base da atual administração municipal; a chapa 2, com as administrações municipais passadas e a chapa 3, com o Partido dos Trabalhadores.

A Comissão Eleitoral impugnou a chapa prefeitoral. O fato levou a que os impugnados se mobilizassem conseguindo que diversas associações de moradores assinassem procurações para dois advogados. Com isso, procuraram dar maior “representatividade” à autoria da ação, ao mesmo tempo que isentavam a Chapa de “responsabilidades políticas” diante do eleitorado, como é entendimento entre os outros “partidos” em que o movimento comunitário passo-fundense está dividido.

Para impugnar o processo eleitoral foram alegadas algumas irregularidades. A primeira delas “a falta de convocação aos conselheiros na forma em que estabelece os estatutos”, ou seja por escrito e com a publicação de edital na sede da União. “A Segunda irregularidade diz respeito à falta de clareza, isenção e transparência das deliberações” da citada reunião. Alegaram, ainda a presença da esposa do candidato a presidente da Chapa 3 na presidência da Comissão eleitoral.

A Justiça acabou aceitando a ação declaratória de nulidade do processo eleitoral, suspendendo as eleições à diretoria da UMPAF e interrompendo o processo eleitoral nas associações.

As determinações do último Congresso Municipal das Associações de Moradores foram no sentido de que todos os líderes comunitários que já tivessem pelo menos um mandato concluído fossem elegíveis. A Chapa 2 teria inscrito candidatos fora dessas condições, o que teria motivado a impugnação.

A reunião do CONDEL, a 14 de maio, teria cumprido as exigências mínimas de quorum. Discussões paralelas, “disputas de beleza”, porém, contribuíram para o esvaziamento da reunião. E como nem todos assinaram a ata, formalmente, o número de presentes acabou ficando abaixo do que teria acontecido na realidade. Esse tipo de discussão tem sido comum nas reuniões da UAMPAF, “enchendo o saco” de muitas lideranças, que se ausentam antes do término dos trabalhos.

Sátiro Nunes da Silva, presidente da Comissão de Ética da União, conta que a proposta para que os integrantes das atuais diretorias, desde que em primeiro mandato, não votassem é de autoria de Saul Spinelli, um dos mais experientes comunitaristas. Este teria sido um dos articuladores da chapa impugnada e teria tido papel importante na movimentação que levou à impugnação do processo eleitoral. A participação do líder comunitário do Loteamento Professor Schisler foi classificada como “um tiro no pé”, pelo vice-presidente da Associação dos Moradores da Vila Victor Issler.

Sátiro Nunes, um dos mais ardorosos críticos do que está acontecendo na UAMPAF, defende a criação de uma “Liga Independente das Associações de Moradores de Passo Fundo”, afirma que o movimento comunitário está muito dividido. “Muitos presidentes não entendem verdadeiramente o que é movimento comunitário e se deixam levar por promessinhas e pequenos favores. É muito fácil estar na Prefeitura ou na Câmara com gabinete à disposição e fazer o que bem entender”.

“Acho – continua Sátiro – que a partir deste episódio, em que foram prejudicadas mais de 1.200 pessoas envolvidas diretamente nas eleições, com mais de 86 chapas inscritas, a UAMPAF está desacreditadas na comunidade. Vai ser impossível a convivência dos grupos movidos por ideologias políticas”.

Para Sátiro Nunes da Silva o futuro é a saída que está no poder da UAMPAF substituídos por líderes que trabalhem pela comunidade. Isso não é impossível, mas vai ser preciso um trabalho muito grande de conscientização.

No dia 1º de outubro aconteceu uma reunião do Conselho Deliberativo da UAMPAF. O plenário da Câmara de Vereadores estava completamente lotado, não apenas com os conselheiros, mas também com representantes de chapas impugnadas para as diretorias das associações de moradores.

O atual presidente da UAMPAF, Luiz Valendorf, explanou as viagens a Porto Alegre, com entrevistas de lideranças com autoridades do governo do Estado, “mesmo que digam que a UAMPAF esteja despedaçada é uma resposta de nosso trabalho”. A tirada do presidente, ainda na mesma reunião, mereceria a alfinetada do presidente do Bairro Valinhos, Sidnei Ávila, afirmando que, “mesmo tendo sido o mais votado dentro do movimento comunitário não tenho conseguido entrevista com o prefeito. Não adianta ir a Porto Alegre e não ter foça aqui”.

Numa coisa os presentes concordavam: é preciso cumprir os estatutos caso contrário as pendengas judiciais continuarão. O pior é que os líderes não conseguiam se entender

devido ao fato de que as determinações aprovadas no último congresso das associações de moradores não foram registradas em cartório. Todos queriam saber qual dos estatutos estão em validade? O que foi aprovado no congresso mais recente ou o que está registrado em cartório?

Ao final acabaram prorrogando os mandatos das atuais diretorias até que sejam empossadas as que deverão ser eleitas em data a ser marcada no próximo dia 1º de novembro, sendo considerados encerrados os mandatos anteriores.

Definiu-se, ainda pela formação de uma comissão eleitoral com os quatro nomes indicados pela plenária (Valdir Molinari, Guilherme Lima Felens, Maria de Lourdes Silva da Rosa, Harry Antônio Leite, Saul Spinelli) e outras lideranças a serem convidadas pelo Conselho Deliberativo. Todas as chapas protocoladas junto à Comissão Eleitoral anterior, serão inscritas automaticamente, podendo substituir, parcial ou integralmente, os nomes já registrados. Novas chapas poderão ser inscritas.

A Comissão Eleitoral deverá procurar o Juiz que está cuidando do processo movido pelas associações, nos interesses da chapa 3, para acertarem um novo regimento eleitoral e prazos para a realização das eleições às diretorias das associações de moradores e da UAMPAF.

Apesar da tranquilidade com que foram conduzidos os trabalhos da reunião do Conselho Deliberativo da União das Associações de Moradores de Passo Fundo, algumas manifestações ocorridas durante a mesma indicam que as coisas estão apenas aparentemente calmas. Tanto é que assim que os trabalhos foram encerrados as lideranças mais expressivas envolvidas no processo paralisado pela Justiça se retiraram imediatamente do Plenário da Câmara de Vereadores.

Com certeza todos sabem que os choques de interesses pessoais e as interferências estranhas ao movimento comunitário que estão ocorrendo nos últimos doze anos no seio das associações de moradores chegaram a um nível intolerável. Embora os quatro grupos envolvidos se digam isentos de interferências partidárias, todos sabem que elas existem.

Repetamos. Um grupo é dirigido por elementos ligados aos partidos que formam a base da atual administração municipal e que conseguiu, por meio de ação judicial, suspender as eleições marcadas para o 21 de agosto passado; um segundo grupo, embora se diga independente, é controlado por lideranças ligadas às últimas três administrações passadas; um terceiro grupo é hegemônico pelo Partido dos Trabalhadores e, finalmente, aparece um quarto grupo desejando a criação de uma "Liga Independente das Associações de Moradores".

Trata-se da mais grave crise vivida pelo movimento comunitário passo-fundense em seus mais de 20 anos de existência. E as coisas têm tudo para chegar a um mau final. Infelizmente.

Quando se conversa com líderes comunitários envolvidos no processo é sensível o grau elevado de animosidade existente. Acusações pessoais são pronunciadas, com o cuidado de que não sejam testemunhadas.

Interesses político-partidários, passados e presentes, pesam no comportamento dos grupos envolvidos, embora todos neguem. A proximidade das próximas eleições



parlamentares e articulações de pessoas que já estão pensando em concorrer a vereador em 2004 só fazem aumentar os pontos de atrito.

Todos os grupos acabam se unindo, de uma forma ou de outra, a partidos políticos e políticos em pré-campanha para as eleições parlamentares do ano vindouro. A questão básica é a que levam esses comprometimentos e a que serviço estão. Numa palavra: o que o movimento comunitário ganha com isso?

Ao mesmo tempo, cresce a proposta de divisão prática do movimento, com a criação de associações paralelas. O que é gravíssimo.

Quem já acompanhou congressos nacionais de associações de moradores, no Rio de Janeiro e em Brasília, sabe que divisões do movimento comunitário, especialmente nas favelas cariocas, foi a porta de entrada para que o crime organizado ali se enraizasse, em nome da defesa das “comunidades”.

Felizmente, entre nós, todas as passadas e atuais lideranças comunitárias têm compromissos com a legalidade. A experiência, porém, demonstra que a submissão de interesses comunitários a interesses pessoais ou estranhos ao movimento somente contribui para a desmoralização e o desgaste do próprio movimento.

É preciso uma ampla mobilização para que essas desavenças sejam superadas. As lideranças comunitárias e partidárias e as autoridades constituídas devem mobilizar todas as suas forças para que o movimento comunitário se mantenha unido. E todas as forças exteriores à União das Associações de Moradores, especialmente os detentores de cargos eletivos e seus subordinados, devem cessar de interferir no processo eleitoral da União e de suas filiadas.

Apesar de todas as divisões internas, estimuladas pelas interferências externas, a União das Associações de Moradores de Passo Fundo, continua realizando atividades em favor do bem comum. O próprio funcionamento do Conselho Deliberativo da entidade, o projeto de agricultura urbana, tocado com o apoio da EMATER e órgãos de comunicação social, as gestões junto à CORSAN, com vistas a ampliar a abrangência da tarifa social e o projeto “Tá No Prato”, comprovam essas atividades. Não se pode esquecer a mobilização para que a CORSAN realize as obras de saneamento básico, acertada há anos e o trabalho em prol de que a radioterapia do Hospital São Vicente de Paulo seja posta a serviço dos beneficiários do Sistema Único de Saúde.

“Dizer que a UAMPAF está inerte é desqualificar o movimento comunitário e as conquistas alcançadas nos quase 20 anos de existência da União”, é voz corrente entre os principais dirigentes do movimento.

Agora, ignorar que existe uma profunda divisão, aguçada por interferências partidárias e interesses pessoais sobrepostos ao interesse comum, é faltar com a verdade.

Essa desunião pode causar prejuízos irreparáveis a toda a comunidade passo-fundense. A UAMPAF tem demonstrado, porém, ser maior do que todos esses problemas. Bom senso, bom senso e bom senso é a prescrição a ser seguida por todos.

Nota da Redação: O Jornal Rotta/Jornal Cidade está aberto a todas as correntes que integram a UAMPAF.

Data : 14/07/2001

Título : Universalização de atendimento

Categoria: Editoriais

Descrição: Há alguns dias o prefeito de Passo Fundo ordenou que o Posto de Assistência Médica (PAM) somente fornecesse medicamentos gratuitos a pessoas comprovadamente pobres e residentes no Município.

## Universalização de atendimento

Paulo Monteiro

Há alguns dias o prefeito de Passo Fundo ordenou que o Posto de Assistência Médica (PAM) somente fornecesse medicamentos gratuitos a pessoas comprovadamente pobres e residentes no Município. Para que esses critérios fossem obedecidos, adotou-se a exigência da apresentação de comprovantes de renda e residência. O Conselho Municipal da Saúde, não concordando com a medida, foi bater às portas do Ministério Público, o qual, através de uma ação civil pública, denunciou o fato à Justiça.

O juiz Sílvio Algarve reconheceu, parcialmente, o pedido do promotor Edgar Garcia, determinando que apenas seja exigido o comprovante de renda, entendendo que as pessoas de maior poder aquisitivo, no momento, podem comprar seus medicamentos. Para tanto, estribou-se na Constituição Federal.

O Sistema Único de Saúde (SUS) estabelece a gratuidade e a universalidade de atendimento médico-hospitalar. Assim, a medida do prefeito vai contra os princípios do Sistema.

Uma das coisas que revoltam os moradores de Passo Fundo é verificarem, nas proximidades dos hospitais, a grande quantidade de veículos oficiais "desovando" doentes para serem atendidos. Ao que parece, em vasta região, os pobres não são atendidos porque não podem pagar e os que podem pagar pelo atendimento preferem vir a Passo Fundo tratar-se com especialistas.

Enquanto os prefeitos enfrentam o Governo do Estado, exigindo recursos para o transporte de estudantes, veículos com inscrições de que somente podem ser usados para transporte escolar, trafegam entupigaitados de pacientes para serem atendidos em Passo Fundo. Esses prefeitos, alegam não ter dinheiro para transportar estudantes, que não votam, mas dispõem de recursos para transportar doentes, que votam. Há poucos

dias, em Ibiraiaras, uma criança morreu sem assistência médica. Se fosse eleitora, algum político teria oferecido transporte para ser atendida em Passo Fundo. Parece que, em pleno século XXI, e no Estado mais politizado do Brasil, o voto vale a vida.

Enquanto, na Região, o voto vale a vida, a Coordenadoria Regional da Saúde nada faz para que a situação seja resolvida.

É preciso criar, com urgência, um Centro Regional de Referência, para atendimentos e internações. É preciso estabelecer um consórcio intermunicipal de Saúde. É preciso acabar com o uso eleitoreiro do SUS. É preciso obrigar os prefeitos a cumprirem a Lei, investindo na saúde de seus municípios. E a Secretaria de Estado da Saúde, politicamente, é responsável por essa situação, que se não chega à bandidagem, anda perto.

Do Jornal

O Cidadão

14 de Julho de 2001

Data : 02/04/1998

Título : URBANO ZILLES TEÓLOGO E FILOSOFO

Categoria: Resenhas

Descrição: Para comemorar os 60 anos de vida de Urbano Zilles a Editora da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul organizou um Festsehrift - reunindo mais de 40 ensaios e artigos sobre a obra do homenageado ou que a ela se ligam pela temática abordada.

## URBANO ZILLES - TEÓLOGO E FILÓSOFO

Para comemorar os 60 anos de vida de Urbano Zilles a Editora da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul organizou um Festsehrift reunindo mais de 40 ensaios e artigos sobre a obra do homenageado ou que a ela se ligam pela temática abordada.

Urbano Zilles é um dos teólogos e filósofos católicos mais conhecidos e respeitados do Brasil nos dias de hoje. CONSECRATIO MUNDI - CONSAGRAÇÃO DO MUNDO, título do volume com 572 páginas que lhe é dedicado, é uma prova disso. Autores de diversas orientações teológicas e filosóficas, do Brasil e do Exterior, ali enfeixados comprovam a importância da obra intelectual do sacerdote gaúcho, filho de colonos de Nova Petrópolis, onde nasceu em 1º de junho de 1937.

Tive, nos últimos meses, a oportunidade de ler três livros, também editados pela EDIPUCS: RELIGIÃO E CRISTIANISMO (7ª Edição, organizado por Johan M. H., Komings e Urbano Zilles), RELIGIÕES – CRENÇAS E CRENDICES e MEDITAÇÕES NO SUMARÉ, estes dois últimos de pena própria. Especialmente naqueles escritos feitos unicamente por Urbano Zilles acha-se o homem preocupado com o tempo presente.

Essa preocupação maior do pensador gaúcho com a atualidade, enquanto ligação entre o passado o futuro, é que dá consistência a sua obra. Assim há uma relação muito íntima entre RELIGIÃO E CRISTIANISMO e RELIGIÃO -CRENÇAS E CRENDICES, apesar de algumas diferenças interpretativas que, acidentalmente, possam ser encontradas entre uma e outra obra.

MEDITAÇÕES NO SUMARÉ radicaliza essa preocupação com o tempo-mundo atual. Se os outros livros são de estudos acadêmicos, este é um livro profético. A firmeza com que Urbano Zilles manifesta-se sobre os problemas atuais de uma forma geral e da Igreja Católica em particular assumem a linguagem do profeta (proclamador) veterotestamentário. Nesse sentido, não se prende nem à Teologia da Libertação, nem ao Movimento Carismático ou ao comodismo dos que seguem cegamente as diretrizes da Sé romana. Busca nos Evangelhos e na tradição de sua Igreja os elementos que, temperados ao fogo da Teologia e da Filosofia, servirão de cimento para corajosas (se não ousadas) conclusões.

Justa a homenagem prestada a Urbano Zilles, com o Festschrift. que lhe foi dedicado, graças à organização de Reinholdo Aloysio Ullmann. E que sirva de estímulo para que se aprofunde a análise da vasta produção intelectual desse homem que tem dedicado mais de três décadas ao pensamento e ao ensino.

Do Jornal

O Cidadão

Passo Fundo, de 27 de março a 02 de abril de 1998

Data : 01/01/2013

Título : Usina do Inferno

Categoria: Artigos

Descrição: A Usina de Lixo de Passo Fundo está muito longe do que afirma o secretário José Eurides.

A Usina de Lixo de Passo Fundo está muito longe do que afirma o secretário José Eurides. Tanto isso é verdade que no Sábado, dia 9, às 11 horas da manhã, quando consertava a esteira que puxa toneladas de lixo o mecânico Celso Albuquerque, com mais de 30 anos de experiência, foi "sugado" pelo referido equipamento, que é um amontoado de remendos. Só não morreu porque um colega de trabalho estava próximo e prestou socorro. Sofreu luxação no braço esquerdo e outras escoriações pelo corpo.

Indignados com o fato, alguns funcionários abriram o bico. Contaram à Reportagem do Jornal Rotta que o contrato com o Município estabelece que o lixo seja recolhido por cinco caminhões, cada um com quatro garis, mais um caminhão de reserva. Apenas cinco caminhões estão sendo usados, cada um com três garis. Não há caminhão de reserva e os que existem estão em péssimas condições.

Os funcionários contam que, por um largo período, o lixo tem sido puxado direto, sem seleção. O próprio balanceiro, contratado por uma cooperativa, libera o lixo sem passar pela esteira, que está em péssimas condições. Com isso, apenas 10% do material está sendo reciclado.

Outra denúncia é de que os funcionários ficam dia e noite à disposição da empresa concessionária, sem receber o pagamento devido por isso. E mais: a empresa está sonogando contribuição para o INSS e o FGTS, pois parte do pagamento de salários é feito "por fora", sem folha de pagamento.

O "prédio" da oficina está sem cobertura. Fios elétricos estão expostos e ameaçando cair sobre a esteira de metal. Se isso ocorrer, aproximadamente quinze pessoas que ali trabalham podem ser eletrocutadas. Além disso, um muro ameaça cair sobre os trabalhadores.

O incinerador de lixo hospitalar está sucateado e seus canos foram usados como "respiro" dos gases produzidos pelo lixo depositado.

A maioria dos funcionários não usa os equipamentos de segurança recomendados. Restos de lixo orgânico hospitalar estão sendo recebidos em sacos prestos de plástico, misturados com fraldas descartáveis e outros tipos de lixo séptico.

Funcionários da FEPAM costumam participar de almoços com diretores da empresa fiscalizada e funcionários da Prefeitura manteriam relações muito íntimas com esses diretores.

Diante de tudo isso, os funcionários ouvidos pelo Jornal Rotta defendem que o Município, através da CODEPAS, assumo o controle dos serviços de coleta e depósito do lixo em Passo Fundo.

Data : 05/01/2010

Título : VARGAS NETTO

Categoria: Artigos

Descrição: Chimarrão! Desculpa boa pra eu apertar os dedos da chinoca,

## VARGAS NETTO

Paulo Monteiro

Manuel do Nascimento Vargas Netto é um dos mais conhecidos poetas gauchescos em Língua Portuguesa. Entrou para a história desse gênero ou subgênero literário com dois livros. Tropicilha Crioula, versos regionais, publicados pela Editora Globo, em 1925, e Gado Xucro, versos regionais, também dados a lume pela mesma editora porto-alegrense, no ano de 1929. A repercussão dos livros foi grande. Sucederam-se várias reedições. A partir de 1955 passaram a circular reunidos num único volume.

Vargas Netto, nome literário, formado em Direito, foi poeta e jornalista. Nasceu em São Borja, a 30 de janeiro de 1903, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1977. Também cronista esportivo, deixou outras obras publicadas, mas fixou-se no cânone da gauchesca através daqueles dois livros. É reconhecido pela Estância da Poesia Crioula, espécie de academia rio-grandense de letras dos poetas gauchescos, como um dos precursores desse tipo de poesia, ainda em princípios do Século XX.

Darcy Azambuja, clássico da gauchesca em prosa, em Nota Preliminar que escreveu para a primeira edição (conjunta) de Tropicilha Crioula e Gado Xucro, conta como conheceu o poeta, por volta de 1925 e 1926. Acadêmicos de Direito, moravam juntos no mesmo quarto de pensão. O Estado vivia um momento de efervescência literária.

Vargas Netto escrevia os poemas sentado numa cadeirinha baixa, usando um caixão como escrivaninha. Lembra um desses poemas, Chimarrão, que integraria Gado Xucro:

Chimarrão!

Desculpa boa pra eu apertar os dedos da chinoca,  
quando, horas a fio,  
ela me alcança esse amargo, que é tão doce!...

Companheiro do rancho e do crioulo,  
esquecimento e prazer!  
Vício que é remédio do campeiro...  
amargo que derrete as amarguras...  
meu amigo também!...

Ele e a canha,  
quando a solidão fez o gaitero,  
inventaram o índio vago e o desafio.  
Hoje é o melhor protetor dos namoros do pago...  
Quanto beijo transmite sem querer!...

Quando ela toma um gole antes de mim,  
e deixa a boca como uma flor colorada  
na haste branca da bomba  
e fica assim... sem dizer nada...  
Depois, que mate bom!...

Cada trago teu que eu vou sorvendo,  
parece que me cai na alma,  
me lavando as mágoas,  
me adoçando as penas,  
mate amargo!

À época em que esses versos teriam sido escritos, os galpões literários rio-grandenses se agitavam com polêmicas entre “passadistas” e “modernistas”. Do Uruguai chegava a experiência do nativismo, procurando revitalizar a matriz gauchesca da poesia, renovando a temática e incorporando as conquistas das vanguardas européias, entre as quais o verso livre. Vargas Netto começa a recolher essas inovações, ao mesmo tempo em que escreve sonetos à maneira parnasiana, como Gaúcho, dedicado a Eduardo Guimarães, um dos poetas gaúchos mais representativos de todos os tempos:

Perambulando pelo pampa enorme,  
Para ânsias de amplidão satisfazê-las,  
Vive a correr, no seu corcel, conforme,  
O pampeiro das lendas e novelas...

O gaúcho, por entre a massa informe  
Dessas campinas, verdes, amarelas,  
Se a noite o pega, no deserto dorme  
Coberto pelo poncho das estrelas...

É portador dum ar de quem domina.  
Seu sangue forte vibra e rumoreja,  
Ao troar da pistola ou da clavina.

Quando à morte, a garrucha aperta e beija,  
E morre revivendo na retina  
A epopéia crioula da peleja.

Vemos, nesse poema, a inovação nativista, ao abandonar estrutura métrica (redondilha maior) e estrófica (o mesmo número de versos em casa estrofe), quebrando a tradição da gauchesca. A tradição formal, porém, é mantida em alguns poemas desse primeiro livro, como em Cousa Velha, dedicado a Flores Pinto:

Você pensa que é mentira,  
Mas eu le digo que não,  
Ouvindo falar nos pagos  
Sinto dor no coração.

Diz que não chora o gaúcho,  
Pois eu le garanto agora,  
Fale dos pagos distantes  
Vamos ver se ele não chora.

Quando me lembro, la pucha,  
Da china que deixei lá,  
Sinto um repucho por dentro  
Que nem sei o que será.

É como um tirão “de atrás”,  
Quando se pega a carreira,  
Dum sovéu de três ramais  
Atado numa tronqueira.



Não há gaúcho mais qüera  
Que não conheça o tirão,  
Porque essa história é tão velha  
Que tem a idade do chão.

Pode ser gavião de fama  
Que sente, embora não queira,  
Pois o sovêu é a saudade  
E o coração é a tronqueira.

É sabido que a gauchesca foi uma criação de intelectuais urbanos (e militares) durante as guerras platinas do primeiro quarto do Século XIX. Incorporaram à primitiva literatura popular platina, dos payadores, um nacionalismo belicoso e o linguajar dos homens da Pampa.

A poesia popular (mais precisamente folclórica) do Rio Grande do Sul é essencialmente lírica e constituída de quadras soltas. Inconsciente ou conscientemente Vargas Netto aproveita essa característica do folclore sul-rio-grandense que, posteriormente, seria destacada por Augusto Meyer, em seu Cancioneiro Gaúcho. Conserva algumas características da velha gauchesca, entre as quais uma valentia movida a cachaça e rapto de mulheres, além do emprego da onomatopéia, como num soneto dedicado a Rubens de Barcellos, e intitulado No Bochincho:

Huâi-huin, huâi-huin, huâi-huin, huâ-huaia-hun...

O gaitero abre a gaita no bochincho...

Por gostar de fandango foi que eu vim,

Mas 'stá apertado como queijo em cincho....

Gaitero, toca um "chóte" só pra mim,

Pois ninguém "junta" no rincão que eu rincho!

Quero ver se aqui tem algum micuim

Que queira se meter como capincho...

Veio o "dono" com parte de tetéia,

Já le traquei meu mango na idéia,

Pois pra me esparramar foi mesmo um upa!

Dei um talho de adaga no gaitero,  
Atravanquei um coice no candieiro  
E levei uma china na garupa...

Esse soneto, publicado originalmente em 1925, influenciaria outros poetas, como Jayme Caetano Braun, com o poema do mesmo título, inserido em Bota de Garrão, de 1979. Essa influência é muito mais visível em Definição de Bochincho, que constitui a quarta faixa do CD01, Payada, Memória & Tempo, com improvisos do autor de Galpão de Estância. Repete-se, assim, uma prática da gauchesca (e de toda a literatura popular): a recorrência a temas desenvolvidos por poetas mais antigos.

Data : 03/08/2003

Título : Vergonha

Categoria: Artigos

Descrição: As seguidas pesquisas que tem sido reveladas sobre a queda do crescimento econômico e da qualidade de vida em Passo Fundo, tem dado muito que falar.

Vergonha

por Paulo Monteiro (\*)

As seguidas pesquisas que tem sido reveladas sobre a queda do crescimento econômico e da qualidade de vida em Passo Fundo, tem dado muito que falar.

De um lado, os dados estatísticos, de outro as análises dos entendidos e, no meio se debatendo contra uns e outros, o poder público municipal.

As estatísticas são frias, impessoais, apartidárias. O numeral "1" vai indicar a unidade, aqui e na China. Uma criança desnutrida é uma criança desnutrida nos Estados unidos ou na Coréia do Norte. E ponto final.

As estatísticas apenas revelam o que todos aqueles que realmente moram em Passo Fundo já sabem há muito tempo: a coisa está feia.

Os nossos administradores não moram aqui. Eles aparecem de quatro em quatro anos, para pedir votos, como os ilusionistas de circo aqui chegam em suas excursões. E, como esses ilusionistas, os melhores são os que melhor seduzem a plateia.

Pão e circo. A velha técnica romana ainda continua em vigor. Churrasco e arroz com galinha e salada de repolho, e festivais de promessas. E o público eleitor não deixa o dinheiro na bilheteria, deixa o voto na urna eletrônica.

Pão e circo durante noventa dias. Fome e tristeza durante 1.370 dias. Até que o círculo vicioso das campanhas eleitorais se repita. E, durante os 365 do ano, a mesma história: escândalo na construção de casas populares, escândalo no dinheiro para o tratamento dos soropositivos... escândalo e mais escândalo. Uma coisa é certa, a cada campanha eleitoral mais pão e circo. E aqueles que sofrem com a falta de emprego, medicamentos, de tudo, lá estarão de novo, contribuindo com seu voto para que a fome e a tristeza continuem se reproduzindo.

A verdade é que Passo Fundo é hoje uma cidade decadente. Enquanto são construídos monumentos, para admiração dos que aqui passam, nossos conterrâneos vão procurar empregos em outras cidades e em outros estados.

Empresas do Mato Grosso aqui estão vindo buscar nossos jovens, oferecendo vantagens. Enquanto isso, as pessoas vão comprar no comércio de Marau e Carazinho, cujos preços são muito melhores do que em Passo Fundo. Até pelo combustível que distribuímos para toda a Região pagamos mais caro.

As nossas empresas estão quebrando ou indo embora. Enquanto isso, vivemos de sonhos.

A cidade é “a mais gaúcha do Rio Grande”, mas denúncias de corrupção envolvem até entidades tradicionalistas. A terra é de “gente boa”, mas os crimes bárbaros e insolúveis se multiplicam.

Não dá mais para aguentar.

Precisamos adaptar para Passo Fundo, a lição que o historiador Capistrano de Abreu, ministrou para o Brasil, em termos constitucionais. Substituamos nossa lei Orgânica por uma outra, com apenas dois artigos:

“Artigo 1º- Todo passo-fundense é obrigado a ter vergonha na cara”.

Artigo 2º- Revogam-se as disposições em contrário.”

\*Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e a Academia Literária Gaúcha Rotta.

03/08/2003

Data : 15/10/2003

Título : Versões originais e as -politicamente corretas-

Categoria: Artigos

Descrição: Atirei o pau no gato Mas o gato

Versões originais e as “politicamente corretas”

ATIREI O PAU NO GATO

Atirei o pau no gato

Mas o gato

Não morreu

Dona Chica

Admirou-se

Com o berro

Com o berro

Que o gato deu

Miau!!!

Não atire o pau no

Gato

Porque isso

Não se faz

O gatinho

É nosso amigo

Não devemos

Maltratar

Os animais

Jamais!!!

O CRAVO E A ROSA

O cravo brigou com a rosa

Debaixo de uma sacada

O cravo saiu ferido  
E a rosa despedaçada  
O cravo ficou doente  
E a rosa foi visitar  
O cravo teve um desmaio  
E a rosa pôs-se a chorar  
O cravo brigou com a rosa  
Debaixo de uma sacada  
O cravo saiu ferido  
E a rosa despedaçada  
O cravo ficou doente  
E a rosa foi visitar  
O cravo teve um desmaio  
E a rosa pôs-se a chorar  
A rosa deu um remédio  
E o cravo logo sarou,  
O cravo foi levantando  
E a rosa o abraçou

#### BOI DA CARA PRETA

Boi, boi, boi, boi da cara  
preta,  
pega essa criança que tem  
medo de careta.  
Boi, boi, boi, boi do Piauí  
pega essa criança que não  
gosta de dormir.

Rotta

15-31/10/2003

Data : 16/05/1997

Título : Violência, tão longe, tão perto

Categoria: Resenhas

Descrição: A Editora Moderna, de São Paulo, se caracteriza, além da publicação de livros didáticos e literários, pela edição de volumes dedicados e temas atuais, históricos e filosóficos.

Violência, tão longe, tão perto

por Paulo Monteiro

A Editora Moderna, de São Paulo, se caracteriza, além da publicação de livros didáticos e literários, pela edição de volumes dedicados e temas atuais, históricos e filosóficos. Tenho lido e resenhado vários desses livros.

Acrescentando às séries Polêmica e Logos, esta sobre a filosofia, está lançando a Coleção Debate na Escola, com o volume VIOLÊNCIA EM DEBATE, organizado pela escritora Márcia Kupstas, reunindo colaborações de sete intelectuais atuantes de nosso País. Esse livro vem somar-se a vários já lançados pela Moderna, dentro os quais destaco VIOLÊNCIA: O BRASIL CRUEL E SEM MAQUIAGEM do justa e deputado federal Hélio Bicudo, uma de nossas inteligências mais lúcidas e íntegras.

A violência faz parte de nosso dia a dia. Está no ônibus sujo, na mosca atormentando no restaurante, onde encontramos o pastel frio, o café requentado, a bala por troco. Na rua mal cuidada por onde caminhamos, enquanto ciclistas e patinadores – futuros incendiários de índios e brancos – voam pelas calçadas. A violência está em toda a parte. Encontramo-la no lixeiro que joga a lata com toda a força e no riso – seria do orgasmos? – do Presidente, enquanto policiais militares espancam manifestantes e na entrevista de Sua Excelência (sic), logo após, dizendo que os protestos fazem parte da Democracia.

A violência está nos prefeitos que violam as leis, não realizando concursos públicos e entupigaitando as prefeituras de afilhados e belas adolescentes contratadas como estagiárias ou através de outros expedientes; também remos achá-la nos governadores que não cumprem as leis que eles mesmos assinam, que contribuem insenções fiscais, acobertam sonegadores e presenteiam multinacionais com milhões e milhões de dólares, enquanto demitem servidores velhos e doentes.

Os livros da Editora Moderna, que fazem parte das coleções Polêmica e Debate na Escola se recomendam pela qualidade dos textos, a atualidade dos temas e a responsabilidade dos autores. Estes dois volumes, em particular, merecem ser lidos para que se entenda

que a violência não é um atributo apenas de elementos da PM paulista. Ela é mais abrangente, mais ampla.

Ai dos violentos, pois eles (ao longo da história) morrem de seu próprio veneno.

16/05/97

Data : 12/12/2014

Título : VOVÓ VIROU CRIANÇA, RESENHA

Categoria: Resenhas

Descrição: A chamada Literatura Infantil é uma criação da indústria editorial.

## VOVÓ VIROU CRIANÇA

A chamada Literatura Infantil é uma criação da indústria editorial. Com esse tipo de literatura, o livro perde o encanto de um invólucro para a obra de arte literária e passa a ser uma simples mercadoria.

Certa feita perguntaram a Monteiro Lobato qual era, dentre seus livros o que ele mais gostava. A resposta foi simples: "Aquele que conta a história da menininha do nariz arrebitado, pois foi o que me deu mais dinheiro".

Os autores de Literatura Infantil não estão preocupados em fazer "grande literatura", mas, sim, livros vendáveis. Daí empregarem recursos que fogem à literatura propriamente dita, mas que se prendem a outras artes. Apela à ilustração gráfica, às cores ou ao desenho em preto e branco, deixando à liberdade dos pequenos leitores a coloração das imagens.

Do ponto de vista estético, a Literatura Infantil é continuadora da velha Literatura Moralista, que se perde na noite dos tempos. Um dos exemplos mais antigos e característicos encontramos nas Fábulas de Esopo.

O jovem escritor Raniel Henrique de Souza, autor de VOVÓ VIROU CRIANÇA (2014: Projeto Passo Fundo), além de usar recursos tradicionais empregados nos livros de literatura infantil, aproveita-se de uma boa história. Vovó Eugênia chama sua netinha de "menina arteira". Um dia a velhinha passa a colocar os objetos da casa nos mais diferentes lugares. É a Doença de Alzheimer, que se manifesta. Se transforma numa "velhinha arteira". Vira criança. E ela, que cuidava de Ana Laura, passa a ser cuidada pela menina.

VOVÓ VIROU CRIANÇA é uma história bem escrita, que segue a melhor tradição da Literatura Infantil.

Data : 15/12/2012

Título : Wesley e o Espírito Santo

Categoria: Resenhas

Descrição: As manifestações atribuídas ao Espírito Santo nas denominações cristãs contemporâneas são um dos assuntos mais polêmicos e que tem se prestado a divisões e rivalidades entre as igrejas.

## Wesley e o Espírito Santo

por Paulo Monteiro

As manifestações atribuídas ao Espírito Santo nas denominações cristãs contemporâneas são um dos assuntos mais polêmicos e que tem se prestado a divisões e rivalidades entre as igrejas. As tradicionais negam esse fato e as pentecostais e renovadas fazem dele o eixo de suas práticas.

“O ESPÍRITO SANTO DA HERANÇA WELEYANA”, de Marck B. Stokes (Imprensa Metodista, São Paulo) é uma obra importante por estudar como John Wesley (1703-1791), fundador do metodismo, via a apresentação da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade nas igrejas cristãs.

Wesley foi um dos mais importantes reformadores do cristianismo e sua obra exerceu uma influência significativa sobre os primeiros pentecostais contemporâneos, em fins do século passado. Foi um trabalho incansável (op. Cit. P. 67), pois “viajou mais de 250 mil milhas – a maior parte delas sobre o cavalo – e pregou mais de 40 mil sermões”.

Alguns historiadores afirmam que a ênfase nas manifestações do Espírito Santo na Igreja apareceu somente em fins do século XIX, nos Estados Unidos. Mack B. Stokes mostra que os dons do Espírito Santo apresentavam-se na Igreja Primitiva, amparando-se nos escritores do Novo Testamento e dos Pais da Igreja. Lembra o Montanismo, “que foi oficialmente repudiado pela Igreja no século quarto” (p.65), “se espalhou até a África do Norte e Roma e ganhou um ímpeto considerável quando Tertuliano de Cartago (160? - - 230?) tornou-se um montanista e o mais famoso convertido ao movimento por volta de 200 a.D. Tertuliano foi um dos pais da Igreja mais cultos e respeitados” (p. 64).

Não se pode esquecer Joaquim Fiore XII. O movimento liderado por Francisco de Assis (1182-1226), John Wycliffe (1324-1384) e mais especialmente George Fox (1624-1691), que exerceu muita influência sobre os Quacres e o movimento chamado “O Grande Despertar” provocado pelas pregações de George Whitefield (1734-1770) e Jonathan Edwards (1703-1758) (p.63 e segs.).



Não se deve omitir os Revivals dos países anglo-saxões e concentrações religiosas nos Estados Unidos, por volta de 1800, com até vinte mil pessoas.

Essas informações são necessárias para comprovação da importância do livro de Stokes sobre a história das manifestações do Espírito Santo nas igrejas cristãs.

A obra recentemente editada pela Imprensa Metodista, ainda se destaca doutrinariamente.

No Capítulo I (O Espírito no Antigo Testamento) Mack B. Stokes escreve que, naquela parte das Escrituras, “a principal palavra usada para se referir ao “espírito” é ruach. Literalmente, significa “vento” ou “sopro”. Às vezes significa “vida”. Quando usada em relação a Deus, a palavra sugere o admirável poder de Deus em ação neste mundo. Às vezes esta energia do Espírito de Deus é específica; às vezes é universal ou geral. Mas é sempre de acordo com a decisão de Deus. Na sua mais alta expressão, o Espírito é moral e compassivo (Isaías 61. 1-4; Zacarias 4. 1-10)” (p.13).

Stokes, comprovando com abundantes citações do Antigo Testamento, mostra como a prosperidade de Israel e dos israelitas, como pessoas, esteve menor intimidade com esse Espírito divino. Por todas as Escrituras Antigas circula a promessa de um grande derramamento espiritual com a vinda do Messias.

Ao analisar o Novo Testamento, Stokes concentra sua atenção no último e mais recente dos quatro Evangelhos, escrito por João, que também foi o primeiro historiador da Igreja e a escrever os Atos dos Apóstolos e o grande profeta ao redigir do Apocalipse.

Enquanto os Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) estão mais preocupados com Jesus e não com o Espírito Santo, João descreve o ministério do Cristo. Começa com Ele já adulto, após o Batismo, e é concluído com Ele ressurreto, antes da Ascensão. É o Evangelho do Spiritus, da prática de Jesus, do sopro divino. Da página 23 à página 49 de sua obra, Mack B. Stokes analisa passagens e mais passagens Novo Testamento, mostrando que a obra redentora continua, ainda nos dias de hoje, através das manifestações dos dons do Espírito Santo.

O CIDADÃO

15/12/12